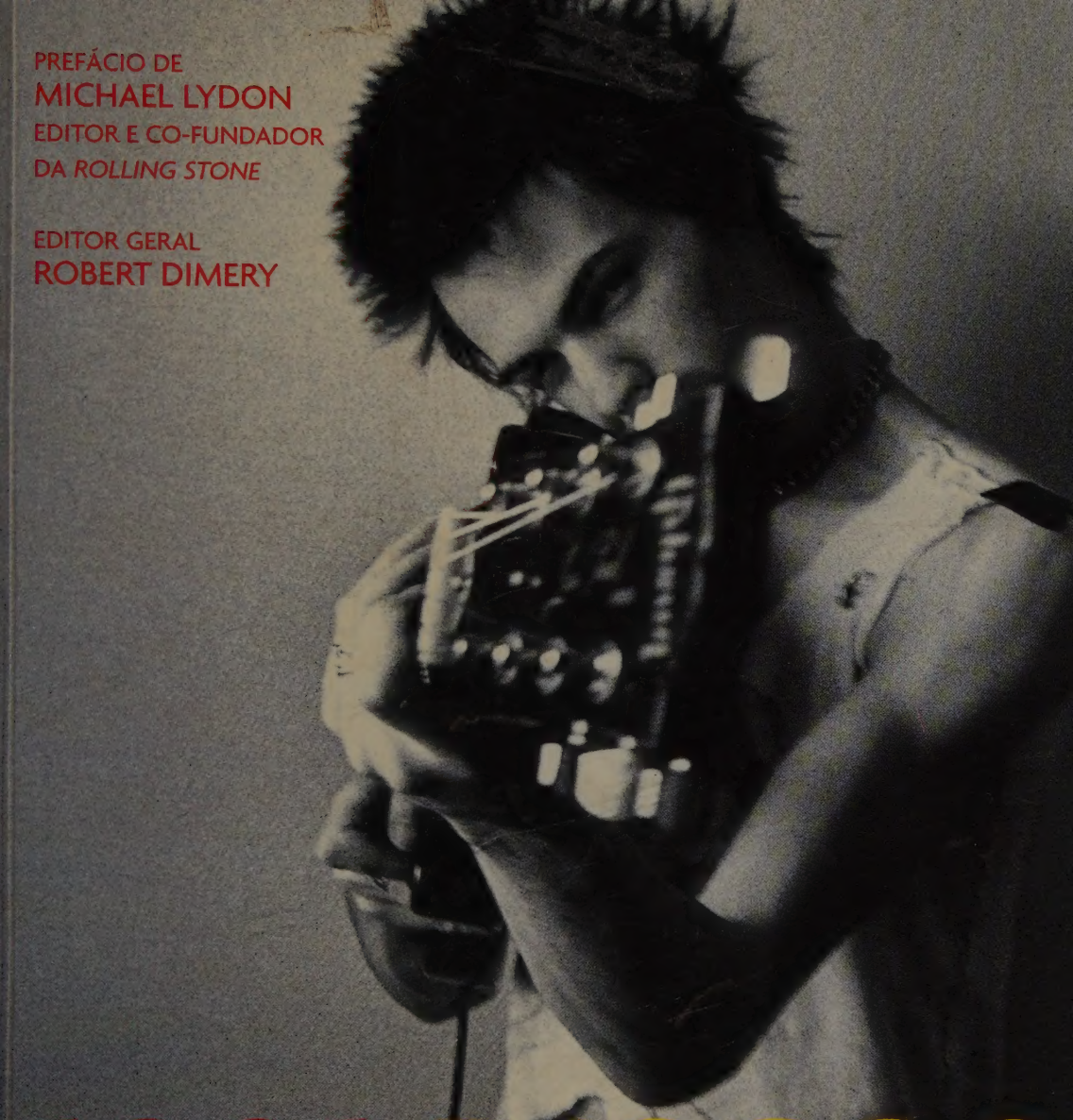
PREFÁCIO DE
MICHAEL LYDON
EDITOR E CO-FUNDADOR
DA *ROLLING STONE*

EDITOR GERAL
ROBERT DIMERY



1001 DISCOS

PARA OUVIR ANTES DE MORRER

SELECIONADOS E COMENTADOS POR 90 CRÍTICOS DE RENOME INTERNACIONAL

Os grandes discos lançados nos últimos 50 anos estão aqui: de *What's Going On*, de Marvin Gaye, ao extraordinário álbum conceitual de David Bowie, *The Rise And Fall Of Ziggy Stardust*, passando por inúmeros outros.

1001 discos para ouvir antes de morrer explora a fundo a história da música universal e apresenta ícones tão diversos quanto Beach Boys e Nirvana. Além de álbuns e artistas já consagrados, você irá encontrar referências mais exóticas, como o Einstürzende Neubauten e o Aphex Twin.

Escrito por 90 jornalistas e críticos de renome internacional, este livro faz uma justa homenagem a todos aqueles que influenciaram o meio musical. Além de acompanhar o desenvolvimento da indústria fonográfica – dos discos de 75 rpm aos modernos CDs –, você vai descobrir como os álbuns foram aceitos pela crítica e que impacto causaram no público.

Com saborosas histórias de bastidores, este livro revela também quais eram as influências de muitas bandas de sucesso. Você sabia, por exemplo, que o Velvet Underground foi uma grande fonte de inspiração para David Bowie, Joy Division, R.E.M. e The Strokes?

Que álbum teve seu lançamento atrasado como demonstração de respeito à morte do presidente John F. Kennedy? Em que Paul Simon se baseou para escrever "Mother And Child Reunion"? O que é a estranha participação de Paul McCartney em *Rings Around The World*, do Super Furry Animals? Leia e descubra.

Das canções dark e obscuras aos grandes sucessos populares, *1001 discos para ouvir antes de morrer* abrange a história da música em todos os seus instigantes detalhes.

1001 DISCOS
PARA OUVIR ANTES DE MORRER

LENNY BRUCE

1001 DISCOS
PARA OUVIR ANTES DE MORRER

EDIÇÃO DIRIGIDA POR ROBERT DIMERY

PREFÁCIO DE MICHAEL LYDON

SEXTANTE

Título original: *1001 Albums You Must Hear Before You Die*
Copyright © 2005 por Quintet Publishing Limited.
Copyright da tradução © 2008 por Editora Sextante Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito dos editores.
Este livro foi produzido por:
Quintet Publishing Limited
6 Blundell Street
London N7 9BH

Impresso na China.

direção de projeto: Tristan de Lancey
direção editorial: Judith More
edição original: Ruth Patrick
editores adjuntos: Chris Bryans, Marianne Canty, Jenny Doubt, Bruno MacDonald, Frank Ritter, Chris O Shade, Rod Stanley
assistente editorial: Victoria Wiggins
projeto gráfico: Jon Wainright
restauração das capas: Richard Burgess

tradução: Carlos Irineu da Costa e Eliane Azevedo
assistente editorial: Alice Dias
diagramação: Marcia Raed
revisão: José Figueiredo, Lara Alves, Luis Américo Costa, Sérgio Bellinello Soares e Tereza da Rocha
pré-impressão: ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

1001 discos para ouvir antes de morrer / edição dirigida por Robert Dimery; prefácio de Michael Lydon; tradução de Carlos Irineu da Costa e Eliane Azevedo. – Rio de Janeiro: Sextante, 2007.
il;

Tradução de: 1001 albuns you must hear before you die
ISBN 978-85-99296-26-4

1. Música popular (Estados Unidos). 2. Música (Discografia). I. Dimery, Robert.

07-1958

CDD: 780.420973
CDU: 78.067.26(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Sextante Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45/1.407 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2286-9944 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br

SUMÁRIO

Prefácio 6

Introdução 10

Colaboradores 12

Índice de discos 16

1950 20

1960 46

1970 192

1980 448

1990 632

2000 858

Índice de artistas 950

Índice geral 955

Créditos das fotos 960

Agradecimentos 960

Prefácio

Por Michael Lydon, editor e co-fundador da *Rolling Ston*

Datas determinantes na história da gravação do som:

1877 Thomas Edison, tentando descobrir uma forma de gravar mensagens telefônicas, inventa o "fonógrafo" e prevê, acertadamente, que em breve haveria um em todas as casas.

1925 Os discos passam a ser "elétricos", com microfones usados para gravar e alto-falantes para tocar.

1948 A Ampex introduz as fitas magnéticas de gravação editáveis no mercado. O primeiro grande cliente: Bing Crosby.

E esse é o momento em que eu entro nessa história, um rapaz de Boston, Massachusetts, no início dos anos 50. Tínhamos um toca-discos Victrola na sala e, no armário onde o aparelho estava apoiado, eram guardados discos espessos, pretos, feitos de cera, tão frágeis que eu só pude encostar neles quando cresci um pouco. Minha mãe e meu pai tinham alguns singles de canções de sucesso e vários "álbuns de discos" que se pareciam com álbuns fotográficos: folhas de papel-manteiga entre folhas de cartolina que serviam de proteção para três, quatro ou mais discos. Virando o lado ou mudando o disco, ouvíamos, por exemplo, sinfonias de Beethoven, *Pedro e o Lobo* e *Porgy And Bess*.

Foi então que, de um dia para o outro, tudo mudou. Os singles ficaram menores, ganharam um buraco grande no centro e passaram a girar a 45 rotações por minuto. Os álbuns se tornaram leves, quase inquebráveis, tinham longa duração (*long playing*, de onde vem a sigla LP) e giravam a 33 1/3 rotações por minuto. O som era muito melhor, os discos tinham 20 minutos de duração de cada lado e vinham protegidos por capas elegantes com fotos e informações na contracapa ou na parte interna que podíamos ler enquanto ouvíamos as músicas. *Benny Goodman At Carnegie Hall*, *My Fair Lady* e *Errol Garner's Concert By The Sea* foram os primeiros álbuns no formato de LP que ficaram gravados na minha jovem alma.

No início, os álbuns de pop não eram mais do que coleções de singles de sucesso, mas os músicos de jazz e rock 'n' roll ficaram maravilhados com as enormes possibilidades criadas pelo tempo mais longo e pelo som de "alta fidelidade" dos LPs. Da mesma forma que, séculos atrás, os compositores haviam criado declarações permanentes sob a forma de sinfonias, começaram a usar os LPs para divulgar seus manifestos pessoais. Os álbuns *In The Wee Small Hours* (1955), de Frank Sinatra, e *Genius Hits The Road* (1960), de Ray Charles, são exemplos do que viria a ser denominado "álbum conceitual".

Na década seguinte, a *Billboard* indicou que as vendas dos LPs nos Estados Unidos tinham ultrapassado as dos singles: 6 milhões dos primeiros contra 4,5 milhões dos segundos. Na Inglaterra, porém, seriam necessários mais oito anos até que os LPs superassem os singles e os EPs (*extended play* – discos de duração estendida, com quatro ou cinco músicas).

O surgimento de muitas estrelas pop nos anos 60 crescia seguindo uma curva clássica que começava com o lançamento de singles até atingirem o status de "artistas criadores de álbuns". Os fãs acompanhavam esse percurso, comprando primeiro os singles e depois passando para os LPs. Estes últimos tornaram-se verdadeiros objetos do desejo, cuidadosamente embalados e levados de casa para a universidade e de lá para o primeiro apartamento. Discos como *Disraeli Gears* e *Aretha: Lady Soul* se tornaram marcos da mudança de mentalidade de uma época e referência na vida de milhões de pessoas: éramos a música que escutávamos. Acompanhávamos os debates culturais agitados dos anos 60 por meio dos álbuns – Bob Dylan respondendo ao majestoso *Sgt. Pepper's* dos Beatles com o seu ácido *John Wesley Harding*, os Rolling Stones renunciando aos excessos psicodélicos de seu *Their Satanic Majesties Request* com o regresso às origens que foi *Beggars Banquet*. Se você ainda não entendeu a fundo o que foi essa "álbum mania", leia o divertido livro de Nick Hornby, *Alta Fidelidade* (ou veja o filme), e tudo ficará claro.

Ocasionalmente, quando um único LP não era suficiente para gravar todas as músicas, os artistas lançavam álbuns duplos – alguns deles eram apenas monstruosidades pomposas, enquanto outros eram obras-primas da música popular, como é o caso de *Blonde On Blonde*, de Bob Dylan, e de *Tommy*, do The Who. Simples ou duplo, o LP clássico dominou a arena durante 30 anos, tempo suficiente para ser o principal responsável pela disseminação do rock progressivo, do punk, da disco music e dos primórdios do rap para o mundo. Foi então que, em 1985, um novo formato revolucionário surgiu: o disco compacto digital. O CD tinha a capacidade de tocar durante uma hora ou mais, emitia um som brilhante, sem chiados nem arranhões, e não se deteriorava com o tempo. No entanto, havia dois inconvenientes. Primeiro, por ser fisicamente menor do que o LP, as fotografias e o texto do CD tinham menos impacto gráfico. O segundo era que, da mesma forma que os guitarristas preferem amplificadores valvulados aos transistorizados, alguns amantes da música preferiam os "quentes" LPs – que captavam as ondas sonoras que formavam a música nos sulcos do vinil de forma analógica – à "frieza" dos CDs, em que o som era digitalizado em longas seqüências de código computadorizado impressas em um vidro brilhante.

Os apaixonados pelo vinil lamentaram-se em vão. Os CDs, com um som cada vez melhor, conseguiram vendas superiores aos LPs já em 1988 e, em meados de 1990, os LPs tinham efetivamente desaparecido do mercado, embora vários deles tenham sido relançados mais tarde no novo formato, muitas vezes com faixas adicionais. Por fim, todos acabaram concordando que o CD poderia ser entendido como um álbum – tal-

vez um novo tipo de álbum, mas igualmente adequado para se registrar declarações musicais relevantes. (O fato de que os CDs não precisavam ser "virados" favorecia algumas obras. *What's Going On*, de Marvin Gaye, por exemplo, funcionava melhor como uma suíte contínua de canções.) Por outro lado, o CD criou um desafio para o conceito tradicional de álbum. Como continha música armazenada sob a forma de informação digital, era um formato perfeito para usuários de computadores. Os PCs, presentes em toda parte a partir do ano 2000, permitiram que a música digitalizada chegasse a quase todos os locais do planeta através da internet. Os ouvintes tinham fácil acesso às músicas de que mais gostavam, baixando-as de websites legais e ilegais, armazenando-as em CDs gravados por eles mesmos e compartilhando-as com os amigos. Essas tendências (que continuam a mudar enquanto escrevo este texto), resultantes do progresso tecnológico, interferiram no domínio tradicional dos álbuns sobre os singles. Mas as bandas não vinculadas a selos fonográficos ou gravadoras continuam desejando um contrato que lhes permita gravar um álbum. E muitos fãs ainda sentem que, para possuir a verdadeira obra de arte, têm de comprar e segurar em suas mãos o CD original gravado por sua banda favorita.

O formato de "álbum", agora com 50 anos de idade, está estabelecido como um dos principais objetos e experiências da cultura popular. Se compararmos os singles a revistas ou programas de televisão, os álbuns são como filmes e livros – têm um certo peso e influência: *O Poderoso Chefão*, *Thriller* e *O Diário de Bridget Jones* tocaram a vida de milhares de pessoas. Para os músicos, gravar um álbum representa o mesmo desafio enfrentado por escritores e diretores de cinema – exige o mesmo nível de excelência e provoca as mesmas ambições de riqueza e reconhecimento. Embora seja um trabalho geralmente colaborativo, um álbum tende a ter um autor "encarregado" – que muitas vezes pode não ser o líder da banda ou o cantor principal – e (em geral, ainda hoje) um produtor. Tal como os livros e os filmes, os álbuns podem ter um formato familiar, enquadrarem-se confortavelmente em gêneros musicais bem conhecidos, mas, ainda assim, nos surpreender com um conteúdo inovador e estilos originais. Quando um álbum entra em sintonia com seu tempo, sua música escorre por uma rede de comunicação interligada e chega a milhões de ouvintes, lançando tendências de moda e linguagem e transformando pessoas "avançadas" em indivíduos antiquados que odeiam esse novo som que faz a garotada dançar.

Na primeira vez em que se ouve um disco, ele se revela como um livro ou um filme. Cada faixa (ou capítulo, ou cena) nos leva para um território desconhecido, passando por cumes tenebrosos e lagos de tranqüilidade. Ao longo de semanas e meses, conti-

nuamos explorando o álbum e descobrindo novas belezas a cada audição. Essa pode ser a maior diferença entre esses três gêneros: mesmo quando adoramos um filme ou um livro, não o veremos ou leremos mais do que três ou quatro vezes. Os álbuns, no entanto, nos acompanham durante meses e até anos. Nós os ouvimos centenas, milhares de vezes – embora em geral sem lhes dedicar nossa completa atenção –, os absorvemos por osmose, e até acabamos por cantar e tocar guitarras imaginárias junto com a banda, mesmo que a canção esteja "tocando" apenas dentro da nossa cabeça.

A adoração que muitos sentem pelos seus vinis ou coleção de CDs é uma prova irrefutável de que os álbuns podem ser justamente classificados como obras de arte. Na época em que eu era estudante universitário, sobrevivendo por meio de bolsas de estudo e empregos temporários, passei horas fuçando caixas de LPs com dificuldade de decidir qual deles seria digno dos meus preciosos U$ 2.99.

Quem seria, afinal, esse tal de Bob Dylan, que escrevia poemas estranhos nas apresentações dos discos? No Ano-Novo de 1968, no sótão vazio que servia de escritório para a recém-criada revista *Rolling Stone*, escutávamos *Magical Mystery Tour* (lançado em formato de álbum nos Estados Unidos) e "All You Need Is Love" continuava ressoando em nossas cabeças. Algum tempo mais tarde, naquele mesmo ano, estávamos em meio à multidão que se espremia na porta da Tower Records (recém-inaugurada), em São Francisco, para comprar o "White Album". Imediatamente após a morte de Ray Charles, ouvi seu último disco, *Genius Loves Company*, e caí em pranto. Dançamos, dirigimos, discutimos, rimos e fizemos amor ao som de álbuns; suas músicas acabam fazendo parte da nossa vida e da nossa alma. Algumas depois nos parecem tolas, mas talvez também o fôssemos na época. Seja um disco de Eddie Cochran, Fats Domino, James Brown, David Bowie, Led Zep, Funkadelic ou Nine Inch Nails, não importa. "Different strokes for different folks" ("Tons diferentes para pessoas diferentes"), como cantou Sly Stone num álbum de 1973.

É tempo de encerrar o prefácio e começar o livro. Sei que você encontrará dúzias dos seus álbuns favoritos nesta grande galáxia de discos. Espero que, ao folhear estas páginas, se sinta inspirado para procurar e incluir em sua lista de favoritos muitos outros que, sem *1001 Discos Para Ouvir Antes de Morrer*, você talvez nunca tivesse a possibilidade de conhecer.

Nova York, 2005

Introdução

Por Robert Dimery, editor-geral

Os discos são a trilha sonora de nossas vidas – e os amantes de música que existem dentro de nós não poderiam dizer isso de outra forma. Ao folhear *1001 Discos Para Ouvir Antes de Morrer*, fica claro como os álbuns mostram nitidamente a ascendência e a queda das tendências musicais na última metade do século 20.

A abrangência deste livro permite que o leitor repense nas críticas que definem os altos e baixos da música ao longo desses últimos 50 anos. A década de 70 é muitas vezes desvalorizada, como se fosse a "parente malvestida" dos vibrantes anos 60. Mas como é possível um período que deu origem a gêneros como heavy metal, glam, reggae, disco, punk, new wave, post-punk e a *What's Going On*, de Marvin Gaye, ser tão malvisto? Mais curioso ainda é o fato de em alguns anos, como 1967, ter havido inúmeros lançamentos de álbuns clássicos.

Logicamente, a escolha dos álbuns incluídos aqui foi um trabalho altamente subjetivo. Como editor, tenho grande parte da responsabilidade pela compilação da lista, apesar de o diretor de projeto Tristan de Lancey merecer todos os elogios possíveis pelo seu esforço incansável.

Alguns leitores poderão questionar as múltiplas entradas de alguns artistas. Em minha opinião, compositores de talento fora do comum como Joni Mitchell, Elvis Costello ou Nick Cave certamente merecem esse tipo de atenção como forma de representar a amplitude do seu trabalho. Também é possível notar que alguns artistas inspiram pontos de vista contraditórios em nossos colaboradores. Isso me parece excelente: procuramos opiniões individuais, bem informadas e articuladas, e não um consenso insípido.

Neste livro é possível encontrar detalhes fascinantes sobre a origem dos discos. Que álbum teve seu lançamento atrasado como demonstração de respeito à morte do presidente John F. Kennedy? Em que se inspirou Paul Simon para escrever "Mother And Child Reunion"? Que vegetal Paul McCartney "toca" em *Rings Around The World* do Super Furry Animals? Leia e descubra.

Uma das maiores recompensas de fazer esta pesquisa foram as surpresas com as quais nos deparamos. Os anos 50 podem representar o despertar do rock 'n' roll, mas, em termos de LPs consistentes e de qualidade, o jazz nesse período excedeu em muito os primeiros trabalhos de rock. (As exceções incluem Little Richard e Fats Domino – cada um de seus álbuns aqui comentados é puro prazer, do princípio ao fim.)

Comparativamente, a disco music derrotou por larga margem o punk em termos de vendas de singles, mas, se não considerarmos um pequeno número de exceções (o sublime Chic, o maravilhoso *Off The Wall*, de Michael Jackson), os artistas da disco não deixaram um legado de álbuns clássicos.

Você pode se perguntar: "E *Saturday Night Fever*?" Bem, neste livro não há coletâneas ou trilhas sonoras de "vários artistas", embora tenhamos reservado espaço para aquelas inteiramente constituídas por material original composto por um único artista. De outra forma não poderíamos ter incluído *Superfly*, *Shaft* ou *Purple Rain* – três marcos da história do pop e alguns dos melhores trabalhos de Curtis Mayfield, Isaac Hayes e Prince, respectivamente.

Os detalhes técnicos (selo, data, lista de músicas, etc.) dizem respeito ao lançamento do disco em seu país de origem. Assim, para qualquer álbum dos Beatles aqui incluído, a ordem da lista de músicas se refere ao lançamento do LP na Inglaterra (Parlophone) e não ao seu equivalente nos Estados Unidos (Capitol).

Decidimos ainda excluir as faixas adicionais por não fazerem parte do trabalho inicial. As músicas mais relevantes, na opinião de cada crítico, estão assinaladas por uma pequena seta e se, no relançamento de um álbum, tiver sido acrescentada uma canção que o torne ainda mais notável, o fato é apontado no texto. ("Teenage Kicks" não foi incluída na primeira versão do *The Undertones*, mas não mencioná-la seria uma falha imperdoável.)

Sempre que possível, também indicamos os nomes dos responsáveis pelo trabalho gráfico da capa dos álbuns. Alguns deles são citados várias vezes, como visionários responsáveis por algumas das capas mais marcantes da música popular. Retornando mais uma vez aos anos 50, os diretores artísticos eram heróis raramente lembrados – eram simples funcionários das gravadoras que não esperavam nem recebiam reconhecimento.

Por fim, nos esforçamos para assegurar que todos os discos incluídos ainda estejam disponíveis no mercado. Em alguns casos, o álbum recomendado foi relançado em CD juntamente com outro álbum do mesmo artista.

Espero que esse vasto leque de artistas e gêneros seja uma introdução estimulante a alguns dos melhores discos lançados ao longo das últimas cinco décadas. De minha parte, aprendi muito durante os meses em que estive envolvido na produção deste livro. E posso afirmar com toda a certeza: não é possível sofrer uma overdose de música.

Colaboradores

Manish Agarwal (MA) escreveu para a TV e colunas de música da *Time Out*, de Londres, para o *Times*, *Sunday Times*, *Kerrang!*, *Mojo*, *Q*, o semanário de Seattle *The Stranger* e para várias revistas independentes de música.

Leanne Alberghini (LA) escreveu para a revista *X-Press*, de Perth, e, mais recentemente, para a revista *Inpress*, de Melbourne.

Theunis Bates (TB) é editor do worldpop.com e colaborador da revista *Touch*. Também trabalhou como repórter de música popular para a *Time*.

Mark Bennett (MBe) vive em Londres. Escreve sobre música para a *Guiness* e para a *BBC*. Gosta de Kraftwerk, de ler números antigos da *Look In* e de jantar em paz.

Mark Blacklock (MBl) foi editor musical da revista *Bizarre* durante a segunda metade dos anos 90 e colaborou com o *Guardian*, *Telegraph* e diversas revistas. Fez emissões de rádio pirata com o Negativland e deixou em "apuros" o lendário produtor teatral Ken Campbell com os esquisitões da Skam Records, Wevie Stonder.

Mary Boukouvalas (Mbo) é fotojornalista em Melbourne, Austrália. Colabora com a revista *Beat* de Melbourne e com o website canadense de rock blistering.com.

Chris Bryans (CB) colabora para a revista *Record Collector*. Obviamente, isso o classifica como um viciado em música. A sua especialidade é o punk, por isso usa roupas cheias de alfinetes para mostrar sua credibilidade.

Kenneth Burns (KB) vive em Madison, Wisconsin, onde é editor e colaborador do periódico semanal *Isthmus*. Tendo crescido em Nashville, compõe e canta música country, naturalmente.

Garth Cartwright (GC) nasceu na Nova Zelândia, reside no Sul de Londres e é o autor de *Princes Amongst Men: Journeys With Gypsy Musicians*. Escreveu para o *Guardian*, *FRoots*, *Uncut* e *Songlines*.

Stevie Chick (SC) escreveu para a *Melody Maker*, *Mojo*, *Kerrang!*, *Evening Standard*, de Londres, *Times*, *Sleazenaton*, *NME* e *The Stranger*. É também fundador de *Careless Talk Costs Lives* e co-editor da *Loose Ups Skins Ships*.

Jason Chow (JC) escreve para o *National Post*, de Toronto, Canadá, e toca numa banda local, The Good Soldiers.

Karen Conrad (KC) escreveu para a *Guitar Beat*, *Age* e *Herald Sun*, assim como para numerosas revistas musicais australianas. Atualmente está trabalhando em um livro de entrevistas sobre a vida privada de celebridades.

David Crawford (DC) passou grande parte de sua adolescência em lojas de discos. Escreveu para o *Screen International*, *Televisual*, *Radio Times* e para a Press Association.

Stephen Dalton (SD) escreve sobre música e cinema na *Times*, *Uncut*, *NME*, *The Scotsman* e outras publicações. Não vive em Londres, nunca escreveu um livro e não tem um estoque de anedotas fantásticas envolvendo coquetéis em lugares exóticos em companhia de Bono ou Madonna.

Jamie Dickson (JDi) escreve críticas musicais no *Daily Telegraph* londrino desde 1999. Antes disso, estudou rock e pop na Universidade de Leeds e se apresenta em público, como músico, desde a adolescência.

Robert Dimery (RD) é escritor e editor independente e já colaborou na produção de vários livros, incluindo *24 Hour Party People*, de Tony Wilson, *Pump Up The Volume: A History Of House* e *Breaking Into Heaven: The Rise And Fall Of The Stone Roses*. Também colaborou para livros sobre álbuns e singles clássicos e participa de várias revistas, incluindo a *Time Out* e a *Vogue*.

John Doran (JDo) é jornalista há oito anos, durante os quais escreveu para várias revistas de renome como a *Loaded*, *Marie Claire* e *Later*. Foi editor associado da revista *Bang* e escreveu para *Playlouder*, *Disorder*, *Bullit*, *Metal Hammer*, *Classic Rock*, *Plan B* e *Rip & Burn*. Trabalha como repórter em vários jornais da Grã-Bretanha.

George Durbalau (GD) é editor da *Sunete*, a revista musical mais respeitada da Romênia. Antes de exercer esse cargo, foi editor da *Mixespresse* e DJ da Radio Special, onde apresentou um programa diário de rock.

Daryl Easlea (DE) é ex-editor da *Record Collector*. Escreveu para várias revistas e jornais como a *Mojo*, *Mojo Collections*, diversos números da *Q*, *Uncut*, *Guardian*, *Independent*, *Glasgow Herald*, *The Encyclopaedia Of Popular Music* e bbc.co.uk. Também organiza coletâneas de CDs, trabalha como DJ, tem programas na rádio e nasceu para dançar. É autor de *Everybody Dance: Chic & The Politics Of Disco*.

Patrick Emery (PE) escreve para *Beat*, uma revista semanal de Melbourne. Também colabora regularmente com o webzine de garage punk de Sidney, 194Bar.com e FasterLouder.com.au.

Ross Fortune (RF) foi editor musical da *Time Out* de Londres, onde trabalhou cerca de 10 anos. Reside atualmente em Austin, Texas.

Will Fulford-Jones (WF-J) passa os dias editando guias de viagem para a *Time Out* e as noites escrevendo sobre música.

Andrew Gilbert (AG) é escritor freelancer especialista em jazz, música brasileira, afro-caribenha e da África Ocidental. Colabora para o *San Francisco Chronicle*, *Boston Globe*, *San Jose Mercury News*, *Contra Costa Times* e *San Diego Union Tribune*, além das revistas *Downbeat* e *Jazziz*. Foi gerente do espaço de performances Jazz Bakery, em Los Angeles, em meados dos anos 90.

Jaime Gonzalo (JG) começou sua carreira nas revistas de rock underground espanholas nos anos 70. É co-editor da conceituada revista de rock espanhola *Ruta 66*, fundada em 1985.

Lino Portela Gutiérrez (LPG) trabalha para a *Rolling Stone* da Espanha e colabora para o

Tentaciones, suplemento musical do jornal *El País*. Também trabalhou para o canal de música da TV espanhola 40TV e Antena3 Televisión.

Jim Harrington (JiH) faz crítica de jazz e pop para o *Oakland Tribune* e para a cadeia ANG Newspapers. Seu trabalho já foi publicado em revistas como *Rolling Stone* e *Razor*, assim como em diversos jornais norte-americanos.

Jon Harrington (Joh) trabalha para a MTV. Também colabora regularmente para a *Mojo*.

Sophie Harris (SH) escreve para a *Mojo* e *Time Out* de Londres, assim como para a revista *Loose Ups Sink Ships*. Apresenta um guia dos melhores singles já criados no *BBC 6 Music* e tem programas no *BBC World Service*, *LBC* e *Radio 5*.

Michael Heatley (MH) co-editou à *History of Rock*. Desde então escreveu mais de 100 livros sobre esportes, música e televisão. Editou a revista *Record Buyer*, fez inúmeros textos para discos e colaborou para a *Records Collector*, *Classic Rock*, *Guitar*, *Music Week* e *Radio Times*. Foi editor da famosa *Virgin Rock Enciclopedia* e, em fins de 2004, entrou para a lista de best-sellers com *John Peel: A Life In Music*.

Alexandra Heller-Nicholas (AH-N) é editora da *Fiend Magazine*, a revista de maior tiragem sobre música e cultura dark alternativas. Apesar de ser especialista em música gótica, industrial e eletrônica, os seus gostos são amplos e variados. Escreve assiduamente para a revista *Beat*, de Melbourne.

Claire Hughes (CH) é freelancer. Escreve sobre música e viagens para a *Time Out* de Londres, *Dazed & Confused*, *DJ Magazine* e outras publicações. É autora de *Waking Up In Chicago*, um guia de viagens da cidade centrado em assuntos musicais.

Tom Hughes (TH) é escritor e co-editor. Trabalhou para diferentes publicações da Inglaterra, incluindo *Select Independent* e *NME*. Atualmente colabora para o *Guardian*, para diversas páginas na web e para revistas de jovens.

David Hutcheon (DH) é colaborador habitual do *Sunday Times*, *Mojo* e *Time Out*, de Londres.

Seth Jacobson (SJac) escreve sobre música e cultura popular no *Daily Mirror* e nas revistas *Jack*, *Sleazenation* e *Dazed&Confused*; também escreve sobre o lado mais estranho da vida na revista *Bizarre*.

James Jam (JJ) colabora para a *NME* e faz comentários emotivos sobre punk rock lo-fi em seu fanzine *Boyeater*. James está escrevendo o seu primeiro livro, uma história trash e sensacionalista revelando os bastidores do punk rock de Sunderland.

Tim Jones (TJ) trabalha para a *Record Collector* desde 1998. Escreve textos para os discos da Universal e da Warner Bros. Publicou livros sobre diversos assuntos.

Ignacio Julià (IJ) é co-editor, desde 1985, da já clássica *Ruta 66*, uma revista mensal de rock. Entre os muitos livros que escreveu sobre rock encontram-se os títulos *The Velvet Underground* e *Sonic Youth*. Apresentou um programa de rádio nos anos 90 e atualmente é produtor da cadeia de televisão local *BTV*.

Stan Jarin (Sjar) passou toda a sua vida reunindo conhecimentos musicais que lhe parecem inexplicavelmente difíceis de partilhar em jantares sociais. Em 2004, passou quase um mês com os Jarin.

Luke Jolly (LJ) abandonou o curso de Medicina em 1994 para se entregar a anos de vício auditivo em locais enfumaçados e com música ao vivo. Desde 2000, escreveu para publicações como a *Beat*, *Mix Down*, *The Brag*, *100%*, *The Echo* e em brownnoiseunit.com.

Yoshi Kato (YK) vive na zona da Baía de São Francisco. É colaborador do *San Jose Mercury News*, *Contra Costa Times*, *Metro Sillicon Valley*, *Downbeat* e também já escreveu na *Vibe*.

Emily Kelly (EK), formada em Comunicação, escreveu em várias publicações tanto on-line quanto impressas. Atualmente, dedica a maior parte do seu tempo e energia escrevendo para a revista *Beat*, de Melbourne.

Jack Kennedy (JK) é editor de críticas na revista *Record Collector*. Escreveu inúmeros textos para álbuns de funk e colabora para a *NME* e *BBC*. Está preparando um estudo sobre *Unknown Pleasures* do Joy Division.

Miles Keylock (MK) escreve sobre música e cultura de África do Sul. Publicou em *SL Magazine*, *Black Business Quarterly* e *GQ South Africa*, onde é atualmente editor musical. Também escreve críticas musicais para o *Cape Times* e *Mail & Guardian*.

Johnny Law (JLa) trabalhou como comprador de singles numa loja de discos de Edimburgo até que o Take That o tirou de lá. Trabalha agora para o *Channel 4 TV* e edita a página web do C4. Toca numa banda chamada Erotic Utensils.

John Lewis (JLe) é editor musical assistente da publicação londrina *Time Out* e também escreveu numerosos artigos sobre diferentes formas de música para a *Majo*, o *Evening Standard* de Londres, *Straight No Chaser*, *Wax* e *BBC Music*. Criou diversas coletâneas e escreveu textos para discos de muitas gravadoras e selos fonográficos.

Cristoph Lindemann (CL) é escritor e editor do *Musikexpress*, a maior publicação alemã sobre música. Também trabalhou para a *Rolling Stone* da Alemanha e *Primetime Live* na *ABC News* de Nova York. Em 2000, colaborou para *Made In Germany: The Hundred Best German Records*.

Pat Long (PL) vive em Londres e é editor de críticas da revista *NME*. Algumas pessoas dizem que gasta dinheiro demais com discos, mas ele simplesmente diria que é muito menos do que gostaria.

Michael Lydon (ML) escreve sobre música pop desde 1964 e foi um dos editores-fundadores da *Rolling Stone*. Escreveu as biografias de Lennon e McCartney e esteve em turnês com os Rolling Stones, B. B. King, Johnny Cash e muitos outros. Entre os livros que escreveu estão

Rock Folk, Boogie Lightning, Ray Charles: Man And Music e *Flashbacks*, uma coleção de textos sobre rock da sua autoria. Michael aparece com freqüência como comentarista na TV e no rádio; também é cantor e compositor.

Bruno MacDonald (BM) colaborou para *The Rough Guide to Rock, British Hit Singles, Rockopedia* e *MusicMaster*. Editou *Pink Floyd: Through The Eyes Of...* e escreveu em publicações como a *Record Collector* e *Q*. Vive em Londres. Adora gatos e o Kiss.

Ali MacQueen (AMa) vive em Londres e trabalha como editor independente há três anos. Edita as seções de singles e álbuns independentes da *Record Collector*. Colabora para as revistas *Front* e *Clash*.

Joel McIver (JM) é editor de produção da *Record Collector* e colabora para várias outras revistas. É responsável por algumas coletâneas, escreve textos para discos e participa de programas de TV e de rádio. É autor de oito livros: o último, *Justice for All: The Truth About Metallica*, foi considerado o livro definitivo sobre a banda.

Kylie McLaughlin (KM) escreveu em muitas revistas australianas, incluindo *Rip It Up, dB* e *Revolver*. Reside em Melbourne, onde trabalha como editora on-line e freelancer para a revista *Beat*.

Craig McLean (CM) é um escritor escocês que chegou a Londres atraído pelo brilho do britpop em 1995. Ex-co-editor da *The Face*, atualmente colabora para o *Daily Telegraph*, *Independent* e *Observer*, assim como para as revistas *Word*, *GQ* e *Vogue*. Os textos de Craig sobre música e cultura popular foram publicados internacionalmente – *Composite* (Japão), *Adbusters* (Canadá), *Spin* e *Blackbook* (Estados Unidos).

Malik Meer (MMe) escreveu no *Guardian*, *Time*, *Muzik*, *The Face*, *Mixmag* e *Smash Hits*. Atualmente é editor-assistente da *NME*.

Alexander Milas (AMi) trabalha na revista *Kerrang!*, onde muitas vezes monopoliza o aparelho de som do escritório para ouvir clássicos de death metal.

Mark Morris (MMo) escreve sobre pop, cinema e TV desde 1992 em diferentes jornais e revistas, incluindo *Select*, *Q*, *Neon*, *The Face*, *Guardian* e *Observer*.

Rob Morton (RM) escreve resenhas de música popular para o *New York Sun*. Também dirigiu vários curtas-metragens e escreveu três roteiros para longas-metragens.

David Nichols (DN) colabora para revistas musicais desde os 17 anos de idade. Escreveu um livro sobre The Go-Betweens e é historiador e professor universitário.

Sarah Norman (SN) optou pela carreira de jornalista musical, sendo licenciado em música. Colabora regularmente para revistas de Melbourne, como a *Beat* e a *Forte*, e também para a publicação de Sidney *The Brag*. É editora musical da publicação universitária *Lot's Wife*.

Peter Notari (PN) iniciou a sua carreira de escritor como correspondente em Londres da *Wan2*, a principal revista de música da Hungria. Fundou a ParaRadio, a primeira estação de rádio húngara pela internet; é organizador e co-fundador do X-Peripheria, o maior festival húngaro de música eletrônica experimental, e trabalha para a televisão como repórter musical do canal TV2.

Matthew Oshinsky (MO) é editor-adjunto da seção de esportes do *New York Sun*, aonde chegou depois de passar pelo *CMJ New Music Monthly*. Também tem trabalhos publicados pela Harvard University Press.

Andy Pemberton (APe) é um jornalista independente de Nova York que escreve na *GQ*, *Details*, *Observer*, *Q*, *Word*, *Elle* e *Radar*. Colabora regularmente para a *VH1*. Foi editor chefe da *Blender*, a premiada revista mensal de música dos Estados Unidos. Antes de se mudar para Nova York, foi editor da *Q*.

Andy Pickering (APi) iniciou a sua carreira de escritor numa revista musical da Nova Zelândia, *Rip It Up*, depois foi co-fundador da revista *Remix* em fins de 1997. Permanece como seu editor e escreveu uma infinidade de artigos e críticas.

Liam Pieper (LP) colaborou para as revistas *Beat* e *Groove* e para os jornais literários *Going Down Swinging* e *Total Cardboard*. Edita uma publicação juvenil, a *Voiceworks*, especializada em divulgar novos escritores.

Alex Rayner (ARa) foi editor musical da revista *Ministry* até janeiro de 2001, quando se uniu à equipe editorial de *The Face*. Atualmente é editor adjunto de *Dazed & Confused*. Alex também escreveu para a *NME*, *Word* e *Independent*.

Craig Reece (CR) é DJ e *promoter* em Glasgow, Escócia. Escreveu no *Independent*, *NMf*, *Scotland on Sunday* e *The List* e faz parte da organização do festival internacional de jazz de Glasgow.

Max Reinhardt (MR) é um freelancer que atua em múltiplas frentes: DJ, compositor, apresentador da *BBC* e diretor musical de Oily Cart. Como DJ e músico se apresenta em toda a Europa e outros continentes. É responsável pela programação de vários festivais internacionais de música em Londres. É colunista do *Straight No Chaser*, escreve críticas e artigos para as publicações *Songlines* e *FRoots* e produziu o livro *Celebrating Sanctuary... Interviews With Refugee Artists In The UK*.

Andy Robbins (ARo) trabalha atualmente como repórter e colunista em diferentes jornais da Grã-Bretanha e colabora para a *Platform*, *Drowned In Sound*, *Do Something Pretty* e *Rock City*.

Gerard Sampaio (GSa) é jornalista e cineasta e vive em Glasgow. Escreve para a *AOL* (Grã-Bretanha) e para o jornal *Herald*. Trabalhou anteriormente no *Guiness Book Of British Hit Singles*.

Tim Scott (TSc) descobriu o hardcore punk americano aos 14 anos enquanto andava de skate perto da casa de um amigo. Desde então, escreveu em várias publicações de punk rock, incluindo *Maximum Rock And Roll*, *Beat*, *Kerrang!*, *Screaming Bloody Mess* e inúmeros fanzines.

Chris Shade (CSh) é escritor, músico e designer em Londres. Escreveu para diversas publicações, especialmente *The Face* e *Shoreditch Twat*. Atualmente está gravando um disco com a banda Volunteer para a Projector Records.

Tim Sheridan (TSh) escreveu para *Mojo*, *All Music Guide*, *Raygun*, *Downbeat*, *Launch*, *Paste* e *Entertainment Weekly*. Também colaborou com Steven Tyler, do Aerosmith, durante duas turnês pelos Estados Unidos, escrevendo o discurso de Tyler para a inclusão do AC/DC no Rock & Roll Hall Of Fame.

Martin Sinnock (MS) é escritor e locutor de rádio especializado na música da República Democrática do Congo (antigo Zaire). É colunista da revista *The Beat*, de Los Angeles, desde 1996. Escreve críticas para a *Songlinese*, apresenta os programas *The Rough Guide Radio Show* e *Viva La Música – The African & Global Beat* em totallyradio.com

Rod Stanley (RS) criou um website sobre música com a única intenção de entrar nos clubes noturnos sem pagar. Escreve para *Times*, *Dazed & Confused*, *The Face*, *Musik*, *Record Collector*, *Seven*, *Sleazenation*, *The Idler*, *Ammo City* e *Tank*.

Paul Stokes (PS) escreveu para a *Q*, *Mojo*, *Dazed & Confused* e *Select*. Uniu-se à equipe da *NME* como editor-adjunto de notícias, em 2005. Quando não está escrevendo sobre música, é DJ no clube noturno Brilliant Maniac, do Soho londrino.

Claire Stuchbery (CSt) trabalha para a revista *Beat*, de Melbourne. Também produz e apresenta um programa de rádio com artistas independentes chamado *No Frills*, na PBS FM, e organiza shows ao vivo por meio do programa.

Louise Sugrue (LS) colaborou para a *Record Collector*, *OK!*, *RSA Journal* (da Royal Society For the Encouragement of Arts, Manufactures & Commerce), *Daily Telegraph* e The Press Association.

Giancarlo Susanna (GSu) é crítico de música e vive em Roma. Colaborou para revistas (*Rockerilla*, *Audio Review*) e jornais (*L'Unità*). Também escreveu as biografias de Neil Young (*Neil Young*), Jeff Buckley (*A Voice To Hold In The Dark*), REM (*This Book Is On*) e Coldplay (*Il Fascino Del Pop Borghese*).

Kate Taylor (KT) começou a trabalhar na revista *Beat*, de Melbourne, em 2004, e se tornou sua assídua colaboradora.

Gareth Thompson (GT) trabalhou para *Music Week*, *Video Week*, *Which Compact Disc?*, *Sounds* e *Kerrang!*. Também colabora como editor do aclamado fanzine *Overall There Is A Smell Of Fried Onions*. Depois de uma temporada na Press Association, escreveu o seu primeiro romance para jovens adultos, *The Great Harlequin Grim*.

Arnar Eggert Thoroddsen (AET) é de Reykjavik, Islândia, onde contribuiu para várias revistas sobre música underground. Desde 2000 trabalha para o principal jornal islandês, *Morgunbladid*, onde escreve sobre cultura pop.

Andrew Tijs (AT) é natural de Melbourne e, durante os últimos sete anos, tem escrito sobre música local e internacional, cinema, teatro e literatura. Colabora para a revista *Beat* e para a maioria dos jornais australianos. Escreve reportagens investigativas para a revista *Mess + Noise* sobre o lado mais sórdido da indústria fonográfica.

John Tobler (JT) escreve sobre música popular desde 1969 para publicações como: *ZigZag*, *Let It Rock*, *Melody Maker*, *NME*, *Sounds*, *Record Mirror*, *FRoots*, *Music Week*, *Billboard* e *Country Music People*. Também realiza entrevistas com músicos e trabalha como pesquisador para a BBC Radio One. Escreveu, literalmente, centenas de textos para discos e é autor de 20 livros já publicados sobre rock, incluindo *ABBA Gold*, *25 Years Of Rock*, *The Record Producers* e *The Guitar Greats*, assim como as biografias de Elton John, Elvis Presley, The Beach Boys, The Doors, Cliff Richard e The Carpenters.

Jesse "Chuy" Varela (JCV) é diretor musical da KCSM FM 91, uma emissora de jazz regional, onde apresenta *The Latin Jazz Show* aos domingos. Foi diretor musical da KPFA, em Berkeley, durante três anos e freelancer na NPR. Escreve sobre música no *S. Francisco Chronicle*, *Latin Beat Magazine*, *Jazz Times* e *Eastbay Express*. Escreveu textos para discos dos selos fonográficos Verve, Concord Picante e Fantasy e fez algumas traduções para o último projeto de Ry Cooder para a Nonesuch.

Peter Watts (PW) é colaborador freqüente das revistas *Time Out*, de Londres, e *Uncut*.

Burhan Wazir (BW) é co-editor de artigos da *Times* na Grã-Bretanha. Como jornalista, escreveu sobre uma grande variedade de temas, desde notícias locais, assuntos internacionais, música e reportagens de guerra – incluindo uma cobertura jornalística da segunda Guerra do Golfo.

Jaime Welton (JW) é editor e jornalista independente. Publicou artigos em diversos periódicos como *The Metro*, *South Valley Times* e *Almaden Valley*. Também escreveu críticas musicais para a revista *Frontera*. Vive em San José com sua companheira, seus dois filhos e sua enorme coleção de CDs.

Lois Wilson (LW) é jornalista independente e escreve principalmente na revista *Mojo*. Atualmente é encarregada da coluna de soul, edita a seção de livros e DVDs e colabora mensalmente com artigos e críticas. Também escreve para a *Record Collector*. Criou várias coletâneas de CDs de reggae e soul. Lois algumas vezes aparece na VH-1 como convidada para participar de debates sobre mulheres no rock.

Agnieszka Wojtowicz-Jach (AW-J) foi encarregado da promoção da Warner Music na Polônia e gerente de selos nas áreas de projetos especiais/dance para a EMI Polônia. Agora trabalha como relações-públicas e é jornalista independente.

Michael Woodsworth (MW) cresceu em Montreal, onde participou da cena underground em fins dos anos 90. Mudou-se em 2001 para Nova York, onde trabalhou como jornalista para o *Daily News* e, mais tarde, como editor da seção de esportes do *Sun*, recém-inaugurado naquela cidade.

Daniel Zugna (DZ) é um escritor independente que vive em Melbourne. É colunista da revista *Beat*, onde escreve sobre todos os novos lançamentos musicais; colabora para vários websites de música independente.

Índice de discos

A

Abattoir Blues/The Lyre Of Orpheus 925
Abbey Road 142
Abraxas 218–19
Ace Of Spades 458–9
Achtung Baby 671
Actually 581
África/Brasil 362
Aftermath 93
After The Gold Rush 204
Agætis Byrjun 857
Aja 380
Aladdin Sane 288
Alfagamabetizado 816
Alien Lanes 764
All Directions 279
All Hail The Queen 612
All Mod Cons 402–3
All That You Can't Leave Behind 867
All Things Must Pass 212
Ámbar 816
Ambient 1: Music For Airports 421
American Beauty 206–7
American Gothic 271
American Idiot 935
American IV: The Man Comes Around 906
American Pie 239
AmeriKKKa's Most Wanted 648
Amnesiac 883
Among The Living 563
Ananda Shankar 208
...And Justice For All 596
Another Green World 337
Another Music In A Different Kitchen 411
Antichrist Superstar 792–3
Apocalypse 91... The Enemy Strikes Black 665
Appetite For Destruction 574–5
Apple Venus Volume I 841
Aqualung 221
Architecture And Morality 476
Arc Of A Diver 469
Aretha: Lady Soul 138–9
Are You Experienced 122–123
Arise 669
Armed Forces 438
Arrival 359
Arthur — Or The Decline And Fall Of The British Empire 184
Arular 939
Astral Weeks 154
At Budokan 440
At Fillmore East 230
At Folsom Prison 137
Atomizer 535
The Atomic Mr. Basie 31
Autobahn 318
Automatic For The People 690
Axis: Bold As Love 128

B

The B-52's 427
...Baby One More Time 852–3
Back At The Chicken Shack 52
Back In Black 452–3
Back To Basics 941
Back To Mystery City 508
Bad 580
Bad Company 315
Band On The Run 306
The Band 176
Bandwagonesque 675
Basket Of Light 166
Bat Out Of Hell 389
Bayou Country 158
B.B. King Live At The Regal 78
Be 936
Beach Samba 99
The Beach Boys Today! 76–7
The Beatles (a.k.a. The White Album) 156
Beautiful Freak 780
Beauty And The Beat 473
Beggars Banquet 130
Behaviour 643
Being There 781
The Bends 762–3
Berlin 293
Bert Jansch 79
Better Living Through Chemistry 774
Beyond Skin 847
Billion Dollar Babies 308
Birth Of The Cool 34
Bitches Brew 196
Bizarre Ride II The Pharcyde 691
Black Holes & Revelations 943
Black Metal 498
Black Monk Time 87
Black Sabbath 198
Black Sabbath Vol 4 257
The Black Saint And The Sinner Lady 63
Blonde On Blonde 87
Blood And Chocolate 544
Blood On The Tracks 347
Blood Sugar Sex Magik 662–3
Blood, Sweat, And Tears 160
Blue 244–5
Blue Lines 673
The Blueprint 895
Blur 797
The Boatman's Call 809
Bone Machine 694
Bongo Rock 287
Bookends 147
Born In The USA 528–9
Born To Run 343
Bossanova 642
Boston 357
Boy In Da Corner 915
Bridge Over Troubled Water 212
Bright Flight 883
Brilliant Corners 32
Bringing It All Back Home 75
British Steel 460
Broken English 437
Brothers In Arms 532–3
Brown Sugar 769
Brutal Youth 730
Bryter Layter 208
Bubble And Scrape 721
Buenas Noches From A Lonely Room 602
Buena Vista Social Club 808
Buffalo Springfield Again 103
Bug 597
Bummed 592
Butterfly 815

C

Caetano Veloso 152
Café Bleu 523
Calenture 579
California 599
Californication 856
Call Of The Valley 126
Canto On Guitar 213
Can't Buy A Thrill 257
The Cars 415
Car Wheels On A Gravel Road 826–7
Casanova 780
Catch A Fire 290–1
Cee-Lo Green... Is The Soul Machine 940
Celebrity Skin 832
Central Reservation 846
C'est Chic 419
Cheap Thrills 142
Chelsea Girl 99
Chicago Transit Authority 181
The "Chirping" Crickets 31
Chocolate Starfish And The Hot Dog Flavored Water 864–5
Chore Of Enchantment 878
A Christmas Gift For You 62
The Chronic 689
Circuladô 665
Clandestino 822
The Clash 378–9
Closer 462
Close To The Edge 263
Close To You 199
Cloud Nine 177
Club Classics Vol.One 629
Clube Da Esquina 266
Coat Of Many Colors 238
Coles Corner 937
The College Dropout 928
Colour By Numbers 515
The Colour Of Spring 551
Come Away With Me 903
Come Find Yourself 784
Connected 695
Construção 256
The Contino Sessions 848
Copper Blue 693
The Coral 905
Cosmos's Factory 194
Countdown To Ecstasy 301
Country Life 322
Court And Spark 320
CrazySexyCool 731
Crime Of The Century 325
Crocodiles 457
Crooked Rain, Crooked Rain 725
Crosby, Stills And Nash 159
Crossing The Red Sea With The Adverts 404
Cupid And Psyche 85 543
Cut 437
Cyprus Hill 658

D

Da Capo 106
Damaged 478
Dance Mania, Vol.1 37
The Dandy Warhols Come Down 821
Dare! 479
Darkdancer 850
Darklands 576
Darkness On The Edge Of Town 408
The Dark Side Of The Moon 302–3
A Date With The Everly Brothers 52
Daydream Nation 600
Debut 718–19
Definitely Maybe 732
Déjà Vu 201
Deserter's Songs 833
Desperate Youths, Blood Thirsty Babes 929
Destroyer 360
Destroy Rock And Roll 922
Devil Without A Cause 840
Devotional Songs 701
Diamond Life 518
Different Class 766–7
Dig Me Out 805
Dig Your Own Hole 801
Dire Straits 417
Dirt 699
Dirty 694
Disintegration 621
Disraeli Gears 110–111
Djam Leelii 618–19
D.O.A. Third And Final Report 409
Document 566
Doggystyle 720
Dog Man Star 743
Done By The Forces Of Nature 631
Don't Come Home A Drinkin' (With Lovin' On Your Mind) 125
Don't Stand Me Down 542
Dookie 751
Doolittle 626
The Doors 116–117
Double Nickels On The Dime 526
The Downward Spiral 748–9
The Dreaming 495
Dr.Octagonecologyst 774
Dry 702–3
Dub Housing 400
Duck Rock 504
Duck Stab/Buster And Glen 405
Dummy 726–7
Dust 773
Dusty In Memphis 169

E

Eagles 271
L'Eau Rouge 614
808:90 622
Either/Or 817
Elastica 760
Electric 567

Electric Ladyland 136
Electric Music For The Mind And Body 102
Electric Warrior 252–3
Elephant 914
Elephant Mountain 182
Eli And The Thirteenth Confession 137
Eliminator 511
Ella Fitzgerald Sings The Gershwin Song Book 41
Ellington At Newport 30
Elvis Is Back! 50
Elvis Presley 24–5
Emergency On Planet Earth 712–13
Emperor Tomato Ketchup 775
Endtroducing... 779
En-Tact 635
Entertainment! 440
Enter The Wu-Tang (36 Chambers) 717
Eternally Yous 418
Everybody Knows This Is Nowhere 157
Every Good Boy Deserves Fudge 664
Every Picture Tells A Story 242
Everything Must Go 786
Evol 554
Exile In Guyville 708
Exile On Main St. 284–5
Exit Planet Dust 757
Exodus 375

F

Face To Face 88–9
Faith 570–1
The Fat Of The Land 806–7
Faust IV 297
Fear And Whiskey 534
Fear Of A Black Planet 649
Fear Of Music 431
Felt Mountain 876–7
Femi Kuti 764
Fever To Tell 912
Fifth Dimension 86
Figure 8 869
Fire Of Love 480
First Band On The Moon 791
Fishscale 941
Fisherman's Blues 587
Five Leaves Left 168
Floodland 569
Follow The Leader 838
Foo Fighters 752
Food & Liquor 940
Forever Changes 109
For Your Pleasure 296
461 Ocean Boulevard 317
Foxbase Alpha 668
Fragile 234
Frampton Comes Alive! 372
Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim 115
Franz Ferdinand 926–7
Freak Out! 92
Fred Neil 86
The Freewheelin' Bob Dylan 60–1
Fresh Fruit For Rotting Vegetables 454
From Elvis In Memphis 170–1
Fromohio 613
Fulfillingness' First Finale 317
Funeral 923
Fun House 214–15
Future Days 293
Fuzzy 710
Fuzzy Logic 773

G

Garbage 753
Garra dos Sentidos 823
Gasoline Alley 210
The Genius of Ray Charles 41
Gentlemen 709
Germ Free Adolescents 420
Getz/Gilberto 64–5
Giant Steps 721
(GI) 426
Gil & Jorge «Ogum Xangô» 344
The Gilded Palace Of Sin 161
A Girl Called Dusty 70–1
G. Love And Special Sauce 738
Go Girl Crazy! 338
Gold 886
Goo 652–3
Goodbye And Hello 108
Goodbye Yellow Brick Road 300
Good Old Boys 333
Gorillaz 885
Grace 744–5
Graceland 555
The Grand Tour 332
Gravado ao Vivo no Canecão 373
Green 590–1
Green Onions 56
Green River 163
Greetings From L.A. 272–3
Grievous Angel 336
Gris-Gris 144
Groovin' 119
Group Sex 461
Guitar Town 558
Gunfighter Ballads And Trail Songs 44

H

Hail To The Thief 913
The Hangman's Beautiful Daughter 132
Happy Sad 180
Happy Trails 173
Hard Again 377
A Hard Day's Night 66–7
Harvest 258–9
Haunted Dancehall 728
Haut De Gamme—Koweït, Rive Gauche 681
Headhunters 297
Headquarters 107
The Healer 608
Heartattack And Vine 467
Heartbreaker 862
Hearts And Bones 509
Heaven Or Las Vegas 634
Heavy Weather 376
Hejira 357
Henry's Dream 700
Here Are The Sonics 74
Here Come The Warm Jets 314
Here, My Dear 418
Here's Little Richard 36
"Heroes" 385
Highway 61 Revisited 81
Highway To Hell 424
The Hissing Of Summer Lawns 344
Histoire De Melody Nelson 242
H.M.S. Fable 855
The Holy Bible 742
Home Is Where The Music Is 266
Homework 812–13
Honky Tonk Heroes 301
Honky Tonk Masquerade 404
Horses 348
Hot Buttered Soul 183
Hotel California 358
Hot Fuss 933
Hot Rats 190–1
Hot Shots II 894
Hounds Of Love 538
The Hour Of Bewilderbeast 870
Hunky Dory 254
Hunting High And Low 531
Hybrid Theory 868
Hypnotised 464–5
Hypocrisy Is The Greatest Luxury 686–7
Hysteria 566

I

I Against I 559
I Am A Bird Now 938
The Idiot 387
Idlewild 588
I Do Not Want What I Haven't Got 650
If I Could Only Remember My Name 222
If I Should Fall From Grace With God 585
If You Can Believe Your Eyes And Ears 90
If You're Feeling Sinister 796
I Had Too Much To Dream (Last Night) 124
Ill Communication 730
Illinoise 940
Illmatic 729
Imagine 232–3
I'm A Lonesome Fugitive 121
Immigrés 527
Imperial Bedroom 487
I'm Your Man 586
In-A-Gadda-Da-Vida 145
In A Silent Way 165
I Never Loved A Man The Way I Love You 129
Infected 549
The Infotainment Scan 717
Ingénue 688
In It For The Money 817
Innervisions 304
In Rock 205
Inspiration Information 316
In The Court Of The Crimson King 185
In The Wee Small Hours 22–3
Introducing The Hardline According To Terence Trent D'Arby 584
In Utero 711
Iron Maiden 463
I See A Darkness 854
I Should Coco 761
Isn't Anything 594
Is This It 888–9
It's A Shame About Ray 684
It's Too Late To Stop Now 319
It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back 604–5
I've Got A Tiger By The Tail 73
I Want To See The Bright Lights Tonight 326

J

Jack Takes The Floor 40
Jagged Little Pill 772
James Brown Live At The Apollo 63
Jazz Samba 57
Jerry Lee Lewis Live At The Star Club, Hamburg 74
Joan Armatrading 363
Joan Baez 48–9
John Lennon/Plastic Ono Band 200
John Mayall's Blues Breakers With Eric Clapton 97
Johnny Cash At San Quentin 162
John Prine 251
The Joshua Tree 582–3
Juju 472
Junkyard 498
Justified 911

K

Kenya 35
Kenza 839
Kick Out The Jams 177
Kid A 866
Kilimanjaro 468
Killing Joke 460
Kimono My House 324
Kind Of Blue 42–3
Kings Of The Wild Frontier 450
The Kinks Are The Village Green Preservation Society 133
Kollaps 472
The Köln Concert 339

L

The La's 638
Ladies And Gentlemen, We Are Floating In Space 820
Lady In Satin 38
The Lamb Lies Down On Broadway 316
Lam Toro 683
Larks' Tongues In Aspic 289
The Last Broadcast 908
The Last Of The True Believers 550
L.A. Woman 235
Layla And Other Assorted Love Songs 195
Lazer Guided Melodies 692

Led Zeppelin 174–5
Led Zeppelin II 176
Led Zeppelin III 204
Led Zeppelin IV 241
Leftism 768
Legalize It 371
Let It Be 522
Let It Bleed 167
Let Love Rule 607
Let's Get It On 295
Let's Get Killed 804
Let's Stay Together 283
The Lexicon Of Love 484
Licensed To Ill 546–7
Liege And Lief 188
Life's Too Good 601
Life Thru A lens 814
Like A Prayer 610–11
Like Water For Chocolate 874
Listen Without Prejudice Vol.1 646
A Little Deeper 900–1
Little Earthquakes 696
Live 1966 822
Live! 248
Live And Dangerous 409
Live At The Harlem Square Club 62
Live At Leeds 209
Live At The Witch Trials 430
Live/Dead 183
Live Through This 740–1
Locust Abortion Technician 572
Logical Progression 790
London Calling 436
Lost Souls 860
Loveless 655
A Love Supreme 78
Low 380
Low-Life 541
Lust For Life 392

M
McCartney 217
Machine Gun Etiquette 444
The Madcap Laughs 220
Made In Japan 262
Madman Across The Water 236–7
Maggot Brain 246
Make Yourself 844
Mama Said Knock You Out 649
Mama's Gun 872
Manassas 270
The Man-Machine 397
The Man Who 845
Marcus Garvey 342
Marquee Moon 388
The Marshall Mathers LP 875
Mask 481
Master Of Puppets 548
Maverick A Strike 799
Maxinquaye 755
Maxwell's Urban Hang Suite 785
Me Against The World 758–9
Meat Is Murder 539
Meat Puppets II 515
Medúlla 921
Mellon Collie And The Infinite Sadness 756
Melody A.M. 896–7
Mermaid Avenue 823
The Message 486
Metal Box 442
Metallica 676–7
Midnight Ride 91
Millions Now Living Will Never Die 775
Miriam Makeba 51
The Miseducation Of Lauryn Hill 830–1
Moby Grape 106
Modern Life Is Rubbish 716
Modern Sounds In Country And Western Music 54–5
The Modern Dance 396
The Modern Lovers 356
Moondance 205
Moon Safari 836
More Songs About Buildings And Food 410
More Specials 469
Morrison Hotel 198
Moss Side Story 624
Mothership Connection 364–5
Mott 298
Movies 427
Moving Pictures 483
Mr. Tambourine Man 80
MTV Unplugged In New York 747
Muddy Waters At Newport 53
Murder Ballads 788–9
Murmur 505
Music 881
Music For The Jilted Generation 750
Music For The Masses 568
Music From Big Pink 150–1
Music From The Penguin Cafe 366
Music Has The Right To Children 840
My Aim Is True 390–1
My Generation 82–3
My Life In The Bush Of Ghosts 477

N
Natty Dread 334
Nebraska 499
Neon Bible 947
Neu! '75 338
Nevermind 656–7
Never Mind The Bollocks Here's The Sex Pistols 394–5
New Boots And Panties!! 393
New Gold Dream (81/82/83/84) 491
The New Tango 573
New Wave 708
New York Dolls 312–13
Next 307
Nick Of Time 627
A Night At The Opera 351
The Nightfly 494
Nighthawks At The Diner 345
Night Life 58
Nilsson Schmilsson 251
1977 795
1984 519
1999 485
Nixon 879
No.1 Record 256
A Nod Is As Good As A Wink...To A Blind Horse 249
Non-Stop Erotic Cabaret 475
No Other 332
A Northern Soul 765
No Sleep 'Til Hammersmith 474
Nothing's Shocking 603
The Notorious Byrd Brothers 141
Nowhere 654
Now I Got Worry 791
The Number Of The Beast 500–1

O
Oar 189
Ocean Rain 526
Odelay 776–7
Odessa 165
Odessey & Oracle 153
Oedipus Schmoedipus 784
Off The Wall 443
Og Original Gangster 664
Ogden's Nut Gone Flake 148–9
OK 837
OK Computer 798
Olympia 64 68
One Nation Under A Groove 408
One World 381
Only Built 4 Cuban Linx 756
The Only Ones 401
On The Beach 331
Opus Dei 578
Orbital II 720
Os Mutantes 135
Otis Blue: Otis Redding Sings Soul 75
Our Aim Is To Satisfy 875
Out Of Step 519
Out Of The Blue 376
Oxygene 367

P
Pacific Ocean Blue 386
Palo Congo 33
Parachutes 873
Parallel Lines 398–9
Paranoid 202–3
Paris 1919 292
Parklife 736–7
Parsley, Sage, Rosemary And Thyme 94–5
Paul's Boutique 613
Paul Simon 275
Peace Sells... But Who's Buying 551
Pearl 247
Peggy Suicide 659
Pelican West 494
Penance Soirée 923
Penthouse And Pavement 473
People's Instinctive Travels And The Paths Of Rhythm 651
Peter Gabriel (I) 387
Peter Gabriel (III) (a.k.a Melt) 455
Pet Sounds 85
Phaedra 323
Phrenology 911
Physical Graffiti 339
Picture Book 541
Pictures At An Exhibition 243
Pieces Of The Sky 343
Pill'N'Thrills And Bellyaches 644–5
Pink Flag 381
Pink Moon 274
The Piper At The Gates Of Dawn 112
Planet Rock–The Album 545
Play 849
Playing With Fire 612
The Pleasure Principle 445
The Poet 482
Porcupine 510
Pornography 488–9
Post Orgasmic Chill 842–3
Power In Numbers 899
The Predator 697
Pretenders 470–1
Pretzel Logic 333
Private Dancer 524–5
Pronounced Leh-nerd Skin-nerd 286
Protection 742
Psalm 69 695
The Psychedelic Sounds Of The 13th Floor Elevators 96
Psychocandy 540
Public Image 406
Pump 625
Punishing Kiss 880
Purple Rain 520–1
Pyromania 504

Q
Q: Are We Not Men? A: We Are Devo! 416
Queen II 321
Queens Of The Stone Age 835
The Queen Is Dead 560–1
Quiet Life 436
Qui Sème Le Vent Récolte Le Tempo 660

R
Rage Against The Machine 685
Ragged Glory 647
Rain Dogs 540
Raising Hell 556–7
Ramones 368–9
Rapture 559
Rattlesnakes 527
Rattus Norvegicus 377
Raw Like Sushi 617
Raw Power 310
Ray Of Light 829
Ready To Die 743
Real Life 407
The Real Thing 606
Red Dirt Girl 863
Red Headed Stranger 352
Regatta De Blanc 428–9
Reign In Blood 554
Rejoicing In The Hands 924
Remain In Light 461
Remedy 855
Repeater 628
La Revancha Del Tango 891
Revolver 84
Rhythm Nation 1814 630
Rid Of Me 715
Rings Around The World 898
Rio 502
Rip It Up 495
The Rise And Fall 492–3
The Rise And Fall Of Ziggy Stardust And The Spiders From Mars 280–1
Rising Above Bedlam 661
The Rising 910
Risqué 434
Ritual De Lo Habitual 648
Rock Bottom 335
Rock'n'Soul 69
Rocks 363
The Rolling Stones 72
Roots 782–3
Roxy Music 276–7
Rubber Soul 79
Rumours 384
Rum, Sodomy, And The Lash 536–7

Run-DMC 517
A Rush Of Blood To The Head 904
Rust In Peace 642
Rust Never Sleeps 439

S
S&M 854
Safe As Milk 104–5
Sail Away 255
Sam Cooke Live At The Harlem Square Club 62
São Paulo Confessions 841
Sarah Vaughan At Mister Kelly's 40
Savane 942
School's Out 278
Scissor Sisters 919
The Score 794
Scott 2 153
Scott 4 188
Screamadelica 674
Scream, Dracula, Scream! 757
The Scream 422–3
Scum 578
Sea Change 910
Searching For The Young Soul Rebels 451
Second Toughest In The Infants 790
Selected Ambient Works 85–92 679
Selling England By The Pound 294
The Sensual World 620
Seventeen Seconds 456
Sex Packets 643
S.F.Sorrow 146
Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band 100–1
Shadowland 598
Shaft 228–9
Shaka Zulu 577
Shake Your Money Maker 639
Shalimar/College Girl 345
Sheer Heart Attack 328–9
Sheet Music 330
She's So Unusual 509
Shleep 803
A Short Album About Love 810
Siamese Dream 706–7
Siembra 414
Signing Off 468
Sign O'The Times 567
Since I Left You 882
Sincere 863
Sister 579
16 Lovers Lane 592
69 Love Songs 844
Skylarking 558
Slanted And Enchanted 678
Slayed? 261
The Slider 270
The Slim Shady LP 851
Slipknot 845
Slippery When Wet 552–3
Smash 734
Smile 922
Smokers Delight 754
Snivilisation 746
So 562
The Soft Bulletin 850
Solid Air 296
Something/Anything? 267
Something Else By The Kinks 120
Songs For Swingin' Lovers! 30
Songs From A Room 186–7
Songs From The Big Chair 531
Songs Of Love And Hate 243
Songs The Lord Taught Us 454
The Songs of Leonard Cohen 136
Soul Mining 505
Sound Affects 466
The Sounds Of India 134
Southern Rock Opera 898
Space Ritual 292
Speakerboxx/The Love Below 916
Specials 446–7
Spiderland 670
Spy Vs. Spy—The Music Of Ornette Coleman 615
Stand! 178–9
Stankonia 882
Stardust 419
Station To Station 356
Stephen Stills 199
Step In The Arena 659
Steve McQueen 534
Sticky Fingers 231
The Stooges 189
Stories From The City, Stories From The Sea 871
Straight Outta Compton 631
Strange Cargo III 722
"Strangeways, Here We Come" 573
The Stranger 374
Street Life 426
Street Signs 934
Suede 704
Suicide 386
Sulk 499
Sunday At The Village Vanguard 53
The Sun Rises In The East 725
Sunshine Hit Me 902
Sunshine Superman 121
Supa Dupa Fly 800
Superfly 260
Superfuzz Bigmuff 589
Superunknown 733
Surfer Rosa 595
Surf's Up 234
Surrealistic Pillow 120
Survivor 887
Suzanne Vega 535
Sweet Baby James 216
Sweet Dreams (Are Made Of This) 512–13
Sweetheart Of The Rodeo 155
Swordfishtrombones 506–7
Synchronicity 514
System Of A Down 834

T
Tago Mago 235
Talking Book 268–9
Talking Heads: 77 382
Talking Timbuktu 739
Talking With The Taxman About Poetry 550
Talk, Talk, Talk 479
Tank Battles 598
Tanto Tempo 862
Tapestry 227
Tarkus 240
Tea For The Tillerman 213
Technique 609
Teenage Head 250
Teenager Of The Year 724
Tellin' Stories 785
Ten 666–7
That's The Way Of The World 353
There's A Riot Goin' On 223
There's No Place Like America Today 354
They Were Wrong, So We Drowned 929
Third 209
Third/Sister Lovers 405
This Is Fats 28–9
This Is Hardcore 828
This Nation's Saving Grace 530
This Year's Model 401
3+3 311
3 Feet High And Rising 630
3 Years, 5 Months And 2 Days In The Life Of Arrested Development 680
Thriller 496–7
Throwing Muses 555
Tical 723
Tidal 781
"Tigermilk" 778
Le Tigre 851
Timeless 772
Time Out 45
Time (The Revelator) 890
Tommy 164
Tom Petty And The Heartbreakers 355
Tom Tom Club 482
Tonight's The Night 346
Too-Rye-Ay 490
Toys In The Attic 340–1
Tracy Chapman 593
Trafalgar 226
Traffic 131
Tragic Songs Of Life 26
Trans-Europe Express 373
Transformer 264–5
Treasure 518
Tres Hombres 305
Triangle 107
The Trinity Session 593
Trio 565
Trout Mask Replica 157
Truth 152
Truth And Soul 588
Tubular Bells 299
Tuesday Night Music Club 716
Tusk 441
Twelve Dreams Of Dr. Sardonicus 197
2112 362

U
Under Construction 909
The Undertones 435
Underwater Moonlight 455
Unhalfbricking 182
The United States of America 143
Unknown Pleasures 432–3
Urban Hymns 818–19

V
Van Halen 412–13
Vanishing Point 802
Vauxhall And I 731
The Velvet Underground 172
The Velvet Underground And Nico 114
Vento De Maio 400
Venus Luxure Nº 1 Baby 724
Very 714
Vespertine 884
Vincebus Eruptum 140
Violator 640–1
Violent Femmes 503
The Virgin Suicides 861
The Visitors 483
"Viva Hate" 599
Vivid 589
Vulgar Display Of Power 698

W
A Walk Across The Rooftops 508
Walking Wounded 787
The Wall 441
Want One 918
Want Two 931
War 514
Warehouse: Songs And Stories 572
Water From An Ancient Well 530
We Are Family 425
Welcome To The Afterfuture 874
Welcome To The Pleasuredome 516
We're Only In It For The Money 156
"Whatever" 709
Whatever People Say I am, That's What I'm Not 944
What's Going On 224–5
What's That Noise? 623
(What's The Story) Morning Glory? 770–1
When I Was Born For The 7th Time 811
White Blood Cells 892–3
White Ladder 825
White Light 250
White Light/White Heat 127
The White Room 672
Who Killed . . . The Zutons? 932
Who's Next 227
The Who Live At Leeds 209
The Who Sell Out 113
Wild Gift 478
Wild Is The Wind 98
The Wildest! 27
Wild Wood 705
Will The Circle Be Unbroken 267
Winter In America 327
Wish You Were Here 350
With The Beatles 59
A Wizard, A True Star 300
Wonderful Rainbow 917
Woodface 658
World Clique 636–7
The World Is A Ghetto 282

Y
Yank Crime 735
Yankee Hotel Foxtrot 899
The Yardbirds 98
The Yes Album 226
Yoshimi Battles The Pink Robots 907
You Are The Quarry 920
Young Americans 342
Younger Than Yesterday 118
"Your Arsenal" 682
You're Living All Over Me 564
Youth And Young Manhood 916
You've Come A Long Way, Baby 824
Ys 946

Z
Zombie 370

S H

- Fidel Castro se torna presidente de Cuba
- O Havaí passa a ser o 50º estado dos Estados Unidos
- Hitler é oficialmente declarado morto
- O primeiro satélite é lançado
- O bambolê é inventado

Anos 1950

Frank Sinatra | In The Wee Small Hours (1955)

Selo | Capitol
Produção | Voyle Gilmore
Projeto gráfico| Tommy Steele
Nacionalidade | EUA
Duração | 50:25

No início dos anos 50, Frank Sinatra estava acabado – incapaz de conseguir um contrato regular com uma casa noturna, quanto mais com uma gravadora. Seu salvador chegou bem a tempo. Alan Livingston, vice-presidente de A&R (*artist and repertoir*) da Capitol Records e fã de Sinatra, o contratou por sete anos em 14 de março de 1953, contrariando o conselho de seus colegas.

O Oscar que Sinatra recebeu, no mesmo ano, por *A Um Passo da Eternidade* comprovou a clarividência de Livingston. O prêmio também deu ao cantor uma segunda chance, que ele agarrou com unhas e dentes em *Songs For Young Lovers* e *Swing Easy*. Ambos são grandes discos, mas viraram um marco por terem apresentado Sinatra – inicialmente, contra sua vontade – a um jovem arranjador chamado Nelson Riddle.

In The Wee Small Hours foi lançado pouco depois de o romance entre Sinatra e Ava Gardner ter terminado, e esse rompimento talvez tenha tornado este o melhor álbum de todos os tempos sobre o tema da separação. O Sinatra do imaginário popular, aquele sujeito meio malandro, sempre com uma piada na ponta da língua, não aparece aqui – ele é um homem, apenas. Os vendedores de discos que costumavam colocar Sinatra na prateleira de *easy listening* certamente nunca o tinham ouvido cantar as confissões de bêbado de "Can't We Be Friends?", e muito menos suplicar como em "What Is This Thing Called Love", de Cole Porter. E "Mood Indigo", de Duke Ellington, nunca havia soado tão melancólica.

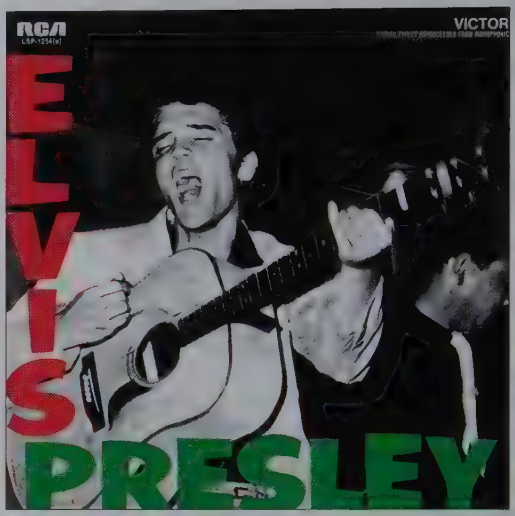
Riddle enquadra essa amargura toda em arranjos delicados naquele que hoje é considerado o primeiro disco em que a parceria realmente funcionou. Outros se seguiriam, embora num novo formato, exótico para a época. Inicialmente lançado em dois discos de 10 polegadas, *In The Wee Small Hours* foi logo depois reeditado em 12 polegadas, antecipando, sem querer, a era do LP. **WF-J**

Lista de músicas

	01	**In The Wee Small Hours Of The Morning** (Hilliard•Mann)	3:00
▶	02	**Mood Indigo** (Bigard•Ellington•Mills)	3:30
	03	**Glad To Be Unhappy** (Hart•Rodgers)	2:35
	04	**I Get Along Without You Very Well** (Carmichael)	3:42
	05	**Deep In A Dream** (De Lange•Van Heusen)	2:49
	06	**I See Your Face Before Me** (Dietz•Schwartz)	3:24
	07	**Can't We Be Friends?** (James•Swift)	2:48
	08	**When Your Lover Has Gone** (Swan)	3:10
▶	09	**What Is This Thing Called Love** (Porter)	2:35
	10	**Last Night When We Were Young** (Arlen•Harburg)	3:17
▶	11	**I'll Be Around** (Wilder)	2:59
	12	**Ill Wind** (Arlen•Koehler)	3:46
	13	**It Never Entered My Mind** (Hart•Rodgers)	2:42
	14	**Dancing On The Ceiling** (Hart•Rodgers)	2:57
	15	**I'll Never Be The Same** (Kahn•Malneck)	3:05
	16	**This Love Of Mine** (Parker•Sanicola•Sinatra)	3:33

Elvis Presley | Elvis Presley (1956)

Selo | RCA
Produção | Não consta
Projeto gráfico| William V. Robertson
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:42



Não é nenhuma jóia rara. De fato, quando tocado para os ouvidos do século 21, habituados à arte e à técnica da produção de um bom álbum, o primeiro LP de Elvis Presley mostra-se frustrante e inconsistente.

O repertório, montado a partir de várias sessões, é composto por sete faixas registradas no início de 1956 – às vésperas do lançamento do álbum, em 13 de março – e cinco que eram, virtualmente, sobras da Sun Records, de 1954 e 1955, gravadas antes do contrato de Elvis com a RCA. O vocal bem trabalhado de "I'll Never Let You Go (Little Girl)", uma das heranças da Sun, chega ao limite da autoparódia: naquela época, por ironia, Elvis não tinha uma imagem pública que pudesse ser imitada. Uma curiosidade é que, embora todo relançamento em CD inclua "Heartbreak Hotel" – a música que catapultou o garoto de 21 anos da celebridade local em Memphis à fama mundial em algumas semanas –, essa faixa não consta do disco original.

No entanto, o álbum tem magia, e muita; revoluções já aconteceram por menos do que isso. O gospel branco de "I'm Counting On You" e o ressoar nervoso de "I Got A Woman", de Ray Charles, formam uma seqüência forte logo no início; perto do fim, encontra-se a versão definitivamente solitária de "Blue Moon". Mas a faixa que se destaca é a impressionante "Trying To Get To You", que coloca Presley um patamar acima de um menino da roça, a caminho de virar uma estrela. É uma gravação inesquecível.

A capa é também inesquecível. A foto, creditada a William V. "Red" Robertson e tirada em 31 de julho de 1955, num show em Tampa, na Flórida, é uma das mais simbólicas do cantor. O The Clash concordou, subvertendo a imagem para a capa de *London's Calling*, de 1979. **WF-J**

"Cara, eu era um bobo comparado com as coisas que fazem agora."

Elvis Presley, 1972

Lista de músicas

01	**Blue Suede Shoes**	(Perkins)	2:00
▶ 02	**I'm Counting On You**	(Robertson)	2:25
▶ 03	**I Got A Woman**	(Charles)	2:25
04	**One-Sided Love Affair**	(Campbell)	2:11
05	**I Love You Because**	(Payne)	2:43
06	**Just Because**	(Robin•B. Shelton•J. Shelton)	2:34
07	**Tutti Frutti**	(LaBostrie•Penniman)	1:59
▶ 08	**Trying To Get To You**	(McCoy•Singleton)	2:31
09	**I'm Gonna Sit Right Down (And Cry Over You)**	(Biggs•Thomas)	2:01
10	**I'll Never Let You Go (Little Darlin')**	(Wakely)	2:24
▶ 11	**Blue Moon**	(Hart•Rodgers)	2:40
12	**Money Honey**	(Stone)	2:36

The Louvin Brothers | Tragic Songs Of Life (1956)

Selo | Capitol
Produção | Ken Nelson
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:58

Não é preciso ser maluco, assassino, bêbado, compulsivo, solitário, intratável ou melancólico para cantar música country... mas ajuda. Ira Louvin não era tudo isso, mas possuía algumas dessas características. Surgidos na década de 40, Charlie e Ira Louvin se encaixaram perfeitamente na tradição country da dupla de irmãos harmoniosos – seguindo os passos dos The Delmore Brothers e servindo de modelo aos The Everly Brothers. Este primeiro álbum dos Louvins é uma das pedras fundamentais do country. A voz de barítono de Charlie e o tenor alto de Ira dialogam e se fundem num estilo alegre e gracioso. É o melhor do bluegrass tirado do fundo do coração.

A capa mais conhecida do disco mostra Charlie e Ira superpostos à imagem de uma loura triste, segurando uma carta amassada, como numa fotonovela barata. Essa ilustração foi feita para lançamentos posteriores e romantiza a verdade. De fato, para Ira e Charlie, essas músicas sobre pecado e fraqueza, tragédia e tentação eram muito reais. Nada neles era intencional ou kitsch.

Porém, foi a tendência autodestrutiva de Ira que emprestou à dupla o viés cortante. Charlie era uma pessoa estável, mas o irmão bebia muito, era mulherengo e propenso a explosões violentas. Em 1963, Charlie se cansou disso e decidiu seguir carreira solo. Ira sobreviveu mais do que se supunha – mesmo tendo levado um tiro de sua terceira mulher, Faye –, mas, em 1965, acabou morrendo (ao lado da noiva) num acidente de carro no Missouri.

Alguns anos mais tarde, Gram Parsons fez renascer o interesse na música dos irmãos e, desde então, o mito dos Louvins continua a crescer. **RF**

"A palavra 'tolerante' se soletra: p-e-c-a-d-o."

The Louvin Brothers, 1952

Lista de músicas

▸	01	**Kentucky** (Davis)	2:39
	02	**I'll Be All Smiles Tonight** (Carter)	3:14
	03	**Let Her Go God Bless Her** (Trad.)	2:55
	04	**What Is Home Without Love** (Trad.)	3:00
	05	**A Tiny Broken Heart** (Hill•C. Louvin•I. Louvin)	2:34
	06	**In The Pines** (Riggs)	3:15
▸	07	**Alabama** (Hill•C. Louvin•I. Louvin)	2:43
▸	08	**Katie Dear** (Bolick)	2:34
	09	**My Brother's Will** (Nelson)	3:16
▸	10	**Knoxville Girl** (Trad.)	3:49
	11	**Take The News To Mother** (Callahan•Caloway)	2:48
	12	**Mary Of The Wild Moor** (Turner)	3:11

Louis Prima | The Wildest! (1956)

Selo | Capitol
Produção | Voyle Gilmore
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:00

Cantor e trompetista popular nos clubes nas décadas de 30 e 40, inicialmente em sua terra natal, Nova Orleans, depois em Nova York, Prima se viu sem trabalho em 1954. Acompanhado de sua nova mulher e companheira de palco, Keely Smith – ele, um desgastado homem de 43 anos; ela, em seus inocentes 22 –, ele conseguiu de favor umas apresentações no lounge do Sahara, em Las Vegas, e contratou o jovem saxofonista de Nova Orleans, Sam Butter, para liderar a banda. O sucesso foi imediato; essa brilhante meia hora, gravada ao vivo no estúdio em abril de 1956, foi a cereja no bolo.

Os apaixonados pelo jazz muitas vezes consideram Prima apenas uma imitação italianizada de Louis Armstrong, talvez pelos três sucessos de Satchmo aqui incluídos: "You Rascal You" e um medley unindo a contida "Basin Street Blues" e a anti-soporífera "When It's Sleepy Time Down South". Mas esta não é a questão: a música de Prima é simplesmente irreprimível e combina totalmente com sua alegria gloriosa na foto de capa. Ele está radiante, cheio de gás e irresistível, sacudindo a banda em "Oh Marie", com Smith num delicioso e bem amarrado contraponto. Butera e seus colegas, enquanto isso, envolvem os dois em um dos mais fervilhantes jump-jives já gravados. Esse som é constantemente imitado, como na versão de Brian Setzer de "Jump, Jive, An' Wail" para um comercial da GAP. Butera, que teve seus arranjos originais apropriados pelo anúncio, se queixou de ter ganho três pares de calças em troca do privilégio.

Prima morreu em 1978, mas o seu legado continua vivo através de sua filha Lena – que se apresentou recentemente no Sahara – e da dublagem "jive" do orangotango Rei Louie, do desenho *Mogli, O Menino Lobo*, seu último trabalho. Na verdade, Prima era o rei dos swingers. **WF-J**

"Já fiz discos de sucesso, mas não gostei de nenhum (...). Mas este é diferente."

Louis Prima, 2002

Lista de músicas

▸	01	**Medley: Just A Gigolo—I Ain't Got Nobody** (Brammier•Caesar•Casucci•Graham•Williams)	4:42
	02	**(Nothing's Too Good) For My Baby** (Budston•Falcon)	2:36
	03	**The Lip** (Klages•Knight)	2:15
	04	**Body And Soul** (Eyton•Green•Heyman•Sour)	3:22
▸	05	**Oh Marie** (Dicapua, arr. Prima)	2:25
	06	**Medley: Basin Street Blues — When It's Sleepy Time Down South** (L. Rene•O. Rene•Williams)	4:12
▸	07	**Jump, Jive, An' Wail** (Prima)	3:28
▸	08	**Buona Sera** (De Rose•Sigman)	2:58
	09	**Night Train** (Forrest)	2:46
	10	**(I'll Be Glad When You're Dead) You Rascal You** (Theard)	3:13

Fats Domino | This Is Fats (1956)

Selo | Imperial
Produção | Dave Bartholomew
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 27:11

Seis anos antes de Bill Haley gravar "Rock Around The Clock", o jovem Antoine "Fats" Domino, aos 21 anos, escreveu a canção-base do rock 'n' roll, "The Fat Man", em 1949. A partir do sucesso desse single de estréia, que vendeu um milhão de cópias, o vocalista e pianista nascido em Nova Orleans compôs mais hits do que qualquer outro da era do rock dos anos 50, à exceção de Elvis Presley, incluindo uma impressionante série de 39 singles que ocuparam os primeiros lugares das paradas, entre 1954 e 1962.

Ao vender algo em torno de 65 milhões de discos naquela década, Domino foi, sem dúvida, o responsável por fazer uma ponte entre o R&B e o rock – embora Little Richard possa disputar o título. O que está fora de discussão é a influência exercida por seu trabalho nos anos 50, que se espalhou por toda a música pop, atingindo de Pat Boone aos Beatles.

This Is Fats, o terceiro álbum do cantor pela Imperial, foi lançado no auge da carreira de Domino e tornou-se o mais poderoso retrato de sua genialidade, graças a maravilhas do boogie-woogie como "Blue Monday" e "Honey Chile" e a obras-primas da tristeza como "So Long" e "Poor, Poor Me".

A triunfante "Blueberry Hill", que abre o álbum, foi um sucesso de Glenn Miller em 1940, mas, apesar de seu charme e calor, a música acabou sendo surpreendentemente difícil de gravar. Ninguém conseguia achar a partitura e Domino esquecia o tempo inteiro a sua parte. Não foi possível completar sequer um take e o estúdio teve de emendar o material gravado. O resultado do esforço foi um single que chegou ao primeiro lugar das paradas de R&B nos Estados Unidos e ao segundo lugar nas de pop – a melhor colocação de Domino nessa categoria. **JiH**

"Minha maior ambição é obedecer aos Dez Mandamentos."

Fats Domino, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Blueberry Hill** (Lewis•Rose•Stock)	2:21
▶	02	**Honey Chile** (Bartholomew•Domino)	1:48
	03	**What's The Reason (I'm Not Pleasing You?)** (Grier•Hatch•Poe•Tomlin)	2:03
▶	04	**Blue Monday** (Bartholomew•Domino)	2:18
▶	05	**So Long** (Bartholomew•Domino)	2:13
	06	**La-La** (Bartholomew•Domino)	2:15
	07	**Troubles Of My Own** (Bartholomew•Domino)	2:15
	08	**You Done Me Wrong** (Domino)	2:05
	09	**Reelin' And Rockin'** (Domino•Young)	2:20
	10	**The Fat Man's Hop** (Domino•Young)	2:26
	11	**Poor, Poor Me** (Domino)	2:11
	12	**Trust In Me** (Domino•Jarrett)	2:50

Duke Ellington
Ellington At Newport 1956 (1956)

Selo | Columbia
Produção | George Avakian
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:00

Depois de um período de estagnação, quando as bandas de swing saíram de moda, a popularidade de Duke Ellington recrudesceu com sua apresentação no Festival de Jazz de Newport, em julho de 1956. É irônico que o disco lançado apressadamente pela Columbia para capitalizar o sucesso do show não tenha sido gravado realmente em Newport.

Quando souberam que a gravação no festival não havia ficado boa, os executivos da Columbia enviaram Ellington a um estúdio em Nova York para refazer a apresentação, na segunda-feira após o show. O álbum é, portanto, uma colcha de retalhos dos registros ao vivo e em estúdio, e de aplausos gravados. E se tornou o maior sucesso de vendas da carreira de Duke.

Um relançamento brilhante, em 1999, finalmente consertou as coisas. O disco original foi mantido, mas, graças a um complicado trabalho de pós-produção, utilizando os masters do álbum de 1956 e uma gravação de rádio há anos considerada perdida, o show completo foi recuperado e, por fim, é possível entender por que causou tanto impacto. As três partes da suíte do Festival de Jazz de Newport – algo tão novo que, segundo Ellington, "nem tivemos tempo de dar um nome à música" – apresentam os sons agudos típicos do trompete de Cat Anderson. Mas a fama do show e do álbum se deve ao blues efervescente de "Diminuendo And Crescendo In Blues" e, mais especificamente, aos inacreditáveis 27 refrões que o saxofonista Paul Gonsalves transformou em um dos solos mais celebrados da história do jazz. **WF-J**

Frank Sinatra
Songs For Swingin' Lovers! (1956)

Selo | Capitol
Produção | Voyle Gilmore
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:00

Em meados dos anos 50, Frank Sinatra estava de volta ao auge não apenas de seu talento, mas das paradas, desmentindo a máxima de F. Scott Fitzgerald: "Não existe uma segunda chance para os americanos." No final de 1955, novamente com Nelson Riddle, Sinatra planejou um disco com um sabor diferente.

O que surgiu dessas sessões, realizadas um mês depois de o cantor completar 40 anos, foi o oposto do trabalho anterior. Comparado com *The Wee Small Hours* e seu clima de bêbado-num-bar-às-duas-da-manhã, o eufórico *Songs For Swingin' Lovers!* parece um passeio numa tarde ensolarada de domingo, literalmente transbordando de *joie de vivre*. Sinatra está à vontade como nunca, ágil em "You Make Me Feel So Young", cantando "How About You?" como se estivesse pedindo alguém em casamento ou piscando o olho, daquele seu jeito, em "Makin' Whoopee". Mas nada disso teria valor sem a gloriosa orquestração de Riddle. Reza a lenda que seu insuperável arranjo para "I've Got You Under My Skin", terminado às pressas na noite anterior à gravação, foi espontaneamente aplaudido pelos músicos durante a sessão, em 12 de janeiro de 1956.

Este álbum talvez chegue perto de ser o grande songbook americano. No entanto, os estudiosos mais atentos da música pop podem reparar que há uma simetria nas 15 faixas que cravam os 45 minutos do disco. A arte de fazer canções de três minutos começa e termina ali. **WF-J**

The Crickets
The "Chirping" Crickets (1957)

Selo | Brunswick
Produção | Norman Petty
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 25:59

É surpreendente que este marco da história do rock dure menos de meia hora. Isso prova as virtudes da concisão – 12 grandes músicas, muitas familiares a qualquer museólogo do pop, e nenhuma que chegue perto dos mágicos três minutos de duração.

Buddy Holly formou a banda com um colega de escola, o baterista Jerry Allison. O misto de rockabilly, blues, R&B e uma profunda sensibilidade pop firmou os The Crickets na vanguarda do primeiro fluxo do rock 'n' roll. Este álbum de estréia (o único LP de Holly lançado em vida) inclui seus três primeiros clássicos, assim como duas músicas escritas em parceria com Roy Orbison. Muitos aspirantes a guitarrista se esforçaram para imitar a introdução de "That'll Be The Day" – o título, dado por Holly, é uma expressão usada por John Wayne no filme *Rastros de Ódio*, de 1956.

O talento pioneiro de Holly para cantar e compor influenciaria tremendamente outros artistas posteriores, como os Beatles e os Rolling Stones. Não há muitas músicas creditadas a Buddy Holly neste disco, porque, na realidade, ele assinava como Charles Hardin – seu nome verdadeiro era Charles Hardin Holley.

Há que se destacar também as versões de músicas de Chuck Willis e Lloyd Price. Acusações póstumas de que Holly seria racista são discutíveis. **JT**

Count Basie
The Atomic Mr. Basie (1957)

Selo | Roulette
Produção | Teddy Reig
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:30

Em 1957, os melhores dias do grupo de Bill Basie, formado em 1930, haviam ficado duas décadas para atrás; as mudanças nos gostos musicais o haviam forçado a desistir de sua big band por uns tempos, no início dos anos 50. Felizmente, foi a última vez que ficou sem uma banda. Tudo o que Basie precisava, ele descobriu, era de um pouco de sangue novo, que encontrou nas veias do jovem arranjador Neal Hefti. Apenas cinco anos depois de seu primeiro trabalho para o grupo, Hefti foi chamado para orquestrar todo o disco que Basie lançaria por seu novo selo, Roulette.

"Nunca me gabei de nada", escreveu Basie, sempre modesto, em sua autobiografia, "mas poderia ter me gabado dessa banda". Estava certo. Impulsionados pelo saxofonista Eddie "Lockjaw" Davis e um naipe estelar de trompetes liderados por Thad Jones, os 12 instrumentos de metal alternam fogo ("Whirly-Bird") e gelo ("After Supper") e dão um efeito efervescente às 11 músicas compostas por Hefti. Mas, como sempre acontece com Basie, o melhor do disco está na seção rítmica: o baixista Eddie Jones, o baterista Sonny Payne, o guitarrista Freddie Green e o próprio Basie no piano, com seu típico estilo econômico, levam o swing até músicas suaves como "Li'l Darlin'".

Foi o último disco genial de Basie. Em meados da década de 60, ele já havia se acomodado à confortável posição de um dos mais queridos da velha-guarda do jazz, papel que desempenharia até sua morte, em 1984. Hefti, enquanto isso, se livrou do jazz em prol de Hollywood, ficando famoso por suas trilhas sonoras para *Batman* e *Um Estranho Casal*. **WF-J**

Thelonious Monk | Brilliant Corners (1957)

Selo | Riverside
Produção | Orrin Keepnews
Projeto gráfico| Paul Bacon
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:08

Um dos mais reverenciados compositores do século 20, sem falar em sua influência universal como pianista, Thelonious Sphere Monk ocupava, porém, uma inexplicável posição marginal em 1957.

Depois de ter exercido um papel fundamental na criação do bebop no clube Minton, no Harlem, em meados da década de 40, e de ter contribuído com vários clássicos para o cânone do jazz, ele acabou afastado dos jazz clubs de Manhattan por conta de uma falsa condenação por porte de drogas, e sua gravadora perdeu o interesse em seu trabalho. Monk ficou, então, fora de cena durante os anos 50. Foi só quando Orrin Keepnews – a alma por trás do selo de indie jazz Riverside – o contratou que ele começou a ter o devido reconhecimento.

Keepnews reapresentou Monk ao público do jazz com duas sessões de trio, a primeira em cima da obra de Ellington e a segunda, de standards do pop. *Brilliant Corners* marcou seu retorno como um compositor de primeira ordem, acompanhado do quinteto formado pelo sax tenor de Sonny Rollins, o sax alto de Ernie Henry (que morreu cedo e tragicamente), o baixo de Oscar Pettiford e a bateria de Max Roach (o trompetista Clark Terry e o baixista Paul Chambres substituem Henry e Pettiford em "Bemsha"). A faixa-título, de cair o queixo, foi a responsável pela necessidade de troca de músicos – era tão difícil que, depois de 25 tentativas, não havia um único take completo.

A tensão é palpável na gravação, mesmo depois da edição feita por Keepnews, mas o resultado foi a primeira obra-prima dessa fase da carreira de Monk. Outros destaques são a suave melodia de "Pannonica", escrita para a amiga e patronesse de Monk, a baronesa "Nica" Koenigswarter, e sua versão solo de "I Surrender Dear". **AG**

"Não estava tentando fazer algo difícil de tocar. Apenas compus uma música que se encaixava no que eu estava pensando. Eu sabia que os músicos iam se esforçar, porque era realmente boa."

Thelonious Monk, 1965

Lista de músicas

▶	01	**Brilliant Corners** (Monk)	7:47
	02	**Ba-Lue Bolivar Ba-Lues-Are** (Monk)	13:21
▶	03	**Pannonica** (Monk)	8:52
	04	**I Surrender Dear** (Barris•Clifford)	5:27
	05	**Bemsha Swing** (Best•Monk)	7:41

Sabu | Palo Congo (1957)

Selo | Blue Note
Produção | Alfred Lion
Projeto gráfico| Reid Miles
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:52

Chano Pozo revelou a batida da conga afro-cubana ao jazz quando tocava na orquestra de Dizzy Gillespie, no final dos anos 40. Dessa forma, ele abriu a porta para talentosos percussionistas como Louis "Sabu" Martinez, que o substituiu na banda de Gillespie depois da morte de Pozo, em 1948.

Equipado com mãos e espírito poderosos, Sabu triunfou como músico de estúdio da Blue Note Records, trabalhando nos discos *Orgy In Rhythm* e *Holiday For Skins*, de Art Blakey, entre outros. Como músico principal em *Palo Congo*, ele deliciou o público com uma variedade de batidas, se valendo de sua herança espanhola, africana e indígena.

A gravação, coordenada pelo engenheiro de som Rudy Van Gelder, capta a fúria da rumba cubana e estilos afins. Martinez convidou uma banda que incluía a *tres* (uma guitarra cubana com três cordas duplas) do produtivo Arsenio Rodriguez, um pilar da salsa moderna, e Ray Romero, que havia tocado com Miguelito Valdes. Os músicos, na maioria oriundos da banda de Rodriguez, interagem com Sabu numa calorosa gravação analógica, sem distorções. Apesar de ser mono, é tão bem equilibrada que permite se ouvir individualmente a percussão, as vozes e o baixo acústico.

Sabu abre cantando "El Cumbanchero", de Rafael Fernandez, uma melodia contagiante. A genialidade de Arsenio permeia "Rhapsodia Del Maravilloso", na qual introduz variações de "El Manisero". Sua *tres* tem um quê de soul e funk.

O próprio Sabu faz solos potentes de percussão em *Palo Congo*, em meio a orações de santeria, num álbum que ilumina suas raízes como nova-iorquino residente no El Barrio, no Harlem espanhol. **JCV**

"Comecei tócando latas nos quintais. Então, quando eu tinha 11 anos, entrei para um trio e tocava na Rua 125 por 25 cents, a cada três noites."

Sabu Martinez, 1968

Lista de músicas

▶	01	**El Cumbanchero** (Hernandez)	5:38
▶	02	**Billumba-Palo Congo** (Martinez)	6:06
	03	**Choferito-Plena** (Rios)	4:02
	04	**Asabache** (Martinez)	4:22
	05	**Simba** (Martinez)	5:55
▶	06	**Rhapsodia Del Maravilloso** (Martinez)	4:39
	07	**Aggo Elegua** (Martinez)	4:28
▶	08	**Tribilin Cantore** (Martinez)	5:19

Miles Davis | Birth Of The Cool (1957)

Selo | Capitol
Produção | Pete Rugolo
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:56

Ano de 1949: saído de baixo das asas de Charlie "Bird" Parker e Dizzy Gillespie, Miles Davies, aos 24 anos, percebe que está perdendo tempo ao tentar replicar os vôos harmônicos vertiginosos de seus mentores de bebop. A solução: juntar um bom time de músicos de estúdio de Nova York e tentar reconstruir e desconstruir o vocabulário bebop num espaço novo de improvisação. E espaço, para Miles, é o lugar fundamental de criação nesta sua primeira sessão de jazz como líder de banda.

Entrelaçando os tons surdos de seu trompete com os arranjos orquestrais urbanos ao gosto de Gil Evans, Gerry Mulligan e John Lewis, Miles dá forma a um harmônico cool jazz, que bebe tanto da música clássica européia como do hot jazz do bebop ou do ragtime. Seu solo de trompa, sem vibrato, na música de abertura, "Move", abre o caminho para uma série de poemas em tom impressionista, uma resposta velada ao excesso de acordes do bebop. Mas é uma música cool com balanço: é só ouvir Miles interagindo com o leve sax alto de Lee Konitz em "Jeru".

O fotógrafo Aram Avakian capta com precisão o jogo entre a frieza controlada e o poder emocional concentrado na música de Miles na simbólica foto da capa do disco. Os críticos também identificaram a "quietude audaciosa" do álbum – o público, no entanto, não gostou. O estilo cool foi deixado de lado até sua ressurreição no revisionismo feito na Costa Oeste dos grupos de meados dos anos 50. E Miles? Ele levou sua música cool para o cinema, no filme *Ascensor Para O Cadafalso* (1957), de Louis Malle, apurando esse estilo até chegar à sua obra-prima *Kind Of Blue* (1959), numa carreira voltada para a colaboração musical e a renovação da linguagem. **MK**

"Sempre tive curiosidade de tentar coisas novas na música."

Miles Davis, 1962

Lista de músicas

▸	01	**Move** (Best)	2:33
▸	02	**Jeru** (Mulligan)	3:13
	03	**Moon Dreams** (MacGregor•Mercer)	3:19
▸	04	**Venus De Milo** (Mulligan)	3:13
▸	05	**Budo** (Davis•Powell)	2:34
	06	**Deception** (Davis)	2:49
	07	**God Child** (Wallington)	3:11
▸	08	**Boplicity** (Henry)	3:00
	09	**Rocker** (Mulligan)	3:06
	10	**Israel** (Carisi)	2:18
	11	**Rouge** (Lewis)	3:15
	12	**Darn That Dream** (DeLange•Van Heusen)	3:25

Machito | Kenya (1957)

Selo | Roulette Jazz
Produção | Ralph Seijo
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:46

Nos anos 40, Machito e a sua orquestra criaram uma onda de mambomania, misturando os ritmos afro-cubanos com o jazz americano. Frank Grillo, conhecido como Machito, cantava e tocava maracas, enquanto o diretor musical Mario Bauza coordenava o cruzamento entre o som das primeiras big bands e a estrutura musical cubana.

Bauza sonhava há muito tempo em fazer uma big band latina, que fundisse o fogo das tradicionais orquestras cubanas que ele ouvia em Havana, quando criança, com o balanço de Duke Ellington, que conheceu no Harlem (aos 19 anos, Bauza chegou ao Harlem e começou a tocar sax e trompete nas bandas de Chick Webb, Don Redman e Cab Calloway).

Este álbum, uma jóia pouco valorizada, traz audaciosas composições originais e arranjos de Bauza, René Hernandez, que toca piano no disco, Chano Pozo e AK Salim (um destacado compositor de jazz e arranjador). Os convidados especiais Cannonball Adderley, Doc Cheatham e Joe Newman acrescentam o seu talento como improvisadores em riffs elegantes ao longo de refrões curtos mas belos.

Na faixa de abertura, "Wild Jungle", fica claro por que os percussionistas eram tão excepcionais. José Mangual (bongô), Uba Nieto (címbalos), Candido Camero (conga) e Carlos "Patato" Valdes (conga) impulsionam as músicas. "Holiday" e "Blues À La Machito" fundem o blues e o swing, mostrando uma excepcional coesão e interação da orquestra. "Tin Tin Deo" é uma vibrante versão do clássico do jazz latino composto por Pozo.

A Machito Orchestra estabeleceu os marcos do que o jazz latino poderia ser. Seu disco mais fortemente inspirado nos ritmos africanos, *Kenya*, que é todo instrumental, atingiu o auge da musicalidade do grupo. **JCV**

"Quem tem ritmo tem tudo. Sem ritmo, não se tem nada."

Mario Bauza, 1992

Lista de músicas

▸	01	**Wild Jungle** (Bauza•Hernandez)	2:46
	02	**Congo Mulence** (Salim)	2:55
▸	03	**Kenya** (Bauza•Hernandez)	3:26
	04	**Oyeme** (Salim)	3:11
▸	05	**Holiday** (Bauza•Hernandez)	2:46
▸	06	**Cannonology** (Salim)	2:29
	07	**Frenzy** (Bauza•Hernandez)	2:40
▸	08	**Blues À La Machito** (Salim)	3:01
	09	**Conversation** (Bauza•Hernandez)	2:55
▸	10	**Tin Tin Deo** (Pozo)	2:55
▸	11	**Minor Rama** (Salim)	3:01
	12	**Tururato** (Salim)	3:10

Little Richard
Here's Little Richard (1957)

Selo | Specialty
Produção | Bumps Blackwell
Projeto gráfico| Thadd Roark
Nacionalidade | EUA
Duração | 27:31

"A-wop-bop-a-loo-bop-a-lop-bam-boom... tutti frutti, oh rootie!!" No verão de 1955, o rock 'n' roll explodiu em toda parte, e Fats Domino, Ray Charles, Chuck Berry e Bo Diddly emplacavam um sucesso atrás do outro nas paradas. Ansioso para surfar nessa onda, Art Rupe, da Specialty Records, pediu a seu caçador de talentos, Bumps Blackwell, que encontrasse um novo Ray Charles. Sabendo onde procurar, Bumps rumou para o Sul e, no lendário Dew Drop Inn, em Nova Orleans, achou um cantor e pianista de jump blues extravagante (e assumidamente gay) chamado Little Richard Penniman. Pouco tempo depois, já tinha convencido Richard a gravar no pequeno estúdio de Cosimo Matassa, o J&M Studio, onde fizeram história.

A palavra "transbordante" nem chega perto de descrever a energia irreverente, quase insana, gravada por Richard, Bumps, Cosimo e pelos músicos mais originais de Nova Orleans. "Tutti Frutti" começou a subir nas paradas no mês seguinte e foi seguida, em 1956, por "Long Tall Sally", "Slippin' And Slidin'", "Ready Teddy" e "Jenny Jenny". Essa série de músicas enlouquecedoras foi reunida em *Here's Little Richard*, que ainda apresenta uma foto inesquecível de Richard na capa, em ação.

Totalmente clássico, *Here's Little Richard* é seu LP mais vendido. Pode ser difícil achá-lo em vinil, mas as músicas aparecem em vários CDs – o nome Specialty é a garantia de que se trata das gravações originais e não de versões inferiores feitas por Richard para muitos outros selos. *Here's Little Richard* é a célula-tronco do rock 'n' roll – a partir deste álbum (e de meia dúzia de outros incluídos neste livro) foi que o gênero floresceu. **ML**

"Eu faria de tudo no palco."

Little Richard, década de 80

Lista de músicas

▸	01	**Tutti Frutti** (LaBostrie • Lubin • Penniman)	2:24
	02	**True Fine Mama** (Penniman)	2:41
	03	**Can't Believe You Wanna Leave** (Price)	2:23
▸	04	**Ready Teddy** (Blackwell • Marascalco)	2:07
	05	**Baby** (Penniman)	2:03
▸	06	**Slippin' And Slidin'** (Bocage • Collins)	2:38
▸	07	**Long Tall Sally** (Blackwell • Marascalco • Penniman)	2:07
	08	**Miss Ann** (Johnson • Penniman)	2:15
	09	**Oh Why?** (Scott)	2:06
▸	10	**Rip It Up** (Blackwell • Marascalco)	2:22
▸	11	**Jenny Jenny** (Johnson • Penniman)	2:00
	12	**She's Got It** (Marascalco • Penniman)	2:25

Tito Puente And His Orchestra
Dance Mania, vol. 1 (1958)

Selo | BMG
Produção | Não consta
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:41

Quando Tito Puente morreu, em 2000, aos 77 anos, era conhecido pelas gerações mais novas como o autor de "Oye Como Va", um clássico do rock/R&B regravado por Santana, e também por ter aparecido no episódio do final de temporada do desenho *Os Simpsons*. Mas, antes disso, o compositor, líder de banda e mestre dos címbalos, era o Rei do Mambo. E *Dance Mania*, seu disco mais vendido – e o primeiro que dedicou inteiramente à música para dançar –, mostra o porquê.

Puente já tinha estado à frente de uma big band por mais de uma década quando foi a Nova York para gravar *Dance Mania*. Os amantes do jazz conheciam há tempos a síntese dançante que esse porto-riquenho-americano fazia dos ritmos afro-cubanos, dos princípios do jazz e das tradições musicais de seus ancestrais. Agora, o resto do mundo estava começando a entender sua música.

Dance Mania também marcou a estréia do vocalista da banda de Puente, Santitod Colón, que, com sua voz sedutora, podia incendiar ou seduzir o público. "El Cayuco", a faixa de abertura, desliza pelas ruas dos subúrbios com um sincopado bem orquestrado, instigado pelo hipnótico trabalho de Puente nos címbalos e pelo toque destacado da trompa. Puente mostra seu talento de percussionista em várias outras faixas extraordinárias de estilos diversos: na instrumental "Hong Kong Mambo", ele toca marimba como gosta, enquanto na majestosa "Estoy Siempre Junto A Ti" enquadra toda a música em seu vibrafone fluido e, muitas vezes, contido. **YK**

Lista de músicas

▸	01	**El Cayuco (Son Montuno)** (Puente)	2:33
	02	**Complicación** (Aguabella)	3:18
▸	03	**3-D Mambo (Mambo Jazz Instrumental)** (Santos)	2:23
	04	**Llegó Miján (Son Montuno)** (Puente)	3:10
	05	**Cuando Te Vea (Guaguanco)** (Puente)	4:10
▸	06	**Hong Kong Mambo** (Puente)	3:42
	07	**Mambo Gozón** (Puente)	2:44
	08	**Mi Chiquita Quierre Bembé (Cha Cha Cha Bembé)** (Puente)	3:55
▸	09	**Varsity Drag (Mambo Jazz International)** (Brown•DeSylva•Henderson)	2:48
▸	10	**Estoy Siempre Junto A Ti (Bolero)** (Delgado)	3:10
	11	**Agua Limpia Todo (Guaguancó)** (Aguabella)	2:55
	12	**Sacu Tu Mujer (Guaracha)** (Puente)	3:02

Billie Holiday | Lady In Satin (1958)

Selo | Columbia
Produção | Irving Townsend
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:10

Será que *Lady In Satin* é apenas um retrato voyeurista de uma artista em declínio ou um pedaço visceral da alma exposta de uma das mais talentosas cantoras de jazz? Admitindo qualquer uma dessas hipóteses, o fato é que o vigor das gravações da "Lady Day" para a Verve, em 1930, já ia de longe sendo substituído pela amargura de uma cantora lutando contra o sério vício em heroína. Holiday estava agora mais para uma senhora de 70 anos do que para uma estrela de 40 tentando aos poucos retomar a carreira, e o arranjador Ray Ellis não estava, a princípio, nada satisfeito com sua voz cheia de falhas.

No entanto, ao desnudar standards como "You Don't Know What Love Is" e "Glad To Be Unhappy" até sobrar apenas a emoção, Holiday canaliza seu orgulho junkie para os blues mais sinceros já gravados. São canções-guia, diferentes de tudo que o jazz já havia cantado antes: o amor é pintado como loucura, desespero, resignação, com uma brutal honestidade. Não é surpresa que este seja o disco favorito de Holiday e tenha se tornado o testamento e o desejo final de um mito.

Os arranjos de cordas "acetinados" de Ellis parecem querer expor as cicatrizes da voz de Holiday, mas, na verdade, acentuam sua habilidade singular para colocar swing em qualquer acompanhamento, mesmo os mais cafonas. Quando ela estica as sílabas até um suspiro de reprovação em "I'm A Fool To Want You", é como se estivesse perdida nas suas próprias freqüências do blues. Há algo de fascinantemente terrível neste álbum, tão hipnótico e angustiante como assistir a um viciado se drogando. Mas sem *Lady In Satin* não existiriam, nas décadas seguintes, divas como Nina Simone ou Janis Joplin, dispostas a abrir seu coração sem concessões. **MK**

"Tenho que adaptar a melodia ao meu jeito de cantar."

Billie Holiday, 1939

Lista de músicas

▶	01	**I'm A Fool To Want You** (Herron•Sinatra•Wolf)	3:23
	02	**For Heaven's Sake** (Bretton•Edwards•Meyer)	3:26
▶	03	**You Don't Know What Love Is** (Depaul•Raye)	3:48
▶	04	**I Get Along Without You Very Well** (Carmichael)	2:59
	05	**For All We Know** (Coots•Lewis)	2:53
	06	**Violets For Your Furs** (Adair•Dennis)	3:24
▶	07	**You've Changed** (Carey•Fisher)	3:17
	08	**It's Easy To Remember** (Hart•Rodgers)	4:01
	09	**But Beautiful** (Burke•Van Heusen)	4:29
▶	10	**Glad To Be Unhappy** (Hart•Rodgers)	4:07
▶	11	**I'll Be Around** (Wilder)	3:23

Jack Elliott
Jack Takes The Floor (1958)

Selo | Topic
Produção | Bill Leader • Dick Swettenham
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:45

Este disco é uma faísca no motor da música moderna. *Jack Takes The Floor* (mais tarde relançado com o nome de *Muleskinner*) foi gravado sem formalidades na Topic Records, em Londres. Jack inicia cada música com introduções lentas e oblíquas, e só isso já vale o preço do disco. Sua técnica na guitarra era uma aula para os "cantores de folk" que arranhavam as cordas na época, mas também deixou marcas, mais adiante, na música popular em si.

O álbum junta um panteão de fontes então pouco conhecidas – como Jesse Fuller, Reverend Gary Davis, canções dos trabalhadores negros das fazendas e blues de penitenciária – e é incrivelmente afiado. A beleza crua e sem enfeites de "Dink's Song" e "Black Baby" continua arrepiante. "Mule Skinner's Blues" e "San Francisco Bay Blues" se tornaram a marca registrada do trabalho de Elliott.

Jack tocava com freqüência com Woodie Guthrie nos anos 50. Depois de se instalar em Nova York, em 1951, ele conheceu um rapaz no quarto de hospital de Guthrie que, mais tarde, anunciaria seu primeiro show na cidade em cartazes dizendo: "Filho de Jack Elliott – Bob Dylan." Em *Chronicles,* Dylan descreve a primeira vez que ouviu este disco: "Parecia que eu tinha sido jogado de repente no inferno... sua voz salta de todos os lados... e ele toca a guitarra sem esforço, num estilo limpo e perfeito..."

Paul McCartney, Mick Jagger e Keith Richards também reconheceram a influência de Jack. Uma pequena maravilha: este álbum continua tão atraente como em 1958. **SJar**

Sarah Vaughan
Sarah Vaughan At Mister Kelly's (1958)

Selo | EmArcy
Produção | Bob Shad
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:00

Sarah Vaughan já era uma das mais adoradas divas do jazz quando fez uma temporada de uma semana no Mister Kelly's, uma badalada casa noturna de Chicago, no verão de 1957. Ella Fitzgerald se embrenhava cada vez mais no swing e Billie Holiday mergulhava no lirismo, e nenhuma cantora de jazz se comparava a Vaughan em sua voz impecável e suntuosa sonoridade. Uma virtuose com total controle de diapasão, timbre e dinâmica, ela usava sua rica voz de contralto como uma trompa, embelezando as melodias com uma imaginativa estrutura de composição, típica dos melhores improvisadores instrumentais do jazz.

Conhecida como "Sassy" por sua irreverência, Vaughan foi uma peça-chave na criação do bebop, embora nem sempre receba esse crédito. Ela funcionava melhor quando acompanhada por poucos músicos e nunca cantou com um trio tão bom quanto o que levou para o Mister Kelly's, composto pelo subestimado pianista Jimmy Jones, o monstro do baixo Richard Davis e o moderno baterista de jazz Roy Haynes, que fazia um contraponto perfeito para Vaughan com suas entradas peculiares e luminosas.

O CD *Sarah Vaughan At Mister Kelly's*, lançado em 1991 pela EmArcy, justifica plenamente as reedições. Contém o dobro de músicas do original. Vaughan está inefável em "September In The Rain" e sensual em "Honeysuckle Rose". Quando esquece a letra em "How High The Moon", tem presença de espírito e oferece alguns improvisos em homenagem a Ella Fitzgerald. **AG**

Ella Fitzgerald
Sings The Gershwin Song Book (1959)

Selo | Verve
Produção | Norman Granz
Projeto gráfico | Bernard Buffet
Nacionalidade | EUA
Duração | 194:10

Em 1946, Norman Granz colocou Ella Fitzgerald, então com 28 anos, sob sua proteção, escalando a cantora para participar de uma série de shows organizada por ele só com estrelas do jazz, conhecida como *Jazz At The Philharmonic*. No entanto, a fama de Ella só se tornou incontestável quando Granz a contratou, pelo seu selo Verve, para fazer uma coleção de álbuns com a obra dos melhores compositores americanos – entre eles Richard Rodgers e Duke Ellington.

Se um pouco da malícia de Cole Porter se perdeu na interpretação de Ella Fitzgerald, e nem todas as músicas de Rodgers e Hart mereceram sua atenção, as melodias incomparáveis de Gershwin e o jeito à vontade de cantar da diva foram feitos um para o outro. A terna "Oh, Lady, Be Good!" é uma revelação, uma interpretação próxima às aulas de scat que Ella daria em seus shows durante anos; a lenta "Embraceable You" é, da mesma forma, envolvente. Mas é nas músicas rápidas que ela brilha. O swing que Ella emprestava, sem esforço, a tudo o que cantava encontra o seu melhor em "Clap Yo' Hands", "Bidin' My Time" e na deliciosa "'S Wonderful"; vale ouro o tempero que ela acrescenta à contraposição boba de salsaparilla/sasparella dos versos de Ira Gershwin em "Let's Call The Whole Thing Off". Riddle, no auge de sua criatividade depois de vários discos com Frank Sinatra, mostra-se inspirado. Este álbum é o melhor da coleção *Song Book* e apresenta a seleção definitiva da obra daquele que é, talvez, o compositor americano definitivo. **WF-J**

Ray Charles
The Genius Of Ray Charles (1959)

Selo | Atlantic
Produção | Nesuhi Ertegun
Projeto gráfico | Marvin Israel
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:58

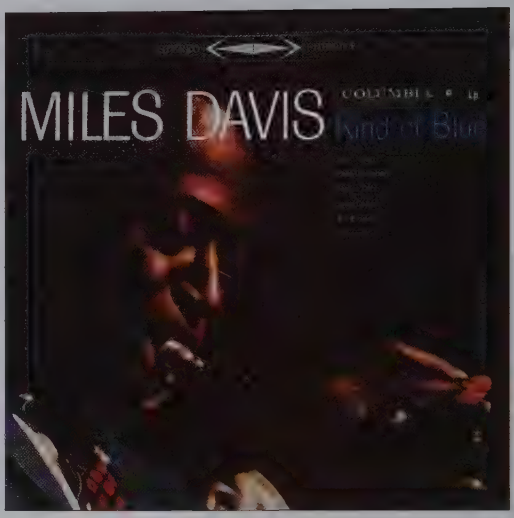
Durante os anos 50, Ray Charles não conseguia sentar ao piano sem inventar um novo estilo de música. Embora tenha se tornado conhecido do mainstream (ou melhor, dos brancos) com o sucesso comercial de "What'd I Say", Charles era um veterano do circuito de música negra dos EUA e havia desenvolvido ao longo do caminho uma fusão revolucionária de blues, jazz, R&B e gospel. Quando ele lançou o seu terceiro LP, a soul music já tinha as digitais desse monstro sagrado.

A classificação dos gêneros musicais parecia fútil, portanto, quando Charles entrou no estúdio, no final de 1959. Na essência, ele era um inventor dos sentidos. *The Genius...* começa com força, com uma apimentada série de seis músicas ao melhor estilo das big bands, da qual se destacam os metais elegantes e as linhas de baixo de "Let The Good Times Roll" e "Alexander's Rag Time Band". Com arranjos de Quincy Jones e acompanhamento de alguns dos integrantes das bandas de Count Basie e Duke Ellington, este disco tornou Charles responsável pela música mais bem elaborada da época.

No lado B, Charles pegou um rumo mais sedutor, com uma série de baladas ancoradas por um naipe de cordas deslumbrante e um coro de vozes de sereias. Seu domínio musical em clássicos como "Just For A Thrill" e "Come Rain Or Come Shine" era admirável para alguém ainda na casa dos 20 anos, e marcou tanto sua vontade como sua capacidade de transcender os gêneros sem esforço. **MO**

Miles Davis | Kind Of Blue (1959)

Selo | Columbia
Produção | Irving Townsend
Projeto gráfico| Jay Maisel
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:52



Às vezes, a badalação exagerada em cima de um álbum o sufoca. Adjetivos fáceis como "clássico", "inovador" ou "marcante" são atribuídos por aí com muita facilidade e, em meio a isso, pode-se perder o verdadeiro valor do material original. Ainda bem que *Kind Of Blue* não precisa dessa advertência – trata-se de um momento que definiu um gênero musical do século 20 e ponto final.

Davis tocava com o saxofonista John Coltrane desde 1955 e, nos anos seguintes, eles afiaram sua música até chegar a *Kind Of Blue*.

Gravadas no estúdio da Columbia, na 30th Street, em Nova York, as cinco faixas ocuparam duas sessões de nove horas, um tempo notável para uma banda que nunca tinha visto as partituras antes – um truque usado com freqüência por Davis para fazer os músicos se concentrarem mais em suas performances. Ele também acreditava em poucos ensaios e, assim, conseguia levar os instrumentistas a uma brilhante espontaneidade.

Desde a abertura em meio-tempo de "So What", o álbum apresenta um leque variado de estilos, como a espantosa "Blue In Green", com Wynton Kelly tocando piano suavemente para acompanhar os lamentos do trompete de Davis, e a languidez da espanholada "Flamenco Sketches". A banda estava tão afinada que foram necessários apenas seis takes para gravar as cinco faixas – apenas "Flamenco Sketches" precisou de uma nova rodada.

O álbum foi celebrado desde o lançamento. Mas nem Miles é infalível. Três faixas foram gravadas no tom errado (o que seria consertado mais tarde, nos relançamentos). Como se alguém tivesse notado. **SJac**

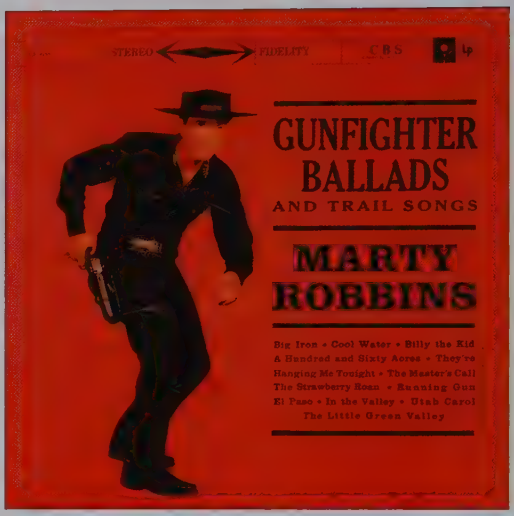
"Não ligo para o que os críticos falam de mim, seja bem ou mal. Eu sou o meu crítico mais exigente... sou vaidoso demais para tocar qualquer coisa que não considere boa."

Miles Davis, 1962

Lista de músicas

01	**So What** (Davis)	9:25
02	**Freddie Freeloader** (Davis)	9:49
03	**Blue In Green** (Davis)	5:37
04	**All Blues** (Davis)	11:35
05	**Flamenco Sketches** (Davis)	9:26

Marty Robbins
Gunfighter Ballads And Trail Songs (1959)

Selo | CBS
Produção | Don Law
Projeto gráfico| Howard Fritzson
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:53

Martin Robinson reclamou muitas vezes de sua infância infeliz. Uma coisa boa que ela lhe ensinou, porém, foi amar o Oeste americano. Robinson foi criado na empoeirada Glendale, no Arizona, e saía escondido do irmão, com quem trabalhava como tratador de cavalos, para ver os filmes de Gene Autry. Depois de vários sucessos comerciais durante os anos 50 (incluindo "Singing The Blues", que chegou ao primeiro lugar nas paradas ao mesmo tempo na voz de Robinson e na versão de Guy Mitchell), e rebatizado como Robbins, ele resgatou a influência do western para lançar este disco, que quebrou padrões e estabeleceu novas referências.

Gravado num único dia com uma banda pouco conhecida mas bem azeitada, *Gunfighter Ballads And Trail Songs* é uma homenagem ao Velho Oeste. Algumas faixas cantam histórias tradicionais, em particular "Billy The Kid" e "The Strawberry Roan". O que destaca este disco são as quatro músicas escritas por Robbins, cantadas daquele seu jeito suave e inconfundível. "Big Iron" é uma canção que evoca de forma maravilhosa o Oeste mitológico das telas de cinema, que foi apresentado a Robbins por seu avô, um patrulheiro do Texas, quando ainda era criança. "El Paso" é a história, contada na primeira pessoa, de como Robbins atirou num forasteiro numa disputa pelo amor de uma mexicana. Essa música ganhou o primeiro Grammy concedido a uma canção country; o LP serviu de modelo para um sem-número de álbuns country lançados depois.

Robbins continuou a fazer sucesso: nas paradas, claro, mas também como ator, apresentador de TV, escritor (lançou o livro *The Small Man*) e piloto de stock-car. **WF-J**

"Eu desprezo o trabalho honesto."

Marty Robbins, 1982

Lista de músicas

▶	01	**Big Iron** (Robbins)	4:03
	02	**Cool Water** (Nolan)	3:16
	03	**Billy The Kid** (Trad., arr. Robbins)	2:25
	04	**A Hundred And Sixty Acres** (Kapp)	1:47
	05	**They're Hanging Me Tonight** (Lowe•Wolpert)	3:11
▶	06	**The Strawberry Roan** (Trad.)	3:30
▶	07	**El Paso** (Robbins)	4:26
	08	**In The Valley** (Robbins)	1:53
	09	**The Master's Call** (Robbins)	3:13
	10	**Running Gun** (J. Glaser•T. Glaser)	2:17
	11	**The Little Green Valley** (Robinson)	2:32
	12	**Utah Carol** (Trad.)	3:18

The Dave Brubeck Quartet
Time Out (1959)

Selo | Columbia
Produção | Teo Macero
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:21

A última coisa que Dave Brubeck esperava quando entrou no estúdio, em 1959, com uma pilha de músicas mal-ajambradas era fazer sucesso. O pianista de óculos já tinha construído um invejável império de fãs com seus concertos pioneiros em universidades. Um experimentador cheio de vida, que nunca deixou a popularidade interferir em sua inspiração, Brubeck gravou um dos mais populares discos de jazz de todos os tempos com um material que não valia muito, para dizer o mínimo.

Na faixa "Take Five", concebida previamente no compasso 5/4, pouco apropriado ao swing, o pianista se mantém num improviso percussivo permanente, enquanto o sax alto de Paul Desmond navega em uma linha sinuosa. Muitas vezes, Brubeck não é a estrela do trabalho. Poucos se lembram que Desmond – que, com seu estilo seco, teve um papel importante no sucesso do quarteto – é o autor desse inesquecível hit. Da mesma forma, é fundamental a bateria segura de Joe Morello e a solidez do baixo de Eugene Wright, que transformaram um material difícil como "Blue Rondo À La Turk", no compasso 9/8, e "Three To Get Ready", que oscila entre 3/4 e 4/4, em uma matéria-prima fundamental do jazz. É bom lembrar que, nessa época, John Coltrane, Cecil Taylor e Ornette Coleman estavam abrindo os caminhos do free jazz.

Na lógica defensiva dos críticos de jazz, Brubeck muitas vezes foi considerado maldito, e perdeu ainda mais valor com o sucesso que *Time Out* fez entre o público em geral. Mas o álbum continua vendendo bem até hoje e, apesar de seu uso excessivo em anúncios, representa um feito fascinante. **AG**

"Espero pelo dia em que tiver gravado tudo o que compus, mas acho que esse dia não vai chegar."

Dave Brubeck, 2002

Lista de músicas

▸	01	**Blue Rondo À La Turk** (Brubeck)	6:44
	02	**Strange Meadow Lark** (Brubeck)	7:22
▸	03	**Take Five** (Desmond)	5:24
	04	**Three To Get Ready** (Brubeck)	5:24
	05	**Kathy's Waltz** (Brubeck)	4:48
	06	**Everybody's Jumpin'** (Brubeck)	4:23
	07	**Pick Up Sticks** (Brubeck)	4:16

AUTOSLIM
200-250 VOLTS AC
0·07 AMP 10 WATTS
SCHEDULE No 58200

- Neil Armstrong caminha na Lua
- A pílula anticoncepcional é posta à venda
- Yuri Gagarin é o primeiro homem no espaço
- Kennedy é assassinado
- Acontece a crise dos mísseis de Cuba

Anos 1960

Joan Baez | Joan Baez (1960)

Selo | Vanguard
Produção | Maynard Solomon
Projeto gráfico | Jules Halfant
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:07

Depois de tocar alguns anos em cafés nos arredores de Boston, Joan Baez teve sua grande chance em 1959, no Festival Folk de Newport, onde a moça bonita de voz angelical surpreendeu a multidão. Apesar da aparente ausência da postura ideológica pela qual ela se tornou conhecida mais tarde, a política já tinha importância no início de sua carreira – Baez optou pelo pequeno selo Vanguard, impressionada com a decisão da gravadora de lançar o material do grupo folk The Weavers, apesar de vários integrantes terem sido acusados de ser comunistas.

A atitude valeu a pena para ambos – seu álbum de estréia ainda é um dos LPs de cantoras folk mais vendidos de todos os tempos. Ela ganhou o primeiro de seus seis discos de ouro (um sucesso ainda mais significativo se for levado em consideração o fato de que era uma época em que os singles reinavam absolutos nas paradas). Joan Baez lançou 17 discos pela Vanguard e, embora se tornasse conhecida mais tarde como a "Rainha" da música folk, ao lado do "Rei" Bob Dylan (que já admirava seu trabalho antes), seu nome não havia sido associado ao compositor até ela lançar seu terceiro álbum, no qual, pela primeira vez, apresentou material contemporâneo.

Este álbum de estréia da cantora, aos 20 anos, consiste de músicas tradicionais, incluindo várias baladas da Inglaterra e dos Estados Unidos – com destaque para "Wildwood Flowers" e "House Of The Rising Sun", que serviram como vitrine para a voz vibrante e clara de Baez. Embora ainda não estivesse na linha de frente dos movimentos de protesto, a força, a coragem e a paixão da cantora já aparecem neste álbum inicial, que teve importante papel na revitalização da música folk para as novas gerações. **AH-N**

"Minha dedicação às (...) mudanças sociais (...) vai continuar até eu morrer."

Joan Baez, 1993

Lista de músicas

1	Silver Dagger	
2	Fare Thee Well (10,000 Miles)	
3	House Of The Rising Sun	
4	All My Trails	
5	Wildwood Flowers	
6	Donna Donna	
7	John Riley	
8	Rake And Rambling Boy	
9	Little Moses	
10	Mary Hamilton	
11	Henry Martin	
12	El Preson Numero Nueve	

Elvis Presley | Elvis Is Back! (1960)

Selo | RCA
Produção | Chet Atkins • Steve Sholes
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:54

Sem material novo de Elvis por quase dois anos, a RCA estava desesperada para gravar um disco do cantor assim que ele saísse do Exército. O empresário de Presley, o "coronel" Tom Parker, queria manter a gravadora em suspense para poder controlar as negociações, mas essa foi uma das raras ocasiões em que ele não conseguiu o que queria.

Apesar de levarem muito tempo para acertar as duas primeiras faixas que tentaram ("Make Me Know It" e "Soldier Boy"), eles conseguiram colocar nas lojas rapidamente um single com as músicas "Stuck On You" e "Fame and Fortune", que logo chegou ao topo das paradas de sucesso. E a banda começou a tocar como se os anos não tivessem passado.

As duas canções gravadas por último ajudaram a catapultar Elvis de volta às raízes, depois de longos 24 meses. "A Mess Of The Blues" e "It Feels So Right" são pulsantes e sexualmente provocantes – a música de alguém que quer recuperar o tempo perdido.

Duas semanas depois, o grupo se reuniu novamente para fazer oito faixas, por obrigação contratual, apenas para completar o LP. Mas, naquela noite, o Memphis Flash veio à tona, tão excitante e excitado como na época de suas primeiras sessões de gravação na Sun. Quanto mais tocavam, mais soltos e selvagens ficavam. Gravaram pop ("The Girl of My Best Friend"), tangenciaram a ópera ("It's Now Or Never"), tocaram fogo ("Fever" e "Are You Lonesome Tonight") e, por fim, liberaram a luxúria ("Such A Night", "Like A Baby" e "Reconsider Baby"). Doze faixas foram incluídas neste álbum. As outras músicas gravadas nessas sessões foram lançadas com grande êxito como singles. Nove anos se passariam até Elvis conseguir tamanha liberdade novamente. **DH**

"Não sei nada de música. No meu ramo, não é preciso."

Elvis Presley, c.1960

Lista de músicas

11	Make Me Know It	2:00
2	Fever	2:53
3	The Girl Of My Best Friend	2:05
4	I Will Be Home Again	2:44
5	Dirty, Dirty Feeling	1:54
6	The Thrill Of Your Love	2:11
7	Soldier Boy	2:05
8	Such A Night	2:30
9	It Feels So Right	2:11
10	Girl Next Door Went A'Walking	2:14
11	Like A Baby	2:43
12	Reconsider Baby (Fulsom)	3:40

Miriam Makeba | Miriam Makeba (1960)

Selo | RCA Victor
Produção | Harry Belafonte
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | África do Sul
Duração | 34:42

Tradicionais canções xhosa de casamento mescladas a etéreos ritmos de jazz africano, doces canções de ninar da Indonésia e contagiantes calipsos – uma miríade de estilos e influências causando um enorme impacto. Gravado um ano depois do sucesso internacional de *King Kong* (1959), que deu a muitos músicos negros sul-africanos a oportunidade de escapar do apartheid, o álbum de estréia de Makeba pinta um comovente retrato da artista no exílio.

Respaldado na calorosa recepção que ela teve quando se apresentou no Village Vanguard, em Nova York, *Miriam Makeba* apresenta a cantora de 28 anos confiante em sua entrada no palco mundial. Aos ouvidos ocidentais, muito da magia do álbum está nos timbres "exóticos" de seus "estalos" na língua xhosa em belezas afro-pop como "The Click Song" e na melodia alegre de "Mbube" (com a participação do The Chad Mitchell Trio). A revista *Time* logo se interessou por esse casamento de ritmos autênticos africanos com o pop ocidental, saudando Makeba como "o mais excitante talento de cantora que surgiu em muitos anos". Mas o álbum não conseguiu traduzir o aplauso da crítica em vendas e a gravadora desistiu de renovar seu contrato. Na verdade, poemas pop ("The Naughty Little Flea") e clássicos do folk ("House Of The Rising Sun") foram feitos sob medida para virar um sucesso sem fronteiras, mas baladas nativas como "Umhome" eram muito africanas para ser plenamente apreciadas pelo grande público.

Logo depois, trabalhos menos étnicos consagrariam Makeba como uma "Mama África", uma diva do continente. Mas é a música de uma imigrante sul-africana verbalizando a saudade da terra natal vista pelas lentes de uma exilada o que torna este álbum realmente emocionante. **MK**

"Minha vida tem sido um iô-iô."

Miriam Makeba, 2000

Lista de músicas

	01	**The Retreat Song** (Makeba)	2:34
	02	**Suliram** (Trad. Indonesian lullaby)	2:45
▶	03	**The Click Song** (Makeba • Kinuza • Majola • Mdedle • Mogosti)	2:09
▶	04	**Umhome** (Makeba)	1:16
	05	**Ollilli** (Silinga)	2:31
▶	06	**Lakutshn, Ilanga** (Dvashe • Glazer)	2:07
▶	07	**Mbube** (Linda)	3:17
▶	08	**The Naughty Little Flea** (Thomas)	3:45
	09	**Where Does It Lead** (Davis)	2:29
	10	**Nomeva** (Makeba)	2:37
▶	11	**House Of The Rising Sun** (Lopez)	1:57
	12	**Saduva** (Makeba)	2:30
	13	**One More Dance** (Carter)	2:40
	14	**Iya Guduza** (Makeba)	2:05

The Everly Brothers
A Date With The Everly Brothers (1960)

Selo | Warner Bros.
Produção | Don Everly
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 27:53

Eles atravessavam problemas com a gravadora, guardavam mágoas de agentes e empresários, tinham dificuldades no casamento, eram viciados em drogas e Elvis estava de volta para reclamar seu trono – mas os irmãos Everly responderam a esse desafio produzindo seu melhor trabalho, em 1960. Seu primeiro LP para o novo selo, *It's Everly Time,* foi gravado em duas semanas no mês de março e lançado em abril, entrando para os dez mais das paradas dos EUA e Inglaterra. Também gravaram duas músicas, "Cathy's Clown" e "Always It's You", lançadas em single. Quando dispararam para o primeiro lugar, os irmãos voltaram ao estúdio para fazer um segundo LP.

Seria razoável esperar que o baú já estivesse vazio, e as primeiras faixas gravadas, "Lucille" e "Baby What Do You Want Me To Do", parecem indicar que o material tinha se esgotado. Mas novas versões mostram que a harmonia dos Everly emprestava frescor às músicas mais batidas. E mais: os compositores favoritos deles, o casal Boudleaux e Felice Bryant, ofereceram aos irmãos apenas cinco canções, e Don e Phil, que pouco haviam contribuído para o álbum anterior, foram pressionados a pôr mãos à obra. Em duas semanas, eles tinham 12 músicas características dos Everly ("Love Hurts", "Made To Love", "Stick With Me Baby") que ficaram nas paradas durante meses. Se tivessem esperado até o final do ano, seria ainda melhor: já estariam prontas as faixas "Temptation", "Ebony Eyes" e "Walk Right Back". **DH**

Jimmy Smith
Back At The Chicken Shack (1960)

Selo | Blue Note
Produção | Alfred Lion
Projeto gráfico | Reid Miles
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:49

Sempre associado a igrejas, o órgão estava fora do circuito da música popular e era visto como um primo quadradão da autoharp e do acordeão. Então apareceu Jimmy Smith, que se dedicou ao instrumento a partir de 1954, quando a Hammond lançou o modelo B3, relativamente compacto.

Smith transformou a péssima imagem do órgão com sua emocionante síntese de bebop, blues e gospel, fazendo uma música arrebatadora. Ele criou um novo estilo – o soul jazz – e seus muitos discípulos formaram bandas em torno do Hammond B3.

Back At The Chicken Shack é, sem dúvida, o melhor álbum de Smith, com um balanço incansável, harmonicamente sofisticado e autêntico. Gravado em 25 de abril de 1960, o disco revelou o saxofonista Stanley Turrentine, mas também foram cruciais as contribuições da guitarra elegante e econômica de Kenny Burrell e da bateria irresistível de Donald Bailey.

Seja depurando um velho clássico como "When I Grow Too Old To Dream" até suas notas essenciais, seja num ritmo crescente como em "Minor Chant", o quarteto parece pronto para explodir. Quase tão impressionante como a música é a capa do álbum. Em vez dos trabalhos bem ao jeito taciturno da Blue Note feitos por Reid Miles, com sua característica sobriedade, *Back At The Chicken Shack* mostra uma divertida foto de Smith com uma camisa vermelha, sentado na frente de um galinheiro, tendo um cão galgo a seus pés. **AG**

Muddy Waters
Muddy Waters At Newport (1960)

Selo | Chess
Produção | Não consta
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:38

Muddy Waters passou boa parte dos anos 50 nas paradas de R&B, com hits como "Rollin' And Tumblin'" e "Louisiana Blues", mas foi apenas em 1960 que se tornou conhecido das grandes platéias brancas, a quem apresentou o blues ao vivo. Quando as vendas começaram a cair dramaticamente no final da década de 50, a Chess Records decidiu investir em seu maior talento e gravou a apresentação de Muddy no Festival de Jazz de Newport, em 1960.

Quando pisou no palco naquela tarde, Waters era tão desconhecido do público branco quanto seu estilo boogie rural de Chicago. O fervilhante refrão de "Hoochie Coochie Man" e o lamento sem enfeites de "Baby Please Don't Go" se inspiraram no trompete arrepiante de Dizzie Gillespie. Perto do final do show, a voz de barítono poderosa de Muddy, a harmônica sentida de James Cotton e o piano-de-bar de Otis Spann fizeram a garotada dançar pelos corredores em "Got My Mojo Working".

Se este álbum apenas representasse o momento em que o blues ao vivo foi convidado a entrar nos lares da classe média, deveria ser lembrado. Se fosse somente o disco que moldou o gosto de Jimmy Page e Eric Clapton pelo som urbano dos Estados Unidos, seria um marco. Mas, depois de 45 anos de vendas consistentes, *Muddy Waters At Newport* é, em sua essência, o testamento do magnetismo e do sentimento do melhor do blues em estado puro. **MO**

Bill Evans
Sunday At The Village Vanguard (1961)

Selo | Riverside
Produção | Orrin Keepnews
Projeto gráfico | Ken Deardoff
Nacionalidade | EUA
Duração | 68:09

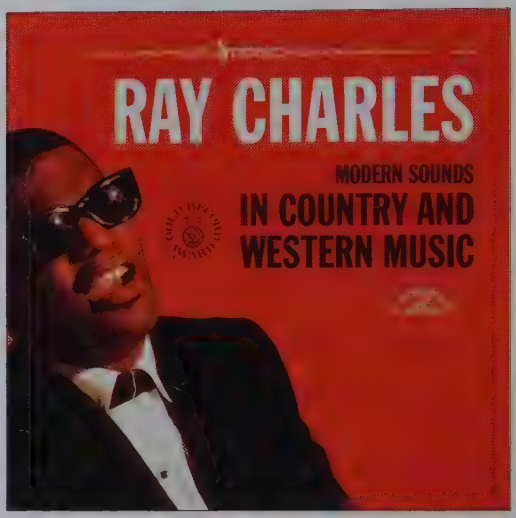
Um dos mais influentes pianistas dos anos 60 e 70, Bill Evans era uma força criativa do jazz que, no final da década de 50, dava sinais de ser um artista completo. Era um músico de um lirismo e de uma sofisticação impressionantes, que conseguia "arrancar" do piano notas únicas, metálicas como sinos, que atribuíam às suas longas e fluidas frases musicais a luminosidade de uma chama.

Ele havia causado grande impacto ao acompanhar George Russell, Lee Konitz, Jimmy Giuffre e Charles Mingus, tendo ainda contribuído significativamente para o estrondoso sucesso de Miles Davis, o álbum *Kind of Blues*. Evans deixou o grupo de Davis para montar sua própria banda, em 1959, e encontrou colaboradores perfeitos no virtuose baixista Scott LaFaro e no sensível baterista Paul Motian. Na época em que Evans decidiu gravar os concertos no Village Vanguard, em junho de 1961, o trio havia alcançado um nível de comunicação quase telepático. A proposta altamente interativa desenvolvida pelos músicos eliminava as fronteiras entre acompanhantes e solistas, introduzindo novas possibilidades para os pequenos grupos de jazz. Cada música pode ser ouvida inúmeras vezes, mas "Gloria's Step" continua surpreendente, enquanto a integração entre os instrumentos em "Alice In Wonderland" se situa entre os maiores feitos do jazz.

Evans morreu com apenas 51 anos, depois de décadas de luta contra as drogas. Mas, mesmo que este álbum fosse seu único legado, seu lugar no firmamento do jazz estaria garantido. **AG**

Ray Charles | Modern Sounds In Country And Western Music (1962)

Selo | ABC-Paramount
Produção | Sid Feller
Projeto gráfico | Flynn • Viceroy
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:51



Talvez seja difícil, nos dias de hoje, imaginar o choque que este disco deve ter causado em 1962: um cantor de R&B negro e de estilo rascante, cantando Hank Williams e Don Gibson, 18 meses antes de Martin Luther King ter seu sonho. Mas, se esse choque foi absorvido nas últimas quatro décadas, a qualidade de *Modern Sounds In Country And Western Music* permanece cristalina desde os primeiros e irresistíveis compassos de "Bye Bye Love", a música de abertura.

Nenhum disco antes de *Modern Sounds...* – e muito poucos, depois – misturou soul e sentimentalismo de forma tão eficiente. Note-se a maneira como a voz sofrida de Charles rebate o coro tradicional de "I Can't Stop Loving You", de Gibson, lançada com relutância em single. Charles fez o disco contra a vontade da gravadora, pois queria que o álbum fosse tratado como um trabalho coeso, mas o single acabou vendendo um milhão de cópias. A dor que transparece em sua voz é irrestrita na perene "Born To Lose", mas o bom de Charles é que ele não explora isso à exaustão. Quase sussurra o tempo inteiro em "I Love You So Much It Hurts", de Floyd Tillman, mas trata "Just A Little Lovin'", de Eddy Arnold, como um flerte casual, com uma afinadíssima seção rítmica acrescentando um certo atrevimento ao que era, na gravação de Arnold, pouco mais do que uma piscadela para alguém do outro lado da pista de dança.

Por todo o álbum, o arranjo de cordas de Marty Paich fica do lado certo da linha que separa o sentimental do piegas; há ainda a participação de big bands comandadas por Gil Fuller e, especialmente, Gerald Wilson. O LP ficou 14 semanas em primeiro lugar nas paradas dos Estados Unidos. **WF-J**

"...se eu tocar direito, devo ganhar mais (fãs) do que perder."

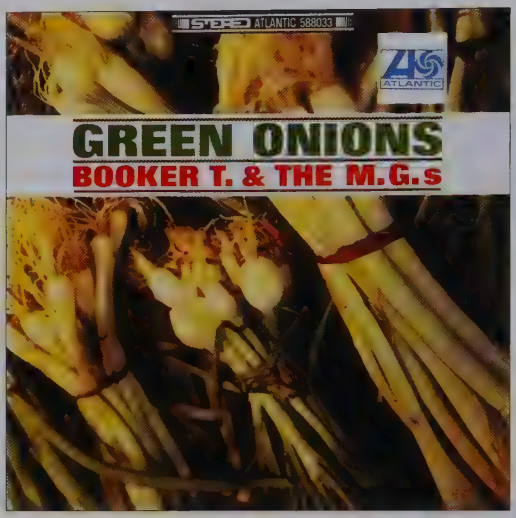
Ray Charles, 1962

Lista de músicas

▶	01	**Bye Bye Love** (B. Bryant • F. Bryant)	2:12
▶	02	**You Don't Know Me** (Arnold • Walker)	3:16
	03	**Half As Much** (Williams)	3:28
	04	**I Love You So Much It Hurts** (Tillman)	3:35
	05	**Just A Little Lovin'** (Arnold • Clements)	3:29
▶	06	**Born To Lose** (Brown • Daffan)	3:18
	07	**Worried Mind** (Daffan • Davis)	2:57
	08	**It Makes No Difference Now** (Davis • Tillman)	3:36
	09	**You Win Again** (Williams)	3:31
	10	**Careless Love** (Handy)	4:01
▶	11	**I Can't Stop Loving You** (Gibson)	4:14
	12	**Hey, Good Lookin'** (Williams)	2:14

Booker T. And The M.G.s | Green Onions (1962)

Selo | Stax
Produção | Jim Stewart
Projeto gráfico | Haig Adishian
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:55



Apenas algumas vezes nos primórdios do rock a música instrumental conseguiu furar a fila e chegar ao topo das paradas – "Honky Tonk", de Bill Doggett, em 1956, e "Tequilla", dos The Champs, em 1958, são exemplos disso. Em 1962 foi a vez de *Green Onions*, um insinuante álbum de blues à base de guitarra e órgão, que reinventou o organ jazz de Jimmy Smith para o mercado pop, incrementado por tensos trechos de guitarra. Booker T. And The M.G.s era a banda mais cheia de soul do mundo.

O álbum, que trazia na capa cebolas frescas, prontas para um guisado à moda do Sul dos EUA, incluía o hit que deu nome ao disco (uma jam de estúdio, gravada enquanto os músicos esperavam começar uma sessão), faixas como a lenta "Behave Yourself" e as versões de "I Got A Woman", de Ray Charles, e de "One Who Really Loves You", de Smokey Robinson. Outros destaques são as dinâmicas reinterpretações de músicas pop como "Stranger On The Shore" e "Rinky-Dink", ambas de Acker Bilk, e da jazzística "Comin' Home Baby". Com o passar do tempo, os músicos da Stax que acompanhavam Otis Redding e Carla Thomas ficaram famosos e finalmente se soube quem eram os misteriosos M.G.s: o organista Booker T. Jones, o guitarrista Steve Cropper, o baixista Duck Dunn e o baterista Al Jackson. Numa situação incomum para um selo de música negra, Cropper e Dunn eram brancos.

Em 1962, as faixas curtas e sem enfeites de *Green Onions* soavam muito cool, com as linhas melódicas da guitarra pungente de Cropper cortando os acordes açucarados de Booker. *Green Onions* é um álbum verdadeiramente seminal: o vigor ingênuo e a fusão rock-soul iriam inspirar The Allman Brothers, Lynyrd Skynyrd e toda uma geração do blues-rock do Sul. **ML**

"Muitos bateristas imitam Al Jackson."

Steve Cropper, 1994

Lista de músicas

▶	01	**Green Onions** (Cropper•Jackson•Jones•Steinberg)	2:45
	02	**Rinky-Dink** (Clowney•Winley)	2:39
	03	**I Got A Woman** (Charles•Richard)	3:32
	04	**Mo' Onions** (Jones•Cropper•Jackson•Steinberg)	2:50
	05	**Twist And Shout** (Medley•Russell)	2:09
▶	06	**Behave Yourself** (Jones•Cropper•Jackson•Steinberg)	3:45
	07	**Stranger On The Shore** (Bilk•Mellin)	2:18
▶	08	**Lonely Avenue** (Pomus)	3:25
	09	**One Who Really Loves You** (Robinson)	2:22
	10	**You Can't Sit Down** (Clark•Mann•Muldrow)	2:46
	11	**A Woman, A Lover, A Friend** (Wyche)	3:15
	12	**Comin' Home Baby** (Dorough•Tucker)	3:09

Stan Getz And Charlie Byrd | Jazz Samba (1962)

Selo | Verve
Produção | Creed Taylor
Projeto gráfico | Olga Albizu
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:08

Embora sempre receba o crédito por ter despertado a onda da bossa nova, não foi o *Jazz Samba* que apresentou o novo ritmo brasileiro ao resto do mundo. O filme *Orfeu Negro*, um sucesso de 1959 dirigido por Marcel Camus, já havia intrigado as platéias internacionais com sua impressionante trilha sonora, de Luiz Bonfá e Tom Jobim. Mas, quando o guitarrista Charlie Byrd voltou de uma viagem à América do Sul com fitas de músicas brasileiras e começou a distribuí-las entre os amigos, ele acendeu um pavio que explodiu suavemente com sua colaboração. O macio e luminoso sax tenor de Stan Getz mostrou fazer um par perfeito com as melodias graciosas e inefáveis da bossa nova e seu ritmo oscilante.

Gravado numa única sessão em uma igreja em Washington, DC, o álbum é uma maravilhosa mistura de swing e samba, com o sax de Getz emendando uma faixa na outra. Uma estrela do jazz do final dos anos 40, o saxofonista teve problemas com drogas e havia acabado de voltar para os Estados Unidos, depois de muitos anos na Europa, quando "Desafinado" virou um hit galopante. O sucesso do disco e as cada vez mais populares gravações de bossa nova de Getz com João e Astrud Gilberto transformaram o gênero brasileiro numa força comercial, numa época em que a energia inicial do rock' n' roll havia se dissipado em um pop descartável, e os Beatles ainda estavam plantando as sementes de sua música em Hamburgo.

A parceria entre Byrd e Getz terminou em maus termos logo depois, mas a música que produziram permanece como uma ilha de calma e beleza transcendental num universo pop que, muitas vezes, é regido pelo brilho do flash e pelas aparências. **AG**

"...toco agora apenas para levar música para as pessoas que querem ouvi-la. Para mim, isso é o fundamental."

Stan Getz, 1950

Lista de músicas

▶	01	**Desafinado** (Cavanaugh•Hendricks•Jobim•Mendonça)	5:49
	02	**Samba Dees Days** (Byrd)	3:33
	03	**O Pato** (Silva•Teixeira)	2:30
	04	**Samba Triste** (Blanco•Powell)	4:44
▶	05	**Samba De Uma Nota Só** (Jobim•Mendonça)	6:11
	06	**É Luxo Só** (Barroso•Peixoto)	3:41
▶	07	**Bahia** (Barroso)	6:40

Ray Price | Night Life (1962)

Selo | Koch
Produção | Frank Jones • Don Law
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:36

Ray Price estava numa encruzilhada. Em 1952, a convite de Hank Williams, o texano se mudou para Nashville para tocar em sua banda, onde logo construiu uma carreira de sucesso como um dos mais esforçados operários do honky tonk. Uma década depois, porém, o country começava a aprender a ganhar dinheiro. O som da Telecaster vigorosa de Buck Owens – feito sob medida para as rádios AM e fabricado não em Nashville, mas em Bakersfield, Califórnia – alertava o country sobre suas possibilidades comerciais. As mudanças estavam em curso.

O álbum abre com uma fala de Price, descrevendo o que viria a seguir como "músicas sobre felicidade, tristeza e separação". Há muito da última e pouco da primeira. Ninguém deve se iludir com a característica batida dançante de Price – *Night Life* é a resposta de Nashville a *In The Wee Small Hours,* de Sinatra.

A canção que dá título ao disco, escrita por Willie Nelson (que tocou na banda de Price por algum tempo até se desentenderem, ao que parece, porque Nelson atirou em um dos galos de Price), é uma das músicas country mais regravadas até hoje. Mas nada se compara ao vocal blues, implacável e desafiador, do original de Price. As 11 músicas seguintes mantêm os mesmos cenários: casas vazias, salões de bar mal iluminados, avenidas de sonhos desfeitos. Um naipe de cordas é usado em duas faixas, mas a peça-chave é a presença de Buddy Emmons: seu trabalho com o pedal-steel tanto dá o tom honky tonk da gravação como a encharca de melancolia.

Price trocou os ternos Nudie (com os ornamentos indígenas em homenagem a seu apelido, Cherokee Cowboy) por um estilo bem-arrumado e sem extravagâncias, e fez uma versão de "Danny Boy" que chegou aos primeiros lugares das paradas. Mas nunca mais lançou um disco tão bom como este arquétipo da tristeza na hora de fechar o bar. **WF-J**

"Se eu fosse um veterano de guerra, seria rico."
Ray Price, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Introduction And Theme/Night Life** (Breeland • Buskirk • Nelson)	5:45
	02	**Lonely Street** (Belew • Sowder • Stevenson)	2
▶	03	**The Wild Side Of Life** (Carter • Warren)	3:00
	04	**Sittin' And Thinkin'**	2:47
▶	05	**The Twenty-Fourth Hour**	2:54
	06	**A Girl In The Night** (Thompson)	2:49
▶	07	**Pride** (Stanton • Walker)	2:39
	08	**There's No Fool Like A Young Fool** (Thomasson)	2:59
	09	**If She Could See Me Now** (Cochran)	2:42
	10	**Bright Lights And Blonde Haired Women** (Kirk)	2:26
▶	11	**Are You Sure** (Emmons • Nelson)	2:24
	12	**Let Me Talk To You** (Davis • Dill)	2:5

The Beatles | With The Beatles (1963)

Selo | Parlophone
Produção | George Martin
Projeto gráfico | Robert Freeman
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 33:24

Primeiro álbum a vender um milhão de cópias na Grã-Bretanha, *With The Beatles* cimentou a posição inexpugnável dos Beatles no topo das paradas britânicas. Gravado em seis dias entre julho e outubro de 1963, este é um disco que captura a alma ardente de Liverpool de forma brilhante e sem deixar margem a dúvidas. Embora ainda fosse, fundamentalmente, uma seleção de números ao vivo e canções escritas às pressas, o álbum revelou a confiança depositada pela EMI em seu talento, já que nenhuma faixa foi lançada em single – o que era inédito, na época.

A influência da Motown, em particular, é percebida na escolha das versões. A harmonia de George Harrison e John Lennon em "You Really Got A Hold On Me", dos The Miracles, é, sem dúvida, a maior homenagem prestada pelo grupo, e a voz furiosa de Lennon em "Money", de Barrett Strong, é de tirar o fôlego. Das músicas compostas pelos Beatles, "Little Child" e "It Won't Be Long" marcam a linha frenética do primeiro álbum, enquanto "All My Loving" é o primeiro clássico de Paul McCartney. No entanto, um momento particularmente mais introspectivo rouba o disco: embora ausente das antologias dos Beatles, "All I've Got To Do" é uma de suas músicas mais intimistas – expondo Lennon em seu melhor estilo direto e cru.

A foto da capa, tirada por Robert Freeman no Bournemouth's Palace Court Hotel em agosto de 1963, é a mais simbólica do grupo e uma das imagens mais características dos anos 60.

With The Beatles teve uma recepção calorosa do público e permanece delicioso e vivo. Com a mesma capa e apenas oito faixas, o disco foi lançado nos Estados Unidos como *Meet The Beatles*, a estréia da banda no país. Os Beatles estavam a um passo de dominar o mundo. **DE**

"Até que a morte nos separe."
George Harrison, 1964

Lista de músicas

▶	01	**It Won't Be Long** (Lennon•McCartney)	2:11
▶	02	**All I've Got To Do** (Lennon•McCartney)	2:01
▶	03	**All My Loving** (Lennon•McCartney)	2:10
	04	**Don't Bother Me** (Harrison)	2:29
	05	**Little Child** (Lennon•McCartney)	1:45
	06	**Till There Was You** (Wilson)	2:14
▶	07	**Please Mister Postman** (Brianbert•Dobbin•Garman•Garrett)	2:34
	08	**Roll Over Beethoven** (Berry)	2:44
	09	**Hold Me Tight** (Lennon•McCartney)	2:29
▶	10	**You Really Got A Hold On Me** (Robinson)	3:00
	11	**I Wanna Be Your Man** (Lennon•McCartney)	1:56
	12	**Devil In Her Heart** (Drapkin)	2:25
	13	**Not A Second Time** (Lennon•McCartney)	2:05
▶	14	**Money** (Bradford•Gordy)	2:47

Bob Dylan | The Freewheelin' Bob Dylan (1963)

Selo | Columbia
Produção | John Hammond
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 50:04

Se a música folk foi o pilar da cultura popular americana nos anos 50 e 60, ninguém incorporou as tensões da época tão bem quanto Bob Dylan. E *The Freewheelin' Bob Dylan* foi particularmente responsável por firmar sua fama de cantor e compositor de técnica quase perfeita, dotado de uma visão poética focada no detalhe, na narrativa e no humor.

O álbum sublinha o compromisso de Dylan com as mudanças sociais (a capa mostra Dylan com sua namorada na época, Suze Rotolo, caminhando por Greenwich Village, onde atraiu atenções pela primeira vez como cantor folk). Uma trilogia de músicas do disco – "Blowin' In The Wind", "A Hard Rain's A-Gonna Fall" e "Masters Of War" – parecia englobar o desejo de mudança de toda uma geração. As três permanecem, em muitos aspectos, como as canções mais duradouras de Dylan, regravadas por artistas de todos os gêneros, incluindo o rap, o reggae e o country.

Como sempre, Dylan se desviou do caminho para desafiar as classificações musicais – estabelecendo esse padrão para o resto de sua carreira. Em músicas como "Don't Think Twice, It's All Right" e a sublime "Girl From The North Country", ele joga com a temática de amor trágico das baladas, o surrealismo e até mesmo a comédia. Nesse aspecto, no mínimo, *The Freewheelin'...* deve muito ao trabalho de uma pessoa que o inspirou no início: Woody Guthrie. Essas músicas igualmente ignoram a embalagem colorida da sociedade americana, preferindo se identificar com as massas oprimidas do campo. Dessa forma, o álbum pode ser visto como um manifesto.

Apesar de Dylan lamentar o rótulo de porta-voz de sua geração, *The Freewheelin'...* é uma rara evocação de uma época em seu país. **BW**

"Jamais quis ser um profeta ou salvador."

Bob Dylan, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Blowin' In The Wind** (Dylan)	2:48
	02	**Girl From The North Country** (Dylan)	3:22
▶	03	**Masters Of War** (Dylan)	4:34
	04	**Down The Highway** (Dylan)	3:27
	05	**Bob Dylan's Blues** (Dylan)	2:23
▶	06	**A Hard Rain's A-Gonna Fall** (Dylan)	6:55
▶	07	**Don't Think Twice, It's All Right** (Dylan)	3:40
	08	**Bob Dylan's Dream** (Dylan)	5:03
	09	**Oxford Town** (Dylan)	1:50
	10	**Talking World War III Blues** (Dylan)	6:28
	11	**Corrina Corrina** (Trad., arr. Dylan)	2:44
	12	**Honey, Just Allow Me One More Chance** (Dylan-Thomas)	2:01
▶	13	**I Shall Be Free** (Dylan)	4:49

Phil Spector
A Christmas Gift For You (1963)

Selo | Philles
Produção | Phil Spector
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:11

Phil Spector é, sem dúvida, o mais conhecido produtor de discos da era do rock, no mínimo, porque é mais famoso do que a maioria dos grupos com quem trabalhou. Artisticamente, este álbum audacioso de músicas de Natal foi seu maior feito mas, comercialmente, acabou sendo um desastre – o presidente John F. Kennedy foi assassinado um dia depois de o disco ser lançado, em novembro de 1963. Spector recolheu o álbum imediatamente, como prova de respeito.

The Ronettes, Bob B. Soxx and The Blue Jeans, The Crystals e Darlene Love trabalharam neste projeto, que, pelo que se comenta, havia sido planejado especialmente para garantir a Spector o primeiro lugar na parada de Natal, criada em 1963.

Boa parte do material do álbum permitiu a Spector utilizar sua celebrada técnica *wall of sound* para transformar músicas antigas e conhecidas como "Rudolph", "Frosty" e "Sleigh Ride" em clássicos contemporâneos. Mas ele também tinha composto uma nova canção, "Christmas (Baby Please Come Home)", com seus colaboradores habituais, Jeff Barry e Ellie Greenwich, entregue a Darlene Love depois de uma tentativa fracassada das Ronettes de gravá-la. A faixa final é um solilóquio de Spector desejando Feliz Natal enquanto os artistas, juntos, cantam "Silent Night" ao fundo.

Relançado várias vezes por outros selos, este álbum continua sendo para muita gente a melhor coleção de músicas de Natal já reunida. O curioso é que foi gravado durante um mês de agosto sufocante em Los Angeles. **JT**

Sam Cooke
Live At The Harlem Square Club (1963)

Selo | RCA
Produção | Não consta
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:65

Confinado a uma melosa civilidade em suas gravações em estúdio direcionadas para o pop, Sam Cooke se reinventou no palco para se transformar em um cantor puro de R&B, exalando sensualidade. *Live At The Harlem Square Club* ilustra essa transfiguração drástica de forma mais clara do que qualquer outro disco de Cooke – um exorcismo que desenhou uma linha definitiva entre o sagrado e o profano em sua carreira de raízes gospel.

Em 1963, Cooke era um ídolo negro, uma verdadeira fábrica de sucessos, dono do selo e editora SAR (com um acordo que assegurava a ele total controle artístico), com outro disco seu ao vivo – *Live At The Copa* – na lista dos 30 mais das paradas. Gravado num clube operário em um gueto de Miami, *Live At The Harlem Square Club* é considerado um de seus melhores álbuns ao vivo, sem discussões – o irônico é que levou 22 anos para ser lançado.

Este documento póstumo, com sua alegria radiante, não tem igual na obra de Cooke. Apoiado pela pulsação firme e afiada de uma banda que incluía o saxofonista King Curtis e o guitarrista Cliff White, Cooke, livre como nunca, canta versões suadas e extrovertidas de jóias como "Feel It", "Chain Gang", "Twistin' The Night Away" e "Bring It On Home To Me", a maioria selecionada de seu repertório recente.

Ao longo do disco, Cooke se apresenta como um showman triunfante, transbordando autoconfiança, numa performance tórrida e provocante. **JG**

Charles Mingus
The Black Saint And The Sinner Lady (1963)

Selo | Impulse!
Produção | Bob Thiele
Projeto gráfico | Hollis King
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:25

A começar pelo texto de introdução, escrito pelo psicólogo de Charles Mingus, este não é um típico álbum de modern jazz. É claro que nada sobre esse virtuose do baixo e compositor pode ser descrito como típico, mas, numa discografia repleta de obras-primas e de quase obras-primas, este disco é considerado seu trabalho mais poderoso.

Desde os primeiros acordes de "Solo Dancer", escorada pela tuba áspera de Don Butterfield, a música se anuncia como um psicodrama em ebulição. O sax alto de Charlie Mariano chega a incríveis picos de lirismo e intensidade, enquanto o rugir do trombone de Quentin Jackson, ecoado pelos trompetistas Rolf Ericson e Richard Williams, é de uma beleza atordoante. Há também momentos calmos, nos quais a influência flamenca da guitarra de Jay Berliner se envolve num ágil *pas de deux* com o piano imprevisível de Jaki Byard. O extraordinário baterista Dannie Richmond, que tocou durante 20 anos com Mingus, é o responsável por manter a unidade da música e conduzi-la adiante.

Embora claramente inspirado na paleta orquestral de Ellington, Mingus se aventura em zonas mais explosivas do que Duke. O que é particularmente notável em *The Black Saint And The Sinner Lady* é o fato de ter sido gravado apenas três meses depois do maior desastre público de Mingus, o caótico concerto no Town Hall – o baixista não deixou que o fracasso o paralisasse. **AG**

James Brown
Live At The Apollo (1963)

Selo | King
Produção | James Brown
Projeto gráfico | Dan Quest
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:33

Seu apelido, "o cara que mais trabalha no show business", caía tão bem nele quanto a famosa roupa colante que usava no palco. Os primeiros hits de James Brown tinham sido alavancados por um regime incessante de shows: em 1962, ele fazia uma média de 300 espetáculos por ano. A entusiasmada resposta da platéia às suas apresentações fez com que ele levasse ao dono do selo, Syd Nathan, a idéia de lançar um disco ao vivo. Quando Syd recusou a proposta, Brown seguiu em frente sozinho, gastando US$ 55.700 do seu próprio bolso para gravar uma sessão no Apollo Theater, no Harlem, em outubro de 1962. Nathan acabou lançando o disco, com relutância – e Brown recuperou o investimento e ainda ganhou mais dinheiro.

Não há gordura no disco. Brown e o diretor musical Lewis Hamlin ensaiaram a banda até chegar a uma imaculada e feroz precisão; quase não há espaço para o naipe de oito metais tomar fôlego. O grupo detona quatro sucessos num piscar de olhos antes de baixar o tom no gospel da extraordinária "Lost Someone". Quando o show parece se aproximar de um clímax explosivo, Brown embala num medley de nove hits e deixa o palco, voltando para a agitadíssima "Night Train". A platéia responde aos gritos. Ninguém entende por que Nathan achou melhor usar aplausos gravados no disco original.

Live At The Apollo foi um fenômeno, chegando ao segundo lugar na parada da Billboard. Dois anos depois, Brown lançou o funk e começou a acumular a maior coleção de apelidos do mundo da música. **WF-J**

Stan Getz And João Gilberto | Getz/Gilberto (1963)

Selo | Verve
Produção | Creed Taylor
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Brasil • EUA
Duração | 34:02

A paixão dos Estados Unidos pela música latina não era nova – ao longo do século 20, o tango, o chachachá, a rumba e o mambo tinham sido a trilha sonora de muitos bailes e jazz clubs do país. Nascido na Filadélfia e criado na Costa Oeste, o saxofonista Stan Getz gravou *Jazz Samba*, em 1962, como uma variação exótica de seu hard bop lírico, depurando os ritmos agitados do samba brasileiro até chegar a uma batida simples e sinuosa que se tornou conhecida como bossa nova.

Getz e Byrd se encontraram, involuntariamente, no topo de uma enorme onda internacional, quando a versão deles de "Desafinado", de Tom Jobim, vendeu milhões de cópias. Ao contrário, porém, do que aconteceu com os que correram atrás desse bonde mais tarde, Getz não foi descartado como ilegítimo pelos brasileiros, mas reconhecido por pioneiros da bossa nova como Baden Powell e o próprio Jobim.

Stan Getz era o único gringo em *Getz/Gilberto*, acompanhado ao piano por Jobim (que tinha também tocado violão com Getz) e na bateria pelo brasileiro Milton Banana. Mas a verdadeira estrela era o violonista e cantor João Gilberto, o irritadiço purista da bossa nova que, com seu vocal monótono e hesitante e suaves batidas de violão, havia criado o gênero.

Reza a lenda que o produtor queria que parte de "The Girl From Ipanema" fosse cantada em inglês. João não falava a língua e sua jovem mulher Astrud se ofereceu para cantar um take. Seu vocal infantil e ofegante se tornou uma das performances definitivas do século 20 e as duas faixas em que ela canta – incluindo uma leitura da letra de Gene Lees para "Corcovado" – estão entre os vários destaques deste álbum. Um relançamento, em 1990, incluiu a versão em 45 rpm das duas músicas. **JLe**

"O Stan toca como se estivesse tentando conquistar todas as mulheres da Praia de Ipanema."

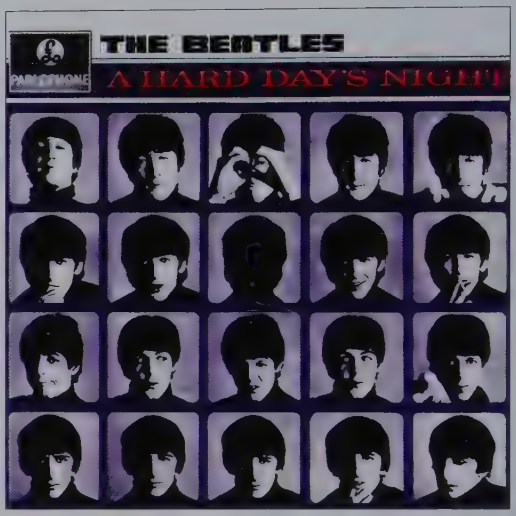
Charlie Byrd, 1964

Lista de músicas

01	The Girl From Ipanema (Vinicius • Gimbel • Jobim)	5:24
02	**Doralice** (Almeida • Caymmi)	2:46
03	**Para Machucar Meu Coração (To Hurt My Heart)** (Barroso)	5:05
04	**Desafinado** (Jobim • Mendonça)	4:15
05	**Corcovado (Quiet Nights Of Quiet Stars)** (Vinicius • Jobim • Lees)	4:16
06	**Só Danço Samba (I Only Dance Samba)** (Vinicius • Jobim)	3:45
07	**O Grande Amor** (Vinicius • Jobim)	5:27
08	**Vivo Sonhando (Dreamer)** (Jobim)	3:04

The Beatles | A Hard Day's Night (1964)

Selo | Parlophone
Produção | George Martin
Projeto gráfico | Robert Freeman
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 29:47



Para a maioria dos mortais, ter dois álbuns nos primeiros lugares das paradas de sucesso seria o auge da carreira, mas, para os Beatles, isso era apenas um aperitivo. Algumas semanas depois de *Meet The Beatles* e *Second Album* terem se sucedido como tops nos EUA, *A Hard Day's Night* liderava a lista.

A diferença? Pela primeira vez num disco dos Beatles, todas as faixas eram composições deles próprios. Embora creditadas a Lennon/McCartney, as músicas eram, na verdade, de Lennon, à exceção de três. Mas "And I Love Her", "Can't Buy Me Love" e "Things We Said Today", de McCartney, provam que qualidade não depende de quantidade (não por acaso, a jogada de gravar apenas canções originais era uma invenção de Buddy Holly, a quem Paul adorava). O álbum, porém, foi decepado para o lançamento nos EUA: "Anytime At All", "Things We Said Today", "When I Get Home", "You Can't Do That" e "I'll Be Back" foram substituídas por versões instrumentais, com arranjos de George Martin.

Desde o inconfundível toque da Rickenbacker de 12 cordas de Harrison na abertura da faixa-título, o álbum é uma lição de como tocar guitarra de forma simples, mas superlativa. Consciente dos deslizes cinematográficos cometidos por seu ídolo Elvis, Lennon insistiu para que o filme *Os Reis do Iê-iê-iê* tivesse qualidade e fosse mais do que "uma obra pop de merda" e o álbum seguiu exatamente o mesmo padrão.

É verdade que há alegres músicas descartáveis como "I'm Happy Just To Dance With You" ou "Tell Me Why", mas o disco se equilibra com maravilhas como "And I Love Her" e "If I Fell". Enquanto isso, o rock de "A Hard Day's Night" e "Anytime At All" teve um impacto eletrizante em futuros heróis da guitarra como a banda The Byrds (e, no devido tempo, Tom Petty, um filhote dos Byrds) – e continuará fundamental enquanto existirem jovens arranhando o instrumento. **BM**

"Escapamos!"

Ringo Starr, em *Os Reis do Iê-iê-iê*, 1964

Lista de músicas

▶	01	**A Hard Day's Night** (Lennon•McCartney)	2:28
	02	**I Should Have Known Better** (Lennon•McCartney)	2:42
	03	**If I Fell** (Lennon•McCartney)	2:16
	04	**I'm Happy Just To Dance With You** (Lennon•McCartney)	1:59
▶	05	**And I Love Her** (Lennon•McCartney)	2:27
	06	**Tell Me Why** (Lennon•McCartney)	2:04
▶	07	**Can't Buy Me Love** (Lennon•McCartney)	2:15
	08	**Anytime At All** (Lennon•McCartney)	2:10
	09	**I'll Cry Instead** (Lennon•McCartney)	1:44
	10	**Things We Said Today** (Lennon•McCartney)	2:35
	11	**When I Get Home** (Lennon•McCartney)	2:14
	12	**You Can't Do That** (Lennon•McCartney)	2:33
	13	**I'll Be Back** (Lennon•McCartney)	2:30

Jacques Brel | Olympia 64 (1964)

Selo | Barclay
Produção | Jean-Marie Guérin
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Bélgica
Duração | 47:56

O segundo álbum de Brel, de 1964, foi também o segundo do artista a ser gravado na famosa sala de concertos parisiense, equivalente ao que o Carnegie Hall ou o Royal Albert Hall eram em seus respectivos países: o sujeito não era ninguém até ter se apresentado ali. Em 16 e 17 de outubro, Brel chegou lá – pelo menos para os franceses e belgas, ele era dono do mundo. Embora não parecesse, a chanson francesa ainda estava tentando ganhar admiradores entre os resistentes americanos e ingleses (Bob Dylan certa vez descreveu Charles Aznavour como um dos melhores cantores que já tinha visto).

Lançado pouco depois do LP *Les Bonbons*, gravado em estúdio em 1964, *Olympia 64* contém "Amsterdam", "Mathilde" e "Tango Funèbre", e ressuscita "Au Suivant", todas, mais tarde, regravadas por Scott Walker. Também estão incluídas "Les Bonbons", "Les Vieux", "Les Toros" e "Les Bigotes", de seu álbum anterior, mas essa repetição apenas mostra a diferença entre o Brel ao vivo e o de estúdio. No Olympia, ele mora nas canções, vive as histórias, se entregando desde o início, representando as músicas. Não há intervalo entre o drama, a sátira e a paixão. Ele morre muitas e muitas vezes ao longo de 48 minutos; o resto se passa em quartos de doentes, bordéis e bares. Em "Les Toros", ele se transforma em um touro à beira da morte encarando seus torturadores, relacionando essa imagem com Waterloo, a batalha de Verdun e com as guerras contemporâneas em antigas colônias francesas.

O álbum, lançado com o nome de *Music For The Millions* nos Estados Unidos e na Inglaterra, é a razão pela qual um cantor belga ainda é um dos maiores mitos de todos os tempos. **DH**

"Vou morrer amando."

Jacques Brel, 1966

Lista de músicas

▶	01	**Amsterdam** (Brel)	3:20
	02	**Les Timides** (Brel)	3:41
	03	**Le Dernier Repas** (Brel)	3:34
	04	**Les Jardins Du Casino** (Brel•Jouannest)	3:29
	05	**Les Vieux** (Brel•Corti•Jouannest)	4:10
	06	**Les Toros** (Brel•Corti•Jouannest)	2:38
▶	07	**Tango Funèbre** (Brel•Jouannest)	3:04
	08	**Le Plat Pays** (Brel)	3:12
	09	**Les Bonbons** (Brel)	3:08
▶	10	**Mathilde** (Brel•Jouannest)	2:29
	11	**Les Bigotes** (Brel)	2:43
▶	12	**Les Bourgeois** (Brel•Corti)	2:52
	13	**Jef** (Brel)	3:27
▶	14	**Au Suivant** (Brel)	2:55
	15	**Madeleine** (Brel•Corti•Jouannest)	3:14

Solomon Burke | Rock 'n' Soul (1964)

Selo | Atlantic
Produção | Bert Berns
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:06

De todas as grandes músicas que Solomon Burke gravou para a Atlantic entre 1962 e 1968, nenhuma explicita de maneira tão categórica o talento sublime do autoproclamado "Rei do Rock 'n' Soul" como as que compõem *Rock 'n' Soul*, o terceiro álbum desse artista da Filadélfia para o selo.

Antes de seguir a carreira musical, Burke trabalhou como agente funerário, foi, durante algum tempo, evangelista na TV e teve 21 filhos, mas, em *Rock 'n' Soul*, ele encarna o papel de amante com uma sensual perfeição. Em "If You Need Me", uma canção cheia de desejo composta por Wilson Pickett, Burke solta uma voz gloriosamente áspera. É uma aula de respiração, na qual utiliza todas as nuances de seu vocal surpreendente.

"Cry To Me" – mais tarde regravada pelos Rolling Stones, fãs confessos de Solomon – é uma volta aos tempos de criança de Burke, quando ele pregava nas igrejas, para apresentar um sermão devoto e apaixonado. "Just Out Of Reach", porém, justapõe os sussurros aveludados de Burke a um swing que mistura western e country. É um estilo que não se parece com nada que ele fez para a gravadora nos anos 60, uma década na qual, na opinião de Burke, a Atlantic era "o melhor selo de rhythm and blues do mundo".

Embora as gravações originais tenham sido oficialmente apagadas, versões repaginadas de *Rock 'n' Soul* aparecem ao longo do álbum lançado por Burke em 1963, *If You Need Me*. A masterização e o projeto gráfico desses dois discos deixam algo a desejar, mas, juntos, explicitam o período fértil de criatividade vivido por Burke nos anos 60 – embora o filé mignon seja mesmo o brilhante *Rock 'n' Soul*. **JJ**

"Quando você grava uma música, ela se torna uma parte de sua vida."

Solomon Burke, 2002

Lista de músicas

	01	**Goodbye Baby (Baby Goodbye)** (Farrell•Russell)	3:16
▶	02	**Cry To Me** (Russell)	2:27
	03	**Won't You Give Him (One More Chance)** (Martin•Scott)	2:31
▶	04	**If You Need Me** (Bateman•Pickett•Sanders)	2:29
	05	**Hard Ain't It Hard** (Trad., arr. Guthrie)	2:45
	06	**Can't Nobody Love You** (Mitchell)	2:30
	07	**Just Out Of Reach** (Stewart)	2:46
	08	**You're Good For Me** (Covay•Ott)	2:45
	09	**You Can't Love Them All** (Leiber•Nugetre•Russell•Stoller)	2:40
	10	**Someone To Love Me** (Burke)	2:59
▶	11	**Beautiful Brown Eyes** (Burke•Russell)	3:42
▶	12	**He'll Have To Go** (A. Allison•J. Allison)	3:16

Dusty Springfield | A Girl Called Dusty (1964)

Selo | Philips
Produção| John Franz
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 28:37

Desde o começo, Dusty Springfield era uma espécie de esquizofrênica musical. Seus muitos sucessos eram, na maioria, um pop de patricinha ("I Only Want To Be With You", seu primeiro hit na Inglaterra, foi também a primeira música tocada no programa de TV *Top Of The Pops*), mas a moça estava mais interessada nos ritmos soul da Motown, Atlantic e Scepter – este último, o selo que lançou 40 sucessos de Dionne Warwick e 25 das Shirelles.

O delicioso *A Girl Called Dusty* – o primeiro LP de Dusty e, talvez, o melhor – tinha uma versão da Motown (o primeiro hit das Supremes a entrar na lista dos 30 Mais dos Estados Unidos), uma das Shirelles e duas de Warwick, assim como um material menos conhecido, como "Do Re Mi", de Lee Dorsey, ou o hino feminista "You Don't Own Me", de Lesley Gore.

É significativo que uma artista branca, naquele tempo, tenha regravado essas músicas com o mesmo calor e espírito agudo dos originais, o que ajudou Dusty a se tornar uma das melhores cantoras de soul da Inglaterra (seu respeito pelo R&B e o soul se estendeu a outras áreas – ela foi deportada da África do Sul naquele mesmo ano por tocar para uma platéia sem segregação).

Poucas cantoras conseguiam transmitir a dor de amar de forma tão convincente como Dusty Springfield. Mesmo neste álbum de estréia ela já merecia ser chamada de uma cantora de primeira, como em "Anyone Who Had A Heart" e na melancólica "My Colouring Book" – um território musical que ela exploraria profundamente, mais tarde, em *tours de force* como sua versão de "If You Go Away", de Jacques Brel.

E tudo isso vindo de uma menina educada num convento. **JT**

"Eu era uma completa, genuína e detestável idiota."

Dusty Springfield, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Mama Said** (Denson•Dixon)	2:05
	02	**You Don't Own Me** (Madora•White)	2:26
	03	**Do Re Mi** (King)	2:20
	04	**When The Lovelight Starts Shining Thru His Eyes** (Dozier•B. Holland•E. Holland)	2:53
▶	05	**My Colouring Book** (Ebb•Kander)	3:01
	06	**Mockingbird** (C. Foxx•I. Foxx)	2:33
▶	07	**Twenty Four Hours From Tulsa** (David•Bacharach)	3:01
	08	**Nothing** (Augustus•Elgin•Lewis)	2:07
	09	**Anyone Who Had A Heart** (Bacharach•David)	2:52
	10	**Will You Love Me Tomorrow?** (Goffin•King)	2:40
▶	11	**Wishin' And Hopin'** (Bacharach•David)	2:53
	12	**Don't You Know** (Charles)	2:39

The Rolling Stones
The Rolling Stones (1964)

Selo | Decca
Produção | Andrew Loog Oldham
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 32:59

Mesmo depois de 40 anos, o álbum *The Rolling Stones* continua sendo um marco tão fundamental na história musical como John ter encontrado Paul ou o Nirvana ter desbancado Michael Jackson do primeiro lugar das paradas. Jagger, Richard (como era conhecido então) e companhia não eram estreantes em estúdio quando começaram a gravar seu primeiro álbum, em janeiro de 1964. Eles já tinham cravado hits em 1963, como "Come On", de Chuck Berry, e "I Wanna Be Your Man", de McCartney.

Os Stones não eram, porém, compositores seguros. As tentativas iniciais não agradaram a Jagger e Richard, e eles preferiram deixar que Marianne Faithfull e Gene Pitney terminassem a tarefa. Das composições originais do álbum, "Now I've Got A Witness" e "Little By Little" (assinadas sob o pseudônimo coletivo de Nanker Phelge) são inspiradas, respectivamente, em "Can I Get A Witness", de Marvin Gaye, e "Shame, Shame, Shame", de Jimmy Reed, enquanto "Tell Me (You're Coming Back)" é quase um pastiche de Merseybeat.

Mas apoiar-se em versões não havia feito mal algum a Elvis ou Sinatra, e os Stones estabeleceram um padrão confiável: pegar um blues e tocá-lo mais forte, mais rápido e de maneira mais assustadora.

Lançado quando os Beatles estouraram, o disco arrasou. Nos Estados Unidos, a London Records pôs a frase "A nova fábrica de sucessos da Inglaterra" na capa, que, na Grã-Bretanha, não tinha qualquer outra informação além da logomarca da gravadora. A London também substituiu "I Need You Baby (Mona)", de Bo Diddley, pelo hit "Not Fade Away", de Buddy Holly.

The Rolling Stones não tem um material tão bom como o que o grupo lançaria nos anos seguintes – ou mesmo meses depois. Mas sua arrogante vulgaridade provocou um abalo sísmico no pop polido de então – e continua a repercutir até hoje. **BM**

"Não me arrependo de nada."

Keith Richards, 1980

Lista de músicas

01	**Route 66**	(Troup)	2:21
02	**I Just Want To Make Love To You**	(Dixon)	2:18
03	**Honest I Do**	(Reed)	2:10
04	**I Need You Baby (Mona)**	(McDaniel)	3:35
05	**Now I've Got A Witness (Like Uncle Phil And Uncle Gene)**	(Phelge)	2:32
06	**Little By Little**	(Phelge • Spector)	2:40
07	**I'm A King Bee**	(Moore)	2:37
08	**Carol**	(Berry)	2:34
09	**Tell Me (You're Coming Back)**	(Jagger • Richard)	4:05
10	**Can I Get A Witness**	(Dozier • B. Holland • E. Holland)	2:56
11	**You Can Make It If You Try**	(Jarrett)	2:02
12	**Walking The Dog**	(Thomas)	3:09

Buck Owens And His Buckaroos
I've Got A Tiger By The Tail (1965)

Selo | Capitol
Produção | Ken Nelson
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:19

A música country surgiu antes da Segunda Guerra Mundial, como um híbrido de estilos do Sul dos Estados Unidos. Mas, durante os anos 50 e 60, alguns músicos da Costa Oeste fizeram de Bakersfield, na Califórnia, o centro de um novo movimento country – um som movido a eletricidade e influenciado pelo rock e pelo que ainda era conhecido como hillbilly.

Um dos mais brilhantes luminares do movimento de Bakersfield era Buck Owens, filho de um meeiro do Texas. Em 1951, quando tinha 22 anos, ele se mudou para Bakersfield e começou a aprimorar sua música em bandas de honky tonk, que às vezes tinham como principal componente a guitarra de Don Rich. O guitarrista se popularizou tocando uma Telecaster, o vibrante instrumento da Fender que se tornou padrão na música country.

Owens estava emplacando uma série de primeiros lugares nas paradas, em 1965, quando ele e sua banda, os Buckaroos, lançaram *I've Got A Tiger By The Tail*. Produzido por Ken Nelson, um executivo da Capitol que capitaneou o movimento de Bakersfield, o álbum é típico do estilo de Owens, com sua batida rockabilly, sua tristonha voz de tenor e os sons agudos da guitarra de Rich. O legendário compositor de Nashville, Harlan Howard, colaborou com Owens na alegre faixa-título, uma das canções de maior apelo no disco, e em "Cryin' Time", que Ray Charles tornaria famosa.

Em 1968, Owens começou a apresentar o programa de TV *Hee Haw!*, o que desgastou sua credibilidade musical. Mas, nos anos 80, Dwight Yoakam, responsável pelo revival da música de Bakersfield, fez com Owens uma nova versão de "Streets Of Bakersfield". **KB**

"Eu venho de gente da terra."

Buck Owens, 1995

Lista de músicas

▶	01	**I've Got A Tiger By The Tail** (Howard•B.Owens)	2:12
	02	**Trouble And Me** (Howard)	1:54
	03	**Let The Sad Times Roll On** (B.Owens•Simpson)	2:14
▶	04	**Wham Bam** (B.Owens•B.Owens•Rich)	2:01
▶	05	**If You Fall Out Of Love With Me** (B.Owens•B.Owens)	2:15
	06	**Fallin' For You** (B.Owens•B.Owens•Rich)	2:01
	07	**We're Gonna Let The Good Times Roll** (B.Owens)	2:15
▶	08	**The Band Keeps Playin' On** (Simpson)	3:02
	09	**The Streets Of Laredo** (Howard•B.Owens)	2:55
▶	10	**Cryin' Time** (B.Owens)	2:30
	11	**A Maiden's Prayer** (Wills)	2:33
	12	**Memphis** (Berry)	2:27

Jerry Lee Lewis
Live At The Star Club, Hamburg (1965)

Selo | Philips
Produção | Siegfried E. Loch
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:48

Muita gente teria dificuldade em citar quatro músicas famosas do Killer, mas quase todo mundo conhece a história que afundou sua turnê de 1958 pela Inglaterra. Felizmente, o casamento com sua prima Myra, de 13 anos, não acabou com Jerry Lee – apenas o fez submergir, e, longe dos olhos do público, ele pôde gravar o álbum ao vivo mais selvagem do rock 'n' roll.

Quando chegou ao Star Club em abril de 1964, Lewis havia acabado de fazer um tour pela Inglaterra com um grupo de Liverpool, The Nashville Teens, que tinha um contrato com o clube de Hamburgo. O americano, então, se juntou a eles numa noite. Pode-se sentir os anos de isolamento se esvaindo do veterano de 30 anos de idade no segundo em que ele se atira em "Mean Woman Blues". O fato é que o banquinho do piano jazia aos pedaços no final da primeira música. Contagens de tempo? Finais sincronizados? Nada disso. A banda mal consegue acompanhar Lewis nos primeiros 20 minutos, que incluem "Mean Woman Blues", "High School Confidential" e a versão talvez definitiva de "What I'd Say", na qual qualquer referência a uma sensualidade gospel foi substituída por pura luxúria. A parte final do show – "Hound Dog", "Long Tall Sally" e "Whole Lotta Shakin'" – é totalmente anárquica.

Pesado demais? Este álbum é o que o rock sempre quis ser: mais rápido, mais endemoniado e de tirar o fôlego mais do que qualquer outra coisa no mundo antes da chegada dos Ramones. **DH**

The Sonics
Here Are The Sonics (1965)

Selo | Etiquette
Produção | Kent Morrill • John Ormsby
Projeto gráfico | John Vlahovich
Nacionalidade | EUA
Duração | 29:20

"Os Sonics não eram grandes músicos", afirmou Buck Ormsby, que contratou a banda para o selo Etiquette Records, "mas tinham alguma coisa mágica". Em seu álbum de estréia, os cinco rapazes de Tacoma, Washington, conseguiram depurar quase tudo o que estava acontecendo na música da época – da "invasão britânica" encabeçada pelos Kinks ao rock 'n' roll de Little Richard – com uma energia furiosa e selvagem que antecedeu o punk em mais de 10 anos.

O conceito de "banda de garagem" não era exatamente novo antes dos Sonics. Mas estava claro, a partir do seu single de estréia, "The Witch", que o grupo ia abalar as estruturas. O baterista Bob Bennett se lembra dos engenheiros de som aflitos com a gravação: "Um deles disse: 'Isso nem parece bateria', e o outro respondeu: 'O que é que eu vou fazer? Olha esse cara!'"

Tendo "The Witch" como o single mais vendido no Noroeste americano, a banda gravou o LP no Audio Cuts, em Seattle. As músicas foram gravadas ao vivo, o que é fácil de perceber – basta ouvir o ratatá da bateria de Bennett e os gritos horripilantes do líder Jerry Roslie em faixas maravilhosas como a poderosa "Psycho". Não é de surpreender que o nome do grupo tenha sido inspirado na fábrica local da Boeing.

Embora nunca tenham feito grande sucesso em todo o território americano, os Sonics emplacaram uma série de hits em sua região, influenciando uma legião de bandas e contaminando para sempre o rock 'n' roll. **SH**

Bob Dylan
Bringing It All Back Home (1965)

Selo | Columbia
Produção | Tom Wilson
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 47:21

Em 1965, Bob Dylan ganhou o mundo pop com tamanha velocidade que nem os Beatles conseguiam acompanhá-lo. Enquanto os ingleses pediam "Help!", Dylan dedilhava "Mr. Tambourine Man". Foi preciso que ele sofresse um acidente de motocicleta, em 1966, seguido de uma longa convalescença, para que os outros chegassem perto.

Embalada numa capa cheia de significados para aqueles que desejam, um dia, se dedicar à Dylanologia, a música é uma viagem mental. O lado A, a metade elétrica, explode em folk: "Outlaw Blues" e "On The Road Again" são turbulentos blues de 12 compassos; "Subterranean Homesick Blues" é uma cadeia de pensamentos *nonsense* baseada em "Too Much Monkey Business", de Chuck Berry; "She Belongs To Me" e "Love Minus Zero/No Limits" são suaves canções de amor. O outro lado do LP deveria ter agradado aos puristas, mas mesmo Dylan sozinho com o violão era demais para eles àquela altura: o que "Mr. Tambourine Man" ou "Gates of Eden" tinham a ver com a dignidade dos trabalhadores? O que queriam dizer?

Dylan, claro, nem olhou para trás. Não podia: as palavras jorravam rápido demais. Ele gravaria mais adiante dois álbuns ainda melhores, mas neste se pode sentir a excitação de um mundo virado de cabeça para baixo, de um mito descobrindo seu talento e prazerosamente dando o melhor de si. **DH**

Otis Redding
Otis Blue: Otis Redding Sings Soul (1965)

Selo | Stax
Produção | Jim Stewart
Projeto gráfico | Haig Adishian
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:54

O mundo da música tem despejado por aí muitas fraudes e artistas medíocres, e muitos deles prosperaram num grau muito acima de seu talento, o que torna ainda mais trágico o fato de Otis Redding ter vivido tão pouco. Menos de três anos depois deste disco revolucionário, o avião que levava o doce Otis caiu no Lago Monona, Wisconsin, em 10 de dezembro de 1967.

Como filho de pastor, o gospel estava em seu sangue, mas *Otis Blue* abrange ainda o soul, o R&B e o pop. Gravado no legendário estúdio da Stax em Memphis, com um time de músicos que incluía os clássicos M.G.s, o álbum é uma delícia – todos os arranjos foram masterizados por Redding.

As faixas misturam músicas originais e versões – duas do mentor de Redding, Sam Cooke –, mas a intensidade emocional com que são apresentadas deve-se apenas a Otis. "Respect" mostra Redding muito seguro de si, enquanto "Down The Valley" é ao mesmo tempo original e suculenta. Há uma versão de "Satisfaction", dos Stones – o que é irônico, talvez, já que o grupo estava levando o soul negro de volta aos Estados Unidos –, que deixa o vocal de Jagger no chinelo.

O álbum colocou Redding a caminho da fama mundial, e ele chegaria ao auge no Festival de Monterey, em 1967, onde empolgou uma platéia predominantemente branca com números como "Try a Little Tenderness", encerrando com palavras cruelmente proféticas: "Tenho que ir embora agora, mas não quero." **SJac**

The Beach Boys | The Beach Boys Today! (1965)

Selo | Capitol
Produção | Brian Wilson
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:42

Apesar de conter a pior música citada em todo este livro, este é o LP mais perfeito dos Beach Boys, dividido igualmente entre um pop casual do tipo rapaz-encontra-garota e baladas dramáticas inspiradas nos grupos femininos produzidos por Phil Spector. Nem é preciso discutir se é melhor do que *Pet Sounds* – não há neste álbum qualquer sinal da autopiedade que pesa uma tonelada no disco posterior.

Embora gravado um pouco depois de Brian Wilson ter um esgotamento nervoso durante uma turnê, levado à exaustão por uma agenda carregada de shows, *...Today!* abre com uma das faixas mais exuberantes da banda. "Do You Wanna Dance?" começa bem baixinho, mas Brian aumenta o volume no primeiro refrão e os anos 60 começam a dançar no toca-discos. O resto desse lado continua a festa: "When I Grow Up" era a música mais complexa e madura composta por Wilson até aquela data; "Help Me, Ronda" foi a primeira gravação da faixa que logo se tornaria um de seus singles mais famosos (com um "h" extra no título).

Mas é o lado B que faz os especialistas vibrarem. As cinco baladas são canções de amor suculentas, pessoais, sensíveis e vulneráveis, diferentes de tudo o que havia no pop da época. Há uma pista clara do que viria depois em *Pet Sounds* nas faixas "Please Let Me Wonder" e "Kiss Me, Baby", e esta última é quase tão boa quanto "God Only Knows" (de *Pet Sounds*).

Pela primeira vez, Brian superou os Beatles e os Stones, catapultando a banda para o primeiro lugar nas paradas e dando início a uma batalha de dois anos pela supremacia musical, que terminou com outra crise nervosa e com o cancelamento das gravações de *Smile*. É melhor lembrar dos Beach Boys como eram então. **DH**

"Passei meses tramando e planejando..."

Brian Wilson, 1965

Lista de músicas

▶	01	**Do You Wanna Dance?** (Freeman)	2:20
	02	**Good To My Baby** (B. Wilson)	2:17
	03	**Don't Hurt My Little Sister** (B. Wilson)	2:08
▶	04	**When I Grow Up** (B. Wilson)	2:03
	05	**Help Me, Ronda** (Love • B. Wilson)	3:10
	06	**Dance, Dance, Dance** (B. Wilson • C. Wilson)	1:59
▶	07	**Please Let Me Wonder** (Love • B. Wilson)	2:47
▶	08	**I'm So Young** (Tyrus)	2:32
▶	09	**Kiss Me, Baby** (Love • B. Wilson)	2:36
	10	**She Knows Me Too Well** (B. Wilson)	2:30
	11	**In The Back Of My Mind** (B. Wilson)	2:10
	12	**Bull Session With "Big Daddy"** (Jardine • Love • B. Wilson • C. Wilson • D. Wilson)	2:10

John Coltrane
A Love Supreme (1965)

Selo | Impulse!
Produção | Bob Thiele
Projeto gráfico | George Gray
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:59

A Love Supreme, o poema musical definitivo de Coltrane, foi seu quinto álbum para o famoso selo de indie jazz Impulse!, depois de um período na gravadora Atlantic, especializada em R&B. Em suas investidas anteriores, ele ziguezagueou pela história do jazz – participou das inovações de Miles Davis; mergulhou na "New Thing"; gravou uma série de baladas, numa parceria improvável com o crooner Johnny Hartman; reuniu uma orquestra fenomenal para o disco *Africa/Brass;* e chegou a dividir espaço com Duke Ellington.

Em 1962, no entanto, Coltrane já tinha desenvolvido um tipo de jazz modal que invocava escalas indianas e árabes, mantendo um foco espiritual apaixonado. Enquanto ele falava a língua do sax soprano e tenor, seu legendário quarteto o acompanhava num hard bop que levava à Índia e à África, ao soul e até mesmo à música psicodélica.

A Love Supreme consegue o raro feito de não fazer qualquer concessão e, ainda assim, ser totalmente acessível. A insistente linha de quatro notas do baixo de Garrison que inicia "Acknowledgement" ("a LOVE su-PREME") funciona como um leitmotif, constantemente reafirmado, explorado e mutilado tanto pelo sax tenor como pelos mágicos vocais. "Resolution" leva a um Coltrane mais familiar, complementado pela bateria de Jones (que soa como se fosse um solo, sem perder sua batida sólida), enquanto a coda do álbum, "Psalm", é uma oração instrumental.

Este disco é uma viagem quase perfeita ao despertar da consciência, à compreensão do mundo e à iluminação espiritual. **JLe**

B.B. King
Live At The Regal (1965)

Selo | ABC
Produção | Johnny Pate
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:46

Não devia ser fácil aprender a tocar guitarra elétrica numa cidade sem eletricidade, mas, na época em que B.B. King veio de Indianola, no Mississippi, para tocar no Regal Theatre, em Chicago, em novembro de 1964, ele tinha passado 39 anos tentando. Ao tomar conta do palco naquela noite, com mais de 20 singles nas paradas de sucesso, uma famosa guitarra Gibson que ele chamava de Lucille presa nas costas e um exército de mulheres ameaçando avançar sobre ele, podia-se dizer que King havia finalmente conseguido.

Lucille foi a primeira a "falar" quando a banda entrou, apresentando-se à entusiasmada platéia com dois ou três riffs dançantes, contra os metais em uníssono e a percussão em dois tempos. B.B. rapidamente respondeu à guitarra, proclamando, em sua imponente voz, "Everyday I Have The Blues!". Foi uma conversa infinita, a mesma que havia tornado os dois famosos na década anterior.

King comandava o público, arrancando gemidos e lamentos dos fiéis, atraindo cada um deles para um papo a três, com ele e Lucille. Depois da abertura, veio a sufocante "Sweet Little Angel" e como "ela adora abrir suas asas". Os gritos subiam da platéia como uma névoa.

Mas não se tratava de sexo, e sim de blues, e B.B. era quem explodia de saudade e mágoa. As versões incandescentes de "It's My Own Fault", "How Blue Can You Get" e "You Upset Me Baby", acentuadas pelas carícias no pescoço de Lucille, se tornariam a viga mestra do blues ao vivo e ajudariam a coroar King como o maior guitarrista do gênero na história. **MO**

The Beatles
Rubber Soul (1965)

Selo | Parlophone
Produção | George Martin
Projeto gráfico | Robert Freeman
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:50

Em 1964, os americanos que compraram *Meet The Beatles* foram apresentados a quatro rapazes de franja e terninho que não pareciam encarnar de forma alguma o desejo de liberdade. Apenas dois anos depois é que os fãs puderam chegar perto de conhecer os verdadeiros Beatles – estrelas do pop cheias de imaginação. E só mais tarde a banda – particularmente Lennon – iria desnudar sua alma. Mas *Rubber Soul* já valia a pena.

O álbum injeta mística no mundo dos Beatles. A capa psicodélica – a foto, feita por uma lente grande-angular, dá ao grupo, muito sério, um ar "ligadão" – nem traz o nome da banda (era a primeira vez que isso acontecia nos Estados Unidos).

Das letras obscuras, a melhor é a de "Norwegian Wood (This Bird Has Flown)", de Lennon – que, como "I'm Looking Through You", de McCartney, faz alusão à sua turbulenta vida pessoal. "Nowhere Man", porém, descarta totalmente o romance – coisa rara para o grupo até então.

A sentimental "Michelle" compensa em beleza o que não tem em profundidade, enquanto "Girl" é enganosamente simples (bem mais sofisticada do que "Just Like A Woman", de Bob Dylan, segundo o crítico Greil Marcus).

Musicalmente, *Rubber Soul* é um passo à frente. Os elementos-chave do disco incluem a cítara e, em "Think For Yourself", o baixo distorcido – como "The Word", é um rock sem data de validade.

A maior ofensa ao reinado dos Beatles não é "Ob-La-Di, Ob-La-Da". É o fato de *Rubber Soul* ser tão subestimado. O álbum não contém hits (sucesso nos EUA como single, "Nowhere Man" não foi incluída na versão americana do LP), mas seria um destaque na discografia de qualquer banda menor. **BM**

Bert Jansch
Bert Jansch (1965)

Selo | Transatlantic
Produção | Bill Leader
Projeto gráfico | Brian Shuel
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:25

Bert Jansch começou a tocar seu mix pessoal de folk, blues e jazz em clubes de folk no início dos anos 60, depois de descer de carona da Escócia até Londres. Seu álbum de estréia foi lançado em abril de 1965, na inauguração do hoje famoso Les Cousins, um clube no Soho. Jansch pegou uma guitarra emprestada e o disco foi gravado com o uso de um equipamento portátil no apartamento do produtor freelance Bill Leader, em Camden Town. O álbum acabou vendido pela modesta soma de 100 libras, sem direitos autorais, a Nat Joseph, fundador da Transatlantic Records.

As músicas, marcadas por uma guitarra fluida e surpreendentemente bem tocada, trazem o selo da forte personalidade de Jansch – da abertura leve com "Strolling Down The Highway" à pungente "Needle Of Death", sobre um amigo que morreu de overdose de heroína; da reflexiva e arrepiante "Running From Home" à aula de guitarra de "Angie", composta por Davy Graham e, mais tarde, gravada por Simon e Garfunkel.

Com sua técnica inovadora na guitarra e um material de peso, *Bert Jansch* causou sensação e se mantém inspirador desde então. Muitas músicas foram gravadas por outros cantores da época, como Donovan, Julie Felix e Marianne Faithfull, enquanto guitarristas como Jimmy Page, Neil Young, Johnny Marr e Noel Gallagher reconheceram a influência deste disco em seu trabalho. A fama do álbum, porém, não se deve apenas ao talento de Jansch como músico, mas também a seu lirismo. **GSu**

The Byrds | Mr. Tambourine Man (1965)

Selo| Columbia
Produção | Terry Melcher
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 30:45

Os Byrds se tornaram o primeiro grupo dos Estados Unidos a rivalizar, artística e comercialmente, com o domínio dos Beatles, quando o vocal do líder Jim (mais tarde, Roger) McGuinn – uma mistura de John Lennon com Bob Dylan – se juntou à harmonização de Gene Clark e David Crosby e ao som agudo da guitarra Rickenbauer de 12 cordas no single "Mr. Tambourine Man". A banda também garantiu a Dylan o primeiro lugar nas paradas internacionais como compositor, o que influenciou sua decisão de usar a guitarra elétrica e dar o pontapé inicial no movimento folk-rock.

O LP *Mr. Tambourine Man* ampliou o escopo do single, trazendo outras três versões calibradas de músicas de Dylan, entre elas o hit "All I Really Want To Do". O álbum também revelou o talento do compositor Gene Clark. Ele contribuiu com a canção que contém a essência dos Byrds, "I'll Feel A Whole Lot Better" (mais tarde gravada por Tom Petty), e escreveu ou colaborou em mais quatro faixas, incluindo as odes ternas ao amor de "You Won't Have To Cry" e "Here Without You". Os Byrds homenagearam suas raízes folk com a sublime "The Bells Of Rhymney", que inspirou diretamente os Beatles em "If I Needed Someone". Em agradecimento a Jackie De Shannon, patronesse do grupo, eles gravaram "Don't Doubt Yourself, Babe", escrita por ela, acrescentando uma batida *à la* Bo Diddley. Também fizeram uma releitura do hino da Segunda Guerra Mundial "We'll Meet Again", de Vera Lynn, da trilha sonora do filme *Dr. Fantástico*, um sucesso da banda em seus primeiros shows ao vivo.

A alternância de guitarras e a suave harmonia dos Byrds permanecem até hoje, inspirando um sem-número de grupos como The Pretenders, The Smiths, Stone Roses, R.E.M. e Primal Scream, para citar apenas alguns. **JoH**

"Independentemente do que Dylan queria dizer, eu transformei a música numa oração."

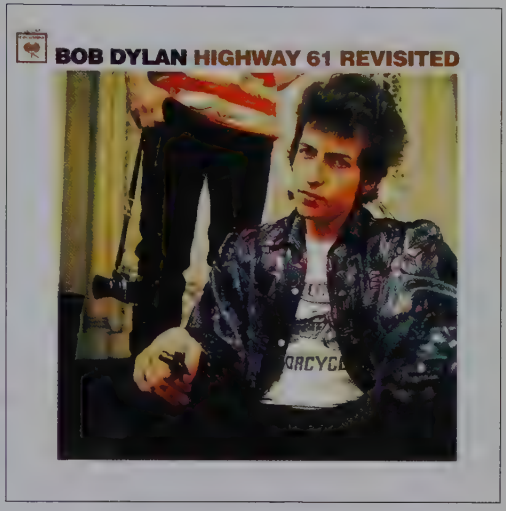
Roger McGuinn, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Mr. Tambourine Man** (Dylan)	2:29
▶	02	**I'll Feel A Whole Lot Better** (Clark)	2:32
	03	**Spanish Harlem Incident** (Dylan)	1:57
▶	04	**You Won't Have To Cry** (Clark • McGuinn)	2:08
▶	05	**Here Without You** (Clark)	2:36
	06	**The Bells Of Rhymney** (Davies • Seeger)	3:30
▶	07	**All I Really Want To Do** (Dylan)	2:04
	08	**I Knew I'd Want You** (Clark)	2:14
	09	**It's No Use** (Clark • McGuinn)	2:23
	10	**Don't Doubt Yourself, Babe** (De Shannon)	2:54
	11	**Chimes Of Freedom** (Dylan)	3:51
	12	**We'll Meet Again** (Charles • Parker)	2:07

Bob Dylan | Highway 61 Revisited (1965)

Selo | Columbia
Produção | Bob Johnston
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:34



Desde a estréia da revolucionária *Sagração da Primavera*, de Stravinsky, que em 1913 provocou um motim no Théâtre des Champs-Elysées, em Paris, uma transformação musical não causava tanta controvérsia quanto a suscitada por Bob Dylan ao ligar sua guitarra no Festival Folk de Newport, em 25 de julho de 1965. Mas as chacotas dos puristas logo cessariam em meio ao entusiasmo com que o público recebeu *Highway 61 Revisited*, lançado um mês depois.

Ao se transformar de um cantor acústico de folk em um roqueiro empunhando uma guitarra elétrica, um processo iniciado no lado A de *Bring It All Back Home*, de 1965, Dylan reescreveu o manual da música pop. Uma canção de sucesso como "Like A Rolling Stone", um hino banhado pelo órgão, não precisava seguir o padrão de três minutos de duração (apenas duas das nove faixas do álbum têm menos de quatro minutos; a vigorosa música final, "Desolation Row", ultrapassa 11 minutos).

Com canções trabalhadas e poéticas como "Just Like Tom Thumb's Blues", que acabou com o foco tradicional nos refrões fáceis, *Highway 61 Revisited* funciona melhor quando ouvido sem a preocupação de entender todas as referências. Não é preciso usar um guia literário para apreciar a adrenalina pura de "Tombstone Blues" e "From A Buick 6", e, afinal, essa foi a principal razão pela qual Dylan tomou o rumo do rock 'n' roll. **JiH**

"Eu não podia continuar sendo aquele cantor folk solitário, dedilhando 'Blowin' In The Wind' durante três horas todas as noites."

Bob Dylan, 1978

Lista de músicas

▶	01	**Like A Rolling Stone** (Dylan)	6 13
▶	02	**Tombstone Blues** (Dylan)	6 00
	03	**It Takes A Lot To Laugh, It Takes A Train To Cry** (Dylan)	4 09
	04	**From A Buick 6** (Dylan)	3 19
▶	05	**Ballad Of A Thin Man** (Dylan)	5 58
	06	**Queen Jane Approximately** (Dylan)	5 31
▶	07	**Highway 61 Revisited** (Dylan)	3 30
▶	08	**Just Like Tom Thumb's Blues** (Dylan)	5 32
▶	09	**Desolation Row** (Dylan)	11 22

The Who | My Generation (1965)

Selo | Brunswick
Produção | Shel Talmy
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:13

O primeiro álbum do The Who, que hoje evoca o espírito de uma londrina Carnaby Street que nunca existiu, é apenas superficialmente um som mod. Na verdade, *My Generation* é o som desesperado de uma banda jovem e confusa sobre sua identidade, explorada por pessoas mais velhas da indústria do disco, e com apenas uma certeza: a de sua assustadora energia e sua capacidade de canalizá-la para a música.

O grupo mudou de nome três vezes ao longo dos anos, dispensou empresários e integrantes, trocou de gravadora e lançou um single que não fez sucesso ("I'm The Face", composto por Pete Meaden e lançado em 1964 para tentar introduzir a banda na cena mod). Daltrey, Townshend, Entwistle e o recém-chegado Moon sabiam que seu primeiro álbum precisava chamar atenção.

E conseguiram. Eles contrataram o produtor dos Kinks, Shel Talmy (para quem Townshend adaptou "I Can't Explain", que, com seus acordes cortantes, lembrava os primeiros sucessos dos Kinks), e gravaram um punhado de canções de ótima qualidade. Os destaques óbvios são "My Generation", na qual Daltrey simula um viciado em drogas balbuciando frases como a conhecidíssima e sucinta "Hope I die before I get old"; "I Don't Mind", com suas sofisticadas harmonias vocais e riffs de guitarra que estavam além de seu tempo; e "The Kids Are Alright", quase o hino de uma geração, na qual Townshend ressalta (não pela última vez) as dificuldades da juventude.

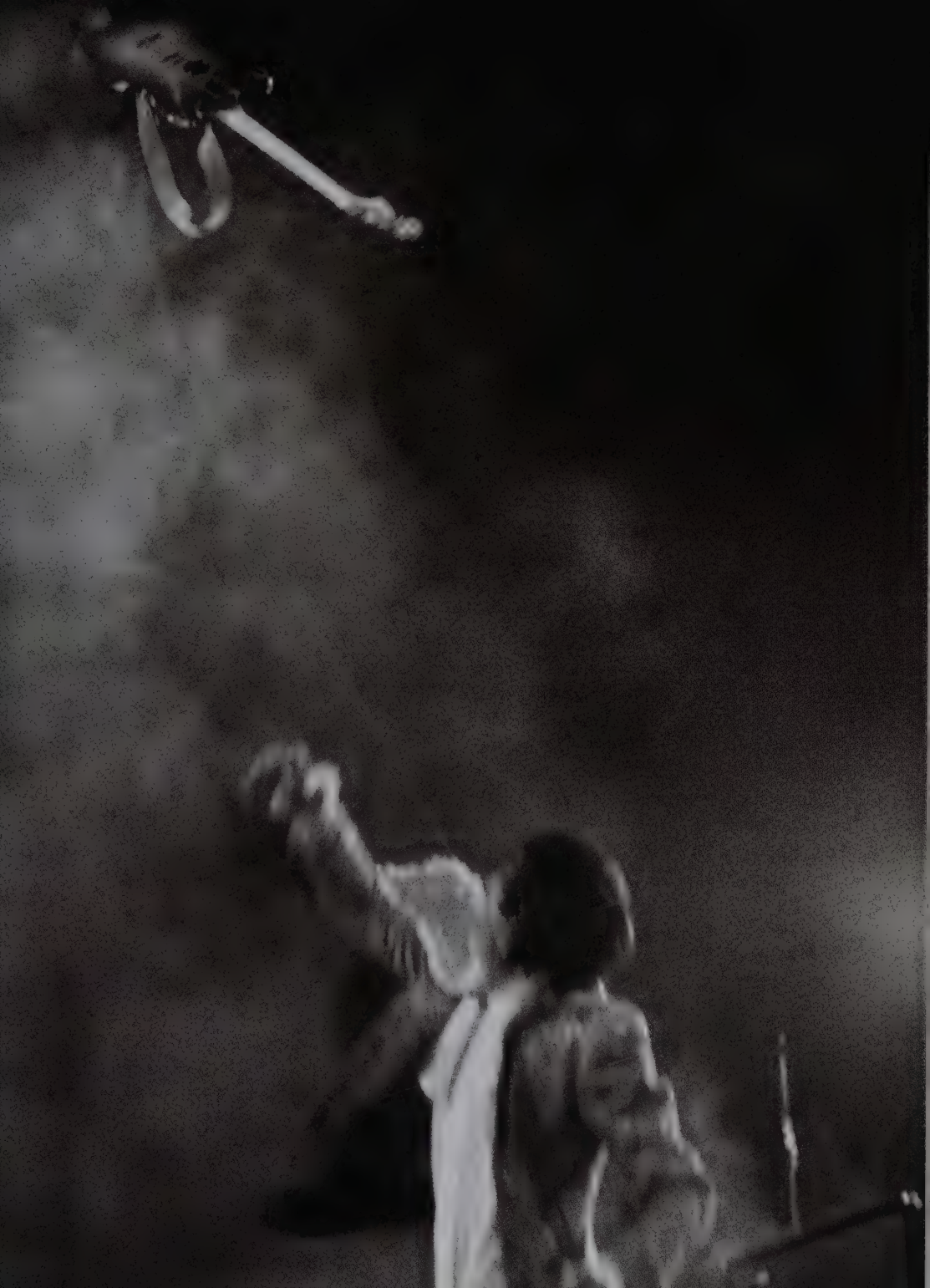
O The Who evoluiu de forma a se tornar uma fera sofisticada nos discos posteriores, mas a crueza de *My Generation* faz deste álbum um marco. **JM**

"Não vamos deixar a música ficar no caminho do nosso trabalho visual."

Pete Townshend, 1967

Lista de músicas

01	**Out In The Street**	(Townshend)	2:32
▶ 02	**I Don't Mind**	(Brown)	2:33
03	**The Good's Gone**	(Townshend)	4:00
04	**La-La-La-Lies**	(Townshend)	2:18
05	**Much Too Much**	(Townshend)	2:45
▶ 06	**My Generation**	(Townshend)	3:21
▶ 07	**The Kids Are Alright**	(Townshend)	3:10
08	**Please, Please, Please**	(Brown • Terry)	2:46
09	**It's Not True**	(Townshend)	2:34
10	**I'm A Man**	(McDaniel)	3:23
11	**A Legal Matter**	(Townshend)	2:54
12	**The Ox**	(Entwistle • Hopkins • Moon • Townshend)	3:57



The Beatles | Revolver (1966)

Selo | Parlophone
Produção | George Martin
Projeto gráfico | Klaus Voorman
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 34:58

Antes os Beatles eram fabulosos e geniais; agora, esbanjavam autoconfiança, estampada na misteriosa capa em preto-e-branco, uma composição de desenho com colagem criada por Klaus Voorman, que conheciam de seus dias em Hamburgo. Essa confiança está exposta ainda no título ambíguo – muito melhor do que as propostas anteriores, *Abracadabra*, *Magic Circles* e *Beatles On Safari*.

E está também nas 14 faixas impecáveis. Ou 11, para os americanos, já que a Capitol reservou "I'm Only Sleeping", "And Your Bird Can Sing" e "Doctor Robert" para *Yesterday And Today*, uma miscelânea de músicas tiradas de LPs e singles desbancada do primeiro lugar da parada da Billboard por *Revolver* (o que foi ótimo).

Revolucionário para a época – "Estou cansado de fazer coisas que as pessoas podem dizer que já ouviram antes", declarou McCartney –, *Revolver* repercutiu por décadas. O Earth, Wind and Fire levou o apoio do baixo de "Got To Get You Into My Life" à era disco. O The Jam copiou os riffs de "Taxman" em "Start!", um sucesso da parada britânica. E os Chemical Brothers basearam sua carreira em "Tomorrow Never Knows".

Revolver é citado como o momento em que os Beatles começaram a se desentender: fizeram seu último show algumas semanas depois do lançamento do disco, Lennon e McCartney não estavam mais compondo juntos e Harrison se remoía de ressentimento.

As vendas foram impressionantes e a elas se somaram os números do único single lançado logo depois, "Yellow Submarine/Eleanor Rigby": num lado, uma música eternamente infantil; no outro, um lamento à base de cordas que, mesmo hoje, não se parece com nada na música pop – ambos, como o álbum do qual se originam, simplesmente brilhantes. **BM**

"Nós gravamos esse disco para os Stones..."

Paul McCartney, 1966

Lista de músicas

01	Taxman	[George Harrison]	2:38
02	Eleanor Rigby	[Lennon-McCartney]	2:08
03	I'm Only Sleeping	[Lennon-McCartney]	3:01
04	Love You To	[George Harrison]	3:01
05	Here, There And Everywhere	[Lennon-McCartney]	2:26
06	Yellow Submarine	[Lennon-McCartney]	2:41
07	She Said She Said	[Lennon-McCartney]	2:37
08	Good Day Sunshine	[Lennon-McCartney]	2:10
09	And Your Bird Can Sing	[Lennon-McCartney]	2:01
10	For No One	[Lennon-McCartney]	2:02
11	Doctor Robert	[Lennon-McCartney]	2:15
12	I Want To Tell You	[George Harrison]	2:30
13	Got To Get You Into My Life	[Lennon-McCartney]	2:31
14	Tomorrow Never Knows	[Lennon-McCartney]	2:57

The Beach Boys | Pet Sounds (1966)

Selo | Capitol
Produção | Brian Wilson
Projeto gráfico | Capitol Photo Studio • George Jerman
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:19

Se *Rubber Soul* definiu um momento capital dos Beatles, sinalizando para a viagem psicodélica na qual iriam embarcar, também serviu para atiçar Brian Wilson, o gênio errático que era o coração dos Beach Boys. "Cada faixa é artisticamente interessante e estimulante", reconheceu, e partiu para criar *Pet Sounds*, um álbum que igualou – e até mesmo superou – o trabalho dos Fab Four.

Wilson passou dois meses, no início de 1966, escrevendo as músicas com Tony Asher, um executivo da área de publicidade especializado em jingles. O conteúdo do álbum é radicalmente diferente dos anteriores. Nada dos unidimensionais hinos ao sol e surfe; em seu lugar, uma música mais complexa, alegre mas tingida de emoções profundas e turbulentas.

Desde a abertura, com a surpreendente "Wouldn't It Be Nice" – um desabafo cheio de sentimento, escorado por camadas de metais, percussão e campainhas de bicicleta –, *Pet Sounds* transcende o pop. O talento de Wilson para compor tanto músicas como letras brilha em todas as canções, de "I Just Wasn't Made For These Times" até "Caroline No", sua faixa favorita.

Depois de *Pet Sounds* (a foto da capa, tirada no Jardim Zoológico de San Diego, é um trocadilho com o título – a palavra *pet* também significa animal de estimação), Wilson começou a pender para a loucura. Confusos com esse novo tipo de música, muitos fãs evitaram o disco (o mesmo fez a Capitol, que não o promoveu). Dali em diante, Wilson se tornou obcecado pela busca do álbum pop perfeito. Enquanto isso, na Inglaterra, os Beatles desafiavam *Pet Sounds* com *Sgt. Pepper's...* **SJac**

"Eu sonhei que tinha uma auréola."

Brian Wilson, 1990

Lista de músicas

▶	01	**Wouldn't It Be Nice** (Wilson•Asher)	2:25
	02	**You Still Believe In Me** (Wilson•Asher)	2:34
	03	**That's Not Me** (Wilson•Asher)	2:30
▶	04	**Don't Talk (Put Your Head On My Shoulders)** (Wilson•Asher)	2:54
	05	**I'm Waiting For The Day** (Wilson•Love)	3:06
	06	**Let's Go Away For A While** (Wilson)	2:21
	07	**Sloop John B** (Trad. • Arr. Wilson)	3:00
▶	08	**God Only Knows** (Wilson•Asher)	2:52
	09	**I Know There's An Answer** (Wilson•Sachen)	3:11
	10	**Here Today** (Wilson•Asher)	2:55
	11	**I Just Wasn't Made For These Times** (Wilson•Asher)	3:15
	12	**Pet Sounds** (Wilson)	2:23
▶	13	**Caroline No** (Wilson•Asher)	2:53

Fred Neil
Fred Neil (1966)

Selo | Capitol
Produção | Nick Venet
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:56

Embora tenha gravado poucos discos, Fred Neil foi uma figura-chave na transição do folk para o folk-rock. Nascido na Flórida, mas vivendo no bairro boêmio de Greenwich Village, em Nova York, ele causou impacto imediato com seu álbum de estréia, em 1965, *Bleecker & MacDougal*, que apresentava ainda John Sebastian (da banda The Lovin' Spoonful) na harmônica. Depois de indignar os puristas do gênero ao misturar instrumentos elétricos e acústicos, Neil deu um passo além com esta síntese revolucionária de folk, rock e jazz, unidos por canções hipnóticas e pelo mel de sua voz.

Este disco, essencial para cantores e compositores, não tem desperdício. Isto posto, pode-se destacar dois momentos máximos. Um clássico pouco valorizado, "Everybody's Talkin'", tornou-se um sucesso mundial na voz de Harry Nilsson, que fez uma versão mais acelerada para o filme *Perdidos Na Noite*. "The Dolphins" contém uma melodia insinuante e obscura, enquanto a letra combina filosofia e ecologia. A música foi várias vezes interpretada por Tim Buckley e o autor doou os royalties para organizações em defesa dos golfinhos.

Outra discípula famosa de Neil foi Mama Cass Elliott, do The Mamas And The Papas, que supostamente fez os backing vocals creditados como "UFO" em "Badi-Da". O humor negro do artista aparece no balanço de "That's The Bag I'm In", e o blues de "Sweet Cocaine" dispensa comentários. Um exercício progressivo, "Cynicrustpetefredjohn Raga", encerra o álbum de forma exótica através do mágico bandolim grego de Cyrus Faryar e seu efeito de leveza. **MA**

The Byrds
Fifth Dimension (1966)

Selo | Columbia
Produção | Jim Dickson • Allen
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 29:25

Um dado curioso da carreira dos Byrds é que, à medida que sua popularidade desbotava e os choques de personalidade cresciam, eles produziam seu melhor trabalho. As pressões das turnês e a disputa para ser o principal compositor da banda finalmente derrubaram Gene Clark, que deixou o grupo no início de 1966. Forçados a desenvolver as próprias habilidades musicais para compensar essa perda crucial, David Crosby e Roger McGuinn começaram a encontrar seu talento.

A fascinação de McGuinn pelo espaço e pela ficção científica caracteriza a faixa-título e "Mr Spaceman", uma estranha canção em estilo country. As reflexões proto-hippies de "What's Happening?!?!" são respondidas pelos solos sinuosos de McGuinn em sua guitarra de 12 cordas. Essa guitarra pega fogo na atordoante "I See You", um misto de jazz-raga-rock, e na extraordinária – e mais famosa – "Eight Miles High". Escrita em parceria com Clark, a música é um relato impressionista e psicodélico do choque cultural experimentado pelo grupo durante sua malfadada turnê pela Inglaterra, em 1965. Uma dieta rigorosa à base de Ravi Shankar e John Coltrane durante a viagem inspirou os solos originais de McGuinn, ancorados pelo baixo de Hillman e pela bateria efervescente de Clarke. Pena que a palavra "high" no título fez a música ser proibida nos Estados Unidos, prejudicando as vendas. Os Byrds começaram a cair nas paradas com este disco.

Em algumas faixas, o LP flerta com as raízes folk e – o que não era sua característica – R&B do grupo. Isso contribui para tornar o álbum desigual, é verdade, o que é uma pena. Mas, afinal, os Byrds estavam navegando no rock 'n' roll, folk, jazz, raga-rock e country – e seus melhores anos ainda estavam por vir. **RD**

Bob Dylan
Blonde On Blonde (1966)

Selo | Columbia
Produção | Bob Johnston
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 71:00

Estranhamente, depois do show "elétrico" no Manchester Free Trade Hall, em 17 de maio de 1966 (erroneamente chamado de "The Royal Albert Hall Concert"), pelo menos duas pessoas reivindicaram ser donas da voz que chamou Dylan de "Judas" de maneira infame. Parece esquisito que alguém fique orgulhoso de um ataque que, do ponto de vista de hoje, mostra-se terrivelmente inapropriado.

Se *Highway 61*, de 1965, foi sua impressionante estréia no rock 'n' roll, este álbum, lançado seis meses mais tarde, não era apenas uma simples consolidação do anterior, e sim a primeira obra-prima de Dylan no novo gênero.

O blues selvagem de *Blonde On Blonde* dá ao disco um tom de conversa de fim de noite, reflexão e desespero. O rock 'n' roll pulsante de faixas como "I Want You" se transforma, de repente, em tristes baladas como "Visions Of Johanna", ou na tocante melancolia de "Just Like A Woman", enquanto a música que encerra o disco, "Sad Eyed Lady Of The Lowlands", é um manifesto dos sem-amor.

As observações poéticas de Dylan, surreais mas perceptivas, sugerem que o rótulo de "a voz de uma geração" é mais merecido por ele expressar os sentimentos de uma era do que por explicitar suas crenças políticas.

Este foi o primeiro álbum duplo do rock, e seu sucesso ajudou a garantir que o avanço, a experimentação e o estímulo se tornassem fundamentais para as perspectivas desse estilo musical. Não é surpresa, então, que a foto da capa esteja fora de foco. Em 1966, Bob Dylan estava indo tão rápido em termos criativos que o resto do mundo tinha dificuldade em alcançá-lo. E, muitas vezes, jamais conseguiu. **PS**

The Monks
Black Monk Time (1966)

Selo | Polydor
Produção | Jimmy Bowien
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:01

Gravado no final de 1965, *Black Monk Time* é um sério concorrente ao título de "primeiro álbum punk", e, por mais vazia e fútil que essa distinção pareça (afinal, o punk era um movimento contracultural mal-humorado e com um modelo típico, e esses caras eram exilados geopolíticos), o grupo certamente soa mais normal hoje do que em sua época.

Embora os Monks nunca tenham tocado fora da Alemanha (uma das razões de terem se separado foi a relutância em fazer uma discutível turnê de veteranos do Vietnã – o que eles queriam realmente era tocar em sua terra natal, os Estados Unidos), o grupo de cinco ex-combatentes americanos, que se apresentavam vestidos como monges, de hábito e cabeça raspada, ganhou uma boa e merecida reputação em certos círculos, baseada quase inteiramente neste álbum excepcional (e numa breve junção na década de 90).

No disco, o órgão e um banjo elétrico feito à mão se uniram aos tradicionais instrumentos do rock, tocados com precisão e raiva. *Black Monk Time* às vezes é hilariante, rouco, radical e esfuziante. A faixa de abertura, "Monk Time", é uma homenagem aos mutilados de guerra; "I Hate You" não estaria deslocada no filme cult dos anos 60 *O Diabo É Meu Sócio*. Outras faixas, como "Boys Are Boys And Girls Are Girls" e "Drunken Maria", trazem referências de um folk teutônico bastardo – mas será uma lembrança emotiva, condenatória ou simplesmente algo que foi se desbotando nesses pobres soldados desiludidos, tão longe de casa? A inscrição na capa, afinal, diz que os "Monks não acreditam em nada" [sic]. **DN**

The Kinks | Face To Face (1966)

Selo | Pye
Produção | Shel Talmy
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:31

Ray Davies não gostou da capa do quarto álbum dos Kinks. "Queria que fosse preta e forte, como a música do LP", lembrou o líder dessa banda do Norte de Londres, "em vez de toda colorida."

Face To Face marcou uma mudança de atitude para Ray, seu irmão e guitarrista Dave, o baterista Mick Avory e o baixista Pete Quaife. Pela primeira vez, eles passaram meses trabalhando num disco, dublando as faixas durante várias sessões. O disco também marcou o fim da parceria com o produtor americano Shel Talmy, cujo método de trabalho bate-pronto não servia para arranjos mais elaborados.

"Party Line" abre o álbum no conhecido estilo do rock 'n' roll, enquanto "Dandy" segue o tom de sátira à *Swinging London* de um sucesso mais antigo, "Dedicated Flower Of Fashion". O resto do disco é mais profundo e sombrio. Ray explora seu estado mental frágil em "Too Much On My Mind", conduzida pelo cravo; "Sunny Afternoon", primeiro lugar nas paradas britânicas, deixa fluir o sentimento de cansaço do mundo numa linda linha descendente de baixo. "House In The Country" e "Most Exclusive Residence For Sale" se enquadram na visão geral de que o álbum é composto por um ciclo de canções sobre a sociedade inglesa. No entanto, o clichê da "quintessência britânica" oculta a diversidade das músicas e das letras. "Holiday In Waikiki", uma homenagem a Chuck Berry, lamenta a comercialização do Havaí. "Fancy" é uma peça monocórdica inspirada nos ragas indianos, enquanto "Rainy Day In June" é coberta de trovoadas e mistério.

Face To Face não obteve um grande sucesso – ficou em 139.º lugar na parada americana e em 13.º na inglesa –, mas foi o disco precursor do período clássico dos Kinks. Essas impetuosas estrelas viraram um grupo que produzia álbuns multifacetados. **MA**

"As pessoas devem realmente nos adorar."

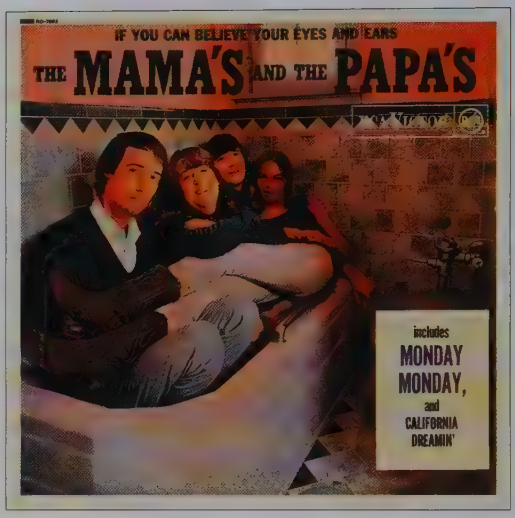
Ray Davies, 1969

Lista de músicas

▶	01	Party Line (Davies)	2:35
	02	Rosy Won't You Please Come Home (Davies)	2:34
▶	03	Dandy (Davies)	2:12
▶	04	Too Much On My Mind (Davies)	2:58
	05	Session Man (Davies)	2:14
▶	06	Rainy Day In June (Davies)	3:10
▶	07	House In The Country (Davies)	3:03
▶	08	Holiday In Waikiki (Davies)	2:52
▶	09	Most Exclusive Residence For Sale (Davies)	2:48
▶	10	Fancy (Davies)	2:30
	11	Little Miss Queen Of Darkness (Davies)	3:16
	12	You're Lookin' Fine (Davies)	2:48
▶	13	Sunny Afternoon (Davies)	3:36
	14	I'll Remember (Davies)	2:27

The Mamas And The Papas
If You Can Believe Your Eyes And Ears (1966)

Selo | RCA Victor
Produção | Lou Adler
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:10



Formado nas Ilhas Virgens com os remanescentes dos grupos de folk-rock The Journey Man e The Mugwumps, o quarteto composto por Denny Doherty, Cass Elliott, Michelle Gilliam e o seu marido John Phillips, cantor, compositor e guitarrista, mudou-se em 1965 para Los Angeles, onde sua maravilhosa harmonia vocal garantiu ao grupo a oportunidade de trabalhar com Barry ("Eve Of Destruction") McGuire e seu empresário, Lou Adler. O primeiro sucesso do The Mamas And The Papas foi "California Dreamin'", um melancólico hino à Costa Oeste, que vendeu um milhão de cópias e revelou seu vocal suntuoso e sua harmonia inigualável. O hit foi seguido por "Monday, Monday", primeiro lugar nas paradas americanas, que ganhou o disco de ouro.

Ambas estão em *If You Can Believe...* – seu álbum de estréia –, que também chegou ao topo das paradas dos Estados Unidos e levou o disco de ouro. Ao lado dos grandes sucessos estavam faixas que refletiam a busca pela liberdade pessoal, característica da época ("Go Where You Wanna Go"). A música que encerra o álbum, "The In Crowd", é uma sátira social altamente divertida ("If it's square, we ain't there!"), mais tarde gravada de forma memorável pelo Roxy Music.

John Phillips era, sem dúvida, o arquiteto responsável pela música do grupo, embora o time de músicos de apoio incluísse Hal Blaine na bateria, Joe Osborn no baixo e Larry Knetchel nos teclados. A perícia de Phillips como compositor já era conhecida (é o autor de "San Francisco [Flowers In Your Hair]", gravada por Scott McKenzie), mas ele trouxe ainda uma nova abordagem para as versões de "Do You Wanna Dance", "Spanish Harlem" e "I Call Your Name" – todas brilhantes por conta da harmonia do grupo. **JT**

"Eu nunca tinha ouvido nada parecido em minha vida."

Lou Adler, 1966

Lista de músicas

▶	01	**Monday, Monday** (J. Phillips)	3:25
▶	02	**Straight Shooter** (J. Phillips)	2:56
	03	**Got A Feelin'** (Doherty•J. Phillips)	2:53
	04	**I Call Your Name** (Lennon•McCartney)	2:36
▶	05	**Do You Wanna Dance** (Freeman)	2:56
	06	**Go Where You Wanna Go** (J. Phillips)	2:26
▶	07	**California Dreamin'** (J. Phillips•M. Phillips)	2:38
▶	08	**Spanish Harlem** (Leiber•Spector)	3:14
	09	**Somebody Groovy** (J. Phillips)	3:14
	10	**Hey Girl** (J. Phillips)	2:22
	11	**You Baby** [illegible]	[illegible]
	12	**The In Crowd** (Page)	3:11

Paul Revere And The Raiders
Midnight Ride (1966)

Selo | Columbia
Produção | Terry Melcher
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 27:38

Será que houve alguma banda mais perigosa do que os Raiders? Em meio à invasão de grupos beat britânicos, eles ficaram lado a lado com os Byrds e os Beach Boys.

No período que permanece como o momento mais alto do pop, eles emplacaram uma série de sucessos. Tocavam com uma vitalidade única, forjada em anos de apresentações em qualquer clube que os aceitasse. Sua enxuta música punk nunca saiu de moda e ainda é tão corajosa como há 40 anos. Os que se lembram deles geralmente recordam suas roupas da época da Guerra da Independência dos Estados Unidos, as palhaçadas e acrobacias e o fato de que eram a atração favorita de Dick Clark em seu programa diário na TV, *Where The Action Is*. Até mesmo os Monkees gozavam de maior credibilidade.

Mas, em 1966, o rugido que era a marca registrada do vocalista e líder Marc Lindsay em "Louie, Go Home" soava tão feroz como o de Eric Burdon, dos Animals, ou o de Van Morrison, do Them, e influenciou de forma significativa Roger Daltrey, do The Who. E, musicalmente, tudo se encaixou de maneira perfeita em *Midnight Ride*, com nove canções compostas pela banda. As músicas restantes são, talvez, dois dos melhores singles dos anos 60. "Kicks", de Barry Mann e Cynthia Weill, é uma pungente advertência contra as drogas que, no entanto, trata o cérebro da pessoa como se já estivesse reduzido a uma pasta. Um clássico do garage, "I'm Not Your Stepping Stone" (de Tommy Boyce e Bobby Hart), seria, mais tarde, gravado pelos Monkees, mas esta versão foi a que inspirou a dos Sex Pistols.

O pop-punk nunca foi melhor. **DH**

"Queria que a banda fosse divertida... não apenas uma jukebox com pernas."

Paul Revere, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Kicks** (Mann•Weill)	2:28
	02	**There's Always Tomorrow** (Levin•Smith)	2:39
	03	**Little Girl In The 4th Row** (Lindsay•Revere)	2:58
	04	**Ballad Of A Useless Man** (Levin)	2:08
▶	05	**I'm Not Your Stepping Stone** (Boyce•Hart)	2:31
	06	**There She Goes** (Lindsay•Revere)	1:47
	07	**All I Really Need Is You** (Lindsay•Revere)	3:27
	08	**Get It On** (Levin•Volk)	3:12
▶	09	**Louie, Go Home** (Lindsay•Revere)	2:41
	10	**Take A Look At Yourself** (Lindsay•Revere)	1:48
	11	**Melody For An Unknown Girl** (Lindsay•Revere)	1:59

The Mothers Of Invention | Freak Out! (1966)

Selo | Verve
Produção | Tom Wilson
Projeto gráfico | Jack Anesh
Nacionalidade | EUA
Duração | 60:05

A banda de Frank Zappa era conhecida simplesmente como The Mothers, até que uma nervosa MGM se deu conta do que a empresa tinha nas mãos com este demolidor disco de estréia. Às vésperas do lançamento de *Freak Out!*, o segundo álbum duplo da história do rock (*Blonde On Blonde*, de Dylan, havia acabado de sair), a gravadora entrou em pânico com a idéia de que as possíveis implicações do controvertido nome do grupo pudessem afugentar os DJs. "Como se o nosso nome fosse O Grande Problema", observou secamente Zappa em sua autobiografia.

Nascidos no coração da florescente cultura freak da Costa Oeste e contratados pelo produtor Tom Wilson, Zappa e sua banda decidiram fundir cabeças na sua estréia. E mais, o disco tinha um propósito. "Cada música tinha uma função, dentro de um conceito totalmente satírico", disse Zappa.

"Who Are The Brain Police?" resume bem esse conceito: uma queixa arrepiante contra o autoritarismo, que descreve como os objetos e a mente podem derreter. Há em todo o disco músicas abertamente esquisitas, paródias do pop fácil, como "Go Cry On Somebody Else's Shoulder", um pastiche do doo-wop, em contraponto com canções de amor com arranjos elaborados, como "How Could I Be Such A Fool?". As guitarras psicodélicas e os riffs de dirty blues tornam o álbum mais profundo no segundo disco: "Help, I'm A Rock" depura a essência do freak e torna tudo abstrato; "The Return Of The Son Of Monster Magnet", que ocupa o lado D inteiro do lançamento em vinil, é um encerramento experimental e barulhento.

Freak Out! marcou o surgimento de um compositor único e desafiador, que ultrapassou fronteiras ao longo de toda a sua carreira. **MBI**

"Eu não usava drogas."

Frank Zappa, 1989

Lista de músicas

01	Hungry Freaks, Daddy	(Zappa)	3:27
02	I Ain't Got No Heart	(Zappa)	2:30
03	Who Are The Brain Police?	(Zappa)	3:22
04	Go Cry On Somebody Else's Shoulder	(Zappa)	3:51
05	Motherly Love	(Zappa)	2:45
06	How Could I Be Such A Fool?	(Zappa)	2:12
07	Wowie Zowie	(Zappa)	2:45
08	You Didn't Try To Call Me	(Zappa)	3:17
09	Any Way The Wind Blows	(Zappa)	2:52
10	I'm Not Satisfied	(Zappa)	2:37
11	You're Probably Wondering Why I'm Here	(Zappa)	3:37
12	Trouble Every Day	(Zappa)	6:16
13	Help, I'm A Rock	(Zappa)	8:37
14	The Return Of The Son Of Monster Magnet	(Zappa)	12:17

The Rolling Stones | Aftermath (1966)

Selo | Decca
Produção| Andrew Loog Oldham
Projeto gráfico | Sandy Beach
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 53:58

Nos anos 60, era simples: os Beatles eram bons, os Stones eram maus. Em 1965, a música dos Fabs tinha ficado mais profunda, mas, à exceção de "Help!", não era muito pesada. Os Stones, no entanto, mostravam os dentes em "Satisfaction" e "She Said Yeah". Essas canções apareceram em álbuns como o delicioso *December's Children*, uma miscelânea posta à venda pela linha de produção das gravadoras e pelo olho gordo do empresário Andrew Loog Oldham.

Aftermath, ao contrário, era um álbum de verdade, sem sobras de gravações. Nele, os Stones expandiam seus limites – literalmente, no caso de "Goin' Home", ou de forma mais elaborada, em canções experimentais.

"Lady Jane" é mais surpreendente: trata-se de uma balada elisabetana cuja fria delicadeza repercutiria em outros trabalhos dos Stones. "Under My Thumb" atordoa tanto por seu imperioso machismo como pelo ritmo marcado por marimbas. "Mother's Little Helper" é o retrato de donas-de-casa viciadas em comprimidos, embelezado pela cítara – mas, da mesma forma que "Out Of Time", "Take It Or Leave It" e "What To Do", foi retirada da versão americana. Porém os Estados Unidos não saíram perdendo, porque levaram em troca a brilhante "Paint It Black".

Este álbum teve duas figuras-chave: Jack Nitzsche – um criativo compositor, instrumentista e arranjador que foi apresentado aos Stones por Phil Spector – e Brian Jones. Keith contou que Jones "era muito versátil", mas tinha "perdido o interesse pela guitarra" – daí sua participação na cítara e nas marimbas.

As faixas convencionais também não desapontam; a melhor é a malvada e agressiva "Stupid Girl".

Aftermath foi o primeiro álbum dos Stones composto integralmente por canções originais – foi o seu *A Hard Day's Night*. Os Beatles e os Stones tinham chegado à maioridade – e o mundo estava a seus pés. **BM**

"Foi a primeira vez que compusemos um disco inteiro."

Mick Jagger, 1995

Lista de músicas

01	**Mother's Little Helper**	(Jagger•Richard)	2:48
02	**Stupid Girl**	(Jagger•Richard)	2:57
03	**Lady Jane**	(Jagger•Richard)	3:11
04	**Under My Thumb**	(Jagger•Richard)	3:43
05	**Doncha Bother Me**	(Jagger•Richard)	2:42
06	**Goin' Home**	(Jagger•Richard)	11:16
07	**Flight 505**	(Jagger•Richard)	3:29
08	**High And Dry**	(Jagger•Richard)	3:10
09	**Out Of Time**	(Jagger•Richard)	5:40
10	**It's Not Easy**	(Jagger•Richard)	2:57
11	**I Am Waiting**	(Jagger•Richard)	3:13
12	**Take It Or Leave It**	(Jagger•Richard)	2:48
13	**Think**	(Jagger•Richard)	3:10
14	**What To Do**	(Jagger•Richard)	2:34

Simon And Garfunkel
Parsley, Sage, Rosemary And Thyme (1966)

Selo | Columbia
Produção | Bob Johnston
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:30

O mundo estava prestes a desmoronar, mas ainda havia espaço para a beleza quando Paul Simon e Art Garfunkel gravaram seu primeiro grande álbum, *Parsley, Sage, Rosemary And Thyme*. De fato, é a tensão entre a sensação de desastre iminente e a insistência de Simon numa conexão emocional que torna este disco eterno, apesar dos numerosos versos e frases musicais que revelam o trabalho como típico dos anos 60 ("Feelin' Groovy").

Se o álbum anterior, *Sounds of Silence*, foi uma obra feita às pressas para atender ao desejo da gravadora de capitalizar o sucesso da faixa-título, Simon, desta vez, exigiu total controle, o que explica o trabalho brilhante e detalhista realizado pelo engenheiro de som Roy Halee. O apuro da produção aparece logo na faixa de abertura, "Scarborough Fair/Canticle", uma intrincada e mágica obra-prima do pop, que rivaliza com qualquer uma das criações de Brian Wilson. Mas Simon não é compositor de um gênero só. A variedade do material que ele escreveu para *Parsley, Sage, Rosemary And Thyme* o revelou como um dos compositores mais talentosos de sua época, de "For Emily, Whenever I May Find Her", uma canção iluminada pela voz de Garfunkel, a "Homeward Bound", talvez a melhor música já escrita sobre a vida de um artista na estrada. O fastio literário de "The Dangling Conversation" é totalmente perfeito, enquanto o rock cáustico de "A Simple Desultory Philippic" ainda atinge seus objetivos, mesmo que muitos de seus alvos já não inspirem tamanho desprezo.

A faixa final é uma interpretação doce de "Silent Night" que fala sobre um noticiário de TV tratando da morte de Lenny Bruce e da escalada da violência na Guerra do Vietnã. **AG**

Lista de músicas

01	Scarborough Fair/Canticle (Traditional, arr. Simon)	3:10
02	Patterns (Simon)	2:46
03	Cloudy (Simon)	2:21
04	Homeward Bound (Simon)	2:29
05	The Big Bright Green Pleasure Machine (Simon)	2:47
06	The 59th Street Bridge Song (Feelin' Groovy) (Simon)	1:53
07	The Dangling Conversation (Simon)	2:37
08	Flowers Never Bend With The Rainfall (Simon)	2:10
09	A Simple Desultory Philippic (Or How I Was Robert McNamara'd Into Submission) (Simon)	2:19
10	For Emily, Whenever I May Find Her (Simon)	2:05
11	A Poem On The Underground Wall (Simon)	1:52
12	7 O'Clock News/Silent Night (Simon)	2:02

The 13th Floor Elevators | The Psychedelic Sounds Of The 13th Floor Elevators (1966)

Selo | International Artists
Produção | Lelan Rogers
Projeto gráfico | John Cleveland
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:43

Aclamados em Austin, no Texas, os Elevators já tinham feito shows em São Francisco antes de o movimento psicodélico ganhar importância. Depois, foi preciso ameaçá-los com a suspensão do contrato para que voltassem a Austin e gravassem o que seria o primeiro disco de acid rock. O álbum vendeu supreendentemente bem, graças, em parte, ao sucesso do single lançado um pouco antes, o sarcástico clássico do garage "You're Gonna Miss Me", que chegou ao 55º lugar na parada da Billboard.

Ao promover abertamente os benefícios dos alucinógenos na capa do disco, a banda nunca se tornaria querida pelas autoridades; a polícia do Texas chegou a desmantelar o equipamento do grupo à procura de drogas. "A busca da sanidade em seu estado puro... forma a base das músicas deste álbum", diz a contracapa, mas a mistura de rock de garagem com R&B nele contida é tudo, menos saudável. "Reverberation (Doubt)" e "Tried To Hide" são de um rock intenso, enquanto "Roller Coaster" e "Fire Engine" têm um tom sombrio e lúgubre. O líder Roky Erickson uiva como se estivesse possuído e os sons alienígenas do jug elétrico de Tommy Hall se somam à distorção geral característica da banda.

Os Elevators não duraram e Erickson tentou uma carreira solo (brilhante, mas irregular). Mas a lenda da banda continua viva, através de versões de grupos como o Spacemen 3 e, mais especificamente, o Primal Scream, que fez uma memorável releitura de "Slip Inside This House" (do segundo disco dos Elevators, *Easter Everywhere*) em *Screamadelica*. **AET**

"Aqueles médicos e enfermeiras... não tinham como me segurar!"

Roky Erickson, 1980

Lista de músicas

▶	01	**You're Gonna Miss Me** (Erickson)	2:31
▶	02	**Roller Coaster** (Erickson•Hall)	5:08
	03	**Splash 1** (Erickson•Hall)	3:57
▶	04	**Reverberation (Doubt)** (Erickson•Hall•Sutherland)	2:51
	05	**Don't Fall Down** (Erickson•Hall)	3:03
▶	06	**Fire Engine** (Erickson•Hall•Sutherland)	3:23
	07	**Thru The Rhythm** (Hall•Sutherland)	3:10
	08	**You Don't Know (How Young You Are)** (St. John)	2:59
	09	**Kingdom Of Heaven** (St. John)	3:11
	10	**Monkey Island** (St. John)	2:40
▶	11	**Tried To Hide** (Hall•Sutherland)	2:50

John Mayall's Blues Breakers | John Mayall's Blues Breakers With Eric Clapton (1966)

Selo | Decca
Produção | Mike Vernon
Projeto gráfico | Decca Publicity Art Department
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:06

Na época em que *John Mayall's Blues Breakers With Eric Clapton* foi lançado, começaram a aparecer pichações em Londres que decretavam: "Clapton é Deus." Qualquer um que duvide da capacidade de Clapton como bluesman deve escutar este abrasador disco de 1966, que incendiou a cena musical britânica.

Clapton havia deixado os Yardbirds, que viviam nas paradas, em busca de um grupo mais purista, e ele encontrou em Mayall um líder que compartilhava seus gostos e também uma figura paterna.

No estúdio com o baixista John McVie e o baterista Hughie Flint, o objetivo era reproduzir a energia das apresentações ao vivo da banda. Essa intenção pode ser percebida desde a primeira faixa, "All Your Love", uma versão sensual da música de Otis Rush que se que derrama nas teclas do Hammond e nas frases dissonantes da guitarra.

A faixa seguinte, "Hideaway", é uma demonstração inesquecível do talento de Eric Clapton – nessa versão instrumental do clássico de Freddie King, o jovem guitarrista vem com tudo, numa performance arrebatadora cheia de tempero e autoconfiança. Ele também brilha no afiado boogie "Steppin' Out".

A participação de Mayall não foi menos importante para o sucesso do disco. Algumas composições, como "Little Girl" e "Key To Love", resumem a exuberância dos anos 60, mas não dão muito espaço ao pop, mantendo-se estritamente dentro da tradição do blues.

O Estuário do Tâmisa pode ficar a mil milhas do Delta do Mississippi, mas *Blues Breakers With Eric Clapton* conseguiu aproximá-los. **JDi**

"Eu tinha um acelerador. Só fiz pisar a toda a velocidade."

Eric Clapton, 1966

Lista de músicas

▸	01	**All Your Love** (Dixon • Rush)	3:35
▸	02	**Hideaway** (King • Thompson)	3:14
▸	03	**Little Girl** (Mayall)	2:33
	04	**Another Man** (Trad. arr. Mayall)	1:44
	05	**Double Crossing Time** (Clapton • Mayall)	3:00
	06	**What'd I Say** (Charles)	4:26
▸	07	**Key To Love** (Mayall)	2:05
	08	**Parchman Farm** (Allison)	2:21
	09	**Have You Heard** (Mayall)	5:54
	10	**Ramblin' On My Mind** (Trad. arr. Johnson)	3:07
▸	11	**Steppin' Out** (Frazier)	2:27
	12	**It Ain't Right** (Jacobs)	2:40

The Yardbirds
The Yardbirds (1966)

Selo | Columbia
Produção | Vários
Projeto gráfico | Chris Dreja
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 33:10

Os Yardbirds lançaram finalmente seu primeiro álbum gravado em estúdio em agosto de 1966, na época em que a banda contava com a guitarra incendiária de Jeff Back (que substituiu Eric Clapton). O disco atrasou por conta de uma longa turnê pela Europa e Inglaterra (onde os Yardbirds se tornaram fonte de inspiração para inúmeras bandas psicodélicas e de garagem que estavam começando) e acabou sendo composto e gravado em apenas uma semana nos Advision Studios, em Londres.

The Yardbirds (também conhecido como *Roger The Engineer*) mistura um blues carregado, protótipos psicodélicos, feedback e canto gregoriano com efeitos especiais. Antecipando o blues-rock pesado do Cream e do Led Zeppelin, as calcinantes "Lost Woman", "The Nazz Are Blue" e "Rack My Mind" refletem a maneira como a banda acrescentava fúria ao toque e aos riffs de guitarra do blues tradicional ("Someone To Love Me", de Snooky Pryor, "Dust My Broom", de Elmore James, e "Baby Scratch My Back", de Slim Harpo), dando oportunidade para Beck mostrar seu talento impressionante (ele faz um maravilhoso solo, sustentando uma única nota, em "The Nazz Are Blue"). Um single virou um hit: "Over, Under Sideways, Down" baseia-se na linha de baixo de "Rock Around The Clock", mas soa futurista graças à guitarra sinuosa de Beck, à estrutura "pára-recomeça" da música e aos estimulantes gritos de "Hey!".

Os relançamentos do álbum incluem "Happenings Ten Years Ago", uma festa de arromba com um time dos sonhos, formado por Beck e Jimmy Page, e "Psycho Daisies". **JoH**

Nina Simone
Wild Is The Wind (1966)

Selo | Philips
Produção | Vários
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:07

Nina Simone podia cantar blues como Billie ou jazz como Ella. Estilisticamente, ela nunca foi tão consistente quanto as duas, e este foi o maior obstáculo de sua carreira, que levou muitos críticos a subestimá-la. Mas, em meados dos anos 60, ela já tinha provado a si mesma que podia chegar a uma posição confortável no mundo do jazz, Broadway, gospel, pop e folk, e construiu sua cota de música satisfatória e variada por onde passou.

Apesar de ter sido montado a partir de sobras de gravações feitas entre 1964 e 1965, *Wild Is The Wind* é o melhor exemplo de como o ecletismo de Simone podia dar origem a uma obra musical coesa. O disco exibe uma variedade espantosa, com 11 faixas até então inéditas que levam a uma viagem sinuosa mas convincente por diferentes estilos e emoções.

Simone está exultante na faixa de abertura, a turbulenta "I Love Your Loving Ways", o que dá à sombria "Four Women", que se segue, um efeito ainda mais devastador. A música, que narra os sofrimentos de quatro mulheres negras, fermenta numa raiva mal contida que iria matizar o material mais politizado da compositora que viria à tona pouco depois.

"Why Keep On Breaking My Heart" e "Either Way I Lose" parecem ter como objetivo satisfazer as grandes platéias que transformaram sua versão de "I Love You, Porgy", de Gershwin, em sucesso em 1959. A faixa-título, um *tour de force* de quase sete minutos, é uma sensacional canção de amor que se situa entre os melhores trabalhos da cantora. **JiH**

Astrud Gilberto
Beach Samba (1967)

Selo | Verve
Produção | Creed Taylor
Projeto gráfico | David Krieger
Nacionalidade | Brasil
Duração | 38:58

Quem pode resistir a um disco que começa com "Stay... and we'll make sex with music", o convite que Astrud Gilberto faz na faixa de abertura de *Beach Samba*, lançado em 1967?

Ex-mulher de João Gilberto, Astrud tinha aberto caminho nas paradas cantando "The Girl From Ipanema", na gravação de Stan Getz. Apesar da limitação de sua voz, entre 1963 e 1967 ela trabalhou sua maneira de cantar bem articulada de forma a criar um estilo sensual, e se tornou uma estilista com uma identidade vocal original.

Com a participação do produtor Creed Taylor e os arranjos de Eumir Deodato e Don Sebesky, *Beach Samba* apresenta um repertório variado de ritmos brasileiros traduzidos para o pop folk inglês e americano e filtrados pela bossa nova ou pelo samba.

"Stay" foi composta por Gayle Caldwell (que também escreveu o grande sucesso "Cycles" para Frank Sinatra), com arranjos de Deodato; a presença do flautista Hubert Laws nesta e em outras canções dá mais brilho às orquestrações. "Misty Roses", de Tim Hardin, é a obra-prima de Sebesky, com trompas, cordas e harpas.

Astrud navega placidamente por todo o disco. É cool em "Canoeiro", de Deodato, com a sua envolvente melodia sem palavras, enquanto em "You Didn't Have To Be So Nice" ela canta em dueto com o filho Marcello, então com seis anos.

Não há arestas, apenas uma suave música do tipo *easy listening*, da qual Astrud é a estrela. *Beach Samba* mostra a marca indelével deixada por ela no mundo inteiro – aquela brasileira que canta como se estivesse ali do lado. **JCV**

Nico
Chelsea Girl (1967)

Selo | Polydor
Produção | Tom Wilson
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 45:36

Famosa por seu trabalho com o Velvet Underground e difamada por sua lista de amantes (que incluía Jim Morrison, Iggy Pop e Brian Jones), Nico finalmente se lançou na carreira solo com *Chelsea Girl*, em 1967 (*Chelsea Girls* é o nome de um filme de Andy Warhol no qual ela aparece). O material era de alguns dos melhores compositores da época, como Bob Dylan, Tim Hardin, um desconhecido Jackson Browne (então, ainda adolescente e namorado de Nico) e os integrantes do Velvet Underground – Lou Reed, Sterling Morrison e John Cale (os três também tocam no disco). Mas, embora as músicas não tenham sido compostas por ela (à exceção de uma parceria), *Chelsea Girl* proporciona uma ampla confirmação da originalidade e do potencial de Nico.

Seu vocal mágico é austero, embora hipnotizante; a instrumentação fragmentada, de base folk, inclui flauta, viola elétrica, marimba, guitarra, violoncelo e um pequeno órgão. As faixas têm um tom sedutor e místico, particularmente a calma "These Days/I'll Keep It With Mine". A faixa-título, de Morrison e Reed, faz referência ao cotidiano da "Factory" de Andy Warhol.

O público não estava preparado para as obras-primas experimentais do art-rock apresentadas por Nico e para sua atmosfera melancólica, e o álbum causou pouco impacto. Mas sua beleza desolada – e o trabalho único e provocador que Nico faria mais tarde com John Cale – fascinou gerações posteriores. Patti Smith a enalteceu, Siouxsie Sioux queria cantar com ela e duas faixas de *Chelsea Girl* foram incluídas na trilha sonora da comédia *Os Excêntricos Tenenbaums*, de Wes Anderson, lançada em 2001. **MBo**

The Beatles
Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (1967)

Selo | Parlophone
Produção | George Martin
Projeto gráfico | Peter Blake
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:50

Vamos navegar de volta a 1967, quando os beatlemaníacos que haviam tentado achar o prumo com *Rubber Soul* e *Revolver* seriam recompensados com uma divertida fantasia musical, *Sgt. Pepper...* ficou 15 semanas no topo da parada da Billboard e ainda estava entre os cinco primeiros quando *Magical Mystery Tour* chegou à liderança, seis meses depois.

Por quê? Porque a ampliação de horizontes proposta pelo álbum vinha ancorada em composições brilhantes. Desde a abertura contagiante de McCartney (que Jimi Hendrix tocou ao vivo dois dias depois de lançado o disco), passando pela caleidoscópica "Lucy In The Sky With Diamonds", de Lennon, até a atordoante "A Day In The Life", composta pela dupla, cada música é um tesouro.

Apesar da omissão de "Strawberry Fields Forever" – o single provocativo que fez a ponte entre *Revolver* e *Sgt. Pepper...* –, o álbum contém elementos psicodélicos: filosofia oriental ("Within You Without You", de Harrison) e menção a drogas (embora Lennon tenha negado as referências ao LSD em "Lucy", McCartney deixou tudo claro com "Fixing a Hole").

O certificado de *Sgt. Pepper...* como uma obra da pop art foi conferido pela capa mais famosa da história do disco. O designer Peter Blake imaginou primeiro uma caixa de presente, mas acabou optando por juntar na capa uma série de recortes de cartolina (alguns rostos famosos – Jesus, Hitler, Gandhi – não sobreviveram à montagem final).

O álbum causou um impacto sem precedentes. As rádios o tocaram dias a fio. O crítico Kenneth Tynan, do *The Times*, o classificou como "um momento decisivo na história da civilização ocidental". Essa hipérbole já não se aplica, mas ficou um pop perfeito, no qual a ousadia e a música se mesclaram para sempre. **BM**

Lista de músicas

01	**Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band**	
02	**With A Little Help From My Friends** (Lennon•McCartney)	2:44
03	**Lucy In The Sky With Diamonds** (Lennon•McCartney)	3:29
04	**Getting Better** (Lennon•McCartney)	2:48
05	**Fixing A Hole** (Lennon•McCartney)	2:36
06	**She's Leaving Home** (Lennon•McCartney)	3:35
07	**Being For The Benefit Of Mr. Kite** (Lennon•McCartney)	2:37
08	**Within You Without You** (Harrison)	5:06
09	**When I'm Sixty-Four** (Lennon•McCartney)	2:37
10	**Lovely Rita** (Lennon•McCartney)	2:42
11	**Good Morning, Good Morning** (Lennon•McCartney)	2:42
12	**Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (Reprise)** (Lennon•McCartney)	1:19
13	**A Day In The Life** (Lennon•McCartney)	5:33

Country Joe And The Fish
Electric Music For The Mind And Body (1967)

Selo | Vanguard
Produção | Samuel Charters
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:03

Militante de esquerda antes e depois de um período na Marinha, Joe McDonald chegou a São Francisco como estudante, mas rapidamente se viu absorvido pelo cenário folk e pela Instant Action Jug Band (batizada de Country Joe and the Fish para o mercado fonográfico, um nome que invocava – para quem conhecia – Stalin e Mao). Foi apenas no verão de 1966 que a banda começou a substituir os instrumentos de música folk por guitarras elétricas, e o segundo *extended play* (EP) do grupo deu suficiente gás para sua contratação pela Vanguard, de Nova York, especializada em folk e clássico, que vinha assistindo à transformação de sua rival Elektra num confiável selo de rock.

Naquele tempo, São Francisco era um celeiro de estudantes radicais movidos a LSD e política. No cenário musical, o movimento psicodélico estava em seu estágio embrionário, com poucas bandas conscientes das possibilidades que o ano de 1967 traria. O LP do The Fish abriu as portas para tudo o que viria nos dois anos seguintes – mesmo com a insistência da Vanguard em não incluir no disco a canção mais popular do grupo em suas apresentações ao vivo, "I Feel Like I'm Fixin' To Die Rag".

Entrelaçando humor ácido em seus ácidos ritmos, *Electric Music...* é um dos discos mais coerentes do Verão do Amor e da geração hippie; as guitarras alternam efeitos suaves e golpes no cérebro; as letras contêm ataques satíricos a Lyndon Johnson ("Superbird") e épicos resolutos sobre drogas ("Bass Strings"); há blues, folk e rock para todos os gostos. E, no rastro deste álbum, o humor do país, sua juventude e sua música mudaram completamente. Nada mal. **DH**

"Naquele tempo, a música tinha outras dimensões."

Barry "The Fish" Melton, 2004

Lista de músicas

01	**Flying High**	(McDonald)	2:41
02	**Not So Sweet Martha Lorraine**	(McDonald)	4:24
03	**Death Sound Blues**	(McDonald)	4:26
04	**Porpoise Mouth**	(McDonald)	2:51
05	**Section 43**	(McDonald)	7:26
06	**Superbird**	(McDonald)	2:07
07	**Sad And Lonely Times**	(McDonald)	2:26
08	**Love**	(McDonald • Melton • Cohen Barthol • Gunning • Hirsch)	2:24
09	**Bass Strings**	(McDonald)	5:03
10	**The Masked Marauder**	(McDonald)	3:12
11	**Grace**	(McDonald)	7:03

Buffalo Springfield
Buffalo Springfield Again (1967)

Selo | Atco
Produção | Buffalo Springfield • Jack Nitzsche
Projeto gráfico | Loring Eutemey
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:10

O Buffalo Springfield (era o nome de uma máquina de terraplanagem usada nas estradas de Los Angeles) tinha cantores/compositores demais para sobreviver. O grupo ganhou fama em 1967 com o single "For What It's Worth", de Stephen Stills, que ficou entre os dez primeiros das paradas americanas – um retrato lindamente suavizado de tempos turbulentos. Mas, quando apareceu o segundo LP, Stills e Young estavam brigando ferozmente por tempo e espaço, deixando para trás o menos competitivo Furay.

A essa altura, o Springfield era menos um grupo do que uma coleção de indivíduos, cada um concentrado em suas próprias canções – com a exceção de "Good Time Boy", escrita por Furay para ser cantada pelo baterista Dewey Martin. Várias faixas deixavam pistas sobre as futuras direções musicais da banda: "Expecting To Fly" e "Broken Arrow" apresentam paisagens sonoras ambiciosamente orquestradas por Young e Jack Nitzsche, que mais tarde trabalharia com o cantor em diversos projetos solo, incluindo *Harvest*. Por outro lado, "Everydays", a superior "Bluebird" e, particularmente, "Rock And Roll Woman" são exemplos típicos da abordagem que Stills adotaria depois – vocais poderosos contra uma rica mistura de violões brilhantes e límpidos, e robustas guitarras elétricas. A combinação das raízes folk-rock e country do Springfield com um rock mais pesado seria de grande influência para a próxima geração de grupos de rock da Costa Oeste – mais especificamente os Eagles.

A contracapa do álbum mostra uma lista de agradecimentos a "amigos, inimigos e pessoas que não conhecemos de lugar algum". Primeiro nome da lista? Hank B. Marvin, guitarrista do grupo instrumental inglês The Shadows. **JT**

"Acho que somos uma das bandas mais populares e misteriosas dos Estados Unidos."

Richie Furay, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Mr. Soul** (Young)	2:35
	02	**A Child's Claim To Fame** (Furay)	2:09
▶	03	**Everydays** (Stills)	2:38
▶	04	**Expecting To Fly** (Young)	3:39
▶	05	**Bluebird** (Stills)	4:28
	06	**Hung Upside Down** (Stills)	3:24
	07	**Sad Memory** (Furay)	3:00
	08	**Good Time Boy** (Furay)	2:11
▶	09	**Rock And Roll Woman** (Stills)	2:44
▶	10	**Broken Arrow** (Young)	6:13

Captain Beefheart And His Magic Band
Safe As Milk (1967)

Selo | Buddah
Produção | Bob Krasnow • Richard Perry
Projeto gráfico | Tom Wilkes
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:40

Depois de um período com a A&M, Beefheart assinou contrato com o selo Buddah, de Bob Krasnow, levando todas as músicas "negativas" que Jerry Moss, sócio da A&M, havia se recusado a lançar.

Talvez o ar comportado que o Capitão e sua tripulação apresentam na capa não pareça revolucionário hoje, mas, em 1965 e 1966, enquanto o R&B inglês era a tendência musical do underground nos Estados Unidos, e os Beatles e o selo de música negra Tamla mandavam nas rádios, *Safe as Milk* era um must para os amantes da música experimental.

Contra todas as excentricidades, a combinação do pop puro de Krasnow e Perry com a enorme visão do inimitável Beefheart deu o que falar. Captain não perdia de vista o sucesso comercial e encarregou o baixista e compositor Herb Bermann de polir algumas músicas, enquanto Ry Cooder, então integrante dos Rising Sons, providenciava os arranjos e a slide guitar. O vibrafone de Milt Jackson e os futuros pilares da Magic Band, Alex St. Clair e John French, arredondavam o núcleo dessa mistura de Delta blues, jazz, sons psicodélicos, R&B e folk-rock americano tradicional de meados dos anos 60.

Sobram maravilhas, do encanto infantil de "Yellow Brick Road" ao irônico "Dropout Boogie". "I'm Glad" é puro soul, "Autumn's Child", uma ambiciosa sinfonia ácida, e "Electricity", uma algazarra clássica guiada pelo Theremin. E, ao longo de tudo isso, a voz gasta e blueseira de Beefheart.

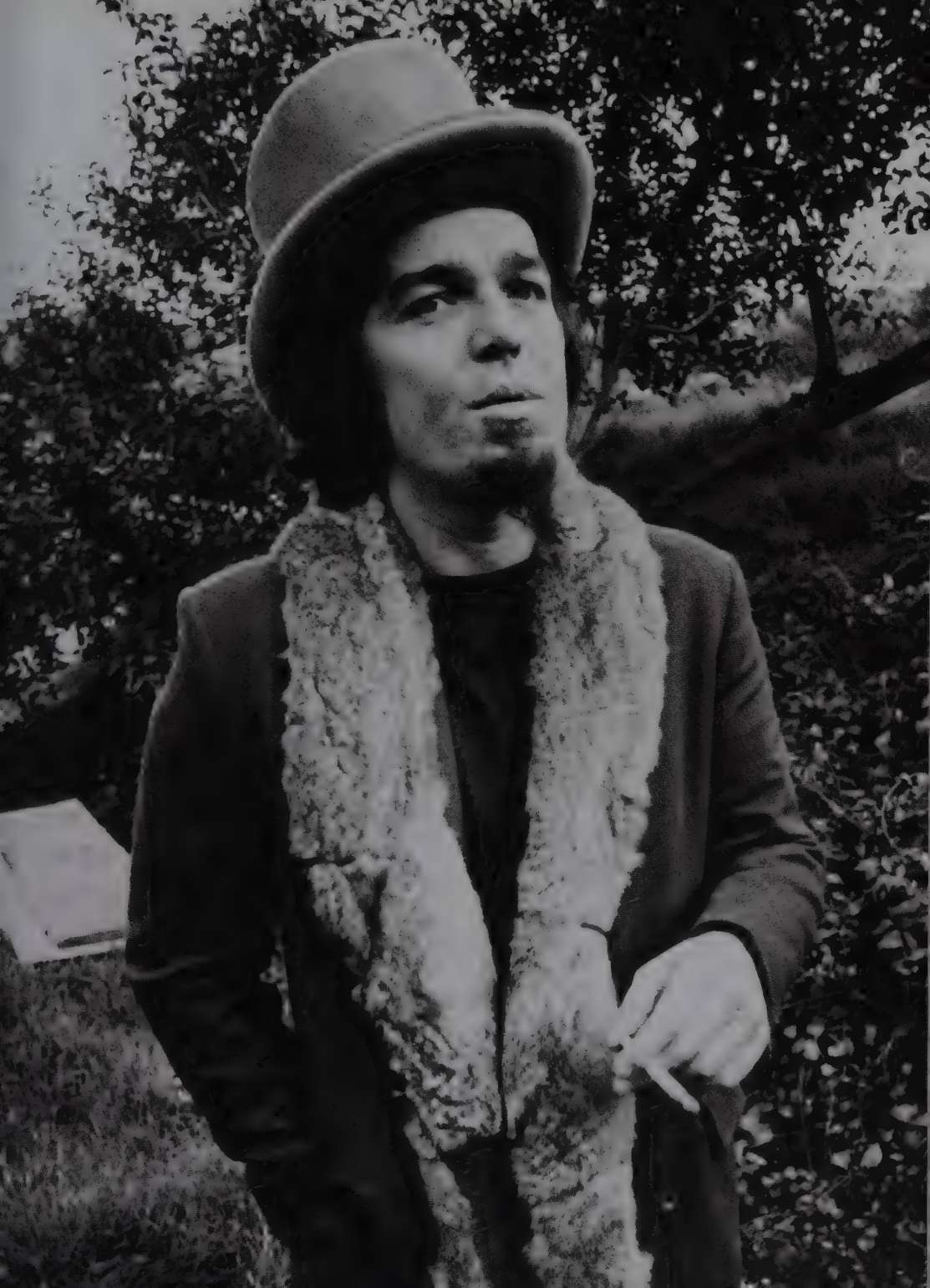
O álbum resultante é um híbrido bem equilibrado, até mesmo tocável nas rádios, que também tem elementos do disco que estava por vir – *Trout Mask Replica*. **JG**

"Não sou uma estrela do rock. Sou um cara suave, não uma rocha."

Captain Beefheart, 1971

Lista de músicas

01	Sure 'Nuff 'N Yes, I Do (Bermann•Van Vliet)	2:10
02	Zig Zag Wanderer (Bermann•Van Vliet)	2:45
03	Call On Me (Van Vliet)	3:11
04	Dropout Boogie (Bermann•Van Vliet)	6:20
05	I'm Glad (Van Vliet)	2:32
06	Electricity (Bermann•Van Vliet)	3:03
07	Yellow Brick Road (Bermann•Van Vliet)	2:50
08	Abba Zaba (Van Vliet)	1:45
09	Plastic Factory (Bermann•Handley•Van Vliet)	3:00
10	Where There's Woman (Bermann•Van Vliet)	2:05
11	Grown So Ugly (Williams)	2:52
12	Autumn's Child (Bermann•Van Vliet)	4:35



Moby Grape
Moby Grape (1967)

Selo | Columbia
Produção | David Rubinson
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:11

A arrogância da gravadora, as intrigas do mundo do rock 'n' roll e pura má sorte fizeram com que a estrela do Moby Grape ascendesse e caísse em apenas um ano. Mas seu álbum de estréia arrebentou.

Skip Spence, um veterano do Jefferson Airplane (sua música "My Best Friend" está em *Surrealistic Pillow*), e o ex-agente do grupo, Matthew Katz, reuniram um novo time de músicos em torno dessa genial dissidência. Os quatro que encontraram (os guitarristas Jerry Miller e Peter Lewis, o baterista Don Stevenson e o baixista Bob Mosley) eram bons compositores e cantores harmoniosos, e esse pacote de dar água na boca logo fez barulho em São Francisco.

Seu homônimo disco de estréia (que custou US$ 11 mil) parecia feito para lançar o Moby Grape como o próximo queridinho da América. A faixa de abertura, "Hey Grandma", ferve com harmonias em ebulição e guitarras estridentes. "Fall On You", um soco no estômago de autoria de Lewis, tem um vocal insolente, fluidos solos de guitarra e bateria bem marcada. Há o doce estilo espanhol acústico de "8.05", a efusiva "Come In The Morning" e a atordoante "Omaha", de Spence – as canções são revigorantes, otimistas e cheias de alegria. Como o Moby Grape poderia fracassar?

Para começar, a Columbia lançou cinco faixas como singles simultaneamente – matando as chances de subirem nas paradas. Três integrantes da banda foram presos por posse de maconha e por ligações com meninas menores de idade. E Stevenson claramente mostrava o dedo médio para a câmera na foto da capa (a Columbia percebeu e o gesto obsceno foi apagado posteriormente). Mas esqueça tudo isso – é um dos melhores discos de São Francisco. **RD**

Love
Da Capo (1967)

Selo | Elektra
Produção | Paul Rothchild
Projeto gráfico | William S. Harvey
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:16

Quando o fundador da Elektra, Jac Holzman, foi assistir ao Love em Los Angeles, chegou cedo o suficiente para ver o grupo de abertura, The Doors. Esse fato, sozinho, provavelmente selou o destino do Love como banda cult – em vez de mainstream –, embora, 40 anos depois, o líder Arthur Lee seja mais popular e faça mais shows do que o Love original.

Da Capo foi o segundo álbum do grupo, e a opção de incluir uma única faixa no lado B era considerada ousada para a época. "Revelation", que, ao que parece, antes se chamava "John Lee Hooker", dura um pouco mais do que todas as outras canções do disco juntas e, francamente, só vale a pena ser ouvida uma vez.

No entanto, as primeiras seis faixas são mais do que uma compensação, formando uma suíte perfeita. Destaque para a divertida "Stephanie Knows Who", com suas constantes mudanças de tempo, "Orange Skies", de Bryan Maclean (que foi *roadie* dos Byrds), e a esmagadora "Seven and Seven Is". Foram necessários mais de 50 takes para gravar esta última, com Lee e "Snoopy" Pfisterer se revezando na bateria, porque a música consumia energia demais. Foi o primeiro single de sucesso do Love nos Estados Unidos. Em seguida, vem a doce introdução ao violão de "The Castle".

O contraste entre a beleza sutil do primeiro lado e os excessos de "Revelation" fazem deste disco um dos mais esquizofrênicos do mercado. **JT**

The Beau Brummels
Triangle (1967)

Selo | Warner Bros.
Produção | Lenny Waronker
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | EUA
Duração | 26:08

Essa banda de São Francisco é mais conhecida pelo hit de folk-rock "Laugh Laugh", de 1963 (que levou o grupo a aparecer num episódio de *Os Flintstones*, com o nome de The Beau Brummelstones). Mas seu quarto álbum é um verdadeiro clássico perdido – uma mistura de folk-rock e um assombroso country que ainda permanece atual, quando comparada com discos contemporâneos de maior vendagem.

O disco anterior do grupo, *Beau Brummels '66*, consistia inteiramente em versões desbotadas e sem graça, o que levou o baterista John Peterson a debandar para o Harper's Bizarre. Como o guitarrista Ron Elliott era diabético, a banda abriu mão de turnês e optou por se concentrar na exploração das novas tecnologias de estúdio. Para isso, contou com a ajuda do produtor Lenny Waronker, então na Warner Bros., que defendia o maior controle artístico possível para os selos de bandas.

O resultado foi o álbum mais forte do grupo. O talento de Elliott para compor amadureceu para além dos limites dos hits de dois minutos, enquanto o vocal de Sal Valentino chegava a um tom nasal e visceral, contrastando maravilhosamente com os arranjos sombrios que incluíam cordas, acordeão e espineta (esta, tocada em "Magic Hollow" por Brian Wilson, colaborador de Van Dyke Parks). Elliott descreveu o disco como "um passeio emocional pelo mundo que nos cercava naquela época... a música se tornou muito etérea, mística e misteriosa". Apesar das críticas entusiasmadas, *Triangle* não passou de um decepcionante 197.º lugar na parada da Billboard. **PL**

The Monkees
Headquarters (1967)

Selo | RCA Victor
Produção | Douglas Farthing Hatlelid
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 36:14

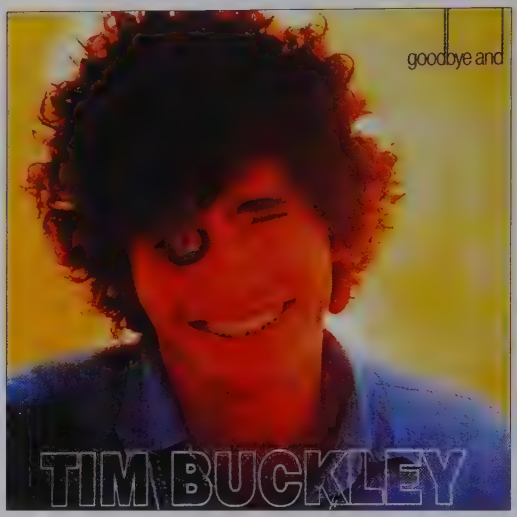
Os Monkees, a primeira banda fabricada para um programa de TV, estavam cansados de ser gozados pelos hippies, que os chamavam de marionetes: queriam ser um verdadeiro grupo de rock. Demitiram o supervisor musical Dan Kirshner e assumiram o controle. "Este disco é todo nosso", proclamam na capa, que também lista cuidadosamente todos os instrumentos tocados por eles.

A reinvenção não foi total: os Monkees escreveram sete canções (oito, na verdade: os *royalties* de "No Time" foram doados a um amigo), e duas são apenas interlúdios. Tommy Boice e Bobby Hart, que escreveram "(Theme from) The Monkees", também contribuíram com três músicas. Mas o toque de gênio de *Headquarters* é seu equilíbrio: a lacrimosa "For Pete's Sake" começa numa explosão de pop urgente e não da forma sinuosa própria das bandas hippies. A fantástica "You Just May Be The One", de Mike Nesmith, acende uma vela para o The Who e outra para o country rock, enquanto "Forget That Girl" é a canção mais lindamente sutil do grupo. Há até uma controvérsia: "Randy Scouse Git", de Mickey Dolenz – com seus versos vivos e seus brilhantes refrões gritados e caóticos –, acabou batizada como "Alternate Title" na Inglaterra, porque o nome original foi considerado ofensivo. Lançada como single, chegou ao segundo lugar na parada britânica.

Headquarters vendeu bem e, ao que parece, provou que a banda estava certa. Mas, a essa altura, discussões do tipo "são ou não são" não importavam mais. Autômatos ou autônomos, os Monkees eram um grande grupo com grandes músicas. **MMo**

Tim Buckley | Goodbye And Hello (1967)

Selo | Elektra
Produção | Jerry Yester
Projeto gráfico | William S. Harvey • Guy Webster
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:41



O segundo LP de Tim Buckley deveria ter feito dele um astro. O trovador de 20 anos de idade já era uma cara conhecida em Los Angeles, graças a seu disco homônimo de estréia, em 1966 – uma série bem-acabada de canções de amor pós-Dylan, que exibia sua rica voz de tenor e suas letras emotivas. Ele estava, então, ansioso para romper com o mundo do folk-rock.

Influenciado por *Sgt. Pepper*, dos Beatles, *Goodbye and Hello* é uma obra-prima do barroco psicodélico. Uma atmosfera densa e explosiva permeia "No Man Can Find The War", uma crônica da Guerra do Vietnã que faz parte do grupo de cinco músicas escritas em parceria com Larry Beckett, seu colega de escola. A bruxuleante "Hallucinations" e a circense "Carnival Song" evocam o passado, enquanto a faixa-título flutua entre duas melodias contrastantes e tem um quê de medieval.

Essas pinturas sonoras são contrabalançadas pela febril "Pleasant Street", pela dolorosa balada "Once I Was" e pela melancólica e intimista "Morning Glory" (regravada por Linda Ronstadt com o nome de "Robot"). Em "I Never Asked To Be Your Mountain", Tim faz uma tumultuada autojustificação para a mulher, Mary, e o filho Jeff, de quem estava afastado – em 1991, Jeff cantou essa música num show em homenagem ao pai.

A Elektra gostou tanto de *Goodbye and Hello* que investiu numa sofisticada capa em formato de folder; Buckley estava de alto-astral na foto da capa, sorrindo com uma tampinha de garrafa enfiada no olho. As críticas foram positivas, mas o álbum não passou do 171.º lugar na parada americana. Buckley respondeu com *Happy Sad*, um disco com influências jazzísticas, e depois com os vanguardistas *Lorca* e *Starsailor*. Ele morreu em junho de 1975, aos 28 anos, de overdose de heroína. *Goodbye And Hello* é a pedra fundamental da lenda criada ao seu redor: a obra exuberante, mas acessível, de um artista de uma complexidade duradoura. **MA**

"A música faz sonhar acordado... leva para bem longe e cria um novo mundo."

Tim Buckley, 1968

Lista de músicas

1. No Man Can Find The War
2. Carnival Song
3. Pleasant Street
4. Hallucinations
5. I Never Asked To Be Your Mountain
6. Once I Was
7. Phantasmagoria In Two
8. Knight-Errant
9. Goodbye And Hello
10. Morning Glory

Love | Forever Changes (1967)

Selo | Elektra
Produção | Arthur Lee • Bruce Botnick
Projeto gráfico | William S. Harvey • Bob Pepper
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:52

Em 1967, o Love era a banda mais festejada de Los Angeles, depois dos Byrds. A fase de hits dos Byrds, porém, estava chegando ao fim, mas o Love não estava suficientemente preparado para tomar seu lugar: era um grupo etnicamente misturado, com dois líderes negros que faziam uma música de pouco apelo para o público negro; as canções se alongavam por lados inteiros dos LPs; e a dependência de drogas da banda tinha aumentado vertiginosamente. No verão de 1967, o The Doors e Jimi Hendrix monopolizavam todas as glórias. Então, o Love voltou ao básico, planejando um álbum com o foco nas músicas.

Quando Bruce Botnick chegou para produzir o disco, encontrou a banda em um estado tão lastimável que, imediatamente, contratou músicos de estúdio. Duas faixas, "The Daily Planet" e "Andmoreagain", foram gravadas num único dia, e a banda ganhou uma folga para trabalhar em conjunto novamente e ensaiar um punhado de músicas. Dali por diante, cada dia no estúdio significava se dedicar a algumas canções e, depois, o grupo poderia sumir dali para aprender as próximas.

A gravação do disco levou quatro meses, mas os resultados foram inéditos. Acid rock não era para ser tocado com violão e orquestra sinfônica – ou era? Muito inovador para o gosto da Costa Oeste, o LP não conseguiu sequer alcançar o desempenho modesto dos dois discos anteriores da banda nas paradas dos Estados Unidos; na Inglaterra, porém, o álbum lembrava o jeito brincalhão e interiorano dos Beatles, Small Faces e Donovan (embora um ouvido mais atento pudesse identificar o turbilhão dentro da banda e da própria Los Angeles no Verão do Amor), e entrou para os Top 30. A essa altura, no entanto, a banda estava desmoronando e nunca recuperou sua força. **DH**

"Quando gravei o disco, achei que fosse morrer."

Arthur Lee, 2001

Lista de músicas

▶	01	**Alone Again Or** (Maclean)	3:17
	02	**A House Is Not A Motel** (Lee)	3:31
▶	03	**Andmoreagain** (Lee)	3:18
	04	**The Daily Planet** (Lee)	3:30
	05	**Old Man** (Maclean)	3:02
	06	**The Red Telephone** (Lee)	4:46
▶	07	**Maybe The People Would Be The Times Or Between Clark And Hilldale** (Lee)	3:34
	08	**Live And Let Live** (Lee)	5:26
	09	**The Good Humor Man He Sees Everything Like This** (Lee)	3:08
	10	**Bummer In The Summer** (Lee)	2:24
▶	11	**You Set The Scene** (Lee)	6:56

Cream | Disraeli Gears (1967)

Selo | Polydor
Produção | Felix Pappalardi
Projeto gráfico | Martin Sharp
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 33:30

O trio de jazz-blues-rock Cream atualizou o ávido experimentalismo de seu álbum de estréia, *Fresh Cream* (1966), acrescentando os efeitos psicodélicos que prevaleciam nos estúdios em 1967 – novos refinamentos como o pedal wah-wah e as distorções de guitarras – e chegou a seu auge artístico com *Disraeli Gears*. Rotulado como a primeira superbanda, graças aos deslumbrantes talentos do guitarrista Eric Clapton, do baixista e vocalista Jack Bruce e do baterista Peter "Ginger" Baker, o Cream, com este disco, abriu as portas para novos gêneros musicais, como o jazz fusion e – dizem – o rock progressivo.

A simbólica colagem fluorescente da capa do disco era o acompanhamento perfeito para a enxurrada de música de vanguarda ali contida, a começar pela dispersa e memorável "Strange Brew", na qual os gemidos fantasmagóricos de Bruce se sobrepõem com etérea economia ao estilo convulsivo, quase funk, de Clapton na guitarra. E fica cada vez melhor: "Sunshine of Your Love" (que, ao lado de "White Room", é a canção mais conhecida do Cream) serviu de inspiração para uma torrente de guitarra ao vivo despejada pelo único sério rival contemporâneo de Clapton, Jimi Hendrix. "Tales Of Brave Ulysses" é um poema feroz embebido na guitarra lacerante e bluseira de Clapton, enquanto a tradicional "Mother's Lament" é uma referência direta às influências dos músicos do grupo.

Foi basicamente pelas apresentações ao vivo que o Cream ganhou sua reputação – e com razão: no palco, o grupo parecia possuído por Robert Johnson e Charlie Parker. *Disraeli Gears* continua sendo seu melhor disco, apesar da força de seus outros álbuns. Permanece como um retrato vital de uma época única. **JM**

"Meu foco está sempre em 'É bom o suficiente?', e não em 'Vai vender?'. Sempre 'É bom o suficiente?'."

Eric Clapton, 2001

Lista de músicas

01	**Strange Brew**	(Clapton • Collins • Pappalardi)	2:50
02	**Sunshine Of Your Love**	(Brown • Bruce • Clapton)	4:13
03	**World Of Pain**	(Collins • Pappalardi)	3:05
04	**Dance The Night Away**	(Brown • Bruce)	3:36
05	**Blue Condition**	(Baker)	4:32
06	**Tales Of Brave Ulysses**	(Clapton • Sharp)	2:49
07	**Swlabr**	(Brown • Bruce)	2:34
08	**We're Going Wrong**	(Bruce)	3:29
09	**Outside Woman Blues**	(Reynolds)	2:27
10	**Take It Back**	(Brown, Bruce)	3:08
11	**Mother's Lament**	(Trad.)	1:47

Pink Floyd | The Piper At The Gates Of Dawn (1967)

Selo | Columbia
Produção | Norman Smith
Projeto gráfico | Syd Barrett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:52

Como banda da casa no UFO Club em meados dos anos 60, o Pink Floyd começou uma revolução psicodélico-musical em Londres, rivalizando com a realizada pelo The Grateful Dead em São Francisco. Apesar do nome enganoso – roubado dos artistas de blues Pink Anderson e Floyd Council –, o Pink Floyd não era um grupo de hippies maltrapilhos se aventurando na música negra, e sim um bando de estudantes de arquitetura e arte bem-vestidos em busca de um som próprio. *The Piper At The Gates Of Dawn* atingiu esse objetivo com resultados fascinantes.

O sucesso do álbum se deve à habilidade da banda em equilibrar a exploração sonora de seus shows ao vivo e a técnica de composição por trás de hits como "Arnold Layne" e "See Emily Play". Ninguém escrevia canções psicodélicas melhor do que Syd Barrett. Mesmo "Astronomy Domine" orbita ao redor de uma estrutura pop conhecida. No entanto, o compositor estava claramente lutando para controlar a música e a mente, enquanto o baixista Roger Waters, o pianista Richard Wright e o baterista Nick Mason queriam decolar numa viagem espacial. Essa tensão fez com que a barroca "Matilda Mother" e a jazzística "Pow R Toc H" funcionassem muito bem. A peça central do álbum é "Interstellar Overdrive", um passeio de foguete que dura dez minutos e contém a melhor execução de guitarra da banda antes da chegada de David Gilmore.

Logo depois, Barrett teria um colapso mental e o grupo ganharia as diretrizes da guitarra épica de Gilmore. Waters se tornaria a força criativa da banda e alimentaria o fascínio do público com seu ciclo de canções conceituais. O Pink Floyd voaria mais alto, especialmente em *Dark Side Of The Moon*, mas, com *The Piper...*, o grupo conseguiu capturar com perfeição a essência psicodélica dos anos 60. **JiH**

"Não acho que seja fácil falar de mim. Tenho uma mente muito irregular."

Syd Barrett, 1971

Lista de músicas

01	Astronomy Domine	[illegible]	[illegible]
02	Lucifer Sam	[illegible]	[illegible]
03	Matilda Mother	[illegible]	[illegible]
04	Flaming	[Barrett]	2:46
05	Pow R Toc H	[Barrett • Mason • Waters • Wright]	4:26
06	Take Up Thy Stethoscope And Walk	[illegible]	[illegible]
07	Interstellar Overdrive	[illegible]	9:41
08	The Gnome	[Barrett]	2:13
09	Chapter 24	[illegible]	[illegible]
10	The Scarecrow	[illegible]	[illegible]
11	Bike	[Barrett]	3:21

The Who | The Who Sell Out (1967)

Selo | Track
Produção | Kit Lambert
Projeto gráfico | David King • Roger Law
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:26

Uma obra-prima da pop art, *The Who Sell Out* esbanja uma ousadia que, mais tarde, abandonaria esse volátil ícone londrino do movimento mod. As hilariantes fotos da capa, de David Montgomery, revelam o conceito dessa cultura. O guitarrista e líder da banda, Pete Townshend, segura um tubo absurdamente desproporcional de Odorono – o desodorante "que transforma transpiração em inspiração". O cantor Roger Daltrey aparece numa banheira cheia de feijões cozidos com molho de tomate, abraçado a uma lata de Heinz (o primeiro fabricante de feijão em lata da Inglaterra). Na contracapa, o baterista Keith Moon aplica o creme Medac contra espinhas, e lê-se a informação de que o baixista John Entwistle "era um fracote de 60 quilos até que Charles Atlas o transformou num homem de 62 quilos".

The Who Sell Out apresenta uma leitura satírica da relação entre música e propaganda. Townshend concebeu o álbum como uma transmissão de uma falsa rádio pirata, intercalando as faixas de música com comerciais fictícios. Esses jingles ainda mantêm seu apelo, embora o tempo tenha passado antes que a idéia pudesse ser totalmente compreendida.

As canções são sensacionais. Um presente de Speedy Keen, futura estrela da banda Thunderclap Newman, "Armenia City In The Sky" é um atordoante pacto entre o rock e o movimento psicodélico. "I Can See For Miles" foi o maior sucesso do The Who nos Estados Unidos: uma tempestade de harmonias dilatadas em tempos variados, com instrumentos ferinos, conduzida por um Moon em grande forma. Mas, em outras faixas, há um toque mais suave. "Mary Anne With The Shaky Hand" soa como os Byrds; Daltrey surge afetado e obscuro em "Tattoo"; "Our Love Was" e "I Can't Reach You" são melodias alegres. Finalmente, a náutica miniópera "Rael" aponta o caminho para Tommy e o superestrelato. **MA**

"O efeito que o pop tem na sociedade é incrível. É uma coisa poderosa."

Pete Townshend, 1968

Lista de músicas

▶	01	Armenia City In The Sky (Keen)	3:48
	02	Heinz Baked Beans (Entwistle)	1:00
▶	03	Mary Anne With The Shaky Hand (Townshend)	2:28
	04	Odorono (Townshend)	2:34
▶	05	Tattoo (Townshend)	2:51
▶	06	Our Love Was (Townshend)	3:23
▶	07	I Can See For Miles (Townshend)	4:44
▶	08	I Can't Reach You (Townshend)	3:03
	09	Medac (Entwistle)	0:52
	10	Relax (Townshend)	2:41
	11	Silas Stingy (Entwistle)	3:07
	12	Sunrise (Townshend)	3:06
▶	13	Rael (Townshend)	5:44

The Velvet Underground
The Velvet Underground And Nico (1967)

Selo | Verve
Produção | Andy Warhol • Tom Wilson
Projeto gráfico | Andy Warhol
Nacionalidade | EUA
Duração | 48:34

Poucos discos conseguiram fazer um contraponto sombrio ao otimismo vigente na Costa Oeste nos anos 60 como este.

O som arranha, tem pouca nitidez – o que não é uma surpresa, já que o disco foi praticamente todo gravado numa única sessão de oito horas de duração em Nova York, por cerca de US$ 2 mil. As letras repletas de sabedoria de rua de Lou Reed apresentam um perturbador submundo ao rock 'n' roll: "Venus in Furs", uma sensual ode ao sadomasoquismo em que a sussurrante viola de John Cale golpeia e estala como um chicote; "Heroin", uma tomada de posição desarmante e amoral sobre drogas na qual a música se alterna entre a calma e um caótico desabafo mental. Mas o Velvet também sabia fazer canções bonitas e encantadoras – repare no tilintar da caixa de música em "Sunday Morning". "All Tomorrow Parties" era a música favorita de Andy Warhol, um retrato da elite e dos fracassados que passavam pela sede da Factory em Nova York.

A objetividade com que o disco tratava de sexo e drogas fez com que fosse banido das rádios de Nova York; as estações no resto dos Estados Unidos simplesmente o ignoraram. Os críticos odiaram o álbum e muitos achavam que era apenas um trote elaborado de Warhol (ele é o responsável pela capa que mostra uma simbólica banana pronta para ser descascada); a revista *Rolling Stone* sequer resenhou o disco. E praticamente ninguém o comprou na época. Mas, como Brian Eno comentou certa vez, quem o comprou acabou montando uma banda. Grupos new wave como Joy Division, Talking Heads e Television devem muito ao aguçado minimalismo do Velvet; o rosnar de Lou Reed inspirou um bando de vocalistas punk, enquanto os delírios sonoros do grupo foram revisitados por bandas como The Jesus and Mary Chain, que também roubou do Velvet o visual couro-preto-e-óculos-escuros. **RD**

"Essas músicas ainda são muito boas."

Sterling Morrison, 1970

Lista de músicas

1	Sunday Morning (Cale•Reed)	2:54
2	I'm Waiting For The Man (Reed)	4:37
3	Femme Fatale (Reed)	2:37
4	Venus In Furs (Reed)	5:10
5	Run Run Run (Reed)	4:20
6	All Tomorrow's Parties (Reed)	5:58
7	Heroin (Reed)	7:10
8	There She Goes Again (Reed)	2:38
9	I'll Be Your Mirror (Reed)	2:10
10	The Black Angel's Death Song (Cale•Morrison•Reed•Tucker)	3:12
11	European Son (Cale•Morrison•Reed•Tucker)	7:46

Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim

Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim (1967)

Selo | Reprise
Produção | Sonny Burke
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:34

A fase de Frank Sinatra na Capitol Records, de 1954 a 1961, é considerada o auge de sua carreira. Mas, embora ao longo dos anos 60 o cantor se mostrasse cada vez mais acomodado ao sucesso, há pérolas nas gravações que fez para a Reprise, o selo que ele fundou em 1961. Os dois álbuns gravados com Count Basie, por exemplo, são um banquete, mas este pequeno e insólito disco é, sem dúvida, o mais delicado de sua carreira, o que melhor mostra que, quando Sinatra escolhia bem o material, continuava um intérprete incomparável.

A onda da bossa nova já tinha passado; o que antes era considerado exótico nas mãos de Stan Getz e (particularmente) na voz de Astrud Gilberto já tinha, havia algum tempo, virado clichê. Mas Sinatra não ligava para modismos; sua única preocupação era a falta de traduções adequadas para as canções de Jobim, daí a presença de três standards da música americana ao lado de sete faixas do brasileiro.

Os que acusam Sinatra de ser quase desafinado geralmente usam este disco como prova. Mas as falhas de sua voz em faixas ternas como "Dindi" são, se não deliberadas, deliberadamente expostas: Sinatra pode ter parecido cansado ou triste ao longo de sua vida, mas nunca soou tão vulnerável. E, embora tenha decidido um pouco tarde convidar Jobim para um dueto, o álbum é realmente um trabalho de dupla. A leveza de pluma da orquestra conduzida por Claus Ogerman é a primeira coisa que se nota, mas o pulsar do disco é obra do violão flexível mas firme de Tom Jobim. **WF-J**

Lista de músicas

01	**The Girl From Ipanema (Garota De Ipanema)** (Vinicius • Gimbel • Jobim)	3:14
02	**Dindi** (De Oliveira • Gilbert • Jobim)	3:29
03	**Change Partners** (Berlin)	2:40
04	**Quiet Nights Of Quiet Stars (Corcovado)** (Jobim • Lees)	2:44
05	**Meditation (Meditação)** (Gimbel • Jobim • Mendonca)	2:52
06	**If You Never Come To Me** (De Oliveira • Gilbert • Jobim)	2:08
07	**How Insensitive (Insensatez)** (Vinicius • Gimbel • Jobim)	3:16
08	**I Concentrate On You** (Porter)	2:36
09	**Baubles, Bangles And Beads** (Borodine • Forrest • Wright)	2:31
10	**Once I Loved (O Amor Em Paz)** (Vinicius • Gimbel • Jobim)	2:35

The Doors | The Doors (1967)

Selo | Elektra
Produção | Paul A. Rothchild
Projeto gráfico | William S. Harvey
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:25

A profunda influência exercida pelo The Doors na evolução do rock no final dos anos 60 pode ser atribuída não apenas ao vocal apaixonante, à poesia sombria e ao carisma pessoal de Jim Morrison, mas também à integração certeira entre o teclado de Ray Manzarek, a guitarra de Robby Krieger e a bateria de John Densmore. Morrison era a cara do grupo (quase que literalmente: na capa do disco, a foto de Guy Webster reduz os outros integrantes a meros satélites), mas o impacto deste álbum está efetivamente na interação entre os quatro músicos.

O The Doors reuniu uma rica variedade de estilos – incluindo rock, blues, jazz e flamenco. A faixa de abertura, "Break On Through", é um apelo apaixonado à geração psicodélica, enquanto a hipnótica "Soul Kitchen" apresenta mudanças sutis na dinâmica da música, o que se tornaria uma característica do grupo. "The Crystal Ship" mostra o lado crooner de Morrison (Sinatra era um de seus ídolos), em contraste com o trabalho fascinante de Manzarek no teclado. De fato, o The Doors estava tão seguro de sua competência musical que as versões de "Alabama Song", de Brecht/Weill, e do blues "Back Door Man" parecem originais.

As duas faixas mais longas fizeram a fama da banda (e ajudaram o disco a chegar ao segundo lugar nas paradas americanas). "Light My Fire", uma das músicas mais reinterpretadas do grupo (chegou ao primeiro lugar nos Estados Unidos, numa versão editada), é um glorioso hino, com influências jazzísticas, ao desejo sexual. Mas é com "The End" que o *ethos* do The Doors chega à plenitude – um épico edipiano de luxúria e morte, com 11 minutos de duração, no qual o grupo oferece um surpreendente contraste polimórfico à narrativa cativante de Morrison.

O rock-teatro começa aqui. **GSu**

Lista de músicas

1. **Break On Through (To The Other Side)** [Densmore • Krieger • Manzarek • Morrison]
2. **Soul Kitchen** [Densmore • Krieger • Manzarek • Morrison]
3. **The Crystal Ship** [Densmore • Krieger • Manzarek • Morrison]
4. **Twentieth Century Fox**
5. **Alabama Song (Whisky Bar)** (Weill • Brecht)
6. **Light My Fire** [Densmore • Krieger • Manzarek • Morrison]
7. **Back Door Man** [Dixon • Burnett]
8. **I Looked At You** [Densmore • Krieger • Manzarek • Morrison]
9. **End Of The Night** [Densmore • Krieger • Manzarek • Morrison]
10. **Take It As It Comes** [Densmore • Krieger • Manzarek • Morrison]
11. **The End** [Densmore • Krieger • Manzarek • Morrison]

The Byrds | Younger Than Yesterday (1967)

Selo | Columbia
Produção | Gary Usher
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:27

Em seu quarto álbum, os Byrds ampliaram o ecletismo de *5D (Fifth Dimension)*, de 1966. A faixa de abertura, "So You Want To Be a Rock 'N' Roll Star" (que ficou entre os 30 primeiros lugares na parada dos Estados Unidos), satirizava os grupos populares entre adolescentes, como os Monkees, que tinham feito grande sucesso sem tocar qualquer instrumento (embora apenas McGuinn tivesse realmente tocado algo no hit dos Byrds, "Mr. Tambourine Man"). Essa faixa tem um memorável trompete tocado por Hugh Masekela, o primeiro metal a dar o ar de sua graça em um disco dos Byrds.

Em "CTA-102", a banda fez algumas experiências de estúdio para produzir o efeito sonoro de ficção científica. As primeiras incursões sérias do grupo na música country estão em "Time Between", de Hillman (com a participação de Clarence White, que entraria para os Byrds) e em "The Girl With No Name". David Crosby contribuiu com a resplandecente "Renaissance Fair", inspirada num festival da Idade Média que acontecia numa rádio de Los Angeles, e com a atemporal "Everybody's Been Burned". Nesta música, que é certamente uma das melhores dos Byrds, o vocal límpido e cheio de sentimento de Crosby é complementado pela fluida linha do baixo de Hillman e um maravilhoso, embora despretensioso, solo de guitarra de McGuinn. "Mind Gardens", também de Crosby, é menos brilhante, uma peça de filosofia psicodélica com referências shakespearianas. O grupo voltou à terra firme em outra regravação de uma música de Dylan, a pungente "My Back Pages", que inspirou o nome do álbum e contém outro solo classudo de McGuinn (o CD relançado mais tarde traz ainda a incendiária "Lady Friend" e a melódica "It Happens Each Day", que estava, na época do disco, inacabada).

Em retrospectiva, é um dos melhores álbuns dos Byrds – ambiciosamente variado, lindamente executado e contendo alguns de seus trabalhos mais inesquecíveis. **RD**

"É o meu disco favorito dos Byrds. Realmente, fizemos um bom trabalho."

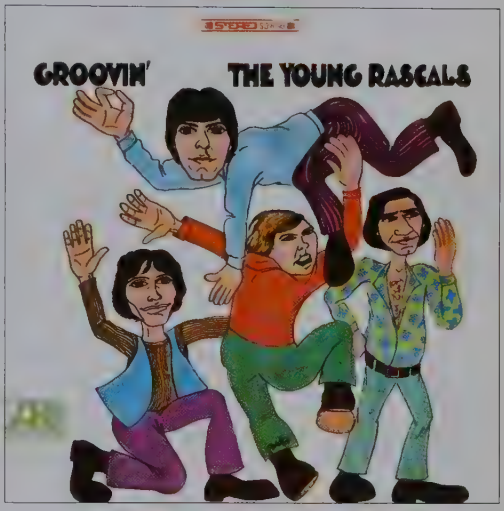
David Crosby, 1998

Lista de músicas

▶	01	So You Want To Be A Rock 'N' Roll Star (Hillman • McGuinn)	2:35
	02	Have You Seen Her Face (Hillman)	2:40
▶	03	CTA-102 (Hilliard • McGuinn)	2:28
	04	Renaissance Fair (Crosby • McGuinn)	1:51
	05	Time Between (Hillman)	1:53
▶	06	Everybody's Been Burned (Crosby)	3:05
▶	07	Thoughts And Words (Hillman)	2:56
	08	Mind Gardens (Crosby)	3:46
▶	09	My Back Pages (Dylan)	3:08
	10	The Girl With No Name (Hillman)	1:50
	11	Why (Crosby • McGuinn)	2:45

The Young Rascals | Groovin', (1967)

Selo | Atlantic
Produção | Tom Dowd • Arif Mardin • The Young Rascals
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:44



Os Young Rascals se tornaram conhecidos primeiramente por ser um dos poucos grupos brancos de meados dos anos 60 a surgir com uma estimulante infusão de R&B e rock 'n' roll, capaz de rivalizar com seus pares afro-americanos (significativamente, foi a primeira banda de rock a assinar com o selo Atlantic). Em 1965, eles atuaram como banda de apoio dos Beatles no show do Shea Stadium. Mas são mais lembrados por sua série de singles de sucesso do que pelos LPs, descartados como irregulares demais.

Groovin' é uma prova irrefutável em sua defesa. O álbum se origina do single homônimo, com sabor de verão, que deu ao grupo seu maior sucesso na Inglaterra (oitavo lugar nas paradas), e encorajou a Atlantic Records a fazer espuma no lançamento do LP. De fato, a faixa-título funciona como um ponto brilhante que cega as demais preciosidades oferecidas no disco.

O mais importante álbum dos Rascals pega o ouvinte desde o começo, mudando do garage thrash para a experimentação psicodélica (que a banda exploraria mais em álbuns posteriores), para o jazz (o baterista Dino Danelli havia tocado com Lionel Hampton) e até mesmo para o gospel. Basta ouvir os riffs de guitarra em "Find Somebody", a melancólica "I Don't Love You Anymore", uma jóia no estilo Beatles, ou "You Better Run", uma precursora do punk (que chegou ao 20º lugar nas paradas americanas em julho de 1966). Uma preciosidade do pop, "How Can I Be Sure", alcançou o quarto lugar nos Estados Unidos (e levou David Cassidy ao primeiro lugar na parada britânica, em 1972). O disco transborda de arranjos inteligentes, de uma profundidade de sentimentos traduzida por guitarras soltas e cruas, de letras introspectivas e de toques inesperados como a latina "Sueño".

O resultado? Quarto lugar nas paradas americanas e vendagens triunfais. **GD**

"O grupo já tinha um fã-clube antes mesmo de alguém ouvir qualquer de suas músicas."

Sid Bernstein (ex-empresáro), 1997

Lista de músicas

▶	01	**A Girl Like You** (Brigati•Cavaliere)	2:53
▶	02	**Find Somebody** (Brigati•Cavaliere)	3:49
	03	**I'm So Happy Now** (Cornish)	2:50
	04	**Sueño** (Brigati•Cavaliere)	2:49
▶	05	**How Can I Be Sure** (Brigati•Cavaliere)	2:56
	06	**Groovin'** (Brigati•Cavaliere)	2:34
	07	**If You Knew** (Brigati•Cavaliere)	3:04
▶	08	**I Don't Love You Anymore** (Cornish)	3:10
▶	09	**You Better Run** (Brigati•Cavaliere)	2:28
	10	**A Place In The Sun** (Miller•Wells)	4:52
	11	**It's Love** (Brigati•Cavaliere)	3:19

Jefferson Airplane
Surrealistic Pillow (1967)

Selo | RCA
Produção | Rick Jarrard
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:40

Assim como os Beach Boys deram uma idéia do que era a cultura do surfe na Califórnia no início da década de 60, *Surrealistic Pillow* pintou um quadro musical do livre pensamento típico do Verão do Amor na região de São Francisco. O segundo disco do Jefferson Airplane foi o primeiro a apresentar a vocalista, tecladista e compositora Grace Slick, que contribuiu com as duas músicas mais eletrizantes – o hard rock "Someone To Love" (quinto lugar nos Estados Unidos) e o acid-bolero "White Rabbit".

Como o The Grateful Dead, também de São Francisco, o Jefferson Airplane combinava a estética folk e algo de sua forma com uma abordagem predominantemente elétrica. A melódica "My Best Friend" evoca o som dos ranchos do Oeste americano, embora com a brisa refrescante da Costa Oeste. "3/5 Of A Mile In 10 Seconds" professa a expansão da mente numa forma clássica de blues-rock. "DCBA-25" combina o som aberto do proto-country-rock com a bateria econômica, embora rápida, da primeira onda do rock britânico, e com os mais horripilantes sobretons psicodélicos – tudo num pacote bem embrulhado de apenas dois minutos e meio de duração. "White Rabbit" permanece um clássico, com suas imagens meio *Alice no País das Maravilhas*, sua batida sedutora e o vocal estridente de Slick se fundindo à perfeição para criar um épico conciso – uma das raras faixas influenciadas por alucinógenos que continuam bem-vindas. **YK**

The Kinks
Something Else By The Kinks (1967)

Selo | Pye
Produção | Ray Davies • Shel Talmy
Projeto gráfico | Pye Records Studios
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:26

Apesar de conter algumas das melhores músicas dos Kinks, incluindo duas que ficaram entre as 10 Mais nas paradas da Inglaterra – a obra-prima de Ray Davies, "Waterloo Sunset", e a elegia de Dave Davies, "Death Of A Clown" –, *Something Else By The Kinks* foi o LP menos vendido da banda, chegando apenas ao 35º lugar na parada britânica em outubro de 1967.

Suas vinhetas suaves e melancólicas e suas sutis melodias agridoces – Ray fala de chás da tarde ("Afternoon Tea"), cigarros ("Harry Rag") e lamenta o fim da temporada ("End Of The Season") – foram precursoras de *The Kinks Are The Village Green Preservation Society*, que seria lançado no ano seguinte e apresentaria uma visão de mundo nostálgica e tipicamente britânica. Infelizmente, era fora de época: grupos psicodélicos mais coloridos, como The Jimi Hendrix Experience e Cream, estavam no auge, e os Beatles tinham acabado de lançar seu LP mais conceitual, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Resultado: este álbum dos Kinks parecia ultrapassado e inconseqüente.

Na verdade, essa musicalidade menos expressiva e as letras charmosas e tristonhas de Davies sobre o dia-a-dia são o que faz do disco, hoje, um tesouro. Os destaques são "Two Sisters", uma alegoria sobre os irmãos Davies (Ray é Priscilla, que sofre com a "monotonia do casamento"; Dave é a solteira e livre Sybilla); "David Watts", um conto homoerótico sobre uma paixão escolar; e "Waterloo Sunset", uma incomparável homenagem a Londres que representa o ápice do talento de Ray Davies. **JoH**

Donovan
Sunshine Superman (1967)

Selo | Pye
Produção | Mickie Most
Projeto gráfico | Dick Smith
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 49:26

Emoldurado por tons vermelho-framboesa, verde-limão e laranja, Leitch aparece na capa com seus olhos doces e cabelos ligeiramente ondulados, vestindo uma camisa estampada no estilo Oxford – parte ídolo adolescente, parte guru pop. Já estabelecido como um trovador folk, Leitch caminhava para um tipo de pop psicodélico inocente com *Sunshine Superman*. A dançante faixa-título foi um single de sucesso que chegou ao segundo lugar nas paradas dos Estados Unidos e Inglaterra, enquanto a comprida "Legend Of A Girl Child Linda" destaca delicadamente a voz calma de Leitch em meio a uma instrumentação folk de câmara à base de cordas, sopro e harpejos de violão.

"Three Kingfishers" e "Ferris Wheel" trazem cítaras amplificadas e seguem à risca a declaração da contracapa do álbum: "Dedicado ao berço do dom oriental". O lado B abre com o delicioso rock de porão "Season Of The Witch", um clássico subvalorizado com uma hipnótica e rascante guitarra e um vocal cativante (essa faixa, apropriadamente, serviu de sombrio acompanhamento para os créditos finais do filme *Um Sonho Sem Limites*, de Gus Van Sant). "Bert's Blues" fecha o álbum com uma nota clássica de western, utilizando cordas e espineta como base para o vocal inconfundível de Leitch. Na verdade, nem todas as faixas apresentam a mesma qualidade. Mas mesmo o Superman tem de voltar à Terra de vez em quando. **YK**

Merle Haggard
I'm A Lonesome Fugitive (1967)

Selo | Capitol
Produção | Ken Nelson
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:14

Merle Haggard e Johnny Cash aprenderam o valor da prisão mais ou menos na mesma época. O lançamento de dois discos gravados em presídios transformou Cash num fenômeno de vendas nos Estados Unidos; para Haggard, um ex-detento que assistiu ao show de Cash na prisão de San Quentin, em 1958, a cadeia significou a descoberta de que um cantor country com ficha criminal tinha apelo comercial.

Entre 1967 e 1974, Haggard (então casado com a ex-mulher de seu legendário companheiro de Bakersfield, Buck Owens) lançou pela Capitol uma série de excelentes discos que permitiram a ele ruminar sobre o passado – a faixa-título foi sua primeira música a chegar ao topo das paradas e virou uma espécie de hino não oficial de sua carreira. O disco foi um grande sucesso – uma mistura de canções de amor e baladas sobre a prisão apresentadas no estilo direto e satírico de Haggard, dando o pontapé inicial de um período de bem-vindo reconhecimento ao seu trabalho.

Guitarrista e compositor soberbo, Haggard era uma mistura de Hank Williams e Lefty Frizzell com Frank Sinatra, e era acompanhado por uma banda, The Strangers, que sabia tocar um misto de country, swing, blues, soul, pop e "country jazz". Seu jeito fora-da-lei conferia a Haggard um considerável apelo contracultural (apesar da crítica aos hippies em "Okie From Muskogee"): o The Grateful Dead cantava suas músicas, os Byrds regravaram "Life In Prison" em *Sweetheart Of The Rodeo* e, em 1973, Haggard concordou em produzir um disco para Gram Parsons, que acabou morrendo antes de o projeto ser concretizado. **PW**

The Jimi Hendrix Experience
Are You Experienced (1967)

Selo | Reprise
Produção | Chas Chandler
Projeto gráfico | Bruce Fleming
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 40:07

Uma aura cerca James Marshall Hendrix até hoje. Seus dons quase sobrenaturais com a guitarra elétrica e seu controle hábil de efeitos especiais nunca foram superados; seu jeito de tocar foi um abalo sísmico numa época em que músicos como Eric Clapton estavam no auge. Sua fusão de sons psicodélicos, blues e funk, suas grandes canções, sua aparição como um importante músico negro no mundo branco dos roqueiros e seu dandismo mal-acabado simplesmente deixaram atônita a aristocracia do rock dos anos 60.

Não é surpresa, então, que *Are You Experienced* seja uma das grandes estréias em disco da história do rock. Na versão em CD repaginada e remasterizada, lançada em 1997 e produzida sob a égide do engenheiro de som original Eddie Kramer, três singles (o cortante clássico acid "Purple Haze", "Hey Joe" – seu primeiro sucesso, sexto lugar na parada britânica – e o terno "The Wind Cries Mary"), mais o lado B, foram incluídos. São fatias da história do rock que não perderam o poder de excitar e fazer viajar.

Mas não havia tapa-buracos no original. A frenética "Manic Depression" traz à tona a profundidade do desespero, da mesma forma que "I Don't Live Today", ambas pressagiando a trajetória fulminante de Jimi. O extenso *tour de force* de "Third Stone From The Sun" traz vocais distorcidos e agudos psicodélicos. "Are You Experienced" propõe a pergunta hippie essencial a um fundo de baterias invertidas e chicotadas lacerantes de guitarra. "Red House" revela a habilidade de Jimi e seu minucioso conhecimento de como tocar um maravilhoso blues.

Essencial. **MBI**

"Me deixem viver minha vida do meu jeito."

Jimi Hendrix, 1967

Lista de músicas

01	Foxy Lady (Hendrix)	3:19
02	Manic Depression (Hendrix)	3:42
03	Red House (Hendrix)	3:44
04	Can You See Me (Hendrix)	2:33
05	Love Or Confusion (Hendrix)	3:12
06	I Don't Live Today (Hendrix)	3:55
07	May This Be Love (Hendrix)	3:11
08	Fire (Hendrix)	2:45
09	Third Stone From The Sun (Hendrix)	6:44
10	Remember (Hendrix)	2:48
11	Are You Experienced (Hendrix)	4:14

The Electric Prunes
I Had Too Much To Dream (Last Night) (1967)

Selo | Reprise
Produção | David Hassinger
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | EUA
Duração | 29:15

A história do The Electric Prunes é o conto clássico de uma banda arrancada da obscuridade. Um dia, um grupo de amigos da Taft High School, em Los Angeles, estava ensaiando numa garagem, quando uma corretora imobiliária que passava pelo local os ouviu e teve a idéia de apresentar a banda a um amigo, Dave Hassinger, engenheiro de estúdio da RCA.

Hassinger acreditou no talento dos rapazes, mas, como eles não eram compositores, chamou a dupla Annette Tucker e Nancie Mantz. Elas haviam escrito a faixa-título como uma balada lenta para piano, mas a interpretação da banda, inspirada na cena hippie, era uma viagem rumo ao fantástico, confusa e cheia de reverberações. Vocais em dois canais e ecos foram acrescentados a esse som arrojado e a música foi lançada em single (que chegou ao 11.º lugar na parada americana). Dessa forma, acabaram gravando um LP (em grande parte, em cima do material de Mantz e Tucker) pelo selo Reprise.

O single seguinte, "Get Me To The World On Time", era também uma coisa psicodélica espetacular, mas não conseguiu repetir o sucesso comercial da estréia.

O álbum vendeu bem nos Estados Unidos e na Inglaterra, se igualando a bandas contemporâneas como o Jefferson Airplane. Assim, pelo menos de início, os Prunes foram vistos como pontas-de-lança do florescente movimento psicodélico da Costa Oeste. Anos depois, graças ao grande número de cópias desse LP disponíveis a baixos preços nos mercados de discos de segunda mão de São Francisco, o grupo veio a exercer importante influência em bandas punk de garagem dos anos 70, como MC5 e The Stooges. **CR**

Lista de músicas

01	**I Had Too Much To Dream (Last Night)** (Mantz • Tucker)	
02	**Bangles** (Walsh)	
03	**Onie** (Mantz • Tucker)	2:43
04	**Are You Lovin' Me More (But Enjoying It Less)** (Mantz • Tucker	2:21
05	**Train For Tomorrow** (Lowe • Ritter • Spagnola • Tulin • Williams)	3:01
06	**Sold To The Highest Bidder** (Mantz • Tucker)	2:46
07	**Get Me To The World On Time** (Mantz • Tucker)	2:50
08	**About A Quarter To Nine** (Dubin • Warren)	2:37
09	**The King Is In The Counting House** (Mantz • Tucker)	2:30
10	**Luvin'** (Lowe • Tulin)	2:03
11	**Try Me On For Size** (Jones • Tucker)	1:49
12	**The Toonerville Trolley** (Mantz • Tucker)	2:34

Loretta Lynn | Don't Come Home A Drinkin' (With Lovin' On Your Mind) (1967)

Selo | Decca
Produção | Owen Bradley
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 30:14

Graças, em grande parte, a seu disco autobiográfico *Cool Miner's Daughter*, o escopo da carreira de cantora de Loretta Lynn é bem conhecido. Sua vida se assemelha à de várias outras estrelas do country – ela ascendeu de uma infância desesperadoramente pobre e se tornou rica e famosa no mundo inteiro. No entanto, ao contrário de outros cantores do gênero, tanto homens como mulheres, Lynn escrevia seu próprio material e, a partir de meados da década de 60, compôs músicas confessionais, mas bem-humoradas, sobre as frustrações da condição da mulher, antecipando o feminismo.

Em 1967, Lynn tinha 32 anos e há cinco gravava com a Decca, de Nashville, pela qual havia levado às paradas de sucessos um material inócuo como "Blue Kentucky Girl". Mas, em 1966, lançou "You Ain't Woman Enough (To Take My Man)" e, a partir daí, começou a compor músicas corajosas e honestas, e talvez nenhuma tão corajosa como a faixa-título de *Don't Come Home A Drinkin'*. A canção, que abre o álbum, tem um balanço animado e alegres riffs de steel guitar que não correspondem ao sombrio tema da música. Com sua voz nasalada, Lynn cantava sobre o que, hoje, se tornou conhecido como estupro consentido – "You come in a-kissin' on me, it happens every time / No don't come home a-drinkin' with lovin' on your mind" (Você chega em casa e se joga aos beijos em cima de mim, isso acontece o tempo inteiro / Não, não venha pra casa bêbado e cheio de desejo). Sua franqueza nessa música se iguala apenas à de seu esplêndido hit de 1974, "The Pill".

Há ainda outras músicas maravilhosas no disco, tanto da autoria dela ("Get What 'Cha Got And Go") como versões de clássicos do country ("I Really Don't Want To Know"), mas a faixa-título, sozinha, leva este álbum à estratosfera. **KB**

Lista de músicas

▶	01	**Don't Come Home A 'Drinkin' (With Lovin' On Your Mind)** (Lynn•Wills)	2:06
	02	**I Really Don't Want To Know** (Barnes•Robertson)	2:56
	03	**Tomorrow Never Comes** (Bond•Tubb)	2:42
	04	**There Goes My Everything** (Frazier)	2:46
▶	05	**The Shoe Goes On The Other Foot Tonight** (Mize)	4:20
	06	**Saint To A Sinner** (Perry)	2:27
	07	**The Devil Gets His Dues** (Statler)	2:14
	08	**I Can't Keep Away From You** (Statler)	2:00
▶	09	**I'm Living In Two Worlds** (Crutchfield)	2:42
▶	10	**Get What 'Cha Got And Go** (Lynn•L. Williams•R. Williams)	2:00
	11	**Making Plans** (Morrison•Russell)	2:00
▶	12	**I Got Caught** (Lynn)	2:01

Shivkumar Sharma / Brijbushan Kabra / Hariprasad Chaurasia | Call Of The Valley (1967)

Selo | EMI Hemisphere
Produção | G.N. Joshi
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Índia
Duração | 39:06

Uma das peças-chave na introdução da música indiana no mundo ocidental, *Call Of The Valley* teve o aval de George Harrison, Paul McCartney, Bob Dylan, David Crosby e Roger McGuinn. Sem dúvida, este disco disputou, durante anos, o espaço nobre nas coleções hippies com os álbuns do The Grateful Dead.

Call Of The Valley é uma boa apresentação à música indiana clássica, em parte porque utiliza instrumentos comuns à Índia e ao Ocidente – a flauta e o violão. A ordem das canções foi organizada como numa suíte, na qual os instrumentos (inclusive o santoor de Caxemira e a tabla) são usados para contar a história de um dia na vida de um pastor da Caxemira, e ragas marcam as diferentes horas.

Os instrumentos parecem tocar de forma independente – como acontece, em geral, na maior parte da música indiana –, mas todos dialogam entre si perfeitamente. As melodias de guitarra dedilhadas por Brijbushan Kabra são uma festa de ruídos e deslizes atonais que, muitas vezes, soam como uma cítara. O santoor (um instrumento de cordas em forma de trapézio, tocado com baquetas, comum na música persa) de Shivkumar Sharma empresta ao disco uma qualidade dramática. Mas a estrela é a flauta bansuri de Hariprasad Chaurasia, que flutua sobre os demais instrumentos como um pássaro no vale de Caxemira, suspirando, batendo as asas e subindo lentamente antes de se precipitar das alturas.

Gravado com alta qualidade nos estúdios da EMI India em Bombaim (atual Mumbai), o disco projetou a música indiana, influenciando dezenas de álbuns lançados pela ECM e provando que o rock psicodélico tinha formado uma platéia para os sons da Índia no Ocidente. **JLe**

"Venho tentando há anos tornar o santoor respeitado como um instrumento clássico e não apenas folclórico. Consegui isso neste disco."

Shivkumar Sharma, c. 2003

Lista de músicas

01	Ahir Bhairav/Nat Bhairav	(Chaurasia•Sharma)	12 35
02	Rag Piloo	(Chaurasia•Sharma)	7 58
03	Bhoop Ghara-Dadra	(Chaurasia•Sharma)	6 16
04	Rag Des	(Chaurasia•Sharma)	6 09
05	Rag Pahadi	(Chaurasia•Sharma)	6 48

The Velvet Underground
White Light / White Heat (1967)

Selo | Verve
Produção | Tom Wilson
Projeto gráfico | Andy Warhol
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 38:55

Lá pelo final de 1967, o patrono do The Velvet Underground, o célebre Andy Warhol, havia perdido o interesse pelo grupo, o que levou o cantor e letrista Lou Reed a entrar em contato com Steve Sesnick, de Boston. O novo empresário pressionou Reed a imprimir à banda um caráter mais comercial – para desagrado do baixista e organista John Cale.

O lado A de seu segundo LP é notável pela temática perversa, incluindo a melodicamente distorcida faixa-título, que defende o uso de anfetaminas. "The Gift" conta a história tragicômica de Waldo Jeffers, que tem tanto medo de ser traído por sua namorada da faculdade que se envia a ela pelo correio. Cale faz a narração, seu agradável sotaque galês sendo transmitido por um canal, enquanto no outro entra um R&B a meio tempo, entrelaçado com arremedos de guitarra elétrica. "Lady Godiva's Operation" faz uma desconfortável leitura médica da lenda medieval, com os vocais se destacando da mistura psico-noir, num efeito artístico.

O lado B é puro furor. Em "I Heard Her Call My Name", Cale, o guitarrista Sterling Morrison e o baterista Mo Tucker martelam uma veloz base rítmica, enquanto o líder Reed solta a voz em rajadas no estilo free jazz. "Sister Ray" é o despertar do noise-rock: 17 minutos de sexo, drogas e armas conduzidos por ondas gigantescas de feedback, notas dissonantes e golpes de garage.

White Light/White Heat foi lançado com ainda menos cópias do que o álbum de estréia, chegando ao 199.º lugar na parada da Billboard. No entanto, em termos de alta amperagem e liberdade em estado bruto, nada se compara a este disco. **MA**

"Sempre acreditei que tinha algo importante a dizer e disse (...). Meu Deus é o rock 'n' roll."

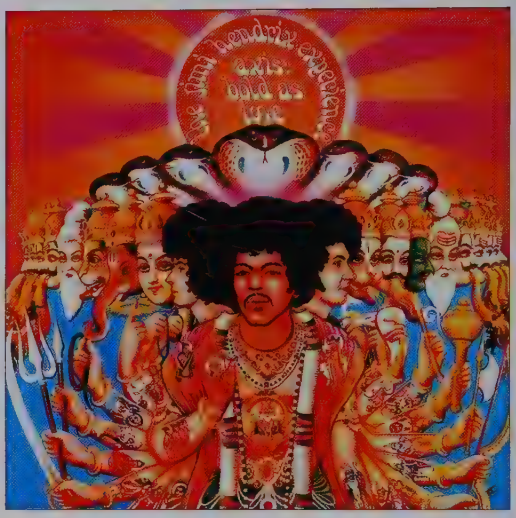
Lou Reed, 1998

Lista de músicas

▶	01	**White Light/White Heat** (Reed)	2 44
▶	02	**The Gift** (Cale • Morrison • Reed • Tucker)	8 14
	03	**Lady Godiva's Operation** (Reed)	4 52
	04	**Here She Comes Now** (Cale • Morrison • Reed • Tucker)	2 00
▶	05	**I Heard Her Call My Name** (Reed)	4 05
▶	06	**Sister Ray** (Cale • Morrison • Reed • Tucker)	17 00

The Jimi Hendrix Experience
Axis: Bold As Love (1967)

Selo | Reprise
Produção | Chas Chandler
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 38:49



Com a possível exceção do Cream, The Jimi Hendrix Experience era o melhor trio de rock do mundo. Enquanto sua fama como músicos e improvisadores extraordinários garantia ao grupo um enorme reconhecimento, a constante pressão para que fizessem turnês e gravassem discos depois do álbum de estréia, *Are You Experienced,* fez com que *Axis: Bold As Love* fosse lançado às pressas, antes de estar realmente pronto. Apesar disso, não se discutem – mesmo passadas quatro décadas – as impetuosas e cintilantes canções do disco, o controle que Jimi e seus companheiros tinham das tecnologias de estúdio à sua disposição e a beleza lírica da guitarra de Hendrix.

"Spanish Castle Magic" e sua melodia em espiral, a estrutura vai-e-volta de "If 6 Was 9", a doce "Castles Made Of Sand" e a simplicidade de "She's So Fine", do baixista Noel Redding, são pontos altos do disco – mas a melhor música, para muitos, é a perturbadora "Little Wing". Com sua mistura perfeita de guitarras principal e rítmica (as primeiras linhas melódicas da canção embaralharam para sempre esses dois papéis), "Little Wing" é pura beleza e foi regravada várias vezes desde então por artistas como Sting e Metallica.

A produção de *Axis,* no melhor estilo de 1967, é soberba. Jimi nunca soou tão vulnerável e acessível, tanto vocal como instrumentalmente, enquanto a batida de Mitch Mitchell e as sólidas linhas de baixo de Redding compunham o ritmo definitivo da época – sem desmerecer, claro, Jack Bruce e Ginger Baker, seus únicos rivais em muitos aspectos. **JM**

"Eu queria ser ouvido."

Jimi Hendrix, 1970

Lista de músicas

01	**EXP**	(Hendrix)	1:55
02	**Up From The Skies**	(Hendrix)	2:55
03	**Spanish Castle Magic**	(Hendrix)	3:00
04	**Wait Until Tomorrow**	(Hendrix)	3:00
05	**Ain't No Telling**	(Hendrix)	1:46
06	**Little Wing**	(Hendrix)	2:24
07	**If 6 Was 9**	(Hendrix)	5:32
08	**You Got Me Floatin'**	(Hendrix)	2:45
09	**Castles Made Of Sand**	(Hendrix)	2:46
10	**She's So Fine**	(Redding)	2:37
11	**One Rainy Wish**	(Hendrix)	3:40
12	**Little Miss Lover**	(Hendrix)	2:20
13	**Bold As Love**	(Hendrix)	4:09

Aretha Franklin

I Never Loved A Man The Way I Love You (1967)

Selo | Atlantic
Produção | Jerry Wexler
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:51

Todo mundo apontava Aretha como a rainha do soul, embora seu caminho para o trono tenha sido cheio de obstáculos. Antes de assinar com a Atlantic, em 1966, ela passou seis anos – e nove discos – com a Columbia, que inibiu seu talento inato para o soul e a transformou numa cantora de standards de clubes de jazz.

Libertada dessas correntes por Jerry Wexler, da Atlantic, Franklin viajou para o Fame Studio, em Muscle Shoals, Alabama, em fevereiro de 1967. Mas o marido e empresário de Aretha, Ted White, teve um desentendimento com um dos integrantes da banda de apoio, composta só por brancos, quando apenas uma canção e meia estava gravada. As sessões foram rapidamente transferidas para os estúdios da Atlantic em Nova York.

Aretha, que compôs quatro faixas e acompanhou-se ao piano no disco, resistiu à tendência dos artistas de blues de só cantarem músicas escritas e arranjadas pelos estúdios. Seu jeito de tocar piano foi comparado ao de Ray Charles e tornou-se a base em cima da qual todas as faixas foram construídas.

O disco abre com uma versão de "Respect", de Otis Redding, subvertida em um hino feminista. "A Change Is Gonna Come", um clássico de Sam Cooke sobre a luta pelos direitos civis, foi igualmente revista – a briga foi comprada pela própria Aretha. "Dr. Feelgood" mostra uma mulher incrivelmente segura, imbuída de uma sexualidade raramente ouvida antes numa artista negra.

Livre das amarras da Columbia, Aretha logo assumiu a realeza do soul tanto por sua poderosa expressão de sentimentos como pelo sentimento, em si, embutido nas canções. Ninguém ouve este disco extraordinário sem se emocionar. **SJac**

Lista de músicas

▶	01	**Respect** (Redding)	2:27
	02	**Drown In My Own Tears** (Glover)	4:07
▶	03	**I Never Loved A Man (The Way I Love You)** (Shannon)	2:51
	04	**Soul Serenade** (Ousley•Dixon)	2:39
	05	**Don't Let Me Lose This Dream** (A. Franklin•White)	2:23
	06	**Baby, Baby, Baby** (A. Franklin•C. Franklin)	2:54
	07	**Dr. Feelgood (Love Is A Serious Business)** (A. Franklin•White)	3:23
	08	**Good Times** (Cooke)	2:10
	09	**Do Right Woman – Do Right Man** (Penn•Moman)	3:16
	10	**Save Me** (Ousley•A. Franklin•C. Franklin)	2:21
▶	11	**A Change Is Gonna Come** (Cooke)	4:20

The Rolling Stones | Beggars Banquet (1968)

Selo | Decca
Produção | Jimmy Miller
Projeto gráfico | Tom Wilkes
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:43

Os dois anos anteriores não tinham sido particularmente bons para os Stones. Mick Jagger e Keith Richards foram presos na casa de Keith em Sussex, o que resultou num processo judicial nocivo para sua imagem. O uso de drogas e repetidas detenções transformaram Brian Jones, o primeiro líder da banda, numa sombra do músico multitalentoso que havia sido. E eles haviam perdido o bonde da história psicodélica com o desorientado disco *Their Satanic Majesty's Request*.

Desse caos nasceu *Beggars Banquet*. Os Stones deixaram de lado a parafernália psicodélica dos estúdios e voltaram às suas raízes no blues e no country para produzir um disco acústico clássico, que também dava pistas do caminho mais sombrio que sua música tomaria um pouco mais tarde. A elegante "Jumpin' Jack Flash" os levou ao seu primeiro lugar nas paradas em dois anos e nela está um de seus riffs mais famosos. "Street Fighting Man" aderiu ao movimento de 1968, um gesto de apoio aos protestos estudantis e à desobediência civil. A épica "Sympathy For The Devil" une uma letra infame a uma despojada batida de samba. Há que se destacar a ausência de Jones do disco, embora sua slide guitar em "No Expectations" seja uma lembrança de glórias passadas.

A capa do álbum é um convite simples ao banquete do título, apesar de o fundo branco, infelizmente, remeter à obra-prima dos Beatles, conhecida como o *Álbum Branco*, lançada algumas semanas antes. Mas isso não interferiu. O disco dos Stones vendeu aos milhares nos Estados Unidos e na Inglaterra.

O sombrio country blues de *Beggars Banquet* se tornou a marca registrada do grupo, que os Rolling Stones exploraram à exaustão nos três álbuns posteriores. Os quatro anos seguintes, até o lançamento de *Exile On Main St.*, de 1972, ainda permanecem como sua época de ouro. **RD**

"Era uma época mágica, porque eu realmente consegui transformar minhas fantasias juvenis num estilo de vida."

Keith Richards, 1987

Lista de músicas

01 Sympathy For The Devil (Jagger • Richard)
02 No Expectations (Jagger • Richard)
03 Dear Doctor (Jagger • Richard)
04 Parachute Woman (Jagger • Richard)
05 Jigsaw Puzzle (Jagger • Richard)
06 Street Fighting Man (Jagger • Richard)
07 Prodigal Son (Rev. Robert Wilkins)
08 Stray Cat Blues (Jagger • Richard)
09 Factory Girl (Jagger • Richard)
10 Salt Of The Earth (Jagger • Richard)

Traffic | Traffic (1968)

Selo | Island
Produção | Jimmy Miller
Projeto gráfico | Jim Capaldi
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:42

Em 1968, o rock inglês já tinha superado a fase de copiar o rhythm and blues americano. Agora, em vez de pura imitação, os músicos britânicos procuravam conciliar sua herança musical com os sons importados.

Isso o Traffic conseguiu com muito estilo. Claro que ajudou o fato de eles contarem com um dos mais talentosos intérpretes da música americana – Steve Winwood, que tinha sido do The Spencer Davis Group, não apenas tocava o Hammond com muita vitalidade, como também era o responsável pelos vocais e pela força instrumental da banda.

A faixa de abertura mostra como o Traffic misturou as duas tradições com humor e elã – "You Can All Join In", do guitarrista Dave Mason, evoca uma dança folclórica desconjuntada, mas com um toque da boa e velha Inglaterra. Enquanto a guitarra se despe das influências do country, a letra proclama a irmandade entre os homens com a bonomia alegre de uma taberna.

"Pearly Queen", a primeira música de Winwood no disco, finca o pé em solo americano. A história sórdida de um romance depravado muda o tom da inocente alma londrina do final dos anos 60. A banda chega ao máximo com o lamento à Dylan de "Feelin' Alright", enquanto "Vagabond Virgin" coloca um sopro pastoral na história moralista e pouco charmosa de uma menina prostituída.

O disco também flerta com o exótico em "40,000 Headmen", um blues febril e tropical amarrado com refrões de flauta de bambu, enquanto o honky tonk carregado de "Means To An End" revela quanto artistas retrô como Paul Weller devem ao Traffic.

A capa traz o Traffic fotografado por Gered Mankowitz, já famoso por suas imagens marcantes dos Stones e de Jimi Hendrix. **JDi**

"Nunca anunciamos a separação do grupo. Apenas fazemos longos intervalos entre os discos."

Steve Winwood, 1994

Lista de músicas

▶	01	**You Can All Join In** (Mason)	3:38
▶	02	**Pearly Queen** (Capaldi • Winwood)	4:19
	03	**Don't Be Sad** (Mason)	3:23
	04	**Who Knows What Tomorrow May Bring** (Capaldi • Winwood • Wood)	3:13
▶	05	**Feelin' Alright** (Mason)	4:19
	06	**Vagabond Virgin** (Capaldi • Mason)	5:22
▶	07	**(Roamin Thro' The Gloamin With) 40,000 Headmen** (Capaldi • Winwood)	3:14
	08	**Cryin' To Be Heard** (Mason)	5:32
	09	**No Time To Live** (Capaldi • Winwood)	5:02
▶	10	**Means To An End** (Capaldi • Winwood)	2:40

The Incredible String Band | The Hangman's Beautiful Daughter (1968)

Selo | Elektra
Produção | Joe Boyd
Projeto gráfico | Osiris
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:51

Esta maravilha do acid folk é uma poderosa semente da atual "world music",e uma máquina do tempo que leva ao estilo hippie de vida rural da Inglaterra entre 1966 e 1973. O colorido idílio campestre sugerido pela capa (o duo do ISB, Mike Heron e Robin Williamson, aparece com vários integrantes da banda e os filhos de um amigo) certamente inspirou muita gente a tentar uma vida comunitária no campo.

Empurrados por Joe Boyd, um produtor de música folclórica de Glasgow, os Incredibles se firmaram como um grupo hippie da Inglaterra, evoluindo rapidamente para o mundo underground com o disco *The 5,000 Spirits*, de 1967. Seu talento para compor e sua aparente habilidade para tocar qualquer instrumento disponível na trilha hippie até o Marrocos (gimbri, oud, cítara, etc.) cativou gente como McCartney, Dylan, Plant e Winwood. Jagger e Richard até presentearam a banda com um Bentley, numa tentativa infrutífera de contratá-la para seu selo, quem sabe, num chá para astros...

O zunzunzum em torno do grupo culminou com *The Hangman's...*, lançado na primavera de 1968, que chegou ao quinto lugar na parada britânica. O disco revela uma consistente grandeza de visão, musicalidade e letras que os Incredibles não conseguiram repetir. O álbum foi gravado na Sound Techniques, com um então revolucionário equipamento de oito canais, e a banda pôde mixar uma versão sonora única de seus sonhos coloridos, uma tapeçaria tecida somente com instrumentos e sons acústicos. Cada faixa mais parece uma suíte do que uma canção, trazendo música celta, rock 'n' roll, gospel, harmonias plenas, momentos quase qwaali e a sonoridade da Índia e do Norte da África sem esforço aos nossos ouvidos. **MR**

"O carrasco (hangman) são os últimos 20 anos de nossas vidas e a filha bonita (beautiful daughter) é o agora."

Mike Heron, 1968

Lista de músicas

▶	01	Koeeoeddi There (Williamson)	4:41
	02	The Minotaur's Song (Williamson)	3:15
▶	03	Witches Hat (Williamson)	2:30
▶	04	A Very Cellular Song (Heron)	12:45
▶	05	Mercy I Cry City (Heron)	2:40
▶	06	Waltz Of The New Moon (Williamson)	5:11
	07	The Water Song (Williamson)	2:47
	08	Three Is A Green Crown (Williamson)	2:40
	09	Swift As The Wind (Heron)	4:50
	10	Nightfall (Williamson)	2:29

The Kinks | The Kinks Are The Village Green Preservation Society (1968)

Selo | Pye
Produção | Ray Davies
Projeto gráfico | John Prosser • Barrie Wentzell
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:46

Hoje em dia, quando *The Village Green Preservation Society* é universalmente aclamado como uma obra-prima do pop e um dos melhores discos dos Kinks, é difícil imaginar a indiferença que acompanhou o lançamento do álbum em 1968. É provável que tenha soado ingênuo em comparação com Hendrix, os Rolling Stones e a Guerra do Vietnã – mas que músicas!

Depois de anos produzindo mecanicamente singles de sucesso, Ray Davies estava estressado e ansioso por uma mudança de ares. Então, mergulhou nas lembranças idealizadas de sua juventude, em busca de inspiração. O resultado foi um disco de canções atemporais sobre pastagens, álbuns de fotografias e primeiros beijos.

A faixa-título, "The Village Green Preservation Society", detona o processo com uma excêntrica ode ao Pato Donald e à geléia de morango. "Do You Remember Walter", com seu piano explosivo e sua batida ressonante, captura o subtexto de melancólica nostalgia do disco, enquanto Davies rememora os cigarros roubados e os sonhos compartilhados com o melhor amigo da escola. Imaginando como seria o amigo Walter adulto, Davies canta: "Aposto que você está gordo, casado e sempre vai para a cama por volta das oito e meia da noite."

Outros destaques incluem jóias cativantes como "Picture Book" e "Animal Farm", ou a beleza sublime de "Big Sky" e "Sitting By The Riverside". Mesmo o coro bizarro de "Phenomenal Cat" é – claro – fenomenal.

Os fãs devem procurar a edição de luxo deste álbum essencial, com três CDs, lançada pela Sanctuary Records, que traz ainda um caminhão de raridades. **RM**

Lista de músicas

▶	01	**The Village Green Preservation Society** (Davies)	2:45
▶	02	**Do You Remember Walter** (Davies)	2:23
▶	03	**Picture Book** (Davies)	2:34
	04	**Johnny Thunder** (Davies)	2:28
	05	**Last Of The Steam-Powered Trains** (Davies)	4:03
▶	06	**Big Sky** (Davies)	2:49
	07	**Sitting By The Riverside** (Davies)	2:21
▶	08	**Animal Farm** (Davies)	2:57
▶	09	**Village Green** (Davies)	2:08
	10	**Starstruck** (Davies)	2:18
	11	**Phenomenal Cat** (Davies)	2:34
	12	**All Of My Friends Were There** (Davies)	2:23
	13	**Wicked Annabella** (Davies)	2:40
	14	**Monica** (Davies)	2:13
	15	**People Take Pictures Of Each Other** (Davies)	2:10

Ravi Shankar | The Sounds Of India (1968)

Selo | Columbia
Produção | Não consta
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Índia
Duração | 53:40

Qualquer um que tenha gravado uma fita cassete ou um CD para um amigo, um parente ou um namorado em potencial sabe que há dois motivos principais para fazer isso – educar ou, no caso da perspectiva romântica, conquistar.

The Sounds Of India, de Ravi Shankar, é a compilação definitiva da música indiana clássica, de forma acessível, gloriosamente bem tocada e informativa. Numa época em que rastrear estilos musicais pelo planeta exigia um certo esforço, Shankar era um embaixador perfeito da música, alguém já familiar para legiões de ouvintes como amigo e professor informal dos Beatles (George Harrison certa vez o chamou de "padrinho da world music").

Escutar *The Sounds Of India* é como assistir a um concerto didático dado pelo próprio mestre. Os textos introdutórios lembram os programas de música clássica: neles, o compositor Alan Hovhaness, um expert em sons da Índia, apresenta suas principais formas, temas e estruturas, chegando ao ponto de incluir partituras.

O próprio Shankar faz uma introdução de quatro minutos no começo do disco, para explicar, em sua voz suave, os princípios básicos de sua música, apontando aspectos nos quais o ouvinte deve prestar atenção. A partir daí, ele e o tocador de tabla, Chatur Lal, e o de tamboura, N. C. Mullick, apresentam quatro ragas (temas melódicos com estruturas em escalas embutidas), e Shankar, antes de cada uma, oferece uma breve explicação. O disco, no todo, é uma excelente introdução à música de Shankar. **YK**

"Estou sempre faminto, sempre infeliz, porque sei que não cheguei lá. Ainda estou tentando e, quanto mais tento, mais acho que não tenho nada do que me orgulhar."

Ravi Shankar, 1999

Lista de músicas

01	An Introduction To Indian Music [Shankar]	4:15
02	Dádrá [Shankar]	10:30
03	Máru-Bihág [Shankar]	11:44
04	Bhimpalási [Shankar]	12:24
05	Sindhi-Bhairavi [Shankar]	15:03

Os Mutantes | Os Mutantes (1968)

Selo | Polydor
Produção | Manoel Barenbein
Projeto gráfico | Pebroy
Nacionalidade | Brasil
Duração | 35:59

Para o resto do mundo, o Brasil significava futebol, belos corpos e bossa nova. A frase "ditadura militar repressora" aparecia em poucos guias turísticos. A chegada dos hippies no verão de 1967 trouxe a contracultura para o foco das atenções, com resultados devastadores. Liderados por jovens compositores como Gilberto Gil e Caetano Veloso, os "tropicalistas" pegaram tudo o que tinham ouvido em Londres e São Francisco e fizeram a coisa do seu jeito. A direita odiou seus cabelos, sua moralidade e as drogas; a esquerda detestou como eles corromperam a música brasileira de raiz.

Os Mutantes flutuavam nesse redemoinho – Rita Lee e os três irmãos Baptista (apenas dois apareciam no palco). Quer saber de uma esquisitice? Dois minutos depois de começar a faixa de abertura, "Panis Et Circenses", o toca-discos parece diminuir a rotação e parar. Quando a pessoa levanta para ver o que aconteceu, o aparelho volta à vida. E, quando senta novamente, a música termina com os ruídos da banda fazendo uma refeição – uma sonoplastia da sala de jantar mencionada na letra.

A iluminada "A Minha Menina" vem a seguir, com as guitarras distorcidas e efeitos eletrônicos feitos à mão pelo terceiro irmão Baptista. Parece um pop perfeito para ser tocado em Copacabana, mas os hippies estavam sendo fisicamente atacados de todos os lados. Em 1968, o governo brasileiro adotou o estado de exceção. Gilberto Gil e Caetano Veloso se exilaram; o Tropicalismo evaporou. Os Mutantes, claramente incapazes de liderar qualquer revolução, continuaram e, na verdade, cresceram em popularidade no início dos anos 70. Devem ser lembrados pela insana "Bat Macumba" (o samba "Tomorrow Never Knows") e "Baby" (uma "Eleanor Rigby" erótica). **DH**

"Ouvimos de tudo e usamos de tudo."

Rita Lee, 1972

Lista de músicas

▶	01	**Panis Et Circenses** (Gil•Veloso)	3:38
▶	02	**A Minha Menina** (Ben)	4:41
	03	**O Relógio** (A. Baptista•S. Baptista•Lee)	3:29
	04	**Adeus Maria Fulô** (Sivuca•Teixeira)	3:04
▶	05	**Baby** (Veloso)	2:59
	06	**Senhor F** (A. Baptista•S. Baptista•Lee)	2:33
▶	07	**Bat Macumba** (Gil•Veloso)	3:08
	08	**Le Premier Bonheur Du Jour** (Gerald•Renard)	3:37
	09	**Trem Fantasma** (A. Baptista•S. Baptista•Lee•Veloso)	3:16
	10	**Tempo No Tempo (Once Was A Time I Thought)** (A. Baptista•S. Baptista•Lee•Philips)	1:47
	11	**Ave Genghis Khan** (A. Baptista•Dias•Lee)	3:47

The Jimi Hendrix Experience
Electric Ladyland (1968)

Selo | Reprise
Produção | Jimi Hendrix
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 75:47

À medida que tanto a tecnologia de estúdio como os efeitos de guitarra se aprimoravam, no final da década de 60, as gravações da The Jimi Hendrix Experience também evoluíam – e o álbum mais famoso de Jimi, *Electric Ladyland* (conhecido por sua inédita e notória capa, que traz um grupo de mulheres nuas), aproveitou plenamente a nova ciência do rock. Embora a maneira de tocar e as estruturas das músicas se tornassem mais dispersas, mais livres dos parâmetros da tradição do R&B e do soul na qual a banda havia afiado sua técnica, Hendrix manteve o controle do leme, apesar do frenesi de LSD e outras drogas que cercavam o grupo. De fato, *Electric Ladyland* deve tanto ao pop como ao blues, com faixas como a cáustica "Crosstown Traffic", o single perfeito de Hendrix, e sua versão de "Come On", de Earl King, um exercício afiadíssimo de blues que ele nunca havia tentado antes.

Mas não são apenas o ardor político e a experimentação lisérgica que conferem ao disco tamanha influência. A gravação de Jimi da corrosiva "All Along The Watchtower", de Bob Dylan, levou o autor a observar: "Não me surpreende que Jimi tenha gravado músicas minhas, mas que sejam tão poucas, porque são todas dele". Porém, só a espaçosa "Voodoo Chile", de 15 minutos, e "Voodoo Child", mais forte e pop, já fariam deste disco um clássico. **JM**

Leonard Cohen
The Songs Of Leonard Cohen (1968)

Selo | Columbia
Produção | John Simon
Projeto gráfico | Machine
Nacionalidade | Canadá
Duração | 38:05

O ofício de compor e cantar mudou para sempre depois que o canadense Leonard Cohen, um laureado poeta da angústia (*angst*), lançou seu álbum de estréia. O ano de 1968 testemunhou Cohen colocar seus versos em acordes menores e reinventar a melancolia. A capa mostra o poeta muito sério, aos trinta e poucos anos: um reflexo da estética minimalista de sua música. As canções são pouco mais do que voz e guitarra, forçando a atenção para os jogos de palavras e a maneira ao mesmo tempo doce e amarga como ele os canta.

Faixas como "Teachers" e "So Long, Marianne" pintam um quadro tão pungente dos males do amor e da solidão que o ouvinte sofre junto, enquanto "Suzanne" vem embalada de simbolismo e sentimento religiosos (o sucesso da gravação de Judy Collins foi o que fez Cohen querer tentar sua própria versão).

Apesar de terem sido lançadas poucas cópias, o álbum foi um sucesso. No ano seguinte, vendeu mais de 100 mil exemplares, o maior êxito comercial de Cohen até seu *revival*, no final dos anos 80.

Apesar de os discos posteriores não terem sido tão bem recebidos como este, o legado da estréia de Cohen continuou vivo. O grupo The Sisters Of Mercy, padrinho do gótico, adotou o nome de uma de suas músicas, enquanto "Suzanne" foi parodiada por Randy Newman (em *12 Songs*) e relida pelo R.E.M. (foi lançada com o nome de "Hope" no disco *Up*). Outros artistas, como Jeff Buckley, foram influenciados e inspirados por ele, apresentando *The Songs Of Leonard Cohen* às novas gerações de amantes da música. **LP**

Johnny Cash
Johnny Cash At Folsom Prison (1968)

Selo | Columbia
Produção | Bob Johnston
Projeto gráfico | Jim Marshall
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:49

Que venha a hora, que venha o Homem de Preto! O ano de 1968 foi maravilhoso para Johnny Cash, marcando o fim de um período desnorteado durante o qual sua música foi marginalizada pelo establishment do country e seus problemas pessoais chegaram a um ponto crítico. Ele conheceu June Carter, filha de uma das famílias mais tradicionais do country, com quem se casou naquele ano, e ela o ajudou a vencer o vício em anfetaminas. Em janeiro, Cash gravou *At Folsom Prison*, seu primeiro álbum de sucesso em cinco anos.

A atuação de Cash diante de dois mil detentos (e de um considerável contingente de guardas fortemente armados) na perigosa penitenciária da Califórnia é cheia de tensão. Ao começar com "Folsom Prison Blues" – um sucesso de 1956, de compreensível importância para a platéia –, Cash se apresenta como um deles, excluindo os carcereiros e guardas ali presentes. Quando grita, desafiadoramente, em "25 Minutes To Go": "Well I laughed in [the sheriff's] face and I spit in his eye" ("Eu ri na cara [do xerife] e cuspi em seu olho"), a multidão ruge, em aprovação, e ele quase ultrapassa os limites.

Mas as músicas foram bem escolhidas pelas autoridades, porque as histórias de *Folsom* falam das duras lições e das perdas para se alcançar a redenção – como nos lamentos do ex-presidiário à beira da morte em "Give My Love To Rose", ou na eletrizante "Greystone Chapel", uma homenagem à igreja de Folsom escrita pelo preso Glen Sherley, que Cash menciona antes de começar a cantar.

É a música de um homem de volta ao topo. **SJac**

Laura Nyro
Eli And The Thirteenth Confession (1968)

Selo | Columbia
Produção | Charlie Calello • Laura Nyro
Projeto gráfico | Bob Cato
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:15

Sua peculiar apresentação no Festival Pop de Monterey em 1967 (foi vaiada e expulsa do palco depois de interpretar um soul) e suas baixas vendagens fizeram com que a cantora e compositora Laura Nyro fosse freqüentemente subestimada. *Eli And The Thirteenth Confession* merece mais atenção.

Gravadas sob a batuta de David Geffen, as músicas tocadas ao piano são presentes poéticos, sensuais e introspectivos, abrangendo uma combinação eclética de soul, jazz (o pai de Nyro tocava trompete), folk e gospel. Aberta a experimentações, Nyro incorporava inesperadas mudanças de tempo, o que irritava os críticos da época. Mas, seja descrevendo a vida boêmia em "Sweet Blindness", seja com a melodia ensolarada e embalada em blues de "Woman's Blues", seu talento pouco convencional para compor e sua impressionante forma de cantar, indo de sussurros a agudos numa única frase, tocam tanto a mente como o coração.

O álbum mal entrou na lista dos Top 200, mas, embora Nyro tenha se mantido fora das paradas, grupos conhecidos, como Fifth Dimension e Three Dog Night, fizeram sucesso regravando algumas faixas. Este disco deveria ser o legado espiritual de Nyro para muitas artistas que viraram ícones depois dela, como Janis Ian, Phoebe Snow e Tori Amos. **GD**

Aretha Franklin | Aretha: Lady Soul (1968)

Selo | Atlantic
Produção | Jerry Wexler
Projeto gráfico | Loring Eutemey
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:39

Filha do cantor de gospel C. L. Franklin, ela tinha pedigree. Mas só ao ser contratada pela Atlantic Records, depois de 12 anos de carreira, Aretha Franklin foi coroada como Lady Soul. Sua antiga gravadora, a Columbia, queria que ela cantasse um pop insosso, mas Jerry Wexler, produtor da Atlantic, combinou sua voz poderosa com o Muscle Shoals Sound Rhythm Section, de Memphis, e o soul radioso da cantora foi posto em liberdade.

Lady Soul foi o terceiro álbum deles juntos, e o melhor de todos. Aretha havia ficado mais segura desde a estréia na Atlantic com *I Never Loved A Man The Way I Love You*, e seu disco seguinte, *Aretha Arrives*, mais eclético, destacou a força de seu talento. *Lady Soul* aciona essa força ao exibir a dupla paixão da cantora pelo R&B – "Chain Of Fools", de Don Covay, um hino contra a cretinice, e "Since You've Been Gone", em que as cantoras do The Sweet Inspirations fazem um coro furioso contra o namorado ausente do título – e pelo gospel (a gravação orquestrada de "People Get Ready", de Curtis Mayfield, arranjada por Arif Martin).

Ao mesmo tempo que o solo de Eric Clapton no blues "Good To Me As I Am To You" é uma aproximação com o rock 'n' roll da época, *Lady Soul* canta os mestres do gênero (Mayfield, James Brown, Ray Charles) com talento e autoridade. "A Natural Woman" é o destaque: a peregrinação dos músicos do Muscle Shoals aos estúdios da Atlantic, em Nova York, para três sessões de gravação espelha a própria jornada de Aretha, imbuindo a rica canção de Carole King e Gerry Goffin da honestidade e paixão que a cantora adquiriu em Memphis e dando a ela a chance de mostrar sua verdadeira voz. **SC**

"Quando fui para a Atlantic, pude fazer as coisas do meu jeito. E os sucessos vieram..."

Aretha Franklin, 1989

Lista de músicas

01	**Chain Of Fools** (Covay)	2:45
02	**Money Won't Change You** (Brown•Jones)	2:02
03	**People Get Ready** (Mayfield)	3:35
04	**Niki Hoeky** (L. Vegas•P. Vegas)	2:33
05	**(You Make Me Feel Like) A Natural Woman** (Goffin•King•Wexler)	2:37
06	**Since You've Been Gone (Sweet Sweet Baby)** (A. Franklin•White)	2:16
07	**Good To Me As I Am To You** (A. Franklin)	3:25
08	**Come Back Baby** (Charles)	2:29
09	**Groovin'** (Brigati•Cavaliere)	2:45
10	**Ain't No Way** (A. Franklin•C. Franklin)	4:12

Blue Cheer | Vincebus Eruptum (1968)

Selo | Polygram
Produção | Eric Albronda • Abe "Voco" Kesh
Projeto gráfico | | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:06

Foi aí que as coisas ficaram heavy de verdade. Inspirado no nome de um tipo de LSD que, por sua vez, havia sido batizado com a marca de um sabão em pó, esse trio de São Francisco aumentou as apostas no noise rock com seu álbum de estréia, pavimentando o caminho para os Stooges e o Zeppelin, do heavy metal ao rock experimental. Está certo que já existia, nos anos 60, a batida primal de inumeráveis bandas de garagem, mas nenhuma tinha estabelecido um padrão de som de abalar as estruturas, nem a intensidade de feedback do Blue Cheer. Daí o epíteto atribuído ao grupo: "mais alto do que Deus".

Da primeira vez que o Blue Cheer tentou gravar *Vincebus Eruptum,* estourou a mesa de mixagem. Com as devidas precauções, a banda conseguiu fazer o melhor LP, disparado, de sua carreira, composto por quatro músicas originais e duas versões: uma leitura virulenta, ameaçadora e suja de "Summertime Blues", de Eddie Cochran (superior até à versão poderosa do The Who), e o clássico do blues "Rock Me Baby". A primeira ficou entre os 20 maiores sucessos da parada americana, algo surpreendente, talvez, para uma banda mais interessada em atingir os limites do volume e nada preocupada com a musicalidade. Eles não eram exatamente bons músicos, mas há alguma coisa de admirável e hipnótico nos gritos extemporâneos e no barulho mal controlado, e nos berros de Dickie Peterson enquanto a banda literalmente chacoalha em "Parchment Farm".

Da capa em roxo e prata ao espírito "cada vez mais alto", este disco é um importante marco dos primeiros tempos do heavy metal. **TH**

"Rock 'n' roll... é 10% técnica e 90% atitude. Uma nota com a atitude certa é mais eficiente do que 60 notas sem atitude."

Dickie Peterson, 2005

Lista de músicas

01 Summertime Blues
Rock Me Baby
Doctor Please
Out Of Focus
Parchment Farm
Second Time Around

The Byrds | The Notorious Byrd Brothers (1968)

Selo | Columbia
Produção | Gary Usher
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:25

A capa do seu quinto LP indicava que os Byrds estavam passando por mudanças. O guitarrista David Crosby havia deixado a banda de forma amarga e é por isso que apenas aparecem na foto o baixista Chris Hillman, o líder Roger McGuinn e o baterista Michael Clarke.

Apesar desse turbilhão, o álbum é uma síntese celestial de melodia e experimentação, incluindo inovadoras texturas eletrônicas. "Artificial Energy" utiliza trompetes para simular o zumbido da anfetamina; a euforia da música é minada pela letra especialmente na dissonância da última linha. Essa abertura dramática se dissolve na versão de "Goin' Back", de Carole King e Gerry Goffin, marcada pela pedal steel e cuja nostalgia ganha pungência à luz do Vietnã. A guerra amplia o contexto da etérea "Draft Morning", de Crosby, e a metálica "Wasn't Born To Follow", outra obra de Goffin/King, apenas sublinha o fato de que os Byrds foram pioneiros do folk rock e da música psicodélica.

O lado B flutua como uma aura, incluindo temas caros aos Estados Unidos ("Change Is Now", "Old John Robertson"), devaneios utópicos ("Tribal Gathering", "Dolphin's Smile") e futurismo ("Space Odyssey"). O CD relançado mais tarde apresenta vários extras, destacando-se a balada de Crosby, "Triad".

Embora tenha chegado apenas ao 47º lugar na parada da Billboard, *The Notorious Byrd Brothers* soa hoje como uma das grandes obras do pop dos anos 60, uma declaração conjunta nos moldes de *Sgt. Pepper...*. Os Byrds, nesse meio-tempo, foram atrás do independente Gram Parsons, se mudaram para Nashville e surgiram com o clássico do country-rock *Sweetheart Of The Rodeo*. **MA**

"Ao longo dos anos, as pessoas vêm me dizendo que este é o seu disco favorito dos Byrds."

Chris Hillman, 2003

Lista de músicas

01	**Artificial Energy**	(Clarke•Hillman•McGuinn)	2:18
02	**Goin' Back**	(Goffin•King)	3:26
03	**Natural Harmony**	(Hillman)	2:11
04	**Draft Morning**	(Crosby•Hillman•McGuinn)	2:42
05	**Wasn't Born To Follow**	(Goffin•King)	2:04
06	**Get To You**	(Hillman•McGuinn)	2:39
07	**Change Is Now**	(Hillman•McGuinn)	3:21
08	**Old John Robertson**	(Hillman•McGuinn)	1:49
09	**Tribal Gathering**	(Crosby•Hillman)	2:03
10	**Dolphin's Smile**	(Crosby•Hillman•McGuinn)	2:00
11	**Space Odyssey**	(Hippard•McGuinn)	3:52

Big Brother And The Holding Company
Cheap Thrills (1968)

Selo | Columbia
Produção | John Simon
Projeto gráfico | Robert Crumb
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:54

A fama de *Cheap Thrills* entre os críticos repousa na grandeza teatral do vocal cru e visceral de Janis Joplin. Misturando tradições e influências à atmosfera típica do Haight, o distrito hippie de São Francisco, as performances de Joplin neste álbum transcendem qualquer discussão da época a respeito de uma texana branca ter ou não condições de cantar blues. Se for possível extrair mais emoção das músicas, não será neste planeta.

Depois da apresentação do grupo no Festival Pop de Monterey, em 1967, o público aguardava com ansiedade o lançamento do disco. *Cheap Thrills* prontamente alcançou o primeiro lugar nas paradas americanas e ali se manteve durante oito semanas, ganhando o disco de ouro; o single "Piece Of My Heart" chegou ao 12.º lugar. A voz de Joplin torna o álbum atemporal (sua leitura vulcânica de "Ball And Chain", de Willie Mae Thornton, foi um dos destaques de Monterey; cenas filmadas mostravam Mama Cass assistindo à apresentação de Janis Joplin em êxtase). O disco, porém, contém muitas lembranças do Haight-Ashbury do final dos anos 60. Sua intensidade pode ser percebida nos simbólicos quadrinhos de Robert Crumb na capa (a foto de Joplin acabou indo parar na contracapa), e também na exuberância com que a banda adota uma variedade de estilos de música negra – especialmente o doo-wop, o soul e o blues. As limitações de gênero são claras: às vezes, o tom pesado dos solos e dos ritmos da banda a impede de alçar vôo com Joplin; é a voz dela, suplicante, enlevada e potente, que permanece.

Sendo assim, não é surpresa que ela tenha deixado o Big Brother (com o guitarrista Sam Andrew) quando o álbum ainda estava nos primeiros lugares – infelizmente, Janis nunca encontrou outro contexto musical que realmente a alimentasse. **MR**

"O que estamos tentando fazer com a música é apenas voltar aos bons e velhos tempos, quando a gente dançava e ficava doidão."

Janis Joplin, 1968

Lista de músicas

01	Combination Of The Two [Andrew]	2:47
02	I Need A Man To Love [Andrew, Gordon]	4:53
03	Summertime [Gershwin, DuBose, Heyward]	4:08
04	Piece Of My Heart [Ertegun, Bogart, Ivy]	4:13
05	Turtle Blues [Joplin]	4:21
06	Oh, Sweet Mary [Andrew, Joplin]	4:14
07	Ball And Chain [Thornton]	4:29

The United States Of America

The United States Of America (1968)

Selo | Columbia
Produção | David Rubinson
Projeto gráfico | Eric Schou
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:07

Um comunista de carteirinha forma uma banda chamada The United States of America e consegue um contrato com uma grande gravadora antes de se apresentar uma única vez ao vivo? Só nos anos 60.

Depois de estudar em Nova York com John Cage, uma lenda da avant-garde, o compositor Joseph Byrd se mudou para Los Angeles, em 1967, e decidiu montar um grupo psicodélico de rock. A primeira a ser recrutada foi sua ex-namorada, Dorothy Moskowitz, que, com seu vocal gélido, fazia o complemento perfeito para as viagens sonoras experimentais planejadas por Byrd. A banda gravou apenas este álbum antes de se dissolver, mas trata-se de um disco memorável.

"The American Metaphysical Circus" abre o disco com uma música alegre no órgão a vapor, sobre a qual Byrd amontoa uma série de marchas patrióticas. Quando essa cacofonia insana parece que vai entrar em colapso, vem a voz de Moskowitz – como se estivesse num submarino que está afundando. "Cloud Song" apresenta um baixo delicado e firme e uma melodia envolta em magia. Como num flashback de uma viagem de LSD, os minutos finais da última faixa, "The American Way of Love", incluem fragmentos de todas as canções anteriores, fluindo para dentro e para fora da consciência.

The United States Of America vendeu muito pouco, graças à falta de fé quase completa da Columbia. Como disse Byrd, "Não havia muito entusiasmo dos executivos por uma banda cujo nome eles odiavam, cuja música não entendiam e que tinha convicções políticas que consideravam uma traição à pátria." Mas, passados os anos, o grupo ganhou adeptos devotados e influenciou várias bandas modernas, em especial a Broadcast. **RM**

"Joe tinha visão."

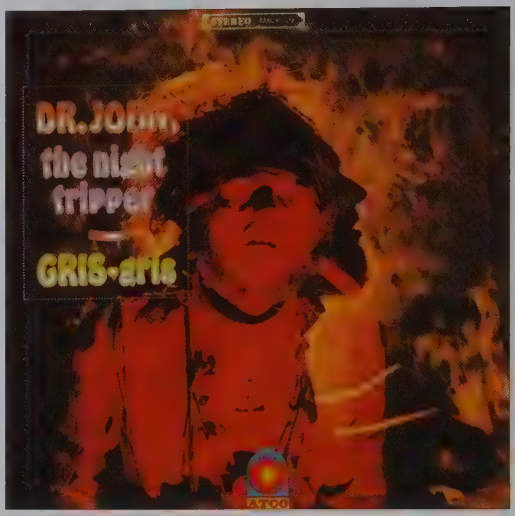
Dorothy Moskowitz, c.2000

Lista de músicas

▶	01	**The American Metaphysical Circus** (Byrd)	4:55
	02	**Hard Coming Love** (Byrd•Moskowitz)	4:43
▶	03	**Cloud Song** (Byrd•Moskowitz)	3:18
	04	**The Garden Of Earthly Delights** (Byrd•Moskowitz)	2:39
	05	**I Won't Leave My Wooden Wife For You, Sugar** (Byrd•Moskowitz)	3:52
	06	**Where Is Yesterday** (Bogas•Marron•Moskowitz)	3:07
	07	**Coming Down** (Byrd•Moskowitz)	2:40
▶	08	**Love Song For The Dead Che** (Byrd)	3:25
	09	**Stranded In Time** (Bogas•Marron)	1:50
▶	10	**The American Way Of Love** (Byrd•Forbes•Marron•Moskowitz•Woodson)	6:38

Dr. John, The Night Tripper | Gris-Gris (1968)

Selo | Atlantic
Produção | Harold Battiste
Projeto gráfico | Marvin Israel
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:12



Podemos agradecer a Sony e Cher por este marco do funk de Nova Orleans. Enquanto gravava um especial na TV no outono de 1967, o casal cedeu parte do tempo de estúdio reservado no Gold Star, em Los Angeles, para um de seus músicos de apoio – Malcom Robert Rebennack, um experiente pianista e guitarrista de Nova Orleans. Rebennack estava namorando a idéia de fazer um projeto baseado na vida real de um pregador de vodu chamado Dr. John Creaux. Ele tinha convidado o cantor Ronnie Baron para o papel, mas o agente de Baron o aconselhou a "ficar fora dessa coisa de vodu". Convencido, afinal, pelo percussionista de sua banda, Richard "Didimus" Washington, Rebbenack acabou interpretando ele próprio o personagem, à frente de um grupo de amigos de Nova Orleans exilados em Los Angeles.

Gris-Gris apresentava uma Nova Orleans que há muito tinha desaparecido dos discos. Trazia o som das bandas marciais, do creole, dos cânticos ferozes do vodu e os ruidosos e variados ritmos de seus habitantes latinos. Mas o caos sonoro era quebrado pelo prisma de um R&B puro e primitivo. "I Walk On Gilded Splinters", com seus vocais distorcidos e ásperos, bandolins e baterias cheias de eco, dá o tom do álbum, um experimento crepuscular que gerou centenas de filhotes; "Mama Roux" é uma faixa de um funk elástico, que influenciou Sly Stone, na qual Rebennack toca uma impulsiva linha de baixo com os pedais do órgão Hammond.

Em outros projetos, o Doctor exploraria o solo de stride piano, as raízes musicais sulistas e o heavy-duty funk, com os Meters, e se apresentaria fazendo leituras à moda do Sul de Duke Ellington e Ray Charles. Mas *Gris-Gris* continua sendo seu álbum definitivo. **JLe**

"Nossa música tinha os ritmos das ruas de Nova Orleans e coisas de igreja, mas tudo misturado com batidas cubanas, brasileiras e etíopes, todo o tipo de merda esquisita."

Dr. John, 2002

Lista de músicas

01	Gris-Gris Gumbo Ya Ya (Creaux)	5:36
02	Danse Kalinda Ba Boom (Battiste-Creaux)	3:44
03	Mama Roux	
04	Danse Fambeaux (Creaux)	4:56
05	Croker Courtbullion (Battiste)	6:00
06	Jump Sturdy (Rebennack)	2:20
	I Walk On Gilded Splinters	

Iron Butterfly | In-A-Gadda-Da-Vida (1968)

Selo | Atco
Produção | Jim Hilton
Projeto gráfico | Loring Eutemey
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:00

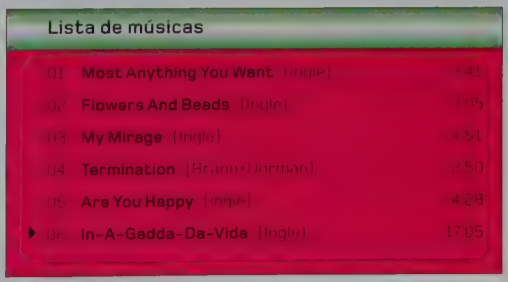
A segunda tentativa do Iron Butterfly foi o primeiro álbum a ganhar o disco de platina, por vender mais de um milhão de cópias. Embora as músicas psicodélicas do lado A sejam boas o bastante, o sucesso do LP se deve totalmente à faixa-título, um épico sem precedentes que ocupa todo o lado B.

Formado em San Diego em 1966, o Iron Butterfly misturava hard rock com texturas elaboradas, mais próximas do acid. Eles gravaram o álbum de estréia como um quinteto, mas, quando o disco – intitulado, muito apropriadamente, *Heavy* – foi lançado, três integrantes já haviam saído. O cantor e tecladista Doug Ingle e o baterista Ron Bushy decidiram continuar e recrutaram o guitarrista Erik Brann, ainda adolescente, e o baixista Lee Dorman. Certa vez, tarde da noite, Bushy voltou para casa do trabalho – era chef de uma pizzaria – e descobriu que Ingle, filho de um organista de igreja, havia mamado uma garrafa de vinho e composto uma música nova. Bêbado demais para falar, Ingle balbuciou o título, que Bushy anotou da forma como ouvira. Então, o que era "In The Garden Of Eden" ficou conhecido como "In-A-Gadda-Da-Vida".

A música, concebida originalmente como uma balada, foi sendo mudada pela banda nas turnês, e acabou gravada como um leviatã lisérgico, composto por zumbidos de guitarra, um órgão místico e solos exploratórios de bateria. "In-A-Gadda-Da-Vida" foi um enorme sucesso, bem adequado ao formato da nascente rádio FM; uma versão editada em single, enfatizando o riff protometal da música e seus vocais enigmáticos, chegou a ocupar a lista das 30 Mais, enquanto a versão completa dava tempo de o DJ ir ao banheiro. A canção foi regravada pelo titã do thrash, o Slayer, sampleada pela estrela do hip-hop Nas e executada como um hino num episódio clássico de *Os Simpsons*, quando Bart vende a alma para Milhouse. **MA**

"No final dos anos 60, não era socialmente conveniente andar por aí – em especial, no Meio-Oeste – com o cabelo comprido até o cóccix. Era interessante."

Doug Ingle, 2002



The Pretty Things | S. F. Sorrow (1968)

Selo | EMI
Produção | Norman Smith
Projeto gráfico | Phil May
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:54

Os Pretty Things ganharam destaque no início dos anos 60 requentando um R&B inspirado em Bo Diddley. Seu som inicial, apresentado nos primeiros singles, como "Road Runner", era ainda mais obsceno, embora menos popular, do que o dos Rolling Stones. Animado pelo florescente movimento psicodélico, o grupo entrou numa fase de transição com o introspectivo *Emotions*, de 1967, uma tentativa sem importância, exceto por ter preparado o terreno para seu maior feito.

Gravado durante uma estada regada a drogas em Abbey Road, durante o Verão do Amor, *S. F. Sorrow* foi um projeto audacioso que deixaria sua marca nas futuras óperas-rock. Pete Townshend cita *S. F. Sorrow* como a maior influência sofrida por *Tommy*, de 1968 – uma afirmação um tanto suavizada, considerando-se as semelhanças entre os dois trabalhos.

Utilizando os truques de estúdio aprendidos na gravação de *Sgt. Pepper...*, Norman Smith ajudou o vocalista Phil May a dar vida à história de Sebastian F. Sorrow através de um caleidoscópio de colagens vocais, instrumentação do Oriente Médio e fuzzy guitar. Os sons variam da introdução a capela, de tirar o fôlego, em "Bracelets Of Fingers" e da cítara graciosa de "Death" às suculentas harmonias vocais de "The Journey" e à densa guitarra de "Old Man Song".

Apesar de apresentar um trabalho de primeira linha, *S. F. Sorrow* foi recebido com indiferença fora da Inglaterra (nos Estados Unidos, o lançamento tardio do disco levou muita gente a pensar que a banda estava simplesmente se aproveitando do sucesso de *Tommy*). O fato é que os fãs nunca teriam chegado a ouvir *Tommy*, a escalar o *The Wall* do Pink Floyd ou a pular com o *American Idiot*, do Green Day, se os Pretty Things não tivessem alcançado a maioridade antes com *S.F. Sorrow*. **JiH**

"Uma obra-prima inigualável."

Mike Stax, 1988

Lista de músicas

▶	01	S.F. Sorrow Is Born (May • Taylor • Waller)	3:18
▶	02	Bracelets Of Fingers (May • Taylor • Waller)	3:41
▶	03	She Says Good Morning (Alder • May • Taylor • Waller)	3:23
	04	Private Sorrow (May • Povey • Taylor • Waller)	3:51
	05	Balloon Burning (May • Povey • Taylor • Waller)	3:01
	06	Death (Alder • May • Povey • Taylor • Waller)	3:05
	07	Baron Saturday (May • Taylor • Waller)	4:01
▶	08	The Journey (Alder • May • Taylor • Waller)	2:46
▶	09	I See You (May • Taylor • Waller)	3:56
	10	Well Of Destiny (Alder • May • Povey • Smith • Taylor • Waller)	1:46
	11	Trust (May • Taylor • Waller)	2:49
▶	12	Old Man Song (Alder • May • Povey • Taylor • Waller)	3:09
	13	Loneliest Person (Alder • May • Taylor • Waller)	1:29

Simon And Garfunkel | Bookends (1968)

Selo | Columbia
Produção | Art Garfunkel • Roy Halee • Paul Simon
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:55

"Eles têm a cara dos universitários americanos e, por isso, os universitários se identificam com eles", escreveu Lillian Roxon no verbete dedicado a Simon e Garfunkel em sua *Enciclopédia do Rock*, de 1971. Certamente, a capa de bom gosto de *Bookends*, toda em preto-e-branco, conferiu à dupla, em seu penúltimo (e mais intelectual) álbum, o ar de jovens e sérios estudantes.

"Mrs. Robinson", a estupenda trilha do filme *A Primeira Noite De Um Homem*, foi radicalmente reescrita e re-regravada; os dois ganhariam o Grammy por essa música no ano seguinte (Simon havia originalmente pensado nela como uma canção sobre Eleanor Roosevelt, mas adaptou a letra graças à insistência do diretor do filme, Mike Nichols). Joe Di Maggio foi o único que não entendeu a música e chegou certa vez a atacar Simon publicamente por achar que era criticado na letra.

Mas este não foi o único clássico instantâneo do disco. "America" é uma esplêndida vinheta sobre a viagem de ônibus de dois namorados; intimista e épica, essa música traça a jornada interior que leva de um otimismo ingênuo a uma compreensão mais madura do mundo. O folk-rock de "A Hazy Shade of Winter", que traz um riff efervescente e um lirismo melancólico, garantiu à dupla lugar entre os Top 20 dos Estados Unidos em 1966.

"Fakin' It" inclui a participação especial de Beverley Kutner (que logo seria conhecida como Beverley Martyn), que chama Simon, na sua "vida anterior", de Mr. Leitch – o sobrenome do cantor folk Donovan. "Voices Of Old People", uma colagem sonora de Garfunkel, acrescenta uma profundidade perfeita às composições mais austeras e fantasmagóricas de Simon, no lado A. O lado B é mais divertido – em particular, a surreal "Punky's Dilemma" –, enquanto "At The Zoo" – uma canção infantil que é uma sátira alegórica da condição humana – dá ao disco um fecho bem-acabado. **DN**

"Paul é um artista muito criativo, mas eu sou um maluco mais perfeito, meticuloso e disciplinado."

Art Garfunkel, 1990

Lista de músicas

01	**Bookends Theme** (Simon)	0:32
02	**Save The Life Of My Child** (Simon)	2:49
03	**America** (Simon)	3:34
04	**Overs** (Simon)	2:14
05	**Voices Of Old People** (Garfunkel)	2:00
06	**Old Friends** (Simon)	2:36
07	**Bookends** (Simon)	1:16
08	**Fakin' It** (Simon)	3:14
09	**Punky's Dilemma** (Simon)	2:10
10	**Mrs. Robinson** (Simon)	4:02
11	**A Hazy Shade Of Winter** (Simon)	2:17
12	**At The Zoo** (Simon)	2:11

The Small Faces | Ogden's Nut Gone Flake (1968)

Selo | Immediate
Produção | Ronnie Lane • Steve Marriott
Projeto gráfico | Ronnie Lane
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:27

Embora só tenha surgido um ano depois do Verão do Amor, o terceiro e último LP desse quarteto mod é parte essencial do movimento psicodélico britânico. Se os grupos de São Francisco tinham um viés político, os ingleses preferiam algo um pouco mais frívolo – que garantisse a todo mundo uma boa viagem. Steve Marriott não atacava a Guerra do Vietnã, mas, sim, as queixas de seus vizinhos sobre o barulho que fazia. Metade do lado A é repleta de rock psicodélico (a faixa-título, "Afterglow" e "Song Of A Baker"); as outras três faixas são músicas do vaudeville londrino misturadas num liquidificador lisérgico.

O lado B, no entanto, é o que torna este álbum memorável. Numa época em que isso era moda, a banda surgiu com "Happiness Stan", um sujeito que vai à procura do lado oculto da Lua, numa viagem que o coloca em contato com moscas falantes e com um eremita chamado Mad John, e tudo termina em festa. A história é conduzida pela narrativa do comediante Stanley Unwin, que usa uma linguagem bizarra, tipicamente britânica, na gíria beat de hipsters como Lord Buckley. Faz tanto sentido que, ao mesmo tempo que é possível entender cada palavra, é de rolar de rir. Infelizmente, esse estilo "miniópera" tornava as apresentações ao vivo quase impossíveis, e Steve Marriott morria de frustração. O resto da banda ganhou fama com Rod Stewart como os The Faces, mas ficou para sempre a sensação de que a chance foi perdida.

E a capa? Uma obra-prima premiada: uma imitação de uma lata redonda de tabaco que, aberta, contém papel de cigarro e uma colagem psicodélica. O que queriam dizer com isso? **DH**

"Bem produzido, com sons ameaçadores do início ao fim."

Record Mirror, 1968

Lista de músicas

01	**Ogden's Nut Gone Flake**	(Jones • Lane • Marriott • McLagan)	2:29
02	**Afterglow (Of Your Love)**	(Lane • Marriott)	3:31
03	**Long Agos And Worlds Apart**	(McLagan)	2:34
04	**Rene**	(Lane • Marriott)	4:31
05	**Song Of A Baker**	(Lane • Marriott)	3:18
06	**Lazy Sunday**	(Lane • Marriott)	3:06
07	**Happiness Stan**	(Lane • Marriott)	2:36
08	**Rollin' Over**	(Lane • Marriott)	2:49
09	**Hungry Intruder**	(Lane • Marriott • McLagan)	2:15
10	**The Journey**	(Jones • Lane • Marriott • McLagan)	4:13
11	**Mad John**	(Lane • Marriott)	2:46
12	**Happy Days Toy Town**	(Lane • Marriott)	4:19

The Band | Music From Big Pink (1968)

Selo | Capitol
Produção | John Simon
Projeto gráfico | Milton Glaser
Nacionalidade | Canadá • EUA
Duração | 42:00

"Era como um bar. A gente ia todos os dias... Bob [Dylan] gostava das vibrações."
Robbie Robertson, 2003

Em 1968, a The Band – que acompanhava Bob Dylan – estava pronta para entrar na história da música sem sua estrela. Este álbum de estréia ainda soa como novo, três décadas depois de gravado.

Embora preparado por quatro canadenses, mais um filho de fazendeiros do Arkansas, *Music From Big Pink* é uma peça da cultura americana, um evento que marcou uma época e parecia sintetizar um século da história do país.

Batizado com o nome da famosa casa em Woodstock, Nova York, onde o quinteto havia se enfurnado com Dylan em meados dos anos 60, *Music From Big Pink* estourou em meio à era psicodélica, oferecendo imagens concisas e bem delineadas como uma alternativa à ampla e abstrata tela do acid rock. O quinteto, com a colaboração do produtor John Simon, cavou bem fundo as raízes americanas para trazer à tona sua música e seus temas, utilizando órgãos, rabecas e bandolins no lugar de guitarras elétricas cheias de efeitos. O álbum capta a The Band como uma banda de verdade, antes de o guitarrista Robbie Robertson se tornar sua força criativa. Dylan também participou de forma ativa do álbum, escrevendo o apelo clássico de "I Shall Be Released", e como parceiro do pianista Richard Manuel na torturante faixa de abertura, "Tears Of Rage", e do baixista Richard Danko na vingativa "This Wheel's On Fire" (repaginada para servir como tema da sitcom inglesa *Absolutely Famous*).

A genialidade de Robertson já é evidente em "Caledonia Mission" e, em especial, em "The Weight", muito bem utilizada, no ano seguinte, por Peter Fonda em seu filme *Sem Destino*. Alçado à condição de clássico antes mesmo de chegar às lojas, *Music From Big Pink* inspirou Eric Clapton a desmontar a superbanda Cream e ir em busca de um novo tipo de som. **AG**

Lista de músicas

01	Tears Of Rage	
02	To Kingdom Come	
03	In A Station	
04	Caledonia Mission	
05	The Weight	4:38
06	We Can Talk	
07	Long Black Veil	
08	Chest Fever	5:18
09	Lonesome Suzie	4:14
10	This Wheel's On Fire	
11	I Shall Be Released	

Jeff Beck
Truth (1968)

Selo | Columbia
Produção | Mickie Most
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | | Inglaterra
Duração | 40:50

Jeff Beck – o melhor, mas o menos produtivo dos heróis da guitarra – decidiu fazer carreira solo depois de deixar os Yardbirds, e acabou trabalhando com o produtor de música pop Mickie Most. Em "Hi Ho Silver Lining", um single de enorme sucesso, Most insistiu em que Beck cantasse, demitindo o vocalista do The Jeff Beck Group, Rod Stewart. No LP, porém, Stewart teve sua chance.

"Morning Dew" é, talvez, melhor do que a versão popular de Tim Rose; "You Shook Me" foi gravada logo depois pelo Led Zeppelin, que tinha como líder Jimmy Page, colega de Beck nos Yardbirds ("Meu coração quase parou quando ouvi essa música", confessou Beck, mais tarde). "Shapes Of Things" chegou ao terceiro lugar da parada britânica e ficou entre os Top 20 da americana na versão dos Yardbirds, e nem Beck nem Most achavam que merecia ser revista, mas duas músicas do bluesman Willie Dixon ganharam uma boa e digna revigorada.

"Greensleves" foi tocada na guitarra de Mickie Most e "Ol' Man River" (do musical *Showboat*) mostra Rod Stewart em seu auge. Em "Beck's Bolero", a bateria é creditada a "você sabe quem" (era, na verdade, Keith Moon – na época, dizia-se que ele, Beck, Page e algumas outras estrelas estavam formando um supergrupo), enquanto o baixista é Ron Wood, amigo chegado de Rod.

Truth ficou entre os 20 primeiros nas paradas dos Estados Unidos durante oito meses, embora nunca tenha entrado nas listas da Inglaterra, o país natal de Beck. Outros discos dele ganharam o Grammy, mais tarde, mas este é o melhor – nem que seja pela capa, uma pintura de Magritte. **JT**

Caetano Veloso
Caetano Veloso (1968)

Selo | Philips
Produção | Caetano Veloso
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Brasil
Duração | 34:54

Se alguém tentar explicar ao público anglo-americano quem é Caetano Veloso, vai acabar construindo um híbrido de Brian Wilson, Stevie Wonder, Bob Dylan, Syd Barrett, John Lennon e Bob Marley. O mundo pop de língua inglesa não tem um Caetano Veloso e é provavelmente por isso que gente como Beck, Kurt Cobain e David Byrne o idolatra. Andrógino, profundamente intelectual e, ainda assim, muito irreverente, ele é capaz de se apresentar a platéias do tamanho de um estádio de futebol com uma música desavergonhadamente esnobe.

Este álbum de estréia foi peça-chave na formação do Tropicalismo, um movimento de pop art rebelde que estourou no final dos anos 60 no Brasil. Involuntariamente, Caetano uniu um grupo de poetas, pintores, dramaturgos e cineastas de esquerda nessa desafiadora resposta brasileira ao "neo-rock" dos Beatles. É uma bossa nova tocada por roqueiros psicodélicos e orquestrada por compositores clássicos, numa mistura ainda mais complexa por conta dos arranjos de metais e das harmonias vocais barrocas. A música é impressionante – como no tremulante rock psicodélico "Clarisse", nas mágicas e complexas mudanças de acordes de "Clara" e em "Soy Loco Por Ti, América", um vivo tributo a Che Guevara – e mesmo quem não fala uma palavra de português fica intrigado com a "poesia concreta" das letras de Caetano Veloso.

Os adolescentes brasileiros amaram o disco; a ditadura militar daquela época, não. Dois anos depois, Caetano foi forçado a deixar o Brasil e se exilar em Londres, o que só confirmou seu status de lenda e ajudou a divulgar sua carreira. **JLe**

Scott Walker
Scott 2 (1968)

Selo | Philips
Produção | John Franz • Peter J. Olliff
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:47

"Me colocar na frente de uma câmera", disse Scott Walker, certa vez, "é como pegar um eremita que sempre viveu em uma caverna e, de repente, deixá-lo parado em plena Trafalgar Square". No entanto, não foi apenas a profunda aversão de Walker a ser o centro das atenções que o levou a deixar os Walker Brothers, em 1967. Ele achava que tinha coisas mais ricas para apresentar do que as baladas no estilo de Phil Spector (todas regravações) com as quais a banda vinha apimentando as paradas inglesas desde 1965.

Os arranjos orquestrais arrebatadores atraíram o público para *Scott*, seu álbum solo de estréia, lançado em 1967, embora quem tenha ouvido mais atentamente o misto de versões e canções originais tenha encontrado um disco tremendamente introspectivo. *Scott 2* continuou nesse tom com o mesmo tipo de material, mas com um efeito mais impressionante. A série de versões – entre elas, uma desolada leitura de "Windows Of The World", de Bacharach e Davis – deixou os fãs dos Walker Brothers felizes, mas o verdadeiro tesouro está escondido em outra parte: nas três canções de Jacques Brel, lideradas pela abertura galopante de "Jackie", e nas quatro músicas compostas pelo próprio Walker. A decisão do cantor de assinar como "S Engel", seu sobrenome verdadeiro, deu credibilidade à hipótese de que faixas como a amedrontadora "Plastic Palace People" fossem autobiográficas.

Scott 2 foi o álbum solo de Walker que alcançou maior sucesso comercial, mas também marcou o momento em que ele começou a perder seu público. Depois vieram o mais coeso, porém menos consistente *Scott 3* e, a seguir, *Scott 4*, uma densa coleção de material próprio. Mas esse último não chegou às paradas, levando Walker a um declínio criativo só quebrado pelo maravilhoso *Tilt*, lançado em 1995. **WF-J**

The Zombies
Odessey & Oracle (1968)

Selo | CBS
Produção | The Zombies
Projeto gráfico | Terry Quirk
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 33:31

Um marco britânico, o delicioso e quase barroco pop de câmara de *Odessey & Oracle* continua ganhando novos fãs a cada ano, apesar de ter vendido pouquíssimo em seu lançamento e de ter sido feito por uma banda tão desiludida com a indústria da música que se desfez logo depois.

Formada na pequena cidade de St. Albans, em 1963, os Zombies estrearam com o sublime "She's Not There", que chegou ao segundo lugar nas paradas dos Estados Unidos, mas os singles seguintes tiveram menos sucesso comercial. Depois de passar três anos praticamente em excursão, o grupo decidiu se separar, no final de 1966. O baixista Chris White convenceu os colegas a gravar um álbum de despedida – e o conhecimento prévio de que iam acabar os libertou das pressões comerciais, permitindo que gravassem exatamente o disco que queriam.

E o que queriam era espetacular. Gravado nos Abbey Road Studios logo depois que os Beatles terminaram *Sgt. Pepper...*, o primeiro álbum coeso da banda – não mais apenas um misto de rebarbas de singles e regravações – contempla a paixão pelo jazz do tecladista Argent, mas mantém o soft-pop do grupo com arranjos mais ousados.

Colega de apartamento de White, Terry Quirk, responsável pela arte da capa, errou a ortografia da palavra "Odyssey". A banda decidiu deixar como estava e se separou sem grande alarde logo depois. Al Kooper, produtor da CBS, ouviu o álbum numa viagem à Inglaterra e convenceu a gravadora a lançar, em 1969, a faixa de encerramento, "Time Of The Season", como single – que vendeu dois milhões de cópias em todo o mundo, o que a transformou, ironicamente, no maior sucesso da carreira dos Zombies. **PL**

Van Morrison | Astral Weeks (1968)

Selo | Warner Bros.
Produção | Lewis Merenstein
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:50

Quando Van Morrison, aos 23 anos, gravou *Astral Weeks*, não tinha muito o que provar. Já havia emplacado singles nas paradas dos Estados Unidos e da Inglaterra – "Gloria" e "Brown-Eyed Girl" –, e quando ele juntou, em Nova York, um time robusto de talentosos músicos de jazz, o mundo sabia que viria algo muito especial.

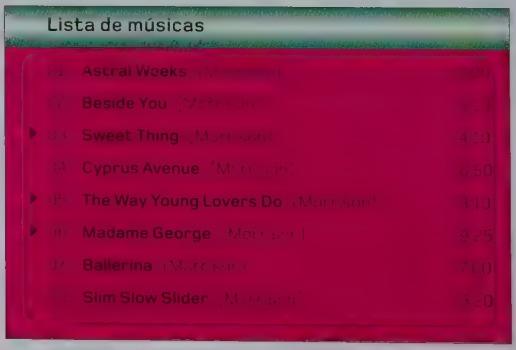
Morrison sempre quis fazer jazz – apesar de ter sido rotulado primeiro como um artista folk e, depois, de blues – e, em *Astral Weeks,* deu plena expansão a esse sentimento, encontrando no gênero um complemento perfeito para suas letras complexas. O álbum foi gravado em apenas dois dias e Morrison praticamente não orientou os músicos, nem explicou o sentido das letras, deixando a banda à vontade para o improviso instrumental.

Ele nunca tinha sido tão lírico e evasivo em sua poesia. "Madame George" é uma apaixonada fantasia, que se passa em sua Belfast natal, sobre um artista drag retratado em tons pastel, como num sonho, enquanto "Sweet Thing" é uma canção de amor eletrizante que arrepia os cabelos já no primeiro acorde do violão.

É bom dizer que a Warner Bros., conhecida por respeitar seus artistas, admitiu que Morrison rendia melhor em LP, embora, talvez, o tivesse contratado para enfileirar singles nas paradas, e absorveu sem dificuldades o fraco desempenho comercial de *Astral Weeks*. Os críticos até hoje aplaudem a genialidade demonstrada por Morrison em seu primeiro e fascinante trabalho solo, e o álbum, com freqüência, aparece bem colocado nas listas de melhores discos de todos os tempos. **SJac**

"Fiquei muito feliz com o álbum. Acho que ficou bem próximo do tipo de música que eu queria fazer. Na verdade, continua sendo."

Van Morrison, 1972



The Byrds | Sweetheart Of The Rodeo (1968)

Selo | Columbia
Produção | Gary Usher
Projeto gráfico | Butler Advertising • Geller
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:52

Em março de 1968, quando os Byrds entraram no estúdio da Columbia Records em Nashville para gravar seu sexto álbum, apenas dois integrantes originais permaneciam na banda: Roger McGuinn e Chris Hillman. McGuinn havia imaginado um álbum duplo que contasse a história da música popular americana, desde o country tradicional, passando pelo rock, até o som eletrônico futurista movido por sintetizadores Moog. Recém-recrutado pelos Byrds, Gram Parsons – que, com sua International Submarine Band, havia gravado um disco country, *Safe At Home*, pela gravadora LHI, de Lee Hazlewood – o convenceu a ficar no country.

Parsons compôs, com o ISB Bob Buchanan, a melhor música de *Sweetheart...* – "Hickory Wind", uma balada nostálgica, com muita steel guitar, sobre a inocência perdida. Também faz o vocal principal da canção, além de ter escrito a outra obra original do disco, "One Hundred Years From Now", e ter sugerido quatro das nove versões gravadas. Parsons teria comandado todo o álbum, se Hazlewood não tivesse ameaçado processá-lo pelo fato de que ele ainda estava sob contrato com seu selo. Por isso o vocal de Parsons foi eliminado das faixas "You Don't Miss Your Water", de William Bell, e "The Christian Life", dos Louvin Brothers. Os únicos vestígios do passado dos Byrds estão nas canções de Dylan, "You Ain't Going Nowhere" e "Nothing Was Delivered", retiradas de *Basement Tapes*.

O público dos Byrds estava acostumado à experimentação radical da banda, mas rejeitou o comprometimento do álbum com um gênero associado a sulistas reacionários. Considerado um fracasso por alguns em seu lançamento, o disco vem ressurgindo como uma obra pioneira do country rock, exercendo uma poderosa influência em bandas tão diversas como os Eagles e Wilco. **JoH**

"Entramos de cabeça no country – jogamos pôquer, bebemos uísque e usamos chapéus de cowboy."

Roger McGuinn, 2003

Lista de músicas

▶	01	**You Ain't Going Nowhere** (Dylan)	2:33
	02	**I Am A Pilgrim** (Trad., arr. Hillman • McGuinn)	1:39
▶	03	**The Christian Life** (C. Louvin • I. Louvin)	2:30
	04	**You Don't Miss Your Water** (Bell)	3:48
▶	05	**You're Still On My Mind** (McDaniel)	2:25
	06	**Pretty Boy Floyd** (Guthrie)	2:34
▶	07	**Hickory Wind** (Buchanan • Parsons)	3:31
▶	08	**One Hundred Years From Now** (Parsons)	2:40
	09	**Blue Canadian Rockies** (Walker)	2:02
	10	**Life In Prison** (Haggard • Sanders)	2:46
▶	11	**Nothing Was Delivered** (Dylan)	3:24

The Beatles
The Beatles (a.k.a. The White Album) (1968)

Selo | Parlophone
Produção | George Martin
Projeto gráfico | Richard Hamilton
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 93:43

Os Beatles se separaram oficialmente em 1970, mas os Fab Four já há alguns anos não funcionavam como uma banda de verdade. O processo começou em *Rubber Soul* e foi detonado à medida que John, Paul, George e Ringo resolveram tomar diferentes rumos por discordâncias criativas, filosofias religiosas, drogas e, o motivo mais famoso, a presença de Yoko Ono. Em meio a essa disputa, os Beatles fizeram *The Beatles*, uma obra-prima épica que se equipara a *Sgt. Pepper...*, ainda que a origem de seu sucesso esteja mais nos talentos e personalidades dos integrantes do grupo do que em sua colaboração.

O álbum começa com um rugido e o barulho de um avião decolando – é o rock de "Back In The USSR", uma paródia da fórmula dos Beach Boys. O disco mistura baladas acústicas incomparáveis como "Dear Prudence" e "Mother Nature's Son" e peças cômicas como "Ob-La-Di, Ob-La-Da" e "Rocky Raccoon". Lennon e McCartney – uma dupla de compositores mais nos créditos do que na prática – produziram alguns de seus trabalhos mais duradouros com "Blackbird" e "Revolution 1", enquanto a surrealista "Happiness Is A Warm Gun", de Lennon, é uma minissuíte. No entanto, a música que mais se destaca é "While My Guitar Gently Weeps", de Harrison.

Era um disco confuso, portanto, mas vendeu dois milhões de cópias na primeira semana apenas nos Estados Unidos. **JiH**

The Mothers Of Invention
We're Only In It For The Money (1968)

Selo | Verve
Produção | Frank Zappa
Projeto gráfico | Cal Schenkel
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:04

Um dos discos mais importantes da segunda metade do século 20, o quarto trabalho de Zappa com os The Mothers confirmou seu status de gênio visionário.

O álbum é extraordinário desde o início – corajosamente fora de seu tempo e adorado pela primeira geração de hippies maconheiros, mesmo quando as músicas arrasavam seu estilo de vida e atiravam para longe seus totens, com um espírito selvagem e cheio de vitalidade. É o que acontece, por exemplo, em "Who Needs The Peace Corps?" e "Flower Punk". E na capa – uma paródia surrealista de *Sgt. Pepper...*, considerado o Santo Graal do rock.

Mas o álbum é também um ataque aos hábitos conservadores, ao estilo de vida e à política niilista dos Estados Unidos. Suas canções bem integradas e sedutoras, na voz de Zappa, tecem a análise irrefutável de uma sociedade que alimenta a guerra imperialista, o vício e a decadência das pessoas e da família – como na beligerante "Mother People" (as críticas de Zappa ao autoritarismo dos Estados Unidos começavam a parecer proféticas com a morte de dois estudantes pacifistas numa manifestação na Ken State University, em 1970). Tudo isso coloca o álbum no topo da parada dos "melhores discos conceituais". **MR**

Neil Young With Crazy Horse Everybody Knows This Is Nowhere (1969)

Selo | Reprise
Produção | David Briggs • Neil Young
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:29

Gravado em duas semanas e lançado apenas quatro meses depois de seu álbum de estréia, *Everybody Knows This Is Nowhere* uniu Young a uma banda barra-pesada de Los Angeles, que ele batizou como Crazy Horse, e contou com a produção de David Briggs, assistente de Jack Nitzsche no supertrabalhado *Neil Young*. Em contraste, *Everybody Knows...* encampava a paixão de Briggs pela gravação ao vivo, um método perfeitamente adequado ao country-rock espontâneo, áspero e épico de Neil Young With Crazy Horse.

A melhor mostra de seu trabalho está em "Cinnamon Girl" – com suas guitarras pesadas machucando as harmonias. Em algumas faixas, Young ensaia contar a história americana, como na galopante "The Losing End" e em "Round And About". A rabeca gótica de Bobby Notkoff em "Running Dry" é fascinante.

Mas os destaques são os dois prolongados jams, a triste balada "Down By The River" e a obscura "Cowgirl In The Sand". As canções esparsas deixam espaço livre para os duelos arrepiantes de guitarra de Young e Danny Whitten, uma explosão de ruídos pontiagudos (fazendo um contraponto ao estilo mais blues de seus contemporâneos) que evocam a essência perturbadora das músicas.

Essas canções ficaram décadas no repertório de Neil Young With Crazy Horse, mesmo depois de Young ser canonizado como o avô do grunge. **SC**

Captain Beefheart And His Magic Band Trout Mask Replica (1969)

Selo | Straight
Produção | Frank Zappa
Projeto gráfico | Cal Schenkel
Nacionalidade | EUA
Duração | 77:38

Depois do experimentalismo do movimento hippie, a influência da avant-garde no rock floresceu em bandas como Captain Beefheart And His Magic Band e Frank Zappa And The Mothers Of Invention. Com Zappa – velho amigo de escola de Beefheart – na produção, *Trout Mask Replica* fundiu blues, country, free jazz e boogie do Sul dos Estados Unidos numa obra que se tornaria um dos discos fundamentais dos anos 70, e mesmo de décadas além.

O álbum duplo, de 28 faixas, é considerado experimental demais para o grande público, por apresentar uma visão muito livre da composição e letras que confundiriam um ouvinte casual. No entanto, o controle absoluto de Zappa sobre a produção ajudou a dar forma à tela abstrata pintada pela fantasia lírica de Captain, que teve em "Moonlight In Vermont", "Neon Meate Dream Of A Octafish" e "Old Fart At Play" seus melhores momentos.

Beefheart não usou fones de ouvido para gravar os vocais – e o resultado é que ele canta no tempo das reverberações no estúdio, o que acrescenta mais um elemento complexo a esse caldeirão. *Trout Mask Replica* continua inspirador, mais ainda do que na época em que a The Band fazia sucesso, e o rock progressivo, o punk e a new wave beberam dessa obra-prima do final dos anos 60. **CR**

Creedence Clearwater Revival
Bayou Country (1969)

Selo | Fantasy
Produção | John Fogerty
Projeto gráfico | Basul Parik
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:05

Antes de o serviço militar chamar o vocalista John Fogerty e o baterista Dough Cliford, o grupo que se tornaria o Creedence Clearwater Revival gravou alguns discos com os nomes de The Visions e The Golliwogs, fazendo um som pré-psicodélico no estilo inglês. Depois de cumprirem o tempo obrigatório, os rapazes mudaram de nome, abandonaram as pretensões britânicas e lançaram seu LP de estréia em 1968.

Os anos de turnês fizeram da banda uma atração ao vivo de dar água na boca. Claramente embalado pelo rock 'n' roll primitivo dos anos 50, o Creedence fazia um irresistível rock puro, típico do Sul dos Estados Unidos, numa volta às raízes que espelhava o caminho ao qual a The Band e Dylan tinham dado as costas, em seus excessos psicodélicos.

Segundo álbum do Creedence, *Bayou Country* incluiu o primeiro grande sucesso da banda, "Proud Mary", que vendeu um milhão de cópias – uma ode ao barco a vapor do Mississippi composta por Fogerty, que também era vocalista, guitarrista, arranjador e produtor do grupo. Ele fez tudo para se perpetuar como um mito sulista em seu trabalho com o Creedence, mas, na verdade, tinha nascido na Califórnia.

Outros destaques são "Good Golly Miss Molly", uma versão de um clássico de Little Richard, "Born On The Bayou", o blues "Graveyard Train" e "Keep On Chooglin'", em que John Fogerty toca um maravilhoso trecho instrumental de quase oito minutos.

O sucesso deste álbum abriu caminho para os oito singles de ouro e de platina que o grupo emplacou nos Estados Unidos nos dois anos e meio seguintes. Em 1971, uma pesquisa da *New Music Express* classificou a banda como o melhor grupo do mundo – acima dos Beatles. **JT**

"O Creedence Clearwater Revival foi, provavelmente, a melhor banda de singles dos Estados Unidos."

Dave Marsh, 1979

Lista de músicas

01	Born On The Bayou	(Fogerty)	5:15
02	Bootleg	(Fogerty)	3:01
03	Graveyard Train	(Fogerty)	8:37
04	Good Golly Miss Molly	(Blackwell-Marascalco)	2:44
05	Penthouse Pauper	(Fogerty)	3:40
06	Proud Mary	(Fogerty)	3:08
07	Keep On Chooglin'	(Fogerty)	7:40

Crosby, Stills And Nash

Crosby, Stills And Nash (1969)

Selo | Atlantic
Produção | David Crosby • Graham Nash • Stephen Stills
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 40:52

Saudado pela imprensa musical da época como o melhor dos supergrupos, o trio formado pelos cantores e compositores David Crosby, Stephen Stills e Graham Nash se sentia pressionado a lançar um LP. Os três eram conhecidos pelo alcance imaculado de sua harmonia vocal precisa, por sua habilidade na guitarra e por seu estilo melódico folk pop. Felizmente, eles fizeram os clássicos esperados com personalidade, servindo um cardápio de canções lindamente arranjadas, executadas e produzidas, tingidas por todo tipo de influências.

A fantástica faixa de abertura, "Suite: Judy Blue Eyes", de Stills, é quase uma obra sinfônica para voz e guitarra, com um quê de música oriental e um ritmo acelerado no fim – um ponto alto na carreira dos três. Mas o álbum contém maravilhas mais sutis e introspectivas, como a hipnótica, quase soporífera "Guinevere" – o vocal profundo é de arrepiar –, a ondulante e alegre "Marrakesh Express" e "Long Time Gone", um manifesto de uma era, mais tarde regravado pelo grupo de acid jazz Galliano.

A produção caprichada do disco combina perfeitamente com as brilhantes harmonias vocais, e é até hoje um argumento convincente em favor do vinil e da mesa de mixagem analógica.

A partir desse álbum, porém, começaria a decadência. Apesar do trabalho quase sempre inspirado da década seguinte, quando Neil Young se juntou ao grupo, eles nunca se livrariam da aura de "hippies desiludidos com dinheiro demais e problemas com drogas". Mas estes 3/4 de hora de exuberante criatividade permanecem um marco. **JM**

"Não tenho controle sobre o que sai de minha caneta."

David Crosby, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Suite: Judy Blue Eyes** (Stills)	7:25
	02	**Marrakesh Express** (Nash)	2:39
▶	03	**Guinevere** (Crosby)	4:40
	04	**You Don't Have To Cry** (Stills)	2:45
	05	**Pre-Road Downs** (Nash)	3:01
	06	**Wooden Ships** (Crosby•Stills)	5:29
	07	**Lady Of The Island** (Nash)	2:39
	08	**Helplessly Hoping** (Stills)	2:41
▶	09	**Long Time Gone** (Crosby)	4:17
	10	**49 Bye-Byes** (Stills)	5:16

Blood, Sweat, And Tears

Blood, Sweat, And Tears (1969)

Selo | Columbia
Produção | James William Guercio
Projeto gráfico | John Berg
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:26

Ele já era cantor aos 15 anos (nos Royal Teens, uma banda que emplacou dois hits instantâneos); depois, passou a compor por encomenda das gravadoras; e foi o organista de "Like A Rolling Stone". Mas Al Kooper sempre quis ter sua própria banda. E conseguiu, em 1967, quando, junto com o guitarrista Steve Katz, abandonou o Blues Project com o objetivo de fundir um blues-rock selvagem ao jazz, sob a bandeira do Blood, Sweat, and Tears. Kooper desistiu do grupo logo após lançar o bem-recebido álbum *Child Is Father To The Man*, mas Katz e seus colegas decidiram seguir em frente sem sua força motriz, e recrutaram o cantor canadense David Clayton-Thomas para substituí-lo. Foi um bom negócio. Retrabalhando as idéias de Kooper numa via mais pop, *Blood, Sweat, And Tears* chegou ao primeiro lugar das paradas e faturou um Grammy como disco do ano.

Mesmo pelos padrões dos anos 60, o álbum era muita areia para o caminhão da banda, sustentado por duas releituras psicodélicas da primeira peça das *Trois Gymnopédies*, de Satie, e centrado num pouco ousado tema de jazz-rock de 12 minutos. Ainda assim, há muita coisa boa: as versões com arranjos de metais de "Smiling Phases", do Traffic, e de "And When I Die", de Laura Nyro, e a interpretação de "You've Made Me So Very Happy", de Brenda Holloway. Era arriscado regravar "God Bless The Child", de Billie Holiday, mas o convincente Clayton-Thomas mostrou-se à altura da tarefa.

O sucesso da banda durou pouco. Depois de uma turnê pela Europa em prol da campanha de Nixon e de um giro pelos cabarés de Las Vegas, a credibilidade do Blood, Sweat, And Tears estava acabada. O que Kooper achou disso está em sua divertida autobiografia, *Backstage Passes And Backstabbing Bastards*. **WF-J**

"Eu saí do (...) rock 'n' roll para um mundo de alunos da Julliard."

David Clayton-Thomas, 1999

Lista de músicas

01	Variations On A Theme By Erik Satie (1st And 2nd Movements)	
02	Smiling Phases	
03	Sometimes In Winter	
04	More And More	
05	And When I Die	4:03
06	God Bless The Child	5:52
07	Spinning Wheel	4:36
08	You've Made Me So Very Happy	4:16
09	Blues—Part II	11:43
10	Variations On A Theme By Erik Satie (1st Movement)	

Flying Burrito Brothers
The Gilded Palace Of Sin (1969)

Selo | A&M
Produção | The Burritos • Henry Lewy • Larry Marks
Projeto gráfico | Tom Wilkes
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:02

Depois de sua saída amarga dos Byrds, em 1968, Chris Hillman e Gram Parsons formaram os Flying Burrito Brothers com o mestre da steel guitar "Sneaky" Pete Kleinow e o baixista Chris Ethridge. A parceria entre um compositor experiente como Hillman e o visionário Parsons teve como resultado um modelo perfeito para o country-rock – um gênero no qual os Burritos foram pioneiros.

Em parte para atrair o público do rock, o grupo se vestia com as chamativas roupas do Nudie's Rodeo Taylor, de Hollywood. Na capa, Parsons está com uma jaqueta com estampas de *cannabis*. Ele queria ser notado – mas não precisava ter se preocupado: a música era boa o suficiente para chamar atenção. "Wheels", "Christine's Tune" e "Sin City" tornaram-se clássicos do country-rock, assim como as duas faixas de "Hot Burrito". As duas versões de standards de R&B (ambas escritas em parceria com Dan Penn) também fizeram história. Vocalista talentoso, Parsons cantava a tristeza da separação com uma voz repleta de dor e Hillman entrava com harmonias intensas.

É claro que, tendo como cérebro uma personalidade complicada, ainda que talentosa e carismática, as chances de a banda durar muito tempo eram mínimas. Depois deste LP, Ethridge saiu e entrou Bernie Leadon, estabelecendo uma ligação direta com os Eagles, o grupo definitivo do country-rock.

No final dos anos 60, quando havia um abismo entre os fãs do country e os do rock, *The Gilded Palace Of Sin* foi um fracasso. Só mais tarde foi reconduzido a seu lugar de direito como um tesouro revolucionário. **JT**

"Gram Parsons era uma espécie de Jimi Hendrix branco do country."

Terry Melcher, 1991

Lista de músicas

▶	01	**Christine's Tune** (Hillman • Parsons)	3 02
▶	02	**Sin City** (Hillman • Parsons)	4 10
	03	**Do Right Woman** (Moman • Penn)	3 56
▶	04	**Dark End Of The Street** (Oldham • Penn)	3 55
	05	**My Uncle** (Hillman • Parsons)	2 36
▶	06	**Wheels** (Hillman • Parsons)	3 02
	07	**Juanita** (Hillman • Parsons)	2 28
	08	**Hot Burrito No.1** (Ethridge • Parsons)	3 37
	09	**Hot Burrito No.2** (Ethridge • Parsons)	3 15
	10	**Do You Know How It Feels** (Goldberg • Parsons)	2 06
	11	**Hippie Boy** (Hillman • Parsons)	4 55

Johnny Cash | Johnny Cash At San Quentin (1969)

Selo | Columbia
Produção | Bob Johnston
Projeto gráfico | Henry Fox
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:47

Na esteira do sucesso de *At Folsom Prison*, Johnny Cash chegou a San Quentin em fevereiro de 1969 acompanhado por uma equipe de gravação da Columbia e outra da televisão britânica. Era a quarta visita de Cash à prisão (Merle Haggard, quando preso, havia assistido a uma dessas apresentações), mas a primeira sem Luther Perkins, seu guitarrista desde a época da Sun, que tinha morrido alguns meses antes.

O repertório de Cash na prisão de Folsom era uma torrente de músicas sobre a morte, a prisão e o crime, mas em San Quentin o material era menos abertamente violento, talvez refletindo a domesticação de seu próprio temperamento selvagem. No entanto, o álbum inclui a primeira apresentação de uma nova música, "San Quentin", e a interpretação sem concessões de Cash dessa poderosa condenação ao sistema penitenciário – e a San Quentin em particular – quase provocou um motim na platéia (o produtor Bob Johnston, aparentemente, realçou ainda mais no estúdio o barulho do público, mas pode-se perceber que a tensão no ar é legítima). A reação dos detentos fez com que Cash, impressionado, repetisse de imediato a canção.

Mas o disco é também uma combinação de spirituals ("Peace In The Valley"), rockabilly ("Big River") e novidade ("A Boy Named Sue"). Esta última chegou, como single, ao segundo lugar nas paradas americanas – o maior sucesso de Cash. O álbum em si ficou em primeiro lugar e, no final do ano, Cash fez um show pela TV em rede nacional, no horário nobre, o que comprovou a popularidade de um disco contra o autoritarismo na prisão entre os liberais pacifistas da Costa Oeste, ao lado do público amante do country que compunha a platéia típica do artista. O álbum está disponível hoje apenas em sua versão ampliada, o que é ótimo: cada faixa extra contribui para uma experiência inesquecível. **PW**

"Eu tinha o público nas mãos de tal forma que bastava dizer 'Tomem conta!', e eles o teriam feito."

Johnny Cash, 1988

Lista de músicas

01	**Wanted Man** (Dylan)	3:24
02	**Wreck Of The Old 97** (Trad., arr. Blake•Cash•Johnson)	2:05
03	**I Walk The Line** (Cash)	3:29
04	**Darling Companion** (Cash)	3:21
05	**Starkville City Jail** (Cash)	6:15
06	**San Quentin** (Cash)	4:07
07	**San Quentin** (Cash)	3:13
08	**A Boy Named Sue** (Silverstein)	3:59
09	**Peace In The Valley** (Dorsey)	2:30
10	**Folsom Prison Blues** (Cash)	4:24

Creedence Clearwater Revival | Green River (1969)

Selo | Fantasy
Produção | John Fogerty
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 29:20

O álbum de estréia do Creedence, lançado em 1968, mostrou uma banda que conseguia combinar blues com rock 'n' roll para criar uma música nova e cheia de alma. O disco que se seguiu, *Bayou Country*, incluía "Proud Mary", seu primeiro grande sucesso internacional. Com *Green River*, porém, o Creedence definiu seu conceito e seu tipo de som – enxuto, claro e direto.

O Creedence era da região de São Francisco, mas se absteve dos temas psicodélicos e inspirados por drogas, popularizados pelas bandas do distrito de Haight-Ashbury – e, assim, foi saudado por críticos e público como o salvador do rock 'n' roll americano. *Green River* abre com a faixa-título – uma ode de Fogerty à magia do Sul, a canção estoura em tons agudos, enquanto John canta o retorno a um lugar onde as meninas dançam descalças e os sapos o chamam pelo nome. "Wrote A Song For Everyone" proporciona um raro vislumbre da vida pessoal de Fogerty, ao tratar de seus problemas no casamento. "Bad Moon Rising" foi o maior sucesso do Creedence e – depois de "Proud Mary" – sua música mais famosa. Num ritmo alegre, quase rockabilly, o baterista Dough Clifford, o baixista Stu Cook e o guitarrista Tom Fogerty aumentam a potência quando John canta sobre os eventos de mau agouro no horizonte – com a Guerra do Vietnã no auge e o governo Nixon assumindo o poder, aquilo soava bem verdadeiro. "Lodi" é uma balada sobre a vida de músicos batalhando por um lugar ao sol. O resto do álbum é composto por rocks fortes e com gosto de blues.

O Creedence voaria mais alto, em termos artísticos e comerciais, nos discos *Willie And The Poorboys* e *Cosmos Factory*, mas *Green River* foi a primeira demonstração consistente do que se tornaria a marca registrada do grupo – um som limpo, mas vigoroso. **GC**

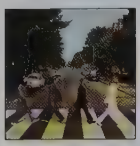
"Meu disco favorito é *Green River*. 'Bad Moon Rising'; 'Green River'. Essa é a alma de onde eu vivo musicalmente."

John Fogerty, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Green River** (Fogerty)	2:36
	02	**Commotion** (Fogerty)	2:44
	03	**Tombstone Shadow** (Fogerty)	3:39
▶	04	**Wrote A Song For Everyone** (Fogerty)	4:57
▶	05	**Bad Moon Rising** (Fogerty)	2:21
▶	06	**Lodi** (Fogerty)	3:13
	07	**Cross-Tie Walker** (Fogerty)	3:20
	08	**Sinister Purpose** (Fogerty)	3:22
	09	**Night Time Is The Right Time** (Herman)	3:08

The Beatles
Abbey Road (1969)



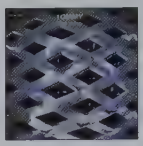
Selo | Apple
Produção | George Martin
Projeto gráfico | Iain MacMillan
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 47:36

Geralmente negligenciado nas enquetes de melhor disco dos Beatles em favor do estilo mais technicolor de *Sgt. Pepper...* e do mais obscuro e menos ortodoxo *Revolver*, o último álbum gravado pelo grupo (*Let It Be* foi apenas o último a ser lançado) é uma coleção imprevisível de músicas e fragmentos de músicas. É tão inovador como tudo o que os Beatles sempre fizeram e recheado de reviravoltas emocionais, graças ao caos de seus anos finais como banda.

Apesar das diferenças fundamentais entre eles, naquela altura, McCartney e Lennon eram ainda capazes de compor um material combustível. George Harrison, por muito tempo considerado, com Ringo Starr, um Beatle menor, havia se tornado um compositor para ser levado a sério, contribuindo com a superinspirada "Something" e com "Here Comes The Sun", muito mais doce do qualquer canção de John e Paul.

Mas é a crônica social ácida de Lennon e McCartney que torna *Abbey Road* essencial, um álbum com um quê de vingança. Há o rock sexual de "Come Together", o monstro psicodélico "I Want You (She's So Heavy)" – marcado pelo baixo ágil de McCartney – e a suíte que ocupa o lado B, amada e odiada pelos fãs dos Beatles na mesma medida. "Sun King" é uma dose musical de LSD; "Golden Slumbers" é um épico sob a forma de uma cantiga de ninar; e "The End" é uma profética mostra de virtuosismo na qual todos fazem um solo – até Ringo. **JM**

The Who
Tommy (1969)



Selo | Track
Produção | Kit Lambert
Projeto gráfico | Mike McInnerney
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 75:03

Constantemente rotulado como uma ópera rock e quase sempre descrito como uma mostra do conceitualismo narcisista de colegiais, o expansivo e ingênuo *Tommy* conta com todos os atributos de um clássico, mas também com todos os defeitos de um Frankenstein. Na aparência, trata-se da história de um garoto surdo, retardado e cego, nascido numa família desequilibrada (ele é aterrorizado pelo primo e pelo tio), que se revela no fliperama e na música e se torna um ícone messiânico no melhor estilo do final dos anos 60. Mas o álbum é, mais precisamente, uma viagem pela infância real e imaginária de Pete Townshend.

Musicalmente, o disco é um cruzamento entre hinos do tipo mod e o rock ágil no estilo único do The Who, e contém os melhores momentos da carreira do grupo, como "Pinball Wizard", "I'm Free" e "We're Not Gonna Take It". Composições conceituais ambiciosas como "1921", "Underture" e "Smash The Mirror" são mais sólidas do que essenciais – esses 15 minutos poderiam ter sido cortados do álbum e ninguém se queixaria –, mas a maior parte do público aceitou a idéia de que este era o preço a pagar para se ter o maior dos épicos.

Apesar de o significado dessa história jamais ter sido de fato explicado, *Tommy* é tão culturalmente influenciador como musicalmente variado. O álbum aproveitou os conceitos explosivos de sua óbvia inspiração, *Sgt. Pepper...* – lançado no ano anterior –, os desenvolveu com um toque de sabedoria de rua, ausente da obra dos Beatles, e, dessa forma, inspirou todo o rock progressivo de trabalhos posteriores, como *The Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd. Por essa razão – mesmo que o álbum seja, às vezes, uma viagem pelo rock –, todos agradecem. **JM**

Miles Davis
In A Silent Way (1969)

Selo | Columbia
Produção | Teo Macero
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:55

In A Silent Way não é um disco para os fãs tradicionais do jazz, amantes do rock ou devotos do fusion. É, definitivamente, um disco para quem gosta de um som que flui bem devagar; para quem aprecia o toque de um artista sensível o suficiente para deixar que o silêncio fale tão alto quanto a música; e para quem sabe saborear a liberdade única de músicos que conseguem trafegar pelos sons sem restrição.

Composto por duas peças longas, cada uma com cerca de 20 minutos de duração, *In A Silent Way* (poucas vezes o nome de um disco caiu tão bem) é um álbum que só poderia ter sido feito no final dos anos 60, e por um músico que explorou à exaustão as possibilidades da primeira – e tremendamente influente – metade de sua carreira. Os pontos altos do lado A incluem a maestria ao teclado de Herbie Hancock e Chick Corea, o sax soprano sonhador de Wayne Shorter e a incrível atmosfera criada por Joe Zawinful. E, do outro lado, é simplesmente genial a contraposição entre as ondas de silêncio das melodias de Miles, lindas mas muitas vezes subestimadas, e os aparentemente infinitos solos de guitarra de John McLaughlin.

In A Silent Way se coloca a meio caminho entre as primeiras incursões de Miles aos meios eletrônicos – muitas vezes, por demais entusiasmadas – e o furor do jazz-rock total que ele e seu supertalentoso grupo fariam na década seguinte, além de ser a pedra fundamental para o momento máximo do gênero, *Bitches Brew*, do próprio Davis. Os fãs mais antigos do jazz deploraram o disco; as novas gerações o amaram. Três décadas depois, o triunfo do álbum é completo e reconhecido. **JM**

The Bee Gees
Odessa (1969)

Selo | Polydor
Produção | Robert Stigwood
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Austrália • Inglaterra
Duração | 63:36

Os Bee Gees se trancaram nos Atlantic Studios, em Nova York, para gravar seu sétimo disco só de músicas originais em quatro anos, com uma vaga idéia de fazer um álbum duplo conceitual baseado no mítico naufrágio do *HMS Veronica*, em 1899. Era agosto de 1968 e o grupo já tinha perdido um importante integrante – o guitarrista Vince Melouney – e estava prestes a ser deixado por Robin Gibb, o que provocaria a separação da banda por dois anos.

A faixa-título e, talvez, algumas das outras com foco no século 19, como a comemorativa "Edison", podem ter se encaixado no conceito. Mas a paródia nonsense de country rock de "Marley Purt Drive" tem tanta conexão com o misterioso desaparecimento do navio na Criméia quanto fazer um show de rock num autódromo (como os Bee Gees fizeram, no Redcliffe Speedway). "Melody Fair" traz o pior do machismo dos anos 60, mas se redime por sua melodia maravilhosa e pela clássica harmonização de Gibb. "You'll Never See My Face Again" é deliciosamente grosseira, mas a melhor faixa do álbum é a majestosa e solene "I Laugh In Your Face", que caracteriza a grandeza de boa parte dessa empreitada.

Odessa foi originalmente produzido com uma capa felpuda com inscrições douradas. Os flocos de lã causaram, porém, uma reação alérgica em cadeia entre os que trabalharam na confecção do álbum, e como resultado – e, possivelmente, por causa das baixas vendagens – o disco foi relançado com uma capa de cartolina. Nos últimos anos, Barry Gibb tem tratado *Odessa* como uma tentativa confusa de uma banda em desintegração de corresponder às expectativas da gravadora de obter algo profundo produzido pelo grupo. Ainda assim, o disco permanece como o trabalho mais duradouro dos Bee Gees na década de 60. **DN**

The Pentangle | Basket Of Light (1969)

Selo | Transatlantic
Produção | Shel Talmy
Projeto gráfico | Diogenic Attempts
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:04

Em 1967, os famosos guitarristas folk britânicos Bert Jansch e John Renbourn decidiram, depois do álbum em conjunto *Bert And John*, formar uma nova banda, The Pentangle. A seção rítmica – Danny Thompson (baixo) e Terry Cox (bateria) – vinha da Alexis Korner's Blues Incorporated, enquanto o vocalista Jacqui McShee era uma figura bem conhecida no circuito de clubes folk. O novo quinteto encampou não apenas o folk e baladas tradicionais, mas também blues, jazz e canções próprias.

Basket Of Light é o álbum mais importante do grupo, tanto em termos de qualidade como em termos de sucesso comercial. "Light Flight" talvez não seja a música favorita dos fãs do Pentangle, mas a BBC britânica a utilizou como tema para o seriado de TV *Take Three Girls* e a canção chegou ao quinto lugar na parada de singles (embora não tenha um tom único e os compassos variem entre 5/8, 7/8 e 6/4).

No mais, o álbum contém as melhores músicas do Pentangle: "Once I Had A Sweetheart", com Renbourn na cítara; "Train Song"; "Hunting Song", na qual Cox toca um carrilhão; "House Carpenter"; e "Sally Go Round The Roses", uma versão de uma música escrita em 1963 pelo produtor americano Abner Spector (nenhuma relação com o famoso Phil Spector) para os Jaynetts.

Luxuosamente embalado numa capa que traz a foto da banda num concerto no Royal Albert Hall, em Londres, *Basket Of Light* ficou entre os Top 5 na parada de álbuns da Inglaterra e permaneceu entre os Top 10 durante um mês, tornando-se um dos discos mais vendidos da história da legendária Transatlantic Records. **GSu**

"Donovan tocava exatamente como Bert."

John Renbourn, 1970

Lista de músicas

01	**Light Flight** (Cox • Jansch • McShee • Renbourn • Thompson)	3:19
02	**Once I Had A Sweetheart** (Cox • Jansch • McShee • Renbourn • Thompson)	4:43
03	**Springtime Promises** (Cox • Jansch • McShee • Renbourn • Thompson)	4:10
04	**Lyke-Wake Dirge** (Cox • Jansch • McShee • Renbourn • Thompson)	3:36
05	**Train Song** (Cox • Jansch • McShee • Renbourn • Thompson)	4:48
06	**Hunting Song** (Cox • Jansch • McShee • Renbourn • Thompson)	6:44
07	**Sally Go Round The Roses** (Spector)	3:41
08	**The Cuckoo** (Cox • Jansch • McShee • Renbourn • Thompson)	4:31
09	**House Carpenter** (Cox • Jansch • McShee • Renbourn • Thompson)	5:32

The Rolling Stones | Let It Bleed (1969)

Selo | Decca
Produção | Jimmy Miller
Projeto gráfico | Robert Brownjohn • Victor Kahn
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:26

"Este é um disco que eu salvaria de um incêndio", declarou, entusiasmada, Sheryl Crow. Era mais fácil comprar um outro exemplar numa loja de discos usados, mas o sentimento é o que importa. Alguns álbuns dos Stones são importantes-e-interessantes-mas-nem-tão-bons-assim, e outros são cheios de músicas maravilhosas que agradam a qualquer um que tenha orelhas – e *Let It Bleed* é um dos melhores.

De fato, este é o recheio de um sanduíche triplo. *Beggar's Banquet*, *Let It Bleed* e *Sticky Fingers* eram a cereja do bolo de gravações feitas entre 1968 e 1970 – e o plano original era lançar *Sticky Fingers* e um outro LP em seguida, em 1969.

Complicações contratuais impediram que isso acontecesse. *Let It Bleed* acabou se tornando um fecho visceral da década, com seu tom apocalíptico determinado por "Gimme Shelter" (o documentário sobre os Stones, com o mesmo título, mostra um fã sendo esfaqueado, em 1968, durante uma apresentação no Altamont Speedway).

O contraste com os velhos rivais, os Beatles, não podia ser mais agudo: *Let It Be* é composto por blues chatíssimos e cordas melosas; *Let It Bleed* contém (como se queixou um crítico) "sexo sujo, sadomasoquismo, drogas pesadas e violência gratuita". Esses ingredientes tornam irresistível mesmo o que não é rock, como "Country Hook", "Let It Bleed" e "Love In Vain".

Mas também há hard rock. É difícil acreditar que a arrasadora "Midnight Rambler" e a tensa "Monkey Man" tenham sido compostas durante umas férias tranqüilas na Itália. E o disco ainda traz "You Can't Always Get What You Want", que começa como um hino e termina aos gritos.

Mick Jagger – que, em geral, fala mal de seu próprio trabalho – admite que *Let It Bleed* é "um bom disco, um de meus preferidos". O bom e velho Mick disse tudo. **BM**

"É uma época muito dura, muito violenta. A Guerra do Vietnã, a violência nas telas, a pilhagem, os incêndios."

Mick Jagger, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Gimme Shelter** (Jagger • Richard)	4:40
	02	**Love In Vain** (Johnson)	4:26
	03	**Country Honk** (Jagger • Richard)	3:12
	04	**Live With Me** (Jagger • Richard)	3:40
	05	**Let It Bleed** (Jagger • Richard)	5:37
	06	**Midnight Rambler** (Jagger • Richard)	7:00
	07	**You Got The Silver** (Jagger • Richard)	2:59
▶	08	**Monkey Man** (Jagger • Richard)	4:19
▶	09	**You Can't Always Get What You Want** (Jagger • Richard)	7:33

Nick Drake | Five Leaves Left (1969)

Selo | Hannibal
Produção | Joe Boyd
Projeto gráfico | Cally
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:41

Embora o culto a Nick Drake – a exemplo do que aconteceu com ídolos posteriores, como Marc Bolan e Kurt Cobain – o tenha elevado a um nível diferente, muito além de sua música, a obra desse artista folk britânico, muitas vezes subestimada, permanece essencial para quem estiver interessado em descobrir o significado dos anos 60.

O álbum de estréia de Drake, *Five Leaves Left*, é um trabalho admirável: repleto de músicas complexas e introspectivas, mas impregnadas de arranjos e de produção tirados diretamente da prateleira do pop. Graças à sua formidável tropa de co-conspiradores, que incluía os dois Thompsons do folk (Richard, do Fairport Convention, e Danny, do Pentangle) e o mestre das cordas Robert Kirby, o disco contém canções brilhantes e cheias de vida que não envelheceram um minuto nesses anos todos. Apesar de seu trabalho posterior ser mais experimental e acessível, *Five Leaves Left* continua a ser a porta de entrada para se conhecer Drake.

A fenomenal "River Man", com sua letra questionadora, combina muito bem com a suave voz de tenor de Nick – e a força de seu violão o coloca entre o folk e o psicodélico. As cordas sinuosas de "Way To Blue" são também inspiradoras, assim como o violoncelo com toques orientais, emocionante e inesquecível, de "Cello Song". É uma viagem criativa da qual não dá para dispensar praticamente nenhuma faixa.

Drake ficaria mais popular em sua carreira, mas nunca superou este primeiro álbum – e, se sua morte prematura foi uma tragédia, a música que ele deixou, sem dúvida, garantiu-lhe a imortalidade. **JM**

"Se eu achasse alguma coisa remotamente parecida com fazer música, então talvez fizesse essa coisa."

Nick Drake, 1971

Lista de músicas

01	**Time Has Told Me** (Drake)	4:28
▶ 02	**River Man** (Drake)	4:22
03	**Three Hours** (Drake)	6:15
04	**Way To Blue** (Drake)	3:11
05	**Day Is Done** (Drake)	2:29
▶ 06	**Cello Song** (Drake)	4:47
07	**The Thoughts Of Mary Jane** (Drake)	3:22
08	**Man In A Shed** (Drake)	3:55
09	**Fruit Tree** (Drake)	4:49
10	**Saturday Sun** (Drake)	4:03

Dusty Springfield Dusty In Memphis (1969)

Selo | Philips
Produção | Tom Dowd • Arif Mardin • Jerry Wexler
Projeto gráfico | Haig Adishian
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 33:31

Em 1968, não dava mais para se enganar. O pop havia virado rock e as cantoras não estavam conseguindo ter sucesso. Dusty não era exceção: seu último hit de alguma importância nos Estados Unidos e na Inglaterra era de meados de 1966. No entanto, Ahmet Ertegun, o cérebro visionário da Atlantic Records, sabia que ela era ainda tão boa quanto Aretha Franklin, e queria colocá-la num estúdio com a mesma banda que tinha levado às paradas Franklin, Wilson Pickett e The Box Tops.

Quando Dusty chegou a Memphis, porém, ficou horrorizada com o material escolhido (baladas adultas clássicas, em vez de um funk ousado) e exigiu que tudo fosse trabalhado antes da gravação – sua voz seria acrescentada na mixagem final (os músicos e produtores queriam algo espontâneo, com Dusty cantando apenas em cima da base rítmica). A cantora perdeu a paciência e brigou com todo mundo, acusando os produtores de serem prima-donas; cinzeiros voaram e as sessões foram canceladas. Dusty voltou a Nova York para gravar num clima um pouco mais ameno.

O resultado, no entanto, não podia ter sido melhor. Apesar do acesso de fúria de Dusty, o material é top de linha, feito por excelentes compositores no auge da carreira. Os arranjos são incríveis e os vocais, imperiosos. O primeiro single, "Son Of A Preacher Man", a levou de volta à lista de 10 Mais das paradas.

Somente um ano depois é que Dusty conseguiu ouvir o álbum. O público não foi tão condescendente: apesar das críticas entusiasmadas, *Dusty In Memphis* foi um fracasso, não passando do desapontador 99.º lugar (nos Estados Unidos). Sua carreira jamais se recuperou. **DH**

"Meu destino era ser uma bibliotecária."

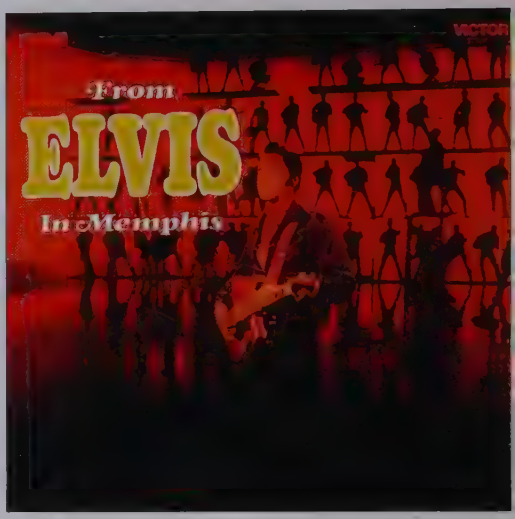
Dusty Springfield, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Just A Little Lovin'** (Mann•Weil)	2:18
	02	**So Much Love** (Goffin•King)	3:31
▶	03	**Son Of A Preacher Man** (Hurley•Wilkins)	2:29
	04	**I Don't Want To Hear It Anymore** (Newman)	3:11
▶	05	**Don't Forget About Me** (Goffin•King)	2:52
▶	06	**Breakfast In Bed** (Fritts•Hinton)	2:57
	07	**Just One Smile** (Newman)	2:42
	08	**The Windmills Of Your Mind** (A. Bergman•M. Bergman•Legrand)	3:51
	09	**In The Land Of Make Believe** (Bacharach•David)	2:32
▶	10	**No Easy Way Down** (Goffin•King)	3:11
	11	**I Can't Make It Alone** (Goffin•King)	3:57

Elvis Presley | From Elvis In Memphis (1969)

Selo | RCA
Produção | Chips Moman
Projeto gráfico | Jacqueline Murphy
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:08



Elvis Presley passou boa parte da década de 60 empenhado em estrelar filmes horrorosos. Seu retorno começou em 1968, num especial de TV no qual ele se dedicou aos números de R&B da juventude.

Guiado pela experiência, Elvis voltou para sua cidade natal, Memphis – então uma metrópole fervilhante em termos musicais, da qual saíam regularmente hits do soul e do pop –, e agendou sessões no American Sound Studios (ASS). O ASS era dirigido pelo famoso produtor Chips Moman e empregava um time de músicos legendários (entre eles, Dan Penn, Tommy Cogbill e Reggie Young). Elvis não gravava em Memphis há 14 anos, mas as sessões, embaladas pelo humor fácil do Sul dos EUA e pelo ambiente acolhedor, fizeram com que ele se divertisse imensamente.

Além das canções que Elvis queria gravar, Moman ofereceu a ele músicas que, como editor e produtor, havia conseguido, o recente sucesso do cantor de soul Jerry Butler, "Only The Strong Survive", e "I'm Moving On", de Hank Snow, uma pérola do country que Elvis e sua banda transformaram em funk. "In The Ghetto" foi garimpada especialmente para ele e, como o maior sucesso do álbum em single, ajudou a restabelecer o lugar de Elvis entre os talentos contemporâneos. "Long Black Limousine" tem uma letra cheia de mágoa e raiva, enquanto "Any Day Now", de Burt Bacharach, é uma fria balada clássica ('Suspicious Minds" – gravada nas sessões em Memphis, mas não incluída no disco – levou Elvis de volta ao primeiro lugar das paradas, no final de 1969).

Os Estados Unidos, atordoados pela guerra e pelos assassinatos, queriam Elvis de volta como um ícone do rock: a gravação em Memphis restabeleceu sua importância. **GC**

"É muito duro ter de corresponder a uma imagem."

Elvis Presley, 1972

Lista de músicas

1	Wearin' That Loved On Look (Frazier•Owens)	2:49
2	**Only The Strong Survive** (Butler•Gamble•Huff)	2:44
3	**I'll Hold You In My Heart** (Arnold•Dilbeck•Horton)	2:41
4	**Long Black Limousine** (George•Stovall)	3:44
5	**It Keeps Right On A-Hurtin'** (Tillotson)	2:43
6	**I'm Movin' On** (Snow)	2:15
7	**Power Of My Love** (Baum•Giant•Kaye)	2:41
8	**Gentle On My Mind** (Hartford)	3:36
9	**After Loving You** (Lantz•Miller)	2:29
10	**True Love Travels On A Gravel Road** (Frazier•Owens)	2:41
11	**Any Day Now** (Bacharach•Hilliard)	3:31
12	**In The Ghetto** (Davis)	2:45

The Velvet Underground
The Velvet Underground (1969)

Selo | MGM
Produção | The Velvet Underground
Projeto gráfico | Dick Smith
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:59

Ao contrário de seu devastador álbum de estréia, e da pressa autodestrutiva em lançar o disco seguinte, *White Light/White Heat*, o terceiro LP do The Velvet Underground foi produzido num ambiente bem mais relaxado. Havia menos extremos nas letras e na música da banda, mas há também o fato de que o equipamento havia sido roubado no caminho para os estúdios em Los Angeles, onde o álbum foi gravado.

Da introdução sublime ("Candy Says", uma canção sobre o travesti Candy Darling, interpretada pelo substituto de Cale, Doug Yule) à inesquecível cena final ("After Hours", na voz infantil da baterista Maureen Rucker), *The Velvet Underground* mostra a evolução de Lou Reed, de poeta drogado das ruas a um articulado compositor. Ele se supera em músicas como a confessional "Pale Blue Eyes", a redentora "I'm Set Free" e o experimento literário "The Murder Mystery". Rocks como "What Goes On" e "Beginning To See The Light" comprovam que ainda havia fogo na banda. Mas o momento mais alto e menos reconhecido do álbum é a sexy e lenta "Some Kinda Love", em que Reed e o guitarrista Sterling Morrison trocam figurinhas de maneira contagiante.

Os Velvets não eram mais uns bichos estranhos, como indicava sua aparência conservadora na capa (a foto foi tirada por Billy Linich, mais conhecido como Billy Name, na Factory de Andy Warhol). Eles tinham assinado um contrato promissor com a MGM, mas a gravadora promoveu mal o disco, que se perdeu para o público em geral. **IJ**

"As músicas são todas muito tranqüilas e isso é meio louco. Eu gosto do álbum."

Sterling Morrison, 1983

Lista de músicas

01	**Candy Says**	(Reed)	4:04
02	**What Goes On**	(Reed)	4:55
03	**Some Kinda Love**	(Reed)	4:03
04	**Pale Blue Eyes**	(Reed)	5:41
05	**Jesus**	(Reed)	3:24
06	**Beginning To See The Light**	(Reed)	4:41
07	**I'm Set Free**	(Reed)	4:04
08	**That's The Story Of My Life**	(Reed)	2:04
09	**The Murder Mystery**	(Reed)	8:56
10	**After Hours**	(Reed)	2:07

Quicksilver Messenger Service
Happy Trails (1969)

Selo | Capitol
Produção | Não consta
Projeto gráfico | George Hunter
Nacionalidade | EUA
Duração | 50:08

Ao contrário da maioria das bandas hippies da área do Haight-Ashbury, em São Francisco, o Quicksilver Messenger Service conseguiu transferir a exploração sonora pura de suas apresentações ao vivo para o estúdio – é só ouvir seu primoroso álbum de estréia, de 1968. Mas a banda levantaria a bandeira da extravagância em seu disco seguinte, *Happy Trails*, gravado praticamente todo ao vivo no Fillmore East e no Fillmore West.

A faixa de abertura, "Who Do You Love", de Bo Diddley, ocupa todo um lado do LP e é até hoje um dos temas psicodélicos mais vibrantes já registrados em vinil. Dividida em seis partes – as quatro centrais apresentam, cada uma, um integrante diferente da banda –, a suíte "Who Do You Love" mostra como deveria ser relaxar, tomar ácido e dançar até às quatro da manhã numa daquelas festas de arromba de Bill Graham.

O grupo continua no melhor de Diddley com "Mona", um trabalho coeso mas, ainda assim, solto, no qual John Cipollina faz uma das interpretações mais intensas de sua impressionante carreira. "Calvary" é uma mistura arrepiante de estilos, levando a um final glorioso de 13 minutos. O disco fecha com a breve despedida de "Happy Trails" (o tema característico do cowboy Roy Rogers na TV), que combina perfeitamente com o desenho de época na capa de George Hunter.

Happy Trails vendeu bem e chegou aos Top 30 nos Estados Unidos. O álbum se mantém como um claro retrato da banda no auge de seu poder de improvisação, e sua influência ainda pode ser sentida na música das jam-bands de hoje. **JiH**

"Não tenho medo de usar qualquer coisa de qualquer tipo de música."

John Cipollina, 1989

Lista de músicas

01	**Who Do You Love Part 1** (McDaniels)	3 32
02	**When You Love** (Duncan)	5 14
03	**Where You Love** (Elmore)	6 07
04	**How You Love** (Cipollina)	2 45
05	**Which Do You Love** (Freiberg)	4 38
06	**Who Do You Love Part 2** (McDaniels)	3 01
07	**Mona** (McDaniels)	7 01
08	**Maiden Of The Cancer Moon** (Duncan)	3 01
09	**Calvary** (Duncan)	13 21
10	**Happy Trails** (Evans)	1 28

Led Zeppelin | Led Zeppelin (1969)

Selo | Atlantic
Produção | Jimmy Page
Projeto gráfico | George Hardie
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:46

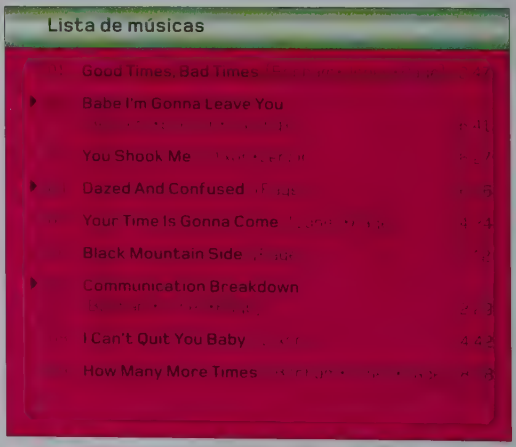
Mesmo no início de sua carreira, a visão do grupo de heavy-blues e folk-rock mais famoso e influente do mundo era característica e única. Ao atualizar os riffs arrasadores de pioneiros como o Cream e transformá-los num novo e inspirado tipo de rock, o Led Zeppelin tanto ultrapassou as fronteiras da música em seu álbum de estréia, de 1969, como se manteve fiel às suas raízes no folk, blues e R&B.

A guitarra cheia de estilo de Jimmy Page em "You Shook Me" e "I Can't Quit You Baby", ambas de Willie Dixon, mostra a base sólida da banda. O futuro do rock nos anos 70 foi mapeado em músicas que até hoje são as melhores do grupo, como "Dazed And Confused" (atenção para a robusta linha descendente do baixo) e "Communication Breakdown" (com um riff claro e limpo, quase no estilo de Pete Townshend). O baixo extraordinário, de tremer o chão, de John Paul Jones em hinos como "Good Times, Bad Times" só encontra algum termo de comparação em John Entwistle e, talvez, Roger Grover, enquanto o jeito de tocar do hoje lendário John "Bonzo" Bonham – com muita pressão, mas sem perder a espontaneidade, tornando as músicas do Zep ainda mais grandiosas – virou uma regra até para ele próprio.

O Led Zeppelin era bem mais do que a soma de seus integrantes. As letras estranhas, geralmente ingênuas, embora idolatradas pelos fãs, e o vocal definitivo do rock de Robert Plant encontraram o seu melhor, talvez, em álbuns posteriores da banda. Em 1969, os músicos ainda tinham de se ajustar. Mas o marco estabelecido por este disco multilateral e dinâmico o transformou em alvo de merecida adoração. **JM**

"Gravamos um disco que mostrava exatamente em que ponto estávamos naquela época."

Jimmy Page, 1999



The Band
The Band (1969)

Selo | Capitol
Produção | The Band • John Simon
Projeto gráfico | Bob Cato
Nacionalidade | Canadá • EUA
Duração | 43:54

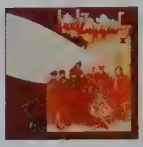
Em 1969, com os Estados Unidos politicamente divididos, culturalmente partidos e totalmente atolados no Vietnã, a até então gloriosa década de 60 estava se arrastando para o fim. Dylan fechou a porta e baixou as cortinas para uma geração em busca de respostas. As drogas eram cada vez mais pesadas e o movimento psicodélico se enfraquecera. Foi nesse ambiente que a banda mais influente da época lançou sua obra-prima.

Construído a partir do extraordinário ciclo de canções de Robbie Robertson inspirado no Sul dos Estados Unidos, *The Band* reflete bem a época, por estar enraizado no orgulho ferido do passado de uma nação (quase foi intitulado "América"). É curioso que quatro canadenses e um sulista de Arkansas tenham conseguido absorver e definir de forma tão marcante essa herança.

Gravado (em parte) numa casa alugada que pertencia a Sammy Davis Jr., nas colinas de Hollywood, estas gravações são o ápice de seus anos de rockabilly na estrada, dos tempos com Dylan e de sua estada em Woodstock. Do piano dos bares de Nova Orleans nos anos 30 ao ragtime soul, a música tem textura granulada e ritmo fluente. Os vocais entrelaçados de Levon Helm, Richard Manuel e Rick Danko mudam de repente para um efeito fantasmagórico e etéreo.

A The Band teve muitos pontos altos, mas este seu segundo álbum é o mais mágico, poético e bem realizado. Na capa, os integrantes do grupo parecem um bando mal-encarado de homens da fronteira ou uma gangue raivosa de foras-da-lei – e realmente eram as duas coisas. **RF**

Led Zeppelin
Led Zeppelin II (1969)



Selo | Atlantic
Produção | Jimmy Page
Projeto gráfico | David Juniper
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:21

O segundo álbum do Led Zeppelin é mais notável pelo curto espaço de tempo que seus criadores tiveram para aperfeiçoá-lo – *Led Zeppelin II* foi gravado durante os intervalos dos shows, em meio a uma turnê nos Estados Unidos. De certa forma, parece claro como a pressa tornou o álbum melhor: as faixas "Whole Lotta Love", "The Lemon Song" e "Bring It On Home" são baseadas em clássicos eternos do blues e mantêm uma crueza que teria sido polida se houvesse mais tempo e dinheiro.

A banda consegue, de modo ainda mais impressionante, conservar todas as sutilezas, apesar da pauleira das apresentações ao vivo que encarava todas as noites: os principiantes têm de ouvir "Ramble On", uma bela e multifacetada balada acústica com um refrão opressivo que sintetiza os princípios básicos da banda – riffs pesados e pouca moderação. "Thank You" é outro trabalho acústico extremamente bem executado, mas o que torna o álbum soberbo até hoje são os sons grandiosos de Jimmy Page, John Paul Jones e John Bonham.

"Whole Lotta Love", em particular, conseguiu superar a barreira do tempo, já que foi, durante anos, tema do eterno programa musical da TV britânica *Top Of The Pops* e figurinha fácil no álbum de favoritos de qualquer amante do rock. De fato, canções como esta entraram e reentraram tantas vezes nos cânones do rock que ultrapassaram o ponto do clichê e se eternizaram como itens do vocabulário musical. Tudo isso faz com que seja ainda mais fascinante o fato de este segundo disco do Led Zeppelin ser tão cheio de luz e sombra. Merece estar aqui. **JM**

MC5
Kick Out The Jams (1969)

Selo | Elektra
Produção | Bruce Botnik • Jac Holzman
Projeto gráfico | William S. Harvey
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:17

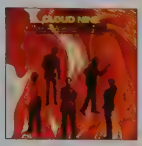
Os Motor City Five, que chegaram a ser capa da *Rolling Stone*, viviam como fugitivos da polícia em uma comunidade hippie, fazendo um R&B malvado e psicodélico, no espírito de drogas, sexo e armas. *Kick Out The Jams* mostra uma noite típica do rock revolucionário desse grupo provocador, que consistia em barulho, frenesi e cosmic jazz. Gravado em seu habitat regular, o Grande Hotel Balroom, em Detroit, *Kick Out The Jams* avança no toca-discos num abandono desajeitado: as guitarras tocam fora do tom, os vocais sem refinamento se sobrepõem, as canções se embaralham no feedback – um caos glorioso.

Os golpes não são desviados. A faixa-título abre com um convite: "Kick out the Jams, motherfuckers!". Do grito apache de "Rocket Reducer", passando pelo blues politizado de "Motor City's Burning", até o insano tributo ao deus Sol de "Starship", o ambiente é de uma manifestação de protesto prestes a pegar fogo.

Foi um disco controverso. Uma velha raposa do rock, o lendário jornalista Lester Bangs, disse que o álbum era "ridículo, arrogante e pretensioso" e, em parte, quase convenceu o guitarrista Wayne Kramer. Quando a rede de lojas de discos Hudson's se recusou a vender este disco "obsceno", a banda publicou anúncios que diziam "Foda-se, Hudson's!". A Elektra lançou uma versão editada do álbum e logo desfez o contrato com o grupo.

Mas isso não foi o fim dos MC5 – embora tenha sido o início do fim. *Kick Out The Jams* continua sendo seu testamento definitivo, um álbum que cheira a spray de pimenta e no qual se pode sentir o calor das faixas pegando fogo e o fervor da revolução. **SC**

The Temptations
Cloud Nine (1969)



Selo | Motown
Produção | Norman Whitfield
Projeto gráfico | Ken Kim
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:41

Quando o produtor Norman Whitfield se juntou aos Temptations no final dos anos 60, o grupo já era um sucesso, tendo emplacado vários hits nas paradas americanas. Mas Whitfield – que tinha uma boa experiência, como autor de "I Heard It Through The Grapevine", entre outras – gostou do desafio.

Quando o cantor David Ruffin deixou a banda, em 1968, Whitfield aproveitou a chance para fazer mudanças tanto na imagem do quinteto – Melvin Franklin, Otis Williams, Eddie Kendricks, Paul Williams e Denis Edwards, o substituto de Ruffin – como na do selo. Saindo da fórmula da gravadora, da batida 4/4, Whitfield usou as referências da Costa Oeste – ou seja, letras liberadas e uma prazerosa exploração musical – para provar que ele e a banda podiam facilmente se adaptar aos novos tempos.

O álbum tem suas origens no Motown Producer's Workshop, em Hitsville, Detroit. A faixa-título foi fundamental, garantindo à gravadora seu primeiro Grammy e apresentando um novo som Motown. Dennis Coffey, dos Funk Brothers, criou a diferente introdução de guitarra da faixa: "Era a minha primeira sessão na Motown e resolvi mostrar o wah-wah. Fiz alguns improvisos e em uma semana estava no estúdio para gravar *Cloud Nine*."

Outro destaque do LP é o vocal inigualável de "Run Away Child, Running Wild". O álbum deixou Berry Gordy de cabelos em pé, mas gente como Funkadelic, Curtis Mayfield, Isaac Hayes e Barry White o levou muito a sério. **LW**

Sly And The Family Stone | Stand! (1969)

Selo | Epic
Produção | Sly Stone
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:40

Poucos discos captaram o otimismo do final dos anos 60 como o quarto LP de Sly & The Family Stone. Formado pelo cantor e multiinstrumentista Sly Stone em São Francisco, o grupo de sete músicos, de diferentes raças e sexos, abriu um novo caminho com sua mistura colorida de funk, pop, rock e sons psicodélicos. Em 1968, eles emplacaram um hit entre os 10 Mais das paradas americanas, o efervescente "Dance To Music", mas *Stand!* representou a primeira vez em que a visão caleidoscópica de seu líder se sustentou num trabalho de maior fôlego.

O álbum foi ancorado pelo sucesso de "Everyday People", primeiro lugar nas paradas, uma ode eterna à tolerância, que casou o ritmo fácil das cantigas de ninar com frases simbólicas como "Different strokes for different folks". "I Want To Take You Higher", que virou um dos hinos do festival de Woodstock, junta o fervor gospel ao blues da guitarra e a metais quase em estado de levitação. Sua batida "four-to-the-floor" foi uma clara precursora da disco music e esse mesmo ritmo aparece no final da faixa-título – uma sublime e esperançosa mensagem de orgulho. "Sing A Simple Song" filtra sua alegria ensolarada com os vocais em conjunto e a harmonia do órgão, enquanto "Don't Call Me Nigger, Whitey" utiliza os efeitos do wah-wah para criar uma vibração urbana mais sombria.

Stand! ficou mais de 100 semanas na parada da Billboard, chegando ao 13.º lugar. A coleção *Greatest Hits*, de 1970, ficou em segundo lugar e *There's A Riot Goin' On*, no ano seguinte, garantiu o primeiro lugar. Sly Stone pavimentou o caminho para o tom sociopolítico do soul dos anos 70, para não falar no jazz fusion elétrico de Miles Davis. A mistura de gêneros feita por Sly continua a inspirar estrelas de hoje, como Prince, OutKast e Red Hot Chili Peppers. **MA**

"Nós compramos juntos motocicletas, cachorros, carros. Fizemos uma porção de coisas juntos."

Larry Graham, 1997

Lista de músicas

01	Stand! (Stewart)	3:08
	Don't Call Me Nigger, Whitey	
	I Want To Take You Higher	
	Somebody's Watching You	
	Sing A Simple Song	
	Everyday People	
	Sex Machine	
08	You Can Make It If You Try (Stewart)	3:39

Tim Buckley | Happy Sad (1969)

Selo | Elektra
Produção | Zal Yanovsky • Jerry Yester
Projeto gráfico | William S. Harvey
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:43

Tim Buckley morreu de overdose de heroína aos 28 anos, deixando como legado nove álbuns de composições carismáticas. Alguns foram fracassos comerciais, como o incompreendido *Lorca,* mas eram todos carregados de uma musicalidade instintiva que falava ao coração. "Não se trata apenas de dois minutos e 50 segundos de rock e mais rock", disse ele, certa vez.

Happy Sad é uma reflexão sobre o amor e a lembrança, que evoca distantes avenidas e encontros à meia-noite. O álbum traz o melhor de Buckley – um romântico sem disfarces com o olhar de poeta. Com a guitarra leve e melódica de Lee Underwood e o enérgico baixo acústico de John Miller, Buckley embarca em "Strange Feelin'", um blues solitário inspirado em Miles Davis. A voz de Buckley começa quase discordante, mas logo se harmoniza com os elementos ao redor num refrão dançante e jazzístico.

"Buzzin' Fly", que se tornou (para irritação de Buckley) a música mais pedida nos shows, é mais convencional, com seu refrescante tom folk fazendo um paralelo com Fred Neil, que compôs "Everybody's Talkin'" para o filme *Perdidos Na Noite.* Mais representativa do estilo maduro de Buckley é a suíte "Love From Room 109...". Além dos aromas e texturas da memória de um romance, a canção serpenteia por quartos ensolarados de motel e pela introspecção do violoncelo.

Ele procura uma veia mais melancólica em "Dream Letter", um comovente lamento celta, enquanto "Gypsy Woman" evidencia a face de sua música que incomodava os críticos – os improvisos meio blues, numa tendência atonal, notáveis pelo alcance incrível da voz de Buckley. "Sing A Song For You" fecha o álbum num terreno mais seguro – uma simples canção de amor, de beleza subestimada. **JDi**

"Não evitei a fama deliberadamente. Só que sou muito estranho para a classe média branca. Mas (...) não há ninguém como eu; então, eles gostam de me ter por perto."

Tim Buckley, 1972

Lista de músicas

01	Strange Feelin' (Buckley)	7:40
02	Buzzin' Fly (Buckley)	6:04
03	Love From Room 109 At The Islander (On Pacific Coast Highway) (Buckley)	10:49
04	Dream Letter (Buckley)	5:12
05	Gypsy Woman (Buckley)	10:19
06	Sing A Song For You (Buckley)	4:49

Chicago | Chicago Transit Authority (1969)

Selo | Columbia
Produção | James William Guercio
Projeto gráfico | Maria Villar
Nacionalidade | EUA
Duração | 76:30

A banda se apresentava pelos Estados Unidos com o nome de Chicago Transit Authority, até a companhia de transportes da cidade mover uma ação legal contra o grupo, que virou apenas Chicago. Sua especialidade era fundir blues, jazz e rock, numa mistura de alta octanagem, e sua estréia demandou um álbum duplo com material gravado em estúdio e ao vivo para apresentar esse trabalho às massas.

Com o quarteto de rock formado por Terry Kath (guitarra/voz), Robert Lamm (teclados/voz), Peter Cetera (baixo/voz) e Danny Seraphine (bateria), e com o trio composto por Lee Loughnane (trompete/voz), James Pankow (trombone) e Walter Parazaider (sopro/voz), o grupo foi capaz de elaborar um pop energizado e, ao mesmo tempo, rock.

Os singles lançados a partir do álbum, "Does Anybody Really Know What Time It Is?", "Questions 67 And 68" e "I'm A Man", do The Spencer Davis Group, foram sucessos populares, enquanto a vanguarda também foi suprida pelo experimentalismo de "Liberation" e "Free Form Guitar" e pelas politizadas "Prologue" e "Someday". De fato, as duas últimas faixas foram gravadas durante a convenção do Partido Democrata em Chicago, no ano anterior.

A versão ampliada de "I'm A Man", com sua longa desintegração da percussão, foi utilizada com grande impacto pelo revolucionário DJ Francis Grasso, de Nova York, o primeiro a fazer a mixagem de ritmos. Ao juntar a quebra de ritmo da bateria dessa faixa aos gemidos eróticos do Led Zeppelin em "Whole Lotta Love", ele levou o público ao delírio e inventou a disco music. **CR**

"A gente gosta de fazer as pessoas felizes com a nossa música."

James Pankow, 1969

Lista de músicas

	01	**Introduction** (Kath)	6:35
▶	02	**Does Anybody Really Know What Time It Is?** (Lamm)	4:36
▶	03	**Beginnings** (Lamm)	7:54
▶	04	**Questions 67 And 68** (Lamm)	5:02
	05	**Listen** (Lamm)	3:21
	06	**Poem 58** (Lamm)	8:37
▶	07	**Free Form Guitar** (Kath)	6:47
	08	**South California Purples** (Lamm)	6:11
▶	09	**I'm A Man** (Miller•Winwood)	7:39
▶	10	**Prologue (August 29, 1968)** (Guercio)	0:57
	11	**Someday (August 29, 1968)** (Lamm•Pankow)	4:13
▶	12	**Liberation** (Pankow)	14:38

Fairport Convention
Unhalfbricking (1969)

Selo | Island
Produção | Joe Boyd • Simon Nicol
Projeto gráfico | Diogenic Attempts
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:45

Unhalfbricking foi o terceiro LP do Fairport Convention, apresentando o legendário Richard Thompson na guitarra, a falecida Sandy Denny como vocalista, Ashley Hutchings – o "John Mayall do folk-rock britânico" – no baixo, Simon Nicol, o mais antigo do grupo, na guitarra e Martin Lamble (que morreu tragicamente num acidente de automóvel antes do lançamento do álbum) na bateria.

Este álbum precedeu *Liege & Lief*, o primeiro disco do Fairport a incluir basicamente canções pop-folk tradicionais, e, em muitos sentidos, foi um trabalho de transição. Bob Dylan tem presença de peso. O Fairport – que tinha recebido uma boa educação – traduziu "If You Gotta Go, Go Now", de Dylan, para o francês e o single ficou entre os Top 30 da parada britânica. A banda adotou um revigorante estilo Cajun nessa faixa e em "Million Dolar Bash" (a música fazia parte do disco *Basement Tapes*, de Dylan, ainda não lançado na época). "Who Knows Where The Time Goes" é, sem dúvida, a música mais conhecida de Denny, e foi gravada mais tarde por Judy Collins.

A faixa mais longa é a tradicional "A Sailor's Life", que Denny já interpretava há algum tempo em clubes de folk. Este épico impressionante foi gravado num único take e nela a rabeca folk de Dave Swarbrick duela à exaustão com a guitarra de Thompson.

A enigmática capa mostra os pais de Sandy Denny no jardim de casa – uma imagem ao mesmo tempo muito inglesa e ligeiramente perturbadora (o grupo é visível através da cerca). E o título esquisito? Trata-se de uma palavra que Denny inventou quando a banda estava jogando palavras cruzadas na estrada. **JT**

The Youngbloods
Elephant Mountain (1969)

Selo | RCA
Produção | Bob Cullen • Charles E. Daniels
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:07

Nascidos em Nova York, os Youngbloods resolveram se mudar para Los Angeles quando seu single "Get Together" virou um enorme sucesso na Costa Oeste. Eles encontraram em Inverness, na Califórnia, um estilo de vida e uma atitude que tinham mais a ver com a banda, e se estabeleceram na cidade, indo a Los Angeles apenas para as sessões de gravação. O resultado foi este álbum. O guitarrista Jerry Corbitt, cansado do deslocamento constante (além de outros motivos), deixou o grupo, que virou um trio. Mas os Yardbirds tinham talento de sobra – especialmente Lowell "Banana" Levinger, que tocou a maior parte dos instrumentos, e o tenor adocicado de Jesse Colin Young.

Os dois álbuns anteriores os haviam posto na mesma prateleira do folk-rock e do pop em tons de blues do Lovin' Spoonful. Mas seu interesse pelas dinâmicas sutilezas do jazz o afastou de seus novos vizinhos californianos ("Somos capazes de conquistar uma platéia apesar de não sermos muito potentes e barulhentos, como o Blue Cheer e grupos desse tipo", observou Levinger, em 2003).

Elephant Mountain merece destaque por uma série de grandes canções: "Quicksand", um hino melodioso e açucarado com um naipe de cordas; "Darkness, Darkness", uma balada desesperada com um ousado solo de guitarra; "Sunlight", uma viagem por ritmos latinos em que se destaca a suavidade do vocal; "Ride The Wind", uma faixa jazzística de quase sete minutos; e o swing instrumental de "On Sir Francis Drake", marcado pelo piano elétrico de Levinger. **GD**

Isaac Hayes
Hot Buttered Soul (1969)

Selo | Stax
Produção | Al Bell • Allen Jones • Marvell Thomas
Projeto gráfico | Honeya Thompson
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:23

Hot Buttered Soul foi o protótipo do que seria o soul na década de 70 – com suas formas mais primárias fazendo um contraponto aos ritmos funk novos e frios de James Brown e Cia. A fórmula pop com músicas de três minutos e meio foi substituída no álbum por duas canções em cada lado do LP, apresentando uma abertura de 12 minutos em cima da básica "Walk On By" que, apesar de ter sido escrita como uma balada tristonha, exala sexo por todos os poros. De fato, este álbum, mais do que qualquer outro antes dele, é uma tentativa ostensiva de fazer make-out music – um estilo que seria copiado ao longo dos anos 70 e 80, com menos resultado, por artistas como Barry White.

A banda de apoio de Hayes, The Bar-Kays, é a estrela oculta que proporcionou maravilha atrás de maravilha para as gerações seguintes de hip hop e house. Mas o ponto alto está em "By The Time I Get To Phoenix", de Jimmy Webb, que contém uma audaciosa abertura falada de nove minutos – um rap – no qual Hayes descreve o pano de fundo para o narrador da canção. A música só chega ao clímax depois de 15 minutos.

Nos últimos anos, a postura de Hayes como um deus do sexo vem sendo ridicularizada (até por ele mesmo, na voz do Chef em *South Park*). É difícil imaginar, hoje, o impacto que a foto da capa teve na época – ele aparece com a cabeça raspada, de óculos escuros e usando uma pesada corrente de ouro sobre o peito nu, simbolizando uma sexualidade selvagem e negra, livre das amarras do grande público (no caso, branco). **JDo**

The Grateful Dead
Live / Dead (1969)

Selo | Warner Bros.
Produção | Betty Cantor • Bob Matthews
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | EUA
Duração | 75:07

Os três primeiros álbuns gravados em estúdio do Grateful Dead não conseguiram captar o que esses garotos estavam experimentando em lugares como o Fillmore West. Por sorte, a banda foi capaz de convidar o resto do mundo a pegar o bonde em *Live/Dead*.

O álbum foi uma linha divisória na história do pop, especialmente para quem não estava em Haight-Ashbury ou em Carnaby Street. *Live/Dead* contém apenas sete músicas em dois discos – só para comparar, os Beatles gravaram 30 para o duplo *White Album*. As faixas foram gravadas durante os shows em São Francisco, ao mesmo tempo que o grupo fazia o disco *Aoxomoxoa*.

"Dark Star", a música preferida dos fãs do Dead, foi registrada em vinil pela primeira vez neste disco, numa gravação nunca superada. A música rodopia, borbulha e parece perder a direção inúmeras vezes até explodir em epifanias dignas de Coltrane. O Grateful Dead dá corpo à versão esquelética de "St. Stephen" que está em *Aoxomoxoa* e, depois, mergulha direto na redenção épica de "The Eleven".

Apesar de muitos críticos apontarem os álbuns gêmeos de 1970, *Workingman's Dead* e *American Beauty*, como os melhores do grupo, este primeiro disco ao vivo pode muito bem ser alinhado entre os trabalhos mais influentes da banda. Lançado muito antes de a prática de gravar fitas demo de shows se tornar comum, *Live/Dead* ilustra com perfeição o poder da música de improviso e traça o mapa para o Phish e outras bandas jam seguirem rumo ao século 21. **JiH**

The Kinks | Arthur–Or The Decline And Fall Of The British Empire (1969)

Selo | Pye
Produção | Ray Davies
Projeto gráfico | The Kinks • Bob Lawrie
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 47:43

Muita gente pode argumentar que a "ópera" *Arthur...*, de Ray Davies, é um álbum melhor, tanto em termos de qualidade como de execução das músicas, do que *Village Green* – que deu origem a alguns de seus temas –, até por estar mais perto da idéia clássica de "disco conceitual". *Arthur...* contém tantos pontos altos que parece injusto mencionar seus momentos baixos (que, para alguns, estão na sátira simplista de "She Bought A Hat Like Princess Marina" – mas, para fãs apaixonados dos Kinks, esta é a melhor canção do álbum!).

Arthur... era a trilha sonora de um projeto abortado da TV britânica, no qual Davies colaborava com o dramaturgo e roteirista Julian Mitchell. É também a trilha sonora dos últimos dias do Império Britânico e seu povo. Arthur é um inglês comum do século 20, que participa de guerras horrendas e perde um irmão e um filho em nome da glória da Inglaterra. Agora, ele está prestes a perder um outro filho, Derek, para o "Ten Pound Pom", o programa pós-guerra de imigração para a Austrália. Ele é feliz? Às vezes, os Kinks acham que é – ele conseguiu sua casa, Shangri-La, e leva uma vida confortável. Outras vezes, acham que Arthur é um autômato que não entende nada.

Engraçado, conciso e contagiante, Davies usa seu estilo único – um calipso de music hall – para criar um grande impacto. As melhores faixas, com certeza, são a enorme e amarga "Victoria" – regravada pelo The Fall – e a presunçosa "Shangri-La" – relançada pelo Versus –, assim como a hilariante e vigorosa "Australia" e a sensacional "Drivin'", que também mereciam ser novamente gravadas, se ainda não foram. O álbum é um clássico do início ao fim. **DN**

"Seja como eu e seja infeliz."

Ray Davies, 1969

Lista de músicas

▶	01	**Victoria** (Davies)	3:25
	02	**Yes Sir, No Sir** (Davies)	3:42
	03	**Some Mother's Son** (Davies)	3:22
	04	**Drivin'** (Davies)	3:15
	05	**Brainwashed** (Davies)	2:30
▶	06	**Australia** (Davies)	6:40
▶	07	**Shangri-La** (Davies)	5:17
	08	**Mr. Churchill Says** (Davies)	4:40
	09	**She Bought A Hat Like Princess Marina** (Davies)	3:05
	10	**Young And Innocent Days** (Davies)	3:20
	11	**Nothing To Say** (Davies)	3:07
	12	**Arthur** (Davies)	5:20

King Crimson | In The Court Of The Crimson King (1969)

Selo | Island
Produção | King Crimson
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:01

Um veículo para Robert Fripp, um ídolo alternativo da guitarra, o King Crimson é um dos mais importantes grupos de rock progressivo, tendo sobrevivido a incontáveis mudanças de formação desde sua criação, há quatro décadas. Os outros integrantes originais eram o cantor e baixista Greg Lake, o baterista Michael Giles, o letrista Peter Sinfeld e Ian McDonald nos teclados, vibrafone e sopro. Esse time gravou apenas um LP, que continua sendo seu trabalho mais conhecido.

Da assustadora ilustração da capa – mais interessante de ser vista no folder do vinil – às letras portentosas, *In The Court Of The Crimson King* é um disco fundamental. A faixa "21st Century Schizoid Man" dá o tom. Trata-se, provavelmente, do primeiro hino alternativo, com um enorme riff principal, um sax potente e visões apocalípticas.

Há ainda mais choro e lamentação em "Epitaph", uma bela balada sobre o destino, na qual a voz melancólica de Lake é ancorada por uma rica coleção de texturas. "Moonchild" é uma fantasmagórica canção bucólica de amor, elevada ao nível do épico por um improviso jazzístico de interlúdio; já a faixa-título mistura arabescos folk, uma bateria bombástica e flauta barroca para invocar um cenário medieval.

In The Court Of The Crimson King chegou ao quinto lugar na parada britânica e ao 28º nos Estados Unidos. Outros marcos da carreira do grupo incluem o álbum seguinte, o vibrante *In The Wake Of Poseidon*, o eletrizante e insano *Lark's Tongues In Aspic*, de 1973, e *Discipline*, de 1981, influenciado pelo Talking Heads. A banda é reverenciada pelas estrelas neoprogressivas contemporâneas Tool e The Mars Volta. O sempre versátil Fripp participou de vários discos míticos de David Bowie e Brian Eno. **MA**

"A banda nunca teve promoção. Era um trabalho de boca a boca. E se espalhou como varíola!"

Greg Lake, 2001

Lista de músicas

01	**21st Century Schizoid Man** (Fripp • Giles • Lake • McDonald • Sinfield)		7 21
02	**I Talk To The Wind** (McDonald • Sinfield)		6 08
03	**Epitaph** (Fripp • Giles • Lake • McDonald • Sinfield)		8 52
04	**Moonchild** (Fripp • Giles • Lake • McDonald • Sinfield)		12 15
05	**The Court Of The Crimson King** (McDonald • Sinfield)		9 25

Leonard Cohen | Songs From A Room (1969)

Selo | Columbia
Produção | Bob Johnston
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Canadá
Duração | 33:51

O departamento de *artists and repertoir* (A&R) da Columbia não esperava que Leonard Cohen se tornasse um ídolo popular ao contratá-lo, mas, depois que seu álbum de estréia, *The Songs of Leonard Cohen*, de 1968, vendeu mais de 100 mil cópias, essa estrela sem igual estava firmemente cravada no céu. A um universo de distância dos músicos que davam plantão na gravadora, ele já estava entrado nos 30 anos quando o sucesso chegou – antes, havia passado mais de uma década escrevendo poesia e romances.

Neste seu segundo álbum, *Songs From A Room*, Cohen se retirou ainda mais para o mundo da melancolia que caracterizava seu trabalho. Enquanto seu disco anterior incluía destaques como "Suzanne" (originalmente, um hit folk de Judy Collins, de 1966) e "So Long Marianne", este LP baixava o tom.

Cohen elaborou uma coleção de temas narrativos que alavancavam sua pretensão de ser um rival para Bob Dylan no papel de trovador. Ao longo das dez faixas, ele medita sobre a natureza da amizade e dos relacionamentos mais íntimos –"The Partisan", uma canção escrita durante a Segunda Guerra Mundial, disseca a ligação patriótica com o país, enquanto "The Butcher" examina a relação entre pais e filhos.

Há também um certo grau de fastio romântico. "Tonight will be fine", canta o canadense no refrão da faixa final, embora tenha acrescentado a réplica: "for a while". Nancy, uma antiga musa, é detratada em "Seems So Long Ago, Nancy", em que ele insinua a suposta promiscuidade da amada.

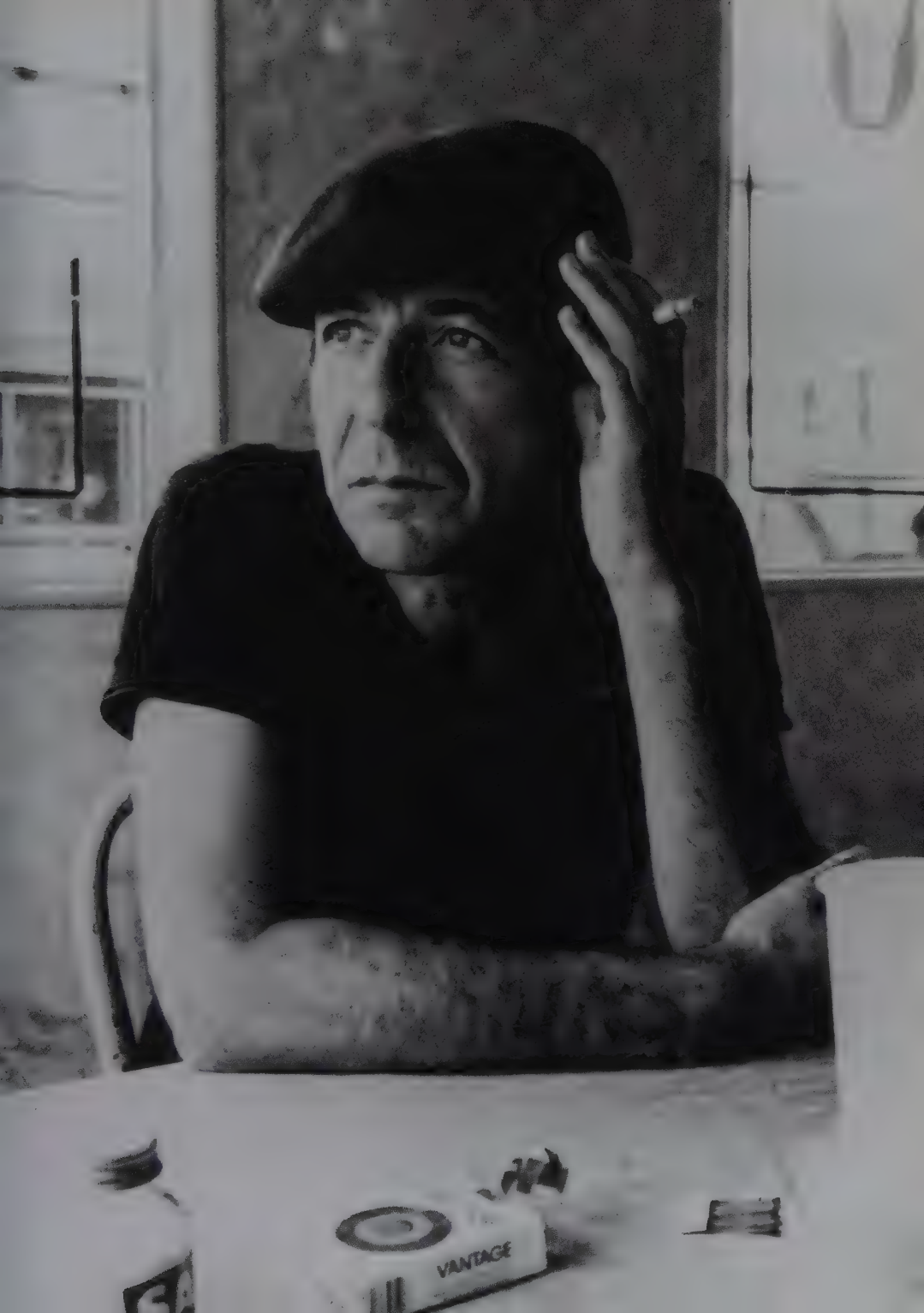
Embora não tenha sido um sucesso comercial – um padrão, aliás, mantido com regularidade até *I'm Your Man* –, este tributo ao desânimo é uma inspiração para o misantropo que existe em cada um. **SJac**

"Compor é basicamente como o processo de conquistar uma mulher. Na maior parte do tempo, é uma chatice."

Leonard Cohen, 1972

Lista de músicas

1. Bird On The Wire
2. Story Of Isaac
3. A Bunch Of Lonesome Heroes
4. The Partisan
5. Seems So Long Ago, Nancy
6. The Old Revolution
7. The Butcher
8. You Know Who I Am
9. Lady Midnight
10. Tonight Will Be Fine


VANTAGE

Fairport Convention
Liege And Lief (1969)

Selo | Island
Produção | Joe Boyd
Projeto gráfico | R. Nicol • Fairport
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:01

Unhalfbricking (1969), o segundo álbum do Fairport – formado por Sandy Denny (voz), Richard Thompson (guitarra), Ashley "Tyger" Hutchings (baixo), Simon Nicol (guitarra) e Martin Lamble (bateria) –, incluía uma maravilhosa releitura da tradicional canção "A Sailor's Life", que acabou se tornando o manifesto do folk-rock inglês. Uma tragédia, porém, se abateu sobre a banda quando a van que transportava o grupo capotou, matando Lamble e uma jovem amiga do Fairport, Jeannie Franklyn. Abalados com o desastre, os sobreviventes se reagruparam com o baterista Dave Mattacks e com a estrela do circuito folk Dave Swarbrick (violino e bandolim) para gravar umas músicas numa casa de campo no Hampshire. O resultado foi *Liege And Lief*.

Se *Unhalfbricking* tinha incomodado os puristas do folk, mas encantado o crescente público do folk-rock, *Liege And Lief* provocou uma controvérsia ainda maior – inclusive dentro da própria banda. A partir de "A Sailor's Life", o Fairport vinha cantando e tocando canções tradicionais e baladas com instrumentos elétricos – em especial, a legendária versão de "Matty Groves", na qual Richard Thompson faz um trabalho magnífico na guitarra. O grupo também estava compondo músicas de alta qualidade, como "Farewell, Farewell" e "Crazy Man Michael". No entanto, a insistência de Hutchings para que a banda utilizasse mais material tradicional do que composições originais aborreceu Sandy Denny – e ela era a voz mais bonita do rock britânico da época, ganhando a admiração, entre outros, do Led Zeppelin. Ela e Hutchings acabaram saindo do Fairport Convention assim que terminaram *Liege And Lief*, deixando um legado único. **GSu**

Scott Walker
Scott 4 (1969)

Selo | Philips
Produção | John Franz
Projeto gráfico | John Constable
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:36

Depois de seu quarto álbum solo ter sido um fracasso comercial, o tímido Scott Walker desistiu de compor durante boa parte da década seguinte e se tornou virtualmente um recluso. Uma pena, porque *Scott 4*, o primeiro a trazer apenas músicas escritas por ele, é um álbum de tirar o fôlego. A orquestração bombástica que caracterizou seus discos anteriores foi eliminada e os vazios do álbum se preencheram perfeitamente com a rica voz de barítono do cantor. A faixa de abertura, "The Seventh Seal", mistura as texturas orquestrais inspiradas em Ennio Morricone com a narrativa baseada no filme *O Sétimo Selo*, de Ingmar Bergman, o diretor preferido de Walker, um apreciador da cultura européia.

Em "The Old Man's Back Again", Walker, um socialista declarado, faz uma advertência contra o espectro do stalinismo no bloco oriental, depois da invasão da Tchecoslováquia pela Rússia, em 1968 – tudo isso em cima de uma linha funk de baixo. A animada "Get Behind Me" e a apaixonada "Duchess" exploram o interesse crescente de Walker pelo soul e pelo country, respectivamente, enquanto seu vocal emocionante empresta uma mágica vulnerabilidade a "The World's Strongest Man". "Hero Of The War" faz uma paródia cínica e inteligente do crescimento do militarismo. "Boy Child" é uma reflexão sobre a inocência, escorada num arranjo de arrepiar.

O disco despertou reações diversas e desconcertantes e foi esquecido em apenas algumas semanas. Mas ganharia uma reavaliação da crítica graças à sua influência sobre nomes como David Bowie, Nick Cave, Mark Almond e The Divine Comedy, de Neil Hannon. Se for relançado de forma correta, suas saborosas texturas e seu amplo escopo ainda irão surpreender as próximas gerações. **CSh**

The Stooges
The Stooges (1969)

Selo | Elektra
Produção | John Cale
Projeto gráfico | William S. Harvey
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:33

No final dos anos 60, Detroit, uma cidade com orgulho de sua herança musical, era sinônimo do adocicado soul lançado pelo pioneiro Berry Gordy em seu selo Motown. Tudo isso mudou em 1969, a partir do álbum de estréia dos Stooges, uma onda corrosiva de guitarras lancinantes e uivos primitivos do cantor Iggy Stooge (como era então conhecido).

Os Stooges foram uma segunda escolha da Elektra – o diretor de *artists and repertoir* Danny Fields foi a Detroit para contratar o MC5 e seu garage rock, mas ficou tão impressionado com um show dos Stooges que decidiu dar a eles uma chance, também. Em junho de 1969, a banda seguiu rumo a Nova York para fazer o álbum com John Cale (ex-Velvet Underground). O único problema era a falta de repertório. Apesar de sua força ao vivo, a banda tinha apenas três músicas prontas. O diretor da gravadora, Jac Holzman, enfiou o grupo num quarto de hotel e deu o prazo de dois dias para que completassem o disco.

A banda emergiu com uma série de esquisitices brilhantes que não eram exatamente nem garage rock nem canto fúnebre. Cale impôs limites a canções como "1969", que ameaça explodir, mas não entra no território da loucura, e "I Wanna Be Your Dog", na qual os poderosos golpes de guitarra são contidos com rédea firme. Cale toca viola em "We Will Fall", uma peça de 10 minutos de estupor narcótico saído diretamente dos cânones do Velvet para a inconfundível voz de Iggy.

O álbum virou um mito, ao mesmo tempo que Iggy se metamorfoseava de Stooge em Pop, e, embora Fields se refira ao disco como uma "esquisitice comercial", *The Stooges* ajudou a preparar terreno para a explosão punk que viria depois. **SJac**

Alexander Spence
Oar (1969)

Selo | Columbia
Produção | Alexander Spence
Projeto gráfico | Lloyd Ziff
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:03

Em 1968, a estabilidade mental de Alexander "Skip" Spence estava por um fio. Ele acabou sendo internado no hospício de Bellevue durante seis meses, depois de arrombar com um martelo o quarto de Don Stevenson e Jerry Miller, seus colegas no Moby Grape.

Quando teve alta, ele conseguiu um adiantamento de US$ 1 mil da Columbia, comprou uma motocicleta e rodou até Nashville, onde começou a gravar as músicas que havia escrito em Bellevue. Não há nada parecido em todo o rock.

Oar foi gravado em baixo volume; o som é intimista – e, por isso, perturbador. A música tem um quê de improvisação, e o acompanhamento – todo tocado por Spence – é disperso. A faixa de abertura, "Little Hands", parece ir num crescendo de energia, guiado pela bateria em grande estilo. "Cripple Creek", "Weighted Down (The Prison Song)" e "Broken Heart" são canções country quase espectrais, graças ao barítono profundo e meio sonolento de Spence.

Um humor pouco convencional e jogos de palavras surgem em flashes. O disco, porém, mergulha em águas mais profundas. "Book Of Moses" traz uma guitarra potente em estilo blues, ao lado de vocais poderosos, com rugidos de trovão e um martelar insistente e metálico ao fundo. O vocal de "Diana" é a fragilidade em pessoa, enquanto "War In Peace", com sua guitarra fragmentada, címbalos e murmúrios, é mais uma coleção sinistra de texturas da aura do que uma música. A faixa de encerramento, "Grey/Afro", ameaça desmontar, com sua bateria anárquica – é hipnótica, como todo o álbum. **RD**

Frank Zappa | Hot Rats (1969)

Selo | Bizarre/Reprise
Produção | Frank Zappa
Projeto gráfico | Cal Schenkel
Nacionalidade | EUA
Duração | 47:05

Em 1969, Frank Zappa estava frustrado. Seus discos com os Mothers Of Invention não tinham vendido bem, e pagar o salário da banda durante um ano havia deixado um rombo em seu bolso. Depois de assistir a uma lenda do jazz, Duke Ellington, suplicando à gravadora um adiantamento de US$ 10, Zappa rompeu com o grupo.

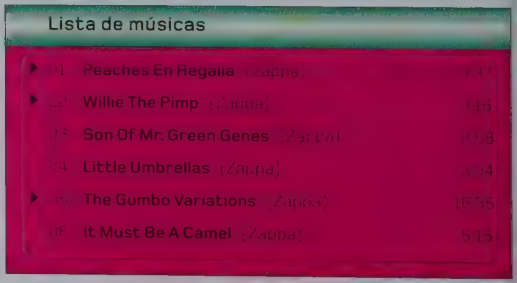
Ele se refugiou no estúdio para gravar *Hot Rats* com um novo time de músicos – Ian Underwood, que tinha tocado em *Uncle Meat* e em cuja habilidade técnica Zappa confiava; seu velho amigo Don "Captain Beefheart" Van Vliet; e os violinistas Don "Sugarcane" Harris e Jean-Luc Ponty.

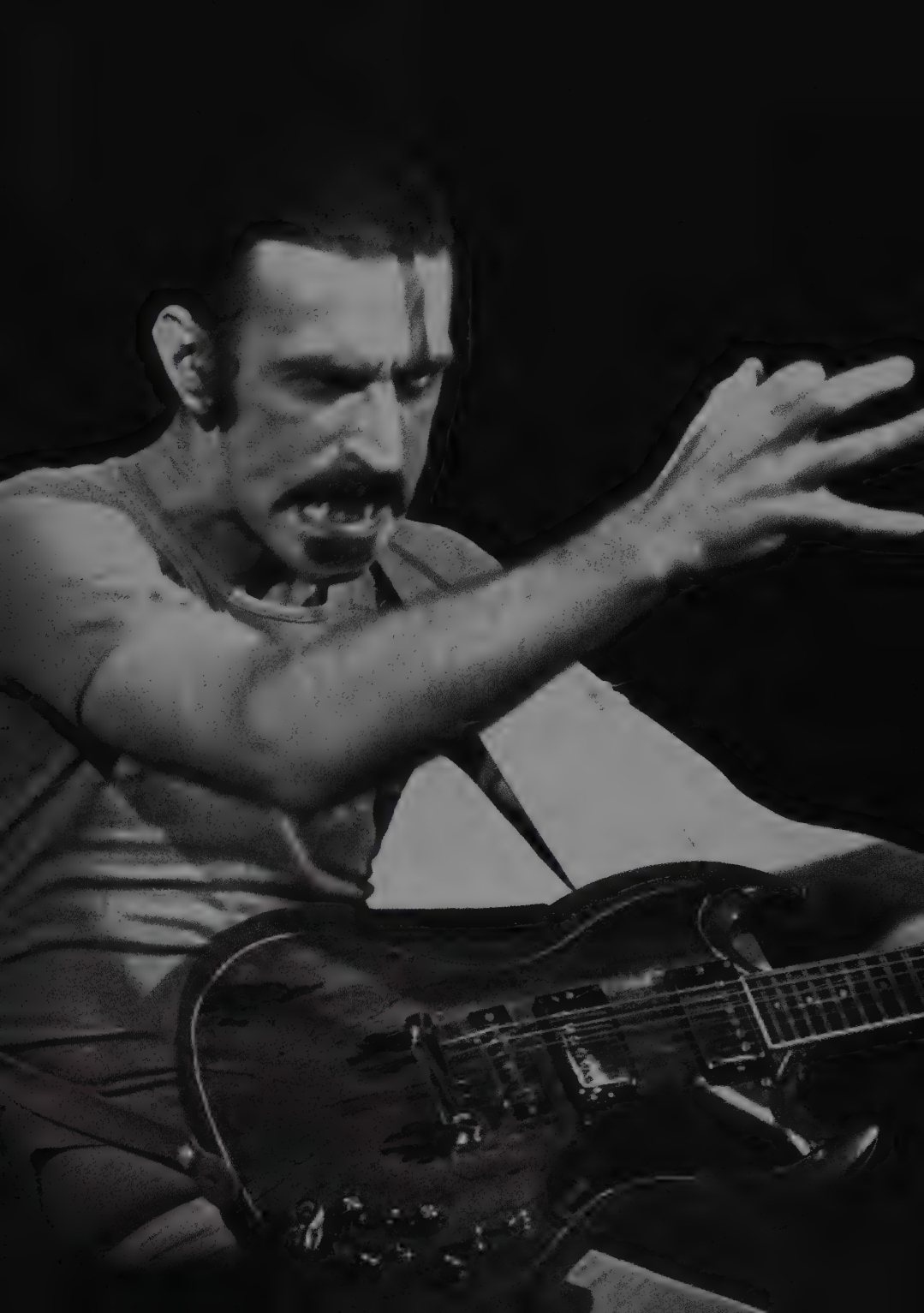
Um álbum todo instrumental – à exceção do vocal de Beefheart em "Willie The Pimp" –, *Hot Rats* gira em torno do virtuosismo dos músicos e tem uma forte influência do jazz. "Peaches En Regalia", peculiar e inspiradora, inclui sax, órgão e Zappa no octave bass, e se tornou a obra principal do repertório de Zappa – e a música preferida pelo público em seus shows durante os 20 anos seguintes. Em contraponto, "Willie The Pimp" vai fundo no blues com os grunhidos de Beefheart, antes de Zappa e seu solo de guitarra de sete minutos provocarem uma explosão. "Son Of Mr. Green Genes" amplia a fórmula de "Green Genes", de *Uncle Meat*, com um toque jazzístico. "Little Umbrellas" é mais tranqüila, metálica e estranha, enquanto "The Gumbo Variations" é uma sensacional sessão de blues na qual Underwood, Zappa e Harris arrasam.

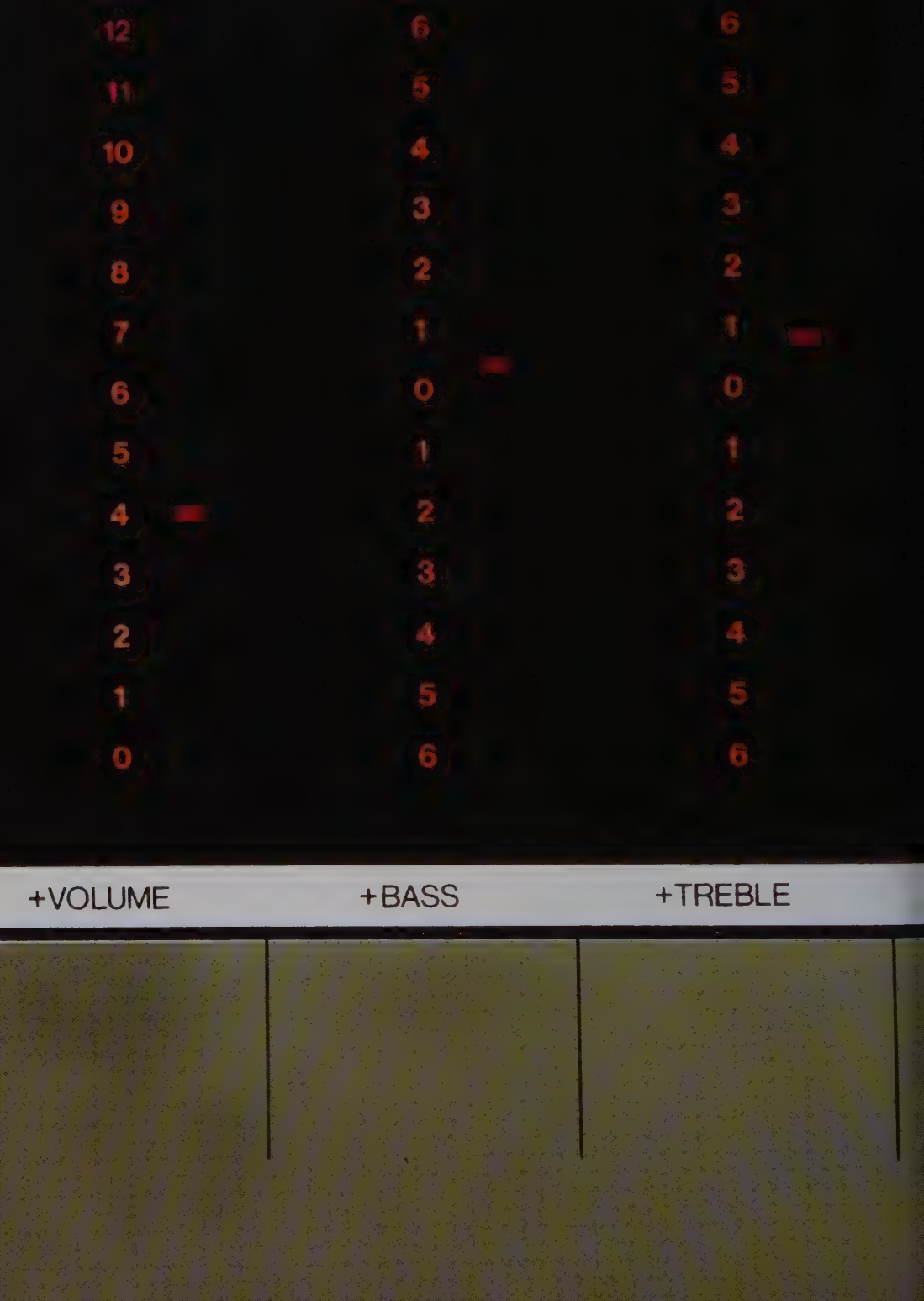
O álbum garantiu a Zappa o nono lugar nas paradas da Inglaterra (173.º nos Estados Unidos) e proporcionou ao rock uma de suas capas mais famosas: Christine Frka, integrante do grupo oficial de groupies de Zappa, as GTOs (Girls Together Outrageously), de tocaia no pequeno lago vazio de uma mansão em Beverly Hills. **MBI**

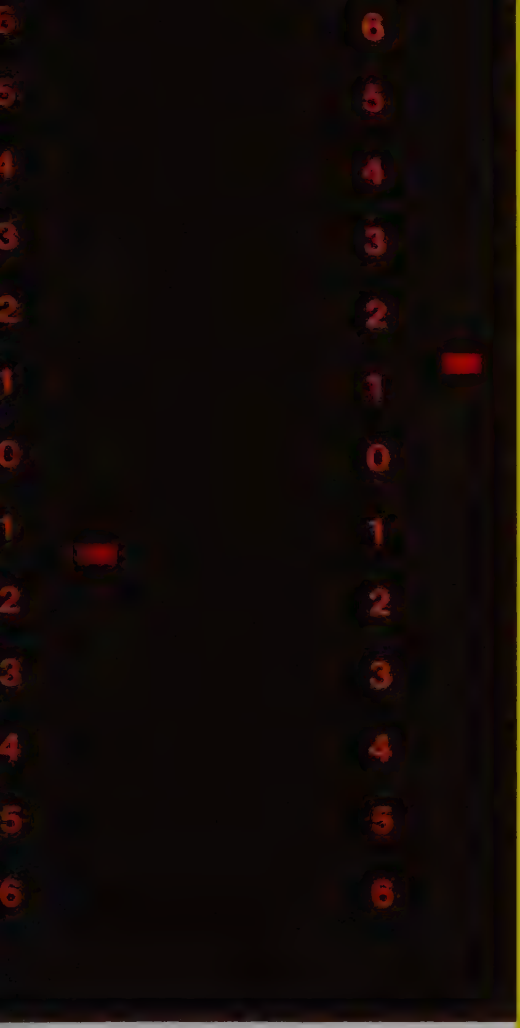
"Que idéia maravilhosa! Um disco instrumental, à exceção de uma única faixa – com o vocal de Captain Beefheart! (...) Por que você está fazendo os Estados Unidos perderem seu precioso tempo com isso, seu babaca?"

Frank Zappa, 1989






12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1
0
6
5
4
3
2
1
0
1
2
3
4
5
6
6
5
4
3
2
1
0
1
2
3
4
5
6
+VOLUME
+BASS
+TREBLE



Anos 1970

- As tropas dos Estados Unidos deixam o Vietnã
- Caso Watergate força a renúncia de Nixon
- Nasce o primeiro bebê de proveta
- O cubo mágico é inventado
- O primeiro e-mail é enviado

Creedence Clearwater Revival
Cosmo's Factory (1970)

Selo | Fantasy
Produção | John Fogerty
Projeto gráfico | Bob Fogerty
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:40

O Creedence Clearwater Revival lançou seis discos fundamentais em apenas dois anos e meio, todos feitos às pressas, sem enfeites – eram somente rock 'n' roll puro, contagiante e num estilo pop. *Cosmo's Factory* foi o quinto, e liderou durante nove semanas consecutivas as paradas dos Estados Unidos.

É um trabalho essencialmente Creedence: uma gloriosa depuração de sua mistura diferenciada, inspirada no Sul dos Estados Unidos, de swamp boogie e pop primitivo e intenso. A banda escapou dos excessos psicodélicos à base de drogas praticados por muitos de seus pares em São Francisco, para fazer um álbum que inclui os dois lados dos três hits em singles mais recentes do grupo, e versões de músicas popularizadas por Elvis Presley, Roy Orbison e Bo Diddley – mais um extenso e maravilhoso jam em "I Heard It Through The Grapevine". No mais, "Travelin' Band" homenageava Little Richard, enquanto o Vietnã foi a fonte sombria de inspiração de "Who'll Stop The Rain" e "Run Through The Jungle".

John Fogerty, a voz mais ousada e potente do rock 'n' roll, é quem novamente domina o álbum: ele compôs, produziu e cantou, além de tocar guitarra, saxofone e teclados. Mas dentro da banda ferviam ressentimentos. Este disco seria seu último grande sucesso. A foto da capa foi tirada em seu estúdio/depósito/escritório (na Fifth Street, 1.230, Berkeley), que o grupo apelidou de "Cosmo's Factory". Tom, irmão de John (que mais tarde deixou a banda, pressagiando seu fim), está deitado, com o pé apoiado num letreiro que diz "Enxuto, limpo e cheio de blues". Uma receita simples para uma música de grandeza duradoura. **RF**

"Este deve ser nosso melhor disco."

John Fogerty, 1997

Lista de músicas

	01	**Ramble Tamble** (Fogerty)	7:10
	02	**Before You Accuse Me** (McDaniels)	3:26
	03	**Travelin' Band** (Fogerty)	2:09
	04	**Ooby Dooby** (Moore • Penner)	2:07
▶	05	**Lookin' Out My Back Door** (Fogerty)	2:33
▶	06	**Run Through The Jungle** (Fogerty)	3:07
▶	07	**Up Around The Bend** (Fogerty)	2:42
	08	**My Baby Left Me** (Crudup)	2:19
▶	09	**Who'll Stop The Rain** (Fogerty)	2:29
	10	**I Heard It Through The Grapevine** (Strong • Whitfield)	11:04
▶	11	**Long As I Can See The Light** (Fogerty)	3:34

Derek And The Dominos
Layla And Other Assorted Love Songs (1970)

Selo | Polydor
Produção | Tom Dowd • The Dominos
Projeto gráfico | Frandsen de Schonberg
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 76:58

Um grupo quase fictício acabou fazendo um álbum duplo que, embora não tenha vendido quase nada na época, vem sendo considerado um clássico do rock, graças ao single com a faixa-título. O Derek em questão é Eric Clapton, que, depois de temporadas com os Yardbirds, John Mayall's Bluesbreakers, Cream e (por pouco tempo) Blind Faith, formou uma banda para fazer este seu primeiro e precioso disco solo.

Os Dominos que acompanhavam o tal Derek eram três americanos: o tecladista Bobby Whitlock, o baixista Carl Radle e o baterista Jim Gordon, todos ex-integrantes do Delaney and Bonnie and Friends, um conjunto informal de músicos com quem Clapton havia tocado algumas vezes. A maioria das canções é resultado de sessões de improviso solto e descontraído e, em todas, a proposta era tocar com uma renovadora economia.

O golpe de mestre de Clapton foi convocar Duane Allman como artista convidado: sua slide guitar na faixa-título parece um trem desgovernado, num dos mais memoráveis riffs da história do rock. Até o mal-humorado produtor Tom Dowd ficou impressionado. "Quando terminou", revelou ele, "eu saí do estúdio e disse: 'Esta porra é o melhor disco que eu fiz em 10 anos.'" Assim que foi lançado o single, "Layla" chegou ao sétimo lugar nas paradas, e subiu mais três degraus em sua reedição, exatamente 10 anos depois.

Essa canção de amor não correspondido foi inspirada por Patti Boyd, a mulher do melhor amigo de Clapton, George Harrison. Clapton canalizou sua paixão frustrada para a música deste álbum, fazendo enérgeticas releituras de clássicos do blues, de Big Bill Broonzy a Hendrix – que, hoje, também são consideradas clássicas por seu próprio mérito. **MH**

Lista de músicas

	01	**I Looked Away** (Clapton • Whitlock)	3:06
▶	02	**Bell Bottom Blues** (Clapton)	5:03
	03	**Keep On Growing** (Clapton • Whitlock)	6:22
	04	**Nobody Knows You When You're Down And Out** (Clapton • Whitlock)	4:59
	05	**I Am Yours** (Clapton • Nizami)	3:34
	06	**Anyday** (Clapton • Whitlock)	6:37
	07	**Key To The Highway** (Broonzy • Segar)	9:40
	08	**Tell The Truth** (Clapton • Whitlock)	6:40
	09	**Why Does Love Got To Be So Sad?** (Clapton • Whitlock)	4:43
	10	**Have You Ever Loved A Woman** (Myers)	6:55
▶	11	**Little Wing** (Hendrix)	5:34
	12	**It's Too Late** (Willis)	3:51
▶	13	**Layla** (Clapton • Gordon)	7:05
▶	14	**Thorn Tree In The Garden** (Whitlock)	2:49

Miles Davis | Bitches Brew (1970)

Selo | Columbia
Produção | Teo Macero
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 93:54

As sessões de gravação de *Bitches Brew* começaram às oito da manhã de 18 de agosto de 1969, poucas horas depois de Jimi Hendrix ter demolido "The Star Spangled Banner", o hino nacional americano, em Woodstock, e é sua voz incendiária que assombra este álbum duplo. Miles queria recriar as jam sessions descontraídas de *Electric Ladyland*, mas, como acontece com todos os tributos interessantes, *Bitches Brew* não se parece em nada com sua fonte inspiradora. Nem lembra o jazz-rock inventado naquele álbum. Os contrapontos são relativamente ortodoxos: as batidas secas no aro, o bumbo ressonante e as redondas linhas de baixo inspiradas no Sly and The Family Stone. Tudo o mais, porém, é de outro planeta.

A densidade absoluta da música é quase sinfônica. Em alguns momentos, há três teclados – Chick Corea, Larry Young e Joe Zawinul – tocando grupos de acordes dissonantes e discordantes. Há dois baixistas – Ron Carter e Dave Holland – em oposição ao sinuoso timbre barítono do clarinete baixo de Benny Maupin. O time de bateristas e outros três percussionistas deixam rolar sons hipnóticos que fariam os fãs do Grateful Dead delirarem.

O poderoso sax soprano de Wayne Shorter e o caos elegantemente controlado da guitarra de John McLaughlin pairam acima da silenciosa tempestade provocada pelo trompete em surdina de Miles. E tudo é improvisado livremente, com influências do jazz modal, free improv e temas indianos e árabes.

Bitches Brew vendeu meio milhão de cópias em um ano e tornou Miles mais "importante" do que havia sido durante mais de uma década. Ele conquistou a coroa de rei do jazz e a sustentou até a morte, 20 anos depois. **JLe**

"No ensino médio, eu era o melhor da turma no trompete, mas os prêmios iam para os garotos de olhos azuis. Eu fiz minha cabeça para ser melhor do que qualquer branco no meu instrumento."

Miles Davis, 1962

Lista de músicas

01	**Pharaoh's Dance**	(Zawinul)	20:05
02	**Bitches Brew**	(Davis)	26:58
03	**Spanish Key**	(Davis)	17:32
04	**John McLaughlin**	(Davis)	4:22
05	**Miles Runs The Voodoo Down**	(Davis)	14:01
06	**Sanctuary**	(Shorter)	10:56

Spirit | Twelve Dreams Of Dr. Sardonicus (1970)

Selo | Epic
Produção | David Briggs
Projeto gráfico | John Locke • Bruce McCauley
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:50

Em 1970, o californiano Spirit já havia gravado três LPs inovadores, mas sua síntese de rock, clássico e jazz não tinha despertado maior interesse. Poderoso na Costa Oeste, o empresário Lou Adler, que tinha contratado a banda para seu selo Ode em 1968, a abandonou. Para coroar, houve um racha entre as principais forças criativas do Spirit – o mago da guitarra Randy California (que tinha tocado e aprendido tudo com Jimi Hendrix, quando os dois formavam os Blue Flames) e o cantor Jay Ferguson. California pregava o experimentalismo; Ferguson estava atrás do sucesso comercial.

Os ânimos não poderiam estar mais acirrados quando o Spirit gravou *Twelve Dreams Of Dr. Sardonicus*. Felizmente, David Briggs, que havia trabalhado com Neil Young, conseguiu transformar toda essa animosidade na obra-prima do grupo. O álbum foi turbinado por arranjos de metal suculentos ("Morning Will Come"), harmonias vocais criativas ("Nothin' To Hide") e a utilização estruturada dos efeitos psicodélicos de estúdio, como o trabalho em mono nos canais de estéreo e o uso de fitas de trás para a frente. A banda experimentou o então novo sintetizador Moog em "Love Has Found A Way" e "Space Child", e revelou singles perfeitos de rock na faixa "Mr. Skin" e na funky "Animal Zoo" – anos-luz à frente de seu tempo. Também criou um clássico das rádios FM, a acústica "Nature's Way".

Depois de um concerto de final de ano no Fillmore East, em 1970, a banda se separou. O álbum ganhou o disco de platina cinco anos depois, uma recompensa tardia para o trabalho soberbo realizado por Briggs e pela formação original do Spirit. Ah, e o "Dr. Sardonicus"? Era o apelido dado pelo grupo para a mesa de mixagem do estúdio. **JG**

"O Spirit, um dia, vai entrar num campo totalmente ambientalista."

Ed Cassidy, 1971

Lista de músicas

	01	**Prelude—Nothin' To Hide** (California)	3:41
▶	02	**Nature's Way** (California)	2:30
▶	03	**Animal Zoo** (Ferguson)	3:20
	04	**Love Has Found A Way** (California•Locke)	2:42
	05	**Why Can't I Be Free** (California)	1:03
▶	06	**Mr. Skin** (Ferguson)	3:50
▶	07	**Space Child** (Locke)	3:26
	08	**When I Touch You** (Ferguson)	5:35
	09	**Street Worm** (Ferguson)	3:40
▶	10	**Life Has Just Begun** (California)	3:22
	11	**Morning Will Come** (California)	2:58
	12	**Soldier** (California)	2:43

Black Sabbath
Black Sabbath (1970)

Selo | Warner Bros.
Produção | Vários
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:16

O álbum de estréia do Black Sabbath, que está aqui muito mais por sua enorme influência do que por suas qualidades musicais, é pesado tanto na reputação como em sua profundidade sonora. O disco ainda soa extremamente maligno até hoje, com sua canção de abertura sempre saudada como o hino anti-Santíssima Trindade ("Black Sabbath", do Black Sabbath, tocada pelo Black Sabbath) que deu o pontapé inicial no heavy metal, sua capa muito, muito sinistra e o cheiro de esgoto vazando por todas aquelas canções ameaçadoras. Na verdade, como Suas Excelências Osbourne, Iommi, Butler e Ward explicaram muitas vezes, o álbum parece grosseiro porque foi gravado em apenas dois dias com um orçamento apertadíssimo – e mais, simulando uma gravação ao vivo, com picos de volume e tudo. O guitarrista Tony Iommi, com seus dedos deformados por um acidente industrial, toca a guitarra meio tom abaixo do mi bemol, acentuando ainda mais o som opressivo da música. As letras falando de morte e escuridão, então assustadoras – hoje, até engraçadas –, completam a fervura.

As duas longas suítes impedem que o disco pareça convencional – e provam que os músicos tinham o necessário para ser criativos –, mas é nas canções isoladas que o álbum se revela. Se "Black Sabbath" fala de sujeira e coisas mórbidas, "N.I.B." superou a prova do tempo e continua sendo um modelo das qualidades mais sutis da banda.

O jeito é se deixar levar pela atmosfera lúgubre e a sombria introspecção do álbum: afinal de contas, é o primeiro disco de heavy metal do mundo. **JM**

The Doors
Morrison Hotel (1970)

Selo | Elektra
Produção | Paul A. Rothchild
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:24

Mais conhecido como *Morrison Hotel*, embora, de acordo com as paradas americanas, o título fosse *Morrison Hotel/Hard Rock Café*, este foi o quinto álbum do The Doors em três anos (o tecladista Ray Manzarek reparou no hotel quando dava uma volta pelo centro de Los Angeles com sua mulher). O grupo estava sob pressão porque o líder e vocalista Jim Morrison respondia a um processo por obscenidade. De fato, a banda gravou vários shows para fazer um disco ao vivo, caso Morrison fosse condenado à prisão, mas o sistema legal dos Estados Unidos era tão lento que houve tempo para o lançamento de um álbum de estúdio.

The Soft Parade, o disco anterior, havia sido considerado desapontador e sem inovações. Talvez como resultado disso, o novo álbum era um robusto mergulho no R&B, revelando as raízes do grupo. A agressiva "Roadhouse Blues" causa impacto imediato, com o conhecido Lonnie Mack no baixo e John Sebastian, do Lovin' Spoonful ("G Puglese"), na harmônica (a música foi regravada por grupos tão diversos como Blue Öyster Cult e Frankie Goes To Hollywood). O funk inquieto "Peace Frog" repercute a convulsão social da época e põe em destaque New Haven, onde Morrison havia sido preso em pleno palco. A estridente "You Make Me Real", dominada pelo teclado, mostra o vocalista no auge de sua força; em outras faixas, ele é mais suave, como em "Blue Sunday", na sinuosa "The Spy" e em "Indian Summer", uma linda balada que, com sua sinuosa linha de baixo, leva à obra magna do The Doors, "The End". A banda estava de volta ao bom caminho. **JT**

The Carpenters
Close To You (1970)

Selo | A&M
Produção | Jack Daugherty
Projeto gráfico | Tom Wilkes
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:75

A visão romântica da cultura pop dos anos 70 é a de adolescentes radicais, com cabelos compridos, que ouviam os Stooges e lutavam contra o governo Nixon. Na verdade, a maioria se parecia com – e ouvia – os Carpenters.

Close To You foi o segundo álbum da dupla, mas o primeiro a fazer sucesso. Sua gravação de "(They Long To Be) Close To You", de Bacharach/David, ficou em primeiro lugar nas paradas americanas durante quatro semanas e virou um enorme sucesso internacional. *Close To You* foi feito às pressas, logo depois, em cima de músicas que Karen (voz e bateria) e Richard (piano) tocavam em clubes e bares nos quatro anos anteriores. A voz firme e afinada de Karen reveste os clássicos de Tim Hardin e Bacharach/David de uma inocência atemporal, complementada pelos arranjos claros e criativos de seu irmão. "We've Only Just Begun", outra jóia do pop, foi direto para o segundo lugar nos Estados Unidos (essa canção de amor maravilhosa foi escrita, originalmente, para um anúncio de TV, de um banco). O álbum ficou mais de um ano nas paradas dos EUA. A carpentermania tinha começado.

Os discos dos Carpenters sempre saíram bem, trazendo a dupla para o clube exclusivo de artistas com mais de 100 milhões de cópias vendidas. Para além do brilho pop, porém, a melancolia perpassa boa parte de seu trabalho (um sentimento que se tornou ainda mais pungente com a morte de Karen Carpenter, em 1983, de ataque cardíaco provocado por anos de anorexia). Os críticos tendem a ignorar os Carpenters. Mas isso não tem a menor importância. Seus fãs não são do tipo que se incomoda com uma imprensa pautada pela moda musical. **GC**

Stephen Stills
Stephen Stills (1970)

Selo | Atlantic
Produção | Bill Halverson • Stephen Stills
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:19

Ele não tinha nada a provar, mas acabou provando. Uma superestrela do soft rock californiano do final dos anos 60, Stills já tinha intimidade com o sucesso ao lançar seu primeiro álbum solo. Quando estava no Buffalo Springfield, ele compôs o hino da contracultura, "For What Is Worth", e, em 1970, se alinhava no grupo dos que haviam vendido um milhão de cópias. Aos 25 anos, o músico texano vivia uma época de ouro, que poucos conseguiriam alcançar.

No entanto, os críticos consideravam Stills menos talentoso do que seus companheiros Neil Young, David Crosby e Graham Nash. Com este disco, ele calou a boca de todo mundo.

Acompanhado por um time de estrelas – que incluía Jimi Hendrix (a quem o álbum é dedicado), Eric Clapton, Booker T., Crosby, Rita Coolidge, Nash, John Sebastian e Cass Elliot –, a voz e a guitarra rascantes de Stills injetam uma singular combinação de ousadia e melancolia à fórmula clássica do cantor-compositor. O disco mistura harmonias típicas do Crosby, Stills, Nash & Young ("Do For The Others"), um R&B cheio de gospel, da escola de Joe Cocker e Leon Russell (como na esplendorosa "Church"), ritmos latinos (como na apaixonada "Love The One You're With", um sucesso nas rádios), folk blues (elétrico em "Go Back Home"; acústico na faixa ao vivo "Black Queen") e hard rock ("Old Times Good Times"). Um leve tom reflexivo, porém, beira a superfície.

As 10 faixas soberbas traçam uma viagem emocionada por um Eclesiastes pessoal de amor e desamor. Com seu álbum de estréia, Stephen Stills consegue imprimir sua própria assinatura, poderosa e lírica, num mosaico vibrante da música americana. **JG**

John Lennon
John Lennon / Plastic Ono Band (1970)

Selo | Apple
Produção | John Lennon • Yoko Ono • Phil Spector
Projeto gráfico | Dan Richter
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:41

Livre – ou, pelo menos, sentindo-se livre – dos Beatles, John Lennon foi para Nova York com Yoko Ono fazer terapia do grito primal. Forçados a deixar o país antes de obter quaisquer resultados, eles acabaram voltando para a Inglaterra, onde Lennon começou a compor músicas que significavam virar a página não apenas dos anos 60, mas também de 30 anos de seu passado. Para John, ele não estava em 1970, mas em seu ano zero.

É por isso que "Mother" começa com o som de um sino e traz o adeus do filho. Em "Hold On", ele se despede do que seria o útero de sua ex-banda, para sair no mundo tendo apenas Ono para ajudá-lo. E "I Found Out" simplesmente sublinha o fato de que Lennon não acredita mais no idealismo da década anterior ("I seen through religion from Jesus to Paul"). Para quem acha que as melhores canções dos Beatles são "You've Got To Hide Your Love Away" ou "Help", este é o álbum mais interessante de um ex-beatle.

Em meio a esse material de auto-análise destacam-se duas faixas vindas de um lugar por onde os Beatles jamais passaram: "Working Class Hero", com suas blasfêmias sofisticadas, e "God", que renuncia a todos os emblemas culturais dos 30 anos anteriores (Hitler, Kennedy, ioga e até mesmo os Beatles), que cabiam nos quatro minutos de duração da música. O álbum se encerra com: "I was the walrus but now I'm John". O sonho, da forma representada pelos Beatles, tinha acabado; e, quando ele conseguiu desabafar, foi um alívio. Agora Lennon podia voltar a compor. **DH**

"Ele estava para cima e feliz (...) mas muito emotivo, chorando demais."

Klaus Voorman, 2000

Lista de músicas

▶	01	**Mother** (Lennon)	5:36
	02	**Hold On** (Lennon)	1:53
▶	03	**I Found Out** (Lennon)	3:37
▶	04	**Working Class Hero** (Lennon)	3:50
▶	05	**Isolation** (Lennon)	2:53
	06	**Remember** (Lennon)	4:36
	07	**Love** (Lennon)	3:24
	08	**Well, Well, Well** (Lennon)	5:59
	09	**Look At Me** (Lennon)	2:54
▶	10	**God** (Lennon)	4:10
	11	**My Mummy's Dead** (Lennon)	0:49

Crosby, Stills, Nash, And Young
Déjà Vu (1970)

Selo | Atlantic
Produção | Crosby, Stills, Nash, And Young
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | Canadá • EUA
Duração | 35:34

Para seu segundo álbum, David Crosby (ex-Byrds), Stephen Stills (ex-Buffalo Springfield) e Graham Nash (ex-Hollies) chamaram o amigo Neil Young, discípulo do Buffalo Springfield, que tinha acabado de lançar *After The Gold Rush*, um de seus trabalhos mais importantes.

Foram quase 800 horas de gravação, em circunstâncias nada auspiciosas. A namorada de Crosby, Christine Hinton, morreu num acidente de carro em setembro de 1969 – e ele não se recuperou, buscando consolo na heroína. Bebidas e cocaína abundavam no estúdio; o grupo brigava o tempo inteiro – o bem-humorado Young vivia ausente – e Nash foi forçado a assumir o papel de pacificador. De algum jeito, eles acabaram fazendo uma obra-prima que captou o espírito da cultura da Costa Oeste dos Estados Unidos no início dos anos 70.

"Carry On" – como "Suíte: Judy Blues", do álbum de estréia do CSN, em 1969 – é uma maravilha camaleônica, com harmonias arrepiantes, uma das melhores músicas já feitas para curar a ressaca na manhã de domingo. "Our House" e "Teach Your Children" comprovam o dom de Nash para fazer melodias simples e cativantes. "Almost Cut My Hair" traz Crosby em sua luta contra o autoritarismo, com sua voz gutural em contraponto às harmonias vocais puras, características do grupo. A majestosa "Helpless" é a homenagem de Young aos amplos espaços abertos de seu Canadá natal, enquanto "Country Girl" é uma peça admirável, com arranjos ambiciosos.

Com seus vocais incomparáveis, sua dinâmica musicalidade e a perfeita carpintaria das canções, não é de admirar que o álbum tenha sido catapultado ao primeiro lugar nos Estados Unidos. **LPG**

"A gente achava que podia mudar o mundo."

Graham Nash, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Carry On** (Stills)	4:25
	02	**Teach Your Children** (Nash)	2:53
▶	03	**Almost Cut My Hair** (Crosby)	4:25
▶	04	**Helpless** (Young)	3:30
	05	**Woodstock** (Mitchell)	3:52
	06	**Déjà Vu** (Crosby)	4:10
	07	**Our House** (Nash)	2:59
	08	**4+20** (Stills)	1:55
▶	09	**Country Girl** (Young) a) **Whiskey Boot Hill** b) **Down, Down, Down** c) **Country Girl (I Think You Are Pretty)**	5:05
	10	**Everybody I Love You** (Stills • Young)	2:20

Black Sabbath | Paranoid (1970)

Selo | Vertigo
Produção | Rodger Bain
Projeto gráfico | Keef
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:13

O Black Sabbath já tinha causado algum espanto na Inglaterra com seu álbum de estréia: uma retomada sísmica do blues que, junto com os dois primeiros clássicos do Led Zeppelin, ajudou a criar um novo estilo de rock 'n' roll – o heavy metal.

Em termos de qualidade do material, o segundo LP do quarteto de Birmingham é um salto gigantesco. A faixa de protesto "War Pigs" é uma das melhores aberturas de álbuns de todos os tempos, captando os ânimos acirrados da juventude ocidental em relação à campanha sangrenta dos Estados Unidos no Vietnã. Todas as características do Sabbath aparecem nessa música: os gritos abomináveis de Ozzy Osbourne; a dinâmica de mudança de tempo do baterista Bill Ward e do baixista/letrista Geezer Butler; e, a mais conhecida, a presença disforme do mito da guitarra e senhor dos riffs, Tony Iommi.

A mítica faixa-título vem logo depois, uma explosão proto-punk de loucura que permanece como o hino clássico do Black Sabbath – Ozzy e Iommi chegaram a cantar essa música durante as comemorações, em Londres, do Jubileu de Ouro da Rainha Elizabeth II, em 2002. A balada fantasmagórica "Planet Caravan" apresenta um lado suave, muitas vezes superestimado, enquanto a pesada ficção científica de "Iron Man" parece antecipar o movimento grunge. As últimas quatro faixas são menos conhecidas, embora imponentes. O pesadelo de heroína em "Hand Of Doom" é especialmente apropriado e contribuiu para consolidar a posição do Sabbath como uma das forças mais sinistras da música dos anos 70.

Paranoid tornou a banda conhecida nos Estados Unidos e chegou ao 12.º lugar nas paradas. As músicas do álbum foram regravadas por grupos tão diferentes como o Pantera e os Cardigans. Sua influência para tornar mais heavy o espectro do rock, do Nirvana ao Queens Of The Stone Age, é incalculável. **MA**

"Este país é assustador para as gerações mais jovens, porque está em guerra."

Ozzy Osbourne, 1972

Lista de músicas

▶	01	**War Pigs** (Butler•Iommi•Osbourne•Ward)	8:49
▶	02	**Paranoid** (Butler•Iommi•Osbourne•Ward)	2:45
▶	03	**Planet Caravan** (Butler•Iommi•Osbourne•Ward)	4:26
▶	04	**Iron Man** (Butler•Iommi•Osbourne•Ward)	5:47
	05	**Electric Funeral** (Butler•Iommi•Osbourne•Ward)	4:46
▶	06	**Hand Of Doom** (Butler•Iommi•Osbourne•Ward)	7:06
	07	**Rat Salad** (Butler•Iommi•Osbourne•Ward)	2:27
	08	**Fairies Wear Boots** (Butler•Iommi•Osbourne•Ward)	6:07

Neil Young
After The Gold Rush (1970)

Selo | Reprise
Produção | David Briggs • Neil Young
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | Canadá
Duração | 33:41

Um disco comovente, *After The Gold Rush* contém algumas das letras de amor mais devastadoras de Neil Young. A imagem da capa resume o sentimento do álbum – uma fotografia propositadamente superexposta do cantor e compositor andando por uma rua semideserta.

As novas canções de Young – que tinha, até então, estado ocupado com o álbum de Crosby, Stills, Nash, And Young, *Déjà Vu* – indicam um olhar mais introspectivo do artista. Músicas como "Tell Me Why", "Only Love Can Break Your Heart" e "Don't Let It Bring You Down" solidificam sua fama como um romântico incurável. A energia e o fogo de sua guitarra elétrica só aparecem duas vezes, em especial na corrosiva (e controversa) "Southern Man".

Para reforçar o clima de fim de noite do disco, *After The Gold Rush* contou com a participação de uma descoberta de Young – um jovem cantor, compositor e multiinstrumentista chamado Nils Lofgren, que, com seu trabalho de guitarra e piano, colocou essas canções no rol das melhores de Neil Young. A linda e nostálgica faixa-título, por exemplo – uma elegia quase mística a uma América que estava desaparecendo cada vez mais rápido –, virou a base do repertório de Young em seus shows.

O disco pavimentou o caminho para *Harvest*, lançado dois anos depois, considerado um dos mais importantes álbuns de country-rock da história. Até então, porém, *After The Gold Rush*, uma coleção completa de canções passionais, era o ponto alto da carreira de Young. **BW**

Led Zeppelin
Led Zeppelin III (1970)

Selo | Atlantic
Produção | Jimmy Page
Projeto gráfico | Zacron
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:01

O terceiro álbum do Led Zeppelin foi diretamente para o primeiro lugar das paradas britânicas. Uma semana depois, chegaria ao topo das paradas dos Estados Unidos, onde ficou durante quatro semanas, ganhando o disco de platina triplo. O criativo design da capa incluía um disco coberto de desenhos que, ao ser girado, mostrava imagens diferentes através de janelas recortadas na parte externa.

A tonitruante "Immigrant Song" foi o segundo single da banda a ficar entre os Top 20 nos Estados Unidos, mas não foi lançada nesse formato na Inglaterra – o grupo só começou a lançar singles no mercado britânico a partir de 1997. O lado A do LP apresenta o esperado hard rock de alta octanagem, mas o outro lado, arrasador, é acústico. Page e Plant foram particularmente inspirados pela música de artistas folk como Bert Jansch, John Fahey e Davy Graham. "Gallows Pole" inclui um belo banjo acompanhando a bateria de John Bonham, enquanto "Bron-Y-Aur Stomp" é marcada pelos vôos delicados do violão (o nome da música é uma homenagem a um chalé no norte do País de Gales que pertencia a amigos dos pais de Plant e onde ele e Page compuseram parte do material do álbum).

Seis faixas foram gravadas num estúdio móvel no terreno de uma casa de campo em Hampshire, inclusive "Tangerine", com sua eloqüente guitarra de 12 cordas antecipando "Stairway To Heaven", embora as harmonias no estilo da Costa Oeste e os matizes country fossem pouco típicos da banda. "Hats Off To (Roy) Harper", com a forte presença da slide guitar, é um tributo de Page ao veterano cantor inglês folk. *Led Zeppelin III* mostrou que a banda era capaz tanto de ser mais sutil como de tocar puro heavy metal. **JT**

Deep Purple
In Rock (1970)

Selo | Harvest
Produção | Deep Purple
Projeto gráfico | Edwards Coletta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:46

Um marco do hard rock, o quinto álbum do Purple apareceu quando uma outra guerra no Oriente Médio havia estourado, em meados de 1970. Era o clima apropriado para soltar o que a *Rolling Stone* havia resumido como "uma obra dinâmica e frenética, parecida com o som do MC5" – embora o disco seja muito mais que isso.

O álbum, com sua capa parodiando as esculturas de pedra do Monte Rushmore, foi gravado em Londres pela formação que se tornaria clássica em *Mark II:* o guitarrista Richie Blackmore, o tecladista Jon Lord e o baterista Ian Paice, com os garotos Ian Gillan nos vocais e Roger Glover no baixo.

O resultado foi um som que deixou os medidores da mesa de gravação (manipulada pelo futuro produtor do Iron Maiden, Martin Birch) permanentemente no vermelho. O material tinha tendências progressivas, em especial "Flight Of The Rat", na qual a bateria de Paice soa como tambores indígenas e os redemoinhos do Hammond tocado por Lord complementam os riffs de Blackmore. Mas *In Rock* é reverenciado por sua força devastadora, como em "Speed King" – uma música demolidora de Glover, no estilo de Hendrix, na qual Gillan ri e grita de forma perversa –, na estridente "Hard Lovin' Man" e em "Into The Fire", que inclui riffs ferozes *à la* Sabbath. "Child In Time", segundo o Purple, é "a história de um fracassado. Podia ser você". Essa dolorosa grandiloqüência e os orgásticos gemidos agudos da canção resumem plenamente a banda e sua época.

O Deep Purple esperou Lord terminar seu lamentável *Concerto For Group And Orchestra* para gravar o álbum, em três estúdios londrinos, entre outubro de 1970 e abril do ano seguinte. Valeu a espera. **TJ**

Van Morrison
Moondance (1970)

Selo | Warner Bros.
Produção | Van Morrison
Projeto gráfico | Bob Cato
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:14

Astral Weeks, o LP de 1968 de Van Morrison, o tornou um herói cult. Mas *Moondance* foi seu primeiro álbum a entrar nos Top 30, e também o primeiro a ganhar o disco de platina.

Morrison estava vivendo no paraíso rural de Woodstock quando compôs boa parte das músicas do disco, mas acabou saindo dali por conta da invasão de novos moradores depois do famoso festival. Alguns dos músicos reunidos para este álbum continuaram com ele durante anos, como o guitarrista John Platania, o trompetista Jack Schroer e o tecladista Jeff Labes.

Moondance mostra o talento de mestre de Van Morrison como compositor e vocalista. Em contraponto ao acústico *Astral Weeks*, o álbum apresenta um som maior, mais robusto, com um naipe de metais que acrescenta potência à música; as canções são mais bem estruturadas, com menos improvisação. O lado A do LP é quase perfeito. "And It Stoned Me" traça um quadro detalhado da adolescência, enquanto a jazzística faixa-título é, até hoje, uma das músicas mais importantes da carreira de Morrison. Uma etérea balada de marinheiros, "Into The Mystic" é uma reflexão emocionada sobre o esplendor do amor, na qual o arrepiante naipe de cordas combina maravilhosamente com os vocais. No mais, um ar comemorativo, quase de alegria espiritual, permeia várias faixas – como as três últimas: "Brand New Day", "Everyone" e "Glad Tidings".

Em 1971, Helen Reddy fez sucesso nos Estados Unidos com "Crazy Love" e a versão de Johnny Rivers para "Into The Mystic" chegou às paradas em 1970. O próprio Van ficou entre os Top 40 com "Come Running". Sua carreira solo estava em ascensão. **JT**

The Grateful Dead | American Beauty (1970)

Selo | Warner Bros.
Produção | The Grateful Dead • Robin Hurley
Projeto gráfico | Mouse Studios
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:23

Apesar de a tecnologia de estúdio ter dado saltos qualitativos no final dos anos 60, alguns grupos, como o The Grateful Dead, pareciam se divertir com seu jeito indisciplinado de gravar. Mas *Workingman's Dead*, de 1970 – uma obra madura em termos de música, com referências às suas raízes no country, pop e jazz –, surpreendeu os fãs. O álbum seguinte, *American Beauty*, porém, superou todos os outros e se tornou o trabalho definitivo do grupo.

É uma alegria ouvir este álbum: é rico no acompanhamento acústico (que incluiu pedal steel guitar e bandolim), traz backing vocals redondos e tem a presença sutil de instrumentos elétricos. *American Beauty* consolidou o grupo como algo mais do que uma banda house, por conta de seu carismático líder, Jerry Garcia. Pela primeira vez o Dead parecia uma unidade coesa, com um time de cantores e compositores talentosos, como Phil Lesh e Bob Weir.

A primeira canção, "Box Of Rain", escrita por Lesh, é o exemplo perfeito do recém-descoberto entusiasmo do grupo pela gravação em estúdio; na alegre "Sugar Magnolia", Weir conduz um dos melhores momentos do disco. Garcia, no entanto, continua a ser a âncora incontestável da banda, contribuindo, em especial, com uma trilogia de peso para o repertório – "Candyman", "Ripple" e "Friend Of The Devil" –, além de tocar de forma expressiva a pedal steel. A faixa de encerramento, "Truckin'", também perduraria como um hino para gerações de amantes do Dead.

Tocado com maestria e trazendo harmonias vocais extraordinárias, este álbum complexo influenciou sucessivas gerações de músicos, da Costa Oeste à recente onda de grupos de Liverpool, como o The Coral e os Zutons. **BW**

"Os discos não são indicadores absolutos, apenas produtos."

Jerry Garcia, 1972

Lista de músicas

▶	01	**Box Of Rain** (Hunter • Lesh)	5:16
▶	02	**Friend Of The Devil** (Dawson • Garcia • Hunter)	3:20
▶	03	**Sugar Magnolia** (Hunter • Weir)	3:15
	04	**Operator** (McKernan)	2:21
▶	05	**Candyman** (Garcia • Hunter)	5:12
▶	06	**Ripple** (Garcia • Hunter)	4:10
	07	**Brokedown Palace** (Garcia • Hunter)	4:18
	08	**Till The Morning Comes** (Garcia • Hunter)	3:13
	09	**Attics Of My Life** (Garcia • Hunter)	5:09
▶	10	**Truckin'** (Garcia • Hunter • Lesh • Weir)	5:09

Nick Drake
Bryter Layter (1970)

Selo | Island
Produção | Joe Boyd
Projeto gráfico | Nigel Waymouth
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:27

Bryter Layter ficou no meio do caminho entre o reflexivo álbum de estréia de Nick Drake, *Five Leaves Left* (1969), e o deprimido *Pink Moon* (1972). Mas é um disco que apresenta Drake em grande forma, imagem que foi obscurecida pelo mito de depressivo cultivado pelo artista. Em seu segundo álbum, machucado pela indiferença com que *Five Leaves Left* foi recebido, ele apenas fez uma nova tentativa.

Em *Five Leaves Left*, a guitarra de Drake ou a orquestração de Robert Kirby estavam em primeiro plano; agora, o papel principal era do Fairport Convention. Como no primeiro álbum, *Bryter Layter* traz o guitarrista Robert Thompson, que convidou o baixista Dave Pegg e o baterista Dave Mattaks, enquanto John Cale comparece com o piano e a celesta. Até aparece um saxofone em "At The Chime Of A City Clock". Apesar do vocal sussurrante – uma característica de todo o seu trabalho –, foi neste disco que Drake passou mais perto de uma banda de rock.

O tom relativamente bem-humorado do álbum não corresponde à lenda de Drake. A jazzística "Poor Boy" parecia zombar de sua própria melancolia, e é impossível detectar qualquer coisa além de uma radiosa alegria na instrumental "Introduction", que abre o disco. Além disso, "Northern Sky" é bonita demais para ter sido escrita por alguém indiferente à vida. Apenas o tédio expresso em "One Of These Things" e a ligeiramente perturbadora "Fly" deixam perceber a lenta deterioração do estado emocional de Drake.

Bryter Layter registra uma época em que Drake estava desapontado, mas ainda não abatido pela dificuldade em fazer sucesso. É a introdução ideal à sua música. **MBe**

Ananda Shankar
Ananda Shankar (1970)

Selo | Reprise
Produção | Alex Hassilev
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | Índia
Duração | 40:35

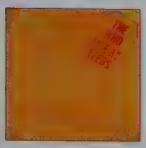
Em 1968, Jimi Hendrix conheceu em Los Angeles Ananda Shankar, que, aos 26 anos, tocava cítara e era dono de uma sólida formação clássica. Depois de improvisarem juntos durante alguns dias, Hendrix convidou Ananda para gravar um disco com ele.

"Passei três noites sem dormir", contou Ananda. "Mas acabei concluindo que, dessa forma, não estaria tocando a minha música. Assim, decidi gravar um disco sozinho." O resultado foi o melhor exemplo de um microestilo que poderia ser chamado de "sitar rock" – outros representantes desse gênero eram o Pandit Harihar Rao, radicado na Califórnia, o músico de estúdio "Big" Jim Sullivan e o misterioso "Lord Sitar" –, em que a cítara funciona como um exótico instrumento principal do rock-chiclete.

Nenhum deles, porém, fez tanto sucesso quanto Ananda Shankar, sobrinho do mito da cítara Ravi Shankar e filho do bailarino hindustâni Uday Shankar. As releituras, turbinadas no sintetizador Moog, de "Jumping Jack Flash" e "Light My Fire" embalam as pistas de dança até hoje. "Snow Flower" e "Mamata" criam um ambiente pop, enquanto "Metamorphosis" entra num território mais funk. O lado B põe ênfase na música indiana, com o épico de raga-rock "Sagar", que dura 13 minutos, e "Raghupati", baseada num cântico.

Os discos posteriores de Ananda Shankar, como *Streets Of Calcutta* e *Dancing Drums*, ambos de 1975, foram gravados por diferentes selos, em transações que envolveram grandes somas de dinheiro. Os atributos exóticos e únicos de Shankar levaram Sam Zaman, o DJ londrino State Of Bengal, a convencê-lo a sair de seu estilo reservado para fazer uma turnê e gravar um disco com ele. Quando morreu prematuramente, em 2000, gozava de enorme fama e sua música fusion tinha sido adotada por toda uma geração de asiático-britânicos. **JLe**

The Who
Live At Leeds (1970)



Selo | Track
Produção | Jon Astley
Projeto gráfico | Graphreaks
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:09

O legendário poder e o volume do The Who sempre renderam mais ao vivo. A gravação em estúdio tendia a amortecer sua eletricidade. A banda fez alguns singles fabulosos, mas os álbuns não chegavam a ser perfeitos; mesmo *Tommy* perdeu um pouco com a produção pretensiosa. *Live At Leeds* não é apenas o melhor disco ao vivo de todos os tempos – é, com certeza, o melhor momento do The Who.

O álbum registra a banda bem no final da turnê de *Tommy*, doida para se ver livre daquilo. A locação foi um show na Universidade de Leeds, na Inglaterra, em 1970. O grupo navega com força máxima por mais de duas horas, com um repertório formado por *Tommy*, singles clássicos e um punhado de pérolas do rock 'n' roll. Totalmente livre no palco, o trio poderoso por trás da voz de Roger Daltrey cresce de maneira assustadora – o baixista John Entwistle conduz as melodias, o baterista Keith Moon manda ver e Pete Townshend mostra por que era um pioneiro do feedback, com os solos concisos, mas cheios de criatividade e emoção, de um guitarrista realmente subestimado.

O álbum chegou às lojas no final daquele ano embalado numa feia capa de cartolina, como se fosse um disco pirata. Foi lançado em CD numa versão ampliada (o CD duplo, de 2000, em edição de luxo, merece ser comprado), mas as seis faixas originais são perfeitas, em especial "Young Man's Blues", de Mose Allison, ditada pelo próprio diabo, e "My Generation", um caleidoscópio de riffs. *Live At Leeds* é o heavy rock em seu estado mais puro. **SC**

Soft Machine
Third (1970)

Selo | CBS
Produção | Soft Machine
Projeto gráfico | John Hays
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 75:21

Gravado em quatro dias, *Third* mostra a mais importante banda britânica em seu auge e, ao mesmo tempo, numa barafunda completa. O rock progressivo estava prestes a se tornar algo muito sério e o resto do grupo estava cansado do jeito de cantar de Robert Wyatt – e ele não agüentava mais o desejo intransigente da banda de se tornar sóbria e jazzística.

"Moon In June" foi a última música composta por Wyatt para o Soft Machine e é, talvez, sua obra-prima, embora o resto do grupo não gostasse da canção (Wyatt aparece nos créditos da capa como "baixista e organista", apesar de esses instrumentos serem normalmente tocados por Hugh Hopper e Mike Ratledge). Esta peça mistura velhos temas dos Softs com novas passagens induzidas por uma bem-humorada autocrítica de Wyatt. Uma gravação dessa suíte feita para o programa de rádio da BBC *Peel Sessions* é ainda mais irreverente e chega a ironizar Ratledge. Dentre as outras faixas, "Facelift", de Hopper – tocada pela formação de oito integrantes, que não durou muito –, é, provavelmente, a mais desafiadora e intrigante. "Slightly All The Time", de Ratledge, aparece no LP original como se incluísse um trecho de 40 segundos de "Noisete", de Hopper. Quem quiser, que tente descobrir esse pedaço...

Na parte interna, a capa traz uma excelente foto, feita por Jurgen D. Ensthaler, dos principais integrantes do grupo num quarto de hotel, todos com um ar de profundo tédio por conta da falta de álcool. É possível até sentir o cheiro de salsichas fritas e das cinzas de cigarro no carpete – e do antagonismo entre eles. **DN**

Rod Stewart | Gasoline Alley (1970)

Selo | Vertigo
Produção | Lou Reisner • Rod Stewart
Projeto gráfico | Keel
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:27

O segundo e subestimado álbum de Stewart precedeu o mega-sucesso *Every Picture Tells A Story,* que incluía "Maggie May". Mas ambos oferecem um material parecido – releituras de folk, R&B, soul e clássicos do rock, além de músicas novas de compositores da época – e usam, essencialmente, o mesmo time de músicos.

Naquele tempo, Stewart levava uma vida dupla como vocalista e líder dos The Faces e como artista solo. Os The Faces, considerados por muitos como a banda que fazia os melhores shows da época, aparecem aqui e ali no álbum – seu rock 'n' roll festivo está estampado em "It's All Over Now" –, mas Ron Wood é onipresente.

Uma grande parte do disco é acústica e, em "Gasoline Alley", Wood e Stewart se juntam num clássico pouco valorizado, que lança um olhar nostálgico sobre os anos da adolescência, reforçado pelo vocal ousado. Uma legião de instrumentistas que não aparece nos créditos – como o que toca rabeca na versão neo-acústica de "Cut Across Shorty" e o do bandolim da faixa-título – impregna o álbum de folk, apesar de os músicos, desajeitadamente, tentarem agitar nos rocks.

A delicada leitura feita por Stewart de "Only A Hobo" e o acompanhamento acústico bem elaborado tornam a canção uma das melhores regravações já feitas da música de Dylan, e as duas faixas originais no final mantêm a qualidade. Duas músicas vêm de antigas parcerias – a composta por Elton John ficou à altura do autor, mas a do Small Faces ganhou uma interpretação menos inspirada.

O co-produtor Lou Reisner contratou Stewart como cantor solo depois de ele brilhar no The Jeff Beck Group. O estrelato viria no álbum seguinte, mas o terreno foi preparado por *Gasoline Alley*. **JT**

"Rod estava rapidamente percebendo do que era capaz."

Lloyd Bradley, 1999

Lista de músicas

▶	01	**Gasoline Alley** (Stewart • Wood)	4:08
▶	02	**It's All Over Now** (B. Womack • S.J. Womack)	6:25
▶	03	**Only A Hobo** (Dylan)	4:22
	04	**My Way Of Giving** (Lane • Marriott)	4:03
▶	05	**Country Comfort** (John • Taupin)	4:45
	06	**Cut Across Shorty** (Walker • Wayne • Wilkin)	6:34
▶	07	**Lady Day** (Stewart)	4:05
	08	**Jo's Lament** (Stewart)	3:31
	09	**I Don't Want To Discuss It** (Beatty • Cooper • Shelby)	4:34

George Harrison
All Things Must Pass (1970)

Selo | Apple
Produção | George Harrison • Phil Spector
Projeto gráfico | David Costa • Sian Rance
Nacionalidade | | Inglaterra
Duração | 126:25

A parceria entre John Lennon e Paul McCartney não deixou muito espaço para George Harrison, apesar de ele ter conseguido emplacar vários clássicos no catálogo dos Beatles. Mas, quando o grupo implodiu, ele tinha um tesouro escondido para desenterrar em *All Things Must Pass*, que está entre os dois ou três melhores discos lançados por um ex-beatle.

É interessante que, enquanto Phil Spector trabalhava com Lennon para fazer seu disco – gravado no início de 1970 – repleto de desabafos e confissões emocionadas, ele, ao mesmo tempo, seguia as trilhas de *Abbey Road,* refinando sua "wall of sound" orquestral, ao co-produzir a estréia solo de Harrison. Um elenco de estrelas aparece no álbum, dentre elas Billy Preston, Phil Collins, Eric Clapton e os remanescentes do Delaney & Bonnie (o baterista Jim Gordon, o baixista Carl Radle e o tecladista Bobby Whitlock), que, na época, junto com Clapton, formavam o Derek And The Dominos.

O pacote de três LPs foi completado com um disco de jam sessions, na maioria descartáveis. Mas, contendo músicas tão finamente elaboradas e espiritualmente inspiradas como "Beware Of Darkness", "The Art Of Dying", "What Is Life" e o hit "My Sweet Lord", o álbum soa melhor com o tempo. Harrison se permite entrar na discussão sobre os Beatles com "Wah-Wah", uma música cortante que muitos interpretam como um tapa na cara de Paul McCartney. Mas a maior parte do álbum está bem acima de ser apenas um ajuste de contas. **AG**

Simon And Garfunkel
Bridge Over Troubled Water (1970)

Selo | Columbia
Produção | Art Garfunkel • Roy Halee • Paul Simon
Projeto gráfico | Tony Lane
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:17

Ao se separarem, no fim dos anos 1960, os Beatles deixaram um confuso legado em *Let It Be*. Companheiros da mesma década, Simon And Garfunkel se despediram com mais elegância, com um álbum que tem em sua faixa-título um hino clássico.

Pequena em estatura e estilo, a dupla manteve sua grandeza graças a canções maravilhosas como "The Sounds Of Silence", de 1965, e "America", de 1968. Em 1969, uma prévia de *Bridge...* – o hit "The Boxer" – confirmou, de uma vez por todas, que o compositor Paul Simon não era mais ofuscado por Bob Dylan.

E, como Dylan, Simon escrevia letras poéticas. Mas, como Smokey Robinson, compunha músicas deliciosas que podiam ser cantadas tanto por crianças como por Aretha Franklin. De certa forma, a épica faixa-título não faz justiça a *Bridge...*, porque não dá pistas de que, dentro do álbum, há canções vivas e alegres como "Cecilia" e "El Condor Pasa (If I Could)".

Há também músicas delicadas – ilusórias, no caso de "The Only Living Boy In New York" e "So Long Frank Lloyd Wright". Ambas foram escritas por Simon para seu futuro ex-parceiro Art Garfunkel, que tinha estudado arquitetura (daí a referência a Frank Lloyd Wright). Garfunkel havia abandonado algumas sessões de gravação para atuar no filme *Ardil 22*.

Bridge... é fácil de se gostar, mesmo para quem não liga para briga de parceiros ou música folk. Ao ouvir este disco, pode-se entender por que tanta gente fica com os olhos cheios d'água toda vez que os velhos companheiros fazem as pazes por tempo suficiente para cantarem juntos. **BM**

Baden Powell
Canto On Guitar (1970)

Selo | MPS
Produção | Joachim Behrendt
Projeto gráfico | Bernhard Wetz
Nacionalidade | Brasil
Duração | 39:47

Gravado em 1970, *Canto On Guitar* é considerado um dos melhores álbuns de Baden Powell. A primeira faixa do álbum é "Samba Em Prelúdio", com letra do poeta Vinícius de Moraes, cantada excepcionalmente por Baden. A segunda música, "Três Temas Da Fé Afro-Brasileira", é, como sugere o título, formada por três composições diferentes, separadas por alguns momentos de pausa: "Pai (Um Canto De Preto Velho)" – que entraria em outro álbum de Baden Powell, lançado no ano seguinte –, "Filho (Batuque Para Um Orixá)" e "Espírito Santo (Oxalá)". A percussão afro-brasileira é o denominador comum desses três temas. Em "Tributo A Um Amigo", Baden Powell aparece sozinho com o violão. "Quaquaraquaquá" é uma fusão entre samba e bossa nova. Essa música foi composta em parceria com Paulo César Pinheiro. Por fim, "Cegos do Nordeste" encerra o álbum de forma brilhante, com tons árabes. Um trabalho essencial. **Li**

Cat Stevens
Tea For The Tillerman (1970)

Selo | Island
Produção | Paul Samwell-Smith
Projeto gráfico | Cat Stevens
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:40

Nascido em Londres, Cat Stevens (seu nome verdadeiro é Steven Georgiou) vinha fazendo sucesso desde o final dos anos 60, mas com *Tea For The Tillerman,* seu quarto álbum, ele virou uma estrela internacional.

O LP anterior, *Mona Bone Jakon* (que traz o hit em single "Lady d'Arbanville"), fez com que Stevens surgisse como uma nova classe de cantor-compositor reflexivo. Em *...Tillerman,* ele manteve o time de músicos (Alun Davies na guitarra; Harvey Burns na bateria; John Ryan no baixo) e o produtor, conservando o tom despojado de *Mona Bone Jakon.*

Além do dom de Stevens para criar grandes melodias, o que chama a atenção no álbum é a sensibilidade das letras e sua conexão com os temas mais importantes da época – em especial, a busca por uma orientação espiritual, que ancora "But I Might Die Tonight" e "On The Way To Find Out". "Father And Son" foi escrita na esteira de uma explosão maciça da cultura jovem, mas a canção é ainda mais pungente pela falta de acusações entre pais e filhos (a capa do álbum, pintada por Stevens, é inspirada no tema da juventude e da idade). O apelo melódico do LP e seu charme suave fizeram as vendas dispararem e o trabalho ganhou um disco de ouro. Sete anos depois, Stevens se tornou muçulmano, mudou o nome para Yusuf Islam e abandonou a profissão de músico, para praticar a espiritualidade pela qual ansiava em suas canções. Desde então, seu trabalho raras vezes chegou perto da simplicidade melódica deste álbum tão adorado pelo público. **LP**

The Stooges | Fun House (1970)

Selo | Elektra
Produção | Don Gallucci
Projeto gráfico | Robert L. Heimall
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:28

Depois do álbum de estréia dos Stooges, muito criticado, a Elektra contratou uma produção mais modesta para *Fun House*. No entanto, Don Gallucci revelou-se uma excelente escolha. Experiente músico de estúdio (tocou órgão em "Louie, Louie", dos Kingsmen, com apenas 14 anos), ele aconselhou a banda a gravar seu mal-afamado show – um amontoado de riffs pecaminosos, com Iggy Pop à frente, completamente drogado, se lambuzando com tortas de creme ou se cortando com cacos de vidro. Os Stooges fizeram uma performance na Elektra como se estivessem no palco. Nos intervalos das sessões, eles promoviam festas num motel de má reputação, o Tropicana, e esse clima ao redor das gravações penetrou fundo nas músicas.

O lado A é o da "festa", com as guitarras metálicas se exibindo como prostitutas de rua e Iggy balbuciando histórias sórdidas de hedonismo. O lado B, porém, é a ressaca. As canções se alongam para além da zona de conforto; o saxofonista Steven MacKay produz um barulho disforme e Iggy soa como uma criança perdida e amedrontada, avisando, a partir de sua própria experiência amarga, que "The Fun House will steal your heart away" ("A Casa do Prazer vai roubar seu coração"). A capa do álbum combina perfeitamente com o conteúdo: Pop se contorce no que parece ser o fogo do inferno – mas trata-se apenas de um close, com filtro avermelhado, de seu rosto.

A entrega selvagem e o gosto amargo de *Fun House* não caíram bem para uma geração de ressaca coletiva pós-Altamont, e os Stooges se separaram. Mas a psicose corrosiva do álbum influenciou diretamente Richard Hell, The Birthday Party e Black Flag, e muitos punks de coração dark começaram suas carreiras musicais copiando essa pequena fatia de brutalidade. **SC**

"Quando gravei *Fun House*, em 1970, ninguém queria me entrevistar. Era maravilhoso."

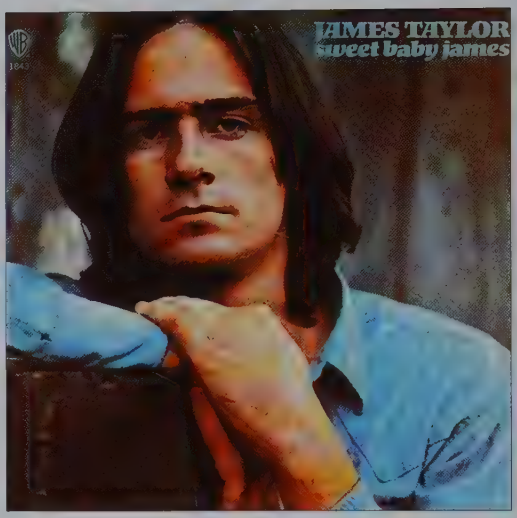
Iggy Pop, 1996

Lista de músicas

▶	01	**Down On The Street** (Alexander • R. Asheton • S. Asheton • Pop)	3:42
▶	02	**Loose** (Alexander • R. Asheton • S. Asheton • Pop)	3:33
▶	03	**T.V. Eye** (Alexander • R. Asheton • S. Asheton • Pop)	4:17
	04	**Dirt** (Alexander • R. Asheton • S. Asheton • Pop)	7:00
	05	**1970** (Alexander • R. Asheton • S. Asheton • Pop)	5:15
▶	06	**Fun House** (Alexander • R. Asheton • S. Asheton • Pop)	7:46
	07	**L.A. Blues** (Alexander • R. Asheton • S. Asheton • Pop)	4:55

James Taylor | Sweet Baby James (1970)

Selo | Warner Bros.
Produção | Peter Asher
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:58



Em *Sweet Baby James*, a beleza bucólica dos Estados Unidos é apresentada dentro da moldura simples e sem enfeites da música de James Taylor. Mas, quando ele se aprofunda na paisagem, um horizonte diferente se revela – o da solidão iluminada apenas por breves raios de esperança.

A *Rolling Stone* escreveu que "as persistentes imagens de prados solitários e de um lindo Paraíso (...) surgem com a intensidade de um haiku ou com a complexidade de uma parábola". A faixa-título é uma canção de ninar sobre cânions e cowboy blues que remete às tradições do country-folk, por sua força melancólica. Taylor canta de forma honesta, em tons baixos que combinam perfeitamente com o conteúdo de suas letras e com sua guitarra.

Suas músicas meio blues, como a libidinosa "Steamroller", são tingidas por um humor peculiar, mas Taylor não tem crueza suficiente para falar bem essa língua. O que ele tem é uma aguda compreensão das fragilidades humanas e a consciência do poder da redenção – como na maravilhosa "Fire And Rain". A renúncia é o mote da canção – renúncia das pessoas, dos lugares, da vida em si. Essa música – um adeus para uma amiga que morreu –, com sua fria claridade, é uma obra-prima sobre o arrependimento não confessado.

"Blossom" é outra faixa maravilhosa, que soa como uma versão folk de "Here Comes The Sun". Mais lenta, a canção que encerra o disco, "Suite For 20G", começa no território característico de Taylor – o lirismo radioso e a linha descendente do refrão da guitarra. No meio do caminho, porém, a música muda o rumo para uma explosão de R&B, arrematada por um majestoso naipe de metais.

Sweet Baby James ganhou um disco de platina triplo e consagrou Taylor, de forma triunfal, como a força musical da nova década. **JDi**

"A gente se divertia muito. Isso quase nos matou."

James Taylor, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Sweet Baby James** (Taylor)	2:54
	02	**Lo And Behold** (Taylor)	2:37
	03	**Sunny Skies** (Taylor)	2:22
	04	**Steamroller** (Taylor)	2:59
	05	**Country Road** (Taylor)	3:23
	06	**Oh, Susannah** (Foster)	2:01
▶	07	**Fire And Rain** (Taylor)	3:24
	08	**Blossom** (Taylor)	2:14
	09	**Anywhere Like Heaven** (Taylor)	3:28
	10	**Oh, Baby Don't You Loose Your Lip On Me** (Taylor)	1:50
▶	11	**Suite For 20G** (Taylor)	4:46

Paul McCartney | McCartney (1970)

Selo | Apple
Produção | Paul McCartney
Projeto gráfico | Linda McCartney • Paul McCartney
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 34:19

Durante anos, Paul McCartney foi marginalizado e tratado como o diabo em pessoa por ter, abertamente, despedaçado o sonho dos Beatles. Mas seu álbum solo de estréia só pode ser qualificado como encantador. Enquanto Lennon e Harrison estavam ocupados em se afirmar, e Ringo gravava músicas fáceis, McCartney lançou este ingênuo modelo de carreira solo: algumas canções ofuscantes, outras, apenas rabiscos de gente drogada, e mais umas bobagens vergonhosas.

McCartney, gravado no final de 1969 em sua própria casa, em St. John's Wood, Londres, parece melancólico e sem sofisticação – uma reação deliberada ao fino verniz do canto do cisne dos Beatles, *Abbey Road*. Depois de toda a tensão vivida com a banda no estúdio, McCartney decidiu trabalhar sozinho em seu gravador Studer de quatro canais, com um único microfone.

O álbum está repleto de detalhes que encantam e irritam ao mesmo tempo. Suas duas músicas ainda da época dos Beatles ilustram muito bem esses extremos: se "Junk" é triste, poética e expressiva, "Teddy Boy" é dolorosamente tola. No entanto, o álbum inteiro fica à sombra de "Maybe I'm Amazed", que prova sem esforço até que ponto ele foi responsável por *Abbey Road*. Essa balada de amor adulta e madura é, talvez, sua melhor canção.

Lançado em abril de 1970, o álbum foi recebido sem entusiasmo pela imprensa, mas rapidamente chegou ao primeiro lugar das paradas americanas e ficou entre os primeiros na Inglaterra. Com sua capa simbólica e fotografias de sua nova família, *McCartney* era menos uma demonstração de brio do que um manifesto de intenções e um guia para sua nova vida. **DE**

"[As faixas] eram quase descartáveis."

Paul McCartney, 1973

Lista de músicas

	01	**The Lovely Linda** (McCartney)	0:43
	02	**That Would Be Something** (McCartney)	2:38
	03	**Valentine Day** (McCartney)	1:39
▶	04	**Every Night** (McCartney)	2:31
	05	**Hot As Sun/Glasses** (McCartney)	2:05
▶	06	**Junk** (McCartney)	1:54
	07	**Man We Was Lonely** (McCartney)	2:56
▶	08	**Oo You** (McCartney)	2:48
	09	**Momma Miss America** (McCartney)	4:04
	10	**Teddy Boy** (McCartney)	2:22
	11	**Singalong Junk** (McCartney)	2:34
▶	12	**Maybe I'm Amazed** (McCartney)	3:50
	13	**Kreen-Akrore** (McCartney)	4:15

Santana | Abraxas (1970)

Selo | Columbia
Produção | Fred Catero • Santana
Projeto gráfico | MATI
Nacionalidade | México • EUA
Duração | 37:18

No verão de 1970, Carlos Santana, aos 22 anos, já acumulava vários discos de platina por um álbum no qual incluiu dois singles que entraram para os Top 40; fez uma performance inesquecível diante de metade do mundo em Woodstock e ganhou uma crescente legião de fãs. Até hoje, quem faz sucesso na estréia é encorajado a continuar gravando aquilo que funcionou da primeira vez. Mas Santana aderiu ao freak rock de São Francisco, onde os artistas garimpavam sua imaginação e transformavam tudo o que descobriam em rock 'n' roll.

Santana elaborou um segundo disco que viajava para além do rock, até o jazz e a salsa, no ritmo de um coração latino. Apesar de serem a face visível da banda, Carlos e sua guitarra impecável eram meros componentes de uma engrenagem extremamente talentosa, e em *Abraxas* cada integrante do grupo marcou presença. Gregg Rolie foi o responsável pelo órgão sedutor que transformou "Black Magic Woman" e "Oye Como Va" em clássicos instantâneos do rádio, e também compôs os rocks mais pesados "Mother's Daughter" e "Hope You're Feeling Better", em que os riffs típicos de Carlos pairam acima da música. O baixista Dave Brown e o baterista Mike Shrieve assentaram, neste álbum, as bases do que seria uma das melhores e mais afiadas seções rítmicas da história da música, e pavimentaram o caminho para os exuberantes címbalos e congas de Mike Carabello e Jose Areas.

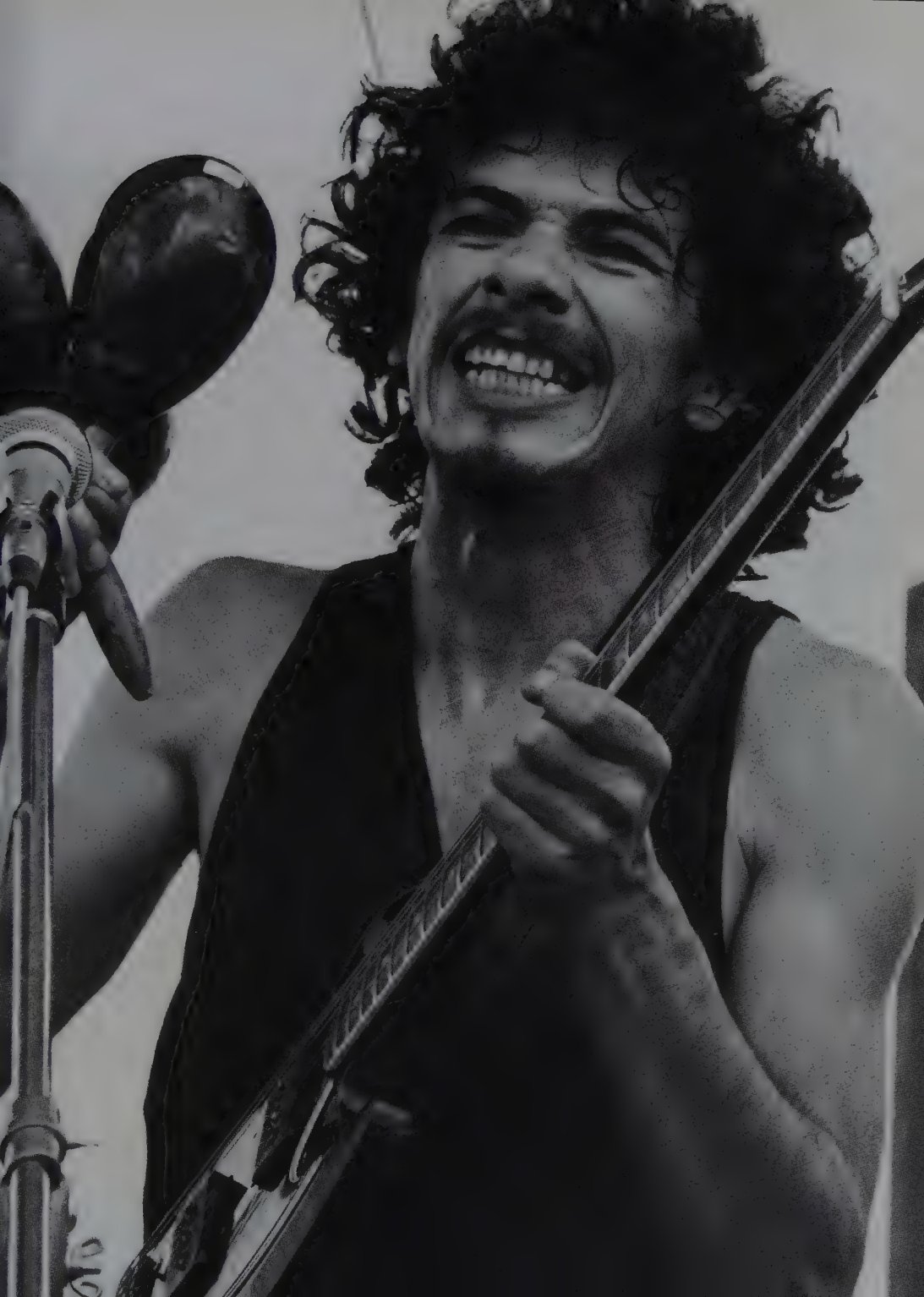
No lançamento de *Abraxas*, a *Rolling Stone* afirmou que Santana "pode fazer pela música latina o que Chuck Berry fez pelo blues". Quando o álbum chegou ao primeiro lugar nas paradas, trazendo as batidas mais firmes que o establishment do rock já tinha ouvido, o prognóstico da revista pareceu até modesto. **MO**

"A música é a união de dois amantes: a melodia e o ritmo. A melodia é a mulher e o ritmo, o homem."

Carlos Santana, 1994

Lista de músicas

	01	**Singing Winds, Crying Beasts** (Carabello)	4:48
▶	02	**Black Magic Woman/Gypsy Queen** (Green • Szabo)	5:24
▶	03	**Oye Como Va** (Puente)	4:19
	04	**Incident At Neshabur** (Gianquinto • Santana)	5:02
	05	**Se A Cabo** (Areas)	2:51
	06	**Mother's Daughter** (Rolie)	4:28
▶	07	**Samba Pa Ti** (Santana)	4:47
▶	08	**Hope You're Feeling Better** (Rolie)	4:07
	09	**El Nicoya** (Areas)	1:32



Syd Barrett | The Madcap Laughs (1970)

Selo | Harvest
Produção | Vários
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:04

No que, exatamente, se baseia a lenda de Syd Barrett? Para começar, ele era o artífice do sensacional álbum de estréia do Pink Floyd, *The Piper At The Gates Of Dawn*. E, tal qual o livro de Kenneth Graham que originou o título do disco, Barrett incutiu em seu trabalho um paganismo inglês extravagante e, digamos, cósmico. Há ainda sua fama de pintor recluso e a história de doença mental misturada com o uso cavalar de LSD. E, depois de sua saída do Pink Floyd (por razões que nunca revelou abertamente), a carreira solo de Syd foi breve e errática.

Gravado em poucos dias, *Madcap* parece mesmo feito às pressas, como se nota na entrada em falso de "If It's In You". De fato, se não fosse a ajuda de Roger Waters e David Gilmour (que substituiu Syd no Floyd), talvez o disco nunca tivesse saído. Barret toca guitarra de forma desencontrada e sua voz é, quase sempre, um uivo desafinado. Ainda assim, as melodias de inspiração oriental e o pop britânico excêntrico do álbum inspiraram uma legião de místicos do rock, como Julian Cope.

Há momentos, claro, em que Syd mostra sua genialidade. "Dark Globe" é fascinante, com sua letra fabulosa e os acordes de valsa marcando a melodia. E "Late Night", cuja percussão suave segura os excessos de Barrett, traz uma bela slide guitar – tocada com um isqueiro. Há ainda a série lúgubre de trechos de poemas de James Joyce em "Golden Hair" e a contagiante "Here I Go".

Depressão, esquizofrenia e outras doenças mentais costumam ser incompreendidas e mal diagnosticadas. Syd Barrett deixou gravadas apenas algumas horas de intensa criatividade, mas a História permitiu que ele provasse o gosto de ser alguém que imprimiu sua marca própria. **GT**

"O que realmente importa é compor boas músicas."

Syd Barrett, 1971

Lista de músicas

▶	01	**Terrapin** (Barrett)	5:02
▶	02	**No Good Trying** (Barrett)	3:22
	03	**Love You** (Barrett)	2:25
	04	**No Man's Land** (Barrett)	2:59
▶	05	**Dark Globe** (Barrett)	1:58
	06	**Here I Go** (Barrett)	3:09
▶	07	**Octopus** (Barrett)	3:43
▶	08	**Golden Hair** (Barrett-Joyce)	1:56
	09	**Long Gone** (Barrett)	2:46
	10	**She Took A Long Cold Look** (Barrett)	1:55
	11	**Feel** (Barrett)	2:17
	12	**If It's In You** (Barrett)	2:22
▶	13	**Late Night** (Barrett)	3:10

Jethro Tull | Aqualung (1971)

Selo | Island
Produção | Ian Anderson • Terry Ellis
Projeto gráfico | Burton Silverman
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:51

Dois filmes clássicos de Christopher Guest vêm à mente quando se ouve o *Aqualung*, do Jethro Tull: *This Is Spinal Tap* e *A Mighty Wind*. O primeiro é um falso documentário heavy metal; o segundo retrata um grupo de folk fictício. De *Aqualung* em diante, o Tull passou a ser enquadrado no gênero do primeiro filme, mas sua inspiração vem do estilo musical do segundo.

A faixa-título abre o álbum com o ecletismo típico da banda. Num primeiro momento, surge o dedilhar de um violão tranqüilo e um piano civilizado; no seguinte, é a vez do baixo frenético e de passagens de bateria – tudo isso coroado por um solo firme de guitarra. "Cross-Eyed Mary" segue um padrão mais tradicional. A flauta característica do vocalista Ian Anderson paira sobre a pulsante linha de baixo de Jeffrey Hammond e os floreados arranjos orquestrais de David Palmer. A música, então, se submete ao reinado da guitarra, embora o piano, os sininhos e a volta da flauta de Anderson desafiem o rock potente do núcleo formado por guitarra, baixo e bateria.

As letras de *Aqualung* se encaixam numa fantástica narrativa que se desenrola ao longo do álbum e se baseia, em parte, nas experiências de um sem-teto. Essa história faz com que a música singular do disco esteja vinculada a uma mensagem de conscientização, própria da época. O conceito é estabelecido pelo texto da contracapa do álbum – uma leitura distorcida do primeiro capítulo do Gênesis. Na versão do Tull da narrativa bíblica, o homem criou Deus e, depois, o *Aqualung*.

O disco tornou-se um marco instigante do prog-rock-folk. Sua temática não impediu que as faixas cheias de riff fizessem sucesso nas rádios – nem que o álbum vendesse milhões de cópias. **YK**

"A gente estava meio que na periferia do rock."

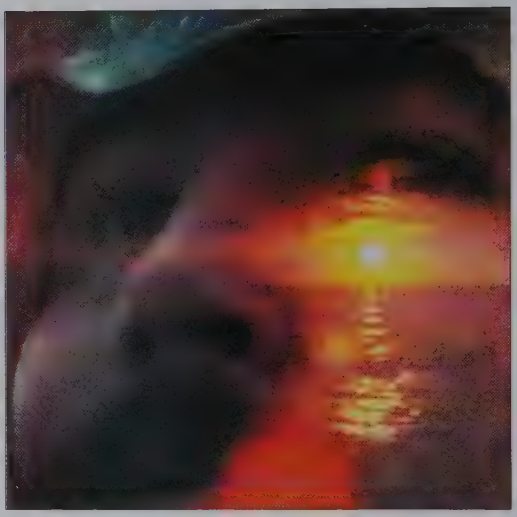
Ian Anderson, 2003

Lista de músicas

▶	01	**Aqualung** (I. Anderson • J. Anderson)	6:31
	02	**Cross-Eyed Mary** (I. Anderson)	4:06
	03	**Cheap Day Return** (I. Anderson)	1:21
	04	**Mother Goose** (I. Anderson)	3:51
	05	**Wond'ring Aloud** (I. Anderson)	1:53
	06	**Up To Me** (I. Anderson)	5:10
▶	07	**My God** (I. Anderson)	7:08
▶	08	**Hymn 43** (I. Anderson)	3:15
	09	**Slipstream** (I. Anderson)	1:12
	10	**Locomotive Breath** (I. Anderson)	4:23
	11	**Wind Up** (I. Anderson)	6:01

David Crosby
If I Could Only Remember My Name (1971)

Selo | Atlantic
Produção | David Crosby
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:03



Quando a namorada de David Crosby, Christine Hinton, morreu num acidente de carro, em 1969, o cantor ficou arrasado. Ele mal conseguiu gravar *Déjà Vu* com Stills, Nash e Young, e procurou uma válvula de escape ao trabalhar em seu álbum solo de estréia.

Crosby reuniu músicos de seu extenso círculo de amigos, como Jerry Garcia, Joni Mitchell e Grace Slick, para fazer o disco num estúdio de São Francisco, em 1970. A primeira faixa do álbum, "Music Is Love" (com a participação de Nash e Young), evolui despreocupadamente, como se fosse um improviso, fazendo da frase do título um mantra. A voz de Crosby falha em "Cowboy Movie", outra música lenta que cresce até virar uma disputa entre os gemidos das guitarras e a batida descontraída da bateria. "Laughing" é uma obra-prima: violões deslumbrantes, uma melancólica pedal steel e harmonias luminosas. A delicada "Traction In The Rain" é outro destaque. Aqui, a voz de Crosby está límpida e sob perfeito domínio.

Mas o que diferencia o álbum de outros da Costa Oeste é a escuridão em seu âmago. A inquietante "Song With No Words (Tree With No Leaves)" traz um scat sem palavras e acordes menores alternados. "Orleans" é repleta de melancolia e se arrasta por uma harmonia ditada pela guitarra de 12 cordas. Há ainda a sinistra "I'd Swear There Was Somebody Here", cantada a capela com uma perturbadora harmonia elaborada por Crosby.

O álbum chegou à 12.ª posição nas paradas da Europa e também dos Estados Unidos, onde ganhou um disco de ouro – mas não é isso que importa, e sim o fato de que é composto por uma série de canções únicas, que provocam emoções únicas. **RD**

"Eu gosto de conteúdo. Minhas músicas falam sobre alguma coisa."

David Crosby, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Music Is Love** (Crosby • Nash • Young)	3:16
	02	**Cowboy Movie** (Crosby)	8:02
▶	03	**Tamalpais High (At About 3)** (Crosby)	3:28
▶	04	**Laughing** (Crosby)	5:20
	05	**What Are Their Names** (Crosby • Garcia • Lesh • Shrieve • Young)	4:09
▶	06	**Traction In The Rain** (Crosby)	3:40
	07	**Song With No Words (Tree With No Leaves)** (Crosby)	5:53
▶	08	**Orleans** (Trad., arr. Crosby)	1:56
▶	09	**I'd Swear There Was Somebody Here** (Crosby)	1:19

Sly And The Family Stone
There's A Riot Goin' On (1971)

Selo | Epic
Produção | Sylvester "Sly Stone" Stewart
Projeto gráfico | John Berg
Nacionalidade | EUA
Duração | 47:38

O rock 'n' soul alegre e multirracial do Sly And The Family Stone refletia o otimismo do movimento pelos direitos civis durante os anos 60. Mas, à medida que esse otimismo definhava e ia se transformando num radicalismo amargo, o Stone passava por uma experiência parecida – uma dolorosa viagem espiritual. O pessimismo já não era mais estranho ao fusion-pop criado por Sly: "Hot Fun In The Summertime", por exemplo, falava, de maneira cifrada, dos distúrbios raciais em Watts. Mas a crescente desordem civil e a carnificina no Vietnã, aliados ao seu frágil estado emocional e a doses maciças de drogas, o levaram a fazer este álbum, um impressionante discurso à nação.

O disco foi resultado de sessões e overdubs intermináveis; movido a cocaína, Stone gravava e regravava as fitas. Dizem que Miles Davis participou com seu trompete; a bateria acústica brigava por espaço com primitivas baterias eletrônicas; o baixo se sobrepunha, predatório; e as guitarras wah-wah feriam os ouvidos.

O funk peso-pesado que domina o álbum – nebuloso, assustador e chapado – empresta uma pungência extra às faixas pop melancólicas do disco, "Runnin' Away" e "You Caught Me Smilin'" – momentos de ternura para aliviar o funk furioso. Há referências a hits anteriores de Sly, como em "Time" ("'Everyday People' looking forward to a simple beating"), ou a transformação do single "Thank You" no lento estertor da faixa final, rebatizada como "Thank You For Talkin' To Me Africa".

Este diagnóstico doloroso e preciso dos males dos Estados Unidos e da própria desintegração espiritual de Sly afastou muitos fãs e marcou o início da derrocada embalada por drogas do artista. O álbum permanece, porém, brilhante, um grito funky e machucado de uma alma sob extrema tensão. **SC**

"Nunca vamos nos vender."

Sly Stone, 1970

Lista de músicas

▶	01	**Luv 'N' Haight** (Stewart)	4:01
	02	**Just Like A Baby** (Stewart)	5:10
	03	**Poet** (Stewart)	3:00
▶	04	**Family Affair** (Stewart)	3:04
	05	**Africa Talks To You "The Asphalt Jungle" There's A Riot Goin' On** (Stewart)	8:45
	06	**Brave And Strong** (Stewart)	3:28
▶	07	**(You Caught Me) Smilin'** (Stewart)	2:53
▶	08	**Time** (Stewart)	3:01
	09	**Spaced Cowboy** (Stewart)	3:57
▶	10	**Runnin' Away** (Stewart)	2:55
▶	11	**Thank You For Talkin' To Me Africa** (Stewart•Stone)	7:13

Marvin Gaye | What's Going On (1971)

Selo | Tamla
Produção | Marvin Gaye
Projeto gráfico | Curtis McNair
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:46

Como se pode ser sexy e sorrir quando se tem o peso do mundo sobre os ombros? Como transformar a tragédia em triunfo? E como, ainda por cima, revolucionar a música soul? A resposta é simples: sendo Marvin Gaye.

Abalado pela morte da parceira de palco Tammi Terrel, cada vez mais dominado pelas drogas e desesperado para ampliar os limites do estilo musical pelo qual havia se tornado famoso – um soul doce, de canções curtas –, Gaye tinha como tábua de salvação seu humor e seu extraordinário talento. Ambos se sobressaem num álbum que, em mãos menos habilidosas, poderia se tornar facilmente uma chatice autojustificativa.

Não é possível descrever com justiça *What's Going On*. O disco flui e reflui entre a ironia da faixa-título e ondas de gospel e jazz (do tipo relaxante) – e, então, explode em "Mercy, Mercy Me (The Ecology)" e se encerra com a inquietante "Inner City Blues (Make Me Wanna Holler)".

Smokey Robinson o considerou o melhor álbum de todos os tempos, mas a Motown não via como uma suíte com uma forte conotação política, ainda que saborosa, poderia se traduzir em sucesso. É certo que o disco não trazia os sentimentos melosos dos hits de Gaye da década de 60 – mas, hoje, soa como uma evolução natural de letras maravilhosas como a de "You're All I Need To Get By" e da sofisticação musical de "I Heard It Through The Grapevine". Os três singles que ficaram entre os 10 Mais e 30 anos de vendas impressionantes justificavam a ameaça de Gaye, na época, de não gravar mais nada para a Motown se o álbum não fosse lançado.

Como escreveu Gaye, "You don't have to be told how groovy it is, or which tunes you should dig, or how great his or her majesty is..." ("Você não precisa que digam como isso é legal, quais músicas você deve ouvir ou como Sua Majestade é grandiosa..."). **BM**

"Temos de encontrar o Senhor... Que outras armas temos para lutar contra as forças do ódio e do mal?"

Marvin Gaye, 1971

Lista de músicas

▶	01	**What's Going On** (Benson • Cleveland • Gaye)	3:53
	02	**What's Happening Brother** (Gaye • Nyx)	2:43
	03	**Flyin' High (In The Friendly Sky)** (Gaye • Gordy Gaye • Stover)	3:50
	04	**Save The Children** (Benson • Cleveland • Gaye)	4:03
	05	**God Is Love** (Gaye • Gordy Gaye • Nyx • Stover)	1:42
▶	06	**Mercy Mercy Me (The Ecology)** (Gaye)	3:16
	07	**Right On** (DeRouen • Gaye)	7:32
	08	**Wholy Holy** (Benson • Cleveland • Gaye)	3:08
▶	09	**Inner City Blues (Make Me Wanna Holler)** (Gaye • Nyx)	5:39

Yes
The Yes Album (1971)

Selo | Atlantic
Produção | Eddie Offord • Yes
Projeto gráfico | Jon Goodchild
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:56

O terceiro álbum do Yes nasceu em março de 1971, ao mesmo tempo que estourava a guerra entre a Índia e o Paquistão. O quinteto havia perdido o guitarrista Peter Banks, que foi substituído por Steve Howe, do Bodast, e foi para Devon, na Inglaterra, gravar o disco. Sob pressão da Atlantic para fazer sucesso, o grupo passou dois meses numa fazenda perto de Ilfracombe, trabalhando num novo tipo de som. O Yes não conseguiu lançar o LP na data inicialmente marcada, 15 de junho, e o grupo ensaiou à exaustão para revelar sua nova harmonia a três vozes – como se pode ouvir no agudo celestial de Anderson em "Sweet Dreams" – no Lyceum londrino, em julho. Chris Welch, da *Melody Maker*, afirmou que sua música era "maravilhosa", e, em novembro, o Yes já tinha gravado o staccato e o tour de force de guitarra e órgão de "Yours Is No Disgrace" (com um solo agressivo de Howe como uma resposta ao Vietnã) e a fantasia a capela de "I've Seen All Good People".

A banda, auxiliada pelo engenheiro de som Eddie Offord, refinou o som no estúdio Advision, em Londres, culminando na monumental "Starship Trooper". O álbum ostenta múltiplas mudanças de ritmo, clima e estilo, com vocais fabulosos, a guitarra leve de Howe (que se destaca quando usa a pedal steel, à la Chet Atkins, em "The Clap", uma das preferidas do público nos shows do grupo), a percussão precisa de Bruford, a força de Squire no baixo e os crescendos do órgão arrasador de Kaye. O piano enxuto de "Perpetual Change" e a intensa "Würm" diversificam o tom. O sétimo lugar nas paradas britânicas marcou a transposição do Yes do psych-rock para o rock progressivo, tornando o álbum um padrão de referência do gênero. **TJ**

The Bee Gees
Trafalgar (1971)

Selo | Polydor
Produção | Robert Stigwood
Projeto gráfico | Nicholas Pocock
Nacionalidade | Austrália • Inglaterra
Duração | 44:19

Os Bee Gees tinham passado alguns anos sem lançar disco algum antes de *Trafalgar*, mas a qualidade deste fez valer a espera. Gravado entre janeiro e abril de 1971, o álbum mostrou que os irmãos Gibb podiam trabalhar em harmonia de novo.

Algumas coisas haviam mudado com a reformulação da banda. Eles eram agora muito mais exigentes em relação aos créditos de música e letra. Robin – que provou seu talento, durante os dois anos de separação, com o magnífico *Robin's Reign* – exerceu seu direito de só cantar e, assim, seu nome não aparece em metade do álbum.

Primeiro, as más notícias: "Don't Wanna Live Inside Myself" se parece muito com "While My Guitar Gently Weeps" e a fúnebre "Dearest", de Robin, é horrenda. Mas o resto é puro brilho pop. As duas canções de Maurice comprovam que ele havia finalmente se revelado um grande compositor. "Lion In Winter" é de um experimentalismo contagiante – muito de seu efeito se deve à bateria, com o ritmo aumentando de forma épica no final. As letras – em geral, de um sentimentalismo bizarro – são um grande destaque: "Now I feel as good as if I were dead" é uma jóia, mas "Somebody crown the clown with the red baloon" é ainda melhor. O single "How You Can Mend A Broken Heart" chegou ao primeiro lugar nos Estados Unidos.

A capa reproduz a estranheza típica do grupo no início dos anos 70: os Bee Gees encenam a morte de Nelson, enquanto o novo integrante, Geoff Bridgeford, lê a revista em quadrinhos *Beezer*. O pai dos Gibbs, Hugh, aparece no quadro porque, por acaso, ele estava "por ali". **DN**

The Who
Who's Next (1971)

Selo | Track
Produção | Glyn Johns • The Who
Projeto gráfico | John Kosh
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:21

Este é o álbum mais vendido do The Who – e, do ponto de vista de seu líder, Pete Townshend, o melhor. Mas foi fruto de uma crise: *Lifehouse*, o álbum seguinte ao conceitual *Tommy*, tinha fracassado, depois de meses de trabalho, porque ninguém, à exceção de seu autor, o compreendeu. A foto de Ethan A. Russel para a capa de *Who's Next* faz uma brincadeira com o filme *2001: Uma Odisséia No Espaço*, mas também serviu como uma mostra da grandiosidade da ambição da própria banda (uma idéia rejeitada para a capa era mostrar Keith Moon num espartilho, segurando um chicote).

Humilhado, Townshend foi convencido a incluir as melhores canções num álbum que não contasse qualquer história. Algumas eram difíceis, como "Bargain"; outras, contagiantes, como "Getting In Tune"; uma – a divertida "My Wife", do baixista John Entwistle – não tinha nada a ver com *Lifehouse* (a mulher em questão, garantiu Entwistle, não se ofendeu: não foi atrás dele – mas seus advogados, sim).

Muito acima do resto paira o trio dos melhores hinos do hard rock. "Baba O'Riley" – uma junção dos nomes do guru de Townshend, Meher Baba, e do compositor vanguardista Terry Riley – é uma mistura sublime de sintetizador e guitarra; "Behind Blue Eyes" é um modelo de poesia com atitude e "Won't Get Fooled Again" é simplesmente monstruosa.

As três fizeram parte do repertório do The Who no show pós-11 de setembro no Madison Square Garden, chamado The Concert for New York. Foi a apresentação mais aplaudida da noite, o que mostra como, mesmo depois de décadas, as músicas e o grupo continuam grandiosos. **BM**

Carole King
Tapestry (1971)

Selo | Ode
Produção | Lou Adler
Projeto gráfico | Roland Young
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:09

Carole King havia entrado para o panteão pop, durante os anos 60, numa legendária parceria com seu então marido, Gerry Goffin, como autora de vários sucessos gravados por diferentes artistas. Mas se reinventou de forma dramática e surgiu como uma estrela solo com este álbum marcante.

A capa é claramente doméstica – King, de jeans, bordado nas mãos, com seu gato em primeiro plano – e seu clima caseiro se reflete na produção despojada e nos arranjos. Os vocais sem enfeites de King variam entre estridentes e pesados ("I Feel The Earth Move"), melancólicos ("So Far Away"; "Home Again") e divertidos ("Smackwater Jack"). Músicas como "Will You Still Love Me Tomorrow" e "(You Make Me Feel Like) A Natural Woman" já tinham sido gravadas pelas Shirelles e por Aretha Franklin, respectivamente. Mas as versões nuas de King – em especial da primeira, que ela canta com uma tocante tristeza – são releituras que valeram a pena.

A qualidade absoluta do disco não demorou a dar frutos. A honestidade dolorida de "It's Too Late" garantiu a King o primeiro lugar nos Estados Unidos. O álbum ficou no topo das paradas americanas durante 15 semanas seguidas, vendendo mais de 15 milhões de cópias no mundo inteiro.

Há uma tradição não escrita nos Estados Unidos de que os calouros têm de conhecer Simon e Garfunkel – as reflexões literárias, muitas vezes melancólicas, da dupla parecem casar com a cabeça dos universitários. No mesmo espírito, *Tapestry* deveria fazer parte do currículo do primeiro ano, como exemplo de uma artista empenhada em deixar seu próprio legado, mas fazendo o público se sentir em casa. **YK**

Isaac Hayes | Shaft (1971)

Selo | Stax
Produção | Isaac Hayes
Projeto gráfico | The Graffiteria
Nacionalidade | EUA
Duração | 69:35

Rififi no Harlem estreou nas telas primeiro, mas *Shaft* foi o precursor indiscutível do cinema blaxploitation do início dos anos 70. De enorme sucesso na época, sua trilha sonora ainda faz com que o filme seja um dos símbolos mais lembrados da época.

O compositor, produtor e arranjador Isaac Hayes criou todo o tema musical, seu maior feito numa carreira durante a qual ele escreveu, em parceria com Dave Porter, cerca de 200 hits para a Stax Records. A trilha sonora de *Shaft*, gravada nos estúdios da Stax, com a batida burilada dos Bar-Kays e as orquestrações tórridas dos Memphis Strings And Horns, é uma sofisticada mistura da extensa variedade do conhecimento musical de Hayes, o som de Memphis de A a Z. Ele também canta e toca vibrafone, órgão e piano elétrico.

A coisa começa com estilo, numa abertura de quatro minutos de um soul arrogante e sinfônico, recheado de um sensual vocal rap, címbalos e uma hipnótica wah-wah. A dinâmica majestosa de "Theme From Shaft" é uma ode à virilidade de *Shaft*, esculpindo o modelo para todos os sucessos do cinema blaxploitation e influenciando Barry White e Gamble And Huff's Philly Sound. "Soulsville" é uma típica balada lenta de Hayes, enquanto os Bar-Kays esticam "Do Your Thing" para 20 minutos de um épico funk, sem nunca perder o ritmo. O resto do álbum é um triunfo da mood music e um tributo ao talento de Hayes como arranjador.

"Theme From Shaft" disparou para o topo das paradas americanas, garantindo a Hayes seu único primeiro lugar. O álbum duplo ganhou o Oscar de melhor trilha sonora e se tornou o disco de venda mais rápida da história da Stax. **JG**

"Minha música é muito honesta."

Isaac Hayes, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Theme From Shaft** (Hayes)	4:37
	02	**Bumpy's Lament** (Hayes)	1:49
▶	03	**Walk From Regio's** (Hayes)	2:22
	04	**Ellie's Love Theme** (Hayes)	3:15
	05	**Shaft's Cab Ride** (Hayes)	1:07
	06	**Cafe Regio's** (Hayes)	6:09
	07	**Early Sunday Morning** (Hayes)	3:47
	08	**Be Yourself** (Hayes)	4:27
	09	**A Friend's Place** (Hayes)	3:21
	10	**Soulsville** (Hayes)	3:47
	11	**No Name Bar** (Hayes)	6:09
	12	**Bumby's Blues** (Hayes)	4:04
	13	**Shaft Strikes Again** (Hayes)	3:04
▶	14	**Do Your Thing** (Hayes)	19:38
	15	**The End Theme** (Hayes)	1:59

The Allman Brothers Band | At Fillmore East (1971)

Selo | Capricorn
Produção | Tom Dowd
Projeto gráfico | Jim Marshall
Nacionalidade | EUA
Duração | 76:26

Os Allman Brothers, liderados pelo visionário guitarrista Duane Allman e seu irmão mais novo Gregg, cantor e organista, inventaram e transcenderam o rock sulista. Baseado em Macon, na Geórgia, o sexteto original contava também com o guitarrista Dicky Betts, o baixista Berry Oakley e dois bateristas, Jai Johanny Johanson e Butch Trucks. Eram famosos por suas extensas improvisações ao vivo, em que evoluíam dentro de um mistura sinfônica de rock, blues, country, soul e jazz. Depois do fracasso dos dois primeiros discos, gravados em estúdio, a solução óbvia era um álbum ao vivo.

O repertório dos dois LPs de *At Fillmore East* foi reunido pelo produtor Tom Dowd a partir de dois shows feitos pelo grupo em março de 1971, em Nova York. O disco começa com três versões convincentes de R&B, mas muda de rumo no lado B: uma interpretação de 19 minutos, com variações de tempo, de "You Don't Love Me", de Willie Cobb. Parece mais telepatia do que boogie. Se um milhão de bandas fizer um milhão de apresentações, nenhuma vai conseguir igualar a mágica interligação feita pelos Allman entre "Hot 'Lanta" e "In Memory Of Elizabeth Reed". "Whipping Post" ocupa um lado inteiro de um dos LPs e faz a platéia vir abaixo. Com uma crescente tensão, quase física, esse lamento gótico do Sul dos Estados Unidos ganhou uma das maiores performances de todos os tempos na história do rock de raiz.

At Fillmore East lançou os Allmans e chegou ao 13º lugar na *Billboard*, mas foi também o canto do cisne da formação clássica do grupo. Em 29 de outubro daquele ano, Duane, aos 24 anos, morreu num acidente de motocicleta a caminho da casa de Berry Oakley. Outra tragédia aconteceu no ano seguinte, em 12 de novembro, quando Oakley morreu da mesma forma e com a mesma idade, a apenas três quarteirões do local onde seu ídolo havia falecido. **MA**

"Entrei num certo estado de revolta. Eu pensava: se outros conseguem compor, vamos ver se eu consigo. Então sentei e comecei a escrever."

Gregg Allman, 1997

Lista de músicas

01	**Statesboro Blues** (McTell)	4:08
02	**Done Somebody Wrong** (James•Levy•Lewis)	4:05
03	**Stormy Monday** (Walker)	8:31
▶ 04	**You Don't Love Me** (Cobbs)	19:06
▶ 05	**Hot 'Lanta** (D. Allman•G. Allman•Betts Johanson•Oakley•Trucks)	5:10
▶ 06	**In Memory Of Elizabeth Reed** (Betts)	12:46
▶ 07	**Whipping Post** (Allman)	22:40

The Rolling Stones | Sticky Fingers (1971)

Selo | Rolling Stones Records
Produção | Jimmy Miller
Projeto gráfico | Craig Braun • Andy Warhol
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:06

Sticky Fingers foi o primeiro LP lançado pelos Rolling Stones por seu próprio selo e o primeiro a apresentar ao mundo a famosa logomarca da língua de fora, desenhada por John Pasche – e o primeiro a chegar ao topo das paradas dos Estados Unidos e da Inglaterra ao mesmo tempo.

As raízes do álbum estão no início de 1969, quando os Stones gravaram a base musical de "Brown Sugar", "Wild Horses" e do blues rural "You Gotta Move", no Muscle Shoals Sound Studios. Essas faixas dão ao álbum um tom relaxado, numa mistura de blues, country e soul no estilo do Sul.

A música que abre o disco, "Brown Sugar", gira em torno de um irresistível riff de guitarra que tornou a canção um megassucesso mundial e um item obrigatório em festas, apesar de sua letra extremamente controvertida. "Bitch" entrelaça o sax de Bobby Keyes e o trompete de Jim Price com outro emocionante riff de guitarra. O naipe de metais se destaca novamente em "I Got The Blues", que evoca a paixão da banda pelas baladas de Otis Redding, enquanto Billy Preston acrescenta um toque de gospel com o órgão. O álbum está cheio de referências explícitas a drogas – como em "Sister Morphine", uma parceria com Marianne Faithful, que conta uma história sombria sobre o vício. A influência de Gram Parsons, amigo de Keith Richards, pode ser sentida nas duas canções country do álbum – a linda balada "Wild Horses" e a irônica "Dead Flowers".

O guitarrista Mick Taylor brilha, num estilo que lembra Carlos Santana, em "Can't You Hear Me Knocking". "Moonlight Mile" traz um vocal emocionante de Jagger, ancorado por um generoso arranjo de cordas de Paul Buckmaster.

A capa de Andy Warhol, que mostra uma pélvis masculina envolta em jeans, vinha originalmente com um zíper, num arremate obsceno perfeito para um álbum dos Stones. **JoH**

"Usamos metais pela primeira vez em *Sticky Fingers* – por influência de gente como Otis Redding e James Brown."

Charlie Watts, 2003

Lista de músicas

▶	01	**Brown Sugar** (Jagger•Richard)	3:49
	02	**Sway** (Jagger•Richard)	3:51
▶	03	**Wild Horses** (Jagger•Richard)	5:42
	04	**Can't You Hear Me Knocking** (Jagger•Richard)	7:14
	05	**You Gotta Move** (Davis•McDowell)	2:32
▶	06	**Bitch** (Jagger•Richard)	3:36
	07	**I Got The Blues** (Jagger•Richard)	3:52
▶	08	**Sister Morphine** (Faithfull•Jagger•Richard)	5:31
▶	09	**Dead Flowers** (Jagger•Richard)	4:03
	10	**Moonlight Mile** (Jagger•Richard)	5:56

John Lennon | Imagine (1971)

Selo | Apple
Produção | John Lennon • Yoko Ono • Phil Spector
Projeto gráfico | Yoko Ono
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:20

Depois das confissões existenciais de seu álbum solo de estréia, *Plastic Ono Band*, o ex-beatle precisava de um sopro de utopia, uma pitada de esperança. Isso, somado à variada musicalidade do disco, garantida por um elenco de estrelas – George Harrison, Klaus Voorman, Nicky Hopkins, Jim Keltner, Alan White, King Curtis e alguns integrantes do Badfinger –, fez de *Imagine* um enorme hit, que chegou ao primeiro lugar nas paradas dos Estados Unidos e da Inglaterra, exatamente quando Lennon e Yoko Ono estavam se mudando para a América.

Imagine, produzido por Phil Spector no estúdio que Lennon havia construído em sua mansão inglesa, Tittenhurst, traz a canção pela qual o mundo se lembra da personalidade mais interessante dos Beatles, um hino à fé do homem num mundo melhor, mesmo diante de uma realidade desesperadora. O álbum também contém algumas das melhores canções de amor já feitas por um homem para uma mulher – "Oh My Love" e "Jealous Guy" – e, ainda, sua parcela de puro rock 'n' roll, ao estilo de Lennon, como no protesto político de "Gimme Some Truth" e na diatribe contra McCartney, "How Do You Sleep?".

Algumas faixas lembram temas introspectivos do passado, como "Crippled Inside" ou "How?", mas o novo eixo central de vida descoberto por John em Yoko e também a produção de Spector – orquestrada mas, ainda assim, áspera – fizeram de *Imagine* seu disco mais equilibrado e bem realizado.

Trata-se do auto-retrato de um homem sensível e, ao mesmo tempo, agressivo, inseguro e arrojado, introspectivo mas socialmente atento. Só a faixa-título, um trabalho de incrível simplicidade (lançada quatro anos depois na Inglaterra, chegou ao primeiro lugar – claro), vai chamar a atenção para esta obra-prima imortal por gerações e gerações. **IJ**

"Você pode construir seu próprio sonho. Essa foi a história dos Beatles, não foi?"

John Lennon, 1980

Lista de músicas

▶	01	**Imagine** (Lennon)	3:04
	02	**Crippled Inside** (Lennon)	3:49
▶	03	**Jealous Guy** (Lennon)	4:15
	04	**It's So Hard** (Lennon)	2:26
	04	**I Don't Wanna Be A Soldier** (Lennon)	6:08
▶	06	**Gimme Some Truth** (Lennon)	3:16
▶	07	**Oh My Love** (Lennon•Ono)	2:45
	08	**How Do You Sleep?** (Lennon)	5:36
▶	09	**How?** (Lennon)	3:42
	10	**Oh Yoko!** (Lennon)	4:19

BASF

The Beach Boys
Surf's Up (1971)

Selo | Brother
Produção | The Beach Boys
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:57

Como muitos dos álbuns dos Beach Boys, *Surf's Up* não é fácil de avaliar em termos estritamente críticos. Lançado em 1971, representava a obra de uma banda rompida por dissidências internas e pelo lento eclipse da sanidade mental de Brian Wilson.

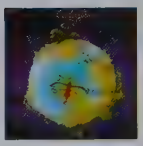
A ambigüidade começa na primeira faixa. Assim que se descarta "Don't Go Near The Water" como apenas um alerta ecológico, vem "Long Promised Road", de Carl Wilson, com sua firmeza e um lindo coro, e sem qualquer ironia em suas linhas. O misticismo de "Feel Flows" também é arrebatador.

Há ainda momentos de uma clareza emocional sublime. A falsa ingenuidade de "Take A Load Off Your Feet" não está bem realizada, mas é só pular para a nostálgica "Disney Girls (1957)" para você se lembrar como era ter 10 anos de idade. Com outra banda, essa música seria uma bobagem piegas, mas os Beach Boys, quando estavam em grande forma, possuíam o dom inigualável de chegar a um nível muito alto de qualidade.

O rumo um tanto errático e nem sempre brilhante do álbum se mostra, por exemplo, em "Student Demonstration Time". A melodia de Leiber e Stoller ganhou uma nova letra, de Mike Love, tentando atingir um nervo sensível com uma espécie de R&B sarcástico sobre direitos civis, mas não deu certo. Da mesma forma, a esquisita "A Day In The Life Of A Tree" – embora melódica – soa mais como fruto de um surto psicótico do que de genialidade.

A profunda solidão de "'Till I Die" e a grandeza decadente da faixa-título dão ao álbum o final soberbo que ele merece. **JDi**

Yes
Fragile (1971)



Selo | Atlantic
Produção | Eddie Offord • Yes
Projeto gráfico | Roger Dean
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:52

Depois de uma turnê com o Iron Butterfly, de abril a dezembro de 1971, Jon Anderson e Chris Squire procuraram desenvolver um som a partir da inovação trazida por novos tipos de sintetizador. Tony Kaye, no entanto, preferia o órgão Hammond, o que (além das brigas com Steve Howe) o levou a sair da banda em agosto, na mesma época em que Wakeman havia deixado os Strawbs – e ele trouxe ao Yes um novo conceito de virtuosismo e exibicionismo. O baterista Bill Bruford estava inseguro com a idéia fixa de Anderson e Squire de fazer a melhor banda do mundo, mas as sessões, realizadas na parte de cima de um bordel no Shepherds Market, em Londres, foram muito produtivas (gerando quatro gravações em grupo, para complementar cinco solos).

Embora não seja creditado na capa por problemas autorais, Wakeman participou da primeira sessão, quando foram gravados os movimentos doces e sinuosos dos teclados e da guitarra da extasiante "Roundabout" e os vocais oníricos e intensos de "Heart Of The Sunrise". O jazz-psych visceral de "South Side Of The Sky" é outra história épica que surgiu nas cinco semanas de ensaios antes das gravações, em setembro, no estúdio Advision, onde o Yes aumentou absurdamente o volume. O engenheiro de som Eddie Offord editou horas de gravação em algumas linhas, e os fãs puderam entrar no estúdio, em grupos de 20, para assistir a esse trabalho. O misticismo lírico de Anderson está presente no cântico de "We Have" e o projeto gráfico da capa de Dean captura o mundo fragmentado que está no cerne do conceito do álbum. O disco foi incensado pela crítica e ficou entre os 10 Mais nos Estados Unidos e na Inglaterra, marcando o Yes, nas palavras de Jon, como "uma banda do povo" – quer dizer, um povo que amava a música mais complexa. **TJ**

The Doors
L.A. Woman (1971)

Selo | Elektra
Produção | Bruce Botnick • The Doors
Projeto gráfico | Carl Cossick
Nacionalidade | EUA
Duração | 48:51

Quando todo mundo pensava que o The Doors ia desaparecer no túnel escuro e claustrofóbico de sua própria pretensão, veio *L.A. Woman*.

De repente, a pompa lisérgica e depressiva da banda se metamorfoseou num estilo bem-humorado, expansivo e menos intenso. A *Rolling Stone* afirmou: "O The Doors nunca foi tão unido, tão parecido com os Beach Boys e o Love." Com o acréscimo de Jerry Scheff no baixo e Marc Benno na rhythm guitar, o som do grupo se tornou mais completo e preciso.

Jim Morrison tinha se transformado de um esquálido xamã do acid rock numa carismática figura bêbada e grosseira. Quando grita o refrão desafiador de "The Changeling", dá para sentir que ele ultrapassou um limite pessoal para se tornar um intérprete mais livre e menos posado.

Há um novo tom divertido no álbum. "Love Her Madly", um hino à paixão obsessiva, ganha uma energia infantil, saltitante, graças ao trabalho espirituoso de Ray Manzarek nos teclados. E "Hyacinth House" está imbuída do melodrama típico do cinema mudo. A exuberante faixa-título coroa o disco, numa viagem pesada através da Cidade dos Anjos. Morrison berra, exultante, os orgásticos versos de "Mr. Mojo Risin'", e a banda sai dos trilhos e voa.

As altas temperaturas de "L.A. Woman" e "Crawling King Snake" levam um balde de água fria com "Cars Hiss By My Window", com seu clima de motel barato, e "Riders On The Storm", que traz o disco de volta ao território clássico do The Doors – uma paisagem árida habitada por fantasmas e alucinações de mescalina. **JDi**

Can
Tago Mago (1971)

Selo | United Artists
Produção | Can
Projeto gráfico | Ulli Eichburger
Nacionalidade | Alemanha • Japão • Polônia
Duração | 73:30

Quando o vocalista Malcolm Mooney saiu do grupo, logo depois do lançamento do álbum de estréia do Can, *Monster Movie*, em 1969, o baixista Holger Czukay e o baterista Jaki Leibezeit cruzaram por acaso, em Munique, com o músico de rua japonês Damo Suzuki e o convidaram para se apresentar com a banda naquela noite. Os vocais flexíveis de Suzuki – que iam do sussurro tranqüilo a gritos selvagens – puseram a platéia de 1,5 mil pessoas para correr do show.

Tago Mago começa com as suaves melodias orientais de "Paperhouse", o som quase alienígena de "Mushroom" e os vocais invertidos, misteriosos e explosivos de "Oh Yeah". Depois desse início impressionante, vem o ritmo inesgotável de "Halleluwah" (sampleada pelo Primal Scream em "Kowalski", de 1975), que traz o guitarrista de funk alemão Michael Karoli e os tape loops de Czukay, junto com blues piano, violinos torturantes e muito barulho, até estourar num clímax psicodélico.

"Aumgn", inspirada em Aleister Crowley, leva o experimentalismo ao extremo. O vocal mantra do tecladista Irmin Schmidt é envolvido por um ambiente sinistro. A faixa de encerramento, "Bring Me Coffee Or Tea", é um alívio, depois de todos esses testes de resistência musical.

O Can, ao lado de grupos como Kraftwerk e Faust – que faziam uma fusão entre os primeiros experimentos eletrônicos de Stockhausen e o art rock do The Velvet Underground –, mostrou que as bandas de rock da Alemanha estavam começando a achar uma identidade própria, sem recorrer a imitações de artistas americanos e britânicos. Mesmo depois de 30 anos, *Tago Mago* soa contemporâneo e gloriosamente radical. **CSh**

Elton John | Madman Across The Water (1971)

Selo | DJM
Produção | Gus Dudgeon
Projeto gráfico | David Larkham
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:17

Elton John era tão dedicado ao trabalho, ou tão aprisionado pelo seu contrato com a gravadora, que lançou cinco álbuns em 18 meses, a partir de abril de 1970 – com a ressalva de que um era a trilha sonora de um filme e outro, a gravação de um show. *Madman...*, que foi gravado de fevereiro a agosto de 1971, foi seu quarto álbum e não incluiu grandes sucessos em single. Mesmo assim, ficou nas paradas americanas durante quase um ano – e, inversamente, foi um de seus discos de menor sucesso na Inglaterra. Foi também o primeiro LP de Elton John a apresentar o guitarrista Davey Johnstone (ex-Magna Carta), que, a partir do início de 1972, se tornaria integrante permanente de sua banda – na qual continua, mais de 30 anos depois, assim como o baterista Nigel Olsson. Entre os músicos que participaram da gravação estão Rick Wakeman (teclados), Herbie Flowers (baixo) e Chris Spedding (guitarra). Não é surpresa que, com a presença de Wakeman, haja um sopro de rock progressivo, enquanto os ricos arranjos de cordas de Paul Buckmaster servem para expandir ainda mais o som.

A melhor canção do álbum está no início: "Tiny Dancer", em que Bernie Taupin fala sobre sua primeira mulher, Maxine Feibelman. Esta música e outra balada – a lírica mas obscura "Levon" – entraram na lista dos 40 singles mais vendidos dos Estados Unidos – um feito, já que têm uma duração pouco comercial.

Taupin afirmou certa vez que a faixa-título – um retrato desconcertante da insanidade, numa linha introspectiva que permeia boa parte do álbum – tinha a duvidosa reputação de ser sua letra menos compreendida. Muita gente achou que era sobre o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon. Embora tenha descartado essa idéia, Taupin nunca ofereceu uma explicação alternativa. **JT**

"A principal lembrança que tenho desse disco é simples (...) é a de dirigir por aquelas vias expressas de Los Angeles, ouvindo o rádio do carro."

Bernie Taupin, 1992

Lista de músicas

▶	01	**Tiny Dancer** (John • Taupin)	6:17
▶	02	**Levon** (John • Taupin)	5:22
	03	**Razor Face** (John • Taupin)	4:44
▶	04	**Madman Across The Water** (John • Taupin)	5:57
	05	**Indian Sunset** (John • Taupin)	6:46
	06	**Holiday Inn** (John • Taupin)	4:16
	07	**Rotten Peaches** (John • Taupin)	4:58
	08	**All The Nasties** (John • Taupin)	5:09
	09	**Goodbye** (John • Taupin)	1:48

Dolly Parton | Coat Of Many Colors (1971)

Selo | RCA Victor
Produção | Bob Ferguson
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 27:35

Dolly Parton deixou sua vila de mineiros nos Apalaches, rumo a Nashville, em 1965. Em duas semanas, ela conseguiu um contrato com uma gravadora; em dois anos, um hit. Em 1970, Dolly já colecionava tantos sucessos que a RCA lançou um álbum com seus melhores singles, mas foi *Coat Of Many Colors*, de 1971 – um disco só de canções próprias –, que a firmou como uma das cantoras e compositoras mais originais da música country.

Na faixa-título, Parton fala da pobreza do campo não como uma experiência trágica, mas como algo que une uma família – seu casaco de retalhos foi costurado por sua mãe com tanto amor que Dolly se sentia abençoada. O álbum continua nesse tema, cada canção repleta de experiência de vida e de sabedoria caseira. A voz de soprano de Parton força um vibrato agudo quando a paixão a domina – ela é uma cantora muito convincente – e o time de músicos de Nashville que a acompanha mostra um toque de mestre, decorando cada música com linhas fluidas e melódicas.

Coat Of Many Colors é um modelo de economia. Suas 10 canções duram menos de 30 minutos e os sentimentos expressados contribuíram para reafirmar os valores de uma classe de trabalhadores rurais brancos que se achava cada vez mais alienada pelo pop e pelo rock. A capa do álbum, que traz o retrato de uma menina num tipo de pintura muito popular antes de surgir a fotografia, mais uma vez reflete as raízes de Parton. O público já amava Dolly, mas *Coat Of Many Colors* ganhou a simpatia dos críticos, que perceberam estar lidando com uma cantora e compositora de grande talento.

Parton, mais adiante, se mostrou uma das artistas mais conscientes e constantes do showbiz. *Coat Of Many Colors* continua sendo sua obra-prima. **GC**

"É uma lembrança dos bons e velhos dias de uma época difícil."

Dolly Parton, 1973

Lista de músicas

▶	01	**Coat Of Many Colors** (Parton)	3:06
▶	02	**Traveling Man** (Parton)	2:42
	03	**My Blue Tears** (Parton)	2:18
	04	**If I Lose My Mind** (Parton • Wagoner)	2:31
▶	05	**The Mystery Of The Mystery** (Parton • Wagoner)	2:29
▶	06	**She Never Met A Man She Didn't Like** (Parton)	2:43
	07	**Early Morning Breeze** (Parton)	2:56
	08	**The Way I See You** (Parton • Wagoner)	2:48
	09	**Here I Am** (Parton)	3:21
	10	**A Better Place To Live** (Parton)	2:41

Don McLean | American Pie (1971)

Selo | EMI
Produção | Ed Freeman
Projeto gráfico | George S. Whiteman
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:16

Quando Buddy Holly morreu num acidente aéreo, em fevereiro de 1959, Don McLean era um entregador de jornais de 13 anos. As manchetes que ele leu plantaram as sementes para sua melhor música, um épico de oito minutos e meio que chegou ao primeiro lugar das paradas americanas e, por sua duração e referências obscuras – no estilo de Bob Dylan, Mick Jagger e os Beatles –, pode ser visto como uma elegia aos anos 60.

A faixa eclipsou injustamente o segundo single retirado do álbum, "Vincent", que chegou ao topo das paradas inglesas em meados de 1972. Era também uma música inspirada por uma figura lendária, o pintor holandês Vincent Van Gogh, que, atormentado por seus demônios interiores, em sua busca da perfeição, cortou parte de uma orelha. Todas as músicas do disco foram escritas por McLean, exceto a tradicional "Babylon", com arranjos dele mesmo, em parceria com Lee Hays, dos Weavers, que ensinou a ele essa arte. Outra faixa, "Crossroads", é muito bem construída – tanto em termos de tema como de música – e merece mais status do que o de estar neste álbum.

"American Pie" foi inspirada num gigante do rock 'n' roll, mas sua raiz está no folk, como se depreende da interpretação acústica, no estilo de Gordon Lightfoot ("Everybody Loves Me, Baby", um rock, é a faixa mais fraca do disco). McLean já tinha trabalhado com o famoso Pete Seeger, mas seu álbum de estréia (que chegou às paradas na esteira de "American Pie") foi, segundo consta, rejeitado por 34 gravadoras, apesar de conter o clássico "And I Love You So" (dizem que McLean se recusou a ceder os direitos autorais para as gravadoras e, assim, foi quem riu por último). **MH**

"O que significa 'American Pie'? Significa que não tenho de trabalhar, se não quiser."

Don McLean, 1998

Lista de músicas

▶	01	**American Pie** (McLean)	8:36
	02	**Till Tomorrow** (McLean)	2:15
▶	03	**Vincent** (McLean)	4:03
▶	04	**Crossroads** (McLean)	3:39
	05	**Winter Wood** (McLean)	3:10
	06	**Empty Chairs** (McLean)	3:27
	07	**Everybody Loves Me, Baby** (McLean)	3:36
	08	**Sister Fatima** (McLean)	2:35
	09	**The Grave** (McLean)	3:14
	10	**Babylon** (Trad., arr. Hays • McLean)	1:41

Emerson, Lake, And Palmer | Tarkus (1971)

Selo | Island
Produção | Greg Lake
Projeto gráfico | William Neal
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:29

Enquanto a Conferência Internacional sobre Crimes de Guerra acontecia em Oslo, em junho de 1971, o Emerson, Lake, And Palmer lançava seu segundo disco: um libelo contra a futilidade da guerra – a capa mostra um tanque-tatu.

O tecladista Keith Emerson, o cantor e baixista Greg Lake e o baterista Carl Palmer começaram a trabalhar em janeiro no conceito criado por Emerson durante uma turnê, parcialmente inspirado pelo compositor argentino Alberto Ginastera e gravado em seis dias de fevereiro.

"Carl estava muito confuso com os diferentes compassos", contou Emerson à *Contemporary Keyboard*. "Ele me disse que gostaria de fazer algo em 5/4 e eu falei que trabalharia com essa idéia. Comecei a compor *Tarkus* a partir daí. Greg não tinha muita certeza de que daria certo. Era muito esquisito. Mas concordou em tentar e, mais tarde, adorou a experiência."

A obra-prima de abertura é marcada por cargas de teclado estridente e percussão ressonante entre "Tarkus" e três temas adversários – o meditativo "Stones Of Years", o embromador "Iconclast" e o mal-humorado "Mass" – antes da derrota para o malvado "Manticore" da mitologia persa (como dão a entender o órgão de catedral e a bateria com phaser).

Essas batalhas deixam o flanco aberto para "Eruption" – os sintetizadores Moog e Hammond de Emerson têm o reforço dos golpes explosivos de Palmer – e para a sublime "Battlefield" e o dramático "Aquatarkus". O lado B traz um certo alívio com o honky tonk de "Jeremy Bender" e o rock 'n' roll de "Are You Ready Eddy?" (escrita para o engenheiro de som Eddie Offord). "Bitches Crystal" e "Infinite Space" são um passeio pelo jazz, enquanto "The Only Way" – um barroco bachiano – questiona a religião.

Este álbum define a grandiosidade do rock progressivo. **TJ**

"As letras falam de revolução... Para onde isso já levou alguém?"

Greg Lake, 1971

Lista de músicas

▶	01	**Tarkus:**	
		a) **Eruption** (Emerson)	
		b) **Stones Of Years** (Emerson•Lake)	
		c) **Iconclast** (Emerson)	
		d) **Mass** (Emerson•Lake)	
		e) **Manticore** (Emerson)	
		f) **Battlefield** (Lake)	
		g) **Aquatarkus** (Emerson)	20:35
	02	**Jeremy Bender** (Emerson•Lake)	1:46
▶	03	**Bitches Crystal** (Emerson•Lake)	3:55
	04	**The Only Way (Hymn)** (Emerson•Lake)	3:48
	05	**Infinite Space (Conclusion)** (Emerson•Palmer)	3:18
	06	**A Time And A Place** (Emerson•Lake•Palmer)	2:57
	07	**Are You Ready Eddy?** (Emerson•Lake•Palmer)	2:10

Led Zeppelin | Led Zeppelin IV (1971)

Selo | Atlantic
Produção | Jimmy Page
Projeto gráfico | Graphreaks
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:34

Levando pelo menos duas gerações de adolescentes a tocar guitarras imaginárias no quarto, *Led Zeppelin IV* praticamente definiu o hard rock e o heavy metal. O álbum tem um pouco de folk music, blues, rock 'n' roll e sons psicodélicos. Mas não há engano: este era também o som de uma banda se preparando para encher estádios.

Faixas cheias de riffs como "Black Dog" e "Rock And Roll" parecem ensurdecedoras perto das meditações mais espirituais de "Misty Mountain Hope" e "Going To California". "Stairway To Heaven" revelou a crescente obsessão do grupo pelo oculto, a religião e a mitologia inglesa (havia rumores de que, se tocada de trás para a frente, a faixa revelaria mensagens satânicas). A performance de Jimmy Page – especialmente os dois ferozes solos de "Stairway To Heaven" (a canção mais tocada, até hoje, nas rádios dos Estados Unidos) – influenciaria legiões de grupos de rock como Aerosmith, Metallica, Guns N' Roses e Tool.

A mística do álbum foi alimentada ainda pela capa, que não contém o nome da banda nem do disco (daí seus apelidos, "Four Symbols" e "Zoso", em referência aos símbolos rúnicos na parte interna).

Isso posto, é bom ressaltar que o disco sofre, se bem que apenas ocasionalmente, de excesso de pretensão. Se o álbum anterior, *...III*, predominantemente acústico, era um pouco mais humilde, este mostra o Led Zeppelin em seu estado mais pomposo, e essa grandiosidade sonora deixou espaço para a banda ser ridicularizada. Cinco anos depois, o heavy metal seria superado pelo punk rock, um anúncio fúnebre para grupos como o Led Zeppelin. Mas isso ainda estava por vir. *Led Zeppelin IV* revela uma banda no auge de seus poderes – e com muita honra. **BW**

"Se o sentimento era bom, não importava se a música estivesse um pouco fora do tom, sem profundidade ou com algumas arestas. A gente mantinha desse jeito, só pelo sentimento."

Robert Plant, 1983

Lista de músicas

▶	01	**Black Dog** (Jones • Page • Plant)	4:57
	02	**Rock And Roll** (Bonham • Jones • Page • Plant)	3:40
	03	**The Battle Of Evermore** (Page • Plant)	5:52
▶	04	**Stairway To Heaven** (Page • Plant)	8:03
▶	05	**Misty Mountain Hope** (Jones • Page • Plant)	4:38
	06	**Four Sticks** (Page • Plant)	4:45
▶	07	**Going To California** (Page • Plant)	3:31
▶	08	**When The Levee Breaks** (Bonham • Jones • Memphis Minnie • Page • Plant)	7:08

Serge Gainsbourg
Histoire De Melody Nelson (1971)

Selo | Philips
Produção | Jean-Claude Vannier
Projeto gráfico | Jean-Yves Billet
Nacionalidade | França
Duração | 27:57

O alter-ego, quase um Mr. Hide, de Serge Gainsbourg, Gainsbarre, é quem dirige o espectáculo neste gloriosamente indecente álbum conceitual, que explora o fascínio do autor pela inatingível heroína adolescente. Claro, esse tipo de heroína não era realmente inatingível para o velho conquistador francês. Na época, o cantor já tinha namorado a deusa sexy Brigitte Bardot, e a linda moça de topless abraçando um macaquinho de pelúcia na capa era a amante de Gainsbourg, Jane Birkin.

Gainsbourg era conhecido fora da França pelos gemidos de Birkin em "Je T'Aime Moi Non Plus". Na esperança de repetir o sucesso, o cantor escalou a namorada e aumentou a temperatura de tal forma que o hit anterior ficou parecendo apenas as preliminares.

Totalmente obcecado pela jovem heroína, ele já entra com malícia na faixa de abertura, "Melody", sussurando as frases num dos funks mais depravados da época. Gainsbourg corteja Birkin com os suaves violinos de "Ballade De Melody Nelson"; depois, parece acompanhado do Sly And The Family Stone em "En Melody", em que Birkin dá gritinhos e gargalhadas (a explicação, na época, foi a de que o irmão estava fazendo cócegas nela).

O álbum fracassou comercialmente, inclusive na França, e muitos críticos apressados o descartaram como uma viagem egocêntrica. Hoje, ele é visto como uma revolucionária fusão do rock de bandas com o estilo orquestral, que influenciou imensamente artistas como Beck, David Holmes e, em particular, Air. **JiH**

Rod Stewart
Every Picture Tells A Story (1971)

Selo | Mercury
Produção | Rod Stewart
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:31

Os The Faces eram, na essência, uma banda de rock 'n' roll: um contraponto fraterno e cheio de empatia à majestade satânica dos Rolling Stones. O grupo teve na voz rouca de Rod Stewart um dos melhores vocais da história da música britânica, capaz de interpretar variados estilos – folk, blues, country, soul – com um fervor intuitivo. Durante poucos e gloriosos anos, a carreira solo de Stewart coexistiu com a boa vontade da banda. Seus companheiros fizeram participações especiais em *An Old Raincoat Won't Ever Let You Down* (1969) e *Gasoline Alley* (1970). *Every Picture Tells A Story* foi o auge desse período fértil e liderou as paradas de sucessos nos Estados Unidos e na Inglaterra.

A faixa-título abre o disco com uma engenhosa instrumentação acústica para um formato hard rock. A história, pouco refinada, de um garoto em busca de sexo ao redor do mundo chega a um clímax de tirar o fôlego com a bateria troglodita de Mick Waller. Em contraste, "Mandolin Wind" é uma balada de incrível ternura, impregnada de pedal steel e compaixão, enquanto "Tomorrow Is A Long Time" coloca Stewart como um dos melhores intérpretes de Dylan.

A releitura, à base de órgão, de "Reason To Believe", de Tim Hardin, foi lançada como single, mas o grande sucesso – número um nas paradas inglesas e americanas – foi o lado B do compacto, a imortal "Maggie May". Embalada por bandolim e violão, essa saga acridoce sobre o amadurecimento traz uma performance impulsora na carreira de Rod, digna de um verdadeiro artista. **MA**

Emerson, Lake, And Palmer | Pictures At An Exhibition (1971)

Selo | Island
Produção | Greg Lake
Projeto gráfico | William Neal
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 53:29

Sempre dispostos a uma entrada triunfal, Emerson, Lake, And Palmer estrearam sua versão rock da obra clássica do compositor russo Modeste Mussorgsky no festival da Ilha de Wight, em 1970, no primeiro autêntico show do grupo.

A capa de William Neal tem um efeito um tanto tranqüilizador – uma série de molduras vazias numa galeria –, totalmente em desacordo com o impacto da música. É ainda mais digno de nota o trabalho de Emerson no sintetizador Moog, uma inovação raramente encontrada fora do estúdio, por causa da imprevisibilidade do equipamento e porque muitas bandas não o consideravam um "instrumento de verdade".

Por ironia, o destaque do disco é uma composição de Lake, "The Sage", programada para outro álbum, mas que se adequou perfeitamente ao clima do show. Essa faixa contém sua melhor gravação ao vivo tocando violão. Por outro lado, "The Hut Of Baba Yaga" mostra Emerson aumentando a velocidade da música no órgão Hammond, com um encorpado trabalho no Moog. Ele muda para um piano boogie-woogie no pastiche de Tchaikovsky feito por B. Bumble And The Stinger, em 1961, chamado "Nut Rocker", e conclui com um estrondo irreverente.

Pictures... foi lançado nos Estados Unidos apenas depois que os níveis de importação do álbum tinham se tornado inacreditáveis – e, com isso, o disco foi para o 10.º lugar na parada da Billboard. Com este álbum, o grupo entrou pela terceira vez em um ano entre os três mais vendidos da Inglaterra, e produziu um som devastador, nos moldes da banda anterior de Keith Emerson, The Nice. Para o bem ou para o mal, uma trilha havia sido aberta. **MH**

Leonard Cohen Songs Of Love And Hate (1971)

Selo | Columbia
Produção | Bob Johnston
Projeto gráfico | John Berg
Nacionalidade | Canadá
Duração | 44:48

Os fracos de coração deviam ter medo de conhecer o repertório de Leonard Cohen – em especial, o de *Songs Of Love And Hate*, uma coleção fascinante de feridas abertas, desprezo constante e amor febril, que se situa entre seus trabalhos mais intensos. A linha entre amor e ódio raras vezes soou tão frágil.

As canções se desenrolam como pequenos contos ou poemas, o que faz sentido, considerando-se o passado de Cohen. Ele já tinha escrito dois romances e era um poeta conhecido muito antes de se tornar um darling do movimento folk e ganhar uma gravadora. Seus dois primeiros álbuns pela Columbia foram aclamados pela crítica e obtiveram um retorno comercial morno. Sua interpretação monocórdica e as letras ricamente literárias fizeram com que fosse visto como uma resposta do Canadá a Bob Dylan. Mas ele mostrou que tinha personalidade própria neste álbum.

A mistura dramática de folk e pop do artista é captada com perfeição, a começar pelo violão que se funde ao suave arranjo de cordas na dolorosa "Avalanche". O clima continua em "Diamonds In The Mine", com seus refrões queixosos sobre lindas harmonias vocais femininas. O amor é um campo de batalha e Cohen, de forma apropriada, batizou sua banda de apoio como "The Army". Mas os melhores momentos do álbum são quando Cohen canta sozinho músicas melancólicas como "Last Year's Man" e "Joan Of Arc". **JiH**

Joni Mitchell | Blue (1971)

Selo | Reprise
Produção | Henry Lewy
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | Canadá
Duração | 35:41

Em seu disco de 1975, *The Hissing Of Summer Lawns*, Joni Mitchell retratava a América suburbana com um olhar objetivo e distanciado. *Blue*, pelo contrário, é tão cru e pessoal que parece uma confissão. Tempos depois, Mitchell declarou que "não tinha qualquer segredo a esconder do mundo" e que "não podia fingir ser forte. Ou feliz". O resultado é um álbum de uma beleza quase dolorosa.

A capa lembra os clássicos da era bebop, com uma foto em dois tons da cantora mergulhada em sombras azuladas. A música, porém, traz menos influências do jazz, tendo como base instrumentos simples de cordas e um piano sem ornamentos. A *Billboard* elogiou sua "voz mais forte e segura", mas o comentário não reflete a emocionante sinceridade da performance vocal de Mitchell neste álbum que vendeu mais de um milhão de cópias.

O foco do disco está nos relacionamentos – suas alegrias frágeis e seus fracassos devastadores. "My Old Man" fala, com uma clareza comovente, da fidelidade numa relação amorosa. "A Case Of You" é um brinde triste e generoso a um amor daqueles que não se esquecem. Apenas a faixa-título trabalha com questões mais amplas, em seu lamento por uma geração que já foi otimista mas, agora, se vê fraca e hesitante.

Mesmo as duas músicas mais alegres, "California" e "Carey", tratam de partidas e despedidas, para climas mais amenos ou para lugares nostálgicos. Mitchell, no entanto, dá uma amostra de sua habilidade em desenhar personalidades em "The Last Time I Saw Richard" – o retrato severo de uma vida em declínio.

Apesar da participação de James Taylor e Stephen Stills nas guitarras, *Blue* não precisa de ninguém além de Mitchell. Ela está sozinha no coração desta obra absolutamente emocionante. **JDi**

"Quando o espírito de uma brincadeira de criança penetra no processo criativo, se torna uma força maravilhosa e algo a ser alimentado."

Joni Mitchell, 2004

Lista de músicas

	01	**All I Want** (Mitchell)	3:32
▶	02	**My Old Man** (Mitchell)	3:33
	03	**Little Green** (Mitchell)	3:25
	04	**Carey** (Mitchell)	3:00
▶	05	**Blue** (Mitchell)	3:00
▶	06	**California** (Mitchell)	3:48
	07	**This Flight Tonight** (Mitchell)	2:50
	08	**River** (Mitchell)	4:00
▶	09	**A Case Of You** (Mitchell)	4:20
▶	10	**The Last Time I Saw Richard** (Mitchell)	4:13

Funkadelic | Maggot Brain (1971)

Selo | Westbound
Produção | George Clinton
Projeto gráfico | David Krieger
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:45

Seus dois primeiros álbuns – o de estréia, em 1970, com um acid rock desvirtuado pela influência do blues, e o segundo, *Free Your Mind And Your Ass Will Follow*, com tintas de psych rock – apresentaram o The Funk como um estilo de vida, uma religião. Este terceiro lançamento mostra o grupo no auge de seus poderes criativos.

A começar pela capa: uma cabeça de mulher, a boca escancarada num grito, brotando da terra. O texto cita ensinamentos da seita satanista Process Church Of The Final Judgment. Depois, a música: feroz e audaciosa, mescla letras arrepiantes ("I have tasted the maggots in the mind of the universe") com uma partitura lúgubre, demente e transcendental. "Na época, as pessoas diziam: 'Vocês não podem fazer isso num disco'", contou o líder George Clinton. "E eu respondia: 'Aposto a sua mãe como eu posso.'"

Gravado no Universal Studios, em Detroit, entre o final de 1970 e o início de 1971, *Maggot Brain* se destacou pela ebulição gospel ("Can You Get To That") e pelos ritmos pulsantes do funk rock ("Super Stupid"). Também bateu fundo com sua aguçada crítica social – "You And Your Folks, Me And My Folks", que ataca furiosamente o racismo, e "Wars Of Armageddon", que aborda as conseqüências traumáticas da Guerra do Vietnã.

Mas a força total do álbum está na faixa-título. Reza a lenda que Clinton descobriu, largado num apartamento em Chicago, o corpo em decomposição de seu irmão, com o crânio arrebentado – daí a expressão "maggot brain" ("cérebro em decomposição"). Ele trancou o guitarrista Eddie Hazel no estúdio com a ordem: "Toque como se sua mãe tivesse acabado de morrer." E foi o que Hazel fez, num solo de guitarra espectral e melancólico, de nove minutos de duração, que eclipsou tudo o que ele e o grupo fizeram, antes e depois. **LW**

"Acho que tenho sorte de ter sobrevivido àquele tempo. Não me lembro de muita coisa, mas sobrevivi."

George Clinton, 1996

Lista de músicas

▶	01	**Maggot Brain** (Clinton • Hazel)	10:18
▶	02	**Can You Get To That** (Clinton • Harris)	2:49
	03	**Hit It And Quit It** (Clinton • Nelson • Shila)	3:48
▶	04	**You And Your Folks, Me And My Folks** (Clinton • Jones • Worrell)	3:35
	05	**Super Stupid** (Clinton • Hazel • Nelson • Ross)	3:56
	06	**Back In Our Minds** (Haskins)	2:37
	07	**Wars Of Armageddon** (Clinton • Fulwood • Ross • Worrel)	9:42

Janis Joplin | Pearl (1971)

Selo | Columbia
Produção | Paul A. Rothchild
Projeto gráfico | Barry Feinstein
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:23

Em sua breve carreira, Janis Joplin parecia estar sempre à beira do precipício da autodestruição. Como Billie Holiday, eram a luta contra o vício em drogas e os relacionamentos apaixonados que faziam seu blues soar tão convincente. Ainda assim, a cantora aparentava estar dando um rumo à sua vida quando entrou no estúdio para gravar *Pearl*. Depois de ganhar o disco de ouro, em 1968, por *Cheap Thrills*, ela saiu da Big Brother e reuniu uma banda mais versátil, a Full Tilt Boogie Band. Janis também parecia ter sossegado e estava noiva. Claro, sossegar em termos relativos. A capa do álbum mostrava Joplin com seus companheiros habituais – a bebida e o cigarro.

Pearl é um belo argumento em favor da idéia de que Joplin poderia ter sido não a maior cantora de blues da época, mas a maior cantora – ponto final. No começo do disco, quando a Full Tilt Boogie toma de assalto a faixa "Move Over" e segue com o lamento de "Cry Baby", Joplin mostra uma impressionante versatilidade vocal, enchendo as palavras de drama e paixão. As modulações de "A Woman Left Lonely" a tornam comparável às grandes divas, como Bessie Smith. Joplin também sabia divertir — basta ouvir "Me And Bobby McGee" e "Mercedes Benz".

Na verdade, a melhor faixa do disco não contém uma palavra cantada por Joplin. Ela foi encontrada morta, de overdose de heroína, num quarto de hotel em Hollywood, antes que tivesse posto os vocais em "Buried Alive In The Blues". Lançado postumamente, *Pearl* chegou ao topo das paradas e consolidou a lenda da cantora para todo o sempre. **JiH**

"Não entendeu? A música é apenas sentir as coisas e ter prazer nelas!"

Janis Joplin, 1968

Lista de músicas

▶	01	**Move Over** (Joplin)	3:43
▶	02	**Cry Baby** (Berns•Ragovoy)	3:58
▶	03	**A Woman Left Lonely** (Oldham•Penn)	3:29
	04	**Half Moon** (J. Hall•J. Hall)	3:53
▶	05	**Buried Alive In The Blues** (Gravenites)	2:27
	06	**My Baby** (Ragovoy•Shuman)	3:45
▶	07	**Me And Bobby McGee** (Foster•Kristofferson)	4:31
▶	08	**Mercedes Benz** (Joplin•McClure•Neuwirth)	1:47
	09	**Trust Me** (Womack)	3:17
	10	**Get It While You Can** (Ragovoy•Shuman)	3:33

Fela Ransome-Kuti And The Africa '70 With Ginger Baker | Live! (1971)

Selo | Celluloid
Produção | Jeff Jarratt
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Nigéria • Inglaterra
Duração | 45:19

Fela Kuti voltou para a Nigéria, depois de uma excursão pelos Estados Unidos e Europa, como se tivesse descoberto o tabaco e a batata. Levava na bagagem o funk, ou afrobeat, e letras com um novo nível de politização. O problema era que, apesar do LP *London Scene* (o primeiro álbum do Africa '70) e de singles como "Lady" e "Buy Africa", sua terra natal ainda não estava pronta para seu som.

A ajuda veio de fora: em dezembro de 1971, James Brown fez a primeira turnê pelo Oeste da África. A Nigéria havia sido premiada. Logo depois de Brown ter ido embora, Kuti emplacou seu primeiro grande sucesso, "Jeun K'oku". A banda mudou o nome para Africa (ou Afrika) '70, transferiu seu quartel-general para uma casa noturna maior e, depois, foi a Londres gravar no Abbey Road.

Ginger Baker, um velho fã da música africana, se mudou para Lagos em 1971 levando um estúdio de 16 canais. Ele havia trabalhado com Kuti em Londres, co-produzindo algumas das primeiras gravações da banda, e, portanto, era o nome óbvio para uma nova parceria. Baker toma o lugar de Tony Allen na bateria na primeira faixa, "Let's Start", uma ordem direta e clara para se fazer sexo ali mesmo. Mas é em "Ye Ye De Smell" que o ex-Cream se mostra por inteiro: quando Fela começa seu solo de piano, Allen pega a baqueta e Baker acrescenta fogo e velocidade ao ritmo. Na hora que Kuti vai para o sax, a faixa já pertence aos bateristas. E eles não abrem mão disso.

Pouco depois do lançamento do álbum, o mesmo time de músicos se reuniu para gravar o disco de Baker, *Stratavarious*, outro LP marcante que fez crescer o interesse pela essência africana do rock. Em apenas seis meses, Kuti tinha se tornado global. **DH**

"Eu me recuso a viver com medo... Se alguém quer fazer mal a você, é melhor não saber. Então, não penso nisso. Posso dizer que nem ligo. Estou pronto para qualquer coisa."

Fela Kuti, 1974

Lista de músicas

▶	01	**Let's Start** (Kuti)	7:48
	02	**Black Man's Cry** (Kuti)	11:36
▶	03	**Ye Ye De Smell** (Kuti)	13:17
	04	**Egbe Mi O (Carry Me I Want To Die)** (Kuti)	12:38

Faces | A Nod Is As Good As A Wink... To A Blind Horse (1971)

Selo | Warner Bros.
Produção | The Faces • Glyn Johns
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:03

Quando Rod Stewart se juntou aos remanescentes dos Small Faces, em 1969, freqüentando seus ensaios com o amigo – igualmente desocupado – Ron Wood, não foi de todo bem-vindo. Os três sobreviventes do grupo, que havia perdido Steve Marriot para a superbanda Humble Pie, não queriam mais ser a banda de apoio de ninguém. Mas uma fantástica compatibilidade musical deixou essas preocupações de lado até 1971, quando o excelente terceiro álbum do grupo coincidiu com o disco solo de Rod, *Every Picture Tells A Story*.

A Nod Is As Good As A Wink... To A Blind Horse tinha muitos pontos a seu favor, a começar pelo talento de compositor do baixista Ronnie Lane. Suas descrições da vida no East London – como em "Last Orders Please" e "Debris" – foram o antídoto necessário para o estilo machão da dupla Wood/Stewart, pelo qual os Faces tinham ficado conhecidos. Era apenas uma questão de tempo, por exemplo, até que "Stay With Me", ainda hoje a melhor melodia de Wood, mesmo depois de um quarto de século com os Stones, fosse ressuscitada como tema de um comercial de uma loja de roupas masculinas.

Foi essa dicotomia entre suavidade e rudeza que fez com que John Peel considerasse os Faces sua banda preferida, antes dos Undertones. Mesmo o alegre passeio pela velha "Memphis, Tennessee", de Chuck Berry, não conseguiu estragar as coisas.

Infelizmente, o álbum seguinte, *Ooh-La-La*, merece ser esquecido, e a estrela dos Faces foi perdendo a luz à medida que a de Stewart brilhava em direção ao apogeu comercial de *Atlantic Crossing*, com seu hino para multidões, "Sailing". Uma coisa é certa – essa música nunca teria tido lugar neste álbum. **MH**

Eu e Ron vínhamos do que se chamava de underground... Os Faces eram mais pops..."

Rod Stewart, 1971

Lista de músicas

01	**Miss Judy's Farm**	(Stewart • Wood)	3:40
▶ 02	**You're So Rude**	(Lane • McLagan)	3:43
03	**Love Lives Here**	(Lane • Stewart • Wood)	3:06
04	**Last Orders Please**	(Lane)	2:35
▶ 05	**Stay With Me**	(Stewart • Wood)	4:39
▶ 06	**Debris**	(Lane)	4:36
07	**Memphis, Tennessee**	(Berry)	5:27
08	**Too Bad**	(Stewart • Wood)	3:13
09	**That's All You Need**	(Stewart • Wood)	5:04

Flamin' Groovies
Teenage Head (1971)

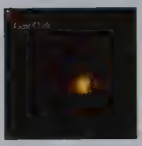
Selo | Kama Sutra
Produção | Richard Robinson
Projeto gráfico | Murray Brenman
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:23

Os Flamin' Groovies surgiram no cenário musical de São Francisco em meados dos anos 60, mas nunca tentaram fazer parte da grande festa psicodélica da cidade. Em vez disso, se concentraram em recriar um som mais cru, no estilo rockabilly da década de 50, e inspirado nos primeiros trabalhos dos Beatles e dos Stones.

O periodo mais fértil da carreira dos Groovies foi entre 1968 e 1971, quando eram uma excelente banda de garagem e escreveram uma série de canções maravilhosas. *Teenage Head* foi o último álbum a ser gravado pela formação original do grupo, e a tensão entre o guitarrista Cyril Jordan e o cantor Roy Loney transparece no som agressivo e estridente do álbum. A faixa-título é um hino sobre a alienação dos adolescentes, enquanto "High Flying Baby" xinga e briga. A banda passa primorosamente por vários blues – com destaque para "32-20", de Robert Johnson (essa mistura de blues e rock levou alguns a achar *Teenage Head* melhor do que *Sticky Fingers*, dos Stones). O ar mal-humorado da banda na capa contrasta com a iconografia hippie que prevalecia na época, e mostra os Groovies como um bando de delinqüentes – como, provavelmente, eles mesmos se viam.

Teenage Head recebeu poucas mas boas críticas. Os Groovies, no entanto, estavam fora de lugar num país obcecado por solos de guitarra. Roy Loney deixou o grupo, desiludido, apenas alguns meses depois do lançamento do álbum. Cyril Jordan reformulou a banda e foi com o novo grupo para a Inglaterra, onde influenciaram o florescente movimento punk até se separarem, em 1979. **GC**

Gene Clark
White Light (1971)



Selo | A&M
Produção | Jesse Davis
Projeto gráfico | John Dietrich
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:58

Depois de lançar alguns deliciosos trabalhos de country rock, acompanhado pelo banjo de Doug Dillard, Gene Clark voltou à estrada solo que havia seguido ao deixar os Byrds, em 1966. O resultado foi *White Light*, um dos melhores álbuns no universo americano de cantores-compositores, e um dos melhores do folk rock. Seu fracasso comercial se deve mais às idiossincrasias e à forte personalidade de Clark do que a falhas do disco.

Em seu refúgio perto de Mendocino, na Califórnia, Clark produziu um repertório de músicas mais intimistas e poeticamente complexas. Há um certo ar de desolação por todo o disco, mas as canções são de uma beleza que se iguala a seus melhores momentos nos Byrds. Com a ajuda do guitarrista Jesse Ed Davis, que tocava em Los Angeles com Leon Russell, e um time de músicos que incluía Chris Ethridge (baixo), Gary Mallaber (bateria), Mike Utley (órgão), Ben Sidran (piano), John Selk (guitarra) e Bobbye Hall (percussão), ele gravou uma obra-prima acústica.

Além das canções originais – com destaque para "With Tomorrow", "Spanish Guitar", "Because Of You" e "White Light" –, há uma excelente versão de "Tears Of Rage", de Bob Dylan e Richard Manuel, do álbum de estréia da The Band, *Music From Big Pink*.

Por razões desconhecidas, o título do disco, escolhido por Clark e a A&M, não aparece na capa junto a seu nome, mas o projeto gráfico austero está em perfeita sintonia com a atmosfera melancólica do álbum.

Uma aula para qualquer cantor-compositor. **GSu**

John Prine
John Prine (1971)

Selo | Atlantic
Produção | Arif Mardin
Projeto gráfico | Tom Wilkes
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:33

Desde que passou a existir um Dylan, apareceram vários candidatos a Dylan – cantores-compositores inteligentes e afinados que, segundo acreditavam, podiam replicar o sucesso artístico de seu inescrutável ídolo. Mas é óbvio que não vai haver outro Dylan e pobre daqueles que, embora talentosos, são pressionados a isso. John Prine ficou preso a um selo desde cedo em sua carreira e este álbum é um testemunho de seu imenso talento. Mas também mostra como a gravadora não servia para ele.

Ele foi contratado pela Atlantic com a ajuda de Kris Kristofferson. Aos 25 anos, lançou seu álbum de estréia, com fortes cores country, em 1971, quando a Guerra do Vietnã estava no auge. Embora não seja, explicitamente, um disco de protesto, a insatisfação com a guerra é visível, em especial na devastadora "Sam Stone", uma balada triste sobre a morte de um veterano viciado em morfina; a canção soa ainda mais melancólica na dolorida voz de barítono de Prine. O conflito no Sudeste Asiático também aparece, de forma implícita, em "Your Flag Won't Get You Into Heaven Anymore", uma música alegre e inovadora, tingida por uma ironia amarga...

Essas duas canções representam os dois estilos de composição mais eficientes de Prine – o da tristeza profunda e o da alegria esfuziante. Quem acha "Sam Stone" a música mais depressiva que já ouviu deve experimentar "Hello In There", uma faixa dolorosa sobre a velhice. Enquanto isso, "Spanish Pipedream", de forma divertida, encoraja as pessoas a explodirem seus aparelhos de TV. **KB**

Harry Nilsson
Nilsson Schmilsson (1971)

Selo | RCA Victor
Produção | Richard Perry
Projeto gráfico | Acy Lehman
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:48

Harry Nilsson parecia destinado a fazer grandes coisas, ainda mais depois que John Lennon e Paul McCartney o elegeram seu artista americano favorito. Mas ele era um sujeito tímido e reservado, que não se sentia bem sob os holofotes e, infelizmente, nunca conseguiu usar todo o seu potencial.

O álbum *Nilsson Schmilsson* foi a pedra fundamental de sua carreira. Nilsson resolveu se juntar ao produtor inglês Richard Perry, que fez vir à tona um lado novo e criativo do artista. "Gotta Get Up", uma história inteligente sobre a necessidade de dormir, parece um ragtime dos anos 30, enquanto "Down" chama atenção pelo efeito arrasador do piano em estilo blues. O calipso contagiante de "Coconut" foi um sucesso (oitavo lugar nos Estados Unidos e 42.º na Inglaterra) e acabou sendo usado, anos depois, por Quentin Tarantino no filme *Cães de Aluguel*. "Jump Into The Fire" é um rock sujo, provando que Nilsson podia baixar o nível, como qualquer um.

O maior sucesso de Nilsson foi sua versão hipnótica de "Without You", do Badfinger, que chegou ao primeiro lugar nas paradas dos Estados Unidos e da Inglaterra. Sua intepretação desse clássico atemporal lança quem ouve a faixa numa montanha-russa emocional, e garantiu a ele seu segundo Grammy.

O sucesso de "Without You" levou o álbum a galgar posições nas paradas americanas e britânicas. O LP originou três hits em single e ganhou o disco de ouro antes de chegar ao terceiro lugar na parada da *Billboard*, mas, ainda assim, Nilsson é um herói quase desconhecido do cenário da música pop dos Estados Unidos. **KT**

T. Rex | Electric Warrior (1971)

Selo | Fly
Produção | Tony Visconti
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:33

Marc Bolan é um dos personagens mais interessantes da história do rock. Com seu jeito de Byron moderno e um quê de misticismo hippie – obscuro mas delicioso –, Bolan sempre foi audacioso. Sua carreira consta de enlouquecedores altos e baixos (ele escreveu ainda um best-seller de poesia, *The Warlock Of Love*), mas seu ponto máximo foi *Electric Warrior*. Que, como tudo o que fazia, é recheado de surpresas.

O T. Rex já tinha feito sucesso na Inglaterra – no entanto, Bolan queria angariar fiéis do outro lado do Atlântico. Ele pegou a estrada com os novos integrantes da banda, o baixista Steve Currie e o baterista Bill Legend – chamado para ajudar na percussão, a cargo de Mickey Finn. O grupo começou a editar algumas faixas a caminho de Londres, Nova York e Los Angeles. Os singles lançados na ocasião apontavam para um som mais ousado, mas só quando *Electric Warrior* saiu foi possível constatar como era sensacional.

A arte da capa resume a perigosa promessa de poder do rock, com Bolan empunhando a guitarra como uma arma, diante de um arsenal de amplificadores. No entanto, em vez de destruir o ouvinte num ataque sonoro quando a agulha baixa sobre o vinil, *...Warrior* começa com a explosão abafada da guitarra, um delicioso contratempo e um convite para cantar "beneath the bebop moon" em "Mambo Sun". O lindo dedilhado acústico de "Cosmic Dancer" vem em seguida, com seu rico arranjo de cordas. E o disco segue desta forma, às vezes rouco e obsceno, às vezes meditativo e romântico. O single "Bang A Gong (Get It On)" chegou aos Top 10 dos Estados Unidos, mas o T. Rex nunca conseguiu satisfazer a ambição de Bolan de virar uma estrela internacional. **TSh**

"Eu só quero me comunicar com a garotada. É isso que importa, meu contato com a platéia."

Marc Bolan, 1973

Lista de músicas

▶	01	**Mambo Sun** (Bolan)	3:38
▶	02	**Cosmic Dancer** (Bolan)	4:26
▶	03	**Jeepster** (Bolan)	4:10
	04	**Monolith** (Bolan)	3:45
	05	**Lean Woman Blues** (Bolan)	3:01
▶	06	**Bang A Gong (Get It On)** (Bolan)	4:24
	07	**Planet Queen** (Bolan)	3:11
▶	08	**The Motivator** (Bolan)	3:57
	09	**Life's A Gas** (Bolan)	2:23
▶	10	**Rip Off** (Bolan)	3:38

David Bowie | Hunky Dory (1971)

Selo | RCA Victor
Produção | David Bowie • Ken Scott
Projeto gráfico | Terry Pastor • George Underwood
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:37

O álbum conceitual de hard rock que falava de um travesti de cabeça raspada não transformou David Bowie numa estrela. Então, depois de *The Man Who Sold The World*, Bowie lançou uma caixinha de surpresas acústicas, tributos a heróis e surrealismo.

Também não funcionou. O hit de 1969, "Space Oddity", parecia cada vez mais fadado a ser seu único sucesso. Mas Bowie resolveu declarar que era gay, se divertiu imensamente com a publicidade gerada pelo escândalo, compôs músicas sobre um astronauta e se tornou um dos mais importantes músicos da década.

A certa altura, as pessoas entusiasmadas por *Ziggy Stardust* compraram aquela caixinha – *Hunky Dory*. Encontraram um álbum um tanto exagerado – posso ser Dylan, Lou Reed e Syd Barrett de uma só vez! –, mas que deixava em evidência um compositor pronto para entrar na engrenagem. O disco traz esquisitices maravilhosas como "Queen Bitch". Bowie chegou para as sessões de fotografia agarrado a um álbum de retratos de Marlene Dietrich, e a foto em sépia remete mesmo à imagem de uma antiga rainha do cinema.

A tranqüilidade temporária proporcionada pelo casamento e pelo nascimento do filho levou às cenas familiares de "Kooks", o que torna este álbum o mais humanizado de Bowie. Mas há momentos hard, em especial "Andy Warhol" (que deixou o próprio apavorado). E há três faixas que tornam o disco insuperável. "Quicksand" foi inspirada pelo espírito de "felicidade e calamidade" dos Estados Unidos, mas trata-se de uma bonita balada, e não de um rock pesado. "The Bewlay Brothers" é um retrato fascinante da doença mental.

A melhor de todas, "Life On Mars?" – que nasceu quando Bowie foi encarregado de escrever a letra da canção que viria a ser "My Way" –, não se parece com nada do planeta Terra. **BM**

"Eu vou ser importante, e isso é, de certa forma, assustador."

David Bowie, 1972

Lista de músicas

▶	01	**Changes** (Bowie)	3:37
	02	**Oh! You Pretty Things** (Bowie)	3:12
	03	**Eight Line Poem** (Bowie)	2:56
▶	04	**Life On Mars?** (Bowie)	3:54
	05	**Kooks** (Bowie)	2:54
▶	06	**Quicksand** (Bowie)	5:06
	07	**Fill Your Heart** (Rose • Williams)	3:08
	08	**Andy Warhol** (Bowie)	3:57
	09	**Song For Bob Dylan** (Bowie)	4:12
	10	**Queen Bitch** (Bowie)	3:19
▶	11	**The Bewlay Brothers** (Bowie)	5:22

Randy Newman | Sail Away (1972)

Selo | Reprise
Produção | Russ Titelman • Lenny Waronker
Projeto gráfico | Mike Salisbury
Nacionalidade | EUA
Duração | 30:14

Randy Newman era visto, e continua a ser, mais como um compositor do que como um performer. Em 1978, com 28 anos, ele já tinha feito sucesso com obras musicalmente fora de moda mas com letras afiadas, no estilo do Tin Pan Alley. Seu hit mais famoso foi a versão de "Mama Told Me Not To Come", do Three Dog Night, mas os álbuns de Newman naufragaram. Foi com este disco, uma impecável série de canções, que as pessoas começaram a prestar atenção no seu trabalho.

"Simon Smith And The Amazing Dancing Bear" era um hit alegre de 1967 na versão de Alan Price, mas neste disco, com o inimitável fio de voz de Newman, acompanhado apenas pelo piano, a canção está embebida em compaixão – o narrador não é um homem-espetáculo, mas um visionário digno de pena (é bom lembrar que Newman incorpora os personagens quando compõe). Muitos cantores tentaram fazer de "Sail Away", que trata do tráfico de escravos, um hino sobre os Estados Unidos, terra da liberdade. Mais famosa, a patética, quase sinistra "You Can Leave Your Hat On" foi transformada por Joe Cocker e, mais tarde, Tom Jones num convite ao sexo. Ninguém conseguiu dar outra interpretação a "Political Science", uma crítica sarcástica à política externa americana ("They all hate us anyhow/So let's drop the big one now"), e talvez por isso nunca tenha sido gravada por outro artista.

Newman conseguiu um hit em 1977 com a sátira amarga de "Short People", e, desde então, tem dedicado a maior parte do tempo aos negócios da família. Alfred Newman, seu tio, era diretor musical da 20th Century Fox; Newman ganhou muito dinheiro – e 16 indicações para o Oscar – escrevendo temas de filmes, tanto excelentes (*Toy Story*) como péssimos (*Três Amigos*). **WF-J**

"É ótimo ser americano."

Randy Newman, "Sail Away", 1972

Lista de músicas

▶	01	**Sail Away** (Newman)	2:56
▶	02	**Lonely At The Top** (Newman)	2:32
	03	**He Gives Us All His Love** (Newman)	1:53
	04	**Last Night I Had A Dream** (Newman)	3:01
	05	**Simon Smith And The Amazing Dancing Bear** (Newman)	2:00
▶	06	**Old Man** (Newman)	2:42
▶	07	**Political Science** (Newman)	2:00
	08	**Burn On** (Newman)	2:33
	09	**Memo To My Son** (Newman)	1:56
	10	**Dayton, Ohio—1903** (Newman)	1:47
▶	11	**You Can Leave Your Hat On** (Newman)	3:18
▶	12	**God's Song (That's Why I Love Mankind)** (Newman)	3:36

Chico Buarque
Construção (1971)

Selo | Philips
Produção | Roberto Menescal • Toninho • Mazola
Projeto gráfico | Aldo Luz
Nacionalidade | Brasil
Duração | 31:02

Construção foi o quinto álbum de Chico Buarque para a Philips. É um trabalho que se tornou um clássico e um marco de referência desse cantor de importância maior na música brasileira e mundial. Quase todas as músicas que compõem este disco fizeram sucesso. Buarque aparece aqui num ambiente acústico. A orquestração do álbum foi influenciada por Rogério Duprat. Logo no início, o LP mergulha fundo nos ritmos tradicionais brasileiros, em canções que, implicitamente, criticam o regime político ditatorial do país ("Deus Lhe Pague" e a música-título, "Construção").

Como é comum na obra desse inigualável contador de histórias, ele realça os detalhes do dia-a-dia característicos e definidores das relações humanas (e da condição humana – como em "Ópera do Malandro") em "Cotidiano", que fala da rotina da relação entre um homem e uma mulher. As três faixas seguintes, "Olha Maria", "Samba De Orly" e "Valsinha", são parcerias com outros grandes letristas e compositores da música brasileira – Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Toquinho ("Samba De Orly" faz referência ao aeroporto francês e a Paris, que se tornaram familiares para os brasileiros exilados). Outro destaque é "Valsinha", uma canção de amor de dois minutos que permaneceu nos ouvidos e no coração do público internacional. Um disco obrigatório. **TJ**

Big Star
No. 1 Record (1972)

Selo | Ardent
Produção | John Fry
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:02

O quarteto Big Star, de Memphis, fazia um pop classicista, romântico e anglófilo, cunhando um estilo marcado tanto pelo gênero power-pop como pela conseqüente obscuridade cult. O Big Star era liderado pela dupla de compositores Alex Chilton e Chris Bell. Aos 16 anos, Chilton tinha chegado aos primeiros lugares das paradas, à frente dos Box Tops, com o clássico do blues "The Letter". Bell era o principal nome do Ice Water, que contava também com o baterista Jody Stephens e com o baixista Andy Hummell. Com a chegada de Chilton, a banda foi rebatizada como Big Star, que era o nome de um supermercado da vizinhança.

Gravado em pouco tempo nos estúdios Ardent, o álbum de estréia do grupo não transpira uma gota de suor sulista. O disco contém pop primitivo (a heróica "Ballad Of El Goodo"), harmonias luminosas ("When My Baby's Beside Me") e um sentimento pouco burilado e tocante de mágoa e saudade que perpassa boa parte do lado B e é particularmente visível em "Try Again".

Esta sombria e idiossincrática recriação de uma era mais inocente do pop estava fora de tempo e lugar. A Ardent, uma subsidiária da Stax, não tinha idéia de como vender o harmonioso grupo de rapazes brancos e o álbum fracassou. O golpe abalou a banda e Bell saiu antes do lançamento do segundo disco, *Radio City*, assombrando em espírito o triste canto de cisne da banda, *Sister Lovers*.

Apesar da alma exposta, do perfeccionismo dos detalhes, das melodias suaves, *No. 1 Record* foi, em termos estritos, tudo menos o número um. Mas sua influência é ampla e profunda e pode ser vista em bandas como R.E.M., Teenage Fanclub e The Posies – na verdade, em qualquer um que cante músicas doces e tristes. **SC**

Black Sabbath
Black Sabbath Vol 4 (1972)

Selo | Warner Bros.
Produção | Black Sabbath • Patrick Meehan
Projeto gráfico | The Bloomsbury Group
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:46

Muito antes de o Black Sabbath ter se separado, como resultado de brigas internas regadas a drogas, houve um breve período de genialidade sludge-metal regada a drogas. A prova é *...Vol 4*.

A banda afirmou várias vezes que a criação e a gravação do álbum coincidiram com seu período mais hedonista e mais marcado pelo uso de drogas. A gravadora transplantou os quatro ingleses para a Califórnia, onde o disco foi feito. O título original do LP, *Snowblind*, foi rejeitado pelos executivos por sua óbvia referência à cocaína.

As conseqüências negativas de sua decadência seriam sentidas no final da década, quando a banda virou uma caricatura de si mesma. Mas *...Vol 4* surgiu antes da destruição; as músicas ainda são ásperas e pesadas, embaladas em riffs – ou, como disse a *Rolling Stone*, "fatias de heavy metal fluente".

Como não deu origem a hinos do metal em single, *...Vol 4* costuma ser subestimado. Não há qualquer faixa que rivalize com "Paranoid" ou "Sweet Leaf". Apenas "Snowblind" toca até hoje nas rádios. A força do álbum está na pegada heavy e confiante, e em pequenos toques de experimentação. A banda intercala overdubs psicodélicos ("The Straightener"), cordas acústicas ("Laguna Sunrise") e até mesmo um lado meloso – a lenta balada ao piano "Changes", um elemento estranho ao repertório do disco. Mas, ao contrário dos últimos trabalhos do grupo, o LP é alimentado pelas verdadeiras raízes dark e heavy da banda. Foi com *Sabbath Bloody Sabbath* e os discos que se seguiram que o grupo começou a perder suas características. **JC**

Steely Dan
Can't Buy A Thrill (1972)

Selo | ABC
Produção | Gary Katz
Projeto gráfico | Robert Lockart
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:57

Em 1972, ninguém sabia o que fazer com o Steely Dan e o seu álbum de estréia, *Can't Buy A Thrill*, nem mesmo seus criadores, Donald Fagen e Walter Becker. Porém aqueles que só viram neles uma outra produção arrumadinha do rock da Costa Oeste não entenderam a questão. Embora o álbum fosse apenas a primeira fase de uma viagem de descoberta musical, havia muito ali para diferenciar o Steely Dan do resto.

As harmonias vocais lembram Crosby, Stills, Nash, And Young, mas os arranjos alcançam novos níveis de sofisticação. Miles Davis já tinha inventado a fusão do rock com o jazz, mas, quando o vocal de Fagen entra depois da maravilhosa introdução de jazz latino de "Do It Again", é preciso admitir que os garotos sabiam das coisas.

O vocalista David Palmer, que não apareceu em mais nenhum outro disco, tem seu melhor momento em "Dirty Work", embora faça falta o estilo agressivo de Fagen. A inclusão da faixa foi, talvez, uma tentativa de fazer seu som ainda mais palatável para as rádios. "Reeling In The Years" soa como um hit clássico já nas primeiras notas – solos de guitarra inesquecíveis dão espaço a suculentos refrões impulsionados pelo baixo de Walter Becker. É um ritmo para dançar, executado com a precisão que se tornaria a principal característica do Steely Dan.

A *Billboard* foi discreta ao dizer que o álbum teria "boas possibilidades de gerar hits para um grupo que deve durar algum tempo". **GSa**

Neil Young | Harvest (1972)

Selo | Reprise
Produção | Elliott Mazer
Projeto gráfico | Tom Wilkes
Nacionalidade | Canadá
Duração | 37:10

Harvest é um álbum que evoca com perfeição tanto o otimismo decadente do movimento da contracultura de São Francisco como o crescente cinismo da geração de Watergate. É, até hoje, um dos maiores sucessos comerciais do universo country-rock da Costa Oeste, tendo ficado em primeiro lugar nas paradas americanas e britânicas. Ainda assim, sua importância quase foi esvaziada previamente pelos Byrds e pelo Buffalo Springfield.

O disco, sem dúvida, prenunciou o auge criativo que Young atingiria na década de 70. As harmonias vocais de Linda Ronstadt e James Taylor garantiram o sucesso comercial do single "Heart Of Gold", algo que assustou tanto Young que ele tirou a música do repertório de seus shows durante três décadas. "Por causa dessa canção, fui parar na estrada da fama", escreveu ele. "Isso logo virou uma chatice e eu peguei um desvio."

Além dessa faixa, *Harvest* contém alguns dos melhores retratos poéticos traçados por Young, do escárnio em banho-maria de "Alabama" – uma denúncia ácida sobre a corrupção no Sul dos Estados Unidos – à encantadora e intimista "The Needle And The Damage Done" e à tocante, quase sentimental, "Old Man", escrita em homenagem ao caseiro do rancho de Young. *Harvest* muitas vezes ameaça descambar para um country enjoativo, mas, no final das contas, acaba brilhando pela força de seu gênio criador.

Não foi surpresa que Young procurasse se afastar do sucesso retumbante do álbum. A maior parte de seu trabalho nos anos 70 seguiria com uma visão mais insidiosa dos Estados Unidos, através de experiências no campo do punk e do blues. *Harvest*, no entanto, permanece como o retrato da maioridade da geração do Baby Boom. **BW**

"*Harvest* rendeu a Young seu único primeiro lugar nas paradas (...) e ajudou a montar o cenário para a explosão do soft-rock nos anos 70."

***Rolling Stone*, 2003**

Lista de músicas

	01	**Out On The Weekend** (Young)	4:35
▶	02	**Harvest** (Young)	3:03
	03	**A Man Needs A Maid** (Young)	4:00
▶	04	**Heart Of Gold** (Young)	3:05
	05	**Are You Ready For The Country** (Young)	3:21
▶	06	**Old Man** (Young)	3:22
	07	**There's A World** (Young)	3:00
▶	08	**Alabama** (Young)	4:02
▶	09	**The Needle And The Damage Done** (Young)	2:00
	10	**Words (Between The Lines Of Age)** (Young)	6:42

Curtis Mayfield | Superfly (1972)

Selo | Curtom
Produção | Curtis Mayfield
Projeto gráfico | Glen Christensen
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:17

Curtis Mayfield se tornou parte da cultura soul dos Estados Unidos em 1961, quando o grupo vocal desse artista nascido em Chicago, The Impressions, começou a colecionar hits imortais nas paradas. Ele embarcou numa carreira solo em 1970, animando as pistas de dança de todo o mundo com a eufórica "Move On Up" (do seu álbum de estréia, *Curtis*). Seu som característico era suntuoso mas funky, com uma ótima orquestração que mesclava guitarra, cordas entusiasmadas, majestosos metais e ritmos fluidos. A cereja no bolo era o falsete sedoso de Mayfield, com o qual ele embalava comentários cáusticos sobre a América urbana.

Superfly foi o único álbum de Mayfield a chegar ao primeiro lugar das paradas. Era a trilha sonora do famoso filme de blaxploitation e denunciava exatamente aquilo que a fita corria o risco de glorificar. A sinfônica "Little Child Runnin' Wild", em tom menor, pinta um retrato pessimista da vida na cidade, com seus crescendos dramáticos dando lugar, em seguida, a "Pusherman". Construída em torno de uma hipnotizante linha de baixo e batuques de conga, essa reportagem em primeira pessoa sobre o cotidiano das ruas prenuncia o gangsta rap. A música foi sampleada por Ice-T em "I'm Your Pusher", de 1988. A arrebatadora "No Thing On Me (Cocaine Song)", influenciada por ritmos latinos, é um poderoso manifesto contra as drogas, mas os melhores singles são "Freddie's Dead" – esse desenho pungente, à base de flauta, de uma personalidade chegou ao quarto lugar – e a faixa-título (oitavo lugar).

Mayfield nunca mais alcançaria o sucesso comercial deste disco – *There's No Place Like America Today*, de 1975, é uma pérola pouco valorizada. Em agosto de 1990, uma tragédia: Mayfield ficou paralisado do pescoço para baixo, depois que o equipamento de iluminação desabou sobre ele. O suave gigante da música do século 20 morreu em 26 de dezembro de 1999, aos 57 anos. **MA**

"É como se *Superfly* fosse uma previsão do que está acontecendo hoje."

Curtis Mayfield, 1988

Lista de músicas

▶	01	**Little Child Runnin' Wild** (Mayfield)	5:23
▶	02	**Pusherman** (Mayfield)	4:50
▶	03	**Freddie's Dead** (Mayfield)	5:27
	04	**Junkie Chase** (Mayfield)	1:36
	05	**Give Me Your Love (Love Song)** (Mayfield)	4:14
	06	**Eddie You Should Know Better** (Mayfield)	2:16
▶	07	**No Thing On Me (Cocaine Song)** (Mayfield)	4:53
	08	**Think** (Mayfield)	3:43
▶	09	**Superfly** (Mayfield)	3:55

Slade | Slayed? (1972)

Selo | Polydor
Produção | Chas Chandler
Projeto gráfico | Gered Mankowitz
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 34:26

Famoso pelos gritos extraordinários e as fenomenais suíças do vocalista Noddy Holder – sem falar do corte de cabelo arredondado do guitarrista Dave Hill e suas botas prateadas de cano alto e salto plataforma –, o Slade era o glam rock em seu estado mais puro e grosseiro. Com exceção do trabalho de David Bowie e do Roxy Music, daquela época louca e gloriosa do pop inglês, as músicas do T. Rex e do Slade foram as que melhor sobreviveram. Se Bolan tinha boogie, o Slade tinha força.

De 1971 a 1976, o grupo teve 17 hits consecutivos entre os 20 Mais das paradas britânicas (incluindo seis primeiros lugares). Este álbum, repleto de um humor irascível, malicioso e autodestrutivo, traz o melhor do Slade, antes que sua fórmula se desgastasse (e que a excêntrica ortografia dos títulos das canções perdesse a graça). Na verdade, a banda não fez nada de revolucionário nem de tão novo assim, mas seu trabalho foi tão bem-feito, tão cheio de espírito que, três décadas depois, o Slade continua arraigado na cultura popular britânica. Como está demonstrado em "Mama Weer All Crazee Now" e "Gudbuy T'Jane", o melhor do pop é, em geral, simples, estúpido e, ao mesmo tempo, sublime. O Slade nunca se levou muito a sério e, por isso, não ficava excessivamente preocupado em ser legal. Estava, na verdade, acima dessas coisas.

Para conhecer o Slade, pode-se escolher entre comprar uma coleção de grandes sucessos (sabendo-se que vai incluir também um punhado de material inferior, dos últimos tempos da banda) ou este álbum – o melhor de todos. O disco contém apenas dois de seus singles de maior sucesso, mas, ainda assim, representa uma forte parcela de um pop puro, primal, gritado e genuíno. **RF**

"Nunca seguimos a onda, apenas continuamos do nosso próprio jeito doce."

Noddy Holder, 1986

Lista de músicas

▶	01	**How D'You Ride** (Holder•Lea)	3:11
▶	02	**The Whole World's Goin' Crazee** (Holder)	3:36
	03	**Look At Last Nite** (Holder•Lea)	3:05
	04	**I Won't Let It 'Appen Agen** (Lea)	3:17
	05	**Move Over** (Joplin)	3:44
▶	06	**Gudbuy T'Jane** (Holder•Lea)	3:29
	07	**Gudbuy Gudbuy** (Holder•Lea)	3:29
▶	08	**Mama Weer All Crazee Now** (Holder•Lea)	3:44
	09	**I Don' Mind** (Holder•Lea)	3:06
	10	**Let The Good Times Roll•Feel So Fine** (Lee)	3:45

Deep Purple | Made In Japan (1972)

Selo | Purple
Produção | Deep Purple
Projeto gráfico | Roger Glover
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 76:17

Enquanto os Estados Unidos empurravam o Vietnã do Norte para a mesa de negociações em Paris, o Deep Purple soltava uma carga de canhão na forma de um álbum duplo ao vivo. Depois de uma turnê pela América durante o verão, eles foram ao Japão, onde o selo regional pressionou o grupo a fazer uma gravação ao vivo para saciar os fãs locais, que cantaram cada palavra das letras nas três noites de shows, em Osaka e Tóquio, no mês de agosto.

A banda insistiu em que o engenheiro Martin Birch coordenasse a gravação. Ian Gillan, que vinha sofrendo com uma inflamação na garganta, estava "com vergonha" de seus vocais, mas sua avaliação foi mais crítica do que a voz. A gravação foi lançada sem overdubs e demonstrou a majestade nua e crua do Deep Purple no auge de seu poder.

O álbum foi lançado na Inglaterra apenas para inibir o mercado pirata. Mas vendeu tão bem nos Estados Unidos que acabou ganhando uma edição local, na primavera de 1973, e chegou ao sexto lugar nas paradas, se tornando o disco do Purple mais vendido no país. *Made In Japan*, a essa altura, já era considerado um clássico.

Cada faixa traz uma versão sólida e melodramática da gravação em estúdio. "Highway Star" abre o disco com furiosos teclados, guitarra e percussão, que se fundem numa tempestade sonora coroada pelos gritos primais de Ian Gillan. Seu vocal dolorido em "Child In Time" oferece uma pausa antes do balanço de "Smoke On The Water" e "Strange Kind Of Woman". O guitarrista Ritchie Blackmore e o tecladista Jon Lord saem de si nos solos de "Lazy", e "The Mule" é uma vitrine para o virtuosismo de Ian Paice.

A gigantesca "Space Truckin'" – 20 minutos de caos estratosférico – se enquadra no que a *Rolling Stone* descreveu como "uma delícia garantida (...) o monstro de metal definitivo do Purple". Imperdível! **TJ**

"Esses números nunca foram tão bem tocados."

Ian Paice, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Highway Star** (Blackmore • Gillan • Glover • Lord • Paice)	6:42
▶	02	**Child In Time** (Blackmore • Gillan • Glover • Lord • Paice)	12:18
▶	03	**Smoke On The Water** (Blackmore • Gillan • Glover • Lord • Paice)	7:37
	04	**The Mule (Drum Solo)** (Blackmore • Gillan • Glover • Lord • Paice)	9:28
▶	05	**Strange Kind Of Woman** (Blackmore • Gillan • Glover • Lord • Paice)	9:52
▶	06	**Lazy** (Blackmore • Gillan • Glover • Lord • Paice)	10:27
▶	07	**Space Truckin'** (Blackmore • Gillan • Glover • Lord • Paice)	19:53

Yes | Close To The Edge (1972)

Selo | Atlantic
Produção | Eddie Offord • Yes
Projeto gráfico | Roger Dean
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:50

Este álbum é a apoteose do rock progressivo. Antes de mais nada, traz o enigmático design da capa de Roger Dean, numa embalagem que tanto serve para ser admirada como para enrolar cigarros de maconha. A lista de músicas é outro destaque, com apenas três faixas, sendo duas em quatro movimentos, numa estrutura semelhante à de uma sinfonia. Ao tirar o disco da capa, as letras obscuras e deliciosas de Jon Anderson se revelam em toda a sua glória.

A melodia de *Close To The Edge* é uma maravilha. Se o Yes havia mostrado talentos individuais em *Fragile*, lançado no mesmo ano, neste álbum a banda forja um todo mais coeso, alcançando o equilíbrio entre a estética e a audácia. Sua visão eclética faz com que o grupo vá de um jazz furioso ao floreado gótico do órgão, passando pelo balanço do rock – um passo em falso e tudo se desmantela. No entanto, o disco apresenta um time de músicos brilhantes, cada qual procurando ampliar os limites da linguagem do rock. Os ritmos melódicos de Bill Bruford e Chris Squire formam a base perfeita para as linhas da guitarra funky, com pinceladas orientais, de Steve Howe e para o rococó dos teclados de Wakeman. No centro está o timbre agudo de Jon Anderson. Essa mistura podia não ter funcionado, mas deu certo – e lindamente.

O equilíbrio frágil de seu trabalho era bom demais para durar. Bruford deixou a banda logo depois de terminar o LP para se juntar ao King Crimson. O lançamento seguinte do Yes, *Tales From Topographic Oceans* – um álbum duplo com quatro músicas – acabou sendo uma tentativa ambiciosa demais do grupo para se superar. **TSh**

"Eu não conseguia entender o que [Jon Anderson] dizia, porque ele tinha um sotaque muito esquisito do Norte da Inglaterra. Ele fala frases estranhas que ninguém compreende."

Bill Bruford, 1972

Lista de músicas

▶ 01	**Close To The Edge**	(Anderson • Howe)	18 42
▶ 02	**And You And I**	(Anderson • Bruford • Howe • Squire • Wakeman)	10 08
03	**Siberian Khatru**	(Anderson • Howe • Wakeman)	9:00

Lou Reed | Transformer (1972)

Selo | RCA
Produção | David Bowie • Mick Ronson
Projeto gráfico | Mick Rock • Ernst Thormahlen
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:00

Lou Reed tinha a credibilidade e as músicas; David Bowie, o som e o apelo da mídia. O encontro entre o mestre americano e o discípulo inglês legou aos anos 70 um de seus símbolos mais deliciosos, um disco que explorava e, ao mesmo tempo, definia o glam rock.

Reed deixou o The Velvet Underground em 1970 com o gosto amargo da derrota e da animosidade. Nova York havia se tornado fria e distante; Londres parecia ser, agora, o lugar onde as coisas estavam acontecendo. Reed se mudou para a Inglaterra e estreou na RCA com um fracassado álbum solo, preparado com sobras do Velvet requentadas por músicos de estúdio que não se idenficavam com a proposta.

Bowie ofereceu a ele uma segunda chance. O inglês vinha fazendo discos dramáticos e brilhantes com seu guitarrista, Mick Ronson. Ambos trabalharam para extrair do poeta e músico de estilo, em geral, seco uma mistura divertida de decadência afetada e músicas inesquecíveis: o hit internacional "Walk On The Wild Side", "Satellite Of Love" e "Perfect Day". Os arranjos vocais são lindos, assim como as guitarras ardentes; a presença de um baixo no apoio e do saxofone confere ao álbum um ambiente de cabaré. A ambigüidade sexual da frente e do verso da capa atraía o público adolescente, ainda descobrindo as coisas da vida. O disco também fazia os roqueiros esquentarem a pista. E, por trás de tudo, o fantasma de um musical que Warhol nunca chegou a fazer, encenado por travestis e viciados em anfetaminas, e repleto de festas artísticas e sofisticação urbana.

Transformer é o disco mais comercial de Lou Reed e está presente nas paradas britânicas há três décadas. É também uma exceção, por sua superficialidade, numa carreira ousada que atingiu maiores profundidades. **IJ**

"Ninguém pode fingir que é gay. Aquela história de que todo mundo é bissexual, para mim, não faz sentido algum."

Lou Reed, 1973

Lista de músicas

▶	01	**Vicious** (Reed)	2:58
	02	**Andy's Chest** (Reed)	3:20
▶	03	**Perfect Day** (Reed)	3:46
	04	**Hangin' Round** (Reed)	3:35
▶	05	**Walk On The Wild Side** (Reed)	4:14
	06	**Make Up** (Reed)	3:01
▶	07	**Satellite Of Love** (Reed)	3:42
	08	**Wagon Wheel** (Reed)	3:19
	09	**New York Telephone Conversation** (Reed)	1:33
	10	**I'm So Free** (Reed)	3:09
	11	**Goodnight Ladies** (Reed)	4:23

Hugh Masekela
Home Is Where The Music Is (1972)

Selo | Blue Thumb Chisa
Produção | Stewart Levine • Caiphus Semenya
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | África do Sul
Duração | 77:53

Em 1968, o sucesso do single pop "Grazing In The Grass" permitiu que Hugh Masekela lançasse seu próprio selo, Chisa Records, mas os tempos tinham mudado. O jazz não estava mais na moda. Trane tinha morrido, Miles queria ser Jimi Hendrix e a Motown havia cancelado o contrato de distribuição dos discos de Masekela. Depois de mais de uma década no exílio, "Bra Hugh" estava começando a sentir saudades de casa. Ele sabia que não podia voltar para a loucura do apartheid, mas sua ex-mulher, Miriam Makeba, tinha ido à Guiné Bissau e lá conheceu o saxofonista Fela Kuti, que estava começando sua própria revolução no jazz – então, talvez, como dizia o título do álbum que ele acabou lançando, o lar fosse onde a música estava.

Gravado poucos meses antes de sua própria partida para a Guiné, *Home Is Where The Music Is* traz Masekela explorando sua herança do jazz africano. Nada daquelas versões patenteadas de pop: o álbum tem um repertório pan-africano que rejuvenesce o soul jazz do compositor exilado Caiphus Semenya ("Ingoo Pow-Pow") ao lado de ritmos bop da metrópole ("The Big Apple"). O sax alto de Dudu Pukwava, do Brotherhood Of Breath, e a potente bateria de Nakhaya Ntshoko, movida a energia mbaqanga, faz um maravilhoso contraponto funk ao blues melancólico do pianista Larry Willis e do baixista Eddie Gomez.

E Masekela? Ele manda ver num solo de flugelhorn em "Blues For Huey", de Kippie Moeketsi, que leva diretamente ao vibrante swing dos bares de Sophiatown nos anos 50. **MK**

Milton Nascimento E Lô Borges
Clube Da Esquina (1972)

Selo | World Pacific
Produção | Milton Miranda
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Brasil
Duração | 63:13

Se *Clube Da Esquina* fosse apenas a resposta brasileira a *Sgt. Pepper...*, já se destacaria como uma importante contribuição ao pop internacional. Mas esta magnífica coleção de canções, lançada originalmente como um álbum duplo, também transformou Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes e Toninho Horta em artistas de sucesso pelo seu próprio talento.

Embora Milton Nascimento – um cantor carismático com um falsete puro e cheio de espiritualidade – seja o centro de gravidade do álbum, ele ainda não era uma grande estrela, e *...Esquina* é muito mais um trabalho de grupo, co-creditado também a Borges. O disco mistura sons oníricos, letras surrealistas e uma ampla variedade de influências sul-americanas. É um marco da música popular que abriu as portas da criação para outros artistas.

O Clube da Esquina era um grupo de amigos de Belo Horizonte (MG). Eles passaram seis meses, em 1971, numa casa alugada na Praia de Piratininga, em Niterói, compondo e compartilhando seu amor pelos Beatles. De volta ao estúdio, a música ganhou uma grandiosidade suntuosa com a orquestração de Eumir Deodato e Wagner Tiso. O álbum contém uma série de clássicos, como "Cravo E Canela" e "Nada Será Como Antes". A influência dos Beatles é particularmente forte no "rock mineiro" de Lô Borges, em faixas como "O Trem Azul" e "Nuvem Cigana", músicas delicadas, cheias de encanto e sutilezas. **AG**

Todd Rundgren
Something/ Anything? (1972)

Selo | Bearsville
Produção | Todd Rundgren
Projeto gráfico | Todd Rundgren
Nacionalidade | EUA
Duração | 86:57

A foto na parte interna da capa do terceiro LP de Todd Rundgren pós-Nazz, *Something/Anything?*, mostra o artista sozinho num quarto cheio de equipamentos, com a guitarra pendurada no ombro, os braços abertos e fazendo o sinal de vitória com as mãos. Isto resume o álbum.

Rundgren produziu *Something/Anything?*, tocou todos os instrumentos, fez todos os vocais em 19 das 25 faixas e compôs todas as canções, à exceção de duas num medley e de "Dust In The Wind". O resultado é um álbum que levou Rundgren ao apogeu, tanto em termos de vendas como de críticas. "Hello It's Me", uma da série de lindas baladas que marcaram a carreira de Rundgren, foi seu single que obteve melhor colocação nas paradas, chegando ao quinto lugar. O álbum ficou nas paradas durante muitos meses. Outras músicas – a triste e bela "It Wouldn't Have Made Any Difference", o hard rock de "Black Maria" e maravilhas do pop como "Couldn't Just Tell You" – mostram um domínio de diferentes estilos quase sem paralelo na música popular. A habilidade nos instrumentos – em especial, o trabalho de Rundgren na guitarra em faixas como "Black Maria" – é de altíssimo nível.

Este é o trabalho mais interessante de Rundgren, que desenvolveu uma carreira cheia de experimentação e desordenada pelas confusas expectativas do público. Mas o álbum não ofereceu qualquer pista de que ele iria virar as costas às aspirações comerciais logo que começasse a ascender. *Something/ Anything?*, porém, foi um sucesso de público e crítica que podia sustentar qualquer artista por um bom tempo. **JW**

Nitty Gritty Dirt Band
Will The Circle Be Unbroken (1972)

Selo | United Artists
Produção | William E. McEuen
Projeto gráfico | William E. McEuen
Nacionalidade | EUA
Duração | 119:30

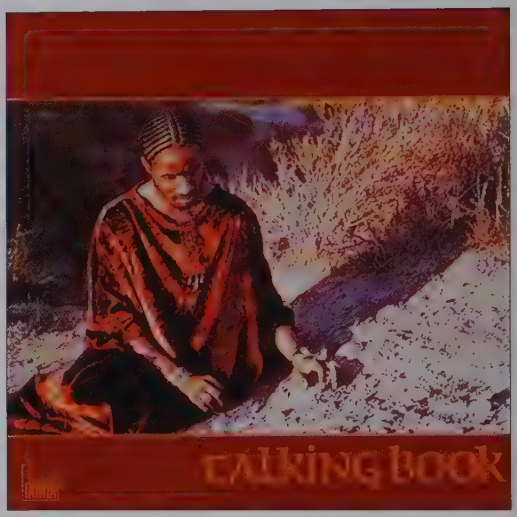
Este álbum monumental foi concebido pelo empresário do grupo, Bill McEuen, com o objetivo de fazer a gravadora levar mais a sério a banda de country-rock. Sem pedir qualquer adiantamento, ele alugou um estúdio em Nahsville e convidou lendários ídolos locais, como Roy Acuff, Mother Maybelle Carter, Earl Scruggs, Merle Travis e Doc Watson, e músicos reverenciados, como Vassar Clements, no violino, e Norman Blake, no dobro, para tomar parte nesse ambicioso projeto.

O plano funcionou: o álbum faturou o primeiro disco de ouro da banda, embora – curiosamente – em algumas faixas, como "The End Of The World", "Cannonball Rag" e "Wabash Cannonball", nenhum dos músicos apareça nos créditos! Isso posto, para qualquer um interessado em grandes canções country de Hank Williams, A. P. Carter, Scruggs e Travis, tocadas num autêntico estilo bluegrass, este disco não podia ser melhor. A atmosfera relaxada resultou em algumas performances soberbas e de qualidade consistente. E mais: os talentos combinados da NGDB e de seus convidados famosos atraíram tanto os fãs do country dos velhos tempos como os do jovem country-rock.

A Nitty Gritty Dirt Band ainda está na ativa – quatro dos integrantes que tocaram neste álbum apareceram em seu mais recente lançamento (2004). A banda também fez duas continuações – *Volume 2*, em 1989, e *Volume 3*, em 2002, com vários músicos do mesmo time de estrelas. **JT**

Stevie Wonder | Talking Book (1972)

Selo | Motown
Produção | Stevie Wonder
Projeto gráfico | Robert Margouleff
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:26



A foto simbólica de Stevie Wonder, feita por Robert Margouleff – o cantor está usando uma túnica africana, sentado na terra e mergulhado em pensamentos – transmite a visão solitária do mundo oferecida pela trilogia de obras-primas lançadas por ele no início dos anos 70. Mas a capa (que mostra Wonder sem os tradicionais óculos escuros) também sugere que *Talking Book* é um álbum confessional sobre o amor e a perda, como convinha a um artista que tinha acabado de se separar (da cantora Syreeta Wright, que escreveu as letras de duas faixas lentas deste disco).

A música que abre o disco, "You Are The Sunshine Of My Life", porém, é bem para cima, um hino ao poder redentor do amor, escrito antes da interrupção do contrato de Wonder com a Motown (nesse intervalo, ele compôs os clássicos autorais do soul que formam boa parte do disco). Mas o funk paranóico e pantanoso de "Maybe Your Baby" (toda tocada por Stevie, com a exceção do solo do guitarrista Ray Parker Jr.) dá o tom verdadeiro e incerto do LP. "You And I" questiona a fragilidade do amor, embalada pela sonoridade arrebatadora de seu piano mágico e do trabalho intenso de Margouleff e Malcolm Cecil nos sintetizadores. E "Superstition", com os riffs de clavinet inspirados em Jeff Beck, mostra um olhar cínico e magoado sobre o amor livre, em cima do funk mais selvagem composto por Wonder.

O álbum fecha com uma nota de esperança, ausente do disco que lançou dois anos depois, *Fulfillingness' First Finale*. Em "I Believe", o coração de Stevie está machucado, mas sua fé no amor permanece intacta. Mais tarde, ele escreveu canções de amor que chegaram ao topo das paradas, mas nunca mais seria tão pessoal e tão cheio de mágoa e sabedoria como em *Talking Book*. O título se refere a um livro que fala – este livro era o coração de Stevie Wonder e falava com toda a sinceridade. **SC**

"Aqui está a minha música. É tudo o que eu tenho para dizer como me sinto."

Stevie Wonder, 1972

Lista de músicas

▶	01	**You Are The Sunshine Of My Life** (Wonder)	2:59
	02	**Maybe Your Baby** (Wonder)	6:50
▶	03	**You And I (Together We Can Conquer The World)** (Wonder)	4:38
	04	**Tuesday Heartbreak** (Wonder)	3:02
▶	05	**You've Got It Bad Girl** (Wonder • Wright)	4:58
▶	06	**Superstition** (Wonder)	4:26
	07	**Big Brother** (Wonder)	3:33
	08	**Blame It On The Sun** (Wonder • Wright)	3:25
	09	**Lookin' For Another Pure Love** (Wonder • Wright)	4:43
▶	10	**I Believe (When I Fall In Love It Will Be Forever)** (Wonder • Wright)	4:52

Stephen Stills
Manassas (1972)

Selo | Atlantic
Produção | Vários
Projeto gráfico | Stephen Stills
Nacionalidade | EUA
Duração | 71:58

Ao saber que o amigo Chris Hillman morria de tédio no The Flying Burrito Brothers, Stephen Stills o convidou para tocar em seu novo álbum solo, ao lado da pedal steel do guitarrrista dos Burritos, Al Perkins, e do rabequista de bluegrass Byron Berline. Gravado no Criteria Studios, em Miami, este álbum conceitual bebe do rock, folk, música latina, country e blues – com a colaboração de Calvin "Fuzzy" Samuels (baixo), Dallas Taylor (bateria), Paul Harris (teclado) e Joe Lala (percussão).

A riqueza do material e do time de músicos resultou num álbum duplo ambicioso, talvez o maior lançamento da carreira de Stills – um trabalho saboroso e renovador, ainda que dentro da melhor tradição do rock. O repertório variado, que poderia parecer muito disperso, forma, na verdade, um todo coeso. A gravação se dividiu claramente em quatro partes, espelhadas nos quatro lados do lançamento original em vinil. "The Raven" junta rock e estilos latinos; "The Wilderness" é country e bluegrass, marcada pelo bandolim, violino, pedal steel e uma harmonia excepcional em várias partes; "Consider" prioriza o folk e o folk-rock; "Rock And Roll Is Here To Stay" é mais blues e rock; e a épica "Treasure" se tornou uma das faixas mais importantes do grupo (a acústica "Blue Man" é dedicada a Jimi Hendrix, Al "Blind Owl" Wilson e Duane Allman).

O baixista dos Stones, Bill Wyman, ajudou Stills a terminar "The Love Gangster". Mais tarde, ele revelou a Dallas Taylor que queria ter saído dos Stones para se juntar ao time de *Manassas* – mas ninguém o convidou. **GSu**

T. Rex
The Slider (1972)

Selo | EMI
Produção | Tony Visconti
Projeto gráfico | Ringo Starr
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:35

Gravado em Paris e Copenhague com o produtor Tony Visconti, *The Slider* foi lançado no verão de 1972, no auge do sucesso do T. Rex. Entre os fãs do carismático Marc Bolan estava David Bowie, que dedicou o seu hit "Lady Stardust" ao ídolo. *The Slider* arrasou nos Estados Unidos e na Inglaterra e se tornou um marco do glam rock na América.

"Telegram Sam" (200 mil cópias vendidas nos primeiros quatro dias) e a extasiante "Metal Guru" – ambas chegaram ao topo da parada britânica – são clássicos óbvios. Mas o álbum está repleto de material de qualidade: há baladas charmosas ("Mystic Lady", "Ballrooms Of Mars") e rocks acelerados ("Rock On", "Main Man"). Bolan mostrou mais uma vez que era o mestre das músicas refinadas e contagiantes. E da espontaneidade também – ele perdia o interesse se qualquer faixa precisasse de mais do que dois ou três takes, o que imbuiu este seu melhor trabalho de um imediatismo vibrante. Ele não se restringia apenas a seu talento como compositor e líder. As letras são típicas de Bolan – dadaístas, mordazes, perversas e cheias de associações surpreendentes e metáforas.

No entanto, nem tudo eram flores no estúdio. Visconti comentou ter sentido que, naquela fase, o desempenho do grupo estava virando uma fórmula e o ego de Bolan, ficando fora de proporções. Mesmo assim, a magia ainda funciona neste álbum.

Bolan morreu num acidente de carro em Londres, em 1977, deixando um legado musical que influenciou diversos músicos de variados estilos, dos cavaleiros do rock gótico Bauhaus à banda de hard-rock Guns N' Roses. **AW-J**

David Ackles
American Gothic (1972)

Selo | Elektra
Produção | Bernie Taupin
Projeto gráfico | Michael Ross
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:13

David Ackles trabalhava no show business desde criança, quando estrelou uma série de filmes B. No final dos anos 60, ele começou a fazer músicas de uma beleza atordoante e a Elektra o contratou, primeiro, apenas como compositor. Ele provou seu valor e ganhou um contrato para gravar cinco álbuns.

O terceiro da série, *American Gothic*, é, até hoje, um trabalho genial pouco valorizado, um dos álbuns mais descompromissados com a moda e mais intransigentes da música americana. Ackles pinta um retrato colorido e poético dos Estados Unidos, uma peça de teatro sombria e assustadora filtrada pela sensibilidade melódica de um compositor. Construído tijolo por tijolo, o disco se mostra mais como um drama do que como uma obra convencional de rock ou pop, bebendo de compositores clássicos modernos americanos, como Charles Ives e Aaron Copland, assim como do gospel, rock, blues e soul. Soa como um disco artístico de folk, ligando o estilo passional de contar histórias de Woody Guthrie a orquestrações de Kurt Weill.

A faixa-título é uma história triste descrevendo um drama cotidiano. "Oh, California!", uma canção de vaudeville boêmia e jazzística, traz o vocal rouco de Ackles e pode ter servido como modelo para artistas como Tom Waits e mesmo Frank Zappa. O som diferenciado do álbum tem também muito a ver com a participação de Bernie Taupin, o criativo parceiro de Elton John.

O disco não ficou sequer entre os 150 mais vendidos nos Estados Unidos na época do lançamento. Mas este álbum original e fora de qualquer categoria merece ser procurado. **GD**

The Eagles
Eagles (1972)

Selo | Asylum
Produção | Glyn Johns
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:28

Apesar de nenhum dos integrantes originais dos Eagles ter nascido na Califórnia, o grupo era o símbolo do country rock da Costa Oeste nos anos 70. Antes, os Eagles eram a banda de apoio de Linda Ronstadt e sua formação como um grupo à parte coincidiu com a criação da Asylum Records. A banda foi uma das primeiras a assinar com o novo selo, ao lado de Ronstadt e Jackson Browne.

Ansiosa para trabalhar com Glyn Johns, o produtor e engenheiro de som inglês que havia gravado com o The Who, Rolling Stones, The Small Faces, Led Zeppelin e The Steve Miller Band, a banda produziu seu álbum de estréia no Olympic Studios, em Londres, que era onde John tinha a sua base: "Levei o grupo para a Inglaterra e gravamos o álbum rapidamente, em menos de três semanas", lembrou-se ele. "Acho que eu não ficava tão excitado com uma banda desde o Led Zeppelin... os Eagles eram maravilhosos, mas não sabiam realmente quanto."

"Take It Easy", "Witchy Woman" e "Peaceful Easy Feeling" ficaram entre os 30 Mais nos Estados Unidos e o álbum recebeu o disco de ouro. Parte do sucesso se deve às gloriosas harmonias vocais do grupo. Mas há outros fatores, como a habilidade dos músicos (as raízes country de Bernie Leadon ficam muito evidentes em seu trabalho com o banjo e a guitarra) e a força das canções (todo o grupo contribuiu nas composições e fazia rodízio nos vocais principais). Não é surpresa que as apresentações ao vivo da banda logo tenham se tornado imperdíveis e, cinco anos depois, os Eagles fossem considerados um dos principais grupos do mundo. **JT**

Tim Buckley | Greetings From L.A. (1972)

Selo | Warner Bros.
Produção | Jerry Goldstein
Projeto gráfico | Cal Schenkel
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:39

Depois da fraca recepção de *Starsailor,* Buckley esperou um pouco mais antes de gravar *Greetings From L.A.* Nesse meio-tempo, aos 25 anos, ele começou a absorver as influências do jazz, funk e R&B. O compositor deixou de trabalhar com seu parceiro habitual, Larry Beckett, e passou a tocar com outros músicos que podiam se enquadrar em sua nova visão musical. Isso, somado à paixão de Buckley pelos filmes de blaxploitation, o levou a fazer um álbum carregado de sexualidade, o que significava uma enorme mudança em sua imagem de trovador ingênuo.

"Move With Me" começa com pianos alegres e trompetes menos nítidos. O vocal rude de Buckley – que, pela primeira vez, usou o contraponto de um backing vocal feminino – deita e rola nesse conto sobre sexo casual. "Get On Top" traz gemidos orgásticos, ranger de camas e ágeis riffs de jazz que lembram *L.A. Woman,* do The Doors. "Sweet Surrender" é marcada pela produção de Jerry Goldstein, que coloca a interpretação máscula e gritada de Buckley sobre um dolorido arranjo de cordas, como em seus trabalhos anteriores com o War. "Nighthawkin'" mostra um Buckley mais lascivo do que nunca, caçando mulheres a bordo de um táxi. "Devil Eyes" tem teclados sombrios, enquanto a faixa que encerra o disco, "Make It Right", é uma desvairada celebração da luxúria que leva a um clímax atordoante.

A capa é um cartão-postal de Los Angeles coberta por uma névoa espessa de poluição. Na contracapa, dois retratos de Buckley com uma máscara de gás. "A mensagem que a capa tentava transmitir era a de que, mesmo nessa atmosfera horrível, pode haver uma intensa atividade musical", afirmou Buckley em entrevista à *Melody Maker.* O álbum mostrou que ele estava absolutamente correto. **AMa**

"Não preciso do mundo do rock para ser uma pessoa, um cantor ou um músico, ou para tocar para as pessoas. Tudo o que tenho de fazer é subir no palco e tocar."

Tim Buckley, 1972

Lista de músicas

▶	01	**Move With Me** (Buckley • Goldstein)	4:53
▶	02	**Get On Top** (Buckley)	6:33
	03	**Sweet Surrender** (Buckley)	6:47
▶	04	**Nighthawkin'** (Beckett • Buckley)	3:21
▶	05	**Devil Eyes** (Buckley)	6:50
	06	**Hong Kong Bar** (Buckley • Falsia)	7:08
	07	**Make It Right** (Beckett • Buckley • Falsia • Goldstein)	4:07

Nick Drake | Pink Moon (1972)

Selo | Island
Produção | John Wood
Projeto gráfico | Michael Trevithick
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 26:30

Depois que seu sensacional segundo álbum, *Bryter Layter*, foi praticamente ignorado pela crítica, Nick Drake retirou-se para seu apartamento quase vazio em Londres. *Pink Moon* estava fadado a se despir dos floreios orquestrais que deram a *Bryter Layter* e a seu álbum de estréia, *Five Leaves Left*, seu rasgado tom emotivo.

Certa vez, Peter Buck, do R.E.M., perguntou ao produtor John Wood como tinha conseguido um som tão intimista em *Pink Moon*. Wood explicou que Drake havia se limitado a sentar ao microfone, nos estúdios da Sound Techniques, e tocar. Todo o clima foi criado com o poder sem enfeites da guitarra e da voz mágica de Drake, trêmula de emoção.

Os elementos barrocos das melodias de Drake, seu intrincado trabalho de guitarra e a ampla musicalidade criam as linhas harmônicas descendentes de "Parasite" e o excesso de acordes coloridos de "Pink Moon" (a única canção em todo o álbum na qual foi feito overdub). O tom bucólico de "Place To Be" remete às imagens da natureza típicas da produção de Drake, enquanto "Ride" traz mudanças de acordes rápidas, de tirar o fôlego. O talento excepcional de Drake na guitarra permanecia intacto, mas se prestava, agora, a canções mais duras, tristes, perturbadoras. Ao que consta, Drake apareceu na gravadora apático e deixou as fitas masters deste seu último álbum com uma das secretárias.

"From The Morning" encerrra o disco com uma rara nota de otimismo. O triste, porém, é que um de seus versos – "and now we rise, and we are everywhere" – acabou sendo o epitáfio gravado no túmulo desse músico de enorme talento que morreu em 1974, com apenas 26 anos. **AMa**

"Um disco com um desespero silencioso, o som de alguém no limite."

Joe Boyd, 1978

Lista de músicas

▶	01	**Pink Moon** (Drake)	2:00
	02	**Place To Be** (Drake)	2:39
	03	**Road** (Drake)	1:58
▶	04	**Which Will** (Drake)	2:56
	05	**Horn** (Drake)	1:19
▶	06	**Things Behind The Sun** (Drake)	3:23
	07	**Know** (Drake)	2:23
▶	08	**Parasite** (Drake)	3:30
	09	**Ride** (Drake)	2:57
	10	**Harvest Breed** (Drake)	1:00
▶	11	**From The Morning** (Drake)	2:25

Paul Simon | Paul Simon (1972)

Selo | CBS
Produção | Roy Halee • Paul Simon
Projeto gráfico | John Berg • Ron Coro
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:03

Se Paul Simon ainda não estivesse seguro de tudo ter terminado, a gravação de "So Long, Frank Lloyd Wright" seria a confirmação. A faixa que encerra o lado A de *Bridge Over Troubled Water* recebeu uma interpretação adorável de Art Garfunkel, que, aparentemente, não se deu conta de que Simon havia escrito uma música sobre o fim da amizade dos dois. Simon guardou no bolso "The Only Living Boy In New York", mas a mágoa permaneceu: ele não se conformava com o fato de Garfunkel querer se dedicar menos à dupla e mais à carreira de ator. O álbum saiu no início de 1970, mas a parceria não sobreviveu além da entrega do Grammy, em março.

Como Garfunkel passou grande parte do período de gravação de *Bridge Over Troubled Water* nas filmagens de *Ardil 22*, o disco era, praticamente, um trabalho solo de Simon. *Paul Simon*, porém, é um álbum bem diferente. Há traços de seu entusiasmo por músicas exóticas: o balanço reggae de "Mother And Child Reunion", que contou com um grupo de notáveis da música jamaicana (o título foi inspirado em um prato, à base de frango e ovos, que Simon comeu num restaurante chinês), e "Hobo's Blues", em que ele duela na guitarra com o violinista Stephane Grapelli.

Paul Simon pode ser considerado um dos melhores álbuns de cantor-compositor da década de 70. Com o microfone só para ele, Simon mostra grande forma vocal, com destaque para "Duncan" (uma mistura de "The Boxer" com "El Condor Pasa"), para a melancólica valsa de "Congratulations" e para "Everything Put Together Falls Apart", que traz uma estrutura de acordes fluida mas labiríntica, uma aula de dois minutos de sofisticação musical. **WF-J**

"Era uma chance de desistir e apostar em outra coisa. Já fazia algum tempo que eu não apostava em algo."

Paul Simon, 1972

Lista de músicas

▶	01	**Mother And Child Reunion** (Simon)	3:05
	02	**Duncan** (Simon)	4:39
▶	03	**Everything Put Together Falls Apart** (Simon)	1:59
	04	**Run That Body Down** (Simon)	3:52
	05	**Armistice Day** (Simon)	3:55
▶	06	**Me And Julio Down By The Schoolyard** (Simon)	2:42
	07	**Peace Like A River** (Simon)	3:20
	08	**Papa Hobo** (Simon)	2:34
	09	**Hobo's Blues** (Grappelli•Simon)	1:21
	10	**Paranoia Blues** (Simon)	2:54
▶	11	**Congratulations** (Simon)	3:42

Roxy Music | Roxy Music (1972)

Selo | Island
Produção | Peter Sinfield
Projeto gráfico | Bryan Ferry
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:39

Gravado em 19 dias, o primeiro álbum do Roxy Music é, ainda hoje, uma das melhores e mais inovadoras estréias da história da música pop. O vocalista Bryan Ferry e o baixista Graham Simpson deixaram a banda de R&B Gasboard, baseada em Newcastle, e voltaram para Londres, onde formaram o Roxy Music com o guitarrista Phil Manzanera, o saxofonista Andy Mackay, o baterista Paul Thompson e o gênio dos sintetizadores Brian Eno. A mistura explosiva de rock dos anos 50 com saxofone e efeitos eletrônicos espaciais era inspirada pelo interesse de Ferry na pop art.

A capa luxuosa traz a modelo Kari Ann Muller vestida de estrela do cinema dos anos 50. *Roxy Music* vendeu muito bem, graças à fama conquistada pela banda em seus shows, e chegou à lista dos 10 Mais na Inglaterra com o sucesso do single "Virginia Plain", não incluído no LP. O álbum abre com os sons de uma festa em "Re-Make/Re-Model", inspirada pelo quadro *Re-Think/Re-Entry*, pintado por Derek Boshier em 1962. A faixa é um glam rock com um refrão bizarro – o número da placa de um carro, "CPL593H" – por trás da sofisticada voz de Ferry.

A recriação feita por Eno de uma aterrissagem lunar funciona como pano de fundo para uma combinação de instrumentos modernos e clássicos em "Ladytron". Os Moogs e mellotrons soltam faíscas contra as guitarras incendiárias de Manzanera em "Would You Believe?" e no country futurista "If There Is Something".

A agitada agenda de shows daquele ano cobrou seu tributo. Simpson foi dispensado depois de ficar doente e Ferry perdeu a voz e foi hospitalizado (a *NME* mostrou o cantor bebendo champanhe em seu leito, usando um pijama de seda da grife "Roxy Music"). Apesar da inclusão de "Virginia Plain", o álbum fracassou nos Estados Unidos. Mas o Roxy Music foi uma importante influência para o punk britânico. **CSh**

"A maior parte da banda é de um amadorismo inspirado, e, enquanto a gente (...) for assim, vai ficar tudo bem."

Bryan Ferry, 1972

Lista de músicas

▶	01	**Re-Make/Re-Model** (Ferry)	5:14
▶	02	**Ladytron** (Ferry)	4:26
▶	03	**If There Is Something** (Ferry)	6:34
	04	**2HB** (Ferry)	5:30
	05	**The Bob (Medley)** (Ferry)	5:48
	06	**Chance Meeting** (Ferry)	3:08
▶	07	**Would You Believe?** (Ferry)	3:53
	08	**Sea Breezes** (Ferry)	7:03
	09	**Bitters End** (Ferry)	2:03

Alice Cooper | School's Out (1972)

Selo | Warner Bros.
Produção | Bob Ezrin
Projeto gráfico | Wilkes & Braun Inc.
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:57

Quando chegou a Los Angeles, vinda de Tucson, Arizona, a banda de Alice Cooper criou uma imagem controvertida e foi contratada pelo selo de Frank Zappa, Straight. Dois mal-afamados álbuns de pandemônio psicodélico depois, o grupo se mudou para Detroit e ficou amigo dos Stooges, para quem o rugido da cidade dos automóveis era tão vital em sua evolução quanto a produção de Bob Ezrin.

Quando a Warner comprou a Straight, a banda de Cooper foi pressionada a fazer um novo disco. Depois de dois LPs de hard rock e alguns sucessos em singles, produzidos por Ezrin, Cooper e seu grupo encontraram o seu som e reforçaram sua popularidade, fazendo, em seus shows para multidões, uma performance bizarra, como se fossem bufões do Grand Guignol.

O impacto visual de Alice Cooper foi completamente transferido para o vinil em *School's Out*, o álbum precedido pelo single homônimo, de grande sucesso. Foi seu single mais popular até então – uma rebelião descrita por riffs mortais e slogans revoltados, que se tornou um hino do punk para qualquer adolescente contestador do início dos anos 70. A banda – guiada pela voz depravada de Cooper e o pop cruel do guitarrista Michael Bruce – trabalhou duro com Ezrin num álbum conceitual, inspirado no musical *Amor, Sublime Amor*. Esta fantasia criativa sobre a delinqüência juvenil trazia suntuosos arranjos no estilo das big bands de jazz ("Gutter Cat Vs. The Jet", "Grand Finale", "BlueTurk") e operístico ("My Stars"), imitação dos Beatles ("Alma Mater"), além de rocks maravilhosos ("Luney Tune" e "Public Animal N.º 9"). O rock vaudeville de Alice Cooper, superproduzido mas, ainda assim, um perfeito épico adolescente, seria a referência para artistas como Marylin Manson e Turbonegro. **JG**

"A gente tinha uma espécie de visão satírica da vida americana."

Michael Bruce, 1996

Lista de músicas

▶	01	**School's Out** (Bruce • Buxton • Cooper • Dunaway • Smith)	3:26
	02	**Luney Tune** (Cooper • Dunaway)	3:36
▶	03	**Gutter Cat Vs. The Jets** (Bernstein • Buxton • Dunaway • Sondhelm)	4:39
	04	**Street Fight** (Bruce • Buxton • Cooper • Dunaway • Smith)	0:53
	05	**Blue Turk** (Bruce • Cooper)	5:29
▶	06	**My Stars** (Cooper • Ezrin)	5:46
▶	07	**Public Animal No. 9** (Bruce • Cooper)	3:53
▶	08	**Alma Mater** (Smith)	3:39
	09	**Grand Finale** (Bernstein • Bruce • Buxton • Cooper • David • Dunaway • Ezrin • Smith)	4:36

The Temptations | All Directions (1972)

Selo | Tamla Motown
Produção | Norman Whitfield
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:33

Era tentador descartar esse grupo vocal por conta de alguns momentos de sua carreira, principalmente no início dos anos 70, quando Eddie Kendricks e Paul Williams saíram. A ausência de Kendricks, em particular, foi considerada potencialmente devastadora para o grupo, já que tinha sido o cantor principal do sucesso "Just My Imagination (Running Away With Me)".

A capa enganosamente simples, que mostra os cinco integrantes do grupo ao redor de uma árvore, encobre um álbum ambicioso, que teve como ponto de partida o experimentalismo de *Psychedelic Shack*, de 1970, mas avançou por novos caminhos. Graças, em especial, a "Papa Was A Rolling Stone", uma epopéia com quase 12 minutos de duração, os Temps conseguiram se desprender de sua imagem de baladistas no estilo anos 60 e aderir aos sons mais ásperos do soul e do R&B, que estavam na moda.

Os Temptations deram adeus ao material do tipo "My Girl" e, de forma convicente, arrasam com "Funky Music Sho' Nuff Turns Me On", um balanço viciante no estilo do Earth, Wind & Fire, e mantêm o ritmo com "Run Charlie Run", que lembra o War. Na faixa seguinte a "Papa...", "Love Woke Me Up This Morning", a banda mostra que ainda consegue emocionar e se supera no doo-wop de "I Ain't Got Nothing". O álbum fica redondo com a leitura afinada e firme de "Do Your Thing", de Isaac Hayes.

All Directions, orientado pela produção inteligente de Norman Whitfield e reforçado pelo novo integrante, Damon Harris, foi um sucesso imediato de público e crítica que ganhou três vezes o Grammy e firmou o lugar do grupo na indústria musical até a década seguinte. **JiH**

"Deus cria pessoas talentosas todos os dias. É a disposição do coração e da cabeça que valoriza essas pessoas."

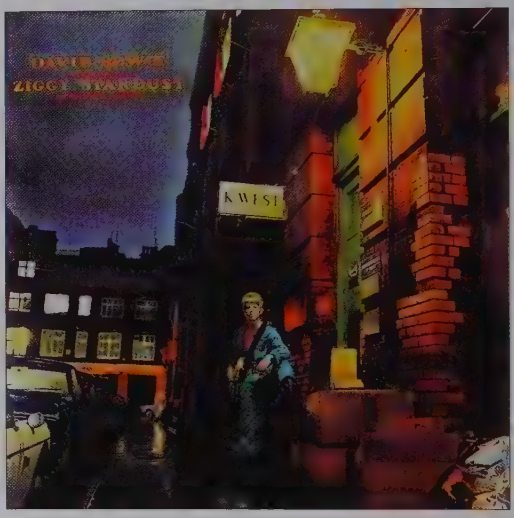
Otis Williams, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Funky Music Sho' Nuff Turns Me On** (Strong • Whitfield)	2:56
▶	02	**Run Charlie Run** (Foreman • King)	2:59
▶	03	**Papa Was A Rolling Stone** (Strong • Whitfield)	11:45
▶	04	**Love Woke Me Up This Morning** (Ashford • Simpson)	2:38
	05	**I Ain't Got Nothing** (E. King • M. King)	3:30
	06	**The First Time Ever I Saw Your Face** (MacColl)	3:59
	07	**Mother Nature** (Fekaris • Zesses)	2:54
▶	08	**Do Your Thing** (Hayes)	2:52

David Bowie | The Rise And Fall Of Ziggy Stardust And The Spiders From Mars (1972)

Selo | RCA
Produção | David Bowie • Ken Scott
Projeto gráfico | Terry Pastor
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:29



Com *Ziggy...*, David Bowie redefiniu o conceito masculino de estrela do rock. A capa mostra o cantor como um ser andrógino, magro, de cabelo curto, num beco lavado pela chuva (embora, no estúdio, ele ainda usasse as longas madeixas da época do álbum anterior, *Hunky Dory*). Com a guitarra pendurada no pescoço, ele parece um alienígena enviado ao insípido planeta Terra para trazer o rock' n' roll (tirada na Heddon Street, em Londres, a foto originalmente em preto-e-branco foi colorizada, para ficar com o visual dos quadrinhos de ficção científica dos anos 50).

Ziggy... é o único disco de glam rock que resistiu à passagem do tempo. Os riffs e os solos arrojados do guitarrista Mick Robinson – arrepiantes em "Moonage Daydream", "Suffragette City" e na faixa-título – ajudaram a definir o som glam. Os vocais de Bowie mudam a cada canção – às vezes reflexivos, às vezes refinados, desesperados ou extasiados. *Ziggy...* contém altas doses de ambigüidade sexual e imagens espaciais, mas o álbum está ancorado numa música sólida e em arranjos cuidadosos e bem elaborados.

O LP pode ter, na época, soado como um lampejo do futuro. Ao assumir o papel de um inquieto outsider do rock 'n' roll, Bowie se conectou, ao mesmo tempo, aos adolescentes e aos críticos (a *Rolling Stone* deu ao álbum "nota 99, de 1 a 100"). A Inglaterra e os Estados Unidos se apaixonaram por Ziggy – assim como os punks e os New Romantics, mais adiante, que se identificaram com a ambigüidade sexual do personagem e sua aparência extravagante. **RD**

"(...) os anos 70 foram o início do século 21 (...)"

David Bowie, 1982

Lista de músicas

▶	01	**Five Years** (Bowie)	4:42
	02	**Soul Love** (Bowie)	3:34
	03	**Moonage Daydream** (Bowie)	4:40
▶	04	**Starman** (Bowie)	4:10
	05	**It Ain't Easy** (Davies)	2:58
	06	**Lady Stardust** (Bowie)	3:22
	07	**Star** (Bowie)	2:47
	08	**Hang On To Yourself** (Bowie)	2:40
▶	09	**Ziggy Stardust** (Bowie)	3:13
▶	10	**Suffragette City** (Bowie)	3:25
▶	11	**Rock 'N' Roll Suicide** (Bowie)	2:58

War | The World Is A Ghetto (1972)

Selo | United Artists
Produção | Jerry Goldstein
Projeto gráfico | Howard Miller
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:49

No início dos anos 70, viver numa cidade, nos Estados Unidos, era uma experiência dicotômica, especialmente em Los Angeles – onde os sonhos de Hollywood contrastavam de forma gritante com a realidade do cotidiano das crescentes comunidades latinas e afro-americanas. A divergência de culturas criou um estado de tensão (os distúrbios raciais em Watts, em 1965, ainda doíam na memória coletiva), mas também proporcionou um terreno fértil para a música, no qual surgiram bandas como Sly And The Family Stone e War.

O War, uma convergência de jazz, funk, rock e influências latinas, tinha feito sucesso com "Spill The Wine", um single que contava com Eric Burdon, ex-líder dos Animals. Os sete integrantes do War seguiram em frente e gravaram dois álbuns muito promissores. Mas foi em *The World Is A Ghetto* que a banda utilizou todo o seu potencial. O título sugeria uma manifestação política pública, mas a capa de Howard Miller transmitia a vibração iluminada do álbum – a ilustração mostra um Rolls Royce, com um pneu furado, preso no gueto. De fato, "The Cisco Kid", com seu sabor latino (uma homenagem irônica ao herói do cinema dos anos 50), e a funky "Where Was You At" são totalmente apolíticas, num tom muito mais de celebração da vida do que de proselitismo. Mesmo as letras da faixa-título trazem a mensagem otimista de um amor nascido do smog da cidade.

A extraordinária reação positiva ao álbum (foi o mais vendido de 1973) mostra como o War soube traduzir a experiência urbana. A banda continuou a fazer sucesso ao longo da década, mas *Ghetto* ainda é seu trabalho mais coeso e satisfatório. **TSh**

"O mundo ainda é um gueto. Sempre vai haver uma razão para tocar nossas canções... porque a *guerra* é uma realidade."

Lonnie Jordon, 2000

Lista de músicas

▶ 01	**The Cisco Kid**	(Allen • Brown • Dickerson Jordan • Miller • Oskar • Scott)	4:35
02	**Where Was You At**	(Allen • Brown • Dickerson Jordan • Miller • Oskar • Scott)	3:25
▶ 03	**City, Country, City**	(Allen • Brown • Dickerson Jordan • Miller • Oskar • Scott)	13:18
04	**Four Cornered Room**	(Allen • Brown • Burdon Dickerson • Jordan • Miller • Oskar • Scott)	8:30
▶ 05	**The World Is A Ghetto**	(Allen • Brown Dickerson • Jordan • Miller • Oskar • Scott)	10:10
06	**Beetles In The Bog**	(Warner)	3:51

Al Green | Let's Stay Together (1972)

Selo | Hi
Produção | Willie Mitchell
Projeto gráfico | Marlene Bergman
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:38

Em 1969, o produtor Willie Mitchell contratou um cantor de 23 anos chamado Al Green para seu selo Hi Records, baseado em Memphis. Green era de Forrest City, Arkansas, do outro lado do rio Mississippi, e, naquele mesmo ano, vinha fazendo algum sucesso com uma banda de R&B, os Soul Mates. Mitchell e Green começaram a fazer juntos uma série de discos, culminando com o álbum *Let's Stay Together*, de 1972. A faixa-título, lançada em single, ficou em primeiro lugar nas paradas durante nove semanas.

Mitchell tinha sido líder de uma banda em Ashland, Missouri, e entrou para a Hi Records em 1959, onde aperfeiçoou o som Hi, um maremoto sonoro denso, composto por órgãos ferozes, metais fortes e arranjos de cordas. A técnica de produção de Mitchell atingiu sua melhor expressão nos discos de Green, graças, em boa parte, à voz do cantor, um instrumento maravilhoso e versátil, capaz de pular, sem aviso, de um tom grave e áspero a um doloroso falsete.

Let's Stay Together assumiu alguns importantes riscos – a faixa-título, por exemplo, possui uma melodia que sobe e desce de forma imprevisível, algo pouco ortodoxo numa gravação pop que se proponha a vender muito. Outra faixa, "La-La For You", explora um tom menor dissonante. Green pega uma música dos Bee Gees, "How Can You Mend A Broken Heart?", agradável, mas sem grandes brilhos, e a transforma num lamento devastador, quase um épico. A partir de meados da década de 70, Green se dedicou mais à pregação evangélica. Essa mudança não é, de todo, uma surpresa – sensual, cheio de sentimento e transcendental, *Let's Stay Together* é, na verdade, um alimento espiritual completo. **KB**

"Havia muito tumulto nos meus shows, garotas excitadas..."

Al Green, 1996

Lista de músicas

▶	01	**Let's Stay Together** (Green • Jackson • Mitchell)	3:18
▶	02	**La-La For You** (Green • Mitchell)	3:31
	03	**So You're Leaving** (Green)	2:57
▶	04	**What Is This Feeling?** (Green)	3:42
	05	**Old Time Lovin'** (Green)	3:19
▶	06	**I've Never Found A Girl (Who Loves Me Like You Do)** (Floyd • Isbell • Jones)	3:41
	07	**How Can You Mend A Broken Heart?** (B. Gibb • R. Gibb)	6:22
	08	**Judy** (Green)	3:47
	09	**It Ain't No Fun To Me** (Green)	3:23

The Rolling Stones | Exile On Main St. (1972)

Selo | Rolling Stones Records
Produção | Jimmy Miller
Projeto gráfico Robert Frank
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 66:25

Em 1972, os Stones eram foras-da-lei – se bem que, agora, estavam fugindo dos impostos, e não dos demônios que os haviam perseguido três anos antes – e só aqueles de estômago forte conseguiam acompanhá-los. Quando a banda chegou à vila de Keef, no Sul da França, levava junto apenas os amigos mais chegados, mas os 12 meses de gravação e mixagem de *Exile On Main St.* cobraram seu tributo. Havia, como sempre, o álcool e as drogas. Eles tinham escolhido morar e viver juntos numa mansão desconfortável – um antigo quartel-general dos nazistas –, o que acabou sendo um inferno. A decisão de Mick de desaparecer com Bianca só colaborou para o mal-estar geral.

Exile On Main St. foi, portanto, uma criação de Richards, mas ele não teria feito nada sem o melhor time de músicos de apoio com o qual havia tocado: Jimmy Miller (produção e percussão), Bobby Keys (saxofone), Jim Price (trompete e trombone) e Nicky Hopkins (piano) estão presentes em todo o disco, fazendo um som relaxado que tanto esconde quanto valoriza a música. O conhecido fotógrafo Robert Frank foi contratado para criar a capa do álbum, seguindo a linha "e nós é que somos esquisitos?". Depois ele acompanhou a turnê da banda pelos Estados Unidos para fazer um road movie, *Cocksucker Blues,* mas, quando os Stones viram o copião, perceberam claramente a diferença entre ser sexy e ser machista, e cancelaram o trabalho.

E a música? A banda odiou o álbum, mas, para quem gosta de rock, o DNA do gênero está todo ali, espalhado por aqueles quatro lados muito melhores do que *The White Album*. Nem tudo o que se ouve falar do disco é verdade, mas é melhor acreditar na lenda. Os Stones nunca mais seriam tão bons. **DH**

Lista de músicas

▶	01	**Rocks Off** (Jagger•Richard)	4:30
	02	**Rip This Joint** (Jagger•Richard)	2:22
	03	**Shake Your Hips** (Moore)	2:57
	04	**Casino Boogie** (Jagger•Richard)	3:31
▶	05	**Tumbling Dice** (Jagger•Richard	3:42
	06	**Sweet Virginia** (Jagger•Richard)	4:25
	07	**Torn & Frayed** (Jagger•Richard	4:16
	08	**Sweet Black Angel** (Jagger•Richard)	2:52
	09	**Loving Cup** (Jagger•Richard)	4:21
▶	10	**Happy** (Jagger•Richard)	3:02
	11	**Turn On The Run** (Jagger•Richard)	2:34
	12	**Ventilator Blues** (Jagger•Richard•Taylor)	3:24
	13	**I Just Want To See His Face** (Jagger•Richard)	2:51
▶	14	**Let It Loose** (Jagger•Richard)	5:16
	15	**All Down The Line** (Jagger•Richard)	3:47
	16	**Stop Breaking Down** (Trad.)	4:34
▶	17	**Shine A Light** (Jagger•Richard)	4:14
	18	**Soul Survivor** (Jagger•Richard)	3:47

Lynyrd Skynyrd
Pronounced Leh-nerd Skin-nerd (1973)

Selo | MCA
Produção | Al Kooper
Projeto gráfico | Emerson-Loew
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:58

Em 1973, o Lynyrd Skynyrd surgiu dos pântanos da Flórida como se fosse um filho indesejado do novo Sul dos Estados Unidos, uma cultura ao mesmo tempo arrependida e desafiadora de sua herança maculada. Quando gravou seu álbum de estréia, o Skynyrd já estava afiado no som ágil, embalado por frango frito dos bares e espeluncas de Dixieland, juntando, pelo caminho, um trio de guitarras ferozes, para complementar uma seção rítmica bem-ajustada e a voz poderosa de Ronnie Van Zant. O mais importante, porém, neste álbum – e para as incontáveis bandas que se inspiraram nele – eram as ambigüidades que diferenciavam o grupo. Os integrantes da banda pareciam confederados truculentos, mas sua música tinha o toque dos imigrantes negros. *Pronounced...* exibia e também desafiava os estereótipos dos sulistas e a banda se tornou a primeira manfestação verdadeira do rock do Sul.

Com um pouco de blues, um pouco de country e um pouco de The Who, o disco mostra o melhor dos riffs do rock na bombástica música de abertura, "I Ain't The One", e na advertência de "Poison Whiskey". Se os rivais Allman Brothers tinham se aventurado pelo jazz num estilo hippie, o Skynyrd apresentava o mesmo virtuosismo, mas ancorado no blues. A acústica "Mississippi Kid" é um boogie do Delta e "Things Goin' On" soa familiar, como se fosse tocada no bar vizinho.

E há "Freebird", um fecho de tirar o fôlego, que transformou a banda em celebridade e colocou o álbum nas paradas. Meditativa, frágil, rica e comovente, essa música é uma lição de rock em nove minutos, incluindo uma divertida explosão de guitarra raramente vista até então, e mesmo desde então. **MO**

"O rock do Sul é um rótulo falso, uma coisa para vender revista. A gente não toca como os Allmans..."

Ronnie Van Zant, 1977

Lista de músicas

▶	01	**I Ain't The One** (Rossington • Van Zant)	3:53
	02	**Tuesday's Gone** (Collins • Van Zant)	7:30
	03	**Gimme Three Steps** (Collins • Van Zant)	4:27
▶	04	**Simple Man** (Rossington • Van Zant)	5:56
	05	**Things Goin' On** (Rossington • Van Zant)	4:57
▶	06	**Mississippi Kid** (Burns • Kooper • Van Zant)	3:54
	07	**Poison Whiskey** (King • Van Zant)	3:13
▶	08	**Freebird** (Collins • Van Zant)	9:08

Michael Viner's Incredible Bongo Band
Bongo Rock (1973)

Selo | Pride
Produção | Perry Botkin Jr. • Michael Viner
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Canadá • EUA
Duração | 33:17

A The Incredible Bongo Band se formou a partir de um grupo de músicos de estúdio desconhecidos para tocar temas de um filme B da MGM, *The Thing With Two Heads*, de 1972. Michael Viner, diretor da Pride, uma subsidiária da MGM que não durou muito, juntou os músicos e gravou duas faixas – "Bongo Rock" e "Bongolia". A MGM decidiu lançar essas canções num single duplo de 45 rpm que vendeu cerca de um milhão de cópias. O LP foi gravado rapidamente, para aproveitar esse sucesso.

De novo ele reuniu o pessoal (os nomes dos músicos se perderam com o tempo – o próprio Viner não se lembra da equipe) e o disco foi gravado em poucos dias, no Canadá. Outros instrumentistas – Viner entre eles – participaram das sessões.

O álbum vendeu bem na época, mas começou a virar lenda nas gerações seguintes. Foram as quebradas de bateria na versão da banda do sucesso "Apache", dos Shadows, que, reforçadas pelo uso de duas cópias em vinil – um efeito criado pelo DJ novaiorquino Kool Herc –, anunciaram o nascimento do hip hop. Desde então, a música foi sampleada por centenas de artistas e grupos (como o Sugarhill Gang), assim como a faixa-título, tornando este álbum um clássico cult e uma peça de colecionador.

Surgiu uma continuação, *The Return Of The Incredible Bongo Band*, em 1974, mas o disco não conseguiu repetir o sucesso e a energia do primeiro, apesar da participação de convidados especiais, como Ringo Starr. **CR**

"Dizem que o disco já foi sampleado 200 vezes em 100 milhões de álbuns, mas tenho certeza de que me pagaram só uns 3% disso."

Michael Viner, 2004

Lista de músicas

	01	**Let There Be Drums** (Nelson • Podolar)	2:38
▶	02	**Apache** (Lordan)	4:54
▶	03	**Bongolia** (Botkin)	2:14
	04	**Last Bongo In Belgium** (Botkin • Viner)	6:55
	05	**Dueling Bongos** (Botkin • Viner)	2:56
	06	**In-A-Gadda-Da-Vida** (Ingle)	7:42
	07	**Raunchy '73** (Justis • Manker)	3:23
▶	08	**Bongo Rock** (Egnolan • Epps)	2:35

David Bowie | Aladdin Sane (1973)

Selo | RCA
Produção | David Bowie • Ken Scott
Projeto gráfico | Duffy Design Concepts
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:47

O camaleão do rock não mudou de cores entre o revolucionário *Ziggy Stardust...*, de 1972, e *Aladdin Sane*, de 1973 (sua tentativa de quebrar as resistências do público americano). Ele ainda era a mesma estrela infantilizada do glitter-rock, "making love to his ego", como dizia em "Ziggy Stardust".

Composto em boa parte durante a turnê de Bowie pelos Estados Unidos, em 1972, *Aladdin Sane* começa onde *Ziggy* parou e conta as memórias brutais da ascensão meteórica de um artista de rock ao estrelato. O desespero e a demência escorrem das faixas, enquanto o personagem central luta para, em meio ao estupor de drogas e álcool, encontrar algum tipo de revelação e, talvez, se redescobrir. O novo personagem não provoca a mesma empatia que Ziggy, mas o álbum provou suas qualidades, graças a músicas cativantes como "Panic In Detroit", "Time" e "The Jean Genie".

Como em *Ziggy*, o guitarrista Mick Ronson é uma estrela também neste álbum. Ele se atira à guitarra, no estilo de Keith Richards, na sensacional faixa de abertura, "Watch That Man", e parece o Godzilla visitando Suffragette City na malvada "Panic In Detroit". O produtor Ken Scott, que foi o engenheiro de som de *Magical Mystery Tour* e *White Album*, dos Beatles, vai da sofisticação da faixa-título ao rock obsceno de "Cracked Actor".

O teclado de Mike Garson enfeita a faixa final, a arrepiante "Lady Grinning Soul", enquanto a melodramática leitura de Bowie de "Time" é o verdadeiro hino do álbum. O único ponto fraco do disco está na interpretação equivocada de "Let's Spend The Night Together", dos Rolling Stones, um prenúncio do decepcionante álbum seguinte de Bowie, *Pin-Ups*, uma coletânea de versões. **JiH**

"É a união entre o consumidor e a arte que cria e completa a arte."

David Bowie, 1999

Lista de músicas

	01	**Watch That Man** (Bowie)	4:25
▶	02	**Aladdin Sane** (Bowie)	5:06
	03	**Drive-In Saturday** (Bowie)	4:29
▶	04	**Panic In Detroit** (Bowie)	4:25
	05	**Cracked Actor** (Bowie)	2:56
▶	06	**Time** (Bowie)	5:09
	07	**The Prettiest Star** (Bowie)	3:26
	08	**Let's Spend The Night Together** (Jagger • Richards)	3:03
▶	09	**The Jean Genie** (Bowie)	4:02
	10	**Lady Grinning Soul** (Bowie)	3:46

King Crimson | Larks' Tongues In Aspic (1973)

Selo | Island
Produção | King Crimson
Projeto gráfico | Tantra Designs
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:41

Larks' Tongues In Aspic é um feito artístico maravilhoso e uma virada na música da banda, inferior apenas a *The Court Of The Crimson King*, a obra-prima do King Crimson. Gravado no inverno de 1973, o álbum traz a banda com uma formação renovada: o virtuose da guitarra e líder Robert Fripp, o ex-baterista do Yes Bill Bruford, o vocalista e baixista John Wetton (que tinha sido do Family), o violinista David Cross e o percussionista Jamie Muir. O título bizarro do disco foi dado pelo excêntrico Muir, que, de forma abrupta e inesperada, sumiu durante anos logo depois de gravar o álbum. *Larks' Tongues...* foi a última aparição desse músico imprevisível com o King Crimson.

A música é uma obra de arte, do tilintar dos pratos da bateria aos diálogos finais do baixo com o violino. As improvisações longas e apaixonadas mostram, de maneira inequívoca, a excepcional habilidade musical da banda. As letras do novo poeta do grupo – Richard Palmer-James (primeiro guitarrista do Supertramp) – eram mais pé-no-chão que as dos discos anteriores do Crimson. "Exiles", "Book Of Saturday", "Easy Money" e "The Talking Drum" são simplesmente sensacionais. O clímax dramático, porém, é dado pelos pesados riffs de guitarra de Robert Fripp, na segunda parte da faixa-título.

Larks' Tongues... é inovador tanto em termos de ritmo como de som e suas composições revelaram formas novas e visionárias de pensamento musical. A arte da capa também foi revolucionária. Embora o álbum não tenha sido um sucesso estrondoso (ficou em 61º lugar nas paradas dos Estados Unidos e em 20º na Inglaterra), permanece até hoje como um dos pilares do rock progressivo. **AW-J**

"Foi um inferno, de verdade, gravar o disco – ninguém conseguia decidir que diabo de música a gente imaginava estar tocando."

Bill Bruford, 1980

Lista de músicas

01	**Larks' Tongues In Aspic, Part One** (Bruford • Cross • Fripp • Muir • Wetton)	13:36
02	**Book Of Saturday** (Fripp • Palmer-James • Wetton)	2:59
03	**Exiles** (Cross • Fripp • Palmer-James)	7:37
04	**Easy Money** (Fripp • Palmer-James • Wetton)	7:51
05	**The Talking Drum** (Bruford • Cross • Fripp • Muir • Wetton)	7:28
06	**Larks' Tongues In Aspic, Part Two** (Fripp)	7:10

Bob Marley And The Wailers | Catch A Fire (1973)

Selo | Island
Produção | Chris Blackwell
Projeto gráfico | Rod Dyer • Bob Weiner
Nacionalidade | Jamaica
Duração | 35:59

Em dezembro de 1971, em Londres, um Bob Marley maltrapilho adentrou o escritório de Chris Blackwell, fundador da Island Records, em busca de uma chance. Também jamaicano, Blackwell viu ali uma oportunidade de ouro e adiantou US$ 6 mil para que Marley e sua banda, The Wailers, voltassem para a Jamaica e gravassem um álbum. De posse das fitas master, Blackwell recrutou músicos americanos de estúdio, acrescentou guitarras de rock e teclados e encomendou uma capa bacana, no formato de um isqueiro Zippo. O álbum recebeu críticas entusiasmadas e preparou o terreno para a ascensão internacional do reggae.

Este não foi apenas o primeiro álbum de reggae a entrar no mercado de rock, mas também a primeira parceria de Marley com os companheiros fundadores do Wailers, Peter Tosh e Bunny Livingstone. Sustentado pelas linhas de baixo fortes e disciplinadas de Aston Barrett e pelas notas ascendentes da guitarra de Tosh, o trio mostra a variedade de sua habilidade vocal, transmitindo sua mensagem engajada numa rica harmonia.

A mágica faixa de abertura, "Concrete Jungle", traz o desespero diante da terrível pobreza dos guetos urbanos. A vigorosa "400 Years", de Tosh, e a ameaçadora "Slave Driver" lembram o legado histórico opressivo da escravidão; em "No More Trouble", eles dizem "We don't need no trouble" e apresentam a solução num desafio –"What we need is love". Há ainda incursões a romances – a deliciosa "Stir It Up", com sua linha de baixo crescente e sinuosos solos de wah-wah (uma cortesia dos acréscimos feitos por Blackwell), leva à relaxante "Kinky Reggae", que tem um divertido jogo de repetições.

Marley canta todas as faixas, à exceção de duas, mas *Catch A Fire* é, sem dúvida, o trabalho de uma banda ávida e cheia de energia criativa. **MW**

**"Não me vejo como jamaicano.
Eu me vejo como um rastafári.
A Jamaica é a Jamaica...
Eu sou rastafári!"**

Bob Marley, 1973

Lista de músicas

▶	01	**Concrete Jungle** (Marley)	4:13
	02	**Slave Driver** (Marley)	2:53
	03	**400 Years** (Marley • Tosh)	2:45
▶	04	**Stop That Train** (Tosh)	3:55
	05	**Baby We've Got A Date** (Marley)	3:57
▶	06	**Stir It Up** (Marley)	5:32
▶	07	**Kinky Reggae** (Marley)	3:37
▶	08	**No More Trouble** (Marley)	3:57
	09	**Midnight Ravers** (Marley)	5:10

Hawkwind
Space Ritual (1973)

Selo | United Artists
Produção | Hawkwind
Projeto gráfico | Barney Bubbles • Pierre
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 115:32

Este álbum duplo ao vivo – a obra-prima do Hawkwind – traz a formação clássica do grupo, com o guitarrista/vocalista (e fundador) Dave Brock, o poeta Robert Calvert, o saxofonista e flautista Nik Turner, o baixista Lemmy Kilmister, o baterista Simon King, Del Dettmar no sintetizador e o especialista em eletrônica DikMik, e é, talvez, uma viagem sonora insuperável.

Idealizada por Calvert, a turnê de guerrilhas urbanas, em 1972, tinha um conceito multimídia que envolvia dançarinos nus, cenários e figurinos cósmicos, luzes caleidoscópicas e um show de laser. Músicas do segundo e terceiro LPs da banda, *In Search Of Space* e *Doremi Fasol Latido*, eram ligadas por colagens sonoras sombrias e jogos de palavras. O conjunto formava uma narrativa pseudo-operística sobre sete cosmonautas que viajam pelo espaço desacordados, num estado de animação suspensa. Mas são as músicas que se destacam no disco. "Born To Go" e a pulverizante "Brainstorm" são levadas por um baixo metronômico e marinadas em efeitos sibilantes. A confusa "Orgone Accumulator" e a extasiante "Space Is Deep" criam um ambiente mais lisérgico. Em contraste, "Master Of The Universe" é um bate-estaca composto de riffs hipnóticos de metal, ritmos intergaláticos no oscilador e fantasia de história em quadrinhos.

O Hawkwind lançou outros grandes discos ao longo dos anos 70, mas, nas décadas seguintes, algumas mudanças pessoais e uma certa "pirataria oficial" diminuíram seu status (embora Brock ainda faça algumas apresentações). Mas sua performance audiovisual infuenciou muitos outros grupos. **MA**

John Cale
Paris 1919 (1973)

Selo | Warner Bros.
Produção | Chris Thomas
Projeto gráfico | Mike Salisbury
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 31:30

É difícil imaginar um disco tão europeu sendo produzido em Los Angeles, num estúdio com nome muito apropriado – Sunwest. Talvez seja esta a razão por que *Paris 1919* brilha com uma luz que só tremulou no álbum solo de Cale, *Vintage Violence* (1971).

Claro, o produtor Chris Thomas era britânico, mas os músicos de estúdio eram Lowell George e Richard Hayward, do Little Feat, um marco do rock californiano dos anos 70. As orquestrações são elaboradas, mas o álbum não é uma obra clássica como *The Academy In Peril* (1972). Trata-se, na verdade, de um disco pop suculento, utilizado pelo artista para exorcizar seu passado experimental com o LaMonte Young e o The Velvet Underground.

A hipnotizante faixa de abertura, "Child's Christmas In Wales", faz referência ao poeta mais famoso do país de Cale, Dylan Thomas. "Andalucia" e "Half Past France" são retratos de viagem autobiográficos; "Macbeth" é uma homenagem ao boogie-rock e "Graham Greene" toma chá com uma pitada de reggae. "Hanky Panky Nohow" e "Antarctica Starts Here" expressam uma sensibilidade que há muito não era vista no rock.

O álbum, o retrato de uma alma atormentada num raro momento de equilíbrio pessoal e uma proeza musical que Cale nunca igualaria, ainda exala uma mistura rica e coesa de nostalgia e surrealismo. Os arranjos são maravilhosos – o crédito é de Cale, que já havia feito os arranjos de *The Marble Index*, da amiga Nico – e a música, genial. Outros álbuns de Cale podem estar mais próximos do espírito desafiador adorado por uma minoria, mas nenhum entrou na história do pop como *Paris 1919*. **IJ**

Can
Future Days (1973)

Selo | Spoon
Produção | Can
Projeto gráfico | Ingo Trauer
Nacionalidade | Alemanha • Japão
Duração | 41:04

Future Days representa a tentativa do Can de despir o rótulo de "Reis do Krautrock". Nada das alucinações de space-rock de *Monster Movie* (1969) e do experimentalismo pop-progressivo de *Ege Bamyasi* (1972). É certo que traços de *Tago Mago* (1971) ainda ecoam no reggae funk do único single gerado pelo álbum, "Moonshake", mas, desta vez, os alemães escaparam do beco sem saída dos solos de guitarra, típicos de colegas britânicos como o Pink Floyd.

Em "Spray", o Can ajusta a mira para descobrir seu próprio baú de segredos do rock, através do ronco da guitarra de Michael Karoli, dos hipnóticos teclados de Irmin Schmidt e dos cânticos em código Morse, quase sempre incoerentes, de Damo Suzuki. É só acrescentar o pulsar cíclico de jazz do mestre da bateria Jaki Liebezeit e o baixo monocórdico de Czukay para entender a fórmula que garante a *Future Days* sua longevidade. É um rock para fãs de jazz e música clássica, uma música-cabeça que mapeia o vazio interior de cada integrante do grupo e seus improvisos coletivos. Quando "Bel Air" libera sua enxurrada de 20 minutos de guitarras, repetições de bateria, samples de pássaros, sons eletrônicos sombrios e breakbeats, o Can já não pode ser considerado apenas uma banda de rock.

Suzuki certamente não poderia mais ser incluído nessa categoria: virou testemunha-de-jeová. O grupo implodiu no ritmo global de *Soon Over Babaluma* (1974), antes de se separar. O Can reapareceu no radar quando *Future Days* ressurgiu, nos anos 90, como um modelo de improvisação para estilistas pós-rock, como o Tortoise. **MK**

Lou Reed
Berlin (1973)

Selo | RCA
Produção | Bob Ezrin
Projeto gráfico | Pacific Eye And Ear
Nacionalidade | EUA
Duração | 49:30

Depois do sucesso de vendas de *Transformer*, de 1972, os críticos e os fãs estavam ansiosos por outra dose de glam rock contagiante e sexualmente ambíguo. Mas o que Reed ofereceu era muito mais difícil de digerir.

Berlin era a obra mais brutal de Reed até então. Concebido como "cinema para os ouvidos", o álbum faz uma crônica do fim do relacionamento de um casal americano, Caroline e Jim, que vive na cidade alemã dividida. As canções falam de infidelidade ("Caroline Says I"), drogas ("How Do You Think It Feels") e violência ("Caroline Says II"), e o ciclo se encerra com o suicídio de Caroline ("The Bed"). Indiferente, Jim se recusa a chorar a morte da namorada e "Sad Song" encerra o álbum com versos perturbadores: "I'm gonna stop wastin' my time/Somebody else would have broken both her arms."

O produtor Bob Ezrin elaborou uma trilha sonora perfeita para acompanhar o roteiro de Reed. Ele convidou estrelas para a banda de apoio e, cuidadosamente, montou cada uma das 10 faixas como se fossem movimentos sinfônicos. O resultado foi uma gloriosa fatia de rock orquestral, muito diferente do acompanhamento nu de *Transformer*.

O público não estava preparado para um projeto lúgubre tão ambicioso. A *Rolling Stone* disse que *Berlin* era um "desastre" e o álbum mal conseguiu se alinhar entre os 100 mais vendidos dos Estados Unidos. O disco pode ter sido um fracasso comercial, mas sua atmosfera sombria instigou uma nova geração de músicos. Menos de uma década depois, Ian Curtis, do Joy Division, seria aclamado por fazer o tipo de construção dark pela qual Reed foi crucificado. **TB**

Genesis | Selling England By The Pound (1973)

Selo | Charisma
Produção | John Burns • Genesis
Projeto gráfico | Betty Swanwick
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 53:40

O quinto álbum do Genesis representou um salto espetacular para o grupo, em termos criativos e comerciais. Muitos fãs ainda consideram este disco o melhor da banda, com ou sem Peter Gabriel.

Apesar de não ser um álbum conceitual como o seguinte, *The Lamb Lies Down On Broadway*, suas letras fazem uma crônica sarcástica da Inglaterra da época, um país que sofria com a competição industrial e com a instabilidade econômica, num contraste absoluto com o colorido e a energia dos anos 60. Esse tom é determinado já na faixa de abertura, "Dancing With The Moonlit Knight", na qual Peter Gabriel, sem acompanhamento, pergunta: "Can you tell me where my country lies?" A partir daí, as lendas do Rei Artur e as histórias cantadas por menestréis medievais se combinam com as críticas do grupo ao consumismo, à americanização da cultura britânica e ao desgaste dos valores há muito tempo estabelecidos na sociedade.

O trabalho surrealista de Paul Whitehead havia sido usado nas capas dos álbuns anteriores, *Trespass, Nursery Cryme* e *Foxtrot*. Desta vez, a banda escolheu uma pintura naif de Betty Swanwick, que inspirou "I Know What I Like (In Your Wardrobe)" – um sucesso surpreendente que, sem dúvida, ajudou *Selling England By The Pound* a chegar ao terceiro lugar na Inglaterra. "Firth Of Fifth", uma obra-prima do rock progressivo, também merece ser mencionada. E com "The Battle Of Epping Forest" e "The Cinema Show", duas epopéias com cerca de 11 minutos de duração, este disco se situa muito acima do trabalho menor do Genesis nos anos posteriores.

A banda tinha conseguido, recentemente, entrar nos Top 10, com um álbum ao vivo. Dali por diante, o Genesis se tornou uma commodity rentável, mesmo com a saída do carismático líder Gabriel e a promoção controvertida do baterista Phil Collins para o posto de principal vocalista. **MH**

"Este disco é meio maluco e surrealista – o conjunto da obra me faz sorrir, porque não é possível defini-lo."

Steve Hackett, 2004

Lista de músicas

	01	**Dancing With The Moonlit Knight** (Genesis)	8:04
▶	02	**I Know What I Like (In Your Wardrobe)** (Genesis)	4:07
▶	03	**Firth Of Fifth** (Genesis)	9:37
	04	**More Fool Me** (Genesis)	3:11
▶	05	**The Battle Of Epping Forest** (Genesis)	11.48
	06	**After The Ordeal** (Genesis)	4:16
▶	07	**The Cinema Show** (Genesis)	11:05
	08	**Aisle Of Plenty** (Genesis)	1:32

Marvin Gaye | Let's Get It On (1973)

Selo | Motown
Produção | Marvin Gaye • Ed Townsend
Projeto gráfico | Vartan
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:36

Este é, provavelmente, o único álbum da Motown que apresenta nos créditos o nome do famoso poeta modernista T. S. Eliot. O autor de *A Terra Desolada* escreveu, certa vez: "Birth and copulation and death, that's all the facts when you get to brass tacks", uma citação que consta da capa deste álbum original.

Por estranho que pareça, o sentimento expresso pelo poeta cabe perfeitamente na concepção do disco. Depois da séria crítica social de *What's Going On*, Marvin, aqui, quis exortar seu público a voltar ao conceito básico de "sexo consentido". A música é tórrida, sôfrega, um animal sexual suado e resfolegante.

Apesar de, em geral, ser eclipsado pelo sucesso de público e de crítica do álbum anterior, *Let's Get It On* (segundo lugar nos Estados Unidos) é muito mais encantador, convincente e, pode-se até dizer, mais cheio de sentimento. Fazia sentido que Gaye, veladamente sensual em suas letras e nas apresentações ao vivo, um dia decidisse escancarar essa sexualidade. A faixa-título (que chegou ao topo das paradas) era uma maneira óbvia de fincar sua bandeira. A canção, com seu clímax de melodia e letra, se tornou uma referência de música para-criar-um-clima até, talvez, Gaye lançar "Sexual Healing", em 1982. "You Sure Love To Ball", com seus gemidos ofegantes, era, para alguns, um tour de force erótico e, para outros, simplesmente inaceitável. Mas, como o sexo, o álbum era cheio de jogos criativos, suntuoso e surpreendente. Muitos discos tentaram copiar essas qualidades desde então, mas nenhum chegou perto de superar *Let's Get It On*. **JDo**

"Marvin Gaye é um pregador, como qualquer outro homem num púlpito."

Rev. Jesse Jackson, 1971

Lista de músicas

▶	01	**Let's Get It On** (Gaye • Townsend)	4:52
▶	02	**Please Stay (Once You Go Away)** (Gaye • Townsend)	3:28
	03	**If I Should Die Tonight** (Gaye • Townsend)	3:03
	04	**Keep Gettin' It On** (Gaye • Townsend)	3:09
	05	**Come Get To This** (Gaye • Townsend)	2:40
	06	**Distant Lover** (Gaye • Gordy Gaye • Greene)	5:15
▶	07	**You Sure Love To Ball** (Gaye)	4:43
▶	08	**Just To Keep You Satisfied** (Gaye • Stover)	4:26

John Martyn
Solid Air (1973)

Selo | Island
Produção | John Martyn • John Wood
Projeto gráfico | Fabio Nicoli
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 32:88

John Martyn já havia lançado cinco álbuns antes de *Solid Air*. Mais que um disco de folk, jazz ou blues, este LP faz uma alquimia dos três e é a performance mais importante da carreira de Martyn, que canta com uma triste sinceridade neste clássico extemporâneo. A capa de Fabio Nicoli pode dar a idéia de que o álbum foi tirado de um livro de ficção científica, mas a música é tudo, menos distante.

É o que se pode constatar na faixa-título: um blues lento e hipnótico. O disco foi feito em homenagem e, também, como uma advertência a Nick Drake, que morreu 18 meses depois do lançamento de *Solid Air*. O vocal mágico de Martyn é acompanhado por um elegante contrabaixo e um sax soprano macio, que evoluem em torno da música como uma névoa enquanto os acordes de vibrafone soam mais ao fundo.

A instrumentação pouco carregada mas expressiva se repete em "Don't Want To Know", e essas duas faixas dão o tom lânguido e noturno do álbum. Isso reflete, em parte, a força da parceria musical de Martyn com o virtuose do baixo Danny Thompson, que mostra o seu melhor desempenho nas duas canções. Mas *Solid Air* tem mais a oferecer do que refexões insones sobre a condição humana.

O blues abrasivo de "I'd Rather Be The Devil" cai bem entre o erotismo frágil de "Go Down Easy" e o firme compromisso de intimidade de "May You Never". Várias vezes, a corajosa sinceridade de Martyn une todos os elementos – e o evidente calor deste álbum vem da mesma fonte: uma performance carismática e passional de um músico numa forma deslumbrante. **JDi**

Roxy Music
For Your Pleasure (1973)

Selo | Island
Produção | Roxy Music • Chris Thomas
Projeto gráfico | Nicholas de Ville
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:16

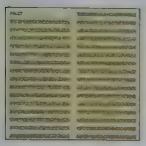
Bryan Ferry queria ser bonito. Brian Eno queria ser ousado. E, em dois álbuns do início dos anos 70, o Roxy Music conseguiu ser as duas coisas – mas não sem pagar o preço. Eno, irritado com a relutância de Ferry em gravar suas músicas, deixou o grupo depois de *For Your Pleasure*, de 1973, e a banda nunca voltou a ser a mesma.

No entanto, foi esse cabo-de-guerra artístico que deu gás ao álbum de estréia do grupo e levou *...Pleasure* a atingir picos de qualidade. Onde os dois gênios conseguiram chegar a um acordo, como no single vanguardista "Do The Strand", os resultados são maravilhosos. Caso contrário, como na faixa "In Every Dream Home A Heartache" – aparentemente, uma ode a uma boneca inflável –, a música se torna simplesmente tediosa. Ainda bem que *...Pleasure* contém bem mais exemplos do primeiro caso.

"Do The Strand" é um dos rocks mais barulhentos gravados pelo Roxy Music. Ferry toma conta de "Beauty Queen" e mostra seu falsete em "Strictly Confidential". Os teclados robóticos de Eno fazem um contraponto perfeito à fantástica guitarra de Phil Manzanera em "Editions Of You".

Com *...Pleasure*, o Roxy Music voltou a ter um hit entre os 10 Mais da parada britânica e o álbum seguinte, *Stranded*, lançado no final de 1973, levou a banda, pela primeira vez, ao primeiro lugar em sua terra natal. Mas os americanos não se encantaram com o Roxy Music até Ferry substituir a experimentação artística por um som soul-pop, também excelente, que teve seu melhor momento em *Avalon*, de 1982, o único disco de ouro que o grupo obteve nos Estados Unidos. **JiH**

Faust
Faust IV (1973)



Selo | Virgin
Produção | Uwe Nettelbeck
Projeto gráfico | G. Wüsthoff
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 41:57

No início dos anos 70, a música progressiva alemã se tornou conhecida na Europa e nos Estados Unidos como "Krautrock", um apelido pejorativo cunhado pela imprensa inglesa quando a Virgin e a United Artists começaram a contratar grupos da Alemanha. O gênero se mostrou lucrativo, mas, rapidamente, acabou associado a artistas que não tinham a mesma visão vanguardista do rock como os da primeira onda de bandas Krautrock.

Um jornalista da área de música que virou produtor, Uwe Netellbeck, era o mentor de uma comuna de estudantes esquerdistas, formada em 1971, que fazia uma mistura de protesto político e viagens sonoras eletroacústicas. Por intermédio de Netellbeck, em 1972 a Virgin lançou *The Faust Tapes*, uma compilação de gravações caseiras. Foram vendidas 50 mil cópias e a banda ficou popular no universo underground. O grupo fez uma turnê pela Inglaterra e foi contratado para fazer seu primeiro álbum.

Faust IV abre com o megalítico bordão "Krautrock", um improviso ousado e metronômico que captura a essência do romantismo alemão da banda. Outras faixas, como "Just A Second", "Picnic On A Frozen River" e "Giggy Smile", trazem experiências eletrônicas e musique concrete, jazz e folk.

Pena que a capa pouco atraente e a inclusão de esquisitices de pop dadaísta como "Sad Skinhead", "Jennifer" e "It's A Bit Of Pain" (hoje, tidas como alguns dos melhores momentos de lirismo do Faust) impediram os fãs que haviam comprado *The Faust Tapes* de adquirir um disco considerado, atualmente, um clássico do Krautrock. **JG**

Herbie Hancock
Headhunters (1973)

Selo | CBS
Produção | David Rubinson
Projeto gráfico | Victor Moscoso
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:46

Depois do hermético jazz eletrônico de *Sextant*, Herbie Hancock seguiu um caminho mais linear de funk em *Headhunters*. Ele ouviu muito James Brown e Stevie Wonder, e gravou algumas sessões, inéditas, com Marvin Gaye. Mas foi o funk polirrítmico do Sly & The Family Stone que moldou seu trabalho.

Hancock se despiu da bagagem de jazz experimental do LP *Mwandishi Sextet*, altamente inovador – e nada lucrativo –, e, do time de músicos daquele álbum, manteve apenas o multiinstrumentista de sopro Benny Maupin, convocando Paul Jackson para fazer o papel do baixista do Sly Stone, Larry Graham. O disco acabou muito diferente do som do Sly, mas inventou variados gêneros de música.

Em algum lugar da linha vibrante e cromática do baixo de "Chameleon" está o DNA da dance music eletrônica. O primeiro ressoar do smooth jazz aparece enredado nas improvisações modais de Herbie no Fender Rhodes, enquanto o techno, a disco music e o drum' n' bass nasceram dos breakbeats afiados de Harvey Mason.

Ao contrário dos lançamentos de funk elétrico que Hancock fez mais adiante, *Headhunters* mantém vestígios de sensibilidade vanguardista – como no ritmo militar de "Vein Melter", no funk mutante de "Sly" e em "Watermelon Man", uma releitura de seu sucesso de R&B de 1962 baseada no canto de pigmeus africanos.

A banda gravou mais dois discos (muito sampleados) com o nome de The Headhunters, e a carreira de Hancock teve alguns toques de genialidade, mas nada melhor do que esta obra-prima inovadora do jazz-funk. **JLe**

Mott The Hoople | Mott (1973)

Selo | CBS
Produção | Dan Loggins
Projeto gráfico | Roslav Szaybo
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:06

A química entre o vocalista do Mott The Hoople, Ian Hunter, e o guitarrista do grupo, Mick Ralphs, ameaçou desandar durante a gravação de *Mott* – o único álbum da banda a entrar na lista dos 10 Mais da Inglaterra – em 1973. Hunter tinha, antes, se juntado à pequena banda de Ralphs, Silence, como tecladista, mas acabou exercendo um papel mais importante como cantor e compositor, depois do lançamento do hit "All The Young Dudes", produzido por David Bowie.

No primeiro single, "Honaloochie Boogie", o grupo cresceu com a participação de um violoncelo e do saxofone de Andy Mackay (o Roxy Music estava gravando *For Your Pleasure* ao lado da banda no Air Studios, em Londres, e Mackay, parece, estava louco para entrar no Mott). A faixa de abertura, "All The Way From Memphis", continua sendo um dos melhores momentos de Hunter. Brian May, do Queen – que foi a banda de apoio do Mott na turnê pelos Estados Unidos –, se lembra da apresentação dessa música em Memphis como "um grande momento de reconhecimento à primeira capital do rock branco".

O Mott The Hoople não esqueceu seu lado mais selvagem, mesmo quando Bowie orientou a banda a deixar essa vertente temporariamente de lado, e "Violence" colocou em evidência sua rudeza pré-punk. Ralphs teve seu momento solo de glória na faixa "I'm A Cadillac", seguida pela instrumental "El Camino Dolo Roso", na qual se destaca a slide guitar.

Para Ian Hunter, *Mott* foi "o álbum mais completo que fizemos, mas ficou marcado pela tragédia, porque Ralphs estava saindo". Hunter tinha, agora, os holofotes só para si, mas havia perdido sua alma gêmea. Ele procurou outro parceiro à altura em Mick Ronson, mas nunca superou *Mott*. **MH**

"Eu não queria que Mick saísse... Cheguei a oferecer a ele metade dos meus royalties."

Ian Hunter, 2002

Lista de músicas

▶	01	**All The Way From Memphis** (Hunter)	4:58
	02	**Whizz Kid** (Hunter)	3:07
▶	03	**Hymn For The Dudes** (Allen•Hunter)	5:38
	04	**Honaloochie Boogie** (Hunter)	2:42
▶	05	**Violence** (Hunter•Ralphs)	4:48
	06	**Drivin' Sister** (Hunter•Ralphs)	3:51
▶	07	**Ballad Of Mott** (Allen•Griffin•Hunter•Ralphs•Watts)	5:23
	08	**I'm A Cadillac/El Camino Dolo Roso** (Ralphs)	7:48
	09	**I Wish I Was Your Mother** (Hunter)	4:51

Mike Oldfield | Tubular Bells (1973)

Selo | Virgin
Produção | Simon Heyworth • Tom Newman • Mike Oldfield
Projeto gráfico Trevor Key
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:56

Quando Mike Oldfield, um prodígio recém-saído dos clubes folk, apresentou pela primeira vez o conceito da sua epopéia, *Tubular Bells*, a Richard Branson, o dono da Virgin, ficou um pouco intimidado pelo abismo social entre ele e o empresário. Esse sentimento provocou uma determinação que pode ser percebida em cada nota de seu álbum, mal trabalhado à época mas, hoje, tanto usado como música de fundo de restaurantes como reverenciado por amantes do rock progressivo.

Musicalmente, *TB* é uma mistura fantástica de guitarras de rock (tanto a guitarra rítmica, com todo o overdrive primitivo típico do início dos anos 70, como guitarras principais com tintas de blues), baixo e uma série de instrumentos que reproduziam o repicar etéreo de sinos. Oldfield fica no centro desse caos melódico, orquestrando tudo com um surpreendente grau de confiança precoce, considerando-se que ele se desviou muito pouco dessa rota nas décadas seguintes.

Os sons guturais de "Part 2" podem ser irritantes depois de algum tempo, mas o humor excêntrico que Oldfield injeta no projeto torna esses excessos perdoáveis. O inebriante Bonzo Dog, líder do Viv Stanshall, apresenta cada instrumento à medida que entram em cena – e os agudos revelam a inexperiência de Oldfield, mas também servem para acentuar a unidade da composição.

Outros trabalhos subseqüentes, menos excitantes, passaram do ponto ideal de *Tubular Bells*, mas Oldfield continuou fiel ao modelo experimental do qual foi pioneiro. Este álbum é um dos mais fundamentais dos anos 70. **JM**

"A verdade é que eu nunca fiquei completamente satisfeito com o resultado, nem com o som, nem com a interpretação, em geral. Sempre achei que o álbum podia ser muito melhor."

Mike Oldfield, 2003

Lista de músicas

01	**Tubular Bells, Part 1** (Oldfield)	25:36
02	**Tubular Bells, Part 2** (Oldfield)	23:20

Todd Rundgren
A Wizard, A True Star (1973)

Selo | Bearsville
Produção | Todd Rundgren
Projeto gráfico | Arthur Wood
Nacionalidade | EUA
Duração | 47:05

Em 1973, Todd Rundgren não se parecia com mais ninguém – estava no auge de um talento aparentemente inesgotável. Seu plano era fazer um outro álbum duplo depois de *Something/Anything?*, mas a crise do petróleo fez com que o estoque de vinil ficasse escasso. Rundgren adotou, então, um projeto diferente: um disco de 10 a 24 faixas (dependendo de como se conta) que, como o restante de seu trabalho, mostrasse sua excepcional habilidade como cantor e músico e que, ao mesmo tempo, desafiasse e agradasse a seu público.

"Não há limites para o tema das músicas, para seu som ou para sua duração (...), ou mesmo para se perguntar se aquilo é de fato música", disse ele à época. Dessa forma, "When The Shit Hits The Fan" remete a *Pet Sounds;* "Zen Archer" (uma das preferidas das platéias dos anos 70) é uma longa incursão pelo pop cósmico, cheia de falsetes e estilo; "Rock 'n' Roll Pussy" era, ao que parece, sobre John Lennon – que, na época, estava em Los Angeles, vivendo o que chamou de "fim de semana perdido", embora tenha durado alguns anos. Os dois tinham brigado por conta dos comentários feitos por Rundgren sobre o comportamento de Lennon.

Oscilando entre diversos estilos e sons, o álbum é difícil de digerir, a princípio. Mas a grande força de Rundgren era a habilidade para compor músicas incríveis. A intrincada colagem da capa não funcionou bem em CD: o tema são espelhos e há uma mensagem em código, que seria o título do álbum em runas falsas – mas quem pode afirmar? **DN**

Elton John
Goodbye Yellow Brick Road (1973)

Selo | DJM
Produção | Gus Dudgeon
Projeto gráfico | Michael Ross
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 76:20

Três das quatro primeiras faixas deste disco encontram-se entre as canções mais amadas pelo público de Elton John. Além de "Candle In The Wind", a homenagem a Marilyn Monroe refeita mais tarde para a Princesa Diana, há o single "Bennie And The Jets", que vendeu um milhão de cópias e chegou aos primeiros lugares nas paradas dos Estados Unidos. Foi o primeiro single de John/Taupin a liderar a parada americana de R&B.

O álbum, que ficou no topo das paradas nos Estados Unidos por oito semanas, teve um mau começo: descobriu-se que o estúdio agendado, na Jamaica, não oferecia boas condições técnicas (daí a faixa de cod-reggae "Jamaica Jerk-Off"). Preso em seu quarto de hotel, Elton não tinha mais nada a fazer além de compor músicas para as letras de Taupin. Ele fez, então, canções suficientes para um álbum duplo (o seu primeiro) e as gravações foram realizadas no famoso "Honky Chateau", onde seus dois discos anteriores, ambos entre os mais vendidos, tinham sido feitos.

O álbum duplo teve ainda outro single entre os 10 Mais da Inglaterra e os Top 20 dos Estados Unidos, "Saturday Night...", que, segundo Taupin, foi uma tentativa de restabelecer o equilíbrio de suas letras e sair de seus temas americanos favoritos. Outra delícia é a introdução instrumental do rock progressivo que abre o álbum. "All The Girls Love Alice" talvez seja a primeira canção de rock a falar de lesbianismo.

Rock progressivo, puro rock 'n' roll, músicas cheias de novidades – essa diversidade, espalhada por 17 faixas, forma um repertório inconsistente. Mas os pontos altos – em especial, a emociante faixa-título – são exemplos do pop elaborado com o que há de melhor. **JT**

Steely Dan
Countdown To Ecstasy (1973)

Selo | ABC
Produção | Gary Katz
Projeto gráfico | Dotty of Hollywood
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:04

Depois de vender um milhão de cópias de seu primeiro álbum, *Can't Buy A Thrill*, o Steely Dan mudou de formação, com Donald Fagen assumindo os vocais. Foi o início do som "clássico" do Dan.

Com um hit na bagagem, era apenas uma questão de tempo até o grupo ampliar o escopo de seu material. *Countdown...* traz mais das influências do jazz e das letras obscuras que caracterizaram posteriormente o trabalho da banda, e a capa do álbum já sugere esse clima mais sombrio.

A faixa de abertura, "Bodhisattva", é uma beleza. Uma sátira sobre a Califórnia e seu carma, a música é um rockabilly para superdotados, com destaque para o maravilhoso duelo de guitarras de Jeff "Skunk" Baker e Denny Dias, um arrasador músico de jazz de Nova York.

"Your Gold Teeth" novamente apresenta Dias, num estilo menos direto. A música conta a história de uma experiente trapaceira que vive de sua aparência e esperteza – parece um livro de Elmore Leonard. O outro lado do disco tem um clima gélido, graças ao vibrafone de Victor Feldman e ao piano elétrico de Fagen, e os solos passam por estranhas regiões psicotrópicas. Mas essa ambigüidade não aparece em "My Old School", na qual um rock puro narra delitos de colegiais, embalado por fisgadas de guitarra de "Skunk" Baker.

De um tom mais pesado do que o álbum de estréia, *Countdown To Ecstasy* prenuncia, num estilo ácido, os temas do trabalho posterior da banda. **JDi**

Waylon Jennings
Honky Tonk Heroes (1973)

Selo | RCA
Produção | T. Glaser • W. Jennings
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 27:06

Em 1958, Waylon Jennings, aos 21 anos, entrou para os Crickets, de Buddy Holly, como baixista temporário, numa turnê encerrada com a morte prematura do ídolo, no ano seguinte. Jennings continuou sua carreira na Costa Oeste até 1965, quando começou a trabalhar para a RCA em Nashville. Ficou, porém, insatisfeito com o sistema de gravação do estúdio e, em 1973, decidiu produzir seu próprio álbum, *Honky Tonk Heroes,* um marco da música country.

Jennings escalou o compositor Billy Joe Shaver, um texano de 34 anos que começava a se tornar conhecido em Nashville, para fazer as canções do disco. A parceria se mostrou inspirada – Shaver escreveu e/ou colaborou em nove das 10 faixas, e suas parábolas tristes sobre a ausência de leis e a devassidão eram perfeitas para a voz grave e cansada de Jennings.

Com Jennings no comando, o álbum mostra um som sem floreios, incomum para os discos de Nashville naquela época. Ele trabalha as canções em andamento lento, apoiado pela pedal steel melancólica e nostálgica de Ralph Mooney. As letras de Shaver eram simples e expressivas, com rimas caprichadas e imagens fortes. Uma das melhores faixas, "Black Rose", diz: "When the devil made that woman, Lord, he threw the pattern away/She was built for speed with the tools you need to make a new fool every day" ("Quando o diabo criou aquela mulher, Senhor, ele jogou fora o molde/Ela foi criada para lidar com as ferramentas que fazem um tolo por dia"). **KB**

Pink Floyd | The Dark Side Of The Moon (1973)

Selo | Harvest
Produção | Pink Floyd
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:30

Solos de guitarra de acid blues. Letras que falam de desgraças e guerras. Um título espacial. Lançado em 1973 por um grupo de anônimos, mas de grande influência.

Esta é a descrição de *Cosmic Slop*, do Funkadelic. Não tem nada a ver com *The Dark Side Of The Moon*, exceto pelo fato de que ambos são a trilha sonora de uma era de cinismo, quando o caso Watergate e a Guerra do Vietnã mataram o que havia sobrado do espírito dos anos 60 depois de Altamont.

Esta obra de época teve, porém, um início banal. Ansiosa para se desprender dos grilhões psicodélicos, a banda se reuniu na cozinha do baterista Nick Mason para fazer uma lista das coisas que a incomodavam. Essas preocupações – tempo, dinheiro, loucura, morte – foram combinadas com músicas no estilo meio funk rock de *Obscured By Clouds* e apresentadas numa turnê, durante um ano, com o nome de *Eclipse (A Place For Assorted Lunatics)*. Salpicada pelo pozinho mágico dos estúdios – vocais gospel, solos explosivos, efeitos sonoros –, *Eclipse* virou *The Dark Side Of The Moon*. Na esteira da fama angariada pela banda nas apresentações ao vivo, o álbum vendeu um milhão de cópias nos Estados Unidos, e foi para a estratosfera quando a Capitol, associada à Harvest, transformou "Money" num raro hit do Floyd em single.

Hoje, o álbum pode ser encontrado em edições comemorativas e já foi regravado por um grupo reggae de paródias (*Dub Side Of The Moon*, de 2003) e pelo Phish. Quando a capa é aberta, surge um prisma que reflete um raio de luz, de forma infinita. Uma das imagens míticas do rock, o prisma evoca tanto o lendário show do Floyd quanto a ambição "exagerada" das letras.

Com essa carga simbólica, podia se esperar que o álbum fosse uma chatice. Mas, na verdade, é uma coleção de canções brilhantes, melodiosas e vibrantes. Para os iniciantes em Pink Floyd, este é o primeiro passo. **BM**

"A gente ainda tinha um objetivo comum, que era ficar rico e famoso."

Roger Waters, 2003

Lista de músicas

01	**Speak To Me** (Mason)	1:15
02	**Breathe** (Gilmour•Waters•Wright)	2:18
03	**On The Run** (Gilmour•Waters)	3:33
▶ 04	**Time/Breathe (Reprise)** (Gilmour•Mason•Waters•Wright)	7:07
▶ 05	**The Great Gig In The Sky** (Wright)	4:44
▶ 06	**Money** (Waters)	6:32
07	**Us And Them** (Waters•Wright)	7:41
08	**Any Colour You Like** (Gilmour•Mason•Wright)	3:25
09	**Brain Damage** (Waters)	3:51
10	**Eclipse** (Waters)	2:04

Stevie Wonder | Innervisions (1973)

Selo | Motown
Produção | Stevie Wonder
Projeto gráfico | Mathieu Bitton
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:12

Innervisions completou uma trilogia iniciada em 1972 com *Music Of My Mind*, fruto do surto de criatividade que se seguiu à renegociação do contrato de Wonder com a Motown, em que ele garantiu sua liberdade autoral. Lançado apenas sete meses depois de *Talking Book*, *Innervisons*, porém, não é a raspa do tacho. Como sugere a impressionante pintura da capa, de Efram Wolff, este foi o álbum mais ambicioso, amplo e, sim, visionário, de Wonder.

Antes do lançamento, o cantor levou jornalistas de olhos vendados em uma viagem de ônibus pela cidade de Nova York, para que experimentassem o cotidiano urbano da mesma forma que ele, e, em seguida, tocou o disco, com o grupo ainda vendado. Pode-se apenas imaginar como "Living For The City" deve ter soado, esse thriller épico para os ouvidos (complementado por diálogos e efeitos sonoros) que conta a história de um garoto ingênuo do campo, que cai nas garras do crime, e da morte numa Big Apple corrompida. Os temas políticos dão o tom do álbum: a melancólica "Visions", a funky "Higher Ground" (mais tarde destruída pelo Chili Peppers) e a latente "Jesus Children Of America" falam de um país em ruptura. Mas Stevie Wonder não era um pregador: a alegre e sedutora "He's Misstra Know-It-All" era política com "p" minúsculo. E, como se fosse preciso provar sua versatilidade, havia a melodramática "All In Love Is Fair", regravada por Frank Sinatra e Barbra Streisand.

"Eu sentia que algo muito, muito significativo estava para acontecer", contou Wonder sobre seu espírito profético naqueles tempos. De fato, um terrível acidente de carro durante a turnê – que deixou Wonder em coma e fez com que ele perdesse o olfato – sinalizou o início de um novo capítulo em sua carreira. **SC**

"*Innervisions* traz a minha própria perspectiva do que estava acontecendo no meu mundo, à minha gente, a todo mundo."

Stevie Wonder, 1973

Lista de músicas

▶	01	**Too High** (Bollenback • Wonder)	4:36
	02	**Visions** (Bollenback • Wonder)	5:23
▶	03	**Living For The City** (Wonder)	7:21
	04	**Golden Lady** (Wonder)	5:00
▶	05	**Higher Ground** (Wonder)	3:42
	06	**Jesus Children Of America** (Wonder)	4:10
	07	**All In Love Is Fair** (Wonder)	3:41
▶	08	**Don't You Worry 'Bout A Thing** (Wonder)	4:44
▶	09	**He's Misstra Know-It-All** (Wonder)	5:35

ZZ Top | Tres Hombres (1973)

Selo | London
Produção | Bill Ham
Projeto gráfico | Bill Narum
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:26

Tres Hombres marcou a entrada do ZZ Top no clube dos grandes como uma das melhores bandas dos EUA. Os críticos sempre vão ter dificuldade em dizer qual foi a melhor época do ZZ – os anos 70, quando fazia um blues rock absoluto, ou os anos 80 e 90, com seu pulsante blues disco. O que está fora de discussão é que suas raízes texanas eram totalmente inseparáveis do seu som sujo e obsceno.

Tres Hombres é uma mostra do que há de magnífico no grupo – e a inclusão do grande sucesso "La Grange" não é tudo. De fato, "La Grange" – construída em cima de um riff tão simples e, ao mesmo tempo, tão inspirado que não é possível esquecê-lo – é um trabalho atípico da banda, com murmúrios no vocal que eram uma novidade. "Precious And Grace" – a história de duas mulheres que pedem carona e, depois, se revelam ex-presidiárias – mistura um belo riff no estilo do Led Zeppelin com um refrão enérgico e quase psicodélico. As duas faixas vêm juntas num encaixe perfeito. "Move Me On Down The Line" é um boogie que parece inspirado em Jack Bruce, em sua fase pós-Cream. "Jesus Just Left Chicago" é outra jóia que flui sem esforço. A incrível "Master Of Sparks" fala de uma tradição do Texas, a de colocar os amigos na traseira de uma caminhonete, a toda a velocidade, por pura diversão.

A capa do álbum diz tudo, embora as fotos de perfil dos três rapazes escondam o fato de que eles tinham apenas pouco mais de 20 anos. **DN**

"Todo mundo, em todos os lugares, sai com prostitutas, bebe cerveja e dirige em alta velocidade."

Dusty Hill, 1973

Lista de músicas

	01	**Waitin' For The Bus** (Gibbons•Hill)	2:59
▶	02	**Jesus Just Left Chicago** (Beard•Gibbons•Hill)	3:29
	03	**Beer Drinkers & Hell Raisers** (Beard•Gibbons•Hill)	3:23
	04	**Master Of Sparks** (Gibbons)	3:33
	05	**Hot, Blue, And Righteous** (Gibbons)	3:14
▶	06	**Move Me On Down The Line** (Gibbons•Hill)	2:30
▶	07	**Precious And Grace** (Beard•Gibbons•Hill)	3:09
▶	08	**La Grange** (Beard•Gibbons•Hill)	3:51
	09	**Shiek** (Gibbons•Hill)	4:04
	10	**Have You Heard?** (Gibbons)	3:14

Paul McCartney And Wings
Band On The Run (1973)

Selo | Apple
Produção | Paul McCartney
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:10

Os primeiros trabalhos solo de Paul McCartney não indicavam que ele era capaz de fazer boa música fora dos Beatles. Ele saiu com algumas pérolas solitárias – em especial, "Maybe I'm Amazed" e "Live And Let Die" –, mas os álbuns completos, como *Red Rose Speedway,* de 1973, estavam bem aquém da qualidade do quarteto de Liverpool.

Ainda por cima, McCartney, que pouco tempo atrás andara freqüentando as manchetes dos jornais num flagrante de drogas, sofreu importantes baixas nos Wings – o baterista Denny Seiwell e o guitarrista Henry McCullough deixaram o grupo uma semana antes de a banda viajar para Lagos, na Nigéria, onde o LP seria gravado. E, quando chegaram, McCartney e sua mulher, Linda, foram assaltados e ameaçados com uma faca. Mas, apesar de tudo...

McCartney conhecia cada centímetro do que era necessário fazer. *Band On The Run* abre com a montanha-russa que é a faixa-título – uma espécie de minissuíte, que lembra os elaborados arranjos do lado B de *Abbey Road*. Ele continua no ritmo avassalador do início com a pulsante "Jet" e prossegue em alto nível com a luminosa "Bluebird", que pode fazer par com "Blackbird", dos Beatles. O disco tropeça um pouco em "Let Me Roll It", uma resposta equivocada à mordaz "How Do You Sleep?", de Lennon, mas encontra o rumo novamente no lado B, em faixas consistentes como "Mamunia" e "No Words".

Seis celebridades britânicas participaram da capa, que flagra a "fuga" e lembra, em menor escala, o famoso projeto gráfico de *Sgt. Pepper... Band On The Run* foi um sucesso de crítica e de vendas, e consagrou-se como o melhor momento do ex-beatle. **JiH**

"Quanto mais crises, mais material."

Paul McCartney, 1984

Lista de músicas

▶	01	**Band On The Run** (L. McCartney • P. McCartney)	5:12
▶	02	**Jet** (L. McCartney • P. McCartney)	4:13
▶	03	**Bluebird** (L. McCartney • P. McCartney)	3:24
	04	**Mrs. Vanderbilt** (L. McCartney • P. McCartney)	4:44
	05	**Let Me Roll It** (P. McCartney)	4:52
▶	06	**Mamunia** (L. McCartney • P. McCartney)	4:51
	07	**No Words** (Laine • P. McCartney)	2:33
	08	**Picasso's Last Words (Drink To Me)** (L. McCartney • P. McCartney)	5:52
	09	**Nineteen Hundred And Eighty Five** (L. McCartney • P. McCartney)	5:29

The Sensational Alex Harvey Band
Next (1973)

Selo | Vertigo
Produção | Phil Wainman
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:47

Dois anos depois do encontro entre o Tear Gas, uma banda de Glasgow, e Alexander Harvey, 16 anos mais novo que o grupo, o segundo álbum da parceria foi um marco em suas carreiras. Acompanhando o Slade numa turnê pela Inglaterra, o grupo ganhou motivação e se apresentou no programa *Old Grey Whistle Test*, da BBC, em 1973, com as músicas "Next" e "The Faith Healer". A mistura de hard rock com efeitos teatrais, combinada com o vocal e o carisma demoníaco de Harvey, fez da banda uma poderosa atração.

A faixa-título, uma música de Jacques Brel sobre a depravação, parecia feita sob medida para Harvey, com suas referências a bordéis e doenças sexualmente transmissíveis. "The Faith Healer" transformou a banda no grande sucesso do Festival de Reading, em 1973. Harvey perguntava: "Can I lay my hands on you?" ("Posso pôr as mãos sobre vocês?") e o público de 30 mil pessoas, frenético, levantava os braços. "As pessoas enlouqueceram", confirma o guitarrista Zal Cleminson. Como outros grandes momentos do rock 'n' roll, porém, o número nasceu por acaso. "'The Faith Healer' foi um acidente (...), naqueles dias, a fita cassete tinha de ser do mesmo tamanho nos dois lados. Ficaram faltando dois minutos e nós enfiamos um monte de repetições!", conta o baixista Chris Glen.

Com Harvey e o tecladista Hugh McKenna encarregados das composições, e a presença do produtor Phil Wainman – chamado para fornecer o know-how para chegar às paradas –, o cenário parecia pronto para o triunfo da banda. Mas uma combinação de má sorte, cansaço e má administração – sem falar do "inovador" single "Delilah", que fez mais mal do que bem – atrasou o caminho do grupo. **MH**

"Alex propôs que fizéssemos um tango ('Next'). Concordamos. Não era o que estávamos acostumados a tocar, mas resolvemos tentar."

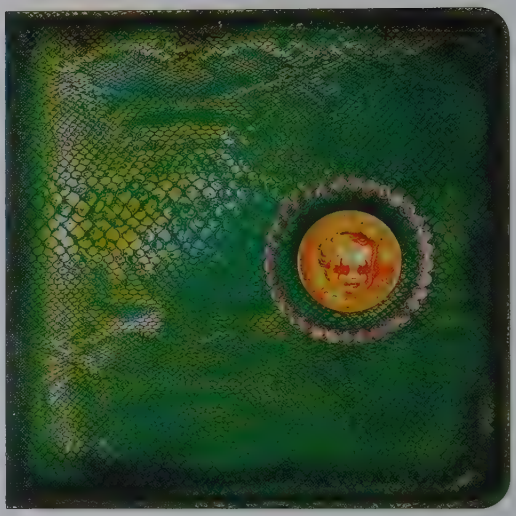
Chris Glen, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Swampsnake** (Harvey • McKenna)	4:52
	02	**Gang Bang** (Harvey • McKenna)	4:44
▶	03	**The Faith Healer** (Harvey • McKenna)	7:11
	04	**Giddy-Up-A-Ding-Dong** (Bell • Lattanzi)	3:16
▶	05	**Next** (Blau • Brel • Shuman)	4:03
▶	06	**Vambo Marble Eye** (Harvey • McKenna)	4:24
	07	**The Last Of The Teenage Idols** (Cleminson • Harvey • McKenna)	7:17

Alice Cooper | Billion Dollar Babies (1973)

Selo | Warner Bros.
Produção | Bob Ezrin
Projeto gráfico | Pacific Eye And Ear
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:51



Quando *Billion Dollar Babies* foi lançado no mercado, Vincent Furnier – mais conhecido como Alice Cooper, o rei do shock rock – ainda tocava com o time original da Alice Cooper Band. Depois de mais um álbum, a banda se desfez, mas deixou como herança este disco, o mais poderoso do grupo.

A participação do produtor Bob Ezrin fez com que a banda assumisse um estilo mais hard, embora com um ligeiro refinamento que incluía a presença de cordas e metais. O álbum foi gravado nos Estados Unidos (no The Cooper Mansion, em Connecticut, e no The Record Plant, em Nova York) e na Inglaterra (no Morgan Studios, em Londres) – e entre os amigos que passaram para dar uma canja nas sessões estavam Marc Bolan, Donovan e Keith Moon, do The Who.

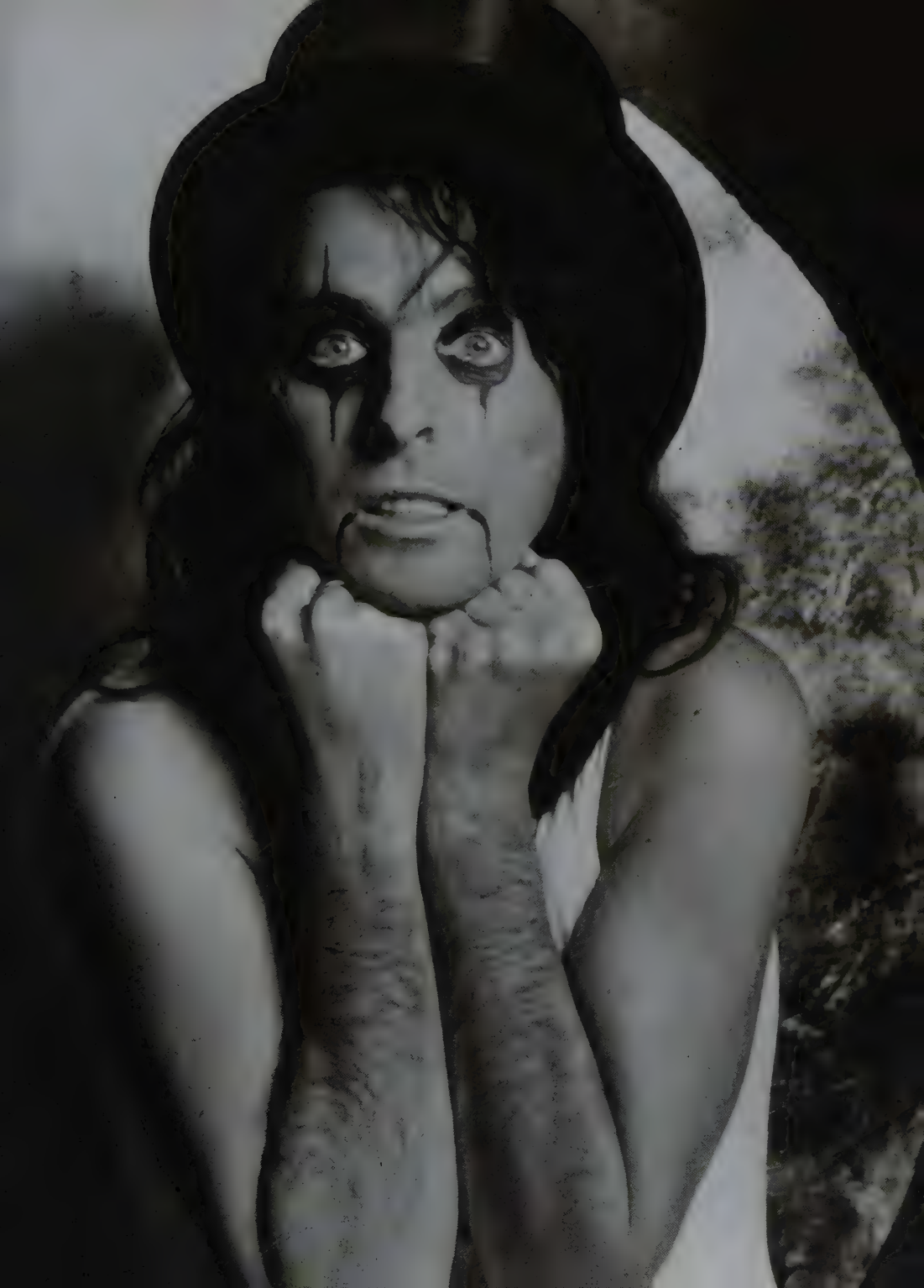
O disco também marcou a explosão comercial do fenômeno Alice Cooper. A turnê de lançamento foi uma das maiores máquinas de dinheiro da história do rock. Sangue falso, uma forca (substituída, na turnê, pela guilhotina) e cadeiras elétricas faziam parte dos acessórios das performances de Cooper já há algum tempo, mas agora as canções combinavam com o show. A melhor faixa é, talvez, "I Love The Dead", uma história desconcertante sobre necrofilia que ajudou o álbum a liderar as paradas nos Estados Unidos e na Inglaterra. Está em excelente companhia ao lado da turbulenta "Elected", uma das preferidas do público (outro sucesso em single, um dos três originados deste álbum que ficaram entre os 10 Mais nas paradas inglesas), e de "No More Mr. Nice Guy" (composta, originalmente, para *Killer*, de 1971), que virou uma espécie de música-tema de Cooper. Detalhe: na capa do álbum em vinil vinha encartada uma nota de US$ 1 bilhão. **LPG**

"É a pior banda do mundo. Mas tem senso de humor. Eles sabem divertir..."

Frank Sinatra, 1967

Lista de músicas

▶	01	**Hello, Hooray** (Kempf)	4:14
	02	**Raped And Freezin'** (Bruce•Cooper)	3:15
▶	03	**Elected** (Bruce•Buxton•Cooper•Dunaway•Smith)	4:05
	04	**Billion Dollar Babies** (Bruce•Cooper•Smith)	3:39
	05	**Unfinished Sweet** (Bruce•Cooper•Smith)	6:17
▶	06	**No More Mr. Nice Guy** (Bruce•Cooper)	3:05
	07	**Generation Landslide** (Bruce•Buxton•Cooper•Dunaway•Smith)	4:31
	08	**Sick Things** (Bruce•Cooper•Ezrin)	4:18
	09	**Mary Ann** (Bruce•Cooper)	2:19
▶	10	**I Love The Dead** (Cooper•Ezrin)	5:08



Iggy And The Stooges | Raw Power (1973)

Selo | Columbia
Produção | Iggy Pop
Projeto gráfico | Mick Rock
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:57

Na capa, a imagem de Iggy Pop, provocante e ameaçador, captura à perfeição sua resposta aos problemas e críticas que enfrentou antes de este álbum tomar forma. Depois de um relacionamento infeliz com a gravadora Elektra – que divulgou mal os dois primeiros álbuns da banda e se livrou deles antes que os Stooges começassem o terceiro disco –, Pop saiu do grupo e deixou Detroit para se juntar a David Bowie em Nova York.

Por sugestão de Bowie, Iggy e o guitarrista James Williamson foram a Londres gravar *Raw Power*. Na capital inglesa, Pop reconvocou Ron e Scotty Asheton, os irmãos que tinham criado a seção rítmica primal dos Stooges. O ambiente cordial da "velha e boa Inglaterra", como dizia Pop, não aliviou o áspero machismo de *Raw Power*. Na verdade, o disco não poderia estar mais longe da ambigüidade sexual do glam rock vendida por Bowie e outros naquela época. A visão que Pop tinha do álbum era ambiciosa – a mixagem inicial de "Search And Destroy" traz o som de uma luta de espadas, enquanto "Penetration" usa uma das matérias-primas do rock 'n' roll, a celesta (um teclado composto por sinos orquestrais) – mas a guitarra de Williamson e o ritmo cru dos Ashetons mantiveram o disco numa linha mais simples, voltada para o estômago e os testículos.

A Columbia odiou o álbum e achou o material menos acessível do que o produzido pelos Stooges para a Elektra. A gravadora encarregou Bowie de salvar o que pudesse daquela mixórdia. Ainda bem que ele deu atenção às idéias de Iggy e montou oito faixas que influenciaram os primeiros punks de Nova York e Londres e atribuíram a Pop o papel de padrinho do movimento. **SJac**

"A gente era uma banda devassa, super-heavy, explosiva, cheia de gás, e ninguém podia nos tocar..."

Iggy Pop, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Search And Destroy** (Pop • Williamson)	3:29
▶	02	**Gimme Danger** (Pop • Williamson)	3:33
	03	**Your Pretty Face Is Going To Hell** (Pop • Williamson)	4:54
	04	**Penetration** (Pop • Williamson)	3:41
▶	05	**Raw Power** (Pop • Williamson)	4:16
	06	**I Need Somebody** (Pop • Williamson)	4:53
	07	**Shake Appeal** (Pop • Williamson)	3:04
	08	**Death Trip** (Pop • Williamson)	6:07

The Isley Brothers | 3 + 3 (1973)

Selo | T-Neck
Produção | The Isley Brothers
Projeto gráfico | Ed Lee
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:58

Até o álbum *3 + 3* ser lançado, em 1973, os Isley Brothers eram conhecidos como um grupo semelhante aos Drifters ou os Moonglows: sorridentes rapazes negros com roupas de pêlo angorá. As pessoas adoravam os sucessos dos Isleys – os Beatles gravaram "Twist And Shout" e a banda entrou nas paradas com a balançante "Shout", uma música de R&B com inspiração gospel –, mas o material gravado por eles para a Motown acabou se revelando de uma inconsistência frustrante.

3 + 3 anuncia seu renascimento logo na capa, que numa foto de Don Hunstein mostra os cinco irmãos – Ronald, O'Kelly, Rudolph, Ernie e Marvin Isley –, mais o amigo Chris Jasper, autoconfiantes e paramentados com roupas extravagantes. Os Isleys eram, originalmente, um trio – o título do álbum é uma referência à entrada de uma nova geração no grupo.

O disco mostrou que esses rapazes de Teaneck, New Jersey, podiam tocar e cantar com tanta paixão e apelo pop como qualquer outro grupo dos anos 70, de David Bowie a Al Green. As longas linhas, sem interrupção, da furiosa Stratocaster do garoto Ernie, de apenas 17 anos (que tinha a influência direta de Hendrix – o guitarrista havia tocado com os Isley nos anos 60), embalavam a entrada dos irmãos no território do rock. "That Lady", a faixa de abertura, se tornou um sucesso em single, mas "What It Comes Down To" e a épica "Summer Breeze" é que ficaram na memória. Os vocais são leves, melodiosos e cheios de sentimento – e, em "Summer Breeze", o tenor de Ronald é extasiante.

Um álbum caloroso e romântico, *3 + 3* está cheio de ritmos dançantes (Marvin é um dos melhores baixistas do funk) e a música, em geral, tem um tom de R&B-folk-rock leve, quase acústico, que traz saudades da época inocente que precedeu a disco music. **ML**

"A gente tocava nossos próprios instrumentos, numa época em que os grupos negros não faziam isso... Essas pessoas na capa fizeram todos os sons deste disco."

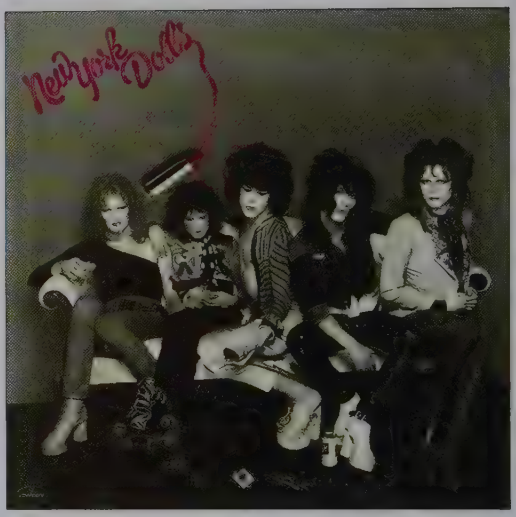
Ernie Isley, 1973

Lista de músicas

▶	01	**That Lady** (The Isley Brothers)	5:35
▶	02	**Don't Let Me Be Lonely Tonight** (Taylor)	4:00
	03	**If You Were There** (The Isley Brothers)	3:22
	04	**You Walk Your Way** (The Isley Brothers)	3:08
▶	05	**Listen To The Music** (Johnston)	4:07
▶	06	**What It Comes Down To** (The Isley Brothers)	3:54
	07	**Sunshine Go Away Today** (Edwards)	4:23
▶	08	**Summer Breeze** (Seals • Crofts)	6:12
	09	**The Highways Of My Life** (The Isley Brothers)	4:17

New York Dolls | New York Dolls (1973)

Selo | Mercury
Produção | Todd Rundgren
Projeto gráfico | Album Graphics Inc.
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:14



A imprensa os ridicularizava como uma caricatura drag dos Rolling Stones, mas os New York Dolls eram, na verdade, uma banda bem amarrada e ensaiada, que amava os grupos de R&B dos anos 50 e as bandas femininas dos anos 60. Eles ganharam fama em Nova York, numa temporada no Mercer Arts Center, e foram adotados pelo pessoal da Factory de Andy Warhol. Convencido de que a banda iria estourar, Marty Thau, que era associado aos empresários do Aerosmith, conseguiu um contrato de gravação para os Dolls. As descrições cruéis da banda do dia-a-dia de uma decadente Manhattan e as crônicas do desespero do submundo pareciam feitas para manter acesa a chama do The Velvet Underground.

O produtor Todd Rundgren, não sem enfrentar alguma oposição dos Dolls, transformou a dinâmica garage da banda num som cinematográfico. A guitarra tempestuosa, no estilo de Chuck Berry, tocada por Johnny Thunder batia de frente com os grunhidos bêbados de David Johansen, numa sessão de gravação selvagem que rendeu uma explosiva série de canções. A sabedoria das ruas entranhada no rock 'n' roll dos Dolls (somada à percepção aguda da banda) deu origem a clássicos da sarjeta, como "Frankenstein", "Human Being", a divertida "Personality Crisis" e "Trash" – que mistura romance barato e loucura urbana em um cenário musical grotesco mas belo.

Pioneiros da música pré-punk de Nova York no início da década de 70, os Dolls se separaram de forma amarga em 1975, sendo o rompimento provocado, em parte, por suas tendências autodestrutivas. Mas seus feitos não passaram despercebidos em Londres – naquele mesmo ano, Malcolm McLaren (que havia empresariado os Dolls durante um breve tempo, no final da carreira da banda) roubou o conceito do grupo e formou uma nova banda, os Sex Pistols. **JG**

"Nós éramos os Dolls 24 horas por dia. Não podíamos simplesmente pendurar as roupas dos Dolls num cabide e ir jogar golfe."

Arthur Kane, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Personality Crisis** (Johansen • Thunders)	3:42
	02	**Looking For A Kiss** (Johansen)	3:19
	03	**Vietnamese Baby** (Johansen)	3:30
▶	04	**Lonely Planet Boy** (Johansen)	4:08
	05	**Frankenstein** (Johansen • Sylvain)	5:58
▶	06	**Trash** (Johansen • Sylvain)	3:07
	07	**Bad Girl** (Johansen • Thunders)	3:03
	08	**Subway Train** (Johansen • Thunders)	4:20
	09	**Pills** (McDaniel)	2:48
	10	**Private World** (Johansen • Kane)	3:39
▶	11	**Jet Boy** (Johansen • Thunders)	4:40

Eno | Here Come The Warm Jets (1974)

Selo | Island
Produção | Brian Eno
Projeto gráfico | Lorenz Zatecky
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:58

O Roxy Music não tinha espaço suficiente para a beleza de Brian Ferry e para o experimentalismo de Brian Eno. Na época do lançamento de *For Your Pleasure*, em 1973, eles já sabiam disso e Eno deixou a banda logo em seguida.

Depois de fazer *No Pussyfooting* com o guitarrista Robert Fripp, Eno botou para fora sua própria visão musical neste primeiro álbum solo. Apesar do título atrevido, *Here Come The Warm Jets* é uma obra de mestre que conjuga ambições artísticas e pop rock, refletindo seu trabalho com o Roxy e antecipando as principais características do que Eno faria, mais adiante, em parceria com David Bowie.

Neste álbum, ele desenvolveu um som synth-rock, apoiado por Andy Mackay, Phil Manzanera, Fripp e outros exploradores sonoros, que serviu como principal inspiração para os artistas da new wave nos anos 80.... *Warm Jets* continha tanto melodias acessíveis como obscuras experiências pós-modernas. Num contraponto ao art-rock pretensioso do ELP e do Yes, o álbum se apresentava primeiro como um disco de rock, remetendo, às vezes, à objetividade do The Velvet Underground. Também é um disco à base de guitarras – infelizmente, Manzanera e Fripp não tocam juntos. Os dois magos da guitarra se alternam, Manzanera à frente com seus ritmos afiados em "Needles In The Camel's Eye", seguido de Fripp, que sobe ainda mais o nível em "Baby's On Fire". Eno mantém o senso de humor ao longo do disco, construindo "Cindy Tells Me" sobre um doo-wop clássico e esbanjando ironia em "Dead Finks Don't Talk", na qual imita um ex-companheiro de banda.

Apesar de sua evidente falta de apelo comercial, o álbum vendeu surpreendentemente bem, entrando na lista dos 30 Mais na Inglaterra. Eno aprimorou seu trabalho e foi ainda mais longe em *Another Green World*, de 1975. **JiH**

"Só nos últimos seis anos, mais ou menos, é que se passou a levar em conta a técnica no rock..."

Brian Eno, 1974

Lista de músicas

▶	01	**Needles In The Camel's Eye** (Eno • Manzanera)	3:11
	02	**The Paw Paw Negro Blowtorch** (Eno)	3:04
▶	03	**Baby's On Fire** (Eno)	5:19
	04	**Cindy Tells Me** (Eno • Manzanera)	3:25
▶	05	**Driving Me Backwards** (Eno)	5:12
	06	**On Some Faraway Beach** (Eno)	4:36
	07	**Blank Frank** (Eno • Fripp)	3:37
▶	08	**Dead Finks Don't Talk** (Eno)	4:19
	09	**Some Of Them Are Old** (Eno)	5:11
▶	10	**Here Come The Warm Jets** (Eno)	4:04

Bad Company | Bad Company (1974)

Selo | Island
Produção | Bad Company • Terry Thomas
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 34:35

Enquanto a Turquia se preparava para invadir Chipre, em meados de 1974, Peter Grant, o empresário do Led Zeppelin, lançava seu próprio exército: Paul Rodgers (voz) e Simon Kirke (bateria), ex-integrantes do Free; Mick Ralphs, que foi guitarrista do Mott The Hoople; e o ex-King Crimson Boz Burrell (o 16.º baixista testado para ocupar uma vaga no grupo).

Muito antes de o Queen se tornar famoso, Rodgers – que mais tarde tocou com a banda – já era um astro do rock 'n' roll (conhecido também por seu acordeão) e havia grande expectativa sobre sua primeira aparição depois da saída do Free. Ele não decepcionou.

Rodgers e Ralphs formaram o Bad Company – o nome foi inspirado no western *Má Companhia*, de 1972, estrelado por Jeff Bridges – depois de terem se encontrado em turnês e jams. O Led Zeppelin adotou os dois e os contratou para seu selo próprio, Swan Song. *Bad Company* foi feito num intervalo na agenda de gravações do Zeppelin, em novembro de 1973, no estúdio de Ronnie Lane, em Headley Grange.

O álbum, que chegou ao terceiro lugar nas paradas americanas, capta uma energia movida a altas doses de cocaína, num som que segue o modelo do Cream e de Hendrix, juntando soul e country. O disco traz maravilhas como "Can't Get Enough...", a comovente "Movin' On", a suplicante "Ready For Love" e a balada "Seagull". *Bad Company* contou com o trabalho do engenheiro de som Roy Nevison, que mais tarde se tornou produtor. A bateria de Kirke foi posta num corredor para a gravação e os vocais da faixa-título foram feitos à noite, para criar o clima, num terreno das vizinhanças. Como lembra Rodgers, "álcool e drogas" eram o verdadeiro combustível da banda, mas *Bad Company* é um exemplo perfeito do blues rock alto-astral. Steve Clarke, da revista *NME*, se entusiasmou: "Tudo o que eles tocam vira ouro." Ele poderia ter dito platina, também. **TJ**

"Tive que lutar para que o empresário e a gravadora aceitassem o nome Bad Company."

Paul Rodgers, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Can't Get Enough Of Your Love** (Ralphs)	4:10
	02	**Rock Steady** (Rodgers)	3:46
	03	**Ready For Love** (Ralphs)	5:00
	04	**Don't Let Me Down** (Ralphs • Rodgers)	4:18
	05	**Bad Company** (Kirke • Rodgers)	4:50
	06	**The Way I Choose** (Rodgers)	5:05
▶	07	**Movin' On** (Ralphs)	3:20
▶	08	**Seagull** (Ralphs • Rodgers)	4:06

Genesis
The Lamb Lies Down On Broadway (1974)

Selo | Charisma
Produção | John Burns • Genesis
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 92:25

Embora 1974 possa ser visto como o ano do apogeu dos excessos do rock progressivo, este álbum é sombrio e frágil, com uma instrumentação frugal. Gravado na zona rural do País de Gales numa época difícil para o Genesis – os vocais de Peter Gabriel foram registrados à parte, no Island Studios, em Londres –, o disco, na verdade, mostra o grupo em sua melhor forma.

Gabriel, naqueles tempos, era considerado um compositor sério e tomou para si a tarefa de escrever um *Pilgrim's Progress* (*O Peregrino*) moderno. A obra conta a história de Rael, um punk de rua porto-riquenho que se veste todo de couro. Um dia ele vê um cordeiro – isso mesmo – deitado em plena Broadway. Pode-se questionar se alguém, inclusive Gabriel, entendeu a história, mas o álbum duplo contém suas letras mais consistentes e a performance instrumental mais expressiva da banda.

"Back In NYC", mais tarde revisitada por Jeff Buckley em suas últimas gravações, é um anúncio do punk; "In The Cage", com oito minutos, marca o clímax do álbum, assim como "Supper's Ready"; "Carpet Crawlers" foi outro hino do grupo; e "The Chamber Of 32 Doors" permite que Gabriel libere a soul music na qual havia mergulhado quando era adolescente.

O álbum, que tem uma capa limpa e moderna, foi finalmente lançado, sob aplauso geral, em 1974. É um disco de vocalista, o que explica por que os músicos o odiaram e por que Gabriel o adorou. É claro que ele não teria mais tanta liberdade no Genesis e, ao final da exaustiva turnê mundial para a divulgação do álbum, Gabriel deixou o grupo. **DE**

Shuggie Otis
Inspiration Information (1974)

Selo | Epic
Produção | Johnny Otis • Shuggie Otis
Projeto gráfico | T. E. St. John
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:07

Apesar do relançamento em CD no século 21, este tesouro atemporal continua pouco conhecido. É um álbum mágico, que merece maior reconhecimento como uma obra essencial, linda e delicada do funk.

Em 1965, aos 12 (!) anos, Shuggie estreou nas paradas de R&B americanas em 29.º lugar, como uma espécie de B. B. King redivivo, no belo e obsceno single "Country Girl". A música era um clássico original de funky blues escrito por seu pai, a lendária estrela de R&B Johnny Otis, autor de pérolas como "Hound Dog" e "Willy And The Hand Jive". Nesse fértil solo musical, Shuggie floresceu como um absoluto prodígio: guitarrista, compositor, cantor, arranjador e multiinstrumentista. Aos 19 anos, ele já havia tocado com Frank Zappa e Al Kooper, dispensado os Rollings Stones (que o haviam convidado para substituir Mick Taylor) e feito quatro álbuns únicos, sendo o último *Inspiration...*

Trata-se de uma deliciosa viagem que parte do funk lento da faixa-título até as incursões de Shuggie à bateria eletrônica nas futuristas "XL-30" e "Pling!". Shuggie toca todos os instrumentos sozinho. O relançamento incluiu quatro faixas alucinantes de *Freedom Flight* (1971), acrescentando ao repertório sons psicodélicos, um blues funky e uma maravilhosa suíte de jazz.

As vendas irrisórias, o alto custo de estúdio e o fato de que Sly Stone era a estrela comercial da gravadora fizeram com que a Epic despedisse Shuggie, em 1974. O mundo, então, o esqueceu – até nascer um novo século. **MR**

Stevie Wonder
Fulfillingness' First Finale (1974)

Selo | Tamla Motown
Produção | Stevie Wonder
Projeto gráfico | Bob Bleason
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:53

Fulfillingness' First Finale é o último álbum – e o de maior sucesso – dos quatro que Stevie fez com os magos dos sintetizadores Robert Margouleff e Malcolm Cecil, que ajudaram em sua transição de gênio infantil para superstar adulto.

As sessões de gravação podiam durar três dias inteiros. Stevie gravava em diferentes canais a bateria, que tocava de forma autodidata e pouco ortodoxa, e as linhas de baixo criadas no Moog, invocando ritmos fascinantes. Era a matéria-prima para canções pop perfeitas, com todo o drama e complexidade de uma composição de Schubert.

As faixas, gravadas depois do acidente de carro quase fatal que Stevie sofreu, em 6 de agosto de 1973, são mais otimistas do que em *Innervisions*, de 1973, um álbum mais raivoso. A balada country "Too Shy To Say" traz um vocal *à la* Ray Charles, acompanhado pela maravilhosa pedal steel de Sneaky Pete Kleinow, dos Flying Burritos Brothers. Há o funk nervoso de "Boogie On Reggae Woman", a balada fantasmagórica "Creepin'" e a fusão com ritmos brasileiros em "Bird Of Beauty".

O épico neo gospel "They Won't Go When I Go" – a letra é de Yvonne Wright, cunhada de Stevie – remete a orações islâmicas e cantos gregorianos, sendo depois gravado por George Michael.

A melhor música do álbum é a engajada "You Haven't Done Nothin'". A canção revisita o funk-rock balançante de "Superstition" e levou Stevie pela quarta vez ao primeiro lugar das paradas americanas, com a ajuda dos colegas de Motown, os Jackson Five, nos backing vocals. O álbum também ficou em primeiro lugar nos Estados Unidos. **JLe**

Eric Clapton
461 Ocean Boulevard (1974)

Selo | RSO
Produção | Tom Dowd
Projeto gráfico | Bob Defrin
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:46

Pode ser injusto, mas *461 Ocean Boulevard*, de Eric Clapton, vai sempre ficar à sombra do sucesso de *Layla And Other Assorted Songs* (1970), o disco que marcou a carreira pós-Cream do guitarrista como um blueseiro açucarado e um ocasional autor de hinos do pop rock. Lançado depois da infindável turnê de *Layla...* e da gravação do álbum ao vivo, *461 Ocean Boulevard* acabou sendo considerado uma continuação agradável, mas modesta, de uma música já conhecida. Ainda assim, este disco é uma chama latente que continua queimando até hoje.

As fotos da capa (de David Gahr) e o título sugerem que Eric e a banda – na qual se destacam o baixista Carl Radle e o baterista Jamie Oldaker – alternavam as relaxadas sessões de gravação no Criteria Studios, em Miami, com mergulhos na piscina de uma mansão vizinha. Talvez *461 Ocean Boulevard* não tenha sido feito com um pé nas costas (há sinais de uma esmerada mixagem e overdubs cuidadosos), mas os músicos parecem integrados como velhos companheiros e as melodias e o som, em geral, têm uma espontaneidade natural que ainda torna o álbum muito atraente. Eric usa suas raízes no blues e no rock, mergulha com sucesso no reggae "I Shot The Sheriff", de Bob Marley (primeiro lugar nas paradas dos Estados Unidos), e atinge a profundidade gospel com a sublime "Give Me Strength". A melódica e ardente "Let It Grow" é outra faixa de destaque, com fantásticas mudanças de acordes que lembram "Stairway To Heaven", do Led Zeppelin. **ML**

Kraftwerk | Autobahn (1974)

Selo | EMI
Produção | Ralf Hütter • Florian Schneider
Projeto gráfico | Ralf Hütter • Florian Schneider
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 42:27

Apesar de ser o quarto álbum do Kraftwerk, *Autobahn* é considerado o verdadeiro ponto de partida da banda. Ralf Hütter e Florian Schneider tinham se conhecido em 1968 e formado o grupo – e seu estúdio eletrônico experimental Kling Klang – no início de 1970.

Depois de anos tocando no circuito universitário, em clubes e galerias de arte, onde aperfeiçoaram sua música, Ralf Hütter e Florian Schneider compuseram e gravaram a faixa-título, "Autobahn" – uma sinfonia à base de sintetizadores –, numa parceria com o poeta e pintor Emil Schult. Inspirada pelas longas viagens nas auto-estradas alemãs, a música marcou a separação definitiva da banda de seus colegas de Krautrock.

Em *Autobahn*, com a participação dos percussionistas Wolfgang Flür e Karl Bartos, Hütter e Schneider cristalizaram o som primitivo e a imagem fria que caracterizaram o Kraftwerk. O álbum contém obras sublimes da "Electronic-Volks-Musik", como as faixas "Mitternacht", "Morgenspaziergang" e "Kometenmelodie", mas foi a faixa-título que se tornou o símbolo da carreira internacional do Kraftwerk.

O álbum foi sucesso nos Estados Unidos e na Europa e virou um marco do pop minimalista de vanguarda. Como disse Ralf Hütter, em 2003: "Em *Autobahn*, nós colocamos barulho de carros, metais, melodias básicas e motores afinados. Ajustamos a suspensão e a pressão dos pneus, rolamos pelo asfalto e usamos aquele som intermitente quando as rodas passam por cima das faixas. É uma poesia sonora, muito dinâmica."

Autobahn é cinema para os ouvidos. **SD**

"Às vezes, eu sinto o gosto dos sons. Há mais sensações do que aquelas captadas pelo ouvido. O corpo inteiro pode sentir os sons."

Florian Schneider, 1975

Lista de músicas

▶	01	**Autobahn** (Hütter • Schneider • Schult)	22:42
	02	**Kometenmelodie 1** (Hütter • Schneider)	6:20
▶	03	**Kometenmelodie 2** (Hutter • Schneider)	5:45
	04	**Mitternacht** (Hütter • Schneider)	3:40
▶	05	**Morgenspaziergang** (Hütter • Schneider)	4:00

Van Morrison | It's Too Late To Stop Now (1974)

Selo | Warner Bros.
Produção | Van Morrison • Ted Templeman
Projeto gráfico | Ed Caraeff • David Larkham
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 92:20

Depois de ter passado boa parte do início dos anos 70 produzindo uma série de discos em estúdio, Morrison fez uma turnê com a Caledonia Soul Orchestra. Os shows foram gravados na Califórnia e em Londres, dando origem a este maravilhoso álbum duplo, um dos melhores de todos os tempos, apontado como o auge da carreira de Morrison.

O guitarrista John Platania, o trompetista Jack Schroer, o baterista David Shaw e o tecladista Jeff Labes eram nomes habituais da banda de Morrison. A inclusão de um naipe de cordas proporcionou uma magia extra, em especial em "Here Comes The Night", que ficou totalmente diferente da gravação original, de 1965, no álbum *Them*.

Várias faixas são versões de músicas dos artistas de soul preferidos de Morrison – Bobby Bland, Ray Charles, Sam Cooke e Sonny Boy Williamson. A maioria das canções de Morrison era de seus discos mais recentes (*Moondance*, *His Band And Street Choir*, *Saint Dominic's Preview* e *Hard Nose The Highway*). A ausência de material de *Tupelo Honey* explica-se pela insistência de Morrison em que este álbum fosse realmente ao vivo, sem overdubs (daí a omissão da faixa-título de *Moondance* – ao vivo, o número desafina). A música final, longa e maravilhosa, é a única extraída de *Astral Weeks*, talvez o álbum que tenha lançado Morrison como um grande artista solo.

O disco não entrou nas paradas inglesas, embora tenha chegado ao 53º lugar nos Estados Unidos. Infelizmente, a banda começou a se desfazer depois de *Veedon Fleece*, o álbum seguinte de Morrison, gravado em estúdio. Quem assistiu a qualquer um dos shows de *It's Too Late To Stop Now* nunca vai esquecer. **JT**

Lista de músicas

	01	**Ain't Nothin' You Can Do** (Malone•Scott)	3:44
▶	02	**Warm Love** (Morrison)	3:05
▶	03	**Into The Mystic** (Morrison)	4:31
	04	**These Dreams Of You** (Morrison)	3:37
	05	**I Believe To My Soul** (Charles)	4:11
	06	**I've Been Working** (Morrison)	3:55
	07	**Help Me** (Williamson)	3:25
	08	**Wild Children** (Morrison)	5:04
	09	**Domino** (Morrison)	4:47
	10	**I Just Want To Make Love To You** (Dixon)	5:14
	11	**Bring It On Home To Me** (Cooke)	4:40
▶	12	**Saint Dominic's Preview** (Morrison)	6:17
	13	**Take Your Hands Out Of My Pocket** (Williamson)	4:04
	14	**Listen To The Lion** (Morrison)	8:41
▶	15	**Here Comes The Night** (Berns)	3:14
▶	16	**Gloria** (Morrison)	4:19
▶	17	**Caravan** (Morrison)	9:16
▶	18	**Cypress Avenue** (Morrison)	10:16

Joni Mitchell | Court And Spark (1974)

Selo | Asylum
Produção | Não consta
Projeto gráfico | Anthony Hudson
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:52

Ladies Of The Canyon (1970) tinha a dose certa de ambientalismo, presente em "Big Yellow Taxi" e "Woodstock", uma ode ao festival (do qual ela não participou) regravada inúmeras vezes. A seguir, veio o doloroso e confessional *Blue*. Mais do que David Crosby (que ela namorava) e James Taylor (artista convidado em *Blue*), Joni Mitchell, uma canadense radicada na Califórnia, era a típica cantora-compositora do início dos anos 70, uma favorita das almas perdidas, de violão em punho e coração partido. Por isso o lançamento, em 1974, do single "Raised On Robbery" – um boogie levado não pela cítara folk de Mitchell, mas pela guitarra elétrica imperiosa de Robbie Robertson – parecia tão inverossímil.

O restante de *Court And Spark* não é tão radical, mas, na verdade, a única coisa que tem em comum com *Ladies Of The Canyon* é uma pintura de Mitchell na capa. As músicas são menos intensas do que em *Blue*. "Free Man In Paris" é uma homenagem disfarçada ao dono da gravadora, David Geffen, "stoking the starmaker machinery behind the popular song" ("alimentando as máquinas que fazem estrelas por trás da canção popular"). Mas a grande surpresa é o som leve, luminoso, desde a sonhadora e lapidada faixa-título até a bem-humorada "Twisted" – que tem como convidada especial a dupla de comediantes Cheech and Chong. Como o Steely Dan – com quem "Car On A Hill" compartilha o estilo jazzístico ao gosto das rádios –, *Court And Spark* só podia ter saído da Califórnia.

Qualquer exigência comercial foi abandonada com *The Hissing Of Summer Lawns*, quando Mitchell começou a se refugiar num estilo mais artístico e, algumas vezes, em suas raízes acústicas. O terrível *Travelog* (2002), um CD duplo no qual ela refez seu repertório com uma orquestra melosa, foi uma triste despedida. **WF-J**

"Dylan e Leonard Cohen são meus iguais. Somos os poetas desta geração."

Joni Mitchell, 1995

Lista de músicas

	01	**Court And Spark** (Mitchell)	2:46
▶	02	**Help Me** (Mitchell)	3:22
▶	03	**Free Man In Paris** (Mitchell)	3:02
	04	**People's Parties** (Mitchell)	2:20
	05	**Same Situation** (Mitchell)	3:05
▶	06	**Car On A Hill** (Mitchell)	2:58
	07	**Down To You** (Mitchell)	5:36
	08	**Just Like This Train** (Mitchell)	4:23
	09	**Raised On Robbery** (Mitchell)	3:05
	10	**Trouble Child** (Mitchell)	3:57
	11	**Twisted** (Grey-Ross)	2:18

Queen | Queen II (1974)

Selo | EMI
Produção | Vários
Projeto gráfico | Mick Rock • Queen
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:28

Queen II foi o primeiro álbum de sucesso do Queen na Inglaterra e acabou levando o disco de estréia da banda a também entrar nas paradas, uma semana depois. *Queen I* havia sido gravado nos horários em que a Trident Studio, a gravadora que contratara o grupo e o produtor Roy Baker, estava vazia – de manhã cedo e no meio da noite. O resultado valeu tanto a pena (especialmente nos Estados Unidos, onde o disco ficou entre os 100 Mais) que este segundo LP – e, em particular, "The March Of The Black Queen" – teve acesso a "todas as técnicas musicais e de produção disponíveis", segundo Baker.

Talvez de forma surpreendente, já que o Queen é conhecido, hoje, como um grupo de hinos contagiantes, daqueles de levantar a platéia, este álbum é claramente melancólico (o lado A foi apelidado de "branco" e o B, de "preto"). A banda mostra sua diversidade apresentando rocks ("Ogre Battle"), baladas ("Nevermore", "White Queen") e incursões ao rock progressivo, num viés mitológico (como em "The Fairy Feller's Master-Stroke", que ganhou o nome da pintura extraordinária do artista vitoriano Richard Dadd).

O gancho, a faixa que levou o Queen ao estrelato, é a poderosa "Seven Seas Of Rhye", que, de acordo com Baker, entrou para os 10 Mais da parada britânica porque a banda apresentou a música no programa de TV *Top Of The Pops*, o mais influente da época na Inglaterra. O guitarrista Brian May observou: "Tudo acontece nos primeiros 20 segundos – dá quase para ouvir toda a música nesse tempo. Vem aquele som arrebatador e entra direto o vocal." Nos Estados Unidos, mesmo sem um single de sucesso para puxar o álbum, o disco ainda conseguiu colocar o Queen entre os 50 Mais. **JT**

"Somos um grupo caro; quebramos um monte de regras, meu querido."

Freddie Mercury, 1977

Lista de músicas

	01	**Procession** (May)	1:12
▶	02	**Father To Son** (May)	6:12
	03	**White Queen (As It Began)** (May)	4:33
	04	**Some Day One Day** (May)	4:21
	05	**The Loser In The End** (Taylor)	4:01
	06	**Ogre Battle** (Mercury)	4:08
	07	**The Fairy Feller's Master-Stroke** (Mercury)	2:39
	08	**Nevermore** (Mercury)	1:17
▶	09	**The March Of The Black Queen** (Mercury)	6:03
	10	**Funny How Love Is** (Mercury)	3:14
▶	11	**Seven Seas Of Rhye** (Mercury)	2:48

Roxy Music | Country Life (1974)

Selo | Island
Produção | John Punter • Roxy Music
Projeto gráfico | Bryan Ferry
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:37

Bryan Ferry conheceu duas fãs do Roxy Music, Constanze Karoli e Eveline Grunwald, em Portugal, enquanto escrevia as letras de *Country Life* (o quarto álbum de estúdio da banda), e pediu que elas posassem para a capa do disco. A fotografia das jovens alemãs causou sensação – os corpos seminus e a sugestiva posição dos dedos das moças foram considerados muito picantes pelos lojistas e em vários países o álbum ganhou uma capa menos ousada.

É impossível saber se o disco teria feito tanto sucesso nos Estados Unidos sem essa polêmica. Na Inglaterra, porém, a reação da crítica ao LP foi muito positiva. O Roxy Music estava enquadrado num gênero entre o art rock, influenciado pelo glam rock, e um pop elegante e sofisticado. Com a saída de Brian Eno depois do lançamento do segundo álbum, a banda foi alterando seu conceito original, mas só com o pop adulto de *Avalon* é que erradicaria todos os traços de seu passado.

As músicas mais fortes do álbum, "The Thrill Of It All", "Prairie Rose" e "Casanova", foram bem recebidas na época, mas é curioso que a balada teatral "Bitter-Sweet" (o trecho da letra em alemão foi traduzido por Karoli e Grunwald) tenha sido ignorada. Essa faixa, e outras do Roxy Music, foi incluída no filme de Todd Haynes sobre o glam rock, *Velvet Goldmine*, de 1998. Regravada com Thom Yorke (do Radiohead) nos vocais, a versão de "Bitter-Sweet" não apenas revelou os primeiros trabalhos do Roxy Music para um novo público, como ainda provou que a influência da banda ia muito além dos singles populares. **AH-N**

"Não há nada de mais em ser comercial, se a música é boa."

Bryan Ferry, 1972

Lista de músicas

▶	01	**The Thrill Of It All** (Ferry)	6:24
	02	**Three And Nine** (Ferry • Mackay)	4:04
	03	**All I Want Is You** (Ferry)	2:52
▶	04	**Out Of The Blue** (Ferry • Manzanera)	4:46
	05	**If It Takes All Night** (Ferry)	3:10
▶	06	**Bitter-Sweet** (Ferry • Mackay)	4:50
▶	07	**Triptych** (Ferry)	3:09
▶	08	**Casanova** (Ferry)	3:26
	09	**A Really Good Time** (Ferry)	3:45
▶	10	**Prairie Rose** (Ferry • Manzanera)	5:11

Tangerine Dream | Phaedra (1974)

Selo | Virgin
Produção | Edgar Froese
Projeto gráfico | Edgar Froese
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 37:32

Brian Eno inventou o conceito de ambient music, mas o Tangerine Dream foi o pioneiro deste som. O grupo foi formado em Berlim, em 1967, tendo como líder o guitarrista Edgar Froese, o único que permaneceu na banda até o fim. Inspirado pelo surrealismo e pelo dadaísmo, Froese trabalhou com Salvador Dalí e abriu shows para Jimi Hendrix. O Tangerine Dream teve formações variadas até estrear em disco em 1970, por um selo alemão. *Electronic Meditation* foi um dos primeiros exemplos do Krautrock: era um trabalho experimental e minimalista que utilizava objetos caseiros ao lado de instrumentos tradicionais de rock.

Os sintetizadores entraram em primeiro plano em *Alpha Centauri* (1971) – três anos antes de o Kraftwerk começar a utilizá-los com força total – e é a formação clássica do TD (com Froese, Chris Franke e Peter Baumann) que está no álbum duplo *Zeit*. Em 1973, o influente DJ britânico John Peel elegeu *Atem* o disco do ano, o que levou essa banda inovadora de música espacial a assinar um importante contrato com a Virgin Records.

O primeiro álbum pela Virgin, *Phaedra*, foi um marco comercial e estilístico. O trio utilizou Moogs e seqüenciadores pela primeira vez para compor, mais do que improvisar, vastas explorações sonoras. A faixa-título é quase uma sinfonia de murmúrio hipnótico, texturas celestiais e pulsantes linhas de baixo. "Movements Of A Visionary" contém sussurros e cascatas de tons arpejados, enquanto "Mysterious Semblance At The Strand Of Nightmares" traz um teclado luminoso que evoca o oceano e o cosmos.

Phaedra ficou entre os 20 Mais na Inglaterra e em 196.º lugar nas paradas americanas. Essencial na música eletrônica, é um precursor do trance, techno e da dance music. **MA**

"Quando lançamos *Phaedra*, eu disse: 'Em 10 anos, todo mundo vai estar tocando sintetizadores.' E o cara (...) respondeu: 'Você é um idiota', e foi embora."

Edgar Froese, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Phaedra** (Baumann • Franke • Froese)	16:45
▶	02	**Mysterious Semblance At The Strand Of Nightmares** (Froese)	10:35
▶	03	**Movements Of A Visionary** (Baumann • Franke • Froese)	7:55
	04	**Sequent C'** (Baumann)	2:17

Sparks | Kimono My House (1974)

Selo | Island
Produção | Muff Winwood
Projeto gráfico | Nicholas Deville
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 35:44

O letrista e tecladista Ron Mael e seu irmão, o cantor Russell, se mudaram de Los Angeles para Londres em 1974, estimulados pela reação positiva da imprensa inglesa a seus shows. Eles recrutaram os integrantes da banda pelos classificados e entraram para a lista dos 10 Mais na Inglaterra com a opereta de glam rock "This Town Ain't Big Enough For The Both Of Us". A música abria com teclados hipnóticos e vocais perturbadores até atingir uma onda triunfante de tiros, agudos operísticos e guitarras frenéticas. O sucesso do single levou a banda a fazer uma memorável apresentação no programa musical da TV inglesa *Top Of The Pops* – Ron olhava a câmera fixamente, com um bigodinho de Hitler e o ar vidrado, enquanto Russell dançava alucinadamente ao redor dele, mostrando com orgulho seus péssimos dentes.

Kimono..., com sua capa kitsch e extravagante mostrando duas gueixas atrevidas, foi um sucesso instantâneo de público e crítica. O falsete de Russell na contagiante "Amateur Hour" faz um contraponto perfeito ao jogo de palavras hilariante de Ron. A teatralidade de "Thank God It's Not Christmas" e "Hasta Mañana, Monsieur" soa como um musical da Broadway dirigido pelo Roxy Music dos primeiros tempos. Os Sparks anteciparam a new wave com a agressiva "Talent Is An Asset'"; em "Equator", o confronto entre texturas de jazz e vocais alucinados mostra o lado mais experimental dos Mael.

Três décadas depois, *Kimono...* continua sendo um álbum-chave e sua influência foi reconhecida por um dos maiores fãs da banda, Morrissey, que em 2004 convidou o grupo a apresentar todas as músicas do álbum no Royal Festival Hall, em Londres. **CSh**

"Quando você faz uma balada legal, tem que tentar arruiná-la."

Russell Mael, 1975

Lista de músicas

▶	01	**This Town Ain't Big Enough For The Both Of Us** (R. Mael)	3:03
▶	02	**Amateur Hour** (R. Mael)	3:37
	03	**Falling In Love With Myself Again** (R. Mael)	3:02
	04	**Here In Heaven** (R. Mael)	2:45
▶	05	**Thank God It's Not Christmas** (R. Mael)	5:00
	06	**Hasta Mañana, Monsieur** (R. Mael • R. Mael)	3:49
▶	07	**Talent Is An Asset** (R. Mael)	3:14
	08	**Complaints** (R. Mael)	2:50
	09	**In My Family** (R. Mael)	3:46
▶	10	**Equator** (R. Mael)	4:38

Supertramp | Crime Of The Century (1974)

Selo | A&M
Produção | Ken Scott
Projeto gráfico | Paul Wakefield
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:25

Quando o Supertramp se reuniu para gravar seu terceiro álbum, a banda estava no fim. O grupo havia se separado depois de *Indelibly Stamped*, de 1971, obrigando Roger Hodgson e Rick Davies, o núcleo criador da banda, a procurar novos músicos e a fazer uma obra-prima para salvar o contrato com a A&M. Essa responsabilidade ficou ainda maior quando o patrocinador do grupo, o milionário holandês Stanley Miesegaes, também abandonou o barco, deixando dívidas no valor de 90 mil libras. O Supertramp estava tão falido que chegou a servir de banda de apoio para Chuck Berry só pelo cachê.

Felizmente, os frutos de um período produtivo de composição numa fazenda em Somerset, entre novembro de 1973 e fevereiro de 1974, renderam *Crime Of The Century*, que mudou o quadro completamente. As músicas melodiosas e bem executadas, a claridade genuína do som (um trabalho de Ken Scott, que tinha gravado *Ziggy Stardust* com Bowie) e uma variedade criativa de efeitos sonoros fizeram um álbum que a revista *Sounds* comparou ao "Genesis, The Beach Boys (...) e um pouco de [Pink] Floyd". O sucesso do single "Dreamer", uma música densa à base de teclados, fez com que *Crime...* chegasse ao quarto lugar das paradas britânicas.

A capa diferenciada foi criada pelo artista gráfico Paul Wakefield e lembra o álbum do Traffic, *Shootout At The Fantasy Factory*. As "grades de prisão" viraram uma imagem mítica.

O Supertramp chegou ao estrelato muito antes do movimento punk para ser tolhido por ele, embora, passada a new wave, o sucesso do grupo se mantivesse principalmente no exterior. *Crime...* foi a base do Supertramp e se tornou, durante anos, a espinha dorsal de seu repertório. **MH**

"O disco nao foi originalmente pensado como algo mais do que sons gostosos de se ouvir (...). Não é nada como *Tommy*."

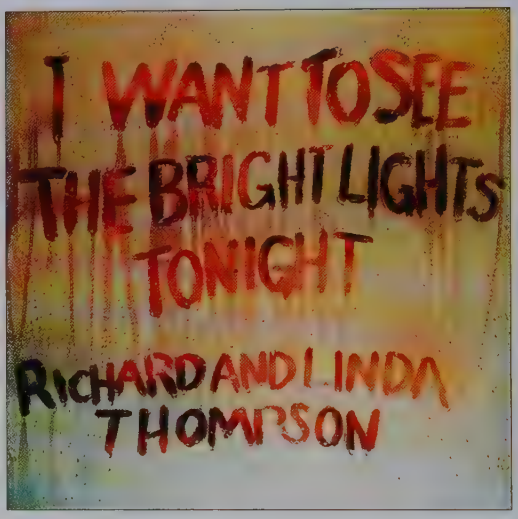
Rick Davies, 1986

Lista de músicas

▶	01	**School** (Davies•Hodgson)	5:35
	02	**Bloody Well Right** (Davies•Hodgson)	4:26
	03	**Hide In Your Shell** (Davies•Hodgson)	6:52
▶	04	**Asylum** (Davies•Hodgson)	6:30
▶	05	**Dreamer** (Davies•Hodgson)	3:30
▶	06	**Rudy** (Davies•Hodgson)	7:07
	07	**If Everyone Was Listening** (Davies•Hodgson)	4:05
▶	08	**Crime Of The Century** (Davies•Hodgson)	5:20

Richard And Linda Thompson
I Want To See The Bright Lights Tonight (1974)

Selo | Island
Produção | Richard Thompson • John Wood
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | | Inglaterra
Duração | 36:55



Uma dupla de marido e mulher nunca foi a cara do rock, mas Richard Thompson, o único muçulmano que virou uma estrela da guitarra, não era de seguir regras. Ele deixou o Fairport Convention, a banda pioneira de folk-rock que havia ajudado a fundar, em 1971. A escocesa Linda Peters havia feito os backing vocals de seu primeiro e fracassado álbum solo, *Henry The Human Fly*. O empenho dos dois transformou *I Want To See The Bright Lights Tonight* em um dos eternos discos preferidos da crítica.

Embora insistisse em que "há sempre esperança no terceiro verso das minhas músicas", Thompson não põe muita neste disco. O álbum descreve o baixo clero da sociedade britânica – os excluídos, foras-da-lei, sem-teto e sem esperança. O lançamento – marcado, segundo consta, pelos problemas de estoque de vinil gerados pela crise do petróleo – casou à perfeição com a convulsão social provocada pela adoção de medidas econômicas duras na Inglaterra.

O álbum ganhou peso com a participação de músicos do Fairport, do Fotheringay (de Sandy Danny) e do Gryphon. Detalhes como o uso de uma tradicional banda inglesa de metais na faixa-título adicionaram um toque de essência britânica, o que não aconteceria se fosse usado um naipe convencional. Talvez essa seja um das razões pelas quais Thompson tem tantos fãs nos Estados Unidos. Elvis Costello gravou a melancólica "The End Of The Rainbow", mas faz falta, em sua versão, o tom "para cima" da voz de Linda, que tornou a canção mais comercial com a dupla.

O jornalista e produtor Richard Williams descreveu Thompson como uma espécie de "Coltrane da guitarra, o poeta folk das ruas lavadas de chuva". Muitos acham que, como guitarrista ou poeta, ele jamais conseguiu superar sua performance deste disco. **MH**

"Não acho que músicas tristes sejam necessariamente depressivas."

Richard Thompson, 1996

Lista de músicas

▶	01	**When I Get To The Border** (R. Thompson)	3:26
	02	**The Calvary Cross** (R. Thompson)	3:51
▶	03	**Withered And Died** (R. Thompson)	3:24
▶	04	**I Want To See The Bright Lights Tonight** (R. Thompson)	3:07
	05	**Down Where The Drunkards Roll** (R. Thompson)	4:05
	06	**We Sing Hallelujah** (R. Thompson)	2:49
	07	**Has He Got A Friend For Me** (R. Thompson)	3:32
	08	**The Little Beggar Girl** (R. Thompson)	3:24
▶	09	**The End Of The Rainbow** (R. Thompson)	3:55
	10	**The Great Valerio** (R. Thompson)	5:22

Gil Scott-Heron / Brian Jackson
Winter In America (1974)

Selo | Strata-East
Produção | Brian Jackson • Gil Scott-Heron
Projeto gráfico | Eugene Coles
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:29

A combinação inovadora e instigante de poesia e música proposta por Gil Scott-Heron causaria um grande impacto, mais tarde, no som afro-americano. Considerado o "padrinho do rap", Scott-Heron falava abertamente das injustiças cometidas contra a comunidade negra, bem demonstradas no hino "The Revolution Will Not Be Televised".

Foi em *Winter In America* que o nome de Scott-Heron se firmou na consciência do público. Isso se deveu, em grande parte, a seu parceiro, o talentoso tecladista Brian Jackson, que ajudou Scott-Heron a se transformar de poeta urbano e agressivo num arauto musical. *Winter In America* combina uma crítica aguçada com melodias cheias de sentimento. Scott-Heron é, ao mesmo tempo, duro e suave – mas determinado a expor seu ponto de vista.

Canções como "Rivers Of My Father" e "A Very Precious Time" têm um tom tranqüilo e espiritual. São lindamente interpretadas por Scott-Heron, acompanhado pelos teclados sutis e contidos de Jackson. A dupla apresenta, depois, duas faixas cheias de balanço, "Back Home" e "The Bottle". Esta última fala de alcoolismo, uma praga histórica na comunidade negra, e se tornou um hit do underground, com a importante contribuição de Jackson na flauta. "H_2O Gate Blues" é um discurso inspirado e de um humor frio sobre o governo Nixon.

O disco é justificadamente raivoso e impregnado de mordacidade, inteligência e bem elaborados jogos de palavras. Não admira que as letras de Gil Scott-Heron fossem, mais adiante, exercer uma influência profunda em rappers com consciência social, como Public Enemy e Disposable Heroes Of Hiphoprisy. **AEI**

"Não ouço uma música pensando que faz parte de uma época."

Brian Jackson, 2005

Lista de músicas

	01	**Peace Go With You, Brother (As-Salaam-Alaikum)** (Jackson•Scott-Heron)	5:27
▶	02	**Rivers Of My Father** (Jackson•Scott-Heron)	8:19
	03	**A Very Precious Time** (Jackson•Scott-Heron)	5:17
▶	04	**Back Home** (Jackson•Scott-Heron)	2:51
▶	05	**The Bottle** (Scott-Heron)	5:14
	06	**Song For Bobby Smith** (Scott-Heron)	4:38
▶	07	**Your Daddy Loves You** (Scott-Heron)	3:25
▶	08	**H_2O Gate Blues** (Scott-Heron)	8:08
	09	**Peace Go With You, Brother (Wa-Alaikum-Salaam)** (Jackson•Scott-Heron)	1:10

Queen | Sheer Heart Attack (1974)

Selo | EMI
Produção | Roy Thomas Baker • Queen
Projeto gráfico | Mick Rock • Queen
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:04

O Queen flertou com o funk, a ópera e a música eletrônica – assim, era fácil esquecer que se tratava de uma fantástica banda de hard rock tão heavy quanto o Sabbath, tão densa quanto o Led Zeppelin e tão inteligente quanto o Cream. *Sheer Heart Attack* fez do grupo um grande sucesso nos Estados Unidos e na Inglaterra, graças ao rock gótico do guitarrista Brian May e ao pop espalhafatoso do vocalista Freddie Mercury.

May caiu doente quando as gravações começaram. A banda, então, registrou a sua parte e deixou espaço para seus overdubs de vocais e guitarra. May toma de assalto o tour de force de "Brighton Rock", a incendiária "Now I'm Here" – uma das preferidas nos shows – e o pré-thrash de "Stone Cold Crazy".

O álbum traz ainda a deliciosa "Lily Of The Valley", de Mercury, e a fúnebre "Dear Friends", de May. Há também sinais das imitações que poluem a música da banda, como "Bring Back That Leroy Brown", levada no banjo.

A peça principal do disco é "Killer Queen", que, como single, levou o Queen ao estrelato. É uma obra-prima do rock animal que conta a história de uma prostituta de alta classe – uma extravagante justaposição da alta e da baixa cultura, que parece definir a complexa personalidade pública do cantor.

Se May e Mercury eram o Lennon e o McCartney do Queen, seu George Harrison era o baixista John Deacon. A caribenha "Misfire" foi a primeira de suas vinhetas para a banda.

O baterista Roger Taylor também compunha, apesar de sua "Sheer Heart Attack" só ter sido lançada no álbum *News Of The World*, de 1977. E a fotografia de Mick Rock, da banda ensopada de suor, na capa? "Meu Deus, que agonia foi fazer aquelas fotos, querido", contou Mercury à *NME*. "A gente continua tão afeminado quanto naquela época." **JLe**

"Eu sempre soube que era uma estrela."

Freddie Mercury, 1975

Lista de músicas

▶	01	**Brighton Rock** (May)	5:08
▶	02	**Killer Queen** (Mercury)	2:57
	03	**Tenement Funster** (Taylor)	2:48
	04	**Flick Of The Wrist** (Mercury)	3:46
	05	**Lily Of The Valley** (Mercury)	1:43
▶	06	**Now I'm Here** (May)	4:10
	07	**In The Lap Of The Gods** (Mercury)	3:20
	08	**Stone Cold Crazy** (Deacon • May • Mercury • Taylor)	2:12
	09	**Dear Friends** (May)	1:07
	10	**Misfire** (Deacon)	1:50
	11	**Bring Back That Leroy Brown** (Mercury)	2:13
	12	**She Makes Me (Stormtrooper In Stilettoes)** (May)	4:08
	13	**In The Lap Of The Gods ... Revisited** (Mercury)	3:42

10cc | Sheet Music (1974)

Selo | UK
Produção | 10cc
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:32

Lançado depois do álbum homônimo de estréia do 10cc, *Sheet Music* deu um grande passo rumo ao som que se tornaria a marca registrada da banda. O disco representa o ecletismo e a criatividade que caracterizaram os primeiros trabalhos do 10cc – guitarras leves e aveludadas de art-rock, harmonias bem costuradas, elementos de sátira e paródia e variações de gêneros musicais (em geral, dentro da mesma canção).

Parte da força do álbum está no fato de que os quatro músicos (Lol Creme, Kevin Godley, Graham Gouldman e Eric Stewart) eram compositores e multiinstrumentistas (de fato, Gouldman escreveu uma série de sucessos nos anos 60, incluindo "For Your Love", para os Yardbirds, e "Bus Stop", para os Hollies). Com letras afiadas e, freqüentemente, sarcásticas ("The Worst Band Of The World", uma sátira à mediocridade musical, talvez seja a canção mais irônica de todos os tempos), e um conjunto de reviravoltas melódicas, o 10cc criou uma obra pop bem elaborada e altamente idiossincrática.

O álbum mostra a paixão por uma produção caprichada, com narrativas engraçadas e estranhas – "Clockwork Creep" cria um diálogo entre um jato e uma bomba, e ainda faz referência ao vodu. A banda parece confortável tocando rock, como em "Silly Love" e no hit "The Wall Street Shuffle" (10.º lugar na parada britânica), ou interpretando esquisitas criações de pop artístico ou mesmo de reggae. Em "The Sacro-Iliac" Eric Stewart e Graham Gouldman inventam uma nova dança para os que não dançam; em "Old Wild Men" aparece pela primeira vez o "Gizmo", um apetrecho criado por Godley e Creme para ser acoplado à guitarra, simulando os sons de vários instrumentos.

Numa só palavra, criatividade. **GD**

"A gente estava numa espécie de surto de idéias. Tudo que a gente fazia dava certo."

Graham Gouldman, 1999

Lista de músicas

▶	01	**The Wall Street Shuffle** (Gouldman • Stewart)	3:54
▶	02	**The Worst Band In The World** (Creme • Gouldman)	2:49
▶	03	**Hotel** (Creme • Godley)	4:54
	04	**Old Wild Men** (Creme • Godley)	3:21
	05	**Clockwork Creep** (Creme • Godley)	2:46
▶	06	**Silly Love** (Creme • Stewart)	4:01
	07	**Somewhere In Hollywood** (Creme • Godley)	6:39
	08	**Baron Samedi** (Gouldman • Stewart)	3:46
	09	**The Sacro-Iliac** (Godley • Gouldman)	2:33
	10	**Oh Effendi** (Godley • Stewart)	2:49

Neil Young | On The Beach (1974)

Selo | Reprise
Produção | David Briggs • Mark Harman • Al Schmitt
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | Canadá
Duração | 39:17

Mesmo para os padrões melancólicos de Neil Young, *On The Beach* é uma viagem deprimente. Uma odisséia de arrependimento, desgosto e decepção, este álbum marca o fim da crença no amor. A capa retrata Young rompido com o ambiente decadente de uma Costa Oeste estragada pela cocaína: sozinho numa praia cinzenta, ele dá as costas a uma pilha de refugos da vida californiana.

"Revolution Blues" leva essa loucura a extremos violentos. Em ásperos acordes em tom menor, Young faz o papel de um vingador de cabelos longos, cuspindo fogo sobre a rica comunidade hippie de Laurel Canyon, em Los Angeles. As referências a Charles Manson chocaram seus parceiros Crosby, Stills e Nash durante a turnê da banda em 1974, e eles pediram a Young para não tocar mais a música.

Mas as estrelas decadentes da Costa Oeste eram apenas um dos alvos na sua visão de franco-atirador. A suave "Ambulance Blues" esconde um ataque à miopia dos críticos, enquanto "Vampire Blues" – um exercício de minimalismo inspirado em John Lee Hooker – dá uma mordida nos aproveitadores. Até seu casamento turbulento com a atriz Carrie Snodgress é dissecado na triste "Motion Pictures".

Embora as letras emanem bílis, a música é relaxante. "Walk On" passeia por um ambiente tóxico e abafado, e surpreendeu ao chegar ao 69º lugar nas paradas – nesta faixa, Young continua a brincadeira com o Lynyrd Skynyrd, que o tinha citado em "Sweet Home Alabama".

A *Rolling Stone* classificou o álbum como o melhor de Young depois de *After The Gold Rush*, mas *On the Beach*, infelizmente, foi esquecido e é praticamente desconhecido pelas gerações mais novas. O próprio Young passou a desgostar da crueza emocional do álbum e impediu o relançamento em CD até 2003. **TB**

"Acho que eu estava bem deprimido naquela época (...). Acho que todo mundo, quando olha para trás, percebe que passou por alguma coisa parecida."

Neil Young, 1985

Lista de músicas

	01	**Walk On** (Young)	2:41
	02	**See The Sky About To Rain** (Young)	5:00
▶	03	**Revolution Blues** (Young)	4:02
	04	**For The Turnstiles** (Young)	3:13
▶	05	**Vampire Blues** (Young)	4:09
	06	**On The Beach** (Young)	6:56
▶	07	**Motion Pictures** (Young)	4:21
▶	08	**Ambulance Blues** (Young)	8:55

George Jones
The Grand Tour (1974)

Selo | Epic
Produção | Billy Sherrill
Projeto gráfico | David Richman
Nacionalidade | EUA
Duração | 28:35

The Grand Tour é uma das principais razões pelas quais George Jones foi chamado de avô da música country. O álbum contém uma série gloriosa e ininterrupta de jóias bem elaboradas. O complicado casamento de Jones com outra lenda do country, Tammy Wynette, acabou em divórcio no ano seguinte, e seus problemas pessoais funcionam como complemento para as músicas de amor e mágoa.

A força e o sentimento burilado contidos no disco se devem, em grande parte, à parceria de Jones com o produtor Billy Sherrill. A faixa de abertura, "The Grand Tour", é um exemplo maravilhoso do que uma grande canção country pode ter: um naipe de cordas vibrante, guitarras quentes e coloridas e um vocal repleto de dor, apresentado por Jones com incrível sensibilidade (o futuro marido de Wynette, George Richey, é co-autor da música). O disco desfia uma fileira de sucessos extraordinários de honky tonk, liderada por "Pass Me By (If You're Only Passing Through)", uma canção de amor de ritmo fácil, acompanhada pelos Jordanaires, que, uma vez ouvida, não sai mais da cabeça. Há "Once You've Had The Best", uma balada que toca o coração sem qualquer esforço – a título de comparação, a versão original dessa música, de Johnny Paycheck, parece apenas um esboço de como deveria ser interpretada (Paycheck e Jones, mais tarde, tocariam juntos em *Double Trouble*, de 1980). A alto-astral "The Weatherman" (outra parceria com Richey) faz uma pausa no rally de lentos hinos honky tonk.

O álbum é uma coleção de músicas sinceras, soberbamente produzidas e arranjadas, cantadas por um dos melhores vocalistas da música country. **GD**

Gene Clark
No Other (1974)

Selo | Asylum
Produção | Thomas Jefferson Kaye
Projeto gráfico | John Dietrich
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:07

Esquecido de forma imediata – e injusta – assim que foi lançado, em 1974, *No Other*, de Gene Clark, passou os 30 anos seguintes sob a acusação de ser um dos discos mais caros e dispensáveis de todos os tempos. Essa fama, porém, como comprovou sua primeira e recente reedição, é totalmente descabida. Em muitos aspectos, *No Other* era, e continua sendo, uma contribuição sensacional ao cânone do rock dos anos 70 da Costa Oeste.

Para fazer *No Other*, Clark juntou alguns dos melhores músicos de estúdio do mundo – Butch Trucks, Chris Hillman, Danny Kortchmar, Timothy B. Schmidt. A combinação desses talentos, pincelada pelo dom de Clark para fazer narrativas argutas, tornou o álbum uma aventura ampla e ambiciosa que une country, rock, jazz, blues e sons psicodélicos. Este híbrido – que a gravadora, mais tarde, se recusou a lançar – era absolutamente maravilhoso: só a faixa de abertura, "Life's Greatest Fool", já ridiculariza a injusta má fama do disco. Também merece destaque a faixa-título, que começa como um post-mortem da música da Costa Oeste mas muda rapidamente para algo mais ousado, com o coro gospel e a guitarra estranha, com toques de vodu, tocada pelo próprio Clark. "Strength Of Strings", com sua slide guitar, é tão mágica como as canções de Clark para seu antigo grupo, os Byrds.

Nesse contexto do cenário musical pós-Byrds, em Los Angeles, *No Other* figura como um álbum inovador. É possível perceber no trabalho uma habilidade musical que ressurgiu, com muito mais sucesso, na obra do Fleetwood Mac. **BW**

Steely Dan
Pretzel Logic (1974)

Selo | ABC
Produção | Gary Katz
Projeto gráfico | Ed Caraeff
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:14

Antes de formar a dupla de compositores do Steely Dan, Donald Fagen e Walter Becker escreviam músicas para a ABC, tendo emplacado sucessos com gente famosa como Barbra Streisand. Eles elaboraram um som próprio em *Can't Buy A Thrill* e o desenvolveram ainda mais em *Countdown To Ecstasy*, mas acabaram voltando aos tempos de compositores pop: dentro do esquema tradicional das canções de três minutos, a dupla resolveu jogar com estilos e gêneros. O resultado foi *Pretzel Logic*, que ganhou um disco de platina.

A primeira música já dá o tom do álbum. "Rikki Don't Lose That Number" é uma história comovente de amor não correspondido que trafega entre um samba leve e uma balada ao piano, até o belo solo de guitarra de Jeff "Skunk" Baxter colocar uma fatia de country rock da Califórnia bem no meio da canção. Na mesma linha, "Any Major Dude Will Tell You" é iluminada pelo sol de Orange County.

Mas o grupo não deixa de lado a ironia – "Monkey In Your Soul", que, de alguma forma, mistura Noël Coward e a Stax, tem uma letra maravilhosa, embebida em veneno, enquanto o orgulho ferido e a inveja são tratados com humor negro em "Through With Buzz".

O terceiro elemento do disco é o pastiche satírico. "Night By Night" fala do desafio de ser solitário com uma dinâmica de seriado policial; o atrapalhado homicídio descrito em "With A Gun" podia estar num filme dos irmãos Coen. "East St. Louis Toodle-Oo" é um momento de diversão para a banda – notável, entre outras coisas, por apresentar a guitarra pedal steel ao ragtime. **JDi**

Randy Newman
Good Old Boys (1974)

Selo | Reprise
Produção | R. Titelman • L. Waronker
Projeto gráfico | Mike Salisbury
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:37

Até hoje, é preciso pensar duas vezes antes de tocar *Good Old Boys*, de Randy Newman, em companhia de gente civilizada. A faixa de abertura é uma das mais surpreendentes contribuições musicais à conturbada história das relações raciais nos Estados Unidos. Newman estava no auge – depois do sucesso de *Sail Away* – quando presenciou o governador racista da Geórgia, Lester Maddox, ser alvo de chacota da platéia de um canal de TV do Norte do país. Incomodado pelo que considerou um esnobismo às avessas, uma hipocrisia e uma presunção liberal, ele escreveu uma música sobre o incidente sob a perspectiva de um sulista. O resultado foi "Rednecks", uma acusação sarcástica a praticamente tudo e a todos, com um refrão fácil e cheio de auto-ironia: "We're rednecks/ we're rednecks/we don't know our ass from a hole in the ground" – e o uso freqüente da palavra "nigger" ("crioulo").

Newman percebeu que a música podia acirrar ânimos e pensou em incluí-la, devidamente contextualizada, num álbum conceitual sobre um sulista chamado "Johnny Cutler's Birthday". O LP não saiu, mas no relançamento de *Good Old Boys*, em 2002, entrou no pacote de dois CDs – um deles traz a narrativa original de Newman explicando cada faixa aos produtores.

Embora o resto do álbum não chegue ao mesmo nível de provocação da primeira faixa, é um belo trabalho, provavelmente o melhor de Newman. "Louisiana 1927" traz um refrão contagiante; "Mr. President" é uma curiosa visão da política americana pós-Watergate – e o próprio Newman descreve "Back On My Feet Again" como "uma canção verdadeiramente estranha". Há que se questionar como ele migrou desse tipo de produção para as trilhas sonoras da Disney – o que parecia ainda mais improvável na época em que este álbum foi lançado. **PW**

Bob Marley And The Wailers | Natty Dread (1974)

Selo | Island
Produção | Chris Blackwell • The Wailers
Projeto gráfico | Tony Wright
Nacionalidade | Jamaica
Duração | 38:48

Este é o álbum que apresentou ao mundo Bob Marley e os novos Wailers. Seus companheiros de longa data, Peter Tosh e Bunny Livingston, deixaram a banda – numa reação ao estresse das seguidas turnês e às pressões de sua crescente fama internacional –, depois de 10 anos como os Wailing Wailers (o primeiro hit do grupo a chegar ao topo da parada da Jamaica foi "Simmer Down", de 1963).

Havia rumores de que o som de Marley perderia consistência e que o tom político seria abrandado. *Natty Dread* provou que os boatos não tinham fundamento. Faixa após faixa, o álbum mostra mais energia do que qualquer outro feito pela banda. Desde o primeiro grito rebelde da convocatória "Lively Up Yourself", o disco flui com melodias sensacionais.

Natty Dread apresentou o gueto de Trenchtown à juventude mundial mais abonada. Os temas políticos de "Them Belly Full", "Rebel Music", "Talkin' Blues" ("Cause I feel like bombing a church, now, / Now that you know that the preacher is lying") e "Revolution" causaram arrepios na espinha do establishment da Jamaica. A versão ao vivo de "No Woman, No Cry" levou Marley, pela primeira vez, a aparecer entre os 10 Mais nas paradas britânicas, em 1975 (consta que Marley escreveu a canção, mas a creditou a Vincent Ford, um cozinheiro de Kingston que tinha dado casa e comida ao jovem Bob, em tempos difíceis).

O som vital e irresistível do álbum ainda explode até hoje pelos alto-falantes, impulsionado pela bateria e o baixo selvagens dos irmãos Barrett, incrementado pela guitarra de Al Anderson e coroado por essa insuperável revelação vocal africana que são Bob e as I-Threes (Rita Marley, Marcia Griffiths e Judy Mowatt). **MR**

"Não me inclino para o lado do negro ou do branco, mas para o lado de Deus."

Bob Marley, 1977

Lista de músicas

▶	01	**Lively Up Yourself** (Marley)	5:11
▶	02	**No Woman, No Cry** (Ford)	3:46
▶	03	**Them Belly Full** (Barrett•Cogill)	3:13
▶	04	**Rebel Music (3 O'Clock Road Block)** (Barrett•Peart)	6:45
	05	**So Jah Seh** (Francisco•Marley)	4:28
	06	**Natty Dread** (Cole•Marley)	3:35
▶	07	**Bend Down Low** (Marley)	3:21
▶	08	**Talkin' Blues** (Barrett•Cogill)	4:06
	09	**Revolution** (Marley)	4:23

Robert Wyatt | Rock Bottom (1974)

Selo | Virgin
Produção | Nick Mason
Projeto gráfico | Alfreda Benge
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:28

O primeiro álbum de Robert Wyatt para a Virgin foi gravado logo depois de um acontecimento trágico. Ele foi para Veneza, em 1973, acompanhando sua mulher, Alfreda, que estava trabalhando num filme de terror – *Inverno De Sangue Em Veneza*. Na Itália, Wyatt começou a escrever o material que iria compor *Rock Bottom* e, de volta a Londres, passou a reunir os músicos. Mas, em 1º de junho de 1973, ele caiu do quarto andar de um prédio e ficou paraplégico.

Confinado a uma cadeira de rodas, Wyatt redirecionou sua atenção para os teclados e para uma original percussão com diferentes elementos. Produzido por Nick Mason, do Pink Floyd – um amigo muito próximo –, *Rock Bottom* conjuga as mágicas canções de amor de Wyatt com uma despretensiosa fusão de rock e compassos livres de jazz, e é muito menos politico que a maior parte dos seus trabalhos posteriores (ele chegou a se filiar, mais tarde, durante pouco tempo, ao Partido Comunista Britânico).

O jazz de "Alifie" é uma homenagem a Alfreda, sua musa e autora da capa do álbum. "Little Red Riding Hood..." inclui fascinantes tape loops e os sons abrasivos do trompetista de jazz Mongezi Feza. A alegria etérea de "Sea Song" confirma que Wyatt não estava mergulhado em autocompaixão, apesar da angústia e vulnerabilidade de seu vocal. A segunda parte de "Little Red Robin Hood..." fecha o álbum e traz alguns poemas de Wyatt, recitados pelo poeta escocês do absurdo Ivor Cutler. Wyatt se casou com Alfreda no dia do lançamento do álbum e emplacou, dois meses depois, um hit na Inglaterra, com sua interpretação alto-astral de "I'm A Believer", dos Monkees.

Rock Bottom ainda soa como novo e Wyatt continua sendo um tesouro pouco conhecido, uma fonte inspiradora por sua música e por sua postura política. **CSh**

"Que época! Era difícil, fisicamente, me ajustar à vida em cadeira de rodas, mas me lembro do grande alívio e felicidade quando finalmente eu conseguia fazer alguma coisa."

Robert Wyatt, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Sea Song** (Wyatt)	6:30
	02	**Last Straw** (Wyatt)	5:46
▶	03	**Little Red Riding Hood Hit The Road** (Wyatt)	7:37
	04	**Alifib** (Wyatt)	6:56
▶	05	**Alifie** (Wyatt)	6:31
	06	**Little Red Robin Hood Hit The Road** (Wyatt)	6:08

Gram Parsons | Grievous Angel (1974)

Selo | Warner Bros.
Produção | Gram Parsons
Projeto gráfico | Ginny Winn
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:00

Com este último álbum gravado antes de sua morte, em 1973 – foi lançado postumamente, em 1974 –, Gram Parsons não apenas mostrou que era o inventor do country rock, mas que ninguém seria melhor no gênero do que ele.

Na época, Parsons, companheiro de Keith Richards em seus excessos com drogas, juntou um time perfeito de músicos. A voz pura de Emmylou Harris surge toda vez que o próprio Parsons soa áspero e o grupo inclui vários integrantes da banda de Elvis em Las Vegas.

Há, aliás, referências a Elvis e seus problemas com anfetaminas na adorável "Return Of The Grievous Angel", uma jornada épica pelos Estados Unidos que, como *O Mágico De Oz*, conclui que não há lugar melhor do que o lar. O álbum, em boa parte, é tristonho, indo do leve arrependimento que permeia "Brass Buttons" (que fala sobre a mãe de Parsons) à amargurada e irresistível "$1,000 Wedding", a única canção do disco que cairia bem para os amigos de Parsons, os Rolling Stones. Num gesto que levou muitos fãs a acreditarem que ele sabia que ia morrer, Parsons incluiu no álbum uma falsa apresentação ao vivo de uma das melhores músicas do início de sua carreira, "Hickory Wind" (de *Sweetheard Of The Rodeo*, dos Byrds). Há ainda alguns momentos mais rock – "I Can't Dance" e a frenética "Ooh Las Vegas" –, mas essas faixas não mudam o tom geral do disco.

Parsons era muito admirado pelos colegas, quando eles não estavam saturados por seu jeito de menino mimado, mas nunca chegou a virar uma estrela. Sua influência, no entanto, continua a se espalhar até hoje – no rock, com os Eagles e os Stones e, mais adiante, com Elvis Costello, os Lemonheads e os Thrills, para mencionar apenas alguns; no country, com sua musa, Emmylou Harris. **MMo**

"A melhor publicidade que alguém pode obter é morrendo jovem, mas Gram ficaria um pouco tonto com toda essa idolatria."

Emmylou Harris, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Return Of The Grievous Angel** (Parsons)	4:19
	02	**Hearts On Fire** (Egan • Guidera)	3:50
	03	**I Can't Dance** (Hall)	2:20
▶	04	**Brass Buttons** (Parsons)	3:27
▶	05	**$ 1,000 Wedding** (Parsons)	5:00
	06	**Medley Live From Northern Quebel** a) **Cash On The Barrelhead** (C. Louvin • I. Louvin) b) **Hickory Wind** (Buchanon • Parsons)	6:27
▶	07	**Love Hurts** (Bryant)	3:40
	08	**Ooh Las Vegas** (Grech • Parsons)	3:29
	09	**In My Hour Of Darkness** (Harris • Parsons)	3:42

Eno | Another Green World (1975)

Selo | Island
Produção | Rhett Davies • Brian Eno
Projeto gráfico | Tom Phillips
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:47

O terceiro álbum solo de Brian Eno foi concebido quando, imobilizado enquanto se recuperava de um acidente de carro, ele descobriu a capacidade da música de interferir no ambiente. Seu currículo incluía os sintetizadores de dois álbuns do mestre do art-glam, o Roxy Music, uma participação num tape loop de Robert Fripp e dois discos solo de pop de vanguarda – mas ele estava prestes a elaborar a gênese da ambient music.

Apesar de dizer que não é músico, Eno é um homem culto, que estudou arte. Também produtor (Talking Heads, Devo, U2) e designer, ele conhecia bem a música de vanguarda e se mantinha atento a experiências novas da época – como o Krautrock, por exemplo – que podia manusear e transformar em outra estética.

Em *Another...*, Eno criou uma bela confluência entre padrões tradicionais do rock e do pop e a sonoridade ambiente. Naïf e minimalista, o disco era, ao mesmo tempo, emocionante e sofisticado, entremeando cinco faixas vocais de poesia enigmática e repleta de aliterações com nove inusitadas músicas instrumentais. "I'll Come Running" e "St. Elmo's Fire" são as melhores faixas entre as vocais, ambas embelezadas pela extraordinária guitarra principal de Robert Fripp. John Cale e Phil Collins também participaram do disco. Há um quê da Brand X, a banda de Collins, nas faixas de jazz-rock, como "Zawinul/Lava" e "Sky Saw". Mas a voz cativante de Eno e uma coleção de invenções criadas especialmente para o álbum (guitarras modificadas, truques de gravação, geradores de ritmo eletrônico e sintetizadores) foram as principais responsáveis por levar o disco a um novo território musical. Os álbuns de David Bowie *Low*, *"Heroes"* e *Lodger* foram inspirados nesta obra-prima. **JGi**

"Eu queria fazer uma música que tivesse uma conexão emocional."

Brian Eno, 1999

Lista de músicas

01	**Sky Saw** (Eno)	3:27
02	**Over Fire Island** (Eno)	1:51
▶ 03	**St. Elmo's Fire** (Eno)	3:02
04	**In Dark Trees** (Eno)	2:30
05	**The Big Ship** (Eno)	3:03
▶ 06	**I'll Come Running** (Eno)	3:50
07	**Another Green World** (Eno)	1:37
▶ 08	**Sombre Reptiles** (Eno)	2:25
09	**Little Fishes** (Eno)	1:30
10	**Golden Hours** (Eno)	4:00
11	**Becalmed** (Eno)	3:57
▶ 12	**Zawinul/Lava** (Eno)	3:00
13	**Everything Merges With The Night** (Eno)	3:59
14	**Spirits Drifting** (Eno)	2:36

The Dictators
Go Girl Crazy! (1975)

Selo | Epic
Produção | Murray Krugman • Sandy Pearlman
Projeto gráfico | David Gahr
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:48

Em 1975, dois garotos americanos, Legs McNeil e John Holmstrom, passaram o verão ouvindo *Go Girl Crazy!*, dos Dictators. Toda noite terminava com os dois berrando as músicas do álbum. Pouco tempo depois, eles fundaram a revista *Punk*, uma das bíblias do movimento anárquico que eclodiu nos últimos anos da década de 70.

Como os New York Dolls, os Dictators foram precursores do punk. Muitos anos antes de se ouvir falar nos Ramones, The Dead Boys e Sex Pistols, Dick Manitoba, ex-agente e a "arma secreta" dos Dictators, já cantava sobre vomitar comida, beber cerveja, sair com garotas e assistir a filmes B. *Go Girl Crazy!* foi um dos primeiros discos punk, bem antes de a expressão ser cunhada. Mas o álbum oferecia muito mais: garage, surf (uma versão de "California Sun", dos Rivieras) e heavy metal – o guitarrista Ross "The Boss" Funichello fundou, mais tarde, o Manowar. Os Dictators ganharam seguidores devotos, em parte, graças a seu senso de humor pouco convencional – como se pode ver na capa de *Go Girl Crazy!*, na qual Manitoba posa num vestiário imundo.

O disco tinha todos os ingredientes para ser um sucesso, mas os acontecimentos tomaram um outro rumo. Pouco tempo depois do lançamento do álbum, a Epic dispensou a banda: mau gerenciamento, turnês mal planejadas e disputas internas não ajudaram a mudar o quadro. O LP não atraiu maior interesse até 1977, quando bandas como os Ramones já tinham inventado seu próprio tipo de caricatura punk. Os Dictators foram relegados a coadjuvantes. No entanto, *Go Girl Crazy!* surgiu antes. **LPG**

Neu!
Neu! '75 (1975)

Selo | Brain
Produção | Conrad Plank
Projeto gráfico | Neu!
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 42:07

Um dos arquétipos do Krautrock dos anos 70, o Neu! teve pouco sucesso comercial, o que não faz jus à sua enorme influência sobre o rock e a música eletrônica. Ex-integrantes do Kraftwerk, Michael Rother (guitarra e teclados) e Klaus Dinger (bateria) eram pólos opostos: a obsessão de Rother por bordões e mudanças graduais de timbre se chocava de forma fantástica com a bateria poderosa de Dinger. Seu álbum de estréia, *Neu!*, produzido por Conny Plank, foi uma referência para toda a era pós-punk, mas deixou à mostra a enorme distância entre os dois.

Para driblar o orçamento reduzido de *Neu! 2* (1973), eles reciclaram duas músicas já gravadas ("Super" e "Neuschnee") em diferentes velocidades, inventando, assim, a remixagem. Depois a dupla seguiu caminhos distintos.

Com o sucesso mundial do Kraftwerk, Rother e Dinger deixaram de lado as diferenças por tempo suficiente para fazer uma obra-prima, *Neu! '75*. Utilizando uma combinação de dois sintetizadores e a participação dos bateristas Hans Lampe e Thomas Dinger (o que liberou Klaus Dinger para descarregar sua energia em todos os outros instrumentos), a dupla dividiu o álbum entre as texturas ambient de Rother ("Seeland" e "Leb'Wohl") e o thrash pré-punk de Dinger ("Hero" e "After Eight"), juntando forças apenas na faixa de abertura, "Isi", e na música que definiu o Neu!, "E-Musik".

Depois de, finalmente, mesclar seus instrumentos para criar uma máquina perfeita, Rother e Dinger fizeram a única coisa lógica – se separaram para sempre. **MB**

Led Zeppelin
Physical Graffiti (1975)

Selo | Swan Song
Produção| Jimmy Page
Projeto gráfico | Peter Corriston • Mike Doud
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 82:15

Embora o Led Zeppelin não possa ser responsabilizado pela homogeneidade machista do heavy metal que inspirou, *Physical Graffiti* foi um álbum ambicioso e de entrega à luxúria. Sexto disco do Zeppelin e o primeiro a sair pelo seu próprio selo, Swan Song, *Physical Graffiti* tem um espírito nômade – consiste em sessões interrompidas tanto pelo fato de John Paul Jones ter caído doente como pela falta de um estúdio disponível.

Os quatro lados em vinil deram espaço para experimentações. A capa inovadora, composta de janelas recortadas que revelavam uma imagem impressa na parte interna, embalava um rock 'n' roll cru e fiel às raízes ("Boogie With Stu"), além de preciosas miniaturas folk ("Bron-Yr-Aur"), funk-metal ("Trampled Under-foot"), rock progressivo mordaz ("In The Light") e pop rápido ("Down By The Seaside").

Inspirada pela recente viagem de Plant e Page ao Marrocos, a colossal "Kashmir" é um monstro de pseudomisticismo e exotismo, com as cordas vigorosas do Mellotron de John Paul Jones formando melodias modais, e John Bonham, monolítico, na bateria. O improviso épico de "In My Time Of Dying", composta enquanto era gravada, traz o som indistinto da slide guitar mortal de Jimmy Page, e a banda troveja como uma força da natureza (uma clara influência nos White Stripes). "Ten Years Gone" é a faixa mais surpreendente: um lamento tocante e sentimental de Robert Plant sobre o amor que ele deixou para se juntar à banda. O solo final de Page prova até que ponto o Zeppelin podia ser suave, quando queria.

Physical Graffiti representa o auge do Led Zeppelin e é, até hoje, um álbum estonteante. **SC**

Keith Jarrett
The Köln Concert (1975)

Selo | ECM
Produção | John Cale
Projeto gráfico | Barbara Wojirsch
Nacionalidade | EUA
Duração | 66:04

Uma jóia de iluminação musical, *The Köln Concert* é, ao mesmo tempo, um dos melhores álbuns de jazz e um dos melhores discos de improviso – de qualquer gênero – já gravados.

Keith Jarrett ficava à vontade tocando tanto Mozart como jazz-funk com Miles Davis, e já era considerado um dos mais versáteis e criativos pianistas de sua geração quando subiu ao palco da Köln Opera House, em 24 de janeiro de 1975. Naquela noite maravilhosa, ele firmou sua reputação como um dos grandes pianistas de todos os tempos.

O concerto, porém, quase foi cancelado. Jarrett sentiu-se mal e o piano que ele havia pedido não chegou a tempo. Como as primeiras e as últimas teclas do piano substituto não atendiam a seu padrão de qualidade, ele construiu o improviso do zero – usando a área central do teclado.

O estilo espontâneo de composição de Keith Jarrett e sua performance emocionante eram, ao contrário da maioria dos pianistas da época, encharcados de lirismo, e possuíam, dentro de sua ótica inovadora, um raro traço otimista. A exuberância dessa apresentação pode ser percebida pelos gemidos, gritos e suspiros de Jarrett ao tocar: ele estava tão excitado com a música que ouvia pela primeira vez quanto a platéia. *The Köln Concert* é um monumento às possibilidades musicais, o som sublime de um talento inigualável tocando uma música que sai de dentro da alma. Com mais de um milhão de cópias vendidas, *The Köln Concert* permanece como o álbum mais vendido de Jarrett. Para os não-aficionados, esta é uma oportunidade de serem seduzidos por uma forma musical que talvez passasse despercebida. **Gsa**

Aerosmith | Toys In The Attic (1975)

Selo | Columbia
Produção | Jack Douglas
Projeto gráfico | Pacific Eye And Ear
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:08

O Led Zeppelin e o Black Sabbath podem ter aberto o caminho para o hard rock, mas, com seu terceiro álbum, o Aerosmith se lançou como o progenitor do "cock rock" – um subgênero centrado no sexo e nas drogas, e com tantos duplos sentidos que fazia "The Lemon Song", do Zeppelin, parecer saída do hinário da igreja. O álbum também fez com que a banda ganhasse um público internacional.

Depois de vários anos rodando pelo circuito como banda de apoio, o grupo de Boston conseguiu assinar contrato com a Columbia ao tocar com os padrinhos do punk, os New York Dolls, no Max's Kansas City. No entanto, os dois primeiros álbuns da banda não impressionaram e o grupo tinha dificuldade em se definir, em meio a pouco favoráveis comparações com os Rolling Stones. Com Jack Douglas no controle da mesa de som, o Aerosmith entrou no estúdio para gravar um disco que, sem dúvida, seria seu agora-ou-nunca.

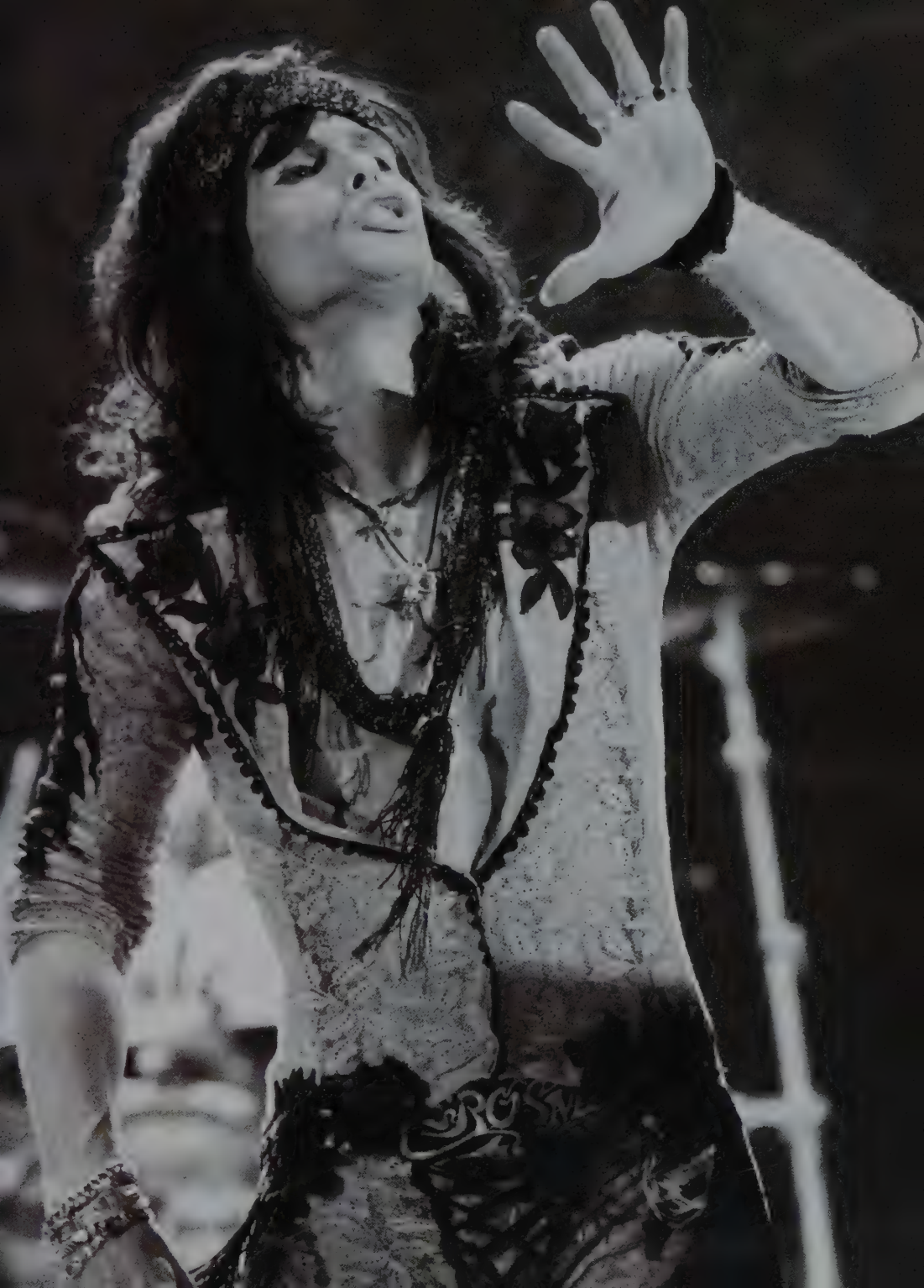
Desde o início, é claro que a banda sabia o que estava em jogo. A faixa-título, com seu estrondo de pratos, um riff aniquilador e um vocal à base de grunhidos, desaba sobre os ouvidos numa mistura de imaginação e pura insanidade. Mais relaxante, "Uncle Salty" não é, porém, menos atrevida, descrevendo em detalhes uma história suja sobre prostitutas, cafetões e traficantes. Mas foram "Walk This Way" e "Sweet Emotion", com seus ritmos de sabor funk, um insistente trabalho de guitarra e referências veladas a um sem-número de atividades ilícitas, que estabeleceram o modus operandi da banda e fixaram seu lugar na história do rock. *Toys...* chegou ao 11.º lugar nos Estados Unidos e provocou o relançamento de "Dream On", um single extraído do primeiro álbum do grupo que havia fracassado dois anos antes. Esse single se tornou o segundo da banda a ficar entre os 10 Mais. **TSh**

"(...), sério, a gente é apenas um bando de caras que gosta de sair, fazer bobagens e viver o rock 'n' roll."

Steve Tyler, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Toys In The Attic** (Perry • Tyler)	3:05
	02	**Uncle Salty** (Hamilton • Tyler)	4:10
	03	**Adam's Apple** (Tyler)	4:34
▶	04	**Walk This Way** (Perry • Tyler)	3:40
▶	05	**Big Ten Inch Record** (Weismantel)	2:16
▶	06	**Sweet Emotion** (Hamilton • Tyler)	4:34
	07	**No More No More** (Perry • Tyler)	4:34
	08	**Round And Round** (Tyler • Whitford)	5:03
	09	**You See Me Crying** (Solomon • Tyler)	5:12



David Bowie
Young Americans (1975)

Selo | RCA
Produção | Vários
Projeto gráfico | Eric Stephen Jacobs
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:20

Lançado em março de 1975, *Young Americans* representa o auge do período soul de David Bowie. Freqüentemente negligenciado, o disco se abriga no vale entre os dois pontos altos de sua carreira, *Ziggy Stardust* e *Berlin*.

Quando estava em turnê pelos Estados Unidos, em 1974, Bowie ficou fascinado pela música negra e pediu a seu produtor, Tony Visconti, que voasse da Inglaterra para encontrá-lo, a fim de fazer um álbum rápido e pouco burilado de soul. Como banda de apoio, Bowie usou um híbrido formado pelo grupo da turnê, experientes músicos de estúdio (como a lenda do baixo Willie Weeks) e gente nova e talentosa (o guitarrista Carlos Alomar e o cantor Luther Vandross).

Basicamente composto no estúdio, o álbum é de uma exuberância límpida – da banalidade ostensiva de "Right" à melancólica "Can You Hear Me", há muito o que saborear. A agressão explosiva de "Fame" – gravada depois do resto do álbum com o novo melhor amigo de Bowie, John Lennon – parece uma versão cantada do documentário que Bowie fez para a BBC, *Cracked Actor*.

A imagem da capa reforça a idéia de autenticidade e aparente acessibilidade do novo Bowie. Nada daquele andrógino estilizado: ele olha diretamente para a câmera, com um cigarro entre os dedos soltando fumaça em espiral, numa foto objetiva que remete a décadas anteriores. O título do álbum aponta para o público-alvo. Embora Bowie tenha desenvolvido uma relação esquizofrênica com o disco e passasse o resto da década de 70 cortejando o Velho Mundo, *Young Americans* fez dele uma superestrela nos Estados Unidos. **DE**

Burning Spear
Marcus Garvey (1975)

Selo | Mango
Produção | Lawrence "Jack Ruby" Lindo
Projeto gráfico | Bloomfield And Travis
Nacionalidade | Jamaica
Duração | 33:28

Winston Rodney nasceu em St. Ann's Parish, na Jamaica, onde também havia nascido Marcus Garvey, em 1887, ou seja, 58 anos antes. A experiência de crescer em meio à classe trabalhadora de St. Ann (terra natal de Bob Marley) marcaria o trabalho de ambos. Garvey encabeçou o movimento "de volta à África", uma cruzada de ativismo político; Rodney lutou contra a injustiça através da música.

Marcus Garvey foi o terceiro álbum de Rodney, também conhecido como Burning Spear – nome inspirado no líder rebelde queniano Jomo Kenyatta –, e se transformou numa das mais impressionantes introduções à história do reggae. Apesar de remixado pela gravadora para atingir um público mais amplo (leia-se branco) – o que enfureceu Rodney –, o disco era uma mistura pungente de aspirações religiosas e temas culturais que podia ser entendida tanto como um grito de alerta quanto como uma reflexão pacífica.

A ilustração da capa, que mostra dois guerreiros negros e furiosos, dá o tom mesmo antes de Rodney abrir o disco com "Weeping and wailing and moaning / You've got yourself to blame, I tell you". O acento político fica mais patente em "Slavery Days", quando o cantor lembra as correntes de seus ancestrais. A banda Burning Spear era, na época, um trio, e a interpretação crua e emocionada de Rodney foi intensificada pelos vocais doces do baixo Rupert Willington e do tenor Delroy Hinds, em cantos devocionais como "Jordan River" e "Resting Place". Com a colaboração, ainda, dos Black Disciples, Rodney garantiu que as futuras gerações se lembrassem de Garvey e do Burning Spear. **JiH**

Bruce Springsteen
Born To Run (1975)

Selo | Columbia
Produção | Vários
Projeto gráfico | John Berg • Andy
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:33

Tudo o que se ouviu falar de *Born To Run* é verdade: trata-se de um aspirante a cantor de soul com uma produção pseudo-Spector que ameaça ser soterrado por sua própria vaidade e parece um rascunho do Bon Jovi. Mas o fato é que seus clássicos são daqueles que grudam no ouvido, como "You Give Love A Bad Name".

O álbum podia ter sido um desastre. Determinado a "usar o estúdio como uma ferramenta e não como uma tentativa de replicar o som do momento em que estávamos tocando", Springsteen imaginou um álbum conceitual, com o título provisório *The Legend Of Zero* ou *Blind Terry*. Por sorte, esses conceitos foram abandonados – assim como a influência de Dylan dos discos anteriores. As harmônicas de "Thunder Road" têm um quê de Zimmerman, mas, logo depois, surgem pianos e sinos alegres, guitarras potentes e a bateria dramática que caracterizavam a música de Springsteen. Há também épicos sofisticados – "Backstreets", "Jungleband" –, com introduções capazes de fazer um adulto chorar. O álbum traz "Born To Run", que emociona, mesmo depois de ouvida inúmeras vezes, quando Bruce aumenta a velocidade naquela estrada "jammed with broken heroes". Há ainda delícias sutis: o show de trompete de Randy Brecker em "Meeting Across The River" e a batida *à la* Bo Diddley transmitindo a tensão apaixonada de "She's The One". E, claro, há as deliciosas memórias de "Tenth Avenue Freeze-Out".

Springsteen faria ainda mais clássicos. Mas foi com este álbum que tudo começou: a fama avassaladora obtida com suas apresentações ao vivo e a maré crescente de exposição na mídia esbarraram num compositor que entendia de sofisticação sonora e simplicidade lírica – e quem ganhou foi o público. **BM**

Emmylou Harris
Pieces Of The Sky (1975)

Selo | Reprise
Produção | Brian Ahern
Projeto gráfico | Tom Wilkes
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:25

Abatida com a morte do amigo, parceiro e mentor Gram Parsons, Emmylou encontrou refúgio sob a batuta sensível de Brian Ahern, que já havia feito sucesso com outra vocalista, Anne Murray. Harris, desde então, passou a manter acesa a chama de Parsons.

Para gravar este álbum, o primeiro disco solo pós-Parsons, Ahern alugou uma grande casa em Beverly Hills e instalou seu estúdio portátil no quintal. Ele não queria fazer um álbum estritamente country e reuniu um time de músicos que incluía dois integrantes da banda que acompanhava Elvis em Las Vegas – a lenda da guitarra James Burton e o ex-Cricket Glen D. Hardin como arranjador e pianista. Chamou também Bernie Leadon, dos Eagles, Bill Payne, do Little Feat, e Herb Pedersen (ex-Dillards) para a harmonia vocal.

Várias músicas conhecidas foram selecionadas, ao lado de material original, como "Bluebird Wine", do então desconhecido Rodney Crowell, e a homenagem pessoal de Harris a Parsons, "Boulder To Birmingham". A maioria das outras canções era famosa. A mistura de Merle Haggard com os Beatles e os Louvin Brothers era, no mínimo, corajosa, mas funcionou de maneira fabulosa.

Conta muito a favor de Emmylou dizer que músicos como Burton e Hardin, assim como Crowell, se tornaram membros da banda – muito apropriadamente chamada de Hot Band – que acompanhou a cantora em turnês durante anos. Outros notáveis que marcaram presença no álbum são Amos Garrett na guitarra e Richard Greene e Byron Berline nas rabecas. As faixas cinco e dez foram gravadas ao vivo, no estilo dos shows que Emmylou fazia em bares antes de chamar a atenção de Parsons. **JT**

Gilberto Gil e Jorge Ben Jor
Gil & Jorge – Ogum Xangô (1975)

Selo | Philips
Produção | Paulinho Tapajós • Perinho Albuquerque
Projeto gráfico | Rogério Duarte
Nacionalidade | Brasil
Duração | 77:28

Gravado depois de um breve ensaio e com apenas dois violões (e um percussionista) no acompanhamento, *Gil & Jorge* foca os talentos individuais de Gilberto Gil e Jorge Ben Jor como músicos, vocalistas, intérpretes e improvisadores. O disco é uma prova de que eles estão mais do que habilitados para realizar a tarefa.

As nove faixas, todas bem longas (o álbum foi originalmente pensado como duplo), mostram Gil e Ben interagindo em um nível tão esplêndido, e com tamanha empatia, que chegam a criar linhas musicais que se repetem várias vezes.

As faixas mais notáveis – "Nega", "Taj Mahal" e "Meu Glorioso São Cristóvão" – são extraordinariamente rítmicas e possuem as ca-racterísticas contagiantes e tradicionais da música popular bra-sileira. É quase uma hora e meia passada de forma idílica. **JT**

Joni Mitchell
The Hissing Of Summer Lawns (1975)

Selo | Asylum
Produção | Joni Mitchell
Projeto gráfico | Joni Mitchell
Nacionalidade | Canadá
Duração | 42:22

Tão desconcertante quanto belo, *...Summer Lawns* consagrou Mitchell como uma das maiores compositoras da época. Sem medo de ser original, ela antecipou em quase 10 anos o fascínio que o mundo do pop e do rock teria pelo jazz e pela world music, e pode ser considerada uma estrela confessional do folk, que encanta por sua coleção eclética de composições quase sinfônicas.

Os temas de Mitchell, neste álbum, se expandiram. Ela critica a falência espiritual da meritocracia americana, saindo de sua visão intimista habitual para uma leitura do cenário sociopolítico dos anos 70. Uma das imagens recorrentes do disco é a do co-ração selvagem da Terra, que bate por trás de uma aparência de respeitabilidade – por exemplo, os tambores do Burundi em "The Jungle Line", as referências africanas de "Boho Dance" e a capa do álbum, que mostra um grupo de nativos carregando uma grande cobra por gramados suburbanos estilizados.

As canções estão repletas de ricas imagens literárias. Se "Don't Interrupt The Sorrow" parecer impenetrável, é porque precisa ser ouvida dentro do espírito no qual o álbum foi concebido – como um todo. Esse fato, no entanto, é recom-pensado por "Edith" e "Scarlett", nas quais os vocais sublimes de Mitchell se combinam à perfeição com o sentimento lírico da melodia. "Harry's House/Centerpiece" é outra jóia, em especial no encadeamento das melodias de Johnny Mandel e Jon Hendrick. A faixa de encerramento, "Shadows And Light", quase um hino, é uma das preferidas da cantora (embora um dos 26 vocais gravados tenha desafinado). **LS**

Tom Waits
Nighthawks At The Diner (1975)

Selo | Asylum
Produção | Bones Howe
Projeto gráfico | Cal Schenkel
Nacionalidade | EUA
Duração | 73:48

O álbum pode parecer presunçoso, mas a falsa atmosfera de boate de *Nighthawks...* capta o charme dos primeiros trabalhos de Waits, talvez melhor até que os dois discos impressionantes (*Closing Time* e *Heart Of Saturday Night*) que o precederam.

Na época, Waits cantava uma poesia notívaga, preguiçosa, num tom jazz-blues, que falava sobre vagabundos otimistas, bêbados insones, parasitas experientes e fracassados no amor. Esse romantismo sujo era tido, por alguns, como muito sério ou muito piegas, mas *Nighthawks...*, gravado com um grupo escolado de músicos de jazz, num estúdio no qual havia uma platéia, permitiu que Waits suavizasse seus cacoetes do submundo de Los Angeles e usasse seu talento natural para o teatro.

Ele brinca com a platéia, conta anedotas líricas e autodepreciativas e, numa prévia de sua carreira de ator, mostra timing de comediante numa série de monólogos longos e fascinantes ("Nighthawks Postcards" tem 11 minutos e meio e dá o tom do álbum). "She's been married so many times she's got rice marks all over her face", diz um verso de "Better Off Without A Wife"; na introdução dessa música, Waits comenta sobre como tirar proveito de si próprio: "I'm not weird about it or anything, I don't tie myself up first...". Os gritos do público aprovam a deixa – Waits ri como se fosse Muttley, o prólogo se encadeia na música e o ouvinte se rende à vibração bem-humorada do álbum. **PW**

R. D. Burman / Bappi Lahiri | Shalimar / College Girl (1975)

Selo | Polygram India
Produção | R. D. Burman • Bappi Lahiri
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Índia
Duração | 72:18

Desde os primeiros anos da indústria do cinema na Índia, os filmes hindus usam música do mundo inteiro – não apenas os temas folclóricos ou clássicos do país, mas também a ópera italiana, a polca alemã, a rumba cubana, o samba brasileiro, o bebop e o rock 'n' roll primitivo.

Ninguém se apropriou desses ritmos de forma tão criativa e inteligente como Rahul Dev Burman (1939-1994), o diretor musical que comandava as trilhas sonoras de Bollywood durante boa parte dos anos 60 e 70. Como o pai, o ilustre S. D. Burman, R. D. Burman era fã de jazz, mas também recebeu influências do funk, soul e rock psicodélico. Os argumentos dos filmes de Bollywood flertavam com temas jovens e espirituosos, e as trilhas de R. D. Burman seguiam os modismos, trazendo guitarras wah-wah, as batidas da Motown, percussão latina e os vocais coquetes de sua mulher, Asha Bhosle.

Shalimar é um de seus discos de referência dos anos 70. O álbum contém as wah-wah e os riffs de pedal de "Title Music", o soul clássico e profundo de "Baby Let's Dance Together", a animada "One Two Cha Cha Cha" e as cordas e a cítara com tintas italianas de "Romantic Theme". Asha Bhosle, parceira musical e de vida de Burman, empresta sua voz sedutora à épica "Mera Pyar Shalimar".

Shalimar só está disponível num CD duplo, que traz também a trilha sonora de *College Girl* – outra notável de Bollywood –, composta pelo chamado "rei da música disco" da Índia, Bappi Lahiri. O público ocidental vai se divertir identificando as fontes que inspiraram Lahiri. **JLe**

Neil Young | Tonight's The Night (1975)

Selo | Reprise
Produção | David Briggs • Neil Young
Projeto gráfico | Gary Burden
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:52

Em 1973, Neil Young poderia ser o homem mais feliz da Califórnia. Seu último álbum, *Harvest*, tinha chegado ao primeiro lugar das paradas da Inglaterra e dos Estados Unidos, e os críticos o consideravam o melhor compositor e cantor da sua geração. Mas Young estava deprimido e infeliz. No ano anterior, havia perdido dois amigos muito próximos – Danny Whitten, guitarrista do Crazy Horse, e o agente Bruce Berry –, ambos por overdose de heroína. Seu sucesso comercial o fez se sentir aprisonado e isolado.

Tonight's The Night foi uma tentativa de escapar do passado. Gravado numa série de sessões noturnas, movidas a tequila, no estúdio SIR, em Los Angeles, o álbum traz um Young reinventado como um trovador bêbado de bar. Nada dos country-rocks perfeitos e das suaves faixas folk de *Harvest*. Em vez disso, o disco faz reflexões em tom de blues sobre a fama e a morte. A faixa-título, abastecida pela guitarra devastadora de Nils Lofgren, retrata a vida triste e desperdiçada de Bruce Berry. "Tired Eyes" lembra a luta de Whitten contra as drogas. "He tried to do his best, but he could not" ("Ele tentou fazer o melhor que podia, mas não conseguiu"), diz a frase batida do refrão. "World On A String" apresenta a pedal steel etérea de Ben Keith e a rejeição cínica de Young a seu status de celebridade. A imagem da capa é tão provocadora quanto a música.

O álbum foi gravado em 1973, mas a Reprise segurou o lançamento de *Tonight's The Night*, na vã esperança de que Young fizesse um disco mais comercial. Foi, finalmente, lançado em 1975 e recebeu ótimas críticas, mas não conseguiu igualar as vendas registradas pelos álbuns anteriores. Sua verdadeira influência só foi notada uma década depois, quando grupos grunge e de country alternativo passaram a imitar seu som cru e apocalíptico. **TB**

"Não acho que *Tonight's The Night* seja um álbum agradável."

Neil Young, 1975

Lista de músicas

▶	01	**Tonight's The Night** (Young)	4:39
	02	**Speakin' Out** (Young)	4:56
▶	03	**World On A String** (Young)	2:27
	04	**Borrowed Tune** (Young)	3:26
	05	**Come On Baby Let's Go Downtown** (Whitten • Young)	3:35
	06	**Mellow My Mind** (Young)	3:07
	07	**Roll Another Number (For The Road)** (Young)	3:02
	08	**Albuquerque** (Young)	4:02
	09	**New Mama** (Young)	2:11
	10	**Lookout Joe** (Young)	3:57
▶	11	**Tired Eyes** (Young)	4:38
	12	**Tonight's The Night, Pt. 2** (Young)	4:52

Bob Dylan | Blood On The Tracks (1975)

Selo | Columbia
Produção | Bob Dylan
Projeto gráfico | Ron Coro
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:53

As queixas em muitas palavras, a harmônica ofegante – sim, é verdade, o álbum não escapou disso. Mas *Blood On the Tracks* traz também algumas das canções mais brilhantes de uma carreira em que não faltam lampejos de gênio.

O disco estava cercado de maus presságios. Dylan havia passado o início dos anos 70 fazendo álbuns irregulares (*Planet Waves*? Ótimo. *Pat Garrett And Billy The Kid*? Não, obrigado), saltando de selo em selo e dando quase sempre a entender que não estava se adaptando bem à nova década. Para completar o caos, seu casamento tinha chegado ao fim. Podia-se esperar, portanto, reflexões piegas sobre o amor perdido.

Em vez disso, surgem a adorável "Tangled Up In Blue" (o título já é fantástico), a irônica "Idiot Wind" ("You're an eeeediot, babe"), a bela "Simple Twist Of Fate" e a impressionante "Lily, Rosemary And The Jack Of Hearts", que não perde o fôlego ao longo de quase nove minutos. "Shelter From The Storm" expressa uma gratidão que qualquer homem oprimido e encurralado pode entender.

A música do álbum bebe do blues, do folk e de um som pré-Dire Straits, sem se demorar em qualquer estilo por tempo suficiente para que perca o fascínio. Essa diversidade se deve, em parte, ao fato de Dylan ter reformulado o disco depois que uma cópia-teste foi lançada, em novembro de 1974 (alegrando o Natal dos pirateadores). Insatisfeito com as gravações feitas em Nova York, ele refez "Tangled Up In Blue", "You're A Big Girl Now", "Idiot Wind", "Lily, Rosemary And The Jack Of Hearts" e "If You See Her, Say Hello" com músicos de sua Minnesota natal – e o resultado foi o segundo primeiro lugar consecutivo nas paradas americanas.

Quem só puder ouvir um único disco de Dylan, ou quiser ter alguma razão para atribuir a alguém a culpa pela existência do Dire Straits, deve comprar este álbum. **BM**

"Não tenho tido tempo de ficar com minha mulher como gostaria."

Bob Dylan, 1975

Lista de músicas

▶	01	**Tangled Up In Blue** (Dylan)	5:42
▶	02	**Simple Twist Of Fate** (Dylan)	4:19
	03	**You're A Big Girl Now** (Dylan)	4:36
	04	**Idiot Wind** (Dylan)	7:50
	05	**You're Gonna Make Me Lonesome When You Go** (Dylan)	2:56
	06	**Meet Me In The Morning** (Dylan)	4:22
	07	**Lily, Rosemary And The Jack Of Hearts** (Dylan)	8:54
	08	**If You See Her, Say Hello** (Dylan)	4:49
▶	09	**Shelter From The Storm** (Dylan)	5:03
	10	**Buckets Of Rain** (Dylan)	3:22

Patti Smith | Horses (1975)

Selo | Arista
Produção | John Cale
Projeto gráfico | Bob Heimall
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:10

Horses reescreveu as regras sobre estrelas femininas do pop e traçou um novo mapa para todas as artistas, de Chrissie Hynde e Johnette Napolitano a Courtney Love e Liz Phair. E o impacto causado pelo álbum de estréia de Patti Smith não se limitou apenas a um gênero sexual. A cantora combinou o poder do crescente cenário punk de Nova York com as narrativas ousadas dos poetas beat de São Francisco, criando um som verdadeiramente único, que influenciou grupos como o Talking Heads e o R.E.M.

Smith, com a ajuda do produtor John Cale, apresentou um trabalho tão nu e hipnótico, tão pessoal e cheio de dor, que não perdeu sua força em 30 anos. O álbum era uma obra de arte completa, a começar pelo retrato de Smith na capa, maravilhosamente sincero, feito por Robert Mapplethorpe. *Horses* começa com a releitura total de "Gloria", de Van Morrison, na qual a cantora apresenta um dos melhores versos de abertura da história do rock – "Jesus died for somebody's sins, but not mine" ("Jesus morreu pelos pecados de alguém, mas não pelos meus") – e, depois, entra num carrossel vertiginoso de sons em "Redondo Beach". Sua empreitada de exploração de composições longas é inaugurada neste disco, com um tom dramático, nas epopéias "Birdland' e "Land", ambas com nove minutos. A guitarra urgente de Lenny Kaye é fundamental na construção de faixas como "Break It Up". Mas foi a interpretação singular de Smith, uma mistura dos recitais de Burroughs com o rosnar de Lou Reed, que marcou a diferença entre "Free Money" e "Kimberly" e tudo o que havia sido feito antes – e mesmo depois.

Horses foi aplaudido pelos críticos mas teve um modesto desempenho de vendas, chegando ao 47.º lugar nas paradas da Billboard. O mais importante é que o álbum consagrou Smith como a principal poeta punk do rock, um título que ela ainda não perdeu. **JiH**

"Eu quero me lembrar de cada noite, fazer as pessoas viajarem a cada noite (...). Eu me sinto honrada de ter de provar o meu valor."

Patti Smith, 1975

Lista de músicas

▶	01	**Gloria** (Morrison•Smith)	5:54
▶	02	**Redondo Beach** (Kaye•Smith•Sohl)	3:24
	03	**Birdland** (Kaye•Kral•Smith•Sohl)	9:16
▶	04	**Free Money** (Kaye•Smith)	3:47
	05	**Kimberly** (Kral•Lanier•Smith)	4 26
	06	**Break It Up** (Smith•Verlaine)	4:05
▶	07	**Land: Horses/Land Of A Thousand Dances La Mer (De)** (Kenner•Smith)	9:36
▶	08	**Elegie** (Lanier•Smith)	2:42

Pink Floyd | Wish You Were Here (1975)

Selo | Harvest
Produção | Pink Floyd
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:19

Diante do enorme desafio de lançar um álbum depois de *Dark Side Of The Moon*, o Pink Floyd voltou, temporariamente, a seu velho espírito experimental e começou a fazer *Household Objects*, uma obra a ser gravada só com objetos caseiros. A turnê reajustou o foco do grupo, mas também foi reforçando o ódio de Roger Waters pela indústria da música à medida que o Pink Floyd se tornava uma peça da engrenagem, uma mercadoria para encher estádios.

As gravações de *Wish You Were Here* começaram em Abbey Road, no início de 1975. O disco abre com o zumbido, em vários canais, produzido por dedos úmidos tocando a borda de taças de vinho (o único elemento sobrevivente de *Household Objects*), na faixa "Shine On You Crazy Diamond" – provavelmente o melhor single do Floyd, marcado pelas quatro notas de guitarra de David Gilmore, que definem o álbum. As nove partes dessa música sustentam o disco, numa majestosa elegia de 26 minutos ao ex-líder Syd Barrett. A visita inesperada de Barrett ao estúdio, em janeiro, acrescentou mais um fio ao novelo de desespero silencioso no qual o álbum se enredava: ninguém reconheceu o homem gordo e careca que apareceu de repente na sala de controle.

"Have a Cigar" – cantada por um amigo do grupo, Roy Harper – é uma das melhores músicas já feitas sobre a ingratidão; já a faixa-título destila doçura e amargor, tanto quanto a banda. A capa reflete a distância e o isolamento do álbum: vinha encapada com celofane negro e apenas um adesivo indicava o nome.

Lançado em setembro de 1975, o disco foi recebido com indiferença pela crítica, mas disparou para o primeiro lugar na Inglaterra e nos Estados Unidos – tornando o grupo uma peça da engrenagem e uma mercadoria para encher estádios ainda mais valiosa. **DE**

"Quando começamos a gravar o disco, a maioria de nós não queria estar ali, queria estar em outro lugar."

Roger Waters, 1993

Lista de músicas

▶	01	**Shine On You Crazy Diamond (1–5)** (Gilmour • Waters • Wright)	13:38
	02	**Welcome To The Machine** (Waters)	7:31
▶	03	**Have A Cigar** (Waters)	5:24
▶	04	**Wish You Were Here** (Gilmour • Waters)	5:17
▶	05	**Shine On You Crazy Diamond (6–9)** (Gilmour • Waters • Wright)	12:29

Queen | A Night At The Opera (1975)

Selo | EMI
Produção | Roy Thomas Baker • Queen
Projeto gráfico | David Costa
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:52

Desde o primeiro álbum, em 1973, a proposta ambiciosa do Queen incluía referências clássicas bombásticas, falsetes estridentes e misticismo pagão. Mas foi no quarto disco que o grupo fundiu tudo isso na épica "Bohemian Rhapsody". O single de seis minutos ficou em primeiro lugar nas paradas britânicas durante nove semanas e entrou para a lista dos 10 Mais nos Estados Unidos.

O baterista Roger Taylor se lembra do líder Freddie Mercury tocando "Bohemian Rhapsody" para a banda no piano. "E aqui, queridos, é onde começa a parte de ópera", disse ele, então. "Freddie tinha o esqueleto da música e até a harmonia escritos em tiras de papel", contou Taylor. "Era muito difícil acompanhar o que estava acontecendo."

De qualquer forma, com seus 180 overdubs e uma seção de vocais que demorou 70 horas para ser gravada, "Bohemian Rhapsody" definiu o Queen. As harmonias em múltiplas camadas (a distorção obtida com regravações infindáveis contribuiu para o efeito de saturação), a balada com alto nível de qualidade de composição (no mesmo piano em que McCartney tocou "Hey Jude") e a guitarra metal afiada são costuradas pelo conceito delineado por Mercury, com uma pitada de Nietzche e outra de paródia.

O resto do álbum é composto por faixas menos resplandescentes. "You're My Best Friend", do baixista John Deacon, levada no piano, é, talvez, a canção de amor mais tocante da banda. Há a mística "'39", "The Prophet's Song", com tintas árabes, o music hall inglês de "Lazing On a Sunday Afternoon" e a balada "Love Of My Life", uma das preferidas do público em shows, que mistura os vocais esfuziantes de Mercury com os floreios acústicos da guitarra de Brian May. "*A Night At The Opera* tinha todos os sons, da tuba a um pente", afirmou Mercury. "Não havia limites." **JLe**

"Ninguém jamais ouviu falar em se juntar ópera com um tema de rock."

Freddie Mercury, 1977

Lista de músicas

01	**Death On Two Legs (Dedicated To...)**	(Mercury)	3:43
02	**Lazing On A Sunday Afternoon**	(Mercury)	1:08
03	**I'm In Love With My Car**	(Taylor)	3:05
▶ 04	**You're My Best Friend**	(Deacon)	2:50
05	**'39**	(May)	3:25
06	**Sweet Lady**	(May)	4:01
07	**Seaside Rendezvous**	(Mercury)	2:13
08	**The Prophet's Song**	(May)	8:17
▶ 09	**Love Of My Life**	(Mercury)	3:38
10	**Good Company**	(May)	3:26
▶ 11	**Bohemian Rhapsody**	(Mercury)	5:55
12	**God Save The Queen**	(Trad., arr: May)	1:11

Willie Nelson
Red Headed Stranger (1975)

Selo | Columbia
Produção | Willie Nelson
Projeto gráfico | Monica White
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:20

Em 1975, Willie Nelson já havia lançado alguns álbuns muito bons e escrito grandes canções country para outros artistas, como "Crazy", para Patsy Cline, e "Hello Walls", para Faron Young. Mas foi *Red Headed Stranger* que transformou Nelson numa superestrela do country.

Os executivos de sua nova gravadora, a Columbia, estavam compreensivelmente nervosos com os prognósticos para o LP. Numa época em que os discos country de sucesso vinham embebidos em arranjos de cordas, a instrumentação de ...*Stranger* era simples – violão, piano e harmônica. O álbum tinha também um quê de experimentalismo formal, um disco conceitual sobre as aventuras de um assassino mal-amado. Nelson usou uma narrativa de Velho Oeste para costurar melodias próprias e um punhado de versões. Na contracapa, Monica White desenhou uma história em quadrinhos que, mais ou menos, contava o enredo.

Os engravatados da Columbia não precisavam ter se preocupado. O álbum vendeu muito bem e garantiu ao cantor seu primeiro single no topo das paradas – a versão calma e intensa de "Blue Eyes Crying In The Rain", uma música antiga de Fred Rose que se tornou uma das canções do repertório de Nelson. Mais: *Red Headed Stranger* surgiu apenas alguns meses antes de a RCA, a antiga gravadora de Nelson, relançar *Wanted! The Outlaws*, uma compilação de composições dele, com Waylon Jennings e outros, que batizou um movimento importante de volta às raízes country. A importância do country Outlaw permanece objeto de debate, mas é certo que, com *Red Headed Stranger*, Nelson lançou um disco que não deu a mínima para as restrições impostas por Nashville. Isso definiu sua carreira. **KB**

Lista de músicas

▶	01	**Time Of The Preacher** (Nelson)	2:24
▶	02	**I Couldn't Believe It Was True** (Arnold • Fowler)	1:32
	03	**Time Of The Preacher (Theme)** (Nelson)	1:12
	04	**Medley: Blue Rock Montana / Red Headed Stranger** (Lindeman • Nelson • Stutz)	1:32
▶	05	**Blue Eyes Crying In The Rain** (Rose)	2:17
▶	06	**Red Headed Stranger** (Nelson)	3:57
	07	**Time Of The Preacher (Theme)** (Nelson)	0:25
	08	**Just As I Am** (Nelson)	1:45
	09	**Denver** (Nelson)	0:55
	10	**O'er The Waves** (Trad.)	0:48
	11	**Down Yonder** (Gilbert)	1:53
	12	**Can I Sleep In Your Arms?** (Cochran)	5:22
▶	13	**Remember Me** (Tyler)	2:50
	14	**Hands On The Wheel** (Callery)	4:20
	15	**Bandera** (Nelson)	2:18

Earth, Wind And Fire
That's The Way Of The World (1975)

Selo | Columbia
Produção | Charles Stepney • Maurice White
Projeto gráfico | Howard Fritzson
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:53

Poucos se lembram do filme. Dirigido por Sig Shore, *That's The Way Of The World* contava a história de um produtor dividido entre o desejo de lançar uma nova banda e a obrigação de seguir as ordens e gravar um sucesso comercial fácil. Harvey Keitel, que tinha acabado de atuar em *Alice Não Mora Mais Aqui*, fez o papel do produtor, e a banda era interpretada por um grupo jovem de soul, com alguns hits menores em seu currículo. O filme não emplacou, mas a trilha sonora foi um blockbuster, levando o Earth, Wind And Fire de uma relativa obscuridade ao topo das paradas de singles e de álbuns nos Estados Unidos.

Apesar do papel de novatos que tinham no filme, eles não eram estreantes. *That's The Way Of The World* era o sexto álbum do grupo (sétimo, se incluirmos a música que a banda fez para o filme de blaxploitation *Sweet Sweetback's Baadasssss Song*). Nenhum entrou nas paradas, mas a presença extravagante nos palcos mostrava que a banda acreditava em seu trabalho. Do balanço irresistível de "Shining Star" aos seis minutos corridos de "See The Light", essa confiança transparece na música: um híbrido maravilhoso de soul, disco, funk e ritmos latinos, liderado pelo baixista Verdine White, mas dominado mesmo pelos arranjos vocais e de metais do líder Maurice White. As letras são, em geral, fáceis – "Loving is a blessing / Never let it fade away" é um verso típico –, mas o entusiasmo da interpretação de Philip Bailey é difícil de superar. Vários álbuns fantásticos e meia dúzia de enormes sucessos se seguiram a este disco, entre eles "Boogie Wonderland", "After The Love Has Gone" e "Fantasy", mas este trabalho representou o melhor momento do grupo. **WF-J**

"Eu sentia que nossa música devia significar mais para as pessoas do que apenas um som para dançar."

Maurice White, 1976

Lista de músicas

▶	01	**Shining Star** (Bailey • Dunn • M. White)	2:50
▶	02	**That's The Way Of The World** (Stepney • M. White • V. White)	5:46
	03	**Happy Feelin'** (Bailey • Dunn • McKay • M. White • V. White)	3:36
	04	**All About Love** (Dunn • M. White)	6:35
	05	**Yearnin' Learnin'** (Bailey • Stepney • M. White)	3:40
	06	**Reasons** (Bailey • Stepney • M. White)	4:59
▶	07	**Africano** (Dunn • M. White)	5:09
	08	**See The Light** (Angelo • Bailey • Dunn)	6:18

Curtis Mayfield
There's No Place Like America Today (1975)

Selo | Curtom
Produção | Curtis Mayfield
Projeto gráfico | Peter Palombi
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:47

Curtis Mayfield, um dos mais talentosos artistas do século 20, era original tanto no papel de cantor e compositor como no de crítico social e pioneiro da música. A trilha sonora de *Superfly*, lançada em 1972, garantiu a Mayfield o aplauso da crítica e um grande público, mas, em 1975, a música negra americana estava se tornando um tanto pautada pela disco music e a maioria das canções eram simples celebrações hedonistas. Mayfield reagiu com *There's No Place Like America Today*, uma triste crônica sobre a vida do negro no país. A capa mostra uma fila de pessoas negras que parecem diminuir de tamanho diante de um enorme outdoor de uma sorridente família branca. Recriada a partir de uma fotografia de Margaret Bourke-White, de 1937, a imagem resume o abismo entre o sonho americano e a realidade das ruas.

Como Marvin Gaye no épico *What's Goin' On*, Mayfield é inflexível ao retratar o dilema a seu redor, mas, de forma suave e firme, prega a esperança. A faixa de abertura, "Billy Jack", conta a história de um marginal insignificante, que acaba assassinado. "When Season Change", com influência do gospel, reflete sobre o desespero que está por trás da pobreza. "So In Love" é uma linda canção de amor de Mayfield, enquanto "Jesus" fala da possibilidade de redenção espiritual. "Blue Monday People" é um apelo por mais amor e menos dinheiro; "Love To The People" traz uma mensagem positiva sobre amar sua própria gente.

No lançamento, o álbum mostrou que era capaz de atingir o público negro americano, mas – talvez sem surpresas – foi ignorado pelos brancos. Desde então, *There's No Place...* tem repercutido um pouco mais. **GC**

"A maioria das minhas músicas, tenho certeza, tem relação com a vida cotidiana de boa parte das pessoas."

Curtis Mayfield, 1971

Lista de músicas

▶	01	**Billy Jack** (Mayfield)	6:09
	02	**When Seasons Change** (Mayfield)	5:28
▶	03	**So In Love** (Mayfield)	5:15
	04	**Jesus** (Mayfield)	6:13
	05	**Blue Monday People** (Mayfield)	4:50
▶	06	**Hard Times** (Mayfield)	3:45
▶	07	**Love To The People** (Mayfield)	4:07

Tom Petty And The Heartbreakers

Tom Petty And The Heartbreakers (1976)

Selo | Shelter
Produção | Denny Cordell
Projeto gráfico | Ed Caraeff
Nacionalidade | EUA
Duração | 30:25

Tom Petty And The Heartbreakers chegou aos 20 Mais na Inglaterra e vendeu muito bem na França e na Alemanha, antes de os Estados Unidos se darem conta da existência da banda, que ficou sem o reconhecimento em sua terra natal durante muito tempo. O grupo bebeu tanto nos Byrds (o som clássico da guitarra de Mike Campbell) como em Dylan (a interpretação áspera e cortante de Petty; ele e Mike, mais tarde, se juntariam aos Travelin' Wilburys), mas acrescentou uma energia new wave a canções que (com duas exceções) foram escritas em apenas uma tarde e gravadas na mesma noite. "Tudo parecia novo e excitante, por isso eu quis que o material fosse também muito novo", contou Petty. Até o líder dos Byrds, Roger McGuinn, se rendeu e gravou, depois, a faixa final deste álbum, "American Girl".

Petty e seu colega de gravadora Dwight Twilley estavam competindo ombro a ombro pela glória. Ambos combinavam refrões fáceis e melodias pop com o excesso de guitarras, mas Petty ganhou a disputa porque fazia um rock mais pesado (neste disco, Twilley faz backing vocals em "Strangered In The Night"). Na verdade, comparado a Nils Lofgren – que tocava com Neil Young e com quem fez uma turnê pela Inglaterra –, Petty parecia punk. Havia ainda um toque de presunção, no estilo dos Rolling Stones e dos Animals, o que pode explicar por que os ingleses foram os primeiros a se interessar pela banda.

As músicas do álbum foram, mais tarde, regravadas por artistas diversos como Lew Lewis ("Hometown Blues") e Suzi Quatro ("Breakdown"). Petty continuou com o que chamava de "the big jangle" ("o grande barulho") até o LP *Southern Accents*, de 1985, quando deixou Dave Stewart, do Eurythmics, alterar a fórmula. **MH**

"A gente queria (...) atingir uma sensibilidade que misturasse os Rolling Stones e os Byrds."

Tom Petty, 1999

Lista de músicas

	01	**Rockin' Around (With You)** (Campbell • Petty)	2:25
▶	02	**Breakdown** (Petty)	2:42
	03	**Hometown Blues** (Petty)	2:11
	04	**The Wild One, Forever** (Petty)	3:00
▶	05	**Anything That's Rock 'n' Roll** (Petty)	2:23
▶	06	**Strangered In The Night** (Petty)	3:29
	07	**Fooled Again (I Don't Like It)** (Petty)	3:48
	08	**Mystery Man** (Petty)	3:01
	09	**Luna** (Petty)	3:56
▶	10	**American Girl** (Petty)	3:30

The Modern Lovers
The Modern Lovers (1976)

Selo | Beserkley
Produção | John Cale • Kim Fowley
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:05

Jonathan Richman tinha sido um grande fã do The Velvet Underground. Daí o som sem enfeites de sua primeira banda, The Modern Lovers, formada originalmente pelo baterista David Robinson (The Cars), o tecladista Jerry Harrison (Talking Heads) e o baixista Ernie Brooks. As apresentações do grupo pela região de Boston, onde Richman havia nascido, despertaram o interesse da Warner Bros., que levou a banda para gravar num estúdio na Califórnia, em 1973, com a produção de John Cale e, mais adiante, de Kim Fowley.

Esse primeiro trabalho traduzia uma visão de mundo bela e contraditória: Richman adotava o "Modern World", mas não abria mão do "Old World", se sentia atraído por mulheres autodestrutivas ("She Cracked", "Hospital"), mas falava de um novo romantismo na maravilhosa "Girlfriend" e em "Someone To Care About", que davam as costas à revolução sexual dos anos 60.

Acima de tudo, ele tinha predilação por prestar homenagens – ao estilo de vida machista do pintor Pablo Picasso, numa canção regravada pelo próprio Cale e, mais tarde, por Bowie, e ao eterno apelo da estrada no clássico de dois acordes "Roadrunner", interpretado por uma série de bandas de garagem desde então, sendo a mais famosa delas os Sex Pistols.

A Warner dispensou o grupo. Três anos mais tarde, o selo Beserkley lançou o álbum e emplacou um hit em single, "Roadrunner". Mas Jonathan havia deixado a banda na época em que as fitas demo estavam sendo finalizadas, com uma nova carreira em perspectiva: ele minimizou seu som para fazer um rock 'n' roll acústico e cantar, em seu tom nasalado, músicas sobre insetos, marcianos e duendes. **IJ**

David Bowie
Station To Station (1976)

Selo | RCA
Produção | David Bowie • Harry Maslin
Projeto gráfico | AGI
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:08

Em 1976, a vida pessoal de David Bowie era um caos. Seu casamento aberto com Angie Bowie tinha terminado e ele tentava deixar o vício em cocaína e álcool. Cada vez mais paranóico, Bowie estava obcecado por discos voadores, ocultismo e Adolf Hitler.

Ele começou a trabalhar com os guitarristas Carlos Alomar e Earl Slick e o baterista Dennis Davies, que tinham participado de *Young Americans*, num álbum provisoriamente chamado de *Thin White Duke*, um disco de soul "sem alma". A faixa de abertura era uma epopéia paranóica, movida a cocaína, com influências do rock de vanguarda alemão de grupos como Can, Neu! e Kraftwerk. A música apresentava ao público o novo personagem de Bowie, Thin White Duke, que, com seu smoking e o cabelo esticado para trás, lembrava o papel do cantor no filme *O Homem Que Caiu Na Terra*, que ele incorpora na capa do álbum.

Um hit em single, "Golden Years", aumenta a intensidade dormente do disco, com a guitarra funk de Slick e um ritmo cru. O tema da paranóia domina o álbum, cantado de forma fria e sem emoção – como fica claro em "TVC 15", na qual o vocal ganha com o complemento da bateria acrobática de Davies. Quando chega a última faixa, "Wild Is The Wind", a voz de Bowie se transforma, soando vulnerável e cheia de mágoa.

O álbum foi uma transição artística (da plasticidade do soul ao minimalismo eletrônico) e pessoal (Bowie procurou se livrar do vício antes de se mudar para Berlim). Este trabalho inspirou o cenário pós-punk e do New Romantic na Inglaterra e continua sendo um dos discos mais completos e duradouros de Bowie. **CSh**

Joni Mitchell
Hejira (1976)

Selo | Asylum
Produção | Joni Mitchell
Projeto gráfico | Glen Christensen
Nacionalidade | Canadá
Duração | 52:03

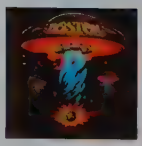
Em 1974, Joni Mitchell ocupava o centro do universo da música pop, adorada por quase todos os críticos e por milhões de fãs, graças a uma série de álbuns brilhantes e dolorosamente pessoais – um percurso que culminou naquele ano com o sucesso espetacular de *Court And Spark*. Ela teve, então, a coragem de seguir sua inspiração e mergulhar nas águas do jazz, uma viagem que a levou ao seu álbum mais doce e encantador, *Hejira*.

Composto durante uma turnê, este é o único disco de Mitchell em que todas as músicas foram feitas na e para a guitarra. O nome se originou da jornada do profeta Maomé, de Meca até o exílio em Medina. No caso de Mitchell, *Hejira* traça uma viagem pelas estradas dos Estados Unidos, desencadeada pelo fim de um relacionamento amoroso. O disco marca o início da relação profunda da cantora com o pioneiro do baixo elétrico Jaco Pastorius.

Apesar de a genialidade de Pastorius ter encontrado um terreno mais fértil na superbanda fusion Weather Report, ele nunca tocou de forma tão bela como nos cinco minutos do épico nu e bem construído por Mitchell em "Coyote", a faixa de abertura. Suas linhas melódicas flexíveis servem como um contraponto límpido ao soprano cada vez mais rico da cantora, chegando a um clímax na misteriosa "Amelia", uma música que delineia o trajeto da descoberta romântica, com referências a melodias anteriores como "Woodstock", "Both Sides Now" e "Cactus Tree".

Mitchell fez álbuns mais populares e ambiciosos, mas, com suas imagens vívidas, seu tom poético e suas revelações emocionais, *Hejira* é uma fusão perfeita de virtuosismo instrumental e letras confessionais. **AG**

Boston
Boston (1976)



Selo | Epic
Produção | John Boylan • Tom Scholz
Projeto gráfico | Paula Scher
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:48

Depois da celebração do Bicentenário da Independência dos Estados Unidos, o ex-engenheiro de som – agora guitarrista – Donald "Tom" Scholz e sua banda lançaram o melhor presente de Natal de 1976.

Scholz, que vinha fazendo fitas demo desde 1970, pediu emprestado o equipamento do Aerosmith para gravar um álbum em novembro de 1975. As sessões aconteceram em diferentes estúdios de Los Angeles, para cumprir as normas sindicais que exigiam engenheiros autorizados, mas apenas uma das faixas entrou no álbum. As restantes foram trabalhadas por Scholz sozinho, numa mesa de som em sua casa, enquanto seus companheiros caíam na farra na Califórnia (daí o apelido do baterista Sib Hashian, uma referência ao haxixe).

O repertório era baseado no modelo do Cream e do Led Zeppelin e trazia rocks melódicos, guitarras flamejantes, ritmos poderosos e os doces vocais em cascata de Brad Delp. Não havia sintetizadores à vista, embora "Foreplay" seja uma música espacial que remete à capa inspirada em discos voadores. "Corria o boato de que eu havia feito o álbum todo num programa de computador", contou Scholz. "Smokin'" balança como um terremoto, enquanto a turbulenta "Rock And Roll Band" e a contagiante "Let Me Take You Home Tonight" são maravilhosas peças de rock primitivo.

O álbum traz um hino fundamental, "More Than A Feeling". Animada e barulhenta, a música parece antecipar "Smells Like Teen Spirit" – o Nirvana chegou a fazer um improviso com "More Than A Feeling" ao tocar "Teen Spirit" ao vivo. A duradoura popularidade da canção fez de *Boston* um sucesso multiplatinado – em 2003, já tinha vendido 17 milhões de cópias, e continua nesse ritmo até hoje. **TJ**

Eagles | Hotel California (1976)

Selo | Asylum Records
Produção | Bill Szymczyk
Projeto gráfico | Don Henley • Kosh
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:28

Lançado em dezembro de 1976, *Hotel California* encarna o baixo-astral da Costa Oeste depois que a era de paz e amor se transformou num hedonismo cínico. Trilha sonora de uma época decadente, o álbum vendeu, até hoje, cerca de 16 milhões de cópias. Trata-se do trabalho maduro de uma banda que faz uma reflexão sobre o custo do estilo desregrado de vida de uma geração, baseada em sua própria experiência em cinco anos de discos de sucesso e turnês. Como afirmou um dos fundadores do grupo, Glenn Frey, o álbum explorava "o que está por trás do sucesso, o lado escuro do paraíso".

Em parte delírio de viagens, em parte uma balada mortal, a faixa-título, com seu ritmo vivo e linhas de guitarra pungentes, evoca um lugar onde o mal espreita por trás de palmeiras e sorrisos de boas-vindas. O duelo furioso das guitarras de Joe Walsh e Don Felder é um dos momentos memoráveis do rock. Uma das marcas do álbum é, exatamente, mudar o foco da visão geral dos excessos cometidos para retratos fechados do dano causado. "Life In The Fast Lane" é um boogie sobre um casal de sociedade insensível, correndo pelas vias expressas da cidade – e seus restos fumegantes aparecem na faixa seguinte, "Wasted Time", uma balada com uma orquestração fantástica sobre vidas decepcionantes e acomodadas.

As raízes country do grupo estão presentes em todo o álbum, em particular em "New Kid In Town", na qual o piano elétrico de Walsh remete à tristeza sonolenta de uma cantina mexicana, em meio a harmonias vocais saborosas e tão bem cuidadas como um gramado de Hollywood. De muitas maneiras, *Hotel California* representa tudo o que o punk queria destruir: uma produção esmerada, solos de guitarra harmonizados e "temas". Mas, como aconteceu com muitos gêneros musicais em seu último suspiro, o country-rock da Costa Oeste encontrou em *Hotel California* um refinamento que jamais voltaria a igualar. **JDi**

"O homem pode até destruir o paraíso, se for deixado à sua própria sorte, porque já destruiu todos os paraísos da Terra."

Don Henley, 1976

Lista de músicas

▶ 01	**Hotel California**	(Felder • Frey • Henley)	6:30
▶ 02	**New Kid In Town**	(Frey • Henley • Souther)	5:04
▶ 03	**Life In The Fast Lane**	(Frey • Henley • Walsh)	4:46
▶ 04	**Wasted Time**	(Frey • Henley)	4:55
05	**Wasted Time (Reprise)**	(Frey • Henley • Norman)	1:22
06	**Victim Of Love**	(Felder • Frey • Henley • Souther)	4:11
07	**Pretty Maids All In A Row**	(Vitale • Walsh)	4:05
08	**Try And Love Again**	(Meisner)	5:10
09	**The Last Resort**	(Frey • Henley)	7:25

Abba | Arrival (1976)

Selo | Polydor
Produção | Benny Andersson • Björn Ulvaeus
Projeto gráfico | Ola Lager • Rune Soderqvist
Nacionalidade | Suécia
Duração | 33:32

Em 1976, o Abba já havia escapado do estigma mortal que afetava a credibilidade musical de todos os vencedores do Eurovision Song Contest. E mais: a série de sucessos da banda mostrou que o grupo tinha atrativos comerciais para continuar e mesmo expandir a conquista da Europa e entrar no mercado americano.

Arrival foi seu quarto álbum lançado na Inglaterra e o segundo de oito LPs consecutivos a chegar ao primeiro lugar das paradas britânicas. A principal música do disco é a alegre "Dancing Queen", o quarto single que a banda emplacou no primeiro lugar na parada da Inglaterra e o único a ficar no topo da parada dos Estados Unidos. O quarteto, como único grupo de música pop convidado, apresentou a canção no baile da véspera do casamento do rei da Suécia, Carl Gusfaf, com Silvia Sommerlath, embora, ao contrário do que disseram os jornais, "Dancing Queen" não tenha sido composta especialmente para a ocasião. Trinta anos depois, a canção se tornou um hino gay.

O álbum incluía também um segundo single que esteve em primeiro lugar nas paradas britânicas, "Knowing Me, Knowing You" – que apresentava um tom de melancolia reflexiva, uma constante no trabalho do Abba mais adiante em sua carreira –, e, ainda, um single que ficou entre os Top 3, "Money, Money, Money". Alguns críticos achavam que outras faixas, como "When I Kissed The Teacher" e, em particular, "Dum Dum Diddle", revelavam um pouco demais o passado do Abba no concurso da Eurovision. Mas "That's Me" (o lado B, com sabor latino-americano, do lançamento em 45 rpm de "Dancing Queen"), "Why Did It Have To Be Me" (que o grupo regravou, com uma letra diferente, como "Happy Hawaii") e o instrumental "Arrival", com influência celta – que mais tarde ganhou uma versão de Mike "Tubular Bells" Oldfield –, eram todas muito respeitáveis – para ganhadores do Eurovision. **JT**

"A música pop é uma coisa descartável."

Björn Ulvaeus, 2004

Lista de músicas

01	**When I Kissed The Teacher**	(Andersson • Ulvaeus)	3:03
▶ 02	**Dancing Queen**	(Anderson • Andersson • Ulvaeus)	3:52
03	**My Love, My Life**	(Anderson • Andersson • Ulvaeus)	3:53
04	**Dum Dum Diddle**	(Andersson • Ulvaeus)	2:54
▶ 05	**Knowing Me, Knowing You**	(Anderson • Andersson • Ulvaeus)	4:02
▶ 06	**Money, Money, Money**	(Andersson • Ulvaeus)	3:07
07	**That's Me**	(Anderson • Andersson • Ulvaeus)	3:17
08	**Why Did It Have To Be Me**	(Andersson • Ulvaeus)	3:22
09	**Tiger**	(Andersson • Ulvaeus)	2:56
▶ 10	**Arrival**	(Andersson • Ulvaeus)	3:01

Kiss | Destroyer (1976)

Selo | Casablanca
Produção | Bob Ezrin
Projeto gráfico | Dennis Woloch
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:03

Solos de guitarra flamenca e cópias de Beethoven não são elementos óbvios para o sucesso, especialmente para uma banda de rock 'n' roll de revista em quadrinhos, famosa por "Rock And Roll All Nite". Ainda assim, *Destroyer* é o álbum-símbolo do Kiss.

Alive! (1975) marcou o fim da fase primal do grupo, deixando o Kiss livre para novas experiências. Foi então que chegou o produtor Bob Ezrin, que havia afiado suas armas com Lou Reed e Alice Cooper. Ele tinha uma visão de que a banda era "uma caricatura de tudo o que mobiliza a juventude" e pressionou o grupo a ir além da simples provocação de seus trabalhos anteriores.

Os resultados incluíram hinos duradouros, em especial "Detroit Rock City" (na qual há o solo de flamenco supracitado) e "God Of Thunder" (uma música de Paul Stanley que se tornou marca registrada de Gene Simmons). Havia também esquisitices, como a balada "Beth", um hit, e "Great Expectations", que traz a incursão de Ezrin à "Pathétique", de Beethoven. ("Eu rio cada vez que ouço essa faixa", confessou ele ao biógrafo do Kiss, Ken Sharp.)

Ezrin encarregou o produtor Kim Fowley, de Los Angeles, de ajudar com a pomposa "King Of The Night Time World" e com "Do You Love Me?". Numa tentativa de aumentar o tempo de duração da gravação, ele acrescentou colagens de sons no início e no fim – uma faixa final lúgubre, de 86 segundos, mistura pedaços anteriores de *Destroyer* e um fragmento de *Alive!*. Este pacote vinha embalado pela pintura expressiva de Ken Kelly, primo do artista Frank Frazetta. Joe Elliott, do Def Leppard, afirmou: "Comprei o disco só pela capa."

Os fãs debatem, até hoje, os méritos de *Destroyer*, uma discussão alimentada pela revelação de que Ezrin dispensou o guitarrista Ace Frehley de duas faixas. Mas a banda passou o resto de sua carreira tentando igualar a qualidade deste álbum. **BM**

"Não sei o que é 'clássico'. Não fico usando essa palavra por aí."

Gene Simmons, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Detroit Rock City** (Ezrin • Stanley)	5:18
	02	**King Of The Night Time World** (Anthony • Ezrin • Fowley • Stanley)	3:21
▶	03	**God Of Thunder** (Stanley)	4:17
	04	**Great Expectations** (Ezrin • Simmons)	4:25
	05	**Flaming Youth** (Ezrin • Frehley • Simmons • Stanley)	3:00
	06	**Sweet Pain** (Simmons)	3:22
	07	**Shout It Out Loud** (Ezrin • Simmons • Stanley)	2:50
▶	08	**Beth** (Criss • Ezrin • Penridge)	2:50
	09	**Do You Love Me?** (Ezrin • Fowley • Stanley)	3:40

Rush
2112 (1976)

Selo | Mercury
Produção | Terry Brown • Rush
Projeto gráfico | Hugh Syme
Nacionalidade | Canadá
Duração | 38:46

O ambicioso *2112* foi a pedra fundamental da carreira do Rush, um álbum do tipo agora-ou-nunca para o trio power canadense, às vezes chamado de "a maior banda cult do mundo". Com este álbum, o grupo tomou a decisão drástica de ir em frente com seu próprio trabalho, sem medir conseqüências.

O Rush quase entregou os pontos depois de *Fly By Night* e *Caress Of Steel* (ambos de 1975), recebidos com pouco entusiasmo. No rescaldo desse fracasso, o baterista/letrista Neal Peart se impressionou profundamente com os escritos libertários de Ayn Rand. Sua filosofia, com ênfase na idéia de que o indivíduo deve seguir seu próprio caminho, inspirou a história da épica faixa-título – uma composição de 20 minutos, dividida em sete segmentos. A música fala de um homem que lidera uma revolução através da música, após rejeitar os Sacerdotes de Syrinx, um enredo que espelhava a frustração da banda com a indústria da música.

O som característico do Rush (um misto de rock progressivo e heavy rock) alcança a plenitude neste disco, e a magnífica faixa-título não perdeu o vigor com o tempo – uma obra meticulosa que utiliza a técnica de composição dos clássicos para atingir um efeito fantástico. Outras faixas, como o hard rock de "A Passage To Bangkok" e "Something For Nothing", são, hoje, clássicos consagrados.

O álbum foi bem recebido pelos fãs, na época, embora os críticos o tenham considerado muito extravagante e pretensioso. Não que a banda se importasse com isso: a partir de *2112*, o Rush seguiu um caminho próprio e peculiar, arrebatando uma massa de fãs devotados e permanecendo de forma firme – e feliz – fora do radar da crítica. **AET**

Jorge Ben
Africa / Brasil (1976)

Selo | Philips
Produção | Mazola
Projeto gráfico | Jorge Vianna
Nacionalidade | Brasil
Duração | 41:35

É impossivel exagerar a influência de Jorge Ben na heterogênea confederação internacional do funk. Quando fez seu manifesto soul do Rio, *África/Brasil*, Ben já era uma força musical há mais de uma década, mas esta combinação de percussão de samba, metais R&B, um coro atrevido e uma rhythm guitar hipnótica destila a essência do ritmo de Ben.

O álbum abre arrasador com a incendiária "Umbabarauma", que David Byrne usou para dar o pontapé inicial em sua antologia *Música Popular Brasil*. A brilhante mistura feita por Jorge Ben de Sly Stone e James Brown com os ritmos profundos do samba se dá de forma perfeita em "Xica Da Silva", enquanto o refrão absurdamente contagiante da versão atualizada de "Taj Mahal" torna claro por que Rod Stewart o copiou em seu hit "Do Ya Think I'm Sexy".

Ben começou sua carreira tocando bossa nova, seguindo os passos de João Gilberto. Ele emplacou um grande sucesso internacional em 1963, com "Mas Que Nada", mas sua música atingiu seu auge criativo nos anos 70, quando integrou completamente a influência do funk americano e do R&B com a percussão pesada e sincopada dos ritmos afro-brasileiros. Seu poderoso trabalho no violão, a voz quente e íntima e a genialidade da produção resultaram numa série de álbuns excepcionais, culminando com *África/Brasil*. Embora não tenha sido uma figura central do movimento tropicalista do final dos anos 60, que juntou Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e Gal Costa, a exploração dos temas africanos feita por Ben serviu de inspiração para muitos artistas brasileiros. **AG**

Joan Armatrading
Joan Armatrading (1976)

Selo | A&M
Produção | Glyn Johns
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Antilhas/Inglaterra
Duração | 40:32

Dizer que Joan Armatrading foi uma das primeiras negras a se aventurarem como cantora e compositora é prestar a ela um desserviço. Embora essa afirmação seja válida, num determinado nível, não permite conhecer o valor total de seus talentos e a enquadra num pequeno compartimento. Na verdade, qualquer um que faça um trabalho tão sincero e retumbante como este seu terceiro álbum é digno de nota, independentemente de cor ou sexo.

Apesar de seus discos anteriores prometerem, o talento de Armatrading como compositora floresceu completamente neste LP, impulsionado por um olho atento a detalhes, assim como um delicioso senso de humor. O disco abre com o dedilhar arrebatador de "Down To Zero", na qual a cantora pune seu amante por sua inconstância, ao mesmo tempo que se recrimina por aceitá-lo de volta. A faixa ganha uma profundidade melancólica com o trabalho esmerado de B. J. Cole na pedal steel. Armatrading compartilha outras máximas de sabedoria-da-manhã-seguinte em "Water With The Wine" e faz uma de suas melhores performances vocais em "Save Me", explorando toda a variedade de suas ricas qualidades vocais.

O produtor Glyn Johns, que trabalhou com Steve Miller, The Who e os Rolling Stones, é um dos responsáveis pela força que caracteriza o álbum. Armatrading contou também com o apoio de excelentes músicos do Fairport Convention e dos Faces, misturando pop-folk com elementos do jazz, reggae e R&B. O resultado é um som límpido e profissional, sobre o qual se destacam os dons únicos de Armatrading. **TSh**

Aerosmith
Rocks (1976)

Selo | Columbia
Produção | Aerosmith • Jack Douglas
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:30

Entusiasmado com o sucesso de *Toys In The Attic*, o Aerosmith não perdeu tempo nem força ao retornar para o estúdio e fazer aquela que, para muitos, é sua obra-prima. *Rocks*, gravado, em parte, na área de ensaios de Wherehouse e, depois, no Record Plant, em Nova York, era movido pelos excessos que, mais tarde, quase destruiriam a banda. Com a ajuda de Jack Douglas, o grupo conseguiu focar seus talentos de uma forma inédita, criando uma coleção de pérolas que justificaram o título do álbum.

Mais coeso do que *Toys..., Rocks* também traz um som mais rico e potente – a perigosa combinação das guitarras de Joe Perry e Brad Whitford é estimulada pela seção rítmica relaxada de Tom Hamilton e Joey Kramer, fazendo faixas como "Rats In The Cellar" e "Back In The Saddle" soltarem faíscas.

No centro de tudo estão os gritos diabólicos de Steve Tyler – por conta desse estilo vocal, ele ganhou o codinome de "O Demônio dos Gritos". Em "Get The Lead Out", Tyler pediu o suporte de um cantor do Metropolitan Opera para o refrão (é de se imaginar o que aconteceu com a carreira desse cantor, depois de uma sessão que deve ter arrasado com uma bela voz).

As letras vão a extremos, seja sobre sexo ("Back In The Saddle"), drogas ("Combination") ou fama ("A Lick And A Promise") – ou exageram ou minimizam, em geral ao mesmo tempo. Os temas eram perfeitos para uma banda que tinha hábitos capazes de apavorar os músicos mais drogados do ramo, a tal ponto que Tyler e Perry eram conhecidos no meio como os Gêmeos Tóxicos. **TSh**

Parliament | Mothership Connection (1976)

Selo | Casablanca
Produção | George Clinton
Projeto gráfico | Gribbitt Management
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:17

Inspirado pela linha de produção sonora da Motown, George Clinton construiu gradualmente a nave espacial funk que era o Parliament-Funkadelic: dois grupos, vários projetos paralelos e mais de 50 músicos, incluindo a estrela do sax Maceo Parker e o deus do baixo Bootsy Collins.

Mothership Connection – o terceiro e melhor álbum do Parliament – é uma prova da força absoluta de sua capacidade musical e inovação. A capa mostra Clinton de braços e pernas abertos, fantasiado de astronauta, mas a bordo de botas de cano alto e saltos plataforma, pulando de uma nave espacial – e isso é o mais perto que uma foto poderia chegar para descrever o conteúdo do álbum. Sob a orientação de Clinton, o Parliament pegou o funk, lavou com acid, vestiu com uma roupagem de ficção científica e embrulhou numa atitude cool. O resultado são sete faixas de um R&B perfeito e incansável, arranjado de forma imaculada por Collins, Clinton, o trombonista Fred Wesley e o tecladista Bernie Worrel.

"P-Funk (Wants to Get Funked Up)" anuncia o que está por vir. Clinton começa suavemente, cantando contra lânguidas linhas de baixo – aí, acelera ao máximo e deixa os sintetizadores, metais e harmonias tomarem conta. Dali por diante, cada faixa é uma explosão de ritmos e melodias entrelaçados.

As inovações de *Mothership Connection* o tornaram o melhor disco de funk de todos os tempos. Um grande sucesso na época ("Tear The Roof Off The Sucker" foi o maior hit do Parliament entre os Hot 100), o álbum mudou a maneira como as pessoas viam o funk e o R&B. Décadas depois, o impacto deste LP ainda ressoa no trabalho de rappers como Warren G. e Snoop Dogg, e em roqueiros como os Red Hot Chili Peppers e o Primus. O legado de "P-Funk" fez de Clinton e Cia. um dos mais importantes grupos da história da música nos Estados Unidos. **LP**

"Naquela época, quando todo mundo tomava ácido, havia uma chance de se fazer as coisas do jeito que a gente queria."

George Clinton, 2002

Lista de músicas

▶	01	**P-Funk (Wants To Get Funked Up)** (Clinton • Collins • Worrell)	7:41
▶	02	**Mothership Connection** (Clinton • Collins • Worrell)	6:13
	03	**Unfunky UFO** (Clinton • Collins • Snider)	4:23
	04	**Supergroovalisticprosifunkstication** (Clinton • Collins • Snider)	5:03
	05	**Handcuffs** (Clinton • Goins • McLaughlin)	4:01
▶	06	**Give Up The Funk (Tear The Roof Off The Sucker)** (Brailey • Clinton • Collins)	5:46
	07	**Night Of The Thumpasorus Peoples** (Clinton • Collins • Snider)	5:10

The Penguin Cafe Orchestra
Music From The Penguin Cafe (1976)

Selo | Obscure
Produção | Simon Jeffes • Steve Nye
Projeto gráfico | Emily Young
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:01

Com sua capa surrealista e sua interpretação pouco ortodoxa das convenções já consagradas da música, *Music From the Penguin Cafe* é um dos trabalhos mais peculiares da música pop dos anos 70. De acordo com o fundador e força criativa do grupo, o falecido Simon Jeffes, a idéia de fazer uma orquestra pós-moderna surgiu numa visão que teve, depois de comer um peixe estragado na França.

Gravadas durante três anos, as melodias, na maioria instrumentais, de *Music...* são às vezes satíricas, às vezes dolorosas e adoráveis, utlizando elementos díspares do barroco, jazz, pop e de vanguarda. O disco abre com a brilhante música de proto-câmara "Penguin Cafe Single", uma referência oblíqua a seu caráter pouco comercial. Mais adiante, a banda começa a esvaziar a pompa e o senso de auto-importância da velha guarda britânica com o canto intencionalmente abaixo do tom de "Coronation" (este disco contém as únicas performances vocais da banda, inclusive a letra de uma única palavra de "Milk"). O álbum foi lançado originalmente – sem que isso seja uma surpresa – pelo selo de Brian Eno, Obscure.

A música em todo o disco é desafiadora e gratificante. A principal faixa é a bela e angustiante "The Sound Of Someone You Love Who's Going Away And It Doesn't Matter". A partir de um tema ilusoriamente simples, essa epopéia instrumental traça o desenlace de uma relação amorosa com uma eficácia devastadora. É uma das muitas razões pelas quais o primeiro álbum da banda é ainda ousado – e muito bom. **TSh**

Lista de músicas

▶	01	**Penguin Cafe Single** (Jeffes • Liebman • Nye • Wright)	6:20
▶	02	**From The Colonies** (Jeffes)	1:38
	03	**In A Sydney Motel** (Jeffes)	2:28
	04	**Surface Tension** (Jeffes)	2:22
▶	05	**Milk** (Jeffes)	2:22
▶	06	**Coronation** (Jeffes)	1:33
	07	**Giles Farnaby's Dream** (Jeffes)	2:19
	08	**Pigtail** (Jeffes)	2:44
	09	**The Sound Of Someone You Love Who's Going Away And It Doesn't Matter** (Jeffes • Liebman • Nye • Wright)	11:46
▶	10	**Hugebaby** (Jeffes • Liebman • Nye • Wright)	4:48
	11	**Chartered Flight** (Jeffes • Liebman • Nye • Wright)	6:41

Jean Michel Jarre
Oxygene (1976)

Selo | Disques Motors
Produção | Jean Michel Jarre
Projeto gráfico | Editions Marquet • Michel Granger
Nacionalidade | França
Duração | 39:39

Em novembro de 1976, Jimmy Carter ganhou as eleições nos Estados Unidos e o filho do compositor de cinema francês Maurice Jarre apresentou ao mundo seu terceiro álbum. Se grupos como o Tangerine Dream e o Kraftwerk abriram o caminho, e o disco *Albedo 0.39*, de Vangelis, era um hino à grandiosidade, *Oxygene* foi o modelo para uma sonoridade quase sobrenatural, um universo paralelo à base de sintetizadores que inspirou a música eletrônica e vendeu cerca de 10 milhões de cópias.

Apesar de seu álbum ter sido celebrado pela crítica e chegado ao segundo lugar das paradas britânicas, Jarre passou meses tentando vender para alguma gravadora sua obra-prima antes de conseguir um contrato com um selo indie. Com um design futurista (e fotos feitas pela futura mulher de Jarre, a atriz Charlotte Rampling), o disco tinha elementos do seu trabalho para o cinema, mas também oferecia uma inovadora perspectiva no uso da instrumentação eletrônica – do órgão Farfisa ao Mellotron e sintetizadores ARP.

Jarre usou sua formação clássica para elaborar melodias leves e sinuosas, quase sempre com seqüências estranhas, de 34,5 compassos. As faixas variam de músicas sombrias (como a que abre o álbum) a etéreas ("Part 2", que, sem querer, faz a trilha sonora de uma época obcecada por temas espaciais, das sondas Viking em Marte a *Guerra Nas Estrelas*, com seu crescendo de batidas pulsantes e borbulhas, afogadas por uma cascata de sintetizadores e efeitos de explosão a laser). Depois da oceânica "Part 3", no estilo de John Carpenter, vem o vibrato hipnótico de "Oxygene Part 4", com seu refrão memorável – até hoje usado em anúncios de TV. A faixa seguinte traz uma mistura de atmosfera subterrânea com referências ao "Bolero" e ao gótico dos anos 20, antes do gran finale expressivo. **TJ**

"É preciso ser muito perfeccionista. Se não, você pode matar um monte de gente. Não que eu ache que minha música vá matar alguém, mas..."

Jean Michel Jarre, 2004

Lista de músicas

▸	01	**Oxygene Part 1** (Jarre)	7:40
▸	02	**Oxygene Part 2** (Jarre)	8:08
	03	**Oxygene Part 3** (Jarre)	2:54
▸	04	**Oxygene Part 4** (Jarre)	4:14
	05	**Oxygene Part 5** (Jarre)	10:23
▸	06	**Oxygene Part 6** (Jarre)	6:20

Ramones | Ramones (1976)

Selo | Sire
Produção | Tommy Erdelyi • Craig Leon
Projeto gráfico | Greg Allen • Sevie Bates
Nacionalidade | EUA
Duração | 29:04

Da capa simples, com a foto da banda em preto-e-branco, a seu conteúdo incendiário, o primeiro álbum dos Ramones é o manifesto definitivo do punk.

Gravado em dois dias com o irrisório orçamento de US$ 6 mil, *Ramones* despiu o rock até sobrarem apenas seus elementos básicos. Não há solos de guitarra e enormes fantasias épicas, o que já era revolucionário numa época em que imperava o hard rock cheio de penduricalhos, do tipo Led Zeppelin. As faixas, de cerca de três minutos apenas, são impulsionadas pelos furiosos quatro acordes da guitarra de Johnny Ramone e pela bateria colossal de Tommy. E, apesar de as músicas serem curtas e afiadas, a paixão do grupo pelo rock dos anos 50 e pelas bandas feminas garantiu uma certa doçura melódica.

As letras são muito simples, tratando, em banho-maria, dos desejos e necessidades dos adolescentes. Joey Ramone berra para dizer o que quer ("I Wanna Be Your Boyfriend", "Now I Wanna Sniff Some Glue") e o que não quer ("I Don't Wanna Walk Around With You"). Apenas "53rd And 3rd" – uma história sombria sobre as experiências de Dee Dee como michê – toca em algo mais profundo e significativo.

O álbum foi elogiado, no lançamento, por um pequeno círculo de jornalistas (a revista *Creem* publicou que "se os sucessores dos Ramones valerem pelo menos um terço deles, estamos feitos para o resto da vida"), mas não conseguiu entrar nos Top 100 dos Estados Unidos nem entre os 40 Mais da Inglaterra. Mas os poucos garotos que compraram o disco entenderam que seu minimalismo melódico exagerado era um chamado. Os Sex Pistols, The Clash e os Buzzcocks usaram os quatro acordes dos Ramones para expressar a frustração com o rock sem graça e acomodado da época. Nunca mais a revolução teria um som tão simples. **TB**

Lista de músicas

▶	01	**Blitzkrieg Bop** (Ramones)	2:14
	02	**Beat On The Brat** (Ramones)	2:31
▶	03	**Judy Is A Punk** (Ramones)	1:32
	04	**I Wanna Be Your Boyfriend** (Ramones)	2:24
	05	**Chain Saw** (Ramones)	1:56
▶	06	**Now I Wanna Sniff Some Glue** (Ramones)	1:35
▶	07	**I Don't Wanna Go Down To The Basement** (Ramones)	2:38
	08	**Loudmouth** (Ramones)	2:14
	09	**Havana Affair** (Ramones)	1:56
	10	**Listen To My Heart** (Ramones)	1:58
	11	**53rd And 3rd** (Ramones)	2:21
	12	**Let's Dance** (Lee)	1:51
	13	**I Don't Wanna Walk Around With You** (Ramones)	1:42
▶	14	**Today Your Love, Tomorrow The World** (Ramones)	2:12

Shattered
Shattered
Shatterbox

Fela Kuti And Afrika '70 | Zombie (1976)

Selo | Coconut
Produção | Fela Anikulapo Kuti
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Nigéria
Duração | 25:23

Em 1976, Fela Anikulapo Kuti era *a* superestrela africana, um gigante da música do século 20 no topo do vulcão. Na década anterior, acompanhado pelo baterista Tony Allen, seu guia rítmico, e pela banda Afrika '70, Fela tinha criado uma nova escola de música – o afrobeat. Esse estilo fundia o jazz e os elementos funk da música afro-americana com o highlife da África Ocidental, a música tradicional da Nigéria e ritmos iorubás, iluminados pela chama da conscientização negra, numa visão política do continente – expressa por letras poderosas e críticas e por um estilo de vida contestador. Seus discos venderam milhões de cópias na Nigéria e no Oeste da África. Artistas famosos do Ocidente (McCartney, Ginger Baker, Stevie Wonder, James Brown e Lester Bowie) correram a Lagos para conhecer os novos sons e fumar maconha.

Zombie é um dos 18 álbuns que Fela Kuti lançou entre 1976 e 1977. A característica duração épica da faixa-título (muito "cabeça" mesmo para as rádios FM da época) permite uma longa combustão. Os incansáveis riffs de rhythm guitar são acompanhados pelas linhas de baixo em estilo funk, pela bateria e por um exorbitante solo de Fela no sax tenor, seguidos por um refrão mais suave no trompete e por um riff de bateria. Depois de cinco minutos de um trompete delicioso, Fela canta um insuperável hino antimilitarista contra aqueles que seguem ordens: "Zombie no go stop unless you tell him to stop/Zombie no go think unless you tell him to think" ("o zumbi não pára enquanto não o mandam parar/o zumbi não pensa enquanto não o mandam pensar"). A resposta do governo militar da Nigéria foi mandar o exército atacar a população, causando a morte da mãe de Fela e destruindo seu quartel-general – uma área conhecida como República Kalacut – e seu clube, o Shrine. **MR**

"As pessoas estão tocando mais música revolucionária, mais música política, e estão fazendo a população entender melhor o que acontece. Então, a luta está viva, ganhando força através da música."

Fela Kuti, 1986

Lista de músicas

01	**Zombie** (Kuti)	12:26
02	**Mister Follow Follow** (Kuti)	12:57

Peter Tosh | Legalize It (1976)

Selo | Virgin
Produção | Peter Tosh
Projeto gráfico | Howard Fritzson
Nacionalidade | Jamaica
Duração | 38:19

Um dos fundadores dos Wailers, Peter Tosh tinha gravado dezenas de músicas solo durante os 10 anos em que a banda ascendeu do gueto de Trenchtown ao estrelato. Porém foi só depois de escapar da enorme sombra de Bob Marley que ele conseguiu lançar a sério sua carreira.

Apesar de seu primeiro álbum, *Legalize It*, contar com a participação dos antigos integrantes dos Wailers e com as harmonias típicas de Bunny Livingston (Tosh retribuiu o favor no álbum de estréia de Livingston, *Blackheart Man*, um clássico de volta às raízes), Tosh mostra seu som único e franco e sua versatilidade como compositor. A faixa-título traz uma potente linha de baixo e uma melodia fragmentada que contrasta com o fraseado intrincado de Marley. O refrão simples – "Legalize it, don't criminalize it" ("legalize, não criminalize") – levou a canção a ser banida das rádios da Jamaica. A mística "Igziabeher (Let Jah Be Praised)" traz uma prece de invocação rastafári, tendo ao fundo efeitos sonoros de trovões e relâmpagos.

Tosh varia da introspecção melancólica, como em "Why Must I Cry", aos ataques verbais aos inimigos em "Burial". A ironia ferina, outra marca registrada de Tosh, aparece em "Whatcha Gonna Do", que utiliza alegres riffs de sintetizador e um refrão repetitivo para contar a parábola de uma família do gueto, destruída pela prisão de um deles por uso de maconha. Há também o rock de "No Sympathy", em que se destaca o solo malicioso de guitarra de Al Anderson, ex-Wailer.

O álbum tem menos foco político do que o trabalho posterior de Tosh, mas o público adorou sua exuberância – e a imagem, na capa, do artista numa plantação de maconha. O disco chegou ao 54.º lugar na Inglaterra, fazendo valer o direito de Tosh figurar, ao lado de Marley, no panteão do reggae. **MW**

"Agora, em setembro de 1976, voltei a ser um novo homem e acabei de perceber isso."

Peter Tosh, 1976

Lista de músicas

▶	01	**Legalize It** (Tosh)	4:35
▶	02	**Burial** (Tosh)	3:54
▶	03	**Whatcha Gonna Do** (Tosh)	2:25
	04	**No Sympathy** (Tosh)	4:35
▶	05	**Why Must I Cry** (Marley • Tosh)	3:08
	06	**Igziabeher (Let Jah Be Praised)** (Tosh)	4:37
	07	**Ketchy Shuby** (Tosh)	4:53
▶	08	**Till Your Well Runs Dry** (Livingston • Tosh)	6:09
	09	**Brand New Second Hand** (Tosh)	4:03

Stevie Wonder
Songs In The Key Of Life (1976)

Selo | Tamla Motown
Produção | Stevie Wonder
Projeto gráfico | Motown Graphics Department
Nacionalidade | EUA
Duração | 86:53

Em 15 de agosto de 1975, Stevie Wonder assinou um contrato de US$ 13 milhões com a Motown, que garantia a ele total liberdade artística. Wonder tinha estocado centenas de músicas e, nos meses seguintes, gravou outras 200, forçando a gravadora a organizar o primeiro de dois álbuns duplos que o transformaram de dissidente precoce a megaestrela internacional (foi um dos primeiros álbuns a entrar nas paradas americanas já no topo).

Há momentos em que o disco se aproxima do jazz: "Sir Duke" é uma homenagem no estilo big-band a Duke Ellington; "Contusion" traz um jazz-rock instrumental *à la* Mahavishnu Orchestra. Com elementos de samba, "As" conta com Herbie Hancock; "Another Star", com gosto de salsa, tem o flautista Bobbi Humphrey e o guitarrista George Benson; e a celestial "If It's Magic" apresenta um dueto com a harpista Dorothy Ashby.

O álbum sofreu vários atrasos por conta das novas canções. "Houve vezes em que Stevie ficou no estúdio direto, durante 48 horas", contou o baixista Nathan Watts. "Ninguém conseguia fazer o homem parar, nem para comer!" De fato, as quatro faixas finais do CD eram, originalmente, um disco bônus de sete polegadas e 33 rpm.

Songs... foi muito elogiado, embora Robert Christgau, do *Village Voice*, tenha achado o disco repleto de bobagem New Age ("Saturn"), sermões didáticos ("Black Man") e sentimentalismo barato ("Isn't She Lovely"). Apesar disso, o disco deu o tom político da militância de Stevie Wonder no movimento negro – há agradecimentos a Jesse Jackson e Louis Farrakhan, ao lado de Frank Zappa e Andy Williams. **JLe**

Peter Frampton
Frampton Comes Alive! (1976)

Selo | A&M
Produção | Peter Frampton
Projeto gráfico | Roland Young
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 78:06

Este álbum duplo ao vivo de Peter Frampton sintetiza o alegre rock escapista pós-Vietnã. Com vendas estimadas em 16 milhões de cópias, o disco só perde para o blockbuster de Bruce Springsteen, de 1985, como maior sucesso da história das gravações de shows.

Realizado entre março e novembro de 1975 – principalmente durante a primeira gigantesca apresentação de Frampton, em Winterland, São Francisco –, o álbum foi considerado por Cameron Crowe, da *Rolling Stone*, como "muito mais do que um presente. É um testemunho de Peter Frampton em seu hábitat natural". O disco, seguindo a fórmula estabelecida pelo Kiss em *Alive!*, transformou um jogador de time pequeno num craque de seleção. Antigo integrante das bandas de rock inglesas The Herd e Humble Pie, Frampton tinha gravado três discos de razoável sucesso; com *Frampton Comes Alive!*, ele liderou a parada da Billboard durante 10 semanas.

A coleção de 14 músicas traz uma boa mistura de seus discos e dos tempos do Humble Pie. A animada "Somethin's Happenin'" e a insistente "Show Me The Way" dão vazão a seu repertório de vocais ricos, guitarras e violões jazzísticos, harmonias melodiosas e letras do tipo "ooh baby". A banda manda ver em faixas como "I Wanna Go to The Sun", mas foi a histeria suscitada pelo hit "Baby, I Love Your Way" e por "Do You Feel Like We Do", cheia de efeito talkbox, que comprovou a característica alto-astral do som de Frampton. Graças a este álbum, ele foi convidado pelo então presidente Gerald Ford a visitar a Casa Branca. Ninguém merece! **TJ**

Tom/Vinicius/Toquinho/Miúcha | Gravado Ao Vivo No Canecão (1977)

Selo | Som Livre
Produção | Aloysio de Oliveira
Projeto gráfico | Pedro Santos
Nacionalidade | Brasil
Duração | 48:32

O Canecão, no Rio de Janeiro, é, nas palavras do compositor brasileiro Ronaldo Bôscoli, o lugar onde "foram escritos os mais importantes capítulos da história da música popular brasileira". O espetáculo, em cartaz durante mais de sete meses, culminou num disco histórico.

Tom Jobim fez seus primeiros arranjos musicais para a Continental. Em 1954, gravou "Teresa Da Praia" e iniciou um caminho de sucesso como pianista, compositor e cantor. Em 1956, musicou a peça *Orfeu Da Conceição,* com Vinicius de Moraes. O resultado foi uma longa e frutífera parceria.

Vinicius de Moraes foi um dos grandes poetas da música popular brasileira (MPB). Com Jobim, determinou parte da história da MPB. A eles se juntou o violonista João Gilberto e o trio deu início ao que viria a ser chamado de bossa nova, ouvida pela primeira vez em *Canção Do Amor Demais*, de 1958, no samba "Chega De Saudade".

Toquinho, em 1969, juntou-se a Chico Buarque na Itália e gravou um disco com músicas de Vinicius de Moraes, cantadas em italiano. Daí surgiu a parceria com o poeta, que resultaria em 120 canções e mais de 25 discos.

Miúcha, em Paris, começou a cantar ao lado de Violeta Parra e conheceu João Gilberto, com quem casou, em 1975. Trabalhou com Getz num disco que viria a ser um dos responsáveis pela influência da bossa nova em outros gêneros. Em 1977, Tom, Vinicius, Toquinho e Miúcha se reuniram e multiplicaram a fórmula de genialidade da música brasileira por quatro; depois, continuaram seus caminhos, mais enriquecidos e enriquecedores. **MBe**

Kraftwerk Trans-Europe Express (1977)

Selo | Kling Klang / EMI
Produção | Ralf Hütter • Florian Schneider
Projeto gráfico | Ralf Hütter • Florian Schneider
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 42:44

Um fascinante retrato de elegância e decadência, viagem e tecnologia, *Trans-Europe Express* é a celebração atualizada do passado romântico da Europa e de seu futuro incerto. A maravilhosa visão panorâmica de "Europe Endless" define o disco, enquanto o senso de humor negro do Kraftwerk, nem sempre reconhecido, surge em "Showroom Dummies", uma resposta oblíqua aos que criticavam sua imagem de uma banda sem emoção. Há ainda uma rara incursão ao macabro na comédia lúgubre de "Hall Of Mirrors".

Nesse período, Bowie fazia parte do exército de fãs famosos do Kraftwerk e homenageou o grupo no clássico álbum *Heroes*, de sua fase em Berlim. Hütter e Schneider retribuíram o favor citando Bowie e Iggy Pop na faixa-título de *Trans-Europe Express,* uma locomotiva com um ritmo incansável, impulsionada por pistons, que imita o som de um trem correndo pelos trilhos numa intensidade quase trance.

O sexto álbum do Kraftwerk, com sua utilização inovadora de uma então primitiva tecnologia de seqüenciador, ajudou a moldar o espaço musical que preencheu o vácuo depois do punk rock, atraindo para a música eletrônica toda uma nova geração de consumidores. "Metal On Metal", com seu som de metais se chocando, e a faixa irmã "Trans-Europe Express" foram uma influência-chave para o hip hop e para a música eletrônica e industrial. O DJ Afrika Bambaataa sampleou essas batidas e as melodias com os movimentos eletrônicos e da dance music para fazer "Planet Rock", um hit do hip hop, de 1982. Mais uma vez o som do Kraftwerk estava muito além de seu tempo. **SD**

Billy Joel | The Stranger (1977)

Selo | Columbia Records
Produção | Phil Ramone
Projeto gráfico | Jim Houghton
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:02

The Stranger foi o terceiro álbum de Billy Joel, que, aos 28 anos, tinha começado há pouco tempo a viver de sua música. Ele havia passado a adolescência em Nova York, tocando piano em bares para complementar a renda da mãe, solteira. Embora tivesse merecido a atenção da crítica com *Streetlife Serenade*, de 1974, Joel chegou ao primeiro lugar das paradas com *The Stranger*, que permaneceu como o disco mais vendido da Columbia até 1985. O álbum alavancou a maior turnê feita pelo artista – 54 shows nos Estados Unidos e Europa, no outono de 1977.

O disco, de nove faixas, rendeu quatro singles: "Just The Way You Are", que garantiu a Joel dois Grammy em 1979; "Movin' Out (Anthony's Song)", com a mensagem de rebeldia adolescente e barulho de carros; a suave "She's Always A Woman"; e a contagiante "Only The Good Die Young". As letras são poéticas e inteligentes e o álbum traz um encanto juvenil. O talento de Joel para contar histórias é particularmente comovente na maravilhosa "Scenes From An Italian Restaurant".

Musicalmente variado, o trabalho de composição de Joel ganha carga dramática com o calmo piano na introdução da faixa-título, que explode em rock lá pela metade, incorporando uma descarga de guitarras elétricas e concluindo com um mágico assobio. A gravação dessa faixa reuniu 24 pessoas, que tocaram partes diversas da música. O álbum possui um tom geral acolhedor, embora seja um pouco sombrio na execução. O maior exemplo disso está na capa em preto-e-branco, que mostra Joel descalço, de terno e gravata, sentado numa cama e contemplando uma máscara de teatro, tendo, ao fundo, um par de luvas de boxe penduradas na parede. **CSt**

"As pessoas tendem a me definir de acordo com meus sucessos e podem não conhecer os elementos substantivos de minha composição."

Billy Joel, c.1987

Lista de músicas

▶	01	**Movin' Out (Anthony's Song)** (Joel)	3:30
▶	02	**The Stranger** (Joel)	5:10
	03	**Just The Way You Are** (Joel)	4:50
▶	04	**Scenes From An Italian Restaurant** (Joel)	7:37
	05	**Vienna** (Joel)	3:34
▶	06	**Only The Good Die Young** (Joel)	3:55
	07	**She's Always A Woman** (Joel)	3:21
	08	**Get It Right The First Time** (Joel)	3:57
	09	**Everybody Has A Dream** (Joel)	9:08

Bob Marley And The Wailers | Exodus (1977)

Selo | Island
Produção | Bob Marley And The Wailers
Projeto gráfico | Neville Garrick
Nacionalidade | Jamaica
Duração | 37:24

Bob Marley era um homem de muitas facetas – um visionário do Terceiro Mundo e um pop star do Primeiro Mundo, um profeta da revolução nacional e um mensageiro da paz mundial, um místico rastafári e um amante lascivo. *Exodus*, lançado em 1977, foi o disco que melhor captou essas diversas identidades.

Exodus (e *Kaya*, lançado no ano seguinte) foi gravado em Londres, durante os meses tranqüilos que se seguiram a uma tentativa de assassinato de Marley em sua casa, em Kingston. O álbum traz uma incursão por diferentes movimentos musicais contemporâneos, como o funk, o dub e o rock, principalmente no lado A, de conteúdo marcadamente político. O som vai aumentando de volume no poderoso ritmo religioso de "Natural Mystic" até chegar ao trompete épico que sublinha o verso "listen carefully" ("ouçam com atenção"). O que vem depois é ainda mais valioso: "The Heathen" – um grito de batalha hipnótico com riffs de guitarra psicodélica – e a contagiante faixa-título, um apelo de volta à pátria, que marcha numa potente batida dub/disco.

O lado B, ao contrário, é uma deliciosa celebração do amor, trazendo o hit "Jamming", uma ode à dança maravilhosamente bem elaborada. Há a sublime "Waiting In Vain", uma balada suave sobre o amor não correspondido, e "One Love" e "Three Little Birds", duas músicas simples mas irreprimíveis, que compuseram a receita do hino reggae da alegria – o baixo embalado pela maconha, os acordes à sombra das palmeiras e um refrão otimista – que os músicos de todo o mundo vêm tentando, em vão, superar.

O álbum ficou em oitavo lugar nas paradas britânicas e os singles "Exodus" e "Waiting In Vain" ficaram entre os Top 40 das paradas americanas de R&B. Em 1999, a revista *Time* classificou *Exodus* como o disco do século. **MW**

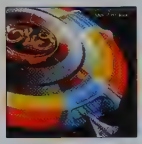
"O rastafári não acredita, ele sabe. Quando você acredita, acaba arrasado."

Bob Marley, 1973

Lista de músicas

▶	01	**Natural Mystic** (Marley)	3:28
	02	**So Much Things To Say** (Marley)	3:08
	03	**Guiltiness** (Marley)	3:19
▶	04	**The Heathen** (Marley)	2:32
▶	05	**Exodus** (Marley)	7:39
	06	**Jamming** (Marley)	3:31
▶	07	**Waiting In Vain** (Marley)	4:15
	08	**Turn Your Lights Down Low** (Marley)	3:39
▶	09	**Three Little Birds** (Marley)	2:60
▶	10	**One Love/People Get Ready** (Marley)	2:53

Electric Light Orchestra
Out Of The Blue (1977)



Selo | Jet
Produção | Jeff Lynne
Projeto gráfico | John Kosh • Ria Lewerke
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 70:12

Jeff Lynne era um homem com ambições sérias. Isso ficou claro desde o começo, quando ele e dois outros ex-integrantes do grupo de pop psicodélico The Move anunciaram que iriam partir de onde os Beatles haviam parado com "I'm The Walrus". Mas, mesmo para os padrões de Lynne, *Out Of The Blue* era um projeto corajosamente ambicioso – um álbum duplo da extensão da galáxia, misturando art rock espacial, pop no estilo dos Beatles e arranjos orquestrais aveludados.

Apesar do tamanho, *...Blue* não contém muita gordura. O álbum começa com um trio de canções que se alinham entre as melhores da ELO – as vertiginosas "Turn To Stone" e "Sweet Talkin' Woman" e "It's Over", uma música produzida de forma meticulosa, que dá mostras do trabalho que Lynne desenvolveria, mais tarde, com George Harrison. O disco se inspira tanto em Berry como em Beethoven ao trazer rocks como "Birmingham Blues" e a sinfônica "Concerto For A Rainy Day", que ocupa todo um lado, e chega ao clímax com "Mr. Blue Sky". O fecho glorioso é "Wild West Hero", com seu refrão no estilo McCartney.

Lançado no auge da onda disco, *Out Of The Blue* foi considerado por alguns como um peixe futurista fora d'água (a capa, uma espécie de nave espacial, era, na verdade, uma ampliação, desenvolvida pelo ilustrador Shusei Nagaoka, da logomarca em forma de disco voador do LP anterior da banda, *New World Record*). No entanto, o álbum foi um sucesso absoluto, ganhou o disco de platina e colocou a banda na estrada numa das turnês mais ambiciosas dos anos 70. **JiH**

Weather Report
Heavy Weather (1977)

Selo | Columbia
Produção | Jaco Pastorius • Joe Zawinul
Projeto gráfico | Nancy Donald
Nacionalidade | Áustria • Peru • EUA
Duração | 37:39

Se alguém fizer uma lista dos instrumentistas fundamentais para o movimento jazz-rock fusion dos anos 70, os primeiros nomes serão os de Joe Zawinul e Wayne Shorter, do Weather Report, John McLaughlin em *Mahavishnu Orchestra,* Chick Corea em *Return To Forever,* Herbie Hancock e, claro, as bandas elétricas de Miles Davis, nas quais todos esses caras tocaram. Mas, se for para listar os sucessos comerciais que chegaram ao topo das paradas, vai se estar falando do Weather Report e deste álbum – um recorde na história do jazz, que chegou ao 30.º lugar na parada pop da Billboard, ganhou o disco de ouro (500 mil cópias vendidas) e originou um hit em single, "Birdland", que estourou novamente nas versões do Manhattan Transfer (1979) e de Quincy Jones (1990). *Heavy Weather* não foi apenas um best-seller, mas também ganhou o aplauso entusiasmado da crítica e foi considerado o disco de jazz do ano por praticamente todas as revistas importantes, até pela *Playboy.*

O impacto dos números e dos elogios pode acabar encobrindo o verdadeiro valor do álbum, uma série de composições devastadoras, executadas de forma brilhante e formando a obra definidora do gênero – e com uma produção que era um verdadeiro ato de amor. Com a nova formação do grupo, Shorter e Zawinul trocaram a música aérea, esparsa e pouco incisiva dos álbuns anteriores por uma linha marcadamente mais funk. O estilo inovador do virtuose do baixo Jaco Pastorius não apenas ocupou o centro do palco de *Heavy Weather* como criou o modelo de como tocar fretless bass. Alex Acuña e Manolo Badrena (bateria e percussão) impulsionam a banda com um tom fluido afro-cubano, culminando com "Palladium", a homenagem de Shorter ao lendário bar latino da Manhattan dos anos 50. **MR**

Muddy Waters
Hard Again (1977)

Selo | Blue Sky
Produção | Johnny Winter
Projeto gráfico | Josh Cheuse
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:23

É irônico que o guitarrista responsável por tornar o blues elétrico não tenha arranhado uma nota sequer em sua Fender Telecaster vermelha, apelidada "Hoss", neste que é, talvez, seu melhor disco.

Aos 71 anos, Waters, depois de encerrar uma carreira de 28 anos na Chess Records – uma parceria que, nos primeiros tempos, teve como resultado singles que redefiniram o blues, como "Rollin' Stone", mas que também gerou boa parte do trabalho medíocre de Muddy nos anos 70 –, entrou no estúdio com a missão de provar que ainda estava em forma. E conseguiu, ao criar uma música tão crua, poderosa e passional que parece tocada na mítica "encruzilhada" do blues, com o diabo em pessoa e Robert Johnson, do outro lado da rua, ouvindo e balançando a cabeça, admirados.

Bob Margolin, integrante da banda que acompanhava Waters nas turnês, e o produtor Johnny Winter temperam "I Want To Be Loved" e "Jealous Hearted Man" com guitarras poderosas, que quase reproduzem o mestre em seu auge. Nas sentimentais "Crosseyed Cat" e "Little Girl", James Cotton faz um maravilhoso acompanhamento na harmônica, o melhor que Waters teve desde, talvez, os tempos de Little Walter. No entanto, é a voz de Waters, que não soava tão intensa há, no mínimo, uma década, que consegue injetar vida nova em velhos clássicos como "Mannish Boy" e "I Can't Be Satisfied".

Hard Again recebeu críticas positivas unânimes e valeu a Waters seu quarto Grammy – e, o mais importante, mostrou que ninguém fazia blues como Muddy Waters. **JiH**

The Stranglers
Rattus Norvegicus (1977)

Selo | United Artists
Produção | Martin Rushent
Projeto gráfico | Paul Henry
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:47

Os Stranglers se mantiveram num mundo à parte. Para começar, usavam teclados. Também já haviam passado muito da adolescência – no caso do baterista Jet Black, há muito tempo mesmo. Essas características serviram para alimentar ainda mais a raiva evidente que transparece em seu primeiro álbum, concebido originalmente como ao vivo e com o nome de *Dead On Arrival*. Não era a deles fazer abstrações atrevidas contra "o sistema": os Stranglers tinham muita experiência para compartilhar.

Rattus Norvegicus, seguindo as características do punk, foi gravado em apenas seis dias. Embora agressiva, a performance da banda é bem executada, resultando num álbum no qual "praticamente todas as faixas são pequenas obras-primas", como atestou a *NME*.

A revista tinha, porém, algumas ressalvas: considerou as letras "grosseiras e machistas". A banda foi constantemente acusada de misoginia, uma imagem que "Sometimes" e "London Lady" não ajudaram a suavizar. Apenas ironia ou o grupo era realmente culpado das acusações? Os Stranglers se defenderam, dizendo que estavam apenas dando uma opinião.

Musicalmente, a banda chega a seu grande momento no meio do álbum. Depois dos vocais escabrosos de Hugh Cornwell em "Hanging Around", J. J. Burnel usa sua habilidade no caratê para causar impacto na brutal linha de baixo de "Peaches". O disco ganha força total em "(Get A) Grip (On Yourself)", que convoca: "Strap on your guitar and we'll play some rock 'n' roll" ("Pendure a guitarra e vamos tocar rock 'n' roll").

Sim, o álbum é polêmico, mas o que se poderia esperar de um disco que ganhou o nome do roedor responsável por espalhar a peste negra? **CB**

The Clash | The Clash (1977)

Selo | Columbia
Produção | Mickey Foote
Projeto gráfico | Kate Simon
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:13

Posto, muitas vezes – sem merecer –, em segundo plano em relação aos Sex Pistols, o Clash fugiu do padrão autodestrutivo do punk e optou por músicas com um aguçado conteúdo político, slogans atraentes e roupas de vanguarda.

A capa em verde, preto e branco traz Joe Strummer, Mick Jones e Paul Simonon, numa foto tirada durante os ensaios em Londres, e combina com a música sem enfeites das 14 faixas deste seu primeiro álbum, gravado em três fins de semana, em 1977. O estilo gritado de cantar de Strummer, quase incoerente, se encaixa à perfeição nas guitarras intermitentes de faixas como "I'm So Bored With The USA".

O trabalho do Clash foi várias vezes tachado de panfletário, mas a letra de "Career Opportunities" retrata, de forma brilhante, as perspectivas da juventude: o trabalho humilhante ou o seguro-desemprego. Uma das maiores qualidades da banda era sua capacidade de absorver outros gêneros musicais. A versão de "Police And Thieves", de Junior Murvin e Lee Perry, mostra o baixo de Simonon sobreposto às guitarras, ao mesmo tempo que a bateria de Terry Chimes (também conhecido como Tory Crimes, num trocadilho com o partido conservador inglês) pontua a música num ritmo rápido. Esse arranjo causa impacto e reaparece em outros momentos do álbum.

O Clash estava no meio de um caldeirão multicultural. Cercada pelas influências do reggae, do ska e do rock tradicional, a banda tinha uma leitura política e musical muito mais ampla do que a visão míope dos grupos punk da época.

O estilo incendiário do Clash e seu gosto pela ação podem ser ouvidos hoje em grupos como os Libertines, que tiveram seu segundo álbum produzido por Mick Jones. O mundo dá voltas...

AMa

"O Clash sempre foi sincero."

Joe Strummer, 1988

Lista de músicas

▶	01	**Janie Jones** (Jones•Strummer)	2:08
	02	**Remote Control** (Jones•Strummer)	3:03
	03	**I'm So Bored With The USA** (Jones•Strummer)	2:24
▶	04	**White Riot** (Jones•Strummer)	1:56
	05	**Hate And War** (Jones•Strummer)	2:06
▶	06	**What's My Name** (Jones•Levine•Strummer)	1:41
	07	**Deny** (Jones•Strummer)	3:06
▶	08	**London's Burning** (Jones•Strummer)	2:12
▶	09	**Career Opportunities** (Jones•Strummer)	1:54
	10	**Cheat** (Jones•Strummer)	2:06
	11	**Protex Blues** (Jones•Strummer)	1:46
▶	12	**Police And Thieves** (Murvin•Perry)	6:03
	13	**48 Hours** (Jones•Strummer)	1:36
	14	**Garageland** (Jones•Strummer)	3:12

David Bowie
Low (1977)

Selo | RCA
Produção | David Bowie • Tony Visconti
Projeto gráfico | Steve Shapiro
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:50

Low, o primeiro disco da lendária "trilogia de Berlim" de David Bowie, tinha um clima conturbado, que refletia o caótico estado mental de seu criador na época. As coisas chegaram a um ponto crítico quando Thomas Newton, o alienígena abandonado que Bowie havia interpretado no filme *O Homem Que Caiu Na Terra*, se misturou com o sórdido personagem "Thin White Duke", encarnado por ele, e o astro começou a despejar bobagens sobre os nazistas. Num esforço para se reconectar à realidade, Bowie foi morar com o velho amigo Iggy Pop em Berlim – então a capital européia das drogas.

No entanto, boa parte de *Low* foi concebida nos estúdios do Château d'Hérouville, na França, onde Bowie e o produtor Tony Visconti convenceram os músicos da banda, todos da boa escola do R&B, a reproduzir a perfeição teutônica do Neu!, Cluster e Kraftwerk. O resultado foi um lado inteiro de pop experimental clássico – em especial a maravilhosa "What In The World", "Sound And Vision" e "A New Career In A New Town".

Se os fãs ficaram confusos com essa guinada, radical mesmo para os padrões de Bowie, só Deus sabe como encararam o segundo lado do disco: quatro obras ambient, em parceria com Brian Eno. Essas peças experimentais – uma tradução instrumental, quase sempre brilhante, da desamparada visão de mundo de Bowie – deram o tom melancólico da era pós-punk, perceptível, em especial, no trabalho do Joy Division, conhecido originalmente como Warsaw, por conta da arrepiante faixa "Warszawa". O próprio Bowie, atualmente, considera *Low* o ponto alto de sua carreira, opinião compartilhada pelos fãs que se deleitaram com a recriação ao vivo do álbum em uma apresentação única no Royal Festival Hall, de Londres, em 2002. **MBe**

Steely Dan
Aja (1977)

Selo | ABC
Produção | Gary Katz
Projeto gráfico | Oz Studios
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:28

Em 1977, o Steely Dan era, mais do que uma banda, uma festa móvel liderada pelos fundadores Donald Fagen e Walter Becker – e que festa!

Aja tem pouco a ver com o pastiche bem-humorado de *Pretzel's Logic* ou com o cinismo de *The Royal Scam*. Ao contrário, Fagen e Becker elaboraram uma obra refinada, com influências de jazz, que vendeu mais de cinco milhões de cópias.

"Black Cow" dá o tom – cosmopolita e estranha, a faixa conta a história de um amante traído que, finalmente, perde a paciência. O solo de Victor Feldman em sua Fender Rhodes é uma demonstração de destreza, enquanto os metais sincopados e elegantes levam o bop até o fim numa classe impecável.

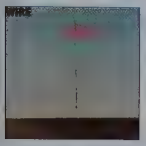
A faixa-título é uma proposta diferente – um poema musical sobre a mística do Oriente, que mergulha num devaneio filosófico, "Aja" é o centro de gravidade do álbum. A canção constrói um mundo delicado, com tintas de ópio, para o destruir no final com a bateria arrasadora de Steve Gadd e o sax tenor mortal de Wayne Shorter.

Talvez essa inclinação esotérica tenha feito a *Rolling Stone* dizer que o disco "revela um isolamento do público cuidadosamente manipulado". Isso é verdade, em parte, mas não em "Deacon Blue", seu canto do cisne para um velho boêmio de Los Angeles, uma música suave mas com um humor amargo.

Há ainda duas músicas dançantes – a funky e irresistível "Peg" (mais tarde sampleada por De La Soul em "Eye Know") e o boogie "Josie".

Aja teve uma produção irrepreensível e a participação de 30 dos melhores músicos de estúdio da época. É um verdadeiro marco do jazz rock. **JDi**

Wire
Pink Flag (1977)



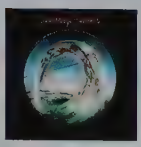
Selo | Harvest
Produção | Mike Thorne
Projeto gráfico | David Dragon
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:14

O Wire era descaradamente uma banda de classe média, mais velha que a maioria dos grupos da época e formada por ex-alunos de artes. No entanto, gravou o álbum mais original da primeira leva do punk. *Pink Flag* levou o punk rock para padrões ainda mais extremos. São 21 canções em 35 minutos. Poucas faixas seguem o modelo tradicional de versos/refrão e a banda reduz o ritmo até parar quando a letra acaba ou quando se cansa de repetir um riff ou uma linha melódica. O som final é mais frio e mais brutal do que qualquer outro da época, uma visão minimalista traduzida pela solitária bandeira cor-de-rosa na capa do álbum.

As letras, com pretensões intelectuais, se parecem, às vezes, com equações matemáticas; outras vezes, com poesia surrealista. Falam de política ("Reuters") e paranóisa sexual ("12XU"), enquanto o vocalista Colin Newman reserva a maior parte de sua bílis ácida para o discurso thrash de "Mr. Suit". A genial "Field Day For The Sundays" desconstrói o pensamento da imprensa britânica em menos de 30 segundos. Apesar das tendências vanguardistas da faixa-título e da intensidade claustrofóbica de "Strange", o Wire mostra seu talento para escrever um pop fantástico em "Mannequin" e em "Ex Lion Tamer".

A pífia vendagem de *Pink Flag* foi inversamente proporcional à sua influência artística. O cenário musical pós-punk abraçou seu minimalismo experimental e o hardcore adotou sua intensidade selvagem e sua brevidade. O Elastica se inspirou em "Three Girl Rhumba" para fazer "Connection", em 1994, confirmando o prestígio duradouro do Wire. **CSh**

John Martyn
One World (1977)



Selo | Island
Produção | Chris Blackwell
Projeto gráfico | Tony Wright
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:44

À medida que os anos 70 avançavam, John Martyn ia ficando cansado. As mortes dos amigos Nick Drake e Paul Kossoff o abalaram. Seu estilo infernal de vida, movido a doses cada vez maiores de álcool e drogas – diametralmente oposto ao trovador cósmico de voz doce incorporado no álbum –, combinado com a descrença geral na indústria da música, pressionou Martyn até o limite. A convite do fundador da Island, Chris Blackwell, ele passou algum tempo na Jamaica, onde conheceu o lendário produtor Lee Perry e gravou vários improvisos de reggae.

Revitalizado, depois de um período sabático de três anos, Martyn gravou o disco ao longo do verão de 1977. *One World* foi feito à noite, no refúgio de Blackwell em Berkshire, em meio a amigos e familiares. O engenheiro de som Phill Brown colocou microfones fora da casa e gravou Marty cantando do outro lado de um lago, captando o ruído ambiente. Com o apoio de músicos experientes como Steve Winwood e Rico Rodriguez, Martyn esculpiu um som etéreo e inacreditável, especialmente em "Small Hours", uma meditação de oito minutos sobre a vida e o amor. O espírito de Perry permeia *One Word* e o lado dub de seu Black Ark Studio influi em boa parte das gravações, em particular em faixas como "Smiling Stranger" e "Big Muff".

O álbum foi lançado no auge do movimento punk na Inglaterra e a capa traz os símbolos de diferentes culturas envolvidos no rastro de uma sereia. *One World* é uma obra de arte quase perfeita, um álbum inteligente feito por um hippie inteligente. **DE**

Talking Heads | Talking Heads: 77 (1977)

Selo | Sire
Produção | Tony Bongiovi
Projeto gráfico | David Byrne
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 38:37

Os Talking Heads foram formados em Nova York, com o nome de The Artistics, pelo escocês David Byrne e por Chris Frantz e Tina Weymouth. A fama obtida nas apresentações ao vivo o tornou um dos grupos mais elogiados nos palcos do clube nova-iorquino CBGB. Contratados por Seymour Stein para seu selo, Sire, eles recrutaram o guitarrista Jerry Harrison, ex-Modern Lovers, e começaram a trabalhar em seu clássico álbum de estréia, com a colaboração do produtor Tony Bongiovi, primo de Jon Bon Jovi.

O single "Love Goes To Building On Fire", lançado um pouco antes do álbum, levantou suspeitas de que a banda estaria comprometendo sua música para ganhar aceitação comercial. *Talking Heads: 77* mostrou que sua integridade permanecia intacta. A virulenta faixa de abertura, "Uh-Oh, Love Comes To Town", inspirada na paixão de Byrne pelos grupos dos anos 60, colocava sua característica voz tensa contra os convulsivos ritmos funk de Frantz e Weymouth. Inicialmente, Bongiovi acrescentou cordas psicodélicas ao monólogo de "Psycho Killer", mas a banda se queixou de que tinha ficado parecido com um disco de Natal. No entanto, faixas como "New Feeling" e "Don't Worry About The Government", com o seu trabalho diferenciado de guitarra, súbitas mudanças de tempo e as estrofes líricas, inteligentes e desconexas de Byrne, mostravam que os Talking Heads tinham se alimentado do punk, funk e disco para criar um som próprio convincente.

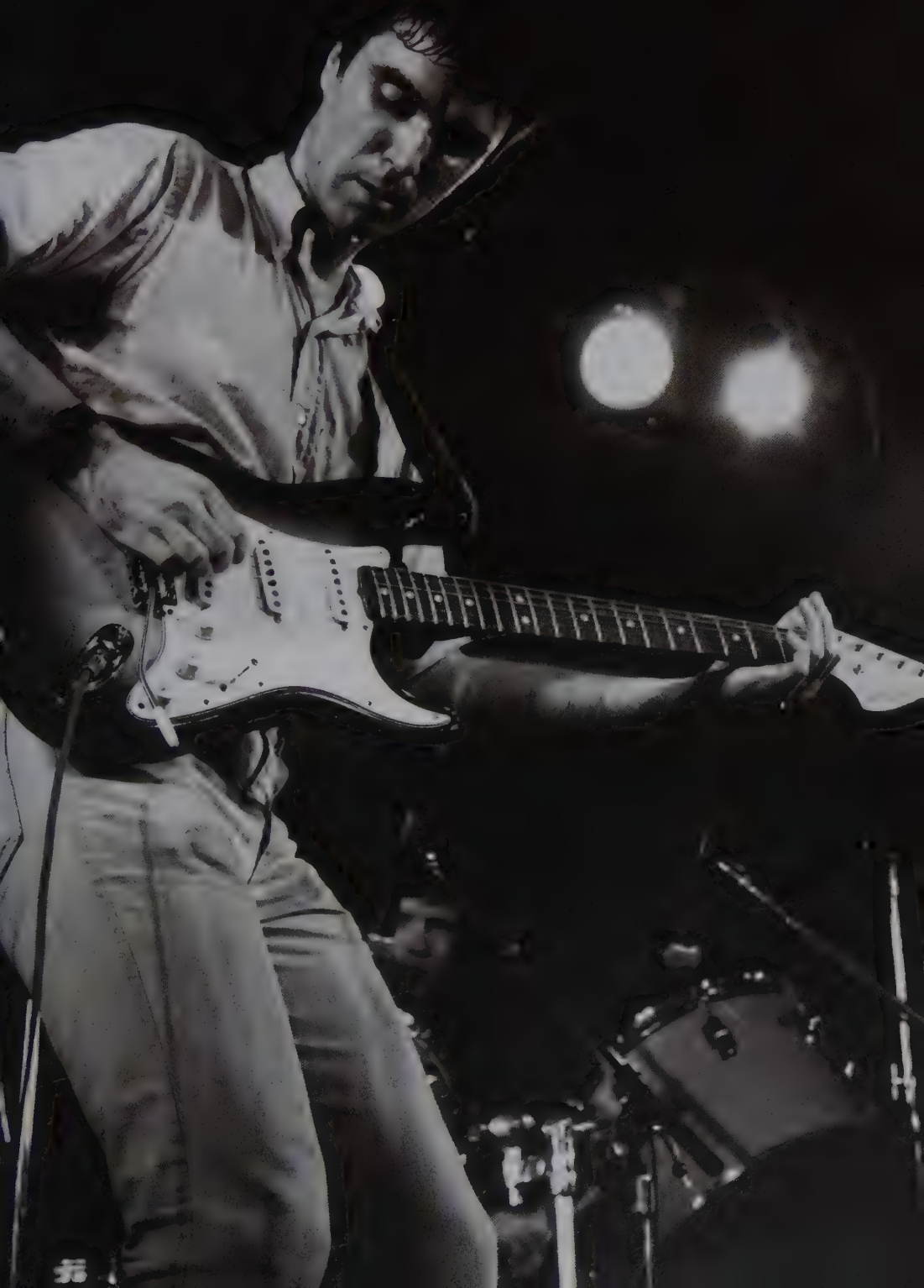
Talking Heads: 77 entrou para os Top 40 da Europa. A *Rolling Stone* elegeu o grupo, ao lado de Peter Gabriel, como a revelação de 1977, e este álbum excelente continua influenciando bandas como o Radio 4 e The Rapture, que mantiveram vivo muito do espírito criativo inicial dos Talking Heads. **CSh**

"A gente queria fazer uma boa música no formato de canção."

David Byrne, 1977

Lista de músicas

▶	01	**Uh-Oh, Love Comes To Town** (Byrne)	2:48
▶	02	**New Feeling** (Byrne)	3:09
	03	**Tentative Decisions** (Byrne)	3:04
	04	**Happy Day** (Byrne)	3:55
	05	**Who Is It?** (Byrne)	1:41
▶	06	**No Compassion** (Byrne)	4:47
	07	**The Book I Read** (Byrne)	4:06
▶	08	**Don't Worry About The Government** (Byrne)	3:00
	09	**First Week/Last Week ... Carefree** (Byrne)	3:19
▶	10	**Psycho Killer** (Byrne • Frantz • Harrison • Weymouth)	4:19
	11	**Pulled Up** (Byrne)	4:29



Fleetwood Mac | Rumours (1977)

Selo | Warner Bros.
Produção | Ken Caillat • Richard Dashut • Fleetwood Mac
Projeto gráfico | Desmond Strobel
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 39:55

A ressurreição, tal qual um Lázaro, e a transformação de uma banda de blues de Londres no campeão mundial do Adult Oriented Rock (AOR) de Los Angeles é uma das grandes histórias do rock.

O baterista Mike Fleetwood e o baixista John McVie começaram juntos, em 1967, e, a partir de 1970, passaram a contar com a mulher de McVie, Christine (nascida Perfect), nos teclados. Depois, a banda enfrentou importantes mudanças de formação. Em 1974, eles conheceram o cantor, compositor e guitarrista Lindsey Buckingham e sua namorada, a vocalista e compositora Stevie Nicks. A entrada de sangue novo resultou no álbum homônimo de 1975, que rapidamente galgou as paradas americanas e emplacou três singles nos Top 20 dos Estados Unidos. O disco seguinte, *Rumours*, foi quase imediatamente para o primeiro lugar das paradas dos EUA, onde reinou supremo durante 31 semanas, ganhou 13 vezes o disco de platina e recebeu o Grammy de 1977 como o Álbum do Ano. As harmonias arejadas da Costa Oeste, a musicalidade bem ajustada e as linhas melódicas repetitivas típicas do AOR formaram uma combinação maravilhosa. As quatro faixas destacadas no quadro ao lado entraram para os 10 Mais nas paradas americanas de singles, enquanto "Dreams" chegou ao primeiro lugar e vendeu um milhão de cópias. Durante anos, "The Chain" foi o tema da cobertura de Fórmula 1 da BBC.

Por baixo da superfície aveludada dessas pérolas, porém, há um subtexto mais sombrio. As gravações aconteceram enquanto o casal McVie e Fleetwood viviam processos dolorosos de divórcio. Buckingham e Nicks também estavam se separando (a gélida "Gold Dust Woman" foi regravada por Hole). E o excesso de cocaína elevou ainda mais a tensão. Todo esse trauma coletivo deu origem ao título do disco – John McVie observou, certa vez, que as músicas soavam como boatos ou rumores. **JT**

"Acho que é possível sentir o cheiro das pessoas através das canções (...)."

Mick Fleetwood, 2003

Lista de músicas

	01	**Second Hand News** (Buckingham)	2:45
▶	02	**Dreams** (Nicks)	4:17
	03	**Never Going Back Again** (Buckingham)	2:14
▶	04	**Don't Stop** (C. McVie)	3:12
▶	05	**Go Your Own Way** (Buckingham)	3:39
	06	**Songbird** (C. McVie)	3:21
	07	**The Chain** (Buckingham • Fleetwood • C. McVie J. McVie • Nicks)	4:30
▶	08	**You Make Loving Fun** (C. McVie)	3:36
	09	**I Don't Want To Know** (Nicks)	3:16
	10	**Oh Daddy** (C. McVie)	3:53
	11	**Gold Dust Woman** (Nicks)	4:52

David Bowie | "Heroes" (1977)

Selo | RCA
Produção | David Bowie • Tony Visconti
Projeto gráfico | Sukita
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:21

Em *"Heroes"* – a segunda parte da "trilogia de Berlim" –, seguindo a trilha descoberta em *Low*, David Bowie continuou sua gradual reintegração à humanidade. Renovado por um período libertador como tecladista na turnê *Idiot*, de Iggy Pop, Bowie tinha ido morar com ele em Berlim Ocidental. Livre, pelo menos em parte, das drogas, a dupla fez uma imersão na degradada vida noturna da cidade, evitando, de forma milagrosa, voltar aos velhos hábitos.

"Heroes" confere à trilogia um esplendor decadente, com sua capa dramática e artística em preto-e-branco e com seus títulos de músicas sombrios, claramente inspirados no novo lar. Se *Low* mapeava a paisagem interna da psique caótica de Bowie, *"Heroes"*, como *The Idiot* (1977), de Iggy, é todo sobre Berlim, dos freqüentadores dos clubes de "Blackout" ao deprimente bairro dos imigrantes turcos de "Neuköln".

O álbum conta com vários músicos que tocaram em *Low* (o produtor Tony Visconti, o colaborador Brian Eno, o guitarrista Carlos Alomar e seção rítmica de George Davis e Dennis Davis) e foi gravado no verão de 1977 nos estúdios Hansa, um antigo salão de bailes da Gestapo perto do Muro de Berlim. Eno, Visconti e Bowie depuraram a poderosa atmosfera do local enquanto olhavam a Guarda Vermelha no Checkpoint Charlie.

Como *Low*, *"Heroes"* mistura canções pop vanguardistas com música ambient instrumental. A influência de Eno se faz presente na faixa-título, uma canção de ritmo pesado, no estilo do Velvet, suavizada pela guitarra leve e inspirada de Fripp. "Heroes" ganhou novo contexto ao ser apresentada no Live Aid, em 1985, e seu atual status de preferida das grandes multidões não corresponde à complexidade do álbum ao qual deu nome. **MBe**

"O álbum percorre toda a gama de emoções, do desespero profundo ao tom para cima de 'V-2 Schneider'."

David Bowie, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Beauty And The Beast** (Bowie)	3:34
	02	**Joe The Lion** (Bowie)	3:06
▶	03	**"Heroes"** (Bowie • Eno)	6:08
▶	04	**Sons Of The Silent Age** (Bowie)	3:17
	05	**Blackout** (Bowie)	3:48
▶	06	**V-2 Schneider** (Bowie)	3:10
▶	07	**Sense Of Doubt** (Bowie)	3:57
▶	08	**Moss Garden** (Bowie • Eno)	5:05
▶	09	**Neuköln** (Bowie • Eno)	4:32
	10	**The Secret Life Of Arabia** (Alomar • Bowie • Eno)	3:44

Dennis Wilson
Pacific Ocean Blue (1977)

Selo | Caribou
Produção | Gregg Jakobson
Projeto gráfico | John Berg
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:39

Dennis Wilson foi baterista dos Beach Boys, mulherengo, ator, discípulo de Charles Manson e o primeiro do grupo a morrer (afogado, depois de se embebedar com vodca). Também foi o único dos Beach Boys a lançar um álbum solo digno de nota.

Gravado ao longo de sete anos, *Pacific Ocean Blue* dá uma noção do que era Los Angeles nos anos 70, quando ser uma estrela do rock movida a cocaína significava viver como um deus. O álbum recebeu boas críticas e, se não foi um grande sucesso – não há muitas músicas adequadas para rádio em *Pacific Ocean Blue* –, ganhou desde sempre a admiração do público. Com vocais gravados em vários canais, ondas de sintetizador, melodias dolorosas, a tendência ao desespero e um clima de gente chapada em final de noite, o disco sobreviveu bem melhor do que qualquer álbum dos Beach Boys depois de *Surf's Up*.

Os temas de piano e as vozes maciças da faixa de abertura, "River Song", criam um tom épico, quase gospel. "Moonshine" se desenvolve a partir de um ritmo pesado de percussão e oferece um blues californiano do tipo branco-e-rico. "Thoughts Of You" é uma mostra do melhor da linha reflexiva de Dennis; "Time" traz uma linda linha triste de trompete, que lembra Chet Baker, antes de se transformar num rock. A faixa-título é uma ótima canção sobre a natureza, cantada por Dennis sem muitos matizes, enquanto "Farewell My Friend" é uma elegia de adeus. Wilson era viciado em cocaína e álcool, o que explica um certo torpor ao longo de *Pacific Ocean Blue*, como se ele tivesse que escavar as profundidades de sua mente caótica para conseguir mostrar o verdadeiro Dennis.

Feliz com a reação positiva ao disco, ele planejava gravar em seguida um álbum que se chamaria *Bamboo*, mas seu estilo de vida selvagem não permitiu que o trabalho chegasse a ser terminado. **GC**

Suicide
Suicide (1977)

Selo | Red Star
Produção | Craig Leon • Marty Thau
Projeto gráfico | Rob Soares
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:51

A faixa "23 Minutes Over Brussels", incluída como bônus no relançamento em CD deste clássico álbum de estréia do Suicide, dá uma indicação de como foi a reação do público a essa dupla contestadora, em seu melhor momento. Gravada em 16 de junho de 1978, quando o Suicide estava acompanhando Elvis Costello no show no L'Ancienne Belgique, a faixa traz uma multidão em fúria bombardeando a dupla com cadeiras e garrafas.

O Suicide se caracterizava pela bateria eletrônica primitiva, o órgão distorcido e mutante de Martin Rev e o vocal blues de Alan Vega. Os dois já estavam na estrada há seis anos quando lançaram seu primeiro álbum, no auge do movimento punk. Com suas raízes no universo artístico de Nova York, o nome provocativo, a atitude niilista e a ausência de acessórios típicos do rock 'n' roll, como um baterista e um guitarrista, eles geralmente despertavam uma reação violenta na platéia confusa.

Suicide, embalado numa capa coberta de riscos de sangue, soava como um pesadelo na terra dos mortos. As inovações técnicas e musicais do álbum o fazem parecer quase atual. "Cheree", lançado como single, é uma doce obra eletrônica; o maníaco bate-estaca eletrônico de "Ghost Rider" influenciou marcadamente bandas como o Soft Cell e os Sisters of Mercy. O monólogo psicológico de "Frankie Teardrop" é intenso e desconcertante e traz o grito mais horripilante já gravado em vinil. O álbum fecha com os violoncelos mecânicos e os vocais fantasmagóricos de "Che".

A angustiada visão do Suicide sobre os Estados Unidos dos anos 70 foi elogiada por artistas tão diversos como Spiritualized, Nick Cave e Bruce Springsteen. **CSh**

Iggy Pop
The Idiot (1977)

Selo | RCA
Produção | David Bowie
Projeto gráfico | Andrew Kent
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:36

Nos oito anos que se seguiram à explosão popular do primeiro álbum dos Stooges, Iggy Pop atingiu o estrelato e viveu a decadência como nenhum outro de sua geração. Depois de um período auto-imposto de reabilitação numa clínica psiquiátrica, o ídolo de Detroit ansiava por uma segunda chance, mas as gravadoras estavam temerosas – o que era compreensível – em dar uma oportunidade para um dos artistas mais instáveis do rock. Foi aí que apareceu a fada-madrinha, David Bowie.

Bowie, que tinha tocado com Iggy Pop em *Raw Power*, de 1974, juntou uma banda e o levou para Berlim, onde o Thin White Duke estava garimpando um rico veio de inspiração. No lugar do abandono selvagem da guitarra rascante e da seção rítmica dos Stooges, a dupla desenvolveu um som mais cerebral e suave. Os teclados e o baixo eram dominantes, o que levou Iggy a batizar o som de "James Brown encontra o Kraftwerk".

As letras funcionaram como a redenção de Pop. Seja na ode mordaz a seus excessos anteriores de sexo e drogas em "Funtime", seja nas repugnantes reminiscências sobre seus ex-colegas de banda em "Dum Dum Boys", com sua introdução falada ("How about Dave?/OD-ed on alcohol.../How about James? He's going straight"), é possível perceber que *The Idiot* vai um passo além do miasma mental de Iggy.

Mas, se os gritos angustiados e o barítono sinistro dão a idéia de um homem mergulhado em dor, o álbum reserva também espaço para brincadeiras. Pop imita Bowie em "China Girl" (que se tornou, depois, um hit de Bowie) e canta o hino da brigada anti-Studio 54, "Nightclubbing". Se a reabilitação à base de música fizesse sempre tanto sucesso, as clínicas ficariam às moscas. **Sjac**

Peter Gabriel
Peter Gabriel (I) (1977)

Selo | Atco
Produção | Bob Ezrin
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:14

Dois anos depois de deixar o Genesis, em 1975, Peter Gabriel lançou sua carreira solo com este eclético repertório de nove canções. Livre das tensões e restrições que haviam inibido seu desenvolvimento criativo, ele deu vazão a uma avalanche de idéias represadas e arranjos extravagantes.

"Moribund The Burgermeister" exagera na dose desde o início. Tambores selvagens e trinados de sintetizadores são apenas os primeiros ingredientes da misturada teatral de rock progressivo. Gabriel apresenta uma variedade de estilos vocais, que inclui um rugido estrondoso quando encarna o terrível Burgermeister. A música é estranha, mas atraente.

A faixa seguinte é "Solsbury Hill", o primeiro hit de Gabriel e uma das melhores e mais duradouras canções de sua carreira. Ancorada por uma melodia repetitiva no violão, a música traz um sentimento tangível de esperança e possiblidades infinitas. A letra fala da saída libertadora do Genesis, quando Gabriel canta "I was feeling part of the scenery/I walked right out of the machinery" ("Eu me sentia parte do cenário/eu saí de dentro da engrenagem").

Não surpreende que toda essa diversidade resulte em exercícios de gêneros menos interessantes, como a cançoneta de bar "Excuse Me", no estilo de Randy Newman, ou o longo blues de "Waiting For The Big One". Mas o álbum tem um fecho forte em "Here Comes The Flood", um hino bombástico que Gabriel, mais tarde, refez como uma introspectiva balada ao piano. De um jeito ou de outro, é uma canção poderosa.

Este álbum foi apenas o começo do lendário sucesso de Peter Gabriel como artista solo – mas o disco já trazia todos os sinais de que ele faria coisas maravilhosas. **RM**

Television | Marquee Moon (1977)

Selo | Elektra
Produção | Andy Johns • Tom Verlaine
Projeto gráfico | Robert Mapplethorpe
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:48

Dentre as principais bandas do mundo punk criado no clube nova-iorquino CBGB's, o Television foi a que teve menos sucesso comercial. No entanto, seu melhor momento, o álbum *Marquee Moon*, foi tão bom, ou melhor, quanto os trabalhos seminais de alguns de seus contemporâneos, como *Horses*, de Patti Smith (os dois traziam uma fotografia de Mapplethorpe na capa) e o disco de estréia dos Talking Heads.

Depois de bater na porta de várias gravadoras, o Television assinou contrato com a Elektra, em 1976. A banda estava sem seu baixista original, Richard Hell, que havia deixado o grupo para formar os Heartbreakers, com Johnny Thunders. O baixista Fred Smith era um substituto à altura, mas sua maior contribuição foi apresentar Tom Verlaine a Andy Johns (irmão de Glyn Johns), que tinha experiência suficiente para não arremedar o indefinido som jazz-punk desenvolvido no CBGB's.

O resultado foi um inigualável disco à base de guitarras. Dando as costas para o som blueseiro que dominava a guitarra desde o rock dos anos 60, o Television criou um trabalho que, a seu jeito, é tão radical quanto o melhor do Led Zeppelin. O álbum começa com a agitada "See No Evil", na qual Verlaine e Richard levam suas guitarras ardentes a uma celebração crescente da poluição urbana e da cultura das ruas. A faixa-título, de 11 minutos, pode levar alguém a comparar o grupo com as bandas hippies, mas não há flower power – só power – em "Prove It" e "Guiding Light".

Marquee Moon teve uma recepção indiferente por parte do público, mas foi aclamado pelos críticos, incluindo Nick Kent, da *NME*, que, entusiasmado, escreveu que "as canções estão entre as melhores de todos os tempos". **JiH**

"Não tenho consciência de me inspirar em alguma coisa. A única coisa de que me lembro quando escrevo uma música é de falar com alguém."

Tom Verlaine, 1981

Lista de músicas

▶	01	**See No Evil** (Verlaine)	3:53
▶	02	**Venus** (Verlaine)	3:51
	03	**Friction** (Verlaine)	4:44
▶	04	**Marquee Moon** (Verlaine)	10:40
	05	**Elevation** (Verlaine)	5:07
	06	**Guiding Light** (Verlaine)	5:35
▶	07	**Prove It** (Verlaine)	5:02
	08	**Torn Curtain** (Verlaine)	6:56

Meat Loaf | Bat Out Of Hell (1977)

Selo | Epic
Produção | Todd Rundgren
Projeto gráfico | Richard Corben
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:33

A união do Meat Loaf (seu nome verdadeiro era Marvin Lee Aday), um ator extraordinário do Texas de voz operística, com seu amigo Jim Steinman, um compositor surrealista de Nova York, e o produtor Todd Rundgren teve como resultado um álbum que, apesar de nunca ter chegado aos primeiros lugares das paradas britânicas, lá ficou, com idas e vindas, durante quase 10 anos. Com músicos de apoio como Roy Bittan e Max Weinberg, da E Street Band de Bruce Springsteen, mais integrantes do grupo Utopia, de Rundgren, *Bat Out Of Hell* incluía os três singles de sucesso destacados no quadro ao lado, que, como boa parte do álbum, eram bem do jeito da Epic (o quarto selo envolvido no projeto), por suas proporções bem épicas.

Vários videoclipes fantásticos promoveram o disco e "Paradise By The Dashboard Light", uma história de luxúria dentro de um carro, incluía a narração dos fatos feita por Phil Rizzuto como se estivesse transmitindo um jogo de beisebol. As canções foram escritas por Steinman para seu musical *Neverland*, uma versão em rock futurista de *Peter Pan*, na qual Meat Loaf iria fazer o papel da Sininho (ele nunca negou, apenas disse que o personagem se chamaria Sino).

Para alguns, as verdadeiras estrelas dessa extravagância brilhante eram as músicas, um trabalho da mente perturbada, mas extremamente imaginativa, de Jim Steinman. Mais tarde, ele escreveu grandes sucessos para Bonnie Tyler ("Total Eclipse Of The Heart"), Barry Manilow ("Read'Em And Weep") e Celine Dion ("It's All Coming Back To Me Now"), entre outros. Mas essas faixas nunca inspiraram a paixão despertada por esta maravilhosa excentricidade musical. **JT**

"Hard rock frenético, tocado a uma velocidade estonteante pelo ex-vocalista da banda de Ted Nugent, Meat Loaf (a primeira estrela do rock de 120 kg desde Leslie West)."

John Swenson, 1979

Lista de músicas

▶	01	**Bat Out Of Hell** (Steinman)	9:51
▶	02	**You Took The Words Right Out Of My Mouth (Hot Summer Night)** (Steinman)	5:04
	03	**Heaven Can Wait** (Steinman)	4:41
	04	**All Revved Up With No Place To Go** (Steinman)	4:20
▶	05	**Two Out Of Three Ain't Bad** (Steinman)	5:25
	06	**Paradise By The Dashboard Light** (Steinman)	8:28
	07	**For Crying Out Loud** (Steinman)	8:44

Elvis Costello | My Aim Is True (1977)

Selo | Stiff
Produção | Nick Lowe
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 32:57

My Aim Is True, lançado antes de Costello formar os Attractions, foi gravado em seis sessões de quatro horas, num estúdio demo com oito canais, em Londres, que, hoje, ele compara a uma cabine telefônica. A qualidade das composições garantiu que este seu primeiro álbum tenha permanecido um clássico.

"Red Shoes", na qual o futuro Doobie Brother John McFee traça linhas de guitarra no estilo dos Byrds, era uma escolha óbvia para ser lançada em single. Depois dela, o álbum traz "Less Than Zero", inspirada no líder fascista inglês Oswald Mosley, e antes a alegre (e atípica) balada "Alison", da qual o título do disco foi tirado. Mas foi com "Watching The Detectives" que ele chegou às paradas de singles, no final de 1977. Gravada com os integrantes do The Rumour, essa faixa foi incluída apenas nos relançamentos do álbum.

A emoção predominante em *My Aim Is True* era a insatisfação, expressa abertamente em "Blame It On Cain" e "Mistery Dance", enquanto "No Dancing" igualava a dança ao sexo. O produtor Nick Lowe, ex-vocalista do Brinsley Schwarz, que Costello havia seguido pelo país, acrescentou apenas um pouco dos truques de estúdio para tornar o álbum propriamente um disco e não uma série de demos. Mas não havia dúvidas de que canções como "Mystery Dance", com sua vibração do tipo Jerry Lee Lewis, iriam chegar a uma nova dimensão quando tocadas ao vivo pelos Attractions.

Poucas músicas de Costello, à exceção de "Alison", foram gravadas por outros artistas, e este álbum, que chegou ao 14.º lugar na parada britânica e mantém até hoje sua peculiaridade, mostra o porquê. Uma combinação instigante de punk com músicas elaboradas, o disco continua único, mesmo para os padrões de Elvis. **MH**

"Eu apenas sou o rock 'n' roll."

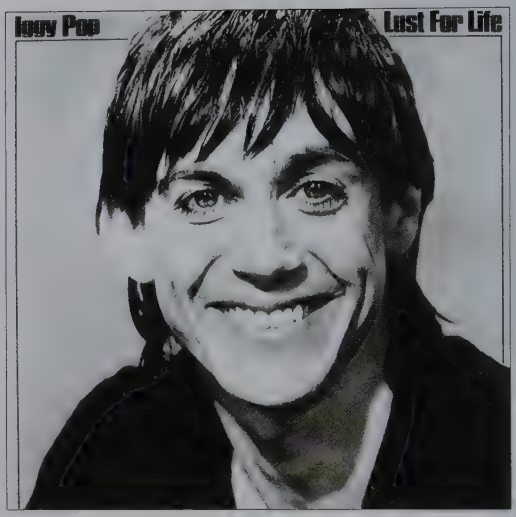
Elvis Costello, 2004

Lista de músicas

	01	**Welcome To The Working Week** (Costello)	1 23
	02	**Miracle Man** (Costello)	3 33
	03	**No Dancing** (Costello)	2 43
	04	**Blame It On Cain** (Costello)	2 53
▶	05	**Alison** (Costello)	3 25
	06	**Sneaky Feelings** (Costello)	2 12
▶	07	**(The Angels Wanna Wear My) Red Shoes** (Costello)	2 49
▶	08	**Less Than Zero** (Costello)	3 18
▶	09	**Mystery Dance** (Costello)	1 37
	10	**Pay It Back** (Costello)	2 36
	11	**I'm Not Angry** (Costello)	3 02
	12	**Waiting For The End Of The World** (Costello)	3 26

Iggy Pop | Lust For Life (1977)

Selo | RCA
Produção | Bewley Brothers
Projeto gráfico | Andrew Kent • Mirage
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:00



O ano de 1977 foi o annus mirabilis de Iggy Pop. Ele retomou a carreira, depois de enfrentar problemas mentais e profissionais amplamente divulgados, para fazer dois álbuns que qualquer artista ficaria feliz em gravar. E também viu o movimento punk – do qual sempre foi saudado como padrinho – se realizar.

Como *The Idiot*, *Lust For Life* foi gravado nos estúdios Hansa, em Berlim, perto do Muro. Mas, se o primeiro álbum era mais contemplativo e influenciado pelo produtor David Bowie, *Lust...* representava um retorno ao som mais vigoroso dos Stooges (embora Bowie toque piano e participe dos vocais neste disco). Ou seja, se o primeiro disco era o som de regresso à música, *Lust For Life* apresentava muito mais autoconfiança.

A partir da efervescente introdução de bateria da faixa-título, as músicas são levadas pela seção rítmica formada pelos irmãos Sales, Hunt (bateria) e Tony (baixo) – mais tarde, essa dupla reapareceu no Tin Machine, o grupo com o qual Bowie apunhalou o hard rock sofisticado, no final dos anos 80, sobre o qual é melhor não comentar. A banda cobre, sem interrupções, uma gama de gêneros musicais, do stomp ao rock com tintas de blues.

As letras de *Lust For Life* são uma revelação. Pop impressiona ao falar da experiência turbulenta por que havia passado em "The Passenger", um passeio por uma metrópole cheia de farras e bebedeiras que, se não era mais um retrato do presente, apresentava uma perfeita lembrança do passado. Ele é ainda mais cáustico em "Success", uma ironia com seu status recém-adquirido.

Enquanto uma geração de jovens punks venerava seu trabalho anterior, Pop atingia um outro estágio da carreira. **SJac**

"Quando fiz *Lust For Life*, pensava que realmente os Estados Unidos fossem dançar ao som deste álbum filho-da-puta."

Iggy Pop, 1999

Lista de músicas

▶	01	**Lust for Life** (Bowie • Pop)	5:13
	02	**Sixteen** (Pop)	2:26
	03	**Some Weird Sin** (Bowie • Pop)	3:42
▶	04	**The Passenger** (Gardiner • Pop)	4:44
	05	**Tonight** (Bowie • Pop)	3:39
▶	06	**Success** (Bowie • Pop)	4:25
	07	**Turn Blue** (Bowie • Lacey • Peace • Pop)	6:56
	08	**Neighborhood Threat** (Bowie • Gardiner • Pop)	3:25
	09	**Fall In Love With Me** (Bowie • Pop • Sales • Sales)	6:30

Ian Dury | New Boots And Panties!! (1977)

Selo | Stiff
Produção | Peter Jenner • Laurie Latham • Rick Walton
Projeto gráfico | Chris Gabrin
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:30

Na Inglaterra, a primeira onda do punk foi um tempo inebriante de maravilhas de um único acorde e ídolos de dois minutos. Era uma época de grandes singles, mas nem sempre de grandes álbuns. As exceções foram o primeiro do The Clash, *My Aim Is True*, de Elvis Costello, e este disco.

New Boots And Panties!! era diferente de tudo que se havia feito antes e depois: um trabalho selvagem, cru, expressivo, lascivo, engraçado, cruel e grosseiro – não tanto punk, mas talvez uma distorção da tradição do music hall britânico. Dury era genial com as palavras, rimando gírias *cockney* ou mesmo inventadas: "I had a love affair with Nina in the back of my Cortina/A seasoned up hyena could not have been more obscener/She took me to the cleaners and other misdemeanors/ But I got right up between her rum and her Ribena» ("Billericay Dickie"). A maioria dos relançamentos do álbum inclui a marca registrada de Dury, "Sex And Drugs And Rock And Roll".

Aos 35 anos, Dury se encaixava perfeitamente no universo punk. Não aceitava desaforos e tinha passado por uma infância difícil. Aos sete anos, teve poliomielite e ficou inválido – e não teve muitas escolhas. Até o fim da vida, depois de saber que tinha câncer, ele dedicou boa parte de seu tempo a obras de caridade.

A foto da capa foi tirada do lado de fora da loja de roupas Axfords, em Victoria, Londres, há muito tempo fechada. Ao lado de Dury está seu filho Baxter, que cantou "My Old Man" no velório do pai, em 2000. A música havia sido escrita por Dury para seu próprio pai. O verso final, "All the best mate from your son", marcou um momento comovente em memória de um artista verdadeiramente único. **RF**

"Comprei muito uísque para conquistar a Sandy; tive de tomar oito doses para achá-la gostosa."

Ian Dury, "Billericay Dickie", 1977

Lista de músicas

▶	01	**Wake Up And Make Love With Me** (Dury • Jankel)	4:19
▶	02	**Sweet Gene Vincent** (Dury • Jankel)	3:31
	03	**I'm Partial To Your Abracadabra** (Dury • Jankel)	3:12
▶	04	**My Old Man** (Dury • Nugent)	3:34
▶	05	**Billericay Dickie** (Dury • Nugent)	4:08
▶	06	**Clevor Trever** (Dury • Jankel)	4:54
	07	**If I Was With A Woman** (Dury • Jankel)	3:20
▶	08	**Blockheads** (Dury • Jankel)	3:27
	09	**Plaistow Patricia** (Dury • Nugent)	4:03
	10	**Blackmail Man** (Dury • Nugent)	2:02

Sex Pistols | Never Mind The Bollocks Here's The Sex Pistols (1977)

Selo | Virgin
Produção | Bill Price • Chris Thomas
Projeto gráfico | Jamie Reid
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:35

Numa década de convulsão social, a vetusta fachada da Inglaterra dos anos 70 estava ruindo sob os altos índices de desemprego e apatia. O país inteiro parecia estar de ressaca e o otimismo dos anos 60 era apenas uma lembrança distante. Nesse momento surgiu este álbum, um chute entre as pernas tão literal quanto seu título.

Quando os Pistols começaram a se apresentar em shows, perigava a fama do grupo ser maior do que a da música. Essa sensação se tornou mais intensa com a luminosa capa de Jamie Reid. Por conta da logomarca simbólica e da expressão obscena estampada, muitas lojas se recusaram a vender o disco e o caso chegou a ser levado à Justiça (acabou anulado depois que Richard Branson chamou um professor de lingüística para testemunhar sobre as origens não-obscenas da palavra). A forma quase eclipsou o conteúdo, mas os passos de marcha que iniciam "Holidays In The Sun" foram um aviso maldoso de que, por trás do projeto gráfico, havia um álbum que estava prestes a alterar a percepção de música, moda e atitude de toda uma geração.

O disco traz a ferocidade de "Bodies", que levanta o tema do aborto, e o riff simples, mas eficiente e devastador, de Steve Jones em "Pretty Vacant", que deu esperanças a todos os guitarristas inúteis do mundo.

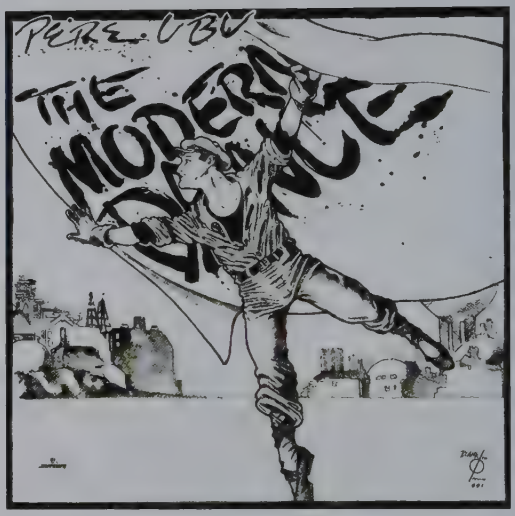
"Anarchy In The UK" é o grito mais famoso do álbum, mas "God Save The Queen" se equivale como epicentro da raiva. Johnny Rotten torce e esculpe cada nota no formato de uma flecha de injúrias diretamente apontada contra a realeza. Poucos momentos na música popular são comparáveis ao berro gutural de Rotten: "No future for you." Os anos de infelicidade da juventude inglesa estão encapsulados no álbum desde então. **AMa**

Lista de músicas

01	**Holidays In The Sun** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		3:20
▶ 02	**Bodies** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		3:02
03	**No Feelings** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		2:49
04	**Liar** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		2:40
▶ 05	**God Save The Queen** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		3:18
▶ 06	**Problems** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		4:10
07	**Seventeen** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		2:02
▶ 08	**Anarchy In The UK** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		3:31
09	**Submission** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		4:12
▶ 10	**Pretty Vacant** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		3:16
11	**New York** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		3:05
▶ 12	**EMI** (Cook • Jones • Rotten • Vicious)		3:10

Pere Ubu | The Modern Dance (1978)

Selo | Blank
Produção | Ken Hamann • Pere Ubu
Projeto gráfico | S.W.Taylor
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:36



Para quem acha *Trout Mask Replica* difícil de acompanhar, é melhor pular este álbum. O primeiro disco do Pere Ubu, *The Modern Dance,* mostra a face assustadora do rock absoluto – parece totalmente engajado no gênero e, ao mesmo tempo, completamente fora de sua lógica.

De início, um tipo de banda punk – embora, talvez, a relação com o movimento tenha cessado depois da morte do guitarrista Peter Laughner –, o Ubu, nascido em Cleveland, Ohio, esticou os limites do rock para além de qualquer ponto de ruptura, numa configuração única de riffs de rock, musique concrète e estruturas de composição imprevisíveis. Acima de tudo, vinham os inspirados sintetizadores analógicos do tecladista Allen Ravenstine e os vocais incansáveis de David Thomas.

Alguém já sugeriu que a banda era para o new wave americano o mesmo que o Joy Division era para a música britânica – surgida da raiva e da frustração, mas muito mais complexa emocionalmente. "Non-Alignment Pact" e "Life Stinks" mostram um humor extravagante e pode-se duvidar que Ian Curtis tenha planejado dar essa característica à música.

O álbum, lançado pela Blank Records, um braço da Mercury, em 1978, trazia uma formidável fúria de sons que confundiu, mas maravilhou o público. E ainda impressiona. A dinâmica impressionante das faixas mais convencionais como "Street Waves" e "Laughing" influenciou, desde então, o rock alternativo. Os teclados de Ravenstine são excepcionais. O mais surpreendente, porém, é como o Ubu entrelaça com sucesso toques expressionistas e vanguardistas, sem deixar o mainstream, no qual Thomas insiste em colocar a banda. Em vez de um solo de guitarra, "The Modern Dance" traz um som que parece um passeio num shopping center – um excelente passeio num shopping center. **MBe**

Lista de músicas

▶	01	**Non-Alignment Pact** (Herman • Kraus Maimone • Ravenstine • Thomas)	3:19
▶	02	**The Modern Dance** (Herman • Kraus Maimone • Ravenstine • Thomas)	3:30
▶	03	**Laughing** (Herman • Kraus Maimone • Ravenstine • Thomas)	4:37
	04	**Street Waves** (Herman • Kraus Maimone • Ravenstine • Thomas)	3:06
▶	05	**Chinese Radiation** (Herman • Kraus Maimone • Ravenstine • Thomas)	3:29
▶	06	**Life Stinks** (Laughner)	1:53
	07	**Real World** (Herman • Kraus Maimone • Ravenstine • Thomas)	4:01
	08	**Over My Head** (Herman • Kraus Maimone • Ravenstine • Thomas)	3:49
▶	09	**Sentimental Journey** (Herman • Kraus Maimone • Ravenstine • Thomas)	6:08
	10	**Humor Me** (Herman • Kraus Maimone • Ravenstine • Thomas)	2:44

Kraftwerk | The Man-Machine (1978)

Selo | EMI
Produção | Ralf Hütter • Florian Schneider
Projeto gráfico | Ralf Hütter • Florian Schneider
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 36:14

O criativo projeto artístico do Kraftwerk deu uma guinada conceitual em *The Man-Machine*. A capa simbólica fazia referência ao modernista russo El Lissitzky e as músicas falavam de um mundo cada vez mais autômato de alienação urbana, de engenharia da era espacial e de fama sem glamour.

Essa visão futurista da fusão da humanidade com a tecnologia está presente tanto na faixa-título como em "The Robots", outra piada em cima da imagem andróide da banda. Para o lançamento do álbum, o quarteto de Düsseldorf encomendou robôs iguaizinhos a seus integrantes, que passaram a ser acessórios permanentes dos shows. O uso de vozes sintéticas se tornaria uma característica do som sempre em evolução do Kraftwerk. Mas *The Man-Machine* também contém algumas das canções mais atemporais da banda. Acentuada pelos vocais melancólicos de Ralf Hütter, "Neon Lights" é uma música dolorosamente romântica, enquanto "The Model" é uma sátira à indústria da beleza, tão à frente de seu tempo que chegou ao primeiro lugar das paradas inglesas três anos após o lançamento do disco. Esse retrato profético da cultura da celebridade se tornou um cartão de visitas do Kraftwerk e inspirou gerações de artistas – dos pioneiros do techno-pop dos anos 80, como Human League, New Order, Pet Shop Boys e Depech Mode ao recente movimento "electroclash".

A grande conquista de *The Man-Machine* não é apenas a influência que exerceu, mas sua capacidade de síntese. Um exame minucioso das faixas revela variações de minutos nos temas percussivos repetitivos e há uma interação quase clássica entre as partes de sintetizador. Em seu sétimo álbum, o Kraftwerk provou que o poder da música eletrônica não estava em truques elaborados, mas na simplicidade zen do domínio científico. **SO**

"Para nós, posar é muito chato. Os robôs são muito melhores nisso – eles têm mais paciência."

Ralf Hütter, 1991

Lista de músicas

	01	**Robots** (Bartos•Hütter•Schneider)	6:12
	02	**Spacelab** (Bartos•Hütter)	5:55
▶	03	**Metropolis** (Bartos•Hutter•Schneider)	6:02
▶	04	**Model** (Bartos•Hütter•Schneider)	3:42
	05	**Neon Lights** (Bartos•Hutter•Schneider)	8:55
▶	06	**Man Machine** (Bartos•Hutter)	5:28

Blondie | Parallel Lines (1978)

Selo | Chrysalis
Produção | Mike Chapman
Projeto gráfico | Ramey Communications
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:03

Setembro de 1978: é assinado o acordo entre o Egito e Israel. A notícia mais importante: *Parallel Lines* é lançado! A provocante loura oxigenada Debbie Harry e seu quinteto, liderado pelo guitarrista e namorado Chris Stein, foram arremessados para o topo do universo pop com este terceiro disco, que chegou ao primeiro lugar das paradas britânicas, ficou em sexto lugar nos Estados Unidos e vendeu cerca de um milhão de cópias.

A capa – fotografada pelos irmãos Goddard, a partir de uma idéia do empresário Peter Leeds – imita a simplicidade dos anos 60. Harry não gostou, mas a sofisticação da imagem refletia o novo som da banda, que misturava suas raízes punk com o comercialismo glam de Mike Chapman. Harry disse que o produtor "nos dirigia enquanto tocávamos. Não estávamos preparados para a expertise dele".

O resultado foi a new wave por excelência. Harmonias contagiantes complementam o vocal de Harry, às vezes rouco, às vezes sexy. "Hanging On The Telephone", dos Nerves, traz dois minutos e 22 segundos de vitalidade eletrostática; "Fade Away (And Radiate)" – tomada pela guitarra psicodélica de Robert Fripp – cria um cenário onírico. Primeiro lugar nas paradas britânicas, "Sunday Girl" acrescenta uma camada de doçura cremosa e "Pretty Baby" é a cereja no topo.

O Blondie fazia sucesso na Europa pelo menos um ano antes de ganhar reconhecimento em casa, mas, com "Heart Of Glass", a banda finalmente tomou de assalto os Estados Unidos. Chapman transformou o estilo James Brown do grupo em música disco, para desgosto do baterista Clem Burke.

Gravado num verão sufocante de Nova York, *Parallel Lines* valeu cada gota de suor. A Billboard resumiu o disco como um "rock satírico e contagiante", que demonstrava "maturidade na execução, credibilidade e poder vocal". O álbum continua um clássico – muito imitado e raramente igualado. **TJ**

"(Os álbuns) eram como viagens. E acho que ainda estamos viajando."

Debbie Harry, 2003

Lista de músicas

▶	01	**Hanging On The Telephone** (Lee)	2:22
▶	02	**One Way Or Another** (Harrison • Harry)	3:35
▶	03	**Picture This** (Destri • Harry • Stein)	2:56
	04	**Fade Away (And Radiate)** (Stein)	4:02
	05	**Pretty Baby** (Harry • Stein)	3:18
	06	**I Know But I Don't Know** (Infante)	3:56
	07	**11:59** (Destri)	3:20
	08	**Will Anything Happen?** (Lee)	3:00
▶	09	**Sunday Girl** (Stein)	3:05
▶	10	**Heart Of Glass** (Harry • Stein)	5:50
	11	**I'm Gonna Love You Too** (Mauldin • Petty • Sullivan)	2:06
	12	**Just Go Away** (Harry)	3:33

Elis Regina
Vento De Maio (1978)

Selo | EMI Hemisphere
Produção | Não consta
Projeto gráfico | Bill Smith
Nacionalidade | Brasil
Duração | 48:15

O Brasil parece produzir um suprimento inesgotável de cantoras extremamente talentosas, mas nenhuma conseguiu sair de baixo da grande sombra lançada por Elis Regina, que causou impacto muito além da América do Sul.

Uma estrela aos 20 anos, quando ganhou um importante festival de música, Elis oferecia uma alternativa de extroversão emocional ao estilo frio e minimalista que passou a predominar a partir da bossa nova (embora um de seus melhores trabalhos seja o álbum em dupla com Tom Jobim). Através de seu programa de televisão, criado para apresentar novos talentos musicais, e de seu ouvido exímio em encontrar maravilhosos compositores jovens, Elis colocou duas gerações de artistas sob os holofotes. Quando morreu, prematuramente, em 1982, de overdose de drogas, ela estava envolvida em diversos projetos novos, como um disco com Milton Nascimento.

Vento De Maio traz Elis no auge de seu talento, cantando cada linha com a máxima precisão e habilidade rítmica. Sua voz é ágil e clara e ela canta com controle absoluto de tons e gradações. Entre os vários destaques do álbum podem ser apontados sua cativante versão, emocionalmente crua, de "O Trem Azul", e seu melancólico dueto com Milton Nascimento em "O Que Foi Feito De Vera". Elis mostra seu lado brincalhão em "Calcanhar De Aquiles". Ainda assim, os fãs do trabalho anterior, mais leve, da cantora podem se perturbar com a intensidade emocional deste álbum. Há também alguns arranjos que não sobreviveram ao tempo tão bem quanto a voz apaixonada de Elis. **AG**

Pere Ubu
Dub Housing (1978)

Selo | Chrysalis
Produção | Ken Hamann • Pere Ubu
Projeto gráfico | John Thompson
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:17

Ao definir seu próprio estilo hard rock proto-punk, o Pere Ubu encontrou uma mina de ouro, que poderia ter explorado por mais alguns anos. Em vez disso, de forma brilhante, a banda criou um som totalmente novo, que, apesar de característico do Ubu, colocava o grupo quilômetros à frente de qualquer outro de seu tempo. Com sua capa sombria em duas cores (um edifício residencial subindo muito acima de um velho prédio industrial – certamente uma referência ao nome do álbum, se fizesse sentido!) e os títulos das faixas inspirados em filmes, canções e slogans do passado, o álbum trazia uma música honesta e calorosa, ao mesmo tempo assustadora e excitante.

O disco foi feito sem grandes gastos, rapidamente e com muita espontaneidade. O guitarrista Tom Herman contou que o grupo "tinha começado a perceber que não devia ser comercial", mas que, no entanto, esperava chegar o tempo em que a música "não fosse mais um produto" e pudesse voltar a ser a expressão musical e emocional do artista. "A gente se lembrava da excitação da época de mudanças, de Neil Sedaka, Fabian, etc., dos Beatles, Moby Grape, Hendrix, etc."

Cada integrante tem uma participação especial no álbum, mas os vocais incomuns e diferenciados de David Thomas é que ficam na cabeça da maioria das pessoas. Em *Dub Housing*, as reflexões excêntricas de Thomas finalmente ganham asas: o contagiante refrão "Hey, hey, boozy sailors", de "Caligari's Mirror", "Ubu Dance Party" e as mudanças súbitas de ritmo de "Navy". Foi o maior passo da banda e deu muito certo. **DN**

The Only Ones
The Only Ones (1978)

Selo | Columbia
Produção | Robert Ash
Projeto gráfico | Nicolas Marchant
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 33:49

A explosão do punk londrino no final dos anos 70 deu o empurrão necessário para que o poeta de rua Peter Perrett tirasse suas músicas pop problemáticas do gueto dos pubs e as realinhasse dentro dos padrões do novo e crescente movimento.

Os Sex Pistols, o The Clash e, em particular, os Buzzcocks foram as fontes inspiradoras da banda, mas, enquanto esses grupos estripavam o establishment do rock, o The Only Ones, sem grandes preocupações, arrancava pedaços do coração. A tendência de Perrett de despejar torrentes de letras trêmulas, depuradas pela finesse do punk sofisticado da banda, distinguia o grupo, numa época em que a maioria das bandas coçava a cabeça para encontrar o quarto acorde.

Perrett preferia o romance imperfeito ao niilismo inflamado e temperou este álbum de estréia, de 1978, com músicas de beleza paranóica. "Breaking Down" é desagradável, mas, ao mesmo tempo, delicada e bela. A agitada "Language Problem" lembra a ironia literária de Ray Davies, dos Kinks. O ponto alto do disco é "Another Girl, Another Planet", com seu brihante prelúdio, um clássico de amor não correspondido, comparável ao melhor da obra de Pete Shelley.

É uma pena que o The Only Ones não conseguiu superar as tensões internas da banda. O grupo fez apenas três álbuns e se separou, de maneira caótica, em 1981. Perrett passou as duas décadas seguintes no anonimato, mergulhado na dependência de heroína, e foi perdendo aos poucos seu maravilhoso talento como compositor. O legado da banda, porém, permanece – o R.E.M. foi um dos grupos que regravaram "Another Girl, Another Planet", e Perrett ressurgiu, em 2004, para tocar esse sucesso com os Libertines, uma das bandas que se inspiraram no The Only Ones. **JJ**

Elvis Costello
This Year's Model (1978)

Selo | Radar
Produção | Nick Lowe
Projeto gráfico | Barney Bubbles
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:20

Quando se trata dos assuntos do coração, a música pop adora os extremos. Canções sobre as maravilhas do amor e o desespero da rejeição existem em todo lugar, mas as gradações de cinza entre o amor e o sexo não são tão populares. Para começar, não rendem bons refrões.

A menos que se esteja falando do autoproclamado "monstro de olhos esbugalhados do Planeta da Culpa e da Vingança" – nesse caso, a feiúra do coração, todo o ódio e maldade, a crueldade e a traição fazem parte do jogo. Dessa forma, em 1978, Elvis Costello e sua nova banda, The Attractions, chegaram ao estúdio Eden, em Londres, para remexer nas feridas das relações fracassadas.

Cercado por um redemoinho de órgãos e pela pulsante seção rítmica da nova banda, Costello, em *This Year's Model*, chega ao auge de seu sarcasmo. No stacatto gélido de "(I Don't Want To Go To) Chelsea", Costello investe contra aqueles que posam de bonzinhos; na agitada "The Beat", ele luta contra a culpa por um encontro sem sentido num clube noturno.

A raivosa "Lipstick Vogue" é hipnótica, por conta da atlética bateria de Pete Thomas, que balança a música como se fosse uma maraca de vodu; o passo bêbado de "Pump It Up" reflete a agitação frenética e desesperada de uma noite de "insônia provocada", como define, num eufemismo.

This Year's Model é um álbum impiedoso, sem concessões, e não tem lugar para discursos vazios. O disco vai direta e profundamente na veia. Vingança e culpa são temas que poderiam assustar outros compositores, mas, entre a raiva e a revolta, Costello encontrou sua verdade. **PS**

The Jam | All Mod Cons (1978)

Selo | Polydor
Produção | Vic Coppersmith-Heaven
Projeto gráfico | The Jam • Bill Smith
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:28

O The Jam assinou contrato com a gravadora em fevereiro de 1977 e, 12 meses depois, estava acabado. Seu segundo LP, *The Modem World*, havia sido um desastre e todos ligados à banda tinham certeza de que o dom de Paul Weller para compor havia evaporado. Quando o diretor de A&R soube que o grupo estava gravando outro disco, mandou jogar tudo fora. A banda obedeceu, mas o vazio que ficou e a pressão sob a qual estava forçaram Weller a tomar tino – com resultados surpreendentes.

O primeiro fruto foi um single, contendo "David Watts", dos Kinks, e uma nova canção, "'A' Bomb In Wardour Street". Em seguida, o The Jam lançou outro single, "Down In The Tube Station At Midnight". A transformação era completa: em vez de comentários violentos e opiniões políticas ingênuas, as músicas de Weller viraram minióperas, inspiradas em "A Quick One While He's Away", do The Who. Os temas eram a violência sem sentido num clube punk, ser assaltado na volta para casa: o compositor e o público estavam no centro da ação.

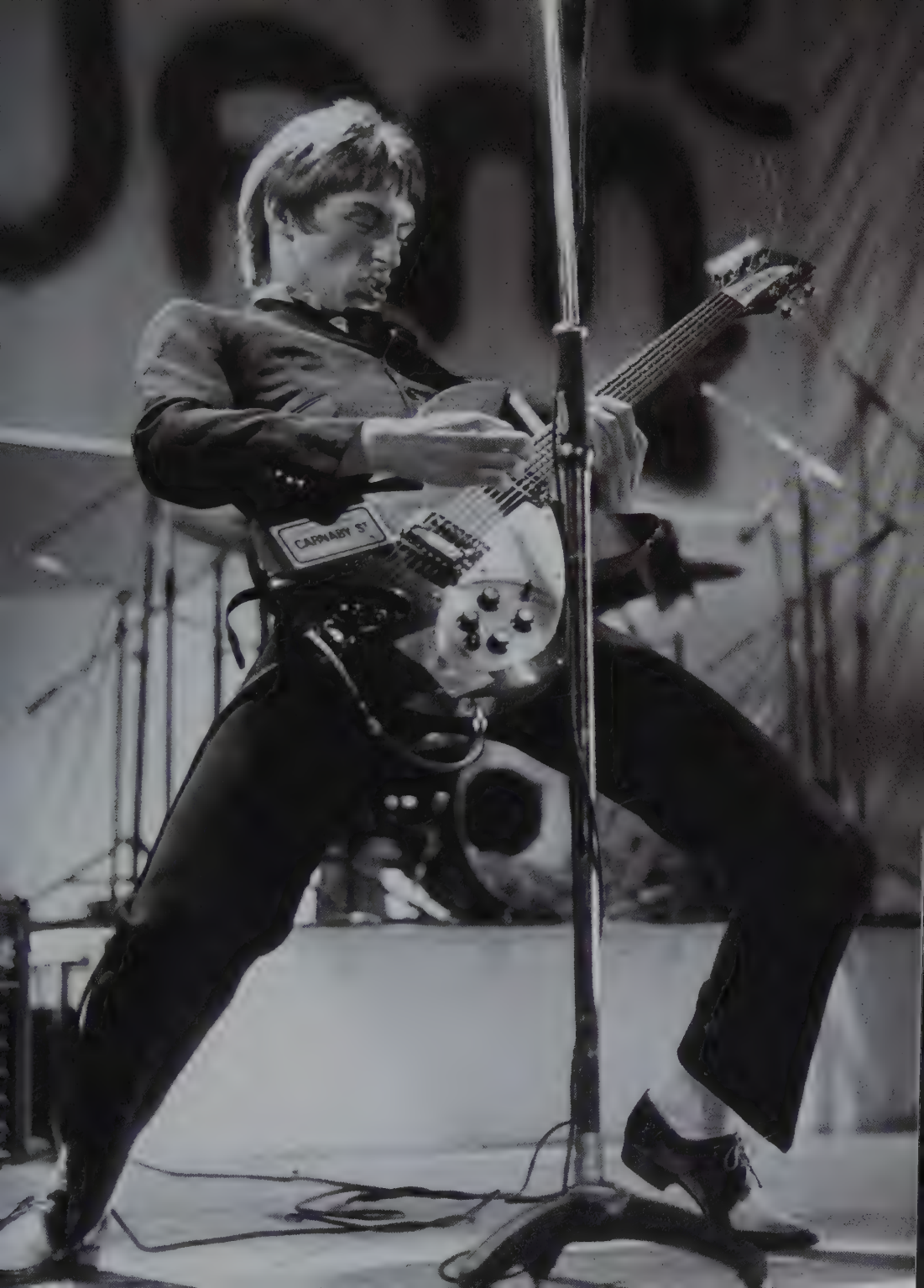
Quando o álbum foi lançado, a promessa se cumpriu. Tratava-se de 12 faixas de três minutos apresentadas com uma atitude modernista afiada e incisiva. Entre, faça, saia; sem descanso, sem enfeites, sem coisas bonitas. E sem ironia: Weller criou os personagens, deu a eles conteúdo e vida e, depois, apenas assistiu ao mundo moderno se livrar deles. A estrela pop em seu auge ("To Be Someone"); o parasita social suburbano ("Mr. Clean"); um sonhador no estilo Walter Mitty ("Billy Hunt"); um pobre imprestável afogado em consumismo ("In The Crowd"). Há até uma suave canção de amor, "English Rose", da qual Weller se envergonhava tanto que a faixa sequer é mencionada na capa do LP. Ele só tinha 20 anos... **DH**

"O The Jam é o The Jam e toca música Jam."

Paul Weller, 1978

Lista de músicas

01	**All Mod Cons**	(Weller)	1:15
▶ 02	**To Be Someone (Didn't We Have A Nice Time)**	(Weller)	2:27
03	**Mr. Clean**	(Weller)	3:26
04	**David Watts**	(Davies)	2:56
▶ 05	**English Rose**	(Weller)	2:47
▶ 06	**In The Crowd**	(Weller)	5:36
07	**Billy Hunt**	(Weller)	2:59
▶ 08	**It's Too Bad**	(Weller)	2:34
09	**Fly**	(Weller)	3:18
10	**The Place I Love**	(Weller)	2:52
11	**"A" Bomb In Wardour Street**	(Weller)	2:35
▶ 12	**Down In The Tube Station At Midnight**	(Weller)	4:43


CANARY ST

Joe Ely
Honky Tonk Masquerade (1978)

Selo | MCA
Produção | Chip Young
Projeto gráfico | Paul Milosevich
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:57

Quando o The Clash convidou Joe Ely para participar de seus shows no final dos anos 70, poucos fãs do grupo tinham idéia de por que um cantor country texano havia sido escolhido para tocar junto com a banda de rock mais em voga no mundo. O próprio Ely deve ter feito essa pergunta, quando levava uma chuva de cuspe e cerveja da platéia punk. Mas o The Clash sabia que estava promovendo um sério talento – *Honky Tonk Masquerade* é um clássico da música country. A revista *Rolling Stone* chegou a afirmar que este era um dos melhores álbuns dos anos 70.

Ironicamente, Ely virou cult e nunca ganhou as multidões, apesar da qualidade de seus discos. Hoje, ele é reconhecido como um dos padrinhos do country alternativo, mas merecia um público bem mais amplo. Criado em Lubbock, no Texas, Ely formou os Flatlanders com os amigos Jimmie Dale Gilmore e Butch Hancock. O grupo adorava Hank Williams e Bob Dylan, e tinha o objetivo de criar uma nova forma de música country, mas Nashville não estava preparada para eles. As canções de amor e decepção, duras e cheias de sentimento, de *Honky Tonk Masquerade* estão apoiadas por uma banda potente e Ely faz o seu melhor vocal, da melancolia clássica do country da faixa-título e da solidão abjeta de "Tonight I Think I'm Gonna Go Downtown" ao rock balançante de "Fingernails". Este álbum deveria ter tornado Ely famoso. Em vez disso, ele acabou considerado muito peculiar para as rádios country e muito country para as rádios de rock.

Honky Tonk Masquerade é, ao mesmo tempo, um representante da sabedoria caseira texana e da música americana sem modismos. **GC**

The Adverts
Crossing The Red Sea With The Adverts (1978)

Selo | Bright
Produção | John Leckie
Projeto gráfico | Nicholas Deville
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 34:48

Os Adverts eram uma das bandas mais originais da primeira onda do punk britânico. O grupo exibia as clássicas credenciais do movimento: foi descoberto quando tocava no Roxy Club de Covent Garden; gravou seu primeiro single com a Stiff Records; fez uma turnê com o The Damned; tinha músicas recheadas de raiva social; e seus integrantes eram apenas competentes como músicos. Os Adverts não ofereciam, porém, uma imagem agressiva – viraram os desajustados do mundo punk.

Liderada pelo cantor T. V. Simth e por sua companheira, a baixista Gaye Advert – uma das primeiras instrumentistas mulheres do punk e uma espécie de símbolo sexual em 1977 –, a banda possuía um som dinâmico que misturava guitarras thrash com refrões melodiosos e cheios de desejo. O produtor John Leckie se inspirou em *Crossing...* quando, mais tarde, trabalhou com os Stone Roses e o Radiohead. Os Adverts tiveram um sucesso considerável ao longo de 1977 e o seu segundo single, "Gary Gilmore's Eyes", ganhou impropérios dos tablóides e um lugar entre os Top 20 da Inglaterra.

Ainda assim, Smith não se conformou com o simples sensacionalismo e suas músicas mostravam que era um rebelde com causa. "No Time To Be 21", "One Chord Wonders" e "Bored Teenagers" podiam ser hinos de uma geração em busca de propósito.

Talvez por conta da época – quando muitos formadores de opinião tinham decretado a morte do punk –, *Crossing...* não foi sucesso, recebeu críticas indiferentes e entrou nos Top 40 da Inglaterra apenas de passagem. Cerca de 20 anos depois, o álbum soa mais inovador, menos agressivo e mais comovente do que muitos discos elogiadíssimos daquele tempo. **GC**

Big Star
Third / Sister Lovers (1978)

Selo | Rykodisc
Produção | Jim Dickinson
Projeto gráfico | Steven Jurgensmeyer
Nacionalidade | EUA
Duração | 54:35

Third/Sister Lovers, o terceiro, último e mais influente álbum do Big Star, é, em geral, descrito como difícil, desolador e deprimente. Sem dúvida, a batida "para cima" da banda, no estilo dos Beatles e dos Byrds, é quase sufocada por faixas acachapantes como "Big Black Car" e "Kangaroo", mas funciona.

Frustrados por anos de disputas em torno do processo de criação e pelo fracasso comercial, Alex Chilton e a banda soam como se já não dessem a mínima para mais nada. O álbum é metade uma carta de amor, metade fim de relação. Eles parecem soltos como nunca, mas há um elemento de tensão e desespero amargo que o produtor Jim Dickinson põe a nu, usando apenas a porção certa de eco e feedback.

"Thank You Friends" é um rock alegre e rápido, com um coro de fundo sublime. "Stroke It Noel" vai penetrando aos poucos pelos ouvidos, com sua melodia hesitante e um belo naipe de cordas. "Big Black Car" é tão lenta que quase pára e seu efeito é narcótico e entorpecedor – ao contrário de "Holocaust", que é tão emocionalmente devastador que faz desejar se esconder embaixo da cama e nunca mais sair dali.

Durante anos, *Third /Sister Lovers* não teve o lançamento que merecia. Ninguém conseguia chegar a um acordo sobre a ordem das faixas e várias versões piratas circularam por aí (o que explica o título duplo). No entanto, graças à explosão do power-pop, estimulada por bandas como o R.E.M. e The Replacements, o mundo finalmente alcançou o Big Star. E assim, em 1992, a Rykodisc lançou a versão definitiva de *Third /Sister Lovers*. Imperdível. **RM**

The Residents
Duck Stab / Buster And Glen (1978)

Selo | Ralph
Produção | The Residents
Projeto gráfico | Pore No Graphics
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:46

Grasnidos atonais, poesia nonsense, vozes de desenho animado e riffs de shows em bailes de subúrbio: os Residents possuem um talento para compor um tanto singular e confuso e conseguem fundir os sons mais estranhos num contexto mais esquisito ainda. Os integrantes da banda sempre esconderam suas identidades, aparecendo em público disfarçados, e, apesar das várias tentativas para descobrir quem são, o encanto não foi quebrado. Poucos superaram seu conceitualismo e seu hermetismo proposital.

Este álbum, uma compilação de dois EPs, foi lançado depois de *Not Available*, de 1974, e de *Third Reich 'n' Roll*, de 1976, uma coleção de releituras de clássicos do pop, com Hitler na capa polêmica. *Duck Stab/Buster And Glen* representou a evolução e a emergência do fantástico e sonoro mundo bizarro, a partir da sopa de sons dos primeiros discos. É uma música sobressalente, que traz cânticos, vocais agudos, tons de comédia e efeitos especiais.

"Constantinople" toma essa direção incerta, trazendo um repetitivo chamado à ação num tema absurdo; "Sinister Exagerator" e "Blue Rosebud" têm um toque de Lewis Carroll – "Your lichen-covered corpuscles are filthy as a fist" –, e "Bach Is Dead" pega pelo refrão. O lado *Buster And Glen* vira o rumo com a batuta: "Creaming eyes explode upon an apple pirate toad" oferece uma amostra de "Birthday Boy" e "Hello Skinny" – que, não fossem as letras arrepiantes, poderiam ser trilha sonora de filme policial. Grotesco e genial. **MBI**

Public Image Ltd. | Public Image (1978)

Selo | Virgin
Produção | Public Image Limited
Projeto gráfico | Terry Jones • Dennis Morris • PIL
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:55

"Do you ever get the feeling you've been cheated?" ("Você nunca tem o sentimento de que foi traído?"), se queixou John Lydon, em janeiro de 1978, na sua despedida dos Sex Pistols. "Hello, Hello, Hello, Hello", repetia ele, alguns meses depois, ao anunciar a formação do Public Image Ltd. – e as baterias motorizadas e o baixo ressonante do single de estréia da nova banda. Lydon saiu cambaleante dos destroços dos Pistols, com sua identidade cerceada, e imaginou a banda como a expressão honesta e cheia de cicatrizes de seus pensamentos e medos mais profundos.

Mas o Public Image era bem mais do que um projeto pós-Pistols de um dos nomes mais representativos e simbólicos do punk. O guitarrista Keith Levene (antigo colaborador do Clash), o baixista Jah Wobble e o baterista Jim Walker esculpiram um som que empurrou o primitivismo do punk rock para uma direção experimental, apontando novos rumos. Se "Public Image" tinha as características de um hino, a faixa de abertura, "Theme", era tudo, menos isso. Um cântico sombrio e arrasador, colorido por furacões de distorção, a música, com seu ritmo fúnebre, alcança uma intensidade hemorrágica. Os urros e gritos desumanos de Lydon, "I wish I could die", iluminam a desolação da Inglaterra pós-punk; a guitarra de Levene é de uma eloqüência venenosa.

Catarse era a palavra-chave: "Religion" (em duas partes) atacava a Igreja Católica; "Annalisa" era um rock de garagem psicótico sobre frustrações menos específicas do que a religião. "Fodderstompf", uma extensa faixa de falso ritmo disco, com o refrão satírico "We only wanted to be loved", encerrava o álbum com uma nota polêmica. Mas, se *Public Image* era, sem dúvida, um disco sombrio e pouco agradável, a vitalidade de sua franqueza e o seu esforço em perseguir um futuro diferente o tornaram um álbum com alto poder de influência e, até hoje, muito perturbador. **SC**

"Se eu for destruído pelo rock 'n' roll, vou fazer por onde o rock 'n' roll ser destruído comigo."

John Lydon, 1979

Lista de músicas

▶	01	**Theme** (Public Image Limited)	9:11
	02	**Religion I** (Public Image Limited)	1:26
	03	**Religion II** (Public Image Limited)	5:53
▶	04	**Annalisa** (Public Image Limited)	6:05
▶	05	**Public Image** (Public Image Limited)	3:02
	06	**Low Life** (Public Image Limited)	3:38
	07	**Attack** (Public Image Limited)	2:55
	08	**Fodderstompf** (Public Image Limited)	7:45

Magazine | Real Life (1978)

Selo | Virgin
Produção | John Leckie
Projeto gráfico | Linder
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:24

O Magazine foi a banda que arrastou o punk rock britânico a uma nova dimensão de pensamento? Ou era apenas uma diluição da energia original do movimento em um tipo de "maturidade" nerd? Como comprova *Real Life*, a banda era um pouco das duas coisas, à exceção do fato de que só era nerd no sentido bom da palavra.

Howard Devoto tinha deixado os Buzzcocks nas mãos capazes de Pete Shelley e Steve Diggle, para criar seu próprio grupo: imagine a ansiedade sentida por qualquer um interessado no futuro do rock, em junho de 1978, ao colocar a agulha na primeira faixa do lado A de *Real Life*.

Considere-se a mistura de sentimentos estranhos que devem ter sido despertados por "Definitive Gaze", uma música ao mesmo tempo reflexiva, ressonante, cativante – com o sintetizador açucarado, mas atraente, de Dave Formula, perpassando toda a faixa. O fato era que o Magazine não ia facilitar as coisas para ninguém. "Recoil" e "Shot By Both Sides" podiam satisfazer os adeptos do punk, mas "The Light Pours Out Of Me" era puro pop-rock. "Shot..." era baseado num velho refrão dos Buzzcocks. Devoto pensou que tinha levado a frase quando deixou o grupo, mas Shelley a havia guardado para "Lipstick"; funciona bem nas duas músicas. O que não significa que o fantasma de Shelley assombrasse o álbum: faixas como a épica "Burst" (única composição do disco que é só de Devoto) e "Motorcade" – escrita em parceria com o tecladista Bob Dickinson, que, a essa altura, já tinha saído do grupo e sido substituído por Dave Formula – mostram que o Magazine estava desenvolvendo um som próprio e característico. As letras de Devoto marcaram um novo estilo: provocativas, agudas e certeiras. Tudo muito inteligente. **DN**

"Sempre gostei mais de fazer discos do que de mudar de humor a toda hora."

Howard Devoto, 1978

Lista de músicas

▶	01	**Definitive Gaze** (Devoto • McGeoch)	4:25
	02	**My Tulpa** (Devoto • McGeoch)	4:47
	03	**Shot By Both Sides** (Devoto • Shelley)	4:01
	04	**Recoil** (Devoto • McGeoch)	2:50
▶	05	**Burst** (Devoto)	5:00
▶	06	**Motorcade** (Devoto • Dickinson)	5:41
	07	**The Great Beautician In The Sky** (Devoto • McGeoch)	4:56
▶	08	**The Light Pours Out Of Me** (Devoto • McGeoch • Shelley)	4:36
	09	**Parade** (Adamson • Devoto • Formula)	5:08

Bruce Springsteen
Darkness On The Edge Of Town (1978)

Selo | Columbia
Produção | Jon Landau
Projeto gráfico | Frank Stefanko
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:55

Graças a uma disputa legal com seu antigo empresário, Mike Appel, Springsteen teve três anos para gozar o sucesso monumental de *Born To Run* e para planejar o disco seguinte. O resultado, *Darkness On The Edge Of Town*, é muito diferente de seu predecessor.

Como já havia feito Dylan, Springsteen se afastou da fama e se mudou para uma fazenda em Nova Jersey, onde pôde retomar o foco da "vida nos limites estreitos das cidades pequenas, nas quais fui criado". Ele queria "escrever sobre o estresse e a tensão da vida do meu pai e da minha mãe, causados pela luta para pagar as contas" (o álbum ia se chamar *Loucura Americana*, em referência a um filme de Frank Capra sobre a Depressão). A paternidade é um dos temas do disco ("Adam Raised A Cain"), assim como a batalha pela vida ("Streets Of Fire", "Factory"). Há canções sobre as frustrações numa cidade pequena, às vezes sexuais ("Candy's Room"), às vezes sociais ("The Promised Land").

Como se trata de Bruce, a angústia é temperada por romance, em especial, de estrada – várias faixas falam de sair dirigindo como fuga ou em busca de emoções –, mas, musicalmente, é um álbum bem mais suave do que *Born to Run*. Pouco se ouve o sax de Clarence Clemon. Ao contrário, a guitarra de Springsteen e o piano contido e melancólico de Roy Bittan dão o tom.

Enriquecedor, introspectivo, triste e completamente louco, *Darkness...* é um fascinante filme B épico, num contraponto ao blockbuster que foi *Born To Run*. **PW**

Funkadelic
One Nation Under A Groove (1978)

Selo | Capitol
Produção | George Clinton
Projeto gráfico | Ed Thrasher
Nacionalidade | EUA
Duração | 52:45

O Funkadelic liberou o rock da bad trip psicodélica das bandas americanas da Costa Oeste na virada dos anos 60. O grupo também teve um papel importante na transferência dos sons e ritmos negros para o rock branco. A participação de vários ex-integrantes da banda de apoio de James Brown, os JBs – que incluíam o ás do baixo e extraordinário showman Bootsy Collins –, era um ingrediente vital no malte poderoso do Funkadelic.

O senso de humor absurdo do líder do Funkadelic, George Clinton, se manifestava não apenas no figurino colorido e excêntrico que usava, ou em suas performances quase circenses, mas também nas letras, nos nomes das músicas e no conceito artístico coerente dos discos da banda. *One Nation...* foi lançado numa época em que os dois projetos liderados por Clinton – o Parliament e o Funkadelic, que reuniam um time de músicos praticamente idêntico – se fundiram num único grupo conceitual, chamado P-Funk. Os componentes da nova banda garantiam que os fãs iriam experimentar experiências transcendentais ao ouvir a música.

One Nation... ganhou um disco de platina. Sem surpresa: há faixas de puro funk, descendentes diretas de James Brown e Sly Stone ("One Nation", "Groove allegiance"), guitarras no estilo Hendrix ("Who Says A Funk Band Can't Play Rock?") e batidas dance de vanguarda produzidas por sintetizadores e outros equipamentos eletrônicos. A faixa-título, aliás, ficou em primeiro lugar na parada de R&B americana e se tornou um dos maiores hinos do Funkadelic. **AW-J**

Throbbing Gristle
D.O.A. Third And Final Report (1978)

Selo | Industrial
Produção | Throbbing Gristle
Projeto gráfico | Genesis P-Orridge
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:55

D.O.A... gerou polêmica assim que foi lançado – como, em geral, acontecia com o Throbbing Gristle – por conta de sua capa provocativa, que trazia uma foto feita por Genesis P-Orridge, durante férias na Polônia, na qual a filha de uma amiga deixava à mostra a calcinha, enquanto brincava.

Suas anedotas artísticas, como a de acelerar "United" para que a faixa ficasse com apenas 16 segundos, tinham também alguns momentos de esplendor musical. A bela "Weeping", de P-Orridge, está à altura de Jim Morrison ou Ian Curtis. "AB/7A", de Chris Carter, é um excelente tributo ao Abba, no estilo do Kraftwerk. A angustiante "Hamburger Lady" usa o ruído de um aspirador de pó psicodélico, a partir de um sintetizador, para criar um ambiente frio e sombrio, no qual se desenrola a história de uma vítima de um incêndio. "Death Threats", tirada diretamente da secretária eletrônica do TG, é uma mostra clara da fama do quarteto na época. Sua impressionante performance ao vivo foi documentada no impactante *Wall Of Sound*. Ao longo do disco, a falta de habilidade técnica da banda é compensada pelo uso inventivo de equipamentos eletrônicos e de gravação, por computadores primitivos e por técnicas ancestrais de sampling. Embora tenha se separado de forma amarga, em 1981, o Throbbing Gristle exerceu tremenda influência em grupos como o Depeche Mode e o Nine Inch Nails e nos inovadores da música eletrônica, como Carl Craig e Andrew Weatherall. Por conta disso, a banda se reuniu para um show triunfal, em 2004. Mesmo assim, este álbum se mantém como seu legado mais valioso. **CSh**

Thin Lizzy
Live And Dangerous (1978)

Selo | Vertigo
Produção | Tony Visconti
Projeto gráfico | Chalkie Davies
Nacionalidade | Irlanda • Inglaterra • EUA
Duração | 76:36

Na mesma época em que Israel retirou todos os seus soldados do Líbano, em junho de 1978, o Thin Lizzy usou todas as suas tropas para fazer um dos melhores álbuns ao vivo da história da música. Os retoques no disco despertaram rumores críticos: o empresário Chris O'Donnell garantiu que a gravação era "75% ao vivo" e que os overdubs foram usados para corrigir os excessos do baixo de Phil Lynott e os backing vocals dos guitarristas Scott Gorham e Brian Robertson. O produtor Tony Visconti disse à BBC Radio 1: "Apagamos tudo, menos a bateria (...) mesmo a platéia foi refeita, uma coisa um tanto desonesta (...) 'Southbound' foi gravada durante uma passagem de som e acrescentei umas repetições de fitas com o barulho da platéia."

Os fãs não se incomodaram. O resultado é mágico e os temores da Vertigo em lançar um caro álbum duplo se mostraram infundados – vendeu 60 mil cópias na Inglaterra. Consta que foi gravado em Londres e Toronto, mas é, na verdade, uma coletânea de melhores momentos.

Rocks melódicos e poderosos trazem memoráveis riffs e refrões, temperados por momentos comovedores. A enxurrada começa com "Jailbreak" e arrasta a furiosa "Emerald", a contagiante "Southbound" e a definitiva "Rosalie", até a deliciosa "Dancing In The Moonlight".

"Still In Love With You" é daquelas que a platéia acompanha acendendo os isqueiros; "Cowboy Song" é uma brincadeira com um fantástico efeito cascata; "Suicide", uma canção gloriosa que conta uma história. E há os hinos: "The Boys Are Back In Town" e "The Rocker".

Como atestou a *NME*, "é uma carta de intenções quase perfeita do melhor hard rock da melhor banda de rock do mundo". **TJ**

Talking Heads
More Songs About Buildings And Food (1978)

Selo | Sire
Produção | Brian Eno • Talking Heads
Projeto gráfico | David Byrne
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 41:32

David Byrne e Brian Eno faziam um par perfeito, formado no céu das escolas de arte. O primeiro álbum dos Talking Heads, *Talking Heads: 77*, apesar de sua qualidade, mostrou que a banda precisava de foco e Eno providenciou isso sem eliminar o ecletismo natural da banda ou solapar a voz individual de Byrne.

A capa modernista, criada por Byrne, que mostra os quatro Heads reconstruídos como uma grade, dá apenas uma pista do caráter experimental do álbum. As letras excêntricas e auto-referentes do cantor são o destaque de "With Our Love" e "Good Thing", mas têm de abrir espaço dentro do ritmo cada vez mais complexo da baixista Tina Weymouth e do baterista Chris Frantz. Se *...77* mirava a cabeça, *More Songs About Buildings And Food* se dirigia aos pés, fluindo pelo minimalismo clássico, música disco espacial e funk africano.

O frenesi provocado pelo sucesso anterior da banda, "Psycho Killer", se materializou novamente na arrasadora faixa de abertura, "Thank You For Sending Me An Angel". Em "Artists Only", Byrne quase se contorce com uma energia nervosa. À medida que o tempo passa, aumenta a intensidade e vem a poderosa releitura de "Take Me To The River", de Al Green, o primeiro single da banda a ficar entre os Top 40.

O álbum vendeu modestamente. O mais importante é que foi o pontapé inicial da parceria de quatro anos entre Eno e os Talking Heads, que culminou com *Remain In Light*, de 1980. Esse ciclo configurou o auge da carreira do grupo e se iguala à série de álbuns que Eno gravou com David Bowie. **JiH**

"(...) é possível se expressar de uma maneira totalmente minimalista."

David Byrne, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Thank You For Sending Me An Angel** (Byrne)	2:11
	02	**With Our Love** (Byrne)	3:30
	03	**The Good Thing** (Byrne)	3:03
	04	**Warning Sign** (Byrne • Frantz)	3:55
▶	05	**The Girls Want To Be With The Girls** (Byrne)	2:37
	06	**Found A Job** (Byrne)	5:00
▶	07	**Artists Only** (Byrne • Zieve)	3:34
	08	**I'm Not In Love** (Byrne)	4:33
	09	**Stay Hungry** (Byrne • Frantz)	2:39
▶	10	**Take Me To The River** (Green • Hodges)	5:00
	11	**The Big Country** (Byrne)	5:30

Buzzcocks
Another Music In A Different Kitchen (1978)

Selo | United Artists
Produção | Martin Rushent
Projeto gráfico | Malcolm Garrett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:43

Os Buzzcocks são justamente lembrados como a banda mais pop do mundo punk original. Mas eram também os que apresentavam um modernismo mais polido, e seu álbum de estréia, desde a elegante capa, mostra um grupo sem um grama a mais de gordura. O disco é veloz, barulhento e melodioso, com um saudável senso de aventura e espontâneo desde o início, indo além das regras ditadas pelo punk para letras e som.

Another Music... é um álbum feito por uma banda com um quinto elemento fantasma: Howard Devoto tinha deixado o grupo para formar o Magazine, mas o álbum traz três músicas das quais ele é co-autor. Uma área na qual os Buzzcocks levavam os princípios punk mais a sério era manter distância das estratégias traçadas pela gravadora – dessa forma, a maioria dos singles clássicos da banda ficaram de fora do LP (ao contrário de *Never Mind The Bollocks...*, que incluía todos os hits). A exceção é a maravilhosa "I Don't Mind", que a banda, irritada, insistia ter sido batizada como "Marketing Ploy".

Mas *Another Music...* não precisa conter os singles de sucesso, quando traz maravilhas próprias como "Fast Cars" ("I hate...") e "Sixteen". A voz de Pete Shelley flutua por sobre as guitarras às vezes harmônicas, às vezes opressivas. O álbum se encerra, de forma audaciosa e antidogmática, com uma faixa de sete minutos de duração, "Moving Away From The Pulsebeat".

Essa banda descaradamente romântica salvou o punk da insistência em manter o amor fora da agenda e seu jeito de meninos ingleses vulneráveis abriu as portas para muitos outros artistas, de Morrissey e Edwyin Collins a Damon Albarn. **MMo**

"Foi (...) uma coisa na qual a gente caiu dentro."

Pete Shelley, 1999

Lista de músicas

▶	01	**Fast Cars** (Devoto • Diggle • Shelley)	2:26
	02	**No Reply** (Shelley)	2:16
	03	**You Tear Me Up** (Devoto • Shelley)	2:28
	04	**Get On Your Own** (Shelley)	2:27
▶	05	**Love Battery** (Devoto • Shelley)	2:09
	06	**Sixteen** (Shelley)	3:38
▶	07	**I Don't Mind** (Shelley)	2:18
	08	**Fiction Romance** (Shelley)	4:28
▶	09	**Autonomy** (Diggle)	3:43
	10	**I Need** (Diggle • Shelley)	2:44
	11	**Moving Away From The Pulsebeat** (Shelley)	7:06

Van Halen | Van Halen (1978)

Selo | Warner Bros.
Produção | Ted Templeman
Projeto gráfico | Dave Bhang
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:22

A história do thrash em meia hora? Com o tempo de duração mais curto desde as primeiras investidas dos Beatles, o novo Led Zeppelin reescreveu o manual de instruções. Antes, o hard rock fazia barulho; agora, fazia pular.

O líder David Lee Roth, o baixista Michael Anthony, o baterista Alex Van Halen e seu irmão, o guitarrista Eddie Van Halen, foram descobertos em 1976 por Gene Simmons, o ídolo do Kiss. Ele botou a banda para gravar alguns demos – que incluíram faixas para o novo disco do Kiss, *Love Gun* – e tentou sem sucesso recrutar Eddie.

Mas o Kiss, como todas as bandas de hard rock, foi obscurecido pelo Van Halen – e nada explica melhor o porquê do que este impressionante álbum de estréia.

Das buzinas de carro que anunciam "Runnin' With The Devil" à arrasadora "On Fire", o disco é uma mistura insuperável de elegância sonora e letras lascivas. O que destacar? Pode-se começar com "Eruption", um show de Eddie, que, segundo a revista *Guitar World*, só perde para o solo de guitarra de "Stairway To Heaven". Ou "You Really Got Me", uma versão dos Kinks considerada superior à original pelo prórpio Ray Davies; ou "Ain't Talkin' 'bout Love", sampleada pelo 2 Live Crew e pelo Apollo 440 (e o riff do supersucesso de 1988 "Wild Thing", de Tone Loc, foi tirado de "Jamie's Cryin'"); ou "Ice Cream Man", composta por John Brim, um músico de blues, mas com uma originalidade emprestada por Roth.

Em 1999, a Recording Industry Association Of America (RIAA) premiou o Van Halen com um disco de diamante, pela venda de 10 milhões de cópias nos Estados Unidos. Entre os compradores dos discos certamente se incluem os que perpetraram o "hair metal" dos anos 80, mas não se deve amaldiçoá-los. Eles pecaram, sim, mas a causa era nobre. Como disse Roth, "nós vendemos esperança, fé e júbilo, exatamente como um monte de religiões". **BM**

Lista de músicas

▶	01	**Runnin' With The Devil** (Anthony • Roth • A. Van Halen • E. Van Halen)	3:35
	02	**Eruption** (Anthony • Roth • A. Van Halen E. Van Halen)	1:43
	03	**You Really Got Me** (Davies)	2:38
▶	04	**Ain't Talkin' 'bout Love** (Anthony • Roth • A. Van Halen • E. Van Halen)	3:50
	05	**I'm The One** (Anthony • Roth • A. Van Halen • E. Van Halen)	3:47
▶	06	**Jamie's Cryin'** (Anthony • Roth • A. Van Halen • E. Van Halen)	3:30
	07	**Atomic Punk** (Anthony • Roth • A. Van Halen • E. Van Halen)	3:02
	08	**Feel Your Love Tonight** (Anthony • Roth • A. Van Halen • E. Van Halen)	3:43
	09	**Little Dreamer** (Anthony • Roth • A. Van Halen • E. Van Halen)	3:23
	10	**Ice Cream Man** (Brim)	3:20
	11	**On Fire** (Anthony • Roth • A. Van Halen • E. Van Halen)	3:01

Willie Colón And Ruben Bládes | Siembra (1978)

Selo | Fania
Produção | Willie Colón
Projeto gráfico | Irene Perlicz
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:18

Este álbum essencial foi resultado da parceria entre os gigantes da salsa Willie Colón, um trombonista e líder de banda de Nova York, e Ruben Bládes, um cantor, compositor e ator panamenho. Colón foi um pioneiro da salsa e seus trabalhos com Hector Lavoe e Célia Cruz são clássicos, mas, com Bládes, ele juntou a música e a consciência social.

Os temas são variados, da realidade das ruas posta a nu à inutilidade das tentativas de ascensão dos jovens latinos. Mas o álbum também inclui canções para confortar a alma do imigrante saudoso de sua terra natal e para trazer mensagens otimistas de esperança por um futuro melhor. "Plástico" pulsa com uma formidável linha de baixo funk, enquanto "Pedro Navaja", uma adaptação de "Mack The Knife", apresenta o mambo tradicional misturado aos sons da rua. Ambas as faixas são epopéias urbanas. Bládes canta com um tenor rico e ressonante, forte e expressivo. Um contador de histórias que costuma improvisar versos, esse aclamado artista está em sua melhor forma neste disco.

Colón contratou uma banda potente, formada pelos melhores músicos de Nova York, e os refrões contagiantes ajudaram o álbum a ganhar pernas fora do universo de língua espanhola. No final dos anos 70, *Siembra* serviu como um hino para uma geração de universitários, que se inspirou em sua mensagem positiva de orgulho latino. Mas também se tornou uma trilha sonora da luta por paz e justiça para muitos países da América Latina mergulhados, na época, em guerras civis e conflitos.

Narrativas poderosas complementadas por uma música executada por estrelas – não é surpresa que este tenha sido o primeiro disco de salsa a vender um milhão de cópias. **JCV**

"Essas músicas contavam histórias familiares aos povos latino-americanos(...) todo mundo se identificava com elas."

Ruben Bládes, 1996

Lista de músicas

▶	01	**Plástico** (Bládes)	6:37
	02	**Buscando Guayaba** (Bládes)	5:43
▶	03	**Pedro Navaja** (Bládes)	7:21
	04	**Maria Lionza** (Bládes)	5:27
	05	**Ojos** (Ortiz)	4:50
	06	**Dime** (Bládes)	6:59
▶	07	**Siembra** (Bládes)	5:21

The Cars | The Cars (1978)

Selo | Elektra
Produção | Roy Thomas Baker
Projeto gráfico | Ron Coro
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:40

Os Cars surgiram na alvorada daquele gênero muitas vezes – e justificadamente – difamado conhecido como new wave, marcando presença com suas composições perspicazes, extrema habilidade musical e um apelo visual único, comparável, na época, apenas ao Blondie. Com este seu primeiro álbum, eles fizeram uma obra-prima pop, agraciada com o disco de ouro, numa roupagem new wave.

Quem comprou o LP atraído pela capa, que traz uma modelo feliz e sorridente prestes a perder o controle do volante do carro, se viu envolvido pela faixa de abertura, "Good Times Roll", uma declaração de princípios. A partir dali, o álbum traz uma pérola da new wave atrás da outra. Embora os Cars, mais adiante, alcançassem maior sucesso com singles, a lista de músicas deste disco parece uma coleção de melhores momentos. Hits das rádios como "My Best Friend's Girl" e "Just What I Needed" vêm ao lado de faixas favoritas dos fãs, como "Bye Bye Love" e "All Mixed Up". As canções de Ric Ocasek percorrem toda a escala musical, variando os humores e os tempos, do pop contagiante de "My Best Friend's Girl" a pequenos poemas estranhos como "I'm In Touch With Your World" – que utiliza tamanha variedade de efeitos sonoros que podia ser tema dos desenhos animados *Looney Tunes* – e ao arrastar chapado de "Moving In Stereo". O guitarrista Elliot Easton é o herói pouco badalado, que alimenta até fartar músicas como "Bye Bye Love". O álbum, sem surpresas, vendeu um milhão de cópias e ficou 139 semanas nas paradas da Billboard nos Estados Unidos.

Este disco, um amálgama soberbo de influências (entre elas, do Velvet Underground e de David Bowie), filtrado por um pop abertamente feito para tocar nas rádios, é um guia de introdução à new wave que continua sendo excelente mesmo três décadas depois. **JW**

"Na verdade, eu jamais quis ser músico e não ligo tanto assim para o talento musical. Eu me preocupo com estilo e conteúdo."

Ric Ocasek, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Good Times Roll** (Ocasek)	3:44
▶	02	**My Best Friend's Girl** (Ocasek)	3:44
▶	03	**Just What I Needed** (Ocasek)	3:44
	04	**I'm In Touch With Your World** (Ocasek)	3:31
	05	**Don't Cha Stop** (Ocasek)	3:01
▶	06	**You're All I've Got Tonight** (Ocasek)	4:13
▶	07	**Bye Bye Love** (Ocasek)	4:14
▶	08	**Moving In Stereo** (Hawkes • Ocasek)	5:15
	09	**All Mixed Up** (Ocasek)	4:14

Devo | Q: Are We Not Men? A: We Are Devo! (1978)

Selo | Warner Bros.
Produção | Brian Eno
Projeto gráfico | Erik Munsön
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:23

Na música pop dos anos 70, os sintetizadores eram muito utilizados em gravações de música disco e nas produções elaboradas de estúdio do rock progressivo, como as do Yes. Não eram, portanto, instrumentos de performances punk, embora o Kraftwerk tivesse feito uso especial de sintetizadores quando explorou temas sobre a loucura, no estilo punk, em sua música pré-techno.

Loucura era a moeda forte do Devo, o quinteto de Ohio que, em seu álbum de estréia, o explosivo *Q: Are We Not Men? A: We Are Devo!*, de 1978, produzido por Brian Eno, enfeitou o som potente da guitarra do punk com sintetizadores metálicos e dissonantes. Na verdade, o grupo até usou o instrumento de forma econômica em *Q: Are We Not Men?...*, se comparado com o mar de sintetizadores que marcou trabalhos posteriores, como *Freedom Of Choice*, de 1980.

Os quatro álbuns do Devo lançados entre 1978 e 1981 se ligavam tematicamente. O grupo, formado por ex-estudantes de arte, hábeis satiristas, cultivava uma filosofia do desespero, um tanto vaga – por conta de inovações modernas duvidosas, como a exploração espacial e o fast food, a civilização não estava evoluindo, mas involuindo. Felizmente, o Devo nunca deixou a teoria sociológica ficar no caminho da boa música e só um pouco dessa ideologia é exposta claramente em *Q: Are We Not Men?...*, um maravilhoso conjunto de músicas dançantes, engraçadas e peculiares sobre tópicos como o retardamento mental e a paranóia.

É curioso que a música mais famosa e destacada do álbum seja uma versão de "Satisfaction". Mas, enquanto a gravação dos Stones é petulante e sensual, na voz do líder do Devo, Mark Mothersbaugh, a canção se torna um *cri de coeur* frenético sobre o sentimento de ser esmagado por uma opressiva cultura de consumo. **KB**

"(...) Para além do rock 'n' roll."

Mark Mothersbaugh, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Uncontrollable Urge** (M. Mothersbaugh)	3:09
▶	02	**Satisfaction (I Can't Get No)** (Jagger•Richards)	2:38
	03	**Praying Hands** (Casale•M. Mothersbaugh)	2:48
▶	04	**Space Junk** (Casale•M. Mothersbaugh)	2:14
▶	05	**Mongoloid** (Casale)	3:42
▶	06	**Jocko Homo** (M. Mothersbaugh)	3:39
	07	**Too Much Paranoias** (M. Mothersbaugh)	1:55
	08	**Gut Feeling** (Casale•M. Mothersbaugh)	4:54
	09	**Slap Your Mammy** (Casale)	0:51
	10	**Come Back Jonee** (Casale•M. Mothersbaugh)	2:53
	11	**Sloppy (I Saw My Baby Gettin')** (Casale B. Mothersbaugh•M. Mothersbaugh•Jacket)	2:36
	12	**Shrivel Up** (Casale•M. Mothersbaugh)	3:04

Dire Straits | Dire Straits (1978)

Selo | Vertigo
Produção | Muff Winwood
Projeto gráfico | Alan Schmidt
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:47

O Dire Straits e, em particular, o vocalista, guitarrista e compositor Mark Knopfler, ex-jornalista e professor, não eram punks. Portanto, foi, no mínimo, corajoso lançar este álbum em 1978, quando o punk e a new wave (e a disco music, de certa forma) dominavam a mídia e as paradas britânicas.

O quarteto, composto, além de Knopfler, por seu irmão mais novo e assistente social David na guitarra rítmica, John Illsley, um ex-estudante de sociologia, no baixo, e o baterista galês Pick Withers, tinha mais influência do blues americano de J. J. Cale do que dos Sex Pistols. A banda foi inicialmente ignorada (com a notável exceção do radialista londrino Charlie Gillett, que tocou o disco em seu programa) e quando seu primeiro single, "Sultans Of Swing", apareceu no mercado britânico, no início de 1978, não causou impacto. Foi só quando a Warner Bros., que tinha contratado o grupo nos Estados Unidos, colocou essa música sobre uma banda de velhos músicos entre os cinco mais vendidos que a Inglaterra percebeu seu erro.

Além desse single, o álbum contém os primeiros exemplos do talento de Mark Knopfler para contar histórias e de seu impressionante trabalho de guitarra, em faixas como "Down To The Waterline", "In The Gallery" (sobre o Nordeste da Inglaterra, onde ele cresceu) e "Wild West End" (sobre a vida em Londres). O álbum foi finalmente lançado na Inglaterra seis meses depois do single, ficando entre os cinco primeiros das paradas. Nos Estados Unidos, o LP se alinhou entre os três mais vendidos e ganhou um disco de platina duplo.

Depois do começo hesitante, o Dire Straits foi em frente e se tornou, talvez, a principal banda do mundo no início dos anos 80. **JT**

"Desde o princípio, o Dire Straits foi um caso clássico de época e lugar errados."

Charlie Gillett, 1996

Lista de músicas

▶	01	**Down To The Waterline** (Knopfler)	4:02
▶	02	**Water Of Love** (Knopfler)	5:26
	03	**Setting Me Up** (Knopfler)	3:19
▶	04	**Six Blade Knife** (Knopfler)	4:13
	05	**Southbound Again** (Knopfler)	2:59
▶	06	**Sultans Of Swing** (Knopfler)	5:48
	07	**In The Gallery** (Knopfler)	6:16
	08	**Wild West End** (Knopfler)	4:41
	09	**Lions** (Knopfler)	5:03

The Saints
Eternally Yours (1978)

Selo | EMI
Produção | Chris Bailey • Ed Kuepper
Projeto gráfico | Cream
Nacionalidade | Austrália
Duração | 35:22

Os Saints chamaram a atenção do público londrino em 1977, quando compuseram e gravaram seu segundo álbum nos estúdios Roundhouse e Wessex, em outubro.

A grande onda punk levou a banda de Brisbane a Londres, onde assinou contrato com a EMI por conta de seu som poderoso, mas o grupo odiou o caráter conformista e a visão antihistórica dos punks londrinos. Um bocado desse ódio é expresso nas letras que, hoje, parecem diatribes de hippie mal-humorado – como quando Chris Bailey investe contra as empresas, o consumismo e a cultura da TV, afirmando: "I ain't no puppet for no capital gain" ("Eu não sou um brinquedinho do grande capital") –, mas que parecem vívidas, sinceras e potentes no disco.

A música, graças, em parte, à empatia da bateria de Ivor Kay, é rápida, furiosa e sensacional. Há toques geniais, como o uso de um naipe de metais em "Know Your Product", colocando o brilho da canção num plano totalmente superior. O vocal cáustico de Bailey interage com Ed Kuepper em "Private Affair", na selvagem e emocionante "No, Your Product" e no único single da banda a entrar nos Top 40, "This Perfect Day" – todas exemplos da maravilha que é *Eternally Yours*.

Se houver faixas mais descartáveis, serão a superficial "Orstralia" e a cômica "International Robots". Funcionam como um intervalo para respirar. Os três primeiros discos dos Saints foram reunidos numa caixa de CDs, *All Times Through Paradise*, de 2004, que inclui faixas demo, gravadas em setembro de 1977, de quase todas as músicas de *Eternally Yours*. **DN**

Marvin Gaye
Here, My Dear (1978)

Selo | Motown
Produção | Delta Ashby • Marvin Gaye
Projeto gráfico | Kosh
Nacionalidade | EUA
Duração | 73:18

De *Rumours*, do Fleetwood Mac, a *Achtung Baby*, do U2, sempre se fez uma música mágica inspirada no desgaste das relações amorosas, transformando a dor em beleza. Mas em nenhum outro álbum essa magia é tão explícita como em *Here, My Dear*.

Gaye, que estava sendo processado por não pagar pensão alimentícia, concordou em ceder o adiantamento relativo a um álbum, e parte de seus ganhos, a Anna Gordy – sua ex-mulher e, para seu desconforto, irmã do dono da Motown, Berry Gordy. Fascinado, de maneira mórbida, por suas próprias desventuras, Gaye concebeu um ciclo de canções que documentassem a desintegração de seu casamento. A capa do álbum se abria para apresentar o amor como um jogo de Monopólio, chamado "Judgment", embrulhado em corações ameaçados por adagas e outros símbolos de mau agouro.

Here, My Dear mantém o soul macio e fantasmagórico dos álbuns anteriores, *Lets Get It On* e *I Want You*. As três melhores faixas estão logo no início. Depois, o que se segue é uma viagem onírica e desconfortável. "Doce, calmo, sedutor e um pouco chato", escreveu o crítico do *Village Voice*, Robert Christgau. Jay Kay, do Jamiroquai, descreve o disco como "a mesma canção sendo tocada de dez maneiras diferentes".

Em guerra com a gravadora, os músicos e seus próprios demônios, Gaye sabia que o álbum – o último em três anos – estava condenado. O trabalho foi recebido de forma gélida pela crítica, pelo público e – naturalmente – por Anna Gordy. De fato, as gravações foram apagadas apenas alguns anos depois do lançamento. Hoje, porém, pode ser considerado um exemplo raro e comovente de sinceridade artística, que não desperta a vontade de gritar "Sai dessa!" para o cantor cheio de mágoa. **BM**

Willie Nelson
Stardust (1978)

Selo | Columbia
Produção | Booker T. Jones
Projeto gráfico | Susanna Clark
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:22

Depois do sucesso de *The Red Headed Stranger*, de 1975, com sua iconoclastia implícita, os donos da Columbia devem ter pensado em deixar Willie Nelson à vontade para fazer o que quisesse. Ainda assim, os executivos podem ter ficado nervosos com o conceito de *Stardust* – por que um ídolo do honky tonk lançaria uma esmerada coleção de clássicos da música popular americana?

No entanto, se *The Red Headed Stranger* confirmou Nelson no posto de um dos maiores artistas country da época, *Stardust* selou sua reputação como um dos melhores e mais destacados cantores americanos de qualquer era. Seu jeito de cantar, tantas vezes imitado e até ridicularizado, mas nunca igualado, já era mais jazzístico do que o de seus colegas de Nashville, e, em *Stardust*, ele pôde usar diretamente a língua do jazz. Na faixa-título, Nelson canta às vezes um pouco à frente, às vezes bem atrás do ritmo, e arranca notas aparentemente do nada.

Nelson criou um novo patamar comercial com o disco, que ficou na parada da Billboard nos Estados Unidos durante dois anos e colocou, por mais improvável que parecesse, compositores como Hoagy Carmichael e Irving Berlin nas paradas country. Com *The Red Headed Stranger*, Nelson se tornou uma lenda do country; com *Stardust*, um ídolo nacional. Ele seguiu, mais tarde, carreira no cinema e emplacou outros hits country, mas continuou a experimentar gêneros, com incursões no blues e no gospel. Porém, um quarto de século depois, ainda interpreta e reinterpreta músicas de *Stardust* em seus shows. Por isso é que se costuma dizer que, quando se trata de Willie Nelson, não existe country ou pop, só músicas Willie Nelson. **KB**

Chic
C'est Chic (1978)

Selo | Atlantic
Produção | B. Edwards • N. Rodgers
Projeto gráfico | Bob Defrin
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:23

A dance music moderna deve muito ao Chic. Influenciados pelo Roxy Music e pelo Kiss, assim como pelo R&B, Nils Rodgers (guitarra), Bernard Edwards (baixo) e Tony Thompson (bateria) formaram a banda-chave da era disco. Eles criaram um ritmo fluido e hipnótico que ressoa até hoje.

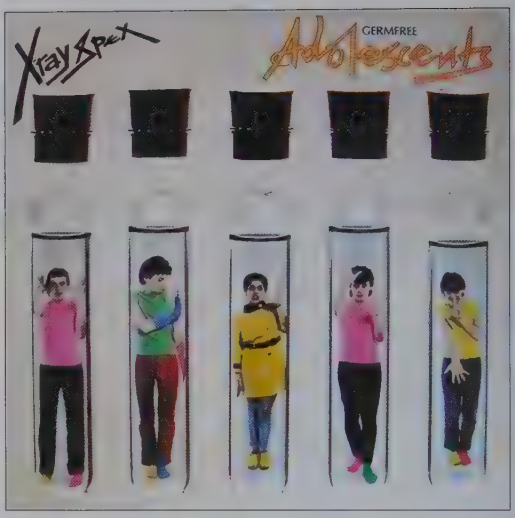
C'est Chic foi o segundo e melhor álbum da banda, impulsionado por dois singles que ficaram entre os 10 Mais nos Estados Unidos. "I Want Your Love" é um estudo elegante sobre o fim de uma relação, com seu compasso em quatro notas ecoado por metais, sinos, cordas e um ardente coro feminino, enquanto o trio principal fazia seu trabalho mágico. O retrato do grupo, feito por Joel Brodsky para a capa, pode dar a idéia de um bando de alpinistas sociais, mas havia uma emoção fervente por trás desse exterior anódino.

Os riffs curtos e rápidos de Rodgers na eufórica "Le Freak", primeiro lugar nas paradas, anteciparam o estilo pós-punk de guitarra que hordas de músicos continuam a imitar até hoje. A encorpada linha de baixo de Edwards parecia feita para ser sampleada pelo nascente movimento rap. As outras faixas apresentam uma variedade e uma confiança extraordinárias, abrangendo baladas sombrias ("At Last I Am Free"), apelos à dança ("Chic Cheer"), instrumentalismo cinemático ("Savoir Faire") e excentricidade total ("[Funny] Bone").

Infelizmente, o álbum seguinte do Chic, o estranho e melancólico *Risqué*, foi seu último grande sucesso. O clima cultural dos Estados Unidos ficou hostil, embalado pela campanha venenosa – e implicitamente racista – contra a música disco. De forma irônica, as mesmas pessoas que encenaram as queimas em massa dos LPs do Chic compraram, mais tarde, os hits disco do Queen, Rolling Stones, Rod Stewart e The Clash. **MA**

X-Ray Spex | Germ Free Adolescents (1978)

Selo | Virgin
Produção | Falcon Stuart
Projeto gráfico | Cooke Key • Trevor Key • Falcon Stuart
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:46



Quando *Germ Free Adolescents* foi lançado, em novembro de 1978, o X-Ray Spex parecia e soava como um grande grupo de punk rock, que se destacava por uma música nova, combinando elementos de Patti Smith e dos Pistols com muito estilo – para não falar de sua arma não tão secreta, Poly Styrene, também conhecida como Marion Elliott. A banda tinha feito algum sucesso com "Oh Bondage, Up Yours" (incluída apenas nos relançamentos do álbum). Este LP gerou outros quatro singles.

No entanto, a banda mandou embora a temível Lora Logic logo depois do lançamento de "Oh Bondage, Up Yours", aparentemente, porque Styrene achava que o grupo não deveria ter duas mulheres. A inegável influência de Logic nas linhas de sax de seu substituto, Steve "Rudi" Thompson, indicava problemas à vista. Mas as letras de Styrene, pregando que as pessoas deviam ser genuínas e cândidas num mundo de irrealidades, eram apaixonadas e convincentes.

"Identity" e "I Am A Poseur" são duas faixas de destaque, mas todo o álbum é tremendamente radical e verdadeiro. A produção é clara e direta ao apresentar, sem rodeios, o som de uma banda ferina e febril. Na verdade, os únicos elementos datados do disco são a capa, que mostra o grupo tentando escapar de tubos de ensaio, e os temas ligados à paranóia da guerra fria. No mais, o LP permanece maravilhoso.

Styrene logo deixaria de ser punk. Depois de uma visão religiosa, ela fez alguns álbuns açucarados, usando seu próprio nome, e se retirou para estudar a doutrina krishna. Por ironia do destino, acabou se reencontrando com Logic, outra devota da seita. Tudo isso mostra que ela realmente sentia a angústia expressa neste disco. **DN**

"O álbum foi estragado pelos adultos, mas, enquanto era uma coisa nossa, a gente se divertiu muito."

Poly Styrene, 2001

Lista de músicas

▶	01	**Art-I-Ficial** (Styrene)	3:21
	02	**Obsessed With You** (Styrene)	2:26
	03	**Warrior In Woolworths** (Styrene)	3:04
	04	**Let's Submerge** (Styrene)	3:23
	05	**I Can't Do Anything** (Styrene)	2:55
▶	06	**Identity** (Styrene)	2:22
	07	**Genetic Engineering** (Styrene)	2:45
	08	**I Live Off You** (Styrene)	2:06
▶	09	**I Am A Poseur** (Styrene)	2:29
	10	**Germ Free Adolescents** (Styrene)	3:09
▶	11	**Plastic Bag** (Styrene)	4:56
	12	**The Day The World Turned Day-Glo** (Styrene)	2:50

Brian Eno | Ambient 1: Music For Airports (1978)

Selo | EG
Produção | Brian Eno
Projeto gráfico | Brian Eno
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:33

Se os três primeiros discos que Brian Eno lançou, no início da década de 70, representavam uma guinada em seu trabalho, depois de sair do Roxy Music, *Discreet Music*, de 1975, significou uma decolagem rumo ao espaço sideral. As quatro faixas de sons flutuantes, quase hipnóticos, sendo três delas reinvenções a partir de "Canon In D Major", de Pachelbel, marcaram suas incursões inaugurais ao que chamou de ambient music. A idéia era desenvolver a musique d'ameublement (literalmente, música de mobília), uma criação do compositor francês Erik Satie, de 1920, planejada para ser apenas entreouvida. *Discreet Music* foi concebido durante uma longa estada no hospital. Este álbum, da mesma forma, foi inspirado num ambiente estéril.

"A música pode até ser ignorada e, ao mesmo tempo, tem de ser interessante", escreveu Eno na apresentação de *Ambient 1: Music For Airports*. Como manifesto, o álbum cumpre totalmente seu papel. As quatro peças sem formato definido entram e saem de foco de maneira glacial: há um coro fantasmagórico, metais surdos, incontáveis pequenos toques de piano (tocado por Robert Wyatt em "1/1"). E, apesar da falta de estrutura, o disco se mantém agradável, graças principalmente à sua tonalidade bem construída.

Alguns críticos tacharam o álbum de chato – não entenderam nada. Destemido, Eno fez, depois de *Ambient 1: Music For Airports*, outros vários discos no mesmo padrão, entre os quais se destacam o misterioso e envolvente *Ambient 4: On Land*, de 1982, e o etéreo *Apollo: Atmospheres And Soundtracks*, de 1983. No entanto, ficou mais famoso como produtor, por seu trabalho com Daniel Lanois (que também fez *Apollo*) no álbum do U2, *The Joshua Tree*. **WF-J**

"Por um lado, a música me parecia muito emocional, mas as emoções são confusas, não são coisas diretas: aquilo que é muito apressado e frenético tem, quase sempre, um traço de melancolia."

Brian Eno, 1979

Lista de músicas

▶	01	**1/1** (Davies•Eno•Wyatt)	16:39
	02	**2/1** (Eno)	8:25
	03	**1/2** (Eno)	11:36
	04	**2/2** (Eno)	9:38

Siouxsie And The Banshees | The Scream (1978)

Selo | Polydor
Produção | Steve Lillywhite • Siouxsie And The Banshees
Projeto gráfico | Siouxsie And The Banshees
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:57

The Scream fez a ponte entre o punk e o gótico, com uma música que combina o caráter do tipo "faça você mesmo" do primeiro com o senso sombrio de drama do segundo.

No final dos anos 70, o cabelo bem preto e espetado e a maquiagem pálida de Sioux a tornaram um ícone. Dessa forma, é surpreendente que não esteja na capa deste álbum, que traz imagens bonitas e misteriosas de nadadores anônimos debaixo d'água. A mensagem pode ser a de que o disco era um trabalho de toda a banda.

Na faixa "Carcass", a interação bem azeitada entre o animado baixo de Steve Severin e o potente trabalho de bateria de Kenny Morris se destaca de forma até mais contundente do que o vocal vigoroso de Sioux. É uma música tocada de maneira descomplicada e inteligente e executada com paixão. "Helter Skelter", a única faixa não original de *The Scream*, ganha uma leitura mais febril do que a dos Beatles; a guitarra agoniada de John McKay tem sua vitrine em "Metal Postcard (Mittageisen)". Os Banshees já tinham deixado para trás a raiva objetiva do punk para lidar com áreas mais complexas, como o trauma psicológico (em "Suburban Relapse" e "Jigsaw Feeling").

Nas duas faixas finais, McKay pega o sax e adiciona um lamento adequado à mistura dos Banshees. O álbum se encerra com a dramática "Switch", uma microepopéia de quase sete minutos, narrada, tanto na letra quanto na música, como uma comovente novela.

The Scream era um atestado de elegância desordenada de uma banda que, mais adiante, exploraria a desordem e uma elegante melancolia por toda uma carreira de sucesso. **YK**

"A nostalgia do punk parece ressurgir a cada ano. Acho que as pessoas vivem voltando ao punk porque é uma coisa que não pode ser repetida."

Siouxsie Sioux, 2004

Lista de músicas

01	**Pure**	(McKay • Morris • Severin • Sioux)	1:50
02	**Jigsaw Feeling**	(McKay • Severin)	4:39
▶ 03	**Overground**	(McKay • Severin)	3:50
▶ 04	**Carcass**	(Fenton • Severin • Sioux)	3:49
▶ 05	**Helter Skelter**	(Lennon • McCartney)	3:46
06	**Mirage**	(McKay • Severin)	2:50
07	**Metal Postcard (Mittageisen)**	(McKay • Sioux)	4:14
▶ 08	**Nicotine Stain**	(Severin • Sioux)	2:58
09	**Suburban Relapse**	(McKay • Sioux)	4:12
10	**Switch**	(McKay • Sioux)	6:49

AC/DC | Highway To Hell (1979)

Selo | Albert Productions
Produção | Robert John Lange
Projeto gráfico | Bob Defrin
Nacionalidade | Austrália • Inglaterra
Duração | 41:48

Embora a música do AC/DC possa ser criticada pela simplicidade técnica, até hoje a banda permanece como uma das mais influentes do rock 'n' roll. Seu estilo rude e agressivo resume a essência do rock. Combinado com uma estrutura de acordes inspirada no blues e com o equilíbrio perfeito entre força e contenção, seu charme de classe operária se tornou irresistível para os fãs do heavy rock. A música do AC/DC é contagiante e se escora nos fortes riffs de guitarra dos irmãos Malcolm e Angus Young (um sujeito que ganhou o respeito da comunidade metal no mundo inteiro usando uniforme escolar e uma gravata no palco), em ritmos simplistas de bateria e no estilo vocal grosseiro de Bon Scott.

Apesar de ter conseguido algum sucesso ao longo dos anos 70, *Highway To Hell* é tido como o ponto de partida da banda. O álbum foi gravado nos Roundhouse Studios, em Londres, e o produtor "Mutt" Lange conseguiu controlar a força bruta do grupo de forma eloqüente. *Highway To Hell* foi o primeiro trabalho da banda a ganhar um disco de platina, mas também o canto do cisne de Scott, que morreu em 1980.

Bem de acordo com seu nome, o álbum é uma celebração do pecado (Angus chega a portar os chifres e o rabo do diabo na imagem da capa). As letras são uma ode ao sexo – músicas como "Girl's Got Rhythm" e "Touch Too Much" são particularmente francas sobre o tema. No entanto, a faixa-título e "If You Want Blood" saem um pouco do assunto. Da mesma forma, "Walk All Over You" e "Night Prowler" diminuem o ritmo, criando um espaço para respirar entre as 10 faixas. Não é sempre que cada música de um álbum merece virar single, mas o AC/DC chegou bem perto disso em *Highway To Hell*. **CSt**

"As pessoas me perguntam: 'Você é o AC ou o DC?' E eu respondo: 'Eu sou o traço luminoso no meio.'"

Bon Scott

Lista de músicas

▶	01	**Highway To Hell** (Scott • A. Young • M. Young)	4:14
▶	02	**Girl's Got Rhythm** (Scott • A. Young • M. Young)	3:23
	03	**Walk All Over You** (Scott • A. Young • M. Young)	5:08
▶	04	**Touch Too Much** (Scott • A. Young • M. Young)	4:24
	05	**Beating Around The Bush** (Scott • A. Young • M. Young)	3:55
	06	**Shot Down In Flames** (Scott • A. Young • M. Young)	3:21
	07	**Get It Hot** (Scott • A. Young • M. Young)	2:24
	08	**If You Want Blood (You've Got It)** (Scott • A. Young • M. Young)	4:32
	09	**Love Hungry Man** (Scott • A. Young • M. Young)	4:14
	10	**Night Prowler** (Scott • A. Young • M. Young)	6:13

Sister Sledge | We Are Family (1979)

Selo | Cotillion
Produção | Bernard Edwards • Nile Rodgers
Projeto gráfico | Bob Defrin
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:53

Com sua alegre linha de baixo, uma batida contagiante e o tema familiar, a faixa-título deste clássico da era disco migrou das boates para os salões de dança de incontáveis festas de casamento. Chegou até aos enormes alto-falantes do Three Rivers Stadium, quando o time de beisebol Pittsburgh Pirates a adotou como hino para sua temporada vencedora na Liga Mundial.

Como a campanha dos Pirates de 1979, a história de como *We Are Family* virou um sucesso foi um caso de time certo na hora certa. O guitarrista Nile Rodgers e o baixista Bernard Edwards eram uma forte dupla de produtores que, com o baterista Tony Thompson, formava o coração da banda Chic. As irmãs Debbie, Kim, Joni e Kathy Sledge, nascidas na Filadélfia, estavam no circuito do R&B já há alguns anos, mas eram ainda relativamente desconhecidas quando a Atlantic Records as juntou com o Chic, que havia emplacado três grandes sucessos com as músicas de discoteca "Dance Dance Dance (Yowsah Yowsah Yowsah)", "Everybody Dance" e "Le Freak".

As irmãs ganharam canções de qualidade e a música foi posta numa moldura imaculada, um presente do trio principal do Chic, que providenciou também maravilhosos sopros, como o trompetista Jon Faddis e o saxofonista/flautista Alex Foster, e ainda os backing vocals de Luther Vandross e da cantora da banda, Norma Jean Wright. O resultado? Obras-primas elegantes, recheadas de cordas, como "He's The Greatest Dancer" e a eufórica "Lost In Music", que se alinham com o próprio trabalho do Chic como o melhor da era disco. Ah, e também resultou em vendas estrondosas. **YK**

"(...) com as Sister Sledge, nós (...) passamos a controlar tudo o que acontecia no estúdio, do início ao fim."

Bernard Edwards, 1979

Lista de músicas

▶	01	**He's The Greatest Dancer** (Edwards • Rodgers)	6:15
▶	02	**Lost In Music** (Edwards • Rodgers)	4:52
▶	03	**Somebody Loves Me** (Edwards • Rodgers)	4:59
	04	**Thinking Of You** (Edwards • Rodgers)	4:31
▶	05	**We Are Family** (Edwards • Rodgers)	8:23
	06	**Easier To Love** (Edwards • Rodgers)	5:05
	07	**You're A Friend To Me** (Edwards • Rodgers)	5:31
	08	**One More Time** (Edwards • Rodgers)	3:17

Crusaders

Street Life (1979)

Selo | MCA
Produção | Wilton Felder • "Stix" Hooper • Joe Sample
Projeto gráfico | Stuart Kusher
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:21

Street Life parece uma partida de futebol na qual o time começa atacando furiosamente, mas vence porque a defesa garantiu o resultado. A faixa-título, de pouco mais de 11 minutos, que abre o repertório de seis músicas do álbum, é tão poderosa que poderia ter sido lançada como um EP de quatro faixas, com uma versão instrumental, outra para rádio e uma ao vivo embutidas – e ainda ser classificada como um clássico.

O tecladista Joe Sample, o saxofonista Will Felder e o baterista Nesbert "Stix" Hooper eram colegas de escola em Houston, no Texas, quando formaram seu primeiro grupo, The Swingsters. Acabaram virando The Jazz Crusaders e, depois, tiraram o Jazz do nome – mas não da música. Com o ouvido de jazzistas para o acompanhamento instrumental e uma forte queda pelo blues, os Crusaders faziam canções acessíveis com suficiente conteúdo musical para satisfazer tanto a crítica quanto quem quisesse apenas dançar.

Street Life traz o grupo no auge de sua força criativa, numa época em que o jazz elétrico (mais conhecido como jazz fusion) estava se transformando num embrionário movimento acústico – personificado pelo trompetista e missionário do jazz Wynton Marsalis. Os Crusaders, neste álbum, parecem não ter pressa em mostrar sua força; ao contrário, se contentam em coordenar a festa, seja quando animada pelos vocais alegres e sem esforço de Randy Crawford na faixa-título, seja no funk mais contido de "Carnival Of The Night".

O álbum entrou para os Top 20 dos Estados Unidos e da Inglaterra e liderou a parada de jazz americana por 20 semanas, um feito inédito. **YK**

The Germs

(GI) (1979)

Selo | Slash
Produção | Joan Jett
Projeto gráfico | Darby Crash
Nacionalidade | EUA
Duração | 24:33

Houve líderes de banda autodestrutivos, arrogantes, furiosos ou que pareciam personagens de desenho animado. Darby Crash era tudo isso. Carismático e provocador, era tido por muitos como louco. Talvez estivessem certos. Mas suas letras estranhas e sua presença imprevisível e incendiária no palco ajudaram a consolidar os Germs como uma das bandas mais influentes do punk.

Lançado em 1979, *(GI)* – "Germs Incognito" – é um clássico que resistiu à passagem do tempo. Músicas como "Richie Dagger's Crime" e "American Leather" fazem deste álbum um dos mais repulsivos discos do punk. Como em seus shows caóticos, no LP alguns sons parecem estar espalhados por todas as faixas, e a produção de Joan Jett – que havia prometido a Darby fazer o álbum parecer melhor do que *Never Mind The Bollocks...* – torna a gravação um pouco mais leve do que deveria. Mas os Germs não eram conhecidos pelo capricho com que faziam as coisas. Em "Communist Eye" é quase possível sentir o cheiro de cola e de anfetaminas baratas que, no início dos anos 80, dominava o mundo punk de Los Angeles.

Embora Crash exercesse uma forte liderança, os Germs não se limitavam a suas maldições autodestrutivas. O guitarrista Pat Smear (que mais tarde entrou para o Nirvana) era co-autor de todas as músicas e responsável por alguns dos melhores e mais puros riffs punk da época.

Três anos depois da primeira apresentação ao vivo da banda (no Whisky, de Los Angeles, em 1977), Crash morreu, ao que consta, por uma overdose proposital de drogas. Mas seu legado – e de *(GI)* – nos anais do hardcore americano é incontestável. **TSc**

The B-52's (1979)

Selo | Warner Bros.
Produção | Chris Blackwell
Projeto gráfico | Sue Ab Surd
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:06

Há uma cena em *One Trick Pony*, o subestimado filme feito por Paul Simon em 1980, em que seu personagem – um antigo cantor de protesto chamado Jonah Levy – toca na mesma noite do B-52's, que apresenta "Rock Lobster". A mensagem dessa parte do filme é clara: goste-se ou não, o B-52's é a música do futuro. E foi exatamente o que aconteceu.

O álbum de estréia desse grupo da Geórgia ainda se mantém vivo por força dos grandes singles que originou ("Planet Claire" e "Rock Lobster", que é quase um teatro musicado). Além disso, contém duas maravilhosas músicas punk compostas pelo guitarrista Ricky Wilson – "52 Girls" e "Hero Worship" – e faixas de pura diversão: "Dance This Mess Around", "Lava", com seu erotismo barato, e a burlesca "There's A Moon In The Sky". No final do disco vem "6060-842", uma anedota estranha, e uma versão ao vivo de "Dowtown", de Tony Hatch, que provavelmente entrou no álbum porque o grupo não tinha mais músicas e a gravadora não aceitaria fazer um LP com oito faixas.

Fred Schneider, uma mistura de Groucho Marx com John Waters, era uma figura bizarra, mas com poder de atração. Cindy Wilson e Kate Pierson, que eram bonitas, sem apelar para o glamour convencional, tocavam guitarra e outros instrumentos e faziam um vocal rouquenho quando queriam. O estilo retrô do grupo e o som new wave dance exerceram uma influência extraordinária nos anos 80 e continuam irresistíveis até hoje. **DN**

Holger Czukay
Movies (1979)

Selo | Harvest
Produção | Holger Czukay
Projeto gráfico | Holger Czukay
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 39:43

Mais conhecido como baixista e produtor do Can, o visionário pioneiro do rock alemão, Holger Czukay voltou para casa, em Colônia, depois da separação do grupo, em 1978, e encontrou uma válvula de escape improvisando no baixo, em frente à TV, trilhas sonoras de filmes apenas por diversão.

As raízes deste seu primeiro álbum solo depois do Can, *Movies*, estão nessa forma de fazer música. As quatro obras, claro, têm jeito de trilha sonora. O disco traz uma combinação do baixo sinuoso de Czukay e vocais sussurrantes com ondas de sintetizador e os animados ritmos africanos do percussionista Kwaku Baah. *Movies* também foi organizado como um filme, ao juntar diferentes segmentos de vários takes para formar um todo.

Outra grande influência na carreira de Czukay foi o compositor de vanguarda Karlheinz Stockhausen, seu professor entre 1963 e 1968. *Movies* é uma continuação do que fazia o Can, juntando rock progressivo com texturas eletrônicas e tape loops inspirados nas técnicas de musique concrète de Stockhausen. O disco traz também experiências com sampling, usando gravações acumuladas em meses zapeando os canais de televisão e girando o botão do rádio. "Persian Love", por exemplo, traz trechos de um cantor iraniano que Czukay descobriu por acaso no rádio.

Apesar da égide acadêmica sob a qual foi feito, *Movies* é um álbum doce e, muitas vezes, alegre, como mostra a faixa "Cool In The Pool", síntese de art-rock experimental e texturas pop que deu o tom para os trabalhos seguintes de Czukay. **PI**

Police | Reggatta De Blanc (1979)

Selo | A&M
Produção | Nigel Gray • The Police
Projeto gráfico | Michael Ross
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 41:43

O primeiro disco do Police, *Outlands D'Amour*, apareceu no final de 1978 e incluiu três singles de sucesso. Mas quando este segundo álbum com um nome em inglês pidgin – *Reggatta De Blanc* significa "reggae branco" – surgiu no outono, logo disparou para o primeiro lugar da parada britânica e se tornou o segundo LP do Police a entrar, em 1979, nos Top 30 dos Estados Unidos.

A transformação do Police do punk de imitação que era, em 1977, para, talvez, a maior banda de rock do mainstream, em 1983, foi notável. *Reggatta...* originou os dois primeiros singles do grupo a chegar ao primeiro lugar das paradas americanas – "Walking On The Moon" e "Message In A Bottle" ("The Bed's Too Big..." era a faixa principal do que ficou conhecido como "Six-Pack", um lançamento especial que também continha os cinco hits anteriores em single da banda pela A&M). Os dois singles representavam o tipo de new wave da banda, em que se destacavam os riffs econômicos, mas cativantes, de Andy Summers e a bateria ágil de Stewart Copeland. O integrante-chave do trio, porém, era um ex-professor de Newcastle, Gordon Summer, mais conhecido como Sting – um dos melhores vocalistas do mundo, baixista e compositor.

Copeland tinha tocado antes com o Curved Air e convidou o desconhecido Sting para o Police, que era empresariado por seu irmão, Miles. Summers, que havia se apresentado com o Zoot Money, Eric Burdon, Kevin Coyne e Kevin Ayers, entre outros, foi escolhido por Copeland e Sting quando os dois ouviram um single da banda na qual ele tocava, Strontium 90.

Apesar do sucesso mundial, o equilíbrio do poder dentro da banda sempre foi delicado. O Police se separou em 1985 e Sting partiu para uma prolífica carreira solo. **JT**

"O reggae (...) me mostrou que é possível virar a bateria pelo avesso."

Stewart Copeland, 1982

Lista de músicas

▶	01	**Message In A Bottle** (Sting)	4:50
	02	**Reggatta De Blanc** (Copeland • Sting • Summers)	3:06
	03	**It's Alright For You** (Copeland • Sting)	3:13
	04	**Bring On The Night** (Sting)	4:16
	05	**Deathwish** (Copeland • Sting • Summers)	4:11
▶	06	**Walking On The Moon** (Sting)	5:02
	07	**On Any Other Day** (Copeland)	2:57
▶	08	**The Bed's Too Big Without You** (Sting)	4:25
	09	**Contact** (Copeland)	2:38
	10	**Does Everyone Stare** (Copeland)	3:46
	11	**No Time This Time** (Sting)	3:19

The Fall | Live At The Witch Trials (1979)

Selo | Step Forward
Produção | The Fall • Bob Sargeant
Projeto gráfico | Mark E. Smith
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:36

Uma das bandas inglesas de maior destaque e influência, o Fall foi formado, em 1977, em Manchester, ao redor do cantor e compositor Mark E. Smith. O grupo assinou contrato com o selo Step Forward, de Miles Copeland, e estreou num EP com um tema extravagante, *Bingo Master's Breakout*. Esse lançamento e a fama de suas apresentações ao vivo garantiram críticas elogiosas e o apoio do DJ de rádio John Peel, que se tornaria um dos maiores fãs da banda.

Apesar das mudanças em sua formação durante as sessões, o Fall gravou e mixou *Live At The Witch Trials*, composto pelos melhores momentos de seus primeiros shows, em apenas dois dias. A voz inconfundível de Smith e o inteligente jogo de palavras são complementados pela guitarra abrasiva de Martin Bramah, pelo fantástico órgão fora do tom de Yvonne Pawlett e ainda por uma poderosa seção rítmica. "Crap Rap 2" se apresenta com a afirmação "we are The Fall, Northern white crap that talks back". "Futures And Pasts" e "Industrial Estate" fazem uma leitura interessante do rock de garagem dos Seeds ou dos Stooges, cheia de críticas sarcásticas e punks; a temática anti-heroína de "No Xmas for John Quays" é um clássico da época, muitas vezes subestimado. "Music Scene", com sua condenação à indústria da música (complementada pela intervenção do engenheiro de estúdio, que tenta parar a banda durante o prolongado final), e "Underground Medicine" mostram que o Fall superava suas limitações musicais com vibração, humor e inteligência.

O álbum fez sucesso imediato. Como documento do começo de uma instituição única na Inglaterra, o disco continua gostoso de se ouvir até hoje e arregimentou uma nova geração de admiradores, depois que grupos como o Pavement e o Franz Ferdinand conseguiram sucesso com o grande público ao se aproximarem do som do Fall. **CSh**

"As pessoas costumavam classificar o Fall como uma banda punk, mas a gente sempre ficou fora desse movimento."

Mark E. Smith, 1999

Lista de músicas

	01	**Frightened** (Friel • Smith)	5:02
▶	02	**Crap Rap 2/Like To Blow** (Bramah • Smith)	2:04
	03	**Rebellious Juke Box** (Bramah • Smith)	2:55
▶	04	**No Xmas For John Quays** (Smith)	4:38
	05	**Mother-Sister!** (Baines • Smith)	3:20
▶	06	**Industrial Estate** (Bramah • Friel • Smith)	1:59
	07	**Underground Medicine** (Bramah • Smith)	2:08
	08	**Two Steps Back** (Bramah • Smith)	5:03
	09	**Live At The Witch Trials** (Smith)	0:51
▶	10	**Futures And Pasts** (Bramah • Smith)	2:36
▶	11	**Music Scene** (Bramah • Pawlett • Riley • Smith)	8:00

Talking Heads | Fear Of Music (1979)

Selo | Sire
Produção | Brian Eno • Talking Heads
Projeto gráfico | David Byrne • Jerry Harrison
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:25

Com *Fear Of Music*, os Talking Heads escavaram um veio de paranóia que seus dois primeiros álbuns tinham apenas arranhado. *Talking Heads: 77* e *More Songs About Buildings And Food* eram obras pouco convencionais de pop, que desconstruíam a vida na decadente cultura americana. Em *Fear Of Music*, David Byrne dirigiu seu olhar destruidor para dentro de si e dissecou sua própria mente ansiosa.

Essa aguçada auto-análise está ancorada em um som mais triste e denso. Faixas como "Animals" – um grande momento psicótico, no qual Byrne descarrega sua desconfiança em relação ao mundo animal – e "Mind", uma canção fúnebre para uma ex-amante que morreu, constroem uma atmosfera ameaçadora através de repetições em ritmo funk simples mas distorcidas.

A produção hiperacurada de Brian Eno contribui para o tom de pressentimento do álbum. A ex-estrela do Roxy Music, que também produziu *More Songs...*, de 1978, reuniu estranhos efeitos sonoros em *Fear Of Music* – marcando a ruptura com o som do tipo ao vivo no estúdio dos dois primeiros álbuns. Os riffs são esticados e fragmentados em "Electric Guitar". Backing vocals espectrais – a cargo das irmãs da baixista Tina Weymouth – flutuam em "Air" e as visões de colapso mental de "Memories Can't Wait" surgem carregadas de distorção e ondas de eco.

A guinada da banda para um rumo sombrio confundiu os fãs ingleses (*Fear Of Music* chegou apenas ao 29.º lugar na parada britânica), mas os críticos e o público americano adoraram o som experimental do álbum. O lendário crítico de música Lester Bangs declarou que este disco era "o melhor dos Heads" e *Fear Of Music* ficou em 21.º lugar entre os 100 Mais da Billboard, o posto mais alto alcançado pelos Talking Heads até então. **TB**

"Eu não sou uma pessoa inteiramente à vontade... Mas isso não significa, necessariamente, que eu seja neurótico."

David Byrne, 1979

Lista de músicas

▶	01	**I Zimbra** (Ball • Byrne • Eno)	3:06
	02	**Mind** (Byrne)	4:12
	03	**Paper** (Byrne)	2:36
	04	**Cities** (Byrne)	4:05
▶	05	**Life During Wartime** (Byrne • Frantz • Harrison • Weymouth)	3:41
	06	**Memories Can't Wait** (Byrne • Harrison)	3:30
▶	07	**Air** (Byrne)	3:33
▶	08	**Heaven** (Byrne • Harrison)	4:01
	09	**Animals** (Byrne)	3:29
	10	**Electric Guitar** (Byrne)	2:59
	11	**Drugs** (Byrne)	5:13

Joy Division | Unknown Pleasures (1979)

Selo | Factory
Produção | Martin Hannett
Projeto gráfico | Peter Saville
Nacionalidade | | Inglaterra
Duração | 38:21

Logo depois de surgir no conhecido EP *Factory Sample*, de 1978, financiado por uma celebridade local de TV, Tony Wilson, o Joy Divison optou por lançar seu primeiro álbum, um marco, pelo pequeno e independente selo Factory, apesar do interesse de grandes gravadoras.

O disco foi gravado em uma semana no Strawberry Studios, de Stockport. O visionário Hannett pegou a guitarra metal de Bernard Dicken (também conhecido como Sumner), as melodias peculiares do baixo de Peter Hook e a inovadora combinação de bateria acústica e eletrônica feita por Stephen Morris e criou uma ambientação silenciosa e desconcertante, utilizando de forma pioneira efeitos digitais, gritos abafados e sons de vidro partido.

O letrista Ian Curtis retrata suas experiências de epiléptico no mutante ritmo disco de "She's Lost Control"; "Shadowplay" evoca imagens da decadência urbana e da paranóia de Manchester, no final dos anos 70. A dispersão da música complementa de maneira perfeita o barítono frio de Curtis, em especial no majestoso hino à morte "New Dawn Fades" e na assustadora "I Remember Nothing", enquanto a energética "Interzone" e "Disorder" mostram por que a banda tinha fama de ser feroz em suas apresentações ao vivo.

Naquele período pós-punk, em que imperavam o busy design e as cores básicas, a capa, que mostrava ondas de rádio emitidas por uma estrela em extinção, contra um fundo totalmente preto, foi tão marcante quanto a música do álbum e antecipou uma revolução no design minimalista.

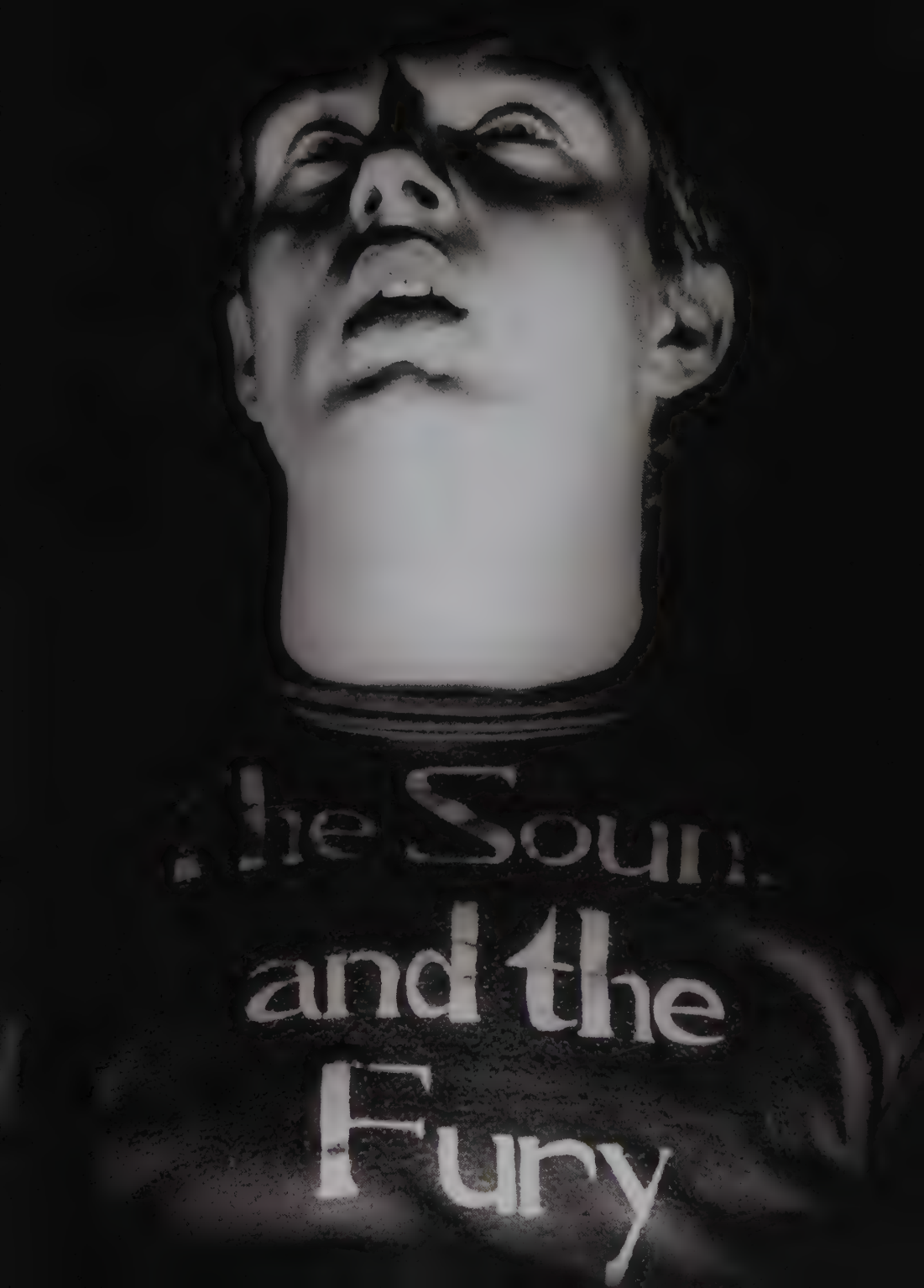
Unknown Pleasures foi um sucesso de público e crítica – embora um jornalista tenha feito um elogio torto, ao escrever que o álbum era perfeito para se ouvir antes de cometer suicídio. Depois de 25 anos, *Unknown Pleasures* continua a ser fascinante. **CSh**

"Na Factory, ninguém nos restringe, nem na música nem no projeto gráfico."

Ian Curtis, 1979

Lista de músicas

01	**Disorder**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	3:36
▶ 02	**Day Of The Lords**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	4:43
03	**Candidate**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	3:00
04	**Insight**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	4:00
▶ 05	**New Dawn Fades**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	4:47
▶ 06	**She's Lost Control**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	3:40
▶ 07	**Shadowplay**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	3:50
08	**Wilderness**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	2:35
09	**Interzone**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	2:10
▶ 10	**I Remember Nothing**	(Curtis•Hook•Morris•Sumner)	6:00


The Sound
and the
Fury

Chic | Risqué (1979)

Selo | Atlantic
Produção | B. Edwards • N. Rodgers
Projeto gráfico | Carin Goldberg
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:58

Gravado num período de oito semanas entre o inverno e a primavera de 1979, nos estúdios Kendun, da Califórnia, e The Power Station e Electric Lady, de Nova York, *Risqué* é a melhor prova contra os que acusam a música disco de ter pouca substância. O álbum representa o auge da parceria criativa entre Bernard Edwards e Nile Rodgers. Escorado por um orçamento de US$ 160 mil, permanece um disco grandioso com ambições grandiosas.

"Good Times", com seu zumbido de motor de jato e seu sensacional ritmo repetitivo, é o monumento derradeiro do Chic ao pop, uma recriação irônica do clássico da era da Depressão "Happy Days Are Here Again". O refrão de 20 notas do baixo de Edwards definiu não apenas a música urbana, mas também o hip hop, e foi sampleado pelo Sugarhill Gang em "Rapper's Delight". Pode-se discutir se o resto do álbum consegue manter o nível de qualidade dessa faixa, mas o disco é algo fantástico e sombrio, e apenas "A Warm Summer Night" e "Will You Cry (When You Hear This Song)" oferecem uma pausa ao ritmo sem descanso do LP.

O álbum foi lançado em agosto de 1979, com um projeto gráfico que parecia com o conceito da Hipgnosis. A capa em sépia combinava com o outro grande lançamento da Atlantic daquele verão, *In Through The Out Door*, do Led Zeppelin. A gravadora até voltou a exibir seu selo prateado, uma marca de seu catálogo de jazz e R&B, somente para este disco.

Risqué é um álbum que discorre sobre relacionamentos: os amores tristes e não correspondidos, aqueles marcados pelo sadismo e pelo desespero, a relação com o passado e com as pistas de dança. Floreado e cheio de detalhes, o LP, porém, acabou em pouco tempo eclipsado pelo movimento "música disco é uma droga". **DE**

"A gente se dirigia às pessoas numa época de caos econômico e dava uma alegria para elas."

Nile Rodgers, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Good Times** (Edwards•Rodgers)	8:09
▶	02	**A Warm Summer Night** (Edwards•Rodgers)	6:11
▶	03	**My Feet Keep Dancing** (Edwards•Rodgers)	6:46
	04	**My Forbidden Lover** (Edwards•Rodgers)	4:42
	05	**Can't Stand To Love You** (Edwards•Rodgers)	2:55
▶	06	**Will You Cry (When You Hear This Song)** (Edwards•Rodgers)	4:05
	07	**What About Me** (Edwards•Rodgers)	4:10

The Undertones | The Undertones (1979)

Selo | Sire
Produção | Roger Bechirian
Projeto gráfico | Bush Hollyhead
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 29:09

Alguns álbuns refletem sua época e lugar. Outros, não. Em 1979, poucos achariam o Norte da Irlanda uma região idílica. Mas um disco, lançado em maio daquele ano, mostrou que a adolescência é a mesma em qualquer tempo e local: garotas, fins de semana, uma excitação afobada, grandes planos. O primeiro LP dos Undertones é uma delícia completa e irrestrita.

Enquanto boa parte do punk inglês estava ligado à moda e política, os Undertones não faziam pose – apareciam na TV vestindo parkas e suéteres que mereciam ficar no fundo do armário. A capa, em preto-e-branco, traz a banda simplesmente sentada num muro. Com uma imagem sem apelo, restava mesmo a música.

E isso levou a "Teenage Kick"? Na verdade, numa espécie de movimento contra a maré, que caracterizou sua carreira, a faixa que inspirou a devoção emocionada de John Peel ao grupo só foi incluída na versão lançada cinco meses depois da original.

Não importa. Isso apenas deu mais espaço para o balanço irresistível de "Here Comes The Summer", "Jump Boys" e "Jimmy Jimmy" (o primeiro single da banda a entrar para os 20 Mais na Inglaterra). Entre os grupos da época, apenas Blondie e os Buzzcocks podiam rivalizar com o talento para compor de John O'Neill. E nada se comparava à impressão causada pela voz de Feargal Sharkey. Em parte agudos, em parte sussurros, trazia uma urgência que se encaixava perfeitamente com a energia de "True Confessions" e "Male Model".

Menos de meia hora depois de "Family Entertainment" dar a partida ao álbum, tudo acaba e a pessoa se vê sentada, com um enorme sorriso. Esse é o poder do pop perfeito. **CB**

"Estar no Undertones era como uma extensão da infância."

Michael Bradley, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Family Entertainment** (D. O'Neill)	2:39
	02	**Girls Don't Like It** (J. O'Neill)	2:17
	03	**Male Model** (Bradley • D. O'Neill • J. O'Neill)	1:55
	04	**I Gotta Getta** (J. O'Neill)	1:54
	05	**Wrong Way** (J. O'Neill)	1:24
▶	06	**Jump Boys** (J. O'Neill)	2:41
▶	07	**Here Comes The Summer** (J. O'Neill)	1:36
	08	**Billy's Third** (Doherty)	1:57
▶	09	**Jimmy Jimmy** (J. O'Neill)	2:43
▶	10	**True Confessions** (Bradley • D. O'Neill • J. O'Neill)	2:23
	11	**Runaround (She's A)** (J. O'Neill)	1:49
	12	**I Know A Girl** (J. O'Neill)	2:37
	13	**Listening In** (Bradley • D. O'Neill • J. O'Neill)	2:25
	14	**Casbah Rock** (J. O'Neill)	0:49

The Clash
London Calling (1979)

Selo | CBS
Produção | Guy Stevens
Projeto gráfico | R. Lowry • P. Smith
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 64:59

O Clash pode ser acusado de ter diluído o punk rock em digressões estilísticas e de discursar sobre política sem realmente saber nada sobre isso, mas, um quarto de século depois do lançamento de sua obra-prima, *London Calling*, o álbum continua sendo o que melhor ofereceu uma saída vital para o solipsismo do punk.

London Calling foi o testamento definitivo do Clash, depois do manifesto punk de seu primeiro álbum e do agrado ao público americano de *Give'Em Enough Rope*. A parceria entre Joe Strummer e Mick Jones abarcava agora outras influências, além do punk e do reggae, como o rockabilly ("Brand New Cadillac"), o pop ("Lost In The Supermarket") e o R&B ("I'm Not Down"), enquanto Simonon oferecia o hino dark "Guns Of Brixton". "Spanish Bombs" era um protesto político genuíno; a faixa-título, com sua linha de baixo galopante, a guitarra cortante e o vocal gutural, garantiu à banda seu maior sucesso em single até então.

Mas o que faz o amálgama do disco é a produção firme de Guy Stevens. Um empreendedor genial da indústria do disco desde o final dos anos 60, Stevens tinha caído em desgraça em meados da década de 70, mas seu entusiasmo fez a banda deixar de lado sua postura intimidatória e ele conseguiu extrair o melhor dela.

A capa faz uma referência consciente à do primeiro álbum de Elvis, embora a foto, feita por Pennie Smith, de Simonon prestes a esmagar o baixo, seja punk puro. Este é um daqueles raros discos que tanto definem sua época como mostram seus criadores no auge de seu talento. **IJ**

Japan
Quiet Life (1979)

Selo | Hansa
Produção | John Punter
Projeto gráfico | Fin Costello
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:28

Em meio à onda de grupos pop à base de sintetizadores vivida pela Inglaterra, a transição do Japan do glam rock para uma inovadora tendência artística sofisticada foi uma revelação. O terceiro LP da banda capta à perfeição a nova onda de romantismo e mostra David Sylvian como um cantor com alguma consistência. Sua voz alcança, no disco, um nível de sobriedade sedutora comparável com a de Brian Ferry, e o vocalista passou a exercer uma grande influência com sua imagem desfocada na capa.

Com dois discos subestimados debaixo do braço, toda a banda queria um pouco de atenção. A interação entre os teclados de Richard Barbieri e os acordes provocantes da guitarra de Rob Dan é quase incoerente se comparada com o pulsante baixo de Mick Karn. Não é possível existir qualquer outro instrumento, na época, tão sexy. A percussão de Steve Jansen se mantém sutil e cheia de empatia, e a voz idílica e sombria de Sylvian é como um sonho.

A faixa-título, que abre o álbum, e "Fall In Love With Me", igualmente contagiante, parecem marcar o disco como uma obra apenas comercial e vulgar. Mas o piano outonal de "Despair" dá conta, de maneira mais justa, do que trata o LP. Melancólico e meditativo, *Quiet Life* se apresenta como um desafio. Uma interpretação dura de "All Tomorrow's Parties", de Lou Reed, se encaixa à perfeição entre as composições de Sylvian. Mas são "In Vogue" e "The Other Side Of Life" que indicam o caminho experimental para o qual ele levaria a banda. Na época, porém, o Japan era, enfim, uma estrela do pop. **GT**

Marianne Faithfull
Broken English (1979)

Selo | Island
Produção | Mark Miller Mundy
Projeto gráfico | Dennis Morris
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:40

Ela podia ter sido a mãe de Sid Vicious — literalmente. Depois de uma década desnorteada pelas drogas, Marianne Faithfull decidiu não aparecer no filme dos Sex Pistols, *The Great Rock 'N' Roll Swindle*, mas canalizar sua fúria movida a punk para um álbum.

A energia e a objetividade do punk foram uma influência direta em Faithfull. Musicalmente, *Broken English* não tem nada a ver com sua linhagem – os Rollings Stones e as bonitas baladas que a tornaram famosa. No álbum, o que há é a pulsação eletrônica de "Broken English", o blues espacial de "Brain Drain" e o soul branco de "Guilt".

"Working Class Hero" é gelada, mas eletrizante, com vocais imperiosos que soam mais parecidos com o riso irônico de Maria Antonieta do que com a amargura do homem do povo do original de Lennon. "The Ballad Of Lucy Jordan" é uma mistura de melancolia com uma melodia que pareceria do Abba, não fossem os vocais selvagens.

Mas a faixa que faz *Broken English* continuar essencial é "Why D'Ya Do It". Baseada num poema do dramaturgo Heathcote Williams, está repleta de guitarras no estilo de Robert Fripp. A estrela é Marianne: fora de si pela infidelidade de seu amante, ela varia o tom entre Patti Smith e Grace Jones para vociferar uma letra na qual o verso "Why'd you spit on my snatch?" está longe de ser o mais desagradável.

O álbum foi o ponto de partida para a recuperação de sua carreira, que levou a obras-primas como *Strange Weather*, de 1987. Mas nem quando cantou com o Metallica ela deixou o público de queixo caído como em *Broken English*. **BM**

The Slits
Cut (1979)

Selo | Island
Produção | Dennis Bovell
Projeto gráfico | Pennie Smith
Nacionalidade | Alemanha • Inglaterra
Duração | 31:52

Formada durante um show de Patti Smith, em 1976, pela vocalista alemã Ari Up, então com 14 anos, a banda The Slits (com seu estilo único de se vestir de forma parcimoniosa) logo ganhou fama de ser selvagem e odiosa. O grupo foi convidado a servir de apoio ao Clash durante a turnê White Riot, de 1977, mas o motorista teve de ser subornado para deixar as moças subirem no ônibus. No entanto, apesar de fazerem parte do círculo íntimo de amigos dos Sex Pistols, os Slits não lançaram um álbum até 1979.

A banda teve uma formação flutuante. Numa delas se reuniram, em torno de Ari, a guitarrista Viv Albertine, a baixista Tessa Pollitt e o futuro baterista dos Banshees, Budgie. Na época do lançamento de *Cut*, o barulho dos Slits já tinha evoluído para um jitterpunk com influência dub, com a ajuda da produção de Bovell, do Matumbi, o revolucionário grupo de reggae inglês.

A banda combinava ritmos dançantes e harmonias discordantes e os agudos com sotaque alemão de Ari (uma óbvia influência em Björk); sua falta de habilidade musical nunca foi obstáculo para a criatividade – é só prestar atenção no piano e nos tempos variados de "Typical Girls" ou na crueza do skank de "Instant Hit". Os defeitos masculinos são o alvo da brilhante canção antiamor "Love Und Romance" e do funk distorcido de "Ping-Pong Affair". As melhores faixas são a anticonsumista "Spend, Spend" e o hilariante refrão "Do a runner" de "Shoplifting".

O álbum foi merecidamente recebido com elogios, apesar de a fotografia "primitiva urbana" da capa ter despertado polêmica. Mas a recusa dos Slits em abrir mão de sua imagem e ponto de vista tornou a banda uma poderosa influência para as artistas mulheres. **CSh**

Elvis Costello And The Attractions
Armed Forces (1979)

Selo | Demon
Produção | Nick Lowe
Projeto gráfico | Barney Bubbles
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:13

Gravado durante seis semanas frenéticas no Eden Studios, em Londres – com o nome original de *Emotional Fascism, Armed Forces* –, o terceiro álbum de Elvis Costello foi um claro passo atrás em relação à música agressiva do disco anterior, *This Year's Model*. Os arranjos pop deixavam perceber a formação clássica do tecladista Steve Naive (antes, Steve Nason), que vinha exercendo uma influência crescente no trabalho de apoio a Costello. O primeiro single, "Oliver's Army", vendeu 400 mil cópias, mas não conseguiu derrubar "I Will Survive", de Gloria Gaynor, do topo da parada; da mesma forma, o álbum também ficou em segundo lugar.

O LP incluiu um single de sete polegadas, com três faixas ao vivo e uma capa graficamente elaborada. Entre essas faixas havia um take de piano e voz da música de abertura do álbum, "Accidents Will Happen", muito melhor, sob qualquer ponto de vista, do que o corte feito pelo estúdio. Outro destaque era "Green Shirt", uma "homenagem" à apresentadora da BBC TV Ângela Rippon, na qual Naive teve controle total para usar seu arsenal de teclados.

Para alguns, a inclusão de "Sunday's Best", uma música escrita para Ian Dury e por ele rejeitada, podia sugerir que a fonte criativa de Costello estava começando a secar. A canção foi retirada do álbum, no lançamento dos Estados Unidos, e substituída por uma versão de "What's So Funny 'Bout Peace Love And Understanding", de Nick Lowe.

Mas não havia dúvidas, ao se ouvir o repetido refrão "I will return" ("Eu voltarei"), no final de "Two Little Hitlers", de que Costello cumpriria a promessa. Ele conseguiu, com sucesso, se infiltrar no mainstream. Como contraste, seu projeto seguinte teve o soul como base. **MH**

"*Armed Forces* é um álbum muito moderno para a época..."

Elvis Costello, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Accidents Will Happen** (Costello)	3:00
	02	**Senior Service** (Costello)	2:17
▶	03	**Oliver's Army** (Costello)	2:58
	04	**Big Boys** (Costello)	2:54
▶	05	**Green Shirt** (Costello)	2:42
	06	**Party Girl** (Costello)	3:20
	07	**Goon Squad** (Costello)	3:14
	08	**Busy Bodies** (Costello)	3:33
	09	**Sunday's Best** (Costello)	3:22
	10	**Moods For Moderns** (Costello)	2:48
	11	**Chemistry Class** (Costello)	2:55
▶	12	**Two Little Hitlers** (Costello)	3:10

Neil Young And Crazy Horse
Rust Never Sleeps (1979)

Selo | Reprise
Produção | David Briggs • Tim Mulligan • Neil Young
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Canadá
Duração | 38:16

Em 1979, Neil Young comemorava o fato de ter sobrevivido aos anos 70 com sua integridade intacta. A revista *Village Voice* até mesmo o classificou como o "Artista da Década", confirmando Young como um dos poucos astros de sua época, ao lado de Dylan e Van Morrison, a fazer com sucesso a transição dos anos 60.

Young prosseguiu sua carreira solo em duas frentes. O filme *Rust Never Sleeps*, que estreou em julho de 1979, continha gravações do concerto no Cow Palace, em São Francisco, no ano anterior. Mas o álbum com o mesmo nome, lançado simultaneamente, era mais interessante e trazia um lado acústico só com Young e um lado elétrico com o Crazy Horse como banda de apoio. O disco se ancorava nas variações de uma música, "My My, Hey Hey", que refletia sobre a natureza passageira do estrelato. A canção ganhou o status de lenda quando Kurt Cobain, do Nirvana, a citou no bilhete que deixou ao se suicidar.

Os destaques entre as faixas acústicas incluem "Pocahontas", inspirada na índia Sachgeen Littlefeather, que apareceu na festa do Oscar, enviada por Marlon Brando, para recusar o prêmio de melhor ator por *O Poderoso Chefão* (Young havia explorado o tema da destruição dos povos nativos americanos em "Broken Arrow", na época do Buffalo Springfield). "Thrasher" fazia alusão velada a seu relacionamento com Crosby, Stills e Nash.

O poderoso lado B, gravado ao vivo, mas sem o som da platéia, começa com "Powderfinger", uma história de faroeste, e conclui com uma segunda versão do tema do álbum, "Hey Hey, My My (Into The Black)". O disco representa o som de um artista que se recusa a apagar seu fogo e desaparecer. **MH**

"Há um limite para o verdadeiro rock 'n' roll no qual está tudo o que importa."

Neil Young, 1979

Lista de músicas

▶	01	**My My, Hey Hey (Out Of The Blue)** (Blackburn • Young)	3:45
	02	**Thrasher** (Young)	5:38
	03	**Ride My Llama** (Young)	2:29
▶	04	**Pocahontas** (Young)	3:22
	05	**Sail Away** (Young)	3:46
▶	06	**Powderfinger** (Young)	5:30
	07	**Welfare Mothers** (Young)	3:48
	08	**Sedan Delivery** (Young)	4:40
▶	09	**Hey Hey, My My (Into The Black)** (Young)	5:18

Gang Of Four
Entertainment! (1979)

Selo | EMI
Produção | Andy Gill • Jon King • Rob Warr
Projeto gráfico | Andy Gill • Jon King
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:13

O Gang Of Four se formou em Leeds, na Inglaterra, em 1977, e foi batizado com o nome da facção política chinesa ligada à viúva de Mao Tsé-tung. Quando o grupo, assumidamente de esquerda, foi contratado pela EMI, houve narizes torcidos, mas sua postura inflexível se manteve intacta.

O som revolucionário de *Entertainment!* se deve aos ritmos de puro funk oferecidos pelo baixista Dave Allen, pelo baterista Hugo Burnham e pelo staccato arranhado da guitarra de Andy Gill. O espaço entre as frases permite que os vocais inteligentes de Jon King sejam ouvidos, enquanto os intervalos são preenchidos pelo feedback entrecortado de guitarra e escaleta.

A banda, desafiadora, antimachista e antifascista, trazia letras inspiradas pelo espectro crescente do tatcherismo e pelo aumento da violência entre movimentos de esquerda e de direita de sua terra natal, o Yorkshire, no final dos anos 70. "...Tourist" e "Contract" tentam questionar o papel tradicional de homens e mulheres na sociedade; os vocais do tipo pergunta-e-resposta, no estilo do Funkadelic, da faixa "Ether", investigam a maneira como a imprensa dava mais destaque à descoberta de petróleo no Mar do Norte do que aos maus-tratos aplicados pelos britânicos aos prisioneiros da Irlanda do Norte. "Damaged Goods" explora a metáfora de sexo e consumismo. A canção mais forte é "5:45", que traz um retrato das cenas de guerra quase artísticas apresentadas nos noticiários de TV do horário nobre.

A música, porém, é apresentada com habilidade, raiva e uma energia crua, e os vocais nunca se tornam um palavrório sem sentido. *Entertainment!* é um álbum inovador e consistente. O "funk neomarxista" da Gang inspirou grupos tão díspares quanto o Red Hot Chili Peppers e o Rapture. **CSh**

Cheap Trick
At Budokan (1979)

Selo | Epic
Produção | Cheap Trick • Bruce Dickinson • Jack Douglas
Projeto gráfico | Koh Hasebe
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:27

O Cheap Trick teve de atravessar o Pacífico para virar uma mega-estrela em sua própria terra natal. O quarteto, que havia feito um sucesso apenas moderado nos Estados Unidos com seus três primeiros discos, despertou uma febre do tipo beatlemania durante a turnê pelo Japão, em 1978. No registro dessa viagem, *At Budokan*, a banda pegou as sementes plantadas nos álbuns anteriores – as melodias pop bem construídas, os refrões pesados – e as regou com a energia cinética do palco, liberada com as cerca de 200 apresentações por ano. Em resumo, o Cheap Trick criou um manual do pop que continua a influenciar as bandas de noise-pop até hoje.

A capa, uma foto tirada, durante o show, do vocalista Robin Zander e do baixista Tom Petersson, foi uma boa jogada de marketing – os rapazes bonitos atraíam as consumidoras. Mas não deixou de ser um pouco enganadora, já que é a dupla talentosa – e menos fotogênica – formada pelo guitarrista Rick Nielsen e pelo baterista Bun E. Carlos que realmente leva o álbum à frente. Nielsen, que é o autor ou co-autor de nove das dez faixas, dá a cada nota uma força melódica que torna "Surrender" e "Big Eyes" indispensáveis. Carlos machuca sua bateria na faixa de abertura, "Hello There", e, depois, vira um modelo de contenção precisa na releitura de "Ain't That A Shame", um hit de Fats Domino.

At Budokan ficou nas paradas durante mais de um ano e vendeu cerca de três milhões de cópias. O grupo fez sucesso depois com o álbum de estúdio *Dream Police*, de 1979, mas nunca alcançaria novamente o pico de qualidade de seu show na Budokan Arena. **JiH**

Fleetwood Mac
Tusk (1979)

Selo | Reprise
Produção | Ken Caillat • Richard Dashut • Fleetwood Mac
Projeto gráfico | Vigon Nahas Vigon
Nacionalidade | EUA
Duração | 72:25

Era inevitável que o Fleetwood Mac caísse das alturas alcançadas com o álbum *Rumours*, de 1977, primeiro lugar nas paradas durante inacreditáveis 31 semanas. Mas poucas bandas conseguiram "cair" num estilo tão épico quanto o Mac, com o lançamento de *Tusk*.

Gravado num período de 10 meses, o álbum duplo atingiu novos limites de parafernália de estúdio e custou US$ 1 milhão, uma soma sem precedentes até então. No entanto, foi dinheiro bem gasto – sabe-se lá quanto custou alugar o Dodgers Stadium e contratar a banda da University of Southern California para gravar a faixa-título.

O álbum bebe de dois Brians, Eno e Wilson, fazendo uma colagem onírica que usa todos os sinos e apitos então conhecidos pelo homem. Lindsey Buckingham, que havia assumido a liderança da banda a partir de *Rumours*, se mantém à frente do trabalho para fazer sua própria e brilhante versão de *Pet Sounds*.

Rumours ferve de tensão, criada, principalmente, pelo fracasso do relacionamento entre Buckingham e Stevie Nicks, mas é o profissionalismo de alto nível que reina em *Tusk*. A banda está mais velha e mais sábia, dando um ar de distanciamento, e mesmo de aceitação, a faixas dolorosas como "Angel" e "Save Me A Place". Os agudos arfantes de Nicks estão fantásticos em "Sara", e Christine McVie surge absolutamente mágica em "Over & Over", um folk rock com tintas country.

Tusk não se compara a *Rumours* em termos de vendas, mas ganhou o disco de platina quatro meses depois de seu lançamento. Não era o que se esperava da banda depois do sucesso estrondoso do álbum anterior, mas o que se pode querer de um grupo que manda o público "Go Your Own Way" ("Siga Seu Próprio Caminho")? **JiH**

Pink Floyd
The Wall (1979)

Selo | Columbia
Produção | Vários
Projeto gráfico | Gerald Scarfe • Roger Waters
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 81:11

O punk não conseguiu acabar com o Pink Floyd. Os dias de bandas como o Led Zeppelin, Yes e ELP estavam contados. O Genesis encolheu para sobreviver. Mas o Floyd fazia exatamente o que queria.

Sempre à parte, socialmente, das bandas da época (com exceção, por estranho que pareça, do The Who), o grupo procurava, agora, expressar seu distanciamento do público. O resultado: um álbum conceitual sobre um astro pop desiludido que surta e acha que é um líder fascista. Nada que *Tommy* ou *Ziggy* já não tivessem feito. E a metáfora central – tijolos – não era exatamente excitante.

Então, a emoção está nos detalhes – uma produção elaborada até mesmo para os padrões grandiosos do Floyd, vocais no estilo Beach Boys falando sobre a escória e canções concisas, em especial o protesto de "Another Brick In The Wall Pt II" e a favorita dos fãs "Comfortably Numb".

O álbum foi um megassucesso de vendas, na linha de *Dark Side Of The Moon*. Ficou seis meses entre os cinco mais vendidos da *Billboard* e liderou a parada durante 15 semanas. Duas décadas depois – de acordo com Roger Waters, principal compositor da banda – o disco ainda "vende algo como quatro milhões de cópias por ano".

The Wall é adorado por artistas britânicos como Noel Gallagher, do Oasis, e Robbie Williams, mas também tem legiões de discípulos nos Estados Unidos. Os álbuns duplos dos Smashing Pumpkins e do Nine Inch Nails não existiriam não fosse *The Wall; Antichrist Superstar*, de Marilyn Manson, é seu gêmeo (conceitual) do mal.

O álbum é tão poderoso que pôde suportar uma versão disco de "Comfortably Numb", feita pelas Scissor Sisters, e até ameaças de uma adaptação na Broadway. Melhor ouvir o álbum logo, antes que seja conspurcado. **BM**

Public Image Ltd. | Metal Box (1979)

Selo | Virgin
Produção | Public Image Limited
Projeto gráfico | Charles Dimont
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 60:30

Se o punk rock tinha sido uma tentativa violenta de usurpar o poder do mainstream, o pós-punk era, em muitos sentidos, um recuo traumático, um catártico grito primal. Os Sex Pistols revolviam seu ser doentio para fazer um rock 'n' roll contagiante, pronto para a diversão; no Public Image, Lydon refinava seus gritos angustiantes como um instrumento de tortura. Os riffs no estilo Cochran de *Never Mind The Bullocks* deram lugar à repetição do Can, à leitura dub de Lee Perry e a novos truques dissonantes criados pelo baixista Jah Wobble e pelo genial guitarrista Keith Levene.

Lançado um ano depois de seu barulhento primeiro álbum, *Metal Box* – assim chamado porque as edições iniciais foram feitas no formato de três discos de 12 polegadas e 45 rpm, embalados numa prática lata de filmes (mais tarde esse formato foi relançado como *Second Edition*, numa embalagem mais barata) – deu espaço ao Public Image para abrir suas velas e navegar em sua bad trip até o fim. Algumas faixas são longas e os ritmos semi-industriais se desgastam, os sons ruidosos se fechando em torno dos ouvidos de forma claustrofóbica. Mesmo dentro dessa confusão de barulhos há músicas lindas e incomuns – como "Careering" e a impetuosa "Poptones". Mas *Metal Box*, antes de mais nada, era um álbum com o clima sugerido pelo título: frio, sombrio, implacável, subterrâneo.

O disco resumiu o estado de espírito da banda, que se entregou às drogas e estava exausta das turnês caóticas e desastrosas. Significava, de várias maneiras, o som de um grupo sem futuro, embora as texturas abrasivas e os sons poderosos descobertos em seu caminho ladeira abaixo fossem influenciar todo tipo de música experimental das décadas seguintes. **SC**

"(...) não podemos fazer nada além de dar alento a suas vidas pequenas e monótonas."

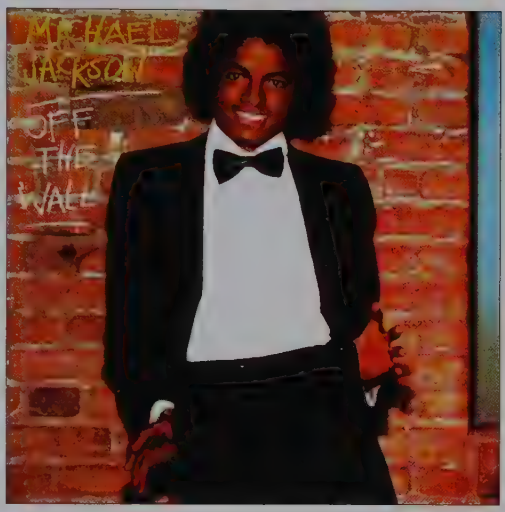
John Lydon, 1980

Lista de músicas

▶	01	**Albatross** (Public Image Ltd.)	10:34
	02	**Memories** (Public Image Ltd.)	5:05
	03	**Swan Lake** (Public Image Ltd.)	4:11
▶	04	**Poptones** (Public Image Ltd.)	7:46
▶	05	**Careering** (Public Image Ltd.)	4:32
	06	**No Birds** (Public Image Ltd.)	4:41
	07	**Graveyard** (Public Image Ltd.)	3:07
	08	**The Suit** (Public Image Ltd.)	3:29
	09	**Bad Baby** (Public Image Ltd.)	4:30
	10	**Socialist** (Public Image Ltd.)	3:10
▶	11	**Chant** (Public Image Ltd.)	5:01
▶	12	**Radio 4** (Public Image Ltd.)	4:24

Michael Jackson | Off The Wall (1979)

Selo | Epic
Produção | Michael Jackson • Quincy Jones
Projeto gráfico | Steve Harvey • Mike Salisbury
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:45



Ao contrário de Stevie Wonder, que passou de menino-prodígio a estrela adulta sem contratempos, Michael Jackson teve uma adolescência musical difícil. Em 1979, ele estava há sete longos anos sem emplacar um sucesso solo e, aos 19 anos, sentia-se desesperado para encontrar um novo mentor musical.

Enquanto ensaiava, em 1977, para o musical *The Wiz*, com o elenco todo negro, Jackson, timidamente, perguntou ao mestre do jazz e do funk Quincy Jones se podia recomendar um produtor para ele. Jones se candidatou, montou uma banda de estúdio a partir de dois grupos com os quais trabalhava – os Brothers Johnson e o Rufus – e arregimentou músicos como o tecladista de Stevie Wonder, Greg Philanganes. Juntos, eles criaram uma intrincada fusão de afiadas batidas disco, o estado da arte do funk, baladas arrasadoras e refrões descomplicados de pop, que reinventou o vocabulário sonoro do R&B.

O álbum traz um elenco de renomados compositores – Paul McCartney, Stevie Wonder, Carole Bayer Sager, parceira de Burt Bacharach, e o guru britânico do soul Rod Temperton –, mas a obra central do disco é a faixa de abertura, a frenética e nervosa "Don't Stop 'Til You Get Enough", de Michael. Os vivos gritos em falsete de Jackson funcionam como um obbligato para a linha melódica, acentuando o emocionante arranjo de cordas de Ben Wright e o traçado preciso do trompete de Jerry Hey. Outras faixas repetem esse tom triunfal, e mesmo pieguices como "She's Out Of My Life" soam tão simples e sem afetação que dá vontade de chorar junto com Michael no final da música.

O disco vendeu 12 milhões de cópias e a produção de Quincy Jones estabeleceu um precedente para os artistas em busca de como sair do gueto das bandas adolescentes. Mas nenhum pôde se comparar à genialidade absoluta de *Off The Wall*, o álbum que funcionou como uma pedra de Rosetta para tudo que se fez depois de R&B. **JLe**

"Toda a minha vida eu quis ver um cantor como Michael fazer o que queria, sem limitações..."

Quincy Jones, 1979

Lista de músicas

▶	01	**Don't Stop 'Til You Get Enough** (Jackson)	6:05
▶	02	**Rock With You** (Temperton)	3:40
	03	**Working Day And Night** (Jackson)	5:14
	04	**Get On The Floor** (Jackson • Johnson)	4:39
	05	**Off The Wall** (Temperton)	4:06
	06	**Girlfriend** (McCartney)	3:05
▶	07	**She's Out Of My Life** (Bahler)	3:38
	08	**I Can't Help It** (Greene • Wonder)	6:06
	09	**It's The Falling In Love** (Foster • Sager)	3:48
	10	**Burn This Disco Out** (Temperton)	5:24

The Damned | Machine Gun Etiquette (1979)

Selo | Chiswick
Produção | Roger Armstrong • The Damned
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:28

A adolescência perpétua do The Damned no palco mascarava o quanto o grupo havia amadurecido no estúdio. O produto final lançado por eles nos últimos dias da década de 70 era um álbum que as bandas punk – e o The Damned, em particular – não faziam: complexo, controverso e altamente ambicioso. Some-se música e velocidade e o resultado é uma mistura do Motörhead com os Beach Boys.

O jeito da banda havia mudado radicalmente desde 1976. Captain Sensible substituiu Brian James na guitarra e no papel de força criativa, mudando o som do grupo do rock 'n' roll puro do primeiro álbum, *Damned Damned Damned*, para algo mais inglês e excêntrico.

Os clássicos são despejados velozmente nos ouvidos: o nonsense de "Love Song", a maravilhosa melancolia de "I Just Can't Be Happy Today", "Melody Lee" (um personagem da revista em quadrinhos para meninas *Bunty*), "Antipope" (com letras do irmão de Sensible, Phil) e "Noise, Noise, Noise" (da qual Joe Strummer, do Clash, participa nos vocais). "Smash It Up", banida pela BBC quando lançada como single, tinha até uma "Part 1" totalmente instrumental – nada punk –, um tributo a Marc Bolan, que apoiava a banda.

Mas é com "Plan 9 Channel 7" – a ode de Dave Vanian para a atriz Vampira e seu papel no clássico do cinema trash *Plano 9 Do Espaço Sideral*, de Ed Wood – que o álbum chega às nuvens.

Machine Gun... mostrou que o The Damned podia polir seu som. Era uma transformação sem igual, que a banda completou no ano seguinte com *The Black Album*. **CB**

"Este é um disco único."

Roger Armstrong, co-produtor, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Love Song** (Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	2:22
	02	**Machine Gun Etiquette** (Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	1:49
▶	03	**I Just Can't Be Happy Today** (Dadomo • Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	3:42
	04	**Melody Lee** (Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	2:07
	05	**Antipope** (Burns • Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	3:21
	06	**These Hands** (Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	2:03
	07	**Plan 9 Channel 7** (Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	5:09
	08	**Noise, Noise, Noise** (Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	3:10
	09	**Looking At You** (MC5)	5:07
	10	**Liar** (Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	2:44
▶	11	**Smash It Up (Parts 1 & 2)** (Scabies • Sensible • Vanian • Ward)	4:54

Gary Numan | The Pleasure Principle (1979)

Selo | Beggars Banquet
Produção | Gary Numan
Projeto gráfico | Malti Kidia • Steve Webbon
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:08

Deve ter sido difícil definir exatamente o que Gary Numan representava em 1979. Na capa de *The Pleasure Principle*, ele parece em parte um alienígena andróide no estilo Bowie, em parte um robô do tipo Krafwerk, ou ainda um dândi do Roxy Music vestido com um terno da Savile Row. Musicalmente, o álbum traz elementos de todos esses artistas.

Gary Numan havia provado o gosto do sucesso com o grupo de música eletrônica Tubeway Army, que emplacou um surpreendente primeiro lugar na parada inglesa com "Are 'Friends' Electric?" e também liderou as listas de álbuns britânicas com *Replicas*. Em sua estréia solo, Numan utiliza um quarteto de teclados, baixo, bateria e viola. Parece o trio japonês de power technopop Yellow Magic Orchestra, com o acréscimo de cordas.

Era revolucionário, para a época, que as partes principais (e algumas das partes rítmicas) fossem tocadas por teclados eletrônicos, mas Numan não se prendia estritamente à estética à base de equipamentos popularizada pelo Kraftwerk e pelo Depech Mode. Mais do que isso, o disco trazia um tipo sofisticado de synth-rock new wave, movido por seus vocais sem emoção e ondas sinfônicas de sintetizador – uma clara inspiração para grupos como The Human League e Soft Cell.

"Cars" – uma excursão à paranóia e à solidão, levada por um dos mais impactantes riffs de sintetizador da música eletrônica – garantiu a Numan, merecidamente, o primeiro lugar na parada britânica de singles (e um lugar entre os Top 10 dos Estados Unidos) em setembro de 1979. No mais, seja com a bateria econômica e bem colocada que recheia "Films" e "Observer", seja com as precisas linhas de baixo de "Engineers" e da sensacional "Metal", *The Pleasure Principle* consegue soar futurista e, ao mesmo tempo, estranhamente atemporal para o mundo pós-moderno. **YK**

"Quando comecei a compor, foi por amor à música."

Gary Numan, 2001

Lista de músicas

01	**Airplane** (Numan)	3:18
▶ 02	**Metal** (Numan)	3:33
03	**Complex** (Numan)	3:12
▶ 04	**Films** (Numan)	4:09
05	**ME** (Numan)	5:37
06	**Tracks** (Numan)	2:51
07	**Observer** (Numan)	2:53
08	**Conversation** (Numan)	7:36
▶ 09	**Cars** (Numan)	3:58
▶ 10	**Engineers** (Numan)	4:01

The Specials | Specials (1979)

Selo | Two Tone
Produção | Elvis Costello
Projeto gráfico | Chalkie Davies • Carol Starr
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:40

O compositor e tecladista Jerry Drammers, o baixista Sir Horace Gentleman e o guitarrista Lynval Golding aperfeiçoaram seu som ao tocar uma mistura de rock e reggae em Coventry, na Inglaterra, a partir de 1977, usando uma variedade de músicos e nomes, como The Jaywalkers, The Hybrids e The Coventry Automatics. No início de 1979, como The Specials ou Special AKA – uma banda de sete integrantes, com o acréscimo de Terry Hall (vocais), Roddy Radiation (guitarra), John "Brad" Bradbury (bateria) e Neville Staple (vocais) –, eles fundiram a raiva intensa do punk com os ritmos da música ska jamaicana dos anos 60, conseguindo um efeito emocionante no single de estréia, "Gangsters".

Os Specials adotaram uma imagem associada tanto à rudeza dos garotos jamaicanos como com os mods britânicos que compunham a platéia original do ska. Eles se vestiam com ternos de tons diferentes, camisas abotoadas até em cima, gravatas finas, óculos escuros que fechavam as laterais do rosto, chapéus de feltro e mocassins. Esse visual chamativo aparece monocromático na capa do primeiro LP da banda, lançado por sua própria gravadora, Two Tone Records, e distribuído pela Chrysalis.

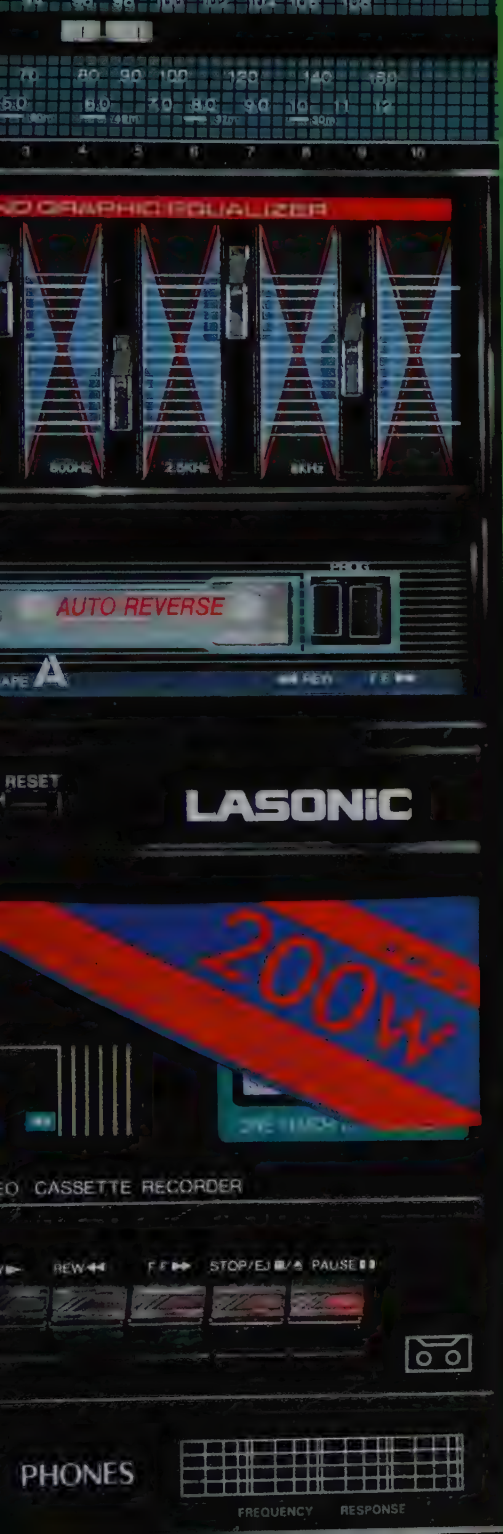
O álbum refletia o repertório dos shows e trazia uma série de versões – como uma leitura irritadiça de "Monkey Man", dos Maytals, e um skank lento em "A Message To You Rudy", de Dandy Livingstone – misturadas a material próprio, que traduzia os tempos difíceis que viviam (desemprego em massa, o crescimento da organização fascista britânica National Front). "Doesn't Make It Alright" fazia um apelo pela unidade racial; "Concrete Jungle", de Roddy Radiation, falava da violência nas cidades do interior.

Com os metais acrescentados pelo veterano trombonista de ska Rico Rodriguez, e com a produção de Elvis Costello, que enfatizava a energia crua dos Specials, o disco entrou para as paradas inglesas em quarto lugar e ficou entre os Top 40 durante 45 semanas. **JoH**

Lista de músicas

▶	01	**A Message To You Rudy** (Thompson)	2:53
	02	**Do The Dog** (The Specials • Thomas)	2:11
	03	**It's Up To You** (Dammers • The Specials)	3:23
▶	04	**Nite Klub** (Dammers • The Specials)	3:24
▶	05	**Doesn't Make It Alright** (Dammers • Goldberg)	3:25
▶	06	**Concrete Jungle** (Radiation)	3:18
	07	**Too Hot** (Campbell)	3:09
▶	08	**Monkey Man** (Hibbert)	2:44
	09	**(Dawning Of A) New Era** (Dammers)	2:26
	10	**Blank Expression** (Dammers • The Specials)	2:44
	11	**Stupid Marriage** (Dammers • Harrison • Staple)	3:50
▶	12	**Too Much Too Young** (Charmers • Dammers)	6:05
	13	**Little Bitch** (Dammers)	2:32
	14	**You're Wondering Now** (Anderson • Dennis)	2:36

AM
POWER
FM
FM
INDICATOR
AM
SW
VOLUME
MIN
MAX
BALANCE
LEFT
RIGHT
PHONO
RADIO
TAPE
FUNCTION
LINE IN
EXT MIC
INT MIC
ON
OFF
LOUDNESS
STEREO
MONO
MODE
METAL
NORMAL
TAPE SEL.
MIC SEL.
+10
0
-10



Anos 1980

- A Argentina invade as Ilhas Malvinas
- As bonecas Repolhinho são colocadas à venda
- O Muro de Berlim é demolido
- A MTV é fundada
- Acontece o festival Live Aid

Adam And The Ants
Kings Of The Wild Frontier (1980)

Selo | CBS
Produção | Chris Hughes
Projeto gráfico | Peter Ashworth
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:35

A primeira formação do Adam And The Ants gravou um álbum de estréia revolucionário em 1979: *Dirk Wears White Sox* é até hoje considerado um dos grandes discos da era pós-punk. Adam, contudo, estava ansioso para se distanciar da estética seca e anti-pop dos punks.

Malcom McLaren, "eminência parda" dos Sex Pistols, sugeriu que usassem ritmos africanos, mas, quando Adam reuniu um grupo de percussionistas africanos de Burundi, McLaren apossou-se deles na mesma hora para formar o Bow Wow Wow. Adam não desistiu e reuniu um novo grupo liderado por seu amigo guitarrista Marco Pirroni. No final da década de 80, "Dog Eat Dog" e "Antmusic" tinham chegado ao topo da parada de singles britânica e transformado Adam na maior estrela pop da Europa. "Roubávamos o que podíamos, como predadores", disse Marco Pirroni. "Usávamos ocarinas, câmaras de eco, texturas retiradas de trilhas sonoras de John Barry e Ennio Morricone, riffs da guitarra rockabilly de Duane Eddye e Hank Marvin. Chegamos a fazer vibrar uma régua sobre uma mesa e gravamos esse som!" Coisas ainda mais estranhas podem ser encontradas: estrondosos tom-tons da Glitter Band, rufadas de tambores de bandas militares, trechos da compilação Mutant Disco da gravadora Ze Records e até mesmo grunhidos e danças aborígines emprestados de Rolf Harris.

Artistas tão diversos quanto Robbie Williams, Slipknot, Marilyn Manson, Pavement, Blur, Elastica, Suede e Timbaland citaram este álbum. Michael Jackson chegou a ligar para Adam perguntando como este tinha gravado os canais de bateria. Não foi à toa que Adam definiu este álbum como "o último prego no caixão do punk". **JLe**

"Punk não é anarquia..."

Adam Ant, 1978

Lista de músicas

▶	01	**Dog Eat Dog** (Ant•Pirroni)	3:10
▶	02	**Antmusic** (Ant•Pirroni)	3:37
	03	**Los Rancheros** (Ant•Pirroni)	3:30
	04	**Feed Me To The Lions** (Ant•Pirroni)	3:20
	05	**Press Darlings** (Ant)	3:59
	06	**Ants Invasion** (Ant•Pirroni)	3:20
	07	**Killer In The Home** (Ant•Pirroni)	4:22
	08	**Kings Of The Wild Frontier** (Ant•Pirroni)	3:56
	09	**The Magnificent 5** (Ant•Pirroni)	3:07
▶	10	**Don't Be Square (Be There)** (Ant•Pirroni)	3:32
	11	**Jolly Roger** (Ant•Pirroni)	2:11
	12	**Physical (You're So)** (Ant)	3:59
	13	**The Human Beings** (Ant•Pirroni)	4:32

Dexy's Midnight Runners
Searching For The Young Soul Rebels (1980)

Selo | Parlophone
Produção | Pete Wingfield
Projeto gráfico | Peter Barrett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:05

Kevin Rowland e Kevin "Al" Archer, ex-membros do grupo punk The Killjoys, formaram os Dexy's Midnight Runners em Birmingham, na Inglaterra, em julho de 1978. O nome vem de Dexedrina, pílulas de anfetamina muito populares nos anos 60.

Depois de vários shows com os The Specials – cujo público incluía muitos skinheads –, Rowland decidiu que a era pós-punk precisava de um visual durão, baseado na imagem das gangues. Os estivadores de Nova York do filme *Sindicato de Ladrões* e os ítalo-americanos de *Caminhos Perigosos* serviram de inspiração para a conhecida imagem do grupo que incluía gorros de lã e casacos de couro.

O single "Geno" juntava o tributo poético de Rowland para o cantor de soul Geno Washington com a música forte de Archer, incluindo um irresistível riff de metais plagiado da Washington And The Ram Jam Band sobreposto a uma sólida seção rítmica. A música, puxada por um naipe de metais composto por Big Jim Paterson no trombone, Jeff Blythe no sax e Steve Spooner no sax alto, entrou nas paradas de sucesso inglesas e tornou-se uma das favoritas nos shows da banda.

O primeiro LP ficou à altura do single. Começa com o som de um rádio sintonizando estações, seguido por um grito de "For God's sake burn it down", e então entra a música. A faixa era uma nova versão do single de estréia "Dance Stance", uma crítica virulenta de Rowland às piadas antiirlandeses. Outros grandes momentos incluem o dueto entre Rowland e Archer em "Tell Me When My Light Turns Green", uma versão acelerada de "Seven Days Too Long", um conhecido soul de Chuck Wood. "There, There My Dear" (outro hit na Inglaterra) fecha o disco com chave de ouro.

Bem-vindos a uma nova visão do soul. **JoH**

"...eu não conseguiria sair na rua se não usasse um macacão..."

Kevin Rowland, c.2000

Lista de músicas

▶	01	**Burn It Down** (Rowland)	4:21
▶	02	**Tell Me When My Light Turns Green** (Rowland)	3:46
	03	**The Team That Meet In Caffs** (Archer)	4:08
	04	**I'm Just Looking** (Blythe • Rowland • Saunders)	4:41
▶	05	**Geno** (Archer • Rowland)	3:31
▶	06	**Seven Days Too Long** (Bailey • Harell)	2:43
	07	**I Couldn't Help It If I Tried** (Rowland)	4:14
	08	**Thankfully Not Living In Yorkshire It Doesn't Apply** (Rowland • Saunders)	2:59
	09	**Keep It** (Archer • Blythe)	3:59
	10	**Love Part One** (Rowland)	1:12
▶	11	**There, There, My Dear** (Archer • Rowland)	3:31

AC/DC | Back In Black (1980)

Selo | ATCO
Produção | Robert John Lange
Projeto gráfico | Bob Defrin
Nacionalidade | Austrália • Inglaterra
Duração | 41:31

Uma capa que pode ser descrita apenas como preta? O.k. Um vocalista principal morto, afogado no próprio vômito? Sim. Perspectivas pré-históricas sobre sexualidade nos títulos das músicas? É isso aí. É perfeitamente possível confundir o AC/DC com o Spinal Tap, já que os dois grupos preenchem tudo o que é necessário para ser uma paródia de banda de heavy metal. Mas os australianos escaparam dessa caricatura ao produzirem um rock básico, divertido e poderoso.

Quando o cantor Bon Scott morreu, em fevereiro de 1980, o AC/DC já tinha conquistado a Europa, mas os Estados Unidos ainda eram território distante. O grupo era extremamente ambicioso e recrutou o vocalista Brian Johnson, seguindo uma recomendação do produtor Robert Lange.

A única insinuação real de Tappery está logo no início de "Hell Bells", quando as badaladas de um sino sinistro nos fazem temer que a banda esteja a ponto de embarcar em seu próprio "Stonehenge". Logo em seguida, contudo, as guitarras dos irmãos Young entram e a pauleira rola solta.

"Back In Black" e "Have A Drink On Me" são em homenagem a Scott, mas quase não sentimos sua falta no restante do disco, já que os poderosos gritos de Johnson se encaixam perfeitamente na mixagem.

A libertinagem rude de "Let Me Put My Love..." – "deixe que eu corte seu bolo com minha faca" – reafirma que a morte de Scott não mudou em nada a cabeça dos rapazes. A última faixa, "Rock And Roll Ain't Noise Pollution", é uma alfinetada nos críticos mais intelectualizados.

O AC/DC finalmente fez sucesso nos Estados Unidos com *Back In Black*, atingindo a soma de um milhão de discos vendidos por ano nos cinco anos seguintes. Eles, bem como todos aqueles que curtiram seu rock, nunca olharam para trás. **SJac**

"Quero apenas ir além..."

Angus Young, 1984

Lista de músicas

▶	01	**Hells Bells** (Johnson • A. Young • M.Young)	5:09
	02	**Shoot To Thrill** (Johnson • A. Young • M.Young)	5:14
	03	**What Do You Do For Money Honey** (Johnson • A. Young • M.Young)	3:33
	04	**Giving The Dog A Bone** (Johnson • A. Young • M.Young)	3:30
	05	**Let Me Put My Love Into You** (Johnson • A. Young • M.Young)	4:12
▶	06	**Back In Black** (Johnson • A. Young • M.Young)	4:13
▶	07	**You Shook Me All Night Long** (Johnson • A. Young • M.Young)	3:28
	08	**Have A Drink On Me** (Johnson • A. Young • M. Young)	3:57
	09	**Shake A Leg** (Johnson • A. Young • M.Young)	4:03
	10	**Rock And Roll Ain't Noise Pollution** (Johnson • A. Young • M.Young)	4:12

The Cramps
Songs The Lord Taught Us (1980)

Selo | IRS
Produção | Alex Chilton
Projeto gráfico | Carl Grasso
Nacionalidade | EUA
Duração | 53:32

Songs The Lord Taught Us é uma celebração dos elementos mais trash da cultura americana do século 20. O disco de estréia dos Cramps mastigava riffs de rockabilly, rebelião punk e imagens de filmes B, cuspindo de volta um som gloriosamente primal.

Para capturar a sua visão distorcida, o grupo foi para o estúdio Sam C. Philips em Memphis, onde Elvis e Jerry Lee Lewis tinham feito algumas de suas primeiras gravações. As músicas soam ao mesmo tempo nostálgicas e incrivelmente originais. "TV Set", a história perversamente divertida de um psicopata que mata suas namoradas, se desenvolve sobre um ritmo de surf music, sendo pontuada pelos uivos do cantor Lux Interior e pelo ruído punk do guitarrista Poison Ivy.

"I Was a Teenage Werewolf" e "The Mad Daddy" – um tributo ao DJ de rock Pete Myers – soam como transmissões vindas diretamente da tumba do Drácula, graças às camadas de eco sobrepostas que o produtor Alex Chilton usou.

Songs The Lord Taught Us deveria ter sido um grande sucesso. Os críticos amaram o disco, mas problemas internos do grupo destruíram qualquer chance que ele pudesse ter. Em 1980, durante uma turnê pelos Estados Unidos, o guitarrista Bryan Gregory fugiu com uma van cheia de equipamentos da banda – vendidos para financiar seu crescente vício em drogas – e nunca mais foi visto.

Pode ter sido um fracasso, mas *Songs The Lord Taught Us* exerceu uma grande influência. Mostrou a grupos como The Gun Club e The Birthday Party que não era preciso jogar todo o passado do rock na fogueira, mas apenas reinventá-lo de forma ligeiramente distorcida. **TB**

Dead Kennedys
Fresh Fruit For Rotting Vegetables (1980)

Selo | Alternative Tentacles
Produção | East Bay Ray • Norm
Projeto gráfico | Annie Horwood
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:57

Não é por acaso que o álbum de estréia dos Dead Kennedys foi lançado no ano em que Ronald Reagan foi eleito presidente dos Estados Unidos. A postura populista de direita de Reagan, combinada com o fundamentalismo cristão, serviu de contraponto perfeito, bem como de inspiração, para a música radicalmente política da banda.

A influência original dos Dead Kennedys veio da primeira onda dos punks ingleses, como os Sex Pistols. Mas eles logo se desiludiram com a anarquia dessas bandas e criaram sua própria versão do movimento punk.

Fresh Fruit... é um álbum inteligente e bem-humorado que satiriza o panorama social desolador de sua época. "Holiday In Cambodia" é um ataque feroz aos yuppies, enquanto "Kill The Poor" é uma trilha sonora mordaz para o sarcástico texto *Modesta Proposta*, em que Jonathan Swift propõe que as famílias comam seus filhos como solução para a pobreza. Para demonstrar que todo o seu desprezo não estava reservado apenas à extrema direita, Biafra disparou sua metralhadora giratória no governador democrata Jerry Brown em "California Uber Alles", descrevendo-o como um "fascista zen".

Ainda que o interesse pelos Dead Kennedys estivesse muito centrado nas letras de Biafra, a inteligência e a contundência de suas músicas o separou da limitação dos três acordes característicos da música punk. A introdução cataclismática de "... Cambodia" confere o tom dark da música, enquanto "California" é bombástica, como um comício de Nuremberg numa praia californiana.

Mesmo que, em última instância, os Dead Kennedys tenham perdido a batalha contra Reagan e as forças de direita, como grito de guerra poucos discos se comparam a este. **SJac**

Peter Gabriel
Peter Gabriel III (a.k.a. Melt) (1980)

Selo | Charisma
Produção | Steve Lillywhite
Projeto gráfico | Hipgnosis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:31

Com as idéias psicodélicas do Genesis e a excentricidade deliberada dos discos *I* e *II* em seu histórico, esse roqueiro progressivo de 29 anos emerge como um artista solo de vanguarda nos moldes de David Bowie ou Brian Eno.

Trabalhando em seu próprio estúdio e ajudado por amigos que incluíam Phil Collins, Robbert Fripp e David Rhodes, Gabriel finalmente sentiu-se livre para brincar com suas grandes paixões: a world music e a tecnologia, sobretudo o sampler Fairlight CMI e as baterias eletrônicas. Em paralelo às guitarras sujas mais tradicionais de "And Through The Wire", Peter Gabriel incluiu uma mistura de sons ambientes e sinistros jamais ouvidos num disco de rock: o efeito especial da caixa em "Intruder" ou os samples de cantos sul-africanos misturados no ritmo eletrônico que impulsiona o hino "Biko".

Consistentemente apaixonado e inovador, *Melt* é uma colagem perfeita de paisagens sonoras distorcidas encaixadas delicadamente nas letras esparsas de Peter Gabriel sobre alienação, paranóia e identidade.

O conteúdo de *Melt* era tão surpreendente que, nos Estados Unidos, o selo Atlantic encerrou o contrato de Peter Gabriel quando os seus executivos desistiram de convencê-lo a "fazer um disco que soasse como os Doobie Brothers". Arrependeram-se amargamente da decisão depois que a Mercury lançou o disco, vendendo 250 mil cópias (mais do que os dois discos anteriores). Na Inglaterra o disco chegou ao primeiro lugar das paradas e o single "Games Without Frontiers", com a participação de Kate Bush, alcançou a quarta posição – o melhor desempenho de Peter Gabriel na parada de singles até então. **LS**

The Soft Boys
Underwater Moonlight (1980)

Selo | Armageddon
Produção | Pat Collier • Mike Kemp
Projeto gráfico | George Wright
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:56

Formados em Cambridge em 1976, os Soft Boys fundiram elementos do pop com o folk-rock inglês e a agressividade punk. O cantor Robyn Hitchcock, o guitarrista Kimberly Rew, o baterista Morris Windsor e o baixista Matthew Seligman nunca conseguiram se enquadrar muito bem nas tendências musicais da época, mas o tempo tem seu jeito próprio de encaixar as coisas quando a música é realmente boa.

Este disco começa a toda com "I Wanna Destroy You", um cântico raivoso com guitarras em contraponto e belas harmonias vocais. "Kingdom Of Love" mostra o gênio surrealista de Hitchcock quando este compara a paixão a ovos de inseto sendo incubados sob a pele. "Positive Vibrations" tem uma bateria pesada e ganchos de guitarra. "Queen Of Eyes" são simplesmente dois minutos de uma levada pop na guitarra, limpa e embriagante.

Este seria o último álbum do grupo. Hitchcock partiu para uma fértil carreira solo, junto com Windsor e sua banda de apoio, The Egiptians, e Rew formou os Katrina And The Waves. O legado dos Soft Boys, contudo, não parou de crescer ao longo dos anos, sendo apontados por bandas influentes como o R.E.M. e The Replacements como uma influência fundamental.

Vale a pena olhar a fantástica reedição de 2001 pela Matador, contendo nove faixas bônus e um segundo disco repleto de takes não utilizados e raridades – item obrigatório para qualquer fã. **RM**

The Cure | Seventeen Seconds (1980)

Selo | Fiction
Produção | Mike Hedges • Robert Smith
Projeto gráfico | The Cure • Bill Smith
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:41

The Cure lançou seu segundo disco logo no início da década de 80, criando aquele que muitos consideram ser o seu melhor trabalho até hoje – uma decisão difícil, tendo em vista sua enorme produção.

Seventeen Seconds marca a entrada da banda em uma consciência pop mais ampla, gerando seu primeiro hit, "A Forest" – um clássico do grupo apoiado num curto e belo riff de baixo –, que quase entrou no Top 20 da Inglaterra. The Cure já tinha transformado a simplicidade dark numa forma de arte: a conhecida imagem de Robert Smith, com seu cabelo despenteado, rosto branco, batom vermelho e roupas pretas, é uma marca tão forte do The Cure quanto as letras etéreas e a voz impassível do cantor.

Tal como a capa, pouco mais do que um borrão abstrato, o som minimalista e sombrio dessa fase da banda é sutil mas sugestivo. As músicas obscuras e existencialistas, tão importantes para o The Cure, começam a se tornar mais freqüentes (Douglas Wolk observou em *The Nation*, em 2004, que Robert Smith canta *"never"* como Joey Ramone canta *"wanna"* – uma pequena palavra que implica toda uma filosofia existencial), introduzindo uma sedutora atmosfera de desolação tanto em breves trechos instrumentais quanto em faixas de estilo mais pop (como a grudenta "Play For Today") que remetem ao seu trabalho anterior.

Smith preparou uma reedição especial de *Seventeen Seconds*, digitalmente remasterizada. Contendo dois CDs, o álbum traz raridades dessa época e um encarte de 20 páginas. Talvez isso faça com que *Seventeen Seconds* se torne novamente conhecido, ao lado de álbuns como *Pornography* e *Disintegration*, que jamais deveriam ser esquecidos. **AHN**

"Nunca fizemos parte de nenhum movimento. Não seguimos modas."

Robert Smith, 1996

Lista de músicas

01	**A Reflection**	(Gallup • Smith • Tolhurst)	2:09
02	**Play For Today**	(Gallup • Hartley • Smith • Tolhurst)	3:39
03	**Secrets**	(Gallup • Smith • Tolhurst)	3:19
04	**In Your House**	(Gallup • Smith • Tolhurst)	4:06
05	**Three**	(Gallup • Smith • Tolhurst)	2:36
06	**The Final Sound**	(Gallup • Smith • Tolhurst)	0:52
07	**A Forest**	(Gallup • Hartley • Smith • Tolhurst)	5:55
08	**M**	(Gallup • Smith • Tolhurst)	3:03
09	**At Night**	(Gallup • Hartley • Smith • Tolhurst)	5:54
10	**Seventeen Seconds**	(Gallup • Smith • Tolhurst)	4:01

Echo And The Bunnymen | Crocodiles (1980)

Selo | Korova
Produção | David Balfe • Ian Broudie • Bill Drummond
Projeto gráfico | Brian Griffin
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 32:34

Repleto de uma pesada fatalidade introspectiva e simultaneamente críptico e cáustico, *Crocodiles* marcou a estréia do Echo And The Bunnymen em LP e em um importante selo, colocando o grupo em evidência na cena da música alternativa.

Ian McCulloch, Will Sergeant e Les Pattinson estavam juntos desde uma performance alquímica no clube Eric, em Liverpool, no ano de 1978. O single *Pictures On My Wall*, lançado pela Zoo Records de Bill Drummond, tinha recebido uma acolhida calorosa por parte da imprensa e tanto as sessões para o DJ John Peel como os shows em Londres despertaram a atenção das grandes gravadoras.

O Echo destacava-se dos outros grupos: a voz profunda e as letras enigmáticas de McCulloch fundiam-se com a guitarra sombria e distorcida de Sergeant para criar uma música profundamente emotiva. A sua bateria eletrônica (batizada de Echo) tinha sido substituída por Pete de Freitas.

O álbum foi gravado em três semanas, em junho de 1980, nos estúdios Rockfield, no País de Gales. Hermético, perturbador e com um tom de urgência, o LP traz músicas que duram, na maioria, menos de 3 minutos e cada faixa é uma jóia negra. O lado A penetra sob a pele aos poucos, conduzido pelo baixo e a guitarra dissonante. "Stars Are Stars" cria uma justaposição de desespero e otimismo que posteriormente iria definir o som do grupo.

O lado B abre com "Rescue", uma música que McCulloch considera um triunfo pessoal, e continua com a *bad trip* de ácido de "Villiers Terrace", terminando com a melancolia de "Happy Death Men".

A fotografia da capa, tirada em um bosque do sudeste da Inglaterra, deu o tom para toda uma década de fotografias do grupo, ao mesmo tempo misterioso e altivo. McCulloch usa um sobretudo roubado de Mark E. Smith, líder do The Fall. **MBI**

Lista de músicas

	01	**Going Up** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	3:57
	02	**Stars Are Stars** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	2:45
▶	03	**Pride** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	2:41
	04	**Monkeys** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	2:49
	05	**Crocodiles** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	2:38
▶	06	**Rescue** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	4:26
▶	07	**Villiers Terrace** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	2:44
	08	**Pictures On My Wall** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	2:52
	09	**All That Jazz** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	2:46
	10	**Happy Death Men** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	4:56

Motörhead | Ace Of Spades (1980)

Selo | Bronze
Produção | Vic Maile
Projeto gráfico | Martin Poole
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:34

Este álbum entrou em quarto lugar nas paradas em novembro de 1980. Era resultado de seis semanas de gravação, combinando o trabalho de Vic Maile, famoso produtor da banda Dr. Feelgood, e a formação clássica do Motörhead: o baixista/vocalista Ian "Lemmy" Kilmister, "Fast" Eddie Clarke (guitarra) e Phyl "Philthy Animal" Taylor (baterista).

Os 33 shows feitos na Inglaterra entre outubro e novembro de 1980 para promover *Ace of Spades* preparam a banda para a gravação ao vivo do LP que liderou as paradas de 1981, *No Sleep 'Til Hammersmith*. "As pessoas estavam esperando um disco ao vivo da banda há três anos", disse Lemmy, "mas fiquei ainda mais feliz por *Ace Of Spades* ter entrado em 4º lugar, porque *No Sleep...* era um disco único."

A faixa-título do álbum, que alcançou o 15º lugar na parada de singles da Inglaterra, certamente está no mesmo patamar do célebre "Hope I die before I get old" de Pete Townshend como desejo de morte definitivo de um roqueiro. "Dizem que eu nasci para perder / Porque jogar é para os tolos / Mas esse é meu jeito, baby / Não quero viver para sempre." (Em 2000, aos 55 anos, Lemmy acrescentou: "Queria morrer um ano antes da eternidade, para evitar a hora do rush...")

O primeiro e glorioso período da história do Motörhead, que termina com este álbum, sem dúvida alguma estabeleceu os fundamentos (bateria metralhada, riffs alucinantemente rápidos, baixo pesado, vozes de rasgar a garganta) que os seguidores do speed metal, como Anthrax e Metallica, iriam desenvolver na segunda metade dos anos 80. Garry Bushell, da revista *Sounds*, deu nota máxima para este álbum: "Motörhead é heavy metal no único sentido significativo do termo. Todo o resto é apenas faz-de-conta". **MH**

"Nós só nos fossilizamos depois deste disco."

Lemmy, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Ace Of Spades** (Motörhead)	2:47
	02	**Love Me Like A Reptile** (Motörhead)	3:23
	03	**Shoot You In The Back** (Motörhead)	2:39
	04	**Live To Win** (Motörhead)	3:37
	05	**Fast And Loose** (Motörhead)	3:22
	06	**(We Are) The Road Crew** (Motörhead)	3:12
	07	**Fire, Fire** (Motörhead)	2:42
▶	08	**Jailbait** (Motörhead)	3:33
	09	**Dance** (Motörhead)	2:37
	10	**Bite The Bullet** (Motörhead)	1:38
▶	11	**The Chase Is Better Than The Catch** (Motörhead)	4:17
	12	**The Hammer** (Motörhead)	2:47

Killing Joke
Killing Joke (1980)

Selo | EG
Produção | Killing Joke
Projeto gráfico | Mike Coles
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:04

No interior da capa dupla deste álbum de estréia homônimo e extraordinário, uma figura semelhante a Cristo se aproxima de algumas crianças numa paisagem urbana devastada e faz um gesto bastante impróprio para um messias. É o primeiro sinal de que este álbum não traz um som confortável para seus ouvidos – é o equivalente auditivo de alguém perfurar seus olhos com os dedos enquanto lhe diz que o fim está próximo.

A combinação de Youth (Martin Glover), Kenneth "Geordie" Walker, Jaz Coleman e Paul Ferguson era pura dinamite. "Requiem" dá o tom da banda: os homens são chamados de "ovelhas a caminho do matadouro" pelo maníaco Coleman, profeta peculiar, personagem dramático sempre trilhando a linha tênue que separa loucura e sanidade. "Wardance" é implacável e intensifica o ambiente de alienação com os vocais distorcidos de Jaz colocados sobre as frases do baixo de influência funk de Youth, a bateria tribal de Paul e a guitarra simples mas cortante de Geordie.

Ninguém tinha certeza de nada em relação a este disco. Há riffs dançantes de impacto ("Bloodsport"), rock tipo "quebrem tudo" ("The Wait") e fundos musicais espartanos ("Tomorrow's World" e "SO36"). A banda tinha tanta confiança em seus poderes que, quando lançaram o disco na Inglaterra, se deram ao luxo de guardar "Change" – a mais impressionante derivação punk-funk daquela época – e a radicalmente selvagem "Psyche" para serem usadas como lados B de compactos.

Um dos lançamentos mais desoladoramente belos da década, aceito por todos aquele que, um ano após a eleição de Margaret Thatcher para primeira-ministra britânica, pressentiram a vinda de tempos inquietantes. **CB**

Judas Priest
British Steel (1980)

Selo | CBS
Produção | Tom Allom
Projeto gráfico | Roslav Szaybo
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:51

Os fãs dos Judas Priest estão sempre discutindo qual o melhor álbum do quinteto de Birmingham. Os *headbangers* mais maduros mencionam *Stained Class*, de 1978, que representou uma guinada mais dura e rápida para o heavy metal. As multidões dos shows escolhem *Screaming For Vegeance* (1982), enquanto outros elegem *Painkiller* (1990) como um retorno às origens. *British Steel*, contudo, é indiscutível.

O sexto LP de estúdio do grupo foi marcante. A capa foi parar em camisetas, uma das quais foi usada por Dimebag Darrell, do Pantera, na TV em 1991. Impressionado, Halford fez uma improvisação com o Pantera em uma versão cover de "Metal Gods".

Apesar de ter surgido em 1973, o grupo ingressou na nova era do heavy metal inglês, junto com o Iron Maiden e o Def Leppard. O metal atraía aqueles que preferiam sons menos viajantes do que o rock progressivo mas não gostavam das posturas e da antimusicalidade do punk.

British Steel seguia esse caminho e canalizou o estilo estridente de Halford, com as guitarras de Glenn Tipton e K.K. Downing até o relampejante "proto-thrash" de "Rapid Fire". "Breaking The Law" foi um futuro hino para *Beavis And Butthead,* enquanto "United" e "Metal Gods" eram *stompers* sensacionais, sendo que nesta última talheres e cabos elétricos eram usados como percussão.

O disco foi gravado na antiga residência de John Lennon no subúrbio de Londres. "Era o máximo estar lá", Halford contou depois para Blender, "já que eu era um grande fã dos Beatles."

Rainha das festas, "Living After Midnight" levou o álbum ao topo da parada da Billboard. Oito álbuns entre os 40 Mais, assim como a imortalidade, estavam à espera deles. **MA**

The Circle Jerks
Group Sex (1980)

Selo | Frontier
Produção | The Circle Jerks • Cary Markoff
Projeto gráfico | Diane Zincavage
Nacionalidade | EUA
Duração | 15:07

Embora houvesse bandas mais aceleradas, mais raivosas e mais frenéticas na cena punk de Los Angeles do início dos anos 80, ninguém conseguiu conjugar política e diversão como o Circle Jerks no seu clássico álbum de estréia, *Group Sex*. O nome vem de um ritual perverso de iniciação em uma comunidade universitária. O grupo foi formado em 1980, quando o vocalista original do Black Flag, Keith Morris, deixou a banda para iniciar o seu próprio projeto com o guitarrista fundador dos Redd Kross, Greg Hetson, o baixista Roger Rogerson e o baterista "Lucky" Lehrer. O quarteto rapidamente ganhou a reputação de selvagens bebedores de cerveja, o que ajudou a definir a cena das festas punk da época.

Apesar de ser muito breve – 14 músicas em menos de 15 minutos –, *Group Sex* é um documento cru, sagaz e centrado sobre a frustração adolescente comparável a *Damaged*, do Black Flag, e ao primeiro disco do TSOL como expressão de completa fúria. O estilo Morris, que recita as letras de forma esnobe, e as viradas rítmicas de Hetson e Leher, presentes em músicas sobre alienação ("World Up My Ass"), sexo ("I Just Want Some Skank") e drogas ("Wasted"), fazem deste um disco obrigatório para qualquer roqueiro punk que se preze, um álbum tão forte que chamou a atenção do lendário DJ inglês John Peel.

Mais tarde, Hetson juntou-se ao Bad Religion. Os membros restantes tiveram dificuldades em manter a banda, chegando a gravar com a insípida cantora pop Debbie Gibson. Ainda assim, não há dúvida quanto à influência exercida por *Group Sex* sobre toda uma geração de bandas californianas da vertente party punk, como NOFX e os Vandals. **TSc**

Talking Heads
Remain In Light (1980)

Selo | Sire
Produção | Brian Eno
Projeto gráfico | M. & Co.
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:02

Originalmente intitulado *Melody Attack*, este disco é o ponto alto da carreira do Talking Heads, o último e mais bem realizado dos três álbuns que eles gravaram com Brian Eno. Produzido em um período turbulento da história do grupo, *Remain In Light* pode ser visto como uma briga pela atenção do líder David Byrne entre os demais membros da banda (Tina Weymouth, Chris Frantz e Jerry Harrison) e o produtor e co-autor Brian Eno. Essa tensão gerou um álbum sempre interessante de se ouvir.

Depois de gravar todos os canais de base, os integrantes reagruparam-se em Nova York no verão de 1980 para terminar o disco. Lutando contra um bloqueio criativo, Byrne converteu os improvisos – geralmente simples variações sobre um mesmo acorde – em músicas estruturadas. Com diversas camadas sobrepostas de vocais, bateria, baixo e percussão, as seqüências rítmicas entremeadas do disco deixam o ouvinte sem fôlego, desde "The Great Curve", com sua influência africana, a "Crosseyed And Painless", lembrando Kurtis Blow. A maior improvisação, "Weird Guitar Riff Song", transformou-se em "Once In A Lifetime", evocando a música de Fela Kuti, com Byrne imitando o estilo de um pregador.

Lançado em outubro de 1980, *Remain In Light* demonstrou que o pop podia funcionar tanto para a cabeça quanto para os pés. O processo de criação do disco acabou dividindo o grupo: Eno e Byrne de um lado, Weymouth e Franz do outro, tendo Harrison como mediador. Ainda que Eno fosse sair em breve dessa equação, a pressão criada afetou a banda e levou à sua dissolução 10 anos depois. **DE**

Joy Division | Closer (1980)

Selo | Factory
Produção | Martin Hannett
Projeto gráfico | Peter Saville
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:23

Mais de 25 anos depois, continua sendo quase impossível separar a atmosfera inquietante da música do Joy Division, a degradação da personalidade do seu vocalista e seu suicídio repentino. Ainda que o álbum de estréia, *Unknown Pleasures*, olhasse fundo para o abismo, era apenas música.

Closer é diferente. Comparado a seu antecessor, mais violento e convencional, esse disco é um salto quântico. As músicas se desviam da fórmula essencialmente punk que a banda usou em seus primeiros anos. Se a atmosfera sombria de *Unknown Pleasures* vinha em grande parte do uso revolucionário que o produtor Martin Hannett fez de efeitos digitais, aqui a própria música soa exótica – dos ritmos estranhos e militares de "Colony" às guitarras histéricas e cheias de efeitos de "Atrocity Exhibiton". A adição de sintetizadores (sobretudo em "Isolation" e "Heart And Soul") indica que, se Ian Curtis tivesse permanecido na banda, ainda assim ela pareceria o que se tornou, mais tarde, o New Order.

O ambiente criado por Hannett é praticamente um instrumento. Se antes ele fornecia um fundo melancólico, aqui seus *delays* e reverberações característicos são parte da própria estrutura das músicas, tornando-as ainda mais soturnas. Contudo, é nas últimas três músicas que fica claro, em retrospecto, que não existia mais separação entre o tormento pessoal de Curtis e as suas letras líricas e melancólicas. O projeto gráfico da capa, uma lápide, havia sido elaborado muito antes da morte do cantor e pode ser visto como uma infeliz coincidência, mas é difícil não interpretar esse álbum terrivelmente amargo como um bilhete suicida. **MB**

"É como se compor este álbum tivesse piorado o seu estado: deixou-se tragar por ele, em vez de apenas expressá-lo."

Tony Wilson, 1994

Lista de músicas

01	**Atrocity Exhibition** (Joy Division)	6:05
▶ 02	**Isolation** (Joy Division)	2:53
03	**Passover** (Joy Division)	4:46
04	**Colony** (Joy Division)	3:55
05	**A Means To An End** (Joy Division)	4:07
▶ 06	**Heart And Soul** (Joy Division)	5:51
▶ 07	**Twenty Four Hours** (Joy Division)	4:26
08	**The Eternal** (Joy Division)	6:07
09	**Decades** (Joy Division)	6:13

Iron Maiden | Iron Maiden (1980)

Selo | EMI
Produção | Will Malone
Projeto gráfico | Cream • Derek Riggs
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:41

O álbum de estréia do Iron Maiden continua a ser uma das referências na história do heavy metal. Speed, thrash, death, grunge... todos devem algo a essa assombrosa mistura de atitude de punk e obsessão com o heavy.

No início dos anos 80, a revista de rock inglesa *Sounds* alardeava com veemência (e batizava) a nova era do heavy metal inglês. Entre os seus membros estavam Saxon, Samson, Def Leppard, Girlschool e Angelwitch. E, enquanto o punk lutava para se manter comer-cialmente viável, surgiu uma banda do East End de Londres que combinava a determinação de classe operária dos Stranglers com o talento do Black Sabbath para criar riffs inspirados.

O líder do Iron Maiden era o baixista Steve Harris e sua causa era defendida pelo carismático agente Rod Smallwood. A longa turnê de shows e o êxito de "Running Free" nas paradas da Inglaterra conseguiram fazer com que o álbum alcançasse o quarto lugar das listas. Ao se recusarem a interpretar o single em playback no programa musical semanal da BBC, *Top Of The Pops*, tornaram-se a primeira banda a tocar ao vivo em sete anos de programa. A produção seca deixa o disco com um som de gravação ao vivo, e o vocal áspero de Paul Di'Anno acrescenta uma atmosfera apropriada ao lirismo soturno de Steve Harris. As guitarras são contidas, mas dão corpo às músicas enquanto a voz de Paul se encaixa com precisão nos riffs complexos.

O segundo álbum do Iron Maiden, *Killers*, era pouco mais que uma consolidação, e Di'Anno foi substituído por Bruce Dickinson, dos Samson, com sua voz precisa como um laser. O Iron Maiden e a pavorosa mascote que aparece na capa, Eddie, conseguiram um enorme sucesso comercial com Dickinson. Infelizmente, contudo, a intensidade criada por Di'Anno neste disco desapareceu para sempre. **GT**

"A única coisa que queríamos fazer era gravar discos e sair por aí tocando ao vivo. Mas então, quando as coisas realmente esquentaram..."

Steve Harris, 1982

Lista de músicas

	01	**Prowler** (Harris)	3:57
▶	02	**Remember Tomorrow** (Di'Anno • Harris)	5:28
▶	03	**Running Free** (Di'Anno • Harris)	3:17
▶	04	**Phantom Of The Opera** (Harris)	7:09
	05	**Transylvania** (Harris)	4:19
	06	**Strange World** (Harris)	5:32
▶	07	**Charlotte The Harlot** (Murray)	4:13
▶	08	**Iron Maiden** (Harris)	3:46

The Undertones Hypnotised (1980)

Selo | Sire
Produção | Roger A. Bechirian
Projeto gráfico | M. Bradley • B. Hollyhead • D. O'Neill
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:02

Com "More Songs About Chocolate And Girls" (o título é uma referência indireta aos Talking Heads), os Undertones estavam rindo de si mesmos só para o caso de alguém achar que este notável grupo de powerpunk proveniente de Derry, na Irlanda do Norte, de fato acreditava na publicidade miraculosamente boa que estava recebendo.

Gravado na Holanda, depois de sua primeira turnê pelos Estados Unidos, *Hypnotised* é provavelmente melhor do que o disco anterior em termos de qualidade, animação, e da intangível essência que tantos tentaram criar ou mesmo definir. É verdade que algumas músicas são quase um rascunho, incluindo o tema de abertura, meio atrapalhado (ainda que divertido), assim como a alegre "See That Girl". Mas o álbum também possui músicas consistentes, como "Whizz Kids", "Girls That Don't Talk" e "Boys Will Be Boys", a música perfeita que dá nome ao disco, além da simplesmente genial "Tearproof", com seu alegre break instrumental. Qualquer crítica se cala quando os Undertones soam.

Acrescente a isso os singles fantásticos – a canção pop mais triste já escrita, "Wednesday Week", e a bem-humorada "My Perfect Cousin" – e o resultado é um álbum com um pop de qualidade comparável às compilações de sucessos de muitos outros grupos.

As reedições recentes contêm um single não incluído no LP, o fabuloso "You've Got My Number". Infelizmente essa jóia vem acompanhada de quatro lados B absolutamente dispensáveis. **DN**

Lista de músicas

01	**More Songs About Chocolate And Girls**	(D. O'Neill)	2:43
02	**There Goes Norman**	(J. O'Neill)	2:27
03	**Hypnotised**	(Bradley • D. O'Neill)	3:31
04	**See That Girl**	(J. O'Neill)	2:24
05	**Whizz Kids**	(D. O'Neill)	2:19
06	**Under The Boardwalk**	(Resnick • Young)	2:26
07	**The Way Girls Talk**	(J. O'Neill • Sharkey)	2:30
08	**Hard Luck**	(Bradley • Doherty • D. O'Neill J. O'Neill • Sharkey)	3:41
09	**My Perfect Cousin**	(Bradley • D. O'Neill)	2:36
10	**Boys Will Be Boys**	(D. O'Neill • J. O'Neill)	1:27
11	**Tearproof**	(Bradley • J. O'Neill)	2:20
12	**Wednesday Week**	(J. O'Neill)	2:17
13	**Nine Times Out Of Ten**	(Doherty • J. O'Neill)	2:37
14	**Girls That Don't Talk**	(J. O'Neill)	2:26
15	**What's With Terry?**	(D. O'Neill)	3:18

The Jam | Sound Affects (1980)

Selo | Polydor
Produção | Vic Coppersmith-Heaven
Projeto gráfico | Bill Smith
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:35

O "adolescente irritado" é uma figura central na cultura britânica do pós-guerra, desde Jimmy Porter à peça teatral de John Osborne, *Look Back In Anger*, de 1956, chegando à explosão punk no final dos anos 70.

Poucas bandas exploraram esta situação com tanta perspicácia quanto o The Jam. Com um leque de discos cada vez mais autoconfiantes e pungentes, seu incendiário cantor, guitarrista e principal compositor Paul Weller tornou-se o bardo dessa raiva, expressando sonhos e frustrações tipicamente ingleses.

O disco anterior da banda, *Setting Sons*, chegou no quinto lugar nas paradas e deu origem a dois singles que alcançaram o primeiro lugar nas paradas, mas os EUA não estavam prestando muita atenção, afastados pelo ponto de vista eminentemente britânico do The Jam. Depois de sair dos estúdios Townhouse com o disco seguinte, a banda foi um pouco criticada por suas evidentes referências a marcos do rock inglês, como ter usado a linha de baixo de "Taxman", dos Beatles, em "Start!". Essas críticas, contudo, não compreenderam as intenções de infundir elementos que davam uma qualidade criativa ao álbum (a própria capa imita um antigo disco de efeitos da BBC que Weller encontrou no estúdio). Na realidade, *Sound Affects* é incrivelmente original.

Ainda que não seja formalmente um álbum conceitual, quando vistas em conjunto as músicas formam um retrato da decepção e do desapontamento que são elementos centrais na queixa do "adolescente zangado". Do consumismo vazio em "Pretty Green" à dor amarga de "Scrape Away", o ouvinte entra num mundo de potenciais não realizados. No centro de tudo isso está "That's Entertainment!", que, com a litania das chateações diárias, capta a essência do que fez dessa banda algo tão importante. **TSh**

"Querendo ou não, somos afetados pelo tempo em que vivemos."

Paul Weller, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Pretty Green** (Weller)	2:37
▶	02	**Monday** (Weller)	3:02
	03	**But I'm Different Now** (Weller)	1:52
	04	**Set The House Ablaze** (Weller)	5:03
▶	05	**Start!** (Weller)	2:33
▶	06	**That's Entertainment** (Weller)	3:38
	07	**Dream Time** (Weller)	3:54
	08	**Man In The Corner Shop** (Weller)	3:12
	09	**Music For The Last Couple** (Buckler • Foxton • Weller)	3:45
▶	10	**Boy About Town** (Weller)	2:00
	11	**Scrape Away** (Weller)	3:59

Tom Waits | Heartattack And Vine (1980)

Selo | Asylum
Produção | Bones Howe
Projeto gráfico | Ron Coro • Norm Ung
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:25

Olhando para trás, descobrimos que as raízes da mudança foram plantadas aqui, ainda que ninguém tenha percebido na época. Este foi o sétimo álbum de Tom Waits pelo selo Asylum; ele não havia ainda superado o status de cult, e sua imagem de beatnik bêbado estava a ponto de perder o pouco charme que ainda tinha. Uma pena: este é um dos discos mais completos da primeira fase de sua carreira.

O álbum contém algumas baladas tristes de piano que o tornaram famoso (como a cinematográfica "On The Nickel" e a elegíaca "Ruby's Arms"), mas é mais notável pelas guitarras distorcidas que aparecem em quase metade das músicas que antecipam seu trabalho posterior. A música que dá nome ao disco – e que contém dois versos clássicos de Tom Waits, "O demônio não existe / É apenas deus quando está bêbado" – é um passeio por uma Los Angeles torpe e suja, onde o cantor residia na época: Heartattack é Hollywood Boulevard, cujo cruzamento com a Vine Street era um dos locais mais sórdidos da cidade. "Mr. Siegal" é um blues desleixado em tom semelhante. Os dois mundos se encontram em "Jersey Girl", uma de suas músicas de amor mais comoventes. "Jersey Girl" ganhou um público mais amplo do que Waits jamais conheceria quando Bruce Springsteen incluiu uma versão fiel da música em seu *Live 1975-1985*.

Heartattack And Vine não passou do 96.º lugar da Billboard, e Waits perdeu o seu contrato, mas não a inspiração. Depois da sua trilha sonora para um filme menor de Francis Ford Coppola, *O Fundo do Coração*, o cantor reinventou-se com um estilo cabaré dark e tresloucado no disco *Swordfishtrombones*, de 1983, o primeiro trabalho da segunda fase de uma discografia fascinante.

WF-J

"Pensava que estava fazendo filmes para os ouvidos – escrevendo-os, dirigindo-os, lançando-os."

Tom Waits, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Heartattack And Vine** (Waits)	4:50
	02	**In Shades** (Waits)	4:25
	03	**Saving All My Love For You** (Waits)	3:41
	04	**Downtown** (Waits)	4:45
▶	05	**Jersey Girl** (Waits)	5:11
	06	**'Til The Money Runs Out** (Waits)	4:25
▶	07	**On The Nickel** (Waits)	6:19
	08	**Mr. Siegal** (Waits)	5:14
	09	**Ruby's Arms** (Waits)	5:35

UB40
Signing Off (1980)

Selo | Graduate
Produção | Ray Pablo Falconer • UB40
Projeto gráfico | UB40
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 66:28

O UB40, cujo nome foi inspirado num formulário de auxílio desemprego da Inglaterra, viria a se tornar a banda de covers de reggae mais importante do mundo, mas não há qualquer vestígio de "Red Red Wine" no inteligente e emocionante álbum de estréia do grupo.

Aqueles que conhecem apenas a versão da música de Neil Diamond mencionada acima e "(I Can't Help) Falling In Love With You", de Elvis Presley, se surpreenderiam se soubessem que o UB40 tinha algo próprio a dizer no início. E este álbum diz muito, desde a capa, mostrando o formulário UB40, até às músicas quase hinos que refletem as raízes da banda, saída do proletariado de Birmingham. Formado no final da ressurreição do ska na Inglaterra, o UB40 rapidamente marcou presença entre os 10 Mais vendidos do país com seus singles pop influenciados pelo reggae, como "King", "I Think It's Going To Rain Today" e "The Earth Dies Screaming", sendo que as duas primeiras estão incluídas em *Signing Off*. As letras do vocalista Ali Campbell destilam raiva em temas como "Burden Of Shame" e "Little By Little", que são direcionados contra todos, desde os governos (por sua responsabilidade em criar a fome no mundo) até seus próprios compatriotas (por permitirem que isso ocorra). Mas ele transmite a mensagem em uma voz tão suave que faz com que até mesmo a mais amarga das letras soe como uma canção de ninar em músicas tão memoráveis quanto "Tyler" e o clássico "Strange Fruit", de Billy Holiday.

Signing Off alcançou uma popularidade enorme na Inglaterra, onde permaneceu nas listas de mais vendidos por mais de um ano, mas seria necessário diluir a mensagem para que a banda fosse impulsionada para o estrelato internacional. **JiH**

The Teardrop Explodes
Kilimanjaro (1980)

Selo | Mercury
Produção | Vários
Projeto gráfico | Brian Griffin
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:93

Se o Echo And The Bunnymen era o The Doors de Liverpool, então o Teardrop Explodes de Julian Cope era o Scouse Love. A banda foi formada no outono de 1978, tirando seu nome de uma história em quadrinhos da DC Comics. Contudo, quando lançaram *Kilimanjaro*, dois anos depois, já tinham conquistado uma reputação e, para muitos, o seu melhor momento já passara. Essa idéia foi reforçada quando o guitarrista e compositor Mick Finkler foi expulso e eles assinaram um contrato com a poderosa Phonogram, dirigida por Bill Drummond e o tecladista do Teardrop, Dave Balfe, abandonando a gravadora independente Zoo.

As músicas "Treason", "Bouncing Babies" e "Sleeping Gas" já tinham sido lançadas como singles pelo selo Zoo e foram regravadas para este álbum. Só os puristas, entretanto, preferem as versões menos produzidas, visto que *Kilimanjaro* exibia a vitalidade e a criatividade de *Forever Changes* e *The Notorious Byrd Brothers*. A combinação da sensibilidade pop de Balfe com o interesse pela experimentação de Cope originou um álbum perfeito que chegou ao 24.º lugar da parada inglesa. Ainda assim seria necessário o single "Reward", que não fazia parte do álbum, para lançar o Teardrop.

A revista *Record Collector* qualificou a capa original de *Kilimanjaro* como "uma das piores da história", e o álbum foi relançado mais tarde com outra capa e incluindo "Reward" – que também foi remixada. **MH**

The Specials
More Specials (1980)

Selo | Two Tone
Produção | J. Dammers • D. Jordan
Projeto gráfico | C. Davies • C. Starr
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:33

O êxito desenfreado do álbum de estréia do The Specials e a conquista do primeiro lugar com *Too Much Too Young Live* gerou uma onda de interesse por tudo o que tivesse a ver com o ska. O selo da banda, Two Tone, já havia lançado as carreiras dos grupos Madness, The (UK) Beat e The Selecter.

Em meados de 1980, a banda estava exausta por causa das turnês constantes, mas precisava gravar um segundo LP. Um single punk-ska tapa-buraco, "Rat Race", de Roddy Radiation, chegou ao quinto lugar na parada britânica, mas Jerry Dammers decidiu que o estilo estava se tornando um clichê e que o álbum seguinte do The Specials precisava trilhar novos caminhos.

O lado A era variado, incluindo ska energético ("Enjoy Yourself"), reggae ("Do Nothing"), northern soul ("Sock It To Em JB") e "Pearl's Café", uma canção kitsch. O lado B entrava num terreno mais radical, influenciado pela paixão de Dammers pelas trilhas sonoras e música exótica. "Stereotypes" é um exemplo disso, juntando a versão de Dammers de um motorista machão bêbado com uma fusão de ritmos muzak e temas de filmes de faroeste italiano enquanto Neville Staple canta declarando sua paixão pelo seu aparelho de som e pela maconha. Há também "International Jet Set", que fala de uma jornada pavorosa de avião que termina em desastre, com uma melodia de música de elevador.

A mistura eclética de estilos influenciou os atos de trip-hop dos anos 90, como Portishead e Massive Attack, e trouxe um interesse renovado pela música estilo *easy listening* que Drammers usou como parte deste disco. **JH**

Steve Winwood
Arc Of A Diver (1980)

Selo | Island
Produção | C. Blackwell • S. Winwood
Projeto gráfico | Tony Wright
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:01

Depois de largar a Trafffic, sua banda dos anos 60-70, Steve Winwood flutuou de um lado para outro como artista convidado de amigos de selo, como Stomu Yamash'ta, Reebop, Amazing Blondel e outros grupos de menor importância antes de gravar um excelente álbum homônimo que foi completamente ignorado pelo público. A última faixa, "Midland Maniac", era absolutamente autoral e prenunciava a direção que ele iria seguir.

As gravações foram feitas sobre um canal de clique e a bateria foi o último instrumento a ser gravado, contrariando a regra geral. Winwood já não podia contar com as letras de Jim Capaldi, colaborador dos tempos do Traffic que havia emigrado para o Brasil. Foi Will Jennings, um norte-americano que Steve conhecera por meio de Van Morrison, que assumiu o trabalho. George Fleming, sobrinho do escritor Ian Fleming e companheiro de caçadas de Steve Winwood, nunca tinha escrito letras antes, mas também contribuiu. Sua segunda tentativa, a balada "Dust" – como todas as faixas finais dos LPs de Winwood –, contrastava com os sentimentos chauvinistas de "Second-Hand Woman". Ainda sobrou espaço para uma pequena participação de Viv Stanshall, ex-cantor da Banzo Dog, na letra da primeira faixa.

Se há alguma crítica a ser feita a *Arc Of A Diver* é a de que álbuns criados por uma única pessoa tendem a soar estéreis – embora, levando-se em conta a tecnologia dos anos 70 à disposição de Winwood, ele tenha feito um magnífico trabalho em seu estúdio Netherturkdonic. Dito isso, ele não estava tentando atingir os fãs do Traffic que gostavam da organicidade da banda, e sim os amantes da música de uma nova década. O fato de o álbum ter alcançado o terceiro lugar na parada americana indica que foi bem-sucedido. **MH**

Pretenders | Pretenders (1980)

Selo | Real
Produção | Chris Thomas • Nick Lowe
Projeto gráfico | Kevin Hughes
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 47:11

O punk proclamava ter acabado com as distinções de sexo, mas isso não impediu que contemporâneos de Chrissie Hynde – fãs dos grupos The Pistols e The Clash – a acusassem de ser uma ianque linguaruda que não chegaria a lugar algum. Oriunda de Ohio, ela estava em boa posição para pegar a onda punk, tendo se estabelecido em Londres e trabalhado para a revista *NME*. Mas, enquanto a anarquia e os distúrbios entre brancos afloravam, Hynde ficou apenas observando.

Um ultimato de Lemmy (o guru metaleiro do Motörhead) acabou fazendo com que ela recrutasse o baixista Pete Farndon, o guitarrista James Honeyman-Scott e o baterista Martin Chambers. Uma versão cover de "Stop Your Sobbing", do The Kinks, produzida por Nick Lowe, apresentava a extraordinária e rica voz de Hynde, mas não era prova suficiente de que ela podia escrever algo além de críticas de discos.

O álbum serviu como prova. Em letras coesas sobre ódio e luxúria, os riffs cortados encontram seu par ideal no veneno adocicado de Hynde. A primeira metade é formidável, com trechos notáveis, como "Baby, fuck off" na exasperada "Precious", além de conter um tributo de Honeyman-Scott aos seus heróis da guitarra no solo de "Tattooed Love Boys" e a surpreendente "The Wait". "Até hoje não sei a letra", afirmou Jeff Buckley 16 anos depois do lançamento da música, "mas gosto de cantá-la assim: Merchow, licka-chow, licka-chow herc" (deveria ser "Said the wait child magic child work it on out now").

A segunda parte traz o sucesso "Kid", a perturbadora "Private Live" (imediatamente adotada por Grace Jones), a irresistível "Brass In Pocket" e a nervosa "Mystery Achievement", que prenunciava o conciso *Pretenders II*, de 1981. **BM**

"Houve um tempo em que me diziam: Você não pode dizer 'fuck off' no disco."

Chrissie Hynde, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Precious** (Hynde)	3:37
	02	**The Phone Call** (Hynde)	2:30
	03	**Up The Neck** (Hynde)	4:28
	04	**Tattooed Love Boys** (Hynde)	2:58
	05	**Space Invader** (Farndon • Honeyman-Scott)	3:28
	06	**The Wait** (Farndon • Hynde)	3:37
	07	**Stop Your Sobbing** (Davies)	2:39
	08	**Kid** (Hynde)	3:07
▶	09	**Private Life** (Hynde)	6:26
▶	10	**Brass In Pocket** (Honeyman-Scott • Hynde)	3:06
	11	**Lovers Of Today** (Hynde)	5:51
	12	**Mystery Achievement** (Hynde)	5:24

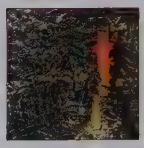
Einstürzende Neubauten
Kollaps (1981)

Selo | Zick Zack
Produção | Einstürzende Neubauten
Projeto gráfico | Blixa Bargeld
Nacionalidade | Alemanha • EUA
Duração | 32:26

Formado em Berlim, em 1980, pelo vocalista Blixa Bargeld e o percussionista Andrew Chudy, Einstürzende Neubauten ("Edifícios novos desmoronando") seguiu o terreno aberto pelos terroristas sonoros do Throbbing Gristle e o Faust. O grupo explorava sua obsessão pela destruição usando sucata e ferramentas elétricas junto com a guitarra radicalmente distorcida de Bargeld. Seus primeiros discos foram concebidos num alçapão de manutenção sob uma auto-estrada de Berlim. Convidaram Stuart "FM" Einheit, da banda punk Abwarts, de Hamburgo, para gravar "o disco mais 'inescutável' da história".

Começando com o som de um toca-discos quebrado, o folk mutante de "Tanz Debil" usa uma percussão inovadora executada com tubos de metal. A devastação de furadeiras e vidro se quebrando sobre folhas de metal em "Steh Auf Berlin" associa imagens de um carnaval pós-apocalíptico. As imagens de pesadelo continuam com os gritos torturados de Bargeld interrompendo as águas calmas e a guitarra de "Negativ Nein" e o ambiente cruel e mecânico de "U-Haft Muzak". "Hören Mit Schmerzen" ("Ouça com dor") deixa clara a ideologia da banda. O grande momento do disco, contudo, é a faixa-título, cujo ritmo lento e nefasto, conjugado a efeitos explosivos, pinta uma visão terrível do fim do mundo. **CSh**

Siouxsie And The Banshees
Juju (1981)



Selo | Polydor
Produção | Nigel Gray • The Banshees
Projeto gráfico | Rob O'Connor
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:12

Quando o Siouxsie And The Banshees entrou em estúdio para gravar o seu quarto álbum, já tinha passado do punk ao pós-punk. Ainda que Sid Vicious tenha sido o primeiro baterista do grupo e Siouxsie tenha pertencido ao Brompley Contingent, em 1981 as versões de 20 minutos de "The Lord's Prayer" já eram águas passadas. Nesse mesmo ano, o clube londrino The Batcave foi o local de nascimento para a subcultura gótica, e *Juju* era parte essencial dessa cena. Com a guitarra serpenteante de John McGeoch sobreposta aos ritmos tribais de Steve Severin (baixo) e Budgie (bateria), as fundações estavam prontas para receber a voz de Siouxsie: áspera e preciosa, agressiva mas delicada – quase uma força da natureza. "Spellbound" é nervosismo puro, e a energia intensa da música é complementada perfeitamente por letras que combinam o passado punk da banda com um senso de humor macabro.

Os temas dark inspirados na capa do disco permeiam as músicas, assim como influências de bandas como The Cramps e The Doors. Isso não quer dizer que falte criatividade – do psicodelismo de "Voodoo Dolly" ao dinamismo desenfreado de "Monitor", passando pelo ritmo mais lento de "Night Shift" e pela inspiradora "Arabian Nights". A voz profunda de Siouxsie e os ritmos diabolicamente pesados de Budgie são as marcas mais fortes deste disco. **AH-N**

Heaven 17
Penthouse And Pavement (1981)

Selo | Virgin
Produção | British Electric Foundation
Projeto gráfico | Ray Smith
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:52

Depois da separação do Human League no final dos anos 1980, os principais músicos da banda, Martyn Ware e Ian Craig Marsh, formaram o British Electric Foundation (BEF). Era mais uma identidade corporativa do que um grupo musical, semelhante ao conceito de John Lydon para o Public Image Ltda. Recrutaram o vocalista Glenn Gregory, um velho amigo do núcleo artístico The Meatwhistle, de Sheffield, para uma nova banda chamada Heaven 17, cujo nome foi retirado do grupo pop fictício que Anthony Burgess cita em seu livro *Laranja Mecânica*.

Os ritmos desconjuntados criados em um seqüenciador para seu single de estréia, "(We Don't Need This) Fascist Groove Thang", foram bem acolhidos pela crítica e nas pistas de dança, recebendo ainda um forte apoio do DJ John Peel. Apesar de tudo, não foi um grande êxito comercial, já que o single foi censurado pela BBC porque sua letra insinuava que o recém-eleito presidente Reagan era fascista.

Gravado simultaneamente e no mesmo estúdio que *Dare!*, do Human League, as letras e a capa do disco parodiavam, de forma inteligente, o surgimento das multinacionais. O lado A é dominado pelos ritmos de funk latino da faixa-título e pela seqüência de chamados-e-respostas de "Play To Win". O lado B é um território mais de vanguarda, desenvolvido a partir das inovações eletrônicas de sua encarnação anterior e do som do Cabaret Voltaire (também nativo de Sheffield), com um resultado especialmente eficaz em "Let's All Make A Bomb". **CSh**

The Go-Gos
Beauty And The Beat (1981)

Selo | IRS
Produção | R. Gottehrer • R. Freeman
Projeto gráfico | Vários
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:31

As Go-Gos eram herdeiras de uma tradição de grupos femininos cujas origens podem remontar ao The Shangri-Las dos anos 60 e cujo comportamento era similar ao das californianas The Runaways.

"Foi um conto de fadas", diz Belinda Carlisle. "Quando começamos, sequer sabíamos tocar nossos próprios instrumentos. Fomos levadas ao estrelato por forças desconhecidas." Eram estrelas, de fato: *Beauty And The Beat* passou seis semanas no topo da parada da Billboard.

O álbum é um casamento inebriante de atitude punk e sensibilidade pop. O produtor Richard Gottehrer tinha experiência tanto em música puramente comercial (tendo composto "My Boyfriend's Back") quanto em punk (tendo produzido o grupo Blondie). Greil Marcus descreveu o álbum como "maravilhoso... mesmo que o ouvinte nunca desça abaixo da superfície, ficará satisfeito".

Os clássicos "We Got The Beat", "Our Lips Are Sealed" (composto em parceria com Terry Hall, do The Specials) e "Can't Stop The World" são construídos em torno dos riffs de Charlotte Caffey e Jane Wiedlin, dos ritmos de Gina Schock e Kathy Valentine e dos vocais característicos desse estilo de Belinda Carlisle. "Tonite" e "You Can't Walk In Your Sleep" são especiais por conta das delicadas guitarras de Caffey.

As letras sugerem uma banda transbordante de hedonismo californiano, mas as Go-Gos eram mais do que sua imagem alegre deixava perceber. "This Town", uma ode ostensiva a Los Angeles, contém as observações mais sombrias que deixavam entrever a ruptura da banda, em meio a drogas e autodestruição. **PE**

Motörhead | No Sleep 'Til Hammersmith (1981)

Selo | Bronze
Produção | Vic Maile
Projeto gráfico | Hugh Gilmour
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:34

No Sleep 'Til Hammersmith, do Motörhead, é um dos álbuns ao vivo mais significativos da história do rock. Sua parede maciça de som sujo foi criada por apenas três músicos: o cantor, baixista e líder Ian Kilmister (ex-Hawkwind), o guitarrista Eddie "Fast" Clark e o baterista Phil "Philthy" Animal. O trio londrino havia tido grande sucesso com os seus álbuns de estúdio e estava no auge quando gravou este clássico, que demorou apenas uma semana para alcançar o primeiro lugar das paradas inglesas.

A música é esmagadora, disparada com a potência de um furacão: um baixo com distorção *overdrive* que soa como uma guitarra psicodélica, riffs absolutamente enlouquecidos, solos de guitarra estridentes e um ritmo denso sustentado por uma bateria com dois bumbos. As letras de Lemmy giram em torno do estilo de vida associado ao rock 'n' roll, contendo também referências a histórias sobre o Velho Oeste e a filmes de guerra.

Enraizados na tradição hard rock dos anos 60 e 70, sua música transmite a energia selvagem do punk-rock. Ainda que tenha tocado uma vez com o The Damned, Lemmy nunca se identificou com a esquerda do movimento punk e sempre afirmou que os Mötorhead não eram nada além de uma banda de rock. A insígnia nazista de Lemmy e suas roupas de couro preto tornavam a banda os "Hell's Angels" do rock (a música "Iron Horse" é uma saudação aos grupos de motoqueiros). Note-se a dedicatória na capa: "A todos os que viajaram, beberam, lutaram e treparam conosco pelas estradas da Inglaterra e da Europa por cinco anos." **AW-J**

"Agradecemos à Smirnoff e à Carlsberg, sem as quais nada disto teria coerência."

Nota interna na capa dupla de *No Sleep 'Til Hammersmith*, 1980

Lista de músicas

▶	01	**Ace Of Spades** (Clark • Kilmister • Taylor)	3:01
	02	**Stay Clean** (Clark • Kilmister • Taylor)	2:50
	03	**Metropolis** (Clark • Kilmister • Taylor)	3:31
	04	**The Hammer** (Clark • Kilmister • Taylor)	3:05
	05	**Iron Horse** (Brown • Taylor • Tramp)	3:58
	06	**No Class** (Clark • Kilmister • Taylor)	2:34
	07	**Overkill** (Clark • Kilmister • Taylor)	5:13
▶	08	**(We Are) The Road Crew** (Clark • Kilmister • Taylor)	3:31
	09	**Capricorn** (Clark • Kilmister • Taylor)	4:40
▶	10	**Bomber** (Clark • Kilmister • Taylor)	3:24
▶	11	**Motörhead** (Kilmister)	4:47

Soft Cell | Non-Stop Erotic Cabaret (1981)

Selo | Some Bizzare
Produção | Mike Thorne
Projeto gráfico | Andrew Prewett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:38

Quando *The Art Of Falling Apart* foi lançado, em 1983, a visão de Marc Almond sobre a indústria do sexo já tinha se tornado sombria. Em *Non-Stop Erotic Cabaret*, contudo, Almond e seu colega da escola de artes, Dave Ball, abordaram os altos e baixos de Londres com os olhos arregalados e com a ingenuidade romântica de um suburbano que visita a cidade pela primeira vez. O título vinha de um néon do Soho e a revista que Almond está escondendo na capa dificilmente seria a *Melody Maker*. O duo talvez tenha levado demasiado a sério o papel de embaixadores do sexo: quando um vídeo obsceno que tinham filmado para "Sex Dwarf" foi enviado para os tablóides – supostamente pelo anão que o estrelava – a confusão gerada acabou levando a polícia a fazer uma busca nos escritórios da Some Bizzarre.

Sexo, contudo, não é o único tema de *Non-Stop Erotic Cabaret* – ele é uma mistura de credulidade e incredulidade que mostra na capa a essência de seu álbum de estréia. "Frustration", "Secret Life" e "Chips On My Shoulder" são retratos dos subúrbios em que Almond e Ball cresceram, enquanto "Bedsitter" fala do que aconteceu quando deixaram os subúrbios para trás. As duas músicas-chave são "Youth" e a música de encerramento, "Say Hello, Wave Goodbye", que definiram um padrão para toda a carreira de Almond. E, claro, "Tainted Love", que foi o terceiro single do grupo – após o EP *Mutant Moments* e uma música para as pistas, "Memorabilia" – e chegou ao primeiro lugar em nada menos que 17 países.

A banda implodiu menos de dois anos depois, quando Almond, em um ataque de nervos, reagiu mal a uma crítica ruim publicada na *Record Mirror* e invadiu os escritórios da revista para bater no jornalista com um chicote. Seu afastamento durou apenas alguns dias, mas o Soft Cell havia acabado. **WF-J**

"Queríamos que o álbum fosse um *peepshow* de sons, um olhar furtivo sobre um mundo indecente, uma trilha sonora para um bar de striptease."

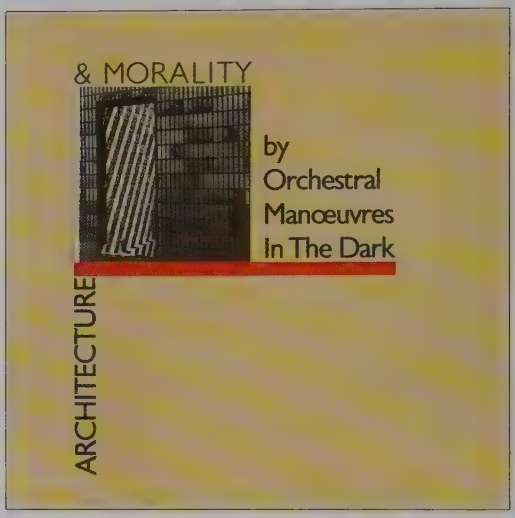
Marc Almond, 1999

Lista de músicas

01	**Frustration**	(Almond•Ball)	4:12
▶ 02	**Tainted Love**	(Cobb)	2:34
03	**Seedy Films**	(Almond•Ball)	5:05
04	**Youth**	(Almond•Ball)	3:15
▶ 05	**Sex Dwarf**	(Almond•Ball)	5:15
06	**Entertain Me**	(Almond•Ball)	3:35
07	**Chips On My Shoulder**	(Almond•Ball)	4:05
▶ 08	**Bedsitter**	(Almond•Ball)	3:36
09	**Secret Life**	(Almond•Ball)	3:37
▶ 10	**Say Hello, Wave Goodbye**	(Almond•Ball)	5:24

Orchestral Manoeuvres In The Dark
Architecture And Morality (1981)

Selo | Dindisc
Produção | Richard Manwaring • OMD
Projeto gráfico | Peter Saville • Brett Wickens
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:02



Aqueles que não gostam do pop inglês baseado em sintetizadores, típico do início dos anos 80, costumam dizer que a música é fria e sem sentimento, mas, no início de sua carreira, o OMD produziu um pop puro e nostálgico com técnicas experimentais. Não é coincidência que todas as músicas de *Architecture And Morality* (com exceção do fantástico fluxo de climas de "Sealand") durem quase o mesmo tempo: três minutos e meio. "She's Leaving" é uma referência declarada aos Beatles, outra banda originária de Liverpool que combinou a experimentação com sucessos pop, ainda que em uma escala muito maior.

Andrew McCluskey e Paul Humphreys tinham assinado havia pouco tempo o contrato com o selo Factory, onde conheceram o renomado designer Peter Saville. Foi ele que criou a obra de arte austera que é essa capa, uma das mais representativas da época.

Num surto arrogante de genialidade conceitual, os dois integrantes do grupo compuseram, separadamente, duas músicas em homenagem à mais famosa das mártires católicas francesas, ambas chamadas "Joan Of Arc" e ambas lançadas como singles, com poucos meses entre os dois. Foi apenas em virtude do pânico de alguns diretores na Virgin que o segundo single foi diferenciado do primeiro pelo acréscimo de "Maid of Orleans" no título, entre colchetes. O grupo teria que esperar cinco anos até alcançar um grande sucesso nos Estados Unidos, quando receberam uma ajuda de John Hughes, diretor de filmes para adolescentes. *Architecture And Morality* não é apenas o seu melhor álbum; é também um dos melhores discos de synth-pop já gravados. **JDo**

"Os sintetizadores são o instrumento punk ideal."

Andy McCluskey, 1982

Lista de músicas

▶	01	**The New Stone Age** (McCluskey)	3:22
▶	02	**She's Leaving** (Humphreys • McCluskey)	3:28
▶	03	**Souvenir** (OMD)	3:34
	04	**Sealand** (Humphreys • McCluskey)	7:47
▶	05	**Joan Of Arc** (McCluskey)	3:46
▶	06	**Joan Of Arc (Maid Of Orleans)** (McCluskey)	4:10
	07	**Architecture And Morality** (Humphreys • McCluskey)	3:43
	08	**Georgia** (Humphreys • McCluskey)	3:24
	09	**The Beginning And The End** (Humphreys • McCluskey)	3:48

Brian Eno And David Byrne
My Life In The Bush Of Ghosts (1981)

Selo | Sire
Produção | David Byrne • Brian Eno
Projeto gráfico | Brian Eno • Peter Saville
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 40:06

Os nerds do REO Speedwagon dominavam as paradas de sucesso em 1981, mas enquanto o seu *Hi Infidelity* estava em primeiro lugar, outro álbum – sem nenhum hit ou um bom refrão para ser cantado em shows – foi parar entre os 50 Mais da Billboard.

Sua principal inspiração era *Movies* (1979), de Holger Czukay. Contudo, a menos que você seja um dos poucos que conhece esse disco, é melhor pensar no terceiro álbum de Peter Gabriel ou no trabalho de Eno e Byrne no Talking Heads. Na verdade, ele deveria ser um precursor de *Remain In Light*, do Talking Heads, mas questões legais fizeram com que fosse suspenso e alterado.

Ritmos tribais, funk e música eletrônica ambiente foram refinados com samples de vozes, transmissões radiofônicas e evangélicas – sobretudo o exorcista de "The Jezebel Spirit".

"America Is Waiting" e "Regiment" são o que há de mais próximo ao rock. O resto é sinistro ("Mea Culpa"), assustador ("Moonlight In Glory", irmã de "Seen And Not Seen", de *Remain In Light*) ou simplesmente encantador.

A música "Qu'ran" do álbum original foi substituída em algumas edições posteriores por "Very Very Hungry", lado B do compacto *Jezebel*, para escapar às críticas dos muçulmanos. *Bush Of Ghosts* permanece como testemunho da genial antevisão de Byrne e Eno (o sampling do hip-hop e a incorporação da world music pelo Ocidente ainda iriam demorar anos) e de quão atrativa e extraordinária a música se torna quando quebra todas as regras. **BM**

"Queríamos criar algo misterioso."
Brian Eno, 1980

Lista de músicas

▸	01	**America Is Waiting** (Byrne • Eno • Laswell • Van Tieghem • Wright)	3:37
▸	02	**Mea Culpa** (Byrne • Eno)	3:43
	03	**Regiment** (Byrne • Eno • Jones)	3:57
	04	**Help Me Somebody** (Byrne • Eno)	4:19
▸	05	**The Jezebel Spirit** (Byrne • Eno)	4:57
	06	**Qu'ran** (Byrne • Eno)	3:47
	07	**Moonlight In Glory** (Byrne • Eno)	4:22
	08	**The Carrier** (Byrne • Eno)	3:35
	09	**A Secret Life** (Byrne • Eno)	2:30
	10	**Come With Us** (Byrne • Eno)	2:42
	11	**Mountain Of Needles** (Byrne • Eno)	2:37

Black Flag
Damaged (1981)

Selo | SST
Produção | Black Flag • Spot
Projeto gráfico | Ed Colver
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:33

Abrindo caminho na violenta cena punk da Califórnia no princípio dos anos 80, *Damaged* era puro napalm – um dos discos mais agressivos e provocadores já criados. Este é o álbum definitivo do hardcore norte-americano.

Embora o Black Flag já estivesse gravando três anos antes do lançamento do álbum, o fato de Henry Rollins – um fã de 20 anos e eventual gerente de uma loja de sorvetes – ter assumido o microfone fez toda a diferença. A sua presença física imponente somada ao poder da guitarra do fundador da banda, Gregg Ginn, sacudiu a cena punk de Los Angeles com tal ferocidade que os integrantes chegaram a ser considerados terroristas e muitas vezes foram vigiados pela polícia. *Damaged* era música perigosa, ainda que suavizada pelo humor de Ginn e a inteligência de Rollins.

A MCA Records recusou-se a lançar o disco, alegando que era "imoral", mas quando Ginn conseguiu lançá-lo pelo seu próprio selo, SST, o punk norte-americano nunca mais foi o mesmo. *Damaged* até pode receber o crédito de ajudar a criar as bases para o circuito de turnês auto-gerenciado de bandas punk nos Estados Unidos, um circuito que existe até hoje – o grupo partia para as viagens sem nada além de uma van, um mapa e muita raiva.

Se os álbuns anteriores do Black Flag apresentavam um som mais próximo do estilo punk de 1977, *Damaged* introduziu as blitz hardcore/metal/thrash que os tornariam famosos. Músicas como "Rise Above", "Six Pack" e a excelente "Life Of Pain" são odes curtas, rápidas e ferrenhas à irritação adolescente, soando tão relevantes e indecentes hoje quando soavam em 1981. **Tsc**

X
Wild Gift (1981)

Selo | Slash
Produção | Ray Manzarek
Projeto gráfico | E. Cervenka • J. Doe
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:40

A banda X, de Los Angeles, não aceitou nenhum risco em seu segundo trabalho. O grupo juntou-se pela segunda vez com seu "quinto membro", Ray Manzarek, que produziu e tocou os teclados no disco, criando um rock denso e grandioso sem minimizar suas credenciais punk, ao mesmo tempo em que se voltava para eras anteriores do rock, sobretudo graças à guitarra de Billy Zoom. Este álbum incluía a indolente "White Girl", o quase rockabilly "In This House That I Call Home" e a frenética "When Our Love Passed Out On The Couch".

É preciso lembrar que *Wild Gift* é o som de um grupo vociferando contra os idiotas existentes no rádio, na TV e na indústria da música em geral. Ainda que a banda fosse incrivelmente popular ao vivo e tivesse um contrato com a Warner, o lado duro e rebelde garantia que não teria grande exposição nos meios convencionais, dominados por dinossauros dos anos 70 (como Fleetwood Mac, ainda que nos dias de hoje seja difícil entender como eram grandes as diferenças entre, digamos, Christine "Exene" Cervenka e Christine McVie).

A controvertida resposta do grupo foi tornar-se mais comercial em termos de som e estilo nos álbuns seguintes (separando-se depois por um longo tempo). Este é, então, o último X original e não adulterado. O álbum foi relançado em um pacote que continha também o primeiro disco, *Los Angeles*, e mais recentemente como um único CD contendo faixas adicionais, incluindo diversas versões ao vivo, remixes e takes não aproveitados. **DN**

The Psychedelic Furs
Talk, Talk, Talk (1981)

Selo | Columbia
Produção | Steve Lillywhite
Projeto gráfico | Howard Fritzson
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:11

Esta foi uma das muitas bandas dos anos 80 que conseguiram dar o salto do art rock underground para o sucesso comercial. O segundo álbum, *Talk, Talk, Talk*, é seu auge. Suas influências são bem amplas, indo do som de Ryan Adams ao estilo vocal do VNV Nation. O produtor foi Steve Lillywhite (que também trabalhou com o U2 e Peter Gabriel) e a melhor música do disco é "Pretty In Pink", que voltou a fazer sucesso quando John Hughes lançou o filme *A Garota de Rosa-Shocking*. Com a sua exploração do lado mais cinzento das relações, ela reflete bem o espírito do álbum. "O disco inteiro é anti-relacionamentos, contra a idéia de amor e a favor do sexo pelo sexo" – declarou o vocalista Richard Butler à Billboard em 1997. Esse mesmo tema ressurge em "Into You Like A Train", cujo conteúdo parece ser bem definido pelo título (ainda que Butler tenha dito mais tarde que a música foi composta no trem enquanto ele se dirigia para o estúdio em Londres, onde o disco estava sendo gravado).

Com as guitarras sólidas de John Ashton e Roger Morris, o álbum introduz elementos pop na sonoridade de rock underground de alta voltagem que caracteriza a banda. Contando ainda com o irmão de Butler no baixo, o baterista Vince Ely e, sobretudo, o som de saxofone típico de Duncan Kilburn, fica claro por que *Talk, Talk, Talk* foi a primeira entrada do The Psychedelic Furs na parada dos Estados Unidos, tornando-a uma das mais significantes bandas de rock inglesas dos anos 80, ainda que subestimada. **AH-N**

The Human League
Dare! (1981)

Selo | Virgin
Produção | Human League • M. Rushent
Projeto gráfico | Human League
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:31

Havia motivos suficientes para que este disco jamais fosse feito. Os membros fundadores do Human League tinham se afastado para fundar o Heaven 17. O cantor Phil Oakley tomou a valente (alguns diriam "temerária") decisão de substituí-los por duas colegiais de Sheffield. Com tudo isso, como esperar que fossem produzir um dos discos mais bem-sucedidos do mundo?

Em *Dare!*, o Human League mistura a música eletrônica mais conceitual de seus primeiros discos – como *Travelogue* e *Reproduction* – com um apelo popular dançante e robótico no estilo de Giorgio Moroder. O backing vocal de Joanne Catherall e Suzanne Sulley, descobertas por Oakey numa discoteca de Sheffield, encontraram o equilíbrio perfeito entre glamour e vulgaridade. Mas também ajudaram a refrear os impulsos avant-garde de Oakey e Phil Adrian Wright, dando ao trabalho um tom mais pop. "Quando ouvimos 'Sound Of The Crowd' pela primeira vez, era apenas *tunc-crash-tunc-crash*", disse Sulley. "Mas sabíamos que seria sucesso na certa. A música era muito dançante."

Ainda assim, para um álbum que foi ecoado nas vozes de milhões de bêbados repetindo o refrão de "Don't You Want Me Baby" em discotecas, graças ao sucesso internacional da música, há um certo clima dark em torno de *Dare!*, seja pela releitura sinistra do tema de Roy Budd para o filme *Carter – O Vingador*, seja pela paranóia fantasmagórica de "Darkness" ou pelo lamento de John Lennon em "Seconds". Interessante notar que este foi o último disco que o lendário jornalista e crítico de música Lester Bangs ouviu: ele ainda estava rodando em seu toca-discos quando o seu corpo foi encontrado. **JLe**

The Gun Club | Fire Of Love (1981)

Selo | Ruby
Produção | Chris D. • Tito Larriva
Projeto gráfico | Chris D.
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:35

Surgido do nada, o The Gun Club, foi o pioneiro do punk psychobilly de Los Angeles, lançou um álbum de estréia que ofuscou outros grupos californianos da época e foi fonte de inspiração para os White Stripes e muitas outras bandas de garagem do século 21. O som é bruto, as letras freqüentemente psicóticas e as músicas... as músicas estão entre as melhores do rock norte-americano.

O nome original do The Gun era Creeping Ritual. Pierce e o guitarrista Kid Congo Powers formaram a banda em 1980 para tocar na fervilhante cena punk de Los Angeles. Pierce conjugava uma ampla gama de influências (sobretudo blues, com toques de country e rockabilly, com menções a The Doors e a Credence Clearwater Revival), criando uma mistura selvagem. Cantava, uivava, gritava e sussurrava em músicas enraizadas nas lendas e histórias mais sombrias do Sul, com referências a "caçar os negros" e ameaças como "Vou foder você até que morra". É evidente que tudo isso poderia ser muito ofensivo, mas era cantado com um estilo tão teatral que virava uma mera encenação. Ou talvez não.

De qualquer forma, faixas como "Sex Beat", "She's Like Heroin To Me", "For The Love Of Ivy" e "Jack On Fire" são rocks intensos, e a releitura feita por Pierce de clássicos do blues, como "Preaching The Blues" e "Cool Drink Of Water", sugere uma imersão na música que supera de longe a tecnicidade enfadonha de Eric Clapton e Gary Moore. **GC**

"Conjuramos e liberamos diversos espíritos malévolos nesse álbum."

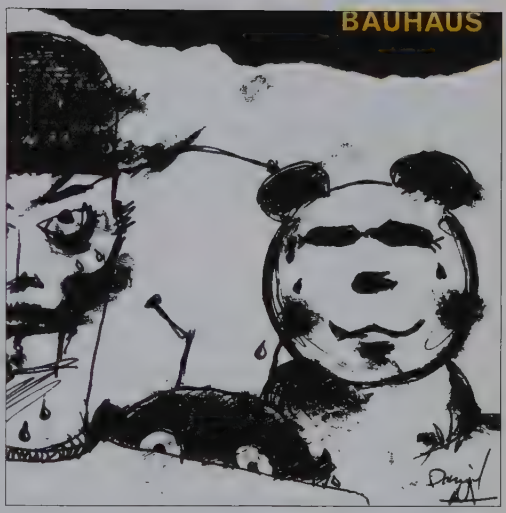
Terry Graham, 2001

Lista de músicas

▶	01	**Sex Beat** (Pierce)	2:46
▶	02	**Preaching The Blues** (Son House)	3:57
	03	**Promise Me** (Pierce)	2:35
▶	04	**She's Like Heroin To Me** (Pierce)	2:31
	04	**For The Love Of Ivy** (Pierce • Powers)	5:30
	06	**Fire Spirit** (Pierce)	2:47
▶	07	**Ghost On The Highway** (Pierce)	2:42
▶	08	**Jack On Fire** (Pierce)	4:39
	09	**Black Train** (Pierce)	2:12
	10	**Cool Drink Of Water** (Johnson)	6:16
	11	**Good Bye Johnny** (Pierce)	3:40

Bauhaus | Mask (1981)

Selo | Beggars Banquet
Produção | Vários
Projeto gráfico | Daniel Ash
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 31:48



Bauhaus pode ser a banda gótica por excelência, mas o seu segundo álbum, *Mask*, demonstra que o quarteto britânico (Daniel Ash na guitarra, Peter Murphy nos vocais e os irmãos David J. Haskins no baixo e Kevin Haskins na bateria) estava se inspirando em um vasto leque de influências. Os sons eram mais duros e cortantes que no álbum de estréia, porém a introdução de melodias mais próximas do pop contribuiu para fazer de *Mask* um disco digerível pelo grande público – ficou entre os Top 40 da Inglaterra e mostrou um claro amadurecimento do som da banda.

Os ritmos quase primitivos de "Hair Of The Dog", "Kick In The Eye" e "In Fear Of Fear" (que, como "Dancing", trazem Ash no saxofone) compartilham uma atmosfera de dramaticidade dark com aquela que é, talvez, a melhor música da banda – "Of Lilies And Remains", com sua introdução falada cheia de humor negro. Como continuação de seu bem-sucedido álbum de estréia, *In The Flat Field*, esse segundo disco foi um notável passo adiante e a confirmação de que cada um dos músicos tinha potencial para uma longa carreira artística – e, de fato, todos os membros seguiram carreiras solo brilhantes depois da dissolução do Bauhaus em 1983.

O Bauhaus sempre se definiu por uma teatralidade fria e crua, e *Mask* não foi exceção – da capa em preto-e-branco de Daniel Ash ao perfeito equilíbrio entre angústia e humor das eloqüentes letras de Peter Murphy, passando pelas fortes luzes brancas de palco ("luzes coloridas são para árvores de Natal", comentaram em seu site oficial). O Bauhaus da era *Mask* nunca precisou dos adereços do rock moderno, e este é um dos motivos pelos quais este disco manteve seu vigor. **AH-N**

"Levávamos tudo muito a sério."

Peter Murphy, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Hair Of The Dog** (Ash • D. Haskins • K. Haskins • Murphy)	2:42
	02	**The Passion Of Lovers** (Ash • D. Haskins • K. Haskins • Murphy)	3:52
▶	03	**Of Lilies And Remains** (Ash • D. Haskins • K. Haskins • Murphy)	3:18
	04	**Dancing** (Ash • D. Haskins • K. Haskins • Murphy)	4:47
▶	05	**Kick In The Eye** (Ash • D. Haskins • K. Haskins • Murphy)	3:39
▶	06	**In Fear Of Fear** (Ash • D. Haskins • K. Haskins • Murphy)	2:58
	07	**Muscle In Plastic** (Ash • D. Haskins • K. Haskins • Murphy)	2:51
	08	**The Man With X-Ray Eyes** (Ash • D. Haskins • K. Haskins • Murphy)	3:05
	09	**Mask** (Ash • D. Haskins • K. Haskins • Murphy)	4:36

Bobby Womack
The Poet (1981)

Selo | Beverly Glen
Produção | Tom Cartwright
Projeto gráfico | Ginny Livingston
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:37

Os anos 70 tinham acabado mal para Bobby Womack: depois de ter se estabelecido como uma grande estrela graças a sucessos como "Woman's Gotta Have It" e "Lookin' For A Love" no princípio da década, ele teve diversos problemas: envolveu-se com drogas, seu filho pequeno morreu, teve que trocar de gravadora e passou por várias outras decisões estranhas em sua carreira (como a decepcionante aventura pelo universo do country com *BWGoes C&W*).

Ao trocar a Arista pelo selo independente Beverly Glen, Womack necessitava urgentemente de um grande sucesso. É isso que encontramos em *The Poet*. A capa do álbum, que mostra Womack com uma imagem cool do final dos anos 70, vestido de lilás, era a introdução perfeita para aquela que continua sendo uma das mais brilhantes coleções de músicas soul da época.

A voz profunda de tenor do vocalista soa tão sexy quanto Wilson Pickett – que gravou muitas das músicas de Womack – na música de abertura "So Many Sides Of You" e logo coloca pijamas de seda para "Lay Your Lovin' On Me", no melhor estilo Barry White. Os improvisos lentos se tornam mais sensuais em "Just My Imagination" antes de se transformarem numa festa *à la* Sly Stone no funk "Stand Up". As raízes gospel de Womack aprofundam-se perto do final do álbum com "If You Think You're Lonely Now" e "Where Do We Go From Here".

The Poet foi um grande sucesso que colocou Womack de volta nos primeiros lugares na parada de R&B e ainda gerou três singles de sucesso, sendo que "If You Think You're Lonely Now" chegou ao terceiro lugar nos Estados Unidos. **JiH**

Tom Tom Club
Tom Tom Club (1981)

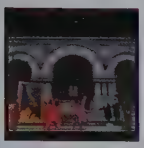
Selo | Sire
Produção | Chris Frantz • Tina Weymouth
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:49

O Tom Tom Club foi fundado por Chris Frantz e Tina Weymouth como uma forma de expressar sua criatividade pessoal em 1981, enquanto eram membros do Talking Heads. O seu álbum de estréia entrou aos poucos na consciência coletiva e acabou sendo um sucesso. Iria se tornar uma das primeiras influências do movimento hip-hop, e a idéia de que todos podiam ser incluídos em seu "clube" musical teve enorme receptividade.

Originalmente Chris e Tina tinham contratado o lendário produtor de reggae Lee "Scratch" Perry, mas ele faltou às gravações. Resolveram então tentar o método "faça você mesmo" e começaram a produzir o disco com a ajuda de um jovem engenheiro de gravação jamaicano, Steven Stanley, e com o guitarrista de estúdio Adrian Belew, cujos riffs bem-humorados combinavam perfeitamente com as canções alegres do Tom Tom Club.

Estas músicas foram sampleadas por quase todos os artistas de rap ou hip-hop, com o eventual acréscimo de uma "diva" para fechar o mix – "High Speed" de 2Pac & Outlawz, "Who Needs" do Black Eyed Peas, "It's Nasty / Genius of Love" do GrandMaster Flash and the Furious Five, "Fantasy" de Mariah Carey, "Tomorrow People" de Ziggy Marley and The Melody Makers, "One Mo" de Coolio e "Wordy Rappinghood" de Chicks On Speeds são apenas alguns exemplos. "Wordy Rappinghood" subiu ao topo das paradas em 17 países, ainda que nunca tenha sido lançada como single nos Estados Unidos. Outras músicas também foram sampleadas em "Hot, Hot, Hot" de LL Cool J e em "Puff Daddy's Groove" de Sean "Puffy" Combs. **KC**

Rush
Moving Pictures (1981)



Selo | Mercury
Produção | Terry Brown • Rush
Projeto gráfico | Hugh Syme
Nacionalidade | Canadá
Duração | 39:44

Desde meados dos anos 70, o Rush vinha sendo uma grande atração em shows. Também foi uma das poucas bandas de rock progressivo que soube mudar e se adaptar à new wave. Em 1980, o trio de Ontário simplificou o seu som no sétimo LP de estúdio, *Permanent Waves*, que refletia influências do Police, do Talking Heads e de Peter Gabriel. O disco continha o sucesso "Spirit Of Radio", uma mistura exuberante de pop, metal e ska, com a qual o letrista e baterista Neil Peart demonstrou que conseguia escrever músicas sobre temas universais.

A banda também estava fazendo experiências com uma instrumentação diferente. O baixista e cantor Geddy Lee passou a tocar os sintetizadores Minimoog, Oberheim e Moog Taurus. Ele fazia várias coisas ao mesmo tempo no palco, usando todos os membros do corpo para recriar os avanços tecnológicos presentes no disco. O LP seguinte seria ainda mais bem realizado, apesar da piada tola que juntava seu título com a foto da capa.

Moving Pictures começa com o sucesso de rádio "Tom Sawyer". Esta ode ao individualismo sobrepõe os riffs virtuosos da guitarra pesada de Alex Lefeson a texturas eletrônicas de fundo, enquanto Peart dispara viradas rápidas de bateria para sustentar o todo. A voz melódica de Lee ilumina o pedido de privacidade de "Limelight" e, em "Vital Signs", mistura um refrão dramático a um reggae futurista. "The Camera's Eye" é um retorno às longas estruturas épicas usando, contudo, um referencial urbano em vez de mundos de fantasia.

Este disco foi confirmado como quádruplo de platina, o álbum mais vendido ao longo dos 30 anos da carreira (ainda em andamento) do Rush. **MA**

Abba
The Visitors (1981)

Selo | Polydor
Produção | B. Andersson • B. Ulvaeus
Projeto gráfico | Rune Soderqvist
Nacionalidade | Suécia
Duração | 38:01

Depois de ter passado um longo tempo no auge da popularidade – tempo este que poucos outros grandes talentos conseguiram igualar –, o Abba, antes uma família feliz de dois casais, havia se transformado numa boa equipe de composição e produção (Benny e Björn) com as respectivas ex-esposas (Agnetha e Anni-Frid), que nunca foram exatamente amigas. Nada surpreendente, considerando-se que esse quarteto se manteve unido por aproximadamente oito anos. Depois dos primeiros sucessos, em que criaram um pop perfeito banhado em ricas harmonias, o Abba estava amadurecendo. Esse desenvolvimento se refletia em sua música e sobretudo nas letras de Björn.

"When All Is Said And Done" fala sobre a separação de Benny e Anni-Frid, ainda que o primeiro single, "One Of Us", fosse uma reflexão mais genérica sobre as tribulações do amor. "Head Over Heels" veio em seguida e sequer figurou entre os 20 Mais da Inglaterra: o trono da realeza do pop estava prestes a ruir.

A faixa-título abordava a preocupação que sentiam em relação à política russa e "Soldiers" foi construída em torno de uma idéia semelhante, enquanto "Two For The Price Of One" era uma estranha fantasia sobre um anúncio de jornal colocado por uma moça e sua mãe à procura de um amante.

Não seria de se esperar que um disco criado por dois casais divorciados fosse tão alegre quanto seu trabalho enquanto ainda eram casados. Apesar disso, *The Visitors* tornou-se o sétimo disco consecutivo do grupo a chegar ao topo das listas britânicas e continua sendo considerado o seu álbum mais interessante. Depois disso, apenas Benny e Björn voltariam às manchetes da música, sobretudo por conta de *Chess*, o musical que fizeram em parceria com Sir Tim Rice. **JT**

ABC | The Lexicon Of Love (1982)

Selo | Neutron
Produção | Trevor Horn
Projeto gráfico | Visible Ink • ABC
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:25

O ABC de Martin Fry era um grupo funk com raízes punk. Faziam parte da mesma cena de Sheffield que gerou o Cabaret Voltaire e o Human League. O líder dos Buggles, Trevor Horn, tinha acabado de produzir uma série de singles adocicados para o grupo Dollar. Essa união poderia ter sido desastrosa, mas acabou se transformando num perfeito casamento pop.

Horn, um fã de rock progressivo que tinha estado em turnê com o Yes 18 meses antes, foi introduzido nas obsessões pós-punk do ABC – Fry se lembra de levá-lo a clubes noturnos e de fazer com que ouvisse discos do Defunkt e James Chance and The Contortions. Enquanto isso, Horn introduzia o grupo nos potenciais ilimitados do estúdio. "Ele nos deu a chave da loja de doces" – diz Fry. "Trevor nos dizia: 'Se quiserem pizza, eu arrumo uma pizza; se quiserem uma seção de cordas, eu arrumo uma seção de cordas.'"

Horn e Fry programaram os arranjos de cada música usando um seqüenciador primitivo, um Minimoog e uma bateria eletrônica. Em seguida, regravaram cada uma das partes apagando as gravações de sintetizadores à medida que progrediam. "Era como desenhar sobre uma linha pontilhada" – diz Horn. "O que significa que conseguimos gravar tudo com muita precisão, chegando a um som completamente limpo e seco.

Punk-funk demos como "Tears Are Not Enough" e "Poison Arrow" são executadas com total precisão musical e estão envolvidas pelas suntuosas orquestrações de Anne Dudley. Essa grandiosidade é constantemente rompida pelas letras áridas de Fry, que falam sobre a impossibilidade do amor e a natureza ilusória da beleza.

É essa tensão que expressa tão perfeitamente as deliciosas contradições do projeto do "novo pop" dos anos 80, inteligente e sofisticado. A genialidade de *Lexicon* está em fazê-lo sem recair na presunção ou na paródia. **JLe**

"A maior parte dos produtores pensa nos limites. Trevor Horn pensava nas possibilidades."

Martin Fry, 2004

Lista de músicas

01	**Show Me**	(Fry • Palmer • Singleton • White)	4:01
▶ 02	**Poison Arrow**	(Fry • Lickley • Singleton • White)	3:22
03	**Many Happy Returns**	(ABC)	3:57
04	**Tears Are Not Enough**	(Fry • Lickley • Singleton • White)	3:28
05	**Valentine's Day**	(ABC)	3:40
▶ 06	**The Look Of Love, Pt. 1**	(Fry • Palmer • Singleton • White)	3:27
07	**Date Stamp**	(ABC)	3:51
▶ 08	**All Of My Heart**	(Fry • Lickley • Singleton • White)	5:12
09	**4 Ever 2 Gether**	(ABC • Dudley)	5:29
10	**The Look Of Love, Pt. 2**	(Fry • Palmer • Singleton • White)	0:58

Prince | 1999 (1982)

Selo | Warner Bros.
Produção | Prince
Projeto gráfico | Prince
Nacionalidade | EUA
Duração | 69:27

"Masturbando-se com uma revista?" É difícil acreditar que esse pequeno trecho picante retirado de "Darling Nikki" tenha dado origem à campanha do "Parental Advisory" (aviso de conteúdo explícito) nos Estados Unidos.

Até agora, tudo Prince: ninguém que tenha ouvido *Dirty Mind*, dos anos 80, se surpreenderia. A verdadeira revelação de *1999* foi Prince ter roubado descaradamente elementos de outros artistas, reunindo-os em uma alquimia que se tornaria o seu próprio modelo. Os ritmos seqüenciados e as vozes processadas eletronicamente não estão muito distantes de *The Electric Spanking Of War Babies*, do Funkadelic, mas Prince tinha músicas à altura dessa trapaça sonora.

A guerra é ganha naquilo que costumava ser o lado A. Se houver, na história do rock 'n' soul, uma abertura tão impressionante quanto a de "1999", "Little Red Corvette" e "Delirious", certamente está guardada a sete chaves em um arquivo vigiado por um leopardo.

Mas não vamos correr em direção aos tesouros escondidos. "Automatic" seria o som do Kraftwerk se eles deixassem as bicicletas de lado e fossem fazer sexo. "Lady Cab Driver" é um funk contagiante e extremamente sedutor. "Free" é uma música mais leve que prenuncia "Purple Rain". "D.M.S.R." é um romance sexual em ritmo de disco music. "International Lover" é uma paródia esplêndida e perspicaz.

A cópia exata de Janet Jackson, *Control*, nos diz muito sobre o impacto de *1999* – um legado hoje mantido pelo The Neptunes. E, diabos, na capa interna Prince consegue manter uma aparência cool mesmo estando nu em meio a luzes néon. Um grande talento. **BM**

"Tudo o que ouviram dizer sobre mim é verdade: eu mudo as regras e faço o que quero."

Prince, 1982

Lista de músicas

▶	01	**1999** (Prince)	6:15
▶	02	**Little Red Corvette** (Prince)	5:04
	03	**Delirious** (Prince)	4:00
▶	04	**Let's Pretend We're Married** (Prince)	6:15
	05	**D.M.S.R.** (Prince)	8:17
	06	**Automatic** (Prince)	9:29
	07	**Something In The Water (Does Not Compute)** (Prince)	4:02
	08	**Free** (Prince)	5:09
	09	**Lady Cab Driver** (Prince)	8:19
	10	**All The Critics Love U In New York** (Prince)	5:59
	11	**International Lover** (Prince)	6:38

Grandmaster Flash And The Furious Five
The Message (1982)

Selo | Sugar Hill
Produção | Sylvia Robinson
Projeto gráfico | Hemu Aggarwal
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:00

O LP de estréia do primeiro grupo de hip-hop a gravar um trabalho em vinil foi também a primeira vez que todos os integrantes do grupo participaram de uma gravação.

The Message é um marco na história do hip-hop, misturando a forma típica de cantar com breakbeats retirados de uma infinidade de discos de funk já esquecidos. "Scorpio" recebeu este nome por fazer referência à música original de Dennis Coffey, "It's Nasty" veio do Tom Tom Club, enquanto "The Adventures..." é um longo trabalho de remixagem com Flash no comando das pickups, demonstrando a destreza e a criatividade que são fundamentais para esse gênero. Trechos de "Rapture", do Blondie, e "Another One Bites The Dust", do Queen, e de "Good Times", do Chic, são costurados para criar um novo contorno sonoro centrado nas pistas de dança – a plataforma de lançamento perfeita para as letras dos MCs da banda.

Contudo, foi o discurso sociopolítico franco de "The Message" que atraiu os ouvintes da época. Muito próxima à poesia declamada sobre uma base funk de Gil Scott-Heron e de The Last Poets, essa música inaugurou a tradição do hip-hop de centrar suas letras "nas ruas", denunciando as injustiças e as más condições dos bairros pobres de Nova York. Isso serviria como diretriz para o movimento e iria influenciar futuros pioneiros, como Public Enemy e KRS One.

O verdadeiro sucesso do grupo, contudo, foram seus singles e é por eles que serão lembrados. Desentendimentos por conta de dinheiro e direitos autorais levaram à separação da banda. **CR**

"Alguém disse que nós devíamos fazer um disco de rap, e nós dissemos: nem pensar!"

Grandmaster Flash, 1997

Lista de músicas

	01	**She's Fresh** (Edwards • Knight)	4:57
▶	02	**It's Nasty** (Frantz • Weymouth)	4:18
▶	03	**Scorpio** (Glover • Morris • Wiggins • Williams)	4:55
	04	**It's A Shame (Mt. Airy Groove)** (Garrett HarmonLloyd • Napoleon • Wonder • Wright)	4:57
	05	**Dreamin'** (Henry)	5:46
	06	**You Are** (Grandmaster Flash)	4:50
▶	07	**The Message** (Chase • Fletcher • Glover • Robinson)	7:11
▶	08	**The Adventures Of Grandmaster Flash On The Wheels Of Steel** (Chase • Glover • Jackson • Robinson)	7.06

Elvis Costello And The Attractions
Imperial Bedroom (1982)

Selo | F-Beat
Produção | Geoff Emerick
Projeto gráfico | Barney Bubbles
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 50:50

Seis álbuns em cinco anos, e mesmo assim o hiperativo e produtivo Elvis Costello não errou uma única vez. Tinha emergido dos rugidos do punk, flertado com imitações do Abba, homenageado o soul e chegado a ir a Nashville para gravar um álbum de country bem razoável. E depois? Bem, ele contratou como produtor Geoff Emerick (o engenheiro inspirado de *Sgt. Pepper*, dos Beatles) e, juntos, começaram a trabalhar no que pouco a pouco se revelaria uma coleção sedutora de pop exuberante e inebriante – se é que algo impregnado com tanta melancolia, culpa e desespero pode ser corretamente descrito como pop.

Enquanto isso, sua banda, The Attractions, demonstrou mais uma vez que a genialidade nem sempre precisa de um líder. "Enlouqueça, componha um arranjo realmente excêntrico...", foram as instruções que Costello deu a Steve Nieve para "...And In Every Home". Ele seguiu tudo à risca.

Mas *Imperial Bedroom* é de fato uma obra-prima, como foi proclamado pela campanha publicitária nos Estados Unidos? Alguns críticos reclamaram do que consideravam ser um trabalho melodramático superproduzido e as vendas foram decepcionantes. Duas décadas mais tarde a música continua tendo brilho e as letras ferem como navalhas. Não, obra-prima não é um exagero. *Imperial Bedroom* é um álbum altamente interessante, um punho fechado dentro de uma luva de pelica.

Um comentário final: a arte da capa no estilo de Picasso, que define tão astuciosamente o som do disco, aparece nos créditos como sendo obra de "Sal Forlenza, 1942" – na realidade, é um pseudônimo do falecido Barney Bubbles. **RF**

Lista de músicas

▸	01	**Beyond Belief** (Costello)	2:34
	02	**Tears Before Bedtime** (Costello)	3:02
▸	03	**Shabby Doll** (Costello)	4:48
	04	**The Long Honeymoon** (Costello)	4:15
▸	05	**Man Out Of Time** (Costello)	5:27
▸	06	**Almost Blue** (Costello)	2:50
▸	07	**...And In Every Home** (Costello)	3:23
	08	**The Loved Ones** (Costello)	2:48
	09	**Human Hands** (Costello)	2:43
	10	**Kid About It** (Costello)	2:45
	11	**Little Savage** (Costello)	2:37
	12	**Boy With A Problem** (Costello • Difford)	2:13
	13	**Pidgin English** (Costello)	3:58
	14	**You Little Fool** (Costello)	3:11
▸	15	**Town Cryer** (Costello)	4:16

The Cure | Pornography (1982)

Selo | Fiction
Produção | The Cure • Phil Thornalley
Projeto gráfico | The Cure • Ben Kelly
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:20

Robert Smith fundou The Easy Cure ainda na escola secundária em 1976, mais tarde abreviando o nome para The Cure. O primeiro single da banda foi lançado em 1978 pela Fiction Records. Depois de uma estréia irregular, o grupo produziu alguns de seus melhores discos no princípio dos anos 80. *Pornography* é provavelmente o melhor e mais dark dos primeiros lançamentos do The Cure, um insight fascinante da extraordinária mente de Robert Smith.

Baseado em grandes e explosivos padrões repetidos de bateria e baixo, o disco se desenvolve de forma orgânica, uma obra monumental de melancolia condensada em 43 minutos. Apesar disso, tem uma grande riqueza musical. O baixo de Simon Gallup, a bateria uniforme de Tolhurst e a voz impassível de Smith criaram a trilha sonora ideal para qualquer gótico que se preze: as letras de Smith descem por um abismo negro em "Siamese Twins", "The Figurehead" e "Pornography". O disco abre com "One Hundred Years", que contém um dos melhores riffs do álbum e continua a ser uma das preferidas dos shows. "The Hanging Garden", uma faixa mais alegre, foi o único sucesso deste álbum (34.º lugar nas paradas da Inglaterra). A faixa de encerramento é uma colagem sonora experimental que lamenta o estado deplorável em que colocamos o planeta. O co-produtor Phil Thornalley mais tarde se tornaria baixista da banda. Ele também compôs e produziu o fabuloso sucesso de Natalie Imbruglia, "Torn".

Na turnê de promoção do álbum, Smith e Gallup discutiram no final do último show em Estrasburgo, na França. Após um breve intervalo, The Cure continuou sua carreira bem-sucedida como um duo, seguindo um caminho mais pop, e Smith começou a fazer aparições com Siouxsie and the Banshees. **PN**

"Eu pensava que deveríamos estar fazendo música no mesmo nível que as sinfonias de Mahler, e não pop."

Robert Smith, 2002

Lista de músicas

▶	01	**One Hundred Years** (Gallup • Smith • Tolhurst)	6:40
	02	**A Short Term Effect** (Gallup • Smith • Tolhurst)	4:23
▶	03	**The Hanging Garden** (Gallup • Smith • Tolhurst)	4:33
	04	**Siamese Twins** (Gallup • Smith • Tolhurst)	5:30
▶	05	**The Figurehead** (Gallup • Smith • Tolhurst)	6:15
	06	**A Strange Day** (Gallup • Smith • Tolhurst)	5:04
	07	**Cold** (Gallup • Smith • Tolhurst)	4:27
▶	08	**Pornography** (Gallup • Smith • Tolhurst)	6:28

Kevin Rowland And Dexy's Midnight Runners
Too-Rye-Ay (1982)

Selo | Mercury
Produção | Clive Langer • Kevin Rowland • Alan Winstanley
Projeto gráfico | Peter Barrett
Nacionalidade | Irlanda • Inglaterra
Duração | 43:34

Depois do sucesso de *Searching For The Young Soul Rebels*, Kevin Rowland não poderia imaginar a próxima etapa dos Dexy's: a maioria dos integrantes saiu da banda, houve uma mudança de gravadora e os singles "Keep It Part Two," "Plan B" e "Liars A To E" não conseguiram atingir posições significativas nas paradas de vendas. Nenhum mago do marketing teria conseguido prever o plano B: Rowland convidou três violinistas especializados em música irlandesa.

O primeiro single dessa nova formação, "The Celtic Soul Brothers", ficou fora do Top 40. Depois o naipe de metais da banda se separou, voltando como músicos contratados (por esta razão, Big Jimmy Patterson, que foi co-autor de nove músicas presentes no álbum, não está presente na fotografia da banda). Quando o Dexy's tocou ao vivo para uma emissora de rádio nacional em junho, quase ninguém na platéia sabia o que esperar. Jardineiras? Cabelos despenteados? Violinos e trompetes disputando a atenção? O discurso no meio de "There, There My Dear" em que Rowland anunciava que desistira de sua procura por jovens de alma rebelde?

"Come On Eileen" era a última chance. Sem o devido apoio promocional, permaneceu semanas nos últimos lugares das listas até que, inesperadamente, subiu para o primeiro lugar e tornou-se o single mais vendido de 1982 na Inglaterra. Na primavera do ano seguinte chegou ao primeiro lugar nos Estados Unidos. Era o primeiro sucesso da banda naquele país e o Dexy's estava agora envolto em fama de proporções mundiais.

Olhando para trás, *Too-Rye-Ay*, com sua produção atrapalhada e dependente de novas versões de músicas antigas, é o pior dos três álbums da banda. Contudo, se este for o pior disco de sua coleção, você merece cumprimentos sinceros. **DH**

"Costumava discutir com os executivos da EMI."

Kevin Rowland, 1982

Lista de músicas

▶	01	**The Celtic Soul Brothers** (Billingham • Patterson • Rowland)	3:09
▶	02	**Let's Make This Precious** (Patterson • Rowland)	4:03
	03	**All In All (This One Last Wild Waltz)** (Patterson • Rowland)	4:09
	04	**Jackie Wilson Said (I'm In Heaven When You Smile)** (Morrison)	3:04
	05	**Old** (Patterson • Rowland)	5:37
	06	**Plan B** (Patterson • Rowland)	5:04
	07	**I'll Show You** (Patterson • Rowland)	2:40
▶	08	**Liars A To E** (Patterson • Rowland • Torch)	4:12
▶	09	**Until I Believe In My Soul** (Patterson • Rowland)	7:01
▶	10	**Come On Eileen** (Adams • Patterson • Rowland)	4:35

Simple Minds
New Gold Dream (81/82/83/84) (1982)

Selo | A&M
Produção | Peter Walsh
Projeto gráfico | Malcolm Garrett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:02

Ainda que o grupo já tivesse gravado cinco álbuns antes de *New Gold Dream*, o lançamento deste disco marcou o momento em que a banda finalmente se consolidou como um dos grandes nomes do rock de meados dos anos 80.

"Glittering Prize" e o outro grande single do álbum, "Promised You A Miracle", resumem a capacidade do grupo de criar hinos pop fascinantes e sofisticados. Combinando um romantismo afetuoso com sua mistura própria de new wave, o álbum ilustrava o talento dos integrantes da banda como compositores.

A voz de Jim Kerr se mistura harmoniosamente às exuberantes sonoridades do teclado de Michael MacNeil e à guitarra inconfundível de Charlie Burchill, mas é a diversidade de ritmos que cria a base sólida deste álbum. Numa época em que era freqüente usar uma bateria eletrônica programada em vez de gravar a bateria acústica, o Simple Minds adotou uma estratégia peculiar ao utilizar três bateristas diferentes num disco de nove faixas. Combinado com o baixo de Derek Forbes, isso resultou em uma base percussiva sempre renovada sobre a qual Kerr, Burchill e MacNeil criaram músicas delicadas e vibrantes.

"Hunter And The Hunted" possui uma das combinações mais densas de atmosfera e melodia da banda e, complementada pela letra mais imaginativa de Kerr, é o ponto alto do álbum. Músicas altamente pop, como "Promise You A Miracle" e "Grittering Prize", além do terceiro single – "Someone, Somewhere In Summertime" –, explicam por que este foi o LP que lançou o Simple Minds nos Estados Unidos. **AH-N**

Lista de músicas

▶	01	**Someone, Somewhere In Summertime** (Burchill • Forbes • Kerr • MacNeil)	4:36
	02	**Colours Fly And Catherine Wheel** (Burchill • Forbes • Kerr • MacNeil)	3:49
▶	03	**Promised You A Miracle** (Burchill • Forbes • Kerr • MacNeil)	4:28
	04	**Big Sleep** (Burchill • Forbes • Kerr • MacNeil)	5:00
	05	**Somebody Up There Likes You** (Burchill • Forbes • Kerr • MacNeil)	5:02
	06	**New Gold Dream (81/82/83/84)** (Burchill • Forbes • Kerr • MacNeil)	5:39
▶	07	**Glittering Prize** (Burchill • Forbes • Kerr • MacNeil)	4:33
▶	08	**Hunter And The Hunted** (Burchill • Forbes • Kerr • MacNeil)	5:55
	09	**King Is White And In The Crowd** (Burchill • Forbes • Kerr • MacNeil)	7:00

Madness | The Rise And Fall (1982)

Selo | Stiff
Produção | Clive Langer • Alan Winstanley
Projeto gráfico | Laurie Lewis
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:36

O Madness estava em ascensão quando lançou o seu quarto álbum, *The Rise And Fall*. Depois de "House Of Fun" e a coletânea de sucessos *Complete Madness* subirem ao topo das paradas inglesas, tudo parecia estar bem resolvido. Essa confiança gerou um álbum rico e sombrio, onde as excentricidades passadas foram transformadas em algo ligeiramente macabro, mas ainda assim lindamente pop.

Uma espécie de álbum conceitual, este trabalho foi planejado como um ciclo de músicas baseado em memórias de infância. Foi o que inspirou a melancólica "Our House", de Carl Smyth, que filtrava recordações queridas através de sua visão irônica e chegou ao Top 10 da parada de sucessos americana.

Outras músicas eram esboçadadas sobre telas mais amplas, porém igualmente pessoais. A faixa-título, com seu clima melancólico, abre o álbum de forma dura, com o cantor Suggs recordando a sua infância no decadente ambiente proletário de Liverpool. Outras letras falam de organizações clandestinas e sinistras ("Blue Skinned Beast"), políticos charlatães ("Mr. Speaker") e voyeurismo alienado ("Primrose Hill"). Esse conjunto alucinógeno de temas apresenta um retrato vívido da Inglaterra, equivalente ao do *The Village Green Preservation Society*, dos Kinks.

Como as grandes comédias que *The Rise And Fall* evocava, o dom do Madness estava em seu exagero. "Tomorrow's Just Another Day", um grito de desespero detrás das grades, tem uma melancolia avassaladora.

Foram coisas assim que deram ao disco uma ressonância mais profunda do que a pantomima da capa sugere e também assinalaram o tom mais sério que os álbuns seguintes teriam. O tom geral de angústia e paranóia, mais aparente no quase psicodélico diário de turnê "New Delhi", também assinavala o desgaste interno que resultaria na saída do tecladista Mike Barson em 1983, durante a gravação de *Keep Moving*. **SC**

"...malucão e intelectual."

Suggs, 1999

Lista de músicas

	01	**Rise And Fall** (Foreman • McPherson)	3:16
▶	02	**Tomorrow's Just Another Day** (Barson • Smyth)	3:10
	03	**Blue Skinned Beast** (Thompson)	3:22
▶	04	**Primrose Hill** (Foreman • McPherson)	3:36
	05	**Mr. Speaker (Gets The Word)** (Barson • McPherson)	2:59
	06	**Sunday Morning** (Woodgate)	4:01
▶	07	**Our House** (Foreman • Smyth)	3:23
	08	**Tiptoes** (Barson • McPherson)	3:29
	09	**New Delhi** (Barson)	3:40
▶	10	**That Face** (Foreman • McPherson)	3:39
	11	**Calling Cards** (Barson • Foreman • Thompson)	2:19
	12	**Are You Coming (With Me)** (Barson • Thompson)	3:17
	13	**Madness (Is All In The Mind)** (Foreman)	5:25

Donald Fagen
The Nightfly (1982)

Selo | Warner Bros.
Produção | Gary Katz
Projeto gráfico | George Delmerico
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:53

"As músicas deste álbum representam algumas fantasias que podem ter sido nutridas por um jovem que cresceu nos subúrbios remotos de uma cidade do Nordeste americano durante os últimos anos da década de 50 e princípios de 60", escreveu Donald Fagen na contracapa de *The Nightfly*. No final do texto, ele confirmava o que havia insinuado: "Por exemplo, alguém com a minha estatura, o meu peso e as mesmas características gerais."

Enquanto o Steely Dan falava, com uma indiferença seca e sarcástica, sobre a vida na Califórnia nos anos 70, o primeiro disco solo de Fagen recordava os seus anos de formação com pouca de sua habitual ironia. O cantor passou a infância em Kendall Park, New Jersey, distanciando-se de seus sonhos românticos adolescentes (detalhados na deliciosa "Maxine") ao escutar obsessivamente jazz no rádio, transmitido ao seu quarto diretamente da terra prometida de Nova York. Tanto na faixa-título ("Uma estação independente / WJAZ, com jazz e conversas") como na fotografia da capa (o disco no canto inferior esquerdo é *Sonny Rollins And The Contemporary Leaders*) ele presta uma homenagem nostálgica aos grandes dias do rádio. Há também uma referência ao rock 'n' roll em uma versão de "Ruby Baby", um sucesso de Dion quando Fagen tinha 15 anos de idade.

Há uma pequena ironia, ainda que não pareça ter sido premeditada. Apesar do estilo pré-Beatles, *The Nightfly* tinha um som mais moderno do que qualquer álbum do Steely Dan. Produzido por Gary Katz com o famoso engenheiro de gravação Roger Nichols – ambos trabalhavam com o Steely Dan havia bastante tempo –, foi o primeiro disco importante gravado apenas em equipamento digital e continua sendo cultuado pelos "audiófilos". **WF-J**

Haircut One Hundred
Pelican West (1982)

Selo | Arista
Produção | Bob Sargeant
Projeto gráfico | David Shortt
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:21

Esse foi o ano do Haircut, e o álbum *Pelican West* (junto com outro single, o excepcional "Nobody's Fool") contém toda a obra do original e brilhante Haircut One Hundred, ainda que o grupo tenha produzido outro LP antes de Heyward deixar o grupo.

O nome da banda era uma referência óbvia à efemeridade das modas e definitivamente muito melhor do que Smakky Robo Dandy, como eram conhecidos em Beckenham, Kent, em meados dos anos 70.

O amor sem ironias de Heyward pelo pop transparecia em cada tema. A irresistível tristeza de "Love Plus One", a ligeira e funkeada "Love's Got Me In Triangles" e a atmosférica "Lemon Firebrigade" possuem um encanto imediato. "Calling Captain Autumn" e "Surprise Me Again" tentam ser mais densas, mas falham.

As letras são outra história. Heyward afirmava que escrevia letras muito simples de propósito. No entanto, muitas das músicas são indecifráveis. "Fantastic Day" parece falar de... alguém que tem um dia fantástico, mas só o título já poderia nos levar a essa conclusão. "Love Plus One" faz menos sentido ainda e um videoclipe feito na época, no qual os integrantes do grupo aparecem vestidos como homens das cavernas, só piora as coisas.

A fotografia da capa – um grupo de jovens felizes, atraentes, deitados em cima de folhas de outono e vestidos em suéteres de lã – e alguns dos arranjos funk pasteurizados dão a sensação de que *Pelican West* está ultrapassado. Aqueles que deixarem essa primeira impressão de lado vão descobrir que continua sendo um disco hilariante, inteligente, intrincado e muito animado. **DN**

Kate Bush
The Dreaming (1982)

Selo | EMI
Produção | Kate Bush
Projeto gráfico | Bill Clark
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:28

Quando perdem o rumo, algumas jovens estrelas do pop se entregam às drogas, morrem ou, pior ainda, apaixonam-se por Fred Durst (o vocalista dos Limp Bizkit). Quatro anos depois da sua brilhante revelação com "Wuthering Heights", aos 19 anos, a inglesa Kate Bush canalizou os seus demônios para um álbum brilhante e inquietante.

A agitada "Sat In Your Lap" – aparentemente inspirada em Stevie Wonder – é apenas o começo. Ainda viriam lembranças sinistras do Vietnã destroçado pela guerra ("Pull Out The Pin") e dos aborígines australianos ("The Dreaming"). Ainda temos "There Goes A Tenner", tão estranha que é seu único single que não entrou nas paradas de sucesso inglesas, e o fechamento do disco, com a tristonha "Get Out Of My House", inspirada em jornalistas intrometidos e no filme *O Iluminado*.

Mas há também beleza em meio ao horror. "Suspended In Gaffa" é comovente, ainda que seja impossível descobrir do que se trata (aparentemente é sobre objetivos inatingíveis). "Night Of The Swallow" é uma balada irlandesa extremamente bela e "Houdini" desperta simpatia pelo protagonista há muito falecido (o mágico aparece na ilustração da capa, onde Kate o segura com um beijo).

Na época, *The Dreaming* foi um fracasso. "Este foi o meu disco estilo 'está completamente louca', meu disco 'ela não é mais comercial'", admitiu Kate, anos depois. Hoje está alinhado com uma série de excentricidades que vão de Pink Floyd a Tricky (que cita Bush como uma de suas influências). E sua bateria trovejante é idêntica à dos Nine Inch Nails. "Leave It Open" encerra o disco com um verso cantado de trás para a frente (essa é Kate Bush, afinal de contas): "We let the weirdness in" ("Nós deixamos entrar a estranheza). Por favor, façam o mesmo. **BM**

Orange Juice
Rip It Up (1982)

Selo | Polydor
Produção | Martin Hayles
Projeto gráfico | Pete Watson
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:20

Este grupo fez parte da cena musical do início dos anos 80 que seu primeiro selo, Postcard, designou como "The Sound Of Young Scotland" (O Som da Jovem Escócia). Seu influente estilo independente era sério, tristonho, perspicaz, ingênuo e comovente. Com este segundo álbum, a banda chegou ao auge do sucesso.

Nas mãos do produtor Martin Hayles, a interpretação dos Orange Juice ficou polida, colorida e até funkeada, comparada com o seu álbum de estréia. O disco começa com uma música lançada também em single e que entrou na lista de 10 Mais na Inglaterra. Ela se tornaria o cartão de visita de Edwyn Collins. Assimilando o funk branco ao mesmo tempo em que brincavam de imitar o Chic, a música consegue até mesmo prestar homenagem a "Boredom", estréia dos Buzzcocks.

Em *Rip It Up* todos os membros da banda estavam envolvidos com o processo de criação. Zeke Manyika (mais tarde parte do The The) contribuiu com "A Million Pleading Faces", enquanto o guitarrista Malcolm Ross, ex-Josef K., compôs "Turn Away", com referências a "Heaven Sent" de sua banda anterior. Mas é o talento de Collins como compositor que realmente brilha. Ele recriou duas músicas relativamente desconhecidas da época do selo Postcard: "Louise, Louise", com tonalidades no estilo Velvet Underground, e a introspectiva "Breakfast Time" ("Queria ser jovem outra vez", implora Collins prematuramente envelhecido aos 22 anos). Um sucesso menor, "I Can't Help Myself", é o resultado pop mais alegre e exuberante, enquanto a música que fecha o disco, "Tenterhook", é uma reflexão hipnótica e dolorosa sobre o amor perdido.

A frustração de Collins com a indústria musical acabaria fazendo com que a banda terminasse, mas *Rip It Up* mostra o Orange Juice no seu momento mais dinâmico, vibrante e otimista. **JLa**

Michael Jackson | Thriller (1982)

Selo | Epic
Produção | Quincy Jones
Projeto gráfico | Dick Simmerman
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:15

Thriller está cercado de estatísticas impressionantes: o disco mais vendido da história já ultrapassou 104 milhões de cópias comercializadas – 40 milhões das quais em seu lançamento. Vendia um milhão de cópias por mês durante a primeira metade de 1983. De suas nove músicas, sete fizeram sucesso.

Em termos gerais não é tão bem resolvido quanto *Off The Wall*, mas algumas de suas meticulosas fusões entre pop, rock e R&B conseguiram superar as fórmulas do disco anterior. Ignorem a faixa-título ridiculamente camp, que tira a vida do disco no final do lado A, e concentre-se nas inegáveis obras-primas. O funk da abertura – "Wanna Be Startin' Somethin'" – exerce a mesma função que "Don't Stop Till You Get Enough", de *Off The Wall:* uma base mínima de riffs para apoiar os gritos hipercinéticos de Jackson. Também se "inspira" fortemente em "Soul Makossa" de Manu Dibango (os advogados de Jackson chegaram a um acordo generoso fora dos tribunais). É impossível não se deixar levar por "Beat It", um funk-rock superproduzido (o solo de guitarra de Eddie Van Halen foi montado a partir de 50 gravações diferentes), enquanto "Human Nature" é uma balada digital tão bela que viria a ser reinterpretada por Miles Davis.

Mas a estrela é "Billie Jean", na qual uma linha de baixo sintetizado gruda em sua pele enquanto a letra dúbia pede que você fique ao lado da milionária megaestrela paranóica diante das afirmações de uma mãe solteira sem dinheiro. Tal como nas demais músicas de *Thriller*, é um pop refinado ao limite, durante meses, por magos do estúdio usando os melhores músicos e a melhor tecnologia – não há uma única nota fora do lugar.

A vida cada vez mais bizarra e peculiar de Jackson não deveria fazer com que o brilhantismo deste disco fosse esquecido. **JLe**

"Sinto que fui escolhido como instrumento para trazer música, amor e harmonia ao mundo."

Michael Jackson, 1993

Lista de músicas

▶	01	**Wanna Be Startin' Somethin'** (Jackson)	6:02
	02	**Baby Be Mine** (Temperton)	4:20
	03	**The Girl Is Mine** (Jackson)	3:42
	04	**Thriller** (Temperton)	5:57
▶	05	**Beat It** (Jackson)	4:17
▶	06	**Billie Jean** (Jackson)	4:57
▶	07	**Human Nature** (Bettis • Porcaro)	4:05
▶	08	**P.Y.T. (Pretty Young Thing)** (Ingram • Jones)	3:58
	09	**The Lady In My Life** (Temperton)	4:57

The Birthday Party
Junkyard (1982)

Selo | 4AD
Produção | Tony Cohen
Projeto gráfico | Ed Roth
Nacionalidade | Austrália
Duração | 39:13

O grupo Birthday Party mudou-se da Austrália para Londres em 1980, achando que a Inglaterra estava dominada por bandas igualmente duronas, como The Fall e The Pop Group. Em vez disso, tiveram o desgosto de descobrir que a cidade fora tomada pela febre dos new romantics. Assinaram contrato com a 4AD, lançaram *Prayers On Fire* em 1981 e começaram a chamar atenção por suas apresentações ao vivo, enlouquecidas e por vezes violentas, além do apoio do DJ de rádio John Peel, graças a seu single gótico "Release The Bats".

Junkyard foi gravado em circunstâncias caóticas: Tracy Pew tinha sido condenado a três meses de prisão por roubo e por dirigir embriagado; o baterista Phill Calvert estava sendo afastado da banda aos poucos; e grandes quantidades de álcool e drogas alimentavam o blues psicótico e sórdido da banda. O caos se transformou em uma música poderosa e crua que muitas vezes soa como se cada integrante da banda estivesse tocando uma música diferente.

As letras de Nick Cave vão da misoginia assassina de "6 Gold Blade" ao esmurrante "Hamlet (Pow Pow Pow)", no qual o príncipe da Dinamarca da Shakespeare é representado como um maníaco por armas que dirige um Cadillac. Considerando-se que a banda tinha uma reputação de roubar carros, talvez "Dead Joe" – um monólogo sobre acidentes de carro seguindo o estilo de *Crash*, do escritor Ballard – seja autobiográfica. As imagens drag-strip de "Big-Jesus-Trash-Can" são ecoadas na imagem mecanicamente grotesca da capa.

Esta banda tão volátil separou-se de forma explosiva um ano depois, mas *Junkyard* continua a ser um documento atemporal daquela que muitos consideram ser a banda rock mais original da Austrália. **CSh**

Venom
Black Metal (1982)

Selo | Neat
Produção | Keith Nichol • Venom
Projeto gráfico | Richie Nichol •
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:20

O segundo álbum do trio de Newcastle possui a rara distinção de ter dado nome a todo um gênero musical. O black metal, como o dos pioneiros noruegueses Mayhem e Emperor, é uma vertente cult do ultrathrash caracterizada por sua fúria herege e ruídos gélidos. A cena adquiriu fama internacional nos anos 90, quando alguns de seus membros foram condenados por assassinato e por incendiar igrejas. Ironicamente, os pais desse movimento radicalmente extremista estavam apenas se divertindo.

Inspirados pela extravagância visual do Kiss e a atitude punk, o Venom combinou o primitivismo sonoro com imagens pseudo-satânicas. O trio, vestido de couro e carregado de correntes, não tinha o talento instrumental do Iron Maiden, mas compensava isso com imaginação e humor. A capa de *Black Metal* trazia um falso símbolo antipirataria no qual estava escrito: "As gravações domésticas em fitas cassetes estão acabando com a música... O Venom também."

As músicas eram explosões rudimentares de ritmos desenfreadamente frenéticos e riffs violentos, sobre os quais Cronos vomitava cenários de pesadelos ("Buried Alive", "Raise the Dead"), mitologia do horror ("Countess Bathory") e obscenidades alegres ("Teacher's Pet").

A verba "inexistente" para produção fez com que soassem como se estivessem dentro de uma masmorra. O baterista Abbdon começava a faixa-título usando uma serra elétrica para cortar uma porta. Este álbum era pura provocação no melhor estilo e irritou críticos e pais. Poucos teriam previsto que esse absurdo espetáculo burlesco daria luz a uma subcultura genuinamente dark. **MA**

Bruce Springsteen
Nebraska (1982)

Selo | Columbia
Produção | Bruce Springsteen
Projeto gráfico | Andrea Klein
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:51

Em comparação com seu estrondoso álbum duplo de estréia, *The River*, o segundo disco de Springsteen, *Nebraska*, parecia suicídio profissional. Apesar disso, Springsteen estava determinado a lançar seu disco de demos caseiros, mesmo que isso lhe custasse o rompimento com a sua gravadora.

As 10 músicas de *Nebraska* marcaram um novo ponto de partida: o cantor e compositor de coração e alma americanos. O disco é uma sucessão de retratos desoladores e com freqüentes conotações políticas sobre comunidades nas pequenas cidades dos Estados Unidos – marcadas pelo desemprego, escassez de oportunidades e crime endêmico. A faixa-título conta a história verídica das matanças de um assassino serial, Charlie Starkweather. "State Trooper" é um relato acerca de um policial local que se vê obrigado a enfrentar o seu irmão, um criminoso. E "Atlantic City" apresenta a famosa cidade do jogo como um inferno corrupto de perdedores e oportunistas. Em todo o disco, Springsteen consegue segurar as músicas por conta própria, com narrativas instigantes.

Este álbum pretendia desafiar tanto o seu autor quanto os seus fãs e foi grande sucesso comercial e artístico. Ainda que o disco seguinte, *Born In The USA*, levasse o cantor de volta ao território familiar do rock de estádio, anos mais tarde ele regressaria ao pessimismo de *Nebraska* com *Tunnel of Love* e mais tarde com *Ghost of Tom Joad*, dois discos essencialmente acústicos. Nesse sentido apenas, talvez Springsteen seja o roqueiro mais próximo do legado do músico folk americano Woody Guthrie. **BW**

Associates
Sulk (1982)

Selo | Associates
Produção | Mike Hedges
Projeto gráfico | Ian MacDonald
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:52

Ao regravar a música "Boys Keep Singing", de David Bowie, em seu primeiro single e depois partir em turnê com The Cure, o Associates estava aumentando a expectativa em torno de sua obra-prima de 1982, *Sulk* (o primeiro LP, *The Affectionate Punch*, havia sido lançado pelo selo Fiction Records em 1980). Esta era, sem dúvida, uma banda seguindo um projeto próprio. Era pop, art rock ou glam rock? Talvez uma mistura de tudo isso e muito mais.

A versão inglesa foi lançada com 10 músicas. Nos Estados Unidos, a ordem era diferente e havia faixas adicionais – o resultado foi um bom disco, mas bem diferente da outra versão. O grupo tinha dois pontos a seu favor: a voz encantadora de Billy Mackenzie e as paisagens sonoras esculpidas por Alan Rankine, multiinstrumentista virtuose. Desde a primeira música, "Arrogance Gave Him Up", no estilo do Human League, este é o testamento musical da banda. "Party Fears Two" era a demonstração definitiva de que a banda tinha um talento inteligente e intuitivo para compor e lhes deu a nona posição nas paradas de sucesso inglesas.

Sulk tornou-se um dos álbuns mais influentes do synth-pop dos anos 80 e posteriormente germinou no trabalho de outras bandas como o Duran Duran ("Bap De La Bap" poderia ser o antecessor direto de "Rio"). Um breve olhar para a arte da capa confirma que o Associates estava definindo o tom dessa década exótica, indulgente, e que, em última instância, parodiava a si mesma. **GD**

Iron Maiden | The Number Of The Beast (1982)

Selo | EMI
Produção | Martin Birch
Projeto gráfico | Derek Riggs
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:55

O Iron Maiden já era o consagrado pioneiro do heavy metal inglês quando lançou *Killers* em 1981. O disco foi recebido com entusiasmo, mas, depois que o comportamento autodestrutivo do cantor Paul Di'Anno fez com que fosse substituído por Bruce Dickinson (líder dos Samson) em 1982, parecia provável que *The Number Of The Beast* seria o último suspiro da banda.

Não foi o que aconteceu. O ritmo incansável de clássicos instantâneos como "Run To The Hills" e o escapismo escrachado da faixa-título – bem explorado pela voz estrondosa e teatral de Dickinson – fizeram com que o álbum fosse diretamente para o primeiro lugar nas paradas britânicas e aparecesse no Top 40 nos Estados Unidos, deixando a banda próxima do estrelato mundial.

Era previsível que alguns fãs de carteirinha recusassem a entrada de Dickinson. Um deles escreveu para a revista britânica *Melody Maker* queixando-se de que aquilo era como ouvir as suas músicas favoritas serem tocadas através de uma sirene. Os protestos se calaram rapidamente.

A verdadeira controvérsia veio quando ativistas cristãos nos Estados Unidos, já inflamados pelo extravagante hábito de Ozzy Osbourne de arrancar a cabeça de morcegos ao vivo, encheram a banda de críticas quanto a satanismo. O fato de a música ter sido inspirada em pesadelos do baixista Steve Harris e citar o *Apocalipse segundo São João* de pouco serviu para acalmar a situação, e a capa inimitavelmente demoníaca de Derek Riggs não ajudou muito. Mas essa fama passageira logo seria eclipsada por uma série de turnês em todo o mundo. Talvez sem se dar conta, a banda tinha criado um dos melhores discos de heavy metal de todos os tempos. **AMi**

"Antes de fazer parte da banda, eu queria desesperadamente cantar com o Iron Maiden, fazer parte desse enorme dragão que cospe fogo."

Bruce Dickinson, 1997

Lista de músicas

01	**Invaders**	(Harris)	3:25
02	**Children Of The Damned**	(Harris)	4:35
03	**The Prisoner**	(Harris•Smith)	6:04
04	**22 Acacia Avenue**	(Harris•Smith)	6:37
▶ 05	**The Number Of The Beast**	(Harris)	4:52
▶ 06	**Run To The Hills**	(Harris)	3:54
07	**Gangland**	(Burr•Harris•Smith)	3:48
08	**Total Eclipse**	(Burr•Di'Anno•Harris)	4:26
09	**Hallowed Be Thy Name**	(Harris)	7:14

Duran Duran | Rio (1982)

Selo | EMI
Produção | Colin Thurston
Projeto gráfico | Malcolm Garrett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:19

Apesar de a memória popular situar os new romantics como uma reação ao punk, a banda mais famosa do gênero, o Duran Duran, surgiu da declaração de John Taylor de que a banda pretendia ser uma combinação do Sex Pistols com o Chic. Esse grupo de Birmingham, contudo, tinha estilo próprio.

A "duranmania" percorreu todo o globo em 1982 com o álbum *Rio*, anunciando a chegada da revolução dos videoclipes. "Creio que o Duran Duran deve a vida à MTV", declarou Norman Samnick, da Warner Communications, matriz da MTV. Os vídeos exuberantes de "Save A Prayer" (de Russell Mulcahy, que depois dirigiu *Highlander*) retratam a banda como um grupo sofisticado do jet set percorrendo lugares exóticos acompanhados por belas mulheres. Esses videoclipes resumem bem o espírito dos anos 80, assim como a capa do álbum (a pintura de Patrick Nagel capta bem o estilo gráfico da década: o grafismo inspirado na estética japonesa exemplifica o fascínio pelo exótico).

Rio demonstra, em músicas como "New Religion" e "The Chauffeur", o quanto John Taylor (baixo), Roger Taylor (bateria) e Nick Rhodes (teclados) definem o som brilhante, sensual, hábil e contagioso da banda. Mas Simon le Bon (vocalista) e Andy Taylor (guitarrista) são fundamentais para compor o todo. As letras misteriosas e a interpretação vocal de Simon (nem sempre no ponto), acompanhadas pela guitarra de Andy em músicas como "Hungry Like The Wolf", criaram uma sonoridade roqueira que os tornou acessíveis a um público mais amplo. Em sua fase *Rio*, o Duran Duran foi o único grupo a criar um pop perfeito que definiu toda uma década. **AH-N**

"Oferecemos um serviço que contribui para que as pessoas sigam em frente com as suas vidas."

Simon Le Bon, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Rio** (Le Bon • Rhodes • A. Taylor • J. Taylor • R. Taylor)	5:38
	02	**My Own Way** (Le Bon • Rhodes • A. Taylor • J. Taylor • R. Taylor)	4:51
	03	**Lonely In Your Nightmare** (Le Bon • Rhodes • A. Taylor • J. Taylor • R. Taylor)	3:50
▶	04	**Hungry Like The Wolf** (Le Bon • Rhodes • A. Taylor • J. Taylor • R. Taylor)	3:41
	05	**Hold Back The Rain** (Le Bon • Rhodes • A. Taylor • J. Taylor • R. Taylor)	3:49
▶	06	**New Religion** (Le Bon • Rhodes • A. Taylor • J. Taylor • R. Taylor)	5:33
	07	**Last Chance On The Stairway** (Le Bon • Rhodes • A. Taylor • J. Taylor • R. Taylor)	4:20
▶	08	**Save A Prayer** (Le Bon • Rhodes • A. Taylor • J. Taylor • R. Taylor)	5:25
▶	09	**The Chauffeur** (Le Bon • Rhodes • A. Taylor • J. Taylor • R. Taylor)	5:12

Violent Femmes | Violent Femmes (1982)

Selo | Slash
Produção | Mark Van Hecke • Violent Femmes
Projeto gráfico | Jeff Price
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:14

O álbum de estréia de Violent Femmes redefiniu o termo "sucesso gradual", porque demorou oito anos até chegar ao Disco de Ouro (um milhão de cópias), sem nunca perturbar os cronistas do Top 200 da Billboard. O selo discográfico Slash não tinha do que se queixar, pois contrataram o trio cult de Milwaukee pela módica quantia de 50 dólares. Bem-vindos ao maravilhoso e estranho mundo de Violent Femmes.

Como seria de se esperar de uma banda "descoberta" enquanto tocava na rua, o som da banda era cru e inquieto, característica que se perdeu na transposição do som ao vivo para as gravações em estúdio. A banda conservava o seu vigor através da sua sofisticação: o trio era composto por um baixo acústico, a lendária bateria de Victor De Lorenzo e uma guitarra.

Juntos, os instrumentos passam de uma atmosfera urgente ("Kiss Off") para a languidez amorosa de "Please Do Not Go", na qual as cordas do baixo de Brian Ritchie ressoam no estômago. A imagem principal da banda como guardiões do geek-cool emana das letras impregnadas da angústia vital de Gordon Gano e em sua interpretação tão sentimental que quase parece uma paródia.

Poucos chegaram a atingir a intensidade da sensação de perseguição e alienação de Gano, e nenhum tinha seu humor. Ele lamenta ardentemente sua passividade em "Add It Up" – "Por que não consigo uma trepada? Acho que tem algo a ver com sorte" – e consegue sair de um exame de alma colocado a cru para uma compreensão hilariante em uma rápida e amarga virada.

"Garotos estranhos", tanto na performance quanto na platéia, são a essência do rock, e poucos conseguiram articular sua visão de mundo com tanto brilhantismo quanto Violent Femmes. **SJac**

"O que queremos dizer é 'Aqui está o romantismo, jogado de volta sobre vocês... Aqui está a emoção em estado bruto. Conseguem lidar com isto?'"

Victor De Lorenzo, 1983

Lista de músicas

01	**Blister In The Sun**	(Gano)	2:24
02	**Kiss Off**	(Gano)	2:55
03	**Please Do Not Go**	(Gano)	4:14
04	**Add It Up**	(Gano)	4:42
05	**Confessions**	(Gano)	5:31
06	**Prove My Love**	(Gano)	2:38
07	**Promise**	(Gano)	2:48
08	**To The Kill**	(Gano)	4:06
09	**Gone Daddy Gone**	(Gano)	3:05
10	**Good Feeling**	(Gano)	3:51

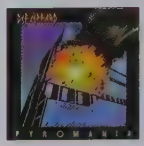
Malcolm McLaren
Duck Rock (1983)

Selo | Charisma
Produção | Trevor Horn
Projeto gráfico | Nick Egan
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:09

A magia que envolvia Malcolm McLaren por ser agente dos Sex Pistols fez com que ele se tornasse uma celebridade no princípio dos anos 80 e acabou lhe dando vontade de se tornar um astro pop. Seguindo essa idéia, conseguiu forçar um contrato com a Charisma, tendo a vaga idéia de investigar as "danças folclóricas do mundo". Contratou Trevor Horn, o maior produtor de new pop, e partiu numa viagem extravagante e cara pelos continentes americano e africano. "Ficou claro que ele não tinha a menor idéia do que estava fazendo" – disse Horn –, "o que significou que eu tinha muita liberdade criativa."

O projeto começou em Nova York, onde McLaren ficou fascinado pelo fenômeno emergente do hip-hop. A partir daí McLaren foi gravar bandas de salsa nova-iorquinas, bandas de jug no leste do Tennessee e grupos de jive nos subúrbios negros da África do Sul. De volta ao Bronx, McLaren descobriu dois DJs de rádios piratas – The Supreme Team – que receberam acetatos dessas gravações globais para que fizessem "scratch". O todo foi então montado como uma viagem musical coerente por Horn e narrada por McLaren – que era musicalmente tão ignorante que precisava que Horn ficasse com ele na cabine de gravação marcando fisicamente os ritmos. Embora "Buffalo Gals" tenha tido um sucesso relativamente pequeno nos EUA, foi o primeiro grande sucesso do hip-hop na Europa, introduzindo o grande público ao scratching, break dancing e grafites característicos do estilo. Ao celebrar os elementos pagãos da cultura popular (que McLaren descrevia como "as raízes do rock 'n' roll"), *Duck Rock* facilitou o nascimento da world music tal como a conhecemos. **JLe**

Def Leppard
Pyromania (1983)



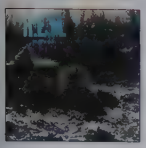
Selo | Mercury
Produção | Robert John Lange
Projeto gráfico | Satori
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:57

Se existe uma coisa que denuncia a idade de Pyromania é sua capa. Nestes tempos pós-9/11, com os casos de franco-atiradores nos Estados Unidos, a imagem de uma mira de arma apontada para um arranha-céu em chamas seria impensável. No entanto, é aqui que acabam os anacronismos, porque o terceiro álbum da banda parece atual e selvagem. Até os poderosos Guns N' Roses se inspiraram nos jeans rasgados, bela aparência e megassucessos apelativos do grupo inglês.

Surgido em Sheffield, uma cidade famosa pelas suas siderúrgicas e suas favelas verticais, este grupo tinha os Estados Unidos como alvo desde o princípio. Uma das suas primeiras músicas, "Hello America", deixava isso bem claro, mas a banda teve problemas depois que seus dois primeiros LPs não fizeram o sucesso desejado. O tirânico produtor John "Mutt" Lange exigiu o máximo de cada membro da banda, introduzindo também backing vocals e baterias eletrônicas. Estas últimas davam precisão e tornavam mais comercial a nova orientação pop do som, embora essa escolha tenha deixado o baterista Rick Allen tão irritado que ele jogou uma baqueta com força suficiente para deixá-la espetada na parede do estúdio. O guitarrista Pete Willis sofria de alcoolismo e foi substituído por Phil Collen, do Girl.

Os esforços de Lange envolveram cada nota e cada glissando em harmonias. O Def Leppard estava soterrado em dívidas devido a meses de atraso na gravação, mas o esforço trouxe recompensas. Nos EUA, a MTV começou a passar incessantemente a agridoce "Photograph" e o sucesso dos shows, "Rock Of Ages". Def Leppard logo se tornaria o novo Deus do metal para adolescentes. **GT**

R.E.M.
Murmur (1983)



Selo | IRS
Produção | Don Dixon • Mitch Easter
Projeto gráfico | Vários
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:01

Dylan Thomas um dia brincou dizendo que os seus primeiros poemas eram tão complexos que ele mesmo já não conseguia entendê-los. Michael Stipe também admitiu, três anos após ter escrito "Pilgrimage", incluído em *Murmur*, que "ainda o impressiona". O título do álbum de estréia da banda ("Murmúrio"), caracterizado por seus balbucios nebulosos, é, portanto, bem apropriado. Mas Stipe não queria ser um poeta clássico. Reconhecia que a insinuação e imagens crípticas poderiam ser muito sugestivas.

A verdade é que o R.E.M. precisava da tonalidade mística de Stipe para se destacar dos outros grupos. Do ponto de vista musical, *Murmur* gira em torno dos acordes metálicos da Rickenbacker® de Peter Buck e das tortuosas melodias de Stipe. O R.E.M. foi formado em meio aos grupos alternativos de Athens, na Geórgia, e começou a fazer sucesso nas rádios e shows do circuito universitário. Esse disco foi concebido em um estúdio gospel da Carolina, e a gravadora da banda exigiu que os produtores lhe fornecessem um sucesso comercial. Um violoncelista clássico tocou em "Talk About The Passion" e ficou espantado por não ter uma partitura escrita.

O álbum foi um sucesso de crítica. A revista *Rolling Stone* o nomeou disco do ano e o LP foi subindo na lista dos 30 Mais nos Estados Unidos. Os fãs de carteirinha da banda ajudaram muito, e o R.E.M. possuía um talento desenvolvido ao longo do tempo e resultando em um som mais sofisticado do que, digamos, o do Hüsker Dü ou do Green On Red. Até a fotografia gótica da capa tem imagens de raízes da planta *kudzu*, uma trepadeira que prolifera na Geórgia, e um trecho ferroviário rural de Athens.

O jornal *New York Times* publicou uma crítica que dizia: "Esse disco soará tão novo dentro de 10 anos como agora." Talvez continue assim por mais 20 ou mesmo 30 anos... **GT**

The The
Soul Mining (1983)

Selo | Sony
Produção | Matt Johnson
Projeto gráfico | Andy Dog
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:27

Se algum artista já mereceu o título de "pobre coitado" tatuado na testa, esse seria Matt Johnson, a "banda de um homem só" conhecida por The The desde 1980. Ele nega o fato, mas a natureza melancólica de grande parte da sua música, incluindo seu primeiro lançamento como The The, tende a neutralizar os seus protestos.

O amor pela música do londrino Johnson foi alimentado por ter crescido no pub do seu pai, onde músicos como David Essex e Long John Baldry se apresentaram, entre tantos outros. "Eu podia ouvir a música subindo pelo poço do elevador para mantimentos. E, quando o pub estava fechado, eu e meu irmão brincávamos com o equipamento que estivesse no palco." Depois de lançar um álbum com seu próprio nome, *Burning Blue Soul* (1981), Matt adotou um nome misterioso "para criar um grupo conceitual inspirado no The Plastic Ono Band: um grupo conceitual que mudava de formação o tempo todo".

As músicas combinavam letras densas e provocadoras, muitas delas ("That Sinking Feeling") inspiradas na então primeira-ministra Margaret Thatcher, freqüentemente usando uma instrumentação pouco comum. Analisando as letras, um crítico disse que *Soul Mining* "transborda com idéias, dúvidas, receios e mais experimentação musical do que a maioria das bandas se atreve a fazer durante toda uma vida". Poucos músicos convidados são mencionados no encarte, mas o solo de piano de Jools Holland em "Uncertain Smile" merece menção especial.

A versão relançada em 2002, remasterizada e com nova capa, foi supervisionada pelo próprio Johnson, e *Soul Mining* veio se juntar a seus outros discos de maior sucesso comercial: *Infected*, *Mind Bomb* e *Dusk*. **MH**

Tom Waits | Swordfishtrombones (1983)

Selo | Island
Produção | Tom Waits
Projeto gráfico | Frank Mulvey
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:41

Resumindo a história, a carreira de Tom Waits divide-se claramente em duas partes: antes de *Swordfishtrombones* e depois. Até o próprio Waits, um homem que gosta de coisas nebulosas, reconhece isso. Em *Swordfishtrombones,* Waits começa a afastar-se daquilo que mais tarde classificaria como "o meu período de pseudojazz lounge" e entrega-se ao choque do novo numa forma mais próxima de Brecht e Weill, Captain Beefheart e Harry Partch. Ter conhecido a sua esposa, Katleen Brennan, foi a inspiração por trás disso tudo.

Em desacordo com o clima da época, quase todas as músicas têm curta duração, letras cheias de imagens, um som estranho, oxidado, retorcido e oblíquo. A sua orquestração anterior tipicamente rica – com saxofone, guitarra e piano gravados sem efeitos – é aqui revirada num redemoinho de órgão, marimba e metais estridentes. Tudo isso cria um disco ofegante e murmurante, de imagens sombrias, lamurioso – uma foto posada.

"There's a rumblin'groan / down below / there'a a big dark town / it's a place I've found / there's a world going on / underground" (Há um rugido surdo / lá embaixo / há uma grande cidade obscura / um lugar que encontrei / há um mundo cheio de vida / sob o solo), diz Waits na faixa-título, como se tentasse fixar o tom.

Outra música, "Frank's Wild Years", ganharia vida própria. Formou a base do espetáculo musical homônimo – produzido por Tom Waits e Brennan – que se tornaria um álbum de estúdio no ano seguinte.

Swordfishtrombones era a primeira parte de uma trilogia involuntária (juntamente com *Raindogs* e *Frank Wild Years*). Sendo um disco inegavelmente influente e um marco, foi também o primeiro gravado para a Island, depois que a Warner (incrivelmente) o rejeitou. **RF**

"Jamais gostei de Chihuahuas."

Tom Waits, 1983

Lista de músicas

▶	01	**Underground** (Waits)	2:01
▶	02	**Shore Leave** (Waits)	4:18
	03	**Dave The Butcher** (Waits)	2:20
▶	04	**Johnsburg, Illinois** (Waits)	1:33
▶	05	**16 Shells From A Thirty-Ought Six** (Waits)	4:33
	06	**Town With No Cheer** (Waits)	4:28
▶	07	**In The Neighborhood** (Waits)	3:07
	08	**Just Another Sucker On The Vine** (Waits)	1:46
▶	09	**Frank's Wild Years** (Waits)	1:53
	10	**Swordfishtrombone** (Waits)	3:08
	11	**Down, Down, Down** (Waits)	2:16
	12	**Soldier's Things** (Waits)	3:23
	13	**Gin Soaked Boy** (Waits)	2:24
	14	**Trouble's Braids** (Waits)	1:17
	15	**Rainbirds** (Waits)	3:14

The Blue Nile
A Walk Across The Rooftops (1983)

Selo | Linn
Produção | Robert Bell • Paul Buchanan
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:17

The Blue Nile é um produto que pode ser comprado com toda a confiança. Todos os discos do grupo soam bastante parecidos. Faziam poucas turnês e, em média, gravavam um álbum a cada cinco anos, de maneira que ser um fã requeria apenas paciência. A música é belíssima, de partir o coração, adequada para ser ouvida sozinho ou em boa companhia.

Tendo formado a banda na Universidade de Glasgow no final dos anos 70, Paul Buchanan, P. J. Moore e Robert Bell lançaram o single "I Love This Life" por seu próprio selo (1981), mas depois assinaram contrato com o fabricante de equipamento de alta-fidelidade Linn. A empresa queria demonstrar um sistema de gravação mas acabou com uma obra-prima que fez da Blue Nile uma das bandas cult mais adoradas, tendo entre seus admiradores Peter Gabriel, Rickie Lee Jones e Annie Lennox. *A Walk Across the Rooftops* é o disco que recomendamos aqui, mas *Hats* (1989), *Peace At Last* (1996) e *High* (2004) são igualmente mágicos.

O som em si é um soul eletrônico peculiar, recoberto pela voz rascante de Paul Buchanan (pense em Joe Cocker gargarejando com areia e não cascalho). As músicas são reminiscências frugais da vida em pequenas cidades que, como no caso de Bruce Springsteen, convertem observações mundanas da vida de homens e mulheres em histórias comoventes. Na música principal, a vibrante "Tinseltown In The Rain", Buchanan canta "Do I love you? Yes I love you – but it's easy come and it's easy go..." (Eu amo você? Sim, eu amo – mas passa tão facilmente quanto como começou), e os sintetizadores gemem como violinos e as guitarras se tensionam como fios. Se você não se deixar emocionar por essa música, provavelmente está morto. **BM**

Hanoi Rocks
Back To Mystery City (1983)

Selo | Johanna
Produção | D. Buffin Griffin • P. Watts
Projeto gráfico | Kathe Schreyer
Nacionalidade | Finlândia
Duração | 44:16

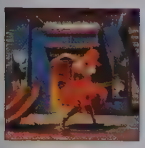
Axl Rose teria dito uma vez que o grupo Hanoi Rocks deveria ter sido mais famoso do que o Guns N' Roses. Inspirada por New York Dolls e Alice Cooper, a banda usava roupas teatrais e toneladas de maquiagem, e tocava música alta, cortante, cheia de ganchos e impossível de classificar.

Dale Buffin Griffin e Pete Watts do Mott The Hoople produziram este quarto álbum e conseguiram transmitir pela primeira vez, em estúdio, o dinamismo de um show e o senso de humor da banda. O disco começa com o irônico "Strange Boys Play Weird Openings", uma breve peça acústica com flautas e sons de pássaros. Em seguida, numa transição abrupta, Michael Monroe começa a gritar por cima de um duelo de guitarras entre Andy McCoy e Nasty Suicide em "Malibu Beach Nightmare" – a festa começou. Nicholas "Razzle" Dingley (baterista muito superior a Gyp Casino, que antes ocupava o posto) dá tons variados e contundência a "Lick Summer Love" e "Tooting Bec Wreck".

O álbum chegou ao 87.º lugar nas paradas inglesas e fez com que a banda assinasse um contrato para três discos com a CBS. Pareciam estar prontos para o superestrelato, mas sofreram uma tragédia quando Razzle faleceu num desastre no carro de Vince Neil, em 1984.

O grupo se dissolveu um ano depois. **JiH**

Cyndi Lauper
She's So Unusual (1983)



Selo | Portrait
Produção | Rick Chertoff
Projeto gráfico | Janet Perr
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:37

A atraente Cyndi Lauper (no melhor estilo Betty Boop) teria sido uma brisa de ar fresco em qualquer época. Mas nos tempos obscuros de 1983, quando Men At Work era a maior banda do mundo, ela era um furacão com voz de hélio.

Originária do Brooklyn, aos 30 anos de idade Cyndi tinha sobrevivido a uma falência e retornou mais forte do que o aço. No início, os clássicos vinham um após o outro. O álbum de estréia traz The Hooters como banda de apoio e é lembrado por sucessos como "Satellite". "Girls Just Wanna Have Fun" foi composto pelo desconhecido Robert Hazard, mas uma nova versão e um vídeo bem produzido transformaram a música em um clássico da cantora. "Time After Time" é de uma pérola que foi reinterpretada quase 100 vezes por outros artistas. A letra de "She Bop" é uma ode dissimulada à masturbação que ajudou a inflamar o debate sobre a censura de músicas. E, antes que Sinéad O'Connor o fizesse, Lauper interpretou uma música de Prince – "When You Were Mine" –, tornando-a ainda melhor.

Na segunda metade do álbum, a colisão entre o pop descartável estilo anos 60, o new wave e o pop rock recebem ingredientes adicionais. Há a elegante "All Throught The Night", por Jules Shear, e a curiosidade dos anos 20 "He's So Unusual". A última, originalmente do musical *Sweetie*, completa sua transformação em uma personagem de quadrinhos, uma figura que fala em toda parte na música de fechamento, "Yeah Yeah".

Durante algum tempo, Cyndi Lauper e Madonna foram rivais. A história nos deu o resultado, mas *She's So Unusual* continua a ser um testamento colossal de uma época em que Lauper ainda conseguia ser uma adversária à altura. **BM**

Paul Simon
Hearts And Bones (1983)

Selo | Warner Bros.
Produção | Paul Simon
Projeto gráfico | Jeffrey Kent Ayeroff
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:42

Os anos 80 não começaram bem para Paul Simon. O seu filme *One Trick Pony* e a respectiva trilha sonora foram bombardeados pela crítica e isso, aliado à sua saída amarga da CBS, provocou um bloqueio criativo no artista. No entanto, a terapia fez com que ele se reencontrasse e as músicas compostas em seguida são o pilar de *Hearts And Bones*. O disco havia sido pensado como um trabalho de Simon e Garfunkel, pois o duo tinha voltado a se reunir para o famoso show do Central Park (com uma platéia de 500.000 pessoas) e fez uma turnê logo em seguida. No entanto, as velhas feridas não tardaram a reabrir. As escassas contribuições de Garfunkel que Simon tinha deixado passar foram eliminadas do álbum, que acabou sendo lançado como o quinto disco solo de Simon.

O melhor momento deste álbum é quando mostra o amadurecimento de Simon. O artista tinha feito 40 anos em 1981; "Train In The Distance" (sobre sua primeira esposa), "Song About the Moon" (aparentemente escrita como terapia pessoal) e "The Late Great Johnny Ace" (um tributo a John Lennon, com arranjo de cordas de Philip Glass) são pura reflexão. Por outro lado, o disco escorrega quando mostra a sua própria idade e não a de Simon: "Allergies" fica quase perdida sob a bateria ribombante do músico de estúdio Steve Gadd. Ainda assim, há poucos momentos ruins.

Simon pode ter lidado bem com os seus 40 anos, mas o público ainda não estava preparado. *Hearts And Bones* teve um retorno comercial pior do que o trabalho anterior, levando Simon à África para gravar o próximo disco, *Graceland*, mais bem recebido. **WF-J**

Echo And The Bunnymen | Porcupine (1983)

Selo | Korova
Produção | Kingbird
Projeto gráfico | Martyn Atkins
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:39

Porcupine dividiu a crítica e os admiradores. Talvez, levando-se em conta a gênese conturbada do álbum e o pensamento sensível por trás dele, isso fosse inevitável. O grupo tinha achado muito fácil compor *Heaven Up Here*, de 1981. O terceiro álbum da banda, precedido por um período de bloqueio criativo, foi o oposto.

Porcupine apresentava letras mais autobiográficas do cantor Ian McCulloch que afastaram muitos por serem tão afiadas – inclusive a gravadora WEA, que classificou o disco de pouco comercial. Ainda que pareça estranho, a banda, com exceção do guitarrista Will Sergeant, estava de acordo com a idéia e voltou ao estúdio para utilizar a primeira versão como ponto de partida para uma segunda tentativa.

Essa confusão explica, em parte, o poder de *Porcupine*. Seu primeiro single, "The Back Of Love" – música ao mesmo tempo rápida e sonhadora –, destilava perfeitamente as sensações de admiração e estranheza que só o grupo conseguia conjurar: quem mais poderia "partir a espinha do amor" de forma tão festiva?

O violinista indiano Shankar gravou uma introdução de cítara e um refrão para o segundo single, "The Cutter", mas isso não agradou a ninguém da banda. O agente Bill Drummond também gravou uma seção de trompetes. Apesar de descontente, a banda acabou admitindo que a música havia melhorado. O público inglês concordou: "The Cutter" chegou ao oitavo lugar em 2003 e a colocação mais alta do álbum foi um segundo lugar.

Por todas essas razões, nunca foi um álbum fácil de se escutar. O isolacionismo de McCulloch e sua interpretação cada vez mais operística foram suavizados pela produção e por sons orientais. Menos acessível e mais torturante quando ouvido pela primeira vez, *Porcupine* recompensa os ouvintes mais persistentes. **MB**

Lista de músicas

▶	01	**The Cutter** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	3:50
▶	02	**The Back Of Love** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	3:13
	03	**My White Devil** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	4:32
	04	**Clay** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	4:07
	05	**Porcupine** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	5:55
	06	**Heads Will Roll** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	3:29
	07	**Ripeness** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	4:50
▶	08	**Higher Hell** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	4:59
	09	**Gods Will Be Gods** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	5:18
	10	**In Bluer Skies** (de Freitas • McCulloch • Pattinson • Sergeant)	4:26

ZZ Top | Eliminator (1983)

Selo | Warner Bros.
Produção | Bill Ham
Projeto gráfico | Bob Alford • Tom Hunnicutt
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:23

No princípio havia Donna Summer. Ela disse que a música disco, as baterias e as guitarras de rock deveriam viver em harmonia e que isso era bom (ou melhor, era seu *Bad Girls*). Mais tarde, Eddie Van Halen consumou a união com sua guitarra em "Beat It", de Michael Jackson, e no seu próprio "Jump". Em confronto com tais ídolos, os membros do ZZ Top corriam o risco de parecer aqueles tios de quem todos têm vergonha. Mas souberam conjurar uma obra-prima de electro-boogie que igualou Eddie tanto em diversão quanto em vendas (10 milhões de cópias e ainda subindo).

O trio texano brincou com os novos aparelhos de fazer ruídos em *El Loco* (1981). Depois, em *Eliminator*, dedicaram-se à tarefa com tal confiança que alguns suspeitaram de que o baterista Frank Beard tivesse sido substituído por baterias eletrônicas nas músicas. A verdade era que suas batidas limpas e a marcação do baixo de Dusty Hills eram simples suportes para a estrela, o guitarrista Billy Gibbons – sempre envolvendo as letras com os seus licks furiosos, sem nunca se tornar auto-indulgente, como outros solistas.

Este não é um disco de hard-rock. Temos a triste "I Need You Tonight" e o tour de force de baixo slap em "Thug". "Gimme All Your Lovin'", "Sharp Dressed Man" e "Legs" foram as músicas que levaram *Eliminator* ao auge. Uma das chaves para esse sucesso foram os vídeos de Tim Newman que sempre tocavam na MTV e que converteram o ZZ Top em um anacronismo divertido entre carros e mulheres (note-se a ilustração chamativa de Tom Hunnicutt na capa, mostrando um *hotrod* que ganha vida). "Decidimos que as mulheres eram muito mais bonitas que nós" – explicava Beard – "e que o carro era ainda mais bonito."

E foi assim que uma pequena banda do Texas alcançou o estrelato. *Eliminator* tornou-se um clássico, e vimos que era bom. **BM**

"O ZZ Top nunca será considerado uma banda de punk, new wave ou de música eletrônica."

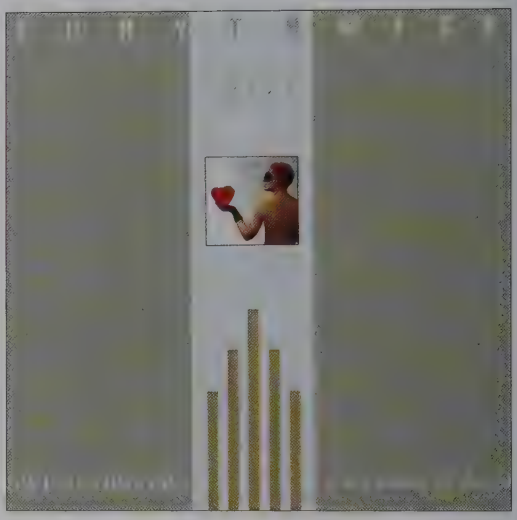
Billy Gibbons, 1983

Lista de músicas

▶	01	**Gimme All Your Lovin'** (Beard • Gibbons • Hill)	4:04
	02	**Got Me Under Pressure** (Beard • Gibbons • Hill)	4:03
▶	03	**Sharp Dressed Man** (Beard • Gibbons • Hill)	4:18
	04	**I Need You Tonight** (Beard • Gibbons • Hill)	6:17
	05	**I Got The Six** (Beard • Gibbons • Hill)	2:56
▶	06	**Legs** (Beard • Gibbons • Hill)	4:34
	07	**Thug** (Beard • Gibbons • Hill)	4:19
	08	**TV Dinners** (Beard • Gibbons • Hill)	3:51
	09	**Dirty Dog** (Beard • Gibbons • Hill)	4:04
	10	**If I Could Only Flag Her Down** (Beard • Gibbons • Hill)	3:41
	11	**Bad Girl** (Beard • Gibbons • Hill)	3:16

Eurythmics
Sweet Dreams (Are Made Of This) (1983)

Selo | RCA
Produção | Dave Stewart
Projeto gráfico | Laurence Stevens
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:52



Ao combinar sons sintetizados com melodias fortes e uma inspirada interpretação vocal, o guitarrista Dave Stewart e a expressiva cantora Annie Lennox se colocaram numa categoria à parte em relação aos grupos de imitadores do electro-pop nos anos 80.

Apesar de os primeiros singles (o latino "This Is The House" e o jazzístico "The Walk") não terem conseguido decolar, a faixa-título, com seu bumbo pulsante e gancho marcante, tornou-se um êxito mundial (primeiro lugar na Inglaterra e segundo lugar nos Estados Unidos). A base do sucesso foi o vídeo. Mostrando Lennox com uma aparência andrógina (resplandescente em um corte de cabelo curto e laranja, usando um terno) no meio de um campo com vacas, era claramente um ataque à cultura dos anos 80, sexista e comandada pelos lucros. O efeito foi fantástico, pois transformou a tímida porém destemida cantora numa estrela de capas de revistas (*Newsweek*, *The Face*). A preocupação do duo, que queria ter controle artístico, vinha estampada na capa do álbum, com seu logo "D&A" (Dave e Annie).

Além da sua variedade de estilos musicais (desde o cover de "Wrap It Up" à sublime "This City... "), o álbum destaca-se pela intensidade emotiva. A gélida "Sweet Dreams" foi composta depois de os ex-amantes discutirem no estúdio e deixarem de se falar, enquanto o vídeo que acompanhava o emotivo single sobre a obsessão, "Love Is A Stranger", foi imediatamente proibido pelos censores norte-americanos, que qualificaram Lennox de "travesti corruptor de menores".

No final de 1983 era mais do que justo que ambos tivessem se transformado em estrelas internacionais. **LS**

"Por vezes, eu... gosto de fazer música bela e sublime."

Annie Lennox, 1990

Lista de músicas

▶	01	**Love Is A Stranger** (Lennox•Stewart)	3:45
	02	**I've Got An Angel** (Lennox•Stewart)	2:43
	03	**Wrap It Up** (Hayes•Porter)	3:22
	04	**I Could Give You (A Mirror)** (Lennox•Stewart)	3:49
▶	05	**The Walk** (Lennox•Stewart)	4:35
▶	06	**Sweet Dreams (Are Made Of This)** (Lennox•Stewart)	3:35
	07	**Jennifer** (Lennox•Stewart)	5:00
	08	**This Is The House** (Lennox•Stewart)	4:58
	09	**Somebody Told Me** (Lennox•Stewart)	3:28
▶	10	**This City Never Sleeps** (Lennox•Stewart)	6:37

U2
War (1983)

Selo | Island
Produção | Steve Lillywhite • Bill Whelan
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Irlanda
Duração | 40:03

No terceiro álbum do U2, o quarteto de Dublin articulou suas visões ardentes sobre política e a condição humana. Com um som próximo do garage, este continua a ser um dos discos do U2 que apresentam um som mais cru. "Sunday Bloody Sunday" é, sem dúvida, a música mais pungente do disco. Os ritmos militares do baterista Larry Mullen Jr. e o riff descendente da guitarra de Edge formam o suporte perfeito para a declaração pessoal de Bono contra a continuação da guerra entre o IRA e o governo britânico.

"New Years Day" critica a estagnação e, simultaneamente, se alegra com a promessa de mudanças, declarando claramente que, apesar de estar dividido em dois, o mundo também pode ser "como um". "Surrender" é uma jóia mais delicada e demonstra a capacidade do U2 de criar música atmosférica. *War* também é notável pela inclusão de "Seconds", uma das duas únicas músicas que a banda gravou com Edge como cantor. O hino "40" foi utilizado para encerrar os shows do grupo ao longo dos anos 80.

War entrou para o primeiro lugar nas paradas inglesas (ficou em 12.º lugar nos Estados Unidos) e foi o último disco que produziram com Steve Lillywhite no comando (o produtor já tinha trabalhado em *Boy* e *October*). Este álbum é um marco: o tratamento dado por Lillywhite às músicas combina energia em estado puro com maestria na produção em estúdio. A voz de Bono se impõe e exige atenção, enquanto as linhas de guitarra de Edge são vitais, mas nunca sobrepujam a banda. Um disco eterno. **SN**

The Police
Synchronicity (1983)

Selo | A&M
Produção | Hugh Padgham • The Police
Projeto gráfico | Jeffrey Kent Ayeroff
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 44:11

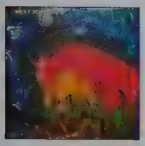
Gravado no inverno de 1982, em Londres, Montserrat e no Québec, este foi o último disco da fabulosa carreira do Police. O título se refere à teoria do filósofo Carl Jung sobre coincidências significativas, e a capa mostra o baterista Stewart Copeland, o baixista e cantor Sting e o guitarrista Andy Summers claramente divididos.

Copeland gravou a bateria numa sala de jantar ligada ao estúdio no Québec por um circuito interno de TV e discussões sobre o seu estilo elaborado levaram a uma reunião na qual as fitas quase foram jogadas fora. Apesar disso, é um dos melhores discos já produzidos pelo grupo, indo da ritmada "Walking In Your Footsteps" até à misteriosa "Tea In The Sahara" (inspirada por um conto de Paul Bowles, *The Sheltering Sky*).

Sting permitiu que duas músicas dos seus companheiros entrassem na gravação: "Mother" ("Gostávamos dessa música porque era muito louca", declarou à *Classic Albums* da BBC Radio 1) e "Miss Gradenko" ("Gostava de cantar as músicas de Stewart"). Summers também foi co-autor de "Murder By Numbers", com influências jazzísticas. Mas o álbum é principalmente lembrado pela esplêndida "Every Breath You Take" (composta em poucos minutos), a sedutora "Wrapped Around Your Finger" e a dolorida "King Of Pain". Inspiradas pelo término do primeiro casamento de Sting, as três entraram para o Top 10 dos Estados Unidos e fizeram com que *Synchronicity* fosse o álbum mais vendido da banda (oito milhões de cópias apenas nos EUA).

Depois de uma última turnê, a banda se dissolveu. "A banda durou o tempo certo" – declarou Sting. "Outro álbum teria sido um desastre." **TJ**

Meat Puppets
Meat Puppets II (1983)



Selo | SST
Produção | Spot
Projeto gráfico | Curt Kirkwood
Nacionalidade | EUA
Duração | 30:35

Apesar de o segundo álbum dos Meat Puppets conter três músicas que viriam a ser regravadas pelo Nirvana, o trio de Phoenix, Arizona, não foi um grupo grunge. Tendo assinado com o pioneiro selo SST, da Black Flag, o guitarrista e cantor Curt Kirkwood, o baixista Cris, seu irmão, e o baterista Derrick Bostrom tocavam uma extasiante mistura de country, punk e música psicodélica. Colocaram sua verve hardcore no primeiro álbum do grupo em 1982, mas nesse segundo disco quiseram explorar suas influências do deserto e da era hippie. As versões originais de "Plateau", "Oh, Me" e "Lake Of Fire" exalam uma aura de outro mundo que não está presente nas gravações do Nirvana. A primeira música mencionada é um rock em tempo lento quase psicodélico, culminando com uma coda bela e levitante. A segunda conjuga sentimentos soturnos deslocados por imagens surreais e pela voz aguda de Curt.

A sublime técnica de guitarra do líder da banda é reveladora: ele é capaz de passar da eletricidade de um blues à sutileza de cordas pinçadas num abrir e fechar de olhos. A panorâmica música instrumental "Aurora Borealis" evoca paisagens tórridas com cactos e peiote, enquanto o lisérgico "Lost" protesta contra a confusão política causada por Nixon. Pinturas folclóricas na capa e na parte interna do álbum, feitas pela própria banda, completam esse marco da cultura marginal americana.

Este álbum foi bem recebido pela crítica – chegou a receber uma grande resenha na *Rolling Stone*, assim como o próximo, *Up On The Sun*. **MA**

Culture Club
Colour By Numbers (1983)

Selo | Virgin
Produção | Steve Levine
Projeto gráfico | Assorted Images
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:52

O Culture Club tinha conseguido um lugar no mapa com o seu álbum de estréia, *Kissing To Be Clever* (1982). Três singles – o cartão de visitas "Do You Want To Hurt Me?", uma música lenta para dançar chamada "Time (Clock Of The Heart)" e a grudenta "I'll Tumble 4 Ya" – proporcionaram ao quarteto alguma substância musical pop pára reforçar a imagem chamativa que tinham cultivado graças aos videoclipes estilosos e ao vestuário, penteado e maquiagem andróginos do cantor Boy George. Ainda assim alguns críticos não levavam o grupo a sério, considerando-o como uma vitória do estilo sobre a substância.

Lançado um ano depois, *Colour By Numbers* fundamentou os singles com um quarteto de hits. "Karma Chameleon" tornou-se o tema da banda (e lhes conferiu o primeiro lugar nos EUA e na Inglaterra), enquanto o ritmo dançante de "Church Of The Poison Mind" realçava os formidáveis backing vocals de Helen Terry, cantora convidada. Enquanto o álbum de estréia incluía elementos de reggae e dub, este segundo disco expandiu a paleta para incluir música sentimental, rock básico e até gospel ("Black Money"). "It's A Miracle" combina uma letra cheia de ganchos com um arranjo rítmico contagiante, enquanto "Miss Me Blind" traz não apenas um, mas dois riffs de guitarra de Roy Hay que poderiam servir de porta de entrada ao mundo dos solos do rock clássico e do blues.

É verdade que o disco deixa um pouco a desejar no final, mas o pop refinado que encontramos nas outras músicas justifica o status de clássico deste álbum – que rendeu vendas multiplatina nos Estados Unidos, Canadá, Japão e Austrália. **YK**

Frankie Goes To Hollywood
Welcome To The Pleasuredome (1984)

Selo | ZTT
Produção | Trevor Horn
Projeto gráfico | Lawrence Cole
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 64:01

Ainda que o quinteto Frankie Goes To Hollywood (o nome foi tirado de uma manchete de jornal americana que se referia a Frank Sinatra) seja mais lembrado pelos singles "Relax" e "Two Tribes", os ouvintes que passaram algum tempo explorando este longo álbum descobriram que esse grupo pouco comum de oportunistas tinha algo além de roupas chamativas e do vídeo de Reagan lutando contra Chernenko. Se bem que... Pleasuredome incluía quatro covers e um punhado de trechos falados / faixas ambiente entre cada música... ainda assim o disco como um todo é interessante.

Quase todo o mérito pode ser atribuído à produção de Trevor Horn, que inspirou uma geração inteira de álbuns meticulosamente produzidos ao longo dos anos 80: a absoluta claridade do ruído de pássaros ao fundo e dos sons da selva na faixa-título, aliada à beleza da versão de "Do You Know The Way To San José?", de Bacharach e David, continuam sendo milagrosas para os ouvidos. Mas a emoção do disco também se encontra naqueles singles de referência: "Relax", um hino obsceno que encantou toda uma geração; "Two Tribes", trilha sonora perfeita para a Guerra Fria; "The Power Of Love", um esplêndido sucesso de Natal, e "Welcome...", em si, um hino subestimado lançado quando a "frankmania" começava a sumir.

A paranóia, as referências sexualmente perversas (o single de 12 minutos de "Relax" trazia um parágrafo mencionando a coprofagia) e o glamour retorcido de *Pleasuredome* deram a impressão, por breves momentos, de que todo um novo movimento havia surgido. **JM**

Lista de músicas

01	**The World Is My Oyster**	(F.G.T.H.)	1:57
▶ 02	**Welcome To The Pleasuredome**	(F.G.T.H.)	13:38
▶ 03	**Relax**	(F.G.T.H.)	3:56
04	**War**	(Strong•Whitfield)	6:12
▶ 05	**Two Tribes**	(F.G.T.H.)	3:23
06	**Including The Last Voice**	(F.G.T.H.)	0:35
07	**Ferry Cross The Mersey**	(Marsden)	1:49
08	**Born To Run**	(Springsteen)	3:56
09	**San Jose**	(Bacharach•David)	3:06
10	**Wish The Lads Were Here**	(F.G.T.H.)	2:48
11	**The Ballad Of 32**	(F.G.T.H.)	4:47
12	**Krisco Kisses**	(F.G.T.H.)	2:57
13	**Black Night White Light**	(F.G.T.H.)	4:05
14	**The Only Star In Heaven**	(F.G.T.H.)	4:16
▶ 15	**The Power Of Love**	(F.G.T.H.)	5:28
16	**Bang**	(F.G.T.H.)	1:08

Run-DMC

Run-DMC (1984)

Selo | Profile
Produção | Russell Simmons • Larry Smith
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:26

Pouco mais de duas décadas antes este trio de Hollis apareceu e preparou o terreno para a chegada do rap. Este primeiro trabalho é, seguramente, o disco de rap mais influente de todos os tempos, os mandamentos sagrados do rap.

Apesar de o hip-hop ter nascido no Bronx, em Nova York, no final dos anos 70, os Run-DMC desviaram o gênero do estilo de "festa de bairro" do The Sugar Hill Gang e Grandmother Flash para criar um som hardcore, despojado, influenciado pelo rock. A produção é potente e minimalista, trabalhando sobre uma base de bateria eletrônica, fragmentos de guitarra ou de sintetizador e o scratching inovador de Jam Master Jay (Jason Mizell).

Os MCs Run (Joseph Simmons) e DMC (Daryl McDaniel) formaram a primeira grande equipe de MCs. A sua interpretação era durona e intransigente, provocando os ouvintes e investindo contra os "Sucker MC's", que são o alvo de seu veneno. A sua habilidade para intercambiar frases e acabar as rimas um do outro é notável em "Hard Times" e "It's Like That", que exploram agressivamente os problemas da vida urbana, da violência, da pobreza e da falta de educação. (Um remix da música feito por Jason Nevins trouxe sucesso mundial ao grupo em 1998, incluindo o 1.º lugar na parada britânica).

A produção, as músicas e sobretudo a atitude deste trio criaram um novo paradigma para o hip-hop. Foram os primeiros passos do rap combativo e, ainda que o Run-DMC não estivesse ligado a nenhuma gangue, também foi o ponto de partida para o fenômeno do gangsta rap que voltaria a alterar a face do rap novamente cerca de cinco anos mais tarde. **LP**

"As grandes gravadoras sequer olhavam para nós, porque pensavam que o rap não vendia."

Run-DMC, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Hard Times** (McDaniels • Smith • Ward • Waring)	3:53
▶	02	**Rock Box** (McDaniels • Simmons • Smith)	5:28
	03	**Jam-Master Jay** (McDaniels • Mizell • Simmons)	3:21
	04	**Hollis Crew** (McDaniels • Mizell • Simmons)	3:12
▶	05	**Sucker MC's** (McDaniels • Simmons • Smith)	3:15
▶	06	**It's Like That** (McDaniels • Simmons • Smith)	4:45
	07	**Wake Up** (McDaniels • Simmons • Smith)	5:30
	08	**30 Days** (McDaniels • Simmons • Smith)	5:45
	09	**Jay's Game** (McDaniels • Simmons • Smith)	4:17

Sade
Diamond Life (1984)

Selo | Epic
Produção | Robin Millar
Projeto gráfico | Graham Smith
Nacionalidade | Nigéria/Inglaterra
Duração | 44:52

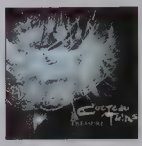
É difícil imaginar uma voz mais suave que pudesse causar um impacto mais profundo. No território do R&B e do soul, a sonoridade elegante, contida e sofisticada de Sade marcou uma mudança paradigmática após décadas de domínio de Aretha Franklin, Tina Turner e outras cantoras formadas na tradição de blues e gospel. Mais ainda, a inclusão de ritmos de world music em *Diamond Life* levaria muitos artistas do Top 40 a fazer experiências sutis com ritmos latinos, caribenhos e outros sons exóticos.

O álbum abre com a calorosa bossa nova de "Smooth Operator" – um merecido sucesso mundial – e passa depois às românticas "Your Love Is King" e "Hang On To Your Love". A interpretação desapaixonada de Sade algumas vezes é quase fria, mas o som aveludado de sua banda (também conhecida como Sade) transforma "I Will Be Your Friend" e "Why Can't We Live Together" em músicas sedutoras.

Sua atração transcendeu classes, culturas, raças, idades e sexo. Com *Diamond Life*, tornou-se aceitável que um homem comprasse um álbum romântico sem que fosse apenas para impressionar uma mulher. A chave que abriu essa porta foi a voz de Sade. A mistura hipnótica de blues esfumaçado, jazz cintilante e pop sublime da cantora – na época com 25 anos – era absolutamente única.

O álbum foi sucesso imediato na Grã-Bretanha e seu lançamento nos Estados Unidos, em 1985, teve resultados semelhantes. Eventualmente seriam vendidos seis milhões de cópias de *Diamond Life* – em toda a história, continua sendo o recorde de vendas para o primeiro álbum de uma cantora inglesa. **JiH**

Cocteau Twins
Treasure (1984)



Selo | 4AD
Produção | Cocteau Twins
Projeto gráfico | 23 Envelope
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:32

Foi neste terceiro álbum que a beleza misteriosa dos Cocteau Twins começou a se revelar. O baixista Simon Raymonde, mais recente membro da banda, aos poucos foi se envolvendo cada vez mais com a composição, orquestração e produção musical. Junto com o guitarrista Robin Guthrie e a incomparável vocalista Liz Fraser, ele se enfurnou nos estúdios Palladium, em Londres, e criou uma obra-prima etérea.

A reluzente teia abstrata da capa assim como os títulos das músicas inspirados em belos nomes mitológicos são um bom exemplo da influência estética do selo 4AD. Nada mais adequado, então, que a primeira música receba o nome do fundador do selo, Ivo. Com a delicada introdução vocal e a guitarra cortante que emerge ao longo da música, "Ivo" inicia o álbum em alto e bom tom, literalmente.

Em seguida vem "Lorelei", a melhor música do álbum. Conduzindo os ouvintes com toques de sinos e camadas de sintetizadores, a música irrompe em um ritmo persuasivo e uma interpretação vocal estupenda. A voz de Fraser se estende e sobe, suspira e plaina, flutuando acima da música. É difícil acreditar que seus refrões ascendentes e modulados estão saindo da mesma boca que os vibratos graves que estão na base da música.

"Persephone" dá ao álbum um toque industrial e um pouco grunge, enquanto "Pandora" desliza para uma vertente ligeiramente jazzística. "Domino" conclui o LP com a mesma intensidade do início com sua introdução ambiente e angelical de dois minutos que finalmente explode em um ritmo forte antes de se dissolver em silêncio. *Treasure* é inesquecível. **RM**

Minor Threat
Out Of Step (1984)

Selo | Dischord
Produção | Minor Threat
Projeto gráfico | Jeff Nelson
Nacionalidade | EUA
Duração | 23:32

Os cinqüenta e poucos minutos de música que o grupo gravou durante o seu brevíssimo reinado na atribulada cena de Washington, D.C., em princípios dos anos 80 lhes garantiram um lugar na história do punk hardcore. Igualmente impressionante é o fato de que, com apenas um hino, "Straight Edge", de 1981, os quatro jovens deram início (e um nome) para um fenômeno mundial no universo do punk rock: a escolha de um estilo de vida que renegava o uso de drogas, álcool e promiscuidade sexual.

A faixa-título do disco seguinte, *Out of Step*, é uma reiteração curta e simples dos temas já existentes em "Straight Edge", mas o disco indica uma maturação do som e das letras do vocalista Ian McKaye, que, juntamente com o baterista Jeff Turner, fundou o pioneiro selo punk Dischord, de Washington, D.C.

Desde o primeiro acorde da primeira música, "Betray", que fala de jovens punks que abandonam as suas crenças para se tornarem conformistas, até o final (com um arranjo de cordas!), na faixa oculta "Cashing In", este trabalho é um salto quântico à frente. Eles ainda estavam irritados e os seus riffs continuavam estridentes, mas as letras de músicas como "Sob Story" e "Look Back And Laugh" estavam mais relacionadas com questões pessoais. O acréscimo de um segundo guitarrista (o antigo baixista Brian Baker; Steve Hansgen passou a cuidar do baixo) firmou o som e trouxe maior variação de dinâmica.

Enquanto o movimento straight edge se expandia e a reputação de McKaye como agitador puritano dividia a cena hardcore, os membros da banda não tinham medo de rir de si mesmos: "Cashing In" satiriza os rumores crescentes sobre o seu fanatismo. **TSc**

Van Halen
1984 (1984)

Label | Warner Bros.
Produção | Ted Templeman
Projeto gráfico | P. Angelus • R. Seireeni
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:23

1984 mostra a visão machista e agressiva que o vocalista do grupo, David Lee Roth, tinha da Califórnia do princípio dos anos 80: um lugar onde o sexo vem em primeiro lugar, sejam pernas excitantes ou professoras que seduzem seus alunos.

1984 não é um álbum profundo no que diz respeito às letras, mas foi revolucionário pelo seu som. Num momento em que a new wave era o gênero pop dominante, uma banda de metal fez algo impensável e incluiu teclados no seu som. Olhando para trás, é possível pensar que já havia indícios de um novo caminho quando Eddie Van Halen, guitarrista e líder musical, tinha tocado no megassucesso musical de Michael Jackson – "Beat It", de 1983, – e, aparentemente, tinha insistido na idéia de incluir sintetizadores nos álbuns anteriores de Van Halen. Encontrou alguma resistência na época, sobretudo por parte de Roth. Mas em *1984* a banda concordou com a visão de Eddie e a aposta musical teve amplo retorno: o álbum vendeu 10 milhões de cópias e o single "Jump" tornou-se um clássico.

"Jump" traz Eddie nos teclados, mas a maioria das músicas do álbum – exceto a instrumental "1984" e a balada "I'll Wait", cheia de sintetizadores – provou que ele não tinha deixado de ser um virtuose na guitarra. A alegria transbordante de Roth transparece sempre, uma encarnação do jeitão adolescente da banda que parece estar em toda parte, especialmente em "Panama", uma música que é ao mesmo tempo sobre uma mulher sedutora e sobre um carro esporte. Pode ser uma palhaçada ridícula, mas era exatamente esta a questão. **JC**

Prince And The Revolution | Purple Rain (1984)

Selo | Warner Bros.
Produção | Prince And The Revolution
Projeto gráfico | Prince
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:50

Apesar de ter chegado bem perto com *Sign O'The Times*, de 1987, Slave, The Purple One ou ainda Squiggle, "o artista anteriormente conhecido como Prince Rogers Nelson" nunca conseguiu superar *Purple Rain*, de 1984. Num momento em que o mundo do pop esperava a chegada do segundo disco de Madonna e *Thriller*, lançado dois anos antes por Michael Jackson, continuava dominando a arena, as primeiras críticas menosprezaram *Purple Rain*, afirmando que era uma trilha sonora sem um único hit. Contudo, a trilha sonora da fábula semi-autobiográfica de Prince – um jovem baixote proveniente de uma família pobre e disfuncional se refugia em sua própria música – demonstrou ser a sua declaração pop mais completa. Vendeu 14 milhões de cópias em todo o mundo, gerou cinco singles que entraram para o Top 10 (incluindo dois que chegaram ao primeiro lugar) e fez do cantor uma lenda.

A chave do sucesso de *Purple Rain* foi o som de Prince, impossível de definir. O funk eletrônico vulgar pelo qual era antes conhecido deu lugar a uma nova mistura de rock, pop e soul que incorporava guitarras distorcidas a batidas eletrônicas em músicas como "When Doves Cry" e "Computer Blue". A faixa-título do disco foi – acreditem ou não – uma tentativa que Prince fez de compor um rock no estilo country de Bob Seger.

Prince sabia que não conseguiria atingir sucesso em nível mundial a menos que se contivesse um pouco nas letras. Ele fez o possível, mas, com "Darling Nikki" (que fala sobre uma ninfomaníaca que se masturba vendo revistas), Prince foi parar novamente nos livros de história, tornando-se o responsável quase direto pelos selos de "Parental Advisory" (advertência aos pais) dos discos americanos. **MM**

"Gostaria que as pessoas entendessem que sempre pensei ser um cara malvado."

Prince, 1985

Lista de músicas

▶	01	**Let's Go Crazy** (Prince)	4:39
	02	**Take Me With U** (Prince)	3:54
	03	**The Beautiful Ones** (Prince)	5:15
	04	**Computer Blue** (Coleman • Melvoin • Nelson • Prince)	3:59
	05	**Darling Nikki** (Prince)	4:15
▶	06	**When Doves Cry** (Prince)	5:52
▶	07	**I Would Die 4 U** (Prince)	2:51
	08	**Baby I'm A Star** (Prince)	4:20
▶	09	**Purple Rain** (Prince)	8:45

The Replacements | Let It Be (1984)

Selo | Twin/Tone
Produção | S. Fjelstad • P. Jesperson • P. Westerberg
Projeto gráfico | Bruce Allen
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:23

Está devidamente documentado que, dependendo da noite em que alguém os visse tocar ao vivo, The Replacements podia ser a melhor ou a pior banda de rock do mundo. Sua performance imprevisível – muitas vezes estavam completamente bêbados – significava que tudo podia acontecer durante os shows. Após uma série de discos irregulares, apesar de empolgantes, lançaram o inovador *Let It Be*, um álbum que fazia a passagem do período punk da banda rumo às músicas mais melódicas e sensíveis que iriam definir o restante de sua carreira. Muito bem recebido pelos críticos em 1984, *Let It Be*, juntamente com o *Zen Arcade* do Hüsker Dü, conterrâneo de Mineapolis, ajudou a definir o "rock universitário" de meados dos anos 80, tornando a banda um sucesso underground.

Uma das chaves da popularidade do Replacements estava na capacidade de seu líder, Paul Westerberg, de compor melodias ousadas e cheias de atitude, mas que continuavam sendo muito acessíveis. Basta ouvir "Unsatisfied", onde os violões evidenciam toda a sua amargura, ou o solo de "Answering Machine", onde as guitarras estrondosas e a repetição do último verso – "Ah, odeio sua secretária eletrônica" – encerram o álbum de forma genial.

Alguns críticos disseram que as escandalosas "Gary's Got A Boner" e "Tommy Gets His Tonsils Out" podiam ser consideradas como músicas para encher lingüiça, mas não deixam de ser sobre ereções e amígdalas. O grupo nunca deixou passar uma piada (ou um drinque): o título do álbum é uma brincadeira com os Beatles, e a sua divertida, ainda que caótica, versão do clássico "Black Diamond", do Kiss, já fez com que Gene Simmons saísse enfurecido de um bar onde o Replacements estava tocando ao vivo. **TSc**

"Se nem todos sacarem o que estou dizendo, tudo bem."

Paul Westerberg, 2002

Lista de músicas

▶	01	**I Will Dare** (Westerberg)	3:18
	02	**Favorite Thing** (Mars • B. Stinson • T. Stinson • Westerberg)	2:19
	03	**We're Comin' Out** (Mars • B. Stinson • T. Stinson • Westerberg)	2:21
	04	**Tommy Gets His Tonsils Out** (Mars • B. Stinson • T. Stinson • Westerberg)	1:53
▶	05	**Androgynous** (Westerberg)	3:11
	06	**Black Diamond** (Stanley)	2:40
▶	07	**Unsatisfied** (Westerberg)	4:01
	08	**Seen Your Video** (Westerberg)	3:08
	09	**Gary's Got A Boner** (Mars • Nugent B. Stinson • T. Stinson • Westerberg)	2:28
▶	10	**Sixteen Blue** (Westerberg)	4:24
▶	11	**Answering Machine** (Westerberg)	3:40

The Style Council | Café Bleu (1984)

Selo | Polydor
Produção | Vários
Projeto gráfico | Simon Halfon
Nacionalidade | Inglaterra
Running Time | 43:57

O primeiro LP do Style Council, *Café Bleu*, assim como grande parte do que eles produziram, foi uma mistura de acertos e erros. Contudo, quando acertam a combinação de R&B, jazz e qualquer outro estilo musical que passasse pela cabeça de Paul Weller durante a gravação – o som é divino.

A capa em tons de azul e o estilo elegante da banda se expressam na música. A preponderância (talvez excessiva) de versões instrumentais permitiu a Weller e ao seu parceiro Mick Talbot deixarem fluir seus talentos. Na faixa-título, Weller dá o melhor de si, enquanto que em "Mick's Blessings" é a vez de Talbot brilhar. "My Ever Changing Moods" confirma a habilidade de Weller para compor músicas pop perfeitas, e o seu trabalho vocal na balada "You're The Best Thing" é um dos pontos altos de sua carreira. Uma das músicas mais comoventes, "The Whole Point Of No Return" equilibra o feroz ataque de Weller aos privilégios da classe alta com uma bela guitarra dedilhada. Em "The Paris Match", Tracy Horn, cantora do Everything But The Girl, interpreta a música de forma tão comovente que quase nos faz esquecer a catástrofe que é o rap experimental "A Gospel", logo em seguida.

Não é um álbum perfeito: ficou eclético demais para se sustentar, apesar de sua variedade ter um grande mérito. Chegou a ser muito popular na Inglaterra, alcançando o quinto lugar nas paradas e, olhando para trás, a sua influência sobre outras bandas da época que tinham um estilo próximo ao R&B e ao jazz é óbvia, de Everything But The Girl a Swing Out Sister. As pérolas contidas no LP fazem com que mereça ser ouvido. **JW**

"Queria ser Bob Dylan."

Paul Weller, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Mick's Blessings** (Talbot)	1:17
▶	02	**The Whole Point Of No Return** (Weller)	2:42
	03	**Me Ship Came In!** (Weller)	3:06
▶	04	**Blue Café** (Weller)	2:17
▶	05	**The Paris Match** (Weller)	4:27
▶	06	**My Ever Changing Moods** (Weller)	3:38
	07	**Dropping Bombs On The White House** (Talbot • Weller)	3:14
	08	**A Gospel** (Weller)	4:44
	09	**Strength Of Your Nature** (Weller)	4:21
▶	10	**You're The Best Thing** (Weller)	5:40
▶	11	**Here's One That Got Away** (Weller)	2:36
	12	**Headstart For Happiness** (Weller)	3:20
	13	**Council Meetin'** (Talbot • Weller)	2:35

Tina Turner | Private Dancer (1984)

Selo | Capitol
Produção | Vários
Projeto gráfico | Roy Kohara
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:09

Private Dancer marcou o regresso de Tina Turner depois de algum tempo fora do circuito musical após seu rompimento com Ike. Competindo com *Purple Rain* e *Born In The USA*, o disco alcançou o primeiro lugar da Billboard, vendeu 10 milhões de cópias e ganhou quatro Grammys. Os singles "Private Dancer", "What's Love Got To Do With It" e "Let's Stay Together" fizeram enorme sucesso.

Os temas recorrentes das músicas – "What's love but a second-hand emotion?" (O que é o amor senão uma emoção de segunda mão?), "I'm your private dancer, dancer for money" (Sou sua dançarina pessoal, dançando por dinheiro) –, assim como a fotografia da capa, mostrando a pele morena de Tina Turner e as suas pernas bem torneadas, materializavam perfeitamente a sua imagem: uma mulher dura e sexy num mundo implacável. A alegria, o conhecimento e a dor tingem a voz intensa mas vulnerável de Tina Turner. As músicas de *Private Dancer* lembram as páginas do diário de uma mulher apaixonada que sofreu com o amor mas continua seguindo em frente. O disco tem uma produção refinada mas que nunca tira o foco do poder e da presença dos vocais de Tina.

Destacamos "Can't Stand The Rain", por seu contraponto, e sua revisão de "Help!", pela insinuação sutil. Mas nem todas as músicas continuam interessantes. Os sintetizadores de "I Might Have Been Queen" e "Steel Claw" hoje soam tão agressivos que quase afogam a veemência de Tina. Da mesma forma, baterias eletrônicas com um som pesado eram novidade em 1984 e, na época, não percebíamos como elas deixavam a música quadrada, mas hoje está bem na cara. Ainda assim, *Private Dancer* é o triunfo de uma cantora no auge de sua carreira. O álbum contou com diversos grandes produtores, mas, quando termina, queremos ouvi-lo novamente não pela produção, mas pela voz indomável de Tina Turner. **MI**

"Mick Jagger? Adoro a maneira como ele rebola!"

Tina Turner, 1969

Lista de músicas

01	**I Might Have Been Queen**	(Hine • Obstoj • Oran)	4:10
▶ 02	**What's Love Got To Do With It**	(Britten • Lyle)	3:48
03	**Show Some Respect**	(Britten • Shifrin)	3:18
04	**I Can't Stand The Rain**	(Bryant • Miller • Peebles)	3:43
▶ 05	**Private Dancer**	(Knopfler)	7.13
▶ 06	**Let's Stay Together**	(Green • Jackson • Mitchell)	5:16
▶ 07	**Better Be Good To Me**	(Chapman • Chinn • Knight)	5:11
08	**Steel Claw**	(Brady)	3.49
09	**Help!**	(Lennon • McCartney)	4:30
10	**1984**	(Bowie)	3:11

Echo And The Bunnymen
Ocean Rain (1984)

Selo | Korova
Produção | "All concerned"
Projeto gráfico | Martyn Atkins
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:53

Enquanto o U2 e o Simple Minds tocavam em estádios, o grupo Echo And The Bunnymen percorria as ilhas da costa oeste da Escócia. *Ocean Rain* é a prova do que, em última instância, essa escolha foi mais compensadora.

Épico e romântico, porém menos hermético do que os anteriores, este álbum conta com arranjos orquestrais que dão outra dimensão às músicas. Pela primeira vez, Pete de Freitas toca sua bateria de forma mais suave, usando escovas e pratos em vez das rufadas de tom-tons. Ian McCulloch canta em voz pungente e modulada versos que deixaram de lado a autoindulgência em favor da afetividade e do lirismo. Além de acrescentar cordas suntuosas, a orquestra amplia a dinâmica que é a alma de *Ocean Rain*. Os extremos são exemplificados por "Thorn Of Crowns" – com McCulloch gritando e rugindo entre efeitos, sobre uma base movimentada – e o épico rock com arranjo de cordas que dá título ao disco.

A confiança da banda ao criar *Ocean Rain* significa que ele sobreviveu ao teste do tempo melhor que qualquer outro álbum da banda. "É nossa mais definitiva declaração", disse McCulloch. De fato, foi a primeira vez que entraram no Top 100 norte-americano. "The Killing Moon", o primeiro single nostálgico, reapareceu na trilha sonora de *Donnie Darko*.

A foto da capa, numa gruta banhada em azul, remete aos mistérios da natureza. Para Bill Drummond, como produtor, *Ocean Rain* foi o fim do caminho – o KLF estava à sua espera. Como o Echo and the Bunnymen poderia se superar? **MBI**

Minutemen
Double Nickels On The Dime (1984)

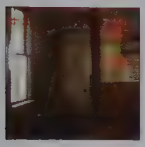
Selo | SST
Produção | Ethan James
Projeto gráfico | Dirk Vandenberg
Nacionalidade | EUA
Duração | 73:35

Apesar de partilhar o selo e a ética do "faça você mesmo" com o Black Flag, o Minutemen não era uma banda de hardcore agressivo. Heróis da classe operária do porto de San Pedro, na Califórnia, D. Boon (guitarra/voz), Mike Watt (baixo/voz) e George Hurley (bateria) expressaram o seu articulado pensamento de esquerda numa fusão de punk, funk, jazz, folk e ruídos no estilo de Captain Beefheart. Esta foi a sua obra-prima: um LP duplo com 45 músicas, criado em resposta ao conceitual *Zen Arcade*, do Hüsker Dü, grupo companheiro de selo.

Os lados um, dois e três foram apelidados de "D", "Mike" e "George", de acordo com quem os tinha programado. O quarto teve o modesto título de "Chaff" e incluiu surpreendentes desconstruções de Van Halen e Steely Dan. Também citaram o Creedence Clearwater Revival no lado de Boon. Entre os pontos altos está um pop latino de protesto, "Corona", que se tornou tema do programa de televisão *Jackass*, assim como um dueto entre voz recitada e violão, "Do You Want New Wave Or Do You Want The Truth". "Political Song For Michael Jackson To Sing" é um ataque enviesado contra a classe média americana, enquanto "History Lesson (Part II)" é uma comovente autobiografia. O hino aos operários "This Ain't No Picnic" deu origem a um vídeo de baixo custo que foi nomeado para um prêmio da MTV (mas perdeu para os Kajagoogoo).

O disco foi seguido por uma turnê com o R.E.M., fãs do grupo há tempos, mas ocorreu uma tragédia em dezembro de 1985, quando Boon morreu num acidente de carro. **MA**

Lloyd Cole And The Commotions
Rattlesnakes (1984)



Selo | Polydor
Produção | Paul Hardiman
Projeto gráfico | Da Gama
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:29

O mundo evocado por Lloyd Cole And The Commotions em seu primeiro LP era diferente. Uma das melhores estréias dos anos 80, *Rattlesnakes* é ao mesmo tempo erudito e amaldiçoado, soando tanto americano como europeu. O disco foi resultado da fantasia de um dedicado estudante de Filosofia da Universidade de Glasgow, determinado a incluir nas suas músicas a maior quantidade possível de referências. O resultado deveria ter sido desastroso, mas Cole conseguiu impregnar suas letras de desejo, confusão, nostalgia e arrependimento suficientes para não parecer pretensioso. Ele também tinha muito humor – um verso como "must you tell me all your secrets when it's hard enough to love you knowing nothing" (por que me contar todos os teus segredos quando já é tão difícil te amar sem saber de nada) é tão cortante quanto os de um outro literato do pop, Morrissey.

O álbum começa com "Perfect Skin", com Lloyd Cole cantando quase duas vezes mais rápido que os músicos tocavam para que todas as suas referências cinematográficas e literárias coubessem na música. As belas texturas da guitarra de Neil Clark deram às tiradas de Cole uma intensidade e ironia únicas. "Forest Fire", "Charlotte Street" e "2CV" captam talentosamente as emoções fervilhantes por trás das portas dos alojamentos universitários, enquanto "Are You Ready To Be Heartbroken?" mostra uma beleza sofrida, anunciando uma inocência que seria perdida em breve. O produtor Hardiman complementou a música com toques sutis de cordas. **APe**

Youssou N'Dour
Immigrés (1984)

Selo | Earthworks
Produção | Youssou N'Dour
Projeto gráfico | In Like Flynn
Nacionalidade | Senegal
Duração | 34:01

Em 1984, o adolescente senegalês Youssou N'Dour já era uma estrela em seu país de origem, mas ainda desconhecido na Europa quando chegou a Paris com sua banda, a Super Étoile de Dakar, para se apresentar perante exilados saudosos. Um ano após a gravação deste mini-álbum, inspirado pelo que Youssou viu na França, sua popularidade estava crescendo tão rápido que ele pôde fazer sua primeira turnê na América.

Nos 12 meses que se seguiram, ele compartilhou o palco com Paul Simon e Peter Gabriel. Levou mais dois anos até que essas primeiras gravações européias fossem oficialmente lançadas nos países de língua inglesa e, no meio-tempo, N'Dour havia se tornado uma estrela internacional. A pureza dessas quatro músicas, contudo, continuava deslumbrando aqueles que julgavam conhecê-lo.

Quando *Immigrés* foi gravado, não se pensava em mercado mundial: o álbum foi feito para ouvintes senegaleses. Isso significa que o traje e o chapéu tradicionais que N'Dour usa na capa não eram "propaganda turística", e os ritmos mbalax (uma derivação africana da música de Cuba, popular na África Oriental há décadas) não vinham com legendas.

Felizmente, a paixão e a intensidade que o cantor e os seus músicos demonstraram aqui eram simples o bastante para que todos pudessem participar – antes de mais nada, era território soul. A música podia ser complexa, mas era claramente feita para dançar. E que voz! **DH**

Bruce Springsteen | Born In The USA (1984)

Selo | Columbia
Produção | Various
Projeto gráfico | Andrea Klein • Annie Leibowitz
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:51

Gargalhadas de alegria devem ter enchido a CBS no verão de 1984. Assim que *Thriller* saiu do Top 5 da Billboard, *Born In The USA* (também de uma subsidiária da CBS) tomou o seu lugar, ficando entre os primeiros por mais de um ano. Os dois álbuns sobreviveram com grande estilo aos seus anos de sucesso e, como cada um deles gerou sete singles no Top 10, chegam a soar como coletâneas de hits.

O sucesso de Springsteen pode ser atribuído, em parte, a uma postura mais ousada. Deixando o amargo *Nebraska* para trás, ele destilou as melhores dentre as supostas 100 músicas que teria composto e assegurou seu status de ícone do pop através das lentes de Annie Leibowitz, que fotografou seu traseiro vestindo jeans na capa.

Desde "Born In The USA" – que originalmente era um lamento acústico, mas se transformou numa tempestade no melhor estilo The Who – até a sensual "I'm On Fire", passando pela afetuosa "Glory Days", a música é enganosamente comercial. "Enganosamente" porque as letras pedem introspecção. Há "Dancing In The Dark", sobre sua frustração por ter que compor um grande sucesso; a nostálgica "Bobby Jean", homenagem ao companheiro de estrada Steve Van Zandt; o rock 'n' roll amalucado de "Working On The Highway", que mascara uma letra dura; e, claro, a aparentemente patriótica "Born In The USA", que na verdade é uma condenação corrosiva. Para confirmar ainda mais a sua genialidade, ele torna a poderosa "No Surrender" em algo tão comovente quanto a romântica "I'm On Fire".

É fácil interpretar errado este disco: o então presidente Ronald Reagan citou a faixa-título como um exemplo a ser seguido. Seu sucesso – mais de 15 milhões de cópias vendidas só nos Estados Unidos – pode encrispar os ânimos, mas não se deixem enganar. Em seu espírito – amor, lar e honestidade –, este álbum é pura alma e coração. **BM**

"O maior desafio... é manter-se fiel ao próprio idealismo depois de perder a inocência."

Bruce Springsteen, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Born In The USA** (Springsteen)	4:39
	02	**Cover Me** (Springsteen)	3:29
	03	**Darlington County** (Springsteen)	4:50
	04	**Working On The Highway** (Springsteen)	3:11
	05	**Downbound Train** (Springsteen)	3:37
▶	06	**I'm On Fire** (Springsteen)	2:42
	07	**No Surrender** (Springsteen)	4:03
	08	**Bobby Jean** (Springsteen)	3:48
	09	**I'm Goin' Down** (Springsteen)	3:32
	10	**Glory Days** (Springsteen)	4:18
▶	11	**Dancing In The Dark** (Springsteen)	4:05
	12	**My Hometown** (Springsteen)	4:37

The Fall
This Nation's Saving Grace (1985)

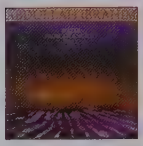
Selo | Beggars Banquet
Produção | John Leckie
Projeto gráfico | Michael Pollard
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 47:10

Em 1985, Mark E. Smith e o grupo The Fall lançaram o seu décimo e mais completo álbum até à data. O produtor John Leckie deu ao grupo uma sonoridade muito mais limpa, horrorizando Smith, que insistiu para que o disco fosse masterizado a partir de uma fita cassete que ele possuía, de qualidade sonora obviamente inferior. Por conta disso, as doces melodias acústicas de "Paint Work" são grosseiramente interrompidas porque Smith apertou sem querer a tecla de "gravar", criando uma colagem sonora abstrata mas interessante.

A crescente influência da mulher de Smith, a californiana Brix, acrescenta um clima melódico, bem no estilo da Costa Oeste, ao tom dissonante e pós-industrial do The Fall, permitindo à banda passar do cativante pop de garagem de "Barmy" e "Spoilt Victorian Child" para experimentações mais vanguardistas, como a pulsação eletrônica de "L.A.". As guitarras estridentes e a poderosa bateria de "Bombast" e "What You Need" são típicas da banda e, em "Gut Of The Quantifier", Smith destila a sua habitual raiva em uma tentativa de rap – com um forte sotaque de Manchester. O ponto alto do álbum é "I Am Damo Suzuki", homenagem de Smith ao antigo vocalista de origem japonesa do grupo Can. Tendo usado algumas melodias e ritmos do clássico *Tago Mago*, do Can, é uma música angustiante mas que inspira admiração.

This Nation's Saving Grace permitiu ao The Fall ganhar uma maior aceitação e é um excelente exemplo da sua capacidade de ser pop sem perder a atitude. **CSh**

Abdullah Ibrahim
Water From An Ancient Well (1985)



Selo | Black Hawk
Produção | Sathima Bea Benjamin
Projeto gráfico | Zand Gee
Nacionalidade | África do Sul
Duração | 46:42

Originalmente conhecido como Dollar Brand, Abdullah Ibrahim continua sendo o mais importante músico africano de jazz, um incrível pianista profundamente marcado por Duke Ellington. Nascido e criado na Cidade do Cabo, Abdullah Ibrahim subiu ao palco pela primeira vez quando ainda era adolescente. Cantava doo-wop – um estilo de harmonia vocal dos anos 50 –, músicas pop americanas e músicas tradicionais sul-africanas. Na mesma época em que o Congresso Nacional Africano começava a confrontar o apartheid, Abdullah Ibrahim, o trompetista Hugh Masekela e o saxofonista Kippie Moeketsi fundaram o Jazz Epistles, primeiro grupo negro de jazz a gravar na África do Sul.

"Tínhamos de criar a nossa própria voz", disse Ibrahim em 1999. "Não basta pegar frases de bebop e colocá-las em cima da nossa música. Tínhamos de desenvolver um vocabulário e isso é algo que ainda estamos fazendo."

Não há álbum que capture melhor essa majestosa – e enganadoramente simples – música do que *Water From An Ancient Well*, com a colaboração do brilhante Ekaya, de Carlos Ward (flauta), Ricky Ford (sax tenor), Charles Davis (sax barítono), David Williams (baixo) e Ben Riley (bateria). Seus acordes abertos dão aos músicos um vasto território para explorar enquanto os temas com sonoridade folk apreendem a poesia do quotidiano da África do Sul.

O disco contém muitas de suas músicas mais marcantes, como a triunfante "Mandela", além de "The Wedding" e "Manenberg Revisited", que exemplificam sua tendência de combinar padrões hipnóticos da mão esquerda com melodias emotivas. **AG**

A-ha
Hunting High And Low (1985)

Selo | Warner Bros.
Produção | Vários
Projeto gráfico | Jeri McManus
Nacionalidade | Noruega
Duração | 36:39

Este trio norueguês estava no lugar certo na hora certa para aproveitar a revolução da MTV em meados dos anos 80. Em 1985, o A-ha conseguiu bater recordes de vendas após o lançamento de um vídeo altamente inovador criado para o primeiro single de *Hunting High And Low*, "Take On Me". Essa forma de promoção de ponta, que fazia Morten Harket sair de uma história em quadrinhos para "cantar" uma jovem, levou a banda ao topo da lista da Billboard. Morten passa com facilidade do murmúrio para um falsete lamentoso, por cima de uma camada frenética de sintetizadores neo-românticos.

A capa reúne todas as tendências da época – fotografia em preto-e-branco desfocada, camisetas justas e cortes de cabelo estilo Lady Di – mas disfarça o gênio pop que se encontra em seu interior. A combinação do guitarrista e principal compositor Paul "Pal" Waaktaar com o pianista clássico Magne "Mags" Furuholmen assim como a voz e a boa aparência do vocalista asseguravam que esta não seria uma banda de um único sucesso.

O álbum possuía várias preciosidades, incluindo a frenética e quase operática "The Sun Always Shines On TV", um legítimo hit que começa com um lamento sentido e vai crescendo até se tornar uma muralha de guitarras e cordas, no melhor estilo Phil Spector. Igualmente notáveis são a melancólica faixa-título e a introspectiva "Train Of Thought". Apesar de desprezado pela estética rock-retrô dos anos 90, *Hunting High And Low* permanece como um luminoso clássico do electro-pop. **JDo**

Tears For Fears
Songs From The Big Chair (1985)

Selo | Mercury
Produção | Chris Hughes
Projeto gráfico | Tim O'Sullivan
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 56:18

Durante um curto período, o Tears For Fears foi a maior banda na face do planeta graças à força deste álbum – um lançamento comparável a *Dare*, do Human League, *Non Stop Erotic Cabaret*, do Soft Cell, e *The Lexicon Of Love*, do ABC, como um dos melhores discos pop da década. A banda, que já era presença habitual nas paradas inglesas, tornou-se conhecida em todo o mundo ao acrescentar uma boa quantidade de brilho pop e uma orquestração orgânica à sua música eletrônica cerebral e sensível.

A maior parte dos grupos não teria a audácia de abrir um álbum com uma música tão extraordinária e épica quanto "Shout", com seus vibrantes solos de guitarra e bateria superproduzida. Sua arrogância era justificada, contudo, pelo fato de terem composto um conjunto de músicas imbatíveis – Orzabal recebeu o prêmio Ivor Novello como "Compositor do Ano" no ano seguinte. "Everybody Wants To Rule The World" tem uma ambição poética proporcional ao sucesso que obteve nas paradas, tendo chegado ao primeiro lugar nos Estados Unidos e na Inglaterra. *Songs From The Big Chair* inclui ainda a irresistível levada de baixo de "Mothers Talk" e "The Working Hour", possível trilha sonora para uma viagem noturna de táxi, mas é o entusiasmo libertador de "Head Over Heels" que realmente se destaca, uma música fundamental para que o grande público reavaliasse a banda quando a música foi incluída na trilha sonora do filme cult *Donnie Darko*. **JDo**

Dire Straits | Brothers In Arms (1985)

Selo | Vertigo
Produção | Neil Dorfsman • Mark Knopfler
Projeto gráfico | Sutton Cooper • Andrew Prewett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 55:11

O quinto álbum de estúdio do Dire Straits foi o primeiro disco da banda a chegar ao topo da parada norte-americana, onde permaneceu nove semanas, além de ter se tornado multiplatina. Gravado no Air Studios, em Montserrat, também se tornou o mais vendido na Grã-Bretanha em 1985, onde passou três meses no primeiro lugar de vendas. Foi ainda o primeiro CD a vender um milhão de cópias.

Seis anos depois do álbum de estréia, a composição da banda tinha mudado consideravelmente – da formação original só restavam Mark Knopfler e o baixista John Illsley. Dois tecladistas, Alan Clark e Guy Fletcher, substituíram o guitarrista David Knopfler, irmão mais novo de Mark, e um baterista galês, Terry Williams, tomou o lugar do anterior, Pick Withers.

"So Far Away", "Money For Nothing", "Walk Of Life" e "Brothers In Arms" foram todos supersucessos na Inglaterra e/ou nos EUA. O maior de todos foi "Money...", com seu riff inesquecível, que contou com a colaboração de Sting como co-autor. Promovida por um clipe com uma animação inovadora, a música foi feita sob medida para a MTV (o que é irônico, uma vez que a estação é criticada na letra) e tornou-se o primeiro single a liderar as paradas dos Estados Unidos. A música que dá nome ao álbum é menos agressiva e infinitamente mais tocante – uma espécie de reflexão sobre o perpétuo ímpeto por guerras, acompanhada pela guitarra calma de Mark Knopfler.

Com uma atmosfera rica e uma produção cristalina, *Brothers In Arms* foi o ponto alto da carreira do grupo e os poucos álbuns originais lançados depois deste pareciam já não ter a mesma magia. Mark Knopfler embarcou numa inevitável carreira solo nos anos 90, mas ainda não igualou o sucesso dessa obra atemporal. **JT**

"O sucesso comercial não é uma indicação da qualidade do trabalho... Tinha escrito uma série de músicas e queria gravá-las."

Mark Knopfler, 1991

Lista de músicas

▶	01	**So Far Away** (Knopfler)	5:11
▶	02	**Money For Nothing** (Knopfler • Sting)	8:26
▶	03	**Walk Of Life** (Knopfler)	4:12
	04	**Your Latest Trick** (Knopfler)	6:33
	05	**Why Worry** (Knopfler)	8:31
	06	**Ride Across The River** (Knopfler)	6:58
	07	**The Man's Too Strong** (Knopfler)	4:40
	08	**One World** (Knopfler)	3:40
▶	09	**Brothers In Arms** (Knopfler)	7:00

Prefab Sprout
Steve McQueen (1985)

Selo | Kitchenware
Produção | Thomas Dolby • Phil Thornally
Projeto gráfico | East Orange
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:22

Por um curto período durante a década de 80, estudar era *cool:* se você não tinha um diploma em Literatura Inglesa, era quase impossível compreender Lloyd Cole, The Smiths ou Scritti Politti. Mas o nome mais quente nesse combate de palavras era o de um quarteto de Newcastle e não havia quem contestasse Paddy McAloon quando ele dizia que era o melhor letrista de sua geração.

O álbum de estréia, *Swoon*, tinha sido inteligente demais para atingir uma audiência mais ampla. Com Thomas Dolby na produção, a modéstia foi restaurada ainda que, com o fracasso comercial de "When Love Breaks Down", a banda tenha sido considerada alternativa demais para as paradas de sucesso. Nada mais ridículo porque, com exceção country-rockabilly de "Faron Young", as músicas eram predominantemente um pop feito para um público adulto.

Mas aqueles eram tempos estranhos e os sintetizadores de "Appetite" e "When Love Breaks Down" levaram muitos a colocar o Prefab Sprout na mesma categoria de electro-pop do Pet Shop Boys. Então eles lançaram o single "When Love Breaks Down" novamente. E depois *relançaram*. Fizeram isso várias vezes, sem sucesso, até que subitamente ele subiu nas paradas. *Steve McQueen* capitalizou em cima desse sucesso e Paddy McAloon seguiu em frente.

O público americano demorou mais para reconhecer o talento da banda e o processo pelo uso não autorizado do nome do ator Steve McQueen retardou o lançamento do álbum, que seria depois lançado como *Two Wheels Good Stateside*, com três faixas adicionais. Aqueles que tiveram a sorte de conhecer este disco ainda o amam. **DH**

Mekons
Fear And Whiskey (1985)

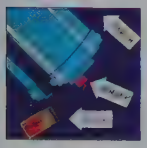
Selo | Sin
Produção | Mekons
Projeto gráfico | John Ingledew
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:17

Os Mekons são uma das bandas mais brilhantes e subestimadas da Inglaterra. Foram formados como um coletivo meio vago em Leeds, em 1977, quando começaram a mexer com o equipamento do Gang Of Four, lançaram dois LPs caóticos (além do single "Never Been In A Riot", em resposta ao The Clash) e depois pararam por algum tempo. Inspirados pelas greves de mineiros ocorridas na Inglaterra em 1984/85, a banda (com dois membros da formação original, Jon Langford e Tom Greenhalg) ressurgiu com *Fear And Whiskey*, aplaudido por muitos como o melhor álbum da década.

Freqüentemente considerado como o início do country alternativo (uma idéia errada, pois deixa de fora os trabalhos de X, Jason And The Scorchers e The Meat Puppets), este disco não é um country punk dançante convencional, porque inclui parcelas generosas de punk, folk, pop, dub e country. Com certeza há o incessante violino de Susie Honeyman, e "Darkness And Doubt" é uma valsa honky-tonky, mas no máximo diríamos que é country tocado por punks ingleses com uma paixão por Merle Haggard.

É esse conflito que lhes dá um toque de vanguarda dissonante e, soando como um choque frontal entre Gang Of Four, The Redskins, The Pogues e Johnny Cash, a banda abre alegremente com "Chivalry" antes do manifesto político de "Trouble Down South", um chamado às armas ameaçador cantado sobre uma rufada militar incessante. "Hard To Be Human Again" é a mais brilhante e amarga música do lado A, mas é no lado B que este LP mostra ao que veio, culminando com o pop perfeito de "Lost Dance" e o cover delirante de "Lost Highway". **PW**

Big Black
Atomizer (1986)



Selo | Homestead
Produção | Big Black • Iain Burgess
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:44

O desenho na capa de *Atomizer* mostra a Terra na extremidade do cano de uma arma de raios mortais (problemas com direitos autorais obrigaram uma mudança no conceito original em que o personagem Marvin The Martian, dos Looney Tunes, apontava a arma).

Os comentários de Steve Albini no encarte do álbum, contudo, afastam-se do niilismo dos desenhos animados, substituindo-o por puro realismo e complementando o repertório de músicas sobre pedofilia, estupros, violência nas cidades pequenas e traumas pós-Vietnã. "Não é possível pensar de fato sobre essa coisas – se alguém tentar, fica maluco, começa a balbuciar, cuspir, mijar nas calças... é enlouquecedor", escreveu ele no encarte. Esse sentimento ácido de repulsa é expresso no barulho proto-industrial da música.

Composta por três caras e uma bateria eletrônica, a banda Big Black surgiu em Chicago no início dos anos 80. *Atomizer* é o álbum de estréia e cristaliza o som que desenvolveram nos EPs anteriores: black metal pregado à pulsação incessante de baterias eletrônicas, resultando em caos claustrofóbico e estridente.

"Jordan, Minnesota" deixa o ouvinte arrepiado como se fosse um filme de terror, enquanto "Kerosene" estremece como um Zeppelin robo-funk até as guitarras incendiarem tudo. Em "Bazooka Joke" os sons de bateria incluem disparos de um rifle M1. Por cima disso tudo, Albini vocifera com uma repulsa impassível – dotado do poder da alienação, mas ainda assim a figura enigmática e controversa que daria à sua próxima banda o nome de Rapeman ("homem-estupro").

Um álbum inflexivelmente moral, *Atomizer* fala de um mundo pronto para a destruição – e nos retorna a imagem sob a forma de ruído branco abrasivo. Uma purificação pela catarse que continua a queimar até hoje. **SC**

Suzanne Vega
Suzanne Vega (1985)

Selo | A&M
Produção | Steve Addabbo • Lenny Kaye
Projeto gráfico | Corey And Company
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:43

Suzanne Vega nasceu na Califórnia, cresceu em Nova York e absorveu as virtudes musicais desses dois ambientes. Da Califórnia ela tirou um jeitão boêmio e folk, enquanto de Nova York veio a lírica urbana.

1979 foi um ano importante para essa aspirante a cantora e compositora. Suzanne Vega visitou a Inglaterra para ver de perto o movimento punk e assistiu a um show de Lou Reed quando voltou para os EUA. As duas experiências levaram as suas letras em direção ao realismo. Enquanto Vega admite que estragou suas primeiras apresentações com uma atitude defensiva e hostil do tipo "o que vocês estão olhando?", a força do seu material e a sua reputação acabaram gerando um contrato com a A&M em 1984.

Com Lenny Kaye – o antigo guitarrista de Patti Smith – na produção, *Suzanne Vega* foi gravado logo no início de 1985. Rapidamente conquistou o coração da Inglaterra com o single "Marlene On The Wall". Nessa música o observador se torna o observado, quando um retrato de Marlene Dietrich observa Vega ir para a cama com uma sucessão de amantes.

Dadas as credenciais de Lenny Kaye, a guitarra foi colocada bem na frente nas mixagens. A pegada fria de Suzanne Vega é temperada por sintetizadores sutis e um mínimo de percussão. Sua voz vai de carícias sussurradas em "Cracking" e "Freeze Tag" às melodias sensuais de "Undertow" e "Small Blue Thing".

O coração do álbum é definido por uma fábula intemporal, "The Queen And The Soldier", que invoca o estilo épico de Sandy Denny. Por contraposição, a música seguinte, "Knight Moves", por vezes lembra Hüsker Dü ou Kristin Hersh. **GT**

The Pogues | Rum, Sodomy, And The Lash (1985)

Selo | Stiff
Produção | Philip Chevron • Elvis Costello
Projeto gráfico | Frank Murray
Nacionalidade | Irlanda • Inglaterra
Duração | 45:20

Rum, Sodomy, And The Lash é um trabalho de uma beleza nua e crua. Enquanto o álbum de estréia "Red Roses For Me" tinha sido excessivamente produzido e se apoiava demasiadamente em imagens tiradas de porres, este segundo disco transpira paixão, poesia e energia. Os créditos dessa transição pertencem em parte a Elvis Costello, que foi seu produtor e deu ao som de briguento da banda espaço para respirar. "Wild Cats Of Kilkenny" e "Sally Maclennane" rugem como uma luta regada a cerveja Guiness entre o Dubliners e o Sex Pistols: a fusão perfeita da tradição folk irlandesa com a agressividade punk.

Elvis Costello – que se casou com a baixista Cait O'Riordan no ano seguinte – escreveu mais tarde que o seu trabalho neste álbum foi sentar-se, ficar quieto e captar a banda "em sua glória dilapidada, antes que algum produtor mais profissional os detonasse".

Contudo, o álbum é mais que uma coleção de danças desordeiras. O vocalista Shane MacGowan tinha evoluído como letrista e, com poucas tiradas, conseguia pintar toda uma atraente galeria de personagens do submundo. Em "The Old Main Drag", retrata a lenta decadência de um prostituto londrino. A triste "A Pair Of Brown Eyes" é cantada a partir da perspectiva de um veterano mutilado da Primeira Guerra Mundial.

Lançado no mesmo ano que o multimilionário *Brothers In Arms*, do Dire Straits, *Rum, Sodomy, And The Lash* soava maravilhosamente fora de sincronia com esta fase dos anos 80. Sua majestade maltrapilha fez com que chegasse às 20 Mais na Inglaterra e angariou um novo fã: Tom Waits, que declarou adorar a "decadência estilo *Ilha do Tesouro*" da banda. **TB**

"Sou um merda amargurado e anormal."

Shane MacGowan, 1985

Lista de músicas

01	**The Sick Bed Of Cúchulainn**	(MacGowan)	2:59
02	**The Old Main Drag**	(MacGowan)	3:19
03	**Wild Cats Of Kilkenny**	(Finer • MacGowan)	2:48
04	**I'm A Man You Don't Meet Every Day**	(Trad.)	2:55
▸ 05	**A Pair Of Brown Eyes**	(MacGowan)	4:54
▸ 06	**Sally Maclennane**	(MacGowan)	2:43
07	**A Pistol For Paddy Garcia**	(Finer)	2:31
08	**Dirty Old Town**	(MacColl)	3:45
09	**Jesse James**	(Trad.)	2:58
10	**Navigator**	(Gaston)	4:12
11	**Billy's Bones**	(MacGowan)	2:02
12	**The Gentleman Soldier**	(Trad.)	2:04
▸ 13	**The Band Played Waltzing Matilda**	(Bogle)	8:10

Kate Bush | Hounds Of Love (1985)

Selo | EMI
Produção | Kate Bush • John Carder Bush
Projeto gráfico | Bill Smith Studio
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 47:26

Magoada com os ataques feitos a *The Dreaming*, de 1982, Kate Bush refugiou-se no estúdio. Diz a lenda que ela teria engordado muito, mas reapareceu em 1985 mais bonita do que nunca, apresentando um trabalho tão épico e louco quanto o seu antecessor, mas com músicas melhores e vendas ainda maiores.

O primeiro fruto foi "Running Up That Hill", um miniépico que se tornou o seu maior sucesso internacional. Tendo finalmente se tornado uma estrela – ou quase – nos Estados Unidos, serviu de inspiração para Tori Amos e Prince. Este último ficou fascinado por "Cloudbusting", uma das belas peças de xadrez que compõem a metade *Hounds* do álbum. O extraordinário vídeo que acompanha a música conta com a participação de Donald Sutherland – protagonista de *Um Inverno de Sangue em Veneza*, um dos filmes que inspiraram Kate Bush (em outra referência cinematográfica, a faixa-título começa com uma fala de *A Noite do Demônio*, de Jacques Tourneur).

A segunda metade, cinematográfica, é *The Ninth Wave*. Inspirada em um poema de Tennyson – *The Coming of Arthur* e não *The Holly Grail*, como está escrito no encarte –, oscila entre baladas e músicas dançantes (o álbum tem poucas guitarras, com Youth, o baixista do Killing Joke, dando o tom mais roqueiro em "The Big Sky"). A história mostra nossa heroína sozinha na água, no meio de um pesadelo, encontrando um caçador de bruxas, imaginando uma pessoa amada em casa e sendo visitada por uma versão futura de si mesma antes de ser salva.

A capa – uma fotografia de seu irmão John, que também escreveu o poema de "Jig Of Life" – evoca as duas metades do álbum e completa esta criação tão fascinante quanto fabulosa. *Hounds Of Love* é o álbum de Kate Bush que é possível adorar mesmo sem ser um fã. **BM**

"É quase como se fossem dois álbuns separados... Se estão ligados, é apenas pela temática do amor."

Kate Bush, 1985

Lista de músicas

▶	01	**Running Up That Hill (A Deal With God)** (Bush)	5:00
	02	**Hounds Of Love** (Bush)	3:03
	03	**The Big Sky** (Bush)	4:40
	04	**Mother Stands For Comfort** (Bush)	3:08
▶	05	**Cloudbusting** (Bush)	5:10
	06	**And Dream Of Sheep** (Bush)	2:46
	07	**Under Ice** (Bush)	2:22
	08	**Waking The Witch** (Bush)	4:17
▶	09	**Watching You Without Me** (Bush)	4:06
	10	**Jig Of Life** (Bush)	4:17
	11	**Hello Earth** (Bush)	6:00
	12	**The Morning Fog** (Bush)	2:37

The Smiths | Meat Is Murder (1985)

Selo | Rough Trade
Produção | John Porter • The Smiths
Projeto gráfico | Caryn Gough • Morrissey
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:41

Meat Is Murder é o grande álbum perdido do The Smiths, no sentido em que foi encoberto pelo trabalho posterior do grupo.

Depois da estréia, os filhos pródigos de Manchester foram para o estúdio a fim de fazer um disco que representasse melhor seus shows ao vivo e as sessões na BBC. Não que o álbum inicial, *The Smiths*, tivesse sido uma completa decepção, mas o guitarrista Johnny Marr, virtuoso tanto no som pauleira ("Nowhere Fast") quanto no rockabilly anos 50 ("Rusholme Ruffians"), desta vez iria realmente surpreender com seu estilo versátil.

O letrista Morrissey também estava em campo. A sua atenção voltava-se agora para as suas paixões: vegetarianismo, pacifismo e antiautoritarismo – o título do álbum, a capa (a foto de um soldado vietnamita durante a guerra) e particularmente a letra da faixa-título diziam muito sobre seus pontos de vista. Em outros momentos surgiam os primeiros sinais de dor real em suas palavras. "That Joke Isn't Funny Anymore" parece pedir a um brutamontes – ou, pior, a um amigo – para parar de provocar o velho Moz. Há também estudos sobre uma vida esquecida e mais tranqüila em "Rusholme Ruffians", que foi buscar "inspiração musical" em "His Latest Flame", de Elvis – uma dívida reconhecida mais tarde pela banda em sua coletânea ao vivo, *Rank*.

Na nova versão em CD do LP original, "How Soon Is Now" foi acrescentada, lamentando uma juventude perdida sendo ignorada em boates. Embora seja reconhecidamente uma grande música, fica no meio do caminho de algumas de suas criações mais vibrantes e estimulantes. *Meat Is Murder* é The Smiths querendo provar seus pontos de vista. O álbum soa ainda melhor quando percebemos que conseguiram. **JK**

"Da mesma forma que o público pode ser inspirado, também pode bocejar diante de mais uma música defendendo mais uma causa."

Morrissey, 1989

Lista de músicas

▶	01	**The Headmaster Ritual** (Marr•Morrissey)	4:52
▶	02	**Rusholme Ruffians** (Marr•Morrissey)	4:19
▶	03	**I Want The One I Can't Have** (Marr•Morrissey)	3:13
	04	**What She Said** (Marr•Morrissey)	2:40
	05	**That Joke Isn't Funny Anymore** (Marr•Morrissey)	4:57
▶	06	**Nowhere Fast** (Marr•Morrissey)	2:35
	07	**Well I Wonder** (Marr•Morrissey)	4:00
	08	**Barbarism Begins At Home** (Marr•Morrissey)	7:00
	09	**Meat Is Murder** (Marr•Morrissey)	6:05

Tom Waits
Rain Dogs (1985)

Selo | Island
Produção | Tom Waits
Projeto gráfico | Anders Petersen
Nacionalidade | EUA
Duração | 54:04

Se os ruídos e buzinas de *Swordfishtrombones*, de 1983, chatearam os fãs de Tom Waits habituados à poesia beatnik e às baladas com piano, então *Rain Dogs* fez com que chorassem copiosamente. Musicalmente, *Swordfishtrombones* representou a chegada de Waits a uma nova cidade, ainda à procura do seu lugar; em *Rain Dogs* ele já está em casa, ainda que seja um barracão de zinco embaixo de um viaduto.

Há muito que se especula se a imagem de um Tom Waits embriagado que ele passou durante os anos 70 era autobiográfica ou meramente fictícia, mas neste disco ele certamente está encarnando um personagem. *Rain Dogs* fala de um submundo habitado por chineses bêbados, bombeiros cegos, anões manetas, o dono de um matadouro chamado Tio Vernon, uma prostituta porto-riquenha com uma perna de pau – e isso apenas nas primeiras três músicas. É uma coleção de músicas sobre a vida nas margens mais extremas da sociedade, caso uma sociedade tão estranha existisse de fato.

A demência das letras se encontra refletida nas músicas com percussões barulhentas, buzinas, pianos de bar, guitarras irrequietas (tocadas essencialmente por Marc Ribot, com Keith Richards como convidado), acordeões, órgãos e banjos. A frágil "Time" recorda o Waits dos anos 70, e "Blind Love" é o mais perto que ele já chegou do country, enquanto "Downtown Train" foi amansada por Rod Stewart, mas *Rain Dogs* é despeitosamente livre de qualquer compromisso ou convenção. Naturalmente tornou-se o álbum de Tom Waits mais vendido e depois passou a fazer parte de praticamente todas as listas publicadas pela imprensa com os melhores discos dos anos 80. **WF-J**

The Jesus & Mary Chain
Psychocandy (1985)

Selo | Blanco Y Negro
Produção | The Jesus And Mary Chain
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:52

Tendo assustado todo mundo com "Upside Down", seu single de estréia de 1984, em *Creation* – uma sucessão de feedbacks de guitarra e uma bateria neandertalóides –, Jim e William Reid passaram o ano seguinte encantando o público com uma nova forma de tocar ao vivo. De costas para o público, criavam uma parede impenetrável de feedback e distorção, cuspiam na imprensa e raramente tocavam por mais que 10 minutos.

Assinaram um contrato com a Blanco Y Negro, mas mantiveram Alan McGee como agente e o álbum de estréia foi um trabalho genial. Universalmente aclamado pela crítica musical, é hoje apontado como um dos melhores álbuns de estréia de todos os tempos. Os dois irmãos escoceses descobriram um filão nunca antes explorado, fundindo o pop de praia dos Beach Boys com o som inundado de feedback do Velvet Underground e muito reverb, além da bateria primal de Bobby Gillespie.

Em geral as pessoas se lembram dos três singles – "You Trip Me Up", "Never Understand" e "Just Like Honey" –, mas o álbum é eletrizante do princípio ao fim. Sua influência é incalculável. Qualquer banda com uma predileção por pedais de efeito e um ouvido para melodias vigorosas deve algo a este disco. Você não pode mais assistir ao grupo ao vivo, mas este álbum é o mais próximo que se pode chegar daquilo que um jornalista comparou a "uma serra elétrica num tufão". **RS**

New Order
Low-Life (1985)

Selo | Factory
Produção | New Order
Projeto gráfico | Peter Saville
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:11

O terceiro álbum do New Order brilhava com uma confiança recém-adquirida. Depois do mediano *Movement* e de *Power, Corruption And Lies*, "quase lá", *Low-Life* englobava tecnopop ("Subculture"), gótico dark ("Sunrise") e a primeira mistura de country com tecno ("Love Vigilantes").

O título havia sido inspirado pelo escritor Jeffrey Barnard, cuja frase "I... live what's called the low life" foi sampleada em "This Time Of Night" (o autor, descontente, processou-os). Foi o único disco na carreira da banda que trouxe fotos do grupo no encarte.

"Perfect Kiss" (lançado simultaneamente como um single de 12") é um grandioso épico no estilo disco. As incomparáveis linhas melódicas do baixo de Peter Hook e os *power chords* de Gillian Gilbert nos sintetizadores mantêm o som coeso, enquanto o baterista Stephen Morris e o vocalista Bernard Sumner adicionam *cowbells,* máquinas de fliperama, coaxar de rãs e ainda uma narrativa sobre AIDS, vingança – ah, e os prazeres da masturbação.

O ponto alto, contudo, é a fúnebre instrumental "Elegia". Gravada numa maratona de 24 horas imediatamente após voltarem de uma cansativa turnê pela Inglaterra, era supostamente um tributo ao falecido Ian Curtis, o vocalista da encarnação anterior da banda, o Joy Division.

Low-Life firmou o grupo como uma potência na música britânica, entrando no Top 10 tanto na Inglaterra quanto, pela primeira vez, nos EUA. **CSh**

Simply Red
Picture Book (1985)

Selo | Elektra
Produção | Stewart Levine
Projeto gráfico | Peter Barrett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:22

Apesar de ser um álbum firmemente enraizado no solo de Manchester, *Picture Book* não podia estar mais distante da herança pós-punk dessa cidade. Mick Hucknall se cansou rapidamente das restrições do punk e viu no Simply Red, especialmente em *Picture Book*, um veículo perfeito para ampliar as suas habilidades como vocalista. Lançado em outubro de 1985, apenas um ano depois de ter formado a banda com três ex-membros do Durutti Column, o álbum obteve sucesso imediato de público.

Tendo como música emblemática o soul "Money's Too Tight (To Mention)" – uma versão do sucesso R&B dos Valentine Brothers –, *Picture Book* subiu gradualmente nas paradas até atingir o segundo lugar na Inglaterra, em julho de 1986. A principal razão foi a música "Holding Back The Years", de Hucknall, uma balada sobre arrependimento e tempo perdido que fez com que a banda estourasse na Inglaterra e nos Estados Unidos. O cantor teria dificuldades para repetir essa estupenda performance vocal que rendeu o primeiro lugar na Billboard americana.

Picture Book não se limita, contudo, ao soul suave. Também há resquícios do passado mais roqueiro de Hucknall – "Look At You Now" e "No Direction". Além disso, aparecem influências jazzísticas da banda em "Sad Old Red" e "Heaven".

Atualmente muitos dizem que a inconsistência da formação da banda, tendo o líder como única figura fixa, impediu o Simply Red de atingir novamente o nível desse álbum de estréia. Mas *Picture Book* ao menos prova que o superstar ruivo chegou aonde está por bons motivos. **ARo**

Dexy's Midnight Runners
Don't Stand Me Down (1985)

Selo | Mercury
Produção | Vários
Projeto gráfico | Peter Barrett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:28

Don't Stand Me Down é um feito impressionante que hoje pode ser considerado como um *Pet Sounds* para os anos 80. Na época, contudo, foi soterrado pela teimosia do líder Kevin Rowland, que queria superar o sucesso mundial de *Too-Rye-Ay*, de 1982, que tinha se tornado uma pedra amarrada em seu pescoço: tendo obtido o sucesso que tanto desejava, ele agora o detestava.

As penosas sessões de gravação desse segundo disco ansiosamente esperado tomaram todo o ano de 1984. Produtores veteranos iam e vinham: Jimmy Miller durou poucos dias, assim como Tom Dowd. A música central, "This is What She's Like", começou como bluebeat alegre e acabou se tornando uma miniópera. "Knowledge Of Beauty" era originalmente um longo improviso em torno da pronúncia irlandesa de "Dave". As intransigências de Rowland, tal como substituir o som de cada corda da guitarra por diferentes instrumentos de cordas ou as muitas rejeições das cores da capa, atrasaram ainda mais o lançamento.

Don't Stand Me Down foi o exemplo mais extremo da nova visão do soul de Rowland. Contudo, quando foi finalmente lançado, em setembro de 1985, havia pouca gente para lhe dar as boas-vindas. Embora exista um mito de que os críticos o enterraram, não foi isso o que aconteceu – sem nenhum single para acompanhar o lançamento, o disco morreu antes de chegar às mãos dos compradores. Numa época de superprodução rotineira, um disco tão orgânico e meticuloso estava fadado a dividir as massas. Quando Rowland voltou ao palco, em 2003, as músicas deste álbum foram as mais bem recebidas. **DE**

"Estávamos sendo incrivelmente meticulosos e isso levou uma eternidade."
Kevin Rowland, 2003

Lista de músicas

▶	01	**The Occasional Flicker** (Rowland)	5:49
▶	02	**This Is What She's Like** (Adams • O'Hara • Rowland)	12:24
▶	03	**Knowledge Of Beauty** (O'Hara • Rowland • Wynne)	7:01
	04	**One Of Those Things** (Marinelli • Rowland • Watchel • Zevon)	6:01
	05	**Reminisce Part Two** (Rowland)	3:31
▶	06	**Listen To This** (Adams • Rowland)	3:20
▶	07	**The Waltz** (Rowland • Torch)	8:22

Scritti Politti
Cupid And Psyche 85 (1985)

Selo | Virgin
Produção | Arif Mardin
Projeto gráfico | Keith Breeden • Green Gartside
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:15

Cupid And Psyche 85 foi uma revolução na carreira da banda Scritti Politti, gerando cinco sucessos na Inglaterra e dois nos Estados Unidos. Era a terceira encarnação da banda, que tinha começado em 1977 como um coletivo anarquista em Londres, gravando quatro singles pós-punk experimentais influenciados, curiosamente, pelo marxismo italiano e por teorias literárias francesas.

Apoiado pela produção de ponta de Arif Mardin, *Cupid...* elevou o R&B a um novo nível. A funky "Wood Beez" e o rock estupendo de "The Word Girl" renderam a Gartside – um estudante branco de artes do País de Gales – o apreço de Prince, Chaka Khan, Janet Jackson, Jam & Lewis e de muitos outros dos seus heróis negros. "Perfect Way", que chegou ao 12º lugar nos Estados Unidos, chegou a merecer uma versão de Miles Davis, que mais tarde viria a colaborar com o grupo.

Inspirado pela produção de Quincy Jones em *Off The Wall*, de Michael Jackson, Gartside, o tecladista David Gamson e o baterista Fred Maher mudaram-se para Manhattan e cercaram-se de músicos de estúdio renomados como o baixista Marcus Miller, o guitarrista Robert Quine e o baterista Steve Ferrone. As letras cifradas de Green, interpretadas em um falsete andrógino influenciado por Michael Jackson, questionavam a inviabilidade do romance, transformando músicas de amor numa espécie de jogo de palavras.

Todas essas sutilezas passaram desapercebidas de grande parte do público, mas, preenchido por sons de teclados Synclavier e Fairlight e com breakbeats meticulosamente seqüenciados, a influência de *Cupid And Psyche 85* no pop foi imensurável. **JLe**

"Nunca escuto a minha própria música."

Green Gartside, 2005

Lista de músicas

▸	01	**Word Girl (Flesh And Blood)** (Gamson • Gartside)	4:24
	02	**Small Talk** (Gamson • Gartside)	3:39
▸	03	**Absolute** (Gartside)	4:25
	04	**A Little Knowledge** (Gartside)	5:02
	05	**Don't Work That Hard** (Gartside)	3:59
▸	06	**Perfect Way** (Gamson • Gartside)	4:33
	07	**Lover To Fall** (Gartside)	3:51
▸	08	**Wood Beez (Pray Like Aretha Franklin)** (Gartside)	4:48
	09	**Hypnotize** (Gartside)	3:34

Elvis Costello And The Attractions
Blood And Chocolate (1986)

Selo | Demon
Produção | Colin Fairley • Nick Lowe
Projeto gráfico | Michael Krage
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 47:33

Nas notas do encarte da reedição de *Blood And Chocolate*, Costello informou aos leitores que "não há muito a explicar sobre este disco". Talvez, mas aqueles que conhecem apenas os dois últimos terços da sua carreira notarão a raiva que transpassa na primeira faixa, "Uncomplicated", e certamente se perguntarão como, por que e quando ele ficou tão raivoso.

Vindo logo após *King of America*, mais tradicional e sem a banda de acompanhamento, The Attractions, *Blood And Chocolate* é, de fato, um choque. Gravado quase todo ao vivo no estúdio, com monitores de palco em vez de fones de ouvido e com amplificadores no volume máximo, ele soa seco, básico e sujo. Não foi coincidência. As músicas são amargas como um adeus ou pungentes como mensagens de amor envoltas em arame farpado. Elas vêm embaladas em rock de garagem ("I Hope You're Happy Now"), em pop dos anos 60 ("Poor Napoleon"), em melancolia ("Home Is Anywhere You Hang Your Head") ou em claustrofobia ("I Want You", um ponto alto de sua carreira), mas vêm secas.

O público não gostou desse Costello irado e o marketing estranho também não ajudou. "Tokyo Storm Warning", um furioso "diário de viagem de um pesadelo de um brutamontes" (observação de Costello no encarte) com seis minutos de duração, foi a bizarra escolha do primeiro single, mais incompreensível ainda pela decisão de dividir a música em duas partes, com *fades* malfeitos, nos lados A e B. Após o fracasso dos dois singles seguintes, Elvis Costello criou o pop perfeito de *Spike*. Desde então, Costello tem colaborado com inúmeros artistas numa fascinante embora por vezes estranha carreira. **WF-J**

Lista de músicas

▶	01	**Uncomplicated** (Costello)	3:26
	02	**I Hope You're Happy Now** (Costello)	3:07
▶	03	**Tokyo Storm Warning** (Costello • O'Riordan)	6:24
	04	**Home Is Anywhere You Hang Your Head** (Costello)	5:04
▶	05	**I Want You** (Costello)	6:40
	06	**Honey Are You Straight Or Are You Blind?** (Costello)	2:08
	07	**Blue Chair** (Costello)	3:39
▶	08	**Battered Old Bird** (Costello)	5:50
	09	**Crimes Of Paris** (Costello)	4:19
	10	**Poor Napoleon** (Costello)	3:21
	11	**Next Time Round** (Costello)	3:35

Afrika Bambaataa And The Soul Sonic Force
Planet Rock—The Album (1986)

Selo | Tommy Boy
Produção | Arthur Baker
Projeto gráfico | Monica Lynch
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:51

Ser destacado dentro do inovador e visionário subgênero musical do hip-hop como um dos legítimos originais é um feito e tanto. Afrika Bambaataa Aasim – o nome se refere a um chefe zulu do século 19 – trocou as cores de sua gangue pelas pickups em meados dos anos 70 para se tornar um dos três DJs que construiriam os alicerces do hip-hop, juntamente com Kool Herc e Grandmaster Flash.

Bambaataa cansou-se rapidamente de buscar suas batidas apenas nos antigos discos de funk e criou uma fusão totalmente nova, influenciada por artistas europeus como Kraftwerk e Gary Numan, assim como por breakbeats. A faixa-título de *Planet Rock – The Album* recria a velha "Trans-Europe Express", do Kraftwerk, para a galera das festas hip-hop, com a superprodução cromada de Arthur Baker encaixando-se perfeitamente à irrefreável curiosidade de Bambaataa para explorar a nova ciência dos sons sintetizados. Verdade seja dita, as rimas foram adicionadas quase como uma lembrança de última hora, embora seja algo que o grupo compensou plenamente em *Looking For The Perfect Beat*, que continua sendo o melhor álbum de electro dos anos 80.

Contudo, essa compilação de singles, lançada pelo selo Tommy Boy antes que Bambaataa assinasse um contrato com a Capitol, também sinaliza algo muito significativo: mais do que qualquer outro, Bambaataa foi responsável pelo nascimento da cena de música house nos Estados Unidos (especialmente o tecno de Detroit, o miami bass e o house de Chicago), descendentes diretos de sua vertente singular de electro exibida neste álbum sensacional. **JDo**

"Este foi o nascimento do electro-funk."

Afrika Bambaataa, 1999

Lista de músicas

▶	01	**Planet Rock** (Allen • Baker • Miller • Robie • Williams)	7:00
▶	02	**Lookin' For The Perfect Beat** (Aasim • Allen • Baker • Miller • Robie • Williams)	7:30
	03	**Renegades Of Funk** (Baker • Bambaataa • Miller • Robie)	6:44
	04	**Frantic Situation** (Aasim • Allen • Baker • Evans • Halp • Henderson Miller • Serano • Wilfred • Williams)	3:49
	05	**Who You Funkin' With?** (Bambaataa)	6:20
	06	**Go Go Pop** (Bambaataa)	5:58
	07	**They Made A Mistake** (Bambaataa)	5:30

Beastie Boys | Licensed To Ill (1986)

Selo | Def Jam
Produção | Beastie Boys • Rick Rubin
Projeto gráfico | Stephen Byram
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:20

"Estou me divertindo tanto agora."

MCA, 1987

Em 1984 o Beastie Boys abandonou as suas origens punk para se tornar um dos primeiros grupos brancos de rap. Quando lançaram o seu primeiro álbum, os três MCs – Mike D, MCA e King Ad-Rock, vindos de famílias judaicas abastadas de Nova York – foram simultaneamente criticados pela comunidade do hip-hop, por pirataria cultural, e pela maioria dos críticos, que os viram como comerciantes pueris daquela odiosa "música de festas". Contudo, *Licensed To Ill* rapidamente arregimentou um grupo de fãs devotos e vendeu 750.000 cópias só nas primeiras seis semanas, alcançando o topo das paradas americanas (o primeiro álbum de rap a fazê-lo). Embora liricamente imaturo (afinal, eles tinham pouco mais de 20 anos na época), o hedonismo inconseqüente do disco foi abraçado por adolescentes suburbanos festeiros de toda parte (vale notar a capa hilária de David Gamboli, que, quando vista por inteiro, transforma a aparente colisão de um 727 contra uma montanha em uma alusão a um pênis entrando em uma vagina).

A banda fazia inúmeras referências à cultura hip-hop e aos b-boys (fãs da cultura hip-hop) – basta ouvir "Posse In Effect" com suas referências às festas barra-pesada (com jovens usando pistolas 9mm) e a grudenta "Girls". Mas a estética "faça você mesmo" do trio, as suas referências pós-modernas e a combinação de ritmos fortes e samples com riffs de heavy metal criam uma mistura inebriante. "Fight For Your Right" tornou-se um hino de festas, refletindo a atração mútua entre o rock e o hip-hop (território já explorado pelo produtor Rick Rubin nos seus trabalhos com Run DMC e LL Cool J). "Rhymin' & Stealin'" tem um sample famoso de "When The Levee Breaks", do Led Zeppelin. Outras músicas que caíram no gosto popular foram "No Sleep Till Brooklyn", inspirada pelo Mötorhead, a funky "Brass Monkey" e "She's Crafty".

A adolescência nunca soou tão divertida. **Cst**

Lista de músicas

▶	01	**Rhymin And Stealin** (Beastie Boys • Rubin)	4:08
	02	**The New Style** (Beastie Boys • Rubin)	4:36
	03	**She's Crafty** (Beastie Boys • Rubin)	3:35
	04	**Posse In Effect** (Beastie Boys • Rubin)	2:27
	05	**Slow Ride** (Beastie Boys • Rubin)	2:56
	06	**Girls** (Beastie Boys • Rubin)	2:14
▶	07	**Fight For Your Right** (Beastie Boys • Rubin)	3:28
▶	08	**No Sleep Till Brooklyn** (Beastie Boys • Rubin)	4:07
	09	**Paul Revere** (King Ad-Rock • McDaniels • Rubin • Simmons)	3:41
	10	**Hold It Now, Hit It** (Beastie Boys • Rubin)	3:26
▶	11	**Brass Monkey** (Beastie Boys • Rubin)	2:37
	12	**Slow And Low** (McDaniels • Rubin • Simmons)	3:28
	13	**Time To Get Ill** (Beastie Boys • Rubin)	3:37

Metallica | Master Of Puppets (1986)

Selo | Elektra
Produção | Metallica • Flemming Rasmussen
Projeto gráfico | Don Brautigam
Nacionalidade | EUA
Duração | 54:00

Disputando com *Reign In Blood*, do Slayer, a posição de o melhor álbum de thrash metal de todos os tempos, o terceiro disco do Metallica, *Master Of Puppets*, é uma obra-prima em todos os níveis. Ofereceu aos headbangers francamente surpresos da época uma combinação medida com precisão e perfeitamente calibrada de agressividade, velocidade, beleza melódica e complexidade musical. A sua produção calorosa, quase delicada, e o equilíbrio perfeito entre raiva e profundidade tiveram um impacto colossal. Embora o Metallica tenha lançado outros discos que venderam mais que este, nenhum foi tão bom quanto *Master of Puppets*.

Os pontos fortes do álbum estão presentes logo na primeira faixa, "Battery", que passa de uma introdução de violão para uma muralha maciça de som antes de sossegar num riff contorcido, talvez engenhoso demais, trilhando as fronteiras entre o thrash e o heavy. A faixa-título segue um caminho semelhante – o solo suave na parte central é de uma beleza extraordinária –, mas "Disposable Heroes", junto com a última música, a frenética e intencionalmente maligna "Damage, Inc.", faz lembrar que o Metallica era, afinal, uma banda de thrash metal de enorme força. Duas músicas ficam entre a balada e o heavy: "The Thing That Should Not Be" (a música com maior quantidade de riffs que a banda gravou até "Sad But True", de 1991) e o hino à psicose, "Welcome Home (Sanitarium)". Ambas mostram o lado mais sombrio e sutil da banda, enquanto "Leper Messiah" é um ataque violento ao evangelismo de TV.

"Orion", uma instrumental épica, mostra o talento do baixista Cliff Burton no seu auge – a sua morte prematura, pouco depois do lançamento do disco, faz dessa música uma bela despedida. **JM**

"Escrevo minhas letras essencialmente para mim. Não quero dizer às outras pessoas como pensar."

James Hetfield, 1986

Lista de músicas

01	**Battery** (Hetfield•Ulrich)	5:10
02	**Master Of Puppets** (Burton•Hammett•Hetfield•Ulrich)	8:38
03	**The Thing That Should Not Be** (Hammett•Hetfield•Ulrich)	6:32
04	**Welcome Home (Sanitarium)** (Hammett•Hetfield•Ulrich)	6:28
05	**Disposable Heroes** (Hammett•Hetfield•Ulrich)	8:14
06	**Leper Messiah** (Hetfield•Ulrich)	5:38
07	**Orion** (Burton•Hetfield•Ulrich)	8:12
08	**Damage, Inc.** (Burton•Hammett•Hetfield•Ulrich)	5:08

The The | Infected (1986)

Selo | Epic
Produção | Vários
Projeto gráfico | Andy Dog
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:05

Os álbuns explicitamente políticos – por mais que sejam bem-intencionados (dependendo da visão política do leitor, é claro) – normalmente tendem a ser muito inconsistentes no que se refere à sua musicalidade. *Infected*, o segundo álbum de Matt Johnson sob a alcunha The The, quebrou essa regra.

Embora Matt Johnson já tivesse desabafado a sua raiva em relação ao estado do mundo em *Soul Mining*, de 1984, a sua visão tornou-se mais ambiciosa e coerente – e sua raiva mais focada – durante os dois anos que levou para gravar *Infected*. Lançado em 1986, no apogeu do "mercado livre" dos anos Thatcher, este disco – tanto o nome quanto a música se referem ao desdobramento do pânico inicial quanto à AIDS, na Inglaterra – é desilusão transformada em música.

Grande parte da sua ira concentra-se na subserviência da Inglaterra aos Estados Unidos. "Sweet Bird Of Youth", em particular, era profética, relatando as últimas palavras de um piloto americano moribundo que retornava de um bombardeio aéreo a alvos no Oriente Médio (meses após a gravação deste disco, os ataques à Líbia, ordenados por Reagan, partindo de bases aéreas inglesas provocaram protestos naquele país).

Johnson também se insurge contra a destruição de uma Inglaterra mais amável e gentil em "Heartland" – que fala sobre a substituição dos cinemas de bairro da sua infância por centros comercias "cheirando a mijo" nos bairros remodelados da cidade – e fazendo um libelo, nas outras músicas, sobre assuntos como a política sexual e o capitalismo em geral. Tudo isso magnificamente orquestrado com naipes de metais, seções de cordas e o backing vocal de uma jovem chamada Neneh Cherry ("Slow Train To Dawn"). Nunca antes a fúria soou tão funkeada. **SJac**

"Tenho sido um perfeccionista no estúdio, o que é uma condição neurótica em que se quer tudo tão bom quanto seja possível."

Matt Johnson, 1993

Lista de músicas

▶	01	**Infected** (Johnson)	4:48
	02	**Out Of The Blue (Into The Fire)** (Johnson)	5:07
▶	03	**Heartland** (Johnson)	5:09
	04	**Angels Of Deception** (Johnson)	4:38
	05	**Sweet Bird Of Truth** (Johnson)	5:23
	06	**Slow Train To Dawn** (Johnson)	4:14
	07	**Twilight Of A Champion** (Johnson•Mosimann)	5:23
	08	**Mercy Beat** (Johnson)	7:23

Nanci Griffith
The Last Of The True Believers (1986)

Selo | Philo
Produção | Nanci Griffith • Jim Rooney
Projeto gráfico | Pat Alger • Nanci Griffith
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:34

Junto com os seus contemporâneos do Texas, Lyle Lovett e Steve Earle, Nanci Griffith surgiu como um sopro de ar fresco na cena um pouco repetitiva da música country em meados da década de 80. Seu talento crescente ficava evidente em seus três álbuns anteriores, mas foi neste quarto disco que Griffith realmente se firmou.

Não sendo nem country nem folk, o som é rico, "de raiz" e acústico; as músicas são contagiosas, ágeis e inteligentes. A sua voz vibra, tremula e estremece, provocando efeitos emocionantes e libertadores. Embora Kathy Mattea tenha conseguido dois hits com músicas deste álbum ("Love At The Five & Dime" e "Goin' Gone"), a voz de Griffith, suave mas nunca melosa, funciona melhor com suas próprias composições.

A ex-professora era sincera e gostava de abrir seu coração. Por isso deixou-se fotografar com uma biografia de Tennessee Williams na capa e, no verso, com o clássico romance *Lonesome Dove*, de Larry McMurtry. E, sim, de fato é Lyle Lovett quem está dançando sob o cartaz da lanchonete Woolworth.

Contrariando a sua aparência delicada, ela podia ser um osso duro de roer quando necessário, tanto como pessoa quanto em suas músicas. Mas quando abria a boca para cantar era impossível não se apaixonar por ela. Depois deste álbum, lançou o seu primeiro disco por uma grande gravadora – *Lone Star State Of Mind* –, dois picos criativos numa carreira que já dura mais de duas décadas e meia. **RF**

Billy Bragg
Talking With The Taxman About Poetry (1986)

Selo | Go! Discs
Produção | Kenny Jones • John Porter
Projeto gráfico | Desconhecido
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:20

Billy Bragg sempre esteve no meio-termo entre o público e o privado, explorando tanto os assuntos políticos como as emoções pessoais com igual paixão. Sendo assim, *Talking With The Taxman About Poetry* talvez seja a síntese mais bem-sucedida de suas preocupações, juntando o sarcasmo moralista de "Ideology" com a sensibilidade de "The Passion".

Embora as influências de cantores folk como Pete Seeger e Woody Guthrie sejam claras, Billy Bragg foi igualmente inspirado pelas tradições do music hall inglês e pelo rock' n' roll – ambas ficam claras aqui em suas versões para a música proto-punk "Train, Train", do obscuro grupo Count Bishops, e para a chorosa "Honey I'm A Big Boy Now".

Enquanto a capa descaradamente estridente e músicas como "There Is Power In A Union" ocasionalmente ameaçam abalar a força geral do disco, as melhores músicas analisam as conseqüências emocionais da política, como a dissecção institucional de "The Marriage" e a "mistureba ideológica" de "Greetings To The New Brunette".

Com o subtítulo de "o difícil terceiro álbum", o disco contou com muitos colaboradores e com o apoio de pessoas como Johnny Marr e Kirsty MacColl, mantendo, todavia, a estética austera que marcava o som claro e cheio de ambiência que caracterizava a sua guitarra. O resultado é um disco caloroso, direto e poderoso. **TSh**

Talk Talk
The Colour Of Spring (1986)

Selo | EMI
Produção | Tim Friese-Greene
Projeto gráfico | James Marsh
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:32

Embora tenha parecido uma boa idéia na época, a revolução tecnológica dos anos 80 não fez bem ao rock. O sintetizador Yamaha DX7, onipresente, fez desaparecer as diferenças entre a música de elevador e os singles do Top 10. Além disso, uma geração inteira de bateristas foi substituída por máquinas. O resultado? Baterias pavorosas.

Uma espécie de divisor de águas chegou, em 1986 – provavelmente o pior ano para a música em toda a História –, quando o Talk Talk, um dos principais culpados por esse rock encharcado de sintetizadores, se tornou o primeiro a rejeitá-lo. Tinham perdido o tecladista Simon Brenner e recrutaram o produtor Tim Friese-Greene – um contraste experimental para as composições emocionais do guitarrista e vocalista Mark Hollis. Em seguida, Mark e Tim quebraram o formato anteriormente inflexível da banda, acrescentando o baterista Lee Harris e o baixista Paul Webb à formação, além de contar com músicos convidados como Steve Winwood, Danny Thompson (baixo) e o guitarrista dos Pretenders, Robbie McIntosh.

The Colour Of Spring foi uma revelação. Finalmente as composições de Hollis estavam envoltas numa instrumentação adequada à sua melancolia frágil. As inesquecíveis "April 5th" e "Chameleon Day" tinham um formato livre que era anteriormente impensável para a banda, mas os melhores exemplos eram as sublimes "Life's What You Make It" e "Living In Another World". Esta última mal alcançou as paradas inglesas – um destino comum para os melhores singles daqueles tempos sombrios. **MBe**

Megadeth
Peace Sells ... But Who's Buying? (1986)

Selo | Capitol
Produção | Dave Mustaine • Randy Burns
Projeto gráfico | Ed Repka
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:12

Em 1986 o vocalista e guitarrista do Megadeth estava a toda. Impulsionado pela raiva interior e a insegurança provocadas por sua expulsão sumária do Metallica três anos antes, lutando contra a dependência de heroína e o alcoolismo e incentivado pelos elogios da crítica ao seu primeiro disco, *Killing Is My Business... And Business Is Good*, de 1985, Mustaine tinha o mundo a seus pés. Não desiludiu ninguém com o furioso *Peace Sells...*, uma continuação lógica dos riffs acelerados, domínio técnico da guitarra e comentários políticos que tinham tornado seu trabalho de estréia tão promissor.

Ainda que Mustaine não fosse exatamente um cantor e que suas letras fossem um pouco primárias nessa fase, as músicas são inesquecíveis. "This is the greatest fuckin' day of my life!" ("este é o melhor dia da minha vida"), gritou no festival Monsters Of Rock, que ocorreu na Inglaterra em 1988, ao ouvir a multidão acompanhar o refrão "If there's a new way/ I'll be the first in line" ("Se houver um novo caminho / quero ser o primeiro da fila") da música que dá título ao disco e que apresenta uma das introduções de baixo – cortesia de David "Dave Jr." Ellefson – mais conhecidas do metal. "Devil's Island", "Wake Up Dead" e uma versão peculiar da música "I Ain't Superstitious", de Willie Dixon, são igualmente notáveis. Apesar de o quarto álbum do Megadeth, *Rust In Peace*, de 1990, impressionar mais pelos arranjos musicais e trabalho de produção, foi *Peace Sells... But Who's Buying?* que trouxe à banda um verdadeiro reconhecimento por parte da crítica e do público. Não deixe de escutar este disco e de ouvir Mustaine em seu momento mais exuberantemente diabólico. **JM**

Bon Jovi | Slippery When Wet (1986)

Selo | Mercury
Produção | Bruce Fairbairn
Projeto gráfico | Bill Levy
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:47

Os críticos nunca foram benévolos com o Bon Jovi e diversas vezes atribuíram o sucesso deste álbum ao sentimentalismo exagerado da banda e ao belo visual juvenil do vocalista, Jon Bon Jovi, mais do que às habilidades musicais do grupo. Não importa. O Bon Jovi conseguiu o impensável com *Slippery When Wet:* tornaram o heavy metal um gênero popular do qual as mulheres também podiam gostar. E, ao fazê-lo, conseguiram um álbum multiplatina nos Estados Unidos.

A capacidade de Jon de cantar com energia mesmo nos registros de voz mais agudos ajudou bastante, mas certamente os sintetizadores e melodias contagiantes contribuíram. Além disso, Bon Jovi fazia coisas simples, compondo músicas com as quais qualquer um podia se identificar: temas românticos ("You Give Love A Sad Name", primeiro lugar nos Estados Unidos), desemprego ("Livin'On A Prayer", outro primeiro lugar) ou a virgindade ("Never Say Goodbye"). Como escreveu Chuck Kiosterman em *Fargo Rock City*, suas memórias sobre o heavy metal, "Bon Jovi apelava mais ao coração do que ao cérebro".

Isso não significa que os fãs do metal não possam encontrar nada do seu agrado no disco. A banda fazia testes de mercado de suas músicas tocando versões demo para a garotada em uma pizzaria em frente ao estúdio, para garantir que elas funcionariam a contento. O guitarrista Richie Sambara era um solista fantástico, com seus solos flamejantes, e tornou novamente popular a talkbox, um efeito comumente usado por Peter Frampton que permite usar a boca para modular o som de uma guitarra. Como compensação para todo o idealismo romântico do grupo, um verso visceral como "I've seen a million faces and I've rocked them all" ("Vi um milhão de rostos e mexi com cada um deles"), em "Dead Or Alive", demonstrava que Jon sabia como apelar aos desejos mais básicos dos fãs masculinos. **JC**

"A política econômica de Reagan nos fez acreditar que tudo corria bem... Todos estavam se divertindo, sabe?"

Richie Sambora, 2002

Lista de músicas

01	**Let It Rock**	(Bon Jovi • Sambora)	5:25
▶ 02	**You Give Love A Bad Name**	(Bon Jovi • Sambora)	3:43
▶ 03	**Livin' On A Prayer**	(Bon Jovi • Sambora)	4:09
04	**Social Disease**	(Bon Jovi • Sambora)	4:18
▶ 05	**Wanted Dead Or Alive**	(Bon Jovi • Sambora)	5:09
06	**Raise Your Hands**	(Bon Jovi • Sambora)	4:17
07	**Without Love**	(Bon Jovi • Sambora)	3:31
08	**I'd Die For You**	(Bon Jovi • Sambora)	4:30
▶ 09	**Never Say Goodbye**	(Bon Jovi • Sambora)	4:49
10	**Wild In The Streets**	(Bon Jovi • Sambora)	3:56

Sonic Youth
Evol (1986)

Selo | SST
Produção | Martin Bisi • Sonic Youth
Projeto gráfico | Richard Kern • Sonic Youth
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:02

O terceiro disco do Sonic Youth é importante por dar forma definitiva ao grupo com a inclusão de Steve Shelley na bateria e por ser o primeiro dos trabalhos realmente brilhantes da banda que ajudaram a definir um gênero. Antes ainda eram iniciantes na cena experimental de Nova York nos anos 80, decididos a obter novos e estranhos gritos de suas guitarras. *Evol* foi quando começaram a afinar os ouvidos.

O som pode ser ruidoso e áspero, mas este álbum está ornado com linhas pop menos evidentes. O vocalista e guitarrista Thurston Moore explicou que a péssima acústica do espaço minúsculo onde gravaram obrigou-os a se aterem a melodias reconhecíveis para que pudessem ouvir uns aos outros. Isso explica "Tom Violence", a música de abertura: contra o som de acordes recém-descobertos, a linha vocal simples e clara de Moore sobe e desce em harmonias quase conflitantes com o resto da música. Da mesma forma, a fantasmagórica coda de Kim Gordon, como uma cantiga de ninar em "Star Power", flutua sobre riffs quase abstratos numa atmosfera que fica entre o apavorante e o confortável.

O melhor momento do disco é a lenta construção da subida de "Expressway To Yr Skull", na qual todos os formidáveis zumbidos, ecos, pulsos, lamentos e o entusiástico senso melódico realmente conseguem se juntar. É como uma resposta do art-rock para "Freebird" ou "Stairway to Heaven" e certamente também é um dos grandes momentos da banda – rock reconstruído e recontado em uma excitante e nova linguagem. **TH**

Slayer
Reign In Blood (1986)

Selo | Def Jam
Produção | Rick Rubin • Slayer
Projeto gráfico | Stephen Byram
Nacionalidade | EUA
Duração | 29:00

Qualquer disco que comece com o verso "Auschwitz, the meaning of pain. The way that I want you to die" ("Auschwitz, o significado da dor. A forma como quero que você morra.") certamente vai captar a atenção do ouvinte. Captou bem a atenção dos executivos da CBS, que se negaram a distribuir o disco, que provavelmente notaram suas letras radicais e a capa com cenas do inferno e desmembramentos.

O Slayer foi formado em Los Angeles em 1982, no seio de uma comunidade de heavy-metal que cada vez mais se afastava dos dinossauros remanescentes dos anos 70 e que se interessava por bandas mais jovens, mais rápidas e mais pesadas, como o Metallica ou o Anthrax. Foi preciso entretanto que Rick Rubin os contratasse para o seu selo Def Jam e lhes desse a produção limpa que tanto faltava para que a visão radical do Slayer de extrema violência, inferno e danação fosse desencadeada sobre o público geral, atônito.

Musicalmente, o álbum reúne a agressividade e a precisão do thrash metal com a economia do punk hardcore: quase todas as músicas duram menos de três minutos. A bateria incansável de Dave Lombardo é de tirar o fôlego e, nos solos, Kerry King e Jeff Hanneman parecem estar estripando seus instrumentos em vez de tocá-los. O ápice do álbum é a relativamente longa "Raining Blood", que começa com um efeito de chuva inquietante para entrar em um riff thrash acelerado enquanto duas guitarras solo ecoam uma à outra ao longo da faixa.

South Of Heaven (1988) foi um disco muito mais acessível, mas *Reign In Blood* nunca foi superado – uma marca na história do gênero. **RS**

Throwing Muses
Throwing Muses (1986)

Selo | 4AD
Produção | Gil Norton
Projeto gráfico | 23 Envelope
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:39

Estar louco é sempre bom se você quer tocar rock. Kristin Hersh era tão completamente doida – o.k., se você quer o termo técnico, era "bipolar" – que batizou o seu alter ego como "Evil Kristen". Com a sua meia-irmã Tanya Donelly na guitarra, Leslie Langston no baixo e David Narcizo na bateria, tornou-se o elo perdido entre Siouxsie and The Banshees e P. J. Harvey. Muitas vezes associada a seus companheiros de selo e de turnê, o Pixies, na realidade a banda tinha muito mais em comum com grupos como o X ou o Hüsker Dü, cuja influência sempre foi muito maior que as vendas. O som agressivo e as letras psicóticas estavam longe de fazer sucesso com o grande público, mas souberam extrair beleza do caos.

Outros grupos da Geórgia, como o R.E.M. e o B-52, compartilhavam o mesmo espírito, mas as marcas registradas da banda eram músicas *start-stop*, letras cáusticas e percussões militares. "Hate My Way" é um claro exemplo disso. Descendo na escala de sanidade, "Vicky's Box" começa com uma das letras mais cruas de Hersh antes de se transformar em uma espécie de country thrash. Outros momentos notáveis do álbum são "Green" – onde podemos notar as influências pop que Donelly trouxe para o grupo e que mais tarde levaria para a sua banda, Belly – e a mais convencional "Soul Soldier".

Não é um disco fácil de escutar, mas causa um impacto extraordinário. Pense nele como uma chave para um reino mágico cujos pontos de referência incluem *Hunkpappa*, de 1989, cheio de ganchos, *Hips And Makers*, a obra-prima de Hersh, e o grande sucesso das paradas, *Star*, do Belly. A sorte sorri aos mais corajosos: abram seus ouvidos. **BM**

Paul Simon
Graceland (1986)

Selo | Warner Bros.
Produção | Paul Simon
Projeto gráfico | Jeffrey Kent Ayeroff
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:43

Graceland é a crise de meia-idade do quarentão Paul Simon. Ao mesmo tempo velho e novo, assinalou uma encruzilhada não só para o cantor como para todos os corações doloridos que tinham perdido a inocência nos anos 60 e, 20 anos depois, procuravam novos caminhos para se reencontrar. Alguns compravam Ferraris; Simon foi para a África do Sul, violando o boicote cultural das Nações Unidas, para fazer um disco que evocaria as tradições musicais de duas culturas e traçaria uma linha divisória entre seu passado e seu futuro musical.

Unindo forças com outros músicos notáveis, como Ladysmith Black Mambazo e Tao Ea Matsekha, Paul Simon conseguiu misturar perfeitamente um estilo tradicional sul-africano, Mbaqanga – cujas estruturas de três acordes e harmonias de acompanhamento o lembravam da música R&B de que gostava quando criança –, com suas próprias melodias pop elegantes. Os ritmos hipnóticos e as linhas de baixo dançam em torno dos gritos zulu em "I Know What I Know"; guitarras graciosas se juntam a acordeões em "Gumboots", e os inesquecíveis lamentos de Ladysmith Black Mambazo em "Homeless" soam como um mapa indo e vindo da cultura africana à americana. Quando o álbum foi posto à venda, as questões políticas negativas em torno de sua criação foram amplamente superadas pela beleza e graça dos seus ritmos, convencendo qualquer ouvinte de que os horrores do apartheid nada tinham a ver com a fraternidade musical. **MO**

Run-DMC | Raising Hell (1986)

Selo | Profile
Produção | Rick Rubin • Russell Simmons
Projeto gráfico | Janet Perr
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:43

O Run DMC entrou para o circuito *mainstream* com este terceiro álbum e, com eles, veio todo o hip-hop. Tendo se associado ao produtor Rick Rubin, um amante do rock, o grupo conseguiu criar um som de fusão que em breve faria dele o primeiro sucesso mundial do rap, assim como o primeiro grupo de hip-hop a aparecer na MTV.

Raising Hell é repleto de faixas clássicas que definem em grande parte aquilo que hoje conhecemos como o estilo "old school" do hip-hop. A reunião da interpretação vocal do duo, caracterizada por um staccato vigoroso, com breaks de rock proveniente de fontes diversas – como "My Sharona" do Knack ("It's Tricky") ou Aerosmith ("Walk This Way") –, criou o rap mais provocante e memorável de todos os tempos. Foi de fato "Walk This Way" que colocou esse novo estilo no circuito *mainstream*: em parceria com o Aerosmith, o Run-DMC tirou o hip-hop dos guetos, apresentando-o para uma audiência branca de classe média, e foi amor à primeira vista.

Muitos pares de tênis novos depois, cortesia da música "My Adidas", *Raising Hell* acabou vendendo mais de três milhões de cópias e levou o trio Reverend Run, Daryl Mac e DJ Jam Master Jay ao estrelato.

Quase todas as músicas deste disco se tornatam clássicos, mas "Peter Piper", "Hit It Run" e a nova versão que fizeram de "Proud To Be Black", de James Brown, merecem uma atenção especial.

A pose de braços cruzados e as roupas características na fotografia da capa também marcavam o estilo urbano e a atitude combativa que prevalecem no hip-hop até hoje. **CR**

"Nós dissemos que era bom e mau."

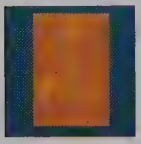
Daryl McDaniels, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Peter Piper** (McDaniels • Simmons)	3:25
▶	02	**It's Tricky** (McDaniels • Mizell • Rubin • Simmons)	3:03
▶	03	**My Adidas** (McDaniels • Rubin • Simmons)	2:47
▶	04	**Walk This Way** (Perry • Tyler)	5:11
	05	**Is It Live** (McDaniels • Mizell • Rubin • Sever • Simmons)	3:06
	06	**Perfection** (McDaniels • Simmons)	2:52
▶	07	**Hit It Run** (McDaniels • Mizell • Rubin • Simmons)	3:10
▶	08	**Raising Hell** (McDaniels • Rubin • Simmons)	5:31
	09	**You Be Illin'** (Mizell • Rubin • Simmons)	3:26
	10	**Dumb Girl** (McDaniels • Simmons)	3:31
	11	**Son Of Byford** (McDaniels • Simmons)	0:27
▶	12	**Proud To Be Black** (Brown • McDaniels • Simmons)	3:14

RUN
DMC
KING OF ROCK

XTC
Skylarking (1986)



Selo | Virgin
Produção | Todd Rundgren
Projeto gráfico | Dave Dragon
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:48

O conflito cria arte? A antipatia mútua entre o líder da banda, Andy Partridge, e o produtor Todd Rundgren era tão profunda que não deixa de ser surpreendente que todos os envolvidos tenham saído do estúdio sem enlouquecer. É também um milagre que a música criada no processo tenha sido tão arrebatadora.

O objetivo era modesto: criar um álbum conceitual que partisse da infância, passasse pelo despertar da sexualidade, o casamento, a velhice e, finalmente, a morte, tudo no período de um dia. Não era exatamente uma abordagem que agradasse aos executivos da gravadora, que estavam colocando pressão no grupo – que não fazia mais turnês devido ao pânico de palco de Partridge – para gerar músicas de sucesso.

O que eles criaram foi uma obra-prima idílica que a *Rolling Stone* classificou como um dos 50 melhores álbuns da década. As primeiras faixas, "Summer's Cauldron" e a idílica "Grass", são sobre uma moleza vaga de verão e cercas vivas zumbindo como insetos, o que não deixa de ser irônico, porque a demo da primeira música foi gravada no frio de janeiro. "The Meeting Place" (com um vídeo inspirado pela série cult de TV *O Prisioneiro*) celebra momentos roubados, e "Season Cycle" é Brian Wilson visto pelo prisma da Inglaterra rural.

Os álbuns conceituais em geral têm problemas porque é preciso seguir uma linha narrativa, algo que muitas vezes ultrapassa a capacidade de composição do artista. Neste disco, contudo, o movimento de verão para outono e depois inverno não tem rupturas – do jazz de "The Man Who Sailed Around His Soul" à carta cáustica ao Todo-Poderoso em "Dear God", passando pelo lamento rústico de "Sacrificial Bonfire". **CB**

Steve Earle
Guitar Town (1986)

Selo | MCA
Produção | Tony Brown • Emory Gordy Jr.
Projeto gráfico | Simon Levy
Nacionalidade | EUA
Duração | 64:59

Guitar Town entrou nas paradas em 1986 e reafirmou a reputação de trovador marginal de Earle. Um rapaz country da cabeça aos pés, incluindo as botas texanas, ele tinha 30 anos e uma longa sucessão de casamentos fracassados, problemas com drogas e questões legais. Já era compositor de sucesso em Nashville, mas, apesar disso, *Guitar Town* não foi muito bem recebido.

Curiosamente foram os críticos de rock que se interessaram pelo álbum, classificando Earle como um dos primeiros cantores de folk-rock – primo ao mesmo tempo de Dwight Yoakam e Bruce Springsteen. As histórias que contava nas suas músicas colocavam-no entre os dois gêneros e apelavam tanto aos amantes do rock quanto aos do folk/country. Ele foi um dos primeiros a desbravar a estrada para o country alternativo, hoje tão bem representado por artistas como Lucinda Williams e Wilco.

Os anos frustrantes como compositor e suas desventuras pessoais lhe deram bastante combustível para essas excelentes músicas. *Guitar Town* é uma expressão altamente eficaz dos pensamentos de um jovem indignado, mas também um retrato da vida na estrada, num tom que oscila entre alegria e advertência.

O álbum também fala sobre a mudança política nos Estados Unidos durante os anos 80, no governo de Ronald Reagan, sobretudo em faixas como "Someday" e "Good Ol' Boy (Gettin' Tough)". Steve soa como um guitarista de rock na hilária faixa-título, que chegou ao primeiro lugar das paradas, e explora habilmente o território country dos corações partidos em "My Old Friend The Blues".

Earle continua gravando discos esplêndidos que narram a sua visão de mundo, mas esta foi a sua melhor viagem ao coração da América. **KC**

Bad Brains
I Against I (1986)

Selo | SST
Produção | Ron St. Germain
Projeto gráfico | Marcia Resnick
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:28

Surgindo na cena musical envolto por uma nuvem de fumaça de marijuana e rastafáris, o Bad Brains foi uma das bandas mais controversas surgidas da rica tradição do punk hardcore de Washington, D.C. Inicialmente vistos por muitos como doidões homofóbicos e fanáticos religiosos, é difícil negar a sua importância e a importância do antológico *I Against I* na história do hardcore norte-americano.

Ainda que a cena hardcore de Washington, D.C. provavelmente continue sendo mais conhecida pelo selo Dischord Records, fundado por Jeff Nelson e Ian McKaye, famosos por sua atuação no Minor Threat, o tempestuoso álbum de estréia dos Bad Brains – lançado apenas em cassete em 1982 – serviu para definir um novo gênero, o hyper-speed-thrash-punk, ainda que o dub reggae fosse uma parte importante da mistura.

I Against I foi o apogeu criativo da banda. As letras do vocalista HR algumas vezes podiam soar simplesmente como baboseira religiosa, mas este trabalho mostrou o talento feroz do cantor. Músicas como "She's Calling You", "Sacred Love" (HR gravou seu vocal por telefone, da cadeia, após ser preso por posse de maconha), "I Against I" e "Return to Heaven" são algumas das letras mais raivosas, provocantes e politicamente carregadas da época. Poucos músicos foram capazes de se igualar aos ritmos intrincados do Bad Brains ou aos solos de guitarra embasbacantes do Dr. Know.

Este grupo ajudou a consolidar a fusão de gêneros musicais tão díspares quanto o pós-punk, o metal, o funk, o reggae e o soul, e seu papel no desenvolvimento de uma linhagem séria de rock negro está representado pelo Living Colours, entre outros. **TSc**

Anita Baker
Rapture (1986)

Selo | Elektra
Produção | Vários
Projeto gráfico | Carol Friedman
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:09

Em meados dos anos 80 não havia muita procura por música soul. Baterias eletrônicas e seqüenciadores tinham enrijecido a música, e a chegada de artistas excessivamente afetados, como Whitney Huston, deixava sem muitas escolhas os amantes da autenticidade e da candura. Anita Baker, uma jovem de Detroit de 29 anos, desafiou as tendências musicais com um álbum tentador: *Rapture*.

Já era versada em gospel e no estilo Motown quando, em 1975, assinou um contrato com o selo Chapter 8, onde teve um sucesso moderado com "I Want To Be Your Girl". Pelo selo de Otis Smith, Beverly Glen Music, ela gravou o sucesso underground *The Songstress* (1983). Um contrato com a Elektra foi o empurrão que faltava para que atingisse o verdadeiro sucesso.

Contando com diversos músicos de estúdio de grande talento, *Rapture* é um álbum digno de uma diva, com uma bela produção e que permanece atual. O produtor e ex-colega do Chapter 8, Michael J. Powell, preparou uma série de versões e faixas originais ideais para a sensual voz de contralto de Baker.

Anita Baker queria cantar apenas músicas de jazz, enquanto Powell queria um R&B suave e com swing. Da negociação entre os dois resultou a intensidade que enche de beleza este trabalho. Dizer que não passa de música de consumo para uma rádio de R&B seria ignorar o preciosismo vocal de Baker – "Sweet Love" tornou-se um grande e irresistível sucesso, enquanto "Been Alone So Long" é um blues lento e meditativo.

As críticas da imprensa musical foram unânimes, e *Rapture* foi um sucesso mundial. A revista inglesa *The Wire* chegou a dizer que "o brilho comercial de *Rapture* não consegue ofuscar sua intensidade emocional transbordante". Contudo, o disco caiu relativamente rápido no esquecimento. **DE**

The Smiths | The Queen Is Dead (1986)

Selo | Rough Trade
Produção | Johnny Marr • Morrissey
Projeto gráfico | Caryn Gough • Morrissey
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:47

The Smiths foi, antes de mais nada, uma banda prolífica. *The Queen Is Dead*, gravado em dezembro de 1985, não foi lançado imediatamente por questões legais, sendo colocado à venda apenas em junho de 1986. Foi o terceiro disco da banda em dois anos (o quarto, se incluirmos a magnífica compilação *Hatful Of Hollow*). Foi também a sua obra-prima.

O que torna este trabalho ainda mais impressionante é que a banda estava passando por muitas dificuldades nessa época. Não tinham um agente fixo (ninguém conseguia suportar a relação próxima entre Morrisey e Johnny Marr), estavam renegociando o contrato com seu selo (o dono do Rough Trade, Geoff Travis, é o "Mr. Shankly" da segunda faixa) e o baixista Andy Rourke estava viciado em heroína. De todos esses conflitos nasceu um álbum assombroso, preciso e hilariante – e tudo isso ao mesmo tempo na primeira música, que é um ataque selvagem, ainda que genial e perspicaz, à família real, incluindo uma avalanche de guitarras sobrepostas (a visão de Marr de um encontro entre MC5 e Velvet Undergound). Há apenas uma música de menor valor – "Never Had No One Ever" –, e mesmo assim ela é bem-vinda, porque permite que o ouvinte se acalme um pouco depois da tripla salva inicial.

Em todo o disco a guitarra de Marr está mais abrasiva e pungente do que nunca e a genialidade de Morrisey como letrista faz com que ele sempre acerte o alvo em cheio, com uma autopiedade perfeitamente formulada. A penúltima música, "There Is A Light...", é um dos momentos mais sublimes da banda, onde a voz melodramática do cantor se liga perfeitamente à guitarra incansável de Marr. O álbum seguinte viria a ser igualmente genial – e também o último. **PW**

"Sabia que tínhamos de produzir algo fabuloso."

Johnny Marr, 2001

Lista de músicas

01	**The Queen Is Dead** (Marr•Morrissey)	6:23
02	**Frankly, Mr. Shankly** (Marr•Morrissey)	2:17
03	**I Know It's Over** (Marr•Morrissey)	5:48
04	**Never Had No One Ever** (Marr•Morrissey)	3:36
05	**Cemetry Gates** (Marr•Morrissey)	2:39
06	**Bigmouth Strikes Again** (Marr•Morrissey)	3:12
07	**The Boy With The Thorn In His Side** (Marr•Morrissey)	3:15
08	**Vicar In A Tutu** (Marr•Morrissey)	2:21
09	**There Is A Light That Never Goes Out** (Marr•Morrissey)	4:02
10	**Some Girls Are Bigger Than Others** (Marr•Morrissey)	3:14

SALFORD LADS
CLUB

Peter Gabriel | So (1986)

Selo | Virgin
Produção | Peter Gabriel • Daniel Lanois
Projeto gráfico | Peter Saville
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:30

Beleza detalhada ou galinhas dançantes? Infelizmente, foi a última opção que fez com que Peter Gabriel passasse de "artista" a "celebridade". Mas ainda que a ubiqüidade do videoclipe de "Sledgehammer" tenha se sobreposto ao brilho e à genialidade da música, o álbum que a contém é maravilhoso.

Peter Gabriel não era um novato e sabia como criar grandes músicas. Seus primeiros quatro discos solo estão cheios de músicas fascinantes, mas os momentos de glória anteriores muitas vezes estavam ocultos em meio à experimentação lírica e musical.

A delicadeza da percussão, a sofisticação dos teclados e as belas linhas de baixo fazem de "Red Rain" e "Mercy Street" (dedicada à poeta americana Anne Sexton) duas faixas admiráveis. Das músicas mais épicas, o dueto com Kate Bush em "Don't Give Up" é de fazer qualquer um chorar, e "In Your Eyes" ficou famosa depois de ser usada no filme de John Cusack *Digam O Que Quiserem*.

"In Your Eyes" também serviu como apresentação internacional do cantor senegalês Youssou N'Dour. O compromisso de Gabriel com a world music impregnou a atmosfera do quinto álbum e continua presente em seus trabalhos mais recentes. Entre outros nomes que participaram do disco está o de Laurie Anderson, que faria uma versão de "This Is The Picture" em seu *Mister Heartbreak*.

Independente de seu título esquisito ("belo formato, mas com pouco significado", disse Gabriel à *Rolling Stone*) e uma capa que, uma vez na vida, mostrava o belo visual do cantor, *So* disparou e gerou vendas multimilionárias. Depois vieram outros álbuns excelentes, mas *So* é, sem dúvida, a melhor introdução à fantástica discografia de Peter Gabriel. **BM**

"Tentava me esconder de algumas coisas, tanto pessoais quanto em relação à minha música... foi parte do processo de sair do esconderijo."

Peter Gabriel, 1987

Lista de músicas

01	**Red Rain**	(Gabriel)	5:40
▶ 02	**Sledgehammer**	(Gabriel)	5:13
▶ 03	**Don't Give Up**	(Gabriel)	6:33
04	**That Voice Again**	(Gabriel • Rhodes)	4:53
05	**Mercy Street**	(Gabriel)	6:23
06	**Big Time**	(Gabriel)	4:29
07	**We Do What We're Told (Milgram's 37)**	(Gabriel)	3:22
08	**This Is The Picture (Excellent Birds)**	(Anderson • Gabriel)	4:25
▶ 09	**In Your Eyes**	(Gabriel)	5:30

Anthrax | Among The Living (1987)

Selo | Island
Produção | Anthrax • Eddie Kramer
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 50:13

Tal como os outros "quatro grandes" do thrash metal – Metallica, Megadeth e Slayer, todos eles com discos dos anos 80 citados neste livro –, o nova-iorquino Anthrax também atingiu sucesso artístico, crítico e comercial com o terceiro trabalho, *Among The Living*. Tinham encontrado a medida perfeita de velocidade que deixava os fãs do thrash radiantes – uma receita que só o Slayer continuou a seguir até os anos 90. O Anthrax criou músicas completamente imprevisíveis e conseguiu um som único: este álbum foi um grande sucesso porque, entre outras coisas, reconheceu a importância do movimento rap-rock sem se curvar a ele. Vestidos com roupas oferecidas pela Vision Streetwear – uma marca de roupas de hip-hop existente antes mesmo que P. Diddy pudesse ter essa idéia – e fazendo poses de rap popositadamente ridículas, proto-Beastie Boys, a banda gerou um desconforto entre alguns de seus fãs amantes de tachinhas-e-couro, mas as críticas pararam quando o som começou.

"Among The Living" é uma demonstração de força em tempo médio e uma abertura excelente, mas as músicas que continuam se impondo no cânone atual do thrash são "Caught In A Mosh", com uma velocidade impressionante e refrão inesquecível – "Which one of these words don't you understand / Talking to you is like clapping with one hand!" ("Qual dessas palavras você não entende / Falar com você é como bater palmas com uma mão!") –, e a igualmente fascinante "NFL". O álbum se sustenta no guitarrista de base Scott "Not" Ian, cuja tonalidade estridente e supertensa tornava o som do Anthrax imediatamente reconhecível, e no baterista Charlie Benante, um músico poderoso cujas rapidez e precisão são igualadas entre seus contemporâneos apenas por Dave Lombard, do Slayer, e Pete Sandoval, do Morbid Angel.

É impossível escapar à nostalgia suscitada pelas obras-primas da era de ouro do thrash e esta se inclui entre as melhores. **JM**

"Eu me tornei um músico porque queria pegar numa guitarra e tocar. Não foi pelo sexo!"

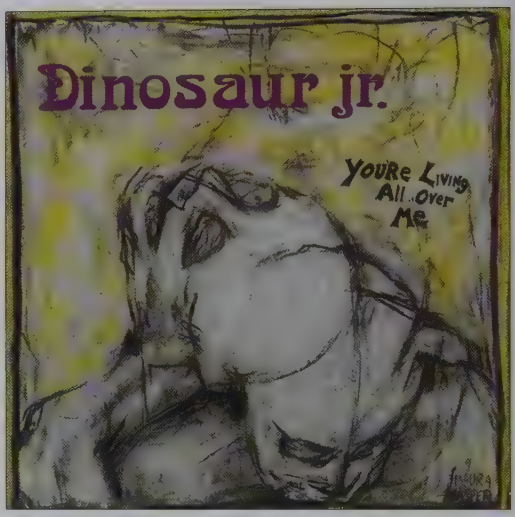
Scott Ian, 2005

Lista de músicas

01	**Among The Living**	(Anthrax)	5:16
▶ 02	**Caught In A Mosh**	(Anthrax)	4:59
▶ 03	**I Am The Law**	(Anthrax•Lilker)	5:57
▶ 04	**Efilnikufesin (NFL)**	(Anthrax)	4:54
05	**Skeleton In The Closet**	(Anthrax)	5:32
06	**Indians**	(Anthrax)	5:40
07	**One World**	(Anthrax)	5:56
08	**ADI/Horror Of It All**	(Anthrax)	7:49
09	**Imitation Of Life**	(Anthrax•Lilker)	4:10

Dinosaur Jr.
You're Living All Over Me (1987)

Selo | SST
Produção | Vários
Projeto gráfico | Maura Jasper
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:21



Com seu título retirado de algo que J. Macis vociferou durante uma de suas explosões de raiva dentro de um ônibus de turnê, *You're Living All Over Me* captou toda a essência da besta turbulenta e disfuncional que era o Dinosaur Jr. no ponto mais alto de sua carreira. Puxado por choques intensos entre o altivo e arredio guitarrista Mascis e o emotivo baixista Lou Barlow, a fusão apaixonada do Dinosaur Jr. de riffs, de heavy, melodias country e ruído pós-punk era uma mistura volátil e explosiva, tal como o grupo.

A música de abertura é "Little Fury Things" (com a colaboração do "Dino-fã" Lee Ranaldo, do Sonic Youth, nos backing vocals), uma declaração de intenções: dar ao rock formas novas e mais radicais, até que seus clichês voltassem a ser expressivos novamente. Assim, "Sludgefeast" apresenta fantasias sonhadoras sobre riffs pesados inspirados no Black Sabbath, enquanto "The Lung" eleva uma pequena e tola cantiga ao status de rock alternativo no estilo do Lynyrd Skynyrd graças aos solos fluidos e vigorosos de Mascis. No restante do álbum, o Dinosaur explora territórios de influência industrial: muros de ruído engolem a sonolenta "Tarpit". Das duas músicas de Barlow, o folk viajante de "Poledo" foi composto na solidão da sua casa. "Tinha começado a fumar um baseado" – disse o baixista – "e tudo estava soando maravilhosamente bem!"

Na turnê que se seguiu ao lançamento, as tensões internas chegaram a extremos insuportáveis. Em 1988, *Bug* foi lançado, mas foi o último trabalho do grupo. Durante os valiosos 40 minutos de *You're Living All Over Me*, contudo, a banda conseguiu produzir uma bela – ainda que passageira – harmonia. **SC**

"Chegamos ao auge, tínhamos conseguido tudo o que pretendíamos como banda."

Lou Barlow, 2005

Lista de músicas

▶	01	**Little Fury Things** (Mascis)	3:05
	02	**Kracked** (Mascis)	2:51
▶	03	**Sludgefeast** (Mascis)	5:14
▶	04	**The Lung** (Mascis)	3:51
	05	**Raisans** (Mascis)	3:48
	06	**Tarpit** (Mascis)	4:33
▶	07	**In A Jar** (Mascis)	3:26
	08	**Lose** (Barlow)	3:08
	09	**Poledo** (Barlow)	5:40

Dolly Parton, Linda Ronstadt, Emmylou Harris
Trio (1987)

Selo | Warner Bros.
Produção | George Massenburg
Projeto gráfico | Kosh
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:24

Embora muitas vezes cantores country se juntem para gravar singles de sucesso, poucas colaborações entre grandes estrelas geraram bons álbuns inteiros. Contudo, a formidável equipe formada por Dolly Parton, Linda Ronstadt e Emmylou Harris conseguiu criar um som gloriosamente harmônico neste fascinante *Trio*.

O disco não poderia ter saído em época melhor para Parton e Ronstadt. Parton tinha passado grande parte dos anos 80 cortejando o grande público com reluzentes canções pop como "Islands In The Stream". Ronstadt tinha se afastado de suas raízes na cena country-folk de Los Angeles e estava gravando standards do pop. Nenhuma das duas podia se queixar de sua situação econômica – *What's New*, de Linda Ronstadt, vendeu dois milhões de cópias, e Dolly Parton conseguiu colocar 12 hits no Top 10 em cinco anos –, mas ambas tinham perdido algo... Talvez fosse a autenticidade de seus primeiros trabalhos, algo que as duas iriam recuperar quando entraram em estúdio com Emmylou Harris, uma das cantoras de Nashville mais constantes de todos os tempos.

Acompanhadas por uma banda coesa na qual figuravam David Lindley e Ry Cooder, as três superestrelas fundiram as suas vozes intuitivamente nesta brilhante colaboração de country old-school, faixas tradicionais de tom solene e baladas pop. Ainda que muitos solos se destaquem, o melhor do álbum são as belas harmonias encontradas em "Making Plans" e a glória discreta de "To Know Him Is To Love Him", música de Phil Spector.

Trio foi um sucesso comercial e de crítica. Ganhou um disco de platina, um Grammy e gerou uma continuação anos mais tarde, *Trio II*, de 1998. **JiH**

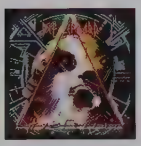
"Para alguns, eu cometi muitos erros."

Dolly Parton, 2002

Lista de músicas

01	**The Pain Of Loving You**	(Parton•Wagoner)	2:33
▶ 02	**Making Plans**	(Morrison•Russell)	3:26
▶ 03	**To Know Him Is To Love Him**	(Spector)	3:47
04	**Hobo's Meditation**	(Rodgers)	3:16
05	**Wildflowers**	(Parton)	3:35
▶ 06	**Telling Me Lies**	(Cook•Thompson)	4:22
07	**My Dear Companion**	(Ritchie)	2:53
▶ 08	**Those Memories Of You**	(O'Bryant)	3:55
09	**I've Had Enough**	(McGarrigle)	3:27
10	**Rosewood Casket**	(Trad.)	3:03
11	**Farther Along**	(Trad.)	4:07

Def Leppard
Hysteria (1987)



Selo | Bludgeon Riffola
Produção | Robert John Lange
Projeto gráfico | Andie Airfix
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 61:52

Depois do disco múltiplo de platina obtido com *Pyromania* em 1983, o cantor Joe Elliot, os guitarristas Steve Clark e Phil Collen, o baixista Rick Savage e o baterista Rick Allen viajaram até Dublin com o produtor Robert John "Mutt" Lange, que – exausto – abandonou a banda. Foi então substituído por Jim Steinman, produtor do Meatloaf, mas ele e a banda eram incompatíveis. "Eu dizia como era maravilhoso estarmos na cidade de Yeats e Joyce" – disse Steinman – "e Joe Elliot respondia que não havia conhecido nenhum músico local ainda."

Na noite de Ano Novo, Allen perdeu um braço num acidente de carro. Os seus companheiros continuaram as gravações com o técnico Nigel Green e Allen retornou em abril, voltando à banda para tocar um kit de bateria eletrônica adaptado à sua nova condição. Ao mesmo tempo, Lange também regressou, dando um brilho técnico a *Hysteria*, um título sugerido por Allen. Lange apagou todas as fitas e começaram do zero. Após uma performance muito boa no festival Monsters of Rock, na Inglaterra – "Nunca tinha visto tantas pessoas acenando no ritmo da música!", lembra-se Allen –, *Hysteria* ficou pronto em janeiro de 1987.

Sete sucessos nos EUA demonstraram que tinham investido bem o seu tempo. "Women" comprovou que o Def Leppard tinha mais peso do que nunca. As bem-acabadas "Animal" e "Hysteria" criavam um crescendo e então o hino dos clubes de strip-tease, "Pour Some Sugar On Me", explodia em um momento de genialidade. "O disco começou a vender quase um milhão de cópias por mês" – disse Elliot, feliz (as vendas nos EUA chegaram a 12 milhões). A agridoce "Love Bites" coroou as listas de vendas, e as irônicas "Armageddon It" e "Rocket" deram o empurrão final: *Hysteria* deixou sua marca na história do rock. **TJ**

R.E.M.
Document (1987)

Selo | IRS
Produção | Scott Litt
Projeto gráfico | Ron Scarselli
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:52

No início dos anos 80, quando o R.E.M. era simplesmente uma banda e não uma lenda, o som modulado de suas guitarras atraiu um número respeitável de fãs. Mas foi depois do lançamento do seu quinto álbum, *Document*, em 1987, que Michael Stipe, Peter Buck, Bill Berry e Mike Mills anunciaram os seus planos para mudar o mundo.

O primeiro verso já diz tudo: "The time to rise / has been engaged" ("O tempo de nos rebelar / já começou"). "Finest Worksong", impulsionada pelo ritmo do baixo e com um refrão pronto para estádios cheios de fãs, inicia aquele que é talvez o último grande lado A da era do vinil. Há uma sucessão de músicas fantásticas, do pop poderoso de "Exhuming McCarthy" à associação livre de palavras em "It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)". Os verdadeiros fãs sabem essa música de cor – os demais fingem que sabem.

A segunda metade começa com o primeiro grande sucesso do R.E.M., "The One I Love", uma música que se resume a uma frase repetida e a um refrão de uma só palavra. Foi o suficiente para que se tornassem um grupo de sucesso em seu país e serviu para que o rock alternativo do final dos anos 80 chegasse ao grande público. A partir daí, o álbum segue para territórios mais estranhos, com a valsa de "Fireplace" e a balada hipnótica "King Of Birds".

Document foi o primeiro dos muitos discos clássicos do grupo produzidos por Scott Litt. Os murmúrios indecifráveis de Stipe se foram. Em seu lugar havia agora imagens intrigantes como o refrão de "Exhuming McCarthy" – "You're sharpening stones / walking on coals / to improve your business acumen" ("Você está afiando pedras / andando sobre brasa / para melhorar seu faro para negócios").

Depois de *Document*, o mundo inteiro conhecia o R.E.M. O álbum continua genial, influenciando tantos outros. **RM**

Prince
Sign O'The Times (1987)

Selo | Warner Bros.
Produção | Prince
Projeto gráfico | Laura LiPuma
Nacionalidade | EUA
Duração | 80:03

Um mistério rodeia este álbum. Por que vendeu menos que *Diamonds And Pearls*, claramente inferior? O que "Starfish and Coffee" significa? E por que, depois de tanto pensar e repensar, a música "It" sobreviveu e foi parar no disco?

São os caprichos de um gênio. *Sign...* começou como *Dream Factory* no início de 1986, mas foi abandonado quando Prince descartou tanto a sua musa Susannah Melvoin quanto a sua banda, The Revolutions. No final daquele ano ele gravou um álbum sob o seu pseudônimo Camille e preparou um álbum triplo intitulado *Crystal Ball* (a história completa e fascinante pode ser encontrada no livro de Per Nilsen *DanceMusicSexRomance*).

Irritados com a queda nas vendas de Prince desde *Purple Rain*, a Warner negou-se a lançar um álbum triplo, obrigando-o a escolher algumas músicas dentre as que haviam sido gravadas no ano anterior. O resultado desafia qualquer classificação, indo de um funk triturante a um soul de motel, com homenagens a ídolos como Joni Mitchel e Sly Stone. A imaginação está solta. A surrealmente jazzística "Ballad Of Dorothy Parker", a extasiante e peculiar "If I Was Your Girlfriend" – em 1987, nenhum dos contemporâneos de Prince tinha ampliado tanto os limites com resultados tão bons. O álbum também equilibra perfeitamente a seriedade com o besteirol: a evangélica "The Cross" vem antes do rap de Sheila E. sobre o poema de Edward Lear – "The Table And The Chair" – em "It's Gonna Be A Beautiful Night".

"Sempre disse", afirmou Prince à MTV, "que um dia eu tocaria todos os tipos de música e não seria julgado pela cor da minha pele, e sim pela qualidade de meu trabalho." Vendas à parte, este foi o álbum em que ele conseguiu realizar essa ambição. **BM**

The Cult
Electric (1987)

Selo | Beggars Banquet
Produção | Rick Rubin
Projeto gráfico | Keith Breeden
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:46

Este é um disco preciso, sem ornamentações, cheio de riffs tirados das prateleiras onde estavam os nomes Jimmy Page e Angus Young. *Electric* é o som do The Cult depois de abandonar suas raízes góticas e indies e fazer uma memorável tentativa de atingir um público capaz de lotar estádios. Sob o controle firme do extraordinário headbanger Rick Rubin, a audaciosa virada da banda foi um sucesso em todos os sentidos, elevando o cantor Ian Astbury, o guitarrista Billy Duffy, o baixista Jamie Stewart e o baterista Les Warner ao ápice de suas carreiras. Os jovens dos subúrbios britânicos ouviram *Electric* e descobriram que o rock com atitude não era privilégio dos americanos.

Ainda que as principais características de *Electric* – Astbury deformando "Yee-aah!", os riffs cortantes de Duffy e a capa escandalosa (uma homenagem às capas dos LPs do Grateful Dead criadas por Rick Griffin' nos anos 60) – possam parecer ultrapassadas hoje, o álbum ainda se mantém de pé graças à sua formidável lista de singles. "Lil' Devil" baseava-se num riff contagiante, enquanto "Love Removal Machine" é o som da cena independente deixando crescer seu cabelo e roubando uma guitarra Les Paul. "Aphrodisiac Jacket" representa o lado mais indie da banda. Musicalmente, Duffy, o compositor principal, estava conseguindo "cometer o crime perfeito", tendo baseado as duas músicas numa progressão de acordes trivial, ré/dó/sol, como tinha feito no álbum anterior com "Rain" e "She Sells Sanctuary".

"Deixem de lado a cena musical independente inglesa e vamos fazer rock!" – disse Rubin na época. Embora esse grito de guerra em particular tenha sido abusado a ponto de se tornar uma paródia, no caso deste álbum foi totalmente adequado. **JM**

Depeche Mode | Music For The Masses (1987)

Selo | Mute
Produção | Depeche Mode • David Bascombe
Projeto gráfico | Town And Country Planning
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:32

Os criadores de synth-pop para tolos tornaram-se capazes de sacudir o concreto de estádios! Muros caem e Marilyn Manson nasce! Ah, e não deixemos de mencionar que eles inventaram a house music.

Tudo bem... isso não é totalmente verdadeiro, mas foi com este álbum que o Depeche Mode se despediu de um eletropop embrionário e abraçou o som que viria a inspirar tanto os góticos quanto os pioneiros da música dance. O álbum anterior, *Black Celebration*, chegou bem perto, mas a produção hesitante fez com que seus momentos dramáticos soassem um pouco ridículos. Por outro lado, *Music For The Masses* cola você contra a parede assim que "Never Let Me Down Again" é projetado dos alto-falantes.

A fúria do álbum nunca perde a intensidade, mas o ritmo varia um pouco, da alegre e ritmada "The Things You Said" para a introspectiva "Little 15" e também, já evidenciando as seqüências incessantes que iriam alimentar o house, a lasciva "Behind the Wheel". A música extra que seria incluída no CD, "Pleasure, Little Pleasure", vai mais além, partindo de um estilo dance para uma antevisão do que mais tarde se tornaria o glam rock de "Personal Jesus", cooptado por Marilyn Manson. Completando esta sucessão de contrastes temos a vigorosa e irrequieta "Nothing" e "Pimpf", que termina com "Mission Impossible", não listada nos créditos.

Na Inglaterra a banda continuou a ser classificada como uma estrela peculiar do pop. No restante da Europa e nos Estados Unidos, contudo, deixaram de ser outra banda "Pretty in Pink" ("bonitinhos de rosa" – as palavras são de Neil Tennant, dos Pet Shop Boys) para se converter em verdadeiros heróis (de onde surgiu o colossal disco ao vivo de 1988, *101*), algo que eles não haviam previsto, apesar do título do álbum e da mensagem em seu encarte – "Divulgando as notícias em todo o mundo". **BM**

"Os americanos, mais do que qualquer outro povo, tiveram que agüentar 10 anos de reedições do Toto... nós aparecemos no momento certo."

Martin Gore, 1990

Lista de músicas		
01	**Never Let Me Down Again** (Gore)	4:48
02	**The Things You Said** (Gore)	4:03
03	**Strangelove** (Gore)	4:57
04	**Sacred** (Gore)	4:47
05	**Little 15** (Gore)	4:19
06	**Behind The Wheel** (Gore)	5:18
07	**I Want You Now** (Gore)	3:45
08	**To Have And To Hold** (Gore)	2:51
09	**Nothing** (Gore)	4:18
10	**Pimpf** (Gore)	5:26

The Sisters Of Mercy | Floodland (1987)

Selo | Merciful Release / WEA
Produção | L. Alexander • A. Eldritch • J. Steinman
Projeto gráfico | Andrew Eldritch
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 49:24

Não deixa de ser estranho que uma das bandas mais representativas e influentes do rock gótico tenha gravado apenas três álbuns de estúdio em 25 anos de carreira. Em *Floodland*, o segundo álbum do Sisters Of Mercy, todos os elementos se conjugaram. É um trabalho majestoso, impregnado de um encanto irresistível.

O líder enigmático dos Sisters Of Mercy, Andrew Eldritch, afirmou que tinha gravado o disco por conta própria contando apenas com a colaboração da baixista Patricia Morrison (ex-Gun Club) e de uma bateria eletrônica apelidada de Doktor Avalanche. (Eldritch depois alegou que Morrison não havia tocado uma só nota no disco e que só pegou no baixo para gravar os vídeos.) Faixas como "Dominion/Mother Russia" e "The Corrosion" soam amplas e exuberantes, com um toque dramático acrescentado pelo produtor do Meat Loaf, Jim Steinman, e movidas por pesadas batidas eletrônicas. (As duas faixas trazem a New York Choral Society.) "Flood I" se afunda em profundezas da desesperança. Em contraste com o panorama aberto da maioria das faixas, a melancólica "1959" usa apenas piano e voz.

Quando o álbum foi posto à venda, o gótico já tinha chamado a atenção do grande público. Foram extraídos três singles do álbum e todos alcançaram boas posições na parada de vendas. A imagem foi sempre tão crucial para o Sisters quanto a própria música, e os videoclipes de divulgação ajudaram a sublinhar as imagens teatrais do álbum.

Em entrevistas, ficou bastante claro que Eldritch está muito consciente do lado engraçado da banda, apesar de a legião de fãs jamais ter reconhecido isso. Esse paradoxo nunca foi tão claro quanto em *Floodland*, que de alguma forma consegue ser irônico e profundamente comovente ao mesmo tempo. **AET**

"Parecia boa idéia, na época, ter 40 pessoas cantando em coro. Não faço idéia do porquê."

Andrew Eldritch, 1987

Lista de músicas

▶	01	**Dominion/Mother Russia** (Eldritch)	7:01
▶	02	**Flood I** (Eldritch)	6:22
	03	**Lucretia My Reflection** (Eldritch)	4:57
▶	04	**1959** (Eldritch)	4:09
▶	05	**This Corrosion** (Eldritch)	10:55
	06	**Flood II** (Eldritch)	6:47
	07	**Driven Like The Snow** (Eldritch)	6:27
	08	**Never Land (A Fragment)** (Eldritch)	2:46

George Michael | Faith (1987)

Selo | Columbia
Producer | George Michael
Produção | George Michael • Stylorouge
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 57:58

Desde que o Wham! realizou o show de despedida diante de 72.000 fãs no estádio de Wembley, em 1986, não era preciso ser muito perspicaz para adivinhar que George Michael seguiria uma bem-sucedida carreira solo. Ele era o compositor e cantor principal e possuía o belo rosto que milhões de jovens haviam colado na parede de seus quartos. Com o álbum *Faith,* ele conseguiu ultrapassar todas as expectativas.

O disco vendeu 10 milhões de cópias em todo o mundo (foi o primeiro álbum de um artista branco a chegar ao primeiro lugar na parada norte-americana de R&B) e gerou sete singles triunfantes que colocaram George Michael na mesma estratosfera de celebridades onde se encontravam Michael Jackson, Madonna e Prince. Tanto a comunidade gay quanto os heterossexuais adaptaram o visual da barba por fazer, roupa de couro e brinco como na foto de George Michael na capa.

Faith abria de forma quase teatral, com um órgão de igreja tocando um fragmento de uma música do Wham!, "Freedom", como se fosse um funeral para um amigo, e depois a contagiante faixa-título segue em frente na levada do violão de Bo Diddley. O clima muda subitamente quando o cantor entra na romântica "Father Figure" e depois se agita novamente na controversa "I Want Your Sex, Pts 1 & 2". Três músicas – apenas isso – foi o que George Michael precisou para deixar para trás seu passado de músicas tolas.

A grandeza do álbum residia no modo como ele combinava, sem esforço, pop, dance e R&B num som único. O fato de, ainda hoje, a maior parte dessas músicas apresentar uma qualidade superior a grande parte do que é tocado nas rádios justifica e comprova a grandeza de *Faith*. **JiH**

"A indústria da música funciona à base de ego, vaidade e auto-satisfação. É besteira fingir que não é assim."

George Michael, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Faith** (Michael)	3:16
▶	02	**Father Figure** (Michael)	5:36
▶	03	**I Want Your Sex, Pts. 1 & 2** (Michael)	9:17
	04	**One More Try** (Michael)	5:50
	05	**Hard Day** (Michael)	4:48
	06	**Hand To Mouth** (Michael)	4:36
	07	**Look At Your Hands** (Austin • Michael)	4:37
	08	**Monkey** (Michael)	5:05
▶	09	**Kissing A Fool** (Michael)	4:35
	10	**Hard Day (Shep Pettibone Remix)** (Michael)	6:30
	11	**A Last Request (I Want Your Sex, Pt. 3)** (Michael)	3:48

Hüsker Dü
Warehouse: Songs And Stories (1987)

Selo | Warner Bros.
Produção | Grant Hart • Bob Mould
Projeto gráfico | Daniel Corrigan
Nacionalidade | EUA
Duração | 69:39

Muitas vezes o reconhecimento crítico também significa que um disco é impossível de ouvir. Era isso que ocorria com o hardcore inicialmente produzido pelos Hüsker Dü. Em 1985, contudo, esses rapazes trocaram a velocidade por composições de qualidade e desenvolveram um som que traçaria o caminho para toda uma geração. Esse som – guitarras furiosas, baterias implacáveis e ganchos no melhor estilo Beatles – foi sendo refinado ao longo dos dois anos que se seguiram. "Chegou a ser um ritual", afirmou o baterista Bob Mould. "[*Warehouse*] era exatamente igual aos três álbuns anteriores."

De certa forma, tinha razão. O disco diferencia-se de *Candy Apple Grey* (1986) por ser mais longo e ter uma capa mais bonita. Mas *Warehouse* é um testemunho admirável do que pode ser feito quando as grandes forças motrizes de um grupo – neste caso, Mould e o baterista Grant Hart – têm aversão um ao outro.

Mould ganhou no número de músicas (11 contra 9 do seu rival), tendo se recusado – segundo Hart – a que cada um compusesse exatamente a metade. Hart trouxe mais diversidade, graças à solene "Charity, Chastity, Prudence, And Hope", "She Floated Away", o rock "Actual Condition" e a furiosa "You Can Live At Home".

Mas Mould também tinha algumas pérolas: "Could You Be The One?" antecipa-se à sensibilidade pop que ele iria trabalhar em sua próxima banda, o Sugar. A melhor e mais ilustrativa é "Friend, You've Got To Fall", um golpe baixo de Mould para criticar o entusiasmo de Hart em relação à heroína.

O grupo dissolveu-se durante a turnê deste disco e as feridas continuam abertas. Não poderiam ter tido um epitáfio melhor. **BM**

Butthole Surfers
Locust Abortion Technician (1987)

Selo | Touch And Go
Produção | Paul Leary
Projeto gráfico | The Butthole Surfers
Nacionalidade | EUA
Duração | 32:34

Durante os anos 80, a comunidade hardcore e punk dos EUA parecia estar imersa em uma competição acirrada para ver quem conseguia o som mais radical. Ninguém se igualou aos Butthole Surfers.

Neste disco, tudo é incorreto. Ele começa com uma exuberante seção de cordas enquanto um menino pergunta a seu pai o que é arrependimento. O pai dá a resposta: "it's better to regret something you have done than something you haven't" ("é melhor se arrepender de algo que você fez do que daquilo que deixou de fazer"), antes de gritar "Satan! Satan!" ao mesmo tempo que a banda entra em uma anárquica desconstrução do riff de "Sweet Leaf", do Black Sabbath. Em "22 Going On 23", um riff de guitarra similar a um *delirium tremens* e percussões tribais servem de base para uma ouvinte contando, em um programa de rádio ao vivo, como foi estuprada. Apenas "Human Cannonball" soa como uma música mais ou menos normal: uma injeção de três minutos e meio de adrenalina para deixar claro que a banda podia fazer punk rock com estilo se quisesse. Eles apenas tinham decidido que não queriam.

A arte da capa é altamente indicativa das múltiplas perversões naturais dos Butthole Surfers. O fato de o grupo ser obcecado por John Wayne Gacy (um maníaco pedófilo e assassino psicopata), combinado com o título do álbum, deixa claro que este trabalho não tem nada de inocente.

É fato que, antes de 1987, não houve outro disco tão pesado ou estranho quanto este e muitos dirão que até hoje nada mudou. **JDo**

Astor Piazzolla And Gary Burton
The New Tango (1987)

Selo | Atlantic
Produção | Nesuhi Ertegun
Projeto gráfico | Georges Braunschweig
Nacionalidade | Argentina • EUA
Duração | 55:02

Deve ter sido uma experiência fantástica estar no festival de Montreux em julho de 1986 e presenciar o encontro de Astor Piazzolla – o fantástico compositor argentino e intérprete de bandoneón – com Gary Burton, aclamado vibrafonista e compositor norte-americano. O ponto alto foi a *Suite For Vibrafone And New Tango Quintet*.

The New Tango é a gravação ao vivo dessa obra de arte e uma de suas melhores apresentações de todos os tempos. Cada uma das peças é uma maravilha impressionista em que as tonalidades de drama e a melancolia que definem este trabalho se juntam às várias linhas tecidas pelo jogo de improvisos dos instrumentistas, algo indispensável ao jazz. Quando se acrescenta a sensibilidade contemporânea para dissonâncias e tempos pouco comuns, o resultado é um disco iluminado, do qual a banda de Piazzolla participa criando um brilhante acompanhamento.

O violino triste de Fernando Suarez Paz, que proporciona uma importante textura de som e emoção ao quinteto, destaca-se especialmente em "Milonga Is Coming". "Vibraphonissimo" é uma música original de Piazzolla criada para Burton com um tema angular e uma tonalidade de música clássica. "Nuevo Tango" possui um pulso energético com seu tempo e melodia intensos, mas suas alterações de ritmo possuem classe, demonstrando a coesão intuitiva do grupo.

Quando Piazzolla começou a transformar o tango mais de 30 anos antes, provocou protestos violentos por parte dos tradicionalistas. Piazzolla morreu em 1992, mas este álbum permanecerá como um monumento à liberdade musical. **JCV**

The Smiths
"Strangeways, Here We Come" (1987)

Selo | Rough Trade
Produção | The Smiths • Stephen Street
Projeto gráfico | Caryn Gough • Morrissey
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:53

Após ter assinado contrato com a EMI, "*Strangeways Here We Come*" (o nome se refere a uma conhecida prisão em Manchester) foi gravado para cumprir uma obrigação contratual com o selo independente britânico Rough Trade. Contudo, desentendimentos quanto ao agenciamento da banda e o rumo a seguir estavam afetando a parceria entre Morrissey e Marr.

As raízes irlandesas de Morrissey são exploradas no feroz grito de guerra de "A Rush And A Push". Por outro lado, a guitarra glam de Marr em "I Started Something" antecipava o futuro trabalho solo de Morrissey com Mick Ronson. Outros bons momentos incluem a alegre música "Unhappy Birthday", a autoparódia de "Stop Me If You Think You've Heard This One Before" e a dramática "Last Night I Dreamt That Somebody Loved Me", com sua angustiante e longa introdução apoiada por um piano soturno e pelos sons de multidões brigando. O ataque de Morrissey à indústria fonográfica em "Paint A Vulgar Picture", com seu refrão amargo de "Re-issue! Repackage!" ("Relançamento! Novo formato!"), soa ainda mais irônico frente às inúmeras compilações dos Smiths e de Morrissey que foram lançadas desde então. A última música, a comovente "I Won't Share You", supostamente fez com que o baterista Mike Joyce tivesse um ataque de choro.

"Girlfriend In A Coma", um exemplo clássico da inteligência cortante de Morrissey, foi lançada como um single na semana em que o grupo anunciou sua dissolução. Em meio ao drama dessa separação, o álbum não recebeu a atenção devida. Apesar de menos aclamado que os trabalhos anteriores, "*Strangeways Here We Come*" é um epitáfio nobre para uma das maiores bandas britânicas. **CSh**

Guns N' Roses | Appetite For Destruction (1987)

Selo | Geffen
Produção | Mike Clink
Projeto gráfico | Michael Hodgson
Nacionalidade | EUA
Duração | 53:49

Vestidos com trapos e encharcados em drogas, Hanoi Rocks era Stones e Sex Pistols em uma só banda, adorada pelos fãs e pelos críticos em busca de novidades. Fizeram um pequeno furor e depois sumiram. Dentre os poucos que se lembravam deles estavam o vocalista Axl Rose e o guitarrista Izzy Stradlin, que recrutaram o guitarrista Slash, o baixista Duff McKagan, discípulo de Johnny Thunders, e o baterista tranqüilão Steve Adler.

Os Gun N'Roses brilharam mais do que alguns dos seus contemporâneos, como o Faster Pussycat, em parte porque, desde Van Halen, não havia surgido uma mistura de personagens tão carismáticos (sobretudo o imprevisível Axl e o mestre dos riffs, Slash) que investissem em seus clichês com tamanho vigor; em parte porque a capa, por si só, com a imagem do robô estuprador criada por Robert William, havia causado furor (sendo substituída, em seguida, pela tatuagem de uma cruz de Bill White Jr. e Andy Engell) e em parte porque a MTV amamentou os jovens da América com videoclipes de "Welcome To The Jungle" e "Sweet Child O' Mine", que chegou ao primeiro lugar nas paradas dos Estados Unidos. Ah, e porque as músicas são incríveis. Quase todas, não importa o que esteja nos créditos, nasceram na cabeça de Stradlin, que dizia que "o rock 'n' roll, em geral, não fez mais do que ficar de sacanagem desde os Pistols" e, por isso, trouxe de volta a vulgaridade obscena que distinguia o Aerosmith, ancestral do Guns N' Roses, de seus contemporâneos.

O ímpeto punk de McKagan está por trás de "It's So Easy", "Nightrain" e "Paradise City" (outro single que foi parar no Top 5 dos Estados Unidos), enquanto Slash e Axl cuspiam versos afiados como navalhas em "Welcome To The Jungle" e "Rocket Queen".

Eles pareciam *cool*, falavam muitos palavrões, brigavam e – é preciso admitir – eram roqueiros da pesada. Era uma viagem e tanto e esse suvenir, que vendeu 15 milhões de cópias só nos Estados Unidos, vai durar para sempre. **BM**

"Todos querem ter este disco porque não é completamente seguro..."

Slash, 1988

Lista de músicas

▶	01	**Welcome To The Jungle** (Guns N' Roses)	4:34
	02	**It's So Easy** (Guns N' Roses)	3:23
	03	**Nightrain** (Guns N' Roses)	4:28
	04	**Out Ta Get Me** (Guns N' Roses)	4:24
	05	**Mr. Brownstone** (Guns N' Roses)	3:49
▶	06	**Paradise City** (Guns N' Roses)	6:46
	07	**My Michelle** (Guns N' Roses)	3:40
	08	**Think About You** (Guns N' Roses)	3:52
▶	09	**Sweet Child O' Mine** (Guns N' Roses)	5:56
	10	**You're Crazy** (Guns N' Roses)	3:17
	11	**Anything Goes** (Guns N' Roses)	3:27
	12	**Rocket Queen** (Guns N' Roses)	6:13

The Jesus And Mary Chain | Darklands (1987)

Selo | Blanco Y Negro
Produção | John Loder • Bill Price • William Reid
Projeto gráfico | Helen Backhouse
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:03

Depois que *Psychocandy* soprou vida no rock 'n' roll em 1985, Jim e William Reid já estavam acostumados a ler matérias na imprensa aconselhando-os a se separarem, já que nada do que pudessem fazer superaria a muralha de feedback e misantropia do outro álbum. Em seu subconsciente, também achavam que já tinham feito tudo, mas agora precisavam mais uma vez desafiar a si mesmos, como músicos e compositores.

No verão de 86 saiu seu novo single de sucesso, "Some Candy Talking". Houve filas nas portas das lojas no dia do lançamento. Nove meses depois, "April Skies", o primeiro gosto de *Darklands*, entrou no Top 10 inglês. Estrategicamente situado entre a imagem rebelde do início da banda e música para as massas, o single anunciava que o Jesus And Mary Chain tinha potencial suficiente para se tornar um sucesso de público. (A seqüência vagamente similar, "Happy When It Rains", seguia na mesma direção, mas não foi tão bem-sucedida.)

Agora que já eram uma banda popular que tinha emplacado alguns sucessos, lançaram *Darklands*, para a alegria da crítica e dos consumidores, que o colocaram entre os cinco mais vendidos. Na escala Richter, merece um oito. Quem sabe o que os novos admiradores acharam da música de abertura bastante lenta ou de sua seqüência ainda mais lenta, "Deep One Perfect Morning"? Eram diametralmente opostas a *Psychocandy*. Sem feedback. Com violões. Letras compreensíveis. Músicas que aparentemente falavam de amor, não de drogas. "Nine Million Rainy Days" ecoava "Sympathy For The Devil", dos Stones, e "About You" seria reinterpretada mais tarde por Sandie Shaw. Ninguém mais brigava em seus shows.

Missão cumprida. A primeira metade dos anos 80 tinha visto o rock *atingir a maturidade*. Agora a banda havia demonstrado exatamente do que era capaz, e o mundo estava escutando. **OH**

"Tudo o que fazemos soa como uma música pop, mesmo que seja diferente de todas as outras."

Jim Reid, 1985

Lista de músicas

▶	01	**Darklands** (J. Reid • W. Reid)	5:29
	02	**Deep One Perfect Morning** (J. Reid • W. Reid)	2:43
▶	03	**Happy When It Rains** (J. Reid • W. Reid)	3:36
	04	**Down On Me** (J. Reid • W. Reid)	2:36
▶	05	**Nine Million Rainy Days** (J. Reid • W. Reid)	4:29
▶	06	**April Skies** (J. Reid • W. Reid)	4:00
	07	**Fall** (J. Reid • W. Reid)	2:28
	08	**Cherry Came Too** (J. Reid • W. Reid)	3:06
	09	**On The Wall** (J. Reid • W. Reid)	5:05
▶	10	**About You** (J. Reid • W. Reid)	2:31

Ladysmith Black Mambazo | Shaka Zulu (1987)

Selo | Warner Bros.
Produção | Paul Simon
Projeto gráfico | Peter Barrett
Nacionalidade | África do Sul
Duração | 36:41

Gravado um ano depois de os integrantes de Ladysmith Black Mambazo serem projetados para a fama internacional por terem sido a banda de acompanhamento do antológico *Graceland* de Paul Simon, *Shaka Zulu* é um disco de corais *a capella*, diferente de tudo o que tinha sido feito antes.

O álbum usa os ritmos percussivos tradicionais do mbube (canções dos trabalhadores emigrantes sul-africanos) para revitalizar a estagnada tradição coral européia. Belíssimas melodias construídas a partir de fraseados fluidos e texturas rítmicas tranqüilas são pontuadas por intervenções similares àquelas encontradas no estilo norte-americano conhecido como "doo-wop" (parente próximo do gospel), que dão corpo ao seu celestial estilo iscathamiya (literalmente,"andar gentilmente na ponta dos pés").

Isso se encontra presente em "Hello My Baby" como uma nova assinatura harmônica na qual a voz diáfana de contralto do líder Joseph Shabalala se mistura ao timbre de dois tenores e a um septeto grave e ressoante que cria as percussões vocais. Era este o genuíno som da África do Sul? Talvez, mas como os Mambazo se negaram a canalizar a interação de seu coro na forma de músicas de protesto contra o apartheid, muitos críticos compreenderam erradamente baladas como "Yibo Labo" como sendo apenas postais exóticos da cultura tribal. O que esses críticos não captaram foram as profundas marcas do apartheid traçadas nas entrelinhas das músicas.

Como coristas, a mensagem cristã é mais óbvia, com o fervor de "King Of Kings" e "At Golgotha" feito sob medida para levar seu gospel para uma audiência mais ampla. A introdução de letras em inglês em seus cantos zulus lhes assegurou sucesso internacional instantâneo. É uma receita que sobreviveu ao teste do tempo: 18 anos depois de *Shaka Zulu* ter ganhado o Grammy de "melhor gravação folk tradicional", *Raise Your Spirit Higher* ganhou outro prêmio: o de "melhor disco de world music tradicional". **MK**

"Mesmo sem ouvir as letras, esta música entra no sangue, porque vem de lá."

Joseph Shabalala, 2004

Lista de músicas

	01	**Unomathemba** (Shabalala)	3:47
▶	02	**Hello My Baby** (Shabalala)	3:09
	03	**At Golgotha** (Shabalala)	3:57
▶	04	**King Of Kings** (Shabalala)	4:07
	05	**Lomhlaba Kawunoni** (Shabalala)	2:55
	06	**How Long?** (Shabalala)	3:05
▶	07	**Ikhaya Lamaqhawe** (Shabalala)	3:13
▶	08	**Yibo Labo** (Shabalala)	4:39
	09	**Rain, Rain Beautiful Rain** (Shabalala)	2:18
	10	**Wawusho Kubani?** (Shabalala)	5:31

Laibach
Opus Dei (1987)

Selo | Mute
Produção | Rico Conning
Projeto gráfico | Laibach Kunst
Nacionalidade | Eslovênia
Duração | 37:16

Como braço musical do coletivo artístico Neue Slowenische Kunst, sediado em Ljubljana, a capital da república eslovena na antiga Iugoslávia, o fato de o Laibach ter adotado o antigo nome alemão da cidade era uma provocação às autoridades comunistas durante o domínio sérvio. Uma aparição conflituosa no programa *TV Tednik* (*A Semana na TV*) em 1983 fez com que o apresentador exigisse o linchamento político do grupo.

Uma versão em alemão de "One Vision", do Queen, intitulada "Geburt Einer Nation" (Nascimento de uma nação), ajuda a explicar a visão que o grupo tinha da cultura popular, ao dizerem que: "Se você entende o Queen / entende o totalitarismo." Ainda assim, a junção de ritmos industriais brutais com floreados sinfônicos wagnerianos, somados à interpretação gutural (e deliberadamente exagerada) do magnífico cantor Milan Frez, fez com que muitos concluíssem que tanto "Geburt Einer Nation" quanto a versão funesta do sucesso europop "Life Is Life", intitulado "Leben Heisst Leben", indicavam que o Laibach estava sobretudo criando paródias irônicas.

A música "Opus Dei" soa mais sinistra e parece uma chamada às armas, descrevendo a crise política que se abateria sobre a Iugoslávia. Sem dúvida, "F.I.A.T." e "How The West Was Won" predizem as conturbações políticas que varreriam a Europa dois anos mais tarde. Contudo, o discurso de Winston Churchill ao final de "The Great Seal" nos faz questionar se a Europa comunista iria se beneficiar dos valores ocidentais. O sucesso de *Opus Dei* encerrou o período de quatro anos durante o qual o grupo ficou proibido de atuar em seu próprio país. **CSh**

Napalm Death
Scum (1987)

Selo | Earache
Produção | Napalm Death
Projeto gráfico | Jeff Walker
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 33:16

Promovido pelo falecido DJ John Peel, da rádio BBC, o Napalm Death é o nome mais importante quando se fala de música radical. O grupo inglês, oriundo de Birmingham, foi o pioneiro de uma forma ultra-agressiva de thrash conhecida como grindcore: vozes guturais, guitarras distorcidas e ritmos hiperacelerados denominados "blastbeats".

Ainda que as letras fossem incompreensíveis, o seu marcante álbum de estréia, *Scum*, deixava claras as suas sinceras convicções políticas. A capa mostra homens de negócios grotescos junto a uma família africana, sob os quais havia um tapete de caveiras salpicado por logotipos do McDonalds, Nestlé, British Petrol e outras corporações. A lista de músicas revela virulentas críticas de esquerda sobre o capitalismo ("Multinational Corporations", "Instinct Of Survival"), uma preocupação ambientalista ("Point Of No Return") e uma crítica à classe dirigente britânica ("CS" aka "Conservative Shithead" – literalmente, "cabeça de merda conservador"). "Siege Of Power" demonstra que eram capazes de se manter dentro da convenção verso-refrão-verso, mas a sua música mais famosa é "You Suffer", que literalmente dura apenas um segundo.

O álbum seguinte, *From Enslavement To Obliteration*, entrou diretamente para o primeiro lugar na parada indie britânica e o grupo chegou a ser capa da *NME*. Contudo, tiveram problemas devido à alteração na formação: o baixista e vocalista original Nick Bullen e o guitarrista Justin Broadrick saíram antes de terminar a gravação de *Scum*. Justin foi depois aclamado por seu trabalho com o experimentalismo industrial do Godflesh. Lee Dorian parou de rosnar e foi cantar de forma inteligível no Cathedral. O baterista Mick Harris abandonou o grupo em 1992 e uniu-se novamente a Bullen para formar o Scorn. **MA**

Sonic Youth
Sister (1987)

Selo | SST
Produção | Sonic Youth
Projeto gráfico | Sonic Youth
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:27

Apesar de continuar lançando discos belíssimos, o auge do Sonic Youth foi no final dos anos 80. Em *Evol* (1986), o quarteto nova-iorquino havia dado tons mais sutis e mais melódicos a seu "*no wave*" atonal. Dois anos mais tarde, o álbum duplo *Daydream Nation* tornou-se um sucesso da parada independente e concretizou um contrato com uma grande gravadora. *Sister* foi a ponte entre eles: um conjunto sucinto, atraente, que equilibra as dissonâncias atmosféricas com músicas formidáveis.

Inspirada numa história de Philip K. Dick, "Schizophrenia" é uma pequena obra-prima de intriga sustentada. Enquanto as guitarras são gentilmente dedilhadas, Thurston Moore relata um encontro inquietante com a irmã de um amigo de longa data. Em vez de usar um refrão, Moore e o guitarrista Lee Ranaldo habilidosamente intercalam um turbilhão de notas harmônicas. Passam então para um segundo verso muito hermético, recitado pela baixista Kim Gordon com a voz de uma jovem mentalmente perturbada. A banda acelera até chegar a um clímax eufórico.

É Gordon quem faz a voz principal em "Beauty Lies In The Eye" e "Pacific Coast Highway". A primeira é uma pungente balada com ruído ambiente que remete a abusos sexuais; a segunda é ainda mais sinistra. Outros destaques são uma versão da música "Hot Wire My Heart", do Crime; "Cotton Crown" traz à mente o misterioso lado das ruas iluminadas em néon de Manhattan antes que fossem esterilizadas pela política de tolerância zero; em "White Cross" o estupendo baterista Steve Shelley realiza uma série de poderosos crescendos, como um tsunami auditivo.

Sister continua sendo um clássico não só para os fãs da música alternativa como para os fãs de rock de todos os gêneros. **MA**

The Triffids
Calenture (1987)

Selo | Island
Produção | Gil Norton
Projeto gráfico | Island Art
Nacionalidade | Austrália • Inglaterra
Duração | 46:24

Filho de pais religiosos, o jovem David McComb ganhou vários prêmios escolares de literatura inglesa e religião. Essas influências são evidentes nas músicas do seu quarto álbum com The Triffids.

Se houvesse uma categoria denominada "gospel-indie", McComb teria feito parte dela com todo o fervor. A sua voz ricamente sofrida transmite o zelo de um pastor pregando no outback australiano. Em termos líricos, a sua poesia dá vida a canções cheias de abandono e desejo. Na tocante música de abertura "Bury Me Deep In Love", McCombe fala de uma "chapel deep in a valley... under the shadow of a precipice" ("uma capela no fundo de um vale… encoberta pela sombra de um precipício"). A letra lamenta a morte de um montanhista, que mergulha para sua "gélida cripta na montanha", enquanto a orquestra conjura alegria e tristeza, alternadamente.

Calenture foi gravado na Inglaterra durante a primavera e o verão de 1987 e, quando viajava entre Perth e Londres, as saudades de casa fizeram com que McComb escrevesse "Hometown Farewell Kiss", de rara beleza. Junto com ela surgiu o título do disco, uma referência a delírios sofridos por marinheiros após longos períodos longe da terra.

Apesar das boas críticas e da contínua popularidade nas turnês, a banda sentiu-se desiludida com a relativa falta de sucesso. O seu último álbum de estúdio, *The Black Swan*, era demasiado irregular e eles se separaram em 1990. McComb submeteu-se a uma cirurgia no coração e depois seguiu uma breve carreira solo, antes de morrer, em 1999, em um acidente de automóvel. Este álbum continua sendo um epitáfio magnífico. **GT**

Michael Jackson | Bad (1987)

Selo | Epic
Produção | Quincy Jones
Projeto gráfico | Nancy Donald • Tony Lane
Nacionalidade | EUA
Duração | 48:10

A continuação de qualquer álbum de sucesso não é tarefa fácil. Mas nenhum músico teve de enfrentar expectativas tão altas quanto Michael Jackson, quando voltou aos estúdios após ter lançado o disco mais vendido de todos os tempos – *Thriller*.

É um ponto a favor de Jackson e do produtor Quincy Jones o fato de que este disco seja completamente diferente do anterior. *Bad* foi um trabalho mais complexo, mais ousado e mais "malvado" que *Thriller* em todos os aspectos. Além disso, o garoto sorridente que encantou o mundo com os Jackson Five e nos fez dançar em *Off The Wall*, de 1979, ainda podia ser encontrado em *Thriller*, mas, quando *Bad* chegou às lojas, o título de "Rei do Pop" já tinha esmagado completamente esse lado. Jackson começava a ser visto como uma celebridade extravagante.

O disco começa com duas boas músicas para as pistas de dança que estão entre as melhores de Jackson: a máscula "Bad", que dá título ao disco, e a alegre e sensual "The Way You Make Me Feel". "Dirty Diana" parece obscena, ainda que forçada, e soa como um recado para seu rival, Prince. A perturbadora "Smooth Criminal" é uma raridade genial que Jackson interpreta com energia descomunal. Mas ele poucas vezes soou tão sincero quanto na balada "I Just Can't Stop Loving You". Na música que encerra o álbum, "Leave Me Alone", mostra o início da paranóia por trás da fachada dessa megaestrela, assim como um pedido que o mundo iria voltar a ouvir várias vezes.

O álbum vendeu menos do que *Thriller*, mas ainda assim foram 4 milhões de cópias antes que o ano terminasse – bom para quem é *Bad*. **JiH**

"Nunca estou satisfeito com nada. Sou um perfeccionista. É parte de mim."

Michael Jackson, 1993

Lista de músicas

▸	01	**Bad** (Jackson)	4:06
▸	02	**The Way You Make Me Feel** (Jackson)	4:59
	03	**Speed Demon** (Jackson)	4:01
	04	**Liberian Girl** (Jackson)	3:53
	05	**Just Good Friends** (Britten • Lyle)	4:05
	06	**Another Part Of Me** (Jackson)	3:53
	07	**Man In The Mirror** (Ballard • Garrett)	5:18
▸	08	**I Just Can't Stop Loving You** (Jackson)	4:10
	09	**Dirty Diana** (Jackson)	4:52
▸	10	**Smooth Criminal** (Jackson)	4:16
	11	**Leave Me Alone** (Jackson)	4:37

Pet Shop Boys | Actually (1987)

Selo | Parlophone
Produção | Various
Projeto gráfico | Cindy Palmano
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:07

Pode não ser surpreendente que a força do segundo disco do Pet Shop Boys esteja em encontrar beleza nas coisas sombrias. Sucessos como "Rent" falavam de ruas chuvosas, ansiedade e prostituição – é bom lembrar que 1987 foi o ano da "Segunda-Feira Negra" (a segunda maior queda da bolsa em um único dia) e do desastre da balsa em Zeebrugge; dos assassinatos de Hungerford na Inglaterra, do aumento do pânico quanto à AIDS e da reeleição de Thatcher. Ainda assim, apesar de tantas coisas ruins e dramáticas, *Actually* é um dos maiores feitos do pop da década, com suas pequenas histórias urbanas contadas através de melodias fáceis de ritmo eletrônico. Até os adolescentes no programa semanal da BBC TV, *Top Of The Pops*, batiam palmas alegremente acompanhando uma música sobre o sentimento de culpa católico ("It's A Sin").

Depois do êxito do primeiro álbum, *Please*, o duo decidiu passar algum tempo compondo músicas com a colaboração de Angelo Badalamenti, o lendário compositor Ennio Morricone e diversos produtores para conseguir um resultado perfeito. De acordo com o vocalista Neil Tennant, que já foi editor da *Smash Hits*, "a idéia era tornar o disco musicalmente mais ambicioso e obter um som mais amplo".

O resultado é imaculado mas de alguma forma profundamente humano – tal como a capa do disco, na qual os dois aparecem vestidos com smoking e Tennant está bocejando. Tendo rejeitado uma pintura do artista escocês Alison Watt, a dupla escolheu a foto de uma sessão recente, mas teve que brigar por ela com a *Smash Hits*, que iria usá-la na capa de seu próximo número.

Os críticos americanos e ingleses renderam-se de imediato aos encantos de *Actually* e seus singles entraram na lista dos 10 Mais nos dois países. Num ano traumático, os Pet Shop Boys pareciam acalmar a dor com ternura e perspicácia. **SH**

"Na época pensei que tínhamos descoberto o segredo da música pop contemporânea."

Neil Tennant, 2001

Lista de músicas

	01	**One More Chance** (Lowe • Orlando • Tennant)	5:31
▶	02	**What Have I Done To Deserve This?** (Lowe • Tennant • Willis)	4:22
	03	**Shopping** (Lowe • Tennant)	3:37
▶	04	**Rent** (Lowe • Tennant)	5:07
	05	**Hit Music** (Lowe • Tennant)	4:43
	06	**It Couldn't Happen Here** (Lowe • Morricone • Tennant)	5:20
▶	07	**It's A Sin** (Lowe • Tennant)	4:59
▶	08	**I Want To Wake Up** (Lowe • Tennant)	5:10
▶	09	**Heart** (Lowe • Tennant)	3:57
	10	**King's Cross** (Lowe • Tennant)	5:11

U2 | The Joshua Tree (1987)

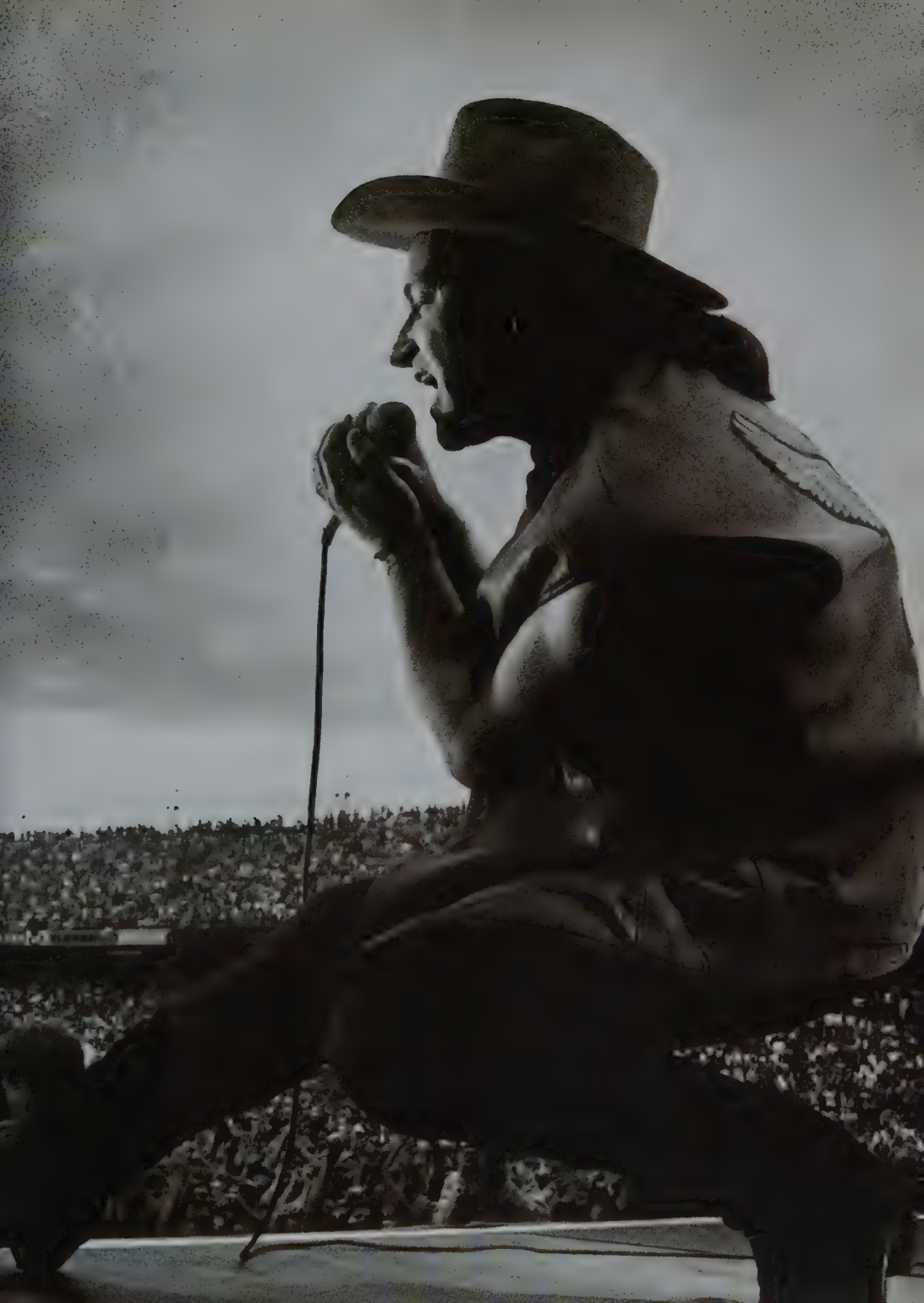
Selo | Island
Produção | Brian Eno • Daniel Lanois
Projeto gráfico | Steve Averill
Nacionalidade | Irlanda • Inglaterra
Duração | 50:11

Este álbum assinala o momento na vasta e gloriosamente inconstante carreira do U2 em que o grupo despertou para as possibilidades oferecidas pela tecnologia de estúdio, ampliando o seu som de sua estética inicial pós-punk para encontrar grandeza, abstração e elegância. Muitos dos milhões de admiradores do U2 converteram-se à causa graças à enorme perspicácia da banda em sua renovação pós-*Achtung Baby*, mas alguns fãs mais antigos, talvez menos sofisticados, foram arrebatados pelas paisagens sonoras de *Joshua Tree*. A natureza épica de grandes sucessos como "Where The Streets Have No Name" (cuja introdução está entre as composições mais arrepiantes do rock, especialmente ao vivo), "With Or Without You" (o mais próximo que a banda já tinha chegado de uma ardente canção de amor) e "In God's Country" (com seu memorável riff de guitarra) foi o que mais chamou a atenção neste álbum. Mas este trabalho atraiu ainda mais ouvintes, possivelmente os que se interessavam menos pela pirotecnia sonora da guitarra de Edge e mais pelos tons emocionais sutis, com a beleza simples e contida de faixas como "Red Hill Mining Town" e "Exit" – esta última se encontra entre as músicas mais sombrias e introspectivas já gravadas pelo grupo.

Se existe algum defeito no álbum, ele está na tonalidade de pregação religiosa que Bono dá a muitas das letras. Se a música "Bullet The Blue Sky" (uma crítica às atividades dos Estados Unidos na América Central) continua extremamente atual, por outro lado a interpretação artificial de Bono ao cantar "I can see those fighter planes" ("Posso ver os jatos de guerra"), junto com sua desaprovação condescendente, hoje nos soa exagerada. Essa tendência infeliz foi ainda mais sentida no próximo álbum, *Rattle And Hum*. Contudo, o fato de que ele mereça plenamente sua inclusão neste livro é um testemunho à qualidade de *The Joshua Tree*. **JM**

Lista de músicas

▶	01	**Where The Streets Have No Name** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	5:37
▶	02	**I Still Haven't Found What I'm Looking For** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	4:37
▶	03	**With Or Without You** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	4:56
	04	**Bullet The Blue Sky** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	4:32
	05	**Running To Stand Still** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	4:18
	06	**Red Hill Mining Town** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	4:52
	07	**In God's Country** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	2:57
	08	**Trip Through Your Wires** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	3:32
	09	**One Tree Hill** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	5:23
▶	10	**Exit** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	4:13
	11	**Mothers Of The Disappeared** (Bono • Clayton • Edge • Mullen)	5:14



Terence Trent D'Arby | Introducing The Hardline According To Terence Trent D'Arby (1987)

Selo | Columbia
Produção | Vários
Projeto gráfico | Peter Barrett
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 47:01

Nascido em Nova York, Terence Trent D'Arby veio ocupar um vazio existente na cena R&B e soul, um hiato entre o sucesso *mainstream* de Prince nos anos 80 e o movimento *neosoul* surgido mais de uma década depois. A contagiante "Wishing Well" (n.º 1 nos Estados Unidos e n.º 2 na Grã-Bretanha), com seu gancho inesquecível de sintetizadores, demonstrou que ele era o novo embaixador de tudo o que estivesse ligado ao soul.

Terence Trent D'Arby for metralhado pela crítica por ter afirmado que *Introducing The Hardline...* era melhor do que *Sgt. Pepper's* dos Beatles. Além de cantor e compositor, Terence possui um grande estilo vocal e demonstra claramente seus dotes nesse trabalho. O disco suportou bem a passagem dos anos, apesar de a produção ter todos os tiques dos anos 80, como a bateria com reverberação e os sons de teclados típicos da época em "If You All Get To Heaven", que abre o disco. A sedutora "Sign Your Name", contudo, ainda soa atual. O cantor mostra seu incrível talento vocal em "As Yet Untitled", onde canta *a cappella*. A sua versão de "Who's Lovin' You", de Smokey Robinson, precede o movimento conhecido como "smooth R&B" que surgiu nos anos 90, enquanto a arrojada "Dance Little Sister" é executada com firmeza.

Em um futuro próximo, D'Arby se tornaria uma celebridade, mais do que um músico, o que desviou as atenções de seu trabalho. Mas este álbum, multiplatina e premiado com um Grammy, é uma boa recordação do seu considerável talento. **YK**

"Sou um artista. Com certeza."

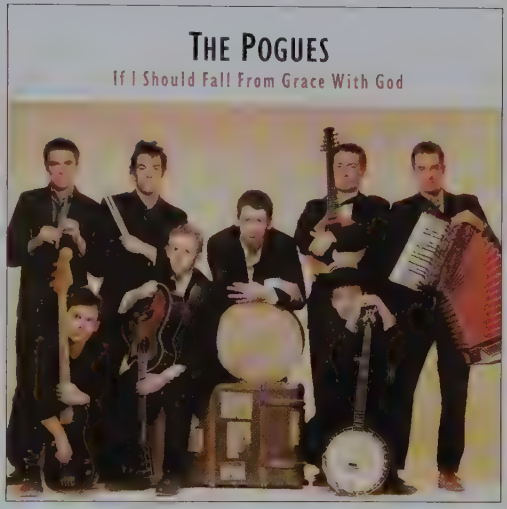
Terence Trent D'Arby, 1993

Lista de músicas

01	**If You All Get To Heaven**	(D'Arby)	5:17
▶ 02	**If You Let Me Stay**	(D'Arby)	3:13
▶ 03	**Wishing Well**	(D'Arby • Oliver)	3:29
04	**I'll Never Turn My Back On You (Father's Words)**	(D'Arby)	3:36
▶ 05	**Dance Little Sister**	(D'Arby)	3:53
06	**Seven More Days**	(D'Arby)	4:33
07	**Let's Go Forward**	(D'Arby)	5:31
▶ 08	**Rain**	(D'Arby)	2:58
▶ 09	**Sign Your Name**	(D'Arby)	4:35
10	**As Yet Untitled**	(D'Arby)	5:33
11	**Who's Lovin' You**	(Robinson)	4:23

The Pogues
If I Should Fall From Grace With God (1988)

Selo | Stiff
Produção | Steve Lillywhite
Projeto gráfico | Ian McKell
Nacionalidade | Irlanda • Inglaterra
Duração | 47:34



As inovações musicais e a acessibilidade do terceiro álbum do The Pogues ampliaram merecidamente o interesse do público internacional, particularmente nos Estados Unidos. Pioneiros em combinar o folk e o punk, o seu estilo quase rockabilly adicionou vivacidade musical às letras poéticas de Shane MacGowan. Músicas como "Turkish Song Of The Damned", "South Australia" e a bilíngüe "Fiesta" demonstraram a incrível diversidade musical de que eram capazes.

A genialidade de MacGowan como compositor é notável em *If I Should Fall From Grace With God*. Os nove integrantes transpiram energia com um toque distintamente irlandês em faixas que vão de amores perdidos e desejo a narração de histórias variadas, festas e muita bebida. A grande força do álbum está tanto nos assuntos de que trata quanto no talento de seus músicos. Da melodia de show de TV em "Metropolis" ao sucesso de festas "Fairytale Of New York", MacGowan compensa as suas limitações como cantor com letras carismáticas baseadas numa realidade com a qual o ouvinte se identifica facilmente.

Cantada em duo com Kirsty MacColl, a esposa do produtor Steve Lillywhite, "Fairytale Of New York" começa com uma introdução suave de piano e vai se acelerando até alcançar o ritmo rápido que torna a música dos The Pogues tão irresistível. A música – a história comovente de um casal de imigrantes que se apaixona, discute e se reconcilia em Nova York – foi a mais tocada no Natal de 1988. **CSt**

Lista de músicas

	01	**If I Should Fall From Grace With God** (MacGowan)	2:21
▶	02	**Turkish Song Of The Damned** (Finer•MacGowan)	3:27
	03	**Bottle Of Smoke** (Finer•MacGowan)	2:47
▶	04	**Fairytale Of New York** (Finer•MacGowan)	4:36
	05	**Metropolis** (Finer)	2:50
▶	06	**Thousands Are Sailing** (Chevron)	5:28
	07	**South Australia** (Trad.)	3:28
▶	08	**Fiesta** (Finer•MacGowan)	4:13
	09	**Medley** (Trad.)	4:01
	10	**Streets Of Sorrow/Birmingham Six** (MacGowan•Woods)	4:39
	11	**Lullaby Of London** (MacGowan)	3:31
	12	**The Battle March Medley/Sit Down By The Fire** (MacGowan)	2:16
▶	13	**The Broad Majestic Shannon** (MacGowan)	2:52
	14	**Worms** (Trad.)	1:05

Leonard Cohen | I'm Your Man (1988)

Selo | Columbia
Produção | Vários
Projeto gráfico | Orchestra Paris
Nacionalidade | Canadá
Duração | 40:41

Qualquer fã irá afirmar que Cohen é um dos letristas mais talentosos da música moderna. Nascido em Montreal, Cohen já era um aclamado poeta e escritor muito antes de começar a gravar músicas profissionalmente aos trinta e poucos anos. A sua imortal "Suzanne" tanto podia ser encontrada em aulas de poesia quanto em lojas de discos.

I'm Your Man é um dos momentos de destaque em sua longa carreira. O álbum apresenta uma instrumentação mais moderna do que a dos anteriores, incluindo sintetizadores e baterias eletrônicas. Na maior parte do tempo, essa abordagem é bem-sucedida ao projetar a sua música para o futuro ("First We Take Manhattan"), apesar de algumas faixas terem se tornado datadas com o tempo ("Jazz Police").

Ainda assim, como na maioria dos álbuns de Cohen, podemos encontrar algumas obras-primas. A faixa-título é uma declaração de amor eterno com uma ironia fina – "If you want a doctor / I'll examine every inch of you" ("Se você quer um médico / Vou examinar cada centímetro seu"). Essa ironia permeia todo o álbum, cheio de humor sutil, como demonstra a capa, na qual Cohen aparece comendo uma banana.

"Everybody Knows" é uma despedida cômica e cínica à revolução sexual frente aos perigos das doenças sexualmente transmissíveis – "There is gonna be a meter on your bed that will disclose / What everybody knows" ("Sua cama terá um medidor que vai revelar / O que todos já sabem"). O ritmo simples de guitarra em "I Can't Forget" enfatiza a letra de Cohen "The summer's almost gonne / The winter is tuning up" ("O verão em breve se vai / O inverno se prepara"). E a voz aveludada de Jennifer Warnes fazendo coro em "Tower Of Song" é um momento encantador na última música do disco. **RM**

"Há um elemento nas músicas que proporciona um profundo conforto e uma paz profunda, além de estimular a imaginação e a coragem."

Leonard Cohen, 1995

Lista de músicas

▶	01	**First We Take Manhattan** (Cohen)	5:59
	02	**Ain't No Cure For Love** (Cohen)	4:49
▶	03	**Everybody Knows** (Cohen•Robinson)	5:33
▶	04	**I'm Your Man** (Cohen)	4:25
	05	**Take This Waltz** (Cohen)	5:58
	06	**Jazz Police** (Cohen•Fisher)	3:51
▶	07	**I Can't Forget** (Cohen)	4:29
▶	08	**Tower Of Song** (Cohen)	5:37

The Waterboys | Fisherman's Blues (1988)

Selo | Ensign
Produção | Vários
Projeto gráfico | Steve Meany
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 54:36

No auge da banda chegaram a dizer que os Waterboys poderiam ter sido tão famosos quanto o U2. "Sim" – diz Mike Scott, sorrindo. "Mas a que preço?"

Este foi o quarto álbum do grupo. O seu estilo era épico e cinematográfico e a sua estrela estava em rápida ascensão. No entanto, Scott estava cansado da indústria musical, cansado de que lhe dissessem o que fazer e odiava viver em Londres. Foi então que o integrante mais recente do grupo, o violinista Steve Wickham, convidou a todos para viajarem à Irlanda. Foi aí, segundo Scott, que "a aventura começou".

Fisherman's Blues tenta unificar a música que o grupo havia criado ao longo de três gloriosos anos de retiro na Irlanda. Das ruas de Dublin aos bares de Spiddal, encontramos ecos de Dylan e The Band na natureza das gravações: a simplicidade musical, a fluidez intuitiva de músicas e idéias, o relacionamento, a cordialidade e a persistência de uma atmosfera bucólica e idílica.

A Irlanda – o povo, a paisagem e a música – impregna este trabalho, desde a alegre manifestação que abre o álbum até a homenagem final a Yeats. No meio disso encontramos valsas, rock e uma versão carinhosa de "Sweet Thing", de Van Morrison. No meio-tempo, "And A Bang On The Ear" poderia ser uma música moderna, mas ela se junta às outras como uma velha e querida canção.

O álbum é um trabalho poderoso que evidencia uma alegria sincera e uma satisfação inclassificável. Foi o resultado de centenas de horas de gravações em fita – realçando tanto sua força quanto sua única fraqueza. Scott tentou realizar um segundo volume em 2003, mas a magia, tal como a névoa de Galway, tinha desaparecido. **RF**

"Tudo mudou..."

Mike Scott, 1991

Lista de músicas

▸	01	**Fisherman's Blues** (Scott • Wickham)	4:27
	02	**We Will Not Be Lovers** (Scott)	7:03
▸	03	**Strange Boat** (Scott • Thistlethwaite)	3:07
	04	**World Party** (Hutchinson • Scott • Wallinger)	4:01
▸	05	**Sweet Thing** (Morrison)	7:14
	06	**Jimmy Hickey's Waltz** (Thistlethwaite)	2:06
▸	07	**And A Bang On The Ear** (Scott)	7:32
	08	**Has Anybody Here Seen Hank?** (Scott • Thistlethwaite)	3:19
	09	**When Will We Be Married?** (Trad., arr. Scott • Wickham)	3:00
	10	**When Ye Go Away** (Scott)	3:45
	11	**Dunford's Fancy** (Wickham)	1:04
▸	12	**The Stolen Child** (words W.B. Yeats adapted to music Scott)	6:55

Fishbone
Truth And Soul (1988)

Selo | Columbia
Produção | Fishbone • David Kahne
Projeto gráfico | John Guarnieri
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:32

Embora nunca tenha ficado tão famoso quanto seus amigos e conterrâneos de Los Angeles, o Red Hot Chili Peppers, o Fishbone também rompeu fronteiras musicais com a sua exuberante fusão de ska, punk, funk e metal. O sexteto afro-americano foi formado na escola, em 1979, tendo como núcleo Angelo Moore (voz e saxofone), Kendall Jones (guitarra), Norwood Fisher (baixo), Walter Kibby (trompete), Phillip "Fish" Fisher (bateria) e o tecladista e trombonista Chris Dowd, que dividia uma casa com a futura estrela solo Jeff Buckley.

Truth And Soul, seu segundo LP, começa com uma versão hard-rock da clássica parábola junkie de Curtis Mayfield "Freddie's Dead" e passa por um caleidoscópio de músicas originais, como "Ma and Pa", um ska pontuado por metais brilhantes, e "Bonin' In The Boneyard", sucesso das festas com uma linha de baixo fluida. "Subliminal Fascism" e o sublime "Ghetto Soundwave" mostram diferentes aspectos dos comentários sociais sempre presentes neste grupo. O primeiro é um protesto thrash hardcore; o segundo é uma narrativa cheia de nuances sobre a brutalidade policial. A balada acústica "Change" encerra o álbum com uma nota suave de otimismo.

Truth And Soul, o disco mais consistente e o primeiro sucesso comercial do Fishbone, alcançou o n.º 153 da parada da Billboard. O álbum duplo que viria a seguir, *The Reality of My Surroundings* (1991), atingiu o Top 50, mas eles não conseguiram converter o seu estatuto de banda cult em sucesso de grande público. **MA**

Everything But The Girl
Idlewild (1988)

Selo | Blanco Y Negro
Produção | Ben Watt
Projeto gráfico | Caryn Gough
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:07

"For your bedroom needs we sell everything but the girl" ("Para o seu quarto, nós vendemos tudo, menos a garota") – afirmava o pôster numa loja de móveis no início dos anos 80. Era a inspiração perfeita para um duo cuja música romântica provavelmente se tornou um afrodisíaco irresistível para muitos casais copularem.

O músico Ben Watt e a vocalista Tracey Thorn conheceram-se quando eram estudantes em Hull e obtiveram sucessos individuais no selo Cherry Red. Após se juntarem de fato, gravaram uma série de álbuns inspirados em jazz, pop, country e baladas. Contudo, foi uma música escrita por Danny Whitten (guitarrista do Crazy Horse) que finalmente fez com que a carreira engrenasse. O duo deu ao seu conhecido "I Don't Want To Talk About It" um banho de soul. É uma balada clássica que poderia ter sido escrita especialmente para a voz sentida de Thorn. Ao atingir o terceiro lugar na Inglaterra, o single deu um grande ímpeto ao novo álbum.

Gravado com uma formação pequena, incluindo Ian Fraser e Peter King nos saxofones, *Idlewild* tem um som *lounge*, como um bar de jazz. É verdade que ambas são agradáveis e populares, mas isso não diminui a beleza nostálgica de "Oxford Street" ou de "These Early Days". Sempre poético, o duo cria luxuriantes paisagens de desejo com "Blue Moon Rose" e "Shadow On A Harvest Moon".

Quase uma década mais tarde, Thorn e Watt misturaram sua arte etérea aos ritmos dançantes do trance. O resultado teve um sucesso surpreendente, especialmente nos Estados Unidos. Everything But The Girl subitamente passou a fazer parte da elite musical. **GT**

Living Colour
Vivid (1988)

Selo | Epic
Produção | Ed Stasium
Projeto gráfico | Steve Byram
Nacionalidade | EUA
Duração | 49:13

Apesar da proliferação da música rap no final dos anos 80, o rock – e certamente o heavy metal – permaneceu quase exclusivamente "música de branco". É certo que já havia grupos de rock com líderes negros (por exemplo, a banda de rock cristão Kings X). Contudo, a existência de um conjunto negro de heavy metal era, honestamente, impensável. O Living Colour, de Nova York, foi uma exceção à regra.

O grupo estava centrado no guitarrista, o talentoso Vernon Reid, há muito membro da cena fusion underground de Nova York. (Em 1985, Reid tinha formado a Black Rock Coalition para ajudar os músicos a fugirem de categorizações simplistas do tipo "negro" e "branco".) Em conjunto com o vocalista Corey Glover, o baterista Will Calhoun e o magnífico baixista Muzz Skillings, *Vivid* se tornou uma gravação realmente original, englobando elementos de thrash, hard rock, reggae, funk e rap.

Apesar de sua excelência musical, foi graças à rotação insistente na MTV de "Cult Of Personality" – um ataque radical aos políticos do planeta, premiado com um Grammy – que a banda recebeu os merecidos elogios críticos. O restante do álbum é igualmente revolucionário, falando de suicídio em "Middle Man", de racismo em "Funny Vibe" (com uma participação especial do Public Enemy) e até mesmo do culto às celebridades em "Glamour Boys". Ainda que a gravação tenha sobrevivido ao tempo, o mesmo não pode ser dito das roupas: os trajes fosforescentes do Living Colour foram jogados no lixo da história da moda. **BW**

Mudhoney
Superfuzz Bigmuff (1988)

Selo | Sub Pop
Produção | Jack Endino
Projeto gráfico | Charles Peterson
Nacionalidade | EUA
Duração | 21:21

Antes do Nirvana lançar *Nevermind*, o álbum grunge que transcendeu o grunge, o *Superfuzz Bigmuff* do Mudhoney, com suas seis músicas, era a melhor expressão estética do som de Seattle no final dos anos 80. Todo o clima de Seattle está lá: uma formação que inclui membros dos precursores locais The Melvins, Green River e The Thrown Ups; um muro de guitarras distorcidas; e uma mistura forte de estilos garage, punk, metal e psicodelismo.

Após terem vendido mais de 6.000 cópias do seu primeiro single, "Touch Me I'm Sick", os quatro membros do Mudhoney entraram no Reciprocal Studio para gravar este miniálbum sob a direção do grande produtor de grunge Jack Endino. O nome foi tirado do pedal de wah-wah favorito [um tipo de efeito de guitarra] do guitarrista e o disco tornou a banda conhecida na Europa.

Este disco reúne o sexy e o astuto, o divertido e o radical. As barulhentas "Mudride" e "In 'n' Out Of Grace" são dois monumentos flamejantes ao antigo som do Stooges, com elementos de Blue Cheer e Spacemen 3 acrescentados à mistura. As baladas tempestuosas mas distantes "If I Think" e "Need" mostram o lado mais sombrio da banda, e "Chain That Door" é garage punk no estilo Billy Childish.

Embora nunca chegassem a ser rivais sérios do Soundgarden, o Mudhoney surgiu do underground com este trabalho maliciosamente travesso, criando músicas densas e dramáticas com a guitarra cáustica de Turner, a voz irada de Mark Arm, o baixo fulminante de Matt Lukin e a bateria propulsiva de Don Peter. **JG**

R.E.M. | Green (1988)

Selo | Warner Bros.
Produção | Scott Litt • R.E.M.
Projeto gráfico | Jon McCafferty
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:53

Um frenesi de cobertura da mídia em relação às condições climáticas fez com que meados de 1988 passassem a ser apelidados de "greenhouse summer" (verão estufa). Em novembro do mesmo ano, o R.E.M. lançou o seu sexto álbum de estúdio. O seu título demonstrava as novas preocupações sociais da esquerda liberal e a música elevou este quarteto a um nível de sucesso capaz de lotar estádios. E, apesar de todas os acordes e refrãos energéticos, o hábil bandolim de Peter Buck ainda pode ser ouvido em três notáveis baladas.

A mensagem de *Green* fica evidente logo na capa, onde folhagem, anéis de árvores e postes telegráficos competem entre si. O fundo é manchado de laranja – uma referência ao agente químico Agent Orange usado pelas forças dos Estados Unidos no Vietnã para arrasar um terço da cobertura florestal daquele país. A referência continua na música "Orange Crush".

As preocupações ecológicas também estão presentes no misterioso "I Remember California." É uma visão estranha da costa ocidental que menciona carcajus, submarinos Trident e engarrafamentos de trânsito antes de fechar com os versos um pouco herméticos: "At the end of the continent / At the edge of the continent" ("No final do continente / Na extremidade do continente"). Em seguida vem o single "Stand", com seu verso melancólico, "If wishes were trees, the trees would be falling" ("Se desejos fossem árvores, as árvores estariam caindo").

Ainda que a turnê seguinte do R.E.M. tenha promovido o Greenpeace e a Anistia Internacional, *Green* não é um manifesto político em forma de rock. Em "World Leader Pretend" as preocupações de Stipe são expressas na primeira pessoa e "Turn You Inside Out" fala de seus embates com os dilemas da fama.

"O R.E.M. é a melhor banda do mundo?" – perguntou Andy Gill, fazendo uma resenha deste álbum na revista *Q*. Ele decidiu que sim, e milhões de pessoas concordaram. **GI**

"Eu creio que a opinião pública pode mudar."

Michael Stipe, 1989

Lista de músicas

01	**Pop Song 89**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	3:03
02	**Get Up**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	2:39
▶ 03	**You Are The Everything**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	3:41
04	**Stand**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	3:10
▶ 05	**World Leader Pretend**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	4:17
06	**The Wrong Child**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	3:35
▶ 07	**Orange Crush**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	3:50
08	**Turn You Inside Out**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	4:15
▶ 09	**Hairshirt**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	3:15
▶ 10	**I Remember California**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	4:59
11	**Untitled**	(Berry • Buck • Mills • Stipe)	3:09

Happy Mondays
Bummed (1988)

Selo | Factory
Produção | Martin Hannett
Projeto gráfico | Central Station Design
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:30

É sempre o Stone Roses que ganha as honras nas pesquisas, mas aquilo que melhor captou o espírito de Manchester foi *Bummed*.

Enquanto o Stone Roses tinha a sonoridade alegre do The Byrds, o Happy Mondays era mais sombrio no espírito e no som. O cantor Shaun Ryder afirmava que os ritmos eram "um plágio de Motown", embora a mistura resultante pareça mais Talking Heads brigando com The Fall.

Entre a desajeitada "Country Song" (outrora intitulada "Some Cunt From Preston") e "Lazyitis", plagiando "Ticket To Ride", encontram-se oito faixas de *psychofunkadelia*. Imprevisível ao vivo, o Happy Mondays está sublime neste disco: o guitarrista Mark Day, Gaz Whelan na bateria e o baixista Paul, irmão de Shaun, brilham em músicas como "Performance" e "Brain Dead".

A capa espelha a música – uma antítese das ilustrações refinadas e estudadas de Peter Saville para a Factory Records, era afetivamente bruta e trivial, tal como o próprio Happy Mondays (os irmãos Ryder eram parentes dos donos da Central Station Design).

A estrela maior, porém, é Shaun, forçado a escrever as letras "porque os outros não querem se chatear". Os seus impulsivos fluxos de subconsciente são complementados com discursos surpreendentes ("We've been courteous!" – "Fomos educados!" – e "You're rendering that scaffolding dangerous!" – "Você está tornando esse andaime arriscado").

O disco só fez sucesso depois que "Wrote For Luck" foi remixado por Paul Oakenfold e Vince Clarke (do Erasure), na mesma época em que o Primal Scream e The Stone Roses descobriram a dance music. **BM**

The Go-Betweens
16 Lovers Lane (1988)

Selo | Beggars Banquet
Produção | Mark Wallis
Projeto gráfico | John Willsteed
Nacionalidade | Austrália
Duração | 37:02

O álbum mais comovente de todos os tempos? Pode ser. Aqui temos 10 magníficas músicas de amor, indo de A a Z e começando com paixão para terminar em memórias, mas foram os acontecimentos por trás das cenas que fizeram com que este último álbum da banda de Brisbane fosse conhecido como "o *Rumors* indie".

De regresso à Austrália após quase uma década em Londres, o grupo The Go-Betweens começou a desfazer-se. Seu baixista saiu, sendo substituído por John Willsteed, cujo histórico sugeria que ele detestava a banda e, ao mesmo tempo, estava prestes a sucumbir ao alcoolismo. O vocalista/compositor Robert Forster e a baterista Lindy Morrison tinham se separado. Ela iria em breve perder o seu entusiasmo pelo estilo de vida de uma banda rock; ele, entretanto, levava suas músicas para uma melancolia profunda ("Dive For Your Memory" , "Clouds", "Love Is A Sign"). Grant McLennan (o outro vocalista/compositor) e a multiinstrumentista Amanda Brown, porém, estavam apaixonados e a felicidade fluía pela pena de McLennan ("Love Goes On!", "The Devil's Eye", "Quiet Heart"). Não importava como a sua vida estivesse no momento, haveria uma música ali perfeita para você.

Acusado de marcar um abrandamento na postura pós-punk dos Go-Betweens, *16 Lovers Lane* foi um adeus esplêndido de uma banda cruelmente negligenciada. No momento em que se cede aos encantos dos dramas provincianos de "Streets Of Your Town" ou "Was There Anything I Could Do?", a devoção é quase total. Se os royalties de Forster e McLennan não fluíram como mereciam, o reconhecimento de terem criado um padrão para músicas pop maduras e literatas pode lhes servir de compensação. **DH**

Cowboy Junkies
The Trinity Session (1988)

Selo | RCA
Produção | Peter Moore
Projeto gráfico | Pietro Alfieri
Nacionalidade | Canadá
Duração | 52:00

Michael Timmis e o seu amigo de infância Alan Anton tocavam juntos em bandas desde 1979. Recrutaram Peter, irmão de Michael, em 1984, seguido pela irmã Margo. Naquela época, uma timidez excessiva impedia Margo de cantar à frente da banda. Em vez disso, virava as costas enquanto cantava as belas e frágeis músicas da banda a meia voz.

The Trinity Session foi gravado num único dia usando um só microfone na igreja de Holy Trinity, em Toronto, Canadá, ao custo de US$250. Foi uma revelação minimalista. O acompanhamento esparso é complementado por rabeca, bandolim, guitarra slide, gaita e acordeão, resultando numa espécie de música country crepuscular e reduzida. A produção mínima mas excelente garante um ambiente íntimo e por vezes misterioso.

As versões de outras bandas são criações sólidas que revitalizam os originais. A contida "Sweet Jane", em especial, é uma jóia: o clássico de Lou Reed nunca soou tão triste, enquanto "I'm So Lonesome I Could Cry", de Hank Williams, recebeu uma reinterpretação pungente acompanhada pelos acordes dedilhados e a guitarra slide de Kim Deschamps. Se essa faixa ou "To Love Is To Bury" não partir o seu coração, você talvez não tenha um.

A voz de Margo Timmins é sempre impressionante. O seu a capela no lamento "Mining For Gold" é uma abertura comovente, enquanto a interpretação sensual em "Walking After Midnight", um clássico blues arrastado acompanhado por uma gaita melancólica, está repleta de sensualidade. Acachapante! **KC**

Tracy Chapman
Tracy Chapman (1988)

Selo | Elektra
Produção | David Kershenbaum
Projeto gráfico | Carol Bobolts
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:51

Em março de 1988, o Donmar Warehouse, em Londres, entretinha jornalistas com shows gratuitos de Natalie Merchant, do 10.000 Maniacs – com uma condição, que era a de assistir a uma nova artista da Warner Bros, que entrava em seguida para promover seu material. Ela se chamava Tracy Chapman. Sua honestidade cortante e a pura alma de suas músicas para guitarra e voz – tocadas sem amplificadores – deixaram a maioria dos jornalistas boquiabertos.

As mesmas faixas apareceram em versões mais trabalhadas no disco de estréia de Chapman, lançado em abril. Oito semanas mais tarde, a sua carreira recebeu um empurrão extraordinário. Na época uma estreante desconhecida, foi convidada a participar das festividades pelo 70.º aniversário de Nelson Mandela no Estádio de Wembley. Conquistou uma audiência televisiva global com as suas baladas blues-folk e suas declarações comoventes. Em poucos dias, Tracy Chapman estava no topo das paradas e o folk-pop de "Fast Cap" havia se tornado um hit.

Embora suas músicas sejam bem-intencionadas, há uma ingenuidade irritante em algumas delas. Ao resenhar o evento de Mandela, um Billy Bragg cético se perguntava se podia perdoar Chapman por cantar "poor people gonna rise up and get their share" ("os pobres se levantarão e receberão sua parte") sem explicar como. "Talkin' Bout A Revolution", que provocou o comentário de Bragg, é um chamado às armas sem uma causa clara. E, reconhecidamente, "Across The Lines" fala da divisão entre brancos e negros sem muita tensão real. No entanto, as canções são tão ricas em simplicidade emotiva e baladas como "Baby Can I Hold You" são tão dolorosamente ternas que não é surpresa que milhões tenham se rendido à música de Tracy. **GT**

My Bloody Valentine | Isn't Anything (1988)

Selo | Creation
Produção | My Bloody Valentine
Projeto gráfico | Joe Dilworth
Nacionalidade | Irlanda • Inglaterra
Duração | 37:55

Formado em 1884, em Dublin, pelo guitarrista Kevin Shields e o baterista Colm O'Ciosoig, My Bloody Valentine mudou-se para a Holanda, Berlim e finalmente para Londres, perdendo no caminho o vocalista original Dave Conway e ganhando a baixista Debbie Googe e a guitarrista/vocalista Bilinda Butcher. Gravaram para quatro selos diferentes antes de assinarem com o Creation, mas o seu primeiro lançamento neste selo, "You Made Me Realise", foi recebido com aprovação e boa surpresa.

Uma onda excitante de bandas underground americanas, como Big Black, Dinosaur Jr. e Hüsker Dü, tinha reaberto os ouvidos europeus para as possibilidades sonoras das guitarras. Inspirado nisso, Shields assumiu o controle criativo do grupo e começou a elaborar meticulosamente *Isn't Anything*, criando a coisa rara que é um álbum de rock de guitarra *sem* guitarras – elas foram transformadas por reverbs prolongados e outros efeitos, antes que Shields apagasse inteiramente o som das guitarras não processadas, deixando apenas os efeitos.

Usando afinações pouco convencionais, ritmos deslocados, doces texturas harmônicas e os tópicos predominantemente sexuais das letras, as músicas vão da sensual "Lose My Breath" à auralmente irritante "All I Need". "Soft As Snow (But Warm Snow)", eroticamente carregada, e o single "Feed Me With Your Kiss" mostram Shields equilibrando a sua visão perfeita do pop com os sons que estavam em sua cabeça.

Enquanto Shields trabalhava obsessivamente no estúdio, surgiu um grande número de novas bandas, como Ride e Lush, aproximando-se da sonoridade do My Bloody Valentine, mas sem o gênio e o espírito inovador que fizeram de *Isn't Anything* uma obra de referência. **CSh**

"A minha versão da realidade..."

Kevin Shields, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Soft As Snow (But Warm Inside)** (O'Ciosoig • Shields)	2:21
	02	**Lose My Breath** (Butcher • Shields)	3:37
	03	**Cupid Come** (Butcher • Shields)	4:29
	04	**(When You Wake) You're Still In A Dream** (O'Ciosoig • Shields)	3:18
▶	05	**No More Sorry** (Butcher • Shields)	2:47
▶	06	**All I Need** (Shields)	3:07
▶	07	**Feed Me With Your Kiss** (Shields)	3:54
	08	**Sueisfine** (Shields)	2:12
	09	**Several Girls Galore** (Butcher • Shields)	2:20
	10	**You Never Should** (Shields)	3:22
	11	**Nothing Much To Lose** (Shields)	3:17
	12	**I Can See It (But I Can't Feel It)** (Shields)	3:11

Pixies | Surfer Rosa (1988)

Selo | 4AD
Produção | Steve Albini
Projeto gráfico | Vaughan Oliver
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:07

Sendo uma colisão bizarra de letras de música de livre associação impregnadas pela Bíblia, espanhol adulterado, guitarras estrondosas, baterias bombásticas e gritos e guinchos estridentes, *Surfer Rosa* é provavelmente a estréia mais crua e visceral que se encontra neste livro. Para muitos fãs desta banda de Boston, continua sendo o documento mais formidável do Pixies.

O Pixies foi formado em 1986 quando Charles Michael Kirtridge Thompson IV, popularmente conhecido como Black Francis, abandonou a faculdade e convenceu o amigo Joey Santiago a fazer o mesmo. Através de um anúncio num jornal local, encontraram a baixista Kim Deal (citada nos créditos como Mrs. John Murphy) e o seu amigo o baterista Dave Lovering. Uma demo inicial criou expectativa em torno do som do Pixies e uma segunda demo foi lançada sem alterações, como o EP *Come On Pilgrim*, pelo selo inglês 4AD.

Tendo arrombado a porta para os estúdios sem nem mesmo tentar, a banda foi entregue ao intransigente Steve Albini para gravar o seu primeiro disco. Albini, famoso por detestar qualquer coisa que soasse vagamente humana, deu-lhes apenas um dia para gravar as vozes, mas passou duas semanas trabalhando o som das guitarras. Qualquer sonoridade considerada como "frouxa" não passou pelo filtro do produtor. O resultado, embora cru e irado, manteve o caráter dinâmico e melódico das composições originais de Thompson.

Uma eletricidade maníaca atravessa cada música, do estrondoso início de "Bone Machine", passando pelas guitarras muito distorcidas de "Break My Body", pelos vocais depravados de "Something Against You", pelos guinchos de "Broken Face" e ainda "Gigantic", composta por Kim Deal, terminando com o hino dos que perderam a cabeça, "Where Is My Mind?". **MBI**

"Eu fui educado com a Bíblia."

Black Francis, 1988

Lista de músicas

01	**Bone Machine**	(Francis)	2:58
02	**Break My Body**	(Francis)	2:05
▶ 03	**Something Against You**	(Francis)	1:48
04	**Broken Face**	(Francis)	1:30
▶ 05	**Gigantic**	(Mrs. John Murphy • Francis)	3:49
06	**River Euphrates**	(Francis)	2:32
▶ 07	**Where Is My Mind**	(Francis)	3:54
08	**Cactus**	(Francis)	2:17
09	**Tony's Theme**	(Francis)	1:52
▶ 10	**Oh My Golly!**	(Francis)	1:47
11	**Vamos**	(Francis)	2:53
12	**I'm Amazed**	(Francis)	1:42
13	**Brick Is Red**	(Francis)	2:00

Metallica | ...And Justice For All (1988)

Selo | Elektra
Producer | Metallica • Flemming Rasmussen
Projeto gráfico | Reiner Design
Nacionalidade | EUA
Duração | 65:10

A história não foi gentil com o quarto álbum do Metallica. Os aficionados do thrash metal criticam o seu som gritantemente superproduzido e os arranjos demasiado complexos. Conta a lenda que este também foi o disco no qual os dois principais compositores da banda, James Hetfield e Lars Ulrich, entraram num vórtice de paranóia (o novo baixista James Newsted foi quase totalmente removido na mixagem, pois os dois não confiavam em sua competência) e ambição (a complexidade dos riffs em muitas faixas quase atingiu os excessos do rock progressivo).

Mas, se você conseguir passar por cima do som sem peso e do exagero experimental, *...And Justice For All* mostra ter dimensões épicas, podendo mesmo ser considerado um disco conceitual com muitas camadas de invenção a explorar. Está entre os melhores da banda: a melódica e agressiva beleza de *Master of Puppets* de 1986 e o devastador e incendiário *Metallica*, um disco não-thrash de 1991. Se você quer agressividade, é só ouvir a pauleira final de "One" ou a guitarra incrível e sempre surpreendente de Kirk Hammett na música de abertura, "Blackened", além da faixa-título, uma prova da competência dos músicos. Além disso, o alcance do riff de Hetfield em "Eye Of The Beholder", tal como a furiosa "Dyers Eve", não deve ser subestimado. Muitos fãs do Metallica vêem este LP como o ponto em que abandonaram o thrash ("Dyers Eve" é a música que mais se aproxima do som anterior da banda) e começaram a se empenhar em alcançar a aceitação do grande público. Se for esse o caso, é um glorioso adeus aos sons extremos de *Kill 'Em All* e *Ride The Lightning* – um adeus que deve ser aproveitado ao máximo. **JM**

"Às vezes escuto *Justice*... e penso que este disco foi a fundação de todo um movimento musical."

Lars Ulrich, 2005

Lista de músicas

01	**Blackened** (Hetfield • Newsted • Ulrich)	6:40
02	**...And Justice For All** (Hammett • Hetfield • Ulrich)	9:44
03	**Eye Of The Beholder** (Hammett • Hetfield • Ulrich)	6:25
04	**One** (Hetfield • Ulrich)	7:24
05	**The Shortest Straw** (Hetfield • Ulrich)	6:35
06	**Harvester Of Sorrow** (Hetfield • Ulrich)	5:42
07	**The Frayed Ends Of Sanity** (Hammett • Hetfield • Ulrich)	7:40
08	**To Live Is To Die** (Burton • Hetfield • Ulrich)	9:48
09	**Dyers Eve** (Hammett • Hetfield • Ulrich)	5:12

Dinosaur Jr. | Bug (1988)

Selo | SST
Produção | Paul Q. Kolderie/Sean Slade
Projeto gráfico | Maura Jasper
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:24

Poucas bandas têm um nome tão adequado como o Dinosaur Jr., um trio que fundia as influências jurássicas do rock tradicional com uma necessidade impetuosa e quase infantil de expressar uma fúria raivosa, o que lhes deu a reputação de serem os legítimos herdeiros do Sonic Youth ao trono de senhores supremos dos ruídos de vanguarda. Essa combinação de sons antigos e novos tornou-os pioneiros do rock independente americano – ruidosos, caóticos e melódicos ao mesmo tempo, o seu estilo seria uma grande influência para inúmeras bandas da geração *slacker*. *Bug* foi o terceiro e último álbum da banda na sua formação original. O guitarrista e vocalista J. Mascis expulsou o baixista Lou Barlow (que depois iria formar o Sebadoh) no ano seguinte.

Dinosaur Jr. era a banda de J. Mascis: além de anotar cuidadosamente cada música, também dizia aos seus companheiros como tocar suas partes. Apesar desse controle autoritário, cada integrante da banda toca como um virtuoso enraivecido, quase como forma de protesto, e os benefícios podem ser claramente notados em faixas como "Freak Scene" (que alcançou o top das listas indie inglesas) e "They Always Come". As melodias elaboradas de Mascis se sobrepõem aos sons de guitarra mais densos (gravados em vários canais e sobrepostos) desse gênero. As linhas de baixo inovadoras do baixista Lou Barlow parecem entrar e sair das melodias enquanto o baterista Murph aumenta a agressividade do som com viradas rápidas, inspiradas pelo heavy metal.

Mascis estava consciente da importância de melodias contagiosas. Obviamente um fã do rock e do folk clássicos, as suas melodias e a sua performance como vocalista fazem lembrar Neil Young, especialmente em "Pond Song" e "Keep The Glove" – nas quais canta melodias tão antigas como o próprio rock por cima do caos sonoro juvenil criado pelo resto da banda. **JC**

"Agora, olhando para trás, eu penso: Meu Deus, não somos nada normais! Ninguém tocava assim!"

Lou Barlow, 2005

Lista de músicas

▶	01	**Freak Scene** (Mascis)	3:35
	02	**No Bones** (Mascis)	3:42
▶	03	**They Always Come** (Mascis)	4:25
▶	04	**Yeah We Know** (Mascis)	5:30
	05	**Let It Ride** (Mascis)	3:34
▶	06	**Pond Song** (Mascis)	2:54
	07	**Budge** (Mascis)	2:29
	08	**Post** (Mascis)	3:36
	09	**Don't** (Mascis)	5:39

Dagmar Krause
Tank Battles (1988)

Selo | Antilles
Produção | Greg Cohen
Projeto gráfico | Island Art
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 39:33

Nascida em Hamburgo, em 1950, a adolescente Dagmar Krause cantava nos bares noturnos da famosa Rua Reeperbahn. Muito mais tarde, em 1978, depois de ter estrelado numa versão londrina do musical *Mahagonny*, de Brecht e Kurt Weill, começou a pesquisar a vida de um compatriota de Weill, o músico Hanns Eisler, que tinha combatido num batalhão húngaro em 1916 antes de se juntar ao conhecido poeta Bertolt Brecht.

O resultado dessa pesquisa foi *Tank Battles*, que incluía Alexander Badalanescu (viola), John Harle (saxofone) e Danny Thompson (baixo acústico). A produção brilhante e os arranjos orquestrais estavam a cargo de Greg Cohen, que havia trabalhado recentemente com Tom Waits no seu álbum *Frank's Wild Years*, inspirado pela paixão de Waits pelo cabaré. As interpretações de Cohen crepitam com tensão nervosa. Cordas em staccato e linhas melódicas dos instrumentos de sopro pulsam sob as vogais metálicas do alemão de Krause. A maioria das músicas é cantada em inglês, mas nem por isso as paixões amargas de Brecht se perdem. Faixas como "Song Of The Whitewash" e "Ballad Of (Bourgeois) Welfare" estão repletas de veneno, tal como a militante "You Have To Pay" e "The Trenches".

Tank Battles possui um pouco de humor negro, e o retrato de uma prostituta, "Mother Beimlein", cantado sobre uma linha simples de fagote, é uma obra-prima. É preciso se lembrar ainda da dolorosa tristeza de "A German Mother" e "The Homecoming".

Robin Denselow, do jornal *The Guardian*, descreveu o álbum como "soul europeu", e certamente ninguém podia resistir à vitalidade dolorida de Krause. **GT**

K.D. Lang
Shadowland (1988)

Selo | Sire
Produção | Owen Bradley
Projeto gráfico | Jeri Heiden
Nacionalidade | Canadá
Duração | 35:54

Com o seu primeiro álbum de 1987, *Angel With A Lariat*, K. D. Lang tinha gerado mais estranhamento do que vendas. As pessoas simplesmente não sabiam o que fazer com seu visual andrógino e suas interpretações camp da música country, que pareciam mais adequadas a uma estação de rádio universitária do que à programação de rádios dominadas por artistas como George Strait e Alabama.

Owen Bradley certamente ficou intrigado. Bradley era um produtor conhecido por seu trabalho nos discos de Patsy Cline, talvez a maior influência de K. D. Lang. Bradley decidiu abandonar a sua aposentadoria para comandar as sessões de gravação de *Shadowland* em Nashville. Tomou controle total do estúdio, extirpando todo o humor e o estilo honky-tonk que marcava o trabalho de estréia, colocando em seu lugar uma mistura exuberante de pop e country que era perfeita para a voz da cantora.

O álbum abre com uma dupla de baladas magníficas, "Western Stars" e "Lock, Stock And Teardrops", passando com tranqüilidade pelos lamentos acompanhados de saxofone de "Busy Being Blue" até a alegre "Don't Let The Stars Get In Your Eyes". *Shadowland* termina com "Honky Tonk Angel's Medley", em que Lang colabora com um trio vocal formidável formado por Brenda Lee, Loretta Lynn e Kitty Wells. Segundo Bradley, faltou apenas a voz de Patsy Cline.

Shadowland tornou-se popular tanto entre os críticos quanto entre os fãs, embora tenha demorado três anos para conseguir se tornar disco de ouro. A cantora gravaria mais um álbum country, *Absolute Torch and Twang*, de 1989, antes de se converter em cantora pop com o sucesso do álbum *Ingénue*. **JiH**

American Music Club
California (1988)

Selo | Demon
Produção | Tom Mallon
Projeto gráfico | Bobby Neel Adams
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:32

O periódico de música *Melody Maker* uma vez chamou o American Music Club de "a banda mais injustamente subestimada do mundo". Uma descrição bastante correta, pois a banda parece estar eternamente condenada à obscuridade.

Uma banda de "americana", muito antes que o termo fosse usado como descrição de um gênero musical, o American Music Club incorporou, sem grande esforço, rock, punk, folk e country em *California*, sua obra definitiva. Com as composições geniais de Mark Eitzel, uma alma maldita e compassiva como poucas, o disco foi gravado um ano após *Engine*, o primeiro trabalho com real valor artístico do grupo. Eitzel descrevia *Engine* como uma tentativa malsucedida de criar um "grande clássico de rock" e os integrantes da banda ficaram realmente chocados quando o R.E.M., com o qual se comparavam constantemente, atingiu um grande sucesso, em vez deles. Decidiram, então, que o próximo álbum devia ser mais tranqüilo e introvertido.

O álbum começa com "Firefly", uma música simples sobre amor perdido, antes de passar ao rock feroz de "Somewhere", contendo a bela frase poética "We got a lot to lose / And maybe we can lose it all tonight" ("Temos muito a perder / E talvez possamos perder isso tudo esta noite"). Há verdadeiras obras-primas em *California*: o sublime "Western Sky" (Eitzel começou a chorar no final desta música quando gravou sua versão ao vivo em seu disco solo *Songs of Love: Live At The Borderline*) e o dilacerante "Blue And Grey Shirt", que fala sobre a morte de um amigo por causa da AIDS. A última música, "Last Harbor", é a melhor que Eitzel já compôs. **AET**

Morrissey
"Viva Hate" (1988)

Selo | Parlophone
Produção | Stephen Street
Projeto gráfico | Morrissey
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:20

Sem os Smiths ou, mais exatamente, sem o seu guitarrista, compositor e por vezes agente e babá Johnny Marr, era provável que Morrissey se tornasse uma piada. Quando Marr anunciou o fim da sua parceria e da maior banda de todos os tempos em 1987, um disco solo de Morrissey realizado rapidamente não era um bom sinal.

Dá o que pensar, então, que 12 anos após o lançamento de *"Viva Hate"*, Ryan Adams tenha resolvido iniciar o seu primeiro álbum, *Heartbreaker*, com uma faixa falada contendo uma discussão sobre "Suedehead", o primeiro single do disco de Morrissey. Outra década, outra nacionalidade, até mesmo outro gênero, mas ainda assim o impacto de Morrissey e de *"Viva Hate"* continua a reverberar.

Mesmo um observador superficial terá que reconhecer que Morrissey não é um mero figurante. Rompendo com a tradição dos Smiths de reutilizar velhas fotografias, vemos um Morrissey determinado na capa do disco. Na terceira música – "Everyday Is Like Sunday" – o cantor já havia criado uma ode à solidão e ao desespero. Em poucas palavras, um clássico de Morrissey.

O produtor Stephen Street foi recrutado como colaborador musical e isso talvez explique um pouco de exagero nas experimentações sonoras, mas a qualidade de faixas como "Late Night, Maudlin Street", "The Ordinary Boys" (de onde a nova banda inglesa tirou o seu nome) e a magnífica "Suedehead" é inegável, pois Morrissey encontra uma voz mais direta do que nunca antes.

Com este disco, Morrissey saiu da sombra para se tornar – como ele diria mais tarde, com a sua típica falta de modéstia – talvez o último grande ícone do pop. **PS**

Sonic Youth | Daydream Nation (1988)

Selo | Enigma
Produção | Nick Sansano • Sonic Youth
Projeto gráfico | Slim Smith
Nacionalidade | EUA
Duração | 70:40

Originalmente um disco duplo de vinil, *Daydream Nation* marcou o fim de uma era para o Sonic Youth. Extensa e vigorosa, enérgica e complexa, sua música completava uma busca que tinha começado no underground nova-iorquino dos anos 80 e que tinha passado por experiências com o minimalismo e o hardcore. Com uma série de gravações, particularmente o fascinante *Evol* e o magnífico *Sister*, ambos de 1986, a banda encaminhava-se de maneira natural para esta declaração definitiva: a obra pela qual certamente será lembrada como a banda que introduziu para o grande público inovações tais como afinações alternativas e colagem de ruídos.

Surrealista e exacerbado e, ao mesmo tempo, mordaz e realista, este álbum começa com uma memorável cena de rua no hino "Teen Age Riot" e acaba com a convulsiva beleza das três faixas que formam "Trilogy", a suíte final. Entre essas faixas, a banda solta a mão no rock ("Silver Rocket", "Candle"), levando o ouvinte fascinado em meio ao seu sentido estético idiossincrático ("The Sprawl", "Providence") e sua ousadia ("Eric's Trip", "Total Trash").

Daydream Nation, o seu último trabalho para um selo indie, foi produzido por Nick Sansano na Greene Street Recording, em Manhattan, e levou o quarteto formado por Steve Shelley (bateria), Kim Gordon (baixo) e os guitarristas Thurston Moore e Lee Ranaldo a um novo nível de reconhecimento como mestres do passado do rock e visionários de um novo tempo. No alvorecer dos anos 90, o mundo estava pronto para mais uma revolução de rock – especialmente essa nação sonâmbula a que se refere o título, uma América que agora parece tão remota no tempo mas que é tão vivamente retratada no disco. IJ

"Permanecer juntos durante tanto tempo foi crucial para nos levarem a sério."

Thurston Moore, 1987

Lista de músicas

▶	01	**Teen Age Riot** (Sonic Youth)	6:58
▶	02	**Silver Rocket** (Sonic Youth)	3:47
	03	**The Sprawl** (Sonic Youth)	7:42
	04	**'Cross The Breeze** (Sonic Youth)	7:00
▶	04	**Eric's Trip** (Sonic Youth)	3:48
	06	**Total Trash** (Sonic Youth)	7:32
	07	**Hey Joni** (Sonic Youth)	4:23
	08	**Providence** (Sonic Youth)	2:41
▶	09	**Candle** (Sonic Youth)	4:59
	10	**Rain King** (Sonic Youth)	4:39
▶	11	**Kissability** (Sonic Youth)	3:08
▶	12	**Trilogy (The Wonder/Hyperstation/ Eliminator Jr.)** (Sonic Youth)	14:03

The Sugarcubes | Life's Too Good (1988)

Selo | One Little Indian
Produção | David Birkett • Ray Shulman
Projeto gráfico | Me Company
Nacionalidade | Islândia
Duração | 33:05

The Sugarcubes foi criado em 1986, como brincadeira, por veteranos da cena pós-punk da Islândia. A brincadeira rapidamente tornou-se algo que ninguém em sua terra natal – eles menos que todos – poderia ter imaginado. Seria a primeira banda islandesa a obter reconhecimento internacional e ainda serviria de base para o enorme sucesso de Björk como solista.

O grupo vinha tocando as faixas de *Life's Too Good* ao vivo ao longo de dois anos na Islândia sem efeito algum, Tudo isso mudou quando "Birthday" foi lançado como single, em 1987, na Inglaterra. A imprensa britânica desmanchou-se em elogios e subitamente a banda se viu em meio a uma autêntica guerra de ofertas das grandes gravadoras. No entanto, o Sugarcubes recusou todos os contratos – eles tinham um forte desprezo pela indústria musical e as suas entrevistas sempre se caracterizaram por um humor cáustico e negro.

O disco foi gravado aos pedaços durante um período de dois anos. Quando finalmente saiu (com capas de cinco cores diferentes), as críticas eram fantásticas, já que realmente era uma estréia impressionante – novo e energético, soube conjugar melodias lúdicas com um grande senso artístico. "Birthday" possui um encanto extraordinário graças à voz notável de Björk, enquanto a inesquecível "Deus" fascinava e hipnotizava ao mesmo tempo. "Coldsweat" e "Sick For Toys" mostravam um lado mais roqueiro e mais sombrio, sendo que esta última música permitia que o guitarrista Thor mostrasse seu estilo vigoroso e cintilante. E de que Einar está reclamando o tempo todo?

É um estranho e maravilhoso álbum, capaz de converter elementos diversos e até contraditórios em uma totalidade forte e convincente. **AEI**

"É preciso fazer tudo com paixão."

Björk, 1992

Lista de músicas

01	**Traitor** (The Sugarcubes)	3:08
▶ 02	**Motorcrash** (The Sugarcubes)	2:23
▶ 03	**Birthday** (The Sugarcubes)	3:59
04	**Delicious Demon** (The Sugarcubes)	2:43
05	**Mama** (The Sugarcubes)	2:56
▶ 06	**Coldsweat** (The Sugarcubes)	3:15
07	**Blue Eyed Pop** (The Sugarcubes)	2:38
▶ 08	**Deus** (The Sugarcubes)	4:07
▶ 09	**Sick For Toys** (The Sugarcubes)	3:15
10	**Fucking In Rhythm And Sorrow** (The Sugarcubes)	3:14
11	**Take Some Petrol Darling** (The Sugarcubes)	1:27

Dwight Yoakam
Buenas Noches From A Lonely Room (1988)

Selo | Reprise
Produção | Pete Anderson
Projeto gráfico | Kim Champagne • Dwight Yoakam
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:37

Tinha o estilo certo desde o início: um homem alto usando um grande chapéu, botas de caubói e jeans incrivelmente apertados. Acima de tudo, Dwight Yoakam cantava um honky-tonk puro como se fosse um anjo perdido ou caído. O seu primeiro disco, *Guitars, Cadillacs, etc., etc.*, de 1986, tinha sido uma jóia preciosa. O seguinte, *Hillbilly Deluxe*, era ainda melhor. O seu terceiro, então, foi o máximo.

E "Buenas Noches From A Lonely Room (She Wore Red Dresses)" era a sua melhor música. Uma poética e comovente confissão de ciúmes, vingança e assassinato, interpretada com uma voz tenra e vibrante. "Streets Of Bakersfield" (com Flaco Jimenez no acordeão) era uma das músicas favoritas de Buck Owens e, de algum modo, Yoakam conseguiu tirá-lo de sua aposentadoria para cantar nesta faixa (abrindo assim um novo capítulo na carreira de Owens, que, naquela época, tinha 58 anos). Por sua vez, "I Sang Dixie" dignificava gentilmente o Sul rebelde e, em "Hold On To God", Yoakam abraçava a música gospel, embora com um pequeno viés.

Tendo nascido e crescido no Kentucky, o jovem Yoakam tinha sido considerado "demasiado country para Nashville", por isso mudou-se para a Califórnia, provavelmente um lugar mais adequado ao seu estilo. Yoakam misturava influências do country com outras tão diversas como Elvis Presley, Lefty Frizzell, os Beatles e Creedence Clearwater Revival. Chamado de "novo tradicionalista", soava inovador e tradicional ao mesmo tempo. Nashville pode não ter aprovado, mas ele não podia ser calado. Os críticos elogiaram e as vendas dispararam. **RF**

"Não faço um diário da minha vida."

Dwight Yoakam, 2003

Lista de músicas

01	**I Got You** (Yoakam)	3:28
02	**One More Name** (Yoakam)	3:05
03	**What I Don't Know** (Yoakam)	3:46
04	**Home Of The Blues** (Cash•Douglas•McAlpine)	2:52
▶ 05	**Buenas Noches From A Lonely Room (She Wore Red Dresses)** (Yoakam)	4:31
06	**I Hear You Knockin'** (Miller)	3:12
▶ 07	**I Sang Dixie** (Yoakam)	3:47
▶ 08	**Streets Of Bakersfield** (Joy)	2:47
09	**Floyd County** (Yoakam)	2:55
10	**Send Me The Pillow** (Locklin)	3:00
11	**Hold On To God** (Yoakam)	3:14

Jane's Addiction
Nothing's Shocking (1988)

Selo | Warner Bros.
Produção | Perry Farrell • Dave Jerden
Projeto gráfico | Perry Farrell • Casey Niccoli
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:13

No final dos anos 80, o rock pesado americano estava dominado por clones vestidos em lycra e cobertos de laca que não tocavam nem heavy nem metal. Ao mesmo tempo, bandas underground como o Sonic Youth tinham pouco impacto comercial. *Nothing's Shocking* conseguiu ter apelo para os dois lados, abrindo caminho para que a MTV se interessasse pela música "alternativa" e para o sucesso do Nirvana.

Jane's Addiction já havia chamado a atenção da cena de Los Angeles com o seu primeiro álbum de mesmo nome, uma gravação ao vivo lançada de forma independente que insinuava que a ambição e a extravagância psicossexual não tinham morrido com o Led Zeppelin. O disco seguinte, por uma grande gravadora, projetou a banda – composta pelo cantor e letrista Perry Farrell, o deus da guitarra Dave Navarro, o versátil baixista Eric Avery e o baterista virtuoso Stephen Perkins – nos corações dos *freaks* de todo o país. A música adequadamente intitulada "Ocean Size" mostrava suas proezas sobre-humanas, o seu dinamismo ideal para os grandes estádios, tudo isso enfatizado por letras contemporâneas e uma produção grandiosa e cheia de sutilezas. "Ted, Just Admit It" reúne a sonoridade pós-punk, riffs em estilo funk e pancadaria tribal para justapor o assassino serial Ted Bundy com o sensacionalismo da mídia, enquanto o sólido rock pesado de "Mountain Song" e "Pigs In Zen" são hinos instantâneos repletos de energia.

O grupo mostra o seu lado mais romântico com o psicodelismo de liberação lenta em "Summertime Rolls" e a bela música acústica "Jane Says", um retrato agridoce sobre a dependência de drogas, demonstrando que a voz nasal de Farrell era capaz de exprimir empatia tão bem quanto fúria. Finalmente o rock voltava a ser perigoso. **MA**

Lista de músicas

01	**Up The Beach**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	3:00
▶ 02	**Ocean Size**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	4:20
03	**Had A Dad**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	3:44
▶ 04	**Ted, Just Admit It...**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	7:23
05	**Standing In The Shower... Thinking**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	3:03
▶ 06	**Summertime Rolls**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	6:18
▶ 07	**Mountain Song**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	4:03
08	**Idiots Rule**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	3:00
▶ 09	**Jane Says**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	4:52
10	**Thank You Boys**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	1:00
▶ 11	**Pigs In Zen**	(Avery • Farrell • Navarro • Perkins)	4:30

Public Enemy | It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back (1988)

Selo | Def Jam
Produção | Vários
Projeto gráfico | Glen E. Friedman
Nacionalidade | EUA
Duração | 57:50

O pior pesadelo da música – o Public Enemy – é o melhor amigo do ruído. Apesar de todos os slogans revolucionários deste disco, o funk pesado e a raiva política, o que se gruda na memória é um sample guinchante. Como um rato com um trompete, ele pula incansavelmente de uma música para outra.

Chuck D. criou esse sample em casa – "A minha mãe disse: Que merda é essa? Tem uma chaleira no disco?". Inspirado pelos chefões do hip-hop KRS One e Eric B., ele sabia que o Public Enemy tinha que produzir algo melhor do que o básico *Yo! Bum Rush the Show* de 1987.

O resultado foi tão brilhante que *Nation* continua sendo um dos melhores discos de rap. E as músicas são de tal modo explosivas que a banda por vezes tinha que incorporar interlúdios instrumentais para dar um abrigo provisório aos ouvintes (um deles, "Security Of The First World", inspirou "Justify My Love" de Madonna). Quase todas as músicas são um ponto alto. "Don't Believe The Hype" tornou-se uma frase constantemente repetida em todo o mundo. "She Watch Channel Zero?!" é um marco importante no caminho do rap-rock que conduz ao Rage Against The Machine. "Night Of The Living Baseheads" e "Rebel Without A Pause" são turbilhões de blips e de baixos e de James Brown. "Cold Lampin' With Flavor" é uma demonstração irretocável do cúmplice de Chuck, Flavor Flav. E "Black Steel...", com sua temática sobre prisões, é um épico pungente.

Nation não pode ser resumido. Segundo a citação que inicia "Bring The Noise" – originalmente uma alusão ao pugilista e "*gangsta*" original Jack Johnson – é "negro demais, forte demais". O seu som e fúria têm muitos significados, mas também dá para dançar. **BM**

Lista de músicas

	01	**Countdown To Armageddon** (Public Enemy)	1:40
▶	02	**Bring The Noise** (Public Enemy)	3:45
▶	03	**Don't Believe The Hype** (Public Enemy)	5:19
	04	**Cold Lampin' With Flavor** (Public Enemy)	4:17
	05	**Terminator X To The Edge Of Panic** (Public Enemy)	4:31
	06	**Mind Terrorist** (Public Enemy)	1:21
	07	**Louder Than A Bomb** (Public Enemy)	3:37
	08	**Caught, Can We Get A Witness** (Public Enemy)	4:53
	09	**Show 'Em Whatcha Got** (Public Enemy)	1:56
	10	**She Watch Channel Zero?!** (Public Enemy)	3:49
	11	**Night Of The Living Baseheads** (Public Enemy)	3:14
	12	**Black Steel In The Hour Of Chaos** (Public Enemy)	6:23
	13	**Security Of The First World** (Public Enemy)	1:20
▶	14	**Rebel Without A Pause** (Public Enemy)	5:02
	15	**Prophets Of Rage** (Public Enemy)	3:18
	16	**Party For Your Right To Fight** (Public Enemy)	3:25

Faith No More | The Real Thing (1989)

Selo | Slash
Produção | Faith No More • Matt Wallace
Projeto gráfico | Jeff Price
Nacionalidade | EUA
Duração | 54:58

O terceiro álbum do Faith No More surgiu da volatilidade. Criado como uma banda pós-punk em 1982, o quinteto de São Francisco despediu o vocalista alcoólatra Chuck Mosley e substituiu-o pelo atraente Mike Patton, de 20 anos, originário de Eureka, na Califórnia, possuidor de uma grande extensão vocal e de uma curiosa maneira de brincar com as palavras.

Ele se tornou uma fonte de inspiração. *The Real Thing* é variado mas bem-acabado, indo desde o ataque thrash de horror burlesco em "Surprise! You're Dead!" à balada lounge "Edge Of The World", passando pelas convulsões de rock progressivo da música que dá o título ao disco e pelo estrondoso instrumental "Woodpecker From Mars", com os seus timbres orientais.

Há três singles memoráveis: "From Out Of Nowhere" é uma vibrante música de amor adornada por um persistente riff do tecladista Roddy Bottum; "Falling To Pieces" evidencia o estilo funk do baixista Bill Gould e do baterista Mike Bordin. O grande sucesso, contudo – chegando ao nono lugar nos Estados Unidos – foi "Epic", uma minissinfonia dramática, muito divulgada pela MTV, com versos rap, um refrão atraente, os solos do guitarrista Jim Martin e um final majestoso de piano.

Apesar da sua popularidade entre os fãs do metal, o grupo nunca apreciou esse gênero e regressou, três anos mais tarde, com o maravilhoso e bizarro *Angel Dust*. Ainda assim, *The Real Thing* viria a ser uma influência importante para bandas de numetal como Korn e Limp Bizkit, que faziam versões cruas e sem humor da sutil fusão de estilos do Faith No More. Patton, em particular, desprezava esses seguidores. Hoje, ele pode ser encontrado facilmente nas margens vanguardistas do pop, colaborando com Björk, com a lenda do avant-jazz John Zorn e com o chefão do hip-hop Dan The Automator. **MA**

"Sempre fomos uma banda alternativa, então era um novo caminho a seguir."

Bill Gould, 1994

Lista de músicas

▶	01	**From Out Of Nowhere** (Faith No More)	3:20
▶	02	**Epic** (Faith No More)	4:51
▶	03	**Falling To Pieces** (Faith No More)	5:12
	04	**Surprise! You're Dead!** (Faith No More)	2:25
	05	**Zombie Eaters** (Faith No More)	5:58
▶	06	**The Real Thing** (Faith No More)	8:11
	07	**Underwater Love** (Faith No More)	3:49
	08	**The Morning After** (Faith No More)	3:41
▶	09	**Woodpecker From Mars** (Faith No More)	5:38
	10	**War Pigs** (Iommi • Ward • Butler • Osbourne)	7:43
▶	11	**Edge Of The World** (Faith No More)	4:10

Lenny Kravitz | Let Love Rule (1989)

Selo | Virgin
Produção | Lenny Kravitz
Projeto gráfico | Jeffrey Kent Ayeroff
Nacionalidade | EUA
Duração | 55:27

A tinta de seu primeiro contrato com a Virgin, em 1989, ainda estava fresca quando Lenny Kravitz começou a lutar pela sua liberdade artística. O estreante, que tinha acabado de abandonar o Romeo Blue, seu conjunto inspirado em Prince, tinha uma visão ousada e não estava disposto a ceder.

Quando começou a gravar nos estúdios Waterfront, em New Jersey, só utilizava equipamento analógico, sem recorrer a um produtor externo, sem banda e sem quaisquer instrumentos programáveis. Deixou as pessoas ainda mais espantadas ao permitir que sua namorada, Lisa Bonet, da série de TV *Cosby*, fosse co-autora das faixas "Fear" e "Rosemary" – a Virgin temia que ela se tornasse a Yoko Ono do Kravitz ("no sentido negativo", como ele afirmou amargamente em entrevistas).

Mas não havia razão para tais preocupações. As 13 músicas de funk e rock retrô são poderosas e honestas e agradaram a multidões, ainda que, com a sua temática sobretudo amorosa, não captassem nem um pouco o espírito do final dos anos 80.

Os críticos rapidamente apontaram que o som de Lenny Kravitz era derivativo: as guitarras soavam como Hendrix, a bateria lembrava Ringo Starr e os arranjos dos instrumentos de sopro eram influenciados pelo som da Motown. Porém, ninguém podia negar que este álbum de estréia era forte e tinha muita alma. As composições de Lenny são soberbas, a sua voz treinada pelo gospel destila paixão e a coragem de justapor as suas melodias agradáveis com sublimes momentos obscuros de psicodelismo e improvisações extensas é incomparável. Se *Let Love Rule* tivesse sido concebido em 1969, ninguém lhe negaria o status de clássico. **CL**

"Nove em cada dez bandas que estrearam em 1989 terminaram. Eu ainda estou aqui."

Lenny Kravitz, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Sittin' On Top Of The World** (Kravitz)	3:16
▶	02	**Let Love Rule** (Kravitz)	5:42
	03	**Freedom Train** (Kravitz)	2:50
	04	**My Precious Love** (Kravitz)	5:15
	05	**I Build This Garden For Us** (Kravitz)	6:16
▶	06	**Fear** (Bonet•Kravitz)	5:25
	07	**Does Anybody Out There Even Care** (Kravitz)	3:42
▶	08	**Mr. Cab Driver** (Kravitz)	3:49
	09	**Rosemary** (Bonet•Kravitz)	5:27
	10	**Be** (Kravitz)	3:16
	11	**Blues For Sister Someone** (Kravitz)	2:51
	12	**Empty Hands** (Kravitz)	4:42
	13	**Flower Child** (Kravitz)	2:56

John Lee Hooker | The Healer (1989)

Selo | Chameleon
Produção | Jim Gaines • Roy Rogers • Carlos Santana
Projeto gráfico | Brandon Lively
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:18

Este artista foi uma grande força do blues e do R&B desde fins dos anos 40 até os anos 60, mas ele não se fez ouvir nos anos 70 e 80. Com uma pequena ajuda dos seus amigos, John Lee Hooker preparou um grande retorno em 1989 com *The Healer*.

O título do álbum refere-se aos poderes curativos do blues e certamente eles reanimaram a carreira decadente de Hooker. O trabalho ganhou um Grammy e despertou um interesse pelo artista e seu trabalho que duraria até a sua morte em 2001. Parte desse mérito deve ser atribuída aos artistas convidados, como Carlos Santana e Bonnie Raitt, mas a alma deste trabalho era de John Lee.

O álbum é construído sobre bases de guitarra realmente inspiradas, começando com os solos de Santana na faixa-título de sabor latino. Em alguns momentos, Santana pode soar completamente sem graça, mas aqui ele é fluido e se adapta bem à voz queixosa de Hooker. Raitt é o companheiro perfeito em "I'm In The Mood", acrescentando uma slide guitar sensual ao constante ataque rítmico de Hooker nos tempos fortes. O lendário Robert Cray quebra o verniz de forma extremamente convincente com a informal "Baby Lee". Hooker se reúne com o Canned Heat em "Cuttin' Out". Essa foi a formidável dobradinha que já tinha produzido o colossal *Hooker'n'Heat* de 1970.

O disco termina com um trio de faixas do Mississípi. A faixa final do álbum, a dolorosamente bela "No Substitute", serve para lembrar que houve apenas um verdadeiro Boogie Man. **JiH**

"Basta olhar para John que você percebe que não vai haver mais ninguém como ele."

B. B. King, 1993

Lista de músicas

▶	01	**The Healer** (Hooker • Rogers • Santana • Thompson)	5:36
▶	02	**I'm In The Mood** (Besman • Hooker)	4:30
▶	03	**Baby Lee** (Bracken • Hooker)	3:43
	04	**Cuttin' Out** (Hooker)	4:35
	05	**Think Twice Before You Go** (Hooker)	2:58
	06	**Sally Mae** (Hooker)	3:15
	07	**That's Alright** (Hooker)	4:23
▶	08	**Rockin' Chair** (Hooker)	4:09
	09	**My Dream** (Hooker)	4:02
▶	10	**No Substitute** (Hooker)	4:07

New Order | Technique (1989)

Selo | Factory
Produção | New Order
Projeto gráfico | Peter Saville
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:58

Três discos de rock inglês representam perfeitamente o espírito do fenômeno do acid house que varreu a Inglaterra no final dos anos 80: *Bummed*, do Happy Mondays, o álbum de estréia do Stone Roses e *Technique*, do New Order. Todos os três são originários de Manchester.

Quando o acid house se tornou moda em Ibiza, o New Order já estava tentando gravar seu quinto álbum. Depois do que podemos chamar de um longo feriado hedonista, regressaram à Inglaterra com apenas 12 faixas contendo a base e um solo de guitarra. No entanto, após concluírem o trabalho nos estúdios Real World, de Peter Gabriel, ficou óbvio que o tempo passado em Ibiza não tinha sido desperdiçado.

Technique é uma obra-prima de sua época. A música de abertura, "Fine Time", gravada imediatamente depois de regressarem de uma noitada nos clubes, incluía um pastiche vocal surreal de Barry White sobre ritmos *acid* absolutamente frenéticos; "Round And Round" era tecno de Detroit no estilo de Salford. Em outros momentos do álbum, faixas eletrônicas como "Love Less" e "Mr Disco" complementam perfeitamente a acústica baleárica e, enquanto as letras de Bernard Sumner documentam o final recente do seu casamento, a atmosfera obscura e introspectiva, marca registrada do New Order, foi substituída por ecstasy e pores-do-sol na praia.

Technique definiu um gênero musical e entrou merecidamente para o primeiro lugar nas paradas inglesas. Com a crescente popularidade do lendário Hacienda Club de Manchester – co-propriedade da banda e quase inteiramente financiado por ela – e a emergência de clássicos do *acid house* como "Voodoo Ray", do A Guy Called Gerald, e "Pacific State", do 808 State, o New Order e a Madchester (o nome da cena musical que surgiu nos arredores da cidade) estavam na ponta extrema da maior revolução musical que iria ocorrer na Inglaterra desde o punk. **CSh**

"Fomos muito influenciados por Ibiza, mas não a ponto de trabalharmos de fato."

Stephen Morris, 1993

Lista de músicas

▶	01	**Fine Time** (Gilbert•Hook•Morris•Sumner)	4:43
	02	**All The Way** (Gilbert•Hook•Morris•Sumner)	3:25
▶	03	**Love Less** (Gilbert•Hook•Morris•Sumner)	3:04
▶	04	**Round And Round** (Gilbert•Hook•Morris•Sumner)	4:32
	05	**Guilty Partner** (Gilbert•Hook•Morris•Sumner)	4:48
	06	**Run** (Gilbert•Hook•Morris•Sumner)	4:32
▶	07	**Mr Disco** (Gilbert•Hook•Morris•Sumner)	4:21
	08	**Vanishing Point** (Gilbert•Hook•Morris•Sumner)	5:18
	09	**Dream Attack** (Gilbert•Hook•Morris•Sumner)	5:15

Madonna | Like A Prayer (1989)

Selo | Sire
Produção | Pat Leonard • Madonna
Projeto gráfico | Margo Chase • Jeri Heiden
Nacionalidade | EUA
Duração | 50:57

Por baixo das cruzes em chamas pelas quais é lembrado esconde-se um dos álbuns pop mais espetaculares desde *Revolver*.

Com vendas correspondentes à sua fama, Madonna poderia ter gravado apenas uma continuação de *True Blue*. Em vez disso, ela e o produtor Pat Leonard conceberam uma obra de arte que mereceu até os aplausos de Peter Gabriel por suas belas melodias.

Deixando o mercado da música dance entregue a Paula Abdul e Janet Jackson, Madonna restringiu a colaboração de Stephen "Into The Groove" Bray a duas faixas. Entre as faixas retiradas estava "Supernatural", que acabou fazendo parte do disco beneficente *Red Hot And Dance*. Essa música foi substituída por tributos a Simon And Garfunkel ("Oh Father") e Sly And The Family Stone ("Keep It Together"), além de remissões triunfantes ao soul dos anos 60 – "Express Yourself" e "Cherish", tributos a Stax e Spector, respectivamente.

A influência de Prince mostrou ser vantajosa não só no dueto "Love Song" (o único produto de um comentado musical que seria produzido por ambos), mas também na guitarra de "Act Of Contrition", o psicodelismo de "Dear Jessie" e a mistura prevalente de sexo e Deus (um coquetel demasiado forte para a Pepsi, que se recusou a levar adiante uma campanha publicitária combinada).

Analisando as letras, o álbum substituiu a avareza por humanidade. "Express Yourself" é uma chamada às armas com mais conteúdo do que "Material Girl", enquanto ela traça um retrato familiar em "Promise To Try" (assunto: a falecida Mrs. Ciccone), "Dear Jessie" (a filha de Pat Leonard) e "Keep It Together" ("casa é onde nosso coração mora"). Ainda mais surpreendente, contudo, é "Till Death Do Us Part", que documenta sua alegada "noite de terror" nas mãos de Sean Penn.

A maturidade nunca soou tão divertida. **BM**

"Este álbum é dedicado à minha mãe, que me ensinou a rezar."

Madonna, 1989

Lista de músicas

▶	01	**Like A Prayer** (Leonard • Madonna)	5:39
	02	**Express Yourself** (Bray • Madonna)	4:37
	03	**Love Song** (Madonna • Prince)	4:52
	04	**Till Death Do Us Part** (Leonard • Madonna)	5:16
	05	**Promise To Try** (Leonard • Madonna)	3:36
▶	06	**Cherish** (Leonard • Madonna)	5:03
	07	**Dear Jessie** (Leonard • Madonna)	4:20
▶	08	**Oh Father** (Leonard • Madonna)	4:57
	09	**Keep It Together** (Bray • Madonna)	5:03
	10	**Spanish Eyes** (Leonard • Madonna)	5:15
	11	**Act Of Contrition** (Leonard • Madonna)	2:19

Queen Latifah
All Hail The Queen (1989)

Selo | Tommy Boy
Produção | Queen Latifah
Projeto gráfico | Steven Miglio
Nacionalidade | EUA
Duração | 63:35

Artistas de hip-hop muitas vezes anunciam a sua chegada como se fosse o Segundo Advento. Seguindo o protocolo, Queen Latifah não foi nada modesta ao intitular o seu trabalho de estréia de *All Hail The Queen*. No entanto, ele de fato representou uma virada no mundo do rap. Com este disco, Latifah não só ajudou a remover o estigma que rodeava as cantoras de rap como também preparou o terreno para o surgimento de grupos como TLC, Destiny's Child e outras mulheres independentes que vieram depois.

Com uma atitude confiante que iria marcar toda a sua carreira, a rapper de New Jersey, cujo nome de batismo é Dana Owens, participou da produção deste álbum assegurando-se de que fosse uma introdução adequada. O single de 1988, "Wrath Of My Madness", foi um sucesso brutal e o produto final provou estar à altura das expectativas.

O álbum inicia com a confiança transmitida pela funky "Dance For Me", que inclui um saxofone no estilo de Maceo Parker. De La Soul se junta à festa em "Mama Gave Birth To The Soul Children" e Quasar colabora em "Come Into My House". Em seguida, a rapper estabelece as regras do jogo em "Latifah's Law" e regressa ao seu primeiro sucesso comercial com a irresistível "Wrath Of My Madness".

Este álbum não conseguiu entrar para a lista dos 100 Mais da Billboard, mas, com o seu terceiro álbum, *Black Reign*, ela se tornaria a primeira rapper feminina a conseguir um disco de ouro. Nos anos que viriam, Latifah iria seguir uma carreira multimídia digna de Oprah, chegando ao auge com sua indicação para o Oscar pela atuação no filme *Chicago*, de 2002. **JiH**

Spacemen 3
Playing With Fire (1989)

Selo | Fire
Produção | Peter Kember • Jason Pierce
Projeto gráfico | Tundra
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:47

Spaceman 3, uma das bandas de guitarra mais inovadoras dos anos 80, foi formada na Inglaterra em 1982. Jason Pierce e Peter "Sonic Boom" Kember se conheceram na universidade e, curiosamente, ambos nasceram no dia 19 de Novembro de 1965.

Os seus primeiros discos foram influenciados pela fixação de Kember por The Cramps, a obsessão de Pierce pelo Stooges e uma paixão comum pelo Suicide e pelo Velvet Underground. Na época, o baixista e o baterista da formação original foram substituídos por Will Carruthers no baixo e um baterista não mencionado. A partir daí as coisas começaram a mudar.

A repetitiva e agressiva guitarra ao estilo do Stooges no single "Revolution" (que defendia a legalização das drogas) atraiu atenção da imprensa especializada. Em termos gerais, foi o psicodelismo alegre existente em *Playing With Fire* que conquistou o público. As guitarras psicóticas da fase inicial da banda foram substituídas pelo minimalismo hipnótico de Kember e as letras sussurradas, particulamente na hipnótica "Honey". Além disso, o crescente interesse de Pierce por música espiritual e gospel fica bem claro no esplêndido "Lord Can You Hear Me?". Este disco marcou também a separação do duo nas composições – a única música que compuseram juntos foi "Suicide", um tributo à banda homônima com 10 minutos de duração, cheia de feedback e efeitos.

O álbum recebeu muitos elogios por parte da crítica, mas não conseguiu entrar para a parada britânica. Como legado de dois talentos únicos, contudo, *Playing With Fire* é insuperável. **CSh**

Firehose
Fromohio (1989)

Selo | SST
Produção | Ed Crawford • George Hurley • Mike Watt
Projeto gráfico | Ed Crawford
Nacionalidade | EUA
Duração | 31:13

Quando o Firehose lançou o seu terceiro disco já tinham estabelecido o seu som. Mantendo inalterado o caótico ritmo funky que caracterizou os The Minutemen, a antiga banda do baixista Mike Watt e do baterista George Hurley, o Firehose optou por uma abordagem mais convencional em seu indie rock vigoroso, marcado pelo gosto do guitarrista/vocalista Ed Crawford por um folk elegante. Esse som – guitarras agressivas, ritmos frenéticos e beleza acústica – encontrou a sua expressão mais pura em *Fromohio*.

A banda mostra o seu ataque enérgico e estrondoso na esplêndida música folk "Vastopol", onde Crawford brilha intensamente. A música de abertura, "Riddle Of The Eighties", é o som do letrista Mike Watt dizendo por onde andou e fazendo uma declaração de intenções do Firehose. A poética homenagem ao falecido guitarrista dos Minutemen, D. Boon, pode ser notada na frase "Listening, whistling, missing that other dude" ("Ouvindo, assobiando, sentindo falta daquele outro cara"), junto com uma indicação de que estavam prontos para seguir em frente: "So I kept running and did the job – others counting on my clues" ("Continuei correndo e fiz o que precisava – outros esperavam por minhas deixas"). "Time With You" e "Mas Cajones" mostram a banda no melhor momento do disco, pura paixão e força. O baterista George Hurley realiza dois breves solos, suportáveis não só pela brevidade como também pelo swing criativo. "Liberty For Our Friend", em um estranho tempo de valsa, mostra uma banda cujo espírito musical é incansável.

O estouro comercial do Nirvana viria logo a seguir. Essa explosão de indie rock com influências punk, tocado com paixão e convicção, era um sinal das mudanças que viriam em seguida. **JW**

Beastie Boys
Paul's Boutique (1989)

Selo | Capitol
Produção | Various
Projeto gráfico | Nathaniel Hornblower
Nacionalidade | EUA
Duração | 63:03

Após o fenomenal impacto global do álbum de estréia, *Licenced To Ill*, o grupo foi confrontado com o que os críticos disseram que seria "seu difícil segundo álbum". Depois das reações tumultuadas que seu estilo de "jovens universitários" e suas atuações em palco provocavam, sem mencionar os milhares de logotipos da VW que os seus admiradores em todo o planeta tinham arrancado dos carros, a banda trocou Nova York por Los Angeles. Quando abandonaram o selo Def Jam, o grupo decidiu seguir em frente musicalmente em relação ao primeiro disco e foram trabalhar com o duo de produtores californianos The Dust Brothers.

O incrível número e a grande variedade de samples neste álbum são sem igual, tirando talvez *3 Feet High And Rising*, do De La Soul. Também foi o último trabalho "importante" a ser produzido sem que os samples fossem previamente liberados, e os produtores puderam inspirar-se em elementos tão diversos como Curtis Mayfield, Led Zeppelin, Beatles e Ramones.

A energia e despreocupação demonstradas no disco, especialmente em faixas como "The Sounds of Science", "Looking Down The Barrel Of A Gun" e "Egg Man", demonstravam sua evolução em termos de letras e das músicas, enquanto "Shake Your Rump", "Hey Ladies" e "To All The Girls" não deixavam dúvidas de que o grupo continuava sabendo exatamente onde era a festa.

Paul's Boutique foi um passo perfeito da banda, transportando-a de suas origens punk às músicas mais sofisticadas que caracterizariam os seus últimos discos. Ele também retrata o Beastie Boys em seu momento mais delicado, ainda que comercial. Pode ser um clássico subvalorizado, mas ainda agita qualquer festa. **CR**

The Young Gods
L'Eau Rouge (1989)

Selo | Play It Again Sam
Produção | Roli Mosimann
Projeto gráfico | The Young Gods
Nacionalidade | Suíça
Duração | 41:10

A música de oito minutos que abre o álbum, "La Fille De La Mort", colocou The Young Gods acima da média de seus congêneres da música industrial. Para começar, deve ser a única música do gênero gravada em compasso de valsa, utilizando samples de acordeões de Weimar no estilo boulevard antes de se transformar em um furacão psicodélico de ruído orquestral para então chegar a um loop de cordas em pizicato sustentado por *patterns* de bateria conflitantes. A banda iria explorar o seu fascínio pela música berlinense do período do pré-guerra no disco de 1991, *The Young Gods Play Kurt Weill*. Os momentos mais bizarros são equilibrados por faixas furiosas no estilo do Ministry, como "Longue Route" e "L'Amourir". Este último era um single que tinha sido lançado separadamente e foi acrescentado apenas a versões posteriores do disco. Em outras faixas, como "Crier Les Chiens", o líder do grupo, Franz Treichler, usa a sua voz como um instrumento, seus guinchos e gritos por vezes lembrando o canto de um pássaro – uma técnica que viria a ser muito utilizada por bandas de black metal anos mais tarde.

O nome do grupo foi inspirado numa música do The Swans, e foi um sonho tornado realidade o fato de terem convencido o sócio de Michael Gira, Roli Mosimann, a produzir o álbum. Em vez de fazer o mesmo que muitos outros na cena de música industrial da época, levantando o volume até o seu limite, Mosimann deixou muito espaço aberto, permitindo que as complexas baterias e guitarras pulsantes criassem camadas de som sobrepostas. A capa mostra o logotipo do YG sobre um fundo vermelho-sangue. **JDo**

"Havia muitos questionamentos em relação àquilo que estávamos fazendo."

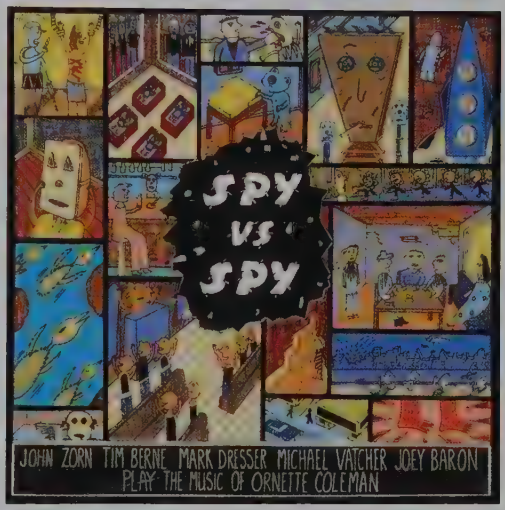
Franz Treichler, 1998

Lista de músicas

▶	01	**La Fille De La Mort** (The Young Gods)	7:58
	02	**Rue Des Tempêtes** (The Young Gods)	2:51
	03	**L'Eau Rouge** (The Young Gods)	4:20
	04	**Charlotte** (The Young Gods)	2:01
	05	**Longue Route** (The Young Gods)	3:41
▶	06	**Crier Les Chiens** (The Young Gods)	3:15
	07	**Ville Notre** (The Young Gods)	4:07
	08	**Les Enfants** (The Young Gods)	5:53
▶	09	**L'Amourir** (The Young Gods)	4:18
	10	**Pas Mal** (The Young Gods)	2:46

John Zorn | Spy Vs. Spy — The Music Of Ornette Coleman (1989)

Selo | Nonesuch
Produção | John Zorn
Projeto gráfico | Mark Beyer
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:32



Sendo muito mais uma desconstrução radical das músicas de Ornette Coleman do que uma homenagem "ao estilo de", Spy Vs. Spy estabeleceu John Zorn como um mestre inigualável da improvisação "incansavelmente violenta". Assim como Ornette Coleman, para Zorn a improvisação coletiva era mais importante que a individual. Tendo essa missão em mente, o saxofonista alto e o seu grupo badalado de jovens colaboradores nova-iorquinos foram abalar as fundações do jazz para criar o seu próprio "Shape Of Jazz To Come" (nome de um disco famoso de Coleman).

Isso é jazz vulcânico em forma de jogo com saxofones trocando golpes inarmônicos em canais estéreo distintos (Zorn à direita contra Tim Berne à esquerda) sobre uma panóplia de baterias duelando (Joey Baron contra Michael Vatcher) e dissonâncias de baixo (Mark Dresser). Uma peça criada para alienar propositalmente os puristas bajuladores do jazz? Talvez, mas depois de implodir a pirotecnia das inúmeras mudanças de acordes características do bebop em "Word For Bird", um thrash-jazz minimalista, o grupo vai misturar blues, swing, freejazz e as infames teorias "harmolódicas" de Ornette para criar algo completamente diferente. "Rejoicing" e "Peace Warriors" chocam e deixam estupefatos os ouvintes que devem decodificar freqüências tonais que até então só tinham sido ouvidas em speed metal ou nas colagens de quadrinhos que Carl Stalling compunha.

Os quadrinhos reaparecem na capa assinada por Mark Beyer, que faz um jogo divertido com a forte tendência contra o establishment do jazz que existe no disco. Bem-vindos ao jazz para a geração pós-punk. Como o próprio Zorn diz no texto de apresentação: "O hardcore é quem manda." **MK**

Lista de músicas

01	**WRU**	(Coleman)	2:38
02	**Chronology**	(Coleman)	1:08
▶ 03	**Word For Bird**	(Coleman)	1:14
04	**Good Old Days**	(Coleman)	2:44
05	**The Disguise**	(Coleman)	1:18
06	**Enfant**	(Coleman)	2:37
▶ 07	**Rejoicing**	(Coleman)	1:38
08	**Blues Connotation**	(Coleman)	1:05
09	**C And D**	(Coleman)	3:05
10	**Chippie**	(Coleman)	1:08
▶ 11	**Peace Warriors**	(Coleman)	1:20
12	**Ecars**	(Coleman)	2:28
13	**Feet Music**	(Coleman)	4:45
14	**Broadway Blues**	(Coleman)	3:42
15	**Space Church**	(Coleman)	2:28
16	**Zig Zag**	(Coleman)	2:54
▶ 17	**Mob Job**	(Coleman)	4:20

The Stone Roses | The Stone Roses (1989)

Selo | Silvertone
Produção | John Leckie
Projeto gráfico | John Squire
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:32

Apesar de suas origens e de seu nome serem góticos, o Stone Roses tornou-se um sinônimo da movimentada cena ecstasy de sua cidade natal, Manchester, fundindo de forma inovadora dance e rock (um reflexo das suas influências, passadas e presentes) de forma similar ao Happy Mondays.

A capa do disco, inspirada tanto pelo pintor Jackson Pollock quanto pelos distúrbios estudantis de 1968 em Paris (os estudantes em luta chupavam limões para combater os efeitos do gás lacrimogêneo), foi obra do guitarrista John Squire, e o seu desempenho com a guitarra une o álbum com tanta liberdade quanto a que tem a pintura esguichada sobre a capa. "Bye Bye Badman", uma referência aos motins de 68, junto com "Elizabeth My Dear" ("Scarborough Fair" reescrita como uma balada anti-monarquia), mostra a visão anti-sistema dos Stone Roses que muitas vezes não é notada.

Nunca exagerado, sempre essencial, o estilo de Squire é freqüentemente considerado a coluna vertebral do álbum. Contudo, o baterista Alan "Reni" Wren merece uma menção especial pelo suave e cuidadoso acompanhamento em "Bye Bye Badman" e magníficas viradas em "I Am The Resurrection" que continuam encantando e surpreendendo até hoje.

A energia e imaginação de músicas como a sonhadora "Waterfall" e a sua prima "Don't Stop" (a mesma música, tocada de trás para a frente, com uma letra adaptada) captam o otimismo característico da época após o nascimento do acid house e o segundo Verão do Amor na Inglaterra.

O Stone Roses conseguiu resumir o espírito aparentemente livre da época, ao mesmo tempo em que relembra o caldeirão criativo do rock e do pop nos anos 60. É absolutamente maravilhoso que tenham inadvertidamente criado um álbum capaz de sobreviver à sua própria época. **JK**

"Somos apenas um grupo de pessoas simples oprimidas."

Ian Brown, 1989

Lista de músicas

▶	01	**I Wanna Be Adored** (Brown•Squire)	4:52
▶	02	**She Bangs The Drums** (Brown•Squire)	3:42
▶	03	**Waterfall** (Brown•Squire)	4:37
	04	**Don't Stop** (Brown•Squire)	5:17
	05	**Bye Bye Badman** (Brown•Squire)	4:00
	06	**Elizabeth My Dear** (Brown•Squire)	0:59
	07	**Song For My Sugar Spun Sister** (Brown•Squire)	3:25
▶	08	**Made Of Stone** (Brown•Squire)	4:10
	09	**Shoot You Down** (Brown•Squire)	4:10
	10	**This Is The One** (Brown•Squire)	4:58
▶	11	**I Am The Resurrection** (Brown•Squire)	8:12

Neneh Cherry | Raw Like Sushi (1989)

Selo | Circa
Produção | Cameron McVey
Projeto gráfico | Jean Baptiste Mondino
Nacionalidade | Suécia
Duração | 46:07

"Não é um disco feminista" – declarou Neneh Cherry à revista *Face*, em 1988, falando sobre seu primeiro disco – "...mas trata da força feminina, do poder feminino e mostra uma atitude feminina." Esse era, resumidamente, o manifesto de Neneh Cherry. Uma versão de uma música de Morgan McVey, "Buffalo Stance", introduziu a marca registrada da cantora – uma mistura de estilos urbanos populares, a doçura de quem conhece as manhas das grandes cidades e orgulho de ser mulher e mãe. Esses temas estão presentes em todo o álbum, criado em co-autoria com seu produtor e parceiro, Boogie Bear (Cameron McVey, produtor de *Blue Lines* do Massive Atack).

Nômade desde criança, viajou muito com sua mãe, a artista sueca Moki, e com o famoso trompetista de jazz Don Cherry, seu padrasto. Aos 15 anos, visitou pela primeira vez a África Ocidental com o seu pai biológico, Amhadu Jah, um percussionista de Serra Leoa. Lá ela descobriu o poder maternal da mulher africana. Depois de passar algum tempo na banda punk nova-iorquina The Slits, mudou-se para Londres em 1980 para tocar com a banda híbrida de jazz/funk Rip, Rig And Panic e teve o seu primeiro filho aos 18 anos.

Enquanto faixas como "Heart" e "Phony Ladies" são ataques mordazes à futilidade e mesquinhez sociais e às preocupações relacionadas com distinções de sexo, faixas como "Inna City Mamma" e "Next Generation" homenageiam a figura da mãe independente e forte que Cherry representa. Ela apareceu no programa *Top Of The Pops* grávida de oito meses (com um vestido justo de Lycra) e colocou o seu filho Tyson, de dois meses, no videoclipe de "Manchild". O álbum vendeu dois milhões e meio de cópias e, através do encanto de Neneh Cherry, de suas melodias contagiantes e sua voz doce, atingiu um público muito maior do que os gêneros básicos de sua música – hip-hop, dance, rap e pop – costumam permitir. **AH-N**

Pop... é apenas fazer algo que possa se expressar de uma forma simples."

Neneh Cherry, 1992

Lista de músicas

▶	01	**Buffalo Stance** (Bear • Cherry • Morgan • Ramacon)	5:42
▶	02	**Manchild** (Bear • Cherry • Delnaja)	3:52
▶	03	**Kisses On The Wind** (Bear • Cherry)	3:57
	04	**Inna City Mamma** (Bear • Cherry • Chill)	4:51
	05	**The Next Generation** (Bear • Cherry)	5:05
	06	**Love Ghetto** (Bear • Cherry)	4:29
▶	07	**Heart** (Bear • Cherry)	5:09
▶	08	**Phoney Ladies** (Bear • Cherry)	3:54
	09	**Outre Risque Locomotive** (Cherry • Malone)	5:05
	10	**So Here I Come** (Bear • Cherry • Chill • New)	4:03

Baaba Maal And Mansour Seck
Djam Leelii (1989)

Selo | Mango
Produção | Baaba Maal • Mansour Seck
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Senegal
Duração | 52:50

Baaba Maal é oriundo de uma família de pescadores do Norte do Senegal e, como a família estava prosperando e as suas notas escolares eram boas, seus pais permitiram que trabalhasse em tempo parcial como cantor. 1970 foi um ano de mudanças e o jovem Baaba Maal recebeu alguma atenção ao cantar sobre as frustrações do seu público. Mas foi apenas quando conheceu Mansour Seck que surgiu a oportunidade de se tornar cantor profissional. Na África Ocidental a música faz parte das famílias dos *griots*, que usam as músicas para elogiar os líderes e benfeitores e contar as suas histórias. Seck era um griô, mas também era cego, então a relação podia ser benéfica para ambos: enquanto ele transmitia os conhecimentos a Maal, o jovem seria o seu guia em muitos aspectos.

Maal e Seck deixaram o Senegal e foram para Paris, onde Maal foi aceito em um conservatório de música. Em 1984, com outros companheiros africanos, gravou esta sessão simples e informal que se mostrou um momento mágico. Os dois amigos criaram harmonias perfeitas com suas vozes de tenor, enquanto à sua volta os violões desenvolviam melodias simples e sedutoras, e uma solitária guitarra elétrica adicionava detalhes e a percussão simples mantinha o ritmo. O lendário John Peel, da BBC Radio One, comentou que era como escutar Muddy Waters pela primeira vez.

Graças a todas as influências que encontraria na Europa, Maal iria redefinir a natureza progressiva da música africana, mas foi com este álbum que começou a abrir as portas. **OH**

"Na África, um músico deve educar. Você pode contar a história das pessoas."

Baaba Maal, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Lam Tooro** (Maal)	6:38
▶	02	**Loodo** (Maal)	6:08
	03	**Muudo Hormo** (Maal)	6:13
	04	**Salm Inanam** (Maal)	4:25
	05	**Maacina Tooro** (Maal)	5:47
▶	06	**Djam Leelii** (Maal)	6:00
▶	07	**Bibbe Leydy** (Maal)	6:25
	08	**Sehilam** (Maal)	6:21
	09	**Kettodee** (Maal)	4:53

Kate Bush | The Sensual World (1989)

Selo | EMI
Produção | Kate Bush
Projeto gráfico | Kindlight • Bill Smith Studio
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:03

Hounds Of Love, de 1985, foi o último testemunho da sensibilidade adolescente de Bush. *The Sensual World* serviu como um sinal de amadurecimento. Aos 30 anos, gravou aquele que é, até à data, o seu álbum mais sólido e maduro. Reconheceu a sua herança irlandesa, inspirou-se nos instrumentos típicos da música celta e – ao menos na faixa-título – na personagem mais sensual de James Joyce: Molly Bloom. Há também uma grande influência folk, em parte devido ao seu irmão Paddy, fã de música étnica. Foi ele, aliás, quem a apresentou às cantoras búlgaras do Trio Bulgarka que colaboram no disco. Michael Nyman fez o arranjo de cordas de "Reaching Out"; Nigel Kennedy participou de "The Fog" e "Heads We're Dancing"; Dave Gilmour toca em "Love And Anger" e "Rocket's Tail". Até mesmo o seu pai, creditado como Dr. Bush, participou com sua voz no diálogo de "The Fog", música em que um pai ensina seus filhos a nadar – o simbolismo é quase óbvio. (O CD contém uma faixa adicional, "Walk Straight Down The Middle".)

Os que gostavam do seu som adolescente e etéreo talvez quisessem que ela permanecesse jovem para sempre e podem não ter gostado deste trabalho, mas Kate segue um novo caminho, entrando numa era em que as influências globais andam de mãos dadas com o conhecimento tecnológico. Há também uma qualidade nítida de sexualidade feminina neste disco, assim como uma tentativa de atingir um público mais amplo: em *The Sensual World* ela canta como uma artista completa, preparada para o sucesso internacional. **ARa**

"Para a maior parte das pessoas, crescer é apenas deixar de fugir... Mas não tenho certeza de que as pessoas de fato cresçam adequadamente."

Kate Bush, 1989

Lista de músicas

▶	01	**The Sensual World** (Bush)	3:57
	02	**Love And Anger** (Bush)	4:42
	03	**The Fog** (Bush)	5:06
	04	**Reaching Out** (Bush)	3:12
	05	**Heads We're Dancing** (Bush)	5:21
▶	06	**Deeper Understanding** (Bush)	4:46
	07	**Between A Man And A Woman** (Bush)	3:30
	08	**Never Be Mine** (Bush)	3:44
▶	09	**Rocket's Tail** (Bush)	4:07
	10	**This Woman's Work** (Bush)	3:38

The Cure | Disintegration (1989)

Selo | Fiction
Produção | David M. Allen • Robert Smith
Projeto gráfico | Parched Art
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 60:29

Robert Smith e o The Cure nunca esperaram se tornar estrelas da música pop, mas sucessos como "Just Like Heaven" moderaram suas críticas furiosas, tirando-os das sombras em direção ao sucesso.

Em *Disintegration* a banda buscou um som mais coeso. O resultado, segundo a revista *Q.*, é como "ser envolvido por um enorme casaco encharcado d'água". De fato, "Prayers For Rain" e "The Same Deep Water As You" são faixas tão dramáticas quanto seus títulos sugerem. Mas nem tudo é perdição e escuridão.

Não, brincadeira. Há perdição e escuridão de todos os tipos, seja ela surreal ("Lullaby"), de um romantismo desolado ("Plainsong") ou violenta ("Disintegration") – mas sempre, como o jornal *NME* notou, "excitantemente infeliz". A banda também emplacou grandes sucessos e o maior deles foi "Lovesong", um presente de casamento de Robert Smith à sua noiva, Mary.

Em meio ao desespero, o baixista Simon Gallup e o antigo baterista do Thompson Twins, Boris Williams, dão um ritmo impressionante ao álbum e em particular a "Fascination Street" (acerca de Bourbon Street, no coração do quarteirão francês em Nova Orleans). O guitarrista Porl Thompson está sempre por perto e estará presente mais tarde na versão de "Lullaby" tocada em turnês. O tecladista Roger O'Donnell é uma constante e Lol Tolhurst fica em segundo plano (aparece nos créditos como "instrumentos adicionais").

"Fiquei preocupado por estar envelhecendo" – lembra-se o vocalista e letrista Robert Smith, prestes a completar 30 anos naquela época. Uma ansiedade que, 10 anos depois, serviu de combustível para *Bloodflowers*, no mesmo tom de *Disintegration*. Essa linhagem foi confirmada pela edição de *Trilogy* em 2003, um DVD ao vivo que incluía também seu predecessor espiritual, *Pornography*. **BM**

Lista de músicas

01	**Plainsong**	(Gallup • O'Donnell • Smith Thompson • Tolhurst • Williams)	5:16
02	**Pictures Of You**	(Gallup • O'Donnell • Smith Thompson • Tolhurst • Williams)	7:28
03	**Closedown**	(Gallup • O'Donnell • Smith Thompson • Tolhurst • Williams)	4:21
▶ 04	**Lovesong**	(Gallup • O'Donnell • Smith Thompson • Tolhurst • Williams)	3:31
▶ 05	**Lullaby**	(Gallup • O'Donnell • Smith Thompson • Tolhurst • Williams)	4:12
▶ 06	**Fascination Street**	(Gallup • O'Donnell • Smith Thompson • Tolhurst • Williams)	5:17
07	**Prayers For Rain**	(Gallup • O'Donnell • Smith Thompson • Tolhurst • Williams)	6:07
08	**The Same Deep Water As You**	(Gallup O'Donnell • Thompson • Tolhurst • Williams)	9:23
09	**Disintegration**	(Gallup • O'Donnell • Smith Thompson • Tolhurst • Williams)	8:24
10	**Untitled**	(Gallup • O'Donnell • Smith Thompson • Tolhurst • Williams)	6:30

808 State | 808:90 (1989)

Selo | ZTT
Produção | Não consta
Projeto gráfico | Ryan Art
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:12

Será que puseram alguma coisa na água de Manchester? Apesar de sua reputação não fundamentada de ser sombria, a cidade britânica foi berço de incontáveis bandas que definiram o tom de suas respectivas épocas e influenciaram intensamente outros grupos. No mundo da dance music, o 808 State (nome de uma bateria eletrônica famosa da Roland) foi uma das bandas mais importantes da cena rave emergente. A primeira formação contava com Martin Price, Graham Massey e Gerald Simpson. Mais tarde surgiram Andrew Barker e Darren Partington, que substituiu Simpson quando este saiu para iniciar uma carreira solo como A Guy Called Gerald.

808:90 é o terceiro álbum do 808 State e tornou-se um dos primeiros discos puramente de dance a entrar nas paradas da Inglaterra. Combinando a sonoridade eletrônica crua da música rave com um elegante sentido de estrutura, melodia e clima, *808:90* destila, talvez pela primeira vez em um LP completo, o ambiente de uma subcultura poderosa e singular. As principais faixas deste álbum são "Cubik" (só na edição norte-americana) e "Pacific" – esta chegou ao Top 10 britânico e continua a ser um hino sentimental para a primeira geração *rave*. O conteúdo emocional de "Pacific", com sua inesquecível melodia de saxofone, continua soando tão poderoso e inspirador como sempre. "Cubik" era mais voltada para as pistas, com a força brutal de seu riff tecno imediatamente reconhecível e os breakbeats incessantes que ainda soam tão poderosos quanto na época. O álbum seguinte, *Ex:el*, foi o maior sucesso de vendas do grupo, mas foi *808:90* que deu à geração acid house o reconhecimento artístico que lhe faltava. **APi**

"Fiquei realmente surpreso quando o Guru Josh chegou na Espanha primeiro e se manteve 17 semanas no primeiro lugar – 'Pacific State' deveria ter feito isso."

Martin Price, 1990

Lista de músicas

01	**Magical Dream**	(808 State)	3:52
▶ 02	**Ancodia**	(Uncredited)	5:47
▶ 03	**Cobra Bora**	(808 State)	6:36
▶ 04	**Pacific 202**	(Massey•Price•Simpson)	5:41
05	**Donkey Doctor**	(808 State)	5:24
06	**80808080808**	(808 State)	4:20
▶ 07	**Sunrise**	(808 State)	6:33
08	**Fat Shadow**	(Uncredited)	0:59

Coldcut | What's That Noise? (1989)

Selo | Ahead Of Our Time
Produção | Coldcut
Projeto gráfico | Mark Porter
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 44:54

O duo de produtores Coldcut ganhou destaque quando Jonathan More, ex-professor de Artes, e Matt Black, programador de computadores, lançaram "Say Kids, What Time Is It?" em 1987. Inspirado pelo "sample terrorist" Steinski, este foi o primeiro disco britânico contendo apenas uma colagem de samples, o que os levou a realizar o inovador show "Solid Steel" na Kiss FM, na época uma rádio pirata londrina dedicada ao dance. Depois do igualmente imaginativo "Beats & Pieces" e aparições como DJs no lendário clube Shoom, atraíram grande atenção com a sua remixagem da música "Paid In Full", de Eric B & Rakim, na qual misturaram de forma perspicaz a música original com "Im Nin'alu", da cantora israelense Ofra Haza.

Em 1988 conseguiram um sucesso para o grande público quando o vocalista Yazz participou de "Doctorin' The House" e a música foi subindo nas paradas britânicas. Ela foi reconstruída para o disco como uma peça sublime de acid house inspirada no estilo de Chicago.

Outros vocalistas convidados para colaborar neste álbum foram a então relativamente desconhecida Lisa Stansfield, na elegante pop house "People Hold On" e o genial Mark E. Smith, em "(I'm) In Deep". Outros destaques são a funky "Smoke 1", usada depois por Queen Latifah em "Find A Way", e "Stop This Crazy Thing", que mistura uma linha de baixo – usando um sintetizador analógico distorcido – com ritmos tribais e a forma de cantar entusiástica de Junior Reid, do Black Uhuru.

Abrangendo uma grande quantidade de estilos musicais, *What's That Noise?* junta tudo com samples intrigantes e muitos efeitos. Sua criatividade divertida abriu caminho para a formação do influente selo Ninja Tune, do próprio duo, em meados de 1990. **CSh**

"Gostaria de trabalhar com os The Doors, mas é um pouco tarde para isso."

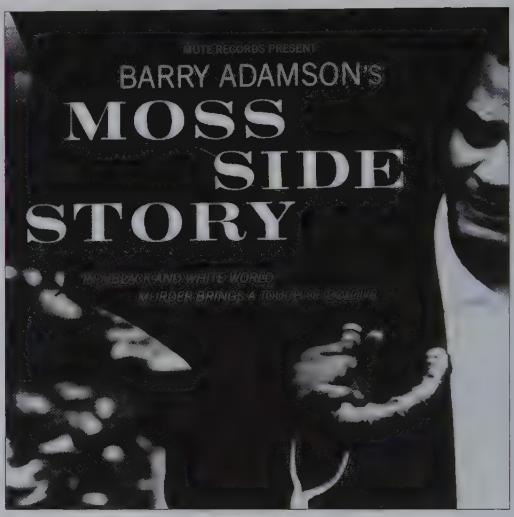
Matt Black, 1990

Lista de músicas

▶	01	**People Hold On** (Black • More • Stansfield)	3:58
	02	**Fat (Party And Bullshit)** (Black • More)	4:17
▶	03	**(I'm) In Deep** (Black • More • Smith)	5:08
	04	**My Telephone** (Black • Devaney • More Morris • Parry • Stansfield)	4:54
	05	**Theme From "Reportage"** (Black • More)	1:35
	06	**Which Doctor?** (Black • More)	4:30
▶	07	**Stop This Crazy Thing** (Black • More • Reid)	5:15
	08	**No Connection** (Black • More)	3:34
▶	09	**Smoke 1** (Black • More)	4:40
▶	10	**Doctorin' The House** (Black • More • Yazz)	4:35
	11	**What's That Noise?** (Black • More)	2:28

Barry Adamson | Moss Side Story (1989)

Selo | Mute
Produção | Barry Adamson
Projeto gráfico | Barry Adamson
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 54:03



Barry Adamson tinha conquistado um nome na cena pós-punk britânica como baixista de primeiro escalão (com o Magazine e depois o Bad Seeds). Mas só no final dos anos 80 iniciou uma carreira solo. O seu primeiro álbum é uma trilha sonora sedutora, por vezes alucinante, para um filme que não existe: *Moss Side Story*.

Intitulado em homenagem ao bairro de Manchester onde Adamson cresceu, o álbum é inspirado por compositores clássicos de trilhas sonoras, como Ennio Morricone e John Barry – o Magazine tinha feito uma versão do tema de John para o filme de Bond *Goldfinger*. Também tem doses consideráveis de pós-punk e vanguardismo, o que remete a trabalhos semelhantes de John Zorn.

Adamson tomou para si o papel de diretor neste projeto, cuidando da concepção gráfica, fazendo arranjos de cordas, criando efeitos sonoros e tocando a maioria dos instrumentos. Também recorreu a antigos colegas como Rowland S. Howard, Kid Congo Powers e Mick Harvey, assim como às divas do avant-garde Anita Lane e Diamanda Galas.

O principal encanto de *Moss Side Story* está em sua perfeita concepção de uma dimensão cinematográfica. O álbum entra nos domínios do filme *noir*, com atmosferas sombrias e assustadoras como em "Central Control", "Sounds From The Big House" e "The Swinging Detective". Adamson, contudo, não restringe sua visão apenas ao declínio e às trevas. "Under Wraps" é uma música de "cena de perseguição" em um peculiar estilo lounge/bossa nova, e "Everything Happens To Me" é uma balada para uma "cena romântica".

Adamson aprofundou-se nesse gênero, eventualmente criando música para filmes reais. **AET**

"Num mundo em preto-e-branco, um assassinato traz um pouco de cor."

Barry Adamson, 1989

Lista de músicas

01	**On The Wrong Side Of Relaxation**	(Adamson)	5:26
▶ 02	**Under Wraps**	(Adamson)	4:27
▶ 03	**Central Control**	(Adamson)	2:16
04	**Round Up The Usual Suspects**	(Adamson)	0:38
▶ 05	**Sounds From The Big House**	(Adamson)	6:24
06	**Suck On The Honey Of Love**	(Adamson)	2:13
▶ 07	**Everything Happens To Me**	(Adamson)	2:42
▶ 08	**The Swinging Detective**	(Adamson)	5:46
09	**Autodestruction**	(Adamson)	3:49
10	**Intensive Care**	(Adamson)	2:41
▶ 11	**The Most Beautiful Girl In The World**	(Adamson)	4:08
12	**Free At Last**	(Adamson)	1:23

Aerosmith | Pump (1989)

Selo | Geffen
Produção | Bruce Fairbairn
Projeto gráfico | Kim Champagne • Gabrielle Raumberger
Nacionalidade | EUA
Duração | 47:39

"Agora todos acham óbvio que o Aerosmith foi uma grande banda", queixou-se o crítico Dave Marsh em 1989. "Dêem um tempo ou encarem os anos 90!"

E por falar nisso... Em novembro desse mesmo ano, o Aerosmith libertou um monstro que misturava a energia da época de *Toys In The Attic* com o ecletismo cheio de ganchos de *Permanent Vacation*, o álbum anterior. A banda iria atingir seu auge em plenos anos 90: "Love In An Elevator", "Janie's Got A Gun", "What It Takes" e "The Other Side" entraram com força total no Top 100, fazendo com que *Pump* vendesse sete milhões de cópias nos Estados Unidos.

Livres de drogas desde 1987, retomaram o vôo graças a sucessos como "Angel", mas antes dependiam fortemente de compositores que não pertenciam à banda e agora estavam determinados a seguir o seu próprio caminho.

Naquela época o rock estava cheio de "seguidores" do Aerosmith, como o Bon Jovi, Guns N' Roses e Mötley Crüe. Ainda que o Aerosmith tenha colaborado com algumas das mesmas pessoas, os resultados eram bastante diferentes.

Uma referência mais concreta é o Led Zeppelin, sobretudo nos riffs de "... Elevator" e "Voodoo Medicine Man". Também compartilhavam do gosto do Led Zep quanto a incluir elementos que não viessem do hard rock, o que explica a deliciosa "Dulcimer Stop" e a sinistra "Janie's Got A Gun".

Esse trabalho ia se chamar *Here's Looking Up Your Old Address*, mas o nome foi mudado a pedido de Brad Whitford. "*Pump* – mas que droga isso quer dizer?" – lembra-se o guitarrista. "Não sei. Mas soa muito... anos 90." O resultado, embalado e recoberto pela irônica fotografia de Norman Seef, deixou a competição comendo poeira. **BM**

"Adoramos subir no palco e tocar."

Joey Kramer, 1997

Lista de músicas

01	**Young Lust**	(Perry•Tyler•Vallance)	4:20
02	**F.I.N.E. (Fucked Up, Insecure, Neurotic, Emotional)**	(Child•Perry•Tyler)	4:06
▶ 03	**Going Down / Love In An Elevator**	(Perry•Tyler)	5:41
04	**Monkey On My Back**	(Perry•Tyler)	3:57
▶ 05	**Water Song / Janie's Got A Gun**	(Hamilton•Tyler)	5:33
06	**Dulcimer Stomp / The Other Side**	(Tyler•Vallance)	4:56
07	**My Girl**	(Perry•Tyler)	3:10
08	**Don't Get Mad, Get Even**	(Perry•Tyler)	4:48
09	**Hoodoo / Voodoo Medicine Man**	(Tyler•Whitford)	4:39
▶ 10	**What It Takes**	(Child•Perry•Tyler)	6:29

Pixies | Doolittle (1989)

Selo | 4AD
Produção | Gil Norton
Projeto gráfico | Vaughan Oliver
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:36

A influência de um novo produtor pode ser notada desde os primeiros acordes de *Doolittle*. As notas limpas de baixo que abrem "Debaser" cantam um polimento em estúdio que nada tem a ver com Steve Albini. Gil Norton também soube dar um brilho limpo à guitarra surf e aos solos alucinados de Joey Santiago, de forma que as harmonias vocais de Kim Deal e Francis encontraram espaço e tempo para se destacar. Segundo Santiago, Gil Norton era defensor do *overdub* (um processo pelo qual gravações adicionais são feitas sobre as anteriores), que Albini tinha rejeitado ao gravar *Surfer Rosa*. O efeito final foi o de criar um álbum pop sublime que projetou a banda das páginas da imprensa britânica para as paradas de sucessos, com o single certeiro "Monkey Gone To Heaven".

As mesmas obsessões com pecados do Antigo Testamento, destruição física e desvios sexuais voltam a marcar as letras de Black Francis e, em várias entrevistas da época, o compositor reconhece sua dívida com o cineasta David Lynch, particularmente por seu forte estilo surreal. Em *Doolittle*, os Pixies aprimoraram a técnica de justapor baixo e bateria esparsos, trechos com vocais suaves e zunidos, ruídos de guitarra tortuosos e gritos de dar nó no estômago, tudo no melhor estilo surrealista.

Na verdade, é quase impossível separar *Doolittle* de *Surfer Rosa* em termos de qualidade, por serem tão diferentes em termos de sonoridade e pela excelente forma com que suportaram a passagem do tempo. *Doolittle* oferece músicas mais doces, como "Here Comes Your Man" e "La La Love You", lado a lado com o rock corrosivo de "Wave Of Mutilation" e "Gouge Away". Parece que a única resposta razoável é ouvir os dois várias vezes... **MBI**

"Sou só um cara que desistiu da faculdade..."

Black Francis, 1989

Lista de músicas

▶	01	**Debaser** (Francis)	2:52
	02	**Tame** (Francis)	1:55
▶	03	**Wave Of Mutilation** (Francis)	2:04
	04	**I Bleed** (Francis)	2:34
	05	**Here Comes Your Man** (Francis)	3:21
	06	**Dead** (Francis)	2:21
	07	**Monkey Gone To Heaven** (Francis)	2:56
▶	08	**Mr Grieves** (Francis)	2:05
	09	**Crackity Jones** (Francis)	1:24
▶	10	**La La Love You** (Francis)	2:43
	11	**Number 13 Baby** (Francis)	3:51
	12	**There Goes My Gun** (Francis)	1:49
	13	**Hey** (Francis)	3:31
	14	**Silver** (Deal•Francis)	2:25
▶	15	**Gouge Away** (Francis)	2:45

Bonnie Raitt | Nick Of Time (1989)

Selo | Capitol
Produção | Don Was
Projeto gráfico | Tommy Steele
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:31

O título do nono álbum de Bonnie Raitt parecia cruelmente apropriado. Sua carreira musical, que tinha sido construída pouco a pouco desde 1971, parecia condenada ao fracasso quando *Nine Lives*, de 1986, não conseguiu entrar para o Top 100 da Billboard e a Warner Bros cancelou seu contrato. Raitt tinha, contudo, pelo menos mais uma vida que ela iria usar de forma produtiva ao lançar *Nick Of Time*.

Quando assinou pela Capitol Records, ela tomou uma decisão que era, no mínimo, curiosa: recrutou o produtor Don Was, mais conhecido pelas músicas alegres e festivas que tinha gravado com o The B-52's, para ajudá-la a colocar peso em sua mistura simples de folk, blues e rock. A aposta deu certo: Was poliu o som de blues de Raitt dando-lhe uma sensibilidade pop inegavelmente refinada, criando um padrão que ela segue até hoje.

O álbum começa com a faixa-título que transforma, com delicadeza, uma dor amorosa em um ritmo dançante, passando depois para "Thing Called Love", uma música que se encaixaria perfeitamente nas rádios atuais de "novo country". Raitt vai subindo de tom até a poderosa "Love Letter", para depois esmaecer com a tristonha "Cry On My Shoulder".

Nick Of Time acabou sendo o disco que fez a carreira de Bonnie Raitt deslanchar, tendo vendido cinco milhões de cópias e conquistando três Grammys em 1990 (a cantora iria receber nesse mesmo ano um quarto Grammy por um dueto com Delbert McClinton). Raitt e Was voltaram a colaborar no trabalho seguinte, *Luck Of The Draw*, em 1991, outro sucesso de vendas que pelo qual ela iria receber mais três Grammys e que chegaria a sete milhões de cópias. **JiH**

"Continuo a ser um touro duro na queda. Estou preparada."

Bonny Raitt, 2002

Lista de músicas

▸	01	**Nick Of Time** (Raitt)	3:52
▸	02	**Thing Called Love** (Hiatt)	3:52
▸	03	**Love Letter** (Hayes)	4:04
	04	**Cry On My Shoulder** (Ruff)	3:44
	05	**Real Man** (Williams)	4:27
	06	**Nobody's Girl** (McNally)	3:14
▸	07	**Have A Heart** (Hayes)	4:50
	08	**Too Soon to Tell** (Bourke • Reid)	3:45
	09	**I Will Not Be Denied** (Williams)	4:55
	10	**I Ain't Gonna Let You Break My Heart Again** (D. Lasley • J. Lasley)	2:38
	11	**The Road's My Middle Name** (Raitt)	3:31

Fugazi | Repeater (1989)

Selo | Dischord
Produção | Ted Niceley
Projeto gráfico | Kurt Sayenga
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:09

Se o Minor Threat exemplificava a raiva juvenil de Ian McKaye, então *Repeater*, do Fugazi, equilibrava o idealismo panfletário de seu antigo hardcore suburbano com uma abordagem da ira cada vez mais inovadora e cheia de nuances.

Percebendo que a cena hardcore norte-americana do final dos anos 80 ia em direção a uma mentalidade dura e mais militante, McKaye, o carismático líder do Minor Threat e co-fundador do influente selo Dischord, juntou-se com o guitarrista Guy Picciotto (ex-membro do Rites of Spring), com o baterista Brendan Canty e o baixista Joe Lally para formar o Fugazi. *Repeater* seria o registro que os afastaria dos radicais da cena.

Alguns detratores os acusaram, várias vezes, de "fazer pregação", mas a ingenuidade política dos primeiros álbuns não estava mais presente em *Repeater*. A diferença fica clara na seção rítmica acertada de Lally e Candy, que se tornou bem mais evidente nessa produção. Em faixas como "Sieve-Fisted Find" e "Repeater", a sobreposição de feedback com linhas de baixo bem definidas amplifica a urgência do ataque vocal do duo McKaye e Picciotto. "Greed" parece ter saído de um álbum do Gang Of Four. A raiva e a emoção continuam presentes, mas agora são expressas de um modo compacto, quase como um dub. As faixas mais lentas, "Turnover", "Blueprint" e "Shut The Door", são como baladas. **TSc**

"Não lhe devemos nada. Você não tem o controle. O que você tem não é quem você é."

Ian McKaye, 1989

Lista de músicas

	01	**Turnover** (Fugazi)	4:16
▶	02	**Repeater** (Fugazi)	3:01
	03	**Brendan #1** (Fugazi)	2:32
▶	04	**Merchandise** (Fugazi)	2:59
	05	**Blueprint** (Fugazi)	3:52
▶	06	**Sieve-Fisted Find** (Fugazi)	3:24
	07	**Greed** (Fugazi)	1:47
	08	**Two Beats Off** (Fugazi)	3:28
▶	09	**Styrofoam** (Fugazi)	2:34
	10	**Reprovisional** (Fugazi)	2:27
▶	11	**Shut The Door** (Fugazi)	4:49

Soul II Soul | Club Classics Vol. One (1989)

Selo | Ten Records
Produção | Nellee Hooper • Jazzie B.
Projeto gráfico | David James
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:55

O álbum de estréia do Soul II Soul foi quase diretamente responsável por uma improvável retomada do soul britânico. Fundindo o ritmo tranqüilo do reggae com a atitude hip-hop e os timbres sensuais do R&B e da disco music, esse coletivo tomou conta das pistas de dança inglesas.

O núcleo original do grupo era composto por Jazzie B. (rapper), Caron Wheeler (vocalista) e Nellee Hooper (produtor). *Club Classics Vol. One* é mais conhecido, assim como a própria banda, pelos dois singles "Keep On Movin" e "Back To Life" (esta versão é a capela). Dois sucessos estrondosos nos Estados Unidos e na Inglaterra que continuam sendo clássicos das pistas até hoje. O talento de Hooper para a produção fica evidente em ambos. Tanto o ritmo quanto a melodia e os vocais têm espaço para brilhar e liberdade para se moverem. Os ritmos sedutores e magnificamente produzidos têm ao mesmo tempo componentes de jazz e dub e, no verão de 1989, eram o que havia de mais funky em toda a Inglaterra.

As faixas deste disco foram inteligentemente programadas como um set de DJ, com algumas delas sendo pouco mais do que grooves instrumentais. Funcionou de forma brilhante. Quando a primeira onda do *acid house* começou a crescer, a filosofia positiva e unificadora das letras do Soul II Soul capturou o clima do seu tempo com perfeição – "A happy face, a thumpin' bass, for a lovin'race" ("Uma face feliz, um baixo marcante para uma raça amorosa"). Contudo, Hooper deixou o grupo após um excelente segundo álbum, indo trabalhar como o superprodutor de estrelas como Björk. Wheeler partiu para a carreira solo, lançando dois discos sem um resultado muito convincente. Desde que Jazzie B. continuou sem os talentos centrais do grupo, a formação em constante mudança do Soul II Soul tem lutado para conseguir atingir novamente a grande força do núcleo original. **APi**

"Não dava para entrar mais ninguém nas nossas festas... porque não tinha sobrado ninguém nas ruas."

Jazzie B, 1992

Lista de músicas

▶	01	**Keep On Movin'** (Romeo)	6:00
	02	**Fairplay** (Hooper•Romeo•Windross)	5:55
▶	03	**Holdin' On Bambeleda** (Law•Romeo)	4:13
	04	**Feeling Free** (Romeo)	4:13
	05	**African Dance** (Law•Romeo)	6:00
	06	**Dance** (Law•Romeo)	3:40
	07	**Feel Free** (Hooper•Romeo)	5:00
	08	**Happiness** (Hooper•Romeo)	5:30
▶	09	**Back To Life** (Romeo)	3:12
▶	10	**Jazzie's Groove** (Hooper•Romeo)	3:12

De La Soul
3 Feet High And Rising (1989)

Selo | Tommy Boy
Produção | Prince Paul
Projeto gráfico | Steven Miglio
Nacionalidade | EUA
Duração | 67:25

Diretamente de Long Island, acompanhados do genial produtor Prince Paul, Posdnous, Trugoy the Dove e Pasemaster Mase apresentaram ao mundo sua verborragia alegre e caleidoscópica com seu pop puro feito de samples psicodélicos e colagens. Seriam os precursores de um estilo e de uma filosofia inicialmente mal interpretados como uma retomada rap da era do psicodelismo hippie, mas que no fundo era uma mistura de afrocentrismo com as primeiras sementes do que viria a ser o "rap consciente".

Enquanto o seu contemporâneo Public Enemy forjava ruídos em uma massa compacta, baderneira e ameaçadora, o De La Soul conformava o caos em um pop clássico e cheio de alma. O afetuoso e caloroso "Eye Know" é uma alquimia de elementos de Steely Dan, Otis Redding e de "Make This Young Lady Mine", uma obscuridade do The Mad Lads' Volt. Mas enquanto seus amplos vôos líricos em geral pintavam usando cores pastel lisérgicas, eles não se esquivavam da realidade: o pulso estranho da bateria eletrônica de Hall & Oates cria a tensão de "Say No Go", um sóbrio hino contra as drogas. O hábil equilíbrio do grupo entre o doce e o acre fez com que esse som deslizasse suave mas firmemente junto ao grande público.

Infelizmente um sample ilícito dos The Túrtles em "You Showed Me" gerou um processo judicial que criou muitos obstáculos ao método de produção do hip-hop. As novas leis criadas atrasaram o lançamento de uma série de álbuns, incluindo a continuação, *De La Soul Is Dead*, que acabou sendo vendido sem boa parte dos samples previstos e não teve o mesmo sucesso que *3 Feet High...* **SC**

Janet Jackson
Rhythm Nation 1814 (1989)

Selo | A&M
Produção | Vários
Projeto gráfico | Richard Frankel
Nacionalidade | EUA
Duração | 64:31

Funky e fabuloso, *Rhythm Nation 1814* está ao lado de *Off The Wall* como os melhores trabalhos da família Jackson.

Relutantes em tomar o caminho mais fácil, Janet Jackson e os produtores Jimmy Jam e Terry Lewis se recusaram a fazer uma mera continuação do álbum *Control* de 1986, com o qual Janet tinha saído de uma injusta obscuridade. Em vez disso criaram uma espécie de *What's Going On* para o que logo seriam os anos 90.

As críticas sociais ficaram restritas às primeiras faixas, até que Janet pergunta de forma brusca: "Get the point? Good, let's dance" ("Entenderam o recado? Ótimo, vamos dançar"). Segue-se "Miss You Much", um de seus sete singles que chegaram ao quinto lugar vindos do mesmo álbum – um recorde. "Black Cat" estava entre eles. Foi produzido por Jam e Jellybean Johnson.

Não há nem um rastro de rock nas faixas seguintes, mas a estrepitosa faixa-título do álbum – uma clara influência para o dueto que os irmãos Jackson fariam em 1995, "Scream" – é baseada em "Thank You (Fallettin Me Be Mice Elf Again)", de Sly And The Family Stone, enquanto "Alright" é uma excursão eletrônica que justifica sua duração pouco usual.

Das três baladas que fecham o álbum, "Lonely" e "Come Back To Me" são dolorosamente belas, enquanto "Someday Is Tonight" é uma envolvente seqüência sexy para "Let's Wait Awhile" de *Control*. **BM**

Jungle Brothers
Done By The Forces Of Nature (1989)

Selo | Warner Bros.
Produção | DJ Red Alert
Projeto gráfico | A. Rahman
Nacionalidade | EUA
Duração | 60:07

De acordo com os puristas, a banda Jungle Brothers cometeu vários pecados em seu segundo álbum ao incluir influências que iam de ritmos de house a influências da world music e samples de jazz. Isso significava que um bom número de fãs do hip-hop não confiava mais neles, considerando-os diletantes. Nada mais falso. Um primeiro single, "Girl I'll House You", selou sua fama como imitadores, apesar de não ser representativo do coquetel musical alegre e com ritmos tão diversificados deste álbum. Claro que encontramos faixas influenciadas pelo house, como "Tribe Vibes", mas é apenas uma parte de um tapete mais denso e confiante do caleidoscópio de influências no qual também encontramos jazz, afrobeat e funk.

Apesar de não estar bem cotado nos cânones do hip-hop, *Done By The Forces Of Nature* representa o duplo ápice do coletivo Native Tongues, junto com *3 Feet High & Rising*, do De La Soul. A arte da capa é um desenho a lápis mostrando o grupo entre Nova York e "a selva" e representa a sua herança africana.

A filosofia política afro-centrista deste álbum é bem clara, mas faixas como "Black Woman" e "Acknowledge Your Own History" são equilibradas por sucessos das pistas de dança como "'U' Make Me Sweat". *Done By...* foi renegado por muitas pessoas na época de seu lançamento porque não tinha a dureza do Public Enemy e do KRS One, mas hoje soa divertido e inovador, além de ser uma influência óbvia dos superprodutores The Neptunes. **JDo**

N.W.A.
Straight Outta Compton (1989)

Selo | Priority
Produção | Dr. Dre • Yella
Projeto gráfico | Helane Freeman
Nacionalidade | EUA
Duração | 60:23

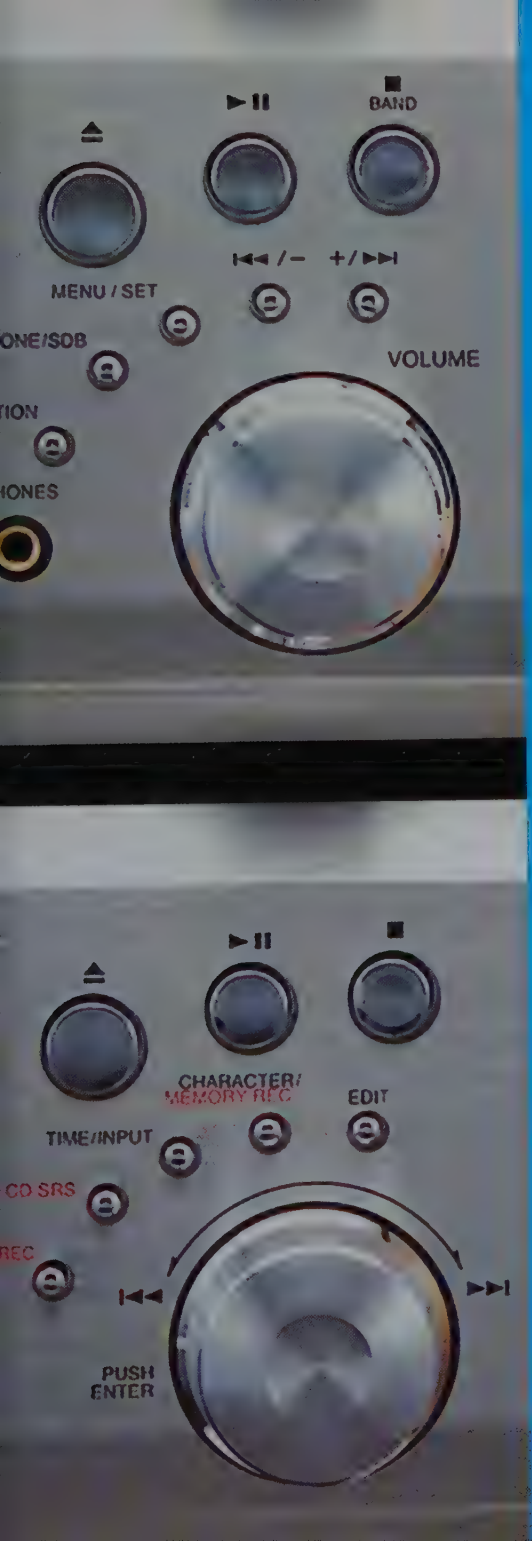
Passas cantantes poucas vezes foram levadas a sério na história do hip-hop. Mas foi com o dinheiro do licenciamento da música "I Heard It Through The Grapevine" para um comercial de TV sobre as passas da Califórnia – e com o lançamento de um disco com clássicos do soul que vendeu dois milhões de cópias – que a Priority Records, de Los Angeles, conseguiu financiar um álbum que iria mudar a música para sempre.

O N.W.A. – Niggaz With Attitude – é fruto do espírito empreendedor de Eazy-Ex, que se juntou a Dr. Dre, Yella e aos rappers Ice Cube e MC Ren. Antes de *Straight Outta Compton*, primeiro álbum real do grupo, houve uma compilação chamada *N.W.A. And The Posse*, contendo trabalhos de outros artistas, como The D.O.C. e Arabian Prince, que decidiram seguir outros caminhos e obtiveram apenas um sucesso fugaz. A história é contada em detalhes por Terry McDermott em um artigo de 2002 do *L.A. Times* disponível on-line.

"Dopeman" é uma das primeiras pérolas de Ice Cube, e "Express Yourself" tornou-se popular nas festas. Mas a imortalidade de *Straight Outta Compton* reside em três coisas: a música que dá nome ao álbum, "Gangsta Gangsta", que veio a definir um gênero; e o furioso "Fuck Tha Police".

Esta última música valeu à Priority Records uma repreensão do FBI por encorajar "a violência e o desrespeito contra os policiais". Por sua vez, a MTV proibiu a veiculação do clipe de "Straight Outta Compton". Resultado: as vendas dispararam. **BM**

DENON
CD RECEIVER UD-M31
R·D·S
ON / STANDBY
TRACK
25
13:47
DENON
MINIDISC RECORDER DMD-M31
POWER LOADING MECHANISM
ON / STANDBY
16Tr 71m 54s
MD LP



- **Fim do apartheid na África do Sul**
- **Tropas iraquianas invadem o Kuwait**
- **Nasce a ovelha Dolly**
- **Fundação do Google**
- **Invenção do Viagra**

Anos 1990

Cocteau Twins | Heaven Or Las Vegas (1990)

Selo | 4AD
Produção | Cocteau Twins
Projeto gráfico | Paul West
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 36:36

Apesar de nunca ter marcado grande presença nas paradas de vendas, o Cocteau Twins sempre possuiu grande número de seguidores apaixonados e devotados. Há uma magia autêntica entre a guitarra penetrante de Robin Guthrie, o baixo irrequieto e em primeiro plano de Simon Raymonde e os vocais hipnóticos de Elizabeth Fraser. Com suas letras impenetráveis e mania de total privacidade, a banda desenvolveu rapidamente uma aura mística. O Cocteau Twins foi uma das bandas responsáveis pela definição da estética do selo 4AD no final dos anos 80, mostrando-se muito influente ao longo dos anos e sendo citada por artistas como Prince, Madonna e My Bloody Valentine.

Para aqueles menos familiarizados com o Cocteau Twins, a melhor introdução à banda é *Heaven Or Las Vegas*. Este foi o trabalho mais sólido e coerente desde *Treasure*, de 1984. A atmosfera fantasmagórica em cores fechadas das capas anteriores não estava mais presente. Em vez disso, a capa mostra uma estria colorida de néon de Las Vegas contra um céu de azul profundo e vermelho. Da mesma forma, o som de *Heaven...* é mais convidativo e caloroso. As melodias são animadas, a produção é sublime e é possível até mesmo entender parte das letras.

Faixas como "Iceblink Luck" e "Heaven Or Las Vegas" são belas músicas pop no melhor estilo da banda. "Fotzepolitic" começa tranqüilamente antes de explodir numa interpretação vocal exuberante: as notas agudas e angelicais de Liz ressoam e pairam sobre o ritmo pesado. "Road, River And Rail" é misteriosa e emotiva. O álbum termina com "Frou-Frou Foxes In Midsummer Fires", que começa como uma música de clima elegíaco para depois se transformar e chegar a um final ritmado e encantador. **RM**

"(Liz Fraser) se escondia por trás dos sons que criava."

Simon Raymonde, 2001

Lista de músicas

01	**Cherry-Coloured Funk**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	3:12
02	**Pitch The Baby**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	3:16
▶ 03	**Iceblink Luck**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	3:18
04	**Fifty-Fifty Clown**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	3:15
▶ 05	**Heaven Or Las Vegas**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	4:56
06	**I Wear Your Ring**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	3:40
▶ 07	**Fotzepolitic**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	3:30
08	**Wolf In The Breast**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	3:32
▶ 09	**Road, River And Rail**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	3:21
▶ 10	**Frou-Frou Foxes In Midsummer Fires**	(Fraser • Guthrie • Raymonde)	5:36

The Shamen | En-Tact (1990)

Selo | One Little Indian
Produção | The Shamen
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:32

Formado em meados dos anos 80, The Shamen iniciou a sua carreira como um grupo de rock psicodélico criado por Colin Angus, que se inspirou em suas investigações sobre xamanismo para dar nome à banda. No final dos anos 80, quando a cultura rave começou a apoderar-se da Inglaterra de Thatcher, Will Sinnott e o "Essex boy" – o rapper Mr. C – uniram-se ao grupo e tanto seus conhecimentos tecnológicos quanto o interesse comum pelo psicodelismo levaram a banda em uma direção mais dançante.

The Shamen combinava a cultura dance alternativa com uma sensibilidade pop, resultando na venda de 100 mil cópias do álbum de 1990, *En-Tact*. Depois de uma turnê pela Inglaterra com seu show inovador Synergy, que incluía atuações ao vivo do The Shamen e do Orbital, além de DJs como Paul Oakenfold, "Pro-Gen", retrabalhado e relançado em seguida como "Pro-Gen 91 – Move Any Mountain", subiu nas paradas de vendas e virou um grande sucesso das pistas. Enquanto filmavam o vídeo para "Pro-Gen 91" nas Ilhas Canárias, Will Sinnott morreu tragicamente afogado, mas os fãs e a família de Will convenceram o grupo a continuar.

"Pro-Gen 91 – Move Any Mountain" é o som típico do Shamen, uma música com uma vibração otimista e letras que incorporavam a consciência ecológica planetária com a produção dance típica dos anos 90. Logo em seguida, o grupo lançou *Bass Drum*, um álbum igualmente coeso e certeiro que continha a hilariante paródia de fundo político "Ebenezer Goode", primeiro lugar na Inglaterra. Uma carta de amor codificada sobre os prazeres do ecstasy, chegou a um milhão de exemplares vendidos na Inglaterra. Em retrospectiva, contudo, as faixas mais inocentes e menos frenéticas de *En-Tact* sobreviveram melhor à passagem do tempo. Os destaques são "Pro-Gen" e a igualmente positiva "Make It Mine", assim como o clássico acid-house "Omega Amigo". **APi**

"A música eletrônica é uma maneira poderosa de compor... espero que este álbum deixe isso claro."

Colin Angus, 1990

Lista de músicas

	01	**Human NRG** (The Shamen)	3:22
▶	02	**Pro-Gen (Land Of Oz Mix)** (The Shamen)	4:06
	03	**Possible Worlds** (The Shamen)	3:44
▶	04	**Omega Amigo (Steve Osbourne Mix)** (The Shamen)	4:44
	05	**Evil Is Even (Edit)** (The Shamen)	4:22
▶	06	**Hyperreal** (The Shamen)	4:31
	07	**Lightspan (Will Sinnott / Irresistible Force Mix)** (The Shamen)	5:47
▶	07	**Make It Mine (V2.5 Evil Ed)** (The Shamen)	3:57
	08	**Oxygen Restriction** (The Shamen)	3:47
	09	**Hear Me O My People** (The Shamen)	5:12

Deee-Lite | World Clique (1990)

Selo | Elektra
Produção | Bill Coleman • Deee-Lite
Projeto gráfico | Nick Egan
Nacionalidade | Japão • EUA • Rússia
Duração | 41:23

Com o fenômeno das pistas "Groove Is In The Heart", o Deee-Lite assegurou que a sua lenda permaneceria viva por muitos anos, graças a diversas compilações de música de dança e aos programas nostálgicos da VH1 ou da MTV. A história recente, contudo, não tem sido generosa com esse grupo surgido em Nova York e que inspirou seu nome na música de Cole Porter "It's Delovely". O trio é freqüentemente lembrado por ter conseguido um único sucesso estrondoso, mas o seu primeiro trabalho, *World Clique*, que recebeu um disco de ouro, ainda se mantém como um argumento convincente de que o Deee-Lite não foi apenas uma mera curiosidade na história da música pop.

Começando pela capa espacial – na qual a vocalista Kier Kirby (também conhecida como Lady Miss Kier), o DJ russo Dmitry Brill e o DJ japonês Towa Tei aparecem vestidos em roupas disco, em meio a estrelas e flores –, este álbum está cheio de músicas absolutamente psicodélicas, com um toque kitsch maravilhoso e boas vibrações nos grooves da cultura clubber. Toda uma geração agitaria os braços e os quadris pela primeira vez ao som do sucesso "Groove Is In The Heart", que chegou ao Top 10 basicamente em todo o mundo e dominou a MTV durante grande parte de 1990.

"Good Beat" e "Power Of Love" possuem um tom adequado para as pistas; Lady Miss Kier interpreta um pop sensual em "Try Me On..." e "What Is Love?". No geral, o álbum é uma compilação muito feliz de disco, rap, house, funk (ajudado e incitado pelos Horny Horns: Maceo Parker e Fred Wesley), ambient e tecno. A festa está a toda quando o trio chega a "Groove...", que é alimentado pelo talento do já mencionado saxofonista Parker, o rapper Q-Tip e o superbaixista Bootsy Collins. (Versões mais recentes do LP incluíam as duas faixas-bônus "Deee-Lite Theme" e "Build The Bridge".) **JiH**

"Não espero que estejam sempre de acordo comigo, mas sempre vou lutar por aquilo em que acredito."

Kier Kirby, 2003

Lista de músicas

01	**Good Beat** (Deee-Lite)	4:40
02	**Power Of Love** (Deee-Lite)	4:40
03	**Try Me On... I'm Very You** (Deee-Lite)	5:14
04	**Smile On** (Deee-Lite)	3:55
05	**What Is Love?** (Deee-Lite)	3:38
06	**World Clique** (Deee-Lite)	3:20
07	**E.S.P.** (Deee-Lite)	3:43
08	**Groove Is In The Heart** (Deee-Lite)	3:51
09	**Who Was That?** (Deee-Lite)	4:35
10	**Deep Ending** (Deee-Lite)	3:47

The La's | The La's (1990)

Selo | Go! Discs
Produção | Steve Lillywhite
Projeto gráfico | Ryan Art
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 35:09

Qualquer parada das melhores músicas pop dos anos 90 precisa obrigatoriamente incluir "There She Goes" deste disco, uma mistura sublime de guitarras melodiosas, vozes em falsete e um refrão tão contagiante que permanece na memória durante dias a fio. Mesmo aqueles que nunca ouviram falar do The La's reconhecem a música por conta dos anúncios e filmes. Resta saber se esta é uma música de amor dedicada a uma jovem ou uma ode disfarçada à heroína ("Racing through my brain... Pulsing through my vein") – um detalhe que parece não ter sido percebido pelos executivos da Disney que a usaram na trilha da nova versão de *The Parent*, de 1998.

Mas "There She Goes" não é o único tesouro enterrado em *The La's*, um álbum repleto de músicas contagiantes e baladas pop de dois ou três minutos de duração. "Son Of A Gun" é um dos pontos altos, com os "coquinhos" fazendo a percussão no fundo e uma linha de baixo que lembra "Twist And Shout" (originalmente do Isley Brothers). "Timeless Melody" possui um ritmo agitado e um solo de guitarra com efeitos, ao passo que "Feelin'" é uma música animada que lembra os anos 60.

Por que, então, com inúmeras críticas elogiosas e vendas estrondosas, o The La's lançou apenas um álbum e depois sumiu? Pelo que contam, o cantor principal e compositor Lee Mavers sempre foi um perfeccionista rabugento e talvez ligeiramente intratável. A banda levou quatro anos para produzir *The La's* e também trocou de produtor pelo menos quatro vezes antes de o selo perder a paciência e decidir lançar a versão de Steve Lillywhite. Pouco tempo depois, quando a *NME* pediu a Lee Mavers que falasse sobre este disco, ele respondeu: "Eu o odeio, é uma droga. Um monte de merda. Não há nada de bom que possa dizer sobre ele." Lee, sua opinião é francamente minoritária... **RM**

"Quanto mais perto você chega da perfeição, mais perto chega da imperfeição – é simples assim."

Lee Mavers, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Son Of A Gun** (Mavers)	1:56
	02	**I Can't Sleep** (Mavers)	2:37
▶	03	**Timeless Melody** (Mavers)	3:01
	04	**Liberty Ship** (Mavers)	2:30
▶	05	**There She Goes** (Mavers)	2:42
	06	**Doledrum** (Mavers)	2:50
▶	07	**Feelin'** (Mavers)	1:44
▶	08	**Way Out** (Mavers)	2:32
	09	**IOU** (Mavers)	2:08
	10	**Freedom Song** (Mavers)	2:23
	11	**Failure** (Mavers)	2:54
	12	**Looking Glass** (Mavers)	7:52

The Black Crowes | Shake Your Money Maker (1990)

Selo | Def American
Produção | George Drakoulias
Projeto gráfico | Alan Forbes
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:42

Em 1990, quando o álbum de estréia deste quinteto de Atlanta foi lançado, o rock americano estava no meio de um processo de mudança. O declínio do heavy metal era evidente e o som grunge alternativo surgido em Seattle estava prestes a tomar conta das paradas. Não era o momento mais propício para o lançamento de uma banda jovem que pretendia revigorar uma forma mais antiga de rock baseado em blues através do R&B dos anos 60 – colocando-os numa tradição que remontava ao The Alman Brothers Band e Lynyrd Skynyrd.

Curiosamente, o sucesso chegou rápido para o The Crowes, que vendeu sete milhões de cópias da sua versão turbinada de "Hard To Handle", de Otis Redding. Como o guitarrista do grupo Rich Robinson reconheceu, a sua história era atípica em relação à maioria das bandas de rock: "Começamos ao contrário. Foi um processo diferente do habitual. Tivemos muito sucesso com o primeiro disco e depois as vendas caíram." O sucesso da versão de Redding fez disparar as vendas de *Shake Your Money Maker*, um álbum de rock clássico com um swing e estilo que recordavam o *Exile On Main St.* dos Stones. Junto com a versão de Redding, o disco incluía "Jealous Again", um single de sucesso nos EUA e uma balada acústica melódica acerca de um viciado em drogas, "She Talks To Angels", interpretada por Chris, irmão de Rich, com uma maturidade impressionante para a sua idade.

O disco permaneceu nas paradas de vendas dos EUA durante 18 meses. Não foi uma obra revolucionária, mas, quando a música é tão funky e tem tanta garra como a deste álbum, não precisa ser. A carreira do Black Crowes seguiu, desde então, um percurso errático, mas a sua reputação está garantida por este trabalho de estréia. **LPG**

"Alguns sabem como aproveitar a vida, outros não."

Rich Robinson, 1996

Lista de músicas

	01	**Twice As Hard** (C. Robinson • R. Robinson)	4:09
▶	02	**Jealous Again** (C. Robinson • R. Robinson)	4:35
	03	**Sister Luck** (C. Robinson • R. Robinson)	5:13
	04	**Could I've Been So Blind** (C. Robinson • R. Robinson)	3:44
	05	**Seeing Things** (C. Robinson • R. Robinson)	5:18
▶	06	**Hard To Handle** (Isbell • Jones • Redding)	3:08
	07	**Thick 'N' Thin** (C. Robinson • R. Robinson)	2:44
▶	08	**She Talks To Angels** (C. Robinson • R. Robinson)	5:29
	09	**Struttin' Blues** (C. Robinson • R. Robinson)	4:09
	10	**Stare It Cold** (C. Robinson • R. Robinson)	5:13

Depeche Mode | Violator (1990)

Selo | Mute
Produção | Depeche Mode • Flood
Projeto gráfico | Anton Corbijn • Area
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:59

Em março de 1990, o Depeche Mode lançou um novo álbum no que eles presumiram que seria um evento discreto na Warehouse Records, em Los Angeles. Em vez disso, cinco fãs foram hospitalizados quando, segundo dados policiais, 30 mil pessoas apareceram. Não é de se espantar que a turnê seguinte da banda tenha sido chamada de *World Violation*.

Estranhamente, o álbum que lhes garantiu o superestrelato era muito mais introspectivo do que seu predecessor explosivo, *Music For The Masses*. Apenas "Personal Jesus" – baseado num groove do músico Gary Gliter – parecia adequada para tocar em estádios. As outras faixas são as mais atraentes que Martin Gore já compôs, desde a tonalidade tecno de "World In My Eyes", passando pela delicada "Waiting For The Night", até a sombria "Clean" (uma descendente afastada de "One Of These Days", do Pink Floyd). O tempo para trabalhar que Gore tinha conseguido ao lançar, em 1989, um EP de *covers* chamado *Counterfield* tinha trazido recompensas. O resultado foram quatro enormes sucessos, dos quais "Enjoy The Silence" teve a maior repercussão internacional.

Sofisticado mas sentimental, *Violator* eliminou a auto-indulgência das estranhezas de *Black Celebration* e *Music For The Masses*. Os temas instrumentais não citados na lista de músicas – "Crucified" logo após "Enjoy The Silence" e "Interlude N.º 3" após "Blue Dress" – são instigantes e encantadores.

Maravilhosamente produzido por Flood – que também trabalhou com o Nine Inch Nails e o Smashing Pumpkins –, o disco é tão coeso que muitos custaram a crer que era mesmo Gore, e não Dave Gahan, quem cantava em "Sweetest Perfection" e "Blue Dress". Parte do crédito quanto à qualidade irrepreensível do disco não pode deixar de ser atribuída aos excelentes arranjos do tecladista Alan Wilder. *Violator* mostra o grupo no auge de seu sucesso e continua a soar estupendo atualmente. **BM**

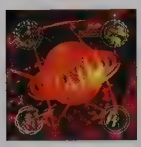
"Tenho uma lista dos 10 tópicos mais importantes... relações, dominação, luxúria, amor, bem, mal, incesto, pecado, religião, imoralidade."

Martin Gore, 1990

Lista de músicas

01	**World In My Eyes** (Gore)	4:26
02	**Sweetest Perfection** (Gore)	4:43
▶ 03	**Personal Jesus** (Gore)	4:56
04	**Halo** (Gore)	4:30
05	**Waiting For The Night** (Gore)	6:07
▶ 06	**Enjoy The Silence** (Gore)	6:12
▶ 07	**Policy Of Truth** (Gore)	4:55
08	**Blue Dress** (Gore)	5:42
09	**Clean** (Gore)	5:28

Pixies
Bossanova (1990)



Selo | 4AD
Produção | Gil Norton
Projeto gráfico | Vaughan Oliver
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:41

As rachaduras tinham começado a se tornar evidentes na época de *Bossanova* e os Pixies tinham perdido parte de sua magia. Em fins de 1989, depois da segunda turnê de *Doolittle* pelos EUA, o grupo fez uma pausa, declarando-se "cansados" uns dos outros. Durante esse período, Black Francis realizou uma turnê solo e Kim Deal formou The Breeders, com o qual ela iria obter vários sucessos. A banda voltou a juntar-se em 1990 e regressou ao estúdio com o "quinto Pixie", Gil Norton.

O atmosférico *Bossanova* foi lançado no outono de 1990 e obteve críticas muito variadas. De forma reveladora, não continha nenhuma música de Kim Deal e trazia muitas melodias suaves no estilo surf-rock compostas por Charles Thompson. Em termos comerciais ele acertou em cheio, chegando ao terceiro lugar nas paradas da Inglaterra e emplacando dois sucessos nos Estados Unidos com "Velouria" e "Dig For Fire".

No que diz respeito às letras, *Bossanova* representava um afastamento dos trabalhos anteriores. Havia menos sexo e violência surrealistas – as marcas registradas de Black Francis –, agora substituídos por uma obsessão por OVNIs: "The Happening" referia-se diretamente à hoje infame Área 51 e "Down To The Well" inspirava-se na história de Barney e Batty Hill, supostamente abduzidos por extraterrestres. "Rock Music" e "Stormy Weather" estavam mais próximos da selvageria dos trabalhos anteriores do grupo. Estranhamente, "Is She Weird" poderia ter sido escrita *para* ou *por* Kim Deal. **MBI**

Megadeth
Rust In Peace (1990)

Selo | Capitol
Produção | Mike Clink • Dave Mustaine
Projeto gráfico | Shannon Ward
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:33

O início da carreira do Megadeth caracterizou-se por mudanças na formação da banda e completa imprevisibilidade. Depois de ter sido expulso do Metallica por uso de drogas, o guitarrista e cantor Dave Mustaine estreou a sua nova formação de thrash em 1985 com *Killing Is My Business... And Business Is Good!*. Em seguida veio o clássico underground *Peace Sells... But Who's Buying?*, seguido pelo desolador *So Far So Good... So What!*. Enquanto isso, o Metallica havia se tornado o maior nome do metal, chegando mesmo a ganhar um Grammy.

O quarto álbum do Megadeth trazia a terceira formação do grupo, com Mustaine e o baixista e membro fundador Dave Ellefson (baixo) reunidos com o guitarrista Marty Friedman e o baterista Nick Menza. O quarteto rejuvenescido tocava agora com maior rapidez e precisão do que nunca.

A maior novidade, contudo, foi a melhoria nas composições de seu líder. As nove músicas deste disco são originais dinâmicos, com riffs sofisticados, ganchos irresistíveis e letras que evitam tanto o satanismo do death/black metal quanto a vulgaridade do rock machista.

A faixa-título protesta contra as armas nucleares e "Holy Wars... The Punishment Due" faz um comentário sarcástico sobre a intolerância religiosa. "Hangar 18" foi inspirada pelo suposto acobertamento do caso Roswell.

O álbum alcançou o vigésimo terceiro lugar na parada da Billboard e é considerado um dos melhores discos da era do speed metal. Depois do triunfo do grunge, o Megadeth e o Metallica adotaram um estilo mais tradicional de rock pesado em andamento mais moderado. **MA**

Digital Underground
Sex Packets (1990)

Selo | Tommy Boy
Produção | Digital Underground
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 64:26

Sex Packets foi uma idéia original de Shock G. (Greg Jacobs), um rapper e mago da produção cujo talento imenso é comparável à sua excentricidade. Trata-se de um álbum conceitual construído em torno de um comprimido que proporciona uma experiência de sexo virtual sobre uma rica textura musical grandemente inspirada em samples de P-funk. Gravando instrumentos não seqüenciados e com uma produção impecável, a música foi habilmente construída, transcendendo o P-funk e o hip-hop para tornar-se uma expressão pura de sexo, funk e humor.

Os destaques incluem a faixa-título, uma versão insolente e relaxada em câmera lenta no estilo de Prince, o hilariante sucesso das pistas de dança "Humpty Dance", interpretado pelo alterego de Shock G., Humpty Hump, e "Freaks Of The Industry", uma ode hipnótica ao sexo bizarro com um hábil trabalho de scratch e um solo sublime de Piano Man. "Gutfest 89" inclui reportagens ao vivo sobre a fictícia Gutfest, um tipo de torneio de sexo e beleza para maiores, com um dos ritmos lentos mais sensuais de todos os tempos. A música final do disco, "Packet Man", contém um diálogo entre Shock G. (que interpreta um traficante de "sex packets") e Humpty Hump (interpretando o cliente).

O pacote completo é entregue ao ouvinte com estilo, humor, charme e absurdos extremos, tornando-se rapidamente tão irresistível quanto o seu próprio conceito. Há quem ache as piadas demasiado sexistas e a música excessivamente dependente dos samples de P-funk, mas dizer isso deixa de fora o mais importante: *Sex Packets* é um clássico único e excêntrico do hip-hop e um disco conceitual que seria digno de George Clinton. **APi**

Pet Shop Boys
Behaviour (1990)

Selo | Parlophone
Produção | Harold Faltermeyer
Projeto gráfico | Mark Farrow
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 49:04

Para grande frustração do grupo, o Pet Shop Boys já tinha usado o título *Introspective* na sua obra anterior. Se algum dos seus discos merecia tal nome era este, um álbum taciturno e angustiante. Neil Tennant comentou que, com o mundo em estado precário, queria criar músicas que refletissem a sua angústia pessoal diante da incerteza global. E, depois de colaborações com Liza Minnelli, Dusty Springfield e Electronic, o duo estava cheio de novas idéias.

Após terem jurado que nunca usariam guitarras em suas músicas é no mínimo interessante ouvir o duo deixar que Johnny Marr, ex-integrante do Smiths, salpique algumas faixas com a sua palheta dourada. O álbum também contém orquestrações de Angelo Badalamenti, que se tornou conhecido por colaborar no cinema com David Lynch. Desde o início o disco apresenta um tom sóbrio e contido. Tennant lança um olhar nostálgico à adolescência em "Being Boring" e "This Must Be The Place I Waited Years To Leave". "So Hard", um single de sucesso na Inglaterra, contém um poderoso riff de sintetizador de Chris Lowe e "How Can You Expect To Be Taken Seriously?" satiriza os estadistas políticos do rock.

Uma melancolia doce se impõe, com as belas "My October Symphony" e "Only The Wind" – duas músicas feitas para sonhar ao lado de uma lareira crepitante. Na celestial "The End Of The World", Tennant pede que prestemos atenção às profecias de extinção da espécie. As músicas são sempre intimistas e um pouco inquietantes, sinfônicas e grandiosas, mas ainda assim esparsas. Talvez a revista inglesa *Sounds* o tenha definido corretamente ao dizer que *Behaviour* é "uma obra pop insuperável". **GT**

Happy Mondays
Pills 'N'Thrills And Bellyaches (1990)

Selo | Factory
Produção | Paul Oakenfold • Steve Osbourne
Projeto gráfico | Central Station Design
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:48

Pills 'N'Thrills And Bellyaches (uma referência ao estilo de vida do Happy Mondays – clubes noturnos e drogas) chegou ao primeiro lugar nas paradas da Inglaterra com sua capa ilustrada por uma colagem psicodélica de invólucros de doces. Paul Oakenfold e seu colaborador Steve Osbourne tinham feito bastante sucesso com um cover de uma música de John Kongos, "He's Gonna Step On You Again", regravada pela banda. Renomeada de "Step On", seu piano *house*, sua linha de baixo dançante e o ritmo shuffle geraram o maior sucesso do Happy Mondays.

O funk sujo e industrial do grupo foi alterado por ritmos dance mais sutis. O gênio deturpado do letrista Shaun Ryder atinge novos patamares com sua visão absolutamente particular da vida moderna – empregos chatos, drogas, sexo, violência e má qualidade de vida. "Kinky Afro", uma conversa entre um pai cheio de autopiedade que abandonou o filho e o seu filho desdenhoso, foi considerada por Tony Wilson, chefão da Factory, como "a melhor reflexão sobre a paternidade desde *Prayer For My Daughter* de WB Yeats". O gancho da música foi extraído intacto de "Lady Marmelade", de LaBelle. As influências de música latina, jazz e hip-hop modelam algumas das faixas mais notáveis do álbum como "Donovan" – um tributo ao cantor folk dos anos 60 – e a sórdida "Bob's Your Uncle". "Loose Fit" mistura texturas de dub com referências ligeiramente veladas às calças boca-de-sino que o grupo tinha trazido de novo à moda, enquanto "God's Cop" satiriza James Anderton, na época chefe de polícia de Manchester, que afirmava ter uma linha direta para falar com Deus.

Nunca voltariam a atingir um ponto tão alto, mas o Happy Mondays contribuiu para que a música rock entrasse aos gritos e pontapés na era do ecstasy. **CSh**

"Fizemos sucesso por causa do ecstasy: passamos a fazer sentido para as pessoas."

Bez, 2001

Lista de músicas

▶	01	**Kinky Afro** (Happy Mondays)	3:59
▶	02	**God's Cop** (Happy Mondays)	4:58
▶	03	**Donovan** (Happy Mondays)	4:04
	04	**Grandbag's Funeral** (Happy Mondays)	3:20
▶	05	**Loose Fit** (Happy Mondays)	5:07
	06	**Dennis and Lois** (Happy Mondays)	4:24
▶	07	**Bob's Your Uncle** (Happy Mondays)	5:10
▶	08	**Step On** (Demetriou • Kongos)	5:17
	09	**Holiday** (Happy Mondays)	3:28
	10	**Harmony** (Happy Mondays)	4:01

George Michael
Listen Without Prejudice Vol. 1 (1990)

Selo | Columbia
Produção | George Michael
Projeto gráfico | Simon Halfon • George Michael
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:08

"There's something deep inside of me/ There's someone I forgot to be" ("Tem algo bem fundo em mim / Algo que me esqueci de ser"), cantou George Michael em "Freedom 90", o single de sucesso que documentou a sua decisão de não se conformar com as restrições da sua carreira pop altamente bem-sucedida e esculpir um nicho em que fosse reconhecido como um artesão do pop, como Prince. Poucas estrelas do pop haviam sido tão explícitas em relação às suas intenções, mas, depois de ter sido detido pela polícia por atentado à decência em 1998, é impossível resistir à tentação de ler em *Listen Without Prejudice* mais do que uma mudança de orientação profissional.

Não obstante, apesar de serem indubitavelmente sinceras, as letras não revelam quase nada sobre a sexualidade reprimida do cantor. Era a música que provava que Michael havia se tornado um artista de peso. Assimilando diversas fontes – Marvin Gaye, Stevie Wonder, Beatles, Rolling Stones, Primal Scream ("Freedom") e até mesmo o conjunto de jazz-pop Martin Stephenson and The Daintees ("Waiting For That Day") –, o artista reuniu músicas bem acabadas e com substância, influenciadas por diversos estilos musicais. A jazzística "Cowboys And Angels" demonstrava autoconfiança, enquanto "Heal The Pain" sugeria que, além de ter um sólido controle sobre a composição, Michael era também um baixista capaz de realizar bons floreados que lembravam McCartney.

Apesar do triunfo crítico, o álbum foi uma calamidade para a carreira de George Michael, que culpou a gravadora pelas baixas vendas. Quando assinou contrato com outra gravadora, sua carreira e sua ambição já tinham perdido bastante fôlego. **APe**

"Achei que era muito importante me explicar."

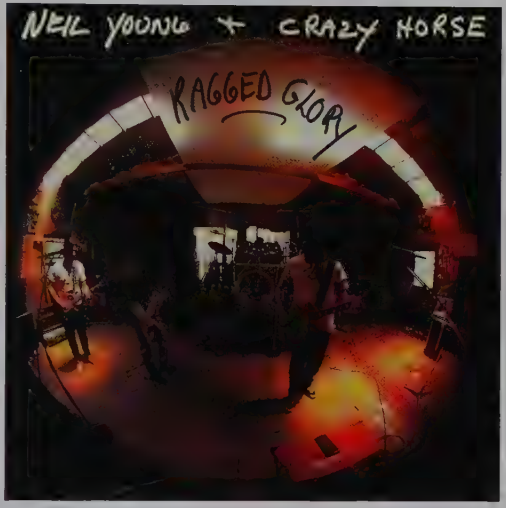
George Michael, 2005

Lista de músicas

▶ 01	**Praying For Time**	(Michael)	4:41
▶ 02	**Freedom 90**	(Michael)	6:30
03	**They Won't Go When I Go?**	(Wonder • Wright)	5:06
04	**Something To Save**	(Michael)	3:18
▶ 05	**Cowboys And Angels**	(Michael)	7:15
▶ 06	**Waiting For That Day**	(Jagger • Michael • Richards)	4:49
07	**Mothers Pride**	(Michael)	3:59
▶ 08	**Heal The Pain**	(Michael)	4:41
09	**Soul Free**	(Michael)	5:29
10	**Waiting (Reprise)**	(Michael)	2:20

Neil Young And Crazy Horse
Ragged Glory (1990)

Selo | Reprise
Produção | David Briggs • Neil Young
Projeto gráfico | Janet Levinson
Nacionalidade | EUA
Duração | 62:39



Depois de quase uma década de discos quase-terríveis, o quase-brilhante *Freedom* (1989) mostrou ser um trabalho suficientemente bom para ser considerado o álbum de retorno de Neil Young. Mas ainda que suas letras enraivecidas e a divisão entre música acústica e elétrica ecoassem o último grande triunfo de Young – *Rust Never Sleeps*, de 1978 –, algo estava faltando: o Crazy Horse.

Ao mesmo tempo o melhor e o pior grupo do mundo, o Crazy Horse (formado pelo baterista Ralph Molina, o baixista Billy Talbot e, nos discos de Young, pelo guitarrista Frank "Poncho" Sampedro) tinha sido o acompanhante mais duradouro de Neil Young. A amarga separação depois de *Lire* (1987) parecia permanente, mas Freedom fez com que Young se apercebesse de quanto o Crazy Horse era imprescindível.

Sem serem músicos muito técnicos, a magia dos integrantes do Crazy Horse estava em sua capacidade de improvisação. No passado, Young tinha perturbado demais a química delicada do grupo. O produtor David Briggs limitou o papel de Young a cantor, compositor e guitarrista e negou-se a lhe mostrar o material até que a gravação – realizada no galpão cavernoso que aparece na capa do álbum – estivesse terminada.

Ainda que as músicas, na sua maioria nostálgicas, não apresentem a fúria do álbum anterior ("Country Home" e a excelente "White Line" remontam aos anos 70), *Ragged Glory* é, em termos de som, tudo o que *Freedom* deveria ter sido. Os ritmos lentos e pesados do Crazy Horse e os solos frenéticos e repletos de distorção de Young – especialmente na furiosa "F*!#in'Up" e na versão cover maravilhosamente descuidada de "Farmer John" do The Premiers – fazem deste álbum um destaque improvável na era do grunge. **MBe**

"...é tudo um som enorme, crescente e ardente."

Neil Young, 1990

Lista de músicas

	01	**Country Home** (Young)	7:06
▶	02	**White Line** (Young)	2:57
▶	03	**F*!#in' Up** (Young)	5:55
	04	**Over And Over** (Young)	8:28
▶	05	**Love To Burn** (Young)	10:00
▶	06	**Farmer John** (Harris•Terry)	4:14
	07	**Mansion On The Hill** (Young)	4:48
▶	08	**Days That Used To Be** (Young)	3:42
	09	**Love And Only Love** (Young)	10:18
	10	**Mother Earth (Natural Anthem)** (Young)	5:11

Ice Cube
AmeriKKKa's Most Wanted (1990)

Selo | Priority
Produção | The Bomb Squad
Projeto gráfico | Kevin Hosmann
Nacionalidade | EUA
Duração | 49:20

Pode ser que ele tenha mudado, mas quando os anos 90 estavam começando ninguém fazia um rap comparável ao de O'Shea "Ice Cube" Jackson. Depois de atingir a infâmia com o NWA, de quem iria se separar por questões financeiras, o músico juntou-se aos produtores do Public Enemy, The Bomb Squad. Tal como em *Fear Of A Black Planet*, do qual participou como convidado, *AmeriKKKa's Most Wanted* era fragmentado e cheio de ira, mas funky. A conexão com o Public Enemy foi cimentada por participações de Chuck D.e Flavor Flav.

Cube muitas vezes desperdiça o seu talento como letrista escrevendo bobageiras gangsta, como acontece em "You Can't Fade Me", onde sugere chutar o estômago de uma grávida. Encontramos trégua em um dueto engenhoso com o seu protegido Yo-Yo ("It's A Man's World"), a incisiva "Endangered Species" e "Who's The Mack?", e no humor negro sempre presente (o refrão de "The Nigga You Love To Hate" é um bem-humorado "Fuck you, Ice Cube!").

As letras ficaram ainda mais agressivas em *Kill At Will*, de 1990 (adicionado à reedição de 2003 de *AmeriKKKa's Most Wanted*), e tornaram-se hipnoticamente desagradáveis em *Death Certificate* de 1991. Em 1992 ele atingiu o auge com *Guerillas In Tha Mist*, com Da Lench Mob, e com o primeiro lugar de vendas *The Predator*.

Depois tornou-se um ícone fofinho mais conhecido pelos filmes do que pela música. Mas não deixe de explorar os anos em que ele era um rapper vigoroso: mais assustador do que os Sex Pistols e extremamente funky. **BM**

Jane's Addiction
Ritual De Lo Habitual (1990)

Selo | Warner Bros.
Produção | Perry Farrell • Dave Jerden
Projeto gráfico | P. Farrell • C. Niccoli
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:38

"Não queremos nos tornar um novo Rolling Stones", declarou o Jane's Addiction quando se separaram em 1991. Em termos musicais, tinham alcançado um lugar próprio. Este álbum tinha múltiplas influências (incluindo os Stones) e, embora seja possível dizer que *Nothing's Shocking* estava cheio da energia do Led Zeppelin, *Ritual...* é a quintessência do Jane's Addiction em toda a sua glória.

A introdução diz: "We have more influence over your children than you do – but we love them" ("Temos mais influência sobre seus filhos do que vocês – mas nós os amamos"). É o único momento de calma durante 20 minutos, pois os fogos de artifício do punk-funk vão ser disparados, culminando nos latidos da irreverente "Been Caught Stealing" (estrelando o cão de Perry Farrell).

A segunda metade é extraordinária. "Three Days" é a "Starway To Heaven" do Jane's Addiction e também a única música de *Ritual...* que o grupo, em clima hostil, gravou em conjunto. "Then She Did..." é uma elegia à noiva de Farrell que morreu de overdose e à sua mãe suicida (o guitarrista Dave Navarro, cuja mãe também teve um fim trágico, dizia que esta música era a sua favorita). "Of Course" é uma excursão pelo Oriente Médio, e "Classic Girl", uma balada para a musa de Farrell, Casey Niccoli.

Antes do Nirvana, bandas anti-sistema como Pixies e Public Enemy prepararam o terreno. Igualmente influente e maior do que elas, Jane's Addiction também lutava com seus controladores financeiros e censores (a capa do álbum, o tema de ménage-à-trois da música "Tree Days", foi substituída por uma que trazia a Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos), mas ainda assim lançaram o festival Lollapalooza. *Ritual...* é o epitáfio elegante e crispado do grupo. **BM**

LL Cool J
Mama Said Knock You Out (1990)

Selo | Def Jam
Produção | LL Cool J • Marley Marl
Projeto gráfico | The Drawing Board
Nacionalidade | EUA
Duração | 61:42

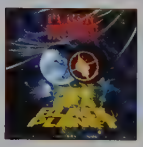
Em 2005, LL Cool J conseguiu celebrar duas décadas de álbuns de sucesso, mas estava quase fora do circuito quatro anos depois do início de sua carreira. A revolução política do Public Enemy deixou o seu auto-engrandecimento fora de moda; a sua participação numa campanha antidrogas só lhe rendeu desprezo; e a balada de sucesso de 1987, "I Need Love", minou a sua credibilidade no mundo do hip-hop.

Ferido mas não se dando por vencido, LL ficou furioso. *Mama Said Knock You Out* está repleto de músicas estupendas, como é o caso da bela "Around The Way Girl" e da esperta "Milky Cereal". Mas são as músicas amarguradas que fazem deste o melhor disco de LL e uma obra-prima do hip-hop. "Não chamem isso de regresso", protesta ele na faixa-título premiada com um Grammy. "Estou nisso há anos!"

Mais à frente "To Da Break Of Dawn" arrasa os seus competidores Kool Moe Dee, MC Hammer e Ice-T. "Illegal Search" está 13 anos à frente de "99 Problems", de Jay-Z, com temática semelhante, enquanto "Mr Goodbar" soa – musicalmente, se não em termos de letra – tão ameaçadora quanto o DMX.

O produtor Marley Marl mantém o baixo pulsando e uma batida forte impulsionando todo o álbum. Os samples usados incluem "All Night Long", de The Mary Jane Girls, e "Impeach The President", do The Honeydrippers, em "Around The Way Girl", e um pequeno extrato do clássico de hip-hop "The Vapors", de Biz Markie, em "Cheesy Rat Blues". "Uncle L é o futuro do funk", resmunga LL Cool J em "The Boomin' System". É verdade – e é bom. **BM**

Public Enemy
Fear Of A Black Planet (1990)



Selo | Def Jam
Produção | The Bomb Squad
Projeto gráfico | The Drawing Board
Nacionalidade | EUA
Duração | 63:20

Quer cair de uma escada durante uma hora? Não? E se for ao som de sirenes e de vozes intimidantes lhe dando lições sobre o racismo? Não? O triunfo de *Fear Of A Black Planet* é fazer exatamente isso, mas ainda assim é um barato do início ao fim.

O Public Enemy tinha passado três anos resmungando enquanto o mundo comprava as músicas festivas do Fresh Prince (Will Smith).

É verdade que *It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back*, de 1988, havia transformado-os em heróis do hip-hop e a sua indumentária militar seduzia os amantes do rock, mas estavam longe de dominar o mundo. A situação mudou quando Spike Lee pediu-lhes que compusessem uma música para o seu filme *Do The Right Thing*. "Fight The Power" atreveu-se a detonar Elvis e John Wayne e acrescentou funk onde antes havia sobretudo hip-hop no estilo Run DMC. Em *Fear...* os samples são alterados até não serem mais reconhecíveis. O resultado é o álbum de rap mais excitante e movimentado da história. As letras fizeram com que os fãs se lembrassem de assuntos como compensações e Malcom X. As letras sobre homossexualidade e anti-semitismo mergulham nas usuais profundezas do rap, mas "Revolutionary Generation" é um grito de guerra dedicado às mulheres. Elogiado por artistas como Ian Brown, do Stone Roses, e Björk, e descaradamente saqueado pelo Chemical Brothers, *Fear...* foi o som anti-comercial mais impressionante a chegar ao topo das paradas até o surgimento de *Kid A* do Radiohead, uma década mais tarde. Mas *Kid A* não mudou o mundo; *Fear Of A Black Planet*, sim. **BM**

Sinéad O'Connor | I Do Not Want What I Haven't Got (1990)

Selo | Ensign
Produção | Nellee Hooper • Sinéad O'Connor
Projeto gráfico | John Maybury
Nacionalidade | Irlanda
Duração | 51:07

Poucas artistas provenientes da Irlanda conseguiram igualar o impacto de Sinéad O'Connor. Neste segundo disco, ela opina sobre praticamente tudo, do catolicismo ao IRA. Suas próprias letras tinham uma fúria confessional, mas a música que lhe trouxe a fama foi uma obra pouco conhecida de Prince. E, mais do que a faixa em si, o grande trunfo foi o vídeo de "Nothing Compares 2 U". Com a face expressiva de Sinéad O'Connor em primeiro plano, era pop com a sensibilidade à flor da pele.

Depois de ter dado à luz recentemente, ter sofrido vários abortos espontâneos e de ter se separado do baterista John Reynolds, ela tinha muito a dizer. Em "Three Babies", O'Connor chora a morte de seus filhos sobre um crescendo orquestral. Ela mistura o hip-hop com melodias tradicionais irlandesas para interpretar o poema de Frank O'Connor "I Am Streched On Your Grave". Contando com a participação de Marco Pirroni, antigo guitarrista do Adam Ant, músicas como "The Emperor's New Clothes" ou "Jump In The River" possuem um orgulho punk. Ainda assim, nem todas as músicas funcionam perfeitamente, como é o caso de "Black Boys On Mopeds", uma música de protesto tão óbvia que é difícil suportar.

Sem dúvida, O'Connor dá o melhor de si quando se trata de partir corações, e "The Last Day Of Our Acquaintance", interpretada com a sua voz de anjo vingador, continua sendo um dos seus maiores feitos.

Nos anos seguintes, O'Connor iria rasgar a foto do Papa na TV americana, ser ordenada sacerdote em Lourdes e tornar-se uma mãe devota. É ótimo ver que ela encontrou o seu lugar, mas fica faltando a paixão nua que ela destilou nessa incrível gravação. **GT**

"Grande parte de mim continua sendo uma garota que apenas quer dançar."

Sinéad O'Connor, 2000

Lista de músicas

▶	01	**Feel So Different** (O'Connor)	6:47
	02	**I Am Stretched On Your Grave** (King • O'Connor)	5:33
▶	03	**Three Babies** (O'Connor)	4:47
	04	**The Emperor's New Clothes** (O'Connor)	5:16
	05	**Black Boys On Mopeds** (O'Connor)	3:53
▶	06	**Nothing Compares 2 U** (Prince)	5:10
	07	**Jump In The River** (O'Connor • Pirroni)	4:12
	08	**You Cause As Much Sorrow** (O'Connor)	5:04
▶	09	**The Last Day Of Our Acquaintance** (O'Connor)	4:40
	10	**I Do Not Want What I Haven't Got** (O'Connor)	5:45

A Tribe Called Quest | People's Instinctive Travels And The Paths Of Rhythm (1990)

Selo | Jive
Produção | A Tribe Called Quest
Projeto gráfico | Paije Hunyady • Bryant Peters • ZombArt DMS
Nacionalidade | EUA
Duração | 64:17

Uma mistura potente de rap influenciado por ritmos africanos e samples surpreendentes, *People's Instinctive Travels...* consolidou o grupo A Tribe Called Quest como os filósofos mais funkies do hip-hop. Q-Tip e Phife Dawg criavam rimas sobre temas que nunca haviam sido abordados pelo rap. Fizeram um sermão sobre a saúde em "*Pubic* Enemy", encorajaram as pessoas a votarem em "Youthful Expression" e chegaram até a recomendar uma alimentação saudável em "Ham'N'Eggs".

Embora o álbum fique pesado por ter muitas faixas com mensagens, elas nunca soam como uma palestra. As letras de Phife e Q-Tip são sempre bem-humoradas e a mixagem do DJ Ali Shaheed Muhammad, centrada no *groove*, demonstram como mesmo as faixas mais reflexivas podem se transformar em músicas vigorosas com ritmos contagiantes. "Can I Kick It?" transforma "Walk On The Wild Side" de Lou Reed numa explosão pura de hip-hop ensolarado, enquanto "I Left My Wallet In El Segundo" – uma aventura no estilo National Lampoon – conecta uma guitarra Mariachi a baterias inquietas de jazz.

Junto com outros discos igualmente peculiares do De La Soul e The Jungle Brothers, *People's Instinctive Travels...* marcou o nascimento da cena do rap alternativo. Inspirou ainda artistas fora do *mainstream*, como o Company Flow, Jurassic 5 e até estrelas da música de fusão como o The Fugees a olharem para além dos samples previsíveis de James Brown e das poses machistas. Estranhamente, sendo este um álbum tão inovador e criativo, a reação do público e dos críticos foi mínima. O álbum mal entrou na lista da Billboard e a *Rolling Stone* classificou-o como "um dos álbuns de rap menos dançáveis já concebidos". **TB**

Lista de músicas

01	**Push It Along**	(Davis • Muhammad • Washington)	7:42
02	**Luck Of Lucien**	(Brooks • Davis • Jackson • Muhammad)	4:32
03	**After Hours**	(Davis • Muhammad)	4:39
04	**Footprints**	(Davis • Muhammad • Misel • Ridgell • Wonder)	4:00
▶ 05	**I Left My Wallet In El Segundo**	(Davis • Muhammad)	4:06
06	**Pubic Enemy**	(Tribe Called Quest)	3:45
▶ 07	**Bonita Applebum**	(Allen • Ayers • Birdsong Booker • Davis • Muhammad • Stepney)	4:11
▶ 08	**Can I Kick It?**	(Davis • Muhammad • Reed)	4:52
09	**Youthful Expression**	(Tribe Called Quest)	4:01
▶ 10	**Rhythm (Devoted To The Art Of Moving Butts)**	(Tribe Called Quest)	3:33
11	**Mr. Muhammad**	(Davis • Jones • White)	5:27
12	**Ham 'N' Eggs**	(Clinton • Cordell • Davis • Muhammad • Shider)	3:54
13	**Go Ahead In The Rain**	(Tribe Called Quest)	3:54
14	**Description Of A Fool**	(Ayers • Birdsong • Davis • Muhammad)	5:41

Sonic Youth | Goo (1990)

Selo | DGC
Produção | Ron St. Germain • Nick Sansano • Sonic Youth
Projeto gráfico | Kevin Reagan
Nacionalidade | EUA
Duração | 49:23

Um ano depois do lançamento de Goo, o diretor de cinema Dave Markey viajou pela Europa com o Sonic Youth. O documentário resultante dessa experiência, *1991: The Year That Punk Broke*, constitui uma visão fascinante e caótica de uma época em que o grupo, o Dinosaur Jr. e o emergente Nirvana se encontravam à beira do sucesso internacional em grande escala.

Formado originalmente em Nova York, em 1981, o Sonic Youth adaptou as dissonâncias inspiradas no Velvet Underground e o ruído experimental da no wave nova-iorquina. Após ter aprendido muitos truques com o grupo do compositor vanguardista Glenn Branca, no qual os integrantes Thurston Moore e Lee Arnaldo tocaram, a banda poliu o seu som nos anos 80, evoluindo de um experimentalismo de estilo livre para discos mais estruturados e aclamados pela crítica, como *Evol*, *Sister* e *Daydream Nation*.

Ainda que *Goo* fosse o primeiro álbum do grupo para um grande selo, não foi um sucesso de vendas. Com *backing vocals* de J. Mascis, líder do Dinosaur Jr., e uma fusão à frente de seu tempo com a participação de Chuck D., do Public Enemy ("Kool Thing"), *Goo* era acessível em termos de músicas e estrutura ainda que se mantivesse experimental em termos de tom e textura. A letras sobre a morte de Karen Carpenter por anorexia ("Tunic") e doideiras de um minuto ("Scooter And Jinx) mostravam a continuidade do controle criativo, enquanto a capa do artista *ultracool* Raymond Pettibon, um quadrinho nihilista estilizado, manifestava a continuação de seu estilo *cool*.

Apesar de muitos críticos preferirem *Daydream Nation*, *Goo* continua sendo um exemplo magistral de como uma banda de rock underground pode dar o salto para chegar a um grande selo e não só sobreviver com a alma e os culhões intactos como também florescer e alcançar um público mais vasto e apreciativo. **RS**

"Coloquei tudo no volume 10. No final você ouve um pop na hora em que algo queima."

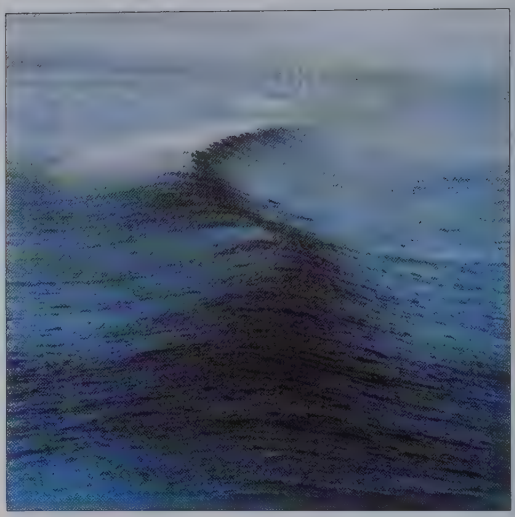
Thurston Moore, 1991

Lista de músicas

▶	01	**Dirty Boots** (Sonic Youth)	5:24
▶	02	**Tunic (Song For Karen)** (Sonic Youth)	6:17
	03	**Mary-Christ** (Sonic Youth)	3:08
▶	04	**Kool Thing** (Sonic Youth)	4:04
	05	**Mote** (Sonic Youth)	7:36
	06	**My Friend Goo** (Sonic Youth)	2:18
▶	07	**Disappearer** (Sonic Youth)	5:08
	08	**Mildred Pierce** (Sonic Youth)	2:12
	09	**Cinderella's Big Score** (Sonic Youth)	5:50
	10	**Scooter And Jinx** (Sonic Youth)	1:00
▶	11	**Titanium Exposé** (Sonic Youth)	6:26

Ride | Nowhere (1990)

Selo | Creation
Produção | Ride
Projeto gráfico | Warren Bolster
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 38:50



No início dos anos 90 circulava uma brincadeira na imprensa musical britânica que fazia referência a um grupo independente imaginário, "Slowdriveride", um amálgama de algumas das bandas que compunham a cena shoe-gazing daquela época. É verdade que muitas delas faziam um rock de guitarra etéreo e cheio de efeitos enquanto se moviam distraidamente de um lado para outro do palco, mas a música de um grupo em especial, o Ride, literalmente planava sobre as demais.

Depois de um par de EPs para o então importante selo Creation, o quarteto adolescente de Oxfordshire lançou *Nowhere* no inverno de 1990. Tinha sido um ano de "liberações" dramáticas: Nelson Mandela fora libertado e Thatcher tinha sido derrotada. Por essa razão, o tom de *Nowhere*, com as suas guitarras de alta potência e uma atmosfera emocional, acertou em cheio no alvo.

Cada música é uma epopéia fulgurante: "Dreams Burn Down" traz a bateria de Loz Colbert sobre um som denso e quase viscoso de melodias de guitarra. O truque desse disco está nas harmonias perfeitas e linhas de baixo consistentes que sobressaem do emaranhado caótico de linhas musicais (o ruído de multidão que se ouve no fundo de "Paralysed" é o som de um tumulto que estava ocorrendo do lado de fora do estúdio).

A imagem da capa – que desde então aparece freqüentemente estampada em milhares de camisetas – resumia perfeitamente as músicas do álbum. Uma onda suave num mar verde azulado tão bela quanto poderosa. O Ride é muitas vezes comparado a outros artistas, como seus contemporâneos de cena ou influências como My Bloody Valentine e The Byrds. Pelo menos recebem o crédito que merecem por terem definido um som próprio. **SH**

"É preciso compreender que, se algum elemento for retirado do Ride, o som desaparece completamente."

Loz Colbert, 1991

Lista de músicas

▶	01	**Seagull** (Bell • Colbert • Gardener • Queralt)	6:08
	02	**Kaleidoscope** (Bell • Colbert • Gardener • Queralt)	3:00
	03	**In A Different Place** (Bell • Colbert • Gardener • Queralt)	5:29
	04	**Polar Bear** (Bell • Colbert • Gardener • Queralt)	4:45
▶	05	**Dreams Burn Down** (Bell • Colbert • Gardener • Queralt)	6:05
	06	**Decay** (Bell • Colbert • Gardener • Queralt)	3:35
▶	07	**Paralysed** (Bell • Colbert • Gardener • Queralt)	5:32
▶	08	**Vapour Trail** (Bell • Colbert • Gardener • Queralt)	4:16

My Bloody Valentine | Loveless (1991)

Selo | Creation
Produção | Colm O'Ciosoig • Kevin Shields
Projeto gráfico | My Bloody Valentine
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:35

Das poucas bandas que apareceram durante o curto período que durou a moda shoe-gazing no início dos anos 90, My Bloody Valentine é uma das poucas lembradas com carinho. *Loveless*, o seu último disco, lançado em 1991, é uma obra-prima quase mítica do rock indie.

A banda tinha se esforçado, inicialmente, para libertar-se das comparações com o Jesus And Mary Chain provocadas pelas suas guitarras saturadas de distorção, mas no final da década tinham encontrado um som único com o seu primeiro álbum para a Creation, *Isn't Anything*, de 1988. Este disco – juntamente com o single "You Made Me Realize" e o EP "Glider" – desvelou uma bruma lânguida e onírica de vozes etéreas soterradas sob um vasto rumor de guitarras distorcidas e samples de tom freqüentemente indeterminado. "O som de Deus espirrando em câmara lenta", foi como a Guiness Rockopedia o descreveu. O shoe-gazing tinha nascido.

O MBV tinha passado os três anos seguintes realizando seu trabalho seguinte, ao custo de supostas 250 mil libras (o guitarrista Kevin Shields afirma que foram apenas 140 mil libras). Realizado com a colaboração de 18 engenheiros de som (embora Shields afirme que é menos sofisticado que um disco dos White Stripes), *Loveless* completou o que agora parecia um esboço primitivo, *Isn't Anything*. Este foi outro salto quântico para as guitarras. Nenhum dos seus contemporâneos seguidores do shoe-gazing se atreveria a tentar competir com um álbum tão deslumbrante.

Nem mesmo Shields, ao que parece. Depois de quase levar a Creation à falência (e o diretor do selo, Alan McGee, a uma crise nervosa), o Bloody Valentine perdeu seu contrato. Formalmente o grupo ainda existe e, apesar da saída do baterista Colm O'Ciosoig e da baixista Debbie Googe, o MBV ainda pode aumentar a sua discografia. **MBI**

"Começamos com o pé errado e nunca mais nos endireitamos."

Kevin Shields, 1991

Lista de músicas

▶	01	**Only Shallow** (Butcher•Shields)	4:18
	02	**Loomer** (Butcher•Shields)	2:38
▶	03	**Touched** (O'Ciosoig)	0:56
▶	04	**To Here Knows When** (Butcher•Shields)	5:31
	05	**When You Sleep** (Shields)	4:12
	06	**I Only Said** (Shields)	5:34
	07	**Come In Alone** (Shields)	3:58
▶	08	**Sometimes** (Shields)	5:19
	09	**Blown A Wish** (Butcher•Shields)	3:36
	10	**What You Want** (Shields)	5:33
▶	11	**Soon** (Shields)	7:00

Nirvana | Nevermind (1991)

Selo | Geffen
Produção | Nirvana • Butch Vig
Projeto gráfico | Robert Fisher
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:11

Nevermind foi, sem dúvida alguma, o álbum de rock mais importante dos anos 90. As músicas pop distorcidas tinham a agressividade do punk, mas possuíam os acordes poderosos do metal. O álbum consolidou imediatamente Kurt Cobain como um dos cantores de rock mais diferenciados, capaz de interpretações vocais dilacerantes. Ele era também um compositor dotado de sensibilidade genuína e grande originalidade. A primeira música, a hoje clássica "Smells Like Teen Spirit", alterna versos suaves com um refrão gritado, possuindo um riff memorável. "Tentei escrever a melhor música pop de todos os tempos. Estava tentando roubar o estilo dos Pixies", disse Cobain mais tarde. "Come As You Are" contém outro riff inesquecível. As letras de Cobain são satíricas, contraditórias e perturbadoras. "Territorial Pissings" é positivamente desarticulada, uma confusa viagem barulhenta liderada pela poderosa bateria de Dave Grohl. Mas o álbum também consegue chocar em volumes mais baixos: "Polly" é uma narrativa acústica sinistra e obscura sobre uma garota seqüestrada, enquanto "Something In The Way", acompanhada por um violoncelo choroso, evoca uma época em que Kurt dormia nas ruas.

Completamente adequada ao disco, a capa é ao mesmo tempo chamativa e perturbadora, um comentário irônico sobre o materialismo humano. O protagonista é o pequeno Spencer Elden, de 5 meses; o anzol e o dólar foram sobrepostos depois.

Nevermind, um best-seller mundial, destronou Michael Jackson e o seu disco *Dangerous* do primeiro lugar da Billboard. Kurt mais tarde reclamou do esmerado som do álbum – a banda teve que se esforçar para equilibrar a balança com *In Utero*, o álbum seguinte. Mas o poder de *Nevermind*, assim como a sutileza de suas composições, iria inspirar toda uma geração de músicos. **RD**

"Levamos apenas três semanas e meia para fazer tudo."

Dave Grohl, 1991

Lista de músicas

▶	01	**Smells Like Teen Spirit** (Cobain • Grohl • Novoselic)	5:00
	02	**In Bloom** (Cobain • Grohl • Novoselic)	4:13
▶	03	**Come As You Are** (Cobain)	3:38
	04	**Breed** (Cobain • Grohl • Novoselic)	3:03
	05	**Lithium** (Cobain)	4:16
▶	06	**Polly** (Cobain • Grohl • Novoselic)	2:56
▶	07	**Territorial Pissings** (Cobain • Grohl • Novoselic)	2:22
	08	**Drain You** (Cobain • Grohl • Novoselic)	3:43
	09	**Lounge Act** (Cobain • Grohl • Novoselic)	2:35
	10	**Stay Away** (Cobain • Grohl • Novoselic)	3:30
▶	11	**On A Plain** (Cobain • Grohl • Novoselic)	3:12
	12	**Something In The Way** (Cobain • Grohl • Novoselic)	3:43

Crowded House
Woodface (1991)

Selo | Capitol
Produção | Neil Finn • Mitchell Froom
Projeto gráfico | Nick Seymour
Nacionalidade | Austrália • Nova Zelândia
Duração | 47:54

Quando o trabalho inicial de Neil Finn para *Woodface* foi recusado pela Capitol Records, ele decidiu convidar seu irmão Tim para o Crowded House e utilizar o material em que tinham trabalhado antes para um projeto cinematográfico. Foi a primeira vez que eles voltaram a trabalhar juntos desde o Split Enz.

Woodface marcou uma alteração estilística e a criação de um som único que se afastava dos álbuns anteriores. Mais violão, menos órgão, relutância em usar técnicas de produção muito pesadas e maior criatividade – tudo isso contribuiu para essa mudança de orientação.

"Weather With You" é um música notável, com belas harmonias, uma narrativa complexa e uma melodia alegre. "It's Only Natural" é acolhedora com sua narrativa romântica e ajudou a estabelecer o grupo como mestres das músicas de amor do cotidiano. "Four Seasons In One Day", com sua bateria inquietante e tons melancólicos, cria um clima mais sombrio. "Fall At Your Feet" é uma música brilhante, um relato sentido sobre as dificuldades do amor; a voz de Neil é arrepiante, oscilando sem esforço entre a alegria e a dor.

O álbum obteve um sucesso considerável na Inglaterra. "Weather With You" foi fundamental para a obtenção do disco de platina e gerou diversas apresentações no Estádio de Wembley tendo o grupo como atração principal. Dito isso, a decisão de lançarem "Chocolate Cake" como primeiro single da banda nos EUA foi o seu erro mais grave. *Woodface* será lembrado como uma ponte que ligou Austrália e Inglaterra. **KT**

Cypress Hill
Cypress Hill (1991)

Selo | Columbia
Produção | DJ Muggs
Projeto gráfico | Stacy Drummond
Nacionalidade | Cuba • EUA
Duração | 46:52

Os discos de maconheiros nem sempre são um barato. Para cada Richard Pryor há um Cheech and Chong; para cada David Bowie, um James Taylor. Cypress Hill está entre os bons. Destacaram-se desde o início, pois suas raízes cubanas são uma anomalia no mundo do rap, onde se olha com desconfiança todos os que não vieram de Nova York ou da Califórnia. E, numa época em que o hip-hop estava dominado por MC Hammer num extremo e por Public Enemy no outro, ninguém se interessava por um trio que não dançava e cuja política se limitava à marijuana (bom) e à polícia (não muito bom).

Uma música lhes trouxe o sucesso. Começou como "Trigga Happy Nigga", numa demo de 1990. Depois foi renomeada como "How I Could Just Kill A Man" e converteu-se no hino do rap no início dos anos 90. Todos os elementos característicos dos Cypress estão presentes nesse trabalho: os gemidos maliciosos de B-Real, o rap rouco de Sen Dog e os ritmos funky caóticos de DJ Muggs (que mais tarde seriam usados em jams seminais como "Jump Around", do House of Pain). A popularidade da música, além de sua inclusão na trilha sonora do filme *Juice*, com atuação do lendário rapper Tupac Shakur, contribuiu para que o álbum se tornasse disco de ouro.

O álbum é muito variado, indo de músicas divertidas e dançantes como "Light Another" e "Psychobetabuckdown", com samples do Parliament, até hinos esfumaçados como "Stoned Is The Way Of The Walk". Outros toques inteligentes estão em "Hand On The Pump", que abre com um sample de "Duke Of Earl", e na latinidade lasciva de "Tres Equis".

Black Sunday, de 1993, paranóica e dolorosamente entupida de graves, foi o auge da banda. *Cypress Hill*, contudo, é mais divertido: uma "viagem" legal mas letal. **BM**

Julian Cope
Peggy Suicide (1991)

Selo | Island
Produção | Donald Ross Skinner
Projeto gráfico | Darren Woolford
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 75:44

Julian Cope, homem renascentista do pós-punk, é o maior artista cult da música inglesa contemporânea. Depois de ter liderado durante cinco anos o grande sucesso da new wave de Liverpool, The Teardrop Explodes, começou uma carreira solo em 1984 com o lançamento de dois discos de pop psicodélico: o otimista *World Shut Your Mouth* e o pastoral *Fried*, influenciado por Syd Barrett. Nenhum teve grande sucesso comercial. Durante a segunda metade da década, Cope conseguiu alguns sucessos no mercado americano depois de lançar músicas mais propícias para shows ao vivo. Insatisfeito com esse meio-termo, contudo, acabou passando por um espetacular renascimento criativo.

Peggy Suicide é um álbum duplo vagamente "temático" com ênfase em questões ambientais e de justiça social. O disco continha duas músicas funk que fizeram sucesso na Inglaterra: "Beautiful Love", em que predominam o piano e o trompete, e "East Easy Rider", acompanhado por um melodioso Hammond®. Elas eram, contudo, parte de uma vasta tapeçaria musical que vai do barulhento krautrock ("Hanging Out And Hung Up On The Line") a baladas ("Pristeen"), passando por colagens sonoras políticas ("Western Front 1992 CE") até o rock 'n' roll ("Drive, She Said"). "Safesurfer" é o ponto alto: uma reflexão em tela grande sobre o sexo sem proteção ao som de guitarras vertiginosas.

Em 1992, a sua obra-prima, *Jehovahkill*, marcou o fim do contrato com a Island. Cope continua a explorar todo tipo de sons, desde as paisagens ambient calcadas em sintetizadores Moog® ao tempestuoso proto-metal, através do seu selo Head Heritage. **MA**

Gang Starr
Step In The Arena (1991)

Selo | Capitol
Produção | DJ Premier
Projeto gráfico | Marc Cozza
Nacionalidade | EUA
Duração | 49:18

Estando entre os duos mais resistentes do hip-hop, o grande letrista Guru e o mago da produção DJ Premier não conseguiram o impacto desejado com o álbum de estréia *No More Mr. Nice Guy*, de 1989, e atualmente classificam *Step In The Arena* como o seu primeiro álbum.

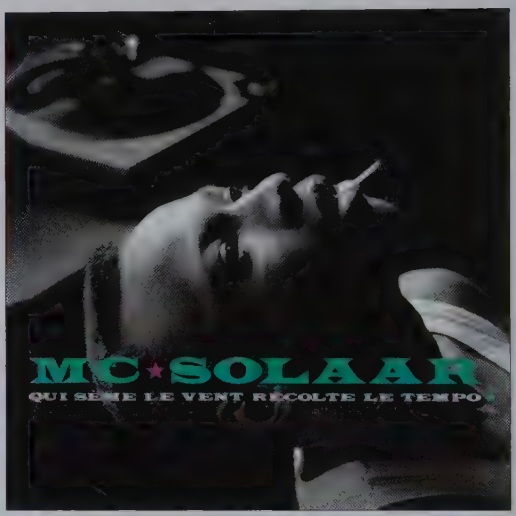
E como conseguiram essa longevidade na cultura hip-hop descartável de hoje em dia? O segredo é nunca terem aberto concessões em sua visão purista do que deveria ser o hip-hop. Em vez de perseguir riqueza e mulheres, o duo centra-se na essência pura do gênero: duas pickups e um microfone. Guru é um mago deste último, especialista em esculpir rimas que proclamam a sua genialidade, mas igualmente capaz de pintar histórias urbanas intensas e dramáticas. Interpretadas com o seu distinto tom monótono e hipnótico, adaptam-se à produção de DJ Premier, que foi um dos primeiros a incorporar a sonoridade do jazz ao hip-hop.

Em "Who's Gonna Take The Weight", Guru fala de impostores e pessoas obstinadas por dinheiro sobre um ritmo irresistível de Premier e um sample gritante de metais. "Just To Get A Rep" fala sobre as dificuldades da vida de um criminoso de segunda mixadas a samples de scratch e a um ritmo firme de hip-hop. Soa cru e diabolicamente genial.

Nos cinco álbuns seguintes o duo nunca se afastou da fórmula deste álbum. Eles continuam refinando suas habilidades, trabalhando também em projetos solo como a série de discos Guru Jazzmatazz, mas sempre retornam ao Gang Starr. Felizmente, contamos com eles para nos recordarem da essência do hip-hop. **APi**

MC Solaar
Qui Sème Le Vent Récolte Le Tempo (1991)

Selo | Polygram
Produção | Jimmy Jay
Projeto gráfico | Alain Frappier
Nacionalidade | França
Duração | 52:09



No que diz respeito ao hip-hop americano, MC Solaar foi o elemento mais importante que a França já originou. Este álbum foi o feito de um artista determinado a provar que hip-hop de qualidade não era território exclusivo dos Estados Unidos.

Os pontos fortes de Solaar são os ritmos jazzísticos e um sentido perfeito de ritmo, apoiados tanto pelos dotes irrepreensíveis de produção quanto pelos arranjos engenhosos de Jimmy Jay, que ultrapassam a maioria dos congêneres americanos de Solaar. No seu álbum de estréia, os sons e ritmos do rap de Solaar são suficientemente musicais para satisfazerem o ouvinte, mesmo para os que não entendem as letras em francês.

Qui Sème Le Vent Récolte Le Tempo ("Quem semeia o vento colhe o ritmo") conta histórias de amores perdidos e traz reflexões sociais, enriquecido por grandes melodias e excepcionais colagens sonoras realizadas por Jay. A faixa-título é uma montanha-russa de rimas, um *tour d'honneur* que anuncia os deleites funk-rap que vêm em seguida. Faixas como "Matière Grasse Contre Matière Grise", "Victime De La Mode" e "Armand Est Mort" são grandes obras no que diz respeito às rimas, executadas com a marca registrada de Solaar: o seu estilo relaxado. Em "L'Histoire De L'Art", Solaar apresenta um humor característico, perspicácia e grande carisma ao afirmar, de forma não confrontadora, que a história da arte deve incluir todos os artistas.

Este álbum foi a gênese do hip-hop europeu e latino, originou quatro singles de sucesso no Top 10 francês e estabeleceu um alto nível de qualidade para os trabalhos. **GD**

Lista de músicas

01	**Intro** (Uncredited)		1:01
▶ 02	**Qui Sème Le Vent Récolte Le Tempo** (M'Barali)		4:13
▶ 03	**Matière Grasse Contre Matière Grise** (M'Barali)		3:30
▶ 04	**Victime De La Mode** (M'Barali)		3:03
▶ 05	**L'Histoire De L'Art** (M'Barali)		3:31
06	**Armand Est Mort** (M'Barali)		3:11
07	**Quartier Nord** (M'Barali)		3:12
08	**Interlude** (Uncredited)		0:29
09	**A Temps Partiel** (M'Barali)		3:46
10	**Caroline** (M'Barali)		4:43
11	**La Musique Abdoucit Les Meurs** (M'Barali • Payne)		5:02
12	**Bouge De Là (Part 1)** (M'Barali)		3:11
13	**Bouge De Là (Part 2)** (M'Barali)		3:05
14	**Ragga Jam** (M'Barali)		5:13
15	**La Devise** (M'Barali)		3:43
16	**Funky Dreamer** (Uncredited)		1:16

Jah Wobble And The Invaders Of The Heart
Rising Above Bedlam (1991)

Selo | EastWest
Produção | Invaders Of The Heart
Projeto gráfico | Finn Lewis • Rich Scott
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 51:23

Antes deste disco, o curriculum vitae de Jah Wobble era digno de uma lenda urbana: amigo de Johnny Rotten – e, como ele, amante de motos –, baixista do Public Image Ltd., experimentalista do dub junto com Holger Czukay e The Edge, bon vivant e empregado do metrô de Londres. Vendo-se cada vez mais afastado da indústria musical, uniu-se ao guitarrista Justin Adams, que estava interessado na música do Oriente Médio. Natacha Atlas, uma cantora belgo-espanhola com raízes árabes, juntou-se a eles. O seu primeiro disco foi intitulado *Without Judgement* e teve pouco sucesso comercial, mas foi um cartão de visitas que despertou muito interesse.

A música de Jah Wobble – caracterizada por apresentar um baixo de dub, percussão latina e magrebina e melodias de guitarra da Espanha e do Norte da África – formava uma combinação aparentemente extravagante no final dos anos 80, mesmo numa cidade multicultural como Londres. Mas Wobble não estava sozinho: grupos como o Transglobal Underground e Loop Guru possuíam influências semelhantes, mas tinham vindo da cena rave, não da punk. A big band de Wobble, contudo, era seu grande trunfo. Graças a Atlas, "Erzulie" poderia ter sido um chamado à oração gravado em Damasco, enquanto "Bomba" é um mantra capaz de induzir um transe; Sinéad O'Connor, cantora convidada, transformou a hipnótica "Visions Of You" num single de sucesso.

Era difícil entender o que fazer com aquela música: dançar era uma opção, mas também parecia ser o acompanhamento perfeito para uma viagem de maconha. A perda sofrida pelo metrô de Londres foi um ganho para o resto do mundo. **DH**

"Estou tão convencido de que isto vai correr bem que vou largar o meu emprego."

Jah Wobble, 1991

Lista de músicas

▶	01	**Visions Of You** (Adams • Reynolds • Wobble)	5:36
	02	**Relight The Flame** (Adams • Atlas • Wobble)	4:13
▶	03	**Bomba** (Adams • Atlas • Burton • Ferda • Miller • Wobble)	5:55
	04	**Ungodly Kingdom** (Adams • Ferda • Wobble)	4:28
	05	**Rising Above Bedlam** (Adams • Schuots • Wobble)	3:46
▶	06	**Erzulie** (Adams • Atlas • Wobble)	7:03
	07	**Everyman's An Island** (Adams • Ferda • Wobble)	6:28
	08	**Soledad** (Adams • Atlas • Wobble)	5:40
	09	**Sweet Divinity** (Adams • Ferda • Wobble)	4:17
	10	**Wonderful World** (Adams • Wobble)	3:57

Red Hot Chili Peppers
Blood Sugar Sex Magik (1991)

Selo | Warner Bros.
Produção | Rick Rubin
Projeto gráfico | Henky Penky
Nacionalidade | Austrália • EUA
Duração | 73:49

Bob Marley, Black Sabbath e Bart Simpson? Misture-os e o resultado pode ser o Red Hot Chili Peppers. O grupo remete a Bob Marley no megassucesso "Give It Away", que termina com o riff de "Sweet Leaf", do Black Sabbath, e que eles acabariam tocando no desenho *The Simpsons*.

Esse tipo de mistura é bem típica da banda. Em *Mother's Milk*, de 1998, tinham aperfeiçoado uma mistura de hard rock, funk e músicas contagiantes. Agora bastava obterem um grande sucesso. "Under The Bridge", uma apologia à heroína composta por Anthony Kiedis e que ganhou vida com a guitarra cortante de John Frusciante, ajudou a fazer com que o disco vendesse sete milhões de cópias nos Estados Unidos. Frusciante é também a figura central de "I Could Have Lied", que fala da não-relação entre Kiedis e Sinéad O'Connor e indica a orientação que a banda seguiria em *By The Way*.

O restante do álbum é basicamente preenchido por pensamentos centrados em sexo, pontuados pelo baixo de Flea e a bateria inexorável de Chad Smith. Entre os melhores momentos estão as frenéticas "Suck My Kiss" e "My Lovely Man", uma homenagem ao falecido predecessor de Frusciante, Hillel Slovak.

O produtor Rick Rubin demonstrou ser uma escolha perfeita para um grupo que misturava a percussão industrial com flamenco ("Breaking The Girl"); incorporava um final elegíaco ao ultra-funky "Sir Psycho Sexy" e concluía com uma versão tresloucada de Robert Johnson. Rubin lhes pediu ao menos "uma música sobre garotas e carros". Keidis detestou o resultado – "The Greeting Song" –, mas hoje em dia constitui um dos 17 incentivos para subirmos a bordo da montanha-russa que é *Blood Sugar*... **BM**

Lista de músicas

01	**The Power Of Equality**	(R.H.C.P.)	4:04
02	**If You Have To Ask**	(R.H.C.P.)	3:36
03	**Breaking The Girl**	(R.H.C.P.)	4:55
04	**Funky Monks**	(R.H.C.P.)	5:23
▶ 05	**Suck My Kiss**	(R.H.C.P.)	3:37
▶ 06	**I Could Have Lied**	(R.H.C.P.)	4:04
07	**Mellowship Slinky In B Major**	(R.H.C.P.)	3:59
08	**The Righteous And The Wicked**	(R.H.C.P.)	4:08
▶ 09	**Give It Away**	(R.H.C.P.)	4:42
10	**Blood Sugar Sex Magik**	(R.H.C.P.)	4:31
▶ 11	**Under The Bridge**	(R.H.C.P.)	4:24
12	**Naked In The Rain**	(R.H.C.P.)	4:25
13	**Apache Rose Peacock**	(R.H.C.P.)	4:42
14	**The Greeting Song**	(R.H.C.P.)	3:13
▶ 15	**My Lovely Man**	(R.H.C.P.)	4:39
16	**Sir Psycho Sexy**	(R.H.C.P.)	8:16
17	**They're Red Hot**	(Johnson)	1:11

Ice-T
OG Original Gangster (1991)

Selo | Warner Bros.
Produção | The Rhyme Syndicate
Projeto gráfico | Tim Stedman
Nacionalidade | EUA
Duração| 72:17

OG Original Gangster é uma obra-prima arrepiante que ilustra, sem piedade, as forças complexas atuando em meio a uma subclasse negra americana esquecida e relegada a viver nos *projects* (conjuntos habitacionais) dos centros urbanos. Ao contrário da maioria dos artistas de gangsta rap, junto com as habituais histórias de sexo, violência e drogas pesadas, Ice-T (Tracey Morrow) busca soluções para a pobreza no gueto, levanta a voz contra o tráfico de drogas e incita todos aqueles que estão presos nesse ciclo a encontrarem uma forma qualquer de transcendê-lo.

Na música "Ed", Ice-T conta uma história de alerta contra dirigir embriagado, enquanto em "Bitches 2" ele explica a definição de *bitch* (vagabunda), deixando implícito que o termo pode ser usado para descrever homens desonestos e não apenas mulheres – uma aparente tentativa de defender a gritante misoginia do hip-hop.

OG apresenta Body Count, a banda de funk metal do rapper, que iria adquirir uma reputação controvertida com a violenta música "Cop Killer". Ice-T possui enorme carisma, o que lhe rendeu uma bem-sucedida carreira de ator, mas são suas habilidades como contador de histórias que tornam suas letras e interpretação em *OG* tão interessantes. A produção, por parte do The Rhyme Syndicate, usa breakbeats mínimos, com caixas de bateria agudas e secas, além de linhas de baixo ameaçadoras e adequadas a seu personagem de gangster. Destaque para "Midnight", que usa o sample de um riff do Black Sabbath para compor um pano de fundo fantasmagórico para a narrativa de Ice sobre South Central L.A. à noite. O resultado é o equivalente auditivo de um filme de terror psicológico perfeitamente filmado. **API**

Mudhoney
Every Good Boy Deserves Fudge (1991)

Selo | Sub Pop
Produção | Conrad Uno
Projeto gráfico | Ed Fotheringham
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:29

Devido à falta de sucesso comercial em comparação com seus colegas de Seattle, os que não vêem mérito nessa banda dizem que são "os caras de Green River que não tocaram com o Pearl Jam". Já os fãs dizem que são os pioneiros do movimento grunge. Este terceiro disco, cru e frenético, sustenta o argumento dos fãs.

O disco foi um sucesso nos circuitos musicais independentes, confirmando a condição do grupo como ídolo cult nas rádios universitárias.

Com letras excêntricas e um som furioso preenchido por guitarras e bateria pesada, o Mudhoney soava como uma banda de garagem dos anos 50 cheia de anfetamina. Músicas como "Thorn" demonstram as habilidades do baterista Dan Peters para o surf-rock e os riffs no estilo dos anos 50 do guitarrista Steve Turner, ao mesmo tempo em que antecipam o som do grunge. O principal single do disco, "Let It Slide", tornou-se um pequeno sucesso do grunge, com letras lamuriosas e a fantástica mistura de Seattle de guitarras distorcidas, melodias cantaroláveis e tendências niilistas.

O álbum é lembrado como um longo e orgulhoso olhar de escárnio, do título irreverente ao jeito de cantar e suas letras. "Into The Drink", uma música sobre jogar uma namorada dentro de um rio, tem seu título gritado repetidas vezes por uma galera durante seu refrão. Conseguiram achar um uso irônico até mesmo para o órgão e a gaita.

O estilo do Mudhoney nunca gerou um disco de platina, mas contribuiu para fazer deste disco um clássico e um dos melhores em seu gênero. **JC**

Public Enemy
Apocalypse '91...The Enemy Strikes Black (1991)

Selo | Def Jam
Produção | The Imperial Grand Ministers Of Funk
Projeto gráfico | The Drawing Board
Nacionalidade | EUA
Duração | 52:00

Com seus primeiros dois álbuns inovadores, o Public Enemy tinha se estabelecido como o grupo mais radical e relevante do rap. *Apocalypse '91...* não poderia ser tão inovador quanto os seus predecessores, mas merece tanto reconhecimento quanto eles.

Muitos selos e gravadoras tinham demonstrado um súbito interesse pelas leis de direitos autorais e isso tornaria muito caro fazer outra produção repleta de samples no estilo Bomb Squad. Como resposta, Chuck D. pediu que o Bomb Squad ficasse em segundo plano, atuando como produtores executivos, e que deixassem os seus discípulos, The Imperial Grand Ministers Of Funk, recriar o som pesado e contundente característico da banda usando sobretudo fontes impossíveis de serem reconhecidas e gravações originais.

Ao construírem músicas como "Nighttrain" e "By The Time I Get To Arizona" em torno de um único sample muito eficaz, o Public Enemy conseguiu economizar dinheiro sem perder sua liderança. Com sons de sirenes apocalípticas e batidas agressivas, os "Prophets Of Rage" (Profetas da Raiva) continuaram fazendo aquilo que faziam melhor: educar as massas sobre a injustiça social e racial no início de uma década que Chuck D. havia chamado de "The Terrordome".

Apocalypse '91... estreou como o quarto lugar na parada da Billboard. Mais importante ainda, conseguiu manter o nível de excelência que o Public Enemy tinha estabelecido. **CL**

Circuladô
Caetano Veloso (1991)

Selo | Universal Music
Produção | Skeff Anselm
Projeto gráfico | Zombart JK
Nacionalidade | Brasil
Duração | 39:53

Este álbum conseguiu um sucesso tão gigantesco que gerou um outro gravado ao vivo: *Circuladô Ao Vivo*. A primeira música, "Fora da Ordem", fala dos problemas socioeconômicos do Brasil em ritmo de funk. "Circuladô De Fulô" mistura ritmos da Bahia com ritmos indígenas, sendo inspirada no poema homônimo do poeta Haroldo de Campos. "Itapuã" mostra Caetano numa interpretação grandiosa que honra a famosa praia, enquanto é acompanhado por um quarteto de cordas e uma seção rítmica. Gilberto Gil aparece como artista convidado em "Boas-Vindas", um samba contagiante e otimista.

Em outros momentos do álbum, Caetano faz referência a valores tradicionais, como em "Baião da Penha", de Guio Moraes e David Nasser, e à realidade social brasileira, como em "Neide Candolina", que fala de uma mulher negra que tenta superar a pobreza com trabalho árduo, ou ainda em "O Cu Do Mundo", com a participação de Gal Costa e Gilberto Gil, que critica a violência. Outros nomes que aparecem neste álbum são Milton Nascimento, no brilhante trabalho de composição de "A Terceira Margem Do Rio", e Riuychi Sakamoto nas teclas de "Lindeza" – o título ideal para encerrar este álbum. **IP**

Pearl Jam | Ten (1991)

Selo | Epic
Produção | Rick Parashar • Pearl Jam
Projeto gráfico | Jeff Ament
Nacionalidade | EUA
Duração | 50:46

Um movimento de guerrilha é definido como uma "unidade paramilitar autogerida que opera em pequenos grupos dentro de um território ocupado com o fim de causar danos e eventualmente derrotar um inimigo". Nos Estados Unidos, o último movimento desse tipo digno de menção originou-se em Seattle, em fins dos anos 80 e princípios dos 90, quando várias bandas pequenas – entre as quais se encontravam Nirvana, Soundgarden, Alice In Chains e Pearl Jam – decidiram que era hora de acabar com os falsos ditadores do hair-metal.

O Pearl Jam cresceu mantendo-se praticamente intacto, tendo sido formado a partir de integrantes de grupos fundamentais de hard rock como o Green River e o Mother Love Bone. No seu primeiro álbum, *Ten*, a banda lembra a melodia majestosa e a integridade ardente de mestres como Neil Young e The Doors, ao mesmo tempo em que davam um grito de guerra para um poderoso novo movimento do rock 'n' roll.

Os duros acordes de *Ten*, intensificados pelos solos pungentes com ecos de blues de Mike McCready, foram imediatamente assimilados por milhões de adolescentes ávidos por algo novo. O primeiro single, "Alive", resumia as virtudes do disco: refrões fáceis de serem cantados, letras inquietantes e reflexivas e guitarras entrelaçadas de forma sombria. A voz de barítono de Eddie Vedder fazia com que o Pearl Jam estivesse mais ligado ao rock clássico do que o Nirvana, com os gritos punks de Kurt Cobain.

O rugido de "Why Go", o mar de reverberação de "Oceans" e a contundente "Porch" reuniam uma torrente de grunge, enquanto o single de sucesso "Jeremy" fez com que cada um dos adolescentes shoe-gazer se perguntassem, por um breve instante, como seria estourar o crânio na frente da turma. **MO**

"Não sei de onde saíam todas aquelas músicas... sei que ele gostava muito de *Quadrophenia*."

Jeff Ament sobre Eddie Vedder, 1993

Lista de músicas

01	**Once**	(Gossard•Vedder)	3:51
▶ 02	**Evenflow**	(Gossard•Vedder)	4:53
▶ 03	**Alive**	(Gossard•Vedder)	5:40
04	**Why Go**	(Ament•Vedder)	3:19
05	**Black**	(Gossard•Vedder)	5:48
06	**Jeremy**	(Ament•Vedder)	5:18
07	**Oceans**	(Ament•Gossard•Vedder)	2:41
▶ 08	**Porch**	(Vedder)	3:30
09	**Garden**	(Ament•Gossard•Vedder)	4:58
10	**Deep**	(Ament•Gossard•Vedder)	4:18
▶ 11	**Release**	(Ament•Gossard•Krusen•McCready•Vedder)	6:30

Saint Etienne | Foxbase Alpha (1991)

Selo | Heavenly
Produção | Saint Etienne
Projeto gráfico | Anthony Sweeney
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:16

Quando jovens, todos imaginamos o mundo de fantasia em que iremos morar um dia. Tendo crescido nos subúrbios residenciais de Londres durante os anos 80, Bob Stanley e Pete Wiggs, que formavam o Saint Etienne, desejavam viver na agitada Londres dos anos 60, cheia de estilos groovy e de sons dos clássicos do pop. Não queriam uma caricatura no estilo Austin Powers, mas a coisa em si. Em seu álbum de estréia, *Foxbase Alpha*, Stanley e Wiggs – com a ajuda da cantora Sarah Cracknell – transformaram seu desejo em realidade.

O título veio de uma piada interna da dupla, uma metáfora para descrever um quarto cheio de mulheres atraentes (ou "foxes", como eles diriam), enquanto a capa se baseava no livro infantil dos anos 60. O disco propriamente dito estava repleto de referências agradáveis ao pop: as cordas e os vocais femininos de "Spring" lembravam as Ronettes, enquanto a estóica enumeração das estações do metrô londrino de "Girl VII" recorda a interpretação de Peter Cook no clássico cult *Bedazzled*.

Este álbum não é uma máquina do tempo, contudo. Apesar de a inspiração ser retirada dos anos 60, os samples engenhosos, os ritmos contínuos e a produção de sintetizadores de Stanley e Wiggs (algo que eles aprenderam em casa) garantiam que o grupo se integrasse à cultura dance dos anos 90. A melancólica e curiosa versão da música de Neil Young, "Only Love Can Break Your Heart", foi um clássico das pistas de dança, preparando terreno para grupos como o Chemical Brothers, enquanto "Nothing Can Stop Us" fazia entrar um sofisticado Rolls Royce no território das discotecas, demonstrando que a música de dança era mais do que apenas disco.

A Londres dos anos 60 forneceu a energia para esse disco. A Londres dos anos 90 permitiu que fosse criado. Com seu passaporte carimbado, ele se tornou um clássico dance para o mundo inteiro. **PS**

"Incluímos o maior número possível de coisas de que realmente gostávamos."

Bob Stanley, 2001

Lista de músicas

01	**This Is Radio Etienne**	(Stanley • Wiggs)	0:43
▶ 02	**Only Love Can Break Your Heart**	(Young)	4:29
03	**Wilson**	(Stanley • Wiggs)	1:59
04	**Carnt Sleep**	(Stanley • Wiggs)	4:44
▶ 05	**Girl VII**	(Stanley • Wiggs)	3:46
▶ 06	**Spring**	(Stanley • Wiggs)	3:44
07	**She's The One**	(Stanley • Wiggs)	3:07
08	**Stoned To Say The Least**	(Stanley • Wiggs)	7:41
▶ 09	**Nothing Can Stop Us**	(Stanley • Wiggs)	4:19
10	**Etienne Gonna Die**	(Stanley • Wiggs)	1:29
11	**London Belongs To Me**	(Stanley • Wiggs)	3:57
12	**Like The Swallow**	(Stanley • Wiggs)	7:39
13	**Dilworth's Theme**	(Stanley • Wiggs)	0:39

Sepultura | Arise (1991)

Selo | Roadrunner
Produção | Scott Burns • Sepultura
Projeto gráfico | Michael R. Whelan
Nacionalidade | Brasil
Duração | 46:49

Ainda que as histórias sobre as bebedeiras, as festas que ocorreram durante a criação de *Arise* sejam muitas, o quarto álbum do Sepultura é mais profissional em termos de execução do que as obras anteriores. Sendo a sua primeira gravação fora do Brasil, o disco ficou nitidamente mais bem acabado graças à produção de Scott Burns.

Tudo em *Arise* é obscuro e intimidante, incluindo a imagem distorcida da capa. O Sepultura se especializou em uma fúria mais coesa do que o thrash metal puro e relativamente amador geralmente permitiria, ainda que domine completamente o gênero. O ritmo de bateria frenético marcado por Igor Cavalera quase se adianta à guitarra de Andreas Kisser, que por vezes parece se esforçar para não ficar para trás enquanto executa riffs intensos e estridentes. *Arise* também insinua os sons mais experimentais que surgiriam nos trabalhos posteriores, *Chaos AD* e *Roots Bloody Roots*, antes que o vocalista Max Cavalera saísse da banda. Sua voz potente urra, cuspindo raiva e desespero por cima da música, como exemplificado em dois grandes momentos: "Arise" e "Desperate Cry". "Under Siege" reduz o ritmo por alguns minutos, enquanto a faixa mais roqueira, "Orgasmatron" – indicada como faixa-bônus no CD –, é uma versão cover do Motörhead que já era tocada nos shows do Sepultura.

Arise é um grito de guerra, especialmente em "Dead Embryonic Cells". Ele apela a uma sensação de impotência perante o ódio e encoraja a expressão da fúria através da música, garantindo aos seus admiradores que não estão sós. **CSt**

"Poderíamos ter (...) prestado mais atenção em algumas coisas, mas, por outro lado, talvez desse a impressão de que não nos divertimos ao fazer o disco."

Max Cavalera, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Arise** (Sepultura)	3:19
▶	02	**Dead Embryonic Cells** (Sepultura)	4:52
▶	03	**Desperate Cry** (Sepultura)	6:41
	04	**Murder** (Sepultura)	3:27
	05	**Subtraction** (Sepultura)	4:47
	06	**Altered State** (Sepultura)	6:35
	07	**Under Siege** (Sepultura)	4:54
	08	**Meaningless Movements** (Sepultura)	4:41
	09	**Infected Voice** (Sepultura)	3:19
▶	10	**Orgasmatron** (Motorhead)	4:14

Slint | Spiderland (1991)

Selo | Touch And Go
Produção | Brian Paulson • Slint
Projeto gráfico | Will Oldham
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:32

Com uma reputação muito mais significativa do que as suas escassas vendas, o Slint, um grupo de Louisville, Kentucky, definiu a pauta na arena do pós-rock dos anos 90. Chamada originalmente de Squirrel Bait, a banda assumia as mesmas influências que tinham impulsionado o circuito underground norte-americano durante anos – o punk e o heavy metal –, retorcendo-as para criar algo sem nenhuma referência óbvia.

Gravado por Steve Albini, em 1988, *Tweez* estabeleceu o estilo idiossincrático e basicamente instrumental do Slint, que oscilava entre o sinistro e a relativa leveza. Brian McMahan canta, grita ou fala de forma esparsa e poucas vezes seus vocais parecem ter alguma relação com a música, como se fossem sobras de uma gravação anterior. Tirando a vaga semelhança com o Television, em algum lugar por baixo de toda a distorção e complexidade rítmica em estilo jazzístico, seu vocal soa como se não viesse de lugar algum.

Mas é *Spiderland* que sustenta a reputação mítica do Slint. O disco refina os esboços primários de *Tweez*, forjando uma estrutura de metal sólido. As guitarras de McMahan e de David Pajo entrelaçam-se num todo genial. Mais uma vez, seria possível fazer comparações com o Television, mas apenas por conta das constantes invenções. Recebido elogiosamente pela crítica, mas com escasso sucesso comercial, a influência crescente do disco chegou demasiado tarde para o grupo, que se separou depois do lançamento.

Ainda que *Nevermind*, o lançamento mais famoso de 1991, venha de um fundo igualmente obscuro e possa compartilhar a dinâmica deste álbum, seu modelo simples baseado em Black Sabbath/Black Flag fica muito aquém do inspirado universo paralelo no qual *Spiderland* existe. **MBe**

"Slint não dizia as coisas. Era sobre sutileza, percepção... a ordem fraternal de Louisville, Kentucky. Poucas pessoas parecem ter entendido, mas que isso importa?"

David Pajo, 1993

Lista de músicas

01	**Breadcrumb Trail** (Slint)	5:55
02	**Nosferatu Man** (Slint)	5:35
03	**Don, Aman** (Slint)	6:28
04	**Washer** (Slint)	8:50
05	**For Dinner** (Slint)	5:05
06	**Good Morning, Captain** (Slint)	7:39

U2 | Achtung Baby (1991)

Selo | Island
Produção | Brian Eno • Daniel Lanois
Projeto gráfico | Steve Averill • Shaughn McGrath
Nacionalidade | Irlanda
Duração | 55:22

O título mais tolo já atribuído a um disco estupendo poderia ter sido ainda pior. Antes de *Achtung Baby* – retirado do filme *Os Produtores* – ser escolhido, o U2 estava pensando no título "68 And I'll Owe You One" ("68 e fico te devendo uma"). A formalidade de *Rattle And Hum* tinha encurralado o U2. Foram procurar inspiração em Berlim, onde, segundo recorda Flood, engenheiro de som, "parecia haver uma nuvem negra sobre as nossas cabeças durante toda a sessão". As locações inspiraram "Zoo Station", nome de uma estação de metrô de Berlim que aparece no filme *Christiane F.*, cuja trilha é de David Bowie. A conexão é cimentada pelo produtor Brian Eno, que trabalhou em *Heroes*, de Bowie, também concebido em Berlim. Outra influência foi Win Wenders – "Until The End Of The World" leva o título de um de seus filmes. Ele dirigiu o vídeo para o tributo a Cole Porter do U2, com "Night and Day", cuja natureza eletrônica apontava a nova direção da banda.

Achtung Baby é a reinvenção mais satisfatória levada a cabo por um grupo da estatura do U2. Músicas como "Who's Gonna Ride Your Wild Horses" se encaixariam em *The Joshua Tree*, mas outras, sobretudo a selvagem "The Fly" ("Um telefonema direto do inferno", disse Bono), são inovações radicais.

Neste disco há várias músicas sobre amores perdidos, inspiradas pelo casamento fracassado de The Edge, enquanto "One" disseca a relação de Bono com o seu pai e com o grupo. "As pessoas me disseram que tocaram o disco em seus casamentos" – disse ele, perplexo. "Estão doidos? Este disco fala de separação!"

Apaixonado pelas contradições, o U2 pensou em envolver este disco cheio de tragédias com uma imagem de Adam Clayton nu. Chegaram a um meio-termo e usaram um instantâneo (censurado com um trevo em alguns países) – mas, em todos os outros aspectos, *Achtung Baby* é grande e belo. **BM**

"Temos que partir – e voltar a sonhar tudo outra vez."

Bono, 1989

Lista de músicas

01	**Zoo Station** (U2)	4:36
02	**Even Better Than The Real Thing** (U2)	3:41
▶ 03	**One** (U2)	4:36
04	**Until The End Of The World** (U2)	4:38
05	**Who's Gonna Ride Your Wild Horses** (U2)	5:16
06	**So Cruel** (U2)	5:49
▶ 07	**The Fly** (U2)	4:28
▶ 08	**Mysterious Ways** (U2)	4:03
09	**Tryin' To Throw Your Arms Around The World** (U2)	3:52
10	**Ultra Violet (Light My Way)** (U2)	5:30
11	**Acrobat** (U2)	4:30
12	**Love Is Blindness** (U2)	4:23

The KLF | The White Room (1991)

Selo | KLF Communications
Produção | The KLF
Projeto gráfico | Norbert Schoerner
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:48

Envolto em mistério e imagens ocultistas, o KLF teve grande sucesso comercial na Inglaterra em 1991. Formados com o nome de Justified Ancients of Mu Mu quatro anos antes pelo ex-agente do Echo and The Bunymen, Bill Drummond, e o artista gráfico James Cauty, iniciaram a carreira com uma polêmica colagem de samples intitulada "1987 (What The Fuck's Going On)" retirado das lojas cinco dias após ter sido lançado devido a uma ação judicial iniciada pelo ABBA. Junto com seu hit inovador "Doctorin' The Tardis" (gravado sob o pseudônimo The Timelords), seus primeiros lançamentos geraram novos termos musicais, como "trance" e "chill out".

"What Time Is Love?" inicialmente desapareceu sem deixar vestígio, mas as suas linhas de sintetizador minimalistas tomaram conta da cena clubber da Europa em 1989 após a revolução do acid house. Um remix mais pesado, com um rap incendiário de MC Bello, foi arremessado para o 10 Mais na Inglaterra no ano seguinte. Seu poderoso som de baixo, acompanhado pelo ruído sampleado de uma multidão em êxtase, era uma tentativa de criar a atmosfera das raves ao ar livre que começavam a surgir em toda a Inglaterra.

O KLF investiu o dinheiro recebido no projeto cinematográfico *The White Room*, ainda que somente a assim chamada "trilha sonora" do filme fosse realmente lançada. O hit americano "3AM Eternal" era um mix único da voz soul de Maxine Harvey com o bleep tecno popularizado por bandas como LFO e Sweet Exorcist. O resto do disco usou os estilos vigentes nos clubes da época com uma criatividade alegre, especialmente na combinação de dub, gospel, slide guitars e trompetes latinos de "No More Tears". O resultado? O primeiro disco verdadeiramente consistente de house music. **CSh**

"Saímos da obscuridade, ninguém nos enganou, mas ainda assim estávamos absolutamente infelizes."

Bill Drummond, 1993

Lista de músicas

▶	01	**What Time Is Love? (LP Mix)** (Bello • Cauty • Drummond)	4:40
▶	02	**Make It Rain** (Cauty • Drummond)	4:02
▶	03	**3AM Eternal** (Cauty • Drummond • Lyte)	3:34
	04	**Church Of The KLF** (Cauty • Drummond)	1:53
	05	**Last Train To Trancentral** (Cauty • Drummond • Lyte)	5:36
	06	**Build A Fire** (Cauty • Drummond)	4:39
	07	**The White Room** (Cauty • Drummond)	5:15
▶	08	**No More Tears** (Cauty • Drummond)	9:24
	09	**Justified And Ancient** (Cauty • Drummond)	4:45

Massive Attack | Blue Lines (1991)

Selo | Virgin
Produção | Johnny Dollar • Massive Attack
Projeto gráfico | Robert "3D" Del Naja • Michael Nash
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:22

É preciso reconhecer que o disco de estréia do Massive Attack foi uma revelação, iniciando um movimento que durou toda uma década, centrado na fusão do hip-hop com um andamento mais lento e um ritmo lounge, que levaria ao surgimento de bandas como Morcheeba e Groove Armada. O Massive Attack iria posteriormente reduzir sua formação ao trio central de rappers composto por 3D, Daddy G e o vocalista convidado Horace Andy, coisa que muitos fãs lamentaram, já que os vocais balbuciados de Tricky e os formidáveis agudos de Shara Nelson eram os pontos altos deste disco.

Os dois singles, "Safe From Harm" – baseado num sample de Sly and Robie – e a música que para milhares de pessoas foi a melhor da década, "Unfinished Sympathy", são os grandes destaques, com belos arranjos de cordas ancorando a dolorosa música de amor de Nelson. Mas o resto do disco é quase tão bom, com o formidável baixo de "Five Man Army", a doce balada ambient "Hymn Of The Big Wheel" e a funky "Daydreaming" – todas elas músicas inesquecíveis.

O que tornou o disco tão famoso foi o toque urban chic trazido dos subúrbios escuros e perigosos de Bristol, onde viviam e trabalhavam os elementos do grupo, e o fato de que The Wild Bunch, produtores do disco, eram uma gangue: um coletivo irrecuperável de consumidores de hip-hop, reggae e erva que gostavam de música crua e exuberante.

Tudo isso faz com que o som polido e desenhado com precisão de *Blue Lines* seja um tesouro inesperado e certamente um bom concorrente a melhor disco de andamento lento já produzido. **JM**

"Você escapa de si mesmo."

Robert Del Naja, 2003

Lista de músicas

▶	01	**Safe From Harm** (Cobham • Del Naja • Marshall • Nelson • Vowles)	5:16
	02	**One Love** (Cobham • Del Naja • Marshall • Vowles • Williams)	4:48
	03	**Blue Lines** (Bennett • Brown • Carlton • Del Naja Guerin • Marshall • Scott • Thaws • Vowles)	4:41
	04	**Be Thankful For What You've Got** (DeVaughn)	4:09
▶	05	**Five Man Army** (Del Naja • Marshall • Thaws • Vowles • Williams)	6:04
▶	06	**Unfinished Sympathy** (Del Naja • Marshall • Nelson • Sharp • Vowles)	5:08
	07	**Daydreaming** (Badarou • Del Naja • Marshall • Thaws • Vowles)	4:14
	08	**Lately** (Brownlee • Del Naja • Marshall Nelson • Redmond • Simon • Vowles)	4:26
	09	**Hymn Of The Big Wheel** (Andy • Cherry • Del Naja • Marshall • Vowles)	6:36

Primal Scream | Screamadelica (1991)

Selo | Creation
Produção | Vários
Projeto gráfico | Paul Cannell
Nacionalidade | | Inglaterra
Duração | 65:02

Grupos como o Happy Mondays e o Stone Roses já seguiam a cultura clubber há bastante tempo, mas *Screamadelica* derrubou todas as barreiras. Os fanáticos por dance music descobriram o mérito do rock, os aficionados do indie-rock se soltaram nas pistas de dança e quem não tinha uma cópia do disco sentiu-se subitamente fora da onda.

Até então o Primal Scream era um grupo de rock sem muito destaque, com alguns discos no currículo. O *acid house* estava se tornando moda na Inglaterra em 1990 e a banda decidiu chamar o DJ Andrew Weatherall para fazer uma experiência remixando a música "I'm Loosing More Than I'll Ever Have".

O resultado foi "Loaded". Reduzida ao essencial, preenchida com novos sons e com acréscimo de samples de Peter Fonda no filme *The Wild Angels*, tornou-se um fenômeno. "Loaded" e o magnífico gospel-house de "Come Together", que veio em seguida, formaram a coluna vertebral da incrível viagem ao psicodelismo moderno que teria lugar em 1991. Weatherall ficou no painel de controle com relação à maior parte dos ritmos caleidoscópicos das músicas, enquanto o produtor do Primal Scream, Jimmy Miller, se encarregou das duas músicas rock: "Movin'On Up" e "Damaged". O grupo tecno The Orb também criou a impressionante transmissão dub sideral de "Higher Than The Sun", enquanto o Hypnotone converteu "Slip Inside This House", do 13th Floor Elevators, numa música impulsionada por um baixo irresistível.

Talvez seja mais correto dizer que é um "disco de colaborações", mas, ainda que os produtores tenham grande parte do mérito pelas músicas, a visão inicial de juntar dance e rock é do Primal Scream. **RS**

"O melhor de 'Loaded' foi provar que tínhamos razão."

Bobby Gillespie, 1990

Lista de músicas

01	**Movin'On Up**	(Gillespie•Innes•Young)	3:50
02	**Slip Inside This House**	(Erikson•Hall)	5:16
03	**Don't Fight It, Feel It**	(Gillespie•Innes•Young)	6:53
04	**Higher Than The Sun**	(Gillespie•Innes•Young)	3:38
05	**Inner Flight**	(Gillespie•Innes•Young)	5:01
06	**Come Together**	(Gillespie•Innes•Young)	10:21
07	**Loaded**	(Gillespie•Innes•Young)	7:02
08	**Damaged**	(Gillespie•Innes•Young)	5:39
09	**I'm Coming Down**	(Gillespie•Innes•Young)	6:00
10	**Higher Than The Sun—A Dub Symphony In Two Parts**	(Gillespie•Innes•Young)	7:38
11	**Shine Like Stars**	(Gillespie•Innes•Young)	3:44

Teenage Fanclub | Bandwagonesque (1991)

Selo | Creation
Produção | P. Chisolm • D. Fleming • Teenage Fanclub
Projeto gráfico | Sharon Fitzgerald
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:51

Este grupo poderia servir de definição para a palavra "peculiar". Os seus membros sempre conseguiram ter um dom irritante para confundir as expectativas do público. O disco *A Catholic Education*, de 1990, e a majestosa "Everything Flows" prometiam um grande futuro, mas a banda celebrou seu contrato com o prestigioso selo Creation com *The King*, um conjunto de covers instrumentais francamente ruins.

Depois de ter posto à prova a paciência da imprensa musical que antes os apoiava, quando eles lançaram a sua obra-prima, todos estavam com armas nas mãos e prontos para o ataque. *Bandwagonesque*, um marco de referência para a cena independente inglesa e sua obsessão com o passado, estava profundamente ligado às raízes do rock: Neil Young, The Byrds, The Beach Boys, Big Star, até mesmo um aceno meio irônico ao Status Quo.

Ainda assim, para os mesmos críticos que consideravam ser perfeitamente aceitável que o Primal Scream imitasse os Rolling Stones, essas influências descaradamente voltadas para o passado pareciam uma abominação. Pouco importava que *Bandwagonesque* fosse mais uniforme e brilhante que *Sweetheart Of The Rodeo* ou *#1 Record*. Eram os tempos do império da dance music, do shoe-gazing e o final da moda decadente de Manchester. O Teenage Fanclub foi classificado de "pouco imaginativo", enquanto o Suede e o Oasis eram proclamados como "o futuro do rock britânico". Ironias do destino.

Bandwagonesque contém tantos momentos notáveis que nem parecem fazer parte de um único disco. Três clássicos indiscutíveis da música independente dos anos 90: "The Concept", "Star Sign" e "What You Do To Me". Outras três belíssimas músicas sentimentais: "December", "Guiding Star" e a instrumental "Is This Music?", com harmonias que fariam corar Brian Wilson e uma intensidade calorosa e ligeiramente distorcida que unia Sonic Youth e The Archies. Tente fazer melhor, Kurt Cobain. **MBe**

"O conceito por trás de 'The Concept' é que não há conceito."

Brendan O'Hare, 1991

Lista de músicas

▶	01	**The Concept** (Blake)	6:06
	02	**Satan** (Teenage Fanclub)	1:22
▶	03	**December** (Love)	3:03
▶	04	**What You Do To Me** (Blake)	2:00
	05	**I Don't Know** (McGinley)	4:36
▶	06	**Star Sign** (Love)	4:56
	07	**Metal Baby** (Blake)	3:39
	08	**Pet Rock** (Love)	2:35
	09	**Sidewinder** (Love • O'Hare)	3:03
	10	**Alcoholiday** (Blake)	5:26
▶	11	**Guiding Star** (Love)	2:48
▶	12	**Is This Music?** (Love)	3:17

Metallica | Metallica (1991)

Selo | Elektra
Produção | James Hetfield • Bob Rock • Lars Ulrich
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Denmark • EUA
Duração | 62:31

Nem só Garth Brooks e Eagles estão entre os mais vendidos de todos os tempos. Há também Led Zeppelin, AC/DC e Guns N' Roses. Quem tem o maior peso nessa parada, contudo, é o Metallica.

O grupo da cena musical de Los Angeles/São Francisco tornou-se conhecido fora da confraria do metal quando ... *And Justice For All* ficou entre os 10 primeiros na parada da Billboard, um feito notável numa época em que o sistema SoundScan ainda não tinha levado Pantera e Skid Row ao topo das paradas.

Mas *Justice...* era um animal grandioso e suas músicas eram tão complexas que o grupo tinha dificuldades para tocá-las ao vivo. Assim, para *Metallica* – também conhecido como *The Black Album*, "o álbum preto" –, eles contrataram o produtor de hits Bob Rock, conhecido por uma linha de trabalho simplificada, já que a banda tinha ficado impressionada com o trabalho dele para o Mötley Crüe.

O resultado – há anos-luz de distância do som do Mötley Crüe – foram as músicas mais concisas da banda, com riffs brutais e uma bateria que marcava padrões agressivos, com estruturas mais simples e menos indulgência do guitarrista Kirk Hammett.

Até mesmo as músicas mais épicas – "Wherever I May Roam" e "Nothing Else Matters" – mantêm o interesse, graças às cítaras e aos instrumentos de corda, com arranjos do colaborador do Pink Floyd, Michael Kamen.

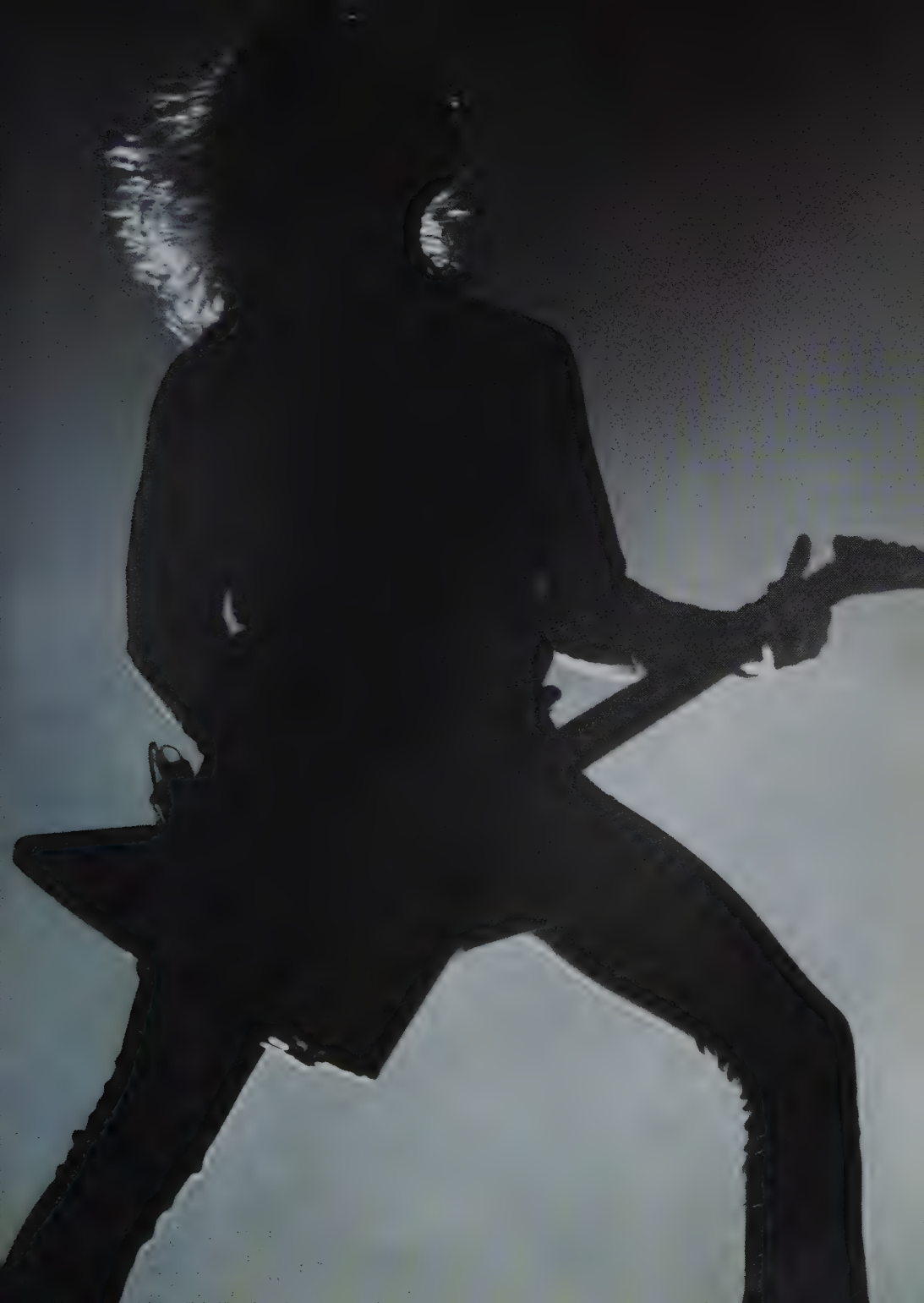
Hammett, o baterista Lars Ulrich e o baixista Jason Newsted dão contribuições fundamentais, mas a estrela é James Hetfield. A sua voz (aterradora, mas bem colocada), a sua guitarra demolidora (em "Sad But True", por exemplo) e as letras eloqüentes formam um coquetel letal que converteu músicas como "Enter Sandman" em clássicos imediatos. **BM**

"Todos têm um álbum onde tudo parece fazer sentido."

Lars Ulrich, 1996

Lista de músicas

▶	01	**Enter Sandman** (Hammett • Hetfield • Ulrich)	5:31
▶	02	**Sad But True** (Hetfield • Ulrich)	5:24
	03	**Holier Than Thou** (Hetfield • Ulrich)	3:47
	04	**The Unforgiven** (Hammett • Hetfield • Ulrich)	6:27
	05	**Wherever I May Roam** (Hetfield • Ulrich)	6:44
	06	**Don't Tread On Me** (Hetfield • Ulrich)	4:00
	07	**Through The Never** (Hammett • Hetfield • Ulrich)	4:04
▶	08	**Nothing Else Matters** (Hetfield • Ulrich)	6:28
	09	**Of Wolf And Man** (Hammett • Hetfield • Ulrich)	4:16
	10	**The God That Failed** (Hetfield • Ulrich)	5:08
	11	**My Friend Of Misery** (Hetfield • Newsted • Ulrich)	6:49
	12	**The Struggle Within** (Hetfield • Ulrich)	3:53



Pavement | Slanted And Enchanted (1992)

Selo | Big Cat
Produção | Pavement
Projeto gráfico | Stefan Sagmeister
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:01

Se o Nirvana tinha aberto a porta do sucesso para bandas alternativas, o Pavement, em contrapartida, parecia decidido a manter-se fora do centro das atenções. As primeiras fitas cassetes de sua estréia *Slanted And Enchanted* sequer indicavam o título das músicas, mas ainda assim o disco conseguiu entrar para a votação dos melhores de 1991 do jornal alternativo *The Village Voice*. Desde então o som de *Slanted And Enchanted* influenciou muitas bandas de rock independentes.

O Pavement era formado por três amigos da Califórnia: o cantor lacônico Stephen Malkmus (que aparece como SM nos créditos), o guitarrista Scott Kannberg (Spiral Stairs) e o indisciplinado e hippy baterista Gary Young, que costumava distribuir repolhos nos shows antes de ser despedido da banda um ano depois. Após uma semana de ensaios, gravaram *Slanted And Enchanted* em sete dias no estúdio construído na garagem de Young, gastando apenas 800 dólares.

Naturalmente, o tom é cru e pouco cuidado. Young soa como se a bateria fosse uma caixa de cartolina e as guitarras estão emboladas em meio à distorção, mas o disco é muito criativo, juntando elementos de free jazz. E ainda que as letras de Malkmus sejam herméticas ("lies and betrayals, fruit covered nails" – "mentiras e traições, unhas cobertas por frutas" –, ele canta em "Trigger Cut"), existe uma sinceridade real e uma grande carga emocional no coração dessas músicas. Note-se a frustração e o desejo na deliciosa "Summer Babe" que abre o disco e "Zurich Is Stained", com as suas guitarras limpas e bem definidas.

"Éramos jovens, ingênuos e tínhamos algo em que acreditar" – afirmou Kannberg. Com os seus sentimentos confusos e pontas retorcidas, *Slanted...* continua sendo um disco perfeito. **SH**

Lista de músicas

▶	01	**Summer Babe (Winter Version)** (Kannberg • Malkmus • Young)	3:16
▶	02	**Trigger Cut • Wounded-Kite At :17** (Kannberg • Malkmus • Young)	3:16
	03	**No Life Singed Her** (Kannberg • Malkmus • Young)	2:09
▶	04	**In The Mouth A Desert** (Kannberg • Malkmus • Young)	3:52
	05	**Conduit For Sale!** (Kannberg • Malkmus • Young)	2:52
	06	**Zurich Is Stained** (Kannberg • Malkmus • Young)	1:41
	07	**Chesley's Little Wrists** (Kannberg • Malkmus • Young)	1:16
	08	**Loretta's Scars** (Kannberg • Malkmus • Young)	2:55
▶	09	**Here** (Kannberg • Malkmus • Young)	3:56
	10	**Two States** (Kannberg • Malkmus • Young)	1:47
	11	**Perfume-V** (Kannberg • Malkmus • Young)	2:09
	12	**Fame Throwa** (Kannberg • Malkmus • Young)	3:22
	13	**Jackals, False Grails: The Lonesome Era** (Kannberg • Malkmus • Young)	3:21
	14	**Our Singer** (Kannberg • Malkmus • Young)	3:09

Aphex Twin | Selected Ambient Works 85–92 (1992)

Selo | R&S
Produção | Richard D. James
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 74:20

Qualquer raver que valha tem os seus tênis e, na verdade, qualquer um com um interesse ainda que remoto por música eletrônica deve possuir uma cópia bem surrada de *Selected Ambient Works* na sua coleção. Este é um marco na música dance, pois o seu groove esparso e suas linhas fascinantes de sintetizadores soam hoje tão embriagantes e alienígenas quanto há uma década.

O ano era 1992, Richard D. James tinha adquirido fama com os seus EPs *Analogue Bubblebath* e o monstro do acid house que era "Didgeridoo". Também tinha participado da formação do hoje lendário selo Rephlex, lançando bandas de hard tecno como Caustic Window. O clima da dance music estava mudando, contudo, pois cada vez mais pessoas exploravam o potencial do gênero. Isso se devia em parte ao constante aumento de BPMs das raves e a uma tendência cada vez maior ao surgimento de "novidades" nas paradas de vendas. Seguindo a mesma veia de inspiração, The Orb tinha acabado de aperfeiçoar o seu conceito de ambient house com o antológico *Adventures Beyond The Ultraworld*, de 1991. Esse era o momento adequado para *Selected Ambient Works 85-92*, ou *SAW*, uma coleção de gravações de ambient tecno feitas com o equipamento eletrônico caseiro de James (vale notar que ele tinha 14 anos de idade em 1985).

É um álbum longo, com mais de 70 minutos. Contudo, apesar de soar diferente de todo o resto, é acessível: hipnótico, sedutor e muito adequado ao crescente exército de fãs daquilo que iria ser catalogado como música inteligente para dançar.

Há apenas um sample vocal em todo o álbum, retirado de *A Fábrica de Chocolate* (na verdade, um trecho de uma poesia de Arthur O'Shaughnessy que também inspirou o grupo tecno 808 State) – "We are the music makers, and we are the dreamers of dreams". Verdade, em parte: todos podemos sonhar, mas apenas Richard D. James consegue fazer música assim. **RS**

"A minha música é a minha música favorita."

Richard D. James, 2001

Lista de músicas

▸	01	**Xtal** (James)	4:51
	02	**Tha** (James)	9:01
▸	03	**Pulsewidth** (James)	3:47
	04	**Ageispolis** (James)	5:21
	05	**I** (James)	1:13
▸	06	**Green Calx** (James)	6:02
▸	07	**Heliosphan** (James)	4:51
	08	**We Are The Music Makers** (James)	7:42
▸	09	**Schottkey 7th Path** (James)	5:07
	10	**Ptolemy** (James)	7:12
▸	11	**Hedphelym** (James)	6:02
	12	**Delphium** (James)	5:36
	13	**Actium** (James)	7:35

Arrested Development | 3 Years, 5 Months And 2 Days In The Life Of Arrested Development (1992)

Selo | Chrysalis
Produção | Speech
Projeto gráfico | Randall Martin
Nacionalidade | EUA
Duração | 61:08

Quando o álbum de estréia do Arrested Development foi lançado em 1992, o grupo de Atlanta parecia anunciar um novo despertar do hip-hop. Dava a sensação de terem criado um estilo de hip-hop sulista e rural que iria romper com a divisão Costa Leste/Costa Oeste.

Claro que não foi bem isso o que aconteceu. Quando o Dixie de fato surgiu, ele seguiu o estilo do "Dirty South" e usou influências do go-go pornográfico do 2 Live Crew, e não de grupos ditos politicamente corretos como o Arrested Development. O grupo separou-se em 1996, e o vocalista Todd Thomas, conhecido como Speech, continuou lançando discos simpáticos, mas essencialmente ignorados.

Seria contudo um crime não evidenciar a genialidade sutil deste álbum, cujo título se refere ao tempo que levaram para conseguir um contrato com uma gravadora. A música principal do álbum é o sucesso "Tennessee", uma conversa meio falada, meio cantada com Deus que articula a dolorosa questão da escravidão de uma forma mais bela que qualquer outra faixa de hip-hop. Encontramos também um tributo aos sem-teto com a música "Mr. Wendal", uma interpretação de "People Everyday", de Sly Stone (inspirada no estilo do De La Soul e do Jungle Brothers) e "Mama's Always On Stage", uma interpretação sulista da música do Madness, "Our House", no estilo soul.

As influências do grupo também vieram de outros artistas de Atlanta, tal como TLC, Cee-Lo Green, Goodie Mob e sobretudo Andre 3000 e Outkast. Mostraram que o hip-hop podia se inspirar em séculos de cultura musical negra e ainda assim olhar para o futuro. **JLe**

Lista de músicas

01	**Man's Final Frontier**	(Barnwell • Thomas)	2:38
02	**Mama's Always On Stage**	(Guy • Thomas • Wells)	3:25
03	**People Everyday**	(Stewart • Thomas)	3:26
04	**Blues Happy**	(Barnwell • Thomas)	0:46
▶ 05	**Mr. Wendal**	(Stewart • Thomas)	4:06
06	**Children Play With Earth**	(Barnwell • Thomas)	2:38
07	**Raining Revolution**	(Thomas)	3:25
08	**Fishin' 4 Religion**	(Stewart • Thomas)	4:06
09	**Give A Man A Fish**	(Barnwell • Riperton • Rudolph • Thomas)	4:22
10	**U**	(Clinton • Dylan • Thomas • Wynn)	4:59
11	**Eve Of Reality**	(Barnwell • Thomas)	1:53
12	**Natural**	(Bailey • MacKay • Thomas • White)	4:18
13	**Dawn Of The Dreads**	(Thomas)	5:17
▶ 14	**Tennessee**	(Jones • Thomas)	4:32
15	**Washed Away**	(Thomas)	6:22
▶ 16	**People Everyday (Metamorphosis Mix)**	(James • Thomas)	4:55

Koffi Olomidé | Haut De Gamme—Koweït, Rive Gauche (1992)

Selo | Tamaris
Produção | Koffi Olomidé
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | República Democrática do Congo
Duração | 58:12

O cantor mais bem-sucedido do Congo chama-se Koffi Olomidé. Passou a ser o artista que vende mais discos de todo o continente africano devido à sua interpretação da rumba congolesa batizada por ele como "Tcha-Tcho".

Haut De Gamme – Kaweït, Rive Gauche foi o álbum que fez com que Koffi Olomidé se transformasse num fenômeno em toda a África. Suas músicas são tipicamente congolesas, com uma primeira parte lenta e lírica seguida por uma segunda parte com um ritmo mais dançante puxado por uma guitarra e por repetidos refrões de estímulo aos dançarinos, conhecidos como "animações".

Olomidé possui um estilo romântico e as suas letras, escritas geralmente em lingala e francês, são pura poesia. Sua música é dirigida sobretudo a um público feminino, com músicas românticas e melosas, muitas vezes contendo grandes arranjos de cordas sintetizadas e percussão programada. Quando a música chega à parte dançante, ela realmente ganha vida, com loops de guitarra acompanhados pela caixa da bateria e linhas de baixo funk.

A faixa "Papa Bonheur" tornou-se um clássico, sendo muito apreciada nas pistas de dança. Músicas mais sutis e com arranjos mais complexos, como "Qui Cherche Trouve" e "Dit Jeannot", fazem um contraponto entre a voz rouca de Koffi com os vocais cristalinos de Déesse Mukangi e do já veterano cantor Nyboma.

Este álbum extraordinário mostra que a música congolesa de Koffi Olomidé consegue conciliar a tecnologia dos estúdios com a energia contagiante da música africana contemporânea. **MS**

"[Tcha-Tcho] significa 'sejamos genuínos sempre'. Eu sou diferente, tenho classe."

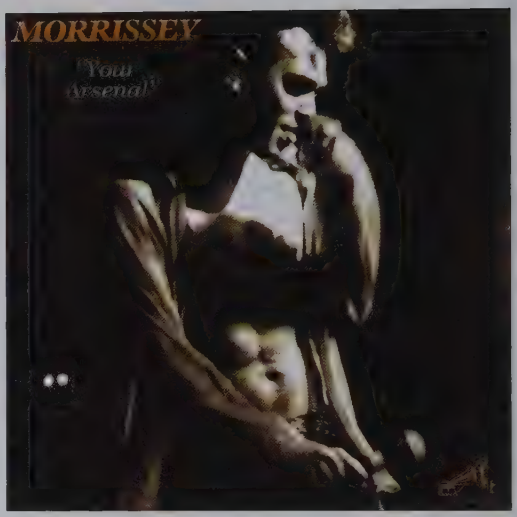
Koffi Olomidé, 2001

Lista de músicas

▶	01	**Papa Bonheur** (Olomidé)	7:10
	02	**Désespoir** (Olomidé)	6:23
	03	**Koweït, Rive Gauche** (Olomidé)	6:35
▶	04	**Qui Cherche Trouve** (Olomidé)	6:46
	05	**Elixir** (Olomidé)	4:52
▶	06	**Porte-Monnaie** (Olomidé)	6:27
	07	**Conte De Fées** (Olomidé)	7:15
	08	**Obrigado** (Olomidé)	6:42
▶	09	**Dit Jeannot** (Olomidé)	6:02

Morrissey | "Your Arsenal" (1992)

Selo | HMV
Produção | Mick Ronson
Projeto gráfico | E. Riff • Jo Slee • Designland
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:32



É possível que Morrissey não gostasse de controvérsias, mas nunca se esforçou muito para evitá-las. Antes mesmo que o álbum *"Your Arsenal"* fosse lançado, desejou diversas formas de morte horríveis para o biógrafo do The Smiths, Johnny Rogan – de acidentes de carro até incêndio no quarto de hotel. O disco possui uma faixa com o título imperdoavelmente (pelo menos para a imprensa) ambíguo de "The National Front Disco". Depois Morrissey subiu no palco para cantar essa música em um show do Madness e estava balançando de forma provocativa a bandeira do Reino Unido, tendo como pano de fundo a imagem de duas garotas skinheads. (O público jogou garrafas nele até que resolveu finalmente sair do palco.)

"Morrissey é racista?", perguntava o *NME*. Morrissey não respondeu. O escândalo geral ofuscou este excelente álbum. Produzido pelo ex-músico de David Bowie, Mick Ronson, *"Your Arsenal"* era uma celebração do masculino preenchida por glam-rock (o homoerotismo da capa parece uma foto descartada de uma sessão de Robbie Williams). Morrissey tinha agora uma excelente banda de acompanhamento, incluindo Boz Boorer e Alain Whyte na guitarra, o que encorajou uma nova abordagem do estilo do The Smiths. Sob o glitter de "Glamorous Glue", Morrissey profetizava: "Esperamos por Los Angeles / para a linguagem que usamos / Londres está morta"; "We'll Let You Know" era uma tentativa peculiar de entrar na cabeça dos hooligans do futebol, enquanto "The National Front Disco" era emocionante e hilariante (música disco para Nazis?). Havia escorregões, em particular no single kitsch "You're The One For Me, Fatty", mas sem dúvida *"Your Arsenal"* foi o melhor trabalho de Morrissey por muitos anos. **PW**

"Queria que o álbum fosse o mais físico possível."

Morrissey, 1992

Lista de músicas

▶	01	**You're Gonna Need Someone On Your Side** (Morrissey • Nevin)	3:38
▶	02	**Glamorous Glue** (Morrissey • Whyte)	4:01
▶	03	**We'll Let You Know** (Morrissey • Whyte)	5:17
▶	04	**The National Front Disco** (Morrissey • Whyte)	4:24
	05	**Certain People I Know** (Morrissey • Whyte)	3:12
	06	**We Hate It When Our Friends Become Successful** (Morrissey • Whyte)	2:30
	07	**You're The One For Me, Fatty** (Morrissey • Whyte)	2:57
	08	**Seasick, Yet Still Docked** (Morrissey • Whyte)	5:07
▶	09	**I Know It's Gonna Happen Someday** (Morrissey • Nevin)	4:20
▶	10	**Tomorrow** (Morrissey • Whyte)	4:06

Baaba Maal | Lam Toro (1992)

Selo | Mango • Island
Produção | Simon Booth • Eric Clermontet • Baaba Maal
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Senegal
Duração | 52:28

Normalmente é impossível identificar o momento exato onde se produz uma mudança no campo musical. Mesmo os acontecimentos mais seminais (Elvis em Sun, o primeiro show do Sex Pistols) têm múltiplos antecedentes. O mesmo acontece com este álbum: não foi a primeira vez que um artista africano teve a oportunidade de gravar com um produtor que sabia perfeitamente o que um público majoritariamente branco queria, especialmente um público branco e jovem, mas era como se fosse.

Durante anos, as bandas africanas foram levadas aos estúdios de gravação franceses para gravar ao vivo. Depois um produtor acrescentava sintetizadores para que o público pudesse se maravilhar com os novos sons. Grande parte dessas gravações hoje nos soam medonhas, mas o trabalho de Simon Booth com Baaba Maal manteve seu vigor. A faixa de abertura, que mistura a banda de Maal, Daande Lenol ("A Voz do Povo"), com toasts afro-jamaicanos, poderia estar cheirando a mofo, mas, pelo contrário, é arrebatadora.

É na música "Dandee Lenol" que Booth – anteriormente conhecido como músico do Working Week, assim como um dos pioneiros do breve mas influente estilo acid jazz – começou a levar as coisas em novas direções. Ou talvez velhas, como o dueto da gaita-de-fole de Dave Spillane com a *kora* (espécie de harpa africana com 21 cordas) de Kaow Cissoko numa introdução cuja atmosfera soa irlandesa, por mais que você a ouça. Em seguida entra o *tama*, o "tambor falante", e a voz de Maal se junta ao todo. Isso segue em um crescendo até que a música finalmente se torna nitidamente africana, sem ruptura alguma.

Inspirado, Booth foi em frente e criou o Afro Celt Sound System para aprofundar mais essa síntese musical. Baaba Maal continuou a fazer sua fusão pop com algum sucesso, mas, indiscutivelmente, esse foi o primeiro passo de gigante para ambos. **DH**

"A música na África é uma forma de comunicação. É como um ancião e, se ela morre, é como se toda uma biblioteca queimasse."

Baaba Maal, 2005

Lista de músicas

▶	01	**Hamady Boiro (Yelle)** (Maal)	4:32
▶	02	**Daande Lenol** (Maal)	5:43
	03	**Lem Gi (Le Miel)** (Maal)	7:12
	04	**Ndelorel** (Maal)	4:00
▶	05	**Yela** (Maal)	4:37
	06	**Toro (Tioulel L'Oiseau)** (Maal)	2:31
	07	**Danilbe (Les Exilés)** (Maal)	7:58
	08	**Olel (L'Echo)** (Maal)	5:55
	09	**Sy Sawande** (Maal)	5:27
▶	10	**Hamady Bogle** (Maal)	4:33

Lemonheads
It's A Shame About Ray (1992)

Selo | Atlantic
Produção | Evan Dando • The Robb Brothers
Projeto gráfico | Jodi Rovin
Nacionalidade | EUA
Duração | 33:08

Um ano antes do lançamento do álbum *It's A Shame About Ray*, Evan Dando era só mais um cara que tocava numa banda de garagem de Boston. Em 1993, contudo, uma votação na revista *People* elegeu-o como um dos "homens mais bonitos", e parecia que todos tinham uma cópia do revolucionário quinto álbum dos Lemonheads.

Qual a razão de tal sucesso? O impacto estrondoso de *Nevermind* do Nirvana (1991) fez com que a música dita alternativa se convertesse em algo comercialmente viável (o folk suave com guitarras de rock e doces melodias sobre relacionamentos que os Lemonheads faziam chegou a ser apelidado de "bubblegrunge"). Depois veio a sua versão da música "Mrs. Robinson", de Simon And Garfunkel. A versão foi gravada em Berlim em apenas três horas, depois que uma empresa que estava relançando o filme *A Primeira Noite de um Homem* encomendou a música para tornar o filme mais acessível para uma geração mais jovem. Com forte exposição na MTV e nas rádios, era impossível não ouvi-la, fazendo com que o interesse por *It's A Shame About Ray*, lançado poucos meses antes, se renovasse. A música foi rapidamente acrescentada ao álbum.

Ray é mais do que um golpe de sorte, contudo, pela magia de Dando ao compor as músicas. Ele sempre soube como criar ganchos memoráveis, mas depois de uma viagem pela Austrália, e de ter conhecido o co-autor Tom Morgan, esse talento evoluiu para algo mágico. *Ray* foi gravado em Los Angeles tendo como produtor os já famosos Robb Brothers. Cada uma de suas músicas soa como um perfeito preparado pop, desde as guitarras de "Confetti" à melancolia embriagante de "My Drug Buddy". **SH**

"Sou um cantor incrivelmente bom."

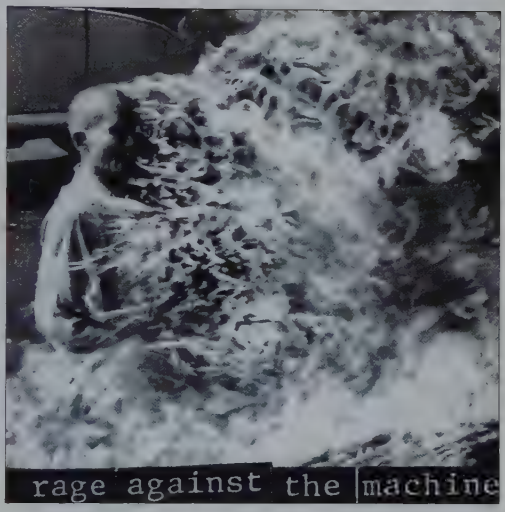
Evan Dando, 2005

Lista de músicas

	01	**Rockin' Stroll** (Dando)	1:47
▶	02	**Confetti** (Dando)	2:44
▶	03	**It's A Shame About Ray** (Dando • Morgan)	3:06
	04	**Rudderless** (Dando)	3:19
▶	05	**My Drug Buddy** (Dando)	2:51
	06	**The Turnpike Down** (Dando)	2:33
	07	**Bit Part** (Dando, Morgan)	1:51
	08	**Alison's Starting To Happen** (Dando)	1:59
▶	09	**Hannah And Gabi** (Dando)	2:40
	10	**Kitchen** (Dalton)	2:55
	11	**Ceiling Fan In My Spoon** (Dando)	1:48
	12	**Frank Mills** (Macdermot • Rado • Ragni)	1:44
	13	**Mrs. Robinson** (Simon)	3:43

Rage Against The Machine
Rage Against The Machine (1992)

Selo | Epic
Produção | Rage Against the Machine • Garth Richardson
Projeto gráfico | Nicky Lindeman
Nacionalidade | EUA
Duração | 52:56



O Rage Against The Machine surgiu no mundo da música *mainstream* como uma versão musical do *The Anarchist Cookbook*. Com sua mistura original de rap, metal e visão política de esquerda, o RATM produziu um álbum de estréia tão poderoso que sacudiu adolescentes apáticos, fazendo com que percebessem algumas das injustiças do mundo capitalista.

Tommy Morello, guitarrista virtuoso e amante do heavy metal, acrescentava interlúdios ruidosos aos seus solos rápidos e riffs pesados no estilo do Black Sabbath. Em "Know Your Enemy" ele encadeia licks de guitarra grave e distorcida e aponta para o speed metal em alguns trechos. Zach De La Rocha, com uma energia inesgotável, dispara rimas raivosas sobre o rugido grave da banda, seja no estilo rap de "Bombtrack" ou como na lição de história recitada em "Wake Up" (um hino a Martin Luther King, Malcom X e Cassius Clay), ou ainda no groove radical de "Township Rebellion" em que relata a história da luta antiimperialista indo de South Central, em Los Angeles, à África do Sul.

A especialidade de Zach é a de liberar raiva em estado puro e os seus momentos mais impressionantes são quando a banda, com seus insaciáveis crescendos, o deixa gritando repetidamente em tom de desafio. "Bullet In The Head" é um manifesto contra as corporações de mídia que chega ao seu clímax com uma barragem da bateria em tempo dobrado de Brad Wilk, acompanhado por um lick metralhado por Morello enquanto De La Rocha repete o refrão brutal até ficar sem voz.

Uma década depois, o som e a importância deste álbum do Rage Against The Machine ainda não foram igualados. **MW**

"Entrem na luta, quebrem as normas."

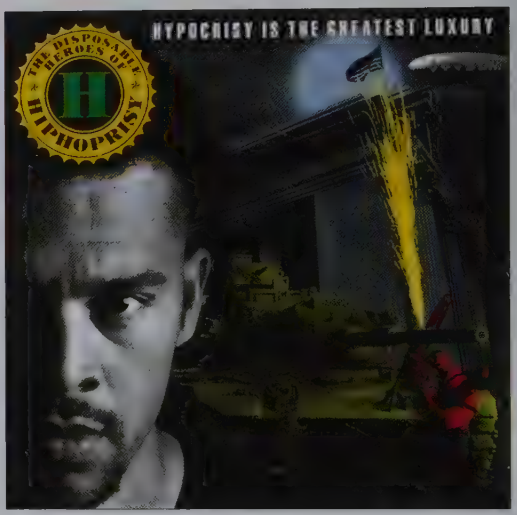
Rage Against The Machine, "Township Rebellion", 1992

Lista de músicas

▶	01	**Bombtrack** (Rage Against The Machine)	4:05
▶	02	**Killing In The Name** (Rage Against The Machine)	5:14
	03	**Take The Power Back** (Rage Against The Machine)	5:37
	04	**Settle For Nothing** (Rage Against The Machine)	4:48
▶	05	**Bullet In The Head** (Rage Against The Machine)	5:10
▶	06	**Know Your Enemy** (Rage Against The Machine)	4:56
▶	07	**Wake Up** (Rage Against The Machine)	6:04
	08	**Fistful Of Steel** (Rage Against The Machine)	5:31
	09	**Township Rebellion** (Rage Against The Machine)	5:24
	10	**Freedom** (Rage Against The Machine)	6:07

The Disposable Heroes Of Hiphoprisy
Hypocrisy Is The Greatest Luxury (1992)

Selo | 4th & Broadway
Produção | Jeff Mann
Projeto gráfico | Victor Hall
Nacionalidade | EUA
Duração | 66:26



Em meados da década de 90, enquanto os Estados Unidos continuavam tentando lidar com os problemas do multiculturalismo após os distúrbios em Los Angeles e o julgamento de O. J. Simpson, o The Disposable Heroes Of Hiphoprisy (o vocalista Michael Franti e o músico Rono Tse) estava compondo a trilha sonora para aquele momento numa oficina de carros usados em Oakland, perto de São Francisco.

Herdeiro direto do Public Enemy, o Disposable Heroes é um grupo único. *Hypocrisy Is The Greatest Luxury* é uma coleção de letras de "rap de protesto" unidas por sons digitais – por vezes beirando o industrial –, samples de TV e rádio sobre o ritmo constantemente marcado de hip-hop ou rap. O grupo trouxe um novo sopro de vida ao rap abordando, entre outros temas, a questão da violência entre os negros, o racismo, a manipulação da mídia, a guerra, a política, o feminismo e o estresse urbano. Enquanto os seus contemporâneos, como Run-DMC e N.W.A., adotavam fórmulas e clichês, *Hypocrisy Is The Greatest Luxury* criou um gênero próprio: o rap de protesto com tópicos sérios. Isto não deve soar depreciativo: embora tenha sido ignorado pelas rádios de sua época, o disco é hoje considerado um marco e uma continuação da voz dos grandes poetas negros dos anos 60, como The Watts Prophets e The Last Poets.

Sua performance ao vivo era impressionante, mas nunca saiu do circuito universitário. Contudo, o grupo durou pouco: após uma colaboração com William Burroughs, Franti cansou-se das explorações pós-apocalípticas do The Disposable Heroes Of Hiphoprisy. Seu grupo atual, o Spearhead, tem se mostrado a antítese de seu trabalho anterior. **BW**

Lista de músicas

▶	01	**Satanic Reverses** (Franti)	4:45
	02	**Famous And Dandy (Like Amos And Andy)** (Franti)	6.34
▶	03	**Television, The Drug Of The Nation** (Franti)	6:38
▶	04	**Language Of Violence** (Franti)	6:15
	05	**The Winter Of The Long Hot Summer** (Franti)	7:59
	06	**Hypocrisy Is The Greatest Luxury** (Franti)	3:47
	07	**Everyday Life Has Become A Health Risk** (Franti)	4:54
	08	**Ins Greencard A-19 191 500** (Franti)	1:36
	09	**Socio-Genetic Experiment** (Franti)	4:19
	10	**Music And Politics** (Franti)	4:01
	11	**Financial Leprosy** (Franti)	5:30
▶	12	**California Über Alles** (Biafra•Dead Kennedys)	4:13
	13	**Water Pistol Man** (Franti)	5:55

K.D. Lang | Ingénue (1992)

Selo | Warner Bros.
Produção | K.D. Lang • Ben Mink • Greg Penny
Projeto gráfico | Jeri Heiden • Glen Erler
Nacionalidade | Canada
Duração | 41:47

Depois de quatro álbuns country medianos, ainda que criativos, K. D. Lang resolveu dar um passo mais ousado. Com arranjos e composições de seu parceiro compositor Ben Mink, este "cabaré pós-nuclear", como a própria K. D. Lang o chamava, desafiando qualquer categorização e sendo ao mesmo tempo pop, tango, swing, lounge ou ainda country alternativo vagamente no estilo de Lyle Lovett foi uma declaração corajosa de uma mulher que finalmente tinha encontrado seu próprio caminho.

Apesar das ocasionais guitarras *pedal-steel*, Lang abandonou oficialmente Nashville – uma cena que lhe rendeu alguns Grammys, mas nunca aceitou inteiramente a sua sexualidade ambígua. Com *Ingénue*, a cantora e compositora canadense adotou um estilo mais pessoal. "Surely help will arrive soon and cure these self-induced wounds" ("Decerto a ajuda chegará em breve para curar estas feridas auto-infligidas"), cantou Lang em "The Mind Of Love", expondo-se mais do que em todos os discos anteriores. Desde a fotografia desfocada e intimista usada na capa, de autoria de Glen Erler, até os versos sobre o "grande ímã" que atrai "todas as almas para a verdade" no single de sucesso "Constant Craving", *Ingénue* foi um novo começo.

O fato de, três meses depois do lançamento do álbum, Lang ter anunciado publicamente a sua homossexualidade numa entrevista ao jornal canadense *The Advocate* não prejudicou em nada o sucesso do disco. Para grande alívio de Lang, o público não se importou em saber que músicas tão sensuais como "Wash Me Clean" e "Miss Chatelaine", desse disco emotivo e absolutamente autobiográfico, fossem inspiradas pelo desejo por uma mulher casada. *Ingénue* continuou sendo amado por milhões de ouvintes não só por sua visão musical e pela fantástica interpretação de Lang, mas também por retratar honestamente um conjunto de sentimentos que são universais. **CL**

"*Ingénue* está baseado nas minhas experiências com a paixão e é o disco mais pessoal que já gravei."

K. D. Lang, 1992

Lista de músicas

▶	01	**Save Me** (lang • Mink)	4:33
	02	**The Mind Of Love** (lang • Mink)	3:48
	03	**Miss Chatelaine** (lang • Mink)	3:48
	04	**Wash Me Clean** (lang)	3:17
▶	05	**So It Shall Be** (lang • Penny)	4:29
	06	**Still Thrives This Love** (lang • Mink)	3:33
	07	**Season Of Hollow Soul** (lang • Mink)	4:56
▶	08	**Outside Myself** (lang • Mink)	4:57
	09	**Tears Of Love's Recall** (lang • Mink)	3:48
▶	10	**Constant Craving** (lang • Mink)	4:38

Dr. Dre | The Chronic (1992)

Selo | Death Row
Produção | Dr. Dre
Projeto gráfico | Kimberly Holt
Nacionalidade | EUA
Duração | 62:46

Os confrontos entre rappers raramente são enfadonhos. Podem se transformar em verdadeiras batalhas campais e chegar até mesmo ao homicídio. Antes da matança começar, contudo, o duelo ocorre na parada da Billboard.

Em 1992 era Eazy E. contra Dr. Dre. Ambos colocaram o gangsta rap no mapa com seu trabalho no NWA, depois caíram em brigas por dinheiro. Dr. Dre acabou sendo resgatado pelo agente de rap Suge Knight e, juntos, formaram a empresa Death Row. O primeiro ataque foi com *The Chronic*, onde ele cai em cima de Eazy E. da primeira à última (e não listada) faixa.

Eazy E. respondeu com *It's On (Dr. Dre) 187um Killa*, que acusava Dr. Dre de ser um "gangster de estúdio" e se gabava de ter uma cláusula contratual que lhe dava parte dos direitos autorais de Dr. Dre. Chegou a disco de platina, mas foi muito malvisto por soar suspeitosamente parecido com uma produção de Dr. Dre e, ao contrário do *The Chronic*, não ficou à altura de *Nevermind* na corrida pelo título de álbum mais influente da década.

As armas secretas de Dr. Dre eram o jovem e brilhante MC Snoop Dogg – cujas patas estavam espalhadas pelo disco – e também The Lady Of Rage, The D.O.C. e Kurupt. A maioria dos produtores simplesmente juntava uma batida às suas rimas, mas Dre criou um novo gênero, o G-funk, onde a brutalidade do rap foi substituída pelo estilo mais largado do soul dos anos 70. Os sucessos "Let Me Ride" (fonte: Parliament) e "Nuthin' But A 'G' Thang" estão no mesmo nível de "Lil' Ghetto Boy", baseada em Donny Hathaway. Mesmo quando Dre se limita a acrescentar um loop de bateria, o resultado é espantoso – basta ouvir "Lyrical Gangbang", baseada no Led Zep. A tensão entre Dre e Eazy continuou até a morte deste último em 1995. Dre disse: "Ele pode fazer um milhão de discos sobre mim, se quiser. Só está aumentando a minha fama." **BM**

Lista de músicas

01	**The Chronic (Intro)**	(Dogg • Dre • Wolfe)	1:58
▶ 02	**Fuck Wit Dre Day (And Everybody's Celebratin')**	(Dogg • Dre • Wolfe)	4:51
▶ 03	**Let Me Ride**	(Clinton • Collins • Dogg • Worrell)	4:21
04	**The Day The Niggaz Took Over**	(Arnaud • Colandreo • Collins • Dogg • Parker)	4:32
▶ 05	**Nuthin' But A "G" Thang**	(Dogg • Haywood • Knight)	3:58
06	**Deeez Nuuuts**	(Dogg • Dre • Wolfe)	5:06
07	**Lil' Ghetto Boy**	(Curry • Dogg)	5:27
08	**A Nigga Witta Gun**	(Curry • Snoop)	3:52
09	**Rat-Tat-Tat-Tat**	(Curry • Young)	3:48
10	**The $20 Sack Pyramid**	(Curry • Dre • Snoop)	2:53
11	**Lyrical Gangbang**	(Curry • Dogg • Dre • Kurupt • Rage • RBX •)	4:04
12	**High Powered**	(Dre • RBX • Wolfe)	2:44
13	**The Doctor's Office**	(Dre • Jewell • Lewis • Rage)	1:03
14	**Stranded On Death Row**	(Allen • Brown • Dogg Dre • Hayes • Middendorf • Nichols • Williams)	4:46
15	**The Roach (The Chronic Outro)**	(Daz • RBX • Rage)	4:36
16	**Bitches Ain't Shit**	(Curry • Daz • Dogg • Dre • Kurupt • Wolfe)	4:47

R.E.M. | Automatic For The People (1992)

Selo | Warner Bros.
Produção | Scott Litt • R.E.M.
Projeto gráfico | Tom Recchion • Michael Stipe
Nacionalidade | EUA
Duração | 49:31

Em 1992, a banda R.E.M. pegou o mundo desprevenido. Em seu segundo álbum lançado por uma grande gravadora, *Out of Time*, a banda tinha mostrado um estilo folk pop alegre, emotivo e muito bem-sucedido. Mas neste álbum os rappers e bandolins que faziam participações como convidados foram substituídos por algo mais sutil, mais humano e mais duradouro.

A fotografia da capa, de autoria de Anton Corbijn, monocromática e sombria, deixava antever um conteúdo musical mais soturno. Tanto os críticos como os fãs ficaram embasbacados com a majestosa acústica do single "Drive", que entrou no Top 5 na Inglaterra e nos Estados Unidos, ainda que não tivesse um único refrão e a orquestração fosse de John Paul Jones, ex-Led Zeppelin.

O título veio de um restaurante da cidade natal da banda em Athens, na Geórgia. O álbum gerou seis singles (muitos ainda são usados para fechar apresentações ao vivo), de "The Sidewinder...", com sua letra obtusa mas otimista, ao esperançoso "Everybody Hurts" (uma das letras mais diretas e devastadoras já escritas por Michael Stipe). A música "Man On The Moon", que fala sobre o comediante Andy Kaufman, foi usada mais tarde no filme homônimo.

Muitas das músicas estão relacionadas com a morte. O narrador da música "Try Not To Breathe" está à espera da morte. Contudo, "Sweetness Follows", um dos pontos altos, sugere que, por mais negro que seja o momento, em breve a luz se fará. A gravação do álbum foi feita em vários estúdios em pontos diversos dos Estados Unidos, um hábito que se tornaria regra para o R.E.M. "New Orleans Instrumental Number 7" fala, sem palavras, sobre a liberdade que isso lhes deu. Sendo a faixa mais curta do álbum, mostra uma banda livre de tensões, movendo-se sem esforço sobre uma nuvem tranqüila de emoções obscuras às quais, ao que parece, apenas eles tinham acesso na época. **JK**

"Em nossa opinião, este é um disco completamente internacional."

Peter Buck, 1992

Lista de músicas

▶	01	**Drive** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	4:30
	02	**Try Not To Breathe** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	3:49
▶	03	**The Sidewinder Sleeps Tonight** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	4:06
▶	04	**Everybody Hurts** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	5:17
	05	**New Orleans Instrumental Number 1** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	2:12
▶	06	**Sweetness Follows** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	4:19
	07	**Monty Got A Raw Deal** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	4:24
	08	**Ignoreland** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	3:15
	09	**Star Me Kitten** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	5:12
▶	10	**Man On The Moon** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	4:19
	11	**Nightswimming** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	4:19
	12	**Find The River** (Berry•Buck•Mills•Stipe)	3:49

The Pharcyde | Bizarre Ride II The Pharcyde (1992)

Selo | Delicious Vinyl
Produção | J-Swift
Projeto gráfico | Mark Heimback-Nielsen
Nacionalidade | EUA
Duração | 56:31

O inesquecível álbum de estréia do Pharcyde fez com que a filosofia e o estilo musical de grupos como o De La Soul, da Costa Leste, chegassem aos seus primos californianos. Juntar a força do *P-funk* da Costa Oeste criou uma mistura ainda mais potente e perspicaz. Tre "Slim Kid" Hardson, Derrick "Fatlip" Stewart, Imani Wilcox e Romye "Booty Brown" Robinson vieram todos da cena artística de Los Angeles, onde haviam trabalhado como dançarinos e coreógrafos em programas de televisão tais como *In Living Color*.

Juntos criaram um álbum tão divertido quanto funky. As discussões de "Ya Mama", as hilariantes "Soul Flower" e "Oh Shit" e os vários esquetes espalhados por todo o disco transmitem um clima de livre-pensamento cheio de humor treloucado que foi um sucesso fulminante com o público do Festival Lollapalooza que encontraram em diversas apresentações pelos Estados Unidos.

A opinião geral é de que o grupo não tinha muita idéia do que estava fazendo durante as gravações. Foi Reggie Andrews, um professor de música, quem os reuniu, supervisionou a composição e as gravações e lhes ensinou o básico sobre a indústria musical. Enquanto muitos dos MCs e rappers estavam tentando "permanecer na real", o Pharcyde resolveu, em vez disso, "permanecer original".

A produção de J-Swift, em conjunto com os integrantes principais, eliminou os ganchos mais óbvios para ganhar em profundidade e chegar a um som mais elegante e cheio de soul. Embora isso possa ter reduzido um pouco seu público na época, fez com que o disco seja hoje considerado um clássico tanto do seu tempo como do hip-hop. As suas influências continuam presentes na cena contemporânea. **CR**

Lista de músicas

01.	**4 Better Or 4 Worse (Interlude)**	(Martinez)	0:36
▶ 02	**Oh Shit**	(Hardson•Martinez•Stewart)	4:29
03	**It's Jigaboo Time**	(Jackson•Stewart•Wilcox)	1:26
04	**4 Better Or 4 Worse**	(Hardson•Martinez•Stewart)	5:03
▶ 05	**I'm That Type of Nigga**	(Hardson•Jackson•Martinez)	5:16
06	**If I Were President (Skit)**	(Hardson•Martinez•Robinson)	1:01
▶ 07	**Soul Flower**	(Bartholomew•Harson•Kincaid)	4:23
08	**On The D.L.**	(Hardson•Jackson•Martinez)	4:27
09	**Pack The Pipe**	(Interlude) (Martinez)	0:21
▶ 10	**Officer**	(Hardson•Martinez•Robinson)	4:00
▶ 11	**Ya Mama**	(Hardson•Martinez•Robinson)	4:20
▶ 12	**Passing Me By**	(Hardson•Martinez•Robinson)	5:03
13	**Otha Fish**	(Barnes•Hardson•Robinson)	5:21
14	**Quinton's On The Way (Skit)**	(Hardson•Howze•Martinez)	2:09
▶ 15	**Pack The Pipe**	(Hardson•Howze•Martinez)	5:03
16	**Return Of The B-Boy**	(Hardson•Martinez•Robinson)	3:33

Spiritualized | Lazer Guided Melodies (1992)

Selo | Dedicated
Produção | Barry Clempson • Jason Pierce
Projeto gráfico | Mr. Ugly
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 60:57

No final dos anos 80, o Spacemen 3 era um grupo cult na Inglaterra, sobretudo por conta de suas estupefacientes apresentações ao vivo, nas quais se entregavam a improvisos intermináveis sobre um único acorde, indiferentes ao tempo e ao espaço. Em 1991, contudo, os fundadores do grupo, Jason "Spacemen" Pierce e Sonic Boom, estavam tão irritados um com o outro que o último álbum que fizeram, *Recurring*, foi dividido em dois e cada um ficou com um lado do álbum – o de Pierce deu origem ao que mais tarde seria o *Spiritualized*.

O nome dava uma pista em relação ao que seria o novo caminho: combinar a sonoridade minimalista do Spacemen 3 com elementos de gospel. As primeiras faixas do álbum crescem lentamente, escalando picos selvagens e descendo novamente para estados de completo estupor, movido por guitarras, trompas e letras irônicas ("I Want You" fala sobre o desejo de expulsar alguém da vida do protagonista). Em outros momentos a música se acalma e adquire um ritmo cósmico e profundo, no qual por vezes surgem vozes processadas com efeitos falando sobre a experiência com drogas: o gospel espacial de "Take Your Time" ou a bela "Sway".

É a interação entre os dois membros que torna tudo tão interessante. Em "Angel Sigh" corais alienígenas seduzem e elevam o ouvinte aos céus; em seguida há uma explosão de guitarras e um vórtice de sopros que o atiram para os confins do sistema solar – até trazê-lo de volta muito tranqüilamente para que tudo recomece outra vez. Mesmo o ouvinte mais insensível acaba ficando bastante atordoado com a experiência.

Discos posteriores afirmaram a reputação do Spacemen 3 como um gênio da composição e do estúdio, mas foi este álbum que realmente o colocou em órbita. **RS**

"Quero transmitir os sentimentos que acredito que todos já sentiram ao longo de suas vidas."

Jason Pierce, 1997

Lista de músicas

▶	01	**You Know It's True** (Pierce)	3:38
	02	**If I Were With Her Now** (Pierce)	5:43
▶	03	**I Want You** (Pierce)	3:48
	04	**Run** (Cale • Pierce)	3:51
	05	**Smiles** (Pierce)	2:14
	06	**Step Into The Breeze** (Pierce)	2:44
	07	**Symphony Space** (Pierce)	5:55
▶	08	**Take Your Time** (Pierce)	6:52
	09	**Shine A Light** (Pierce)	7:17
▶	10	**Angel Sigh** (Pierce)	5:46
▶	11	**Sway** (Pierce • Refoy)	6:53
	12	**200 Bars** (Pierce)	6:16

Sugar | Copper Blue (1992)

Selo | Rykodisc
Produção | Lou Giordano • Bob Mould
Projeto gráfico | Mark C.
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:02

Quando o pioneiro do grunge Hüsker Dü implodiu, o guitarrista e vocalista Mould gravou álbuns solo recheados de violoncelos e ressentimentos. Quando lhe pareceu que ninguém estava prestando atenção, quebrou o contrato com sua gravadora e com os músicos e foi vagar pela terra sozinho. Mais tarde recrutou o baixista David Barbe e o baterista Malcolm Travis e gravou um dos melhores álbuns de toda a década de 90.

As furiosas guitarras Fender de Mould, sua voz potente e as letras azedas permaneceram, mas as músicas eram diferentes, animadas e, em comparação com a produção pré-histórica do Hüsker Dü, soavam como avalanches.

Os clássicos explodiam quase sem espaço entre eles. No primeiro de diversos ápices, um pastiche do Pixies, "A Good Idea", se choca contra "Changes" (o momento mais próximo de Hüsker Dü do disco). Depois surge o que Mould eventualmente iria descrever como tributos a George Martin ("Hoover Dam") e aos Beatles ("If I Can't Change Your Mind"), culminando na cinemática "Slick". "Deveriam ter usado a música na série *Beverly Hills 90210*, quando Luke Perry finalmente bate com o carro", declarou Mould.

O álbum *Copper Blue* foi especialmente bem recebido na Inglaterra, onde o Sugar tinha contrato com o selo Creation. Mould admirava imensamente seus ruidosos colegas de selo do My Bloody Valentine, mas, por outro lado, estava cheio das perguntas sobre o Nirvana, um dos muitos grupos para os quais Mould acabou sendo fonte de inspiração. Anos depois insistiria em dizer: "Detesto o rock alternativo." Felizmente já tinha deixado esta obra-prima.

"Não há razão para não se gostar do álbum" – afirmou ele à *Record Collector*. "É uma fantástica coleção de melodias e músicas." Amém. **BM**

"Não espero que o Nirvana abra caminho para o Sugar... Travo a minha própria batalha."

Bob Mould, 1992

Lista de músicas

01	**The Act We Act**	(Mould)	5:10
02	**A Good Idea**	(Mould)	3:47
▶ 03	**Changes**	(Mould)	5:01
▶ 04	**Helpless**	(Mould)	3:05
05	**Hoover Dam**	(Mould)	5:28
06	**The Slim**	(Mould)	5:14
▶ 07	**If I Can't Change Your Mind**	(Mould)	3:18
08	**Fortune Teller**	(Mould)	4:37
09	**Slick**	(Mould)	4:51
10	**Man On The Moon**	(Mould)	4:31

Tom Waits
Bone Machine (1992)

Selo | Island
Produção | Tom Waits
Projeto gráfico | Christie Rixford
Nacionalidade | EUA
Duração | 54:14

Influenciado pela poesia beat dos anos 50, Waits abandonou a escola e aprendeu a tocar guitarra e piano sozinho. No princípio dos anos 70 foi contratado pelo agente Herb Cohen, que já tinha trabalhado com Tim Buckley e Frank Zappa. Durante os anos 70, seu personagem de vagabundo intelectual e espertalhão serviu como base para o seu trabalho, mas nos anos 80 ele diversificou a sua produção, incluindo até mesmo óperas e trilhas sonoras. Os dois aspectos se uniriam no disco *Bone Machine*, de 1992. O título do álbum se refere ao conceito de "esqueleto musical" criado por Waits, no qual a música é reduzida ao mínimo.

O disco inclui algumas das colaborações mais fascinantes de Waits: Keith Richards é co-autor da música "That Feel", David Hidalgo, do Los Lobos, trouxe o seu violino e o acordeão, e Les Claypool, do Primus, contribuiu com o baixo elétrico. Waits trabalhou com Jesse Dylan no conceito da capa – o produto final acabou refletindo perfeitamente o delírio indistinto da própria música.

Sombrio e cru, *Bone Machine* não fica atrás do lançamento anterior de Waits, apesar de suas arestas mais sinistras: o som grosseiro da faixa de abertura, "Earth Died Screaming", é compensado pela relativa doçura de "I Don't Wanna Grow Up". A hiperdistorcida "Goin' Out West" é um bom exemplo do estilo "sujo" do disco e, apesar de cada faixa se destacar individualmente, é a coesão da atmosfera de pesadelo do trabalho que fez com que o álbum recebesse o Grammy de melhor álbum de música alternativa. **AH-N**

Sonic Youth
Dirty (1992)

Selo | DGC
Produção | Sonic Youth • Butch Vig
Projeto gráfico | Kevin Reagan
Nacionalidade | EUA
Duração | 59:00

Dirty foi a melhor tentativa do Sonic Youth de produzir um grunge mainstream. É um grande feito, de certa forma, e um clássico para qualquer pessoa que se interesse pela revolução do rock independente que teve início em fins da década de 80. O álbum ainda ressoa com uma eletricidade ondulante, elegância e sofisticação naturais, letras rebuscadas e uma visão inteligente do mundo.

Gravado no estúdio Magic Shop, de Manhattan, por Butch Vig – produtor responsável pela antológica "Smells Like Teen Spirit", do Nirvana –, revela a reconciliação do noise-rock com a sua própria história musical (vestígios da arte conceitual, punk hardcore e experiências radicais apresentadas de uma forma coerente e bem articulada), ao mesmo tempo em que nos apresenta um rock com uma sonoridade que poucas vezes a banda voltaria a recriar de maneira tão eficaz e viva.

Os guitarristas e vocalistas Thurston Moore e Lee Ranaldo elaboram paisagens sonoras e riffs impressionantes, que vão desde a fantasiosa "Theresa's Soundworld" até a agressiva "Youth Against Facism", enquanto a baixista Kim Gordon vai experimentando diferentes articulações que vão desde a raiva feminista de "Swimsuit Issue" até a doçura crua da última música, "Créme Brulée". Sem esquecer da contribuição do baterista Steve Shelley e do fato de que sucessos do rock alternativo como "100%" e "Sugar Kane" contribuíram para que este disco se convertesse numa obra de referência.

Assim como todos os seus trabalhos posteriores, *Dirty* documenta uma banda tão fiel à sua personalidade multifacetada quanto aos acontecimentos de sua época, misturando o pessoal e o social em camadas superpostas de som e raiva. **IJ**

Stereo MCs
Connected (1992)

Selo | Gee Street
Produção | Stereo MCs
Projeto gráfico | Blue Source
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 56:10

Tudo tinha a ver com as mãos – o rapper Rob B (também conhecido como Rob Birch) tinha o hábito de estender o braço com a mão à frente da testa durante as apresentações, como um ilusionista tentando dobrar colheres com o poder da mente. Era um gesto que chamava a atenção e que parecia resumir a mensagem dos Stereo MCs.

Antimaterialistas e positivas, as letras de Birch eram sua versão da ira justificada do reggae dos anos 70, enquanto a sua imagem era uma mistura improvável de xamanismo com a pintura de Van Gogh. *Supernatural*, o álbum anterior da banda, lançado em 1990, gerou "Elevate My Mind", o primeiro single de hip-hop inglês que entrou nas paradas norte-americanas, criando assim uma expectativa alta. Deixando de lado os samples que vinham usando até então, o gênio musical Nick "the Head" Hallam correu o risco e recrutou músicos de estúdio, assim como o talentoso baterista Owen If e um grupo de vocalistas negras para fazer backing (Cath Coffey, Veronica Davies e Andrea Groves, além de uma participação especial da diva do soul inglês, Mica Paris).

O álbum *Connected* tinha uma produção brilhante e fortes ganchos de pop. As melhores músicas ("Step It Up", "Ground Level" e "Creation") criaram um ambiente musical adequado e propenso para que Rob B pudesse fazer uma comunhão com sua audiência que estava numa situação difícil, passando por momentos de recessão. O álbum foi um sucesso internacional, mas o esforço acabou deixando a banda esgotada, de modo que, durante os nove anos seguintes, os Stereo MCs desapareceram da cena musical inglesa. **APe**

Ministry
Psalm 69 (1992)

Selo | Sire
Produção | H. Luxa • H. Pan
Projeto gráfico | Paul Elledge
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:46

Se a terra alguma vez se abrir e os céus negros cuspirem fogo, esperemos ao menos que tenham a trilha sonora do Apocalipse que se encontra no sexto álbum do Ministry, *Psalm 69*. Criado pelo xamã drogado Alain Jourgensen e pelo ainda mais enigmático Paul Barker, o álbum é uma barragem tensa de ritmos alucinantes vindos da música industrial, guitarras cortantes e samples tirânicos de sirenes de ataque aéreo, pregações e tenebrosos coros góticos.

Como é que um álbum tão desagradável contaminou a consciência pública de modo a receber um disco de platina? A reposta é simples: devido ao single "Jesus Built My Hot Rod". Era uma faixa diferente em meio a um brutal e inquietante disco conceitual sobre o Juízo Final. A primeira faixa, "New World Order", é um hino de guerra para uma revolução sangrenta. O controverso vídeo de "Just One Fix" mostrava um drogado em crise de abstinência e William S. Burroughs completamente cavernoso. A música que dá nome ao disco é uma justaposição demoníaca de cânticos militares e evangélicos. O sumo-sacerdote do Ministry, Jourgensen, nutria tanto desprezo por aqueles que tinham sede de poder quanto pela cultura da classe média norte-americana, que vivia em torno de carros potentes e televisão imbecilizante.

Esta obra é ao mesmo tempo bruta e afiada como uma faca. Como uma evisceração niilista, a música do Ministry arrasa tudo o que é supérfluo, deixando somente sinapses tenebrosas e expostas. Esqueçam Marilyn Manson – nada na indústria musical norte-americana soou tão apocalíptico e monumentalmente perverso quanto *Psalm 69*. **AT**

Tori Amos | Little Earthquakes (1992)

Selo | East West
Produção | Various
Projeto gráfico | Cindy Palmano
Nacionalidade | EUA
Duração | 57:07

Desde os perturbadores versos de "Crucify", que falam sobre "procurar um salvador debaixo destes lençóis imundos", até os cogumelos fálicos na contracapa do disco, *Little Earthquakes* foi um dos álbuns mais desafiadores que chegaram até o grande público.

Educada, segundo suas próprias palavras, com "um cachimbo da paz numa mão e um crucifixo na outra", esta descendente de uma mãe em parte cherokee e de um padre metodista redefiniu o papel das cantoras/compositoras dos anos 90 ao abordar em suas letras perseguições religiosas, relacionamentos e sexo com uma franqueza arrepiante. O seu álbum de estréia solo continha algumas músicas muito perturbadoras, como a intimista e tocante "Me And My Gun", onde fala sobre o estupro real que sofreu. Contudo, o álbum como um todo não era agressivo. Para cada momento de franqueza brutal havia uma metáfora poética e confortante; para cada rompante raivoso de bateria e guitarras havia um belíssimo solo de piano.

Embora por vezes a sua voz lembrasse o timbre de Kate Bush, quem tiver passado algum tempo escutando músicas com uma estrutura tão incomum quanto "Silent All These Years" e "Little Earthquakes" logo perceberá que se trata de uma artista realmente original. Capaz de passar de menina a mulher, de demônio a deusa – e, por que não, de psicótica a terapeuta – em um segundo, o repertório emocional de Tori Amos como intérprete era assustador. Como cantora, pianista e compositora, detinha o poder e a energia de criar músicas capazes de inspirar muitas pessoas. De forma similar a Joni Mitchell, explorou territórios ainda não desbravados, ganhando uma legião de seguidores como uma das vozes mais ricas e corajosas de sua época. **CL**

"Se você me chamar de sonhadora ou hippie largada new-age, te corto o pênis."
Tori Amos, 1994

Lista de músicas

▶	01	**Crucify** (Amos)	5:00
	02	**Girl** (Amos)	4:07
▶	03	**Silent All These Years** (Amos)	4:11
	04	**Precious Things** (Amos)	4:27
	05	**Winter** (Amos)	5:42
	06	**Happy Phantom** (Amos)	3:15
▶	07	**China** (Amos)	5:00
	08	**Leather** (Amos)	3:12
	09	**Mother** (Amos)	6:59
	10	**Tear In Your Hand** (Amos)	4:38
	11	**Me And My Gun** (Amos)	3:44
▶	12	**Little Earthquakes** (Amos)	6:52

Ice Cube | The Predator (1992)

Selo | Priority
Produção | Vários
Projeto gráfico | Dino Paredes
Nacionalidade | EUA
Duração | 56:24

O álbum mais agressivo que já atingiu o primeiro lugar das paradas dos Estados Unidos? Certo. Uma obra-prima do rap? Certo.

No Natal de 92 não havia rapper mais famoso do que Ice Cube. MC Hammer e Public Enemy estavam fora do jogo. Snoop Dogg ainda tinha pouca importância. Mas Ice Cube já tinha conseguido um disco de platina com o venenoso *Death Certificate* e havia se tornado uma estrela de cinema com o filme *Boyz 'N The Hood* (Os donos da rua).

Mais nenhum outro artista se encontrava em melhor posição para articular a raiva dos afro-americanos quando quatro policiais de Los Angeles foram declarados inocentes após terem abusado do uso da força ao espancarem Rodney King. Os distúrbios se espalharam por toda a cidade. Ice Cube capta tudo isso num álbum que ainda emociona tantos anos depois de suas referências terem sido parcialmente esquecidas.

Ornamentado com uma fotografia provocadora de Pamela, o álbum está repleto de um funk com atitude. Os destaques são "We Had To Tear This Mothafucka Up" – o ataque mais violento de Ice Cube aos policiais, com produção de fazer tremer as caixas por DJ Muggs (Cypress Hill) – e a irônica "It Was A Good Day", que usa um loop do Isley Brothers no fundo.

O disco também lança dardos envenenados à *Billboard*, que tinha detonado *Death Certificate*. A vingança de Cube foi completa quando *The Predator* conseguiu ser o primeiro álbum a ser lançado direto em primeiro lugar nas paradas de pop e R&B, algo que não acontecia desde o genial *Songs In The Key Of Life* de Stevie Wonder. Este álbum brilhante, que foi duplo de platina, constitui apenas metade da história. Foi lançado ao mesmo tempo que *Guerillas In Tha Mist*, um álbum muito próximo ao trabalho de Ice Cube e que, artisticamente, está ao mesmo nível de *Predator*. Ambos representam a última rajada do rap como força política. **BM**

Lista de músicas

	01	**The First Day Of School (Intro)** (Uncredited)	1:19
	02	**When Will They Shoot?** (Cube)	4:36
	03	**I'm Scared (Insert)** (Uncredited)	1:32
▶	04	**Wicked** (Cube • Jaguar)	3:55
	05	**Now I Gotta Wet 'Cha** (Cube • Muggs)	4:03
	06	**The Predator** (Cube)	4:03
▶	07	**It Was A Good Day** (Cube)	4:19
	08	**We Had To Tear This Mothafucka Up** (Cube • Muggs)	4:24
	09	**Fuck 'Em (Insert)** (Uncredited)	2:02
	10	**Dirty Mack** (Cube)	4:34
	11	**Don't Trust 'Em** (Cube)	4:06
	12	**Gangsta's Fairytale 2** (Cube)	3:19
▶	13	**Check Yo Self** (Cube • Muggs)	3:42
	14	**Who Got The Camera?** (Cube)	4:37
	15	**Integration (Insert)** (Uncredited)	2:31
	16	**Say Hi To The Bad Guy** (Cube)	3:22

Pantera | Vulgar Display Of Power (1992)

Selo | Atlantic
Produção | Terry Date • Vinnie Paul
Projeto gráfico | Bob Defrin
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:45

Um rumor circulava no mundo do heavy metal. Contava-se que o vocalista do Pantera, Phil Anselmo, tinha cortado suas tranças rastafári depois do álbum *Cowboys From Hell*, de 1990, o primeiro álbum que tinha gravado com a banda ainda numa fase pouco agressiva. O Pantera parecia estar começando a levar as coisas a sério.

O heavy metal muitas vezes buscou a dramaticidade de suas guitarras em uma influência precisa e quase clássica, mas foi neste álbum que o guitarrista do Pantera, Diamond (também conhecido por Dimebag) Darrell, voltou a um estilo similar ao de um *bluesman* texano. No meio da brutalidade do novo som havia um sentido bem definido de ritmo, especialmente em "By Demons Be Driven", apoiada na bateria do irmão de Dimebag, Vinnie Paul, e pelos ritmos do baixo de Rex. As letras do heavy metal também foram sempre o domínio de hinos de batalha sobre espadas e feitiçaria. Neste álbum, contudo, o que Anselmo escreveu é uma mistura de autodeterminação e exigências de respeito, apesar de muitas vezes se aproximar demasiado de um tom fascista.

Mas isso podia ser desculpado quando a interpretação era tão intensa, o bumbo duplo do death-metal tão impiedoso e a voz de Anselmo, agora desprovida de gritos agudos, densa com uma determinação furiosa. Todas as músicas, incluindo as baladas, são de certa forma violentas e colossais. A descrição de uma relação destrutiva, "This Love", deu ao vocalista a oportunidade de gritar "No more head trips!" enquanto furiosos acordes se fundiam no refrão.

Enquanto existirem jovens rebeldes, o metal também existirá. De vez em quando, contudo, aparece no panorama musical um álbum que redireciona esse gênero musical. Foi o que *Vulgar Display of Power* fez. **AT**

"Agora, com o Phil na banda, finalmente podemos fazer riffs incríveis (...)."

Rex, 1988

Lista de músicas

▶	01	**Mouth For War** (Pantera)	3:56
	02	**New Level** (Pantera)	2:57
	03	**Walk** (Pantera)	5:15
▶	04	**Fucking Hostile** (Pantera)	2:49
▶	05	**This Love** (Pantera)	6:32
	06	**Rise** (Pantera)	4:36
	07	**No Good (Attack The Radical)** (Pantera)	4:50
	08	**Live In A Hole** (Pantera)	4:59
	09	**Regular People (Conceit)** (Pantera)	5:27
▶	10	**By Demons Be Driven** (Pantera)	4:39
	11	**Hollow** (Pantera)	5:45

Alice In Chains | Dirt (1992)

Selo | Columbia
Produção | Alice In Chains • Dave Jerden
Projeto gráfico | Mary Maurer
Nacionalidade | EUA
Duração | 57:30

Quando Seattle foi designada como o epicentro de um movimento musical, no início dos anos 90, o Alice In Chains e o seu álbum *Dirt* se viram, inesperadamente, no centro das atenções. Até então o grupo era considerado como "uma banda de metal em ascensão", sendo a banda de abertura dos shows de grupos como Van Halen e Poison. A sua aparição no filme de Cameron Crowe, *Singles* – o que há de mais próximo de uma versão cinematográfica do movimento grunge em Seattle –, lhes trouxe notoriedade imediata. A inclusão de uma música sua ("Would?") no filme gerou interesse pelo álbum, que se tornou um grande sucesso, chegando ao sexto lugar das paradas norte-americanas.

A banda representava bem a cena de Seattle com as suas guitarras cheias de distorção e as letras melancólicas. Armado com um som influenciado pelo Black Sabbath e as melodias marcantes do vocalista Layne Staley, *Dirt* contribuiu para que o grunge se tornasse um gênero musical.

O disco estava repleto de alusões à dependência das drogas de Staley, uma antevisão de sua morte por overdose quase uma década depois. Sem dúvida havia indícios a respeito nas músicas sobre drogas e suicídio, como "Junkhead": "We are an elite race of our own! The stoners, junkies, and freaks" ("Somos uma elite racial à parte! Os maconheiros, viciados e anormais") e "Dirt": "I want to taste the dirty, stinging pistol / In my mouth, on my tongue" ("Quero experimentar a picada suja da pistola / Em minha boca, em minha língua"). Quando o álbum foi lançado, os problemas pessoais de Staley foram negados na imprensa, embora fosse fácil de perceber que havia algo de errado com ele. Como foi publicado na *Spin Magazine*, "há uma sinceridade brutal mas preocupantemente honesta nas letras... como uma forma de cortar o próprio corpo e deixar que os ouvintes olhem dentro dele". Não há dúvida que o Alice In Chains transmitiu uma mensagem bem clara. **JC**

"Quando componho uma música, estou dentro de mim mesmo (...)."

Layne Staley, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Them Bones** (Cantrell)	2:30
	02	**Dam That River** (Cantrell)	3:09
	03	**Rain When I Die** (Cantrell • Kinney • Staley • Starr)	6:01
	04	**Sickman** (Cantrell)	5:29
▶	05	**Rooster** (Cantrell)	6:15
▶	06	**Junkhead** (Cantrell • Staley)	5:09
	07	**Dirt** (Cantrell • Staley)	5:16
	08	**God Smack** (Cantrell • Staley)	3:50
	09	**Untitled** (Uncredited)	0:43
	10	**Hate To Feel** (Staley)	5:16
	11	**Angry Chair** (Staley)	4:47
	12	**Down In A Hole** (Cantrell)	5:38
▶	13	**Would?** (Cantrell)	3:27

Nick Cave And The Bad Seeds
Henry's Dream (1992)

Selo | Mute
Produção | David Briggs • Nick Cave • Mick Harvey
Projeto gráfico | Anton Corbijn
Nacionalidade | Austrália
Duração | 41:28

Henry's Dream é o sétimo álbum de Nick Cave & The Bad Seeds. É vibrante, melancólico, comovente e triste. Presságios do Antigo Testamento fazem parte do vasto repertório de Nick Cave e *Henry's Dream* continua a tradição: essas são músicas sobre sofrimento e pecado.

O disco começa com a fenomenal "Papa Won't Leave You, Henry", uma faixa arrepiante e catastrófica, onde se prepara o terreno para o ataque sonoro iminente (muito peculiarmente, a primeira nota dessa música foi acompanhada por chuva e trovões quando ele e sua banda tocavam num festival em Melbourne). Os aveludados violões e os arranjos de cordas, cortesia de Mick Harvey e David Blumberg, acrescentam uma camada adicional de dinâmica.

A interpretação de Cave é dramática e firme, seja na vocalização solene de "Christina The Astonishing", nos gritos intensos de "I Had A Dream, Joe", nos rosnados guturais de "Jack The Ripper" ou nos cânticos estrondosos de "Brother, My Cup Is Empty". As suas histórias de pessoas condenadas e destroçadas criam um som desconfortável mas envolvente, com freqüentes toques de seu característico humor negro – "I counted up my blessings / And I counted only one" ("Contei as minhas bênçãos / e só contei uma").

No entanto, entre o caos e a tragédia existem músicas tocantes que falam de amor, como a delicada "Straight To You" e o lamento amoroso "The Loom Of The Land", ainda que sua ternura seja misturada a tons sombrios – um dos jovens amantes carrega uma faca. Vigoroso, vulgar e romântico ao mesmo tempo, *Henry's Dream* é sobretudo um pesadelo delicado. **MBo**

"Não confio em músicas que não têm uma espécie de suspiro escondido."

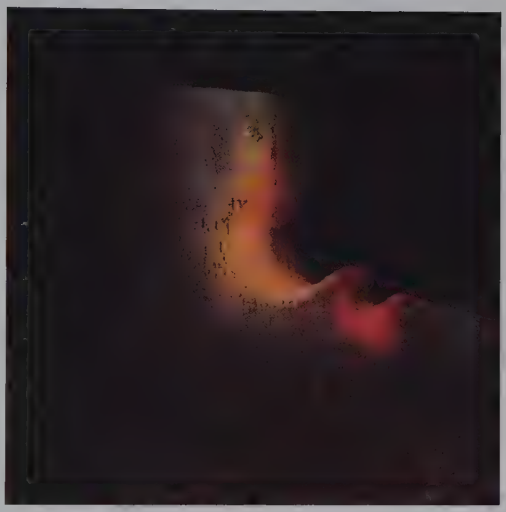
Nick Cave, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Papa Won't Leave You, Henry** (Cave)	5:55
	02	**I Had A Dream, Joe** (Cave)	3:42
▶	03	**Straight To You** (Cave)	4:34
▶	04	**Brother, My Cup Is Empty** (Cave)	3:02
	05	**Christina The Astonishing** (Cave)	4:51
▶	06	**When I First Came To Town** (Cave)	5:21
▶	07	**John Finns' Wife** (Cave)	5:13
	08	**The Loom Of The Land** (Cave)	5:07
▶	09	**Jack The Ripper** (Cave)	3:43

Nusrat Fateh Ali Khan And Party
Devotional Songs (1992)

Selo | Real World
Produção | Bari Watts
Projeto gráfico | Assorted Images
Nacionalidade | Paquistão
Duração | 44:51



Nascido em 1948, Nusrat Fateh Ali Khan quase se tornou um médico. Mas resolveu seguir uma tradição familiar que já remontava a 20 gerações e dedicar-se à música. A família Khan preservava o legado dos Qawwali, o estilo devocional praticado pelos sufis em oração a Deus (Alá) e seu profeta (Maomé).

Khan chegou até ao público ocidental graças à produtora Real World, de Peter Gabriel, e também devido a uma impressionante atuação no festival WOMAD de 1983, na Inglaterra. *Devotional Songs* (um dos dez álbuns de Khan lançados pela Real World) foi um sucesso entre os críticos musicais das revistas de rock. A revista inglesa *Vox* louvou o seu "erotismo orgânico" e de fato há um ritmo quase sexual nesses exóticos hinos religiosos.

As palmas e a tabla criam um ritmo tão firme que parece haver instrumentos eletrônicos nas músicas. O efeito é fascinante e reflete a intensidade febril das maratonas que são os shows ao vivo de Khan. A gaita e o bandolim transmitem uma sonoridade folk, com diversos elementos gregos, celtas e flamencos. Como pano de fundo ao êxtase vocal de Khan há um coro que lhe responde até nos induzir ao transe.

Nos anos que precederam a sua morte, em 1997, Khan foi um artista residente da Universidade de Washington. Não viveu para ver o horror e o preconceito criados pelo 11 de setembro, assim como o medo vulgar que o evento suscitou em relação às suas crenças e tradições espirituais. Ouvindo a gloriosa obra de Khan, não encontramos ódio – há somente um profundo sentimento de amor. **GT**

"Viajar pelo mundo e poder abrir os corações antes fechados das pessoas é uma grande alegria."

Nusrat Fateh Ali Khan, 1993

Lista de músicas

▶	01	**Allah Hoo Allah Hoo** (Khan)	7:37
	02	**Yaad-E-Nabi Gulshan Mehka** (Khan)	7:36
	03	**Haq Ali Ali Haq** (Khan)	7:23
▶	04	**Ali Maula Ali Maula Ali Dam Dam** (Khan)	7:44
	05	**Mast Nazroon Se Allah Bachhae** (Khan)	6:21
▶	06	**Ni Main Jogi De Naal** (Khan•Shah)	8:10

P.J. Harvey | Dry (1992)

Selo | Too Pure
Produção | Robert Ellis • P.J. Harvey • Vernon
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:54

Polly Jean Harvey apareceu no mundo da música em 1992 – uma cantora carregada de poder e com uma sexualidade crua. O trio que liderava, que incluía o baixista Steve Vaughn e o baterista Robert Ellis, executava um rock pós-punk poderoso e enraizado no blues. O seu álbum de estréia, *Dry*, unia esse estilo a músicas cheias de uma carga emocional brutal.

Tal como a lenda do punk Patti Smith, a música e a imagem de P. J. Harvey eram ambíguas e intrigantes. Demonstrou ser uma compositora madura e influente, por vezes ousada, outras vezes vulnerável. Catalogada por muitos como feminista (e posteriormente crucificada por ter posado para fotos publicitárias bastante explícitas e controvertidas), utilizava um humor negro e decadente para atacar as expectativas femininas através de suas idéias sobre o amor e o sexo. A complexidade das suas letras complementava a sua voz poderosa. Compôs a música "Sheela-Na-Gig", cujo título é uma referência a antigos símbolos da fertilidade feminina. A letra ecoava uma forte necessidade de independência e determinação: "Gonna wash that man right out of my hair / Gonna take my hips to a man who cares" ("Vou lavar esse homem fora de meus cabelos / Vou levar meus quadris para um homem que se interesse"). "Dress" é uma obra-prima sensual e sedutora que também apontava para questões de domínio e controle nas relações. Ambas foram lançadas como singles; ambas iriam converter-se em clássicos do rock independente. Mas *Dry* guardava ainda outras pérolas: "Hair" e "Fountain" (lentas no início e depois crescendo até atingir um ritmo furioso) e também a música "Dry", onde Harvey misturou gritos desesperados com riffs de blues e a energia do punk rock.

Como seria de se esperar, a revista *Rolling Stone* elegeu P. J. Harvey como a melhor compositora e melhor vocalista estreante de 1992. *Dry* fez com que a artista se consagrasse como um ícone da cena musical, posição que conserva até hoje. **MBo**

"Sou uma artista criativa (...), mas é absurdo pensar que vivi tudo o que escrevo."

P. J. Harvey, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Oh My Lover** (Harvey)	4:00
	02	**O Stella** (Harvey)	2:30
▶	03	**Dress** (Ellis • Harvey)	3:16
	04	**Victory** (Harvey)	3:16
	05	**Happy And Bleeding** (Ellis • Harvey)	4:48
▶	06	**Sheela-Na-Gig** (Harvey)	3:10
▶	07	**Hair** (Harvey)	3:47
▶	08	**Joe** (Ellis • Harvey)	2:33
	09	**Plants And Rags** (Ellis • Harvey)	4:09
▶	10	**Fountain** (Harvey)	3:53
	11	**Water** (Harvey)	4:32

Suede | Suede (1993)

Selo | Nude
Produção | Ed Buller
Projeto gráfico | Peter Barrett • Andrew Biscomb
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:26

O primeiro álbum do Suede encerrou um turbilhão na mídia que havia começado mais cedo naquele ano, com a banda chegando à capa da *Melody Maker* antes mesmo de ter lançado uma música.

Em grande parte uma soma de suas influências musicais (David Bowie, The Smiths), o quinteto conseguiu criar um álbum que se destacava pelo estilo completamente oposto ao grunge em ascensão e ao estilo indolente de sua época. Some a essa ousadia um flerte com a bissexualidade no conteúdo das letras das músicas (graças ao cantor Brett Anderson) e você tem uma combinação irresistível.

Desde a entrada da bateria na música "So Young" o Suede é uma viagem que abarca o *glam rock* (o refrão fácil de memorizar em "Animal Nitrate") e também um tom depressivo tipicamente urbano ("Breakdown" e "Sleeping Pills" são exemplo de duas das letras mais depressivas de toda a carreira de Anderson).

Contudo, foi justamente essa abordagem dos aspectos mais sórdidos e deteriorados da vida londrina que lhes deu espaço para criar um novo som. A música "Animal Lover", supostamente sobre Damon Albarn, do Blur, novo namorado da ex-companheira de Anderson (Justine Frischmann, do Elastica), é um verdadeiro choque para os sentidos, enquanto "Metal Mickey" era otimista, ainda que com um tom frustrado de cidade-satélite.

As letras "anglocêntricas" de Anderson, junto com o som das guitarras do Suede, criaram um modelo para o pop britânico. Todavia, o grupo aspirava a algo muito maior em comparação com outros grupos estreantes. "The Next Life", uma balada no piano cujo protagonista sonhava, às lágrimas, com um futuro melhor, soava tão ridiculamente dramática e exagerada que era o final perfeito para o álbum. **JK**

"A única pressão que sentimos é a que impomos a nós mesmos. Só queríamos impressionar um ao outro."

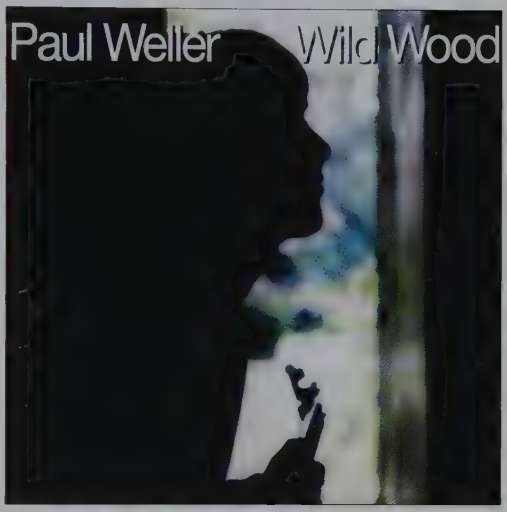
Brett Anderson, 1991

Lista de músicas

▶	01	**So Young** (Anderson•Butler)	3:38
▶	02	**Animal Nitrate** (Anderson•Butler)	3:27
	03	**She's Not Dead** (Anderson•Butler)	4:23
	04	**Moving** (Anderson•Butler)	2:50
	05	**Pantomime Horse** (Anderson•Butler)	5:49
▶	06	**The Drowners** (Anderson•Butler)	4:10
	07	**Sleeping Pills** (Anderson•Butler)	3:51
	08	**Breakdown** (Anderson•Butler)	6:02
▶	09	**Metal Mickey** (Anderson•Butler)	3:27
	10	**Animal Lover** (Anderson•Butler)	4:17
▶	11	**The Next Life** (Anderson•Butler)	3:32

Paul Weller | Wild Wood (1993)

Selo | Go! Discs
Produção | Brendan Lynch • Paul Weller
Projeto gráfico | Simon Haflon • Paul Weller
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 50:09



Desde que o Style Council terminou e após um período de inatividade musical no final dos anos 80, Paul Weller retomou as influências do rock tradicional que o havia originalmente inspirado. Também são visíveis as influências dos lamentos bucólicos de Nick Drake, de Neil Young em seus primeiros trabalhos solo e do estilo psicodélico do Traffic (sua influência é particularmente forte nas faixas instrumentais deste disco).

Os harmoniosos acordes de Sunflower tingem a promessa de alegrias de verão com um sabor amargo de perda. Duas das músicas mais impressionantes, "5th Season" e "The Weaver" são veículos perfeitos para a voz áspera e apaixonada de Weller em conjunto com a sua guitarra. As vigorosas "Can You Heal Us (Holy Man)" e "Has My Fire Really Gone Out?" – dois destaques – mostram Paul Weller meditando sobre a encruzilhada artística a que tinha chegado. Sua abordagem atávica deste álbum é complementada pela recorrência do tema da natureza em suas letras, sobretudo na jóia acústica "Wild Wood", uma balada que capta a ambiência predominantemente "rústica" do disco (o que pode ser visto também na contida e melancólica "Country"). O produtor Brendan Lynch acrescentou texturas eletrônicas sutis e teclados arrebatadores, enquanto o toque do baterista Steve White é magistral em todo o disco.

Wild Wood contribuiu para ressuscitar o interesse pela ideologia dos anos 60, inspirando o pop britânico e dando a Weller o apelido de "Modfather" (figuras como Noel Gallagher logo o citaram como uma influência). Ao mesmo tempo o álbum ganhou o Prêmio Ivor Novello por "notável coleção de músicas contemporâneas" e também consagrou, mais uma vez, Weller como um dos compositores ingleses mais talentosos. **AM**

Lista de músicas

▶	01	**Sunflower** (Weller)	4:06
	02	**Can You Heal Us (Holy Man)** (Weller)	3:42
▶	03	**Wild Wood** (Weller)	3:23
	04	**Instrumental One (Part 1)** (Weller)	1:37
▶	05	**All The Pictures On The Wall** (Weller)	3:56
▶	06	**Has My Fire Really Gone Out?** (Weller)	3:50
	07	**Country** (Weller)	3:39
	08	**Instrumental (Part 2)** (Weller)	0:49
▶	09	**5th Season** (Weller)	4:54
▶	10	**The Weaver** (Weller)	3:43
	11	**Instrumental One (Part 2)** (Weller)	0:34
▶	12	**Foot Of The Mountain** (Weller)	3:38
▶	13	**Shadow Of The Sun** (Weller)	7:36
	14	**Holy Man (reprise)** (Weller)	1:51
	15	**Moon On Your Pyjamas** (Weller)	4:01
	16	**Hung Up** (Weller)	2:40

The Smashing Pumpkins | Siamese Dream (1993)

Selo | Virgin
Produção | Billy Corgan • Butch Vig
Projeto gráfico | Len Peltier
Nacionalidade | EUA
Duração | 62:08

"Não acredito que seja necessário sofrer para se fazer boa arte." Um exorcismo de demônios da infância? A obra-prima de um megalomaníaco? Uma hora inteira de maravilhas do hard rock? *Siamese Dream* é tudo isso e muito mais.

O simples fato de o álbum existir se deve à ambição insana do líder Billy Corgan. Após meses de turnê do álbum *Gish* (1991), ele assumiu inteiramente a responsabilidade por uma continuação quando seus companheiros de banda não se interessaram por um "estranho plano genial [...] para sermos os mais pesados, mais durões, mais roqueiros [...]". Ironicamente – dado que o título se refere a "viver em um estado de sonhos, uma conexão orgânica entre as pessoas", a banda mal estava se falando.

As contribuições do guitarrista James Iha e do baixista D'Arcy Wretsky são tema para debate; é dito que Corgan tocou a maioria dos instrumentos sozinho. O baterista Jimmy Chamberlin acrescentou mais caos com um excesso extracurricular.

O tal plano a respeito dos "mais pesados, mais durões, mais roqueiros", contudo, foi levado a cabo de forma extraordinária por "Cherub Rock" e "Geek U.S.A.". E a grandiosa "Silverfuck" realiza o objetivo de Corgan de "juntar o poder do Black Sabbath com a dinâmica do Led Zeppelin com o psicodelismo do Pink Floyd". Mas são os momentos melódicos que garantem a imortalidade de *Siamese Dream*: a ressoante "Today", "Disarm", que é impulsionada pelos violinos, e a canção de ninar "Luna".

No que diz respeito às letras, Corgan confronta fantasmas do passado em "Disarm" (seus pais) e "Spaceboy" (seu irmão portador de deficiência), joga uma rede poética em "Mayonaise" e abre feridas em "Soma" (cujo assunto mais tarde se tornou sua ex-mulher). Esta última música conta com a participação de Mike Mills, do R.E.M., que declarou a respeito do disco: "É um grande disco com ou sem mim." Estava absolutamente certo. **BM**

"Não acredito que seja necessário sofrer para se fazer boa arte."

James Iha, 1993

Lista de músicas

▸	01	**Cherub Rock** (Corgan)	4:57
	02	**Quiet** (Corgan)	3:42
▸	03	**Today** (Corgan)	3:19
	04	**Hummer** (Corgan)	6:57
	05	**Rocket** (Corgan)	4:06
▸	06	**Disarm** (Corgan)	3:17
	07	**Soma** (Corgan • Iha)	6:39
	08	**Geek U.S.A.** (Corgan)	5:13
	09	**Mayonaise** (Corgan • Iha)	5:49
	10	**Spaceboy** (Corgan)	4:28
	11	**Silverfuck** (Corgan)	8:43
	12	**Sweet Sweet** (Corgan)	1:38
	13	**Luna** (Corgan)	3:20

Auteurs
New Wave (1993)

Selo | Hut
Produção | Luke Haines • Phil Vinall
Projeto gráfico | P. Barrett • A. Biscomb
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:36

Formada em 1992 pelo grande cínico Luke Haines e sua namorada, Alice Readman – ex-integrantes da banda Servants –, junto com o baterista Glenn Collins e com o violoncelista James Banbury, o Auteurs (palavra francesa que designa tanto o diretor quanto o autor de um filme) assinou um contrato com a Hut, sucursal da Virgin, e gravaram o interessante single de estréia "Showgirl". A música foi subindo na parada inglesa de independentes e havia uma grande expectativa quanto a este álbum de estréia. Talvez mais ainda do que *Modern Life Is Rubish* do Blur ou mesmo o primeiro disco do Suede, *New Wave* marcou definitivamente o que em breve se chamaria de britpop. As letras inteligentes e sagazes de Haines eram altamente influenciadas por sua paixão pelo teatro e pelo cinema, convertendo-o por um curto período no rei da geração de intelectuais indolentes. A música era uma mistura estimulante de ritmos contemporâneos e guitarras limpas. O brilhante estilo vocal retro de "Showgirl" e "Junk Shop Clothes" deixava entrever a engenhosidade perversa de Haines, juntamente com o seu lado mais obscuro e ameaçador evidente no encontro entre violoncelo e glam rock, "How Could I Be Wrong?", e na deprimente "Idiot Brother".

New Wave continua sendo uma obra excelente e bem executada que envelheceu com mais elegância do que o seu antigo rival, *Suede*. A carreira posteriormente errática de Haines gerou trilhas sonoras e até mesmo um grande sucesso comercial com o europop sombrio do Black Box Recorder. **CSh**

Liz Phair
Exile In Guyville (1993)

Selo | Matador
Produção | Liz Phair • Brad Wood
Projeto gráfico | Mark O. • Liz Phair
Nacionalidade | EUA
Duração | 55:49

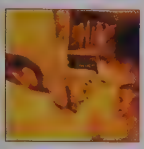
Em 1993, a música alternativa era muito popular, mas sempre foi representada pelo grunge, um gênero notável por não ter quase nenhuma mulher como vocalista. Apesar de existirem casos de sucesso como P. J. Harvey, Kim Deal (The Breeder) e Tanya Donelly, a música alternativa ainda não tinha gerado uma revelação feminina.

Tudo isso mudou com o álbum *Exile In Guyville*, a impressionante estréia de Liz Phair, de 26 anos, oriunda da mesma cena musical de Chicago que viu surgir o Smashing Pumpkins. Liz, natural dos subúrbios de Winnetka, canalizou os ressentimentos e medos da juventude em 18 músicas arrebatadoras e honestas, ainda mais desoladoras por seus arranjos sutis de guitarras e teclados. Para grande satisfação dos críticos e fãs, Liz Phair não se furtava a falar de sexo e relações amorosas da forma mais explícita, como em "Fuck And Run".

Infelizmente, ela nunca mais conseguiu alcançar o triunfo artístico deste disco. Os dois trabalhos seguintes, lançados nos anos 90, mereceram o respeito de um público restrito, mas não atingiram o sucesso junto ao grande público. Em 2003, a artista gravou um disco de mesmo nome destinado ao público adolescente, mas, apesar de conter uma boa quantidade de obscenidades para se afirmar perante seus antigos fãs, o disco foi um fracasso.

Não importa o que aconteça depois, o álbum *Exile In Guyville* definiu a carreira de Liz: denso, cheio de raiva, mas maravilhoso. **KB**

The Afghan Whigs
Gentlemen (1993)



Selo | Elektra
Produção | John Curley • Greg Dulli
Projeto gráfico | Greg Dulli
Nacionalidade | EUA
Duração | 48:56

Apesar de estar há alguns anos no selo Sub Pop, o Afghan Whigs não tinha muito a ver com os seus colegas de camisas quadriculadas. Liderados por Greg Dulli, o elegante quarteto de Cincinnati fazia uma vigorosa mistura de rock dinâmico e soul profundo. As letras de Dulli deixavam de lado a angústia pós-adolescência típica do grunge. Em vez disso, exploravam os recônditos mais profundos da sexualidade masculina com boa dose de candura e uma sagacidade seca. A banda já tinha chamado atenção em 1991, com seu terceiro LP, *Congregation*, que lhes rendeu um contrato com a gravadora Elektra. Viajaram até Memphis para criar o que viria a ser uma grande obra-prima.

Com sua produção detalhada e neocinemática, *Gentlemen* é um tour de force de composições delicadas e expressão ferrenha. A faixa-título, "Gentlemen", assim como "So Sweet" expressam um fervor ardente através de grooves sinuosos e com textura.

O R&B de "Debonair" e o piano ritmado de "What Jail Is Like" foram um sucesso nas rádios universitárias, mas o auge de expressividade do álbum é sem dúvida "My Curse": uma balada arrasadora cantada por Marcy Mays (da banda de folk-punk Scrawl) a partir de uma perspectiva feminina e com uma intensidade verdadeiramente tempestuosa.

Gentlemen foi elogiado pela crítica tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, abrindo caminho para *Black Love*, que viria em seguida, e depois para o último disco da banda, *1961*. Ambos entrariam na lista da Billboard. O Afghan Whigs separou-se amistosamente em 2001, terminando sua imensa carreira cult abrindo shows para seu herói da infância, o Aerosmith, durante uma grande turnê nos EUA. **MA**

Aimee Mann
"Whatever" (1993)

Selo | Geffen
Produção | Jon Brion
Projeto gráfico | Gail Marowitz
Nacionalidade | EUA
Duração | 52:40

Para os músicos que antes eram integrantes de bandas de sucesso, gravar e lançar um álbum solo é como ter que passar pelo difícil início mais uma vez. Os críticos e os ouvintes se perguntam se os sucessos anteriores foram devidos a qualquer tipo de fatores externos: o timing certo, as influências de outras pessoas ou a pura sorte.

Aimee Mann triunfou no final dos anos 80 com a banda 'Til Tuesday. Como vocalista e baixista da banda de Boston, foi a voz e a cara que estiveram por detrás do sucesso de "Voices Carry" e dos singles "What About Love?" e "Coming Up Close". Mas como ela se sairia sem uma banda?

Whatever é importante por dois motivos. Reforçou a posição de Mann como uma exímia compositora cuja habilidade estava à altura de seu estilo urbano de cantar e consagrou o multi-instrumentista e antigo membro da banda 'Til Tuesday, Jon Brion, como um produtor competente que, mais tarde, iria trabalhar com David Byrne (ex-Talking Heads), além de Fiona Apple e Rufus Wainwright.

Repleto de canções inteligentes mas nunca pedantes, *Whatever* apresenta uma artista já madura, com um instinto natural para as harmonias. "Fifty Years After The Fair" possui guitarras harmoniosas e backing vocals fluidos, suavemente complementados por floreios do doce glockenspiel de Brion, enquanto o tom sombrio de "Jacob Marley's Chain" é curiosamente sobrepujado pela percussão militar que o impulsiona como uma marcha. **YK**

Grant Lee Buffalo | Fuzzy (1993)

Selo | Slash
Produção | Paul Kimble
Projeto gráfico | Liz Hale
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:31

Quando o vocalista do R.E.M. Michael Stipe disse que *Fuzzy* era "o melhor álbum do ano", apenas confirmou as opiniões positivas da crítica a respeito do country alternativo gótico de Grant Lee Buffalo.

Gravado em apenas duas semanas nos estúdios Brilliant, de São Francisco, o disco era uma alternativa à cena grunge já meio saturada da América, retirando grande inspiração da fundição com mais de 100 anos onde foi gravado. Aquilo que havia começado por uma série de demos caseiras compostas por um trio de amadores transformou-se num disco resplandecente com músicas sobre história e política, cheio de guitarras de 12 cordas com overdrive, baterias ruidosas e o vigor de um órgão de tubos.

Tal como aconteceu com os primeiros cantores de blues, as letras de Philips eram inspiradas tanto no estado de sua nação como na mitologia das grandes planícies. Músicas como "Stars N'Stripes" e "America Snoring" puderam ser levadas aos grandes palcos que mereciam graças à participação da banda na abertura dos concertos do Pearl Jam e do Cranberries.

Com o baixista Paul Kimble na produção, o grupo conseguiu manter o controle sobre as suas músicas, criando uma orquestração adequada às narrativas melódicas de Philips. O grito de "Grace", destilando veneno, está perfeitamente encaixado ao lado de músicas jazzísticas relaxantes como "You Just Have To Be Crazy". Mesmo não tendo vendido os milhões de cópias que muitos achavam que seriam merecidas, *Fuzzy* se tornou uma referência para toda uma nova geração de trovadores vindos da América mais profunda que queriam um lugar na luz sedutora dos palcos das grandes metrópoles. **ARo**

"Algumas músicas (...) são uma experiência mais íntima, enquanto outras (...) são mais próximas de uma celebração."

Grant Lee Phillips, 2000

Lista de músicas

▸	01	**The Shining Hour** (Phillips)	3:53
▸	02	**Jupiter and Teardrop** (Phillips)	5:57
	03	**Fuzzy** (Phillips)	4:57
	04	**Wish You Well** (Phillips)	3:28
	05	**The Hook** (Phillips)	4:10
	06	**Soft Wolf Tread** (Phillips)	2:50
▸	07	**Stars N' Stripes** (Phillips)	4:41
	08	**Dixie Drug Store** (Phillips)	3:08
▸	09	**America Snoring** (Phillips)	3:38
▸	10	**Grace** (Phillips)	6:13
	11	**You Just Have To Be Crazy** (Phillips)	3:36

Nirvana | In Utero (1993)

Selo | Geffen
Produção | Steve Albini • Scott Litt
Projeto gráfico | Kurt Cobain • Robert Fisher
Nacionalidade | EUA
Duração | 69:05

A história do rock está repleta de discos esmagados pelo peso da expectativa à sua volta. *In Utero* manteve-se rígido como aço, ainda relevante em nossos dias apesar de ter sido o trabalho que se seguiu ao colossal *Nevermind*, o álbum que definiu o grunge na década de 90.

Kurt Cobain era um reacionário no sentido mais literal. O Nirvana quis usar a produção polida de *Nevermind* para fugir ao som metálico do seu primeiro álbum, *Bleach*. Para *In Utero*, chamaram o produtor punk Steve Albini. Os fãs e críticos não tinham com o que se preocupar, contudo: o trabalho anterior de Albini com o Breeders e o Pixies acabou se mostrando mais direcionado às paradas de sucesso do que *In Utero*.

Ele não é, em si, um disco punk. A bela "Dumb" deixa isso bem claro, com um delicado violoncelo e uma letra em que Kurt sente falta de uma vida mais simples. "Pennyroyal Tea" era igualmente comovente e tranqüila, mas a banda também podia dilacerar um ouvinte com a força descomunal da primeira música do álbum, "Serve The Servants", onde Kurt perdoa o seu pai ausente, ou ainda com a explosiva "Tourette's", excelente para fazer com que os pêlos atrás do seu pescoço fiquem eriçados.

Contudo, na produção do álbum surgiram algumas complicações. A gravadora Geffen não estava satisfeita com as primeiras versões e chamou o produtor do R.E.M., Scott Litt, para polir algumas arestas. Kurt estava cada vez mais dependente de drogas e os fãs começavam a especular que o cantor parecia estar irritado e talvez desinteressado da banda. Para piorar a situação, a imprensa se intrometia exaustivamente em seu casamento com Courtney Love. Receava-se que *In Utero* nunca fosse lançado.

Felizmente foi lançado. O disco é considerado um dos trabalhos mais interessantes do Nirvana, assinalando o caminho musical que a banda poderia ter seguido se Kurt ainda estivesse vivo. **JK**

"Queríamos fazer uma homenagem."

Kurt Cobain, 1992

Lista de músicas

▶	01	**Serve The Servants** (Cobain)	3:36
	02	**Scentless Apprentice** (Nirvana)	3:47
▶	03	**Heart Shaped Box** (Cobain)	4:41
	04	**Rape Me** (Cobain)	2:49
	05	**Frances Farmer Will Have Her Revenge On Seattle** (Cobain)	4:09
▶	06	**Dumb** (Cobain)	2:32
	07	**Very Ape** (Cobain)	1:55
▶	08	**Milk It** (Cobain)	3:54
	09	**Pennyroyal Tea** (Cobain)	3:37
	10	**Radio Friendly Unit Shifter** (Cobain)	4:51
	11	**Tourette's** (Cobain)	1:35
▶	12	**All Apologies** (Cobain)	3:50
	13	**Gallons Of Rubbing Alcohol Flow Through The Strip** (Nirvana)	7:33

Jamiroquai | Emergency On Planet Earth (1993)

Selo | Sony
Produção | Jay Kay • Mike Nielson • Toby Smith
Projeto gráfico | Creative Minds
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 55:18

O Jamiroquai nasceu da cena acid jazz britânica do início dos anos 90. A banda tinha um vocalista carismático – Jay Kay, com seus chapéus enormes e bizarros, apresentações vibrantes, letras politizadas e uma voz que lembra Stevie Wonder – e ainda um álbum de estréia cheio de músicas com um ritmo irresistivelmente funky.

Em 1992 entraram nas paradas britânicas com o seu primeiro single, "When You Gonna Learn", e sua mistura formidável de *groove*, sons de didgeridoo (um instrumento de sopro típico dos aborígines australianos), arranjos de Jay Kay e Toby Smith e letras "ecologicamente corretas". Esses ingredientes não passaram despercebidos pelos diretores da Sony, que ofereceram à banda um contrato para oito discos. O primeiro álbum foi gravado em pouco tempo e a faixa-título foi escrita minutos antes de ser gravada. Apesar desse "recorde", era tão dançante que se tornou um sucesso imediato nas paradas da Inglaterra e logo contagiou o mundo.

Emergency On The Planet Earth instituiu uma base para quase todos os trabalhos seguintes da banda, desde a imagem em silhueta de Jay Kay como o "Homem-Búfalo" até os ritmos influenciados pelo disco dos anos 70, passando pelo sentimento de retorno à natureza. "Too Young To Die", escrita em protesto contra a primeira Guerra do Golfo, tem um ritmo mais agressivo, onde os improvisos vocais de Jay Kay adoçam a indignação e a revolta contidas na letra raivosa. Ele deixa a política de lado em "Whatever It Is, I Just Can't Stop" e mostra até mesmo um lado mais doce em "Blow Your Mind", num estilo mais soul. Em "Music Of The Mind" (um aceno para Stevie Wonder?), a banda mostra todo o seu vigor e talento.

Este é um som alegre de uma banda que leva as pessoas a pensarem e, ao mesmo tempo, a dançarem. **DC**

"Nasci na época errada. Não preciso ouvir as músicas atuais. Acho que nenhum de nós é tão bom como outros músicos já foram."

Jay Kay, 2001

Lista de músicas

01	**When You Gonna Learn (Digeridoo)**	(Kay)	3:47
02	**Too Young To Die**	(Kay•Smith)	6:04
03	**Hooked Up**	(Kay•Smith)	4:37
04	**If I Like It, I Do It**	(Kay•Van Gelder)	4:52
05	**Music Of The Mind**	(Kay•Smith)	6:22
06	**Emergency On Planet Earth**	(Kay•Smith)	4:04
07	**Whatever It Is, I Just Can't Stop**	(Kay)	4:07
08	**Blow Your Mind**	(Kay•Smith)	8:33
09	**Revolution 1993**	(Kay•Smith)	10:17
10	**Didgin' Out**	(Buchanan•Kay)	2:35

Pet Shop Boys | Very (1993)

Selo | EMI
Produção | Stephen Hague • Pet Shop Boys
Projeto gráfico | Pentagram
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 53:09

Ainda que o Pet Shop Boys sempre tenha sido muito gay, *Very* foi, sem dúvida alguma, seu primeiro álbum *realmente* gay e o primeiro a chegar ao primeiro lugar na parada britânica. O final épico, uma versão da conhecida "Go West" do Village People (segundo lugar na Inglaterra), confirma isso, mas há também uma balada sobre a AIDS, "Dreaming of the Queen", uma música para os que estão "no armário", "To Speak Is A Sin", e a predatória "Young Offender".

Neil Tennant e Chris Lowe, que sempre pareceram ser um pouco excêntricos, foram francamente extravagantes em relação ao invólucro do disco, sobretudo no que diz respeito aos chapéus com cara de abajur anos 70, bem no estilo Devo, e as roupas espaciais peculiares em azul e amarelo. A primeira edição vinha embrulhada numa capa de borracha texturizada e incluía um CD com seis músicas instrumentais de bônus chamado *Relentless*. O mais importante, contudo, é que deram tudo de si, tornando *Very* o seu trabalho mais consistente. (Tennant explicou que o disco foi chamado de "*Very* – 'muito' – porque é 'muito' Pet Shop Boys: muito atual, muito enérgico, muito romântico, muito triste e muito pop".)

Alguns dos pontos altos do disco são a selvagem "The Theatre", que Tennant disse ter escrito como resposta à homenagem de Phil Collins aos sem-teto ("Another Day In Paradise"), mas que também serve como uma crítica às desigualdades sociais da Inglaterra de John Major. A despreocupada "Liberation" e a otimista "Can You Forgive Her?" são duas músicas pop magníficas como só o Pet Shop Boys sabe fazer.

Very é uma seleção alegre e variada, mostrando que Tennant e Lowe tinham confiança suficiente para mexerem em sua fórmula e ainda assim saírem triunfantes. **DN**

"[Pet Shop Boys] faz pop, mas não é feito de pop."

Neil Tennant, 1994

Lista de músicas

01	**Can You Forgive Her?**	(Lowe • Tennant)	3:53
02	**I Wouldn't Normally Do This Kind Of Thing**	(Lowe • Tennant)	3:03
03	**Liberation**	(Lowe • Tennant)	4:05
04	**A Different Point Of View**	(Lowe • Tennant)	3:26
05	**Dreaming Of The Queen**	(Lowe • Tennant)	4:19
06	**Yesterday, When I Was Mad**	(Lowe • Tennant)	3:55
▶ 07	**The Theatre**	(Lowe • Tennant)	5:10
08	**One And One Make Five**	(Lowe • Tennant)	3:30
▶ 09	**To Speak Is A Sin**	(Lowe • Tennant)	4:45
10	**Young Offender**	(Lowe • Tennant)	4:49
11	**One In A Million**	(Lowe • Tennant)	3:53
▶ 12	**Go West**	(Belolo • Morali • Willis)	8:21

P. J. Harvey | Rid Of Me (1993)

Selo | Island
Produção | Steve Albini • Rob Ellis • Head • P. J. Harvey
Projeto gráfico | Maria Mochnacz
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 47:59

A foto da capa do álbum – sensual mas estranha, com o cabelo preto selvagem e olhos semicerrados, ombros finos – diz tudo sobre *Rid Of Me*. Despojada de qualquer luxo e pronta para mostrar tudo, esse é o som de Polly Jean Harvey lidando com seus demônios sexuais. Seu sotaque britânico e paixão por riffs de blues com distorção sutil fizeram com que se distinguisse numa época em que o rock estava ameaçando ser soterrado pelo grunge norte-americano. Ainda que fosse o seu segundo álbum, *Rid Of Me* foi o momento em que P. J. Harvey realmente encontrou seu tom, tornando-se um marco indispensável em seu repertório musical.

A música que dá título ao álbum é ácida, furiosa e irada – a combinação da letra quase sussurrada com a explosão vocal do refrão e o final, com os gritos repetidos de "Lick My Legs, I'm On Fire" ("Lamba minhas pernas, estou em chamas"), continuam sendo tão impressionantes e arrepiantes hoje quanto na época em que foram gravados. É um início ousado para um álbum que já começa obcecado pelo desejo, mas termina em um suspiro com a harmonia amorosa de "Ecstasy".

A voz ferina de Harvey encontra o equilíbrio perfeito nas levadas de guitarra, por vezes secas, por vezes distorcidas, soando sempre à beira do abismo, mas sem nunca perder o controle, como fica claro na sedutora "Man-Size" e no boogie incrível de "50ft Queenie".

A produção de Steve Albini, discreta e pouco intrusiva, tende a gerar o tipo de material que deixa passar a intimidade direta de um show ao vivo lotado, tornando este álbum o favorito de admiradores como Kurt Cobain, por exemplo.

Os instintos primitivos da artista foram uma grande influência em *Rid Of Me*, um álbum que penetra bem mais fundo em seu ser do que qualquer outro. **AR**

"Será que quero mesmo que todos saibam como sou?"

P. J. Harvey, 1994

Lista de músicas

▸	01	**Rid Of Me** (Harvey)	4:28
	02	**Missed** (Harvey)	4:25
	03	**Legs** (Harvey)	3:40
▸	04	**Rub 'Til It Bleeds** (Harvey)	5:03
	05	**Hook** (Harvey)	3:56
	06	**Man-Size Sextet** (Harvey)	2:16
	07	**Highway '61 Revisited** (Dylan)	2:57
▸	08	**50ft Queenie** (Harvey)	2:23
	09	**Yuri-G** (Harvey)	3:28
▸	10	**Man-Size** (Harvey)	3:16
▸	11	**Dry** (Harvey)	3:23
	12	**Me-Jane** (Harvey)	2:42
	13	**Snake** (Harvey)	1:35
	14	**Ecstasy** (Harvey)	4:27

Blur
Modern Life Is Rubbish (1993)

Selo Food
Produção | Stephen Street
Projeto gráfico | Stylorouge
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 55:08

Este álbum do Blur talvez nunca tivesse sido feito. A combinação do grunge, as mudanças nas tendências musicais, uma turnê esgotante pelos Estados Unidos e problemas financeiros deixaram o grupo esgotado na segunda metade de 1992. Contra tudo o que seria razoável supor, contudo, o Blur produziu o que ainda hoje é considerado um dos seus melhores trabalhos.

O disco marcou o início de uma fase em que foram muito influenciados pelo The Kinks, chegando até mesmo a exaltar a "antiga e esquecida Inglaterra", como se vê na capa com a locomotiva a vapor Mallard. As 16 músicas que o compõem traziam melancolia, no estilo de Syd Barrett ("Miss America"), músicas festivas para hooligans ("Sunday Sunday") e ainda o som alternativo da guitarra de Graham Coxon (ele aparece nos créditos como tendo "tocado" uma furadeira em "Pressure On Julian"). Entretanto, o álbum tem uma produção e um ritmo tão belos que essa mistura de estilos díspares se condensa para formar uma crítica convincente a um determinado estilo de vida inglês dos anos 90. Algo na arrogância de instrumentais como "Intermission" e "Commercial Break", ou ainda nas cordas sedutoras do single "For Tomorrow", deixava os ouvintes boquiabertos.

Era mesmo essa a banda que, apenas dois anos mais cedo, havia sido fortemente ligada à tão criticada cena "*baggy*"? A "nova" imagem do Blur (como pode ser vista na contracapa) tinha evoluído para o estilo mod. Outras provas de suas tendências cultuais – e pura genialidade pop – ainda estavam por vir. **JK**

Sheryl Crow
Tuesday Night Music Club (1993)

Selo | A&M
Produção | Bill Bottrell
Projeto gráfico | Richard Frankel
Nacionalidade | EUA
Duração | 49:48

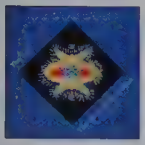
Andar com as pessoas certas traz bons frutos. Sheryl Crow começou a sair com compositores e produtores de Los Angeles que se encontravam uma vez por semana para tomar cerveja e tocar música. Foi sua colaboração com esse grupo, chamado de Tuesday Night Music Club, que lançaria Sheryl Crow ao estrelato.

Naqueles tempos a artista já tinha gravado material suficiente para um álbum. Contudo, esse material ainda tinha muitas baladas cheias de purpurina e músicas dançantes tolas que não refletiam o lado mais duro e ligado ao rock tradicional que Crow procurava. Sua segunda tentativa foi bem melhor e conseguiu captar o ambiente descontraído, a espontaneidade criativa e os bons momentos de bebedeira daquelas noitadas semanais.

O disco abre com a impressionante balada "Run, Baby, Run" seguida pela curiosa "Leaving Las Vegas". Ela então lança um desafio em "Strong Enough", onde enumera as qualidades que um possível amante deveria possuir, antes de fechar a parte mais densa desse trabalho com a desafiadora "Can't Cry Anymore".

Os primeiros dois singles, "Run, Baby, Run" e "Leaving Las Vegas" destacaram-se pouco nas paradas de vendas e o álbum levou tempo para decolar. Então as rádios descobriram a divertida "All I Wanna Do" e converteram-na num dos sucessos de 1994. As vendas acompanharam a curva e chegaram a quase três milhões de cópias antes do ano terminar, o que renderia três Grammys a Sheryl Crow. **JiH**

The Fall
The Infotainment Scan (1993)



Selo | Permanent
Produção | Vários
Projeto gráfico | Mark E. Smith
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:57

Um dos prazeres de ser fã do The Fall é que, de 10 em 10 anos, surge um clássico indiscutível, um sucesso que os seus álbuns posteriores terão que igualar. *The Infotainment Scan* foi a contribuição da década de 90 para este clube seleto. Lançado em 1993, depois de um contrato de três anos com a gravadora Phonogram, ele capturou a banda em seu auge, revestido com alta densidade intelectual, enorme criatividade e um humor negro do mais alto nível. Mark E. Smith retornou às raízes, atualizando o som ao mesmo tempo em que desenvolvia ao máximo o lado tecnológico que estava presente no trabalho do grupo desde meados dos anos 80. Nesse sentido, *The Infotainment Scan* traz a marca de Dave Bush, homem das máquinas cujas contribuições deram ao grupo uma ponta de modernidade.

Smith está em sua melhor forma. Destacam-se as músicas "The League Of Baldheaded Men" e "Glam-Racket". "It's A Curse" antecipava-se ao retorno do estilo nostálgico que impregnou a cultura inglesa na virada do milênio. A versão de "Lost In Music" foi uma escolha perfeita para a banda: a repetição elegante presente no original do Sister Sledge foi tornada arrasadora.

Embora com o tempo nem tudo continue tão vigoroso, o núcleo do álbum contém alguns dos momentos mais brilhantes que o The Fall já produziu. A depravação das versões, a solidez do groove e as idéias robustas fazem deste um de seus mais poderosos discos. **DE**

Wu-Tang Clan
Enter the Wu-Tang (36 Chambers) (1993)

Selo | Loud
Produção | "RZA"
Projeto gráfico | Jacqueline Murphy
Nacionalidade | EUA
Duração | 61:35

Em 1993 o foco do rap tinha mudado. Agitadores políticos como o Public Enemy foram substituídos por gangstas drogados como Snoop. Mas o Wu-Tang abriu um caminho especial. As suas rimas se afastavam completamente dos clichês habituais do rap (drogas, armas e mulheres). Usavam o palavreado tradicional do hip-hop, mas filtrado pelo vocabulário fascinante das artes marciais.

Musicalmente estavam a anos-luz do muro de ruído do Public Enemy e do G-funk de Snoop. Samples mínimos de piano e baixo eram mixados ao que o líder supremo do Wu-Tang, "RZA", descreveu como "o bumbo e a caixa e os metais e o *boom* e o *bap* e os gritos".

Por cima disso tudo havia muitas vozes: Method Man, Ol'Dirty Bastards, Ghostface Killah e Raekwon, além de GZA. Na retaguarda vinha U-God (que mais tarde confessou não ter interesse algum por artes marciais) e Rebel INS.

Comparando-se a um enxame de abelhas assassinas, o Wu-Tang se espalhou por toda a indústria musical. Na época composto por oito integrantes, o grupo gerou uma série aparentemente infinita de projetos solo ou afiliados a eles, continuando até hoje, como no caso do *The Pretty Toney Album* de Ghostface, em 2004.

Mesmo depois de uma década de saturação, a estréia do Wu-Tang ainda soa como um trabalho único. Pode ter sido um episódio de genialidade, ou non sense muito bem concebido, mas, de qualquer forma, o disco possui uma excentricidade energética por excelência. **BM**

Björk | Debut (1993)

Selo | One Little Indian
Produção | Vários
Projeto gráfico | Me Company
Nacionalidade | Islândia
Duração | 52:12

Björk Gudmundsdottir nasceu em Reykjavik e, desde pequena, deu sinais da grande música que se tornaria. Começou cantando sozinha em cavernas varridas pelo vento e, aos 11 anos, já tinha gravado um disco solo de sucesso. Seguiram-se grupos de punk vanguardista, sendo The Sugarcubes o mais famoso. Contudo, quando a banda finalmente conquistou o seu primeiro grande sucesso internacional ("Hit", de 1991), Björk decidiu abandonar o grupo: "Precisava correr riscos, queria desafios."

Levando uma fita em que bandas de sopro tradicionais interpretavam suas composições da infância, a cantora buscou a ajuda do pioneiro da dance music, Graham Massey (do 808 State), e traçou a sua rota para chegar aos clubes underground londrinos. Ao lado do produtor Nellee Hooper (do Massive Attack), Björk confraternizou com algumas das maiores cabeças musicais de Londres – Goldie, Talvin Singh –, ouvindo idéias, dividindo, polinizando como uma abelha. "Obviamente houve discussões e lágrimas dos dois lados", disse Hooper, "mas é assim que se faz um grande disco."

O resultado foi *Debut*. Björk descreve a sua foto na capa do álbum como "tímida e delicada", mas *Debut* foi uma autêntica revelação, um segredo para ser ouvido aos brados. A magia da voz de Björk é o centro do disco, oscilando entre gritos estridentes e suspiros infantis e carinhosos.

Em 1992, quando foi ao programa *Unplugged*, da MTV, acompanhada por um grupo de monges e alguns copos de cristal perfeitamente afinados, a sensação que dava era que Björk seria capaz de extrair música até das pedras O mundo aplaudiu: Björk tinha chegado. **SH**

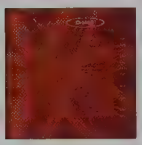
"Tenho muita coragem, mas também muito medo."

Björk, 1995

Lista de músicas

▶	01	**Human Behaviour** (Björk•Hooper)	4:12
	02	**Crying** (Bjork•Hooper)	4:49
▶	03	**Venus As A Boy** (Bjork)	4:41
	04	**There's More To Life Than This** (Bjork•Hooper)	3:21
	05	**Like Someone In Love** (Burke•Van Heusen)	4:33
▶	06	**Big Time Sensuality** (Björk•Hooper)	3:56
	07	**One Day** (Bjork)	5:24
▶	08	**Aeroplane** (Bjork)	3:54
	09	**Come To Me** (Björk)	4:55
	10	**Violently Happy** (Björk•Hooper)	4:58
	11	**The Anchor Song** (Björk)	3:32
	12	**Play Dead** (Arnold•Bjork•Wobble)	3:57

Orbital
Orbital II (1993)



Selo | Internal
Produção | Paul Hartnoll • Phil Hartnoll
Projeto gráfico | Fultano '93
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 65:44

O Orbital surgiu em 1989, quando a acid house e a rave dominavam o panorama musical e cultural na Inglaterra. Composto pelos irmãos Paul e Phill Hartnoll, o Orbital queria ser a trilha sonora da cena rave. Enquanto seu álbum de estréia, lançado em 1991 e chamado de "álbum verde" (por causa da capa), era basicamente tecno, *Orbital II* (o "álbum marrom") mostrou um enorme progresso musical e criativo.

O disco começa com um sample de Worf, personagem de *Jornada nas Estrelas – A Nova Geração*, sobreposto a um loop com ruído de vinil que os irmãos resolveram acrescentar por brincadeira. Baseado em longos loops que entram e saem da música, criando texturas sonoras em permanente mudança, o álbum é um fluxo constante de energia, algumas vezes muito dançante. Colocadas entre dois curtos samples de falas artificiais, as oito faixas criam uma unidade coerente, ainda que permaneçam individualmente distintas. O lento aumento de energia em "Lush 3-1" é a preparação perfeita para sua continuação, "Lush 3-2" (com vocais de Kirsty Hawshaw, do Opus III), a qual, depois de cinco minutos de pura grandiosidade, se transforma em "Impact", a faixa mais longa e uma das prediletas nos shows. Logo antes do final, os irmãos Hartnoll atingem outro momento sublime com "Halcyon + On + On", que também inclui os vocais de Kirsty Hawkshaw, assim como um sample do cover do Opus III, "It's A Fine Day".

Os irmãos Phill e Paul Hartnoll cativaram o público de tecno e das raves de todos os cantos do mundo com suas apresentações perfeitamente coreografadas (seus shows ao anoitecer de 1994 e 1995 em Glastonbury são considerados clássicos). "Lush 3-7" e "Lush 3-2" ainda hoje são lembrados com carinho como marcos do movimento rave e de toda a cena de música eletrônica na Inglaterra. **PN**

Snoop Doggy Dogg
Doggystyle (1993)

Selo | Death Row
Produção | Dr. Dre
Projeto gráfico | Kimberly Holt
Nacionalidade | EUA
Duração | 52:32

O vendedor de pornô mais fofinho do rap um dia já foi um gangsta frio como o aço. A sua notoriedade era tal que *Doggystyle* foi o álbum de estréia que registrou as vendas mais rápidas e o primeiro a entrar direto no primeiro lugar na Billboard. Parte do sucesso deve-se a "What's My Name", uma reelaboração altamente bem-sucedida da música de George Clinton, "Atomic Dog", acompanhada por um vídeo de sucesso; parte teve a ver com Snoop estar no disco *The Chronic*, de Dr. Dre. Mas acima de tudo o disco deve seu sucesso estrondoso ao fato de Snoop estar envolvido num caso de homicídio, o que teoricamente o tornava o primeiro rapper a (aparentemente) fazer aquilo que falava. Quando ele conseguiu se livrar da prisão, *Doggystyle* já tinha vendido cerca de quatro milhões de cópias só nos EUA.

Conceitualmente, o álbum transporta *Superfly*, de Curtis Mayfield, aos anos 90. Em termos de som – apesar dos samples do pioneiro da música disco Geoge McCrae e do cantor japonês Kyu Sakamoto –, ele tem por base o G-funk de Dr. Dre. As letras são tão tolas quanto o controvertido desenho da capa criado por Darryl Daniel, atingindo seu pior momento em "Ain't No Fun". Contudo, deixando isso de lado, há coisas boas neste trabalho. Os artistas convidados, entre os quais se encontram o charmoso Nate Dogg e a afro Lady Of Rage, são soberbos. Mas, entre todos, quem realmente brilha é Tha Doggfather, confortavelmente sofisticado e transbordando de autoconfiança em "Lodi Dodi", em "Serial Killa" e na arrepiante "Murder Was The Case".

Há faixas não lançadas que se tornaram lendárias: "Doggystyle", com a participação do próprio George Clinton, e a versão original de "The Next Episode", de Dr. Dre. Mesmo sem elas, *Doggystyle* é um verdadeiro motim em technicolor. Não perca. **BM**

Sebadoh
Bubble And Scrape (1993)

Selo | Sub Pop
Produção | Não consta
Projeto gráfico | Sebadoh
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:12

Lou Barlow fundou essa banda em paralelo à sua participação como baixista em outra lendária banda indie, Dinosaur Jr., mas Sebadoh tornou-se seu projeto principal depois que foi expulso da outra banda em 1989. Graças ao envolvimento pessoal de Kurt Cobain, às associações que mantinha com outros artistas do rock alternativo – tais como Pavement, Mudhoney e Sonic Youth –, Sebadoh amadureceu e converteu-se em sinônimo de rock indie *lo-fi* e diferentão no início dos anos 90.

Ainda que exista a idéia de que o próprio Lou "era" o Sebadoh, o grupo tinha três integrantes e era absolutamente democrático. Tal como nos discos anteriores, este quinto álbum pertence tanto a Eric Gaffney e a Jason Loewenstein quanto a Lou Barlow. Gaffney era mestre nos devaneios artísticos, cheio de espasmos no estilo de Beefheart e de excentricidades ("Emma Get Wild"), ao passo que Loewenstein oscila entre o thrashing melancólico de "Sister" e a selvageria de "Flood". Em ambos os casos, não há dúvida de que as baladas mais neuróticas e sofridas de Barlow são as melhores. Entre tantas alegrias choradas destaca-se "Two Years Two Days", um lamento quase adolescente mas pujante sobre amor e perdas.

Gaffney saiu da banda depois deste álbum. Sendo assim, *Bubble And Scrape* talvez represente melhor o fetichismo exasperado de desgosto amoroso por parte de uma banda magnífica. Como Barlow afirmou logo no primeiro verso: "É tudo questão de alma e fogo." **TH**

The Boo Radleys
Giant Steps (1993)

Selo | Creation
Produção | BOO! Productions
Projeto gráfico | Stephen A. Wood
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 64:04

Antes do lançamento de *Giant Steps*, o Boo Radleys era o fundo da lixeira da Creation Records. O selo inglês, em acelerada expansão, ainda não tinha descoberto o Oasis, mas tinha várias outras bandas de sucesso, como o Primal Scream e o Teenage Fanclub. Mas o The Boo Radleys, de Liverpool (o nome vem do personagem recluso de *O Sol É Para Todos*), era uma banda apática de sonoridade similar à do Dinosaur Jr. com similaridades malvistas com a cena agora ridicularizada do "shoe-gazing".

Foi então que lançaram *Giant Steps*, para surpresa geral. Este é um disco caleidoscópico com 17 músicas que são tão extravagantes e viajantes quanto a capa do álbum. Claro que há canções relativamente lineares, como "Wish I Was Skinny" e "Barney (... And Me)". Mas também há passagens realmente sublimes, como, por exemplo, a junção do feedback de guitarra de "Leaves And Sand" que se junta com as paisagens sonoras amplas e de perspectiva variável de "Butterfly McQueen", que, por sua vez, se transforma na batida ensolarada de "Rodney King". O melhor momento é, sem dúvida, "Take The Time Around" – Beatles visto com olhos grunge, se desenvolvendo até chegar ao reggae cheio de cores mariachis do principal single do disco, "Lazarus".

Poderíamos pensar que Sun Ra, Phil Spector e Brian Wilson tinham juntado forças para compor e produzir esta obra-prima melódica de space-rock orquestral. Contudo, o crédito vai todo para o compositor do Boo Radleys, Martin Carr, enquanto a própria produtora da banda, BOOS! Productions, conjurou toda essa aventura sonora em um dia sombrio do inverno londrino. As revistas *NME* e *Select* nomearam o trabalho como disco do ano e ainda hoje é considerado um clássico cult. **CM**

William Orbit | Strange Cargo III (1993)

Selo | Virgin
Produção William Orbit
Projeto gráfico | Michael Freeman • Catherine McRae
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 63:47

O material do terceiro álbum do produtor/remixer/compositor William Orbit, *Strange Cargo III*, foi gravado em 1992, mas poderia muito bem ter sido lançado hoje mesmo. É um feito bem difícil no mundo da música eletrônica, onde, como no caso do hip-hop, a "velha escola" é medida em anos e não em décadas. A bateria eletrônica de William Orbit é seca e clara, suas orquestrações são limpas e as composições, profundas. Pode-se dançar ao som da sua música, mas não é dance music – é sobretudo uma música com groove para ser ouvida.

Cinco vocalistas diferentes colaboram neste álbum. A mais destacada é a cantora e parceira de Orbit, Beth Orton. Além de co-autora, ela fala e canta em trechos da primeira faixa, "Water From A Vine Leaf", que se converteu em um clássico de William Orbit. Com mais de sete minutos, é uma microepopéia atmosférica, com uma linha de piano etérea mas ritmada, cheia de seqüências hipnóticas sobrepostas e um crescendo climático. "Time To Get Wize" tem uma temática urbana e possui um clima de dub por baixo da narrativa fluida de Divine Washim. O arranjo de "A Touch Of The Night" soa como um pesadelo em gentil reviravolta no qual a vocalista Cleo Torres seduz, pouco a pouco, sem nunca se tornar opressiva.

Mais tarde Orbit viria a trabalhar com artistas renomados como Madonna, Blur e Melanie C. *Strange Cargo III* capta a estrela ascendente de Orbit enquanto ainda trabalhava com artistas que eram desconhecidos na época, projetando o futuro ao mesmo tempo em que traçava o seu presente. **YK**

"O principal efeito do sucesso é (...) lhe dar uma autoconfiança maior – por isso ele é útil."

William Orbit, 1999

Lista de músicas

▸	01	**Water From A Vine Leaf** (Orbit•Orton)	7:05
	02	**Into The Paradise** (Leach•Orbit)	5:41
▸	03	**Time To Get Wize** (Orbit)	4:09
	04	**Harry Flowers** (Nitzsche)	4:31
	05	**A Touch Of The Night** (Orbit)	5:02
	06	**The Story Of Light** (Leach•Orbit)	6:21
	07	**Gringatcho Demento** (Orbit•Torres)	6:38
	08	**A Hazy Shade Of Random** (Orbit)	5:08
	09	**Best Friend, Paranoia** (Orbit•Torres)	4:35
	10	**The Monkey King** (Orbit)	5:15
	11	**Deus Ex Machina** (Orbit)	5:40
▸	12	**Water Babies** (Orbit)	3:42

Method Man | Tical (1994)

Selo | Def Jam
Produção | "RZA"
Projeto gráfico | The Drawing Broad
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:43

"Em Staten Island, subúrbio de Nova York, a maconha era conhecida como 'method'", disse Meth. "Pouco tempo depois um colega meu [...] abreviou para 'metical' [...] que com o passar do tempo se tornou 'tical'."

Ficar doidão pode ser um barato. A colaboração de Method Man com Redman, em particular o espetacular *Blackout!* (1999), certamente nos dá essa ilusão. Mas *Tical* evoca uma paisagem muito mais apavorante, com viagens de crack, ultraviolência e homicídios.

Enter The Wu-Tang (36 Chambers) já tinha apresentado ao mundo as rimas ácidas de Clifford "Method Man" Smith e a produção revolucionária de Robert "RZA" Diggs. *Tical* leva a crueza do outro álbum a novos extremos: beats, baixos, gritos e sons metálicos abafados criam um filme de terror mental. É um trabalho inquietante que, em mãos pouco hábeis, seguramente teria sido impossível de ouvir.

Mas as rimas trazem algum conforto quando a música fica próxima do insustentável, da mesma forma como o lendário rapper Rakim sustentou as suas rimas nas experimentações do DJ Eric B. "Quando Eric B e Rakim gravaram o *Paid In Full*", lembra-se Meth, "eu realmente tomei consciência do rap."

Fora a cantarolante "Bring The Pain", *Tical* não era um disco propenso a gerar hits. A Def Jam, contudo, conseguiu extrair um disco de platina do trabalho subornando Meth (com dinheiro para comprar um Lexus) para que este refizesse "All I Need". O resultado, onde Wu-Tang é substituído por Mary J. Blige, foi a espectacular "I'll Be There For You / You're All I Need To Get By". Infelizmente ela não foi incluída na versão remasterizada, ainda que esta tenha um remix fabuloso da música "Release Yo' Delf" pelo Prodigy.

Tical 2000: Judgement Day (1998) e *Tical 0: The Prequel* (2004) são mais próximos das convenções do rap. O original, contudo, continua sendo o melhor deles e também o mais sombrio de todos. **BM**

"Vão ter sua chance de ver o que está rolando."

Method Man, 1995

Lista de músicas

01	**Tical**	(Diggs•Smith)	3:56
02	**Biscuits**	(Diggs•Smith)	2:49
▶ 03	**Bring The Pain**	(Diggs•Smith)	3:09
▶ 04	**All I Need**	(Diggs•Smith)	3:16
05	**What The Blood Clot**	(Diggs•Smith)	3:24
06	**Meth Vs. Chef**	(Diggs•Smith•Woods)	3:36
07	**Sub Crazy**	(Diggs•Smith)	2:15
▶ 08	**Release Yo' Delf**	(Diggs•Perren•Fekaris•Smith)	4:15
09	**P.L.O. Style**	(Cooney•Diggs•Smith)	2:36
10	**I Get My Thang In Action**	(Diggs•Smith)	3:45
11	**Mr. Sandman**	(Diggs•Hunter•Smith)	3:37
12	**Stimulation**	(Diggs•Smith)	3:46
13	**Method Man (Remix)**	(Diggs•Smith)	3:19

Frank Black
Teenager Of The Year (1994)

Selo | 4AD
Produção | Vários
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 62:33

No final dos anos 80, já entrando nos 90, os Pixies eram a banda de referência para um som e um estilo que acabou se tornando a definição do rock alternativo. Charles Michael Kittridge Thompson IV, também conhecido como Black Francis, tinha liderado o grupo com uma agressividade juvenil e uma fusão idiossincrática de surf punk com ficção científica. Depois que o grupo terminou, ele decidiu tocar solo com o nome Frank Black.

Durante anos, os críticos tentaram em vão catalogar o som de Black. O seu novo conceito de "freedom rock", encapsulado nas 22 músicas de *Teenager Of The Year*, só veio complicar as coisas. Esse disco nos mostra Black revendo o seu repertório de influências das raízes do rock norte-americano baseado em guitarras e tem momentos de grandeza e estranheza que podem se comparar ao melhor que o Pixies já havia produzido. Sem a pressão externa de ter de encontrar um "novo som", Black teve total liberdade de movimentos, indo de um rock influenciado pela Espanha até sons de surf guitar passando por um punk mais trash e distorcido e mesmo reggae. Tudo isso complementado por sua voz prontamente reconhecível e letras inteligentes mas extremamente complicadas. "Speed Marie" é uma música de amor muito astuta; "Thalassocracy" e "Whatever Hoppened To Pong?" são autênticas extravagâncias punk e "Olé Mulholland" conta a história do homem que desenhou o sistema de canalização de água de Los Angeles.

A total estranheza das gravações de Black fez com que não fosse aceito pelo *mainstream*, fato agravado por ele nunca conceder entrevistas. Este disco fantástico merecia ter tido um desempenho melhor. **LJ**

Girls Against Boys
Venus Luxure N.º 1 Baby (1994)

Selo | Touch And Go
Produção | Ted Nicely
Projeto gráfico | Girls Against Boys
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:17

Apesar de todos os seus méritos, o rock underground em geral não é considerado o estilo de música mais sexy imaginável. Porém, mesmo que o Girls Against Boys, de Baltimore, não seja um Keith Sweat, há um elemento de sedução em suas serenatas deformadas e grooves puxando para o sombrio que não pode ser encontrado em nenhum de seus contemporâneos.

A influência dos músicos da época – Big Black, Fugazi, Jezus Lizard – é visível em sua tendência de buscar um rock barulhento e nada convencional, mas a banda tinha diversas particularidades: por exemplo, sua formação. Até então não havia muitas bandas de punk-rock usando sintetizadores, muito menos com dois baixistas. O vocalista Scott McCloud ficava em algum lugar entre Mark E. Smith e Kurt Cobain.

Este trabalho, que era o seu segundo LP, pareceu particularmente vigoroso. A partir dos riffs de gelo negro da música de abertura "In Like Flynn" em diante há algo na contenção e no swing do baixo e bateria que é completamente diferente das outras bandas. Eles possuem um elemento noturno e talvez também dêem a sensação de estarem convencendo você a fazer algo contra sua vontade. Isso está presente tanto na malévola e suplicante "Satin Down" quanto na pragmática "Let Me Come Back", ou nos agudos sujos de "Bullet Proof Cupid". Este é um disco com encantos sinistros e um pouco perigosos, mas tem conquistado novos ouvintes ao longo de toda uma década. **TH**

Jeru The Damaja
The Sun Rises In The East (1994)

Selo | Payday
Produção | Kendrick Davis • DJ Premier
Projeto gráfico | Daniel Hastings
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:30

Depois de participar do *Daily Operation*, de Gang Starr, Jeru The Damaja passou a fazer parte da cena da Costa Este com este álbum de estréia, cujas letras dispensavam uma justiça sumária sobre todos os que ele achasse que estavam prejudicando o hip-hop. Por exemplo, "Jungle Music" é um ataque contra o que ele entende ser a visão esotérica e afrocêntrica do Jungle Brothers; "Ain't The Devil Happy" ataca a obsessão por dinheiro de "C.R.E.A.M.", do Wu-Tang Clan. Como muitos jovens artistas de hip-hop dos anos 90, a visão resumida de Jeru sobre política mundial fica comprometida por algumas de suas rimas mais duvidosas, como em "Da Bitchez". Apesar de ser contido em relação à misoginia vigente na época, isso queria dizer que ele estava entre a vertente "consciente" e a "das ruas".

Sem dúvida, a raiva lírica de Jeru era excessiva para a maioria dos ouvintes *mainstream* e também para outras estrelas do hip-hop. Sem levar em conta as letras, contudo, são as incríveis habilidades de produção do DJ Premier que fazem deste trabalho um dos melhores discos de hip-hop de meados dos anos 90.

A capa mostra Jeru agachado com Manhattan ao fundo e um céu vermelho. Um olhar mais atento revela que a Estátua da Liberdade está tombada, meio afundada no rio Hudson; mais inquietante ainda é a torre sul do World Trade Center parcialmente derrubada e em chamas, algo a que Jeru se refere na letra de "Come Clean". **JDo**

Pavement
Crooked Rain, Crooked Rain (1994)

Selo | Matador
Produção | Pavement
Projeto gráfico | Pavement
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:28

No princípio dos anos 90 o Pavement aderiu ao estilo de vida/movimento chamado "slacker". Em 1994, contudo, com o lançamento de seu segundo álbum, já havia um bom número de ouvintes receptivos para o jeito alegre que a banda tinha de criar as estruturas das músicas, fundir gêneros e construir melodias excêntricas.

O vocalista e compositor Stephen Malkmus era o membro do quinteto responsável por criar músicas repletas de expressionismo abstrato e prontas para fazer ressoar os corações de forma quase aleatória. A música "Range Life", transformada em algo country, é uma das mais diretas da banda e criticava duramente o Smashing Pumpkins e o Stone Temple Pilots, para grande diversão de seus fãs conhecedores de música. Fizeram também um tributo ao lendário pianista e compositor de jazz Dave Brubeck, com uma música instrumental em compasso 5/4 chamada "5 – 4 = Unity"; o disco tinha até mesmo uma rápida referência aos mods ingleses na faixa de encerramento, "Fillmore Jive". Sua forma própria de maluquice também transparecia na arte da capa, que continha títulos de músicas obscurecidos e recortes visuais encontrados ao acaso – alguns pertinentes, outros não. Há letras rabiscadas a caneta, embora muitas delas não façam parte do disco.

Ainda que o álbum esteja rodeado de uma atmosfera obscura, *Crooked Rain, Crooked Rain* é hoje considerado um clássico norte-americano, cheio de ganchos e melodias que só poderiam ter nascido em uma geração despreocupada e sem receio de rir de si mesma. Há raios de sol atravessando cada uma das faixas, que são sempre divertidas de se escutar. **JK**

Portishead | Dummy (1994)

Selo | Go! Discs
Produção | Portishead • Adrian Utley
Projeto gráfico | Ich And Kar
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:30

O álbum de estréia do Portishead, *Dummy*, é o apogeu do trip-hop dos anos 90, um gênero que eles não inventaram mas que este fabuloso álbum redefiniu. A banda surgiu na cena voltada para o dub nos arredores de Bristol, à sombra da terrível realidade econômica da Inglaterra que vivia o legado de Margaret Thatcher – a vocalista Beth Gibbons conheceu Geoff Barrow em seu programa de criação de empregos, que lhe permitia financiar os seus shows em pubs. Acabaram adotando um rumo musical diferente de suas almas gêmeas, Massive Attack e Tricky.

Seu som sombrio, envolvente e atmosférico misturava uma série de elementos inéditos aos breakbeats: filmes noir; jazz em clubes esfumaçados; a voz primorosamente fora do eixo de Beth; o domínio de Geoff, como DJ, da tecnologia; e a grande habilidade como compositores de ambos. Em "Sour Times", por exemplo, o ouvinte encontrará uma música deliciosa e intimista, construída a partir de um sample da trilha de Lalo Schifrin para "Danube Incident", do filme *Missão Impossível*. A voz visceral de Beth se eleva sobre uma paisagem musical desolada e tremeluzente na qual as linhas de guitarra surf sombrias de Adrian Utley se mesclam com as pickups e samplers inquietos de Barrow.

O estranho feitiço de sedução que ainda emana deste álbum fez com que fosse o "disco do ano" em 1994, segundo revistas britânicas tão díspares quanto *Mixmag* (dança), *The Face* (estilo de vanguarda) ou *Melody Maker* (rock independente). No início de 95, tendo como base a voz e as guitarras intensas, a sedutora e lânguida "Glory Box" entrou para as paradas inglesas de pop em décimo terceiro lugar. No final desse mesmo ano, o Portishead havia vendido mais de 150.000 CDs nos Estados Unidos e ganhado o prestigioso Mercury Music Prize na Inglaterra. **MR**

"Dou a Beth uma faixa com ritmos e acompanhamento e seu estilo muda (...) como um camaleão vocal."

Geoff Barrow, 1995

Lista de músicas

01	**Mysterons**	(Barrow • Gibbons • Utley)	5:06
▶ 02	**Sour Times**	(Barrow • Brooks • Gibbons Schifrin • Turner • Utley)	4:14
03	**Strangers**	(Barrow • Gibbons • Shorter • Utley)	3:58
▶ 04	**It Could Be Sweet**	(Barrow • Gibbons)	4:19
05	**Wandering Star**	(Allen • Barrow • Brown Dickerson • Gibbons • Goldstein • Jordan Miller • Scott • Oskar)	4:56
06	**Numb**	(Barrow • Gibbons • Utley)	3:57
07	**Roads**	(Barrow • Gibbons • Utley)	5:09
▶ 08	**Pedestal**	(Barrow • Gibbons • Utley)	3:41
▶ 09	**Biscuit**	(Barrow • Gibbons • Ray)	5:04
▶ 10	**Glory Box**	(Barrow • Gibbons • Hayes • Utley)	5:06

The Sabres Of Paradise | Haunted Dancehall (1994)

Selo | Warp
Produção | The Sabres of Paradise
Projeto gráfico | MadArk
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 76:49

O enigmático Andy Weatherall foi um dos pioneiros do acid house e tinha produzido bandas como Primal Scream ou My Bloody Valentine. Enquanto alguns de seus colegas, como Paul Oakenfold, tinham atingido fama e fortuna, Weatherall refugiou-se ainda mais fundo no underground do tecno, onde a sua lendária reputação de "sujeito do contra" ainda perdura.

No início dos anos 90, a Warp Records lançou *Sabresonic* e *Haunted Dancehall*, ambos produzidos por Weatherall, que, com Jagz Kooner e Gary Burns, gravava sob o nome de The Sabres Of Paradise. O primeiro álbum é um LP de tecno britânico, sendo notável pela música "Smokebelch", uma composição épica de ambient dub. O segundo álbum é mais sério: consistindo de ritmos com um forte clima dub, cordas misteriosas, jazz retorcido e ambientes esfumaçados. Poucas vezes um título foi tão adequado a um disco.

A música "Wilmot" começa com uma banda de sopros, como se fosse algo perfeitamente normal no contexto, construindo depois uma enorme parede oscilante de ruído que soa como uma feira carnavalesca que tomou ácido antes de se revelar como um dub gracioso e viajante. O ousado funk de "Tow Truck" sai berrando dos alto-falantes, impulsionado por um acorde ameaçador de guitarra e um órgão taciturno. "Return To Planet D" e "Theme 4" se desenvolvem em atmosferas incômodas, repletas de pequenos sons e ruídos e o onipresente agudo do *Sabresonic*.

O livreto do CD inclui 13 textos pequenos e misteriosos que acompanham cada uma das músicas do álbum, creditados ao romance *Haunted Dancehall*, de James Woodbourne. Como sempre, Weatherall riu por último: esse livro não existe, sendo apenas mais uma das curiosas piadas internas que acrescentam um elemento extra à aura misteriosa do Sabres of Paradise. **APi**

"É preciso ser subversivo."

Andy Weatherall, 1993

Lista de músicas

01	**Bubble And Slide**	(Sabres Of Paradise)	2:39
02	**Bubble And Slide II**	(Sabres Of Paradise)	7:38
03	**Duke Of Earlsfield**	(Sabres Of Paradise)	8:42
04	**Flight Path Estate**	(Sabres Of Paradise)	3:21
05	**Planet D**	(Sabres Of Paradise)	4:41
06	**Wilmot**	(Sabres Of Paradise)	7:32
07	**Tow Truck**	(Sabres Of Paradise)	6:35
08	**Theme**	(Sabres Of Paradise)	4:48
09	**Theme 4**	(Sabres Of Paradise)	1:55
10	**Return To Planet D**	(Sabres Of Paradise)	5:04
11	**Ballad Of Nicky McGuire**	(Sabres Of Paradise)	8:30
12	**Jacob Street 7am**	(Sabres Of Paradise)	3:46
13	**Chapel Street Market 9am**	(Sabres Of Paradise)	7:14
14	**Haunted Dancehall**	(Sabres Of Paradise)	4:24

Nas | Illmatic (1994)

Selo | Columbia
Produção | Various
Projeto gráfico | Jo DiDonato
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:44

Ao fundir a poesia de rua da "velha escola" com uma produção de ponta, *Illmatic* é a prova de que o hip-hop hardcore pode mover tanto a mente quanto os pés.

O álbum é um retrato brutal porém perspicaz do *project* (conjunto habitacional) em Nova York onde Nasir Jones cresceu. Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos gangsta, Nas não pretende glorificar nem exaltar a existência nos guetos. Pelo contrário, interpreta seu rap como correspondente de guerra durão na linha da frente. A faixa "N.Y. State Of Mind" joga o ouvinte no quotidiano de Queensbridge, um mundo de tiroteios e overdoses, onde até as crianças andam armadas. Na música "Life's A Bitch" (que termina com um solo de saxofone interpretado por seu pai, o artista de jazz Olu Dara), Nas, então com 20 anos, reconhece que se sente "abençoado" por ter vivido tanto tempo. Dois anos antes o seu irmão e o seu melhor amigo foram vítimas de tiroteios na mesma noite – seu irmão sobreviveu, mas o amigo não.

Com suas rimas de alto-impacto, *Illmatic* já mereceria entrar para a galeria da fama do hip-hop, mas o brilhante trabalho de produção eleva o álbum à categoria de obra de arte urbana. Q-Tip, de A Tribe Called Quest, participa de "One Love" com ritmos e samples de jazz – a música é uma carta aberta surpreendentemente emotiva de Nas aos amigos que estão na prisão. DJ Premier, do Gang Starr, cuida dos ritmos da furiosa batalha rap "Represent" e da nostálgica "Memory Lane". A lenda da Costa Leste, Large Professor, usou breakbeats cheios de graves, mixando no fundo sons diversos – incluindo um sample de "Human Nature", de Michael Jackson – em "It Ain't Hard To Tell", que finaliza o álbum.

Laureado com um raro "cinco microfones" por *The Source*, o álbum de estréia de Nas assinalou o renascimento do rap de rua. **TB**

"Tudo o que me preocupa ou que me faz sentir bem eu transformo em música."

Nas, 1994

Lista de músicas

01	**The Genesis**	(Braithwaite • Jones)	1:45
▶ 02	**N.Y. State Of Mind**	(Jones • Martin)	4:54
▶ 03	**Life's A Bitch**	(Cruz • Dara • Jones • Scott • Wilson)	3:30
04	**The World Is Yours**	(Jones • Phillips)	4:50
▶ 05	**Halftime**	(Byrd • Jones • Mitchell)	4:20
06	**Memory Lane (Sittin' In Da Park)**	(Barsella • Jones • Martin • Wilson)	4:08
▶ 07	**One Love**	(Davis • Heath • Jones)	5:25
08	**One Time 4 Your Mind**	(Jones • Mitchell)	3:18
▶ 09	**Represent**	(Martin • Nas)	4:12
10	**It Ain't Hard To Tell**	(Jones • Mitchell)	3:22

Beastie Boys
Ill Communication (1994)

Selo | Capitol
Produção | Beastie Boys • M. Caldato Jnr.
Projeto gráfico | Gibran Evans
Nacionalidade | EUA
Duração | 59:55

Em 1994, o grupo nova-iorquino Beastie Boys sabia como movimentar uma festa. Já tinham aperfeiçoado as suas habilidades musicais e domínio dos samplers nos álbuns *Check Your Head* e *Paul's Boutique*. O trio regressou ao estúdio com mais disposição para experimentar, produzindo um disco extremamente fiel às suas paixões (o budismo, as séries policiais dos anos 70 e o punk hardcore) e que representava tão bem o espírito da época que era impossível resistir a ele.

Ill Communication está dividido em três partes. Há faixas thrash, curtas e pesadas, como "Tough Guy" ou "Heart Attack Man"; trabalhos com verve jazzística ou mântricos, como "Flute Loop" ou "Shamballa"; e a parte mais eficiente de todas, músicas calcadas em loops sampleados. "Root Down" é um bom exemplo disso. Baseado num loop de órgão de Jimmy Smith, constrói um crescendo (em grande parte graças ao trabalho pioneiro de Smith) que faz com que o ouvinte sempre queira mais. Segue-se a faixa "Sabotage", uma das músicas memoráveis da banda – um improviso com os três integrantes gritando as letras por cima da base.

Como registro do que se passava naquele momento na cabeça dos três (meditação, rock explosivo, ser duas vezes mais cool e diferente que todos os outros), é um momento-chave na carreira da banda. Em essência, é um disco sobre diversão. Depois deste trabalho, eles ainda iriam aperfeiçoar seu som, tornando-o mais refinado, mas *Ill Communication* é um disco de festa por excelência. **JK**

Elvis Costello
Brutal Youth (1994)

Selo | Warner Bros.
Produção | E. Costello • M. Froom
Projeto gráfico | M. Krage • E. Singer
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 57:20

No início de sua carreira, Elvis Costello uma vez afirmou que a sua gravadora Columbia "parecia querer voltar ao som com o qual havíamos começado". Ele acabou cedendo e lançou o álbum *Blood And Chocolate*, em 1986. Nem é preciso dizer que a gravadora odiou o trabalho, ao contrário do público.

O disco *Brutal Youth* é outra versão desse mesmo lado sinistro de Costello. A banda original que o havia acompanhado, The Attractions, e o primeiro produtor, Nick Lowe (que também tocou baixo), reuniram-se novamente, passados cinco anos. Desde sua última colaboração, Costello tinha desafiado todas as convenções fazendo um disco de surf rock (*Mighty Like A Rose*) e um álbum clássico (*The Juliet Letters*). Gravado em parte no estúdio Pathways, em Londres, o disco é cheio de arestas, venenoso e golpeia sempre em cheio. A música "Kinder Murder" é um desfile de guitarras afiadas acompanhadas por letras que criticam a postura dos machões e os estupros. "My Science Fiction Twin" e "Sulky Girl" vão contra a frivolidade da fama e do poder, enquanto os ambientes acolhedores e acústicos de "All The Rage" e "Rocking Horse Road" revelam um homem avaliando os seus próprios erros e perdas – não como um lamento, mas como um momento de sabedoria plena. Em "13 Steps Lead Down", Costello solta os cães.

É tentador comentar que, se este disco tivesse sido gravado em fins dos anos 70, seria considerado um clássico. Em vez disso, *Brutal Youth* é um álbum subestimado na discografia do artista. O *angry young man* (jovem irado) é atraente, mas o *angry wise man* (homem sábio irado) é mortífero. **PS**

Morrissey
Vauxhall And I (1994)

Selo | Parlophone
Produção | Steve Lillywhite
Projeto gráfico | Greg Ross
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:54

Em 1993, a morte do seu agente, Nigel Thomas, do diretor de seus vídeos, Tim Broad, e de seu produtor Mick Ronson abalaram muito Morrissey. Além disso, depois de ter acenado com a bandeira inglesa diante de um pano de fundo provocativo ao participar de um show do Madness em Finsbury Park, ele foi violentamente atacado pela imprensa. (O pop britânico roubou de volta a bandeira dos fascistas em 1994, mas poucos perdoaram Morrissey pelo que foi percebido como um erro.) Ninguém esperava muito de *Vauxhall And I*. Um erro.

As velhas preocupações nostálgicas marcam presença neste trabalho. "Now My Heart Is Full" cita quatro personagens do livro de Graham Greene – *Brighton Rock* –, assim como o obscuro ator britânico Patrick Doonan. "Spring-Heeled Jim" usa samples de diálogos do documentário de 1958, *We Are The Lambeth Boys*. "Billy Budd" refere-se ao papel interpretado por Terence Stamp (um dos atores favoritos de Morissey), no filme de Peter Ustinov de 1962, adaptado do romance de Herman Melville. Ainda assim *Vauxhall And I* talvez seja o seu álbum mais pessoal. É certamente o mais convidativo: o produtor Steve Lillywhite, juntamente com os guitarristas Alain Whyte e Boz Boorer, mergulha *Vauxhall And I* numa melancolia etérea. As letras de Morrissey são também mais reflexivas do que nunca, por vezes emotivas ("Used To Be A Sweet Boy"), provocadoras ("Why Don't You Find Out For Yourself") ou impotentes ("Speedway"). É o seu melhor disco solo. **WF-J**

TLC
CrazySexyCool (1994)

Selo | BMG
Produção | L. A. Reid
Projeto gráfico | Christopher Stern
Nacionalidade | EUA
Duração | 56:10

Com o álbum *CrazySexyCool*, o TLC deixou de se apresentar como um punhado de adolescentes rebeldes para ressurgirem como uma banda mais no estilo R&B, com um som sofisticado e sedutor. Essa transformação foi em parte premeditada para desviar as atenções sobre o comportamento cada vez mais desequilibrado de Lisa "Left Eye" Lopes, que culminou no incêndio provocado por ela na mansão do seu namorado, a estrela de futebol americano Andre Rison. Isso, combinado com o fato de não terem recebido todos os direitos autorais que lhes eram devidos por esse álbum, levou o grupo à falência – três meses antes de se converterem no grupo musical composto apenas por mulheres que obteve as maiores vendas nos Estados Unidos.

Com vendas correspondentes a um disco de platina e tendo chegado ao primeiro lugar nos Estados Unidos, "Creep" era uma música doce com influências de soul da Filadélfia e disco, equilibrada por uma letra que falava sobre a submissão a um parceiro amoroso infiel. "Waterfalls", outro primeiro lugar de vendas, era mais pop e tinha um naipe de metais contagiante que abrandava a seriedade da letra sobre a AIDS – acabou sendo o maior sucesso da carreira do TLC. Mas é a versão da música de Prince, "If I Was Your Girlfriend", reinventada como uma ode praticamente arfante ao desejo sexual, que realmente se distingue. O disco seguinte, *Fanmail* (1999), iria se tornar seu recorde de vendas, mas *CrazySexyCool* continua sendo um marco na história da música R&B, tendo vendido cerca de 11 milhões de cópias nos Estados Unidos e recebido um Grammy. **Jdo**

Oasis | Definitely Maybe (1994)

Selo | Creation
Produção | Mark Coyle • Oasis
Projeto gráfico | Brian Cannon
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 52:03

É fácil se esquecer de quão estéril era o panorama musical britânico em 1994. O britpop ainda não tinha se desenvolvido inteiramente e o grunge tinha morrido com Kurt Cobain. Foi preciso que cinco caras bem comuns, vindos da classe operária, reacendessem a chama e redefinissem o panorama musical.

O Oasis nunca teve uma infância. Cuspido nas ruas de Manchester, parecia já estar completamente formado. *Definitely Maybe* continua sendo o seu álbum mais coeso e estimulante até hoje. A capa do disco mostrava as influências do grupo: de George Best a Burt Bacharach, garrafas de vinho tinto (na verdade era groselha). Futebol, música e bebida: uma banda feita de pessoas do povo.

E o povo os amava. Não havia pretensão alguma no fato de suas músicas muitas vezes estarem próximas de serem versões dos Beatles. "Rock 'N' Roll Star" deixa o rumo claro desde o início: é hedonista por excelência. A hilariante "Cigarettes And Alcohol", uma referência a "Get It On" do T-Rex, aponta outro rumo. "Shakermaker", por sua vez "roubada" ao New Seekers, fica ainda mais interessante por ser uma cópia tão descarada. O single "Live Forever" é um dos melhores clássicos já compostos por Noel Gallagher. O fato de os cinco integrantes do Oasis encarnarem, ainda que brevemente, o autêntico espírito do rock nos anos 90 faz com que escutar este disco hoje seja ainda mais gratificante. A sensibilidade acústica da música que encerra o álbum também é algo que a banda poucas vezes voltou a criar.

O Oasis foi como um tanque Sherman para a indústria musical. Confiável, muitas vezes devastador e com quem ninguém gostaria de discutir. **JK**

"Eu me importo com minha mãe e John Lennon... e com estar numa banda."

Liam Gallagher, 1994

Lista de músicas

▸	01	**Rock' N' Roll Star** (N Gallagher)	5:23
	02	**Shakermaker** (N Gallagher)	5:10
▸	03	**Live Forever** (N Gallagher)	4:38
	04	**Up In The Sky** (N Gallagher)	4:28
	05	**Columbia** (N Gallagher)	6:17
	06	**Supersonic** (N Gallagher)	4:44
	07	**Bring It On Down** (N Gallagher)	4:17
▸	08	**Cigarettes And Alcohol** (N Gallagher)	4:50
	09	**Digsy's Dinner** (N Gallagher)	2:32
	10	**Slide Away** (N Gallagher)	6:32
▸	11	**Married With Children** (N Gallagher)	3:12

Soundgarden | Superunknown (1994)

Selo | A&M
Produção | Michael Beinhorn • Soundgarden
Projeto gráfico | Kelk
Nacionalidade | EUA
Duração | 73:34

A cidade de origem do Soundgarden, Seattle, tornou-se um centro de interesse para a mídia musical do planeta em princípios dos anos 90, graças ao tremendo sucesso de bandas como Nirvana e Pearl Jam. E neste quarto álbum a banda fez experiências diversificadas, destacando-se de muitos de seus contemporâneos. Com um andamento moderado, muitas guitarras e uma imaginação meio sinistra, *Superunknown* faz um uso inovador de percussões sobrepostas aos estilos tradicionais do rock – em particular nas texturas orientais de "Half" – distinguindo-o de outros grupos dessa época com estilo similar, como o Stone Temple Pilots, por exemplo.

Seus climas estilo Black Sabbath em conjunto com os potentes riffs colocaram o Soundgarden na fronteira do metal. Mas foi provavelmente a voz peculiar de Chris Cornell, e sua interpretação limpa nos vocais, provavelmente o que os tornou atraentes para os fãs do rock. "Black Hole Sun" foi um hino para os descontentes, fazendo contato com toda uma geração em um plano muito emotivo. Em conjunto com "Spoonman", rendeu ao Soundgarden duas nomeações para o Grammy e um sucesso de vendas.

Existem mais algumas pérolas neste álbum, em particular as músicas "Fell On Black Days", "Superunknown", "The Day I Tried To Live" e "4th Of July". Apesar de cada uma ser bem-sucedida de sua própria forma, estão estilisticamente agregadas graças à produção densa de Michael Beinhorn, que usou muitos efeitos e um bom número de overdubs.

Com 73 minutos de duração, *Superunknown* talvez se beneficiasse de uma pequena edição. Ainda assim foi o auge da carreira do Soundgarden, pois a banda se desfez após lançar *Down On The Upside*, seu último álbum, em 1997. **CSt**

Lista de músicas

01	**Let Me Drown**	(Cornell)	3:53
02	**My Wave**	(Cornell • Thayil)	5:12
03	**Fell On Black Days**	(Cornell)	4:43
04	**Mailman**	(Cameron • Cornell)	4:25
05	**Superunknown**	(Cornell • Thayil)	5:07
06	**Head Down**	(Shepherd)	6:09
07	**Black Hole Sun**	(Cornell)	5:18
08	**Spoonman**	(Soundgarden)	4:06
09	**Limo Wreck**	(Soundgarden)	5:47
10	**The Day I Tried To Live**	(Cornell)	5:20
11	**Kickstand**	(Cornell • Thayil)	1:37
12	**Fresh Tendrils**	(Cameron • Cornell)	4:15
13	**4th Of July**	(Cornell)	5:07
14	**Half**	(Shepherd)	2:16
15	**Like Suicide**	(Cornell)	7:03
16	**She Likes Surprises**	(Soundgarden)	3:18

The Offspring | Smash (1994)

Selo | Epitaph
Produção | Thom Wilson
Projeto gráfico | Kevin Head • Fred Hidalgo
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:36

O que se ouve em *Smash* é uma destilação da adolescência masculina cheia de petulância, idealismo, machismo, insegurança e, por último, juventude. Toda essa raiva impotente é calcada na trilha sonora de punk nervoso e rock musculoso. Isso explica por que o disco vendeu milhões de cópias em todo o mundo.

O terceiro álbum da banda indicou o caminho que a próxima onda de punk iria seguir, sobretudo devido ao sucesso esmagador do primeiro single, "Come Out And Play". Essa fábula sobre uma juventude violenta girava em torno de guitarras memoráveis com sotaque do Meio-Oeste americano. Pouco depois a lendária banda punk Agent Orange tentou processar o Offspring por ter plagiado um riff de guitarra, mas, como o tal riff era um gancho comum composto sobre a escala frígia, a coisa não deu em nada e eles tiveram que ver os cofres do Offspring se encherem enquanto outra banda punk, o Vandals, compunha uma música ridicularizando o episódio – "Aging Orange" ("laranja envelhecendo", um trocadilho com o nome da outra banda).

Os bastidores, contudo, têm pouca importância, já que o single lançado em seguida, "Self Esteem", atraiu ainda mais ouvintes e fez com que as vendas do disco disparassem a tal ponto que ele passou a financiar o selo punk Epitaph Records e muitos distribuidores internacionais. Não importava qual fosse o estilo de músicas como "So Alone", "Gotta Get Away" ou "What Happened To You?" – as melodias estavam sempre acima de tudo. A partir daí, o Offspring converteu-se numa banda comercial, escrevendo músicas em cima de fórmulas pop para o rádio. Ainda assim, em 1994, toda a sua energia eletrizante estava direcionada para mostrar o dedo para o mundo e era difícil ignorar a sua sinceridade. **AT**

"Acho que as bandas [...] se levam demasiado a sério [...]."

Kevin "Noodles" Wasserman, 2004

Lista de músicas

01	**Time To Relax**	(The Offspring)	0:25
02	**Nitro (Youth Energy)**	(The Offspring)	2:26
03	**Bad Habit**	(The Offspring)	3:43
04	**Gotta Get Away**	(The Offspring)	3:52
05	**Genocide**	(The Offspring)	3:32
06	**Something To Believe In**	(The Offspring)	3:17
07	**Come Out And Play**	(The Offspring)	3:17
08	**Self Esteem**	(The Offspring)	4:17
09	**It'll Be A Long Time**	(The Offspring)	2:43
10	**Killboy Powerhead**	(The Didjits)	2:02
11	**What Happened To You?**	(The Offspring)	2:12
12	**So Alone**	(The Offspring)	1:17
13	**Not The One**	(The Offspring)	2:54
14	**Smash**	(The Offspring)	10:39

Drive Like Jehu | Yank Crime (1994)

Selo | Interscope
Produção | Drive Like Jehu
Projeto gráfico | Rick Froberg
Nacionalidade | EUA
Duração | 53:15

O grande mestre do punk rock de San Diego, John "Speedo" Reis, foi o responsável por inúmeros clássicos que passaram completamente despercebidos na década passada. A sua banda mais conhecida – Rocket From The Crypt, com seu estilo punkabilly e vestígios de soul – conseguiu um pequeno vislumbre do *mainstream* em meados de 1990 e ainda mantém fãs devotos e cheios de tatuagens em todo o planeta. Drive Like Jehu, que funcionava em paralelo ao RFTC, não é muito conhecido fora do circuito punk underground, mas este segundo e último trabalho é um rock inovador abrasivo que ainda hoje consegue deixar o sangue em ebulição.

O desenho tosco e monocromático da capa de *Yank Crime* foi feito pelo guitarrista e principal "gritador" Rick Froberg. Lembra as famosas capas criadas por Raymond Pettibon para o Black Flag e diz muito sobre a música que está lá dentro. A fusão feita pelo Fugazi de hardcore extremo com uma dinâmica imprevisível é uma referência óbvia, assim como o Wipers, grupo que Reis admirava e uma das grandes bandas esquecidas de art punk dos anos 80, cuja maneira de entrelaçar as linhas de guitarra está presente em *Yank Crime*. Isso tudo se traduz nos ruídos de guitarra em "Here Come The Rome Plows" e "Golden Brown" (que não tem relação alguma com a música do Stranglers) e nas repetições arrastadas e retorcidas de "Luau".

Reis afirmou mais tarde que este álbum foi bem difícil de produzir, em parte devido ao esforço para ajustar suas complexas reviravoltas e mudanças. Drive Like Jehu se dissolveu como resultado disso. Reis e Froberg atualmente lideram o grupo ainda mais irado Hot Snakes e a dupla continua trabalhando para a evolução gradual do punk. Este disco é uma visão imperdível do momento em que deram um de seus maiores passos. **IH**

"Só quero ser realmente abrasador e queimar como o fogo."

John Reis, 2000

Lista de músicas

▶	01	**Here Come The Rome Plows** (Froberg • Kennedy • Reis • Trombino)	5:44
	02	**Do You Compute** (Froberg • Kennedy • Reis • Trombino)	7:12
▶	03	**Golden Brown** (Froberg • Kennedy • Reis • Trombino)	3:14
▶	04	**Luau** (Froberg • Kennedy • Reis • Trombino)	9:27
▶	05	**Super Unison** (Froberg • Kennedy • Reis • Trombino)	7:24
	06	**New Intro** (Froberg • Kennedy • Reis • Trombino)	3:32
	07	**New Math** (Froberg • Kennedy • Reis • Trombino)	4:06
	08	**Human Interest** (Froberg • Kennedy • Reis • Trombino)	3:24
	09	**Sinews** (Froberg • Kennedy • Reis • Trombino)	9:12

Blur | Parklife (1994)

Selo | Food
Produção | Stephen Street
Projeto gráfico | Stylorouge
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 52:39

Quando o Blur começou a gravar o álbum *Parklife* estava com sérios problemas financeiros. O álbum anterior, *Modern Life Is Rubbish*, havia sido basicamente ignorado pelas massas (mesmo que fosse adorado pelos críticos) e o grupo precisava desesperadamente de um sucesso. Em um gesto de típica teimosia, uma de suas idéias para o novo trabalho tinha sido o de intitulá-lo *Soft Porn* e colocar na capa uma fotografia do Palácio de Buckingham.

Felizmente, o disco que viria a personificar a essência do gênero conhecido como britpop continha um arsenal de sucessos bem cuidados e devia muito do seu cinismo aos Kinks dos anos 60, assim como à emergente cultura agressiva dos 90. A capa também havia sido conscientemente trabalhada: uma fotografia de dois greyhounds de dentes arreganhados simbolizava o ponto-chave do álbum: esta era uma nova e afiada raça de britânicos. Na contracapa, os integrantes do Blur eram retratados como heróis da classe operária, no estilo mod, assistindo a uma corrida de greyhounds no Estádio de Walthamstow.

Ainda não tendo entrado em "guerra" com o Oasis, o quarteto inaugurou o estilo com uma versão inglesa de pop que podia ser melancólica ("End Of A Century"), thrash ("Bank Holiday") ou desafiadora – "Parklife", a música de abertura narrada pelo ator inglês Phil Daniels, conhecido por sua participação em *Quadrophenia*.

Quase no final do disco, "This Is A Low" até hoje é um dos maiores feitos do grupo: a letra, inspirada numa toalha para chá que o baixista Alex James comprou para o vocalista Damon Albarn, aos poucos engloba a previsão do tempo na costa britânica para barcos, transmitida pela BBC, sobre um pesaroso acompanhamento musical de um motor de popa.

Parklife continua sendo o trabalho mais coerente do Blur, firmemente enraizado no passado, mas soando estridentemente moderno. **JK**

Lista de músicas

▶	01	**Girls And Boys** (Blur)	4.51
	02	**Tracy Jacks** (Blur)	4.20
	03	**End Of A Century** (Blur)	2.45
▶	04	**Parklife** (Blur)	3.05
	05	**Bank Holiday** (Blur)	1.42
▶	06	**Badhead** (Blur)	3.25
	07	**Debt Collector** (Blur)	2.10
	08	**Far Out** (Blur)	1.41
▶	09	**To The End** (Blur)	4.05
	10	**London Loves** (Blur)	4.15
	11	**Trouble In The Message Centre** (Blur)	4.09
▶	12	**Clover Over Dover** (Blur)	3.22
	13	**Magic America** (Blur)	3.38
	14	**Jubilee** (Blur)	2.47
▶	15	**This Is A Low** (Blur)	5.07
	16	**Lot 105** (Blur)	1.17

G. Love And Special Sauce

G. Love And Special Sauce (1994)

Selo | Epic
Produção | Stiff Johnson • Special Sauce
Projeto gráfico | Karim Ek
Nacionalidade | EUA
Duração | 58:21

No momento em que a maioria das pessoas pensava em Vanilla Ice quando se falava em rappers brancos, o álbum de estréia homônimo do G. Love And Special Sauce criou uma forma completamente nova de fazer um hip-hop autêntico, convincente e afetuoso. Em uma simples música, "Blues Music", G. Love menciona Blind Lemon Jefferson, Jimmy Smith, Woody Guthrie, Aretha Franklin, Chaka Khan e Bob Dylan – o suficiente para saber que o autor não estava interessado em imitar Dr. Dre – e, em seguida, toma de cada um deles aquilo de que necessita para criar um estilo que poderia ser definido como um blues-folk hip-hop soul.

Seguindo a rica tradição musical da Filadélfia, G. Love canta música das ruas sobre basquetebol ("Shooting Hoops"), bebedeiras ("Cold Beverage") e sobre o fascínio das mulheres ("Baby's Got Sauce"). A sonoridade barulhenta, enfatizada pela percussão estilo "vamos bater lata" de Jeffrey "The Houseman" Clemens, é uma plataforma perfeita para quem sempre sonhou com um rap de estilo livre. G. Love dispara versos mais rápido do que o ouvinte consegue digerir, como em "Fatman", "Rhyme For The Summertime" e outras faixas.

O esquema musical extremamente original que é apresentado neste álbum de estréia curiosamente inspirou obras posteriores como *Coast To Coast Motel* (1995) e *Yeah, It's That Easy* (1997). Também é justo dizer que a banda entrou para a história por ter apresentado o vocalista/surfista Jack Johnson no single "Rodeo Clowns", mas o seu verdadeiro legado está sobretudo em ter conseguido limpar o estigma de Vanilla Ice para outros rappers brancos. **JiH**

Lista de músicas

01	**The Things That I Used To Do**	(G. Love)	3:35
▶ 02	**Blues Music**	(G. Love)	4:17
03	**Garbage Man**	(G. Love)	4:51
04	**Eyes Have Miles**	(G. Love)	5:22
▶ 05	**Baby's Got Sauce**	(Clemens • G. Love)	3:54
06	**Rhyme For The Summertime**	(G. Love)	3:06
▶ 07	**Cold Beverage**	(G. Love)	2:33
08	**Fatman**	(G. Love)	4:16
▶ 09	**This Ain't Living**	(G. Love • Jasper)	6:34
10	**Walk To Slide**	(G. Love)	4:28
▶ 11	**Shooting Hoops**	(G. Love)	3:31
12	**Some Peoples Like That**	(G. Love)	4:49
13	**Town To Town**	(G. Love)	3:33
14	**I Love You**	(G. Love)	3:32

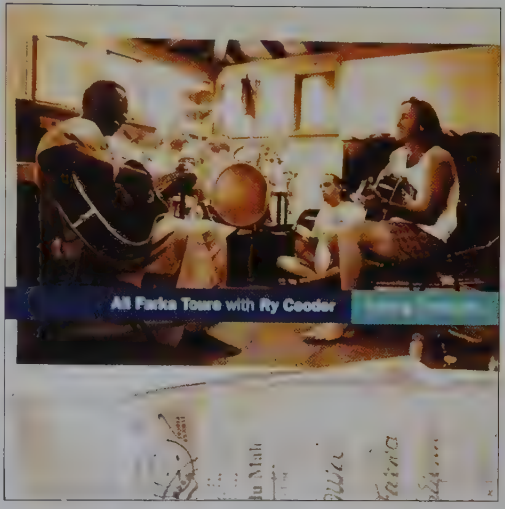
Ali Farka Touré With Ry Cooder
Talking Timbuktu (1994)

Selo | World Circuit
Produção | Ry Cooder
Projeto gráfico | Intro
Nacionalidade | Mali • EUA
Duração | 60:01

Um dos primeiros álbuns de rock a desconsiderar solenemente a visão de cena roqueira sobre world music, esta colaboração levou um Grammy a uma fazenda na África Ocidental e questionou as crenças sobre a "americanidade" do blues.

Touré ficou conhecido na Europa através de gravações que tinha feito para a Rádio Mali e que, por sorte, caíram nas mãos certas. Músicos, DJs e críticos ficaram surpresos com a sua música, claramente relacionada com as raízes do blues – a ligação era tão próxima que alguns ainda insistem que esse africano tenha sido influenciado pelos afro-americanos. Touré nega, argumentando que é um estilo tradicional que foi levado, através do Atlântico, da África para o continente americano pelos escravos. O selo londrino World Circuit descobriu Touré e começaram a gravar seu trabalho. Ry Cooder entrou em contato com o músico africano e os dois encontraram-se em Londres em 1992. O passo seguinte parecia óbvio, mas levou algum tempo para ser organizado: Touré preferia ficar na sua fazenda a fazer turnês e dar shows.

Quando foi gravar, Touré sentiu más vibrações no estúdio. Ele dizia ter sido possuído por demônios quando criança e estes lhe teriam dado dotes musicais – agora estava sendo assombrado. Também não podia tocar na casa de Ry Cooder, em Santa Mônica, porque receava incomodar os espíritos do oceano; em Hollywood, por sua vez, espíritos famintos rondavam o estúdio. "Ele parecia feliz", explicou Cooder, "mas algo de muito profundo o incomodava". Os dois começaram a tocar em conjunto e a realizar arranjos musicais até surgir algo descontraído. Foi durante suas improvisações, contudo, que surgiu a resposta à pergunta mais pertinente: seja qual for a sua origem, o blues estava no sangue de Touré. **DH**



"Para alguns, o Timbuktu é como o fim do mundo... [mas] estamos bem no coração do mundo."

Ali Farka Touré, 1994

Lista de músicas

▶	01	**Bonde** (Touré)	5:28
▶	02	**Soukora** (Touré)	6:05
	03	**Gomni** (Touré)	7:00
	04	**Sega** (Touré)	3:10
	05	**Amandrai** (Touré)	9:23
▶	06	**Lasidan** (Touré)	6:06
▶	07	**Keito** (Touré)	5:42
	08	**Banga** (Touré)	2:32
	09	**Ai Du** (Touré)	7:09
▶	10	**Diaraby** (Trad., arr. Touré)	7:26

Hole | Live Through This (1994)

Selo | Geffen
Produção | Paul Q. Kolderie • Sean Slade
Projeto gráfico | Janet Wolsborn
Nacionalidade | EUA
Duração | 38:19

A melodia apanhou feio no primeiro trabalho de Hole, *Pretty On The Inside*: brilhante, de alguma forma, mas um trabalho difícil. *Live Through This*, por outro lado, nos convida a gritar em uníssono. A maioria das músicas foi composta no casulo de Courtney e Cobain – de onde saíram versos como "não lavo os pratos, eu os jogo fora" –, o que gerou críticas dizendo que as letras foram escritas por Cobain.

Courtney admitiu à revista *Q* que "os vocais de Kurt estavam em quase todas as faixas, mas bem no fundo. Ele só vinha me mostrar algumas harmonias e depois dizia, está bem, fica com algumas das minhas...". Stuart Moxham, do Young Marble Giants, e Kat Bjelland, do Babes In Toyland, também deixaram as suas impressões neste álbum.

Mas o espetáculo era de Courtney. Ela é ríspida mas confiante ao longo do disco. "Quero ser a garota com a maior fatia do bolo" ("Miss World") evoca a briguenta que era a encarnação de Courtney para a mídia. "Finjo tão bem que estou além do fingimento", em "Doll Parts", chegou a merecer a aprovação de Joni Mitchell.

Há muitos mitos em torno do álbum *Live Through This*. É dedicado a Joe Cole, um amigo assassinado quando voltava de um concerto do Hole acompanhado de Henry Rollins. O disco foi lançado entre as mortes de Cobain e da baixista Kristen Pfaff. Sua última música perdida, "Rock Star", foi substituída no álbum – mas não nos créditos – por "Olympia". Nessa música Courtney diz: "Você queria estar no Nirvana? Acho que iria preferir estar morto."

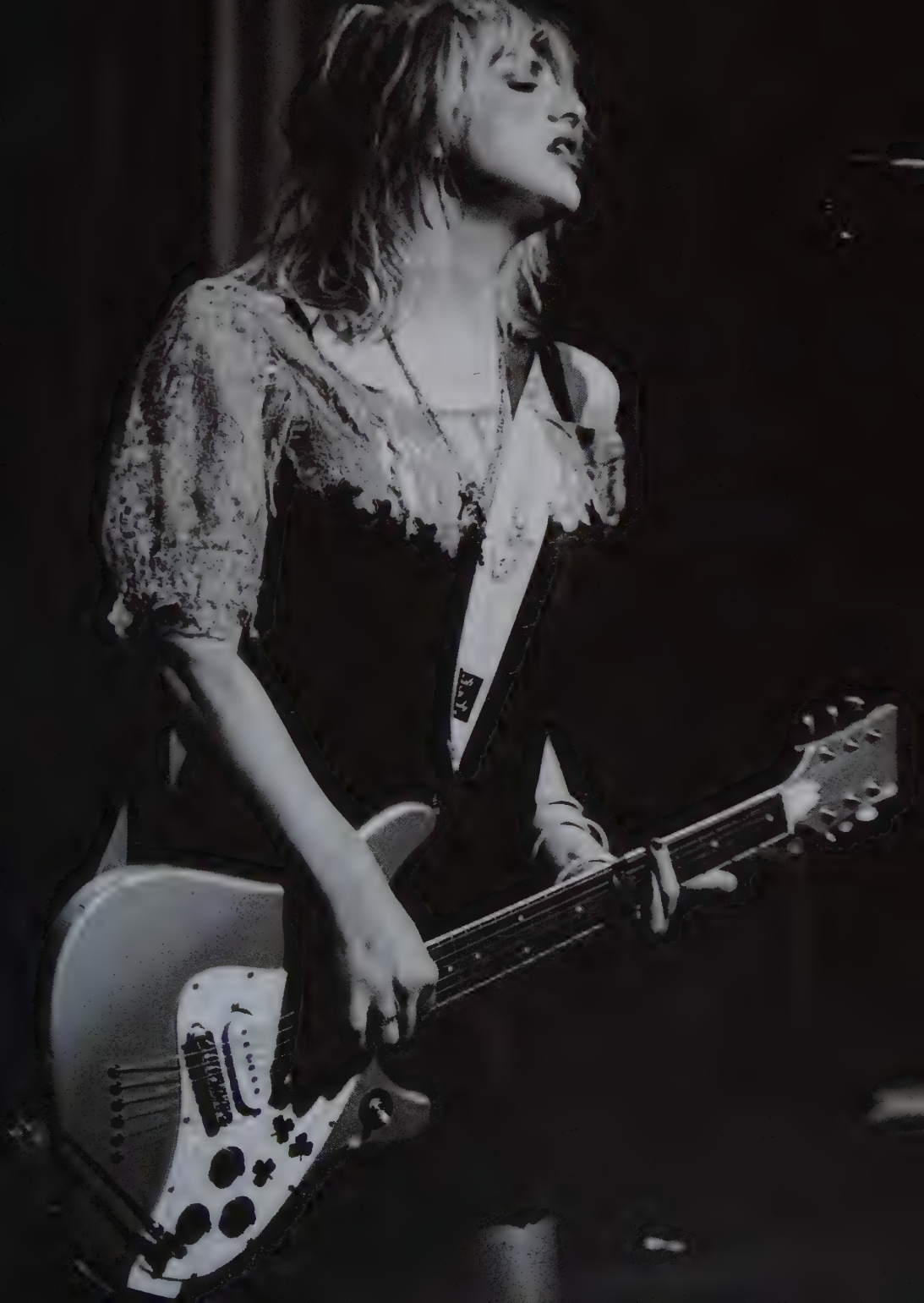
Um trabalho mais fraco teria cedido, mas *Live Through This* se mantém altivo. **BM**

"Estávamos tentando encontrar as músicas ideais."

Courtney Love, 1994

Lista de músicas

▶	01	**Violet** (Hole)	3:24
▶	02	**Miss World** (Hole)	3:01
	03	**Plump** (Hole)	2:34
	04	**Asking For It** (Hole)	3:29
	05	**Jennifer's Body** (Hole)	3:42
▶	06	**Doll Parts** (Hole)	3:32
	07	**Credit In The Straight World** (Moxham)	3:12
	08	**Softer, Softest** (Hole)	3:27
	09	**She Walks On Me** (Hole)	3:24
	10	**I Think That I Would Die** (Bjelland • Erlandson • Love)	3:37
	11	**Gutless** (Hole)	2:15
	12	**Rock Star** (Hole)	2:42



Massive Attack
Protection (1994)

Selo | Wild Bunch
Produção | Nellee Hooper
Projeto gráfico | Michael Nash
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:06

Massive Attack – "ataque maciço"? Na época o grupo estava mais para "sob ataque". O membro fundador, Shara Nelson – que deu voz à eterna "Unfinished Sympathy" –, deixou o grupo. Depois confundiram os fãs mudando o nome para Massive, a fim de evitar polêmicas durante a primeira guerra do Iraque. Para completar, a turnê nos Estados Unidos foi desastrosa.

Os músicos da formação original voltaram à carga com *Protection*, que foi recebido com reações ambíguas. Por um lado demonstrava que a banda podia produzir um bom álbum e novos hits sem Nelson. Por outro, tomaram um novo caminho musical que não foi bem recebido por alguns críticos. A produção continuava tão elaborada e interessante quanto em *Blue Lines*, mas era em grande parte um instrumental.

Nas faixas cantadas, temos a colaboração de Tracey Horn, do Everything But The Girl. A faixa-título possui uma voz dilacerante e camadas densas de ritmos eletrônicos, enquanto "Better Things" é pesarosa e etérea. Tricky, membro da formação original que também abandonou o grupo para seguir uma carreira solo durante a gravação deste álbum, contribui com belos vocais em "Karmacoma" e "Eurochild".

Protection ajudou a cimentar o status do Massive Attack como grupo mais proeminente do novo som de Bristol. Abriram o caminho para grupos como Portishead, Sneaker Pimps e Beth Orton. O disco foi um dos primeiros indicadores de que o estilo que hoje conhecemos como trip-hop não era uma tendência passageira, mas um gênero emergente e prolífico (de onde sairia o formidável álbum seguinte, *Mezzanine*). A influência exercida pelo álbum estendeu-se pelo mundo inteiro, onde quer que haja um beat suavizado. **LP**

Manic Street Preachers
The Holy Bible (1994)

Selo | Epic
Produção | Steve Brown • Mark Freegard
Projeto gráfico | Richey James
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 56:21

Este é um dos discos mais dilacerantes já produzidos. *The Holy Bible* foi lançado seis meses antes de Richey James desaparecer junto à Ponte de Severn, em seu País de Gales natal. As letras, quase todas de autoria de James, mostravam um profundo ódio contra si mesmo e um sentimento de desespero. Ele fala sobre sua luta contra a anorexia em "4st 7lb", onde diz: "I wanna be so skinny that I rot from view" ("Quero ficar tão magro que eu suma de vista"). Esse mantra autodestrutivo continua em "Die In The Summertime", que começa com "Scratch my leg with a rusty nail, sadly it heals" ("Arranho minha perna com um prego oxidado, mas infelizmente ela se cura").

Essas visões sombrias encontram o seu equivalente nas músicas. Gravado no decadente estúdio Soundscape de Cardiff, o álbum soa claustrofóbico e corrosivo. É completamente diferente do rock de estádio dos trabalhos anteriores do grupo e também de qualquer outro disco feito nesse mesmo ano. Enquanto os seus contemporâneos imitavam os Beatles e The Who, o Manic Street Preachers foi buscar inspiração no Magazine, Wire e Gang Of Four. "P.C.P." e "Revol" são dois distúrbios pós-punk, intensificados pelos solos cáusticos de James Dean Bradfield. O baixo descompassado de Nicky Wire junta mais nervosismo a "The Intense Humming Of Evil", um exame devastador da capacidade humana para a crueldade.

O álbum todo é sombrio. Era dedicado ao agente do grupo, Phillip Hall, que tinha morrido de câncer em 1993, e possuía uma capa grotesca de Jenny Saville, que deixou a banda usar as suas imagens após encontrar-se com James. O álbum *The Holy Bible* continua soando interessante atualmente, mas, em 1994, foi um autêntico fracasso comercial. Lançado na mesma semana que a obra-prima do Oasis, *Definitely Maybe*, permaneceu nas paradas durante apenas quatro semanas. **TB**

Suede
Dog Man Star (1994)

Selo | Nude
Produção | Ed Buller
Projeto gráfico | Brett Anderson
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 57:59

O Suede não deveria existir em 1994. Este disco nem tinha sido terminado quando perderam Bernard Butler, seu principal compositor devido a um amargo desentendimento. Tomaram a peculiar decisão de fazer uma audição para conseguir um novo guitarrista publicando um anúncio anônimo no *NME*, pedindo de forma velada alguém que "gostasse de Suede". Felizmente, Richard Oakes, com 17 anos, mostrou que era mais do que capaz de recriar, ao vivo, as guitarras que Butler tinha gravado em estúdio. Sem feridas, a banda seguiu em frente e, com *Dog Men Star*, o Suede criou um álbum de admirável ímpeto e beleza. As novas músicas transmitiam uma energia provocante e excitante: desde a hipnótica e psicodélica "Introducing The Band", que abre o álbum, ao final orquestral de "Still Life". O primeiro single audacioso, "We Are The Pigs", estava cheio do mesmo tipo de som urbano que começaram a desenvolver em seu primeiro álbum – refletido também na imagem de um nu andrógino, em tom sépia, da capa do disco. A música "The Wild Ones" está cheia de viradas de bateria e de violão pinçado, sendo uma das mais melódicas do Suede. A incrivelmente grandiosa "Asphalt World" dura quase 10 minutos e soa como uma ópera rock onde sobre ecstasy, dos táxis londrinos e sexo selvagem. Uma grande proeza.

O fato de o novato Richard Oakes ter segurado tudo isso sem vacilar diz muito – em parte sobre a sua inocência, mas sobretudo sobre o sangue-frio do vocalista Brett Anderson. Quando parecia que sua banda estava no limiar da ruptura, ele trabalhou duro e se concentrou na turnê de promoção do álbum mais ambicioso de sua carreira. **JK**

The Notorious B.I.G.
Ready To Die (1994)

Selo | Bad Boy
Produção | Dominic Owen
Projeto gráfico | The Drawing Board
Nacionalidade | EUA
Duração | 69:03

"Um dos melhores discos da história", declarou o cantor e compositor Randy Newman a respeito de *Ready To Die*. Mas continuou: "É estranho porque a primeira música diz: 'Let's stop killing each other' ('Vamos parar de nos matar uns aos outros'), mas o resto do disco só fala de pessoas matando umas às outras!"

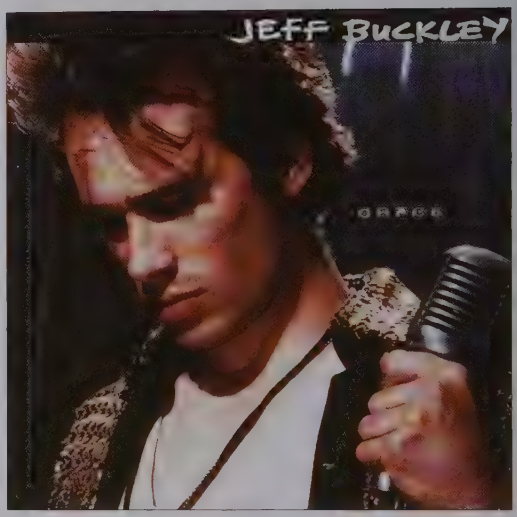
Deixando de lado a ambigüidade moral, *Ready To Die* é realmente fantástico. Com o rap dividido entre o G-funk da Costa Oeste e o estilo radical de Wu-Tang na Costa Leste, esse trabalho da B.I.G., proveniente do Brooklyn, tira partido das duas influências. O som seco e "na cara" é típico de Nova York, mas a produção é tão trabalhada quanto o som que Dr. Dre estava fazendo na Califórnia.

Há faixas funk, como "Juicy" e "Big Poppa", influenciada pelo Isley Brothers, mas há também a confusa "The What", um dueto de Method Man estranho o suficiente para entrar em seu disco *Tical*. Dos outros colaboradores de Biggie destacam-se Diana "Shy Guy" King, que soa feroz em "Respect", e o produtor executivo Sean "Puffy" Combs – cujo selo Bad Boy ganhou destaque por conta deste disco – dá ao todo um brilho sem paralelo. Em última instância, contudo, o show é de Biggie. As complicadas histórias sobre o seu passado no crime, as estranhas ameaças e as suas visões do futuro não admitem discussão. Um elemento de autoparódia até nos faz esquecer o "#!*@ Me".

Biggie gravou outros dois álbuns de qualidade antes de morrer em 1997 – *No Way Out*, de Puffy, e *Life After Death*, de sua autoria. O disco póstumo, *Born Again*, não chega a ser ruim, mas *Ready To Die* é o seu melhor trabalho. **BM**

Jeff Buckley | Grace (1994)

Selo | Columbia
Produção | Jeff Buckley • Andy Wallace
Projeto gráfico | C. Austopchuk • N. Lindeman
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:19



Numa época em que as guitarras grunge e camisas quadriculadas eram a trilha sonora para a angústia, as melodias delicadas e a sensibilidade estética de Jeff Buckley o colocavam num mundo à parte. Tendo saído da cena vanguardista de Nova York no início dos anos 90, Buckley – cujo pai era um herói do folk do final da década de 60 – gravou o seu primeiro EP comercial de quatro músicas, *Live At Sin-É*, no café de mesmo nome no bairro boêmio East Village. Antes de ser lançado pela Columbia no outono de 94, Buckley e os seus músicos já tinham gravado o seu primeiro LP de estúdio, *Grace*.

O disco é uma ode em 10 músicas dedicadas à saudade, à perda e à absoluta incompetência do homem nos momentos difíceis. As letras são melancólicas, mas o álbum escapa de ser excessivamente sentimental graças ao tom otimista dos vocais de Buckley e aos reconfortantes arranjos musicais. "Last Goodbye" é insuportavelmente triste e é acompanhada por cordas capazes de dilacerar o mais duro e frio dos corações. Ao mesmo tempo, "Corpus Christi Carol", de Benjamin Britten, deixa Buckley solto para demonstrar a flexibilidade de sua voz, que alcançava várias oitavas. Uma boa ironia presente no trabalho de Buckley é o fato de que músicas pensadas para locais minúsculos com acústica pobre soam enormes e gloriosas neste álbum de estréia impressionantemente maduro. A sua versão de "Hallelujah", de Leonard Cohen, demonstra tanta autoconfiança que ficamos pensando quem gravou a primeira versão...

Grace tornou-se um álbum clássico e tanto os críticos como os músicos elogiaram a genialidade musical de Buckley. Mas infelizmente o futuro brilhante que todos prediziam nunca veio: Jeff Buckley afogou-se em maio de 1997, aos 30 anos, deixando um legado musical tragicamente curto, mas de importância vital. **SJac**

"A sensibilidade não é uma fraqueza. Tem a ver com estar tão dolorosamente atento que mesmo uma pulga pousando sobre um cão soaria como uma explosão sonora."

Jeff Buckley, 1994

Lista de músicas

▶	01	**Mojo Pin** (Buckley • Lucas)	5:41
▶	02	**Grace** (Buckley • Lucas)	5:22
	03	**Last Goodbye** (Buckley)	4:16
	04	**Lilac Wine** (Shelton)	4:31
	05	**So Real** (Buckley • Tighe)	4:41
▶	06	**Hallelujah** (Cohen)	6:52
▶	07	**Lover, You Should've Come Over** (Buckley)	6:42
	08	**Corpus Christi Carol** (Britten)	2:56
	09	**Eternal Life** (Buckley)	4:52
▶	10	**Dream Brother** (Buckley • Grondahl • Johnson)	5:26

Orbital | Snivilisation (1994)

Selo | Internal
Produção | Paul Hartnoll • Phil Hartnoll
Projeto gráfico | John Greenwood
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 75:06

Paul e Phil Hartnoll, também conhecidos como Orbital, começaram chamando atenção quando lançaram seu primeiro trabalho, *Chime*, que dizem ter custado menos de uma libra para produzir. Com o seu terceiro álbum, *Snivilisation*, o Orbital assegurou um amplo reconhecimento.

Misturando o dance eletrônico com crítica social, *Snivilisation* tem influências tão diversas quanto Brian Eno, Philip Glass, o anarquismo do coletivo punk Crass e a política draconiana do partido conservador da Grã-Bretanha com suas incansáveis tentativas de aniquilar a cultura rave.

A música "Are We Here?" retrata uma visão em forma de pesadelo de um governo rígido empenhado em afundar a população no silêncio e na austeridade. Combinando samples arrepiantes e ritmos drum'n'bass altamente processados, o trabalho conta com o talento vocal único de Alison Goldfrapp, que contribui espetacularmente para o glitch-techno de "Sad But True".

"Philosophy By Numbers" satiriza o consumismo crescente em que vivemos e "Quality Seconds" é uma paródia da impetuosidade dos anúncios televisivos, um breve interlúdio atonal em meio ao esplendor melódico do disco. Os fascinantes ritmos de "Crash And Carry" evocam um mundo sombrio onde imperam roubos de carros e uma quebra do tecido social. A crítica satírica do Orbital à cultura moderna estende-se até a imagem da capa, que mostrava uma figura surreal traçada como um contorno tubular ouvindo um walkman.

O caráter inovador do álbum, aliado ao crescente sucesso do duo em suas apresentações ao vivo, fez com que tivesse um lugar de destaque no mundo da música. Sendo um trabalho ambicioso e apaixonado, *Snivilisation* é o legado de uma época em que o Estado quase ameaçou seriamente a cultura popular. **CSh**

"Todas as civilizações desapareceram. Não acredito que a nossa dure muito mais tempo."

Phil Hartnoll, 1994

Lista de músicas

▶	01	**Forever** (P. Hartnoll • P. Hartnoll)	7:59
	02	**I Wish I Had Duck Feet** (P. Hartnoll • P. Hartnoll)	4:05
	03	**Sad But True** (P. Hartnoll • P. Hartnoll)	7:49
▶	04	**Crash And Carry** (P. Hartnoll • P. Hartnoll)	4:43
	05	**Science Friction** (P. Hartnoll • P. Hartnoll)	5:04
	06	**Philosophy By Numbers** (P. Hartnoll • P. Hartnoll)	6:39
	07	**Kein Trink Wasser** (P. Hartnoll • P. Hartnoll	9:24
	08	**Quality Seconds** (P. Hartnoll • P. Hartnoll)	1:25
▶	09	**Are We Here?** (P. Hartnoll • P. Hartnoll)	15:33
▶	10	**Attached** (P. Hartnoll • P. Hartnoll)	12:25

Nirvana | MTV Unplugged In New York (1994)

Selo | Geffen
Produção | Scott Litt • Nirvana
Projeto gráfico | Robert Fisher
Nacionalidade | EUA
Duração | 53:50

Quando a "grande família Nirvana" – composta por Kurt Cobain, Krist Novoselic, Dave Grohl, Pat Smear, a violoncelista Lori Goldston e dois integrantes do Meat Puppets – entrou nos estúdios da MTV em Nova York para gravar algo que ninguém acreditava que uma banda grunge pudesse fazer – um álbum acústico –, era impossível prever quão emocional seria este legado.

Transmitido originalmente pelo programa *Unplugged* da MTV (a capa do álbum utiliza uma imagem gravada ao vivo), o álbum aponta de forma mais clara que qualquer um dos três anteriores o que o Nirvana poderia se tornar. Apenas "Come As You Are" possui o legado de seu passado mais pesado. Em sua maioria, foram as músicas originais mais calmas que vieram à tona, como "Dumb", "Polly" e "Something In The Way".

Três músicas indulgentes, interpretadas e compostas com a colaboração do The Meat Puppets, deixavam claro o desejo de Cobain de usar seu status para destruir bandas respeitadas de amigos. Em outros momentos, versões fantásticas do Vaselines e de David Bowie receberam belas interpretações (nesta última, é possível ouvir Cobain tocando alguns vocais de Bowie como solo).

O standard do blues de Lead Belly que encerra o álbum superou a prova do tempo e ficou marcado como um exorcismo emocional e inspirado – e como uma memória arrepiante da grande perda que a morte de Cobain representou para o mundo da música. Quando ele sussurra, num momento de silêncio antes do clímax da seção final, parece que está sendo esmagado pelo peso do mundo. O fato de que isso tenha realmente ocorrido deixa *Unplugged*, algumas vezes, perigosamente próximo dos nervos. **JK**

"Quero ... mudar nosso estilo."

Kurt Cobain, 1994

Lista de músicas

▸	01	**About A Girl** (Cobain)	3:37
	02	**Come As You Are** (Cobain)	4:13
	03	**Jesus Doesn't Want Me For A Sunbeam** (Kelly•McKee)	4:37
▸	04	**The Man Who Sold The World** (Bowie)	4:20
	05	**Pennyroyal Tea** (Cobain)	3:40
▸	06	**Dumb** (Cobain)	2:52
	07	**Polly** (Cobain)	3:16
	08	**On A Plain** (Cobain)	3:44
	09	**Something In The Way** (Cobain)	4:01
	10	**Plateau** (Kirkwood)	3:38
	11	**Oh Me** (Kirkwood)	3:26
▸	12	**Lake Of Fire** (Kirkwood)	2:55
	13	**All Apologies** (Cobain)	4:23
▸	14	**Where Did You Sleep Last Night** (Ledbetter)	5:08

Nine Inch Nails | The Downward Spiral (1994)

Selo | Interscope
Produção | Flood • Trent Reznor
Projeto gráfico | Gary Talpas
Nacionalidade | EUA
Duração | 65:02

Quer algo sombrio mas alegre? Experimente The Cure. Brilhante e sombrio? Talvez o Pink Floyd. Desagradável, barulhento, suicida e sombrio? Viva o NIN!

"A visão geral", disse o líder Trent Reznor, "era de alguém que jogasse fora todos os aspectos de sua vida – dos relacionamentos à religião. [A idéia também é] encarar os vícios como formas de tentar enfraquecer a dor. Estou falando sobre mim... Não que seja um grande salto para mim."

Essa ode à dor nasceu na casa em que Charles Manson e os seus seguidores assassinaram a atriz Sharon Tate. As más vibrações estavam em toda parte: Tori Amos, que estava de visita, não conseguiu cozinhar um frango para o subnutrido Reznor e concluiu que a casa estava amaldiçoada. O terror impregna essas músicas, ainda que Reznor negue que a repetição recorrente de "pigs" esteja relacionada com "Piggies", música dos Beatles que se tornou um hino de Manson. Entre as músicas mais elaboradas, como "March Of The Pigs", encontram-se momentos sedutores. A dançante "Closer", que usa um sample de bateria de "Nightclubbing" de Iggy Pop, tem um dos refrões mais citados na época: "I want to fuck you like an animal" ("Quero trepar com você como um animal"). Por fim chegamos a "Hurt". "A melhor faixa contra as drogas que já ouvi", afirmou Johnny Cash, cuja versão dessa mesma música foi seu epitáfio. O comovente vídeo de Cash foi assinado por Mark Romanek, que também dirigiu o clipe da música "Closer".

The Downward Spiral é provavelmente um dos discos multiplatina mais difíceis de se ouvir. Se o disco lhe "disser algo" e você não for o Reznor, melhor ficar preocupado. Mas as guitarras dilacerantes, as baterias ensurdecedoras e as músicas como um todo são intoxicantes e contagiantes.

E o frango de Tori Amos? "Não perguntei", disse Reznor encolhendo os ombros. "Provavelmente foi comido pelos fantasmas." **BM**

"Achei que não era suficientemente acessível."

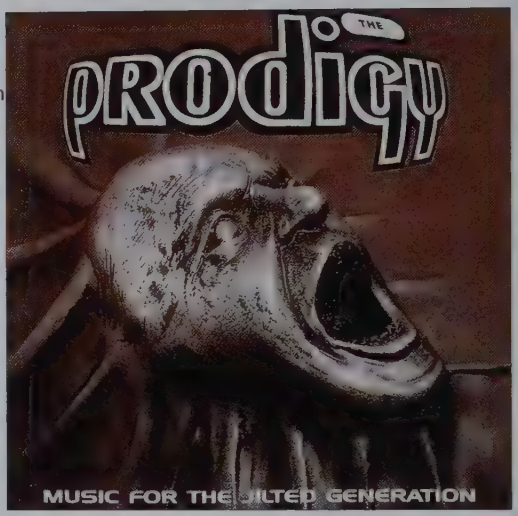
Trent Reznor, 2002

Lista de músicas

	01	**Mr. Self Destruct** (Reznor)	4:30
	02	**Piggy** (Reznor)	4:24
	03	**Heresy** (Reznor)	3:54
▶	04	**March Of The Pigs** (Reznor)	2:58
▶	05	**Closer** (Reznor)	6:13
	06	**Ruiner** (Reznor)	4:58
	07	**The Becoming** (Reznor)	5:31
	08	**I Do Not Want This** (Reznor)	5:41
	09	**Big Man With A Gun** (Reznor)	1:36
	10	**A Warm Place** (Reznor)	3:23
	11	**Eraser** (Reznor)	4:53
	12	**Reptile** (Reznor)	6:51
	13	**The Downward Spiral** (Reznor)	3:56
▶	14	**Hurt** (Reznor)	6:14

The Prodigy | Music For The Jilted Generation (1994)

Selo | XL
Produção | Liam Howlett • Neil McLellan
Projeto gráfico | Les Edwards • Jamie Fry • Stuart Haygarth
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 78:08



O Prodigy parecia mais um bando de ratos do quarteirão quando, na década de 90, os branquelas britânicos consumiam tantas drogas que acreditavam até saber dançar. Mas o seu álbum de 92, *Experience*, mostrou ser bem mais sólido do que o single "Charly" deixava prever e a turnê fez com que o Prodigy se tornasse uma banda verdadeiramente popular.

Em meio a tudo isso, contudo, o líder do grupo, Liam Howlett, cansou do estilo dance e redescobriu o hip-hop. ... *Jilted Generation*, portanto, continua com a sonoridade eletrônica das raves, mas agora misturada com ritmos pesados e orquestrações sintetizadas. O rock também mostra sua cara: a banda Pop Will Eat Itself juntou o grunge à música "Their Law" e "Voodoo People" inclui um riff de "Very Ape", do Nirvana (essas experiências de punk eletrônico atingiram o auge em *The Fat Of The Land*, de 1997).

Para deixar as coisas mais coloridas, há clipes dos filmes *O Passageiro Do Futuro* ("Intro"), *Agarra-me Se Puderes* ("Their Law"), *Guerra Nas Estrelas* ("Full Throttle"), *Poltergeist III* ("The Heat [The Energy]") e *2001 – Uma Odisséia No Espaço* ("Claustrophobic Sting").

Este álbum não perde o pique em momento algum, ainda que Howlett diga que "Full Throttle" e "One Love" podiam ter sido excluídas. Na época, *Music For The Jilted Generation* foi entendido como um protesto contra as tentativas governamentais de acabar com as raves. Atualmente Howlett diz que o título era "estúpido" e nega a existência de qualquer intenção política (hipocrisia que acabou se revelando útil: o título do disco seguinte é uma citação de Hermann Goering).

Não importa. Este trabalho abriu caminho para que Leftfield, Underworld e Goldie editassem as suas longas narrativas musicais em forma de disco e continua soando vertiginosamente bem. **BM**

"Podia ter sido o fim da banda..."

Liam Howlett, 1999

Lista de músicas

01	**Intro** (Howlett)	0:46
02	**Break And Enter** (Howlett)	8:24
03	**Their Law** (Howlett • Pop Will Eat Itself)	6:40
04	**Full Throttle** (Howlett)	5:02
▶ 05	**Voodoo People** (Howlett • Kain)	6:27
06	**Speedway (Theme From Fastlane)** (Howlett)	8:56
07	**The Heat (The Energy)** (Howlett)	4:27
▶ 08	**Poison** (Howlett • Palmer)	6:42
▶ 09	**No Good (Start The Dance)** (Howlett)	6:17
10	**One Love (Edit)** (Howlett)	3:53
	The Narcotic Suite:	
11	**3 Kilos** (Howlett)	7:25
12	**Skylined** (Howlett)	5:58
13	**Claustrophobic Sting** (Howlett)	7:11

Green Day | Dookie (1994)

Selo | Reprise
Produção | Rob Cavallo • Green Day
Projeto gráfico | Richie Bucher
Nacionalidade | EUA
Duração | 39:38

Os puristas do punk ainda olham torto para este álbum revolucionário. Mas ninguém pode negar que, com *Dookie*, o Green Day revigorou um velho gênero musical para uma nova geração.

A receita era simples: pegar alguns acordes pesados com distorção, uma melodia fácil e humor com ironia. Tocar tudo bem rápido para que os ouvintes jovens pudessem pular para cima e para baixo. Não chegava a ser uma fórmula revolucionária: a banda tirou seu som e sua ironia de grupos como Ramones e Sex Pistols – o vocalista, Billie Joe Armstrong, até tentava acrescentar um ligeiro sotaque britânico. Mas a música do Green Day destacava-se do punk inglês por estar despojada de qualquer mensagem política, ainda que mantivesse uma boa dose de rebeldia.

Dookie traz 14 músicas furiosas, mas com belas melodias falando sobre o cotidiano angustiante e entediante dos subúrbios. Enaltece o estilo de vida boêmio em músicas como "Burnout"; em "Long View", fala sobre o apelo da masturbação quando não se tem o que fazer.

A banda se beneficiou por ter, pela primeira vez, lançado o disco por uma grande gravadora. Com a ajuda de quatro videoclipes inteligentes e sendo tocado sem parar nas rádios, o álbum originou quatro singles de sucesso, incluindo "Basket Case", que se manteve no topo das paradas norte-americanas durante cinco semanas. A música que os imortalizou, contudo, foi "When I Come Around", que conseguiu cristalizar a atmosfera do Woodstock de 1994 em apenas 2 minutos e 58 segundos, tornando a banda famosa. Como o jornal *New York Times* afirmou: "Em raros momentos a apatia soou tão apaixonante." **JC**

"Isto é punk – dar um show ou ir a uma festa."

Billie Joe Armstrong, 1994

Lista de músicas

▶	01	**Burnout** (Green Day)	2:07
	02	**Having A Blast** (Green Day)	2:44
	03	**Chump** (Green Day)	2:54
▶	04	**Long View** (Green Day)	3:58
	05	**Welcome To Paradise** (Green Day)	3:44
	06	**Pulling Teeth** (Green Day)	2:30
▶	07	**Basket Case** (Green Day)	3:03
▶	08	**She** (Green Day)	2:14
	09	**Sassafras Roots** (Green Day)	2:37
▶	10	**When I Come Around** (Green Day)	2:58
	11	**Coming Clean** (Green Day)	1:34
	12	**Emenius Sleepus** (Green Day)	1:43
	13	**In The End** (Green Day)	1:46
	14	**F.O.D. / All By Myself** (Green Day)	5:46

Foo Fighters | Foo Fighters (1995)

Selo | Roswell
Produção | Foo Fighters • Barrett Jones
Projeto gráfico | Tim Gabor
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:01

A morte de Kurt Cobain estremeceu o mundo do rock em 1994. Em reconhecimento de sua importância eterna, o baterista do Nirvana, Dave Grohl, encontrou uma forma de se recuperar do choque criando um veículo para o seu próprio talento: o Foo Fighters (nome de código atribuído aos pilotos norte-americanos que investigam as supostas aparições de OVNIs).

A acelerada música de abertura, "This Is A Call", foi composta depois da morte de Cobain (tal como "Oh, George" e "I'll Stick Around" – as outras foram compostas quando Grohl ainda era integrante do Nirvana). Ela não tece hipóteses melodramáticas, mas sua afirmação da vida oferece algum consolo. As interpretações corretas e poderosas, assim como a voz potente dessa música (e do restante do disco), serviram como uma boa dose de energia para os fãs mais devastados, ainda que as letras não façam muito sentido.

Foo Fighters é um disco de grunge-pop, algo que se assentava muito bem ao estilo de Grohl. De fato, o que em princípio parece ser um esforço coletivo nada mais é do que um projeto solo: foi Grohl quem compôs todas as músicas, colocou a voz, tocou guitarra, baixo e bateria e gravou tudo numa semana. A fórmula verso suave/refrão barulhento e dinâmico (um legado do Nirvana) aparece em várias músicas do álbum, especialmente em "I'll Stick Around" e "For All The Cows". O disco tem uma boa dose de momentos brilhantes: melodias ao estilo dos Beatles como em "Big Me", rock atmosférico em "Oh, George" (em homenagem a George Harrison), guitarras indistintas com uma bateria interessante em "X-Static" e o mais puro punk em "Wattershed" e "Weenie Beenie".

A música final, apropriadamente intitulada "Exhausted", deixa o ouvinte realmente cansado, mas sem sinal de tédio e certamente querendo mais. **MBo**

"O instinto natural da banda é ser agressiva, potente, solta e crua..."

Dave Grohl, 2002

Lista de músicas

▶	01	**This Is A Call** (Grohl)	3:53
▶	02	**I'll Stick Around** (Grohl)	3:53
▶	03	**Big Me** (Grohl)	2:12
▶	04	**Alone + Easy Target** (Grohl)	4:05
	05	**Good Grief** (Grohl)	4:01
	06	**Floaty** (Grohl)	4:30
	07	**Weenie Beenie** (Grohl)	2:45
	08	**Oh, George** (Grohl)	3:00
▶	09	**For All The Cows** (Grohl)	3:30
▶	10	**X-Static** (Grohl)	4:13
▶	11	**Wattershed** (Grohl)	2:15
▶	12	**Exhausted** (Grohl)	5:44

Garbage | Garbage (1995)

Selo | Mushroom
Produção | Garbage
Projeto gráfico | Garbage • Janet Wolsborn
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 50:45

Os produtores Butch Vig, Steve Marker e Duke Erikson estavam no estúdio remixando uma música do Nine Inch Nails quando chegou um amigo e comentou que aquilo soava como *garbage* (lixo). O som "sujo" que estavam produzindo se tornou um novo projeto que foi batizado a partir do comentário. Recrutaram a vocalista escocesa Shirley Manson e ela se tornou uma excelente líder do grupo, com o seu chocante cabelo vermelho e uma personalidade fortíssima. Ao reescrever a maioria das letras das músicas do álbum, Shirley Manson adaptou-as para sua luta contra a depressão e definiu o tom do que seria o álbum de estréia do grupo.

Alternando entre feroz, maliciosa, vingativa, cruel, melancólica e vulnerável, Shirley Manson podia cantar e transmitir quase todos os estados de espírito de forma excepcional. "You thought I was a little girl! You thought I was a little mouse / You thought you'd take me by surprise / Now I'm here burning down your house!" ("Você achou que eu era uma garotinha / Você achou que eu era um ratinho / Você queria me pegar de surpresa / Agora estou aqui queimando a sua casa") é a letra de "Not My Idea". Shirley estava rodeada de compositores e músicos fabulosos, que usavam loops, samples e teclados fantásticos e densos, cortados por guitarras distorcidas e agudas. Músicas como "Milk" e "A Stroke Of Luck" possuem uma beleza triste que é ao mesmo tempo agonia profunda e enorme paixão. A música "Vow" deve ser um dos melhores singles de estréia já produzidos. Começa com teclados que tomam conta de todo o espaço, depois se torna uma batida ameaçadora com guitarras afiadas, enquanto Shirley ameaça "quebrar a sua pequena alma em pedaços... ". Ainda hoje é uma das melhores músicas da banda. **KM**

"Sou doce, mas se arrumar encrenca comigo te faço de pano de chão."

Shirley Manson, 1996

Lista de músicas

	01	**Supervixen** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	3:56
	02	**Queer** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	4:36
▶	03	**Only Happy When It Rains** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	3:56
	04	**As Heaven Is Wide** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	4:44
	05	**Not My Idea** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	3:50
	06	**A Stroke Of Luck** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	4:45
▶	07	**Vow** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	4:30
▶	08	**Stupid Girl** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	4:18
	09	**Dog New Tricks** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	3:58
	10	**My Lover's Box** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	3:35
	11	**Fix Me Now** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	4:43
▶	12	**Milk** (Erikson•Manson•Marker•Vig)	3:54

Nightmares On Wax | Smokers Delight (1995)

Selo | Warp
Produção | E.A.S.E.
Projeto gráfico | Leigh Kenny
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 73:22

Um dos melhores álbuns para se ouvir a altas horas da noite é sem dúvida *Smokers Delight,* do Nightmares On Wax. Também pode ser ouvido pela manhã ou num jantar com os amigos ou na cama – é uma verdadeira pérola em qualquer momento do dia. Nightmares On Wax foi o nome escolhido por George Evelyn para gravar os seus discos solo depois de se separar do co-fundador Kevin Harper no princípio dos anos 90. Tendo o estúdio só para ele, Evelyn afastou-se do tecno mais sombrio dos primeiros álbuns do NOW e desenvolveu o seu próprio formato.

Smokers Delight possui 70 minutos de música eletrônica instrumental, acompanhada por ritmos lentos de hip-hop e samples de artistas clássicos de soul e R&B como Quincy Jones e Smokey Robinson.

O álbum começa com o som de um sintetizador que evolui lentamente, um som eletrônico percussivo e uma linha de baixo, até a entrada de um piano elétrico e um órgão que dão um tom lounge à música "Nights Introlude." Evelyn voltaria a trabalhar nessa música para transformá-la em "Les Nuits," que seria incluída no LP de 1999, *Carboot Soul.* A música "Dreddoverboard" é praticamente percussão pura e baixo, com samples de voz e metais. "Pipes-Honour" tem um lick de guitarra com eco, um drone de baixo, uma flauta etérea e um sample vocal de fundo, "lá-lá" – nove minutos do mais puro chill-out. Uma das músicas mais atraentes do álbum é "Bless My Soul," que mistura um ritmo que não deixa ninguém parado com samples diversos que surgem e desaparecem ao longo da música. "Mission Venice" começa como uma música de filme de espionagem para se transformar em seguida num túnel de vento de ambiência espacial antes de nos deixar do outro lado.

Smokers Delight é um daqueles discos que fazem todo mundo perguntar "o que é isso?" ao serem ouvidos pela primeira vez. O mais provável é que comprem o disco logo em seguida – o que é muito bom. **RM**

Lista de músicas

▶	01	**Nights Introlude** (Evelyn)	4:39
▶	02	**Dreddoverboard** (Boy Wonder • E.A.S.E.)	5:48
▶	03	**Pipes-Honour** (Evelyn)	9:05
	04	**Me + You** (Evelyn)	0:56
	05	**Stars** (Evelyn)	6:59
	06	**Wait a Minute/Prayin (For A Jeepbeat)** (Evelyn)	2:44
	07	**Groove St.** (Evelyn)	7:30
	08	**Time (To Listen)** (Evelyn)	0:25
	09	**(Man) Tha Journey** (Evelyn)	6:19
▶	10	**Bless My Soul** (Evelyn)	5:56
	11	**Cruise (Don't Stop)** (Evelyn)	7:05
▶	12	**Mission Venice** (Evelyn)	2:50
	13	**What I'm Feelin (Good)** (Evelyn)	2:26
	14	**Rise** (Evelyn)	5:14
	15	**Rise (Reprise)** (Evelyn)	1:46
	16	**Gambia Via Vagator Beach** (Evelyn)	4:41

Tricky | Maxinquaye (1995)

Selo | Island
Produção | Howie B. • Kevin Petrie • Mark Saunders • Tricky
Projeto gráfico | David Alvarez • Cally
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 57:01

Adrian "Tricky" Thaw deixou de ser popular tão rápido que hoje é difícil explicar por que a idéia de um projeto solo desse artista era tão empolgante. Por conta de seus péssimos álbuns lançados depois, o trabalho do antigo rapper do Massive Attack agora faz parte de um cantinho no lixo da história catalogado como "cultura pop dos anos 90".

Em meados dos anos 90, o marcante álbum de estréia do Massive Attack, *Blue Lines,* tinha determinado novas tendências para a música contemporânea da Europa Ocidental. Qualquer inovação dentro da forma (amplamente denominada trip-hop) era esperada com muita expectativa, ainda mais quando se tratava de um trabalho de um ex-integrante da banda.

Essencialmente, Tricky adotou o estilo da música "Five Man Army", do Massive Attack, e reforçou a atmosfera claustrofóbica e ameaçadora: efeitos sonoros, inflexões dub, samples e voz retorcidos e distorcidos. A música é por vezes lânguida, outras vezes violenta, experimental, mas nunca auto-indulgente. Contudo, *Maxinquaye* também dialogava com o rock moderno, transformando "Black Steel In The Hour Of Chaos", do Public Enemy, num rock alternativo com guitarras distorcidas. O tom áspero de Tricky, típico de Bristol, continua desconcertante (a sua colega do Massive Attack, Martine, acrescentou a sua voz aveludada à música "Ponderosa"). Ainda que seja autobiográfico em alguns momentos, *Maxinquaye* deixa de lado a arrogância das letras do hip-hop e opta por explorar o filão da paranóia e do ódio com tonalidades raciais.

Inovador e provocante, com arranjos e produção majestosos e complexos, o álbum abriu caminho para a música falada na Grã-Bretanha. Por breves instantes, o rap britânico pareceu viável. **ARa**

"Tecnicamente sou muito ingênuo e emocionalmente estou completamente ferrado."

Tricky, 1995

Lista de músicas

01	**Overcome**	(Detroit • Fahey • Tricky)	4:28
02	**Ponderosa**	(Howie B • Martine • Tricky)	3:30
03	**Black Steel**	(Ridenhour • Sadler • Shocklee)	5:39
04	**Hell Is Around The Corner**	(Hayes • Tricky)	3:46
05	**Pumpkin**	(Tricky)	4:30
06	**Aftermath**	(Tricky	7:37
07	**Abbaon Fat Track**	(Tricky)	4:26
08	**Brand New You're Retro**	(Tricky)	2:54
09	**Suffocated Love**	(Tricky)	4:52
10	**You Don't**	(Tricky)	4:39
11	**Strugglin'**	(Tricky)	6:38
12	**Feed Me**	(Tricky)	4:02

Raekwon
Only Built 4 Cuban Linx (1995)

Selo | Loud
Produção | RZA
Projeto gráfico | Miguel Rivera
Nacionalidade | EUA
Duração | 71:51

Depois do imenso impacto do álbum de estréia do Wu-Tang Clan, *Enter The Wu-Tang (36 Chambers)*, em 1993, os álbuns solo dos membros do Clan eram esperados com grande ansiedade. *Liquid Swords* do GZA, *Tical* do Method Man e *Only Built 4 Cuban Linx* de Raekwon foram os melhores discos da primeira leva.

Um dos mais versáteis e talentosos membros do Clan, Raekwon "el Chef" criou um álbum clássico de gangsta rap. Estabeleceu a imagem do MC como um poderoso chefão das drogas viciado em cocaína e vestindo Gucci, um cafetão ligado ao crime em geral. *Cuban Linx* fala dos altos e baixos da vida de um marginal, desde o exuberante sucesso financeiro inicial, passando pela paranóia doentia do poder até chegar ao desespero e saudade do rei que perdeu seu trono, quando nosso anti-herói busca expiação em "Heaven And Hell".

Raekwon, junto com seu parceiro de duetos vocais e também membro do Wu, Ghostface Killah, criou um álbum cheio de climas que suspira sob o peso de faixas de alta qualidade, como "Ice Cream", "Criminology", "Rainy Dayz" e a fantástica "Wu-Gambinos", todas elas grandes marcos do gangsta. A produção inspirada do líder do Wu, RZA, reúne samples latinos, clássicos e soul para criar uma base sofisticada para as letras. O álbum, e mais precisamente o humor nele contido, influenciou artistas em ascensão como Jay-Z, Notorious B.I.G. e Nas. **CR**

The Smashing Pumpkins
Mellon Collie And The Infinite Sadness (1995)

Selo | Virgin
Produção | B. Corgan • Flood • A. Moulder
Projeto gráfico | B. Corgan • F. Olinsky
Nacionalidade | EUA
Duração | 121:49

Siamese Dream, primeiro álbum dos Smashing Pumpkins para um público mais amplo, recebeu grandes elogios por parte da crítica e teve um sucesso comercial razoável, mas o álbum posterior, *Mellon Collie And The Infinite Sadness*, é mais freqüentemente citado como o melhor da banda, conseguindo este feito sem deixar de lado as revelações emocionais e as complexidades de seu predecessor. Dividido em dois discos, intitulados respectivamente "Dawn To Dusk" e "Twilight To Starlight", o álbum cobre o amplo espectro das emoções humanas. É um tipo de composição musical alternativa e contemporânea, desde a faixa-título, passando pela triste sinfonia de guitarras de "Tonight, Tonight" até o amargo grunge de "Bullet With Butterfly Wings" e "Zero".

Pouco depois do lançamento em 1995, uma série de acontecimentos – alguns não muito bons – colocou tanto a banda quanto o álbum em destaque. No espaço de 12 meses, o Smashing Pumpkins recebeu sete nomeações para o Grammy. O tecladista que acompanhava o grupo nas turnês, Jonathan Melvin, morreu de overdose. O baterista Jimmy Chamberlin foi preso por posse de drogas e dispensado pela banda. Além disso tudo, o vocalista Bill Corgan criticou várias vezes seus companheiros em entrevistas controvertidas, afirmando que não procuravam ampliar os seus horizontes musicais. É inegável, contudo, que ao criar *Mellon Collie...* Corgan lançou-se, sem esforço aparente, em novos territórios e também criou um dos discos mais belos de toda a história do rock. **EK**

Rocket From The Crypt
Scream, Dracula, Scream! (1995)

Selo | Interscope
Produção | Rocket From The Crypt
Projeto gráfico | Mike Nelson
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:41

Em meados dos anos 90, o punk tinha se tornado um bom negócio. Green Day e Offspring haviam convertido o gênero num desfile de riffs no estilo dos Ramones, combinado com o sarcasmo de Johnny Rotten. *Scream, Dracula, Scream!* tornou o punk (des)respeitável novamente. Com sua mistura de naipes de metal e guitarras hardcore, o álbum de estréia do Rocket From The Crypt para uma grande gravadora demonstrou que o punk podia ir além da nostalgia dos anos 70.

Gravado no Gold Star Studios de Hollywood, o álbum tinha sido concebido de uma maneira orgânica, com sopros e cordas relaxantes substituindo os espaços silenciosos entre as músicas.

"Young Livers" e "Drop Out" descem das caixas de som com um veneno no melhor estilo Gene Vincent. A seção de sopros com dois integrantes acrescenta ainda mais pegada e energia à mistura. As músicas "On A Rope" e "Born In '69" correm como carros turbinados, impulsionadas ainda mais pelo punch dos metais. Apesar de o álbum ser basicamente puro peso, também possui suaves sabores pop. "Misbeaten" e "Ball Lightening" desenvolvem harmonias delicadas que poderiam pertencer aos Drifters.

Scream, Dracula, Scream! inspirou todos aqueles que estavam de saco cheio dos "clones de cabelo verde" a bradarem novamente a glória do punk. Mais importante ainda, o disco abriu uma grande variedade de timbres para as bandas de garagem. Mostrou que, nas mãos adequadas, até mesmo um trompete pode soar punk. **TB**

The Chemical Brothers
Exit Planet Dust (1995)

Selo | Virgin
Produção | The Chemical Brothers
Projeto gráfico | Negativespace
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 49:27

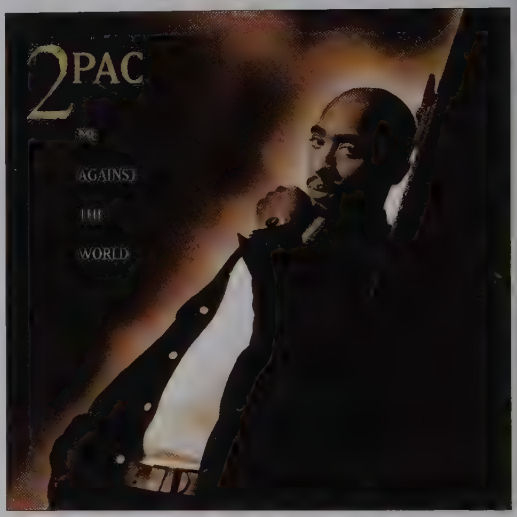
Sendo um marco para o gênero big beat, *Exit Planet Dust* possui todos os elementos característicos do som do Chemical Brothers: uma mistura deliciosa de psicodelismo, hip-hop, breakbeats, acid house, funk e rock com muitas guitarras. As linhas pesadas de baixo e os fortes ritmos de bateria dominam as músicas, desde a primeira, "Leave Home", passando pela dançante "In Dust We Trust", que se transforma suavemente em uma velha versão ao vivo da música "Song To The Siren" (sampleando Meat Beat Manifesto e This Mortal Coil). Esta última, a primeira a ser gravada pelo grupo, tinha sido composta originalmente em 1992, quando o duo ainda tocava com o nome The Dust Brothers. Uma ação por parte dos colaboradores dos Beastie Boys, que já usavam o mesmo nome, obrigou-os a mudar para Chemical Brothers em 1995.

A força de *Exit Planet Dust* deve-se em grande parte às músicas instrumentais, mas já havia indícios de que o duo estava partindo para um formato mais próximo do pop. A fabulosa "Life Is Sweet" tem vocais do líder do Charlatans, Tim Burgess. Já a música final, "Alive Alone", foi praticamente responsável pelo lançamento da carreira de Beth Orton.

Este álbum, que interessa tanto aos fãs do rock quanto da dance music, acabou gerando um hit no Top 10 britânico e teve um milhão de cópias vendidas em todo o mundo. Outros, como Fatboy Slim, logo vieram se juntar ao estilo big beat, mas foi com este álbum que tudo começou. **PN**

Tupac | Me Against The World (1995)

Selo | Interscope
Produção | Sam Bostic • Tony Pizarro
Projeto gráfico | Eric Altenburger
Nacionalidade | EUA
Duração | 65:56



Apesar dos muitos produtores diferentes, *Me Against The World* possui uma sofisticação fluida. Não só é o melhor álbum de Tupac como também é um dos mais bonitos e comoventes discos de hip-hop da história.

Metido em encrencas desde que se consagrou com o grupo funky Digital Underground, Tupac já tinha atirado em um policial, brigado com cineastas, levado tiros e havia sido acusado de abusos sexuais. A última acusação fez com que ficasse preso durante oito meses, transformando-o no primeiro artista a alcançar o primeiro lugar nos Estados Unidos enquanto estava na cadeia.

Esse rastro de destruição obscureceu a sua maturidade musical. *2Pacalypse Now* (1991) e *Strictly For My N.I.G.G.A.Z.* (1993) são misturas remendadas de funk, no estilo do Digital Underground, com rap hardcore. Mas o surgimento do G-funk (o gênero adequado às rádios que Dr. Dre criou) fez milagres: fã de Stevie Wonder, Tupac tinha preferência por sons mais suaves.

Thug Life Vol. 1 (1994) é uma fusão espetacular de samples soul e rimas mais soltas, e *Me Against The World* completa essa fusão – sobretudo em "Dear Mama", uma balada comovente que Tupac queria deixar de fora do disco.

Também encontramos a deliciosa "Old School", uma homenagem a todos os rappers de Nova York que Tupac citou em sua defesa quando eclodiu a guerra (musical) entre a Costa Leste e a Oeste. A paranóia que atrapalha os seus últimos trabalhos ficou restrita a poucas faixas deste álbum, mais especificamente à aterradora "Death Around The Corner".

Uma vez fora da prisão, Tupac vendeu a sua alma ao Death Row e começou a produzir uma série de álbuns algumas vezes bons, outras não. É aqui, contudo, que encontramos seu melhor momento. **BM**

"Os bons negros (...) são mortos pela violência."

Tupac, 1996

Lista de músicas

01	**Intro**	(Uncredited)	1:40
02	**If I Die 2Nite**	(Harvey Jr.•Shakur)	4:01
03	**Me Against The World**	(Shakur)	4:40
04	**So Many Tears**	(Baker•Jacobs•ShakurWalker)	3:59
05	**Temptations**	(Harvey Jr.•Shakur)	5:00
06	**Young Niggaz**	(Moe-Z•Shakur•Tyler)	4:53
07	**Heavy In The Game**	(Bostic•Mosley•Shakur)	4:23
08	**Lord Knows**	(Shakur)	4:31
09	**Dear Mama**	(Pizarro•Shakur)	4:39
10	**It Ain't Easy**	(Pizarro•Shakur)	4:53
11	**Can U Get Away**	(Mosley•Shakur)	5:45
12	**Old School**	(Shakur)	4:40
13	**Fuck The World**	(Jacobs•Shakur)	4:13
14	**Death Around The Corner**	(Johnny J.•Shakur)	4:07
15	**Outlaw**	(Moe-Z•Shakur)	4:32

Elastica | Elastica (1995)

Selo | Deceptive
Produção | Elastica • Marc Waterman
Projeto gráfico | Anonymous
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:59

"O Blur não vai fazer sucesso nenhum nos Estados Unidos" – afirmou Courtney Love para a platéia de um festival na Grã-Bretanha em 1995, "mas o Elastica sim!." Ela estava certa, pois este grupo conseguiu um disco de ouro nos Estados Unidos, tocou no Lollapalooza e entrou para o Top 100 com as músicas "Connection" e "Sutter", jóias que brilharam depois do britpop ter sumido.

Numa época em que muitos julgavam que o estilo cool da Inglaterra iria se impor ao "Tio Sam", Justine Frischmann tinha credenciais impecáveis: foi integrante do Suede ("See That Animal" foi composta em conjunto com Brett Anderson, também do Suede), vivia com o vocalista do Blur, Damon Albarn (que é mencionado no *Elastica* sob o pseudônimo de Dan Abnormal) e era a líder da banda mais "descolada" desde Chrissie Hynde. As suas músicas, livres do peso dos solos ou de "conceitos", eram rápidas e curtas. "Se quiser ouvir o refrão de novo", declarou ela, "volte a música." As novas e serpenteantes músicas continham, entretanto, suas peculiaridades: "Connection" começa com sons de abalos sísmicos, o baterista Justin Welch vomita em "Line Up" (deixando claro o sentido de "toda essa merda na indústria musical, o tipo de coisa que deixa Justine enojada") e a música "Car Song" é graciosamente obscena.

Os jornalistas que tinham elogiado as pilhagens musicais do Oasis não tardaram a criticar o Elastica por terem plagiado "No More Heroes", do The Strangers, para fazer "Waking Up" e depois "Three Girl Rhumba", do Wire, para "Connection". O Elastica acabou cedendo parte de seus direitos autorais para seus padrinhos da new wave. Curiosamente, a música "Girls And Boys" do Blur tinha uma linha de baixo muito parecida com "Line Up". "Não falamos a respeito", disse Frischemann, "são coisas que podem causar divórcios." Seja como for, o Elastica continua quicando lindamente hoje em dia. **BM**

"Sei o que não somos."

Justine Frischmann, 1995

Lista de músicas

01	**Line Up**	(Elastica)	3:15
02	**Annie**	(Elastica)	1:13
▶ 03	**Connection**	(Elastica)	2:20
04	**Car Song**	(Elastica)	2:24
05	**Smile**	(Elastica)	1:40
06	**Hold Me Now**	(Elastica)	2:32
07	**S.O.F.T.**	(Elastica)	3:58
08	**Indian Song**	(Elastica)	2:46
09	**Blue**	(Elastica)	2:21
10	**All Nighter**	(Elastica)	1:33
▶ 11	**Waking Up**	(Elastica)	3:15
12	**2:1**	(Elastica)	2:31
13	**Vaseline**	(Elastica)	1:22
14	**Never Here**	(Elastica)	4:26
▶ 15	**Stutter**	(Elastica)	2:23

Supergrass | I Should Coco (1995)

Selo | Parlophone
Produção | Sam Williams
Projeto gráfico | Supergrass
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 40:27

Os integrantes do Supergrass, de Oxford, ainda eram adolescentes quando gravaram o seu primeiro álbum: continha 13 músicas carregadas de uma energia própria da juventude e lhes valeu o reconhecimento como compositores e músicos.

O disco foi gravado durante uma sessão que durou uma semana num estúdio residencial no campo, onde os rapazes podiam jogar bilhar, andar de barco ou compor músicas fantásticas sobre a delinqüência juvenil. Todas as músicas de *I Should Coco* possuem um enorme sentido de diversão e efervescência. Até as músicas mais calmas, como "Sofa (Of My Letargy)" e "Time", conseguiam provocar um sorriso no rosto dos ouvintes mais severos. Os singles – tirados das músicas de andamento mais rápido como "Lenny", "Caught By The Fuzz" e "Mansize Rooster" – deixavam transparecer a idéia de uma juventude passada em torno do glam rock, do grupo Generation X de Billy Idol e das vertentes mais pop do movimento punk.

Com "Alright" eles acertaram em cheio: um sucesso fácil para rádios que tinha um sabor de verão. A letra falava sobre coisas como escovar os dentes e ficar acordado até tarde, e a carga adolescente da música era irresistível. Junto com a capa de visual infantil e o videoclipe promocional, o Supergrass ficou gravado na consciência da nação como um grupo de compositores malandros que gostavam de diversão, lembrando, neste sentido, The Monkees. Um conhecido produtor de TV norte-americano lhes ofereceu uma série para tirar proveito de sua imagem "descolada" mas ainda assim simpática. A oferta foi rejeitada.

Tal como muitas outras bandas antes, o Supergrass acabaria desenvolvendo mais tarde um lado mais introspectivo e sombrio. As boas vibrações e travessuras de *I Should Coco*, entretanto, continuam sendo um passeio divertido pela história do pop e do rock britânicos. **JK**

"Soa fantástico no rádio ou num carro."

Mickey Quinn, 1995

Lista de músicas

	01	**I'd Like To Know** (Supergrass)	4:01
▶	02	**Caught By The Fuzz** (Supergrass)	2:16
▶	03	**Mansize Rooster** (Supergrass)	2:34
▶	04	**Alright** (Supergrass)	3:01
▶	05	**Lose It** (Supergrass)	2:37
	06	**Lenny** (Supergrass)	2:42
	07	**Strange Ones** (Supergrass)	4:19
	08	**Sitting Up Straight** (Supergrass)	2:20
	09	**She's So Loose** (Supergrass)	2:59
▶	10	**We're Not Supposed To** (Supergrass)	2:03
	11	**Time** (Supergrass)	3:10
	12	**Sofa (Of My Lethargy)** (Supergrass)	6:18
	13	**Time To Go** (Supergrass)	1:56

Radiohead | The Bends (1995)

Selo | Parlophone
Produção | John Leckie
Projeto gráfico | Stanley Donwood
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:34

É fato conhecido que o peso do sucesso de um único single pode destruir uma banda – é melhor repetir o mesmo e ser acusado de estar cedendo aos impulsos comerciais ou seguir seus ideais artísticos e arriscar-se a confundir os fãs? Livres do paralisante e claustrofóbico sucesso do single "Creep", que se tornou um clássico, o Radiohead decidiu fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

The Bends é sua obra-prima de rock. Ainda longe de explorar a fundo seu fascínio pela música eletrônica, o grupo construiu um punhado de músicas que tinham uma identidade provocante, porém frágil, e, mais importante, podiam fazer com que um estádio em peso dançasse ao som delas. Todas as músicas deste álbum merecem atenção – todas são suficientemente sólidas para que os músicos que tocam nas ruas queiram interpretá-las, acompanhados por um violão ou o mais próximo possível da versão original com uma banda inteira. "Bones", "Just" e "My Iron Lung" (um single gravado ao vivo, exceto pela voz) ainda hoje conseguem levantar multidões. Depois vinha o lado tranqüilo: o delicioso sarcasmo de "Nice Dream", a sonolenta "Bullet Proof" ou ainda a música que encerra o álbum com um toque falsamente hippie. "Immerse your soul in love" ("Afunde sua alma em amor") é o que Yorke diz numa das suas melhores interpretações até hoje. É impossível não concordar, entre abismado e admirado.

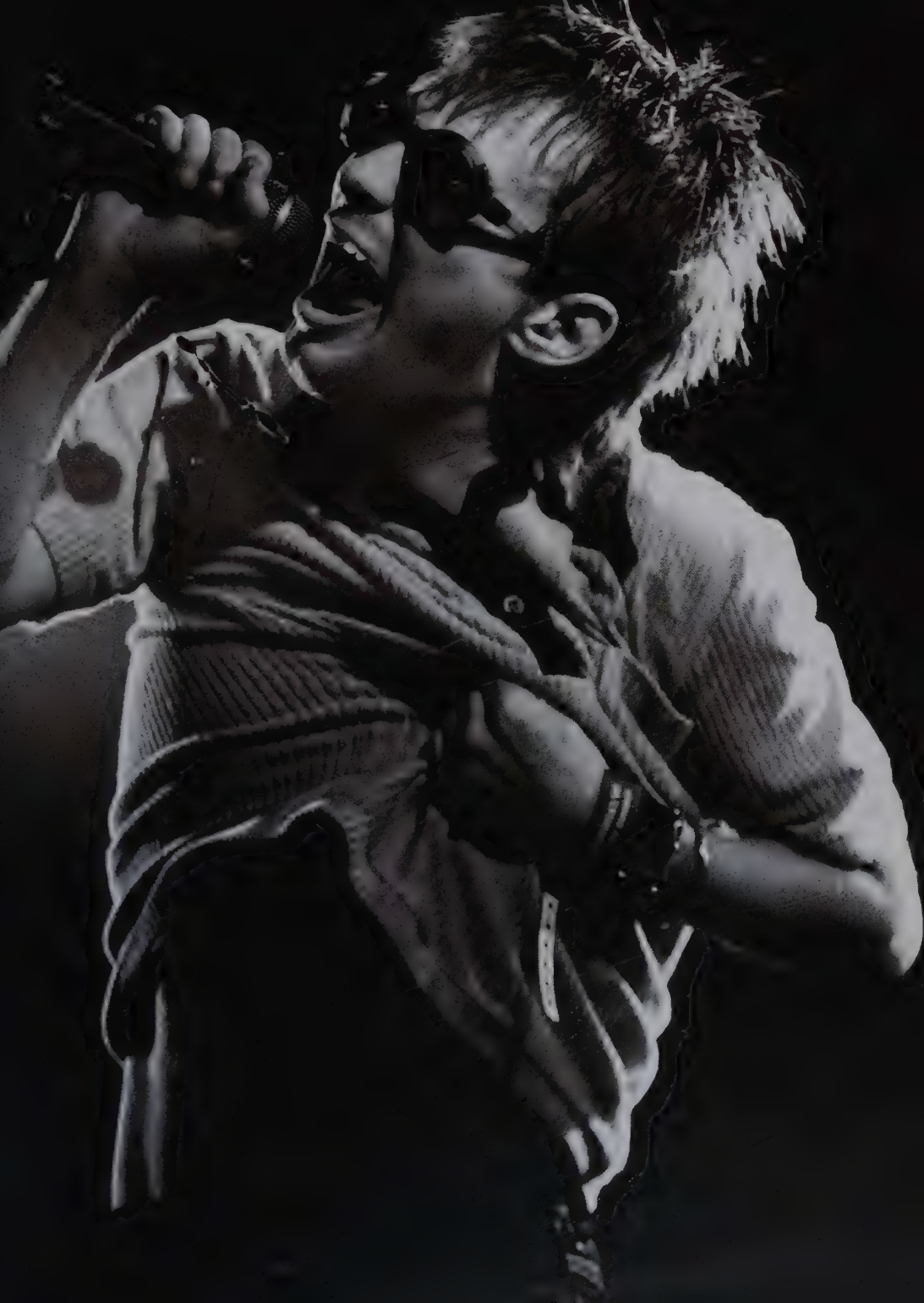
Visualmente falando, *The Bends* é uma confusão – a capa mostra uma imagem digitalmente manipulada de um boneco para prática médica de ressuscitamento. Possivelmente era um sinal daquilo que ainda estava por vir, porque os álbuns seguintes seriam ainda mais abstratos. Em 1995, pelo menos, o som do Radiohead era simplista, em comparação, e tinha um efeito devastador – o som de uma era de ouro. **JK**

"Tem sempre essa sensação de que você é uma extensão dessa coisa da Coca-Cola."

Thom Yorke, 1995

Lista de músicas

▸	01	**Planet Telex** (Radiohead)	4:19
	02	**The Bends** (Radiohead)	4:06
	03	**High And Dry** (Radiohead)	4:17
	04	**Fake Plastic Trees** (Radiohead)	4:50
▸	05	**Bones** (Radiohead)	3:09
	06	**(Nice Dream)** (Radiohead)	3:53
▸	07	**Just** (Radiohead)	3:54
▸	08	**My Iron Lung** (Radiohead)	4:36
	09	**Bullet Proof... I Wish I Was** (Radiohead)	3:28
	10	**Black Star** (Radiohead)	4:07
	11	**Sulk** (Radiohead)	3:42
▸	12	**Street Spirit (Fade Out)** (Radiohead)	4:13



Guided By Voices
Alien Lanes (1995)

Selo | Matador
Produção | Mr. Japan
Projeto gráfico | Bob O. • Mark O.
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:00

Uma leitura rápida dos títulos das músicas deste disco nos leva a crer que Alien Lanes pertence a uma banda de punk hardcore – 28 faixas ao todo, sendo que apenas quatro têm mais que dois minutos e uma tem míseros 18 segundos. Mas, na realidade, este álbum não é mais do que uma doce genialidade melódica, uma miscelânea pop lo-fi que destila ganchos pop como uma invasão dos anos 60 da Inglaterra até o núcleo mais essencial.

Alien Lanes foi o segundo álbum da banda para o selo independente Matador, o nono da banda no cômputo geral e a continuação da pequena revolução que foi *Bee Thousand*. As expectativas eram bem altas: muitos esperavam um som bem produzido que levasse a banda ao grande público. O disco nunca chegou às rádios, mas fortaleceu a base de seguidores que consideravam a banda cult. The Strokes citou o GBV como uma de suas maiores influências e fez uma versão da primeira faixa, "A Salty Salute", sete anos depois, enquanto a *Pitchfork Media* continua listando o trabalho como um dos melhores da década.

As músicas são aparentemente simples – o som rudimentar e com chiados nos dá a sensação de estarmos ouvindo fitas demo de um ensaio em um porão e não uma gravação de estúdio trabalhada. É por isso que a revista *Rolling Stone* chamou o disco de "uma gravação pirata preciosa", e o vocalista da banda, Robert Pollard, admitiu exatamente o mesmo numa entrevista em 1995: "Somos apenas pretendentes a músicos clássicos de rock. Tudo o que tínhamos eram nossos porões e gravadores de quatro canais. Várias vezes fomos para os grandes estúdios, mas nunca funcionou." **JC**

Femi Kuti
Femi Kuti (1995)

Selo | Motown
Produção | Femi Kuti • Andy Lyden
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Nigéria
Duração | 72:48

Os descendentes de artistas revolucionários nunca têm uma vida fácil. Seria bastante mais simples, por exemplo, colocar Femi de lado como uma espécie de "Fela lite" – não fosse pelo fato dos seus discos provarem exatamente o oposto. Além disso, embora tenha sido muitas vezes tratado pelos supostamente "sofisticados" ocidentais como um músico excêntrico e interessante, cujo tempero era resultado de muito fumo e vodu, Femi é bem mais que isso.

Ele aprendeu a tocar saxofone com o seu pai no início dos anos 80, no Egito. Ainda que o brilho musical do pai estivesse diminuindo, aquela era uma época politicamente muito conturbada, onde havia violência por parte do governo autoritário nigeriano e músicas cheias de farpas por parte do músico – Femi não tinha como deixar de ser influenciado. Quando saiu da banda de Fela para iniciar a sua própria, chamada Positive Force, as diferenças e as semelhanças tornaram-se bem visíveis: continuava tendo o ritmo africano, com ataques evidentes à corrupção do governo, mas a música estava mais centrada naqueles que a ouviam do que em seus intérpretes.

Enquanto a saúde de Fela piorava ao longo dos anos 90, aumentava o interesse pelo novo material de Kuti. Finalmente a editora Tabu, propriedade da Motown, ofereceu a Femi uma oportunidade de seguir a trilha aberta por seu pai. Ele estava pronto, tendo uma grande banda e excelente material. O disco resultante é um clássico de jazz, funk e alguma raiva, servidos com fortes ritmos africanos, mas os extremos mais radicais de Fela nos anos 70 haviam sido abrandados para melhor.

Na África, este trabalho foi um enorme sucesso. Contudo, quando a Motown fechou a sua filial, Femi foi obrigado a repensar a sua carreira internacional. **DH**

The Verve
A Northern Soul (1995)

Selo | Hut
Produção | Owen Morris • The Verve
Projeto gráfico | Brian Cannon
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 59:18

Parece estranho elogiar uma banda por ter decidido se dissolver, mas há poucas maneiras melhores de desaparecer do que esta. Áspero, violento, muitas vezes radical, cheio do espírito do sofrimento humano mas ainda assim cheio de um sentimento de redenção, o segundo álbum do The Verve, *A Northern Soul*, é uma ode apaixonada e afetuosa ao caos e à desolação. Depois de ter deixado par trás as "torrentes de som" no estilo shoe gazing de seu álbum de estréia, *A Storm In Heaven*, a banda apresentou músicas trabalhadas e tocantes, com a voz sofrida de seu vocalista, Richard Ashcroft, em um de seus melhores momentos. O termo "catártico" é demasiado usado no mundo da música, mas com as rivalidades internas da banda e namoradas roubadas para aumentar as feridas, este disco funcionou para eles como uma terapia.

A faixa-título, cheia de estática, dá a sensação de alguém estar se afogando num mar revolto, mas ainda assim faz com que o ouvinte se sinta mais forte. "This Is Music" é um ataque de adrenalina metralhado por guitarras, enquanto "Life's An Ocean" consegue juntar visões terríveis do futuro com uma das linhas de baixo mais cheias de sentimento de todos os tempos.

E então vem "History". Lançada como último single do grupo (em duas versões – "Todas as despedidas deveriam ser curtas", estava escrito na capa de uma delas), é um épico inspirado no poema de William Blake intitulado "London" falando sobre a rejeição, o declínio, a saudade e o medo, mas ainda assim conseguindo transmitir esperança. Foi uma maneira dramática e inesperada de desaparecer – em poucas palavras, perfeita.

Obviamente que o grupo arruinou todo esse impacto ao juntar-se anos depois para gravar o disco *Urban Hymns*, mas *A Northern Soul* é indubitavelmente seu melhor legado. **PS**

Madredeus
Ainda (1995)

Selo | EMI/Valentim de Carvalho
Produção | Pedro Ayres Magalhães
Projeto gráfico | Luís Miguel
Nacionalidade | Portugal
Duração | 39:30

Este disco é dedicado à cidade de Lisboa. Foi produzido como trilha sonora para o filme de Wim Wenders, *O Céu de Lisboa*, mas tem uma identidade própria. O que o cineasta encontrou no grupo foi uma representação plena da alma de Lisboa, uma maneira de sentir e contar as histórias entre a luz e as sombras da cidade (que já é, em si, quase um cenário cinematográfico).

Essa imagem veemente transmitida pelo álbum é hipnótica, tal como as melodias e a interpretação dos músicos. Tudo ganha uma coesão aparentemente inabalável. O som do Madredeus vive do encanto provocado pela junção emocionante da voz de Teresa Salgueiro com o virtuosismo e a atmosfera dos instrumentos e as letras existenciais. Acompanhada por José Peixoto e Pedro Ayres Magalhães na guitarra, Francisco Ribeiro no violoncelo, Gabriel Gomes no acordeão e Rodrigo Leão nos teclados, Teresa Salgueiro soa humana, frágil porém intensa. Os instrumentos criam uma intimidade impenetrável mas extremamente apaixonante. As imagens fortes também estão presentes nas músicas acústicas.

Muitas dessas músicas foram escritas longe de Lisboa e, talvez por isso, sejam tão eficazes na sua representação, por se nutrirem de uma cidade que reside na imaginação como imagem. Há neste álbum uma magia semelhante à encontrada no filme, expressa como música mas, como no filme, tornada viva por guardar fotografias, histórias divididas em fragmentos, lembranças de pessoas ou de lugares. Algo que queremos ter sempre perto e que o tempo só torna mais valioso, sem desgastar. **Li**

Pulp | Different Class (1995)

Selo | Island
Produção | Chris Thomas
Projeto gráfico | Pulp
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 51:54

Os meados dos anos 90 foram muito promissores para a música pop britânica. A música pop dessa época glorificava essa "Cool Britannia", uma Inglaterra elegante e cheia de estilo, e a reinvenção entusiástica do formidável passado do país – e, em particular, a recriação da música dos anos 60, representada por clássicos como The Beatles, The Kinks e The Small Faces – se propagou pelo mundo da música. No auge do britpop houve uma guerra de popularidade entre o Blur e o Oasis, mas uma grande maioria acredita que o vencedor foi o Pulp com o seu quinto álbum, *Different Class*.

O líder do grupo, Jarvis Cocker, comparou o sentimento de exuberância a uma revolução da classe trabalhadora. Detentor de uma capacidade única de contar de histórias e de um estilo eloqüente e teatral, deu vida a seus personagens através de grande atenção aos detalhes, coisa que falta a muitos compositores. A versão diferente de pop que o Pulp fazia virou uma geração inteira de pernas para o ar, convertendo suas músicas em hinos. Basta lembrar da imortal e eletrizante "Common People" (não há ironia alguma na raiva com que Cocker interpreta a música) ou das recordações de escola da música "Disco 2000". "I Spy" é uma vinheta atrativamente sombria de voyeurismo, enquanto "Sorted For E's And Wizz" é um instantâneo cortante do lado menos atraente da cultura rave.

O título do álbum veio a Cocker como uma epifania, num clube que costumava freqüentar. De onde a mensagem na contracapa do álbum: "Não queremos criar problemas, queremos apenas ter o direito de ser diferentes. Só isso." Composto com um nível superior de estilo e inteligência, *Different Class* elevou por um curto período o Pulp acima de seus colegas do britpop. **KM**

"Fico obcecado por mulheres muito facilmente. Mas dura apenas uns dias."

Jarvis Cocker, 1995

Lista de músicas

01	**Mis-Shapes**	(Pulp)	3:46
02	**Pencil Skirt**	(Pulp)	3 11
▸ 03	**Common People**	(Pulp)	5 50
04	**I Spy**	(Pulp)	5 55
▸ 05	**Disco 2000**	(Pulp)	4 33
06	**Live Bed Show**	(Pulp)	3 29
07	**Something Changed**	(Pulp)	3 18
08	**Sorted For E's And Wizz**	(Pulp)	3 47
▸ 09	**F.E.E.L.I.N.G.C.A.L.L.E.D.L.O.V.E**	(Pulp)	6 01
▸ 10	**Underwear**	(Pulp)	4 06
11	**Monday Morning**	(Pulp)	4 16
12	**Bar Italia**	(Pulp)	3 42

Leftfield | Leftism (1995)

Selo | Hard Hands
Produção | Leftfield
Projeto gráfico | Jonathan Cooke
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 69:39

A expectativa estava matando todos. Paul Daley e Neil Barnes tinham estabelecido fundações sólidas para a música dance britânica com a formidável "Open Up", de 1993, uma colaboração estrondosa com John Lydon, para depois desaparecerem da cena musical. Quinze meses depois as coisas ficaram bem claras. Será este o melhor álbum de dance da história? Talvez. É, sem dúvida, o mais inteligente. *Leftism* tem um ritmo estupendo. "Black Flute" é a primeira música em que o tempo aumenta de forma significativa. A primeira meia hora é passada em espaços escuros ("Release The Pressure"), criando sons que deixam qualquer um impressionado ("Melt") e arrebentando a caixa torácica do ouvinte com linhas de baixo arrasadoras ("Original"). A capa do álbum – um cone de alto-falante imprensado por uma mandíbula de tubarão – é uma declaração de intenções.

Depois de seduzi-lo, a dupla decide que chegou o momento de *subjugá-lo*. A monumental "Space Shanty" consegue isso sem um mínimo de esforço – sete minutos de pura loucura só igualados por "Voodoo People", do Prodigy, dentro do gênero. Depois de alcançar tamanha intensidade, artistas com menos talento teriam apenas aumentado o andamento, mas "Inspection (Check One)" demonstrou que a invenção é tão eficaz quanto a aceleração. Então, depois da supracitada "Open Up", acabamos onde começamos, com músicas mais calmas e demonstrando consciência social. É a vez de "21st Century Poem", embebido na raiva tranqüila do poeta de Manchester, Lemn Sissay. *Leftism* foi candidato aos Mercury Music Prize inglês. O fato de ter perdido para *Dummy*, do Portishead – trabalho igualmente revolucionário –, não significa que não tenha restaurado a fé na música dance: Leftfield salvou o gênero. **CB**

"(...) o seu som é influenciado pelo desenvolvimento das máquinas que você usa."

Paul Daley, 1995

Lista de músicas

01	**Release The Pressure**	(Barnes • Daley)	7:39
02	**Afro-Left**	(Barnes • Cole • Daley)	7:33
03	**Melt**	(Barnes • Daley)	5:21
04	**Song Of Life**	(Barnes • Daley • Rupkina)	6:55
▶ 05	**Original**	(Barnes • Daley • Halliday)	6:22
06	**Black Flute**	(Barnes • Daley)	3:46
▶ 07	**Space Shanty**	(Barnes • Daley)	7:15
08	**Inspection (Check One)**	(Barnes • Clarke • Daley)	6:30
09	**Storm 3000**	(Barnes • Daley)	5:44
▶ 10	**Open Up**	(Barnes • Daley • Lydon)	6:52
11	**21st Century Poem**	(Barnes • Daley)	5:42

D'Angelo | Brown Sugar (1995)

Selo | EMI
Produção | Kedar Massenburg
Projeto gráfico | Henry Marquez
Nacionalidade | EUA
Duração | 53:21

Mesmo já tendo conquistado um novo pico em termos de sucesso comercial, a "música urbana" encontrava-se em decadência no princípio dos anos 90. O gênero estava muito centrado no hip-hop e em baladas suntuosas no estilo Whitney Houston, ignorando quase inteiramente seu passado. Como pioneiro do movimento neo-soul, D'Angelo iria contribuir para que o R&B regressasse às origens.

O cantor surgiu na cena musical aos 21 anos, com todos os atributos de uma estrela pronta para o departamento de marketing: um belo rosto, abdominais esculpidos e pronto para provar que era a ponte ideal entre Smokey Robinson, Marvin Gaye e a música soul contemporânea. Em seu álbum de estréia, *Brown Sugar*, D'Angelo trouxe uma atitude inquestionavelmente moderna no estilo b-boy, mas ao mesmo tempo era um som que não pareceria deslocado no Apollo dos anos 60.

A dívida para com Prince fica evidente, pois o vocalista inicia o álbum com a lenta e penetrante faixa-título e depois parece deitar-se em lençóis de cetim de cor púrpura em "Jonz In My Bonz". Certamente há uma vibração Barry White na música "Alright", apesar de a voz em falsete do artista ser completamente diferente do profundo timbre grave de White. Smokey Robinson nunca teria cantado nada tão energético quanto "Shit, Damn, Motherfucker", mas D'Angelo não tem problema algum em revestir a música "Cruisin'" de Robinson com tonalidades mais modernas.

Brown Sugar não foi revolucionário – foi *evolucionário*: uma revisão do R&B do passado usando sonoridades contemporâneas. O álbum foi um sucesso (duplo de platina) com quatro singles, preparando terreno para a tão esperada continuação que só veio em 2000 com *Voodoo*, que estreou direto no primeiro lugar das paradas norte-americanas. **JiH**

"Faço música negra...
É o único limite que aceito."

D'Angelo, 1996

Lista de músicas

▶	01	**Brown Sugar** (D'Angelo • Muhammad)	4:22
	02	**Alright** (D'Angelo)	5:15
	03	**Jonz In My Bonz** (D'Angelo • Stone)	5:56
	04	**Me And Those Dreamin' Eyes Of Mine** (D'Angelo)	4:46
	05	**Shit, Damn, Motherfucker** (D'Angelo)	5:14
	06	**Smooth** (L. Archer • D'Angelo)	4:18
▶	07	**Cruisin'** (Robinson • Tarplin)	6:28
	08	**When We Get By** (D'Angelo)	5:48
▶	09	**Lady** (D'Angelo • Saadiq)	5:47
	10	**Higher** (L. Archer • R. Archer • D'Angelo)	5:27

Oasis | (What's The Story) Morning Glory? (1995)

Selo | Creation
Produção | Noel Gallagher • Owen Morris
Projeto gráfico | Brian Cannon
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 50:05

What's The Story... foi o epicentro do britpop, um rejuvenescimento cultural que abrangeu toda a Grã-Bretanha nos anos 90, reavivando, ainda que por breves instantes, um orgulho pela música, moda e arte do país que não se via desde os longínquos anos 60.

"Helio" é uma música tipicamente arrogante para iniciar o álbum – o refrão é uma sátira à música de Gary Glitter, "Hello! Hello! I'm Back Again". O hino "Don't Look Back In Anger" não levou muito tempo para converter-se na música favorita dos estádios de futebol (a letra foi inspirada em um fragmento de uma conversa de John Lennon). "Some Might Say" proporcionou à banda o seu primeiro lugar na Inglaterra, ainda que muitos achassem que o ponto alto do álbum fosse a cativante "Wonderwall" (segundo lugar na Inglaterra), com acompanhamento de violoncelos – o título da música vem de uma trilha sonora composta por George Harrison em 1969: Noel afirmou que tinha sido composta para a sua namorada, Meg Matthews. Em termos de ternura e dimensão épica, contudo, a comovente "Cast No Shadow" (que fala do vocalista do Verve, Richard Ashcroft) supera as expectativas: as cordas são cheias de sentimento e Liam interpreta intensamente as letras evocativas com uma voz que raras vezes conseguiu igualar. A faixa-título é um hino combativo com um refrão de afirmação da vida cercado por ruídos apocalípticos de helicópteros. Chegamos então à doce "Champagne Supernova", que encerra o álbum com solos de guitarra dramáticos interpretados por Noel e Paul Weller. Noel explicou ao diretor de arte Brian Cannon que o álbum era essencialmente urbano, daí a capa do álbum – uma fotografia de Berwick Street no Soho de Londres.

No Verão de 1996, *What's The Story...* já tinha alcançado nove discos de platina, definindo assim uma época e um lugar de forma mais absoluta do que qualquer outro álbum inglês até então. **AMa**

"À medida que cada geração avança, tira proveito do que foi feito antes."

Noel Gallagher. 1995

Lista de músicas

01	**Hello**	(N. Gallagher)	3:23
02	**Roll With It**	(N. Gallagher)	4:00
▶ 03	**Wonderwall**	(N. Gallagher)	4:17
04	**Don't Look Back In Anger**	(N. Gallagher)	4:48
05	**Hey Now**	(N. Gallagher)	5:41
06	**Instrumental**	(N. Gallagher)	0:44
▶ 07	**Some Might Say**	(N. Gallagher)	5:28
▶ 08	**Cast No Shadow**	(N. Gallagher)	4:51
09	**She's Electric**	(N. Gallagher)	3:40
▶ 10	**Morning Glory**	(N. Gallagher)	5:03
11	**Instrumental**	(N. Gallagher)	0:39
▶ 12	**Champagne Supernova**	(N. Gallagher)	7:31

Goldie
Timeless (1995)

Selo | FFRR
Produção | Goldie • Rob Playford
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 113:10

Antes de *Timeless*, no início dos anos 90, o jungle e o drum 'n' bass eram os novos sons do underground da Inglaterra. O jungle precisava de uma cara e de uma voz, e foi então que surgiu Goldie, um personagem quase folclórico com um passado nebuloso e uma óbvia paixão pela música. *Timeless* foi um dos primeiros álbuns de drum 'n' bass e o primeiro a ser um verdadeiro sucesso.

O single que abre o disco e dá nome ao álbum é uma música ambiciosa com mais de 20 minutos em três movimentos. "Timeless" é ao mesmo tempo majestosa, ambient, soul e furiosa – um tour de force com ritmos de bateria complexos e linhas de baixo memoráveis. "Saint Angel" trazia sintetizadores e hi-hats bem agudos que entravam em um crescente furioso até criar um ritmo de bateria cortante como uma navalha. "State Of Mind" é uma música mais doce, com a voz meiga de Loma Harris sobre um piano, cordas e um ritmo delicado de hip-hop. "Angel" tem ritmos misteriosos e ameaçadores, baterias mutantes que interagem com uma linha de baixo diabólica. Outra música digna de nota é a épica e perfeita "Sea Of Tears". A respeito dela, Goldie disse: "Tem os seus recantos sombrios... todos têm recantos assim e os meus estão em 'Sea Of Tears'." "Inner City Life" é melancólica mas eufórica ao mesmo tempo, com a voz quente de Diane Charlemagne sobre cordas climáticas, breakbeats meticulosamente editados e um baixo subsônico.

Alguns dos sons deste álbum soam datados hoje, mas poucos produtores de dance conseguiram realizar uma visão artística tão ambiciosa. Este é o som de um jazz futurista oriundo de um planeta distante usando os ritmos mais penetrantes. **APi**

Alanis Morissette
Jagged Little Pill (1995)

Selo | Maverick
Produção | Glen Ballard
Projeto gráfico | Tom Recchion
Nacionalidade | Canadá
Duração | 57:23

Jornalistas preguiçosos catalogaram *Jagged Little Pill* como "rock terapêutico" quando foi lançado em 1995, em grande parte devido à forma ácida como Alanis aborda confessionalmente as suas relações com antigos namorados (a frase mais famosa talvez seja "Are you thinking of me when you fuck her?" – "Você fica pensando em mim quando transa com ela?" – em "You Oughta Know"). Mas essa é somente uma visão superficial: o primeiro disco "de verdade" de Alanis – a cantora e compositora canadense já tinha composto um pop ingênuo e semi-religioso anteriormente – era um álbum de rock profundamente interessante, com músicas duras mas nunca pretensiosas, apresentando ganchos líricos e composições fabulosas. O single "Ironic" é o ponto alto do álbum, com os versos espertamente auto-inconscientes de Alanis refletindo sua ironia – ou, ironicamente, não, como ela foi forçada a explicar mais de uma vez ao longo dos anos. Por outro lado, músicas como "Perfect" e "You Learn" (esta última sendo o mais próximo que há de "terapêutico" nesse trabalho) se concentram em sutilezas e não em impressionar os ouvintes. Há também muitos fogos de artifício por conta da presença de Flea e Dave Navarro, do Red Hot Chilli Peppers, em "You Oughta Know", conferindo atitude e energia ao som que, no geral, é melódico – cortesia do co-produtor, co-autor e mentor emocional de Alanis, Glen Ballard.

Jagged Little Pill soa um pouco datado após 10 anos de seu lançamento, devido ao grande número de cantoras femininas que seguiram as pegadas de Alanis Morissette – Ani DiFranco, Jewel e Avril Lavigne, por exemplo. Mas é exatamente esse impacto do disco sobre o rock feito por mulheres que torna sua menção obrigatória, assim como as grandes músicas que ele contém. **JM**

Screaming Trees
Dust (1996)

Selo | Sony
Produção | George Drakoulias
Projeto gráfico | Mark Danielson
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:19

Quando o Oasis estava em turnê pelos Estados Unidos em 1996 com o Screaming Trees, Liam Gallagher achava engraçado chamá-los de Barking Branches e Crazy Conkers – algo como "Galhos Endoidecidos" e "Castanheiros Loucos". Gallagher nunca foi renomado por sua perspicácia, mas pode ter acertado na mosca: a banda parecia estar permanentemente à beira da autodestruição.

Tinham se passado quatro anos desde *Sweet Oblivion* e os presságios não pareciam favoráveis ao sétimo álbum do quarteto. Foi do caos, entretanto, que surgiu um álbum que a revista *Rolling Stone* definiu acertadamente como "inspirado".

Com *Dust*, a banda demonstrou que, apesar de ter sido encaixada na cena de Seattle, essa classificação grunge lhes era atribuída mais por associação do que por qualquer outra coisa. Este é um disco maduro e majestoso, com tonalidades folk ("Dying Days", na qual ouvimos um solo intenso do guitarrista do Pearl Jam, Mike McCready), psicodélicas ("Traveler" e "Dime Western") e de música oriental (a abertura com cítara de "Halo Of Ashes" e a percussão de "Gospel Plow", que encerra o álbum; em ambas podemos ouvir o belo Mellotron de Benmont Tench, integrante do Tom Petty). Escurecendo o céu sobre tudo isso paira a voz de Mark Lanegan, de uma beleza corrosiva. "Gotta get away before I lose my mind" ("Tenho que ir embora antes que enlouqueça"), grita em "All I Know".

A banda separou-se em 2000, mas saíram de cena tendo cumprido a sua promessa de forma magnífica. **CB**

Super Furry Animals
Fuzzy Logic (1996)

Selo | Creation
Produção | Gorwel Owen
Projeto gráfico | B. Cannon • M.
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 37:02

Em 1996 a Inglaterra tinha vários motivos para se vangloriar. Pela primeira vez em 30 anos a seleção de futebol estava indo razoavelmente bem numa competição internacional. O britpop estava no auge com bandas como o Oasis, o Blur e o Pulp dominando o cenário. Não deixa de ser engraçado que um dos discos do ano pertencesse a um grupo definitiva e orgulhosamente galês.

Surgindo do nada, *Fuzzy Logic* fazia referências casuais a fenômenos culturais tão díspares quanto o humorista Bill Hicks, o famoso contrabandista de drogas Howard Marks (que aparece na capa do disco sob diversos disfarces), o cientista do século XVII, Isaac Newton, e o hamster do grupo, Stavros. A música era uma mistura intricada de pop dos anos 60, punk rock e psicodelismo, tudo sob a ótica dance dos anos 90. Na verdade, o SFA foi formado com o objetivo de fazer discos de techno – mais tarde, naquele ano, invadiu os circuitos de festivais com um tanque azul-claro equipado com um poderoso sistema de som e que trazia a mensagem "Se você não quiser que eu destrua você..." pintada no canhão.

As letras alucinantes e absurdas de Gruff Rhys eram freqüentemente cômicas, mas ainda assim conseguiam lembrar uma mentalidade gentilmente paroquial. A banda passava, sem problema algum, do punk rock mais carregado ("God! Show Me Magic", "Something For The Weekend", "Bad Behaviour") para o psicodelismo ("Hometown Unicorn", "Gathering Moss").

O Super Furry Animals iria gravar outros discos mais coerentes e "melhores" que este, mas o bom-humor e o prazer proporcionados por escutar uma banda tão inventiva como esta fazem com que *Fuzzy Logic* seja difícil de igualar. **RS**

Fatboy Slim
Better Living Through Chemistry (1996)

Selo | Skint
Produção | Fatboy Slim
Projeto gráfico | Não Consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 70:59

A passagem de Norman Cook – de baixista e vocalista da banda de rock The Housemartins a produtor e DJ sob o nome artístico de Fatboy Slim – é uma das reinvenções pessoais mais notáveis do universo do pop em fins do século XX.

Devemos ter em mente as fases que Cook atravessou até chegar a ser um ídolo da música eletrônica: Beats International (que conseguiu um primeiro lugar na Inglaterra com "Dub Be Good To Me"), Freakpower, Mighty Dub Katz e Pizzaman. Contudo, foi como Fatboy Slim que ele se tornou um dos grandes nomes da cena techno big-beat.

Better Living Through Chemistry exemplifica claramente o que faz com que as criações de Cook sejam tão utilizadas em trilhas sonoras e anúncios, assim como em pistas e ainda apareçam nas listas das rádios. Tendo um ouvido fino para melodias contagiantes, ele incorpora samples e temas esotéricos a efeitos divertidos. "Santa Cruz" possui uma melodia hipnótica tocada por um som similar a um xilofone que sustenta a qualidade de perfeita felicidade que reina na música. Os acordes de guitarra com distorção sampleados de um cover de "I Can't Explain", do The Who, se misturam com batidas movimentadas e efeitos sonoros futuristas para criar o híbrido de dance e rock em "Going Out Of My Head" (seu primeiro hit nos Estados Unidos).

Este disco fez com que muita gente começasse a ler atentamente os créditos tentando fazer uma engenharia reversa da alquimia de Fatboy e procurando as fontes por vezes obscuras do material que ele utiliza para suas brilhantes mutações. **YK**

Dr. Octagon
Dr. Octagonecologyst

(1996)

Selo | Bulk
Produção | Kurt Matlin • Dan Nakamura
Projeto gráfico | Pushead
Nacionalidade | EUA
Duração | 65:49

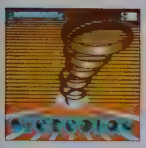
Dr. Octagon juntou um dos mais engenhosos rappers com um dos produtores mais inovadores do estilo. Previa-se, portanto, que esse projeto fizesse história no hip-hop, mas ninguém ousava imaginar que seria uma odisséia de ficção científica sobre um ginecologista do ano 3000 viajando no tempo.

Depois de abandonar o grupo de rap Ultramagnetic MCs, Kool Keith juntou forças com Dan "Automatizador" Nakamura – que seria depois responsável por projetos de hip-hop de vanguarda, como Handsome Boy Modelling School e Gorillaz. O lendário DJ Q-Bert, do Invisbl Skratch Pikls, o Dj Shadow e Kutmaster Kurt, futuro colaborador de Keith, também foram recrutados.

Keith deu voz ao doutor, sinistro e obcecado por sexo. Numa cadência cintilante, ele deambula por um discurso surrealista, ao mesmo tempo transcendentemente articulado e audaciosamente grosseiro. Nakamura criou um universo paralelo para esse personagem repleto de seres subterrâneos e efeitos eletrônicos arrepiantes, acrescentando também genuínos samples lúgubres de "pornomedicina".

Muitos membros da comunidade do hip-hop tiveram dificuldade em catalogar o álbum devido à temática tão insólita e à produção revolucionária, sem falar na perturbadora capa do disco, desenhada por Pushead, o mesmo artista que concebeu as capas dos álbuns iniciais do Metallica. Keith depois reclamou que a única audiência que obteve por conta deste álbum era branca e rapidamente deu sumiço no personagem em seu disco seguinte. **AT**

Stereolab
Emperor Tomato Ketchup (1996)



Selo | Elektra
Produção | John McEntire • Stereolab
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | França • Inglaterra
Duração | 57:14

No núcleo do Stereolab está a voz sensual da francesa Laetitia Sadier e a inspiração no pop kitsch de seu país natal nos anos 60. Há também a influência do Krautrock alemão minimalista de meados dos anos 70 e de alguns elementos puramente americanos: funk no estilo antigo e a simplicidade do Velvet Underground.

A ponte dessas Nações Unidas do som no álbum *Emperor Tomato Ketchup* é a produção inteligente – a sobreposição de sons que incorpora diferentes texturas (incluindo cordas, harmonias vocais e música eletrônica) com perfeita clareza. O som experimental deste disco é uma deliciosa aventura musical.

Ele abre com a melhor música, "Metronomic Underground", na qual Sadier repete sem parar a frase sem significado "Crazy, sturdy, a torpedo" ("Louco, firme, um torpedo") durante quase todos os oito minutos de duração da faixa. Enquanto isso, a música passa de um ritmo funk simples para um final bombástico com guitarras e sintetizadores. Já "Tomorow Is Already Here" lembra a época de Nico no Velvet Underground, com as guitarras e o órgão esparsos.

Em muitos aspectos, *Emperor Tomato Ketchup* foi uma aposta ambiciosa para devolver a atualidade a sons e a ideologias que tinham caído no esquecimento. E, do seu jeito um pouco excêntrico, o Stereolab acerta em cheio. **JC**

Tortoise
Millions Now Living Will Never Die (1996)

Selo | Thrill Jockey
Produção | John McEntire
Projeto gráfico | Dan Osborn • Tortoise
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:02

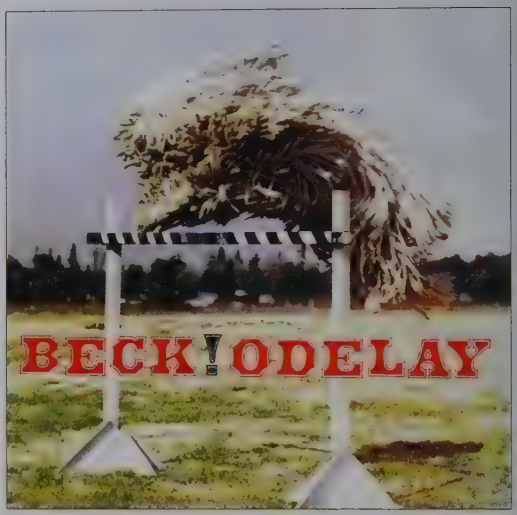
Antes do Tortoise chegar à cena musical das rádios universitárias e do rock independente norte-americano, em meados dos anos 90, havia a sensação de que a música instrumental era dominada por sujeitos que usavam camisas de colarinho largo, calças boca-de-sino e cabelos desgrenhados. O arquétipo sonoro era virtuosístico, limpo e talvez excessivamente exibicionista. O Tortoise, um coletivo de rock instrumental moderno oriundo de Chicago, conseguiu mudar essa percepção.

O álbum se encontra centrado em "Djed", a faixa de abertura, com mais de 20 minutos. Começa com um som tranqüilo de surf rock que desliza delicadamente em direção ao rock 'n' roll sobre ondas sonoras sintetizadas e ligeiramente espaciais. Isso rapidamente se transforma em uma espécie de colapso eletrônico, como se o leitor de CDs estivesse quebrando aos poucos. Logo em seguida vem uma parte minimalista e repetitiva que termina em um electro-rock sutil. Há outras subdivisões ao longo dessa faixa e outras cinco faixas mais curtas completam o disco.

Nos créditos encontramos apenas o nome dos músicos, mas não seus respectivos instrumentos – cada integrante é um multiinstrumentista e todos participavam de outros projetos. É um modelo livre de egos que poderia servir de exemplo para músicos de rock criativos em todo o planeta. **YK**

Beck | Odelay (1996)

Selo | Bong Load
Produção | Vários
Projeto gráfico | Robert Fisher • Beck Hansen
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:28



Em *Odelay*, o seu segundo álbum para uma grande gravadora, Beck Hansen tinha algo para provar. Com o single "Loser", de 1994, ele tinha alcançado um sucesso fenomenal. A música foi considerada o "hino dos indolentes". O seu refrão – "I'm a looser baby, so why don't you kill me" ("Sou um fracassado, querida, então por que você não me mata?") – tornou-se um slogan mundial e o jovem de 24 anos foi transformado em ícone para a Geração X.

Mas esse rapaz de Los Angeles não era um viciado em drogas: "Loser" era tão irônica quanto a sua outra música independente, "MTV Makes Me Want To Smoke Crack". Rebelde e criativo, ele gostava tanto de folk quanto de hip-hop e dominava tanto bons passos de dança quanto poses de roqueiro. Também sabia gravar com uma sonoridade lo-fi, embora dominasse as técnicas de produção de ponta.

Com *Odelay*, Beck conseguiu o feito de juntar todas essas idéias tão díspares num único e vibrante trabalho. Ele se juntou ao Dust Brothers, o duo de produtores-artistas responsável pela vibração energética de *Paul's Boutique*, do Beastie Boys. Foi uma aliança especialmente produtiva: já na primeira música, "Devils Haircut", ele tinha um sample de James Brown, riffs poderosos, ritmos quentes e uma miscelânea brilhante de truques e artimanhas musicais. "The New Pollution" começa como um pop despretensioso, mas em seguida seqüestra o ritmo de "Taxman", dos Beatles. "Where It's At" é hip-hop funkeado, enquanto "Jack-Ass" é uma balada country construída sobre um belo cover que o Them havia feito sobre "It's All Over Now, Baby Blue", de Bob Dylan.

Assustadoramente eclético, *Odelay* é o som de um jovem inconformista que está se divertindo e que possui uma força de vontade irredutível. Vendeu dois milhões de cópias, gerou vários hits na MTV e ganhou dois Grammys. Um novo tipo de gênio tinha surgido. **eM**

"'Loser' foi um acaso total, uma completa anomalia em minha música."

Beck, 2005

Lista de músicas

▶	01	**Devils Haircut** (Hansen • King • Simpson)	3:13
	02	**Hotwax** (Hansen • King • Simpson)	3:52
	03	**Lord Only Knows** (Hansen)	4:14
▶	04	**The New Pollution** (Hansen • King • Simpson)	3:39
	05	**Derelict** (Hansen • King • Simpson)	4:11
	06	**Novocane** (Hansen • King • Simpson)	4:38
▶	07	**Jack-Ass** (Hansen • King • Simpson)	4:00
▶	08	**Where It's At** (Hansen • King • Simpson)	5:25
	09	**Minus** (Hansen)	2:32
	10	**Sissyneck** (Hansen • King • Simpson)	4:02
	11	**Readymade** (Hansen • King • Simpson)	2:43
▶	12	**High 5 (Rock The Catskills)** (Hansen • King • Simpson)	4:10
	13	**Ramshackle** (Hansen)	4:49

Belle And Sebastian | "Tigermilk" (1996)

Selo | Electric Honey
Produção | Belle And Sebastian
Projeto gráfico | Belle And Sebastian
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:38

Com seu nome inspirado num livro infantil francês, *Belle et Sébastien*, os seis membros deste grupo de Glasgow eram irônicos, cultos e perspicazes – um claro contraste com as cenas ainda dominantes, mas já em declínio, do britpop e do dance.

Tal como seu antecessor espiritual, o Teenage Fanclub, a música do Belle And Sebastian estava imersa na história do pop. O compositor principal da banda, Stuart Murdoch, soube dar nova vida às suas influências. Apenas Felt e The Smith, que ele admirava, tinham levado o pop tão longe.

O Belle And Sebastian surgiu enquanto Murdoch fazia um curso sobre a indústria musical na universidade. O grupo era formado basicamente por colegas de escola e *"Tigermilk"* foi o trabalho final de curso. Foram prensadas apenas mil cópias em vinil, em 1996, pelo próprio selo da banda, Electric Honey. Até ser relançado sob a forma de um CD remasterizado em 1999, a banda já tinha lançado dois discos recebidos com entusiasmo pela crítica (*If You're Feeling Sinister* e *The Boy With The Arab Strap*).

Depois desses dois discos, o relançamento de *"Tigermilk"* não poderia trazer muitas surpresas. O Belle And Sebastian parece já ter surgido pronto, com uma mistura de pop e folk (pense em The Mamas And The Papas ou "A Gift From A Flower To A Garden", de Donovan), com cordas barrocas e referências impecáveis a momentos do pop – combinando isso com um conhecimento íntimo de tudo o que tinha sido tocado por John Peel nos 15 anos anteriores ("Electronic Renaissance" se baseia em "Procession", do New Order).

Todas as músicas são divertidas, tristes e reconfortantes. Fazem com que o ouvinte se sinta melhor, seja qual for o problema que o aflige. Um pop perfeito realizado por artistas de coração puro. **MBe**

"Em três meses tivemos de montar uma banda e gravar um disco inteiro..."

Stuart Murdoch, 2001

Lista de músicas

▶	01	**The State I Am In** (Belle And Sebastian)	4:58
	02	**Expectations** (Belle And Sebastian)	3:34
	03	**She's Losing It** (Belle And Sebastian)	2:22
▶	04	**You're Just A Baby** (Belle And Sebastian)	3:41
	05	**Electronic Renaissance** (Belle And Sebastian)	4:50
	06	**I Could Be Dreaming** (Belle And Sebastian)	5:56
▶	07	**We Rule The School** (Belle And Sebastian)	3:27
	08	**My Wandering Days Are Over** (Belle And Sebastian)	5:25
	09	**I Don't Love Anyone** (Belle And Sebastian)	3:56
	10	**Mary Jo** (Belle And Sebastian)	3:29

DJ Shadow | Endtroducing... (1996)

Selo | Mo'Wax
Produção | DJ Shadow
Projeto gráfico | Will Bunkhead • Ben Drury
Nacionalidade | EUA
Duração | 63:03

Quando era adolescente e vivia na Califórnia, Josh Davis ouvia os clássicos do hip-hop e sonhava em recriar o som de seus ídolos, o Public Enemy e o Pete Rock. Longe das cenas musicais da Costa Leste/Oeste, junto com um grupo que partilhava as mesmas idéias e gostos, formou a organização Quannum, um coletivo meio disperso de MCs, DJs e produtores de São Francisco e arredores. Depois de produzir vários singles hoje considerados cult e altamente colecionáveis com Blackalicious, DJ Krush e o Lifers Group (uma banda formada por detentos em regime de segurança máxima), o seu álbum de estréia com o selo Mo'Wax foi uma linha divisória.

Usando samples de centenas de discos – a maioria álbuns esquecidos dos anos 60 e 70, todos retirados de uma só vez do porão de uma loja de discos –, Shadow conseguiu criar um panorama musical inquietante, porém fantástico e atraente. Misturou prog-rock com gravações de comediantes retiradas de contexto, folk desconhecido e camadas sobre camadas de bateria. O resultado foi um álbum que soava familiar já na primeira audição, mas ainda assim era completamente diferente de todo o resto.

Músicas como "The Number Song" ou "Organ Donor" mantinham o tom otimista das primeiras influências de Davis e acentuavam o estilo climático do disco, ao passo que outras músicas mais ambient, como "Midnight In A Perfect World" e "What Does Your Soul Look Like", ultrapassavam tudo o que já tinha sido feito em termos de música baseada em samples.

Endtroducing... é um disco que deve ser ouvido do princípio ao fim, um álbum conceitual sem um tema rigidamente definido. Abriu caminho para outros sucessos de artistas com uma mentalidade experimental, tal como Massive Attack, Radiohead e Björk. **CR**

"(...) uma introdução àquilo que o hip-hop costumava representar (...)."

DJ Shadow, 1997

Lista de músicas

	01	**Best Foot Forward** (Davis)	0:49
▶	02	**Building Steam With A Grain of Salt** (Davis)	6:41
▶	03	**The Number Song** (Davis)	4:38
	04	**Changeling** (Davis)	7:51
▶	05	**What Does Your Soul Look Like, Pt. 4** (Davis)	5:08
	06	**Untitled** (Davis)	0:24
	07	**Stem/Long Stem** (Davis)	9:22
▶	08	**Mutual Slump** (Davis)	4:03
▶	09	**Organ Donor** (Davis)	1:57
	10	**Why Hip Hop Sucks In '96** (Davis)	0:41
▶	11	**Midnight In A Perfect World** (Davis)	5:02
	12	**Napalm Brain / Scatter Brain** (Davis)	9:23
▶	13	**What Does Your Soul Look Like (Pt1 – Blue Sky Revisit)** (Davis)	7:28

Eels
Beautiful Freak (1996)

Selo | Dreamworks
Produção | Vários
Projeto gráfico | Francesca Restrepo
Nacionalidade | EUA
Duração | 43:53

As músicas que falam sobre a tristeza, a saudade e o desespero poucas vezes soaram tão bizarras como no álbum *Beautiful Freak*. O primeiro trabalho do Eels é um tratado dark por excelência, dedicado aos solitários, e é uma grande música para se ouvir de fones.

Ainda que oficialmente fosse um trio, a banda Eels dependia basicamente do talento criativo do compositor E (apelido e diminutivo de Mark Oliver Everett), que já tinha experimentado tanto uma dose de tragédia pessoal (encontrou o pai morto quando tinha apenas 19 anos) quanto uma longa espera pelo reconhecimento do seu talento (teve uma carreira solo relativamente bem-sucedida antes de criar os Eels junto com o baixista Tommy Walter e o baterista Butch Norton).

Com títulos como "Lucky Day In Hell", versos como "Life is hard and so am I" ("A vida é dura, assim como eu") – "Novocaine For The Soul", um surpreendente Top 10 britânico – e uma capa perturbadora que traz uma garotinha com olhos esbugalhados, *Beautiful Freak* tem muitos pontos em comum com um balbuciar juvenil. No entanto, a música e a produção não têm nada de imaturas.

Por conta de seu amplo espectro sonoro, os críticos receberam muito bem o álbum. A revista de música *Q*, por exemplo, tentou destilar a alquimia do álbum: "Imagine os ritmos de Beck em *Odelay*, a maturidade de composição dos Beatles, a produção simples de Sparklehorse, o trabalho de edição e os arranjos visionários de Brian Wilson e você terá uma visão musical completa, um espectro abrangendo vários gêneros que irá mantê-lo preso à música com seus múltiplos ganchos." **JC**

The Divine Comedy
Casanova (1996)

Selo | Setanta
Produção | Darren Allison • Neil Hannon
Projeto gráfico | Kevin Westenberg
Nacionalidade | Irlanda
Duração | 51:46

Era uma época estranha para a música britânica. O Oasis havia reduzido os Beatles a sons minimalistas, o Blur reavivou o "music hall" inglês e muitos estavam afirmando que sempre tiveram um elemento "mod" em suas músicas. O sucesso de *The Divine Comedy* de Neil Hannon foi uma rara exceção a toda essa retomada do passado.

O ponto alto da carreira de Hannon, *Casanova* parecia ter sido inspirado tanto por Scott Walker – e, portanto, por Jacques Brel e Wally Stott – quanto pelo filme *Alfie*, com Michael Caine. Não era um pastiche, mas uma reflexão sobre o que poderia ter acontecido se os dois personagens tivessem vivido nos anos 90. A modernidade fez com que ele tivesse maior liberdade nas letras e é difícil imaginar que Brel, o trovador belga, pudesse ter sonhado com os cenários deste disco: em "Something For The Weekend" o sedutor fraudulento é quem acaba sendo enganado; em "Becoming More Like Alfie" o nosso herói conclui, como muitos, que ser um cavalheiro geralmente significa ser um perdedor no jogo do amor; e, em "The Frog Princess", "Your place or mine?" ("Na sua casa ou na minha?") torna-se um refrão sobre o arrependimento.

Em 1997, Hannon completou essa fase da sua carreira com *A Short Album About Love*, lançado no Dia dos Namorados, saindo de forma inteligente do saudosismo dos anos 60 antes que seus colegas ficassem encalhados por lá. **OH**

Fiona Apple
Tidal (1996)

Selo | Sony
Produção | Andrew Slater
Projeto gráfico | Fred Woodward
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:41

Apenas um ano depois de emergir das profundezas do anonimato em Nova York, a ambiciosa Fiona Apple, com 18 anos, lançou o seu álbum de estréia, *Tidal*, graças a um recente contrato com a Sony. Sua interpretação vocal madura e as letras cheias de angústia rapidamente geraram comparações com outras cantoras de peso da época, como Alanis Morissete, Tori Amos e P. J. Harvey. A capa minimalista – um retrato em preto-e-branco de Fiona – reflete perfeitamente o tom do disco: auto-reflexivo e auto-indulgente, talvez, mas de uma beleza potente e arrebatadora.

Os versos desolados, ainda que desafiadores, marcam o som em quase todas as faixas. As dores do amor nunca soaram tão bem. A jovem Fiona Apple transita por diversos gêneros, do psicodelismo ao jazz, passando pelo blues e o funk com momentos soul. A maioria das músicas dura mais de cinco minutos, durante os quais a artista narra suas histórias envolventes com sua voz de contralto esvoaçando sem rupturas entre a interpretação gutural de "Criminal" e a leveza angelical de "Never Is A Promisse", da agridoce e apaixonada "Sleep To Dream" para a inocente "The First Taste".

Com a crescente reputação do disco e aplausos da crítica vieram também os prêmios. Em 1997, Fiona Apple foi nomeada para o Grammy como melhor artista revelação e melhor música rock ("Criminal") e acabou ganhando o prêmio pela melhor interpretação feminina com essa mesma música. **EK**

Wilco
Being There (1996)

Selo | Reprise
Produção | Wilco
Projeto gráfico | Fireproof Design
Nacionalidade | EUA
Duração | 76:47

O álbum de estréia de Wilco em 1995, *A.M.*, foi um disco de country sólido que seguia o caminho natural das explorações musicais que o líder, Jeff Tweedy, tinha feito com o seu grupo anterior, Uncle Tupelo. Nesse sentido, *A.M.* era muito próximo a outra estréia de 1996 – *Trace*, do veterano Jay Farrar's Son Volt, seu parceiro do Tupelo.

Por outro lado, o segundo álbum de Wilco pode ser visto como o primeiro grande salto musical numa carreira que se distingue por saltos artísticos amplos e rápidos. Tendo trilhado o caminho das raízes durante cinco discos, Tweedy parecia mais preocupado com pensar *para onde* a música iria seguir do que em saber *de onde* ela vinha. *Being There* foi construído com paredes de som e corredores labirínticos usando pura magia de estúdio. O álbum chocou diversos fãs leais do country alternativo, mas também permitiu que Wilco alcançasse um novo público fora da base de fãs restrita de *No Depression*.

A arte do álbum é enganadoramente simples – uma mão segura o braço de uma guitarra na capa e, na contracapa, dedos tocam piano de forma graciosa – e não revela o conteúdo riquíssimo desse trabalho, repleto de estilos em suas 19 músicas divididas em dois discos. Começando com "Misundertood", um híbrido poderoso que oscila entre uma balada terna e ruídos cheios de feedback de guitarras, depois continua no estilo do Tupelo em faixas como "Far, Far Away" e "Forget The Flowers", para passar a um rock mais no estilo Rolling Stones em "Monday" e "Outtasite (Outta Mind)".

Being There, nome inspirado no filme de Peter Sellers de 1979, recebeu o reconhecimento quase unânime da crítica, mas as vendas foram apenas medianas, atingindo o 73.º lugar na parada da Billboard e levando sete anos para se tornar disco de ouro. **JiH**

Sepultura | Roots (1996)

Selo | Roadrunner
Produção | DJ Lethal • Ross Robinson • Sepultura
Projeto gráfico | Bryan Thatcher
Nacionalidade | Brasil
Duração | 72:09

Roots foi lançado em 1996, três anos depois do sucesso *Chaos A.D.*, e serviu de base para a exploração de novos caminhos para a banda de metal brasileira. Inspirando-se na música tribal do Brasil, no nu-metal e no estilo de thrash/death típico do Sepultura, conseguiu resultados únicos – na verdade, assombrosos na época. Sob a liderança do carismático vocalista e guitarrista Max Cavalera, a banda penetrou fundo nas raízes mais profundas de seu patrimônio cultural, como demonstra o índio tatuado na capa.

A banda soa poderosíssima na faixa-título. A bateria de Igor Cavalera é ao mesmo tempo pesada e criativa, enquanto as guitarras afinadas em tons mais graves parecem tão compactas quanto brutais. O som do disco possui um tempo mais lento, mas é uma pauleira de alto impacto – perfeito em músicas como "Attitude" e "Breed Apart".

O grupo viajou até uma região remota do Amazonas, indo encontrar uma tribo dos Xavantes para gravar com eles a música acústica "Itsári (Live)". Em várias músicas o cantor e percussionista Carlinhos Brown aparece como convidado, como na brilhante "Ratamahatta", notável pela percussão. Outras experiências aguardam o ouvinte em "Lookaway", com contribuições do DJ Lethal e de Jonathan Davis.

Pouco tempo depois de o disco ser lançado, Max Cavalera deixou o grupo em circunstâncias um pouco dramáticas – o seu enteado tinha sido assassinado e discussões sobre a liderança do grupo acabaram fazendo com que se separassem. Cavalera formou o Soulfly e o resto da banda decidiu recrutar um novo vocalista. Lamentavelmente, os irmãos Cavalera, Max e Igor, não voltaram a se falar desde a separação e o Sepultura também não voltou a ser o que era desde *Roots*, um disco que mostra a banda em toda a sua plenitude. **AET**

Lista de músicas

▶	01	**Roots Bloody Roots** (Cavalera•Sepultura)	3:32
▶	02	**Attitude** (Cavalera•Sepultura)	4:15
	03	**Cut-Throat** (Cavalera•Sepultura)	2:44
▶	04	**Ratamahatta** (Brown•Sepultura)	4:30
	05	**Breed Apart** (Cavalera•Kisser•Sepultura)	4:01
	06	**Straighthate** (Cavalera•Sepultura)	5:21
	07	**Spit** (Cavalera•Sepultura)	2:45
▶	08	**Lookaway** (Davis•DJ Lethal•Sepultura)	5:26
	09	**Dusted** (Kisser•Sepultura)	4:03
	10	**Born Stubborn** (Cavalera•Sepultura)	4:07
	11	**Jasco** (Kisser)	1:57
▶	12	**Itsàri (Live)** (Sepultura•Xavantes Tribe)	4:48
	13	**Ambush** (Cavalera•Sepultura)	4:39
	14	**Endangered Species** (Sepultura)	5:19
	15	**Dictatorshit** (Cavalera•Sepultura)	1:26
	16	**Canyon Jam** (Sepultura•Xavantes Tribe)	13:16

DISCHARGE

Barry Adamson
Oedipus Schmoedipus (1996)

Selo | Mute
Produção | Barry Adamson
Projeto gráfico | Barry Adamson
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 55:57

Abertura: Barry Adamson, recolhido no seu estúdio, tenta compreender como o *Screamadelica* do Primal Scream tinha roubado o Mercury Award do seu próprio álbum, *Soul Murder*. Avanço rápido até quatro anos mais tarde. Adamson está ouvindo as mensagens em sua secretária eletrônica. Ouve a voz inconfundível de David Lynch: "Barry? Acabo de passar oito horas seguidas ouvindo o teu *Oedipus Schmoedipus* e é como se estivesse ouvindo filmes de Hitchcock na minha cabeça. Preciso dessa música para o meu próximo filme. É 'soul cinematográfico'. Registra a patente!" Corte.

Um ano mais tarde, "Something Wicked This Way Comes" tornou-se a música central do filme de David Lynch, *Lost Highway* – o que Lynch captou imediatamente foi o linguajar cinematográfico impecavelmente "quente" do ex-baixista do Magazine e do The Bad Seeds. Ele mistura as tapeçarias noir de Bernard Hermann com o jazz surreal de um clube noturno em "The Vibes Ain't Nothing But The Vibes", ou "The Big Bamboozle", com seu estilo big band de John Barry. É verdade que há um lado comercial em sua versão do cool jazz de Miles Davis, mas ainda assim o disco passa longe da pretensiosa atmosfera neo-lounge dos anos 90 ao convidar Jarvis Cocker (Pulp) e Nick Cave para dar um toque de pop irônico.

É essa fusão peculiar de art rock com filmes antigos que converte *Oedipus Schmoedipus* no clímax da "trilogia inconsciente" de Adamson, formada por paisagens sonoras de thrillers psicológicos, que inclui *Moss Side Story* (1989) e *Soul Murder* (1992). **MK**

Fun Lovin' Criminals
Come Find Yourself (1996)

Selo | Capitol
Produção | Fun Lovin' Criminals
Projeto gráfico | Henry Marquez
Nacionalidade | EUA
Duração | 57:12

Nova York deu origem a muitas bandas capazes de expressar o lado sombrio de seu ambiente hermeticamente fechado e Fun Lovin' Criminals é uma delas. Huey "DiFontaine" Morgan (guitarra e voz), Steve (baixo, trompete e teclados) e Fast (bateria) criaram uma mistura alucinante de rock, rap, jazz, hip-hop e R&B justaposta a uma sabedoria urbana que contava histórias acerca de pretensos mafiosos, vendedores de droga e violência marginal, tudo cantado com uma tremenda ironia.

O disco começa com um talentoso violão em "Fun Lovin' Criminal" (remetendo brevemente a "Voodoo Child", de Hendrix), onde os raps de Huey evocam cenas de ruas fumegantes e assaltos. Músicas como "Passive/Agressive" e "The King Of New York" passam rapidamente de comportadas guitarras com wah-wah e teclados tranqüilos para os power chords do refrão. "Smoke 'Em" é uma música esfumaçada levada pelo baixo defendendo a maconha, dando um certo clima ao disco. Tocam "We Have All The Time In The World", de Louis Armstrong, de um modo displicente, enquanto os teclados distorcidos de "Crime And Punishment" parecem realmente ameaçadores. Mas foi "Scooby Snacks" que os fez entrar pela primeira vez na parada de sucessos (chegando ao 22.º lugar da parada de sucessos dos Estados Unidos). O cineasta Quentin Tarantino incluiu músicas do grupo em alguns dos seus filmes (*Pulp Fiction* e *Cães De Aluguel*) e, por conta disso, choveram críticas entusiásticas (tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra) e os fãs (assim como certas supermodelos) caíram de joelhos diante dessa sacada genial. **AMa**

Maxwell
Maxwell's Urban Hang Suite (1996)

Selo | Columbia
Produção | Stuart Matthewman • Musze
Projeto gráfico | S.Drummond • J.Peploe
Nacionalidade | EUA
Duração | 64:47

O álbum *Maxwell's Urban Hang Suite* abre com o som da agulha descendo em um vinil antes de soltar o funk calmo e instrumental de "The Urban Theme"; ele termina com uma voz suave sobre lamentos do saxofone e do piano.

A introdução e o final instrumental estabelecem a marca de um álbum clássico – conceitual, de certa forma, baseado no desenrolar de um breve caso da vida real e da crença na monogamia – que capitaneou o respeitável movimento neo-soul dos anos 90. O neo-soul bebia da estética musical afro-americana de artistas dos anos 60 e 70 como Al Green e Marvin Gaye. "Sumthin' Sumthin" era uma colaboração com Leon Ware, que tinha sido co-autor de *Let's Get It On*, de Marvin Gaye. O guitarrista Wah Wah Watson, que tocou em *Let's Get It On*, também está em *Maxwell's Urban Hang Suite*. O resultado foi um som autêntico mas ainda assim atual, que combinava o som clássico de um piano elétrico Fender Rhodes com uma bateria eletrônica contemporânea.

O que Maxwell acrescentou ao jogo foi a sua vontade de tirar o blazer, arregaçar as mangas da camisa e entrar a fundo no funk. "Ascension (Don't Ever Wonder)" avança com uma levada solta de guitarra, uma linha de baixo viciante e uma bateria firme, com a voz nítida de Maxwell coroando tudo e todos. A sedutora "Reunion" é uma bela dança lenta. São músicas modernas para corações à antiga. **VK**

The Charlatans
Tellin' Stories (1996)

Selo | Beggars Banquet
Produção | The Charlatans • Ric Peet
Projeto gráfico | Tom Sheehan
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 47:01

Conhecidos nos Estados Unidos como Charlatans UK, para não serem confundidos com os homônimos mercadores do psicodélico da Califórnia dos anos 60, os Charlatans foram uma das poucas bandas que fizeram a ponte entre a cena de "Madchester" do início dos anos 90 com a ascensão do britpop mais tarde na mesma década, incorporando ritmos e texturas dance em seu rock embalado por guitarras vagamente ao estilo dos Rolling Stones. *Tellin'Stories* é o seu quinto álbum, no qual firmaram sua posição como um dos grandes sucessos comerciais (e sobreviventes) da indústria musical. "One To Another" certamente continuará sendo uma boa música para as pistas graças aos teclados frenéticos, as guitarras entrelaçadas e a intensidade da bateria. Um tom mais caloroso e amigável está presente em músicas como "North Country Boy", no estilo de Dylan, que flui com um ritmo country, e nas melodias delicadas de "How Can You Leave Us" e da inesquecível faixa-título.

Infelizmente este foi o último trabalho do grupo, que contou com o som brilhante do órgão Hammond do virtuoso tecladista Rob Collins, que morreu num acidente de carro durante as gravações do álbum. Collins foi uma peça-chave na definição musical do grupo e consta como co-autor de todas as músicas, embora nem todas fossem obra sua. "Rob's Theme" é uma homenagem onde se ouve sua voz aos três anos. A banda quase se separou depois de sua morte, mas o pai de Collins insistiu que os membros remanescentes continuassem, argumentando que era o que o filho desejaria. Os Charlatans criaram um som completamente diferente nos seus álbuns posteriores, o que confere a *Tellin'Stories* um brilho especial. **KM**

Manic Street Preachers | Everything Must Go (1996)

Selo | Epic
Produção | Mike Hedges
Projeto gráfico | Mark Farrow Design
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 45:19

Em *Everything Must Go*, o Manic repreendia seus concidadãos por deslizarem em um coma consumista. O disco era também um lamento pelo que foi perdido. Havia a destruição da indústria do carvão de Gales, onde nasceram, mas – cortando ainda mais perto – também o desaparecimento do guitarrista Richey James em 1995. As cinco composições das quais ele é co-autor estão entre os muitos destaques – sua guitarra ainda pode ser ouvida em "All Surface No Feeling" –, que vão de rocks orquestrais a baladas melancólicas.

O título original do disco era *Sounds In The Grass*, em referência a um quadro de Willem de Kooning (a quem "Interiors" é dedicada), mas o nome foi trocado por conta de uma peça de teatro de Patrick Jones, irmão do baixista Nicky Wire. O álbum foi quase inteiramente gravado na Normandia, Norte da França, durante o verão de 1996, longe do fascínio da mídia pelo desaparecimento de James.

Se *The Holly Bible* (1994) só tinha encontrado apreciadores junto aos fãs mais radicais, o ambicioso *Everything Must Go* conquistou público, crítica e teve sucesso comercial. "É de extrema importância e grande urgência o som de uma banda em seu auge", escreveu o *NME*.

"Elvis Impersonator" é nostálgica, enquanto "Kevin Carter" (em que o baterista Sean Moore também se encarrega do naipe de metais) aborda o genocídio de Ruanda, e "Small Black Flowers..." mistura a harpa tradicional de Gales com um violão desolador, obtendo um efeito arrepiante. A sonhadora "The Girl Who Wanted To Be God", a eufórica "Australia" e a homenagem a Orwell em "A Design For Life" (a primeira música composta sem James) combinam otimismo moderado com cinismo desesperado.

A *Wire* escreveu o seguinte sobre os seus compatriotas britânicos: "Só queremos nos embebedar" – e estavam embebedados pela música do Manic. O disco foi um marco triunfal e catártico na trajetória da banda. **TJ**

"Era pura... euforia."

James Dean Bradfield, 1998

Lista de músicas

01	**Elvis Impersonator: Blackpool Pier**	(Bradfield • James • Wire)	3 28
▶ 02	**A Design For Life**	(Bradfield • Moore • Wire)	4 17
▶ 03	**Kevin Carter**	(Bradfield • James • Moore • Wire)	3 25
04	**Enola/Alone**	(Bradfield • Moore • Wire)	4 08
▶ 05	**Everything Must Go**	(Bradfield • Moore • Wire)	3 41
▶ 06	**Small Black Flowers That Grow In The Sky**	(Bradfield • James • Moore • Wire)	3 03
07	**The Girl Who Wanted To Be God**	(Bradfield • James • Moore • Wire)	3 35
08	**Removables**	(Bradfield • James • Moore • Wire)	3 31
09	**Australia**	(Bradfield • Moore • Wire)	4 03
10	**Interiors (Song For Willem De Kooning)**	(Bradfield • Moore • Wire)	4 17
11	**Further Away**	(Bradfield • Moore • Wire)	3 38
12	**No Surface All Feeling**	(Bradfield • Moore • Wire)	4 13

Everything But The Girl | Walking Wounded (1996)

Selo | Virgin
Produção | Vários
Projeto gráfico | Everything But The Girl • Form
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 51:55

É raro para um artista ver o seu sétimo álbum alcançar um público muito mais amplo do que os anteriores. Mas em 1996, quando o trip hop de Bristol tinha se convertido na música do momento, o Everything But The Girl atingiu um nicho artístico e comercial.

O EBTG já tinha procurado em seu trajeto influências de gêneros variados como o jazz, indie, electro-folk e nouveau bossa nova. Todos esses trabalhos eram caracterizados pelos arranjos melódicos de Watt e a voz quente e lânguida de Thorn. Foi justamente a belíssima participação de Thorn como artista convidada em *Protection* (1994), do Massive Attack, que mostrou como o estilo do EBTG podia adaptar-se bem ao chill-out contemporâneo.

Em 1995, o single "Missing" foi remixado pelo DJ e produtor de house music Todd Terry e se tornou um sucesso tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. A dupla entendeu que esse era o caminho a seguir e tirou da cartola *Walking Wounded*, um álbum onde se aventuraram pelos ritmos dançantes da música eletrônica – trip hop, drum 'n' bass, house –, ainda que, no fundo, as músicas continuassem a ser narrativas frágeis e belas sobre amores perdidos. A fotografia da capa, de Marcelo Krasilcic, remetia ao glamour da vida noturna nos clubes, embora o rosto magro de Watts deixasse transparecer a doença quase fatal pela qual tinha passado recentemente.

A instrumentação das músicas é mínima: Watt toca sintetizadores e violão, além de ter criado os ritmos e alguns sons etéreos. A fabulosa música "Single" contém uma das melhores interpretações de Thorn de todos os tempos, onde a cantora consegue transmitir uma sensação de fragilidade digna de Billie Holliday. A música "Walking Wounded" é uma elegia aos clubbers que já abusaram de tudo.

Drum 'n' bass e Everything But The Girl? Uma combinação improvável, mas o resultado é perfeito. **GC**

"Gosto de pensar que a moderação é a força subjacente determinante em tudo o que fazemos."

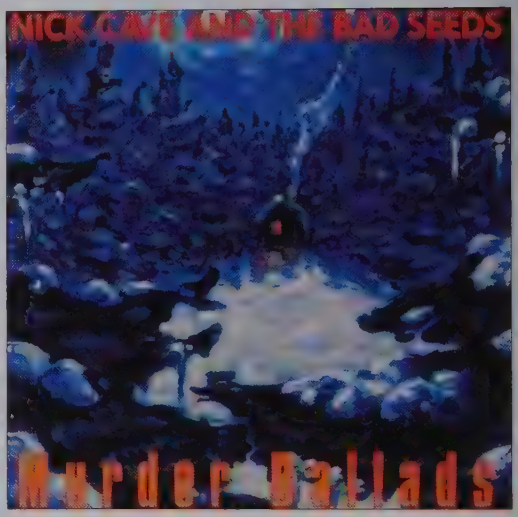
Tracey Thorn, 1996

Lista de músicas

▶	01	**Before Today** (Thorn • Watt)	4:16
▶	02	**Wrong** (Thorn • Watt)	4:34
▶	03	**Single** (Thorn • Watt)	4:37
	04	**The Heart Remains A Child** (Thorn • Watt)	3:48
▶	05	**Walking Wounded** (Thorn • Watt)	5:59
	06	**Flipside** (Thorn • Watt)	4:31
	07	**Big Deal** (Thorn • Watt)	4:27
	08	**Mirrorball** (Thorn • Watt)	3:24
	09	**Good Cop Bad Cop** (Thorn • Watt)	4:54
	10	**Wrong (Todd Terry Remix)** (Thorn • Watt)	4:43
	11	**Walking Wounded (Omni Trio Remix)** (Thorn • Watt)	6:42

Nick Cave And The Bad Seeds
Murder Ballads (1996)

Selo | Mute
Produção | Vários
Projeto gráfico | Johannes Beck • Jean-Frédéric Schnyder
Nacionalidade | Austrália
Duração | 58:53



Como poeta do lado noir do rock, não foi surpresa saber que Nick Cave era um admirador das baladas sobre assassinatos – um tipo de música popular do século XVIII, que, como o nome indica, narrava massacres de forma bem violenta.

Desde a capa – reprodução de uma pintura a óleo com uma cena de inverno, muito diferente das capas de seus trabalhos anteriores – até os cantores convidados (incluindo a sereia do pop Kylie Minogue), este não é um LP típico dos Seeds. A banda toca de forma quase jovial, com um Cave intimista que desfruta com contentamento a criação de uma galeria sombria de estudantes assassinas, cônjuges dementes e serial killers psicopatas.

O lendário Stagger Lee ("bad motherfucker called Stagger Lee"), cuja notoriedade tinha já sido celebrada por James Brown e Wilson Picket, entre outros, aparece na música homônima perpetrando atos indizíveis contra os clientes da taberna The Bucket Of Blood. "The Curse Of Millhaven" é protagonizada pela angelical Loretta, que, aos 14 anos, se transforma num demônio feminino e assassina todos os habitantes de sua aldeia. Ao longo do álbum, os Seeds constroem um ambiente claustrofóbico onde as almas condenadas de Cave estão irreversivelmente perdidas.

Cave sempre atribuiu o êxito do álbum à presença de Kylie Minogue e enfatiza que o disco foi como "férias" para a banda, mas o trabalho, que se encerra com uma versão surpreendente e doce da música de Dylan, "Death Is Not The End", com P. J. Harvey e Shane MacGowan como estrelas convidadas, é uma parte de sua discografia que exige o máximo respeito. **SJac**

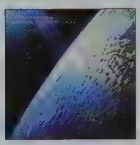
"[O álbum] permitiu-me compor músicas sobre outros assuntos que não eu mesmo."

Nick Cave, 1998

Lista de músicas

	01	**Song Of Joy** (Cave)	6:47
▶	02	**Stagger Lee** (Trad., arr. Cave • Bargeld • Casey • Harvey • Savage • Sclavunos • Wydler)	5:15
▶	03	**Henry Lee** (Trad., arr. Cave)	3:58
	04	**Lovely Creature** (Bargeld • Casey • Cave • Harvey • Wydler)	4:13
▶	05	**Where The Wild Roses Grow** (Cave)	3:57
▶	06	**The Curse Of Millhaven** (Cave)	6:55
	07	**The Kindness Of Strangers** (Cave)	4:39
	08	**Crow Jane** (Casey • Cave)	4:14
▶	09	**O'Malley's Bar** (Cave)	14:28
	10	**Death Is Not The End** (Dylan)	4:27

L.T.J. Bukem
Logical Progression (1996)



Selo | Good Looking
Produção | Vários
Projeto gráfico | Não Consta
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 140:41

Em meados dos anos 90 foi necessário um grande estrondo para despertar o mundo para o drum 'n' bass – estrondo esse que veio sob a forma do eterno e definitivo álbum de Goldie, *Timeless*. Foi *Logical Progression* – lançado um ano depois, em 1996 –, contudo, que levou ao grande público uma gravação de drum 'n' bass para se ouvir sem medo de ter um ataque cardíaco. Tanto o disco quanto o seu selo, *Good Looking Records*, foram fruto da visão de L.T.J. Bukem (Danny Williamson), mestre do lado mais ambiental, jazzístico e sentimental do drum 'n' bass, que contrapunha ritmos ultra-rápidos com atmosferas cósmicas, riffs de jazz e baixos subsônicos. Além de ser um DJ especialista nesse gênero, Bukem produziu muitos dos primeiros álbuns que iriam defini-lo.

Com "Horizons", "Demons Theme" e "Music", Bukem criou virtualmente um novo estilo suave e lânguido para o gênero. No álbum também há algumas faixas do mesmo gênero escolhidas a dedo e criadas por produtores como Peshay, Q Projet e PFM, cujas músicas "One And Only" e "The Western Tune" são bons exemplos da força emocional do estilo.

Como alternativa aos sons mais secos e agressivos daquele período, *Logical Progression* conseguiu excelentes vendas e obteve um reconhecimento quase unânime, convertendo-se na trilha sonora preferida de lojas e cafés sofisticados e modernos. **APi**

Underworld
Second Toughest In The Infants (1996)

Selo | Junior Boys Own
Produção | Underworld
Projeto gráfico | Tomato
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 73:06

Karl Hyde e Rick Smith eram dois músicos veteranos com muitas músicas em seus currículos quando Darren Emerson se juntou a eles, no final dos anos 80. Sendo 10 anos mais novo, ele despertou a sensibilidade dos músicos para o dance e os três embarcaram, então, em gravações de trabalhos bem acabados com repetições barrocas.

Por ter vindo antes, *Dubnobasswithmyheadman* eclipsou o excelente álbum seguinte, de 1996, *Second...*, que chegou ao nono lugar nas paradas britânicas. *Second...* é a interface da batida dance com o rock progressivo, representando um dos trabalhos mais maduros e surpreendentes dos anos 90.

Aos seis minutos, quando a faixa de abertura "Juanita" dá lugar a "Kiteless", começa a surgir a magia do Underworld. Para chegar ao âmago da questão, o ouvinte deve procurar o drum 'n' bass de "Bannstyle", do qual sai "Sappys Curry", cheia de violões com efeitos e batidas maciças. Desde "Rowla" à música final, "Stagger", Hyde é o narrador, pegando fragmentos de conversas e repetindo-os sem parar de forma aleatória.

O disco foi lançado em conjunto com "Born Slippy (Nuxx)", o single da trilha sonora do filme *Trainspotting* que em pouco tempo os transformou em estrelas do pop. Outra pérola deste álbum é "Pearls Girl", um enigma que atingiu uma alta posição nas paradas e que o grupo jamais iria superar. **DE**

The Jon Spencer Blues Explosion
Now I Got Worry (1996)

Selo | Matador
Produção | Jon Spencer • Jim Waters
Projeto gráfico | Danny Clinch
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:10

Como uma continuação do seu projeto de punk vanguardista *Pussy Galore*, Jon Spencer celebrou o poder e a potência do blues. A crítica tinha recriminado seus trabalhos anteriores por não terem qualquer relação com o nome da banda. Dessa vez ele se preocupou em fazer com que o blues fosse o cerne do disco.

Poucos são os álbuns iniciados de modo tão agressivo. "Skunk" começa com um grito dilacerante e permanece raivosa por conta da bateria de Russel Simins. A interpretação de Spencer pega emprestada a sensualidade de Elvis e lhe dá um toque punk. Em "Wail", em parte é um pregador batista do Sul, em parte é um arruaceiro freqüentador de bares de blues. "2Kindsa Love" oscila entre os gritos de Spencer e os ritmos desconcertantes da guitarra de Judah Bauer.

A tentativa de levar ao extremo o título de "explosão de blues" era clara. "Chicken Dog" é uma homenagem às pirações R&B de Rufus Thomas de "Walkin' The Dog" e "Do The Funky Chicken", com o próprio Rufus nos vocais. "Nós lhe oferecemos 100 dólares", disse Simins, "e ele veio correndo... Aos 78, parecia o adolescente mais velho do mundo." Mais adiante, "R. L. Got Soul" continua com o esforço da banda para popularizar o enigmático bluesman R. L. Burnside, que eles tinham acompanhado no álbum *An Ass Pocket Of Whiskey*.

A produção seca de Jim Waters e do próprio Spencer capta perfeitamente a essência dos frenéticos shows da banda. Embora o título possa insinuar que Spencer tem algo a temer, na verdade quem precisa se encolher é o ouvinte. **PE**

The Cardigans
First Band On The Moon (1996)

Selo | Mercury
Produção | Tore Johansson
Projeto gráfico | S. Fält • M. Renck
Nacionalidade | Suécia
Duração | 39:10

O pop eletrônico do Cardigans em *First Band On The Moon* não é só doçura e champanhe borbulhante. Apesar da produção impecável de Tore Johansson, há uma nuvem negra por trás da aparência brilhante do disco.

"Lovefool", a melhor e mais contagiante música do álbum, é um claro exemplo desta corrente subversiva: enquanto o guitarrista Peter Svensson mantém o clima leve e o andamento suingado, a voz sussurrante de Nina Persson faz com que se pareça uma vítima atormentada por um amor não correspondido: "I don't care if you really care / As long as you don't go" ("Não me importa se você realmente se importa / Desde que você não se vá"). E, obviamente, a fantástica "Step On Me" também se encaixa nesse padrão avariado.

Há também uma boa dose de riffs de heavy metal neste terceiro disco. Antes de criar a banda, Svensson e o baixista Magnus Sveningsson tinham tocado numa banda de metal hardcore, o que explica a versão do Black Sabbath que encontramos neste álbum – "Ironman". O que é mais surpreendente, contudo, é quão bem ela funciona com a batida trip-hop e as guitarras cheias de efeitos.

Outros destaques são "Your New Cukoo", com o canto real de um cuco e um solo de flauta. "The Great Divide" começa como uma balada tranqüila até cerca de dois minutos, quando um solo de guitarra e uma seção de cordas pulsante puxam a música para cima.

First Band On The Moon foi aprovado pela crítica e obteve boas vendas nos Estados Unidos, mas curiosamente foi no Japão que chegou a disco de platina – os Cardigans sempre fizeram muito sucesso por lá. **RM**

Marilyn Manson | Antichrist Superstar (1996)

Selo | Nothing
Produção | Dave "Rave" Ogilvie • Trent Reznor
Projeto gráfico | P. R. Brown
Nacionalidade | EUA
Duração | 77:14

"Sou um anti-herói" – declarou Marilyn Manson em 1995. "Vou deixar isso mais claro no próximo álbum." A essas alturas, só os fanáticos por Nine Inch Nails comprariam seus discos. Contudo, depois de dois anos trabalhando ao lado de Trent Reznor, Marilyn Manson, que um dia tinha sido seu protegido, já podia disputar o trono do NIN.

As imagens satânicas, as referências à numerologia e as imagens perturbadoramente distorcidas, como se saíssem de nossos pesadelos mais loucos, trazem junto consigo uma produção suja e um conceito roubado ao filme *The Wall*, do Pink Floyd – a estrela-do-rock-que-cresceu-demais-para-suportar-o-próprio-peso. Apesar de ainda não ter o poderio melódico e a sofisticação conceitual dos trabalhos posteriores do artista, *Antichrist Superstar* é uma fatia sangrenta de rock no estado mais cru.

A imediatice punk de "1996" e de "Irresponsible Hate Anthem" é contrabalançada pela fantasmagórica "Cryptorchid" e pela faixa-título, enquanto a bateria tribal de "The Beautiful People" lembra a adoração do NIN pela afetação de Adam Ant.

O conceito geral do álbum foi o de reinterpretar o mito bíblico do anjo decaído (de onde a música "Little Horn", o Anticristo mencionado no Livro de Daniel), mas tinha sido pensado para fazer com que Manson passasse de figura cult a ícone do rock. "Charles Manson serviu de bode-expiatório para uma geração inteira e agora vejo esse mesmo olhar centrado em mim", declarou à *Penthouse*. Na faixa final ele chegava a dizer "God will grovel before me" ("Deus irá rastejar à minha frente"). Mas também havia humildade e humor. Sua biografia detalha o niilismo patético da criação deste disco: daí a mensagem (ao contrário) em "Tourniquet": "Este é o ponto mais baixo da minha vulnerabilidade." Preparando-se para a turnê, anunciou: "Vamos mostrar ao mundo os caminhos de Lúcifer. Se o mundo não tiver acabado até o final do ano que vem, continuaremos tentando acabar com ele até o final dos tempos." **BM**

Lista de músicas

01	**Irresponsible Hate Anthem** (Berkowitz • Gacy • Manson • Ramirez •)		4:17
▶ 02	**The Beautiful People** (Manson • Ramirez)		3:38
03	**Dried Up, Tied And Dead To The World** (Manson • Ramirez)		4:15
▶ 04	**Tourniquet** (Berkowitz • Manson • Ramirez)		4:29
05	**Little Horn** (Manson • Ramirez • Reznor)		2:43
06	**Cryptorchid** (Gacy • Manson)		2:44
07	**Deformography** (Berkowitz • Manson • Ramirez)		4:31
08	**Wormboy** (Berkowitz • Manson • Ramirez)		3:56
09	**Mister Superstar** (Manson • Ramirez)		5:04
10	**Angel With The Scabbed Wings** (Gacy • Manson • Ramirez)		3:52
11	**Kinderfeld** (Gacy • Manson • Ramirez)		4:51
▶ 12	**Antichrist Superstar** (Gacy • Manson • Ramirez)		5:14
13	**1996** (Manson • Ramirez)		4:01
14	**Minute Of Decay** (Manson)		4:44
15	**The Reflecting God** (Manson • Ramirez • Reznor)		5:36
16	**Man That You Fear** (Berkowitz • Gacy • Manson • Ramirez)		6:10
17	**Untitled** (Uncredited)		7:09

Fugees | The Score (1996)

Selo | Ruffhouse
Produção | Vários
Projeto gráfico | Brain
Nacionalidade | EUA
Duração | 73:24

Em meados dos anos 90, os compradores de discos sabiam da existência do hip-hop com consciência social graças a grupos como A Tribe Called Quest e De La Soul. Mas essa vertente permaneceria em segundo plano dentro de um gênero dominado pelo gangsta rap até que os Fugees lançassem *The Score*.

Deixando de lado o estilo que tinham cultivado inicialmente – e que não emplacou no primeiro trabalho lançado em 1994, *Blunted In Reality* –, o trio composto por Lauryn Hill, Prakazrel Michel e Wyclef Jean seguiu uma atitude mais positiva no segundo trabalho. Durante algum tempo, tornaram idéias como ser otimista, disseminar a esperança e respeitar as mulheres coisas mais "bacanas" do que andar com a gangue. Hill cantou, em "Ready Or Not": "So while you be imitating Al Capone / I be Nina Simone" ("Enquanto você imita Al Capone / Vou ser Nina Simone").

O álbum, que oscila entre o hip-hop da velha escola e um R&B elegante, está cheio de grandes desempenhos individuais. A versão deslumbrante interpretada por Hill de "Killing Me Softly With His Song", de Roberta Flack, lhes trouxe um sucesso estrondoso e a versão de Jean da música de Bob Marley, "No Woman, No Cry", está no mesmo nível. A química entre os três MCs – especialmente entre Hill e Jean, fato que fez surgir comentários sobre um romance – é eletrizante nas músicas "How Many Mics" e "Fu-Gee-La".

The Score chegou ao topo das paradas pop, vendeu cerca de seis milhões de cópias e proporcionou ao grupo dois Grammys. Também lançou três carreiras solo: a de Lauryn Hill, com o álbum *The Miseducation Of Lauryn Hill*, acabou fazendo mais sucesso comercial e artístico do que *The Score*.

Até hoje o trio não lançou mais nenhum disco, mas a perda de impulso de suas carreiras solo não torna improvável que isso volte a acontecer. E, caso não aconteça, *The Score* ficará para sempre como um lindo canto do cisne. **JiH**

Lista de músicas

	01	**Red Intro** (Uncredited)	1:51
▶	02	**How Many Mics** (Hill • Jean • Michel)	4:28
▶	03	**Ready Or Not** (Bell • Hart • Hill • Jean • Michel)	3:47
	04	**Zealots** (Hill • Jean • Michel)	4:20
	05	**The Beast** (Hill • Jean • Michel)	5:37
▶	06	**Fu-Gee-La** (Hill • Jean • Marie • McGrier • Michel • Remi)	4:20
	07	**Family Business** (Forte • Hill • Jean • Michel • Omega)	5:43
▶	08	**Killing Me Softly With His Song** (Fox • Gimbel)	4:58
	09	**The Score** (Desmond • Hill • Jean • Michel)	5:02
	10	**The Mask** (Hill • Jean • Michel)	4:50
	11	**Cowboys** (Forte • Hill • Jean • Pace 1 • Pras Ra Digga • Young Zee)	5:23
▶	12	**No Woman, No Cry** (Ford • Marley)	4:33
	13	**Manifest/Outro** (Hill • Jean • Michel)	5:59
	14	**Fu-Gee-La** (Hill • Jean • Marie • McGrier • Michel)	4:24
	15	**Fu-Gee-La** (Hill • Jean • Marie • McGrier • Michel)	5:27
	16	**Mista Mista** (Jean)	2:42

Ash | 1977 (1996)

Selo | Infectious
Produção | Ash • Owen Morris
Projeto gráfico | Brian Cannon • Mark Hamilton
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 62:25

Era o ano em que o punk explodiu. O ano em que *Star Wars* estreou. O ano em que nasceram dois irlandeses na cidade de Downpatrick – Tim Wheeler e Mark Hamilton.

Sem dúvida alguma um dos álbuns de estréia mais marcantes dos anos 90, *1977* soube misturar de forma mágica a impulsividade e a aspereza da juventude com uma sensibilidade para um pop energético adequada à idade dos integrantes da banda. Com o baterista Rick McMurray, o trio irlandês (a segunda guitarrista, Charlotte Hatherley, só se juntaria a eles no ano seguinte) condensou e destilou os melhores elementos do pop, do punk e do rock com um senso irresistível de entusiasmo.

Surfando a onda do *britpop* dos anos 90 (particularmente evidente em músicas cheias de cordas como "Oh Yeah" e "Gone The Dream"), mas ao mesmo tempo muito mais individualista, *1977* começa com o famoso som de um *Tie Fighter* de Star Wars. "Kung Fu", o primeiro single, cinematográfico e frenético, é uma homenagem de Wheeler a Jackie Chan e uma música que qualquer adolescente transformaria em hino pessoal. "Girl From Mars", a primeira música da banda a alcançar o Top 20, e "Angel Interceptor" materializavam de forma perfeita as vibrações do pop espacial deste álbum.

Com um gosto quase ingênuo pelos excessos e exuberância juvenis – o melhor exemplo é a quase indizível faixa oculta, corretamente intitulada de "Sick Party" (Festa Doentia) –, *1977* anunciou a chegada de um dos grandes grupos pop-rock da nova geração e também definiu a experiência musical de uma microgeração de jovens. Se você era adolescente quando este álbum saiu, provavelmente continua sendo parte de sua história de vida. **DZ**

"Tínhamos 19 anos! A maioria de nossos contemporâneos [...] já desapareceu."

Tim Wheeler, 2002

Lista de músicas

01	**Lose Control**	(Hamilton•Wheeler)	3:37
02	**Goldfinger**	(Wheeler)	4:31
03	**Girl From Mars**	(Wheeler)	3:24
04	**I'd Give You Anything**	(Wheeler)	4:37
05	**Gone The Dream**	(Wheeler)	3:29
06	**Kung Fu**	(Wheeler)	2:17
07	**Oh Yeah**	(Wheeler)	4:45
08	**Let It Flow**	(Wheeler)	4:46
09	**Innocent Smile**	(Hamilton)	5:47
10	**Angel Interceptor**	(McMurray•Wheeler)	4:04
11	**Lost In You**	(Wheeler)	4:19
12	**Darkside Lightside**	(Wheeler)	16:49

Belle And Sebastian | If You're Feeling Sinister (1996)

Selo | Jeepster
Produção | Tony Doogan
Projeto gráfico | Belle And Sebastian
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:07

Depois de gravarem o seu álbum de estréia, "*Tigermilk*", como parte de um projeto acadêmico, os escoceses do Belle And Sebastian encontravam-se numa posição invejável. Elogiados mas não endeusados, mantiveram uma atmosfera misteriosa e intrigante (que rodeava especialmente o vocalista e ex-boxeador Stuart Murdoch) que dava um charme indefinível às músicas. Mesmo seus rostos eram mantidos em segredo – muitas vezes pediam a amigos que os substituíssem nas sessões fotográficas e nas fotografias das capas dos álbuns, como neste caso.

Por todo o disco, os dias de faculdade relativamente recentes parecem evidentes – os jovens esportistas na música de abertura, as pessoas "beijando apenas para praticar", em "Seeing Other People", e ainda a incerteza e insegurança características da juventude que podem ser detectadas na faixa-título.

"Seeing Other People" é um clássico com uma narrativa que aponta de forma precisa temas universais sobre relacionamentos. A faixa mais marcante, contudo, é a caprichosa e amarga "Get Me Away From Here, I'm Dying", que representa bem o estilo do Belle And Sebastian dessa fase: uma base simples de folk, letras ricas e bem construídas e uma grande quantidade de sarcasmo insinuante e encantador. Também vale a pena ouvir a brisa de verão de "Mayfly", uma faixa tão contente consigo mesma que torna as preocupações expressas em outros pontos ainda mais marcantes.

A banda estava no auge de seus poderes místicos. A imprensa tentou revelar as suas identidades e seguir de perto o percurso profissional do grupo, mas eles não ajudavam em nada. Eram uma pequena fábrica produzindo discos para os que tinham fé, enquanto todos os outros tentavam alcançá-los. Ao ouvir este trabalho hoje, é possível reviver tempos idos e você quase se sente, novamente, parte dessa geração. **JK**

"Vou me sentir bem melhor quando as pessoas começarem a comprar (...) as músicas."

Stuart Murdoch, 1996

Lista de músicas

▶	01	**The Stars Of Track And Field** (Belle And Sebastian)	4.48
▶	02	**Seeing Other People** (Belle And Sebastian)	3:38
	03	**Me And The Major** (Belle And Sebastian)	3 51
	04	**Like Dylan In The Movies** (Belle And Sebastian)	4.14
	05	**The Fox In The Snow** (Belle And Sebastian)	4.11
▶	06	**Get Me Away From Here, I'm Dying** (Belle And Sebastian)	3 25
▶	07	**If You're Feeling Sinister** (Belle And Sebastian)	5:21
▶	08	**Mayfly** (Belle And Sebastian)	3 42
	09	**The Boy Done Wrong Again** (Belle And Sebastian)	4 17
	10	**Judy And The Dream Of Horses** (Belle And Sebastian)	3.40

Blur | Blur (1997)

Selo | Food
Produção | Blur • Stephen Street
Projeto gráfico | Yacht Associates
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 60:10

A capa do álbum mostra uma foto borrada de um paciente entrando na emergência de um hospital – um resumo admiravelmente cândido que transmite o estado crítico da banda antes deste disco ser lançado. No verão de 95, "Country House" pode ter levado a melhor e chegado ao primeiro lugar nas paradas inglesas, batendo "Roll With It", do Oasis, mas o supercalculado *The Great Escape* ficou para trás em relação a *(What's The Story) Morning Glory?*. No final de um ano, o britpop estaria morto.

A salvação veio de uma fonte contra a qual tinham passado quase toda a carreira brigando: os Estados Unidos. Ainda que os seus três álbuns anteriores – a chamada "trilogia inglesa" – fossem uma negação do rock norte-americano, o que mais fazer senão abraçá-lo? Conta a lenda que a mudança de rumo veio graças a Graham Coxon. O disco certamente pertence às suas guitarras barulhentas, especialmente em "Song 2", um sucesso que permitiu que entrassem no mercado norte-americano. Coxon também compôs a maravilhosa "You're So Great", sua primeira música para o Blur. É impossível não detectar as influências do Pavement, Sonic Youth, Dinosaur Jr. ou até mesmo o Black Flag, algo que seria impensável para a banda enquanto Damon Albarn estivesse no comando.

A música do Blur sempre teve as suas excentricidades, mas agora elas estavam mais evidentes por conta dos métodos de gravação lo-fi do produtor Stephen Street. De qualquer forma, este disco contém algumas das melhores músicas de Damon Albarn. As dolorosas "Strange News From Another Star" e "Country Sad Ballad Man" estão a anos-luz dos excessos de *Parklife*. Por sua vez, a última faixa, "Essex Dog", foi a declaração definitiva sobre a identidade inglesa que a banda tinha levado três álbuns tentando alcançar. Realmente uma bela fuga. **MBe**

Lista de músicas

▶	01	**Beetlebum** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	5:05
▶	02	**Song 2** (Albarn)	2:01
	03	**Country Sad Ballad Man** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	4:50
	04	**M.O.R.** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	3:27
▶	05	**On Your Own** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	4:26
	06	**Theme From Retro** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	3:37
▶	07	**You're So Great** (Coxon)	3:36
	08	**Death Of A Party** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	4:33
	09	**Chinese Bombs** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	1:24
	10	**I'm Just A Killer For Your Love** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	4:11
	11	**Look Inside America** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	3:50
▶	12	**Strange News From Another Star** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	4:02
	13	**Movin' On** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	3:44
	14	**Essex Dogs** (Albarn • Coxon • James • Rowntree)	11:24

Radiohead | OK Computer (1997)

Selo | Parlophone
Produção | Nigel Godrich • Radiohead
Projeto gráfico | S. Donwood • The White Chocolate Farm
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 53:21

Misturar Smiths e Queen é sinônimo de demência. Por sorte, as influências idiossincráticas do Radiohead estavam à altura de seu talento e o seu terceiro álbum foi ainda mais longe que o seu espetacular antecessor, *The Bends*.

O sucesso que os acompanhava desde o sucesso do single "Creep" não tornou seu líder, Thom Yorke, um homem feliz. A música mais alegre do álbum, "Airbag", fala da "emoção maravilhosa e positiva que você sente quando acaba de se safar de um acidente".

EM outras faixas ele solta sua raiva contra "negócios e babaquices" ("Electioneering"), contra "estar encurralado" ("Let Down") e contra "o monstro no armário" ("Climbing Up The Walls"). A mais vívida é "Paranoid Android", cujo título vem do livro *O Mochileiro das Galáxias*, de Douglas Adams: a letra, inspirada no jet-set enlouquecido pela cocaína, é uma evocação pavorosa do "mais completo e absoluto caos".

A beleza da música suaviza o terror das letras. "Subterranean Homesick Alien" é adequadamente espacial. "No Surprises" é uma música delicada acompanhada por um carrilhão, e "Let Down" é tão adorável quanto seria de se esperar de uma música gravada numa sala de dança de Jane Seymor. "Lucky" e "The Tourist" têm um certo toque de Pink Floyd.

Há muitas surpresas sonoras: o loop de bateria inspirado no DJ Shadow na música "Airbag", a épica "Paranoid Android" no estilo de "Happiness Is A Warm Gun" e "Fitter Happier", remetendo a Stephen Hawking (na verdade, um computador Apple programado por Yorke).

OK Computer chegou ao primeiro lugar nos Estados Unidos e na Inglaterra e, segundo a banda, teve uma recepção "exagerada". Ainda assim, continua sendo fascinante de se ouvir, como em 1997. **BM**

Lista de músicas

01	**Airbag**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	4:44
▶ 02	**Paranoid Android**	(C. Greenwood J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke)	6:23
03	**Subterranean Homesick Alien**	(C. Greenwood J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke)	4:27
04	**Exit Music (For A Film)**	(C. Greenwood J. Greenwood • O Brien • Selway • Yorke)	4:24
05	**Let Down**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	4:59
▶ 06	**Karma Police**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	4:21
07	**Fitter Happier**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	1:57
08	**Electioneering**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	3:50
09	**Climbing Up The Walls**	(C. Greenwood J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke)	4:45
▶ 10	**No Surprises**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	3:48
11	**Lucky**	(C. Greenwood • J. Greenwood • O'Brien Selway • Yorke)	4:19
12	**The Tourist**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	5:24

Finley Quaye | Maverick A Strike (1997)

Selo | Epic
Produção | Vários
Projeto gráfico | Não Consta
Nacionalidade | Gana / Inglaterra
Duração | 51:36

Maverick A Strike foi a trilha sonora do verão de 1997 e fez com que Finley Quaye fosse comparado a Bob Marley, além de ter alcançado um triplo platina e ter atingido o Top 3 na Inglaterra. Quaye honra as comparações com Bob Marley, já que o álbum navega por uma imensa variedade de estilos, tendo sua coerência garantida pela voz melodiosa e personalidade original do artista. Nos agradecimentos do disco inúmeras pessoas são citadas, desde Rolf Harris ao biólogo David Attenborough, passando pelo botânico David Bellamy, o astrônomo Patrick Moore, Haile Selassie e o Hibernian Footbal Club. No álbum também se encontra um pouco de tudo, desde o dub de "Ultra Simulation", "The Way Of Explosive" e "Red Rolled And Seen" até a sonoridade soul mais simples de "Even After All" (10.º lugar na Inglaterra) ou o acid-rock de "I Need A Lover".

O primeiro single, "Sunday Shining", é uma reestruturação fantástica de "Sun Is Shining", de Bob Marley, com slide guitar e uma seção de metais funk. Sempre que se ouve "Ride On And Turn The People On", com seu baixo impulsivo e os ritmos do órgão Hammond, é completamente impossível ficar parado e não começar a dançar. A música "Your Love Gets Sweeter" transmite uma mensagem de puro amor no velho estilo.

Depois do sucesso do álbum, criticaram Quaye por levar a vida de sonho das estrelas de rock: grandes noitadas, ser "difícil" em entrevistas e entrar em polêmicas com o ícone do trip-hop, Tricky (que, segundo alguns rumores, é seu sobrinho). Todavia, nada disso obscurece a beleza de *Maverick A Strike*, o álbum perfeito para passear no parque ao ar livre numa tarde quente. **DC**

"Havia realmente poucos bons compositores na área."

Finley Quaye, 2005

Lista de músicas

01	**Ultra Stimulation**	(Quaye)	3:52
02	**It's Great When We're Together**	(Quaye)	3:39
▶ 03	**Sunday Shining**	(Marley • Quaye)	3:42
▶ 04	**Even After All**	(Quaye)	3:54
▶ 05	**Ride On And Turn The People On**	(Quaye)	3:47
06	**The Way Of The Explosive**	(Quaye)	4:44
▶ 07	**Your Love Gets Sweeter**	(Quaye)	3:12
08	**Supreme I Preme**	(Quaye)	4:59
09	**Sweet And Loving Man**	(Quaye)	3:21
10	**Red Rolled And Seen**	(Quaye)	4:07
11	**Falling**	(Propfh • Quaye)	3:16
▶ 12	**I Need A Lover**	(Quaye)	4:04
13	**Maverick A Strike**	(Quaye)	4:59

Missy Misdemeanour Elliott | Supa Dupa Fly (1997)

Selo | East West
Produção | Timbaland
Projeto gráfico | Starr Foundation
Nacionalidade | EUA
Duração | 60:06

Missy Elliott é, quase inquestionavelmente, a mais importante intérprete feminina de hip-hop dos últimos 25 anos. E seu álbum de estréia continua a ser um dos mais renovadores do gênero.

Após ter escrito vários sucessos para a malograda estrela de R&B Aaliyah (que participa como convidada neste disco), Elliott recrutou Timbaland, seu colaborador de longa data, para trabalhar em *Supa Dupa Fly*. Ela forneceu um saudável antídoto contra a atitude casual de misoginia do rap em geral, emergindo como uma artista populista e provocadora, uma criadora de sucessos, sem jamais deixar de ser ferozmente inovadora. A maestria de Elliott nunca consistiu em criar rimas tecnicamente complexas, mas em cuspir livremente tiradas muitas vezes hilariantes sobre sexo, relacionamentos e fumar erva. Na realidade, o seu verdadeiro talento consiste em cantar, algo que ela faz em cerca de 40% deste álbum.

"The Rain (Supa Dupa Fly)", o maior sucesso do disco (ajudado pelo vídeo de Hype Williams, com freqüentes exibições na MTV), demonstra claramente por que as contribuições de Timbaland são cruciais. Essa faixa conjuga uma batida ancestral de R&B pontuada por uma produção eletrônica comedida e inovadora que criou um novo patamar a ser atingido por todos os produtores de hip-hop, incluindo The Neptunes. "Pass Da Blunt" resgata "Pass The Kutchie" (do The Mighty Diamonds) da interpretação falsamente inocente do Musical Youth, revivendo a música como um hino à maconha. "Beep Me 911" e "They Don't Wanna Fuck Wit Me" realçam a faceta sincopada e futurista do trabalho, enquanto "Izzy Izzy Ahh" prova que ela também se sente à vontade quando improvisa no estilo de uma festa arrasa-quarteirão cheia de ganja. **JDo**

Lista de músicas

	01	**Busta's Intro** (Smith)	1:53
▶	02	**Hit 'Em Wit Da Hee** (Elliott•Jones•Mosley)	4:19
▶	03	**Sock It 2 Me** (Bell•Elliott•Harris•Hart•Mosley)	4:17
▶	04	**The Rain (Supa Dupa Fly)** (Bryant•Elliott•Miller)	4:11
▶	05	**Beep Me 911** (Barcliff•Elliott•Mosley)	4:57
▶	06	**They Don't Wanna Fuck Wit Me** (Elliott•Mosley)	3:18
▶	07	**Pass Da Blunt** (Bennett•Brown Elliott•Fergusson•Lyn•Mittoo•Mosley Sibbles•Simpson)	3:17
	08	**Bite Our Style (Interlude)** (Elliott•Mosley)	0:43
	09	**Friendly Skies** (Elliott•Mosley)	4:59
	10	**Best Friends** (Elliott•Mosley)	4:07
▶	11	**Don't Be Commin' (In My Face)** (Elliott•Mosley)	4:11
▶	12	**Izzy Izzy Ahh** (Elliott•Mosley)	3:54
	13	**Why You Hurt Me** (Elliott•Floyd•Mosley)	4:31
	14	**I'm Talkin'** (Elliott•Mosley)	5:02
	15	**Gettaway** (Elliott•Mosley•Selden•Siplin)	4:25
	16	**Busta's Outro** (Mosley•Smith)	1:38
	17	**Missy's Finale** (Elliott)	0:24

The Chemical Brothers | Dig Your Own Hole (1997)

Selo | Virgin
Produção | The Chemical Brothers
Projeto gráfico | Negativespace
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 63:19

Em 1997, o Heavenly Social em Turnmills, Londres, era um lugar muito excitante (e cheio de suor) para se estar. Todos os sábados, o clube tremia com acid house, electro, tecno, hip-hop e outros estilos sob o comando de Jon Carter, Richard Fearless, Dave Clark e Andrew Weatherall. Contudo, a grande atração da noite era Tom Rowlands e Ed Simons – o duo conhecido como The Chemical Brothers.

A sua estréia, *Exit Planet Dust*, tinha causado bastante agitação, mas foi com *Dig Your Own Hole* que as coisas ficaram sérias para o Chemical. A arte simples da capa esconde um conteúdo trabalhado com minúcia – muitas das faixas tinham já sido testadas nas pistas. "Block Rockin' Beats" começa bombasticamente com um sample de Schooly D e uma batida forte, enquanto "Elektrobank", "Don't Stop The Rock" e "It Doesn't Matter" recriam a sobrecarga sensorial de um set de electroacid house do duo de DJs.

"Setting Sun" inclui sons estridentes de sintetizador, a voz arrastada e distorcida de Noel Gallagher e batidas dos Beatles (a música foi espirituosamente apelidada de "Tomorrow Never Noels"). "Lost In The K-Hole" é uma tortuosa pancada de demência induzida por tranqüilizantes de cavalos. "The Private Psychedelic Reel" é um estonteante épico de psicodelismo tecno, uma sucessão de picos e vales.

Juntamente com Orbital, Prodigy e Underworld, os Chemical Brothers estiveram entre os poucos artistas techno dos anos 90 capazes de lotar estádios. Foram, igualmente, dos poucos que conseguiram criar um álbum de dance que não consistia apenas numa série de variações do som de um bumbo. O duo mesclava gêneros, inventando outros novos pelo caminho, e o seu disco *Dig Your Own Hole* permanece como um testamento monolítico da força transcendente da cultura rave dos anos 90. **RS**

"Nós gravamos algo (...), depois tocamos ao vivo e vemos quais são as reações."

Ed Simons, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Block Rockin' Beats** (Rowlands • Simons • Weaver)	5:13
	02	**Dig Your Own Hole** (Rowlands • Simons)	5:27
▶	03	**Elektrobank** (Rowlands • Simons)	8:18
	04	**Piku** (Rowlands • Simons)	4:55
▶	05	**Setting Sun** (Gallagher • Rowlands • Simons)	5:28
	06	**It Doesn't Matter** (Conly • Emelin • Ford King • Rowlands • Simons • Slye)	6:14
	07	**Don't Stop The Rock** (Rowlands • Simons)	4:49
	08	**Get Up On It Like This** (Jones • Rowlands • Simons)	2:46
▶	09	**Lost In The K-Hole** (Rowlands • Simons)	3:52
	10	**Where Do I Begin?** (Rowlands • Simons)	6:56
▶	11	**The Private Psychedelic Reel** (Donahue • Rowlands • Simons)	9:21

Primal Scream | Vanishing Point (1997)

Selo | Creation
Produção | B. Lynch • Primal Scream • A. Weatherall
Projeto gráfico | Intro
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 53:31

O Primal Scream permanece como um autêntico camaleão do rock. Mais tarde entorpecidos pelo domínio do electro, ao longo da sua história foram fãs do rock indie, entusiastas alucinados da euforia induzida por drogas e, depois, genuínos heróis do rock 'n' roll. Mas *Vanishing Point* veio em um momento em que estavam inseguros do seu som – uma mistura de gêneros e de duvidosas influências mais sombrias, que se fundiram para uma viagem de montanha-russa – por vezes torturante, por vezes um êxtase no sentido mais puro da palavra.

O grupo tornou tanto os pontos altos quanto os baixos brilhantes. O single principal, "Kowalski", que recebeu o nome em homenagem ao protagonista de um obscuro filme de perseguições de carros de 1970 (que deu título ao álbum e que influenciou a arte da capa), é uma inebriante confusão de batidas e baixos entrelaçados com o sinistro sussurro de Bobby Gillespie. "If They Move, Kill 'Em" é uma contundente agressão aos sentidos de dois minutos . Aguda e alegre, possui enorme força destrutiva ao vivo. Eles fazem até mesmo covers do Motörhead só para deixar as coisas bem claras. Mas também há momentos mais suaves. "Star", com a participação da lenda do reggae Augustus Pablo na melódica, é um manifesto dub em prol do entendimento universal, muito mais de acordo com os ideais da banda em *Screamadelica*. "Out Of The Void" oferece um momento raro de arrependimento – Gillespie, com voz nebulosa, afirma: "Se voltasse a ser criança, seria santo, não louco."

Se *Screamadelica* e *Give Out But Don't Give Up* eram álbuns "para cima", então *Vanishing Point* joga o ouvinte no chão. O fato de conseguir fazê-lo sem deixar sequer um arranhão deve-se, em larga medida, ao som e ao ethos indestrutíveis do Primal Scream. **JK**

"*Vanishing Point* soa como um ferro-velho se desmanchando... É punk rock para 1997."

Bobby Gillespie, 1997

Lista de músicas

01	**Burning Wheel**	(Duffy • Gillespie • Innes • Young)	7 06
02	**Get Duffy**	(Duffy • Gillespie • Innes • Young)	4 09
▶ 03	**Kowalski**	(Duffy • Gillespie • Innes • Mounfield • Young)	5 50
04	**Star**	(Duffy • Gillespie • Innes • Young)	4 24
▶ 05	**If They Move, Kill 'Em**	(Duffy • Gillespie • Innes • Young)	3 01
▶ 06	**Out Of The Void**	(Duffy • Gillespie • Innes • Young)	3 59
07	**Stuka**	(Duffy • Gillespie • Innes • Young)	5 36
08	**Medication**	(Duffy • Gillespie • Innes • Young)	3 52
09	**Motörhead**	(Kilmister)	3 38
▶ 10	**Trainspotting**	(Duffy • Gillespie • Innes • Young)	8 07
11	**Long Life**	(Duffy • Gillespie • Innes • Young)	3 49

Robert Wyatt | Shleep (1997)

Selo | Hannibal
Produção | Alfreda Benge • Brian Eno • Robert Wyatt
Projeto gráfico Alfreda Benge • Phil Smee
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 53:38

Sejamos sinceros: com toda a seriedade, existem poucos artistas que, após 30 anos de carreira musical, conseguem fazer um disco tão cheio de idéias, melodias, imaginação, engenhosidade e, na falta de palavra melhor, aquilo que poderíamos chamar de "radicalidade" quanto Robert Wyatt conseguiu fazer em *Shleep*.

Qual é o segredo de Wyatt? Bem, pode ser que – tal como outras relíquias dos anos 60 que se mantêm atuais, como Pip Proud, Mayo Thompson ou Michael Hurley – ele tenha ficado um pouco de fora da indústria da música. Poucos músicos veteranos são tão queridos e admirados por um leque tão vasto de colegas. Quem mais conseguiria juntar Brian Eno e Paul Weller para trabalhar no seu álbum, assim como o ex-membro do Roxy Music, Phil Manzanera, e ainda os músicos de jazz Philip Catherine (guitarra) e Evan Parker (saxofone)?

Roger Waters, contemporâneo de Wyatt, produziu um álbum conceitual sobre a noite de sonhos de um homem. Wyatt comentou que as suas letras "lutaram para sair do papel durante longas semanas de insônia febril, que me deixaram um desejo quase insaciável de encontrar um sono profundo, abissal". A paródia/homenagem a Dylan "Blues In Bob Minor" só poderia mesmo funcionar aqui. "Free Will And Testament", "Maryan" e "Heaps Of Shleeps" são momentos clássicos de Wyatt: músicas encantadoras, uma voz ao mesmo tempo acolhedora e familiar, ligeiramente alienante. Letras que, da mesma forma, evocam simultaneamente o mais trivial e o que é perturbador e desconcertante.

Uma personagem pouco louvada na carreira de Wyatt (exceto, talvez, em "The Duchess") é sua mulher Alfreda Benge, que contribui aqui com letras encantadoras, a estupenda arte da capa e a produção. **DN**

"Tem notas, intervalos, acordes e ritmos. Gosto de alguns e não de outros."

Robert Wyatt, 1996

Lista de músicas

01	**Heaps Of Shleeps**	(Benge • Wyatt, arr. Eno)	4:56
▶ 02	**The Duchess**	(Wyatt)	4:18
03	**Maryan**	(Catherine • Wyatt)	6:11
04	**Was A Friend**	(Hopper • Wyatt)	6:11
05	**Free Will And Testament**	(Kramer • Wyatt)	4:12
06	**September The Ninth**	(Benge • Wyatt)	6:40
07	**Alien**	(Benge • Wyatt)	6:47
08	**Out Of Season**	(Benge • Wyatt)	2:31
▶ 09	**A Sunday In Madrid**	(Benge • Wyatt)	4:41
10	**Blues In Bob Minor**	(Wyatt)	5:46
11	**The Whole Point Of No Return**	(Weller)	1:25

David Holmes | Let's Get Killed (1997)

Selo | Go! Beat
Produção | Vários
Projeto gráfico | Glenn Leyburn
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 59:45

Após ganhar um prêmio da *Muzik Magazine* em 1997 com a sua coletânea *Essential Mix* – uma mistura eclética de Jimi Hendrix, soul do Norte e trilhas sonoras de cinema –, o segundo álbum de David Holmes explorou o seu permanente fascínio pelas trilhas sonoras. Juntamente com os seus co-inspiradores Keith Tenniswood (Two Lone Swordsmen), Jagz Kooner e Gary Burns (ambos dos Sabres Of Paradise e The Aloof), Holmes, natural de Belfast, decidiu documentar o submundo de Nova York. Juntando trechos de conversas entre vagabundos, prostitutas, cafetões e traficantes de droga a uma variada seleção de estilos como o dub, ambient tecno, jazz-funk e música latina, Holmes criou uma trilha sonora intensa e paranóica para a "cidade que nunca dorme", ainda mais pungente que a dos Sabres Of Paradise para o submundo de Londres (*Haunted Dancehall*, de 1994).

Entre os muitos destaques do álbum encontramos o tecno sincopado de "My Mate Paul" e a percussão luxuriante de "Head Rush On Lafayette". "Rodney Yates" combina um feeling descontraído de jazz com cordas exuberantes, enquanto "Slashers Revenge" concilia uma linha espacial de baixo dub com um sentimento de terror onipresente. Holmes também tenta reescrever o tema de James Bond em meio às frenéticas síncopes de "Radio 7".

Não é surpresa que Holmes e Cia. tenham provocado a hostilidade daqueles cujas conversas gravaram. Mas tudo isso compensou: a sua dinâmica recriação do medo e da excitação da metrópole levaram o disco a ganhar o Prêmio de Melhor Álbum Irlandês no Irish Rock Awards. Holmes foi rapidamente solicitado para fazer músicas para filmes, sendo o responsável pelas formidáveis trilhas de *Irresistível Paixão* e *Onze Homens E Um Segredo*. **CSh**

"No início, achamos que seria trivial..."

David Holmes, 1997

Lista de músicas

01	**Listen**	(Holmes)	0:49
▶ 02	**My Mate Paul**	(Holmes)	5:29
03	**Let's Get Killed**	(Holmes)	7:28
04	**Gritty Shaker**	(Holmes)	6:40
▶ 05	**Head Rush On Lafayette**	(Holmes)	1:20
▶ 06	**Rodney Yates**	(Holmes)	6:24
07	**Radio 7**	(Norman)	5:49
08	**The Parcus & Madder Show**	(Holmes)	0:51
▶ 09	**Slasher's Revenge**	(Holmes)	4:46
10	**Freaknik**	(Holmes)	6:45
11	**Caddell Returns**	(Holmes)	5:42
12	**Don't Die Just Yet**	(Gainsbourg)	6:43
13	**For You**	(Holmes)	0:59

Sleater-Kinney | Dig Me Out (1997)

Selo | Kill Rock Stars
Produção | John Goodmanson
Projeto gráfico | John Clark
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:24

A Sleater-Kinney descende de uma longa linhagem de bandas do Noroeste dos Estados Unidos. O fato de serem mulheres e a sua preferência pela banda punk feminina Bikini Kill levou-as a serem identificadas com o movimento riot grrrl, mas isso é apenas parte da história. *Sleater-Kinney* (1995) e *Call The Doctor* (1996) mostraram uma banda cheia de entusiasmo, mas que desejava obter respeito de um público mais amplo do que seus seguidores fiéis.

Lançado em 1997 pelo selo orgulhosamente punk Kill Rock Stars, *Dig Me Out* é uma mistura perfeita de ideologia, atitude e bons riffs. O disco se arma em torno dos vocais em contratempo de Corin Tucker e Carrie Brownstein (em especial o interessante uivo em falsete de Tucker) e dos enérgicos duelos de guitarras (não há baixo). Na faixa-título, a abertura com a guitarra de Brownstein, pontuada pela caixa de bateria de Janet Weiss, gera um fluxo imediato de energia.

Ao contrário de outras bandas da Kill Rock Star – em especial a Bikini Kill –, a Sleater-Kinney é politizada mas não agressiva. O seu refrão doce em "Little Baby" ilustra o seu delicado equilíbrio entre punk, política e pop, enquanto a exuberante "It's Enough" justapõe a fórmula da música pop de dois minutos a letras que criticam e celebram simultaneamente o fascínio (masculino) de críticos e fãs pelas bandas só de mulheres.

"Not What You Want" cria um irresistível crescendo de ruído; em nítido contraste, "Buy Her Candy" é uma balada emotiva que contém um sutil comentário político.

"Uma química musical explosiva, que mistura uma melodia contagiante com uma inovadora desconstrução punk", maravilhava-se a *Rolling Stone*. Brownstein foi mais comedida: "A qualidade de *Dig Me Out* não me surpreende tanto. Trabalhamos duro." **PE**

"É bom fazer um disco um pouco mais... vivo."

Carrie Brownstein, 1997

Lista de músicas

▸	01	**Dig Me Out** (Sleater-Kinney)	2:40
	02	**One More Hour** (Sleater-Kinney)	3:19
▸	03	**Turn It On** (Sleater-Kinney)	2:47
	04	**Drama You've Been Craving** (Sleater-Kinney)	2:08
	05	**Heart Factory** (Sleater-Kinney)	3:54
	06	**Words And Guitar** (Sleater-Kinney)	2:21
	07	**It's Enough** (Sleater-Kinney)	1:46
▸	08	**Little Babies** (Sleater-Kinney)	2:22
	09	**Not What You Want** (Sleater-Kinney)	3:17
	10	**Buy Her Candy** (Sleater-Kinney)	2:02
	11	**Things You Say** (Sleater-Kinney)	2:56
	12	**Dance Song '97** (Sleater-Kinney)	2:49
	13	**Jenny** (Sleater-Kinney)	4:03

Prodigy | The Fat Of The Land (1997)

Selo | XL
Produção | Liam Howlett
Projeto gráfico | Liam Howlett • Alex Jenkins
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 56:19

Incitar à piromania e assustar crianças não são estratégias seguras para aumentar as vendas de um álbum. Mas a visceral "Firestarter", com a sua letra provocadora e o vídeo diabólico, impulsionou *The Fat Of The Land*. O público do Prodigy elevou o álbum ao primeiro lugar nos Estados Unidos e na Inglaterra – ele conquistou dupla platina nos EUA antes mesmo do final do ano.

O Prodigy penetrou na cultura popular – em grande parte graças à genialidade dos ritmos de Liam Howlett – com uma espantosa montagem de guitarras, samples e eletrônica. Havia hip-hop eletrônico também: "Diesel Power" conta com a colaboração de Kool Keith – Dr. Octagon, dos Ultramagnetic MCs –, enquanto "Funky Shit" tira seu título de "Root Down", dos Beastie Boys, misturando breakbeats com funk. Em outras faixas há trance de inspiração oriental, uma versão do punk-rock do L7 ("Fuel My Fire") que conta com samples de uma bateria agitada de "Lost Cause" do Cosmic Psychos.

Buscando controvérsias desde o início – "the fat of the land" é uma citação do nazista Hermann Goering –, o Prodigy esquentou ainda mais as coisas ao lançar como single "Smack My Bitch Up" (com samples que iam de Andy Williams a Kool And The Gang). Um vídeo (censurado) repleto de sexo, drogas e vômito (com uma virada interessante no final) não ajudou em nada as coisas. A Organização Nacional de Mulheres protestou na Inglaterra, afirmando que a música glorificava a violência contra as mulheres, e artistas como Chumbawamba e Moby juntaram-se ao coro.

Essa tática de choque mostrou-se eficaz a curto prazo – "Smack My Bitch Up" foi parar até mesmo na trilha sonora do filme *As Panteras*. Confirmou, contudo, que o Prodigy era, como consta em "Firestarter", um grupo de "instigadores punk". *The Fat Of The Land* é obrigatório em qualquer coleção. **MBo**

"A nossa atitude é: estamos aqui, amem-nos ou odeiem-nos. Se isso é ser punk, então somos punks."

Liam Howlett, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Smack My Bitch Up** (Howlett • Miller • Randolph • Smith • Thornton)	5:42
▶	02	**Breathe** (Flint • Howlett • Palmer)	5:34
	03	**Diesel Power** (Howlett • Thornton)	4:17
	04	**Funky Shit** (Diamond • Horovitz • Howlett • Yauch)	5:16
	05	**Serial Thrilla** (Arran • Dyer • Flint • Howlett)	5:11
	06	**Mindfields** (Howlett)	5:39
	07	**Narayan** (Howlett • Mills)	9:06
▶	08	**Firestarter** (Deal • Dudley • Flint • Horn Howlett • Jeczalik • Langan • Morley)	4:40
	09	**Climbatize** (Howlett • Taylor)	6:36
	10	**Fuel My Fire** (James • Knight • Sparks • Walsh)	4:18

Buena Vista Social Club
Buena Vista Social Club (1997)

Selo | World Circuit
Produção | Ry Cooder
Projeto gráfico | The Team
Nacionalidade | Cuba • EUA
Duração | 59:43

Impossível inventar esta história: um álbum cubano, que vendeu seis milhões de cópias, liderou as paradas alemãs e rompeu as sanções para que os músicos pudessem tocar no Carnegie Hall – apesar de o disco não poder ser comprado em Havana, onde o seu estilo pré-revolucionário é considerado antiquado. Não bastasse isso, foi um acidente: o plano era levar alguns músicos de origem malê para gravar uma participação em Cuba, mas a burocracia impediu os africanos de comparecer e o estúdio já estava reservado. Ry Cooder perguntou a Juan de Marcos González, citado nos créditos como "consultor de A&R" (artista e repertório), se conhecia alguns músicos que estivessem disponíveis.

González vasculhou Havana à procura de sobreviventes dos anos dourados de Cuba, encontrando os cantores Ibrahim Ferrer e Omara Portuondo, o pianista Rubén González, o guitarrista Compay Segundo e o baixista Cachaito López. Juntou também uma big band, os Afro Cuban All Stars, que gravaram o seu próprio álbum numa explosão de criatividade livre. Pediram a González que sugerisse músicas que gostaria de gravar. Ele apareceu no dia seguinte com tudo escrito em uma fita de caixa registradora. Com três álbuns gravados, cada um foi para o seu lado.

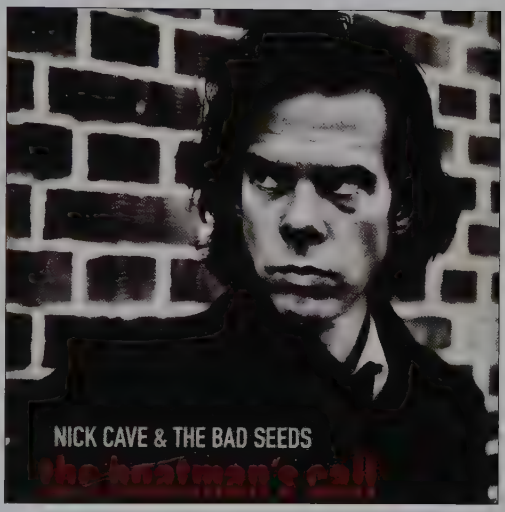
Apesar de muitas pessoas terem depois decidido que a World Circuit sempre soube exatamente o que estava fazendo, ninguém poderia ter previsto o que iria acontecer. Os músicos fizeram alguns espetáculos, mas as coisas cresceram sem seu envolvimento direto. As pessoas gostaram da história – músicos aposentados retornam para salvar um estilo musical em vias de extinção – e correram às lojas. Era verdade? E quem se importa? **DH**

Lista de músicas

▶	01	**Chan Chan** (Repilado)	4:16
	02	**De Camino A La Vereda** (Ferrer)	5:03
	03	**El Cuarto De Tula** (Marquetti)	7:27
	04	**Pueblo Nuevo** (González)	6:05
▶	05	**Dos Gardenias** (Carillo)	3:02
	06	**¿Y Tú Qué Has Hecho?** (Delfin)	3:13
▶	07	**Veinte Años** (Vera)	3:29
	08	**El Carretero** (Portabales)	3:28
	09	**Candela** (Oramas)	5:27
	10	**Amor De Loca Juventud** (Ortiz)	3:21
	11	**Orgullecida** (Silveira)	3:18
	12	**Murmullo** (Chepin)	3:50
▶	13	**Buena Vista Social Club** (López)	4:50
▶	14	**La Bayamesa** (Garay)	2:54

Nick Cave And The Bad Seeds
The Boatman's Call (1997)

Selo | Mute
Produção | Nick Cave And The Bad Seeds • Flood
Projeto gráfico | Anton Corbijn
Nacionalidade | Austrália
Duração | 52:07



Apesar de ser uma diversão morbidamente agradável, *Murder Ballads*, de 1996, foi um intervalo para Cave. Com *The Boatman's Call* ele regressou à sua forma cáustica de fazer música. O rosto monocromático de Cave que ilustra a capa revela que isso não é uma brincadeira, e ele apresenta 12 músicas bem trabalhadas sobre desilusões amorosas e dúvidas.

The Boatman's Call é geralmente aclamado como um dos melhores álbuns de rock sobre separações, tendo supostamente sido inspirado no final do envolvimento de Cave com a encantadora P. J. Harvey – "West Country Girl" e "Black Hair" seriam sobre ela. Em sinal de respeito pela sua dor, os Bad Seeds parecem ficar em segundo plano, tecendo uma delicada trilha sonora.

Não há grandes exibicionismos nas letras deste álbum, apenas um enorme sentimento de perda que Cave articula exemplarmente. O mundo deste álbum é descrito numa linguagem frágil, sendo um lugar onde a esperança é escassa – "onde cada um ferra o próximo como puder", como lamenta Cave em "Far From Me". Os títulos de músicas como "People Ain't No Good" dão uma boa idéia do estado em que se encontra o coração dilacerado de Cave e não é uma visão bonita. Na verdade, a dor do amor perdido é quase fundida com a da derradeira separação, a morte, em "Brompton Oratory". São necessárias algumas audições para compreender que Cave chora por alguém que morreu metafisicamente para ele, mas que também poderia ter morrido fisicamente, pois suas palavras sutis deixam espaço para as duas interpretações.

É assim que soa o coração de um homem quando se quebra. **SJac**

"As palavras perduram..."

Nick Cave, 2001

Lista de músicas

01	**Into My Arms** (Cave)	4:15
02	**Lime-Tree Arbour** (Cave)	2:56
03	**People Ain't No Good** (Cave)	5:42
▶ 04	**Brompton Oratory** (Cave)	4:06
05	**There Is A Kingdom** (Cave)	4:52
▶ 06	**(Are You) The One That I've Been Waiting For?** (Cave)	4:05
07	**Where Do We Go Now But Nowhere?** (Cave)	5:46
08	**West Country Girl** (Cave)	2:45
09	**Black Hair** (Cave)	4:14
10	**Idiot Prayer** (Cave)	4:21
▶ 11	**Far From Me** (Cave)	5:33
12	**Green Eyes** (Cave)	3:32

The Divine Comedy
A Short Album About Love (1997)

Selo | Setanta
Produção | The Divine Comedy • Jon Jacobs
Projeto gráfico | Rob Crane
Nacionalidade | Irlanda • Inglaterra
Duração | 31:56

A imagem do dândi culto e mulherengo começou com *Promenade*, de 1994, e continuou com *Casanova*, dois anos depois, com o qual Neil Hannon conquistou uma grande popularidade na Inglaterra. Em *A Short Album About Love*, inevitavelmente lançado perto do dia dos namorados, ele foi muito claro. O título foi inspirado no cineasta polonês Krzysztof Kieslowski (basta substituir "Filme" por "Álbum" para chegar ao título da obra cinematográfica de 1988), mas funciona.

As sete músicas foram gravadas ao vivo com uma orquestra de 26 músicos em finais de 1996, após a passagem de som, mas antes dos shows (um Hannon algo humilde admitiu, numa entrevista para o rádio, que ele regravou a voz mais tarde). Tirando "If...", que entrelaça uma série de hipóteses improváveis para gerar empatia, embora por vezes sem muita força ("If you were a horse / I'd clean the crap out of your stable" – "Se você fosse um cavalo / Eu limparia a bosta do seu estábulo"), o disco está livre de piadas e foi melhor assim. Hannon tinha encontrado, literalmente, a sua voz: rica, expressiva, por vezes até walkeriana. Encontrou também o arranjador (Joby Talbot) e as músicas adequadas, algumas autoconfiantes ("I'm All You Need"), outras suplicantes ("Timewatching").

Em 1998 seguiu-se *Fin De Siécle*, um disco fantástico, diminuído por duas músicas que exibiam a faceta frívola do grupo. Como não poderia deixar de ser, "Generation Sex" e "National Express" foram dois dos três singles escolhidos, reforçando a imagem de Hannon como um cantor brincalhão. Quando o fabuloso *Regeneration* foi lançado em 2001, os fãs já não estavam mais prestando atenção. **WF-J**

"Não há nenhuma música neste disco que eu recomende como presente para o dia dos namorados."

Neil Hannon, 1997

Lista de músicas

▶	01	**In Pursuit Of Happiness** (Hannon)	3:31
	02	**Everybody Knows (Except You)** (Hannon)	3:48
▶	03	**Someone** (Hannon)	5:58
	04	**If...** (Hannon)	4:25
	05	**If I Were You (I'd Be Through With Me)** (Hannon)	4:41
	06	**Timewatching** (Hannon)	4:42
▶	07	**I'm All You Need** (Hannon)	4:51

Cornershop
When I Was Born For The 7th Time (1997)

Selo | Wiiija Records
Produção | Vários
Projeto gráfico | Deborah Norcross
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 54:12

Em fevereiro de 1998, o remix de Fatboy Slim de "Brimful Of Asha" era o primeiro lugar nas paradas de todo o mundo. Com o seu vídeo kitsch que prestava homenagem à tecnologia lo-fi e a letra hermética que fazia referência à mítica vocalista de Bollywood, Asha Bhosle, o remix deu uma ajuda considerável a este álbum e apresentou o Cornershop a milhões de novos ouvintes.

Tjinder Singh, filho de pais sikh e nascido em Preston, Lancashire, formou o Cornershop em inícios dos anos 90 para tocar um pós-punk raivoso muito influenciado pelo The Fall. Quando Singh começou a se interessar pela música indiana, o Cornershop transformou-se num coletivo de world music com uma vertente punk, em que os músicos com cítaras, tablas, harmônios e tambores dhol no palco muitas vezes ultrapassavam o número de espectadores.

Em 1997, Singh voltou a reunir-se com o membro fundador Ben Ayres para mixar um pop de guitarras lo-fi com música eletrônica e também sons indianos. O resultado foi o seu álbum mais sólido e acessível até hoje. Talvez "Brimful Of Asha" não soe tão interessante para os fãs da versão remix, mas há muitas outras coisas interessantes.

"Sleep On The Left Side" combina um timbre persistente de harmônio qawwali com um breakbeat em loop. "We're In Yr Corner" é um groove funk arrasador. "Good To Be On The Road Back Home" é uma excêntrica versão indiana de música country. "Candy Man" baseia-se num sample de Larry Coryell (e é uma das faixas co-produzidas por Dan The Automator). Por fim, "Norwegian Wood" subverte com astúcia o exotismo indiano dos Beatles, recitando a letra de John Lennon em Punjabi. **JLe**

Lista de músicas

▶	01	**Sleep On The Left Side** (Singh)	4:06
▶	02	**Brimful Of Asha** (Singh)	5:17
	03	**Butter The Soul** (Singh)	3:19
	04	**Chocolat** (Singh)	1:24
▶	05	**We're In Yr Corner** (Singh)	5:47
▶	06	**Funky Days Are Back Again** (Singh)	3:41
	07	**What Is Happening?** (Ayres•Singh)	2:15
	08	**When The Light Appears Boy** (Ginsberg)	2:41
	09	**Coming Up** (Singh)	1:03
	10	**Good Shit** (Singh)	4:40
	11	**Good To Be On The Road Back Home** (Singh)	5:45
	12	**It's Indian Tobacco, My Friend** (Singh)	4:51
▶	13	**Candy Man** (Singh)	3:49
	14	**State Troopers** (Singh)	3:07
▶	15	**Norwegian Wood (This Bird Has Flown)** (Lennon•McCartney)	2:27

Daft Punk | Homework (1997)

Selo | Virgin
Produção | Daft Punk
Projeto gráfico | Daft Punk • Serge Nicolas
Nacionalidade | França
Duração | 73:31

Os ravers não estavam preparados para *Homework*. No início de 1997, os encantos do britpop que tinham seduzido quase toda a juventude inglesa e a música eletrônica, antes tão progressista, estavam em baixa. Mas a mistura de P-funk, disco, acid e samples no estilo hip-hop do Daft Punk reinventou o gênero, deixando confusos os adeptos de dance music da época.

O álbum podia ter sido apenas obra de dois jovens precoces que, como insinuava o título, tinham feito o dever de casa. "É simples quando se é adolescente, é natural" – disse Guy-Manuel de Homem Christo, na época com pouco mais de 20 anos. "Qualquer adolescente prefere um tipo de música viva, a forma mais energética, e o rock 'n' roll não é mais nada disso. A música dance é muito mais jovem e inovadora."

Depois de brincar com o rock indie na sua banda anterior, Darlin, Guy-Manuel e o seu carismático parceiro de produção Thomas Bangalter partiram para a música dance num estilo nitidamente francês. O seu grande sucesso "Da Funk", de 1995, deve muito a George Clinton e a Paul Oakenfold. O single seguinte, menos energético porém mais comercial, "Around The World", também funde influências muito heterogêneas (Kool And The Gang, Zapp, Buggles) numa só música. Era "cortar e colar" para as pistas, imediatamente novo mas muito retrô.

Homework fez a ponte entre os estilos de música dançante mais consagrados e o ecletismo crescente do big beat. Provou a muitos freqüentadores de clubes que o dance era algo além de pílulas e sons pré-programados. **ARa**

Lista de músicas

01	**Daftendirekt**	(Bangalter•Homem-Christo)	2:44
02	**WDPK 83.7 FM**	(Bangalter•Homem-Christo)	0:28
▶ 03	**Revolution 909**	(Bangalter•Homem-Christo)	5:26
▶ 04	**Da Funk**	(Bangalter•Homem-Christo)	5:28
05	**Phoenix**	(Bangalter•Homem-Christo)	4:55
06	**Fresh**	(Bangalter•Homem-Christo)	4:03
▶ 07	**Around The World**	(Bangalter•Homem-Christo)	7:07
▶ 08	**Rollin' & Scratchin'**	(Bangalter•Homem-Christo)	7:26
▶ 09	**Teachers**	(Bangalter•Homem-Christo)	2:52
10	**High Fidelity**	(Bangalter•Homem-Christo)	6:00
11	**Rock 'N' Roll**	(Bangalter•Homem-Christo)	7:32
12	**Oh Yeah**	(Bangalter•Homem-Christo)	2:00
▶ 13	**Burnin'**	(Bangalter•Homem-Christo)	6:53
14	**Indo Silver Club**	(Bangalter•Homem-Christo)	4:32
15	**Alive**	(Bangalter•Homem-Christo)	5:15
16	**Funk Ad**	(Bangalter•Homem-Christo)	0:50

Robbie Williams | Life Thru A Lens (1997)

Selo | Chrysalis
Produção | Guy Chambers • Steve Power
Projeto gráfico | Mat Cook
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 41:44

No mínimo, *Life Thru A Lens* demonstrou que nunca devemos virar as costas a um animal ferido. Quando muitos já haviam varrido do mapa Robbie Williams, jogando suas primeiras tentativas de fazer sucesso com um trabalho solo na seção de promoções, o seu álbum de estréia levantou-se das cinzas, consagrando-o como o maior mito pop inglês para toda uma geração.

Os primeiros singles, "Lazy Days" e "South Of The Border", chegaram ao Top 20 das paradas britânicas, mas foi sem dúvida "Angels" que colocou o mundo aos pés do antigo "bailarino gordo" (citando Noel Gallagher) da boy band Take That.

O convencimento de Williams casava bem com o seu recém-descoberto som power-pop, que juntava o estilo "cabaret" de suas apresentações com letras que deviam muito ao humor britânico.

Mas o álbum não seria nada sem o conjunto de arranjos de rock fantásticos e sólidos, compostos em parceria com o cúmplice de Williams, Guy Chambers, transformando uma tímida estréia num grande sucesso e numa obra-prima.

"Let Me Entertain You"" revisitava os riffs pirotécnicos e a pompa teatral da era do glam rock, mantendo a alta cotação do cantor com um terceiro lugar na Inglaterra. Dito isso, o contraste entre o autobiográfico "Ego A Go Go"" e o sombrio "One Of God's Better People" demonstrava que Williams ainda se encontrava dividido entre ser o centro das atenções e suas raízes na classe operária.

Em retrospectiva, a foto da capa (um panorama do circo midiático que engoliu Williams) era inadvertidamente irônica: este álbum levou o cantor à estratosfera, elevando o caos midiático à enésima potência. **ARo**

"Devo receber umas 100 cartas por semana que falam de (...) comportamentos instáveis."

Robbie Williams, 2004

Lista de músicas

	01	**Lazy Days** (Chambers • Williams)	3:53
▶	02	**Life Thru A Lens** (Chambers • Williams)	3:08
	03	**Ego A Go Go** (Chambers • Williams)	3:32
▶	04	**Angels** (Chambers • Williams)	4:24
	05	**South Of The Border** (Chambers • Williams)	3:53
▶	06	**Old Before I Die** (Bazilian • Child • Williams)	3:54
	07	**One Of God's Better People** (Chambers • Williams)	3:33
▶	08	**Let Me Entertain You** (Chambers • Williams)	4:21
	09	**Killing Me** (Chambers • Williams)	3:56
	10	**Clean** (Cook • Genn • Hawley • Slattery • Williams)	3:54
	11	**Baby Girl Window** (Chambers • Williams)	3:16

Mariah Carey | Butterfly (1997)

Selo | Columbia
Produção | Vários
Projeto gráfico | Christopher Austopchuk
Nacionalidade | EUA
Duração | 57:12

O álbum mais "infeliz" a chegar ao primeiro lugar nas paradas em 1997 foi *OK Computer*, mas este não fica muito atrás.

Carey tinha imaginado *Butterfly* como um disco house, do qual só restou "Fly Away", produzida por David Morales e baseada em "Skyline Pigeon", de Elton John. O disco evoluiu até se tornar um enorme discurso sobre seu casamento fracassado com Tommy Mottola, o chefão da Sony.

Ainda que fosse pouco representativo, o sucesso "Honey" assinalou uma mudança. Produzido por Puff Daddy e baseado na linha de baixo de "Body Rock", do Treacherous Three, foi outra incursão de Mariah Carey no hip-hop – ela já tinha trabalhado com Ol' Dirty Bastard em "Fantasy", de 1995.

O rap ganha peso nas melhores músicas deste disco. "The Roof", a favorita de Carey, baseia-se em "Shook Ones", de Mobb Deep. "Breakdown", com o coral hardcore do Bone Thugs-N-Harmony, acabou se tornando profética quando Carey entrou em depressão em 2001.

Das baladas, a latina "My All" foi o maior sucesso, embora haja outras mais substanciais. "Close My Eyes" parece flertar com o suicídio. "Outside", por sua vez, "tem a ver com ser multirracial e me sentir como se viesse de outro planeta", diz a cantora. E há a versão com a participação de Dru Hill "da minha música favorita de Prince", a torturada "The Beautiful Ones" de *Purple Rain* ("a que mais se aproxima do momento que estou vivendo", disse Carey).

Há também faixas suaves e encantadoras, como "Babydoll", co-autoria de Missy Elliott, e a evocativa "Fourth Of July". Em todas elas Carey domina os vibratos excessivos que afastam muitos ouvintes.

O que resta é um álbum em que, tal como revela a fotografia da capa (de Michael Thompson), a amargura se converte em beleza e a melancolia em ouro. **BM**

"Hoje em dia, qualquer uma é uma diva."

Mariah Carey, 2005

Lista de músicas

▶	01	**Honey** (Carey • Combs • Fareed • Hague • Jordan Larkins • McLaren • Price • Robinson)	5:01
▶	02	**Butterfly** (Afanasieff • Carey)	4:35
	03	**My All** (Afanasieff • Carey)	3:52
	04	**The Roof** (Barnes • Carey • Johnson • Muchita Olivier • Rooney)	5:14
	05	**Fourth Of July** (Afanasieff • Carey)	4:22
▶	06	**Breakdown** (Carey • Henderson • Jordan • Scruggs)	4:44
	07	**Babydoll** (Carey • Elliott • Jordan • Rooney)	5:07
	08	**Close My Eyes** (Afanasieff • Carey)	4:21
	09	**Whenever You Call** (Afanasieff • Carey)	4:21
	10	**Fly Away (Butterfly Reprise)** (Carey • John • Morales • Taupin)	3:49
	11	**The Beautiful Ones** (Prince)	6:59
	12	**Outside** (Afanasieff • Carey)	4:47

Carlinhos Brown
Alfagamabetizado (1996)

Selo | EMI – Odeon
Produção | Wally Badarou • Arto Lindsay
Projeto gráfico | Gringo Cardia
Nacionalidade | Brasil
Duração | 69:54

Quase todos os países têm um artista capaz de representar a verdadeira essência e a voz do seu povo. Dois exemplos são Bob Marley, da Jamaica, e Bàba Màl, do Senegal.

Carlinhos Brown, conhecido por alguns como "o Prince brasileiro", desempenha esse papel em relação ao Brasil. *Alfagamabetizado*, um álbum produzido por Wally Badarou e Arto Lindsay, apresenta uma fusão da herança musical tradicional do Brasil com a música moderna. O resultado é simplesmente colossal.

"Pandeiro-Deiro" é uma faixa notável pelo dinamismo do ritmo, misturando o espírito festivo e jovial da percussão brasileira com melodias rock saídas de guitarras irrepreensivelmente agitadas e entrelaçando tudo com uma emoção verdadeiramente funky. Toda essa energia é contrabalançada pela faixa seguinte, "Covered Saints", um samba melodioso.

O que faz deste álbum uma obra notável é a maturidade (e até sofisticação) com que a fusão das várias influências musicais é executada. De fato, a integração de ritmos tradicionais e contemporâneos em alguns casos é tão coesa que a linha de fusão se torna quase imperceptível. É o caso de "Cumplicidade de Armário", um groove hip-hop contagiante e límpido tocado em instrumentos de percussão brasileiros, em que as linhas tradicionais e modernas se unem de tal forma que se torna impossível detectar onde começa uma e termina outra. Este álbum evidenciou o grande talento desse cantor/compositor, que, apesar de indiscutivelmente reconhecido, merecia uma maior exposição no mercado internacional. **LI**

Maria Bethânia
Âmbar (1996)

Selo | EMI – Odeon
Produção | Guto Graça Mello
Projeto gráfico | Gringo Cardia
Nacionalidade | Brasil
Duração | 45:26

Este é o álbum comemorativo dos 35 anos de carreira, 35 álbuns e 50 anos de idade da cantora.

Âmbar é uma obra de referência, que inclui músicas já consagradas ao lado de músicas assinadas por compositores mais jovens como Adriana Calcanhoto e Carlinhos Brown. É um álbum acústico com a notável pontuação e o registro claro do violão de Jaime Além.

O tom que paira em todo o álbum é romântico, sem nunca descambar para o sentimentalismo barato. Os arranjos orquestrais são excelentes e a percussão contribui para a confirmação de que este é um álbum "no ponto", confeccionado com os ingredientes certos e na quantidade certa – e com uma pitada bem generosa de essência baiana. Os ritmos marcados por Paulinho da Costa brilham em "Invocação" e, em "Quando Penso Na Bahia", a linha gafieira do trombone é simplesmente maravilhosa.

Como se já não bastasse todo o prazer e a profundidade oferecidos pela voz madura e doce, impressionante e potente de Bethânia (que tem, inegavelmente, marcado várias gerações de músicos e amantes da música no Brasil e no mundo), na lista de convidados figuram nomes como Zap Mama, Sabine Kabongo, Angeline Wilkie e Chico Buarque, que faz uma participação especial.

O tempo passa por essa cantora como por qualquer outra pedra preciosa. **LI**

Supergrass
In It For The Money (1997)

Selo | Parlophone
Produção | John Cornfield • Supergrass
Projeto gráfico | Supergrass
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:11

Após as críticas elogiosas e a enorme admiração da mídia em torno da estréia do Supergrass, *I Should Coco*, de 1995, o disco seguinte teria de ser muito especial. O trio encarou as expectativas de forma despreocupada e algo cínica, como ficou patente no título do álbum, *In It For The Money*. E, curiosamente, o single escolhido na América chamava-se "We Still Need More"!

Mas esse humor tão aparente esconde o talento do grupo. As músicas do disco (das quais apenas algumas foram escritas antes que entrassem em estúdio) são bem mais complexas do que as do álbum de estréia e traduzem o crescente domínio musical do trio. O Supergrass conseguiu compor um disco variado, com diversas texturas – as referências incluem o psicodelismo melódico do Small Faces e The Kinks e até os Beatles da época de *Magical Mystery Tour* –, o que levou os críticos a finalmente reconhecerem a consistência do trabalho da banda. Ao mesmo tempo, o Supergrass manteve a sensibilidade pop que gerou o sucesso do álbum anterior.

A incisiva e energética "Richard III" se desenrola na velocidade vertiginosa de seu álbum de estréia, enquanto a sublime "Sun Hits The Sky" é cheia de radiantes guitarras wah-wah. "Going Out" é pontuada por sons de órgão de feira, introduzidos na banda pelo irmão mais velho de Gaz Coombes, Bob. Músicas mais sutis e introspectivas como "Late In The Day", com os seus calorosos tons acústicos, e a harmoniosa "It's Not Me" assinalam um nível mais maduro de composição. **KM**

Elliott Smith
Either / Or (1997)

Selo | Kill Rock Stars
Produção | Elliott Smith
Projeto gráfico | Neil Gust • Debbie Pastor
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:52

Dentre os cantores/compositores atuais há poucos capazes de igualar o nível de intimismo de Elliott Smith. As técnicas de gravação lo-fi e caseiras que usou em seus primeiros trabalhos, documentadas em entrevistas ao fanzine *Tape Op*, a sua voz frágil e a delicadeza com que toca a guitarra, as letras ternas e por vezes cheias de uma atitude "fuck you" atraem inexoravelmente o ouvinte para o mundo do artista.

Either/Or foi o terceiro álbum solo de Smith e talvez seja o seu melhor trabalho. Ele levou quase 12 meses para gravar este disco em vários locais, incluindo o seu próprio apartamento e o da sua namorada. O título do disco homenageia um tratado do filósofo Søren Kierkegaard. O processo de produção foi agonizante: "Gravei 30 músicas para o disco e não conseguia escolher sequer uma de que gostasse", declarou Smith à *Rocket*, numa entrevista em 1997. Várias dessas músicas foram utilizadas algum tempo depois na trilha sonora de *Gênio Indomável*, de Gus Van Sant, que Smith conheceu quando vivia em Portland. A publicidade que o filme proporcionou reavivou o interesse por *Either/Or*.

"Ballad Of Big Nothing" é um reconfortante hino à liberdade; "Between The Bars", uma ode a uma garrafa de uísque; "Pictures Of Me" é um instantâneo sobre as relações destrutivas; e "No Name N.º 5" foi gravada com uma afinação diferente na guitarra de que Smith depois se esqueceu. Mas é pelas duas últimas faixas que o álbum merece ser escutado: "2:45 AM", que documenta as dúvidas e os medos das altas horas da madrugada de forma bela e dolorosa, e "Say Yes", irremediavelmente otimista. **MBI**

The Verve | Urban Hymns (1997)

Selo | Hut
Produção | Chris Potter • The Verve • Youth
Projeto gráfico | Brian Cannon
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 75:43

Urban Hymns foi lançado em meio a um furor de expectativas. Depois da separação em 1995, o cantor e principal compositor, Richard Ashcroft, reagrupou a banda com um novo integrante, o guitarrista e tecladista Simon Tong. Contudo, faltava o som característico da guitarra de Nick McCabe. Ashcroft convenceu-o a retornar, mas é interessante observar que na capa ele olha na direção oposta à do olhar do resto do grupo.

Seguiu-se um período febril de gravação no Olympic Studios de Londres, o mesmo que Hendrix e os Stones usaram ao longo de suas carreiras. *Urban Hymns* abre com o elegíaco "Bittersweet Symphony", uma música que leva apenas 40 segundos para garantir ao Verve um lugar na história do rock inglês. Quando entra a bateria, a atmosfera transcendental se manifesta sob a forma da letra visionária de Ashcroft: " 'cos I'm a million different people from one day to the next" ("Porque sou um milhão de pessoas diferentes de um dia para outro"). A orquestração em loop foi sampleada da versão de Andrew Loog Oldham de "The Last Time", dos Stones. Para azar da banda, os direitos autorais da música (e, portanto, os royalties) pertenciam ao ex-agente dos Stones, Allen Klein.

"Sonnet" e "Lucky Man" são composições típicas de Ashcroft, repletas de emoções cruas, capazes de falar à própria alma do ouvinte. As colaborações entre os membros da banda são incendiárias, incluindo o longo improviso espacial "Come On" e a onírica "Catching The Butterfly", concebida quando McCabe brincava com um pedal de efeitos. "The Drugs Don't Work", que chegou ao primeiro lugar nas paradas britânicas, é um comovente hino sobre a morte do pai de Ashcroft.

Urban Hymns possui um espírito pioneiro que desafiou os limites daquilo que as bandas inglesas de guitarras podiam conseguir nos anos 90. **AMa**

Lista de músicas

▶	01	**Bittersweet Symphony** (Ashcroft • Jagger • Oldham • Richards)	5:50
	02	**Sonnet** (Ashcroft)	4:21
▶	03	**The Rolling People** (Ashcroft)	7:01
▶	04	**The Drugs Don't Work** (Ashcroft)	5:05
	05	**Catching The Butterfly** (Ashcroft • Jones • McCabe • Tong • Salisbury)	6:26
	06	**Neon Wilderness** (Ashcroft • Jones • McCabe • Tong • Salisbury)	2:37
▶	07	**Space And Time** (Ashcroft)	5:36
	08	**Weeping Willow** (Ashcroft)	4:49
▶	09	**Lucky Man** (Ashcroft)	4:53
	10	**One Day** (Ashcroft)	5:03
▶	11	**This Time** (Ashcroft)	3:50
	12	**Velvet Morning** (Ashcroft)	4:57
	13	**Come On** (Ashcroft • Jones • McCabe • Tong • Salisbury)	15:15

Spiritualized | Ladies And Gentlemen, We Are Floating In Space (1997)

Selo | Dedicated
Produção | Jason Pierce
Projeto gráfico | Mark Farrow Design • Jason Pierce
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 69:54

"Um comprimido, para uso auditivo apenas", diz a caixa, seguindo o modelo de uma embalagem de remédios. "Tocar uma a duas vezes por dia." O disco vem envolto em papel-alumínio e o texto que o acompanha está escrito no estilo de uma bula. O lema da sua banda anterior, o Spaceman 3, era "Tomando drogas para fazer música boa para tomar drogas", mas foi aqui que Jason Pierce cumpriu a promessa.

Ou não? Pierce é sempre reservado nas entrevistas, recusando-se a falar do seu consumo de drogas, preferindo que a música fale por conta própria. A ironia é que a sua interpretação vocal inexpressiva, a magistral ambigüidade e a força da falta de emoções de sua música permitem aos ouvintes adotar a perspectiva do narrador e procurar os seus próprios significados. Começando com a valsa onírica da faixa-título, "Ladies And Gentlemen...", vários estilos são abordados. "Come Together" é heavy metal com toques de gospel, "I Think I'm In Love" é o assombroso lamento de uma pessoa confusa por sintomas que anunciam amor ou morte iminente. A euforia elegíaca ("Stay With Me","Home Of The Brave","Broken Heart") chega em ondas, intercalada com ruído branco ("All Of My Thoughts") e punk brutal ("Electricity"), até atingir o clímax com o vodu do testemunho de um viciado em drogas,"Cop Shoot Cop".

Muitos críticos disseram que era o álbum da década, mas, após um ano na estrada, incluindo os históricos shows em Glastonbury e na CN Tower de Toronto, havia se transmutado num mutante ainda mais poderoso: o álbum ao vivo em Albert Hall. Então, Pierce despediu a banda. **OH**

"As músicas funcionam a capela."

Jason Pierce, 1997

Lista de músicas

▶	01	**Ladies And Gentlemen We Are Floating In Space** (Pierce)	3:40
▶	02	**Come Together** (Pierce)	4:40
▶	03	**I Think I'm In Love** (Pierce)	8:09
	04	**All Of My Thoughts** (Pierce)	4:36
	05	**Stay With Me** (Pierce)	5:08
	06	**Electricity** (Pierce)	3:46
▶	07	**Home Of The Brave** (Pierce)	2:22
	08	**The Individual** (Pierce)	4:15
▶	09	**Broken Heart** (Pierce)	6:38
	10	**No God Only Religion** (Pierce)	4:21
	11	**Cool Waves** (Pierce)	5:06
▶	12	**Cop Shoot Cop** (Pierce)	17:13

The Dandy Warhols | The Dandy Warhols Come Down (1997)

Selo | Capitol
Produção | Tony Lash • Courtney Taylor
Projeto gráfico | Steven Birch
Nacionalidade | EUA
Duração | 57:01

O Dandy Warhols entrou meteoricamente na cena americana em 1995, vindo de Portland, Oregon, com o seu álbum de estréia *Dandy's Rule OK*? Utilizando riffs repetitivos, camadas de guitarras com fuzz e teclados sem efeitos que lembram o Stereolab (e o rock de garagem primitivo), o segundo trabalho do Dandy, *The Dandy Warhols Come Down*, nos mostra o seu líder Courtney Taylor em sua reencarnação como roqueiro dos anos 60.

O quarteto ridiculariza a religião em "Hard On For Jesus" e continua a sua exploração da cultura das drogas no pop psicótico "Not If You Were The Last Junkie On Earth" com o seu memorável sarcasmo – "a heroína está tão depassé". Contudo, essas músicas, juntamente com o gozo hedonista do sucesso "Every Day Should Be A Holiday" (com referências descaradas a "Hungry Like The Wolf", do Duran Duran), não são muito representativas do tom do álbum, que parece estar mais centrado na experimentação sonora que recorda bandas como o My Bloody Valentine (o Velvet Underground da era John Cale seria outra referência próxima). Após a descarga de adrenalina inicial com "Be-In" e "Boys Better", a energia do álbum dissipa-se com a sonâmbula "Orange" e a lenta e sinistra "I Love You".

The Dandy Warhols Come Down confirma a promessa do primeiro disco do grupo. O álbum foi descrito pela *Rolling Stone* como "a mais feliz incursão dos anos 60 nos anos 90 já feita por uma banda americana". Os Dandy injetaram uma dose mais do que generosa de psycho punk em um tedioso panorama musical americano, prometendo glórias futuras. **SN**

Lista de músicas

01	**Be-In** (Taylor)	6:59
▶ 02	**Boys Better** (Taylor)	4:33
▶ 03	**Minnesoter** (Taylor)	3:02
04	**Orange** (Taylor)	4:02
05	**I Love You** (Taylor)	4:12
▶ 06	**Not If You Were The Last Junkie On Earth** (Taylor)	3:11
▶ 07	**Every Day Should Be A Holiday** (Taylor)	4:02
08	**Good Morning** (Taylor)	5:00
09	**Whipping Tree** (Taylor)	4:00
10	**Green** (Taylor)	3:10
11	**Cool As Kim Deal** (Taylor)	3:02
12	**Hard On For Jesus** (Holmstrom • Taylor)	4:36
13	**Pete International Airport** (Holmstrom • Taylor)	4:01
14	**The Creep Out** (The Dandy Warhols)	3:11

Bob Dylan
Live 1966 (1998)

Selo | Columbia
Produção | Jeff Rosen
Projeto gráfico | Barry Feinstein
Nacionalidade | EUA
Duração | 95:19

Durante a sua turnê de 1965-1966, Dylan costumava abrir os shows com uma série de hinos folk acústicos, seguidos por rock elétrico. A reação foi desigual. Os jovens puristas, muitos dos quais haviam descoberto a música folk graças a Dylan, sentiram-se traídos pela impulsiva mudança de registro de seu herói e estavam demasiado furiosos para perceberem que assistiam ao nascimento do folk rock.

Quando Dylan chegou a Manchester, em 16 de maio de 1966, tanto ele como os seus discípulos estavam preparados para uma luta. Talvez o mais doloroso para os fiéis – que saudaram a segunda parte do show com vaias, assobios e outras manifestações de protesto – foi o fato de as músicas escutadas no Free Trade Hall serem velhas e queridas canções de Dylan transformadas em rock com a colaboração do Hawks, que mais tarde se tornaria The Band. As versões ardentes de "I Don't Believe You" e "One Too Many Mornings", apoiadas no tonitruante baixo de Rick Danko e na guitarra de Robbie Robertson, ganharam um novo sopro de vida e Dylan disparava as letras como flechas envenenadas.

A maior parte das músicas tocadas com instrumentos amplificados eram sobre o fim de relações, só que agora Dylan estava se dirigindo àqueles que desconfiavam de sua nova abordagem. Depois de uma comovente "Ballad Of A Thin Man", alguém na multidão gritou "Judas!". Dylan devolveu: "Você é um mentiroso!", antes de se virar e ordenar aos Hawks que tocassem a música final – um brilhante "Like A Rolling Stone" – "alto pra cacete". Dylan olhou para a escuridão e gritou: "How does it feel to be on your own?" ("Como é ter que estar sozinho?") **MO**

Manu Chao
Clandestino (1998)

Selo | Virgin
Produção | Renaud Letang • Manu Chao
Projeto gráfico | Manu Chao • F. Loriou
Nacionalidade | França
Duração | 45:47

Depois da separação da sua banda etno-punk Mano Negra, em meados dos anos 90, Manu Chao embarcou numa expedição pela América Latina, armado com a sua guitarra, um gravador de oito canais e uma insaciável curiosidade musical. Enquanto enchia a mala com gravações de transmissões de rádio das guerrilhas e um arsenal de novas influências, o parisiense gravou também uma comovente coleção de postais musicais que se converteram no seu primeiro álbum solo, *Clandestino*.

Enquanto por vezes o Mano Negra se perdia nas suas exuberantes incursões do punk à salsa, passando pelo ska, *Clandestino* evoca com harmonia a consciência latina de Chao. As sutis aproximações do reggae, rap e tecno nunca asfixiam o todo: cada música se funde com a seguinte como anotações num caderno de viagem. Cantando e fazendo rap em francês, inglês, espanhol e português, o trovador explora a dor da viagem em fascinantes baladas acústicas como "El Viento" e "La Vie" e oferece vislumbres da desilusão do nômade: na eletrossalsa "Luna Y Sol", pergunta com amargura se o mundo inteiro não será uma mentira. Apesar de tudo, não perdeu o senso de humor ("Bongo Bong" revisita um boogie bobo do Mano Negra com sonoridades e batidas arrojadas) nem a sua militância política. Há samples dos discursos do subcomandante Marcos espalhados por todo o disco, e Chao (*el desaparecido*, para os amigos) solidariza-se com o povo oprimido do continente em músicas como "Por El Suelo" e a faixa que dá o título ao álbum, um relato de imigrantes ilegais perdidos em "Babylon". **MW**

Billy Bragg And Wilco
Mermaid Avenue (1998)

Selo | Elektra
Produção | Billy Bragg • Grant Showbiz • Wilco
Projeto gráfico | Alli • Billy Bragg • Nora Guthrie
Nacionalidade | Inglaterra • EUA
Duração | 50:08

Em 1992, em Summerstage, Nova York, o politizado músico inglês de folk-rock Billy Bragg atuou num show que celebrava o aniversário de Woodie Guthrie. Em meio à platéia enfeitiçada estava a filha de Woodie, Nora Guthrie, que soube imediatamente que Bragg era o homem capaz de musicar algumas das muitas letras de seu pai.

Bragg aceitou o desafio de Nora em 1995, mas descobriu que a tarefa de explorar os arquivos era assustadora e que não podia fazer justiça às músicas se trabalhasse sozinho. Dois anos mais tarde, pediu ajuda ao grupo norte-americano de country alternativo Wilco.

Mermaid Avenue traz na capa o nome e a imagem da rua de Coney Island, Brooklin, onde Guthrie tinha vivido com a sua família durante a Segunda Guerra Mundial. Gravado primeiro em Chicago e depois em Dublin, o álbum captou um som orgânico com reminiscências de bluegrass primitivo e folk rock. Foi um sucesso para Bragg e Wilco, e lhes valeu uma menção honrosa nos "Discos Essenciais dos Anos 90" da *Rolling Stone*.

"Walt Whitman's Niece" é cativante pelas suas alegres vozes e guitarras, enquanto "Way Over Yonder In The Minor Key" é uma balada folk sustentada pela voz angelical de Natalie Merchand. "California Star" tinha sido subestimada por Bragg, mas a doce evocação dos céus estrelados feita por Jeff Tweedy, do Wilco, enternece o coração. "Hoodoo Voodoo" é um conto infantil a que Wilco dá vida; "Ingrid Bergman" professa o amor secreto de Guthrie pela estrela sueca. **SI**

Mísia | Garras dos Sentidos (1998)

Selo | Erato
Produção | Ricardo J. Dias
Projeto gráfico | Aragão
Nacionalidade | Portugal • França
Duração | 43:14

Existe uma beleza feita de luz e sombras na música de Mísia que se revela no seu estado mais perfeito neste álbum. As músicas usam a melancolia do fado para falar de amores perdidos, morte, traição e solidão. No entanto, Mísia confere uma atmosfera mais moderada à tradição portuguesa imprimindo toques de jazz a algumas músicas. Essa atualidade é também devida a alguns dos poemas escolhidos. Aliás, é nos poemas, não só na música, que a maturidade e a riqueza deste álbum são reveladas. Entre alguns dos poetas escolhidos, encontramos Agustina Bessa-Luís, Mário de Sá Carneiro e o Nobel de Literatura José Saramago.

A guitarra portuguesa é o âmago desse estilo de música, soando triste, brilhantemente interpretada e em perfeita conjunção com a voz da cantora, que se destila nos acordes e dedilhados e por vezes parece evaporar-se no silêncio. A melancolia é confirmada pelo tom solitário e quente do acordeão.

Apesar de a fadista conseguir provocar um misto de emoções intensas no ouvinte, nunca chega ao sentimentalismo; aqui, todos os elementos – desde a colocação da voz até os arranjos e à produção – estão apresentados de forma simples e não ostentosa, com uma clareza que torna o álbum ainda mais íntimo e belo. **Li**

Fatboy Slim | You've Come A Long Way, Baby (1998)

Selo | Skint
Produção | Fatboy Slim
Projeto gráfico | Red Design • Simon Thornton
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 61:37

Norman Cook não foi o primeiro "DJ caseiro" nem o mais competente, mas a sua judiciosa seleção de melodias, combinada com os ritmos mais interessantes, converteram-no no porta-estandarte do ressurgente movimento clubber quase na virada do século XXI.

Embora tivesse conseguido alguns sucessos com os Housemartins, Beats International e Freak Power, Fatboy Slim parecia ser o veículo predileto de Cook. Era apenas ele, um pouco de tecnologia barata e a sua coleção de discos. A influência do Chemical Brothers foi crucial: a obra e a amizade do duo o animaram a imitar os seus ritmos bombásticos e a inseri-los em seu próprio trabalho.

You've Come A Long Way, Baby é uma lufada de ar fresco. É extremamente imaturo, claro: "Fucking In Heaven" menciona a palavra *fuck* mais de 100 vezes, e "Acid 8000" é um afetuoso tributo ao cultuado sintetizador de baixo Roland TB303, 10 anos mais tarde. "Right Here, Right Now" é uma música de abertura perfeita, com cordas sintetizadas crescendo antes da entrada da bateria com ambiência de estádio. O histórico de Cook assegurava que ele iria utilizar os samples com inteligência: "Take Yo' Praise", de Camille Yarborough, "Fried Tomatoes", do The Chamber Brothers, e "Ashes, The Rain & I", de James Gang, podem ser facilmente encontrados.

Era uma combinação irresistível. *YCALWB* se tornou um sucesso multiplatina e teve quatro singles de sucesso. Também se tornou o álbum de referência para o big beat, em contrapartida à cena house. Com os seus samples simultaneamente humorísticos e mordazes, Fatboy Slim se tornou uma espécie de poeta inarticulado laureado. **DE**

"Era este o meu objetivo: fazer algo com muito mais alma."

Norman Cook, 2000

Lista de músicas

▶	01	**Right Here, Right Now** (Cook • Peters • Walsh)	6:27
▶	02	**The Rockefeller Skank** (Barry • Cook • Terry)	6:27
	03	**Fucking In Heaven** (Cook)	3:55
	04	**Gangster Tripping** (Cook • Davis • Dust • Junkys)	5:20
	05	**Build It Up—Tear It Down** (Cook)	5:05
	06	**Kalifornia** (Cook • Mr Natural)	5:54
	07	**Soul Surfing** (Cook • Nelson • Smith)	4:57
▶	08	**You're Not From Brighton** (Cook)	5:21
▶	09	**Praise You** (Cook • Yarborough)	5:24
	10	**Love Island** (Cook)	5:19
▶	11	**Acid 8000** (Cook)	7:28

David Gray | White Ladder (1998)

Selo | EastWest
Produção | David Gray • McClune • Lestyn Polson
Projeto gráfico | Charles Cowen • Yami Matote
Projeto gráfico | Inglaterra
Duração | 50:34

White Ladder era, essencialmente, a última oportunidade de David Gray, um homem cuja promissora carreira se desvanecia perante os seus olhos, após breves flertes com o mainstream. Graças ao seu lento sucesso, o álbum transformou Gray, que antes era um cantor/compositor cult, admirado por poucos, numa grande estrela internacional.

Os críticos, que já tinham acusado David de ser "medíocre", apressaram-se em denunciar a simplicidade rústica do álbum, mas isso não impediu que dois milhões e duzentas mil cópias fossem vendidas na Inglaterra, enquanto que na Irlanda se tornou o álbum mais vendido de todos os tempos, sem contar as compilações. E, enquanto a indústria musical britânica continuava a lamber suas feridas, depois que Blur e Oasis não conseguiram penetrar no mercado norte-americano, White Ladder também vendeu dois milhões de cópias nos Estados Unidos sem muito ruído.

Faixas de destaque, como "Babylon" e "This Year's Love", são narrações acústicas contagiantes que falam do amor e das perdas cotidianas, repletas de sinceridade emocional. Mas a solidez das composições (Dylan é uma influência evidente, tanto na forma de escrever como na de cantar), bem como a contribuição do multiinstrumentista "Clune" McClune e do técnico de estúdio Iestyn Polson em "Please Forgive Me" garantiram que o resto do disco nos partiria o coração, ao mesmo tempo em que nos fazia abrir um sorriso e tornava mais leves nossos passos.

A última música, "Say Hello Wave Goodbye", uma versão do clássico do Soft Cell, provavelmente tinha sido pensada como um agradecimento de despedida de Gray aos que o haviam apoiado. Contudo, a sua bela interpretação, repleta de cordas calorosas e com uma interpretação vocal apaixonada mas digna, conquistou um novo exército de fãs que iriam mudar sua vida. **ARo**

"Em geral, não é muito saudável se preocupar muito com o que as outras pessoas podem pensar."

David Gray, 2002

Lista de músicas

▶	01	**Please Forgive Me** (Gray)	5:35
▶	02	**Babylon** (Gray)	4:25
	03	**My Oh My** (Gray • McClune)	4:37
	04	**We're Not Right** (Gray • McClune • Polson)	3:03
	05	**Nightblindness** (Gray)	4:23
	06	**Silver Lining** (Gray)	5:59
	07	**White Ladder** (Gray • McClune • Polson)	4:14
▶	08	**This Year's Love** (Gray)	4:05
	09	**Sail Away** (Gray)	5:15
▶	10	**Say Hello Wave Goodbye** (Almond • Ball)	8:58

Lucinda Williams
Car Wheels On A Gravel Road (1998)

Selo | Mercury
Produção | Roy Bittan • The Twangtrust • Lucinda Williams
Projeto gráfico | Margery Greenspan
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:42

Lucinda Williams é das poucas intérpretes contemporâneas que não faz concessões. Isso fica evidente quando se ouve *Car Wheels On A Gravel Road*, um dos trabalhos de composição e produção mais perfeitos que apareceram nos últimos 10 anos. Mas também é evidente por causa da data do copyright do disco – 1998, seis anos após o seu último álbum, *Sweet Old World*.

É óbvio que Williams não tem pressa e isso fica bem claro. Este é um daqueles discos que possuem várias camadas, reveladas a cada nova audição. A primeira coisa que chama a atenção é a sua voz, clara, melancólica, desafiadora e lânguida. Depois, os notáveis arranjos, numa variedade de estilos de raízes americanas, desde o blues sensual ("Joy") ao country triste ("Concrete And Barbed Wire"), passando pelo pop vigoroso ("I Lost It" e "Right In Time").

As histórias que Williams conta, entretanto, são a coisa mais provocadora – ela possui uma forma de chegar aos ápices narrativos que é, quase sempre, esmagadoramente triste. Para citar apenas um exemplo, "2 Kool 2 Be 4-Gotten", no início, parece uma série de imagens dispersas de uma taberna, e somente nos últimos versos Williams descreve o momento de perda que a levou até lá.

O sentimento de perda, por sinal, impregna o álbum, que contou com a colaboração de uma impressionante lista de compositores americanos: Steve Earle, Jim Lauderdale, Buddy Miller. Desejaríamos que Williams levasse menos tempo entre cada disco, mas, por outro lado, com resultados desse calibre, só nos resta esperar que ela não se apresse. **KB**

"... enfrenta os teus demônios..."
Lucinda Williams, 1998

Lista de músicas

01	**Right In Time**	(Williams)	4:36
02	**Car Wheels On A Gravel Road**	(Williams)	4:44
03	**2 Kool 2 Be 4-Gotten**	(Williams)	4:42
04	**Drunken Angel**	(Williams)	3:20
05	**Concrete And Barbed Wire**	(Williams)	3:08
06	**Lake Charles**	(Williams)	5:28
07	**Can't Let Go**	(Weeks)	3:28
08	**I Lost It**	(Williams)	3:31
09	**Metal Firecracker**	(Williams)	3:30
10	**Greenville**	(Williams)	3:23
11	**Still I Long For Your Kiss**	(Jarvis • Williams)	4:09
12	**Joy**	(Williams)	4:01
13	**Jackson**	(Williams)	3:42

Pulp | This Is Hardcore (1998)

Selo | Island
Produção | Chris Thomas
Projeto gráfico | John Currin
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 69:48

Em 1997, a festa do britpop já estava nas últimas. O Pulp documentava o declínio. Quem escutasse *This Is Hardcore* na esperança de ouvir mais uma dose das típicas observações incisivas da banda teria uma grande surpresa. Se o depressivo single "Help The Aged", lançado antes do álbum, não disparou alarmes, a mensagem e a atmosfera da opressiva "The Fear", que abria o disco, eram inconfundíveis. "This is the sound of someone losing the plot / Making out they're okay when they're not / You're gonna like it, but not a lot" ("Este é o som de alguém perdendo o controle / Fazendo de conta que está bem quando não está / Vocês vão gostar, mas não muito"), advertia Cocker. Ele não estava brincando.

A essa altura, o Pulp já tinha tomado uma overdose de fama. "Party Hard" fazia referência aos excessos que alimentavam essa atmosfera com uma autocrítica distante.

This Is Hardcore é uma obra muito inquietante (na época só comparável a *In Utero*, do Nirvana), desde o título, que alude à pornografia, até o pessimismo da última música, em contraste brutal com o otimismo da Grã-Bretanha de Tony Blair. Também é o álbum mais bem resolvido do Pulp do ponto de vista musical: "Seductive Barry" transmite um sentimento de ameaça inexorável e hipnótico; "Party Hard" é um exercício funk demente.

Apesar de ter chegado ao primeiro lugar, o álbum fez menos sucesso do que o seu predecessor, *Different Class*, que era exatamente o que o Pulp desejava e necessitava (apesar da capa ter causado alguma controvérsia, tendo feito com que a banda fosse acusada de exploração da pornografia). Toque este disco imediatamente após *Different Class* e você terá um curso intensivo sobre os perigos de conseguir o que se quer, quando se quer e com quem quiser. **PW**

Lista de músicas

▶	01	**The Fear** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	5:35
	02	**Dishes** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	3:30
▶	03	**Party Hard** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	4:00
	04	**Help The Aged** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	4:28
▶	05	**This Is Hardcore** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Thomas • Webber)	6:25
	06	**TV Movie** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	3:25
	07	**A Little Soul** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	3:19
	08	**I'm A Man** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	4:59
▶	09	**Seductive Barry** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	8:31
	10	**Sylvia** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	5:44
▶	11	**Glory Days** (Banks • Cocker • Doyle • Gann • Mackey • Webber)	4:55
▶	12	**The Day After The Revolution** (Banks • Cocker • Doyle • Mackey • Webber)	14:57

Madonna | Ray Of Light (1998)

Selo | Maverick
Produção | Vários
Projeto gráfico | Kevin Reagan
Nacionalidade | EUA
Duração | 67:14

No verão do ano em que Madonna nasceu (1958), "Little Star", dos The Elegants, liderava a parada da Billboard. Quarenta anos depois, uma música com o mesmo nome celebrava a filha de Madonna, Lourdes, chave do seu renascimento criativo.

O trabalho começou em 1997, com Babyface, seu colaborador em *Bedtime Stories*, de 1994. Madonna acabou optando por chamar o compositor Rick Nowels, o mago do techno William Orbit e o produtor de *Like A Prayer*, Pat Leonard.

O álbum destaca o amor, acima da fama, de maneira bem explícita em "Drowned World/Substitute For Love". A serenidade de Madonna foi inspirada tanto por Lourdes quanto por sua conversão à Cabala, de onde a omissão, na maioria dos países, da excelente "Has To Be", por conta da insistência de Madonna em ter 13 faixas, pois o número dá sorte.

Há uma enorme quantidade de influências. A faixa-título baseia-se na desconhecida "Sepheryn", de Curtis & Muldoon. "Sky Fits Heaven" contém versos (não creditados) do poeta Max Blagg. "Candy Perfume Girl" é de co-autoria da ex-namorada de Prince, Susannah Melvoin. "Shanti/Ashtangi" é cantada em sânscrito. "Drowned World" reinventa "Why I Followed The Tigers", do San Sebastian Strings. "Ela segue a linha temática de 'Tigers'", afirmou o autor Rod McKuen, "e é por isso que a Anita (Kerr) e eu constamos como co-autores e não somos mencionados apenas pelo sample."

Essa variedade é mantida coesa devido à teia eletrônica da produção – não muito diferente do que ocorre com o Massive Attack, com quem Madonna gravou uma apaixonante versão de "I Want You", de Marvin Gaye – e pela qualidade da voz de Madonna, fortalecida pelo seu trabalho em *Evita* (1996). Este álbum permanece, ainda hoje, uma experiência rica e gratificante. **BM**

"Deixei as festas para trás..."

Madonna, 2000

Lista de músicas

01	**Drowned World / Substitute For Love** (Collins • Kerr • Madonna • McKuen • Orbit)		5:08
02	**Swim** (Madonna • Orbit)		5:00
▶ 03	**Ray Of Light** (Curtis • Leach • Madonna • Muldoon • Orbit)		5:20
04	**Candy Perfume Girl** (Madonna • Melvoin • Orbit)		4:36
05	**Skin** (Leonard • Madonna)		6:21
06	**Nothing Really Matters** (Leonard • Madonna)		4:58
07	**Sky Fits Heaven** (Leonard • Madonna)		4:47
08	**Shanti / Ashtangi** (Madonna • Orbit)		4:29
▶ 09	**Frozen** (Leonard • Madonna)		6:12
▶ 10	**The Power Of Goodbye** (Madonna • Nowels)		4:12
11	**To Have And Not To Hold** (Madonna • Nowels)		5:22
12	**Little Star** (Madonna • Nowels)		5:18
13	**Mer Girl** (Madonna • Orbit)		5:31

Lauryn Hill | The Miseducation Of Lauryn Hill (1998)

Selo | Ruffhouse
Produção | Lauryn Hill
Projeto gráfico | Erwin Gorostiza • Lauryn Hill
Nacionalidade | EUA
Duração | 77:39

O Fugees tornou-se um grande sucesso internacional com *The Score* (1996), um disco muito positivo que reescreveu as regras do hip-hop. Mas foi apenas um ensaio para o que iria ocorrer quando Lauryn Hill deixasse de lado a banda para lançar *The Miseducation Of Lauryn Hill*, que rapidamente se tornou uma das estréias mais bem-sucedidas da história do pop.

Tudo na obra é notável, começando pela capa, que mostra o rosto de Hill talhado numa mesa de sala de aula. O primeiro som que se ouve é o toque de uma campainha de escola e, depois, um professor fazendo a chamada. O professor descobre que Lauryn Hill não foi à aula. Mas a idéia principal não era a de fazer uma declaração anti-sistema. A mensagem, sublinhada repetidamente pela letra, é que a verdadeira educação provém de uma participação ativa na vida cotidiana.

Hill, com apenas 23 anos quando o disco foi lançado, de fato não parece alguém que precise de mais instrução formal. Mostra uma gama vocal extraordinária e uma confiança inegável em todo o disco, passando pelo estilo hip-hop do Fugees, em "Lost Ones", e pelo pop brilhante de "Doo Wop (That Thing)". É uma MC impressionante, igual ao Fugees nesse campo, e produz uma mistura única de hardcore e esperança em "Final Hour". Presta homenagem às suas influências do hip-hop old-school na alegre "Every Ghetto, Every City" e conta com a colaboração de Mary J. Blige em "I Used To Love Him".

O álbum foi um sucesso enorme. Vendeu oito milhões de cópias e proporcionou a Hill cinco Grammys na mesma noite, até então um recorde para uma vocalista. **JiH**

Lista de músicas

01	**Intro**	(Hill)	0:47
02	**Lost Ones**	(Hill)	5:33
03	**Ex-Factor**	(Hill)	5:26
▶ 04	**To Zion**	(Hill)	6:09
▶ 05	**Doo Wop (That Thing)**	(Hill)	5:20
06	**Superstar**	(Hill • Newton • Poyser)	4:57
07	**Final Hour**	(Hill)	4:16
▶ 08	**When It Hurts So Bad**	(Hill)	5:42
▶ 09	**I Used To Love Him**	(Hill)	5:39
10	**Forgive Them Father**	(Hill)	5:15
▶ 11	**Every Ghetto, Every City**	(Hill)	5:14
12	**Nothing Even Matters**	(Hill)	5:50
▶ 13	**Everything Is Everything**	(Hill • Newton)	4:53
14	**The Miseducation Of Lauryn Hill**	(Hill • Newton)	4:17
15	**Can't Take My Eyes Off Of You**	(Crewe • Gaudio)	3:41
16	**Sweetest Thing**	(DeVorzon • Hill • Jean)	4:40

Hole | Celebrity Skin (1998)

Selo | Geffen
Produção | Michael Beinhorn
Projeto gráfico | Joe Mama-Nitzberg • Janet Wolsborn
Nacionalidade | Canadá • EUA
Duração | 50:28

Quando ela morre na banheira, quem é capaz de não chorar? Courtney Love está fantástica em *O Povo Contra Larry Flint*, um sinal grafado em celulóide que seus anos pós-Cobain não seriam apenas bravatas. "Hole é uma banda", afirmou a *Rolling Stone*, "mas Courtney Love é uma telenovela."

O legado musical do seu apogeu em Hollywood, em meados dos anos 90, é *Celebrity Skin*. A partir do zunido que abre a faixa-título, é uma viagem vertiginosa a uma terra de Oz pós-grunge. Courtney é meio Dorothy, meio Bruxa Má, alternadamente abençoando e arrasando aqueles que cruzam seu caminho.

Enquanto as letras deslizam entre o sol e a sombra, a guitarra de Eric Erlandson grita e agride, o baixo de Melissa Auf Der Maur ronca e se agita e a bateria de Patty Schemel percute e ressoa. Acima de todos eles impõe-se a voz de Courtney, mais potente do que nunca, que ruge onde antes gritava. Seus co-autores também são fundamentais: Billy Corgan, do Smashing Pumpkins, Jordan Zarorozni, do Blinker The Star, e Charlotte Caffey, do Go-Go's, além do produtor Michael Beinhorn.

Há material de sobra para os detetives caseiros: "Boys On The Radio" fala de Jeff Buckley, de Brian Wilson e de Evan Dando, do Lemonheads; "Awful", de Gavin Rossdale, do Bush; "Northern Star" deve referir-se a Cobain; e "Playing Your Song" se encaixa como uma luva gótica em Trent Reznor.

Fofocas à parte, *Celebrity Skin* é uma obra-prima melódica, porém incompreendida. "Fiquei muito desapontado, pensando nela [em Courtney], porque as pessoas não entenderam este disco", lamentou Stevie Nicks, a musa de Love. O álbum dá o mesmo salto sonoro que o clássico *Live Through This*, de 1994, deu em relação a *Pretty On The Inside*, de 1991, e completa assim a trilogia de álbuns clássicos do Hole. **BM**

Lista de músicas

▶	01	**Celebrity Skin** (Corgan • Erlandson • Love)	2:42
	02	**Awful** (Auf Der Maur • Erlandson • Love • Schemel)	3:16
	03	**Hit So Hard** (Corgan • Erlandson • Love)	4:01
▶	04	**Malibu** (Corgan • Erlandson • Love)	3:50
▶	05	**Reasons To Be Beautiful** (Auf Der Maur Caffey • Erlandson • Love • Zadorozny)	5:20
	06	**Dying** (Corgan • Love)	3:45
	07	**Use Once And Destroy** (Auf Der Maur • Erlandson • Love • Schemel)	5:04
	08	**Northern Star** (Erlandson • Love)	4:58
	09	**Boys On The Radio** (Auf Der Maur • Erlandson • Love)	5:10
	10	**Heaven Tonight** (Erlandson • Love)	3:31
	11	**Playing Your Song** (Auf Der Maur • Erlandson • Love)	3:21
	12	**Petals** (Corgan • Erlandson • Love)	5:30

Mercury Rev | Deserter's Songs (1998)

Selo | V2
Produção | Jonathan Donahue • Dave Fridmann
Projeto gráfico | Kate Hyman • Kevin Salem
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:35

Só se pode fazer música psicodélica mergulhada em drogas durante um certo tempo (exceto se você for integrante do Hawkwind). Em meados dos anos 90, Mercury Rev resolveu escrever músicas que estivessem à altura dos seus sonhos e gerou uma obra-prima.

"Agora soam deliciosamente sinistras", declarou entusiasmada a revista *Q*, "como uma versão experimentalista do Beach Boys ou *O Estranho Mundo De Jack*, de Tim Burton." Flugelhorns, serrotes com arco e trombones sugerem um jazz medieval, porém é um som mais próximo de Neil Young à frente do Pink Floyd. De fato, a voz de Donahue recorda freqüentemente Neil (e Rev fez versões de músicas desse artista, como "Vampire Blues").

Apesar da sua beleza, o álbum nasceu da dor. A banda desfez-se após a turnê de 1995 para divulgar *See You On The Other Side* e as letras de Donahue foram alimentadas pela perda. Mas o resultado foi fabuloso, em especial "Opus 40" (batizada com o nome de uma escultura de sua Catskills nativa), que combina a poesia de Donahue com citações de Springsteen ("suicide machines") e The Doors ("alive she cried").

"Opus 40" também apresenta Levon Helm, do The Band, enquanto o seu companheiro de banda Garth Hudson toca em "Hudson Line". Mas ainda que *Deserter's Songs* possua raízes nos anos 60, não é um baú de lembranças empoeiradas. "Delta Sun Bottleneck Stomp" conta inclusive com teclados no estilo house (tendo sido remixada pelo Chemical Brothers). A coda é cortesia do guitarrista Grasshopper e de seu Tettix Wave Accumulator (um nome fantástico para um punhado de osciladores).

"Nunca me sinto satisfeito", declarou Donahue ao *NME*. "Quero fazer um disco melhor." Com o dramático *All Is Dream*, de 2001, chegou perto. Ouça os dois e você irá se perguntar como conseguiu passar sem eles. **BM**

"Estávamos apenas em busca da música atemporal."

Jonathan Donahue, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Holes** (Mercury Rev)	5:55
	02	**Tonite It Shows** (Mercury Rev)	3:40
	03	**Endlessly** (Mercury Rev)	4:25
	04	**I Collect Coins** (Mercury Rev)	1:27
▶	05	**Opus 40** (Mercury Rev)	5:10
	06	**Hudson Line** (Mercury Rev)	2:54
	07	**The Happy End (The Drunk Room)** (Mercury Rev)	2:06
▶	08	**Goddess On A Hiway** (Mercury Rev)	3:45
	09	**The Funny Bird** (Mercury Rev)	5:51
	10	**Pick Up If You're There** (Mercury Rev)	3:05
	11	**Delta Sun Bottleneck Stomp** (Mercury Rev)	6:17

System Of A Down
System Of A Down (1998)

Selo | American
Produção | Rick Rubin • System Of A Down
Projeto gráfico | Frank Harkins • System Of A Down
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:36

Todos os integrantes (o vocalista Serj Tankian, o guitarrista Daron Malakian, o baixista Shavo Odadjian e o baterista John Dolmayan) já tinham tocado em outras bandas antes da formação do System Of A Down, mas as expectativas eram altas depois que assinaram pela American Records.

Essa estréia combina metal, blues, thrash, hardcore, rap e rock com influências da música tradicional oriental, mas também tira proveito das letras politizadas e, felizmente, de um senso de humor. Junte-se a isso mudanças de tempo ("Mind"), incursões pelo jazz (o single "Sugar"), uma musicalidade deslumbrante e um vocalista capaz de chegar aos extremos agudos do death-metal, um sentido forte de melodia ("Spiders") e tudo o que estiver entre estes elementos... Fica claro, então, por que a banda era tão promissora.

Todos os músicos do System Of A Down cresceram nos Estados Unidos e freqüentaram escolas americanas, mas mantiveram fortes elos com a herança étnica de suas famílias. Isso transparece na música, mas também na natureza sociopolítica de suas letras. Ouça a inflamada "P.L.U.C.K. (Politically Lying, Unholy, Cowardly Killers" – Assasinos covardes, profanos, politicamente mentirosos), onde Serj clama contra a injustiça do genocídio perpetrado pelo governo turco contra o povo armênio em 1915. Há também um perfume do Oriente Médio nos riffs de "War?" e "Peephole".

O System Of A Down agradou aos fãs de hard-rock, fartos do punk moderno e do nu-metal. A banda conseguiu também manter as suas opiniões políticas e entrar de leve no mercado comercial, o que faria com que o segundo álbum, *Toxicity*, conquistasse vários discos de platina. LJ

Lista de músicas

01	**Suite-Pee**	(Malakian • Tankian)	2:32
02	**Know**	(Malakian • Odadjian • Tankian)	2:56
▶ 03	**Sugar**	(Malakian • Odadjian • Tankian)	2:33
04	**Suggestions**	(Malakian • Tankian)	2:44
▶ 05	**Spiders**	(Malakian • Tankian)	3:35
06	**Ddevil**	(Malakian • Odadjian • Tankian)	1:43
07	**Soil**	(Malakian • Tankian)	3:25
▶ 08	**War?**	(Malakian • Tankian)	2:40
09	**Mind**	(Malakian • Odadjian • Tankian)	6:16
10	**Peephole**	(Malakian • Tankian)	4:04
11	**CUBErt**	(Malakian • Tankian)	1:49
12	**Darts**	(Malakian • Tankian)	2:42
▶ 13	**P.L.U.C.K. (Politically Lying, Unholy, Cowardly Killers)**	(Malakian • Tankian)	3:37

Queens Of The Stone Age
Queens Of The Stone Age (1998)

Selo | Loosegroove
Produção | Joe Barresi • Josh Homme
Projeto gráfico | Kozik
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:27

Renascendo das cinzas da banda que definiu o som cortante stoner rock, vindo do deserto, o ex-guitarrista do Kyuss, Josh Homme, chamou atenção com Queens Of The Stone Age. Mas, ao contrário do Kyuss, esse novo grupo se inspira tanto no Black Sabbath como no Beach Boys.

Homme tem a companhia de Nick Oliveri (do punk Dwarves) e de Alfredo Hernández (também ex-Kyuss) e, em álbuns posteriores, há muitos músicos famosos de rock participando, como o ex-baterista do Nirvana e líder do Foo Fighters, Dave Grohl, assim como o ex-vocalista do Screaming Trees, Mark Lanegan, além de aparições de Fu Manchu, Monster Magnet, Soundgarden e A Perfect Circle. Isso sem falar de gente como Shirley Manson (Garbage), Billy Gibbon (ZZ Top) e Brodie Dalle (The Distillers).

Apesar dessa profusão de talentos, a banda conservou desde o início o seu som característico, talvez porque, mesmo com Oliveri sendo um membro fixo durante os primeiros seis anos, sempre foi Homme quem deu as cartas.

Essa estréia conservava ainda a profunda marca cósmica do Kyuss, mas com muito mais energia e decisão, graças a músicas mais curtas do que as longas epopéias da sua banda anterior. A banda Queens Of The Stone Age, assim como o disco geram um rock turbulento e poderoso.

Quando o piano palpitante da última faixa, "I Was A Teenage Hand Model", se insinua em nosso cérebro, percebemos que nenhuma banda produziu um som como este. **AT**

Lista de músicas

▶	01	**Regular John** (Homme•McBain)	4:35
	02	**Avon** (Queens Of The Stone Age)	3:22
▶	03	**If Only** (Queens Of The Stone Age)	3:20
	04	**Walkin' On The Sidewalks** (Queens Of The Stone Age)	5:03
	05	**You Would Know** (Queens Of The Stone Age)	4:16
	06	**How To Handle A Rope** (Queens Of The Stone Age)	3:30
▶	07	**Mexicola** (Queens Of The Stone Age)	4:54
	08	**Hispanic Impressions** (Queens Of The Stone Age)	2:44
	09	**You Can't Quit Me Baby** (Queens Of The Stone Age)	6:33
	10	**Give The Mule What He Wants** (Queens Of The Stone Age)	3:09
▶	11	**I Was A Teenage Hand Model** (Queens Of The Stone Age)	5:01

Air | Moon Safari (1998)

Selo s| Virgin
Produção | Jean-Benoît Dunckel • Nicolas Godin
Projeto gráfico | Mike Mills
Nacionalidade | França
Duração | 43:33

Moon Safari fornece uma imagem, um som e até um estilo de vida, tudo de uma só vez. A estréia do Air é retrô-kitsch – contudo, na época do lançamento, parecia futurista e elegante.

Muito disso pode ser explicado pela forma de trabalhar em estúdio do duo Jean-Benoît Dunckel e Nicolas Godin. O seu amor pelo som analógico (claramente refletido na sua escolha de instrumentos: sintetizadores vintage Moog e Korg, vocoders, pianos elétricos, amplificadores valvulados) lhes deu uma identidade chill out extremamente característica, que seria depois copiada por muitos outros, freqüentemente sem sucesso.

Em "Sexy Boy", batidas e freqüências de baixo saídas diretamente dos anos 70 se juntam ao peso da rica herança francesa. As cordas do álbum, gravadas em Abbey Road, foram um toque inteligente (cortesia de David Whitaker, que havia trabalhado com Françoise Hardy e Serge Gainsbourg) que contrabalançava o lado electro do disco. "Remember", a faixa mais curta, contou com a colaboração do mago francês dos sintetizadores Moog, Jean-Jaques Perrey, e ele evidentemente se divertiu, graças a sua interpretação energética e estimulante.

O resultado é um som lounge com a cara do final dos anos 90. Como os seus colegas do Daft Punk, as origens do Air – os clubes de Paris – lhes deram o estímulo de que necessitavam para gravar um disco capaz de cativar os que chegavam em casa após uma noite dançando, mas também interessava aos seus pais. Em última instância, *Moon Safari* é um álbum belo e humano, em que sentimentos frágeis, amor e melancolia estão presentes em todas as faixas. "All I Need" pode muito bem ter sido uma alusão ao passado da "chanson" francesa, mas, como um todo, o duo olhava para o futuro. **JK**

"Somos uma banda livre. Não nos interessa se estamos na rádio ou se conseguimos um grande sucesso."

Nicolas Godin, 1999

Lista de músicas

▶	01	**La Femme D'Argent** (Dunckel • Godin)	7:08
▶	02	**Sexy Boy** (Dunckel • Godin)	4:57
▶	03	**All I Need** (Dunckel • Godin • Hirsch)	4:28
	04	**Kelly Watch The Stars** (Dunckel • Godin)	3:44
	05	**Talisman** (Dunckel • Godin)	4:16
▶	06	**Remember** (Dunckel • Godin • Perrey)	2:34
	07	**You Make It Easy** (Dunckel • Godin • Hirsch)	4:00
	08	**Ce Matin Là** (Dunckel • Godin • Woodcock)	3:38
	09	**New Star In The Sky (Chanson Pour Solal)** (Dunckel • Godin)	5:38
	10	**Le Voyage De Penelope** (Dunckel • Godin)	3:10

Talvin Singh | OK (1998)

Selo | Island
Produção | Talvin Singh
Projeto gráfico | Intro
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 60:42

Talvin Singh tinha feito uma turnê mundial com o Arkestra de Sun Ra, atuado como convidado de Madonna, do Massive Attack e de Björk, e formou um trio de world beat com Nitin Sawhney e Keith Waithe.

Tinha também lançado um notável clube noturno em Londres chamado Anokha, um lugar fantástico para tocar a nova música ambient, dub, hip-hop e drum 'n' bass de influência asiática (como documenta a sua compilação *Soundz Of The Asian Underground*).

OK ("viaje para qualquer parte do mundo e as pessoas sempre sabem o que significa OK", explicou Talvin) foi um projeto eclético, adequado a um músico como ele. A longa faixa que abre o álbum, "Traveller", é uma epopéia em si mesma: apresenta a voz de MC Cleveland Watkiss, um drum 'n' bass palpitante, cordas deslizantes da Madras Philharmonic Orchestra e elegantes flautas clássicas de Rakesh Churasia, Naveen e Ryuichi Sakamoto. Noutras faixas temos coros japoneses, percussionistas folk do Sul da Índia, MCs jamaicanos e o que havia de mais novo em termos de breakbeats.

Singh era incrivelmente arrogante nas entrevistas. Atacou a fusão do indo-jazz como sendo "música exótica", ridicularizou os que usavam tablas e cítaras sem a afinação correta e criticou antigos colegas como Nitin Sawhney por fazerem parte do selo anglo-asiático Outcase, que considerava um "gueto".

Muitos desejaram o seu fracasso, mas Singh alcançou grande sucesso com *OK*, criando fusões audaciosas que abriram novos caminhos para a música eletrônica e a world music. Teve sua vingança quando o álbum ganhou o prestigioso prêmio inglês Mercury Music Award em 1999, superando o Blur e o Chemical Brothers. **JLe**

"A indústria tem de aceitar música com novos elementos. Já não pertenço a uma minoria..."

Talvin Singh, 1999

Lista de músicas

▶	01	**Traveller** (Singh•Watkiss)	11 17
	02	**Butterfly** (Singh)	4.26
▶	03	**Sutrix** (Singh)	5.55
	04	**Mombasstic** (Singh)	5'45
	05	**Decca** (Singh)	1 24
	06	**Eclipse** (Singh)	5 46
▶	07	**OK** (Singh)	4'19
	08	**Light** (Singh)	6 23
	09	**Disser/Point.Mento.B** (Singh)	2:43
	10	**Soni** (Singh)	5 59
	11	**Vikram The Vampire** (Singh)	6'45

Korn | Follow The Leader (1998)

Selo | Immortal
Produção | Korn • Steve Thompson • Toby Wright
Projeto gráfico | Todd McFarlane
Nacionalidade | EUA
Duração | 73:48

O terceiro disco do Korn, *Follow The Leader*, seguiu os mesmos caminhos do cruzamento entre urban e metal que proporcionaram o retumbante sucesso do single "ADIDAS", do segundo álbum da banda de Bakersfield, Califórnia – *Life Is Peachy*. O grupo conseguiu assim maior sucesso comercial nas paradas de singles, enquanto *Follow The Leader* criava as bases para um gênero que se tornou conhecido como nu-metal: essencialmente hard-rock influenciado pelo hip-hop.

Embora conservasse as características duras e sombrias que tornaram a banda tão popular, o Korn adotou uma sonoridade mais baseada em grooves, permitindo maior variedade na dinâmica do seu som e, assim, tornando-os acessíveis a um público muito mais vasto. As participações dos convidados Tre Hardson, rapper do Pharcyde ("Cameltosis") e da lenda do hip-hop Ice Cube ("Children Of The Korn") deram à banda credibilidade instantânea; Fred Durst participou de "All In The Family" (a sua banda, Limp Bizkit, era considerada a líder do nu-metal, juntamente com o Korn). O sucesso do single "Got The Life", com ritmo disco e o som estalado do baixo slap, ajudou a fixar a popularidade do Korn.

As letras do disco são tão rudes quanto os fãs poderiam desejar – mesmo que sejam muitas vezes usadas para denunciar a intolerância e a crueldade –, assim como o som do Korn é brutal (Shaffer e Welch usam guitarras de sete cordas, que têm mais graves e mais peso). Todd McFarlane, criador do super-herói de quadrinhos Spawn, criou a capa do álbum e o videoclipe do single "Freak On A Leash".

Afinal, essa música raivosa e distorcida conseguiu algo de positivo? Certamente gerou muito dinheiro. LJ

"Ficamos no underground."

Jonathan Davis, 2000

Lista de músicas

01–12	(silent)		
▶ 13	**It's On!**	(Korn)	4:28
▶ 14	**Freak On A Leash**	(Korn)	4:15
▶ 15	**Got The Life**	(Korn)	3:45
16	**Dead Bodies Everywhere**	(Korn)	4:44
▶ 17	**Children Of The Korn**	(Korn)	3:52
18	**BBK**	(Korn)	3:56
19	**Pretty**	(Korn)	4:12
▶ 20	**All In The Family**	(Korn)	4:48
21	**Reclaim My Place**	(Korn)	4:32
22	**Justin**	(Korn)	4:17
23	**Seed**	(Korn)	5:54
▶ 24	**Cameltosis**	(Korn)	4:38
25	**My Gift To You**	(Korn)	15:40

Khaled | Kenza (1999)

Selo | Barclay
Produção | Various
Projeto gráfico | Ich And Kar
Nacionalidade | Argélia
Duração | 78:36

Khaled é o rei da Rai, ainda que essa música tenha evoluído a partir das músicas beduínas cantadas por mulheres "fora-da-lei" nos anos 20, em Oran, na Argélia. Nascido em 1960 no povoado vizinho de Sidi-El-Houri, quando Khaled gravou a sua primeira música, aos 16 anos, já era um talentoso vocalista e acordeonista, apaixonado pela música egípcia, espanhola e francesa, assim como pelos Beatles, James Brown e Bob Marley. Adorado pelos jovens mas detestado pelo governo religioso devido às suas músicas sobre paixão e desejo, mudou-se para França em 1986 e, no início dos anos 90, já tinha transformado a Rai numa música internacionalmente conhecida, com sucessos dançantes como "Didi", produzido por Don Was, ou o sucesso radiofônico "Aicha".

A partir de então ocorreu uma autêntica revolução na música magrebina na França. Artistas como Rachid Taha, Faudel, Gnawa Diffusion ou a Orchestre National de Barbes vieram questionar o direito de Khaled de ocupar a liderança que tinha conquistado. Ele respondeu com esta obra impressionante, que constituiu uma contribuição definitiva e única, inspirada pelos novos talentos.

Kenza é uma viagem épica de tais proporções que pode se dar ao luxo de conter alguns momentos menores, mas não há dúvida de que o rei está aqui para retomar a sua coroa dos pretendentes ao trono. Com uma ajuda na produção do colaborador de Rachid Taha, Steve Hillage, e também de Lati Kronlund, do Brooklyn Funk Essential – uma espécie de Gil Evans do funk de big band –, a perfeição da sua poderosa voz oferece-nos uma visão rica do Norte da África, que se estende para leste, rumo ao subcontinente indiano, e para oeste, para Cuba e Nova York, recebendo influência do funk, do reggae e da música árabe. **MR**

Lista de músicas

▶	01	**Aâlach Tloumouni** (Driche • Khaled)	5:02
	02	**El Harba Wine** (Amar • Angar • Benamadouche • Idir • Khaled)	4:33
	03	**C'est La Nuit** (Goldman)	5:04
	04	**Imagine** (Lennon)	4:07
	05	**Trigue Lycee** (Khaled)	4:43
	06	**E'dir E'sseba** (Hamadi • Khaled • Kronlund)	5:50
	07	**Ya Aâachkou** (Hamadi • Khaled • Kronlund)	3:57
	08	**Melha** (Hamadi • Khaled)	6:07
▶	09	**Raba-Raba** (H'Fit • Khaled)	5:37
▶	10	**El Bab** (Hamadi • Khaled)	5:28
	11	**El Aâdyene** (Hamadi • Khaled • Kronlund)	5:37
	12	**Gouloulha-Dji** (Hamadi • Khaled • Kronlund)	5:37
▶	13	**Mele H'bibti** (Khaled)	6:29
▶	14	**Dewiche Tourneur** (Goldman)	6:00
	15	**Leili — "C'est La Nuit" (Arabic Version)** (Khaled • Goldman)	6:07

Kid Rock
Devil Without A Cause (1998)

Selo | Lava
Produção | Kid Rock
Projeto gráfico | Jennifer Barbato
Projeto gráfico | EUA
Duração | 71:11

Depois de quase uma década sendo gozado, Kid Rock riu por último quando soltou seu lado rock 'n' roll festivo em *Devil Without A Cause*.

Várias vezes Kid Rock tinha chegado perto, inclusive no desigual *Grits Sandwiches For Breakfast*, de 1990, mas ninguém, com exceção talvez do próprio artista, acreditava que ele seria capaz de produzir algo sequer próximo a este álbum. Era o momento certo, contudo: o rap metal estava no seu auge e a Atlantic decidiu fechar um contrato. Logo após assinar, Rock voltou para Detroit e festejou tão efusivamente que acabou passando uma noite na prisão. É evidente que ainda não tinha libertado todas as energias antes de ir para o estúdio com a sua banda, já que as músicas estão cheias de personagens desordeiros.

O disco, que mostra na capa Rock com um ar satânico fumando um charuto, tem uma abertura quase sem igual. "Bawitaba" é fantástica, misturando riffs de estádio a letras fáceis de cantar. Rock prossegue com a irresistível "Cowboy", uma ode à vida na ensolarada Califórnia. Depois o cantor exibe todo o seu registro vocal em "Wasting Time", um pop meticulosamente produzido, com samples do Fleetwood Mac, assim como na balada "Only God Knows Why". Recrutou também o seu parceiro de Detroit, Eminem, para ajudar a escrever e a cantar o decadente metal "F-ck Off". **JiH**

Boards Of Canada
Music Has The Right To Children (1998)

Selo | Skam
Produção | M. Eoin • M. Sandison
Projeto gráfico | Boards of Canada
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 70:57

Certos artistas fazem uma música tão pessoal e única que põem à prova não só o nosso gosto, mas o nosso próprio entendimento da música. Pode-se não gostar logo do disco, mas continua-se tentando. Por fim, após quatro ou cinco audições, chega o maravilhoso momento em que tudo se encaixa.

Music Has The Right To Children, do Boards of Canada, é um desses álbuns. Logo que foi lançado, em 1998, provocou um terremoto na cena eletrônica. Tinha nascido um novo subgênero ambient que misturava melodias pastorais com tons subterrâneos mais obscuros. Este disco demonstrou aos seus opositores que a música eletrônica não só era intelectualmente estimulante como podia possuir profundidade emocional.

As músicas alternam entre colagens sonoras breves e faixas mais ritmadas e longas. As sílabas fragmentadas e o ritmo esmagador de "Telephasic Workshop" transformam-se pouco a pouco numa cacofonia que obriga o ouvinte a sacudir a cabeça. O único problema do poderoso baixo, da batida ágil e dos sintetizadores em "Roygbiv" é que a música termina muito rapidamente. "Aquarius" também se destaca pela sua mistura hipnótica de risos infantis, números e da palavra "laranja".

Music Has The Right To Children possui também uma bela capa: uma fotografia em baixo contraste dos anos 70 retrata uma fantasmagórica família sem rosto num cenário montanhoso. É uma imagem que capta a essência da música, com os seus temas nostálgicos e a relação entre o natural e o artificial, o sinistro e o sereno. **RM**

Suba
São Paulo Confessions (1999)

Selo | Ziriguiboom
Produção | Suba
Projeto gráfico | Christophe Portier
Nacionalidade | Iugoslávia
Duração | 61:22

Quando jovem, na Iugoslávia, Mitar Subotic estudou teoria da música, piano, acordeão e composição, criando uma música eletrônica radicalmente original. Ao mudar-se para Paris em 1986, a sua peça musical eletrônica baseada em músicas de ninar iugoslavas, *In The Mooncage*, recebeu o prêmio do International Fund for Promotion of Culture, da UNESCO, que incluía uma bolsa de três meses para estudar a música indígena e os ritmos afro-brasileiros. Os três meses tornaram-se três anos depois que Suba – o apelido que recebeu – se apaixonou pelo Brasil e sua música, tendo aprendido rapidamente o português e tornando-se um dos mais destacados produtores da nova música brasileira.

Foi Suba que produziu *Tanto Tempo*, de Bebel Gilberto. Em 1999, lançou o seu próprio álbum, *São Paulo Confessions*, aclamado pela crítica. Nesse disco, Suba cria paisagens sonoras sensuais e urbanas. Em "Felicidade", a vocalista Cibelle canta uma bossa nova exótica sobre ritmos eletrônicos. A música seguinte, "Um Dia Comum", é música dance abstrata. A sensibilidade de Suba para os matizes de emoções e cores permitiram que ele criasse colagens musicais muito expressivas.

No dia 2 de novembro de 1999 houve um incêndio no apartamento de Suba e ele morreu asfixiado. O seu legado reside em um punhado de gravações, mas será sempre lembrado por ajudar a música brasileira a chegar ao século XX. **GC**

XTC
Apple Venus Volume 1 (1999)

Selo | TVT
Produção | Haydn Bendall • Nick Davis
Projeto gráfico | Cactus Design
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 50:06

Se algum brincalhão tivesse passado a alguém uma cópia sem nome de *Apple Venus Volume 1*, do XTC, em 1999, alegando que se tratava da obra-prima até então perdida de Brian Wilson, *Smile*, não teria sido difícil acreditar. Na verdade, este ensolarado e esperançoso álbum acabou se tornando uma das obras-primas menos conhecidas da fase posterior do XTC, um fantástico disco de pop altamente orquestrado, adorado pelos críticos e basicamente ignorado pelo público. O fato de a banda nunca ter feito shows para promovê-lo certamente não ajudou as vendas. Além disso, o XTC fazia intervalos de sete anos entre cada disco.

Ainda assim é inegável a potência de *Apple Vênus Volume 1*, que continua a ser um dos melhores discos do grupo. O álbum desenvolve as vibrações psicodélicas no estilo dos Beach Boys, já presentes em *Nonsuch*, com várias camadas de harmonias vocais, uma experimentação contida e passagens tocadas pela London Session Orchestra. O momento mais dramático surge com a abertura de "River Of Orchids", com uma lenta passagem de um discreto arranjo de cordas para uma hipnótica sinfonia de sons e vozes em espiral. Depois, Partridge sussurra sobre os ritmos de "I'd Like That" e valsa por entre violinos e trompetes em "Easter Theatre".

Ainda que o álbum lembre mais o trabalho de Partridge com Martin Newell e Harold Budd em meados dos anos 90 do que outros discos do XTC, não deixa de ser um item importante na discografia da banda. Na verdade, as duas composições de Colin Moulding estão entre as melhores do trabalho. **JiH**

Skunk Anansie | Post Orgasmic Chill (1999)

Selo | Virgin
Produção | Andy Wallace
Projeto gráfico | Michael Nash Associates
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 50:51

Após dois álbuns bem acolhidos, lançados pelo selo independente One Little Indian, a estréia do Skunk Anansie numa grande gravadora era aguardada com expectativa, para ver se o grupo de agit-rock conseguia atingir um público mais amplo.

A Virgin forneceu o dinheiro necessário para que a banda pudesse gravar o seu esperado terceiro álbum no Bearsville Studios e no Clinton Studios, em Nova York. Mas, apesar de um lugar de destaque no festival de Glastonbury em 1999, o ano não foi tão bom quanto o esperado para a banda.

A vocalista Skin, com sua cabeça rapada e tiradas destemidas, tinha se convertido na porta-voz do mais radical feminismo negro na Grã-Bretanha. Músicas como "Charlie Big Potato" atiram em cheio contra a egocêntrica hierarquia masculina e marcam o tom do álbum. A revista *Q* definiu-o como "uma guerra sonora alimentada pelos alto-falantes".

Mas a banda acostumou-se a tocar os extremos do céu e do inferno e mostrou-se igualmente eficaz em músicas mais calmas, substituindo a fúria política pela reflexão e contemplação. A emotiva voz de Skin acompanha belos arranjos de cordas nas faixas "You'll Follow Me Down" e "Lately", enquanto "Secretly" é uma resposta apaixonada à infidelidade.

Com *Post Orgasmic Chill* a banda ampliou o seu som e incorporou novas influências, como o drum 'n' bass, ao seu indie-rock já bem desenvolvido. Os excessos de álbuns anteriores foram aparados para trazer à tona a sua vulnerabilidade e força bruta, em partes iguais e com grande sutileza.

Apesar de ter sido o último álbum do Skunk Anansie, *Post Orgasmic Chill* permanece como uma afirmação triunfante diante da qual nos curvamos. **ARo**

"Não tenho papas na língua ..."

Akin, 2003

Lista de músicas

▶	01	**Charlie Big Potato** (Ace • Lewis • Richardson • Skin)	5:30
	02	**On My Hotel TV** (Ace • Lewis • Richardson • Skin)	3:34
	03	**We Don't Need Who Do You Think You Are** (Ace • Lewis • Richardson • Skin)	4:21
	04	**Tracy's Flaw** (Ace • Arran • Skin)	4:30
	05	**The Skank Heads** (Ace • Lewis • Richardson • Skin)	3:11
▶	06	**Lately** (Ace • Lewis • Richardson • Skin)	3:53
▶	07	**Secretly** (Arran • Skin)	4:45
	08	**Good Things Don't Always Come To You** (Ace • Arran • Skin)	5:25
	09	**Cheap Honesty** (Arran • Skin)	3:47
▶	10	**You'll Follow Me Down** (Arran • Skin)	4:01
	11	**And This Is Nothing That I Thought I Had** (Ace • Lewis • Richardson • Skin)	3:04
	12	**I'm Not Afraid** (Ace • Lewis • Richardson • Skin)	4:50

Incubus
Make Yourself (1999)

Selo | Epic
Produção | Incubus • Scott Litt
Projeto gráfico | Brandy Flower
Nacionalidade | EUA
Duração | 48:10

Se o nu-metal era um dos gêneros musicais mais relevantes durante a virada do século, então *Make Yourself* será lembrado como o seu auge.

O Incubus valorizava a raiva e o poder da cena rap-rock, desfrutando de um enorme sucesso sem se tornarem uma caricatura de si próprios.

Make Yourself conseguiu unir as preferências musicais do mercado de consumo de massa sem sacrificar o seu estilo. Em seu segundo disco, a banda poderia ter se centrado no crescente público mosher adolescente, mas, em vez disso, contrataram o produtor do R.E.M., Scott Litt, para criar um disco mais adulto e contemplativo sem perder os seus fãs mais jovens. O álbum funde riffs clássicos com a imensa voz de Brandon Boyd, deixando os ouvintes eufóricos. A habilidade natural do cantor para passar, sem qualquer esforço, de tons mais relaxados para gritos de guerra é o que torna "Stellar" especial. "Privilege" e "Clean", por outro lado, são rocks monstruosos que vibram com energia.

Quando quer, entretanto, o Incubus também consegue mudar de tom sem interromper o fluxo do álbum: a banda pode passar para um estilo mais funk com o poder das pickups e linhas suaves de baixo em "Battlestar Scralatchtica", ou para um tom tranqüilo no hino acústico grunge "Drive", sem nunca se perder.

Enquanto o som de muitos dos seus companheiros hoje soa datado, por terem seguido perto demais as tendências musicais e as modas de cada momento, *Make Yourself* continua a ser um álbum merecedor de destaque não só por apresentar composições excelentes, mas também pela musicalidade cuidada e rigorosa que lança constantemente novos ganchos para seus ouvintes. **ARo**

The Magnetic Fields
69 Love Songs (1999)

Selo | Merge
Produção | Stephin Merritt
Projeto gráfico | Michael English
Nacionalidade | EUA
Duração | 172:35

Espantosamente o álbum triplo do Magnetic Fields, *69 Love Songs*, conseguiu fazer jus a seu título presunçoso, complementando uma orgia alucinante e criativa com uma boa pitada de ironia. O líder e compositor da banda, Stephin Merritt, criou as suas músicas a partir de clichês do pop há muito esquecidos, renovando-os completamente e lhes dando não só beleza, mas também atemporalidade. Em sua maioria, essas músicas comoventes nos parecem profundamente familiares, mas Merritt sempre encontra uma fórmula inovadora para subvertê-las, seja usando batidas quase esquizofrênicas de electroclash, linhas renegadas de uquelele ou percepções líricas sobre a falta de sentido do amor.

Tocando dezenas de instrumentos e remetendo a fontes tão díspares quanto Abba, Tom Waits e Krafwerk, Merrit e os outros três cantores adotaram uma grande variedade de personagens e sexos: o irlandês romântico que parte para a guerra sobre um muro de guitarras reverberantes em "Abigail, Belle Of Kilronan"; um encontro romântico numa parada de caminhões em "Papa Was A Rodeo".

Onde a criatividade de Merritt se torna realmente brilhante é no papel de um misantropo de coração partido incapaz de se decidir entre esquecer o assunto – numa música com toques de bossa nova, "I Think I Need A New Heart" – ou deixar-se invadir pelo desespero, como acontece no hino folk autocrítico "Grand Canyon". Mas os seus momentos mais impressionantes são quando ele usa os seus melancólicos dotes de barítono para expressar pura ternura, como na estranhamente bela e lacrimosa "Bubsy Berkeley Dreams", assim como na canção de ninar acolhedora e sincera acompanhada por acordeão "Asleep And Dreaming". **MW**

Travis
The Man Who (1999)

Selo | Independiente
Produção | Nigel Godrich • Mike Hedges
Projeto gráfico | Blue Source
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:00

No dia 31 de maio de 1996, quatro jovens músicos de Glasgow mudaram-se para Londres. Há cinco anos eles vinham tocando na Escócia, com pouca repercussão. Aceitando o inevitável, rumaram para a capital musical da Inglaterra. Logo estavam assinando um contrato. Gravaram um disco de estréia de pop inglês bem acolhido, *Good Feeling*, e abriram shows para o Oasis. Mas seu grupo, o Travis, ainda não tinha alcançado o sucesso.

Em 1999, o seu mundo mudou: o segundo álbum, *The Man Who*, transformou-se no disco mais vendido de uma banda britânica na Inglaterra. No início de 2000 ganharam os Brit Awards como melhor grupo e melhor álbum, e havia uma cópia do disco em um entre cada oito lares britânicos. Eram, sem dúvida, uma banda do povo.

Por que tanta agitação? Porque *The Man Who* é um dos discos de rock mais sublimemente melódicos, emotivos e elegantes da era moderna. Bastaria perguntar a qualquer um que estivesse nos festivais de Glastonbury, V99, ou T In The Park, no verão de 1999, e que estivesse cantando, a plenos pulmões (e ensopado), "Why Does It Always Rain On Me?". O Travis era mestre em construir esses momentos perfeitos de comunhão, com ou sem a ajuda da meteorologia.

É essa a beleza das composições de Fran Healy neste disco. Suas músicas são fortemente pessoais mas também universais, íntimas mas extrovertidas. "Driftwood", "Writing To Reach You", "Turn" são pequenas jóias poéticas, sublinhadas por gigantescos coros. **CM**

Slipknot
Slipknot (1999)

Selo | Roadrunner
Produção | Ross Robinson
Projeto gráfico | Slipknot
Nacionalidade | EUA
Duração | 58:11

O Slipknot surgiu do nada (tecnicamente, de Des Moines, Iowa) em 1999 para impressionar os fãs do metal em todo o mundo com este álbum cheio de fúria. O vocalista canta, faz rap, berra, ruge, em conjunto com a brutalidade de uma banda de thrash metal com percussões adicionais, além da versatilidade de um DJ e samplers. A música – uma densa mistura de bateria na pressão, avalanches de guitarras e scratch das pickups – talvez fosse demasiado pesada para chegar ao grande público e a banda foi ignorada pelas massas, exceto por sua imponente presença física: o Slipknot consistia de nove psicopatas fantasiados de macaco, com máscaras assustadoras, que utilizavam os seus instrumentos como armas de ataque, muitas vezes uns contra os outros, numa cacofonia de caos controlado.

Sem muita surpresa, a banda disparou para o sucesso (platina nos Estados Unidos, ouro na Inglaterra). Após um breve sample de abertura (uma idosa dizendo: "The whole thing... I think it's sick"), "(Sic)" define com violência o tom do álbum. "Eyeless" mistura um loop de drum 'n' bass com implacáveis riffs de guitarra; "Surfacing" alterna um feedback penetrante com o scratch; "Spit It Out" combina speed metal com rap. Mas foram as partes mais suaves do single "Wait And Bleed" que primeiro conquistaram um público além dos fãs habituais do metal. E a associação da música aos esportes radicais, como o motocross freestyle e o skate, também conquistou para a banda uma imensidão de fãs de várias idades. **LJ**

Beth Orton | Central Reservation (1999)

Selo | Heavenly
Produção | Various
Projeto gráfico | Studio X
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 59:20

Este disco assinalou o amadurecimento de Beth Orton como compositora, após *Trailer Park*, de 1996, uma mistura de folk e de ritmos trip-hop que lhe valeu um disco de ouro na Inglaterra.

A música de abertura, "Stolen Car", conta com a impressionante slide guitar de Ben Harper e proporcionou a Orton uma entrada no Top 40 britânico. A comovente "Pass In Time", que começa de forma suave com Orton e uma guitarra dedilhada, transforma-se numa poderosa música sobre um tema recorrente entre os compositores – a morte da mãe – interpretada com visível emoção pela cantora. A lenda do folk e do jazz Terry Callier faz os backing vocals (tinham lançado um EP em conjunto, *Best Bit*, em 1997), que, juntamente com os arpejos de guitarra de Dr. Roberts, contribuíram para criar um refrão de grande alegria.

A versão acústica da música que dá nome ao álbum fica quase esquecida entre "Pass In The Time" e os ritmos ressonantes de "Stars All Seem To Weep", na qual a expressiva voz de Orton se mistura com sons abstratos, graças a Ben Watt, produtor, programador e uma das metades do Everything But The Girl. A música eletrônica é mais uma exceção do que uma regra aqui. Em contraste com *Trailer Park*, a força deste álbum reside no seu ambiente acústico esparso e na cativante voz de Orton.

Orton foi etiquetada como uma compositora relativamente melancólica, mas o alegre toque no estilo Dylan em "Love Like Laughter" nega essa qualificação e a slide guitar de Ben Harper ornamenta a música. Por fim, Ben Watt regressa para adicionar ritmos e teclados em uma versão mais comercial de "Central Reservation". Um excelente acréscimo a um catálogo já bastante impressionante. **AMa**

"*Central Reservation* tem uma vibração própria."

***Rolling Stone*, 1999**

Lista de músicas

▶	01	**Stolen Car** (Barnes•Blanchard•Orton•Read)	5:25
	02	**Sweetest Decline** (Orton)	5:39
	03	**Couldn't Cause Me Harm** (Barnes•Blanchard•Orton•Read)	4:48
	04	**So Much More** (Orton)	5:41
▶	05	**Pass In Time** (Orton)	7:17
	06	**Central Reservation (The Original Version)** (Orton)	4:50
▶	07	**Stars All Seem To Weep** (Orton)	4:39
	08	**Love Like Laughter** (Barnes•Orton)	3:37
▶	09	**Blood Red River** (Orton)	4:15
	10	**Devil Song** (Orton)	5:04
▶	11	**Feel To Believe** (Orton)	4:04
	12	**Central Reservation (The Then Again Version)** (Orton)	4:01

Nitin Sawhney | Beyond Skin (1999)

Selo | Outcaste
Produção | Nitin Sawhney
Projeto gráfico | Zip Design
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 58:22

Nitin nasceu e cresceu em Rochester, Kent. Filho de hindus do Punjabi, aprendeu a tocar piano, guitarra e percussão indiana. A partir daí sua vida se converteu num relato cada vez mais surrealista: formou-se em contabilidade; passou algum tempo com os jazzfunkers do James Taylor Quartet; criou um grupo com Talvin Singh chamado Tihai Trio; gravou com Sinéad O'Connor, Sting e Paul McCartney; foi compositor residente no Theatre Royal Stratford e participou durante algum tempo, como ator e escritor, da série da BBC *Goodness Gracious Me*.

Os seus primeiros álbuns solo, *Displacing The Priest* e *Migrations,* haviam sido influenciados pelo flamenco, jazz, funk, drum 'n' bass, taals clássicos hindus, qawwali e pela poesia urdu – fundir isso tudo era, entretanto, problemático. O seu terceiro álbum para o selo londrino de música asiática, Outcaste, testemunhou a sua capacidade para destilar todos esses materiais e convertê-los em algo único. O álbum é político, tanto implícita (investiga as ligações entre a cultura indiana e a cigana, entre o hinduísmo e o islamismo) como explicitamente (faz referência à corrida nuclear entre a Índia e o Paquistão e à ascensão do fundamentalismo islâmico).

Os integrantes básicos de sua banda eram o baixista Shri, nascido em Bombaim, o percussionista Marque Gilmore e o intérprete de tabla Aref Durvesh. Para fundir as vozes díspares que povoam o álbum (a vocalista clássica hindustani Devinder Singh, a cantora de samba Nina Miranda, os suspiros da vocalista bengali Jayante Bose, a diva do soul Sanchita Farruge e Spek, o cantor de rap do Dream Warriors), Sawney trabalhou como um diretor de cinema, repartindo os papéis nesta paisagem sonora épica, bela e cinematográfica. Sem dúvida, a sua carreira merece um filme de Hollywood. **JLe**

"É sobre como a nacionalidade (...) e as estruturas de poder eliminam a nossa identidade."

Nitin Sawhney, 1999

Lista de músicas

▶	01	**Broken Skin** (Farruque•Sawhney)	4:05
▶	02	**Letting Go** (Gray•Sawhney)	4 49
	03	**Homelands** (Miranda•Sawhney)	6:00
	04	**The Pilgrim** (Sawhney•Yoosuf)	4:29
	05	**Tides** (Sawhney)	5:06
	06	**Nadia** (Sawhney)	5:05
▶	07	**Immigrant** (Sawhney)	6:21
	08	**Serpents** (Sawhney)	6:17
	09	**Anthem Without Nation** (Sawhney•Singh)	5 48
	10	**Nostalgia** (Sawhney)	3:41
	11	**The Conference** (Sawhney)	2:53
▶	12	**Beyond Skin** (Sawhney)	3 48

Death In Vegas | The Contino Sessions (1999)

Selo | Concrete
Produção | Richard Fearless • Tim Holmes
Projeto gráfico | Richard Fearless
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 48:01

Graças ao trabalho do DJ Richard Fearless no clube Heavenly Social de Londres, juntamente com o Chemical Brothers, o Death In Vegas viu-se associado à florescente cena big beat que se expandia pelas pistas de dança da Inglaterra em fins dos anos 90. Mas Fearless e David Holmes – juntamente com o guitarrista Ian Button e o baixista Matt Flint – puseram um ponto final nas associações com este novo disco, com o título retirado do Contino Studios, em Clerkenwell, Londres.

"Dirge", a música de abertura, começa com uma guitarra e um acompanhamento vocais minimalistas da namorada de Fearless, Dot Allison, para se converter em seguida num crescendo de ruído de sintetizadores analógicos e torrentes de guitarra. "Soul Auctioneer", de inspiração dub, com participação de Bobby Gillespie, concretiza a admiração mútua entre o DIV e o Primal Scream. O tom sombrio do álbum prossegue em "Death Threat", repleta de feedback e eletrônica industrial. "Flying" tem uma ambiência mais espacial, recordando os primórdios do Can. Segue-se "Aisha", de Iggy Pop, uma narrativa sobre um assassino em série, possivelmente o seu trabalho mais marcante desde a época do Stooges. O ex-vocalista do Jesus and Mary Chain, Jim Reid, evoca o seu antigo grupo na mórbida música "Dance Little Sister", enquanto que "Aladdin's Story", embelezada pelos grandes talentos vocais do London Community Gospel Choir, é o único momento de consolo entre tanta intensidade sombria.

Caminhando entre a música rock contemporânea e o experimentalismo eletrônico, o ecletismo gótico de *Contino Sessions* – assim como *Mezzanine*, do Massive Attack – provou que forças obscuras haviam substituído o otimismo da cultura clubber. **CSh**

"Queríamos ser orgânicos, como no Krautrock ou nas músicas psicodélicas, queríamos conseguir essa alma crua."

Richard Fearless, 1999

Lista de músicas

▶	01	**Dirge** (Fearless • Whitlock)	5:45
	02	**Soul Auctioneer** (Fearless • Gillespie • Holmes)	5:59
	03	**Death Threat** (Fearless • Holmes)	4:50
	04	**Flying** (Fearless • Holmes)	7:06
▶	05	**Aisha** (Fearless • Hellier • Holmes • Pop)	5:54
	06	**Lever Street** (Fearless • Holmes)	3:39
	07	**Aladdin's Story** (Fearless • Holmes • Unknown)	4:45
	08	**Broken Little Sister** (Button • Fearless • Flint • Holmes • Reid)	5:18
	09	**Neptune City** (Fearless • Holmes)	4:45

Moby | Play (1999)

Selo | V2
Produção | Moby
Projeto gráfico | Ysabel Zu Innhausen Un Knyphausen
Nacionalidade | EUA
Duração | 62:43

Com *Play*, Moby criou música eletrônica para todos os públicos. O álbum coincidiu com o fim de um apelo mais restrito desse gênero musical, ainda que seja injusto dizer que foi o único responsável pela disseminação da música eletrônica junto ao grande público: o sucesso deste disco se deve, em grande parte, à inclusão de elementos de blues, gospel e rock.

Descendente direto do autor de *Moby Dick*, Herman Melville (daí o seu nome artístico), Richard Melville Hall tocou violão clássico, passou algum tempo em bandas hardcore e cantou rock alternativo antes de encontrar o seu lugar atrás das pickups e dos sintetizadores. Os seus primeiros trabalhos foram ao mesmo tempo aclamados e criticados por sua abordagem fácil de se gostar da cultura clubber. A partir de *I Like To Score*, de 1997, Moby começou a converter-se num dos rostos mais conhecidos da música eletrônica, um status que asseguraria neste disco.

Apesar de músicas como "Honey" e "Bodyrock" terem se tornado clássicos das pistas – de Ibiza a São Francisco –, este não é um disco de dance, mas um álbum pop. Moby se inspira em várias fontes, construindo a irresistível música de abertura, "Honey", em torno de curtos samples da maior representante do blues da Geórgia, Bessie Jones. Utiliza o coro Shining Light Gospel para as expressivas linhas intimistas de "Why Does My Heart Feel So Bad?" e depois insere trechos vocais de Bill Landford And The Landfordaires em "Run On".

Play teve um êxito comercial esmagador, atingindo o primeiro lugar das paradas inglesas e tendo vendido mais de dois milhões de cópias. Isso não agradou todo mundo: Michael Stipe, do R.E.M., queixou-se do incômodo que era, na época, ser sempre confundido com Moby. **JiH**

Lista de músicas

▶	01	**Honey** (Moby)	3:27
	02	**Find My Baby** (Moby)	3:58
	03	**Porcelain** (Moby)	4:01
▶	04	**Why Does My Heart Feel So Bad?** (Moby)	4:23
▶	05	**South Side** (Moby)	3:48
	06	**Rushing** (Moby)	2:58
▶	07	**Bodyrock** (Moby)	3:34
▶	08	**Natural Blues** (Moby)	4:12
	09	**Machete** (Moby)	3:36
	10	**7** (Moby)	1:00
▶	11	**Run On** (Moby)	3:43
	12	**Down Slow** (Moby)	1:34
	13	**If Things Were Perfect** (Moby)	4:17
	14	**Everloving** (Moby)	3:24
	15	**Inside** (Moby)	4:47
	16	**Guitar Flute And String** (Moby)	2:07
	17	**The Sky Is Broken** (Moby)	4:17
	18	**My Weakness** (Moby)	3:37

The Flaming Lips
The Soft Bulletin (1999)

Selo | Warner Bros.
Produção | Flaming Lips • D. Fridmann
Projeto gráfico | George Salisbury
Nacionalidade | EUA
Duração | 58:26

Profundamente humano. Não há melhor forma para descrever o disco que acabou convertendo The Flaming Lips num dos grupos mais engenhosos, honestos e importantes do planeta.

Considerado ainda por muitos dos seus fãs como o seu melhor trabalho, *The Soft Bulletin* testemunhou a virada para o pop do Flaming Lips, depois do ambicioso (e com críticas divididas) *Zaireeka*: quatro discos concebidos para serem tocados simultaneamente em quatro leitores de CD diferentes. Com a ajuda do produtor Dave Fridmann, o trio de Oklahoma City criou um som simultaneamente sofisticado e poderoso, sutil e intenso, angelical e demoníaco. Foi o álbum que catapultou o grupo para o novo milênio, concebido para divulgar a sua mensagem de esperança para a humanidade – um tema que desenvolveram mais a fundo no álbum seguinte, *Yoshimi Battles The Pink Robots*.

Uma surpreendente simbiose de letras poderosas e suntuosidade musical, *The Soft Bulletin* domina a força da expressão musical, convertendo-a num ataque cerebral e espiritual. "Race For The Prize", com a sua linha de teclados flutuante e encharcada de reverberação, é uma abertura fantástica. "Waitin' For A Superman" explora o fardo psicológico criado pela condição pós-moderna, enquanto "The Gash" é uma espécie de chamado às armas na luta pela sanidade. A influência de Friedmann é óbvia, o som mais rico tendo ajudado as músicas a realmente crescerem.

Uma obra-prima conceitual (sem, contudo, ser um álbum conceitual), *The Soft Bulletin* não é pretensioso, devido à força e à clareza de sua visão. **DZ**

Les Rythmes Digitales
Darkdancer (1999)

Selo | Wall of Sound
Produção | Jacques Lu Cont
Projeto gráfico | Philip Castle
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 58:53

Gravado em 1999, *Darkdancer* foi o segundo disco do projeto Les Rythmes Digitales. O grupo foi formado por Jacques Lu Cont (também conhecido como Stuart Price), um francófilo encarcerado no corpo de um rapaz de Reading, Inglaterra, que havia optado pela identificação com a França como irresistível catalisador para a sua energética, hipnótica e estilizada visão musical. Aparentemente, o título alternativo que Lu Cont queria para *Darkdancer* era "No Jacquet Required" – esta alusão ao álbum de 1985 de Phil Collins teria sido uma grande dica para entender o caminho que viria a seguir.

Gravado nos estúdios Quad, em Nova York, *Darkdancer* é europop no que ele tem de melhor, captando a essência dos anos 80 de um modo que não teria sido possível com a tecnologia daquela época. A ressonância histórica da música é reforçada pela presença do antigo ídolo pop Nik Kershaw na bem trabalhada música "Sometimes", com Boy George sendo também resgatado para o vídeo de "(Hey You) What's That Sound". Les Rythmes Digitales transpiram diversão – citando uma letra: "Don't just sit there dreaming... dance!" ("Não fique aí sentado sonhando... dance!"). Do princípio ao fim, o álbum possui uma magia rítmica. Os ritmos marcados e a letra repetitiva de "From: Disco To: Disco" ficam gravados no cérebro, convertendo esta música no hino definitivo para as pessoas que não sabem a hora de voltar para casa depois de passarem a noite nos clubes. A notável capa foi criada por Philip Castle, o artista que concebeu o cartaz do filme *A Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick.

Falsa música eletrônica francesa no que tem de melhor, este álbum é como ter uma discoteca dentro de um iPod. **LA**

Le Tigre
Le Tigre (1999)

Selo | Mr Lady
Produção | Chris Stamey • Le Tigre
Projeto gráfico | Splendid Corp.
Nacionalidade | EUA
Duração | 34:29

Com o seminal grupo Bikini Kill, inserido no movimento Riot Grrl, Kathleen Hanna lançou-se contra o sistema e posicionou-se a favor das mulheres jovens. Com *Le Tigre*, a guitarrista e vocalista parece se contentar em criar músicas dançantes para se juntar às multidões nas pistas de dança. Mas, à sua maneira, este disco é tão feminista e adepto do "girl power" como a música mais cheia de "mensagens" do Bikini Kill. Adotando o velho provérbio que diz que "é mais fácil atrair moscas com vinho do que com vinagre", Hanna deixou de ser panfletária, conseguindo assim uma melhor entrada nas mentes de seus ouvintes.

Dourar a pílula nunca foi mais eficaz ou divertido do que neste disco, uma amostra de new wave exuberante, música eletrônica bem-humorada, punk softcore e pop fácil: *Le Tigre* adota uma postura tão diferente do ataque frontal que foi *Pussy Whipped*, do Bikini Kill, que quase parece inconcebível que os dois discos tenham sido gravados pela mesma pessoa.

Concebida originalmente como banda de apoio de Hanna para os shows de promoção de seu disco solo de 1998, *Julie Ruin*, o trio incluía a baixista Johanna Fateman e a "mestre dos grooves" Sadie Benning. Um ritmo viciante no estilo do B-52 marca a música de abertura, "Deceptacon"; depois uma guitarra estridente se junta a uma voz constante que repete: "What's Yr Take On Cassavetes". O auge do álbum é "Hot Topic", uma música otimista na qual são mencionadas Gertrude Stein, Nina Simone, Angela Davis e outras ativistas feministas. É uma música que nos obriga a dançar e nos faz querer saber mais sobre as mulheres mencionadas. Resumindo, um disco para os pés e a cabeça. **JiH**

Eminem
The Slim Shady LP (1999)

Selo | Aftermath
Produção | Jeff Bass • Marky Bass • Dr. Dre
Projeto gráfico | Mark LeRoy
Nacionalidade | EUA
Duração | 59:48

Desde que Elvis esteve no programa de Ed Sullivan que um homem branco fazendo música negra não gerava tanta controvérsia como Marshall Mathers com o seu *The Slim Shady LP*. Os cães de guarda denunciaram as imagens violentas e as letras homofóbicas, apesar de milhões de pessoas terem percebido a piada: Mathers, no papel de Eminem, com seu estilo de "cara barra-pesada", e o brincalhão Slim Shady estavam só querendo provocar. As suas intenções, no entanto, geraram dúvidas suficientes, em grande parte devido às descrições meticulosas, para fazerem de *Slim Shady* uma espécie de telenovela intrigante.

A novela pessoal do próprio Mathers começou numa zona pobre de Detroit perto de 8 Mile Road, a rua que serve de fronteira entre brancos e negros. Era muito fluente desde a adolescência e em breve estava desafiando o estigma de Vanilla Ice em combates de rap contra MCs negros. Apesar do apoio do Dr. Dre, que contratou Mathers para o seu selo Aftermath, em *Slim Shady* Eminem parece ainda estar lutando para conquistar respeito.

O álbum consegue um equilíbrio sutil entre confusões de estudantes, histórias "do bairro" e enredos de filmes de terror. "My Name Is" é uma hilariante introdução, enquanto "97' Bonnie And Clyde" conta a história de um rapper que mata a sua mulher e leva os filhos para se desfazer do corpo. Outros rappers foram mais divertidos ou mais mortíferos, mas nunca ninguém soou tão ameaçador e cômico ao mesmo tempo como Eminem em "Guilty Conscience".

Slim Shady anunciava o que muitos consideram como a voz de uma geração. **JiH**

Britney Spears | ...Baby One More Time (1999)

Selo | Jive
Produção | Per Magnusson • Max Martin • Eric Foster White
Projeto gráfico | Jackie Murphy
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:20

É inegável o estrondo que a estréia de Britney Spears produziu na música popular. Com a elegante embalagem de música dançante com inspiração européia, baladas de amor não correspondido e melodias fáceis, Britney revolucionou a música para adolescentes de um modo que não se via desde David Cassidy ou os Beatles. Sem ela, talvez nunca tivesse surgido uma Jessica Simpson.

O seu enorme impacto na cultura pop gerou várias modas e uma cobertura de mídia tão impressionante quanto na época de Lady Di. Com apenas 17 anos, era retratada na mídia como a mistura perfeita de sedução e inocência. Britney converteu-se rapidamente numa Lolita para uma nova geração de velhos homens perversos: o número de buscas na internet do tipo "Britney Spears nua" é enorme.

Apesar de desprezado pela maioria dos críticos, *...Baby One More Time* não tardaria a vender mais de 10 milhões de cópias e tornar-se uma das mais bem-sucedidas estréias de todos os tempos. As vendas se devem em parte ao seu sorriso encantador, mas sobretudo à faixa-título irresistível – mesmo aqueles que a odeiam têm de admitir que é uma das melhores músicas dançantes da época. Seguem-se mais três singles de sucesso: o exuberante "(You Drive Me) Crazy", a balada "Sometimes" e o gloriosamente frívolo "Soda Pop". "Born To Make You Happy" é uma recordação de alguém profundamente apaixonado, na linha de "You Don't Have To Say You Love Me". E, para fechar o álbum, uma versão da música de Sonny Bono, "The Beat Goes On", uma das prediletas dos hipsters e um toque de gênio. **JiH**

"Se as coisas não derem certo para mim, com certeza entro na universidade."

Britney Spears, 1999

Lista de músicas

▶	01	**...Baby One More Time** (Martin)	3:30
▶	02	**(You Drive Me) Crazy** (Elofsson • Krueger • Magnusson • Martin)	3:17
▶	03	**Sometimes** (Elofsson)	4:05
▶	04	**Soda Pop** (Bassie • White)	3:20
	05	**Born To Make You Happy** (Carlsson • Lundin)	4:03
	06	**From The Bottom Of My Broken Heart** (White)	5:11
	07	**I Will Be There** (Carlsson • Martin)	3:53
	08	**I Will Still Love You** (White)	4:02
	09	**Thinkin' About You** (Bassie • White)	3:35
	10	**E-Mail My Heart** (White)	3:41
▶	11	**The Beat Goes On** (Bono)	3:43

Metallica
S&M (1999)

Selo | Elektra
Produção | Vários
Projeto gráfico | Andie Airfix
Nacionalidade | EUA
Duração | 133:01

Em novembro de 1999, Berlim celebrou o décimo aniversário da queda do Muro, e o Metallica lançou uma ode orquestral à alegria. O seu nono álbum capta a banda tocando ao vivo com a orquestra sinfônica de São Francisco.

A fusão entre o rock e a música clássica é antiga, voltando no tempo a horrores como *Concerto For Group And Orchestra*, de uma das bandas favoritas de Lars Ulrich, o Deep Purple. O Metallica já tinha provado que conseguia fazer a fusão com elegância: no álbum de 1991, tanto "Nothing Else Matters" quanto "The Unforgiven" possuíam acompanhamento orquestral dirigido pelo maestro Michael Kamen, que havia trabalhado com Eric Clapton e o Pink Floyd. Após anos de esforços, Kamen convenceu os metaleiros a fazerem uma parceria com ele. "Ele queria ser um pouco mais ousado" – declarou James Hetfield. "Por isso nos escolheu. Podia ter escolhido uma banda mais radical – como os Graveworm –, mas acho que fomos uma boa escolha. Respondemos: *por que não?*".

Essa abordagem positiva funcionou bem em *Symphony & Metallica*. Podemos encontrar clássicos como a exuberante "The Call Of Ktulu" ou a popular "Enter Sandman", além de músicas de *Load* e *Reload*.

Como ilustra o DVD lançado simultaneamente, todos ficaram felizes com a colaboração – os músicos orquestrais adicionaram contrapontos góticos e cinematográficos à música elétrica, em todos os sentidos, da banda. A grandiosa parceria alcança o seu ponto alto em "Fuel", "No Leaf Clover" (uma das duas únicas canções inéditas, a outra sendo "Human") e no épico "One" – a reação do público foi de puro êxtase. Clássico, de fato! **TJ**

Bonnie "Prince" Billy
I See A Darkness (1999)

Selo | Domino
Produção | Paul Oldham
Projeto gráfico | Sammy Harkham
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:56

Devido às profecias de Nostradamus relativas ao fim do mundo e ao medo do "bug do milênio", 1999 não foi um ano fácil. Logo, era o momento mais adequado para que Will Oldham gravasse a sua sombria obra-prima country sobre o medo, o fracasso e o perdão.

Oldham, nascido em Louisville, Kentucky, começou a sua carreira como ator infantil e a sua habilidade para assumir diferentes papéis transparece em sua música (gravou como Palace Brothers e também como Palace). Oldham diz que o seu personagem Bonnie "Prince" Billy é uma mistura de Bonnie Prince Charlie, Nat King Cole e Billy The Kid: "Serve para várias coisas. Sinto-me bem numa conversa em que me tratam por Bonnie em vez de Will."

O fato de ele estar tão "fora" do disco torna-o ainda mais íntimo. *I See A Darkness* está repleto de histórias e, assim como no folclore, as suas narrativas conduzem diretamente a verdades maiores e mais sombrias. Embora os títulos das músicas sejam quase sinistros ("Another Day Full Of Dread"), a música é suave e elegante: acordes esparsos de piano, bateria com escovas, um baixo caloroso. A voz de Oldham, doce e frágil, dá força ao tom escuro, violento e emotivo do mundo que descreve. No cerne do álbum encontra-se a faixa-título (que teve uma memorável versão de Johnny Cash), anunciando a sua chegada tão discretamente que bem poderia se tratar da própria morte: "Did you ever, ever notice, the kind of thoughts I got?" ("Você algum dia já notou que tipo de pensamentos eu tenho?"), pergunta uma voz corajosa e trêmula, um reconhecimento dos medos e desejos primários que todos partilhamos. Um marco do folk gótico. **SH**

Shack
H.M.S. Fable (1999)

Selo | London
Produção | Hugh Jones • Youth
Projeto gráfico | Stylorouge
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 46:55

É um pequeno milagre que *H.M.S. Fable* soe tão maravilhoso. Foi gravado por uma banda que sabia que era a sua última chance. Essas canções sobre a vida difícil nas ruas de Liverpool foram o ápice de quase duas décadas de duro trabalho musical, terrível má sorte e uma cruel dependência de drogas. Os ritmos e o animado refrão de "Lend's Some Dough" evidenciam a sua temática: a necessidade de dinheiro para comprar uma dose de heroína. Tal como "Streets Of Kenny", uma música folk sobre a infrutífera busca por drogas no bairro decadente de Kensington.

Os irmãos Mick e John Head nunca ocultaram os seus problemas. Falavam às claras sobre o fato de o seu segundo álbum, *Waterpistol*, ter sido alimentado por cocaína e ecstasy, e do projeto "paralelo" *The Magical World Of Michael Head And The Strands* ter como tema a heroína. Antes disso, Mick Head esteve algum tempo com o The Pale Fountains, uma grande banda "perdida", reverenciada por Ian McCullough do Echo And The Bunnymen, mas cujo amor por Burt Bacharach surgiu 20 anos antes do tempo. Num rude golpe do destino, o companheiro de composição de Head em "The Paleys", Chris McCaffrey, morreu de tumor cerebral aos 28 anos.

Assim, *H.M.S. Fable* é o momento em que o Head deixa tudo isso para trás e se empenha em concretizar a sua obra. A sua paixão pelo pop da Costa Oeste americana fica patente em "Since I Met You". "I Want You" é Arthur Lee, do Love, transposto para Merseyside. "Beautiful", "Natalie's Party" e "Comedy" são músicas pop alegres, auxiliadas pela sofisticada produção de Youth.

Este é o som de um lendário, porém perturbado compositor inglês tentando vencer suas dificuldades. **CM**

Basement Jaxx
Remedy (1999)

Selo | XL
Produção | Basement Jaxx
Projeto gráfico | Blue Source
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 57:02

Felix Buxton, filho de um vigário, e o ex-sem-teto Simon Ratcliffe surgiram na cena underground dos clubes de Brixton, no Sul de Londres, no final dos anos 90. Este par de DJs e produtores era porta-estandarte da facção antagonista da moda dos superclubes, na época responsável pelos sons mais interessantes da cultura dance inglesa. Preferiam dar agitadas festas nos salões de pubs cavernosos.

Mas primeiro houve *Remedy*. A estréia do Basement Jaxx é uma mistura emocionante de samba e sabores latinos, ritmos poderosos, vozes emotivas e clássicos pré-fabricados para arrasar as pistas de dança. Parece ter sido gravado no Rio, ou em Miami, ou em Paris, por um grupo internacional de veteranos exploradores sonoros. A verdade é que foi gravado num pequeno estúdio de Londres por dois brancos de classe média fanáticos por música.

Começa com os acordes de guitarra em estilo flamenco, vocais processados por vocoders e ritmos pneumáticos de "Rendez-Vu", e a emoção não pára em quase nenhum momento das 14 músicas posteriores. Até mesmo os quatro interlúdios relaxantes – "Jaxxalude", "Jazzalude", "Sneakalude", "Gemilude" – são breves lampejos de criatividade, o som de uma rádio percorrendo várias freqüências globais. Como demonstraram os sucessos "Red Alert" e "Bingo Bango", é uma música despreocupada, colorida e alegre, como um parque de diversões em forma de disco.

Isso era o mais emocionante em *Remedy* e o que o tornava uma espécie rara: um álbum de dance que se beneficiava de várias audições. **CM**

Red Hot Chili Peppers | Californication (1999)

Selo | Warner Bros.
Produção | Rick Rubin
Projeto gráfico | Lawrence Azerrad • Red Hot Chili Peppers
Nacionalidade | EUA
Duração | 56:29

Com as expectativas dos fãs pesando sobre seus ombros, o Red Hot Chili Peppers levou quatro anos para preparar *Californication*. A banda despediu o guitarrista Dave Navarro e chamou de volta John Frusciante, após uma pausa por problemas com drogas. Com muitos dos seus membros lutando contra seus próprios vícios, muita gente perdeu a confiança neles, incluindo os seus agentes.

Resolveram então contratar um novo agente e a produção voltou para Rick Rubin, com quem já haviam trabalhado no inovador *Blood Sugar Sex Magik*, de 1989. O resultado foi um regresso triunfal ao primeiro lugar das paradas de todo o mundo, com o sétimo álbum do grupo apontando para um novo caminho.

Apesar de a música continuar enraizada no seu estilo característico, calcado no som estalado do baixo slap, *Californication* mostrava um lado mais melódico e sério da banda. Com a maioria dos membros perto dos 40 anos, as letras passaram a refletir uma recém-adquirida maturidade e uma mudança de prioridades. A faixa-título é uma análise crua de Hollywood e da forma como o mundo é consumido pela arte e pela cultura criadas na Califórnia. O álbum inclui músicas cuja estrutura está mais próxima de baladas, como "Porcelain" e "Road Trippin'", cheia de cordas, embora a banda retorne às suas raízes funk/punk em músicas mais rápidas como "I Like Dirt" e "Get On Top". *Californication* também evidencia novos níveis de destreza vocal por parte de Anthony Keidis.

Inesperadamente, *Californication* recuperou muitos dos antigos fãs da banda, desencantados com *One Hot Minute*, de 1995, mas conseguiu também conquistar toda uma nova geração de admiradores. **CSt**

Lista de músicas

▶	01	**Around The World** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	4:00
	02	**Parallel Universe** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	4:30
▶	03	**Scar Tissue** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	3:37
	04	**Otherside** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	4:15
	05	**Get On Top** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	3:19
▶	06	**Californication** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	5:22
	07	**Easily** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	3:51
	08	**Porcelain** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	2:44
	09	**Emit Remmus** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	4:01
	10	**I Like Dirt** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	2:38
	11	**The Velvet Glove** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	3:45
	12	**Savior** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	4:54
	13	**Purple Stain** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	4:13
	14	**Right On Time** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	1:53
▶	15	**Road Trippin'** (Flea • Frusciante • Kiedis • Smith)	3:27

Sigur Rós | Ágætis Byrjun (1999)

Selo | Smekkleysa
Produção | Ken Thomas
Projeto gráfico | Sigur Rós • Gotti Bernöft
Nacionalidade | Islândia
Duração | 71:51

Quando *Ágaetis Byrjun*, o segundo álbum de estúdio de Sigur Rós, foi lançado no verão de 1999, o diretor do selo Smekkleysa ("Mau gosto") esperava vender entre 1.500 e 2.000 cópias. Em vez disso, tornou-se num êxito fenomenal tanto em seu país de origem como no restante do mundo – graças apenas ao poder da música bela, quase sobrenatural que continha.

Ágaetis Byrjun ("Um bom começo") foi um trabalho de amor: os membros da banda colaram as primeiras capas do disco à mão, o que resultou em vários defeitos, já que algumas vezes a cola pingava sobre os CDs. O processo de gravação foi longo e doloroso e em conseqüência a data de lançamento foi adiada várias vezes. Foi um tempo bem investido. O álbum rapidamente se tornou um dos mais vendidos de todos os tempos na Islândia, conseguindo amplo reconhecimento e totalizando cerca de 500.000 cópias no mundo inteiro. Um feito extraordinário, levando-se em conta que a música é lenta, ambient, rica em texturas (o cantor e guitarrista Jonsi muitas vezes usa um arco de violoncelo), contendo duas músicas com mais de 10 minutos. Sem falar no fato de a banda cantar em seu próprio idioma inventado – o "Hopelandic".

Mas não se engane: *Ágaetis Byrjun* possui uma qualidade atemporal, uma presença etérea e encantadora. A música de abertura, a bela "Svefn-G-Englar", desdobra-se lenta e graciosamente, marcada pela voz angelical de Jonsi. A dramática "Vidrar Vel Til Loftárása" usa cordas para criar um ambiente fantástico – o seu alcance épico é arrasador. A faixa-título é ao mesmo tempo elegante e simples.

A *Melody Maker* descreve a música de Sigur Rós como o som de "Deus chorando lágrimas de ouro no céu". Soa pretensiosa, mas é uma boa descrição: o disco de fato é formidável. **AET**

"É absolutamente fantástico que as pessoas apreciem aquilo que estamos fazendo."

Kjartan Sveinsson, 2001

Lista de músicas

	01	**Intro** (Sigur Rós)	1:36
▶	02	**Svefn-G-Englar** (Sigur Rós)	10:04
	03	**Starálfur** (Sigur Rós)	6:46
▶	04	**Flugufreisarinn** (Sigur Rós)	7:48
	05	**Ný Batteri** (Sigur Rós)	8:10
	06	**Hjartad Hamast (Bamm Bamm Bamm)** (Sigur Rós)	7:10
▶	07	**Vidrar Vel Til Loftárása** (Sigur Rós)	10:17
	08	**Olsen Olsen** (Sigur Rós)	8:03
▶	09	**Ágætis Byrjun** (Sigur Rós)	7:55
	10	**Avalon** (Sigur Rós)	4:02

iPod
Music
Photos
Extras
Settings
Shuffle Songs
Backlight

Anos 2000

- Estréia dos Osbournes na MTV
- Primeiro vôo espacial financiado por empresas
- As forças aliadas invadem o Iraque
- O euro entra em circulação
- É lançado o iPod

Doves | Lost Souls (2000)

Selo | Heavenly
Produção | Doves • Steve Osborne
Projeto gráfico| Rick Myers
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 59:08

O Doves – os irmãos Andy e Jez Williams e o seu amigo de escola Jimi Goodwin – foi formado em Manchester e fazia música desde o início dos anos 90. A banda, conhecida na época como Sub Sub, produziu o clássico dance "Ain't No Love (Ain't No Use)", com a diva do house Melanie Williams. O Doves surgiu literalmente das cinzas do Sub Sub: em 1995, o estúdio da banda pegou fogo, destruindo um álbum já gravado e todo o seu equipamento. O retorno se deu em 1998, com o lançamento de três EPs. Logo depois assinaram com o conhecido selo londrino Heavenly.

Lost Souls possui fortes vínculos com o seu passado, incluindo algumas músicas e várias referências musicais à época do Sub Sub, assim como traços de rock progressivo. O tom é marcado pela poderosa abertura instrumental "Firesuite", que começou sua existência como o lado B do último single do Sub Sub. Outros destaques incluem a épica "Sea Song", assim como os surpreendentes singles "The Man Who Told Everything", a vertiginosa "Catch The Sun" e a primeira música a ser lançada, "Cedar Room", uma balada monumental. A produção é simultaneamente sofisticada e íntima. Como seria de se esperar, esse trabalho contém referências à herança da gloriosa tradição musical de Manchester, especialmente à sedutora melancolia do Joy Division, à fase inicial do New Order, à radiante musicalidade dos Smiths e aos ritmos do início da era do house. O álbum é dedicado a Rob Gretton, empresário do New Order que contratou o Sub Sub para seu selo.

Nomeado para o Mercury Prize, este continua a ser um dos melhores discos dos Dove, uma grande conquista por parte de uma banda que tinha perdido tudo. **PN**

"As pessoas conhecem as letras."

Jimi Goodwin, 2000

Lista de músicas

▶	01	**Firesuite** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	4:35
▶	02	**Here It Comes** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	4:50
	03	**Break Me Gently** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	4:38
▶	04	**Sea Song** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	6:12
	05	**Rise** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	5:38
	06	**Lost Souls** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	6:09
	07	**Melody Calls** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	3:27
▶	08	**Catch The Sun** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	4:49
▶	09	**The Man Who Told Everything** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	5:47
	10	**The Cedar Room** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	7:38
	11	**Reprise** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	1:45
	12	**A House** (Goodwin • A. Williams • J. Williams)	3:40

Air | The Virgin Suicides (2000)

Selo | Astralwerks
Produção | Air
Projeto gráfico| Mike Mills
Nacionalidade | França
Duração | 40:29

Poucas vezes o som e a imagem se uniram tão graciosamente como na trilha sonora do Air para o primeiro filme de Sofia Coppola como diretora. A sinergia entre as imagens que narram a história trágica de cinco irmãs sem razões para viver e a hipnótica e dramática música eletrônica do duo francês é tão perfeita que fica impossível imaginar a existência de uma sem a outra.

Há uma cena no filme em que um médico pergunta a uma garota de 13 anos por que queria cometer suicídio. Ela responde: "Obviamente, o senhor nunca foi uma garota de 13 anos." Na verdade, a motivação para os suicídios das irmãs não é explicada claramente e é nesse mistério, no centro do filme, que a trilha sonora do Air vai buscar sua inspiração. Embora algumas das faixas se sustentem como músicas individuais, especialmente "Playground Love", *The Virgin Suicides* é na realidade uma suíte amarga. As pungentes melodias aparecem e reaparecem de formas sutilmente diferentes. O álbum, que lembra a sofisticação das colaborações de Angelo Badalamenti com David Lynch e o romantismo lascivo de Serge Gainsberg, incorpora a atmosfera de um clube de jazz em "Playground Love" (é ainda mais triste em sua faixa gêmea "Highschool Lover"), órgãos de igreja e uma guitarra no estilo de Gilmour em "Bathroom Girl" (a influência do Pink Floyd dos anos 70 permeia o álbum) e um pop hipnótico em tom menor em "Cemetary Party". Os sintetizadores retrô estão presentes em toda parte.

Nicholas Godin e Jean-Benoit Dunckel superaram a sua estréia com *Moon Safari* e elevaram tanto o nível que não conseguiram voltar a alcançá-lo (*Talkie Walkie*, de 2004, chegou perto). Um dos mais brilhantes réquiens da história do pop. **JiH**

"Acho que somos muito sonhadores."

Jean-Benoit Dunckel, 1998

Lista de músicas

▶	01	**Playground Love** (Dunckel•Godin)	3:32
	02	**Clouds Up** (Dunckel•Godin)	1:30
	03	**Bathroom Girl** (Dunckel•Godin)	2:25
	04	**Cemetary Party** (Dunckel•Godin)	2:36
	05	**Dark Messages** (Dunckel•Godin)	2:28
	06	**The World "Hurricane"** (Dunckel•Godin)	2:33
	07	**Dirty Trip** (Dunckel•Godin)	6:12
▶	08	**Highschool Lover** (Dunckel•Godin)	2:42
▶	09	**Afternoon Sister** (Dunckel•Godin)	2:24
▶	10	**Ghost Song** (Dunckel•Godin)	2:16
	11	**Empty House** (Dunckel•Godin)	2:58
	12	**Dead Bodies** (Dunckel•Godin)	2:59
▶	13	**Suicide Underground** (Dunckel•Godin)	5:54

Ryan Adams
Heartbreaker (2000)

Selo | Bloodshot
Produção | Ethan Johns
Projeto gráfico| Gina Binkley
Nacionalidade | EUA
Duração | 52:03

As desilusões amorosas e a bebida inspiraram muitos grandes discos, mas dificilmente houve um mais comovente do que o álbum de estréia da carreira solo de Ryan Adams. Uma crônica absolutamente sincera sobre os altos e baixos do amor, Adams gravou *Heartbreaker* pouco depois de duas separações dolorosas. Em 1999, a Whiskeytown – sua banda de country alternativo que sempre foi mais elogiada do que comercialmente bem-sucedida – desintegrou-se em meio a problemas de bebida e drogas. Pouco depois do fim da banda, a longa relação do cantor com a sua namorada Amy Lombardi também terminou. Adams dirigiu-se então para o Sul e trancou-se num estúdio de Nashville durante 14 dias.

Com apenas duas faixas de rock – a agitada música de abertura "To Be Young (Is To Be Sad)" e "Shakedown On 9th Street" –, *Heartbreaker* já não apresenta a angústia juvenil e a fúria que haviam caracterizado o seu trabalho prévio com o Whiskeytown. Tendo o tradicional músico de country Gillian Weich e o seu colega David Rawling como músicos de estúdio, Adams desenvolveu um estilo de composição mais livre e emotivo. Jóias acústicas como "Call Me On Your Way Back Home" e "Why Do They Leave" captam o sentimento de amor traído de Adams, com acordes tocados bem de leve e frases murmuradas. O seu dueto com a rainha do country alternativo Emmylou Harris, na melancólica canção de viajantes "Oh My Sweet Carolina", reflete a busca de Adams por uma vida mais simples.

Heartbreaker converteu Adams num artista aclamado pela crítica – segundo o *NME*, Adams é um "visionário trovador do rock", embora não tenha conquistado o grande público. Para tanto, teria de esperar pelo seu álbum seguinte, *Gold*. **TB**

Bebel Gilberto
Tanto Tempo (2000)

Selo | Ziriguiboom
Produção | Suba
Projeto gráfico| Subtle Rukus
Nacionalidade | Brasil
Duração | 45:07

Ao contrário do que alguns pensam, *Tanto Tempo* não é o primeiro álbum de Bebel Gilberto. Ainda criança, já tinha gravado com seu pai (a lenda da bossa nova João Gilberto), sua mãe (a cantora Miúcha) e seu tio (o compositor Chico Buarque), tendo também gravado um álbum de música disco em 1986 com Cazuza. Em Nova York, ela já havia colaborado com David Byrne, Towa Tei (do Deee-Lite), The Thievery Corporation, Mario Castano (produtor dos Beastie Boys) e até mesmo com Kenny G. Quando voltou a São Paulo, formou uma parceria com o produtor iugoslavo Suba, que morreu logo após terminar este disco. A visão gélida e eletrônica da bossa nova de Suba contagia *Tanto Tempo*. Mesmo clássicos da MPB – como "So Nice", de Marcos Valle, e "Samba da Bênção", de Baden Powell – sofrem uma delicada revisão digital, na qual a ginga da bossa nova se entrelaça com o tecno europeu e o funk industrial de Nova York. Mas é a voz de Bebel – um sussurro temperado pela nicotina, cantando num inglês com agradável sotaque brasileiro – que faz de *Tanto Tempo* um disco irresistível.

Tanto Tempo tornou-se o álbum brasileiro mais vendido fora do país. As inovações de Suba foram depois superadas de várias formas, desde o drum 'n' bass de São Paulo, passando pela música eletrônica da Trama Records e por parte da produção dos bailes funk do Rio, mas *Tanto Tempo* permanece como um marco na história da música eletrônica. **JLe**

M. J. Cole
Sincere (2000)

Selo | Talkin' Loud
Produção | M. J. Cole
Projeto gráfico| Michael Williams
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 58:48

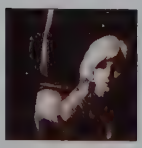
É possível que um músico de formação clássica triunfe no mundo da música de garagem da Inglaterra? Em poucas palavras, sim. Apesar de Matt Coleman, também conhecido como M. J. Cole, ter entrado no meio musical como técnico de som de alguns dos principais nomes do drum'n'bass, ele também sabe criar ritmos mais pesados.

A musicalidade de Cole é o que brilha neste álbum, lançado depois que o seu single de estréia "Sincere" havia se tornado a primeira música de garagem a alcançar o topo das paradas na Inglaterra. A insistência de Cole em trabalhar apenas com instrumentos não-eletrônicos explica por que o disco demorou três anos para ficar pronto. O tom do trabalho é dado logo na introdução: um piano exuberante rapidamente dá espaço a uma linha de baixo agressiva. Ao longo das faixas, Cole transita por músicas próximas ao estilo soul com instrumentações exuberantes e outras que são exercícios com *breakbeats*, baixo samples retorcidos. É uma tentativa de construir a ponte entre suas raízes de garagem e o lado cool dos clubes – na capa isso está representado por uma sacola de grife estampada com M. J. Cole no lugar do nome da loja.

Uma equipe de excelentes colaboradores dá vida ao álbum. Elisabeth Troy traz a sua voz cheia de sentimentos com matizes soul na melodia de "Crazy Love" e também faz vocais delicados no ritmo lento e samples alterados de "I See". Nova Caspar e Jay Dee acrescentam vozes potentes aos fortes sentimentos de "Sincere", enquanto Concept Noir leva "Rough Out Here" para uma jornada ao estilo de Curtis Mayfield. MC Danny Vicious dá brilho a "Slum King", disparando versos sobre os ritmos sincopados.

Aqueles três anos valeram a pena. Com este álbum, Cole foi a primeira estrela garage britânica a estourar no mercado americano. **DC**

Emmylou Harris
Red Dirt Girl (2000)



Selo | Nonesuch
Produção | Malcolm Burn
Projeto gráfico| Jeri and John Heiden
Nacionalidade | EUA
Duração | 55:57

Dona de uma voz dolorosamente bela, com vibrato puro e cristalino, Emmylou Harris há muito tempo é uma das melhores intérpretes dos Estados Unidos. Durante mais de 30 anos, foi uma figura onipresente, mudando de gênero, passando de um estilo para outro. No início dos anos 90, contudo, parecia estar o tempo todo na sombra de outros. O seu álbum de 1995, *Wrecking Ball*, produzido por Daniel Lanois, mudou tudo: reinventou o seu som e redefiniu a sua arte. Mas este disco, que viria em seguida, foi ainda melhor.

O que distingue *Red Dirt Girl* de *Wrecking Ball* – e se trata de uma diferença significativa – é que aqui Harris compôs todas as músicas, exceto uma. Da pungente melancolia de "Boy From Tupelo" à comovente homenagem ao seu pai, "Bang The Drum Slowly", trata-se de um trabalho artístico maduro e bem pensado, de um sofrimento poético e emoções reprimidas. O único álbum anterior composto por Harris foi o introspectivo e catártico *The Ballad Of Sally Rose* de 1985, um disco de relativo sucesso, inspirado pelas lembranças da sua relação com Gram Parsons. Aqui, apesar de as letras serem menos pessoais, ainda se revelam comoventes e ternas, assombradas pela dor. O produtor Malcolm Burn segue a linha de Lanois. Assim, através de uma música habilmente trabalhada que vibra e palpita, que arrasta e agita, Harris emociona com canções aveludadas que falam do amor, da perda, da tristeza e da dor.

Ela gravou mais de 30 álbuns, mas este é o mais completo e mais bem acabado dentre eles. **RF**

Limp Bizkit | Chocolate Starfish And The Hot Dog Flavored Water (2000)

Selo | Interscope
Produção | Terry Date • Limp Bizkit
Projeto gráfico| Fred Durst
Nacionalidade | EUA
Duração | 65:13

Apesar de o movimento nu-metal afinal ter se tornado alvo de controvérsias – em grande parte devido às letras das músicas –, no início de 2000 estava no auge, era poderoso e comercialmente bem-sucedido. Na linha da frente do rap/metal estava a banda americana Limp Bizkit, encabeçada pelo combativo vocalista (e portanto líder ideal) Fred Durst. *Chocolate Starfish...* foi lançado no momento mais alto da fama do Limp Bizkit. O seu álbum anterior, *Significant Other*, tinha conseguido chamar a atenção do mundo da música em grande parte devido às letras semi-analfabetas porém eficazes de Durst, que giravam em torno de uma juventude descontente (ver o toque de sarcasmo no título do álbum).

Chocolate Starfish... obteve um enorme êxito comercial, gerando singles muito populares como "My Generation", "Rollin" – primeiro lugar na Grã-Bretanha – e "Take A Look Around" (da trilha sonora de *Missão Impossível 2*). Os críticos ficaram impressionados com a forma pela qual o som mais rude dos álbuns anteriores da banda tinha sido transformado numa combinação habilmente produzida de metal, funk, rap e um rock simples e eficaz. Os muitos fãs do Limp Bizkit compraram o disco em massa, ainda que somente na letra de "Hot Dog" a palavra *fuck* já aparecesse 36 vezes, tornando inevitáveis os protestos dos mais conservadores.

O álbum ficou ainda melhor devido à participação dos rappers Redman, Method Man, Xzibit e DMX, além do ator Ben Stiller e do ex-vocalista do Stone Temple Pilots, Scott Weiland, que também participou da produção. **EK**

Lista de músicas

01	**Intro**	(Borland•Otto•Rivers)	1:18
02	**Hot Dog**	(Borland•Otto•Rivers)	3:50
03	**My Generation**	(Borland•Otto•Rivers)	3:41
04	**Full Nelson**	(Borland•Otto•Rivers)	4:07
05	**My Way**	(Borland•Otto•Rivers)	4:33
06	**Rollin' (Air Raid Vehicle)**	(Borland•Otto•Rivers)	3:34
07	**Livin' It Up**	(Borland•Otto•Rivers)	4:24
08	**The One**	(Borland•Otto•Rivers)	3:42
09	**Getcha Groove On**	(Borland•Otto•Rivers)	4:29
10	**Take A Look Around**	(Borland•Otto•Rivers)	5:18
11	**I'll Be OK**	(Borland•Otto•Rivers)	5:06
12	**Boiler**	(Borland•Otto•Rivers)	7:00
13	**Hold On**	(Borland•Otto•Rivers)	5:47
14	**Rollin (Urban Assault Vehicle)**	(Borland•Otto•Rivers)	6:23
15	**Outro**	(Borland•Otto•Rivers)	2:01

Radiohead | Kid A (2000)

Selo | Parlophone
Produção | Nigel Godrich
Projeto gráfico | Stanley Donwood • Tchocky
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 49:56

Depois de *OK Computer*, de 1997, tornou-se comum afirmar que o Radiohead era uma das melhores bandas da Inglaterra. No entanto, *Kid A*, gravado três anos depois, gerou muita controvérsia. Os críticos queriam saber onde estavam as guitarras e por que Thom Yorke parecia estar cantando dentro de uma banheira.

O Radiohead criou um álbum mais focado no som e nas texturas do que na simples dinâmica entre volumes altos e baixos – e menos ainda em estruturas convencionais para as músicas. Cliques, baterias eletrônicas e teclados seqüenciados servem de base para o falsete de Yorke em "Everything In Its Right Place" e na sombria "Morning Bell". Um baixo lúgubre pontua "The National Anthem", combinando a bateria de Phil Selway com um naipe de sopros para criar um final apocalíptico. Os belos violões de "How To Disappear Completely" são sobrepostos a uma seção de cordas atonal que acentua o niilismo de Yorke quando canta "I'm not here / this isn't happening" ("Eu não estou aqui / isto não está acontecendo").

O guitarrista Jonny Greenwood compôs grande parte dos arranjos de cordas e fez um uso fantástico do Ondes Martenot, um instrumento eletrônico dos anos 20 (famoso por ter sido usado no tema da série original *Star Trek – Jornada nas Estrelas*). Baterias eletrônicas criam a base para a arrebatadora "Idioteque". "Motion Picture Soundtrack" encerra o álbum com um órgão cujo som lembra músicas de funerais.

Kid A conquistou um Grammy e alcançou os primeiros lugares das paradas em ambos os lados do Atlântico (apesar de ter sido disponibilizado gratuitamente na internet semanas antes do lançamento oficial). Foi o álbum que fez o Radiohead estourar nos Estados Unidos. **AMa**

Lista de músicas

01	**Everything In Its Right Place**	(C. Greenwood J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke)	4:11
02	**Kid A**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	4:44
03	**The National Anthem**	(C. Greenwood J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke)	5:51
04	**How To Disappear Completely**	(C. Greenwood J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke)	5:16
05	**Treefingers**	(C. Greenwood J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke)	3:42
06	**Optimistic**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	5:16
07	**In Limbo**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	3:31
08	**Idioteque**	(C. Greenwood • J. Greenwood O'Brien • Selway • Yorke)	5:09
09	**Morning Bell**	(C. Greenwood J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke)	4:35
10	**Motion Picture Soundtrack**	(C. Greenwood J. Greenwood • O'Brien • Selway • Yorke)	7:01

U2 | All That You Can't Leave Behind (2000)

Selo | Island
Produção | Brian Eno • Daniel Lanois
Projeto gráfico| Steve Averill
Nacionalidade | Irlanda • Inglaterra
Duração | 53:07

Com *All That You Can't Leave Behind*, os irlandeses do U2 consolidaram o seu lugar no topo da hierarquia do rock. Seu décimo álbum de estúdio foi concebido após o tom pseudodecadente de *Pop* e de *Zooropa* e o glam-rock dançante do inesperado *Achtung Baby*. Adotando uma abordagem mais simples, este álbum descarta a experimentação eletrônica em favor de uma instrumentação básica e de um conteúdo lírico com apelo universal. Foi o disco que simultaneamente relançou a banda como uma força artística contemporânea e apresentou o líder Bono como um dos letristas que melhor articulam suas emoções.

All That You Can't Leave Behind é um trabalho de dimensões épicas e não um mero disco de transição: "Pensamos ter composto 11 singles para este álbum", comentou Bono. Com um toque menos messiânico do que o material gravado pelo U2 nos anos 90, o impressionante sucesso internacional deste disco ganhou uma dimensão ainda maior após o 11 de Setembro – "Walk On" converteu-se num hino de resistência para os que ficaram aterrorizados com os ataques ao World Trade Center. "Beautiful Day" é uma canção explosiva de um otimismo exuberante, enquanto "Kite", escrita para o pai de Bono, que estava morrendo, refere-se às dificuldades da vida privada ofuscadas por trás do brilho da fama. É bela em sua simplicidade.

Em 2002, este disco ganhou o Grammy de Melhor Álbum de Rock, e as faixas "Walk On", "Elevation" e "Stuck In A Moment..." receberam prêmios em suas respectivas categorias. Antes das nomeações para o Grammy, Bono brincou sobre "voltar a candidatar-se ao emprego de primeiro das paradas". Parece que o currículo do rapaz foi aceito. **SN**

"Você derrama sua vida nas músicas, você quer que elas sejam ouvidas."

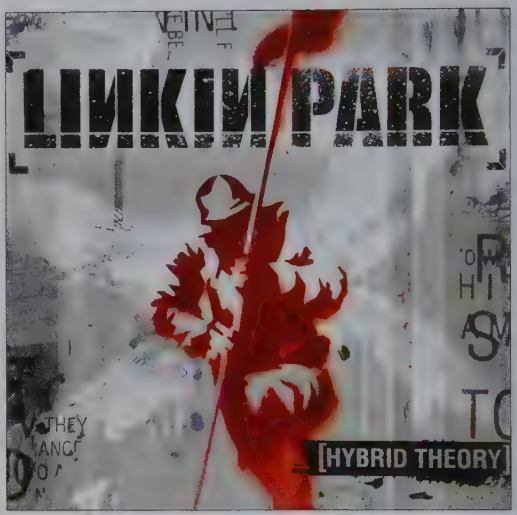
Bono, 2005

Lista de músicas

01	**Beautiful Day** (U2)	4:08
02	**Stuck In A Moment You Can't Get Out Of** (U2)	4:32
03	**Elevation** (U2)	3:47
04	**Walk On** (U2)	4:56
05	**Kite** (U2)	4:27
06	**In A Little While** (U2)	3:39
07	**Wild Honey** (U2)	3:47
08	**Peace On Earth** (U2)	4:48
09	**When I Look At The World** (U2)	4:18
10	**New York** (U2)	5:30
11	**Grace** (U2)	5:31
12	**The Ground Beneath Her Feet** (Salman Rushdie • U2)	3:44

Linkin Park | Hybrid Theory (2000)

Selo | Warner Bros.
Produção | Don Gilmore
Projeto gráfico| Frank Maddocks
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:44



Se tudo tivesse acontecido conforme o planejado, os singles do Linkin Park teriam chegado ao topo das paradas anos antes. Foi somente após terem sido rejeitados por várias gravadoras que Jeff Blue, da Zomba, finalmente ofereceu aos cinco integrantes do grupo os meios para criar e distribuir o seu álbum de estréia. *Hybrid Theory* (o disco recebeu o título que até então nomeava o grupo) acabou sendo lançado pela Warner em 2000.

O primeiro single, "One Step Closer", tornou-se um hit instantâneo, seguindo o sucesso do gênero nu-metal que estava no auge em meados de 2000. "Closer", que vinha em seguida, provou que o Linkin Park tinha enorme potencial, sendo caracterizado por uma inovadora mistura de hip-hop e rap, metal e música eletrônica, o que os colocava num nível superior ao das outras bandas do gênero. No álbum há a combinação de ritmos originais e arrebatadores com letras impetuosas, revelando as influências do hard rock (como em "A Place For My Head"), além de uma produção caprichada.

O clima metaleiro ao mesmo tempo violento e melódico de *Hybrid Theory* (basta conferir "One Step Closer", "With You" e "Papercut") tornou-os a atração ideal para as turnês americanas dos festivais The Family Values e Projekt Revolution, atingindo a incrível marca de 324 shows ao longo de 2001. No final desse mesmo ano, o Linkin Park já era considerado um dos maiores grupos do novo milênio, e *Hybrid Theory* tornou-se o segundo álbum mais vendido em todo o mundo.

A entrega dos prêmios Grammy, em janeiro de 2002, acabou por consolidar a reputação estelar do grupo, que recebeu três indicações: Melhor Álbum de Rock, Melhor Revelação e Melhor Canção Hard Rock (com "Crawling"), sendo este último o prêmio que acabaram levando para casa. **EK**

"Não somos um grupo mainstream: o mainstream é que veio até nós."

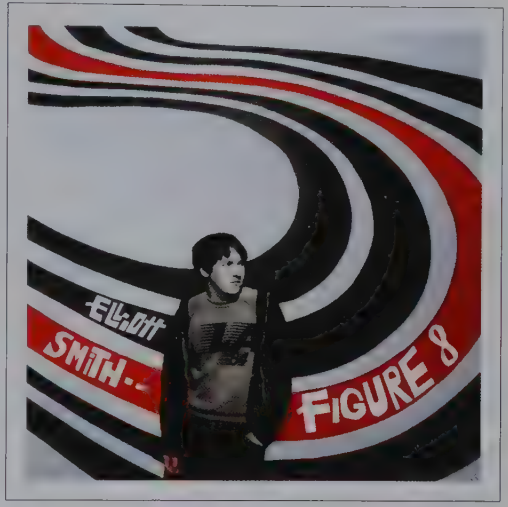
Mike Shinoda, 2003

Lista de músicas

01	Papercut	[Linkin Park]	3:04
▶ 02	One Step Closer	[Linkin Park]	2:35
03	With You	[Dust Brothers • Linkin Park]	3:23
04	Points Of Authority	[Linkin Park]	3:20
▶ 05	Crawling	[Linkin Park]	3:28
06	Runaway	[Linkin Park • Wakefield]	3:03
07	By Myself	[Linkin Park]	3:09
▶ 08	In The End	[Linkin Park]	3:26
09	A Place For My Head	[Linkin Park • Wakefield]	3:04
10	Forgotten	[Linkin Park • Wakefield]	3:14
11	Cure For The Itch	[Linkin Park]	2:37
12	Pushing Me Away	[Linkin Park]	3:11

Elliott Smith | Figure 8 (2000)

Selo | Dreamworks
Produção | Tom Rothrock • Rob Schnapf • Elliott Smith
Projeto gráfico | Autumn de Wilde • Dale Smith
Nacionalidade | EUA
Duração | 52:07



Os anos transcorridos entre a gravação de *Either/Or* e de *Figure 8* foram turbulentos para Elliott Smith. Em 1997, seus amigos começaram a se preocupar com o seu alcoolismo e com o seu comportamento autodestrutivo. Por influência deles, Elliott passou uma curta temporada num hospital psiquiátrico no Arizona. Foi uma experiência infeliz.

A presença de sua música na trilha sonora do filme *Gênio Indomável* rendeu-lhe uma indicação ao Oscar de Melhor Canção Original. Tal exposição de seu trabalho levou-o para uma nova gravadora, a Dreamworks, resultando em uma produção de estúdio mais caprichada. Isso fica evidente em *Figure 8*, com várias camadas e diversos canais de cordas e arranjos mais elaborados em músicas como "Everything Means Nothing To Me".

Como nos discos anteriores, o lirismo melancólico de Elliott Smith vem acompanhado por momentos de otimismo, e é possível imaginar que esse ânimo elevado esteja mais evidente em *Figure 8*. Será que a mudança para um clima mais quente teve alguma influência em seu trabalho? Smith acabou fixando residência em Los Angeles após um longo período de nomadismo. A canção "L.A." resume tudo, equilibrando-se entre a libertação e a desolação, com harmonias animadas da Costa Oeste acompanhando o refrão "Last night I was about to throw it all away" ("Noite passada eu estava prestes a deixar tudo para trás").

Em "In The Lost And Found (Honky Bach)", Smith utiliza o mesmo piano do estúdio Abbey Road que Paul McCartney tocara em "Penny Lane". Como fã de longa data dos Beatles, isso acabou lhe dando grande satisfação e também permitiu aos críticos fazerem comparações com os Fab Four. Eles tinham razão ao afirmar que este disco se aproximava da grandeza. Brilhante, melancólico e influente. **MBI**

Lista de músicas

01	**Son Of Sam**	(Smith)	3:05
02	**Somebody That I Used To Know**	(Smith)	2:09
03	**Junk Bond Trader**	(Smith)	3:49
04	**Everything Reminds Me Of Her**	(Smith)	2:37
05	**Everything Means Nothing To Me**	(Smith)	2:24
06	**L.A.**	(Smith)	3:14
07	**In The Lost And Found (Honky Bach)/The Roost**	(Smith)	4:32
08	**Stupidity Tries**	(Smith)	4:24
09	**Easy Way Out**	(Smith)	2:44
10	**Wouldn't Mama Be Proud?**	(Smith)	3:26
11	**Color Bars**	(Smith)	2:18
12	**Happiness/The Gondola Man**	(Smith)	5:04
13	**Pretty Mary K**	(Smith)	2:36
14	**I Better Be Quiet Now**	(Smith)	3:34
15	**Can't Make A Sound**	(Smith)	4:18
16	**Bye**	(Smith)	1:53

Badly Drawn Boy
The Hour Of Bewilderbeast (2000)

Selo | Twisted Nerve
Produção | Vários
Projeto gráfico| Andy Votel
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 63:25

Damon Gough, também conhecido como Badly Drawn Boy, costuma deixar perplexos fãs e críticos basicamente por seguir suas intuições musicais. Em sua estréia com *Bewilderbeast*, o cantor de Manchester tentou criar um álbum conceitual baseado no percurso de um relacionamento. Seu posto na liderança do movimento new-folk no final do milênio comprovou ser totalmente merecido neste épico de 18 faixas.

Iniciando com o frescor e leveza da acústica "The Shining", o tom muda para um folk inebriante (na sublime "Fall In A River"), depois para um rock repleto de riffs ("Another Pearl"), antes de terminar em resignação e louvor no hino "Epitaph". Mesmo a música associada ao nome do disco, uma instrumental levemente inspirada no tema da série *Banana Splits*, pode ser ouvida com emoção.

Avançando no álbum, encontramos alguns dos seus singles mais memoráveis: confira a introdução e o gancho com wah-wah de "Once Around The Block" ou ainda o toque disco em "Disillusion". Tudo isto revestido com a inconfundível marca visual da Twisted Nerve, numa capa que detalha os elementos que formam o cerne da criatividade de Gough (incluindo discos, caixinhas de música, fotos de família e flores).

Na época da gravação, Gough citou Bruce Springsteen como influência-chave no seu trabalho. Parecia uma escolha meio fora de moda, mas com a passagem dos anos, à medida que o álbum amadureceu, a comparação mostrou ser acertada. Badly Drawn Boy é de fato um renegado e um herói do folk. **JK**

Lista de músicas

▶	01	**The Shining** (Gough)	[illegible]
	02	**Everybody's Stalking** (Gough)	[illegible]
	03	**Bewilder** (Gough)	0:48
▶	04	**Fall In A River** (Gough)	[illegible]
	05	**Camping Next To Water** (Gough)	[illegible]
	06	**Stone On The Water** (Gough)	[illegible]
▶	07	**Another Pearl** (Gough)	4:27
	08	**Body Rap** (Gough)	0:45
▶	09	**Once Around The Block** (Gough)	3:44
	10	**This Song** (Gough)	1:32
▶	11	**Bewilderbeast** (Gough)	1:30
	12	**Magic In The Air** (Gough)	1:43
	13	**Cause A Rockslide** (Gough)	5:55
	14	**Pissing In The Wind** (Gough)	4:39
	15	**Blistered Heart** (Gough)	1:50
	16	**Disillusion** (Gough)	5:20
	17	**Say It Again** (Gough)	4:41
	18	**Epitaph** (Gough)	3:50

P.J. Harvey
Stories From The City, Stories From The Sea (2000)

Selo | Island
Produção | Rob Ellis • Mick Harvey • P.J. Harvey
Projeto gráfico| Rob Crane • Maria Mochnacz
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 50:45

O quinto álbum de P. J. Harvey trouxe, finalmente, a aclamação da crítica mundial: recebeu o Mercury Music Prize em 2001, arrebatando toda uma nova legião de fãs. O som adotado em *Stories...* era mais agradável e lapidado do que em álbuns anteriores e isso indicava que ela havia amadurecido. Não é difícil afirmar isso vendo a artista, na capa do disco, atravessar uma rua de Nova York com um ar confiante.

Musicalmente, ainda transparecem a energia e a paixão de sempre. As músicas estão revestidas com a sonoridade típica da guitarra de Harvey, enquanto Rob Ellis e Mick Harvey adicionam camadas de teclados e melodias de piano que suavizam o som. Nas letras, ela é direta e reveladora. "This Is Love" é arrasadora, e P. J. canta: "I can't believe life is so complex / when I just want to sit here and watch you undress" ("Não posso acreditar que a vida seja tão complexa / quando só quero ficar sentada aqui vendo você se despir"), sobre uma linha de baixo levemente distorcida.

Embora Harvey não quisesse que este trabalho ficasse conhecido como o "álbum de Nova York", as referências à cidade estão em todo ele. "The Whores Hustle And The Hustlers Whore" remete aos riscos, à violência e à falta de perspectiva freqüentemente associados à cidade – especialmente quando fala de "heroin e speed, of genocide and suicide, syphilis and greed" ("heroína e speed, genocídio e suicídio, sífilis e ganância"). Na música de abertura, "Big Exit", P. J. Harvey grita "this world's crazy, give me the gun" ("este mundo está louco, me dê a arma"). A cantora já afirmou que Nova York transborda de uma energia que falta a Londres e procurou capturar isso em *Stories...* Tanto emocional quanto musicalmente, este álbum terá uma longa vida. **KM**

Lista de músicas

▸	01	**Big Exit** (Harvey)	3 51
	02	**Good Fortune** (Harvey)	3 20
▸	03	**A Place Called Home** (Harvey)	3 24
	04	**One Line** (Harvey)	3 14
	05	**Beautiful Feeling** (Harvey)	4 00
▸	06	**The Whores Hustle And The Hustlers Whore** (Harvey)	4 00
	07	**This Mess We're In** (Harvey)	3 57
	08	**You Said Something** (Harvey)	3 19
▸	09	**Kamikaze** (Harvey)	2 24
▸	10	**This Is Love** (Harvey)	3 48
	11	**Horses In My Dreams** (Harvey)	5 37
	12	**We Float** (Harvey)	6 09
	13	**This Wicked Tongue** (Harvey)	3 42

Erykah Badu | Mama's Gun (2000)

Selo | Motown
Produção | Erykah Badu • James Poyser
Projeto gráfico| Erykah Badu • Michael Whitfield
Nacionalidade | EUA
Duração | 71:50

Baduizm, o álbum de estréia de Erykah Badu, de 1997, revelou a própria Lady Day do hip-hop. Seu trabalho seguinte, *Mama's Gun*, que vendeu milhões de cópias, passava uma mensagem diferente. O álbum é composto por músicas sobre as profundezas sombrias da vida e do amor. Badu havia terminado o relacionamento com André 3000 do Outkast, pai de seu filho. "Miss Jackson" foi o ponto de vista de André sobre a situação. Já o ponto de vista de Badu percorre os 72 minutos de *Mama's Gun*.

A primeira metade do disco transborda de funk dos anos 70 até transformar-se numa malvada discípula pós Missy Elliot. Badu se coloca como uma heroína virtuosa e feminina, à espera de seu homem que se encontra encarcerado (em "Penitentiary Philosophy", com um sample de Stevie Wonder), falando em nome dos "tolos desconjuntados" em "Cleva".

Mas a abertamente romântica "Orange Moon", com toque de Minnie Riperton, sinaliza a mudança na segunda metade do disco, mais dolorosa e introspectiva. O toque minimalista do sample de John Hammond em "Time's A Wastin" cria um ambiente frio, suavizado apenas pelos gemidos de Badu no final da música, deprimida mas guerreira. O single "Bag Lady" – soul music da Filadélfia salpicada de ritmos hip-hop – é docemente triste, um sábio conselho para que as mulheres se livrem dos pesados fardos que carregam consigo mesmas.

"Green Eyes", contudo, é o grande trunfo do álbum. Uma história épica sobre um coração partido, em três movimentos, guiada pelo líder do Roots ?uestlove: de um jazz dos anos 30, passa por uma irônica mas triste tomada de consciência, até à desoladora conclusão. Ao cantar "It's too late" ("É tarde demais"), Badu acaba com qualquer resquício de esperança. Despojada, sentimental e requintada, essa música encerra de forma sublime um álbum sublime. **SC**

Lista de músicas

01	**Penitentiary Philosophy**		6:09
▶ 02	**Didn't Cha Know**	(Badu)	3:58
03	**My Life**	(Badu • Poyser)	3:59
04	**...And On**	(Badu • Cantero • Martin)	3:34
▶ 05	**Cleva**	(Badu • Poyser)	3:45
06	**Hey Sugah**	(Badu • N'dambi)	0:51
07	**Booty**	(Badu)	4:04
08	**Kiss Me On My Neck (Hesi)**	(Badu • DeJohnette • Poyser • Yancey)	5:34
09	**A.D. 2000**	(B. Wright • E. Wright)	4:51
▶ 10	**Orange Moon**	(Badu • Lacy • Martin • Young)	7:10
11	**In Love With You**	(Badu • Marley)	5:21
▶ 12	**Bag Lady**	(Badu • Bailey • Brown • Hue • Hayes Longmiles • Martin • Young)	5:48
13	**Time's A Wastin**	(Badu • Martin)	6:42
▶ 14	**Green Eyes**	(Badu • Duplaix • Poyser)	10:04

Coldplay | Parachutes (2000)

Selo| Parlophone
Produção| Coldplay • Ken Nelson
Projeto gráfico| Coldplay • Mark Tappin
Nacionalidade| Inglaterra
Duração | 41:44

Seria este álbum parte de um plano habilmente concebido para Coldplay se tornar a primeira banda desde a U2 a conquistar, ao mesmo tempo, o mercado interno e a América, levando no caminho uma bela atriz vencedora de um Oscar?

É pouco provável. Mesmo o ouvinte mais desatento perceberá que o álbum de estréia do Coldplay não contém o menor traço de cinismo. Certamente, ambição, esperança e até desejo se misturam às guitarras e falsetes. Contudo, o grande charme da banda, que foi formada no University College de Londres, é a prova de que, acima de tudo, fazer música é a sua maior paixão.

Em contraste com uma certa confiança de quem lota estádios, presente em algumas das suas canções mais recentes, a estréia do Coldplay é um deslumbrado encantamento com aquilo que é possível. Como muitos álbuns ingleses do final dos anos 90, *Parachutes* revela a influência de Jeff Buckley, embora haja também um senso constante de inovação e de invenção. "Spies" é, em parte, uma delicada canção de amor, ainda que os arranjos de cordas e as graciosas linhas de guitarra acabem sugerindo parcialmente os temas de James Bond. "Trouble" é uma suave canção de ninar e um olhar falsamente malicioso sobre o amor. Já "Yellow" é um dos poucos sucessos das paradas que podem ser ligados ao art noise do My Bloody Valentine.

Se não houve um planejamento, qual foi o segredo do sucesso internacional de *Parachutes*? "Acho que estas são as melhores músicas do mundo", sugeriu o cantor Chris Martin, antes de acrescentar, com a sua humildade característica, "mas, se eu dissesse isso, iriam achar que sou muito arrogante." Refletindo esse espírito, *Parachutes* tem lá suas falhas, mas ainda assim é genial, exuberante apesar de delicado, tímido apesar de seguro. Sobretudo trata-se de um disco notavelmente humano. Era de se esperar que se tornasse tão popular. **PS**

Lista de músicas

01	**Don't Panic** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	2:17
02	**Shiver** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	4:49
03	**Spies** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	5:18
04	**Sparks** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	3:47
05	**Yellow** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	4:29
06	**Trouble** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	4:30
07	**Parachutes** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	0:46
08	**High Speed** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	4:14
09	**We Never Change** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	4:09
10	**Everything's Not Lost** (Berryman • Buckland • Champion • Martin)	7:15

Common
Like Water For Chocolate (2000)

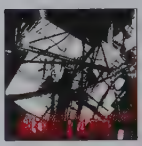
Selo | MCA
Produção | The Soulquarians
Projeto gráfico| Kenny Gravillis
Nacionalidade | EUA
Duração | 78:00

Like Water For Chocolate, o revolucionário álbum de estréia do Common, revelava sensibilidade, um sentimento de família e de comunidade, equilibrando histórias sobre a dura realidade com exemplos inspiradores de heróis verdadeiros.

A faixa de abertura, "Time Travelin", tem sua origem no Laos, um tributo a uma das figuras centrais do Afrobeat, Fela Kuti. Nessa música, Femi, filho de Kuti, participa dos vocais. Em "Heat", a equipe de produção cinco estrelas de Common (os Soulquarians, formada para este álbum, com ?uestlove, James Poysner, Jay Dee e D'Angelo) usou vários grooves criativos e letais.

Houve momentos de impulsividade ("The Light", que declarava o amor de Common por Erykah Badu), momentos de violência ("Payback Is A Grandmother"), provando que tudo na vida é "política". O DJ Premier usou as pickups em "Sixth Sense", um hino solene aos poderes redentores do hip-hop. Mos Def pegou o microfone para circular pelas muitas perguntas sobre a vida em "Questions". Para encerrar, Common prestou duas homenagens à geração anterior: a primeira, um tributo à heroína dos Panteras Negras (e mãe de Tupac) Assata Shakur; a segunda, com a participação de seu pai, Lonnie "Pops" Lynn, um rap caloroso sobre a sua família global, sobre um improviso de Fela. Common afirmava que existe uma força e uma resiliência no gueto que perduram, merecendo o estímulo e o orgulho dos seus membros. **SC**

Mike Ladd
Welcome To The Afterfuture (2000)



Selo | Ozone
Produção | Mike Ladd • Fred Ones
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 62:39

O dilema entre natureza e educação era suficientemente interessante para consumir Shakespeare em *A Tempestade*. Tanto o poeta quanto o rapper Mike Ladd são possuídos por tais conflitos de identidade e não é difícil entender o porquê disso. Educado na Índia, um aclamado letrista e poeta que transita furiosamente entre as artes, Ladd não pode ser considerado um típico MC de rap. Enquanto trabalhava na New York University como professor de poesia, Ladd podia ser encontrado acelerando nas vias expressas de Nova York, sentado no banco do carona e mostrando o traseiro para os policias.

Welcome To The Afterfuture é uma viagem com os pés no chão. Músicas instrumentais de jazz futurista e trechos ambient juntam os blocos pesados de poesia alucinógena, mas uma música como "The Animist" é hip-hop simples e direto: um groove jazzístico em um sintetizador, aliado à filosofia espirituosa e humanista de Ladd. Nem sempre ele é tão acessível – em poucos minutos, a atmosfera muda para o inflamado apocalipse de Sun Ra em "Starship Nigga", que depois se transforma no calafrio desorientado da faixa que dá nome ao disco.

Mas o golpe de mestre de Ladd em *...Afterfuture* é a forma como une esses elementos díspares e exóticos. O álbum segue num crescendo até a estonteante "Feb 4 '99", que evoca imagens da vida do próprio Ladd – diversão na Índia, violência em Nova York, sua sufocante cidade natal de Cambridge, Massachusetts – para conceber uma poderosa declaração sobre o conceito de justiça numa terra abandonada por Deus. É uma bela e comovente explosão de um artista que claramente atira para matar. **SC**

Red Snapper
Our Aim Is To Satisfy (2000)

Selo | Warp
Produção | Hugo Nicholson
Projeto gráfico | Red Design
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 57:03

O terceiro álbum do trio instrumental Red Snapper, *Our Aim Is To Satisfy*, apresenta uma riqueza de estilos musicais – incluindo dub, acid jazz, ótimas batidas de disco e um toque de hard rock –, além de uma combinação pioneira de música eletrônica e instrumentos acústicos. As músicas transitam do suave e melódico ao sombrio e misterioso, para não mencionar uma faixa que beira o obsceno.

"Shellback" possui uma batida marcada de Richard Thair, uma esmagadora linha do baixo de Ali Friend e, para completar, a voz serena e marcante de Karime Kendra. A música instrumental "Don't Go Nowhere" vem em seguida, evocando imagens de um clube underground com sua atmosfera enfumaçada e escura. O maior êxito da banda foi "The Rough And The Quick", uma música funky com uma mixagem seca e matizes de trip-hop. A sedutora voz de Kendra acrescenta sensualidade às letras já bastante explícitas ("Ride a little rough and quick / cum on my tongue" – "Cavalga forte e rápido / goza na minha língua") – e isto é uma parte moderada. A música pede um novo gênero musical a ser adicionado no vocabulário: elec-rótica. "Belladonna" é uma experiência surreal, com uma guitarra agudíssima e um contrabaixo sutil, misturados com cordas e sons eletrônicos.

Will Hermes resumiu a obra do Red Snapper na *Entertainment Weekly*: "Esse grupo londrino faz um grafite pop-jazz com uma visão do século XX." De longe o melhor disco da banda, *Our Aim Is To Satisfy* é sensual, agressivo e hipnótico. **LA**

Eminem
The Marshall Mathers LP (2000)

Selo | Interscope
Produção | Vários
Projeto gráfico | Jason Noto
Nacionalidade | EUA
Duração | 72:05

Quando Eminem lançou seu primeiro disco por uma grande gravadora, o controverso *The Slim Shady Show* (1999), o veredicto dos guardiões da moral foi unânime: Eminem era racista, sexista, misógino, homófobo. Os palavrões e a violência não eram novidades nas letras de rap, mas Eminem havia catapultado o estilo para o coração da classe média branca americana.

The Marshall Mathers LP tirou vantagem do furor gerado por *...The Slim Shady Show*, vencedor do prêmio Grammy, é uma obra-prima de meta-rap de teatro de horrores que detona as distinções entre humor e terror, sátira e documentário. Agora Eminem nos oferece três personagens – o verdadeiro Marshall Mathers, o arrogante MC Eminem e aquele garoto branco metido a rapper chamado Slim Shady.

Slim e Em iniciam a festa, destilando sua tinta corrosiva e difamatória sobre praticamente tudo, desde a censura (em "Who Knew") até o culto às celebridades (em "Stan"). Dr. Dre reforça os desenfreados ataques de rap com efeitos de som irreverentes, linhas de baixo fluidas e ritmos pop sincopados.

Mas é como o seu verdadeiro eu, Marshall Mathers, que Eminem realmente rasga os nervos, levando o hip-hop ao território emocional com letras praticamente autobiográficas. O que torna a balada matadora "Kim" tão completamente aterrorizante não são as menções de sangue e vísceras ("Now Bleed! Bitch Bleed!" – "Agora sangra! Vagabunda, sangra!"), mas a sua profunda sinceridade e a sua trágica humanidade ("I swear to God, I hate you, Oh my God, I love you" – "Juro por Deus, eu te odeio, ah meu Deus, eu te amo"). **MK**

Goldfrapp | Felt Mountain (2000)

Selo | Mute
Produção | Alison Goldfrapp • Will Gregory
Projeto gráfico | Alison Goldfrapp
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:36

Colocar rótulos é o passatempo favorito dos críticos, mas este álbum de estréia resistiu às categorizações apressadas. Música eletrônica cinematográfica, algumas vezes glacial, outras decadente, ao mesmo tempo sedutora e ameaçadora.

Alison Goldfrapp canta como se estivesse num cabaré, como já podia ser notado em algumas ocasiões anteriores a *Felt Mountain*, a mais notável delas em *Maxinquaye*, de Tricky. Seu estilo peculiar acabou encontrando um lugar junto às composições orquestrais estranhas e notáveis de Will Gregory, mergulhadas em cordas e aberturas de outro mundo.

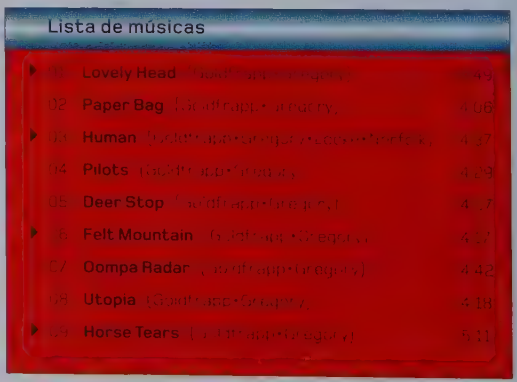
O álbum não poderia ter um início mais perfeitamente estranho do que "Lovely Head". Trata-se de um caldeirão de melodrama, com assobios na introdução, versos desconexos como "Frankenstein would love your mind" e arranjos inventivos que evidenciam as raízes no estilo "faça você mesmo" do álbum. Tudo isso pega o ouvinte desprevenido no início. Contudo, houve público suficiente para que a visão oblíqua da dupla entrasse na consciência coletiva britânica, levando o álbum a vender meio milhão de cópias.

O resto do disco é igualmente irresistível. Goldfrapp se diverte com seu papel de Sally Bowles (protagonista do filme *Cabaret*) moderna, transformando a sua voz num instrumento, mais do que um mero condutor de palavras. "Human" é um estudo sobre a indiferença fria. A música que dá o título ao álbum é hipnótica, enquanto "Oompa Radar" é completamente bizarra. As influências cinematográficas de Gregory são evidentes por todo o disco; há uma menção a Sergio Leone nos agradecimentos, embora John Barry e Ennio Morricone também nos venham à mente.

A trilha sonora de um filme que ainda pode ser produzido. "Único" é a melhor definição possível. **CB**

"Não podemos explicar tudo o que fazemos. Ninguém pode (...) acessar o subconsciente (...). Nem sempre sabemos por que fizemos algo."

Alison Goldfrapp, 2003



Giant Sand | Chore Of Enchantment (2000)

Selo | Thrill Jockey
Produção | Vários
Projeto gráfico| Sheila Sachs
Nacionalidade | EUA
Duração | 59:53

Após uma década em Tucson, Howe Gelb emergiu com a mais bem-sucedida formação do Giant Sand: um trio com o baterista John Convertino e Joey Burns no baixo. A banda era um projeto musical tão imprevisível quanto sua figura central: um cantor/compositor sempre mudando de direção, seguindo as lições libertárias de Bob Dylan e Neil Young e emulando a estranheza idiossincrática do seu ídolo do jazz, Thelonious Monk.

Como uma transmissão de rádio cheia de ruídos, misturando o sentimento do country com uma eletricidade vulcânica, pragmatismo com estranheza, o Giant Sand gravou alguns dos melhores discos underground americanos dos anos 80 (*The Love Songs*, de 1988) e dos anos 90 (*Center Of The Universe*, de 1992). Contudo, nenhum teve um resultado tão bom como *Chore Of Enchantment*. Gravado em Tucson, Memphis e Nova York, com vários produtores, o álbum transmite uma grande coesão, com músicos que por vezes se perdem mas sempre encontram o caminho de volta.

A guitarra slide da instrumental "Shrine" é tocada por Rainer Ptacek, que morreu de câncer antes que o disco fosse lançado. Uma atmosfera melancólica e elegíaca permeia o álbum, complementada por sons evocativos de Mellotron® e órgão. As letras são ao mesmo tempo enigmáticas e coloquiais. Os arranjos vão do mais etéreo a uma distorção meio punk, do silêncio à exuberância, com o cantor sempre distante, sussurrando em seu ouvido.

Surpreendente do princípio ao fim, repleto de canções estranhas sobre mulheres (a voluptuosa "Temptation Of Egg"), experiências da meia-idade ("Shiver", um sucesso underground) ou simplesmente enigmáticas (as guitarras estimulantes que abastecem "Satellite"). *Chore Of Enchantment* se aloja na mente e se recusa a sair. **IJ**

Lista de músicas

01	**Overture**	(Gelb)	1:48
02	**(Well) Dusted (For The Millennium)**	(Gelb)	3:47
03	**Punishing Sun**	(Gelb)	3:13
04	**X-tra Wide**	(Gelb)	3:37
05	**1972**	(Gelb)	3:53
06	**Temptation Of Egg**	(Gelb)	3:41
07	**Raw**	(Gelb)	3:28
08	**Wolfy**	(Gelb)	4:29
09	**Shiver**	(Gelb)	4:00
10	**Dirty From The Rain**	(Gelb)	3:34
11	**Astonished (In Memphis)**	(Gelb)	5:32
12	**No Reply**	(Gelb)	4:34
13	**Satellite**	(Gelb)	6:48
14	**Bottom Line Man**	(Gelb)	4:41
15	**Way To End The Day**	(Gelb)	4:47
16	**Shrine**	(Ptacek)	2:04

Lambchop | Nixon (2000)

Selo | Merge
Produção | Mark Nevers • Kurt Wagner
Projeto gráfico | Eric Bailey • Wayne White
Nacionalidade | EUA
Duração | 49:44

Um dos segredos mais bem guardados de Nashville, Lambchop é um conjunto pouco definido e eclético de integrantes variáveis, ancorado no cantor e compositor Kurt Wagner. *Nixon*, seu quinto álbum, tem orquestração luxuriante e cobre uma gama ampla e atemporal de estilos, desde o rock alternativo até o country e o soul dos anos 70.

Os vocais íntimos de Kurt Wagner ficam entre a fala e o canto, com falsetes ocasionais para complementar. A música "You Masculine You" é toda cantada em falsete. O conteúdo das letras de Wagner nos traz imagens depressivas e que lembram varandas varridas pelo vento e vizinhos bêbados. Em se tratando de um álbum conceitual teoricamente centrado em Richard Nixon, é difícil captar a idéia, embora haja uma lista de livros sobre Tricky Dick incluída nas notas de apresentação.

"The Old Gold Shoe" começa o disco com um baixo arrastado, guitarras e uma caixa de bateria tocada com escovas. Uma seção de instrumentos de corda adorável vai crescendo enquanto Wagner diz uma frase que não é mais do que uma piada sobre ele mesmo: "He's not even a very good singer" ("Ele nem mesmo é um bom cantor"). "Up With People", com um ritmo marcado por palmas, um coral gospel e uma melodia brilhante de trompete, é o ponto alto do álbum.

"What Else Could It Be?" mistura crescendos de música disco vintage e ritmos funk. Na estupendamente intitulada "The Distance From Her To There" escuta-se uma pedal steel guitar e o refrão memorável "The lights outside tonight are far from home / And I'm out drinking in the yard" ("Esta noite as luzes lá fora estão longe de casa / E eu aqui bebendo no quintal"). *Nixon* tem um charme discreto, uma trilha sonora perfeita para uma viagem de carro à noite ou para uma tarde de domingo na cama. **RM**

"Costuma-se pensar em Nashville como a capital do country e toda essa baboseira, mas a cidade também tem uma boa história de R&B."

Kurt Wagner, 2000

Lista de músicas

▶	01	**The Old Gold Shoe** (Wagner)	6:21
	02	**Grumpus** (Wagner)	4:19
	03	**You Masculine You** (Wagner)	3:59
▶	04	**Up With People** (Wagner)	5:59
	05	**Nashville Parents** (Wagner)	5:38
▶	06	**What Else Could It Be?** (Wagner)	3:38
▶	07	**The Distance From Her To There** (Wagner)	4:20
	08	**The Book I Haven't Read** (Mayfield • Wagner)	5:44
	09	**The Petrified Florist** (Wagner)	4:52
	10	**The Butcher Boy** (Public Domain)	2:54

Ute Lemper | Punishing Kiss (2000)

Selo | Polygram
Produção | Vários
Projeto gráfico| Conor Brady
Nacionalidade | Alemanha
Duração | 57:17

Ute Lemper é como uma viagem no tempo até uma época mais glamourosa, quando mulheres no estilo Greta Garbo freqüentavam os clubes da República de Weimar, e uma senhora nunca acendia o próprio cigarro em público. Esta artista alemã demonstrou ser tão versátil como as estrelas da época dourada de Hollywood, recebendo elogios pelos seus trabalhos em teatro, cinema e música. Era a candidata perfeita para divulgar o songbook de Kurt Weill, o que fez em duas coletâneas, em 1992 e 1993, revitalizando também *Berlin Cabaret Songs*, em 1997.

Deixando de lado o passado, Lemper centrou-se pela primeira vez em compositores contemporâneos neste decadentemente belo *Punishing Kiss*. Claro que Lemper só aceitaria participar desse jogo se tivesse as cartas a seu favor. A cantora não teve de se adaptar muito ao novo material, já que Elvis Costello, Tom Waits e os outros compositores presentes no álbum foram fortemente influenciados por Weill.

A capa deixa claro o tom contemporâneo do disco, mostrando a cantora vestida com uma capa negra de couro perambulando por um cenário industrial, como se fosse a Mulher Gato. A primeira faixa, "The Case Continues", é uma história policial pulp contada numa música. As três músicas compostas por Elvis Costello adaptam-se perfeitamente ao ambiente escuro e dramático do disco. A versão de Lemper para "Purple Avenue", de Waits, é formidável, e ela confere um toque de musical da Broadway à música de Nick Cave, "Little Water Song". Neil Hannon e Joby Talbot do Divine Comedy se encarregam do acompanhamento musical em quase todas as faixas e também compuseram três belas músicas. No meio disso, Lemper introduz "Tango Ballad", de Weill, como se fosse a última peça de um quebra-cabeça. **JiH**

"Posso ser muito autoritária, ou uma florzinha, ou uma poderosa e erótica *femme fatale*."

Ute Lemper, 2003

Lista de músicas

01	**The Case Continues**	(Hannon • Talbot)	3:43
02	**Tango Ballad**	(Brecht • Talbot • Weill)	3:00
03	**Passionate Fight**	(Costello • Nieve)	4:13
04	**Little Water Song**	(Cave • Pisek)	3:58
05	**Purple Avenue**	(Waits)	4:03
06	**Streets Of Berlin**	(Glass • Sherman)	4:01
07	**Split**	(Hannon • Talbot)	3:41
08	**Couldn't You Keep That To Yourself**	(Costello)	2:49
09	**Punishing Kiss**	(Costello • O'Riordan)	4:32
10	**You Were Meant For Me**	(Hannon • Talbot)	5:14
11	**The Part You Throw Away**	(Brennan • Waits)	4:44
12	**Scope J**	(Engel)	10:51

Madonna | Music (2000)

Selo | Maverick
Produção | Vários
Projeto gráfico| Kevin Reagan
Nacionalidade | EUA
Duração | 44:38

Aclamada com o título de "Pior Atriz do Século" em 2000, Madonna redimiu-se com um comprometimento renovado em relação ao pop inteligente. Com a sua carreira revitalizada por *Ray Of Light*, recrutou o jovem gênio franco-afegão Mirwais. A sua "Disco Science" domina a primeira metade do álbum, uma vez que Madonna havia ficado impressionada com o seu som rude e com o vídeo obsceno. A própria cantora citou como influências "Afrika Bambaataa, a música eletrônica francesa e Guy Ritchie", este último seu futuro marido.

Onde *Ray Of Light* ondulava, *Music* borbulha. "Começamos com muitas baladas lentas" – recorda-se William Orbit –, "mas ela começou a rejeitá-las em favor de músicas mais dançantes." A mais surpreendente é "Don't Tell Me", uma incursão pela country eletrônica baseada numa canção do seu cunhado, Joe Henry (com quem ela canta a adorável "Guilty By Association", no disco-tributo para Vic Chesnutt, *Sweet Relief II*). Essa mistura de um lado rústico com batidas cortantes inspirava-se na fotografia da capa, de autoria de Jean-Baptiste Mondino, e tornou os chapéus de cowboy um item obrigatório.

Influências mais inusitadas surgem em "What It Feels Like For A Girl", que começa com um diálogo de Charlotte Gainsbourg, do filme de 1993, *The Cement Garden*; e em "Gone", que une a guitarra de Paul Stacey, colaborador do Oasis, com o estilo clássico do compositor Damian Le Gassick.

Music levou Madonna ao topo das paradas de álbuns dos Estados Unidos pela primeira vez desde 1989, vendendo mais de 10 milhões de cópias em todo o mundo. *Ray Of Light* recebeu os elogios da crítica, mas *Music* é mais representativo no que diz respeito à própria Madonna: divertido, brilhante e fabuloso. **BM**

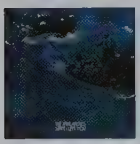
"O que podem esperar? Música eletrônica funky misturada com folk futurista."

Madonna, 2000

Lista de músicas

▶	01	**Music** (Ahmadzai • Madonna)	3:45
	02	**Impressive Instant** (Ahmadzai • Madonna)	3:37
	03	**Runaway Lover** (Madonna • Orbit)	4:47
	04	**I Deserve It** (Ahmadzai • Madonna)	4:23
	05	**Amazing** (Madonna • Orbit)	3:43
	06	**Nobody's Perfect** (Ahmadzai • Madonna)	4:58
▶	07	**Don't Tell Me** (Ahmadzai • Henry • Madonna)	4:40
▶	08	**What It Feels Like For A Girl** (Madonna • Sigsworth)	4:43
	09	**Paradise (Not For Me)** (Ahmadzai • Madonna)	6:33
	10	**Gone** (Le Gassick • Madonna • Young)	3:29

The Avalanches
Since I Left You (2000)



Selo | Modular
Produção | Bobby C. • Darren Seltmann
Projeto gráfico | Bobbydazzler
Nacionalidade | Austrália
Duração | 60:00

A idéia de um grupo de seis DJs australianos mixando um conjunto de samples de The Osmonds, Kid Creole And The Coconuts e Boney M parece um convite para a pior festa do mundo. Contudo, o resultado sonoro é uma coletânea de pop-art deslumbrante e atemporal, algo que parece conter os melhores trechos de todos os grandes discos já produzidos, ao mesmo tempo que agrega a urgência e a doce acidez dos originais.

Com um ritmo descontraído e melodias ensolaradas, a primeira faixa, que intitula o álbum e foi o seu primeiro single, apresenta as intenções da banda, antes de passar à linha de baixo de "Holiday", de Madonna (em "Stay Another Season"). A partir daí, o disco transita pelo pop dos anos 80, o hip-hop da Daisy Age, música disco filtrada, lounge, trilhas sonoras de filmes e musicais – tudo unido pelo ruído do vinil e por flautas que aparecem e desaparecem criando uma atmosfera sonora difusa e onírica. Com mais de 900 samples além do material original, o álbum foi uma legítima obra de amor criada ao longo de dois anos pelos ex-punks de Melbourne Robbie Charter e Darren Seltmann, Gordon McQuilten, Toni Diblasi, James De La Cruz e o campeão australiano de mixagem, o DJ Dexter Fabay.

Antes do seu lançamento, a banda contava apenas com um remix de Badly Drawn Boy, três EPs de edição limitada, e algumas boas citações de seu nome. No final de 2000, já fazia parte da trilha da novela australiana *Neighbours* e tinha se tornado a primeira banda autorizada a usar um sample de Madonna. Foi um bom exemplo de que duas pickups e um sampler ainda podem criar um ótimo momento pop. **MMe**

Outkast
Stankonia (2000)

Selo | La Face
Produção | Vários
Projeto gráfico | Mike Rush
Nacionalidade | EUA
Duração | 73:17

Coloque *Stankonia* no seu estéreo. Escute com atenção. Consegue ouvir a respiração ofegante no fundo? É o som do mundo do rap lutando para acompanhar seus filhos mais inovadores, vindos de Atlanta. O quarto álbum do Outkast foi também o mais original, um verdadeiro feito, visto que *Aquemini*, de 1998, havia estabelecido a dupla como mestres de grooves de soul sulista e das imagens psicodélicas de guetos.

O produtor e tecladista Earthtone III, que supervisionou a maior parte do álbum, afastou André 3000 e Big Boi da instrumentação ao vivo de seu disco anterior e os ajudou a criar músicas a partir de sedutores sintetizadores gritantes e ruidosos ritmos digitais. "B.O.B." – talvez o rap mais ambicioso de todos os tempos – traz um coro de gospel, guitarras estridentes à Hendrix e drum and bass de estremecer o chão durante cinco gloriosamente caóticos minutos.

Os raps de André e Big Boi são tão imaginativos quanto o fundo musical. Enquanto Dr. Dre e Snoop Dogg cuspiam rimas sobre navalhas e mulheres, a dupla de Atlanta escrevia uma carta para a mãe de Erykah Badu ("Ms. Jackson" – André e Erykah haviam rompido seu relacionamento), e falava de suicídio juvenil ("Toilet Tisha") sobre blips dissonantes.

Stankonia – o título se origina do vocabulário funk de George Clinton – entrou direto no segundo lugar na parada norte-americana e vendeu quatro milhões de cópias nos EUA, elevando o Outkast à realeza do rap. Apesar de a banda ter perdido o topo da parada para *The Dynasty: Roc La Familia*, de Jay-Z, o álbum assinalou a chegada do hip-hop sulista como uma força capaz de desafiar, criativa e comercialmente, os gigantes do rap das Costas Leste e Oeste. **TB**

Radiohead
Amnesiac (2001)

Selo | EMI
Produção | Nigel Godrich • Radiohead
Projeto gráfico | S. Donwood • Tchocky
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 43:57

Em 1999, o Blur lançou seu disco *13*, com seus hinos perturbadores sobre uma alma numa queda livre futurista, um final perfeito para o pop no final do século. Então, como começar o novo milênio?

O Radiohead tinha revalorizado o uso clínico da tecnologia em *OK Computer*. Seu próximo álbum de estúdio, *Kid A*, teve uma prévia lançada antes na internet em formato MP3. No verão seguinte, veio *Amnesiac*, potencialmente um retorno às ansiedades impulsionadas por guitarras. Mas a banda, que havia escolhido seu nome para ficar próxima ao R.E.M. nas prateleiras de CDs, aprendeu com este último o truque da reinvenção constante.

Como Michael Stipe, do R.E.M., o vocalista Thom Yorke descobriu o valor dos refrões dispersos e das letras enigmáticas: "Knives out catch the mouse" ("Facas caçam o camundongo"), "There's someone listening in" ("Há alguém escutando"), "Don't talk politics and don't throw stones" ("Não fale sobre política e não jogue pedras"), "Release me... where'd you park the car?" ("Me solte... onde você estacionou o carro?"). Na sua pulsação eletrônica, cacofonias jazzísticas e loops de *Amnesiac*, o cantor cria uma aura de perda e isolamento. Os alvos das letras incluem bancos mundiais, a mídia e o primeiro-ministro inglês Tony Blair. Na majestosa "Pyramid Song", a banda transita pela mitologia egípcia e a redenção. A voz de Yorke é desolada, por vezes hesitante, como a de um homem inseguro em relação à sua mensagem.

Contudo, *Amnesiac* está carregado de uma beleza sombria e merece ser ouvido várias vezes, como uma arca do tesouro cheia de prazeres: entre a suavidade de um crooner e o completo escárnio em "You And Whose Army?"; em "Hunting Bears", com seus momentos lembrando a raga indiana; na inquietante e bela "Morning Bell / Amnesiac"; e nos metais embriagados de "Life In A Glass House", que encerra o disco. Tamanha riqueza é rara neste novo século. **GT**

Silver Jews
Bright Flight (2001)

Selo | Drag City
Produção | Mark Nevers
Projeto gráfico | Não consta
Nacionalidade | EUA
Duração | 35:34

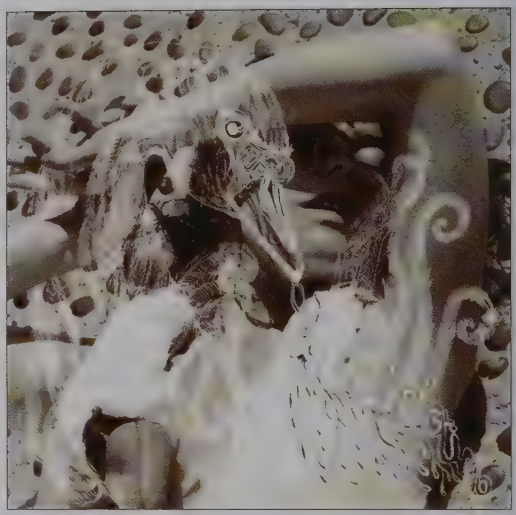
"O pessoal trata o Silver Jews como se fosse uma merda", afirmou David Berman quando o seu quarto disco estava prestes a sair. Apesar de seus trabalhos serem sempre bem acolhidos na cena do rock independente, o Silver Jews ainda era tido como um projeto paralelo de Stephen Malkmus – Berman era amigo do líder do Pavement desde os tempos de faculdade, e Malkmus está em dois discos do Silver Jews. Berman era também considerado um aspirante a poeta, pois, além de fazer música, também tinha escrito livros de poesia: "Sou um poeta!", rosnou ele. Com *Bright Flight*, pôs um fim a todas essas questões. Ainda há artistas convidados (incluindo Cassie Marrett, noiva de Berman, nos vocais), mas Malkmus não participa, o que não deixa dúvidas de que apenas David Berman está no comando.

O disco foi gravado em Nashville e as músicas são afetuosas, no estilo clássico do country (bateria, guitarra pedal steel e acordes abertos), mas o melhor de *Bright Flight* é o inesperado. A voz profunda de Berman vacila como uma criança numa bicicleta, lançando casualmente imagens de efeito: "Every single thought is like a punch in the face / I'm like a rabbit freezing on a star" ("Cada pensamento é como um soco no rosto / Sou como um coelho congelando sobre uma estrela"). Numa faixa como "I Remember Me", há romance à moda antiga ("they slow danced so the needle wouldn't skip" – "dançavam devagar, assim a agulha não pularia") e humor seco (rimando "coma" com "Oklahoma").

Um poeta? Sim. Um artista solo cuja influência se alastra cada vez mais? Sem dúvida. Mas talvez fosse melhor que Berman continuasse a ser cético: "No momento em que alguém simplesmente concordasse comigo", disse ele, "eu pararia." **SH**

Björk | Vespertine (2001)

Selo | One Little Indian
Produção | Björk • Martin Console • Thomas Knak
Projeto gráfico | Inez/Vinoodh • M/M
Nacionalidade | Islândia
Duração | 55:33



Depois de três álbuns solo, Björk pensava que já tinha mapeado cada aspecto de si mesma: desde os primeiros passos tímidos de *Debut*, passando pelo frenético *Post*, ao melancólico e potente *Homogenic*. "*Vespertine*", disse Björk, "é a última parte de mim."

Antes de começar o trabalho em *Vespertine*, Björk foi a protagonista do filme de Lars Von Trier *Dançando no Escuro*, no papel de Selma, uma personagem introvertida vivendo num "universo hermético". O mesmo ambiente tranqüilo e contemplativo é filtrado por seu novo álbum. Segundo Björk, o disco fala do que "acontece sob a minha pele, o local secreto".

Vespertine vibra com atividade submarina, uma sensação de fisgadas físicas ou emocionais invisíveis. De fato, Björk já colecionava pequenos samples desde 1997, pesquisando instrumentos como a celesta, harpa e caixinhas de música: "sons de percussão doces e curtos". Para *Vespertine*, ela chamou o duo eletrônico Matmos, que já havia trabalhado com as coisas mais variadas possíveis para produzir música, desde brinquedos até sons produzidos durante uma cirurgia plástica.

Além dos barulhinhos inomináveis que borbulham pelas faixas, *Vespertine* se move ao som de orquestrações e vozes de um coral de meninas Inuit da Groenlândia. Há uma liberdade de tirar o fôlego em músicas como "It's Not Up To You", que celebra a felicidade em confiar no desconhecido ("Unthinkable surprises, about to happen" – "Surpresas impensáveis, prestes a acontecer"), até a suavemente erótica "Cocoon", tão íntima que lembra anotações de um diário pessoal.

Logo após o lançamento do disco, Björk partiu para uma bem-sucedida turnê mundial que foi amplamente documentada. A cantora disse que se sentia libertada: "Eu poderia fazer absolutamente qualquer coisa agora mesmo", disse ela. O mundo prendeu a respiração. **SH**

"Este álbum é, em parte, sobre criar um casulo."

Björk, 2001

Lista de músicas

01	Hidden Place (Björk)	5:28
02	Cocoon (Björk • Knak)	4:28
03	It's Not Up To You (Björk)	5:08
04	Undo (Björk • Knak)	5:38
05	Pagan Poetry (Björk)	5:14
06	Frosti (Björk)	1:41
07	Aurora (Björk)	4:39
08	An Echo A Stain (Björk • Sigsworth)	4:04
09	Sun In My Mouth (Björk • Sigsworth)	2:40
10	Heirloom (Björk • Console)	5:12
11	Harm Of Will (Björk • Sigsworth)	4:36
12	Unison (Björk)	6:45

Gorillaz | Gorillaz (2001)

Selo | Parlophone
Produção | Vários
Projeto gráfico | Jamie Hewlett • Zombie
Nacionalidade | Canadá • Inglaterra • EUA
Duração | 64:37

Coisas bizarras aconteceram no mundo da música em 2001. O Tool levou a matemática do metal ao topo das paradas. Mariah Carey tirou a roupa em *Total Request Live*. E excêntricos personagens de desenho animado ganharam um disco de platina.

Concebido por Damon Albarn, do Blur, e por Jamie Hewlett, criador da HQ *Tank Girl*, o Gorillaz é formado por 2D, um garoto descolado, pelo baixista dentuço Murdoc, a fria e misteriosa Noodle e pelo prodígio do hip-hop Russell. Apareceram com uma biografia bizarra, apoiada na iconografia dos filmes de terror (daí o "Drácula" na versão americana). Por trás das imagens, há o eclético produtor Dan The Automator, Tina Weymouth (sua banda Tom Tom Club provavelmente faz parte da árvore genealógica do Gorillaz), o DJ canadense Kid Koala e o veterano cantor cubano Ibrahim Ferrer.

A receita do seu sucesso foi, sem dúvida, Del tha Funkee Homosapien (seu disco, *I Wish My Brother George Was Here*, produzido por seu primo Ice Cube, é imprescindível para quem gosta de humor misturado com hip-hop). O rap sinistro de Del ajudou a transformar em hits músicas como "Clint Eastwood" e "Rock The House" e levou o Gorillaz a formar parcerias com Redman e com os protegidos de Eminem, D12.

Entre as faixas de fácil audição aparecem alguns flertes com o dub reggae e o punk, que têm seu melhor exemplo em *Think Tank*, do Blur, apesar de "Slow Country" ser uma das melhores composições de Albarn. Já "M1 A1" é um pastiche poderoso de "Roadrunner", de Jonathan Richman.

O melhor mesmo é curtir o Gorillaz em DVD (*Gorillaz Phase One: Celebrity Take Down*) ou na internet (www.gorillaz.com). Contudo, este álbum – que se manteve nas paradas dos Estados Unidos e da Inglaterra durante um ano inteiro – é um passaporte para a turnê do mistério musical. **BM**

Lista de músicas

01	**Re-Hash** [Albarn•Hewlett]	3:40
02	**5/4** [Albarn•Hewlett]	2:42
03	**Tomorrow Comes Today** [Albarn•Hewlett]	3:14
04	**New Genious** [Albarn•Brown•Hewlett]	3:59
05	**Clint Eastwood** [Albarn•Hewlett•Jones]	5:43
06	**Man Research** [Albarn•Hewlett]	4:32
07	**Punk** [Albarn•Hewlett]	1:38
08	**Sound Check** [Albarn•Hewlett]	4:42
09	**Double Bass** [Albarn•Hewlett]	4:46
10	**Rock The House** [Albarn•Dankworth Hewlett•Jones•Nakamura]	4:11
11	**19-2000** [Albarn•Hewlett]	3:29
12	**Latin Simon (¿Qué Pasa Contigo?)** [Albarn•Hewlett•Villa]	3:38
13	**Starshine** [Albarn•Hewlett]	3:33
14	**Slow Country** [Albarn•Hewlett]	3:37
15	**M1 A1** [Albarn•Hewlett]	4:01
16	**Clint Eastwood (Ed Case•Sweetie Irie Remix)** [Albarn•Case•Hewlett•Irie]	3:43
17	**19-2000 (Soulchild remix)** [Albarn•Hewlett]	3:29

Ryan Adams | Gold (2001)

Selo | Universal
Produção | Ethan Johns
Projeto gráfico | Ryan Adams • Karen Naff
Nacionalidade | EUA
Duração | 69:37

Se Ryan Adams não fosse um compositor prolífico, seria certamente o freqüentador mais barulhento do bar local, lamentando as forças que conspiram contra ele e partindo uma garrafa na cabeça do primeiro que lhe mandasse calar a boca. Por sorte, Adams tem a reputação de escrever cerca de nove músicas por dia e são sempre melhores quando ele realmente tem algo de que se lamentar. Em 2001, após duas separações dolorosas que o levaram de Nova York a Los Angeles, e com uma pilha de dinheiro de uma grande gravadora para fazer o seu segundo disco solo, Adams gravou 16 músicas que o ajudaram a encontrar seu caminho de volta.

Com um som tão diversificado quanto as mudanças de humor do seu autor, além de um toque dos anos 70 trazido pelo produtor Ethan Johns, *Gold* levou Adams ao panteão da música country alternativa, ao lado de Gilliam Welch, Lucinda Williams e Wilco.

Abrindo com a animada mas amarga "New York, New York" e fechando com a magnífica e vacilante "Goodnight Hollywood Boulevard", *Gold* perambula pela tradição musical americana, do country ao soul, do blues às baladas, passando por todos os caminhos intermediários. O álbum é tanto uma carta de amor a ídolos como Johnny Cash, Gram Parsons e Bob Dylan quanto a qualquer paixão momentânea. O refrão rústico e oscilante de "Somehow, Someday" lembra os velhos tempos de Tom Petty, enquanto os belos acordes descendentes de "Answering Bell" evocam The Band.

O que normalmente soaria como um clichê é convertido por Adams numa desilusão amorosa palpável, graças ao seu magnetismo emotivo. Só um hábil compositor consegue descrever um mundo tão depressivo de forma tão doce. **MO**

Lista de músicas

01	**New York, New York**	(Adams)	[illegible]
02	**Firecracker**	(Adams)	[illegible]
03	**Answering Bell**	(Adams)	[illegible]
04	**La Cienega Just Smiled**	(Adams)	[illegible]
05	**The Rescue Blues**	(Adams)	[illegible]
06	**Somehow, Someday**	(Adams)	[illegible]
07	**When The Stars Go Blue**	(Adams)	[illegible]
08	**Nobody Girl**	(Adams • Johns)	[illegible]
09	**Sylvia Plath**	(Adams • Causon)	4:09
10	**Enemy Fire**	(Adams • Welch)	4:14
11	**Gonna Make You Love Me**	(Adams)	[illegible]
12	**Wild Flowers**	(Adams)	[illegible]
13	**Harder Now That It's Over**	(Adams • Stills)	[illegible]
14	**Touch, Feel, And Lose**	(Adams • Rawlings)	[illegible]
15	**Tina Toledo's Street Walkin' Blues**	[illegible]	6:04
16	**Goodnight Hollywood Boulevard**	(Adams • Causon)	3:23

Destiny's Child | Survivor (2001)

Selo | Columbia
Produção | Vários
Projeto gráfico| I.C.
Nacionalidade | EUA
Duração | 59:45

Tendo acertado as bases com *The Writing's On The Wall*, de 1999, o Destiny's Child atingiu o topo com *Survivor*, consolidando-se como a mais bem-sucedida banda de mulheres da atualidade.

O título do álbum em si é uma declaração. A banda estava em transição, depois de ter perdido três de suas integrantes em seis meses e enfrentado processos judiciais de duas delas. O Destiny's Child havia se tornado um trio, com a recém-chegada Michelle Williams unindo-se a Beyoncé Knowles e Kelly Rowland.

Se havia alguma dúvida de que a nova formação do grupo seria um sucesso, ela foi dissipada imediatamente com "Independent Women Part I" (usada como tema para o filme *As Panteras*). Apenas o groove oscilava nessa música dançante suingada, enquanto as três mulheres proclamavam firmemente sua emancipação. O passo firme prossegue com o hino matador "Survivor", para depois se transformar na saltitante "Bootylicious", criada sobre um sample curto de "Edge of Seventeen", de Stevie Nicks.

É compreensível que muitos vejam *Survivor* como o primeiro disco solo de Beyoncé, já que foi co-autora ou então produziu as 15 faixas do álbum. Seu orgulhoso pai, Mathew Knowles, foi o produtor executivo do disco e "eminência parda", cuidando de dar a Beyoncé quase todos os vocais principais do disco. Ela produziria um grande sucesso por conta própria em 2003, com *Dangerously In Love*, um campeão de vendas que provou ser quase tão bom quanto *Survivor*, antes do retorno ao grupo, em 2004, com o lançamento de *Destiny Fulfilled*. Um título irônico, sem dúvida, já que o trio já tinha cumprido seu destino, pelo menos artisticamente, com *Survivor*. **JiH**

Lista de músicas

01	**Independent Women Part I** (Barnes•B. Knowles•Olivier•Rooney)	3:43
02	**Survivor** (Dent•B. Knowles•M. Knowles)	4:14
03	**Bootylicious** (Fusari•B. Knowles•Moore•Nicks)	3:27
04	**Nasty Girl** (Bassi•Dent•Hackett•B. Knowles)	4:17
05	**Fancy** (B. Knowles•Rotem•Wiggins)	4:12
06	**Apple Pie À La Mode** (Fusari•B. Knowles•Moore)	2:58
07	**Sexy Daddy** (Elliott•B. Knowles)	4:06
08	**Independent Women Part II** (Comstock Donaldson•B. Knowles•Seats•Stewart)	3:45
09	**Happy Face** (Fusari•Gaines•B. Knowles•Lee•Moore)	4:30
10	**Emotion** (B. Gibb•R. Gibb)	3:56
11	**Dangerously In Love** (B. Knowles•McCalla)	4:52
12	**Brown Eyes** (Afanasieff•B. Knowles)	4:47
13	**The Story Of Beauty** (Fambro•B. Knowles)	3:30
14	**Gospel Medley** (Franklin•B. Knowles•Smallwood)	3:26
15	**Outro (DC-3) Thank You** (Fusari•Gaines B. Knowles•Lee•Rowland•Williams)	4:02

The Strokes | Is This It (2001)

Selo | Rough Trade
Produção | Gordon Raphael
Projeto gráfico| Colin Lane
Nacionalidade | EUA
Duração | 36:25

Das batidas urgentes de "The Modern Age" às linhas melódicas do baixo de "Hard to Explain" e as guitarras entrelaçadas de "Alone, Together", *Is This It* foi uma estréia revigorante.

O punk-pop sujo e desalinhado concebido pelo compositor e vocalista Julian Casablancas foi feito para audição compulsiva. Essas 11 explosões de energia bem econômicas, abençoadas com riffs em profusão, sabiamente distinguiram a banda dos muitos grupos pós-Radiohead da época, mais voltados para criar música numa espécie de escalada épica (entenda-se: bombasticamente vazios). (A versão americana em vinil foi lançada no tenebroso dia 11 de Setembro; "New York City Cops" foi tirada da versão em CD que veio em seguida.)

O Strokes teve como influências o caldeirão de bandas que surgiram em Nova York durante os anos 70 (como fica evidente em suas jaquetas de brechó, seus tênis surrados e jeans apertados). As referências mais claras são The Stooges, The Cars e Television (particularmente na interação entre as guitarras de Nick Valensi e Albert Hammond Jr.).

Casablancas admite abertamente sua admiração pelo Velvet Underground de Lou Reed e, estilisticamente, sua fala lenta e petulante soa como uma versão mais jovem do seu herói. Algumas vezes seu estilo é cheio de atitude: "I don't give a fuck" ("Eu não dou a mínima"), declara em "Barely Legal", antes de passar à frustração sincera e afetuosa – "I want it all, I just can't figure out... Nothin'" ("Eu quero tudo, só não consigo entender... Nada"). A última música do disco, "Take It Or Leave It", é construída como um crescendo eufórico. Nos shows, o carismático Casablancas muitas vezes se jogava sobre o público durante essa música. O plágio musical raramente soou tão divertido. **KM**

"Tenho duas coisas: meu cérebro e meus culhões. E não me desfaço deles por ninguém."

Julian Casablancas, 2001

Lista de músicas

1. Is This It
2. The Modern Age
3. Soma
4. Barely Legal
5. Someday
6. Alone, Together
7. Last Nite
8. Hard To Explain
9. New York City Cops
10. Trying Your Luck
11. Take It Or Leave It

Gillian Welch | Time (The Revelator) (2001)

Selo | Acony
Produção | David Rawlings
Projeto gráfico| Frank Olinsky
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:14

Isso é música country sombria, rural – com um toque de antigas canções montanhesas –, perturbadora, comovente e selvagemente bela. Será que importa o fato de que essas canções "autênticas" e "tradicionais" do interior tenham sido, na verdade, compostas por uma artista sofisticada nascida e criada em Los Angeles, formada pela Universidade de Berkeley? Isso até pode incomodar alguns, mas francamente não deveria. Um material dessa qualidade transcende de forma eloqüente e poderosa as picuinhas de qualquer purista. Além disso, este álbum possui um toque contemporâneo que talvez não seja evidente à primeira vista, seja nas letras fluidas e doloridas de Gillian Welch, seja no fraseado hábil e direto de seu parceiro musical, o extraordinário guitarrista David Rawlings. Não podemos esquecer, como disse a própria cantora, que "Gillian Welch é uma banda com dois integrantes".

Este é o terceiro álbum e certamente o melhor. Foi lançado no mesmo momento em que o filme *E Aí, Irmão, Onde Está Você?* reavivou o interesse da América por suas raízes musicais, confirmando o potencial do duo e consolidando sua reputação. Gravado em equipamentos vintage (antigos, porém de alta qualidade) no histórico Studio B de Nashville, o som é nítido e claro, celestialmente puro, enquanto o violão dedilhado espaçadamente combina perfeitamente com as harmonias vocais para conseguir um efeito etéreo e vibrante.

O álbum se desdobra como um tapete vermelho. Desde uma ode a Elvis até referências a um presidente morto, cada música revela-se um sutil relance de poesia e fervor, retorcendo-se e tremulando em direção ao fascinante fechamento do disco, uma faixa de 15 minutos chamada "I Dream A Highway". Um épico sobre paixões perdidas ou desgastadas. Este é um som profundo como uma mina e sombriamente escuro. **RF**

"Meu Deus, as coisas que o David está fazendo não são nem um pouco tradicionais."

Gillian Welch, 2001

Lista de músicas

▶	01	**Revelator** (Rawlings • Welch)	6:20
	02	**My First Lover** (Rawlings • Welch)	3:44
	03	**Dear Someone** (Rawlings • Welch)	3:12
	04	**Red Clay Halo** (Rawlings • Welch)	3:14
▶	05	**April The 14th Part 1** (Rawlings • Welch)	5:07
	06	**I Want To Sing That Rock And Roll** (Rawlings • Welch)	2:47
▶	07	**Elvis Presley Blues** (Rawlings • Welch)	4:53
▶	08	**Ruination Day Part 2** (Rawlings • Welch)	2:34
	09	**Everything Is Free** (Rawlings • Welch)	4:43
▶	10	**I Dream A Highway** (Rawlings • Welch)	14:40

Gotan Project | La Revancha Del Tango (2001)

Selo | ¡Ya Basta! / XL
Produção | Gotan Project
Projeto gráfico| Não consta
Nacionalidade | Argentina • França
Duração | 58:42

Em sua época de ouro, o tango – um dos estilos musicais mais importantes da América Latina – invadiu as pistas de dança e os palcos de toda a Europa e Estados Unidos. O Gotan Project é inspirado pela mesma música ("gotan" é uma gíria argentina para tango, com as sílabas trocadas), mas não se trata de um simples tributo nostálgico. Este álbum marca a revitalização do tango no século 21.

O Gotan Project ganhou o prêmio BBC3 World Music Award como "Melhor Estréia", em 2003, um sinal de boas-vindas a Philippe Cohen Solal e seus amigos de longa data, Christoph H. Müller e Eduardo Makaroff. O projeto havia sido criado para construir uma ponte entre o tango tradicional e místico e a sua nova encarnação jamaicana de andamento mais lento, criando arquiteturas sonoras sensuais, noturnas e bem desenhadas que combinam clássicos do tango com batidas e ritmos modernos.

Traduzido como "A Vingança do Tango", este álbum criativo foi o mais erótico retorno ao tango desde as performances de Astor Piazzola, e os DJs rapidamente levaram esse som ardente para as pistas de dança européias. Em "Una Musica Brutal", a melancolia do bandonéon mistura-se com a simplicidade do dub. "Triptico" dá destaque ao violino e a um piano jazzístico. A voz atemporal de Cristina Villalonga em "Época" evoca a milonga, uma alegre dança argentina, enquanto os objetivos políticos de Che Guevara e Evita são abordados em "Queremos Paz" e "El Capitalismo Foráneo", respectivamente.

A missão do Gotan Project é dar nova vida ao tango. *La Revancha Del Tango* é uma declaração de intenções ousada, espirituosa e elegante. **GD**

"Acho que foi importante simplesmente afirmar que o tango não morreu."

Philippe Cohen Solal, 2003

Lista de músicas

▶	01	**Queremos Paz** (Makaroff • Müller • Solal)	5:15
	02	**Época** (Makaroff • Müller • Solal)	4:28
▶	03	**Chunga's Revenge** (Zappa)	5:02
▶	04	**Triptico** (Makaroff • Muller • Solal)	8:26
	05	**Santa Maria (Del Buen Ayre)** (Makaroff • Müller • Solal)	5:57
	06	**Una Musica Brutal** (Makaroff • Muller • Solal)	4:11
	07	**El Capitalismo Foráneo** (Buller • Flores • Solal)	6:12
▶	08	**Last Tango In Paris** (Barbieri)	5:50
	09	**La Del Ruso** (Makaroff • Müller • Solal)	6:22
▶	10	**Vuelvo Al Sur** (Piazzolla • Solanas)	6:59

The White Stripes | White Blood Cells (2001)

Selo | Sympathy For The Record Industry
Produção | Jack White
Projeto gráfico | Pat Pantano • Jack White
Nacionalidade | EUA
Duração | 40:23

Quando começou a trabalhar no seu terceiro álbum, o White Stripes decidiu que sua missão era fazer um disco sem versões cover, sem solos de guitarra, com o menor número de overdubs possível, como uma reação direta à relativa suntuosidade de seu segundo trabalho, *De Stijl*. Essa postura de aversão ao novo teve um resultado irônico: *White Blood Cells* é considerado freqüentemente a sua produção mais esmerada e gerou as músicas mais conhecidas da banda.

A essa altura, sua identidade completamente vermelha, branca e negra já estava bem definida. A arte de capa apresenta o duo tentando se refugiar da mídia sempre invasiva, sendo ao mesmo tempo uma brincadeira com o título do álbum (traduzido como *Glóbulos Brancos*). O disco também estava repleto de contradições infantis – no interior da capa, a dupla aparece posando ironicamente para os seus supostos perseguidores. Essa atitude também está refletida na música. A letra de "Fell In Love With A Girl," uma ruidosa música thrash de garagem que lotava as pistas de dança, falava das contradições entre o cérebro de um homem e o de uma mulher. "I Think I Smell A Rat" (uma faixa gravada em demo por Jack muito antes de o White Stripes existir) lamentava o fato de muitos jovens tirarem vantagem dos mais velhos. Já em "I'm Finding It Harder To Be A Gentleman", a banda fala de má vontade sobre as mulheres ingratas que esnobam o cavalheirismo.

De qualquer modo, *White Blood Cells* deverá ser lembrado por seus blues lascivos e vigorosos. É como uma criança petulante que não quer ser ensinada ("Expecting"), mas também como um colega de escola frágil e humilde, sempre disposto a ajudar ("We're Going To Be Friends").

Jack White estava agora no auge da sua inspiração como compositor. Este álbum excelente permanece como o ponto de partida ideal para quem estiver curioso sobre o blues de brancos no século 21. **JK**

Lista de músicas

01	**Dead Leaves And The Dirty Ground** (White)		
02	**Hotel Yorba** (White)		
03	**I'm Finding It Harder To Be A Gentleman** (White)		
04	**Fell In Love With A Girl** (White)		
05	**Expecting** (White)		
06	**Little Room** (White)		
07	**The Union Forever** (White)		
08	**The Same Boy You've Always Known** (White)		
09	**We're Going To Be Friends** (White)		
10	**Offend In Every Way** (White)		
11	**I Think I Smell A Rat** (White)		
12	**Aluminum** (White)	2:19	
13	**I Can't Wait** (White)		
14	**Now Mary** (White)	1:47	
15	**I Can Learn** (White)		
16	**This Protector** (White)	2:10	

The Beta Band | Hot Shots II (2001)

Selo | Regal
Produção | The Beta Band • Colin "C-Swing" Emmanuel
Projeto gráfico | The Beta Band • Lizzie Finn
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 42:06

The Beta Band parecia divertir-se com o fato de, pelo menos segundo a mídia, nunca cumprir as expectativas que despertava. Após alguns EPs brilhantes, a crítica castigou de tal forma o seu álbum de estréia em 1999 que até os fãs mais devotos lhe deram as costas. Além disso, a prolongada turnê que a banda se viu forçada a fazer transformou-os em seres astutos. Tudo isso ajudou a criar *Hot Shots II*, o mais consistente dos seus três álbuns.

O líder Steve Mason recrutou o produtor C-Swing (parceiro de estrelas da música britânica como Jamelia e Beverly Knight) para aparar as arestas soltas da banda. O resultado? Um disco verdadeiramente original: grooves e folk psicodélico temperados com rock no estilo do The Who. A diversidade de sons da banda está perfeitamente ilustrada em "Quiet", com zumbidos e cliques que lembram o Pink Floyd da época de Syd Barrett, antes de irromper numa passagem em estilo dub, culminando num final com rock de peso total. As referências humorísticas da última faixa, "Eclipse", eram dirigidas aos críticos que rotularam a banda como uma espécie de Pink Floyd. Evocando seus primeiros trabalhos, mostra Mason como autor de paródias líricas, cantando sobre fumar fatias de pizza.

Hot Shots II foi lançado em julho de 2001, atrapalhado pela notória má sorte do Beta. O single principal, "Squares", abusava de um sample de "Daydream", do Gunther Kallman Choir. O mesmo sample foi usado simultaneamente por I Monster, que subiu nas paradas da Inglaterra com seu próprio "Daydream Blue", impedindo dessa forma que o single do Beta se tornasse um hit. A intensidade de *Hot Shots II* e as performances ao vivo do grupo nesse período, com seus twists carregados de percussões, se tornarão lendárias daqui a... 10 anos, digamos. É só esperar para ver. **DE**

"*Hot Shots II* acabou por ser uma representação justa do trabalho de um bom conjunto."

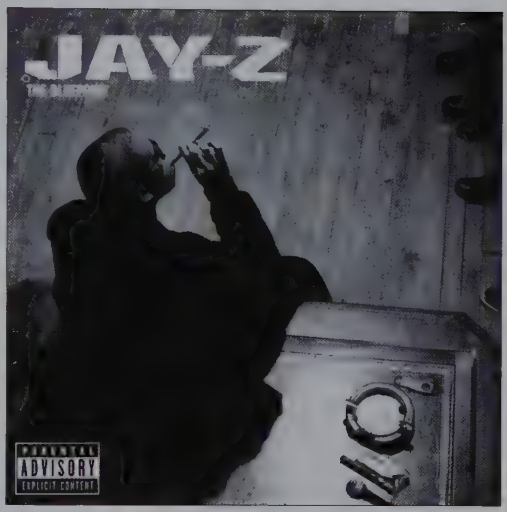
Steve Mason, 2001

Lista de músicas

▶	01	**Squares** (Greentree • Jones • Mackay • Maclean • Mason • Van Holmen • Vincent)	3:46
	02	**Al Sharp** (Greentree • Jones • Maclean • Mason)	3:35
▶	03	**Human Being** (Greentree • King • Jones • Maclean • Mason • Stern)	4:32
	04	**Gone** (Greentree • Jones • Maclean • Mason)	3:41
	05	**Dragon** (Diernhammer • Frauenberger Greentree • Jones • Maclean • Mason)	4:57
▶	06	**Broke** (Greentree • Jones • Maclean • Mason)	4:41
▶	07	**Quiet** (Greentree • Jones • Maclean • Mason)	4:49
▶	08	**Alleged** (Greentree • Jones • Maclean • Mason)	5:31
	09	**Life** (Greentree • Jones • Maclean • Mason)	3:51
	10	**Eclipse** (Greentree • Jones • Maclean • Mason)	6:34

Jay-Z | The Blueprint (2001)

Selo | Roc-A-Fella
Produção | Vários
Projeto gráfico| Jason Noto
Nacionalidade | EUA
Duração | 63:50



Lançado no dia 11 de setembro de 2001, *The Blueprint* era, paradoxalmente, justamente aquilo que o principal subgênero musical de Nova York precisava. Naquela época, o rap nova-iorquino estava dividido. O som hip-hop/soul, como concebido inicialmente por Sean "Puffy" Coombs, Ma$e e 112, tinha alcançado sucesso comercial, apesar de ofender os puristas, que defendiam o hip-hop mais sério e independente de Company Flow e Mos Def. Jay-Z não se encaixava em nenhuma das duas tendências, mesmo que neste seu sexto álbum conseguisse colocar nas músicas histórias de gente comum da cidade junto a raps sobre o luxo mais extremo, sem ter de recorrer ao mau gosto, à misoginia ou à exibição de jóias bregas.

O disco baseia-se no estilo sentimental de pioneiros como Ghostface Killah e inclui faixas como "Blueprint (Momma Loves Me)", que sublinha as bravatas típicas do rap com uma rara vulnerabilidade. Tendo como produtores Kanye West e Just Blaze, *Blueprint* traz uma chama como não se ouvia desde a era soul dos anos 80.

Contudo, é a sagacidade de Jay que transforma o álbum em algo único, transitando entre as coberturas de luxo e as ruas. Se lhe fosse concedido um superpoder, disse o rapper, escolheria a habilidade de "colocar os ricos no gueto e os pobres onde estavam os ricos, para que todos entendessem como vivem os outros. Depois tiraríamos as conclusões disso". Em *The Blueprint*, seu desejo quase se torna realidade: "All I Need" descreve o estilo de vida de um milionário tão sucintamente como faria o próprio Frank Sinatra; "Blueprint (Momma Loves Me)" narra uma infância miserável tão bem quanto Dickens, enquanto "Never Change" descreve a vertiginosa transição de Jay de um extremo ao outro. **ARa**

Lista de músicas

01	**The Ruler's Back**	(Carter•Harrel•Hurtt•Sigler)	3:49
02	**Takeover**	(Burdon•Carter•Chandler Densmore•Krieger•Lemay•Lomax•Manzarek Morrison•Parker•West)	5:13
03	**Izzo (H.O.V.A.)**	(Carter•Gordy•Mizell•Perren•Richards•West)	4:00
04	**Girls, Girls, Girls**	(Brock•Carter•Relf•Smith)	4:35
05	**Jigga That N***a**	(Barnes•Carter•Olivier)	3:24
06	**U Don't Know**	(Byrd•Carter•Smith)	3:19
07	**Hola' Hovita**	(Carter•Mosley)	4:33
08	**Heart Of The City (Ain't No Love)**	(Carter•Price•Walsh•West)	3:43
09	**Never Change**	(Carter•Miller•West)	3:58
10	**Song Cry**	(Carter•Gibbs•Johnson•Smith)	5:03
11	**All I Need**	(Carter•Harrel)	4:28
12	**Renegade**	(Carter•Mathers)	5:37
13	**Blueprint (Momma Loves Me)**	(Carter•Green•Harrel)	12:08

Röyksopp | Melody A.M. (2001)

Selo | Wall Of Sound
Produção | Ole J. Mjøs • Röyksopp
Projeto gráfico | Tom Hingston Studio • Röyksopp
Nacionalidade | Noruega
Duração | 45:58

Os velhos e manjados mantras – "não há nenhum novo clássico: dance e música eletrônica são eternamente repetitivas" – são evaporados com classe pelo grande prazer digital que é "Eple", o primeiro single de *Melody A.M.*, que para muitos foi o que iniciou o século 21. Espalhou-se pelos clubes underground da Europa até chegar a um público mais amplo – aparentemente vindo do nada.

E o que significa o nome da banda afinal? "Você realmente não pode chamar uma banda de Röyksopp...", admitiu Svein Berge, referindo-se ao fenômeno de música eletrônica criado juntamente com o seu cúmplice Torbjorn Brundtland. Seu álbum de estréia vendeu mais de 750.000 cópias no mundo todo (400.000 apenas na Inglaterra) e manteve-se nas paradas durante dois anos consecutivos.

Os dois se interessaram fortemente pela música eletrônica durante a sua adolescência em Tromso – praticamente no Círculo Polar Ártico – nos anos 90. Entre as suas influências destacam-se Eric Satie, Francis Lai (um mestre das trilhas sonoras de filmes pornô artísticos) e Portishead. Mas a sua arte reside mesmo nas melodias contagiantes e no controle absoluto dos recursos eletrônicos, desde sutilezas de tons e seus ritmos dançantes até à absoluta simetria dos seus arranjos. Seus colaboradores nos vocais possuem vozes cortantes e desencantadas que se somam à vulnerabilidade e à humanidade que o duo injeta em sua música.

Aclamados por artistas do calibre de Moby, Pulp e Orbital, juntamente com uma turnê de lotação esgotada nos Estados Unidos, em 2003, Röyksopp consolidou sua popularidade. Resta saber se este é o primeiro de uma fantástica série de álbuns ou se é um único e brilhante trabalho. **MR**

"Os ingleses dizem 'Rouksoup' e os franceses dizem 'Rueksoupê'. É um bom nome... melhor do que... 'Funky Bastards' ou algo do gênero."

Torbjorn Brundtland, 2002

Lista de músicas

01	**So Easy**	(Bacharach • David • Röyksopp)	3:44
02	**Eple**	(Röyksopp)	3:36
03	**Sparks**	(Drecker • Röyksopp)	5:23
04	**In Space**	(Röyksopp)	3:30
05	**Poor Leno**	(Øye • Röyksopp)	3:57
06	**A Higher Place**	(Röyksopp)	4:31
07	**Röyksopp's Night Out**	(Röyksopp)	7:30
08	**Remind Me**	(Øye • Röyksopp)	3:39
09	**She's So**	(Röyksopp • Thomas)	5:23
10	**40 Years Back/Come**	(Röyksopp)	4:45

Drive-By Truckers
Southern Rock Opera (2001)

Selo | SDR
Produção | David Barbe • Drive-By Truckers
Projeto gráfico| Lilla Hood
Nacionalidade | EUA
Duração | 94:01

Uma banda como o Drive-By Truckers não tinha nada que lançar um CD duplo, ainda mais um ciclo de música conceitual que narra a ascensão e queda do guitar hero mítico. Isso é o tipo de coisa feita por megalomaníacos como Roger Waters e Pete Townshend, não por uma despretensiosa banda de country-rock que previamente havia apenas lançado três discos independentes basicamente ignorados. Contudo, o apropriadamente chamado *Southern Rock Opera* foi aclamado por alguns como o melhor álbum de rock americano de 2001.

Baseado tanto na mitologia do Lynyrd Skynyrd quanto nas composições de Pattern Hoods, nascido e educado no Sul dos Estados Unidos, o épico de 90 minutos sobre desilusão amorosa e humor divide-se em dois atos. O primeiro se refere a como é crescer sonhando em se tornar uma estrela do rock; o segundo lida com o que pode acontecer quando essa visão se torna realidade, terminando com a morte do herói num acidente de avião, no estilo Ronnie Van Zant do Lynyrd Skynyrd. O ataque de três guitarras em faixas como "Ronnie And Neil" e "Let There Be Rock" conjuram mais uma vez o fantasma do Lynyrd, enquanto a narrativa de "Days of Graduation" e "Wallace" geram comparações com Neil Young.

O selo Lost Highway havia contratado o Truckers apenas para lançar *...Opera*, mas, quando o relançamento não conseguiu atrair o grande público, o grupo foi abandonado. De qualquer forma, o Truckers criou uma obra-prima de nível tão alto quanto qualquer outra coisa já feita na cena de rock do Sul dos Estados Unidos – incluindo a obra do Lynyrd Skynyrd. **JiH**

Super Furry Animals
Rings Around The World (2001)

Selo | Epic
Produção | Chris Shaw • Super Furry Animals
Projeto gráfico| Peter Fowler • Simon Pike
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 52:54

Após o fim do selo independente Creation Records, o Super Furry Animals lançou seu quinto álbum por uma grande gravadora. Contudo, a partir da primeira audição, fica claro que seus integrantes jamais deixariam isso afetar sua destemida ambição musical e sua tendência experimentalista.

A irrepreensível faixa-título "(Drawing) Rings Around The World", repleta de harmonias que o próprio Brian Wilson, do Beach Boys, aprovaria, descreve a sensação de uma sobrecarga de comunicação tecnológica. Termina com gravações de chamadas telefônicas feitas pela banda, numa noite, para números aleatórios de todo o mundo. "Receptacle For The Respectable" mantém o tom de pop dançante antes de se partir em diferentes direções. Escorregando sem esforço para o território de Bacharach antes de mergulhar num crescendo de death metal, também traz o som de Paul McCartney mastigando aipo. "Run! Christian, Run!" vê o country-rock derreter sobre um loop eletrônico com um efeito impressionante.

O grupo promoveu *Rings Around The World* com a Furrymania: uma série de finais de semana em cidades diferentes, incluindo projeções de cinema, clubes noturnos e carruagens com som surround. Embora alguns críticos acusem a banda de forçar a barra no quesito excentricidade, a revista *Rolling Stone* capturou a reação da maior parte dos ouvintes, descrevendo suas conquistas como "Uma obra-prima musical com uma piscadela de inteligência". **GSa**

Jurassic 5
Power in Numbers (2001)

Selo | Interscope
Produção | Cut Chemist • JuJu • DJ Nu-Mark
Projeto gráfico| Soup Design Co. LA • Keith Tamashiro
Nacionalidade | EUA
Duração | 56:19

Com *Power in Numbers*, o Jurassic 5 redefiniu seu som, impulsionado por seu desejo de não se tornar repetitivo e apoiado pelo talentoso Beatnuts.

A letra rica de "Freedom" ataca a recusa das superpotências mundiais em ajudar as nações mais pobres. "Break" apresenta um rap relaxado, uma caixa de bateria cortante e um refrão brilhante ecoando o riff de guitarra de "Love To Hate", de Burt e Franklin. O J5 ainda estava empenhado em disseminar sua mensagem, sem com isso tentar pregar para os não-convertidos, enquanto simultaneamente se distanciava do mundo de auto-engrandecimento do gangsta rap. JuJu, do The Beatnuts, comanda "Over Of Them", uma faixa sombria com um piano repetido e uma misteriosa atmosfera de rua. A ferocidade e a ingenuidade verbal do grupo são exibidas em "A Day At The Races", que apresenta um rap potente de Big Daddy Kane e Percy P sobre um riff de baixo impactante.

Nelly Furtado acrescenta seus talentos angelicais em "Thin Lane". Sendo essencialmente uma música sobre o início de relacionamentos e amores não correspondidos, representa um lado contemplativo do grupo que poucas vezes havia sido expressado. "What's Golden" é uma envolvente faixa dançante, fazendo referência aos progenitores do hip-hop e usando o break de "Prophets Of Rage", do Public Enemy.

Power In Numbers entretém ao mesmo tempo que atinge seu objetivo – comunicar a necessidade de união da sociedade como um todo para lutar por uma mudança contra a minoria didática. **AMa**

Wilco
Yankee Hotel Foxtrot (2002)

Selo | Nonesuch
Produção | Jim O'Rourke • Wilco
Projeto gráfico| Lawrence Azerrad
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:51

Esta é uma história clássica do tipo David e Golias. O Wilco entregou seu quarto álbum à Warner/Reprise; os executivos deram uma ouvida, não viram possíveis sinais de lucro para o disco e tomaram a infame decisão de curto prazo de abandonar a banda.

Com isso em mente, fica fácil entender por que os amantes da música tendem a superdimensionar o brilho de *Yankee Hotel Foxtrot*. Felizmente o álbum é mesmo brilhante. Desde o prelúdio de um minuto de zumbido cósmico, piano delicado e estática estridente que iniciam a primeira faixa do disco, "I Am Trying To Break Your Heart", fica claro que a banda se aventura num território inexplorado.

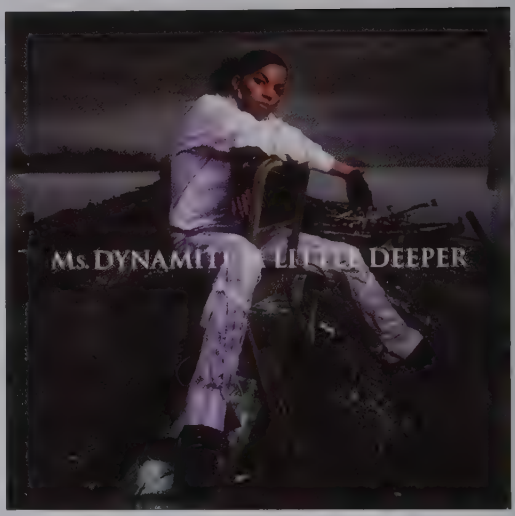
As letras de Jeff Tweedy são intensamente pessoais, políticas e evocam fortes imagens. O tom do álbum é etéreo e distorcido, ainda que belo e sereno. A atmosfera sombria de "Poor Places" e de "Radio Cure" encontra o equilíbrio perfeito em pérolas do pop como "Heavy Metal Drummer" ou "I'm The Man Who Loves You". Inspirado pelas transmissões de rádio em ondas curtas, das quais o álbum tirou seu nome, o produtor Jim O'Rourke criou uma textura sonora que evoca interferência de sinais e longas distâncias.

Quando foi lançado, os críticos babaram e os fãs fizeram fila, ávidos por pagar pela música que tinham armazenado em seus discos rígidos por mais de um ano. O álbum iria se tornar o primeiro disco de ouro do Wilco.

P.S.: Não percam o soberbo documentário de Sam Jones, *I Am Trying To Break Your Heart*. Suas câmeras testemunharam a saga completa do *Yankee Hotel Foxtrot*. **RM**

Ms. Dynamite | A Little Deeper (2002)

Selo | Polydor
Produção | Vários
Projeto gráfico | Matt Hughes
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 64:10



Durante 21 segundos em 2001, a Inglaterra foi tomada pelo garage, um híbrido de R&B e drum 'n' bass. Isto gerou uma série de grandes sucessos, entre os quais "Booo!", de Sticky, que apresentava a adolescente londrina Niomi Daley. Cantando com doçura e fazendo um rap sobre a realidade e não sobre jóias e correntes de ouro, ela era Lady (mais tarde Ms.) Dynamite.

Após ter colaborado com os gurus do garage, So Solid Crew criou um álbum que se destacou até mesmo do outro lado do Atlântico, onde "garagem" era apenas o local onde se estaciona o carro. Apesar de a voz de Dynamite ainda dever muito à sua heroína Mary J. Blige – que ela admirava como "um grande exemplo para as jovens negras" –, ocupou o lugar deixado vago por Lauryn Hill (que havia trocado o R&B pelo "miserabilismo" acústico). *A Little Deeper* alcançou brilhantemente seu objetivo de fundir "soul, swing, R&B, ragga, soca e garage" com letras poderosas.

A música "Dy-Na-Mi-Tee", para cantar em coro, e o hit feroz "It Takes More" (que condena a apologia à violência e ao sexo promíscuo de seus contemporâneos) deixaram Chris Martin, do Coldplay, tão fascinado que interpretou as canções com Ms. Dynamite em Londres.

Mas o álbum – incomum dentro de um gênero conhecido por oscilações de qualidade ao longo do tempo – contém tantas preciosidades que merece a comparação com *The Miseducation of Lauryn Hill*. Melhor de tudo é "Afraid 2 Fly", melhorada pelo Art of Noise, cujo naipe de cordas cinematográficas a transformaram numa faixa envolvente, mesmo sem o rap de Nas que adornou a versão americana (os Estados Unidos também ganharam faixas extras – "Danger" e "Ramp" –, enquanto o álbum original terminava com "Get Up, Stand Up", não incluída na lista de músicas). [1]

Os planos para uma continuação, *A Little Darker*, foram arquivados quando Dynamite ficou grávida em 2003. Caso o álbum seja de fato lançado, terá a difícil tarefa de superar o anterior. **BM**

Lista de músicas

01	**Natural High (Interlude)**	(Daley • Remi)	0:56
02	**Dy-Na-Mi-Tee**	(Daley • Dodd • Hibbert • Remi)	3:39
03	**Anyway U Want It**	(Bryce • Daley • Remi)	3:42
04	**Put Him Out**	(Daley • Jonback • Karlsson • Winnberg)	3:58
05	**Brother**	(Daley • Jonback • Karlsson • Winnberg)	3:34
06	**It Takes More (Bloodshy Main Mix)**	(Daley • Punch)	4:39
07	**Sick 'N' Tired**	(Daley • Harper)	3:34
08	**Afraid 2 Fly**	(Bellevue • Daley)	4:48
09	**Watch Over Them**	(Daley)	1:16
10	**Seed Will Grow**	(Daley • Marley • Remi)	3:23
11	**Krazy Krush**	(Daley • Karlsson • Winnberg)	3:44
12	**Now U Want My Love**	(Daley • Remi)	4:54
13	**Too Experienced (feat. Barrington Levy)**	(Andy)	2:58
14	**Gotta Let U Know**	(Daley • Remi)	4:09
15	**All I Ever**	(Daley • Dyer • Electrik • Hunte Remi • Van Gibbs)	4:31
16	**A Little Deeper**	(Daley • Remi)	10:25

The Bees | Sunshine Hit Me (2002)

Selo | We Love You
Produção | Paul Butler • Aaron Fletcher
Projeto gráfico| Peter Lloyd
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 39:45

A pista talvez esteja no título, mas, se o álbum de estréia de The Bees fosse uma estação do ano, definitivamente seria o verão. Quando soam as primeiras notas tomadas do naipe de metais de "Punchbag", podemos imaginar a luz do sol penetrando por entre os galhos mais baixos das árvores. E ao longo dessas 11 faixas breves, *Sunshine Hit Me* retém essa vibração musical preguiçosa e ensolarada.

Parte do sucesso do álbum pode ser atribuída às técnicas de gravação relativamente antigas que usaram. O duo composto por Paul Butler e Aaron Fletcher (e um elenco de músicos colaboradores sempre em mutação) gravou o álbum em sua cabana na Ilha de Wight. O som característico de seu equipamento vintage faz com que faixas como o dub "No Trophy" ganhem vida com a efervescência e o brilho de tempos passados. Produtores menos experientes teriam saído desse trabalho com um som demasiado afetado ou nostálgico. Esses homens determinados, contudo, fundiram os seus estilos favoritos de música (beat dos anos 60, reggae, smooth jazz) de forma moderna e vital.

O single "A Minha Menina" (cover dos Mutantes) converteu-se num hit radiofônico de verão, culminando com uma indicação ao prestigiado prêmio britânico Mercury Music Prize. Parecia que todo mundo que estava "antenado" possuía o CD com o lutador mascarado na capa. (A arte de capa de Peter Lloyd, baseada nas fantasias dos lutadores de luta-livre mexicanos, tornou-se rapidamente a imagem da banda – bastante apropriada, dadas as caóticas atuações ao vivo.)

Os integrantes do The Bees continuaram a carreira como banda de apoio do projeto paralelo de Damon Albarn, o Gorillaz, tornando-se produtores de várias bandas na Inglaterra. Contudo, *Sunshine Hit Me* permanece como uma fantástica cápsula do tempo para que produtores talentosos soltem sua criatividade. **JK**

"Quando compusemos *Sunshine Hit Me*, não fazíamos idéia de que nos tornaríamos uma banda."

Aaron Fletcher, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Punchbag** (Butler•Fletcher)	3:41
	02	**Angryman** (Butler•Fletcher)	4:08
▶	03	**No Trophy** (Butler•Fletcher)	3:27
	04	**Binnel Bay** (Butler•Fletcher)	2:58
	05	**Sunshine** (Butler•Fletcher)	3:29
▶	06	**A Minha Menina** (Ben)	2:50
	07	**This Town** (Butler•Fletcher)	2:59
	08	**Sweet Like A Champion** (Butler•Fletcher)	4:28
	09	**Lying In The Snow** (Butler•Fletcher)	3:54
	10	**Zia** (Butler•Fletcher)	4:12
	11	**Sky Holds The Sun** (Butler•Fletcher)	3:39

Norah Jones | Come Away With Me (2002)

Selo | Blue Note
Produção | Vários
Projeto gráfico| Jessica Novod
Nacionalidade | EUA
Duração | 45:03

O ano de 2002 foi excelente para moças de baixa estatura: Kylie Minogue conquistou o mundo ao mesmo tempo que Norah Jones vendeu 10 milhões de cópias do seu disco nos Estados Unidos.

Ambas são muito fotogênicas: o belo retrato de Jones na capa, obra de Joanne Savio, certamente resultou em muitas compras por impulso. Mas as semelhanças terminam aí: Minogue era pura pirotecnia pop; Jones era uma agradável mudança nas paradas repletas de rapazes usando bermudões.

Apesar de seu pai ser o virtuose da cítara Ravi Shankar, não há rasto de influências indianas no disco. *Come Away With Me* é uma mistura sedutora de folk e jazz, e Norah Jones tem um sotaque texano que lembra a estrela dos anos 80 Edie Brickell. Entre os melhores momentos do disco encontram-se a surpreendente releitura de "Cold Cold Heart", de Hank Williams, uma letra dedicada a uma stripper em "I've Got To See You Again", a versão de "Turn Me On" da estrela country J. D. Loudermilk (que também está em seu miniálbum de 2000, *First Sessions*) e uma música de Hoagy Carmichael, "The Nearness Of You" (gravada anteriormente por outra das cantoras favoritas de Jones, Dinah Washington). A graciosa faixa "Don't Know Why" foi o grande sucesso, mas a melhor faixa é aquela que dá nome ao álbum: um convite sensual impossível de recusar, composto pela própria cantora.

Como recompensa, teve a honra de ser a artista da Blue Note que mais vendeu, além de receber vários prêmios Grammy. Depois de afirmar "ouço Rolling Stones e quero fazer parte de uma banda de rock", Norah ganhou até mesmo a aprovação de Keith Richards. Mas essas tendências roqueiras apenas a levaram, até o momento, a uma rápida parceria com o Foo Fighters. Por enquanto, aproveite este belo álbum e aguarde as surpresas futuras. **BM**

"É suave e calmo (...)."

Norah Jones, 2003

Lista de músicas

▶	01	**Don't Know Why** (Harris)	3:06
	02	**Seven Years** (Alexander)	2:25
	03	**Cold Cold Heart** (Williams)	3:38
	04	**Feelin' The Same Way** (Alexander)	2:57
▶	05	**Come Away With Me** (Jones)	3:18
	06	**Shoot The Moon** (Harris)	3:56
▶	07	**Turn Me On** (Loudermilk)	2:34
	08	**Lonestar** (Alexander)	3:06
	09	**I've Got To See You Again** (Harris)	4:13
	10	**Painter Song** (Alexander • Hopkins)	2:42
	11	**One Flight Down** (Harris)	3:05
	12	**Nightingale** (Jones)	4:12
	13	**The Long Day Is Over** (Harris • Jones)	2:44
	14	**The Nearness Of You** (Carmichael • Washington)	3:07

Coldplay | A Rush Of Blood To The Head (2002)

Selo | Parlophone
Produção | Coldplay • Ken Nelson
Projeto gráfico | Solve Sundsbo
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 54:08

Pouco antes do aniversário do 11 de setembro, Chris Martin e seus três amigos revelaram seu segundo álbum, composto (e desenhado) com o sentimento de "desolação" após os ataques terroristas. A gravação deste disco, que chegou ao primeiro lugar nas paradas da Inglaterra, levou oito meses, entre Liverpool e Londres, sendo interrompida por amigos que logo ficaram "muito entediados" e pelo influente Ian McCulloch do Echo and the Bunnymen. Foi ele quem convenceu Martin de que o álbum necessitava "de uma canção que fosse um-dois-três, um-dois-três, um-dois-três", resultando na psicodélica "A Whisper".

"*A Rush Of Blood To The Head*", declarou Martin ao portal *LAUNCH* do site Yahoo, "é sobre quando você faz alguma coisa por impulso: quando pensa de repente 'vou pedir a Rachel Weisz em casamento' ou 'vou ligar para a Jennifer Lopez e pedir que ela faça um remix'." Entretanto, foi Gwyneth Paltrow e não Rachel Weisz quem conquistou o coração de Martin e não há vestígios de Jennifer Lopez nesta história. Em vez disso, o piano martelado e os vocais sinceros de "Politik" anunciam um atraente manifesto de pop rock. As melodias e harmonias são gentilmente cativantes, como na incomum "God Put A Smile Upon Your Face" ou em "The Scientist" (inspirada em "It's A Pitty", de George Harrison).

Foi Phil Harvey, integrante da banda, quem convenceu os outros a incluir "Clocks" – uma música embalada por piano de profunda nostalgia, mas ainda assim animadora. Hits contemporâneos, como Kylie Minogue, também inspiraram a banda, e a reluzente e oriental "Daylight" é uma faixa mais animada, que dá vontade de acompanhar cantando. Acrescente a acústica "Green Eyes", a estratosférica faixa-título "A Rush Of Blood To The Head" e o crescendo de "Amsterdam" e você terá aquilo que a NME chamou de "um álbum de extraordinária beleza natural". **TJ**

Lista de músicas

01	Politik	5:18
02	In My Place	3:48
03	God Put A Smile Upon Your Face	4:57
04	The Scientist	5:09
05	Clocks	5:07
06	Daylight	5:27
07	Green Eyes	3:43
08	Warning Sign	5:31
09	A Whisper	3:58
10	A Rush Of Blood To The Head	5:51
11	Amsterdam	5:19

The Coral | The Coral (2002)

Selo| Deltasonic
Produção | Ian Broudie
Projeto gráfico | Ian Skelly
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 33:59

The Coral foi formado em 1997 em Hoylake, um pequeno vilarejo costeiro perto de Liverpool, por iniciativa do baterista Ian Skelly e do baixista Paul Duffy. Mas os ensaios só começaram a ficar mais sérios quatro anos depois, com a chegada do tecladista Nick Power, do vocalista James (irmão de Skelly), de Bill Ryder Jones (guitarra e trompete) e de Lee Southall (guitarra e voz).

Com seu primeiro single, "Shadows Fall", de 2001, a banda deu início ao seu manifesto de "vale tudo", com a sua deliciosa mistura de folk russo, polca, um clima retirado de trilhas sonoras de Morricone, jazz ragtime e fulgurantes guitarras surf no estilo de Dick Dale. O primeiro LP, produzido por Ian Broudie do Lightning Seeds, era "mais do mesmo". Uma efervescente mistura de punk de garagem, melodia beat atraente e qualquer outra coisa entre esses estilos. Chegou ao Top 5 das paradas britânicas na semana seguinte ao lançamento, levando a um terceiro single, "Skeleton Key", repleto de influências caseiras como Syd Barrett, Them e The Teardrop Explodes. Com o quarto e o quinto singles, "Goodbye" e "Dreaming of You", respectivamente, de-monstraram que eram mestres do pop: imaginem uma combinação do The La's com o som romântico dos grupos femininos dos anos 60.

Mas não foi somente o passado da música que eles saquearam. A literatura, o cinema e a arte também desempenham um papel importante na fórmula do grupo – o vídeo de "Goodbye" recria o filme cult de Robin Hardy, *The Wicker Man* (1973); a faixa "Simon Diamond" imita conscientemente a elegia de Jack Kerouac, *Dr. Sax*, e a arte do LP (uma apelativa colagem psicodélica criada por Ian Skelly) cita a contracapa de *Disraeli Gears* do Cream. **LW**

"Se gostarmos de determinada sonoridade, iremos explorá-la um pouco mais."

James Skelly, 2002

Lista de músicas

01	**Spanish Main** (The Coral)	1:50
02	**I Remember When** (The Coral)	3:34
▶ 03	**Shadows Fall** (The Coral)	3:25
▶ 04	**Dreaming Of You** (The Coral)	2:17
05	**Simon Diamond** (The Coral)	2:25
▶ 06	**Goodbye** (The Coral)	4:02
07	**Waiting For The Heartaches** (The Coral)	3:58
▶ 08	**Skeleton Key** (The Coral)	2:58
09	**Wildfire** (The Coral)	2:42
10	**Badman** (The Coral)	2:58
11	**Calendars And Clocks** (The Coral)	3:50

Johnny Cash
American IV: The Man Comes Around (2002)

Selo | American
Produção | Rick Rubin
Projeto gráfico | Christine Cano
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:56

Johnny Cash morreu em setembro de 2003, um ano depois do álbum *The Man Comes Around* ser lançado. Este quarto disco de uma série de gravações para a American Recordings transpira atrevimento, inevitabilidade, desafio e raiva. Como sempre, Cash trabalha, sobretudo, com composições de outros, usando o seu timbre solene e a sua empatia para apropriar-se delas. Sting (sim, Sting!) escreveu a poderosa balada de assassinos "Hung My Head", mas até mesmo ele reconheceria que Cash estabeleceu a interpretação definitiva: uma narrativa arrependida, assombrada pela dor, sobre a falta de sentido da morte. Em "Hurt", ele reinterpreta o lamento amargo do Nine Inch Nails, transformando-o num hino ao remorso sincero e inexorável – um vídeo premiado dá a essa música uma compaixão quase insuportável, intercalando imagens de Cash jovem e vigoroso com outras dos dias atuais, revelando um homem já idoso, frágil e teimoso.

As versões nem sempre são bem-sucedidas – é melhor evitar a piegas "Danny Boy" –, mas muitas são fantásticas: "Personal Jesus", do Depeche Mode, se transforma num legítimo boogie no estilo Jerry Lee Lewis, enquanto a plenitude madura dos Beatles em "In My Life" encontra um veículo perfeito na pungente interpretação de Cash. As novas versões de algumas músicas do próprio artista não são menos impressionantes – especialmente a confiante "Sam Hall" –, mas a melhor do disco talvez seja uma nova composição, "The Man Comes Around", repleta de citações do *Apocalipse*, inspirada por um sonho e pela Bíblia. A faixa apresenta um estilo profético e surreal que, somado à interpretação intensa de Cash, a torna tão impressionante quanto qualquer outra das músicas já gravadas por este colosso norte-americano. **PW**

Lista de músicas

▶	01	**The Man Comes Around** (Cash)	4:26
▶	02	**Hurt** (Reznor)	3:38
	03	**Give My Love To Rose** (Cash)	3:28
	04	**Bridge Over Troubled Water** (Simon)	3:55
▶	05	**Hung My Head** (Sting)	3:53
	06	**First Time Ever I Saw Your Face** (MacColl)	3:52
▶	07	**Personal Jesus** (Gore)	3:20
	08	**In My Life** (Lennon, McCartney)	2:57
▶	09	**Sam Hall** (Trad., arr. Cash)	2:40
	10	**Danny Boy** (Trad., arr. Cash)	3:19
	11	**Desperado** (Frey-Henley)	3:13
▶	12	**I'm So Lonesome I Could Cry** (Williams)	3:03
	13	**Tear Stained Letter** (Cash)	3:41
	14	**Streets Of Laredo** (Trad., arr. Cash)	3:33
	15	**We'll Meet Again** (Charles-Parker)	2:58

The Flaming Lips
Yoshimi Battles The Pink Robots (2002)

Selo| Warner Bros.
Produção | S. Booker • The Flaming Lips • D. Fridmann
Projeto gráfico | George Salisbury
Nacionalidade | EUA
Duração | 47:25

Há formas de demonstrar que se tem potencial comercial e há formas de provar que se é a banda mais cool do mundo. Geralmente, as duas coisas são mutuamente excludentes, por isso é interessante observar como o sucesso singular do Flaming Lips conseguiu combinar as duas coisas num momento gloriosamente irreverente.

Tendo-se arrastado sem muito sucesso pelo circuito underground durante os anos 80 e 90, ninguém esperava – principalmente a própria banda – que, com *Soft Bulletin*, em 2000, eles fossem se tornar um sucesso de crítica. *Yoshimi Battles The Pink Robots* confirmou que aquilo não havia sido mero acaso e conduziu o trio de Oklahoma a um trabalho de genialidade acidental que simbolizava sua atitude.

Tendo se apresentado na verdadeira instituição da televisão britânica que é o *Top Of The Pops*, em janeiro de 2003, para promover a chegada ao Top 20 do single "Yoshimi Battles The Pink Robots Pt. 1", o Flaming Lips recrutou o homem do momento, Justin Timberlake, para tocar baixo com eles – chegando a convencê-lo a usar uma fantasia de golfinho. De certa forma, isso retrata o poder de persuasão do álbum. Ruídos eletrônicos e rock progressivo no estilo do Pink Floyd misturam-se livremente com músicas mais acessíveis dentro do conceito geral centrado em robôs assassinos e numa heroína corajosa. "Do You Realize??" é uma música otimista sobre a morte, enquanto "Fight Test" mescla o apelo folk do líder Wayne Coyne com a trilha sonora de uma festa surreal. Máquinas letais, hinos conceituais e o músico mais quente da época vestido em trajes de pelúcia – somente The Flaming Lips conseguiria fazer isso. **PS**

Lista de músicas

▶	01	**Fight Test** (Coyne • Drozd • Ivins)	4:14
	02	**One More Robot/Sympathy 3000-21** (Coyne • Drozd • Ivins)	4:59
	03	**Yoshimi Battles The Pink Robots Pt. 1** (Coyne • Drozd • Ivins)	4:45
▶	04	**Yoshimi Battles The Pink Robots Pt. 2** (Coyne • Drozd • Ivins)	2:57
	05	**In The Morning Of The Magicians** (Coyne • Drozd • Ivins)	6:18
	06	**Ego Tripping At The Gates Of Hell** (Coyne • Drozd • Ivins)	4:34
▶	07	**Are You A Hypnotist??** (Coyne • Drozd • Ivins)	4:44
	08	**It's Summertime** (Coyne • Drozd • Ivins)	4:20
▶	09	**Do You Realize??** (Coyne • Drozd • Ivins)	3:32
▶	10	**All We Have Is Now** (Coyne • Drozd • Ivins)	3:53
	11	**Approaching Pavonis Mons By Balloon (Utopia Planitia)** (Coyne • Drozd • Ivins)	3:09

Doves | The Last Broadcast (2002)

Selo | Heavenly
Produção | Doves
Projeto gráfico | Julia Baker
Nacionalidade | Inglaterra
Duração | 53:55

Há uma fotografia no encarte do CD que mostra a encosta de uma colina ao pôr-do-sol, com uma estrada serpenteando a seus pés. Essa imagem captura a essência desse grupo do Norte da Inglaterra, cuja música proporciona uma trilha sonora perfeita para dirigir.

O Doves nasceu como uma banda de dance. Tendo conseguido apenas um hit modesto, pararam para repensar seu trabalho. A estréia do trio, *Lost Souls*, era um projeto complexo que rendeu comparações com o Radiohead, mas essa abordagem elaborada foi um pouco destilada em *The Last Broadcast*. Badly Drawn Boy e Elbow vêm da mesma região, mas o Doves superou seus rivais com um conjunto de músicas surpreendentes de tirar o fôlego.

A banda recebeu também um empurrão inesperado da mídia britânica. Os riffs de guitarra de Jez Williams estavam por toda parte, sendo usados como música incidental na TV e no rádio, especialmente em montagens de programas esportivos. Os dois hits na Inglaterra, "There Goes The Fear" e a pulsante "Pounding", foram os mais beneficiados por essa promoção gratuita. Nem tudo são músicas dinâmicas e acordes harmoniosos. Há uma versão fantasmagórica de "Moonchild", do King Crimson, incluída em "M62 Song" e algumas passagens instrumentais bastante obscuras que remetem às músicas mais viajantes de *Lost Souls*.

Em grande parte, contudo, o disco é um gigantesco passo à frente, sob a liderança da voz desencantada de Jimi Goodwin. Em "Satellites", uma faixa com toques de gospel, ele grita do fundo de um poço de dor, enquanto que em "Friday's Dust" parece quase possuído, cantando sobre uma orquestração etérea. E tudo isso após o estúdio construído pela banda ter sido destruído por um incêndio. Foi assim, com pompa e um respingo de pop, que o Doves renasceu das cinzas. **GT**

Lista de músicas

01	**Intro**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	1:17
02	**Words**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	5:42
03	**There Goes The Fear**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	6:54
04	**M62 Song**	[Kemp • Giles • Goodwin • Lake • McDonald • Sinfield]	3:48
05	**Where We're Calling From**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	1:24
06	**N.Y.**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	5:48
07	**Satellites**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	6:50
08	**Friday's Dust**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	4:36
09	**Pounding**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	4:45
10	**Last Broadcast**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	3:22
11	**The Sulphur Man**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	4:37
12	**Caught By The River**	[Goodwin • A. Williams • J. Williams]	5:16

Missy Elliott | Under Construction (2002)

Selo | Elektra
Produção | Missy Elliott • Timbaland
Projeto gráfico | Anita Marisa Boriboon • Lili Picou
Nacionalidade | EUA
Duração | 59:12

Missy Elliott abre o seu quarto álbum explicando que ainda se considera uma "obra em construção". Ela terá de perdoar os seus fãs por discordarem. Da faixa de abertura pulverizante "Go To The Floor" até o remix groovy de "Work It", que fecha o álbum, *Under Construction* é o trabalho de um artista hip-hop no seu auge.

Em nova parceria com o extraordinário Timbaland – um produtor que parece fazer qualquer barulho se agitar como uma noite de sexta-feira –, Missy consegue criar um conjunto de músicas ainda melhor do que em *Supa Dupa Fly* (1997), *Da Real World* (1999) e *Miss E... So Addictive* (2001). *Under Construction* se tornaria seu disco mais vendido até então, tendo atingido rapidamente mais de dois milhões de cópias quando foi lançado e recebido um Grammy pelo viciante single "Work It".

Elliott reuniu-se com vários artistas ilustres em estúdio e quase todas essas parcerias trouxeram ótimos resultados. Ludacris é o acompanhante perfeito para a caótica "Gossip Folks", enquanto Jay-Z surge como a outra metade do colorido quebra-cabeça de "Back In The Day". Beyoncé Knowles combina surpreendentemente bem com Missy Elliott no diálogo R&B de "Nothing Out There For Me".

Apesar de tantas estrelas convidadas, Missy Elliott demonstra ser tão feroz quanto os rappers em "Work It", embora poucos homens do mundo do rap sejam tão espertos quanto ela. Em vez de utilizar um dos habituais apelidos cretinos para o órgão sexual masculino, ela apenas informa o ouvinte sobre o que usa como referência através do sample do urro de um elefante. **JiH**

"Não sou chegada a festas."

Missy Elliott, 1999

Lista de músicas

▶	01	**Go To The Floor** (Elliott • Mosley)	5:06
	02	**Bring The Pain** (Elliott • Mosley • Smith)	2:59
▶	03	**Gossip Folks** (Bridges • Elliott • Mosley)	3:54
▶	04	**Work It** (Elliott • Mosley)	4:58
▶	05	**Back In The Day** (Carter • Elliott • Mosley)	4:55
	06	**Funky Fresh Dressed** (Elliott • Mosley)	3:56
	07	**P***ycat** (Elliott • McCalla)	4:32
▶	08	**Nothing Out There For Me** (Brockman • Elliott • Stewart)	3:05
	09	**Slide** (Elliott • Mosley)	3:43
	10	**Play That Beat** (Elliott • Mosley)	3:02
	11	**Ain't That Funny** (Elliott • Mosley)	2:48
	12	**Hot** (Elliott • Mosley)	4:09
	13	**Can You Hear Me** (Brockman • Elliott • Stewart)	4:29
▶	14	**Work It** (Elliott • Mosley)	7:36

Bruce Springsteen
The Rising (2002)

Selo| Columbia
Produção | Brendan O'Brien
Projeto gráfico | C. Austopchuk • D. Bett
Nacionalidade | EUA
Duração | 72:50

Um disco nascido das cinzas dos ataques de 11 de setembro? Só um artista do calibre – e com a experiência – de Bruce Springsteen poderia lançar este álbum sem criar algo tolo, estereotipado ou vangloriosamente vingativo.

The Rising é a magistral resposta de Springsteen. Canta energicamente sobre despertar para um céu vazio em "Empty Sky" e sobre as ruínas da cidade em "My City Of Ruins". Tece um hino à bravura das equipes de resgate em "Into The Fire". Fala dos "ímpetos de vingança", mas sabe que tudo vai passar ("também isso irá passar, eu vou rezar [...] encontrar meu caminho em meio à desolação desse dia") na bela "Lonesome Day". Assume o lugar de sobrevivente traumatizado que se sente como um ninguém em "Nothing Man", uma balada dolorosa que comove até às lágrimas.

The Rising é poderoso e impactante. Pela primeira vez desde *Born In The USA*, outro álbum de Springsteen que marcou uma época, ele se reúne em estúdio com a E Street Band. Dezoito anos após aquele grande disco, esses companheiros de longa data, reunidos pelo produtor grunge Brendan O'Brien, contribuem para o vigor declamatório de "Lonesome Day" e para a música que intitula o disco, e conferem às baladas "Nothing Man" e "You're Missing" um tom elegíaco e lúgubre. O álbum fala sobre angústia, desespero, solidariedade e necessidade de seguir em frente; não trata de retaliação. Essa idéia de curar as feridas é inscrita com inspiração em "Worlds Apart", que traz o harmônio, a tabla e estilos vocais da música oriental sufi. Em "Paradise", Springsteen até mesmo se atreve a cantar sob a perspectiva de um homem-bomba. É um disco realmente emocionante. **CM**

Beck
Sea Change (2002)

Selo| Geffen
Produção | Nigel Godrich
Projeto gráfico | Beck • Kevin Reagan
Nacionalidade | EUA
Duração | 52:26

Após uma década de ritmos hip-hop encardidos e folk desgastado, *Sea Change* testemunhou um Beck farto de sua própria alternância incessante entre gêneros musicais. E como soava cansado. *Sea Change* foi lançado logo após o rompimento de Beck com a sua namorada Leigh Limon e também após sua conversão à Cientologia. O disco chafurdava na infelicidade, o que significava – salvo algumas explosões catárticas de barulho – que suas travessuras pós-modernas chegavam ao fim. Enquanto *Midnite Vultures* (2000) era uma espécie de trilha sonora para um filme nunca rodado dos *Banana Splits*, *Sea Change* se firma em canções simples, tristes, com uma objetividade rara para esse compositor freqüentemente obscuro.

Com o suporte de Roger Manning, Smokey Hormel, Joey Waronker e Justin Meldal-Johnsen, seguindo o modelo nada intrusivo de country rock (pense em *Harvest*) – é a voz acústica, delicada e ferida de Beck que impulsiona o álbum. Até o produtor Nigel Godrich, amante de equipamentos eletrônicos, limita-se a seguir em frente com o trabalho de diluir a dor de amor do pobre Beck em 12 faixas.

Alguns até sentiram falta do experimentalismo de *Oderlay* e de *Midnite Vultures*. É bem verdade que as letras são pouco incisivas (em "End Of The Day", ele rima "before" com "before") e que a voz oscila entre cansada e clinicamente morta. Mas os arranjos orquestrais de tirar o fôlego em "Paper Tiger", "Lonesome Tears" e "Round The Bend", além das intensamente alegres/tristes "Sunday Sun", "Little One" e "Lost Cause", são de uma sinceridade e uma determinação que poucos imaginavam que Beck tivesse. **Bem**

The Roots
Phrenology (2002)

Selo | MCA
Produção | Various
Projeto gráfico | Gravillis Inc.
Nacionalidade | USA
Duração | 74:26

O Roots passou por várias metamorfoses ao longo de sua carreira. Inicialmente, estava inserido na cena hip-hop da Filadélfia, mas se mudou para Londres em meados dos anos 90 para retribuir o interesse do acid jazz pelo rap.

Nada, porém, poderia antecipar um álbum como *Phrenology*. Uma olhada rápida na lista de convidados poderia sugerir uma sessão de pop-rap entre amigos (Nelly Furtado, Musiq Soulchild, Jill Scott, Talib Kweli), mas *Phrenology* mergulha na eletrônica experimental, no pós-punk e na distorção, tendo o rock como sonoridade dominante. "Thought@Work" consegue dar originalidade ao desgastado loop de "Apache". "Rock You" é uma abordagem hip-hop do estilo do Stooges. A terceira faixa, "!!!!!!!!", acena para o thrash metal. Já o rebelde do rap-rock lo-fi Cody Chestnutt lidera uma nova versão espantosa de sua própria música "The Seed". No centro de *Phrenology,* há duas faixas de longa duração: "Break You Off" transita entre o estilo nusoul do Musiq em direção ao drum 'n' bass, enquanto o épico de 10 minutos "Water" começa com um shuffle de Timbaland antes de se aventurar em território ambient de vanguarda, com a participação do guitarrista de free-jazz James "Blood" Ulmer. A pletora de diferentes inspirações está espelhada na capa: uma riqueza de idéias reunidas numa única consciência.

Até mesmo os samples são utilizados com engenhosidade – "Water" inclui samples do grupo pós-punk britânico The Flying Lizards, enquanto "Quills" recontextualiza "Breakout" do Swing Out Sister. **JLe**

Yeah Yeah Yeahs
Forever To Tell (2003)

Selo | Polydor
Produção | David Andrew Sitek
Projeto gráfico | Cody Critcheloe
Nacionalidade | EUA
Duração | 37:25

O Yeah Yeah Yeahs estava quase acabado antes mesmo de começar. O seu EP de estréia – lançado na primavera de 2002 – conseguiu uma estupenda aclamação da crítica. Seguiu-se a habitual disputa entre gravadoras, mas o trio de estudantes de arte recuou diante das atenções. Naquele verão, o YYY abandonou as primeiras sessões de gravação do álbum, pois achava que seu material não era bom o bastante. Além disso, tendo se tornado a queridinha da imprensa desde o início, por conta de sua voz única, sua presença de palco e seu gosto singular para a moda, a vocalista Karen O se tornou quase fóbica em relação à mídia e à publicidade.

Felizmente, essa retirada e o recomeço subseqüente trouxeram recompensas a *Fever To Tell*. Gravado no Brooklyn e remixado em Londres pelo guitarrista Nick Zinner e pelo lendário engenheiro/produtor Alan Moulder (My Bloody Valentine, Nine Inch Nails), este álbum usa a sonoridade do underground nova-iorquino pós-milênio – guitarras dramáticas e elaboradas, ausência de baixo, ritmos disco/tecno brutais, influências de rock de garagem – e a combina com os vocais felinos de Karen O.

A sua extraordinária voz – pense em Siouxsie Sioux, Debbie Harry e P. J. Harvey bêbadas no microfone de um bar de porão – é apenas um dos atrativos da cantora. A sua aparência converteu-a num ícone da cultura pop. Basta vê-la no palco, deitada de costas, cantando e espirrando cerveja pela boca. É inesquecível. A parte gráfica do trabalho também é significativa: a colagem fulgurante que adorna a capa de *Fever To Tell* passa a imagem de uma banda com uma estética rigorosamente própria e independente.

O disco mais cool e inteligente de 2003. **CM**

The White Stripes | Elephant (2003)

Selo | XL
Produção | Jack White
Projeto gráfico | Bruce Brand • Jack White
Nacionalidade | EUA
Duração | 49:47

Quando Jack e Meg White se reuniram nos estúdios Toerag em Londres para gravar o seu quarto álbum, ninguém imaginava que ele seria tão sombrio. Os discos anteriores tinham sido artísticos, simplistas e absolutamente barulhentos. Mas *Elephant*, além de conter um single emblemático e agressivo ("Seven Nation Army"), era sobre uma banda levando a exploração sonora tão longe quanto possível para um duo.

Envolvido numa capa bastante simbólica (o pé de Meg está atado, uma referência ao seu divórcio), *Elephant* foi gravado com equipamento analógico, sem utilizar nada que houvesse sido fabricado após os anos 70. Os sete minutos de "Ball And Biscuit", que mais tarde Jack tocaria ao vivo com o seu herói Bob Dylan, era um reconhecimento ao mesmo tempo de sua influência do blues e de seu lado intratável (sua longa duração pode ser interpretada como uma reação à contracultura negligente denunciada nas notas de capa). Ainda assim, o álbum é uma encantadora criatura selvagem moderna. Dedicada à "morte do ser amado", *Elephant* é uma obra visceral, aparentemente deslocada, mas em absoluta sincronia com a sua época. "Seven Nation Army", um single com um refrão sem palavras, que gerou inúmeros remixes dançantes (um sinal verdadeiro da facilidade do rock para esses cruzamentos), relata algumas das preocupações de Jack com a sua crescente fama. No resto do disco, há trechos introspectivos ("In The Cold, Cold Night", cantada por Meg), explosões líricas ("There's No Home For You Here") e fantásticos blues de garagem à moda antiga ("Girl, You Have No Faith In Medicine"), os quais a banda domina como ninguém. *Elephant* continua a ser o disco mais dinâmico e mais vendido da banda. O fato de ressoar com tanta escuridão e frustração só fala ainda mais fundo sobre seu status de clássico. **JK**

Lista de músicas

▶	01	**Seven Nation Army** [White]	3:51
	02	**Black Math** [White]	1:53
	03	**There's No Home For You Here** [White]	4:43
	04	**I Just Don't Know What To Do With Myself** [Bacharach • David]	2:46
	05	**In The Cold, Cold Night** [White]	2:58
	06	**I Want To Be The Boy To Warm Your Mother's Heart** [White]	3:20
	07	**You've Got Her In Your Pocket** [White]	3:39
▶	08	**Ball And Biscuit** [White]	7:19
▶	09	**The Hardest Button To Button** [White]	3:32
	10	**Little Acorns** [White]	4:09
	11	**Hypnotize** [White]	1:48
	12	**The Air Near My Fingers** [White]	3:40
▶	13	**Girl, You Have No Faith In Medicine** [White]	3:17
	14	**It's True That We Love One Another** [White]	2:42

Rufus Wainwright | Want One (2003)

Selo | Dreamworks
Produção | Marius De Vries
Projeto gráfico | Rufus Wainwright • Janet Wolsborn
Nacionalidade | EUA
Duração | 58:45

O prestígio de Rufus Wainwright como um dos melhores cantores/compositores dos últimos anos foi estabelecido com os seus dois primeiros álbuns da carreira solo. Mas foi somente com *Want One* que ele firmou realmente tal posição. As ambições grandiosas de Wainwright começam pela capa: um auto-retrato do artista como um cavaleiro medieval. A música contém pop, rock, ópera, erudito, cabaret e até mesmo pop dos anos 70. No entanto, Wainwright se mantém longe de uma afetação excessiva graças ao seu considerável talento de compositor e aos excelentes arranjos orquestrais. O resultado é algo como um musical que apresenta de uma canção impactante atrás da outra.

"Oh What A World" coloca a voz de Wainwright sobre um fundo de tuba, harmonias em contraponto e um final no estilo de bolero. Em "Vicious World", dá chicotadas em si mesmo e numa ex-amante, acompanhado pelo som característico do piano elétrico Rhodes. Muitas das faixas crescem camada a camada – como se pode conferir na poderosa "Go Or Go Ahead", construída a partir de um suave dedilhado até terminar num grito estridente no refrão. "Vibrate" possui um humor peculiar. Em "Harvester Of Hearts", revela-se ironicamente infeliz no amor. Contudo, os sentimentos são sempre atenuados pelas hábeis letras ou pela interpretação seca característica de Wainwright.

"Dinner At Eight" tem um final pungente – a sua premissa é uma reunião turbulenta entre pai e filho. A imprensa deu grande destaque à linhagem de Wainwright (seu pai, Loudon Wainwright III, é cantor/compositor; sua mãe, Kate McGarrigle, é cantora folk, e sua irmã Martha contribui nos backing vocals). Mas *Want One* é a obra de um artista original com um ego saudável. Ou, como escreve nas notas de capa: "Este disco é dedicado a mim." **RD**

"Quero ser o primeiro a chegar pelo menos ao Wal-Mart."

Rufus Wainwright, 2004

Lista de músicas

	01	**Oh What A World** (Wainwright)	4:23
	02	**I Don't Know What It Is** (Wainwright)	4:51
▶	03	**Vicious World** (Wainwright)	2:50
	04	**Movies Of Myself** (Wainwright)	4:31
▶	05	**Pretty Things** (Wainwright)	2:38
▶	06	**Go Or Go Ahead** (Wainwright)	6:38
▶	07	**Vibrate** (Wainwright)	2:43
▶	08	**14th Street** (Wainwright)	4:44
	09	**Natasha** (Wainwright)	3:28
▶	10	**Harvester Of Hearts** (Wainwright)	3:35
	11	**Beautiful Child** (Wainwright)	4:15
	12	**Want** (Wainwright)	5:11
▶	13	**11:11** (Wainwright)	4:27
▶	14	**Dinner At Eight** (Wainwright)	4:31

Outkast
Speakerboxx / The Love Below (2003)

Selo | La Face / Arista
Produção | Big Boi • André 3000
Projeto gráfico | Jeffrey Schulz
Nacionalidade | EUA
Duração | 134:59

Após uma década fazendo música juntos, a resposta de André 3000 e Big Boi aos seus interesses musicais divergentes foi cada um gravar o seu álbum, lançando-os em conjunto sob a bandeira do Outkast. É um bom trabalho, que não foi feito da noite para o dia.

Speakerboxx, de Big Boi, é mais fácil de catalogar como hip-hop, mas ainda assim tem um som único. "Ghetto Musick" dá a largada com loucas mudanças de tempo, enquanto sons eletrônicos frenéticos se alternam com passagens de improvisos mais lentos e mais suaves. Os rappers convidados levam muito mais do que seus nomes, com contribuições de Koncrete, Big Gipp e, em especial, Ludacris, que se destaca na sarada "Tomb Of The Bomb". Sempre funqueado e com a típica marca psicodélica do Outkast, Big Boi dá um show e tanto.

Com *The Love Below*, André 3000 sobe ao patamar seguinte. Interpretando de forma mais cantada do que como rap, dá pouca importância às fronteiras musicais e cria uma obra imaginativa que deve muito ao Prince. A irresistível linha de baixo e as vozes espaciais de "Prototype" delineiam uma impossível balada embriagante e sensual antes que o solo de guitarra nos transporte diretamente para o espaço sideral. A delirante "Hey Ya" comunica ao mundo que o Outkast estava criando algo realmente especial. A mistura de electro-funk, pop e soul soa diferente de todo o resto.

Speakerboxx / The Love Below triunfa graças à união de duas metades com o mesmo apetite insaciável por originalidade. **GSa**

Dizzee Rascal
Boy In Da Corner (2003)

Selo | XL
Produção | Dizzee Rascal
Projeto gráfico | Uncredited
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 57:08

Em 2003, a cena garage inglesa já tinha atingido seu ápice e retornava ao underground. Nesse meio-tempo, Dizzee Rascal, um MC e produtor jovem, negro e paranóico, estava a caminho de se tornar o improvável líder de uma nova, opressiva, densa e agressiva variação do garage, um subgênero conhecido como grime.

Boy In Da Corner, a estréia de Dizzee, é o retrato sonoro da vida de um adolescente nos projects (conjuntos habitacionais para população de baixa renda) da zona leste de Londres. Dizzee escreveu e produziu o álbum sozinho, descrevendo a alienação e a confusão com grande precisão. O álbum chegou a disco de ouro na Inglaterra, um feito impressionante levando-se em conta a hostilidade do som. A produção de Dizzee baseava-se na velha escola do hip-hop, no garage, em drum' n' bass, rock, electro e qualquer outro gênero de música negra que se possa nomear. Mas, simultaneamente, soava completamente alienígena. Caixas ensurdecedoras, trechos de fliperamas, sirenes de polícia, linhas de baixo instáveis e distorcidas, baterias fora de tom criam um som paranóico que reflete a mentalidade de Dizzee e seu ambiente.

"I Luv U" foi o primeiro single do álbum – uma música áspera e satírica sobre a falta de comunicação entre um garoto e uma garota. Como todo bom letrista, Dizzee explora diferentes estilos, desde a fanfarronice do rap ("Hold Ya Mouf" e "Fix Up, Look Sharp") até a critica social mais cortante ("Round We Go"). Também não tem medo de expor o seu lado mais sensível ("Brand New Day"). *Boy In Da Corner* ganhou merecidamente o prêmio Mercury em 2003 **APi**

The Mars Volta
De-loused In The Comatorium (2003)

Selo | Strummer
Produção | Rick Rubin
Projeto gráfico | Storm Thorgerson
Nacionalidade | EUA
Duração | 67:59

O grupo At The Drive-In festejava o híbrido do hardcore propulsivo do Fugazi e era uma obra bem acabada de Ross Robinson, gênio de estúdios do nu-metal. Ganhou a aclamação da crítica e ameaçou cruzar para o mainstream. Mas seu panic-rock mascavara divisões internas: o guitarrista Omar Rodriguez-Lopez e o vocalista Cedric Bixler Zavala se sentiram tolhidos pelas limitações de seus companheiros de banda. O ATD-I foi dividido no início de 2001 e então surgiu o The Mars Volta para ir além do circuito hardcore.

Os músicos buscaram inspiração nas canções de origem latina que fizeram parte da infância de Omar em Porto Rico, no seu amor por Fela Kuti, na eloqüência da obra de Miles Davis nos anos 70 e no fascínio pela música eletrônica abstrata. Também se inspiraram em suas experiências com drogas e em Julio Venegas, um artista de sua cidade natal, El Passo, que ficou com o braço paralisado depois de injetar veneno de rato e que acabou cometendo suicídio depois de sobreviver a um coma induzido por overdose.

De-loused In The Comatorium é um álbum lúcido, uma espécie de visão turva de Dalí, retratando os sonhos febris de um Venegas moribundo através de uma mutação progressiva de hardcore tomado por um ritmo militante. Além da complexidade da música, existe seu poder emocional, um sentimento de dor nostálgico e vulnerável articulado por melodias épicas e atormentadas e pelos vocais comoventes de Cedric. Eles lembram muito um Led Zeppelin do século XXI, criados em meio à salsa e ao Afrobeat, funkadelia e o futuro. **SC**

Lightning Bolt
Wonderful Rainbow (2003)

Selo | Load
Produção | Lightning Bolt
Projeto gráfico | Brian Chippendale
Nacionalidade | EUA
Duração | 41:38

Muito provavelmente é o duo de bass/drum noise rock mais famoso de Rhode Island. Sem dúvida é o mais conhecido "cantor" que uiva num microfone de contato grudado dentro de uma máscara sadomasoquista. É mais correto dizer que o Lightning Bolt "inflige" música aos seus ouvintes – e não simplesmente "toca" – numa torrente de barulho eletrotécnico.

A banda criada em 1995 se apresentava em festas caseiras de Providence como um trio de estudantes de arte influenciados por Fred Frith, Derek Bailey e o Ruins. A transformação em duo fortaleceu seu som. Depois do seu segundo álbum, *Ride The Skies*, ter alcançado uma aura quase mítica, que inspirou uma atividade furiosa nos fóruns de discussão sobre indie rock, Brian Chippendale (bateria) e Brian Gibson (guitarra) decidiram amansar o caos no álbum seguinte, *Wonderful Rainbow*. Embora não sejam exatamente "melódicas" no sentido tradicional da palavra, canções como "Crown of Storms" e "Dracula Mountain" evidenciavam sinais de uma estrutura musical mais reconhecível emergindo do ruído caótico.

Embora alguns fanáticos digam que o redemoinho de violência sonora do disco predecessor foi realmente o auge do grupo, *Wonderful Rainbow* prova que esta não é uma banda de apenas uma grande obra. Mesmo continuando a explorar ao máximo a matriz ruidosa, o Lightning Bolt é capaz de criar uma mistura de guinadas abusivas e de diversidade bem-vinda que constitui um verdadeiro desafio para o ouvinte. **TSc**

Morrissey | You Are The Quarry (2004)

Selo | Attack
Produção | Jerry Finn
Projeto gráfico | Scott King • Morrissey
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 47:13

Na capa de *You Are The Quarry*, Moz, impecável num terno risca-de-giz, olha de cima para uma metralhadora de gângster. Mas quem é exatamente a vítima a quem se refere o título? Para começar, a imprensa musical britânica, os popstars superficiais, os groupies adolescentes, a família real, o presidente Bush, Jesus – todos os suspeitos de sempre. As suas costeletas estão grisalhas e o topete surge em meio a entradas pronunciadas, mas esta coleção de hinos de guitarra e baladas demonstra que Morrissey não perdeu a emotividade nem o humor sarcástico, suas marcas registradas.

Uma figura sempre extravagante e controversa, Morrissey teve um início de carreira promissor após o fim dos Smiths, mas depois se comportou de forma irregular ao longo dos anos 90. A imprensa musical britânica começou a se voltar contra ele no final da década, o que o levou a se mudar para os EUA (para Hollywood, onde mais?), país em que ainda mantinha um forte grupo de fãs.

A relação de amor e ódio de Morrissey com o seu novo lar é o tema da faixa de abertura "America Is Not The World", em que canta: "America / Your head is too big / Because America / Your belly's too big" ("América / Sua cabeça é grande demais / Porque América / Sua barriga é grande demais"). A Inglaterra também tem a sua vez na vigorosa "Irish Blood, English Heart" e em sua lânguida e ácida ode aos céus cinzentos, "Come Back To Camden".

Ao longo das duas últimas décadas, Morrissey criou canções com títulos fantásticos, mas "I Have Forgiven Jesus" poderia ocupar o trono. "First of The Gang To Die" é uma ode romântica e roqueira dedicada à violência das gangues, com uma letra melancólica e ao mesmo tempo muito inteligente.

You Are The Quarry foi aclamado pela crítica e garantiu a Morrissey uma legião de novos fãs. Não deve ser considerado um mero retorno. Basta considerá-lo o seu melhor disco dos últimos anos. **RM**

"Alguém tinha de ser eu, então melhor que fosse eu mesmo."

Morrissey, 2004

Lista de músicas

01	**America Is Not The World**	(Morrissey • Whyte)	4:03
02	**Irish Blood, English Heart**	(Morrissey • Whyte)	2:37
03	**I Have Forgiven Jesus**	(Morrissey • Whyte)	3:41
04	**Come Back To Camden**	(Boorer • Morrissey)	4:14
05	**I'm Not Sorry**	(Boorer • Morrissey)	4:41
06	**The World Is Full Of Crashing Bores**	(Boorer • Morrissey)	3:51
07	**How Can Anybody Possibly Know How I Feel?**	(Morrissey • Whyte)	3:25
08	**First Of The Gang To Die**	(Morrissey • Whyte)	3:38
09	**Let Me Kiss You**	(Morrissey • Whyte)	3:30
10	**All The Lazy Dykes**	(Morrissey • Whyte)	3:31
11	**I Like You**	(Boorer • Morrissey)	4:11
12	**You Know I Couldn't Last**	(Day • Morrissey • Whyte)	5:51

Björk | Medúlla (2004)

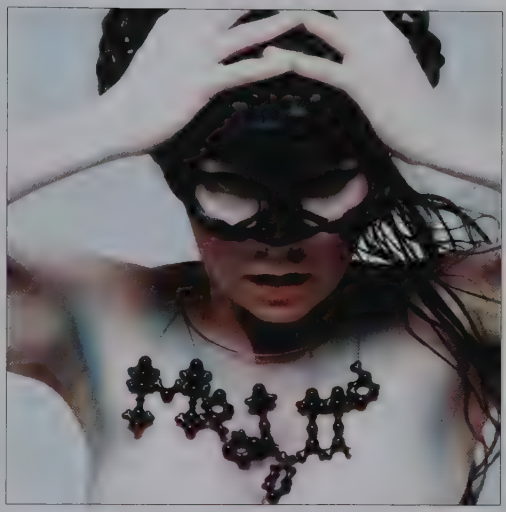
Selo | One Little Indian
Produção | Björk
Projeto gráfico | Inez/Vinoodh • M/M
Nacionalidade | Islândia
Duração | 47:12

Em *Vespertine* (2001), Björk criou um mundo de sons que eram obscuros até para ela mesma. *Medúlla* segue um caminho semelhante: a voz humana é a única fonte sonora para a música – com exceção de um gongo!

Björk e o engenheiro de som islandês Valgeir Sigurdsson trabalharam no álbum durante um ano e meio até que finalmente decidiram arriscar e utilizar apenas vozes. Um grupo variado de colaboradores juntou-se ao projeto, entre eles Mike Patton, Robert Wyatt, a artista vocal japonesa Dokaka e o beatboxer Rahzel. Também participaram coros provenientes da Islândia e da Inglaterra, e a gravação aconteceu em lugares diferentes – Islândia, Nova York, Ilhas Canárias, Brasil e Londres.

A música é uma mistura eclética de música folk antiga, tecno, erudita contemporânea, pop e vanguarda bizarra. As raízes islandesas de Björk estão em destaque na sutil e intimista "Vökuró", enquanto "Desired Constellation" é simples e emocionalmente dura. Grunhidos, respiração ofegante e acrobacias vocais surgem em diversas faixas, como na assombrosa "Ancestors", onde ela usa uma técnica dos inuíte de cantar usando a garganta. No resto do disco, a cantora funde espetacularmente a vanguarda com a sensibilidade pop em faixas como "Mouth's Cradle", "The Triumph Of A Heart" e "Who Is It (Carry My Joy...)".

Numa entrevista, o engenheiro Valgeir revelou que, em determinado momento, se preocupou que a abordagem incomum tirasse o foco da música. Não precisava se preocupar: o álbum foi recebido com elogios universais e saudado como mais um triunfo de uma artista consistentemente inovadora. **AET**



"Eu simplesmente mergulhei no canto tirolês."

Björk, 2004

Lista de músicas

01	**Pleasure Is All Mine**	(Björk)	3:26
02	**Show Me Forgiveness**	(Björk)	1:23
03	**Where Is The Line?**	(Björk)	4:41
04	**Vökuró**	(Sigurdardottir•Vidar)	3:14
05	**Öll Birtan**	(Björk)	1:52
06	**Who Is It (Carry My Joy On The Left, Carry My Pain On The Right)**	(Björk)	3:57
07	**Submarine**	(Björk)	4:46
08	**Desired Constellation**	(Alary•Björk)	4:55
09	**Oceania**	(Björk•Sjon)	3:24
10	**Sonnets/Unrealities XI**	(Björk•Cummings)	1:59
11	**Ancestors**	(Björk•Tagaq)	4:08
12	**Mouth's Cradle**	(Björk)	3:59
13	**Midvikudags**	(Björk)	1:24
14	**Triumph Of A Heart**	(Björk)	4:04

Mylo
Destroy Rock & Roll (2004)

Selo | Breastfed
Produção | Myles MacInnes
Projeto gráfico | Phantom
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 55:25

Todo mundo adora Mylo. Quando surgiu *Destroy Rock & Roll*, em 2004, não houve um só crítico que não elogiasse as habilidades do jovem MacInnes, de 24 anos. Ele próprio se encarregou da produção e criou todas as músicas no computador. Os ganchos insinuantes de Mylo, os sons electro bem pensados, os breaks inteligentes, as belas atmosferas e as linhas de baixo fluidas devolveram a diversão para o house.

Quando *Destroy Rock & Roll* saiu, seu primeiro single, "Drop The Pressure" – que estourou nas paradas britânicas, com seu chamativo gancho de sintetizador –, já havia sido lançado. E, meses antes, ele já havia se tornado um clássico das pistas de dança, tocado por DJs em todo o mundo. Antes disso, em 2003, a faixa-título já tinha sido lançada em compacto numa edição limitada. Essa primeira música combinava guitarras maciças com beats pesados e um sample de um fanático religioso anti-rock dos anos 70. (Mylo encontrou o sample enquanto trabalhava na BBC.) No resto do álbum, encontramos pop dos anos 80, guitarras roqueiras (ele já admitiu que é fã de Bruce Springsteen), o house de Chicago e o meio ambiente próprio de Mylo. A atmosfera que percorre o disco foi inspirada pela casa dele na minúscula Ilha de Skye, na Escócia, onde cresceu e onde ainda vivem os seus pais. Os ritmos relaxados e ensolarados de "Sunworshipper" foram criados durante a curta temporada em que viveu em São Francisco.

Ao contrário de muitas estréias, *Destroy Rock & Roll* continuou gerando hits muito tempo depois de ter sido lançado. Em 2005, "In My Arms" animou as pistas de dança de Ibiza durante todo o verão. O álbum continua vivo. **CH**

Scissor Sisters
Scissor Sisters (2004)

Selo | Polydor
Produção | Scissor Sisters • Daniel Wise
Projeto gráfico | Fury
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:55

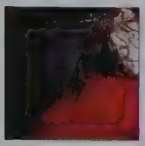
O grupo nova-iorquino Scissor Sisters surgiu na curta fase eletroclash de sua cidade natal para reintroduzir um pouco de diversão, extremamente necessária na música pop. Os fãs acolheram com entusiasmo o ritmo incrivelmente camp do disco, representado pela paixão do líder Jake Shears por lycra com lantejoulas. Enquanto isso, feministas de todo o mundo saudaram calorosamente a aparição de Ana Matronic, parceira de Shears nas suas aventuras musicais, que havia começado a carreira de forma árdua no circuito de cabarets. Como era esperado, essa diva sem papas na língua transformou-se na musa de vários movimentos esquerdistas.

Inspirado em David Bowie, Roxy Music, Kurt Weill, Elton John, Bee Gees e ritmos dos anos 80, o álbum de estréia do Scissor Sisters é uma jóia que brilha com a promessa de que há muita coisa boa por vir. Poucos discos de estréia conseguem alcançar a coerência desta obra extremamente bem trabalhada. Desde "Laura", uma música funkeada com base de piano, ao ritmo contagioso do single de apresentação "Take Your Mama", passando pela balada "Mary" e ao sucesso das pistas "Filthy/ Gorgeous", *Scissor Sisters* é um disco delicioso e cheio de surpresas.

Entre o material variado encontra-se uma versão improvável e insólita de "Comfortably Numb", do Pink Floyd – faixa que exibe o impressionante alcance do falsete de Shears e que proporcionou ao grupo a sua primeira experiência de sucesso nas paradas como o segundo single do disco. Também merece atenção especial "Return To Oz", que traça o retrato de um mundo triste caminhando para sua extinção – um contraste absoluto com a explosão de otimismo que impregna as demais faixas.

Um álbum que deve ser guardado no coração – não é surpresa ter sido o disco mais vendido na Inglaterra em 2004. **SN**

The Icarus Line
Penance Soirée (2004)



Selo | V2
Produção | Mike Musmanno
Projeto gráfico | Matt Sohl
Nacionalidade | EUA
Duração | 53:49

Das declarações cruas sobre independência musical à embalagem radical (a lista de músicas está escondida na capa interna num rabisco indecifrável), Penance Soirée constitui a mais perfeita expressão do punk.

O álbum foi um enorme progresso sonoro para The Icarus Line. Enquanto o seu disco de estréia, *Mono* (2000), se baseava numa mistura hardcore composta por gritos e guitarras entrecortadas, *Penance Soirée* exibia um som mais primitivo e solto. A faixa que abre o disco, "Up Against The Wall Motherfuckers" – um ataque mordaz aos que se venderam ao punk comercial –, gira em torno de uma linha de baixo brutal e troglodita. Nos quatro anos seguintes ao lançamento de *Mono*, as letras do líder Joe Cardamone evoluíram de simples manifestações de fúria punk para relatos perspicazes sobre a vida na sarjeta. Na faixa "Spike Island", inspirada nos Stones, o vocalista resmunga uma história de abuso de drogas digna do lendário beatnik Charles Bukowski. A visão decadente de Cardamone brilha de forma especial na odisséia de 20 minutos e três músicas que se encontra no centro de Penance Soirée. "Kiss Like Lizards", "Getting Bright At Night" e "Big Sleep" se entrelaçam numa história cáustica de amores que deram errado, perambulando em meio ao punk de garagem impregnado de feedback de guitarras, ruídos diversos e space rock sonhador.

A ambição e a experimentação renderam vários elogios a Penance Soirée para além das fronteiras da cena hardcore californiana. A revista de metal Kerrang! considerou o disco uma "declaração contra o tédio e a mediocridade", e até o conservador jornal britânico The Daily Telegraph reconheceu que o álbum tinha uma "intensidade urgente". **TB**

Arcade Fire
Funeral (2004)

Selo | Merge
Produção | Arcade Fire
Projeto gráfico | Tracy Maurice
Nacionalidade | Canadá
Duração | 48:00

Durante boa parte de 2003, o rótulo "emo" foi um jeito popular de descrever um estilo peculiar de rock pesado. É evidente que a raiz etimológica do termo provém de "emocional". O álbum de estréia do Arcade Fire demonstra por si só que este subgênero é uma invenção pretensiosa e emocionalmente ignorante. Nesse ano, Win Butler e Regine Chassagne, parceiros na música e no amor, formaram um grupo de rock independente em Montreal para fazerem experiências com estilos, desde a bossa nova até o Krautrock. Seus esforços se intensificaram após a morte da avó de Chassagne e do avô de Butler – Alvino Rey, o compositor de ragtime – com poucos meses de intervalo.

O álbum resultante é uma história impregnada de realismo mágico em que jovens amantes tentam fugir das lembranças de suas famílias, tendo como pano de fundo ambiciosas seções de cordas. "Neighbourhood *1 (Tunnels)" fala sobre a fuga dos protagonistas das casas de suas respectivas famílias para se encontrarem e, assim, escaparem do sofrimento de seus pais. Mais três músicas após "Neighbourhood" ajudam a construir uma complexa metáfora psicogeográfica sobre a perda e o amor de Butler e Chassagne. Mas não há nada de pós-moderno na serenata de "Crown Love", uma balada épica digna de Scott Walker. Apesar de tomar por empréstimo elementos de Flaming Lips, Suede, Brian Eno e My Bloody Valentine, este álbum é ainda assim uma coisa rara: um disco novo de sonoridade completamente original. **JDo**

Devendra Banhart
Rejoicing In The Hands (2004)

Selo | Young God
Produção | Devendra Banhart • Michael Gira
Projeto gráfico | Devendra Banhart
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:04

Depois de sua estréia – um maravilhoso disco lo-fi chamado *Oh Me Oh My* (2002) –, os críticos não tardaram em rotular Devendra Banhart como porta-voz de uma revolução no indie folk. Em vez de aceitar o rótulo de sábio da música "alternativa", em *Rejoicing In The Hands*, Devendra Banhart se esquiva elegantemente do fator celebridade usando um repertório menos conhecido e ainda mais rústico. É certo que o compêndio de bluegrass, country e ecos de música folk britânica se mantém intacto, mas dessa vez leva a sua perversidade polimorfa muito para além do revisionismo reverencial, alcançando uma originalidade quase sobrenatural.

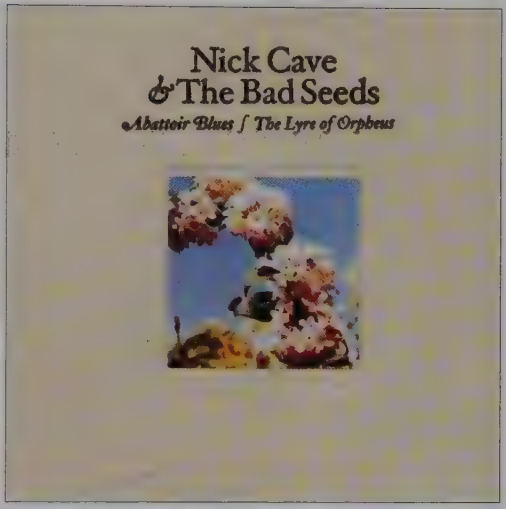
Na verdade, Banhart é impossível de decodificar usando os códigos normais do velho folk. Mesmo as tentativas de descrever as melodias de um violão estranhamente afinado em "Poughkeepsie" como uma revisão vanguardista e psicodélica da Anthology Of American Folk Music (1952), de Harry Smith, ou o sussurro de canção infantil em "The Body Breaks" como uma ressurreição fantasmagórica do Marc Bolan da época do T-Rex acabam sendo redundantes. A única coisa a que o ouvinte pode recorrer são as cifras líricas, que oscilam entre a extravagante "Jabberwocky" e poemas com o toque de Rimbaud sob os efeitos de LSD – nem sequer os títulos das músicas oferecem uma ajuda no campo semiótico. É inútil tentar entender nomes abusivamente estranhos como "Tit Smoking In The Temple of Artesan Mimicry"! Talvez "This Beard Is For Siobahn" não seja mais do que um simples improviso. E é aí onde está o golpe de mestre de Banhart: soa como se ele não se importasse se alguém está ouvindo ou não. **MK**

Lista de músicas

01	This Is The Way [Banhart]	1:58
02	It's A Sight To Behold [Banhart]	2:36
03	The Body Breaks [Banhart]	3:31
04	Poughkeepsie [Banhart]	2:18
05	Dogs They Make Up The Dark [Banhart]	1:19
06	Will Is My Friend [Banhart]	3:04
07	This Beard Is For Siobhán [Banhart]	2:35
08	See Saw [Banhart]	3:23
09	Tit Smoking in the Temple of Artesan Mimicry [Banhart]	1:25
10	Rejoicing In The Hands [Banhart]	1:41
11	Fall [Banhart]	2:43
12	Todo Los Dolores [Banhart]	2:30
13	When The Sun Shone On Vetiver [Banhart]	3:34
14	There Was Sun [Banhart]	1:31
15	Insect Eyes [Banhart]	3:08
16	Autumn's Child [Banhart]	2:41

Nick Cave And The Bad Seeds
Abattoir Blues / The Lyre Of Orpheus (2004)

Selo | Mute
Produção | Nick Cave And The Bad Seeds • Nick Launay
Projeto gráfico | Tom Hingston Studio
Nacionalidade | Austrália
Duração | 82:24



Um álbum duplo significa geralmente duas coisas na vida de uma banda. A mais habitual é servir de companhia para a típica crise de meio de carreira, quando os integrantes resolvem contemplar seu próprio umbigo e os solos de bateria de 12 minutos passam a ser a regra. A menos freqüente é o fato de a banda ter tanto material bom que não caberia num único álbum.

Produzido por Nick Launay, que esteve no comando de Nocturama (2003), AB/TLOO reencontra a banda – privada da força de Blixa Bargeld –, dando continuidade à sua parceria, com os membros do Seeds voltando a participar da composição das músicas. O álbum é definitivamente esquizofrênico, com um som bem definido dominando cada seção. Abattoir Blues ressoa com o humor de Cave exortando o ouvinte em "There She Goes, My Beautiful World" e contrabalança a metafísica com a realidade banal na faixa-título: "Fui pra cama noite passada e meu código moral ficou emperrado; eu acordei esta manhã com um Frappucino na minha mão."

The Lyre Of Orpheus adota um tom mais contemplativo e contém algumas das músicas mais vertiginosas que Cave já escreveu – como "Breathless" e a picante "Babe, You Turn Me On". Há ainda espaço para outra surpresa, quando o London Community Gospel Choir adiciona profundidade espiritual a "Carry Me" e à emocionante "O Children".

À medida que os integrantes do Seeds avançam nos 40, torna-se claro que a idade não irá aquietá-los. **SJac**

Lista de músicas

▶	01	**Get Ready For Love** (Casey•Cave•Ellis•Sclavunos)	5:05
▶	02	**Cannibal's Hymn** (Cave)	4:54
	03	**Hiding All Away** (Cave)	6:31
	04	**Messiah Ward** (Cave)	5:15
▶	05	**There She Goes, My Beautiful World** (Cave)	5:17
	06	**Nature Boy** (Casey•Cave•Ellis•Sclavunos)	4:54
	07	**Abattoir Blues** (Cave•Ellis)	3:58
	08	**Let The Bells Ring** (Cave•Ellis)	4:26
	09	**The Fable Of The Brown Ape** (Cave)	2:43
▶	10	**The Lyre Of Orpheus** (Cave•Ellis•Casey•Sclavunos)	5:36
▶	11	**Breathless** (Cave)	3:13
	12	**Babe, You Turn Me On** (Cave)	4:21
	13	**Easy Money** (Cave)	6:43
▶	14	**Supernaturally** (Cave)	4:37
	15	**Spell** (Casey•Cave•Ellis•Sclavunos)	4:25
	16	**Carry Me** (Cave)	3:37
▶	17	**O Children** (Cave)	6:49

Franz Ferdinand | Franz Ferdinand (2004)

Selo | Domino
Produção | Tore Johansson
Projeto gráfico | Matt Cooper • Franz Ferdinand
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 38:45

Franz Ferdinand é o disco que redefiniu tanto a música independente quanto o "art rock". Trata-se de uma obra destilada a partir de influências díspares – Gang Of Four, Talking Heads, Fire Engines – e seu enorme sucesso, "Take Me Out", brinca de um lado para o outro com as mudanças de compasso. O design da capa é uma vitória do minimalismo no estilo soviético. Gravado de forma rápida e na Suécia, parece um disco de new wave remixado pelo David Bowie dos anos 70 e coroado pelo impulso cheio de anfetaminas do power pop. Músicas energéticas como "Jacqueline", "This Fire" e "Come On Home" soam simultaneamente retrô e modernas.

Franz Ferdinand tinha um objetivo bem traçado desde o princípio: queria fazer música para as garotas dançarem. Do palco, os integrantes deveriam manter sempre o contato visual com o público nos shows. Tendo sido criada nos círculos sociais formados em torno da Escola de Belas-Artes de Glasgow, a banda pretendia dar importância tanto ao aspecto gráfico – capas, cenografia, vídeos, vestuário – quanto à música. Segundo escreveu o baixista Bob Hardy, num comentário em seu site na web, eles queriam despertar uma emoção "comparável às lágrimas derramadas pelo Marechal Haig ao contar o número de homens que tinha enviado para a frente de batalha".

O Franz Ferdinand poderia ter sido a banda mais pretensiosa do mundo, um grupo elitista para esnobes da música. No entanto, a sua estréia converteu-se na sensação de 2004 ao vender 3,2 milhões de cópias. Em determinado momento, o grupo chegou a vender 17.500 álbuns por semana nos Estados Unidos. A música independente e o art rock nunca foram tão populares. **CM**

"Para mim, The Fall é tão pop quanto o Duran Duran."

Alex Kapranos, 2004

Lista de músicas

▶	01	**Jacqueline** (Hardy • Kapranos • McCarthy)	3:49
	02	**Tell Her Tonight** (Kapranos • McCarthy)	2:17
▶	03	**Take Me Out** (Kapranos • McCarthy)	3:57
	04	**Matinee** (Hardy • Kapranos • McCarthy)	4:03
▶	05	**Auf Achse** (Kapranos • McCarthy)	4:19
	06	**Cheating On You** (Kapranos • McCarthy)	2:36
▶	07	**This Fire** (Kapranos • McCarthy)	4:14
▶	08	**Darts Of Pleasure** (Kapranos • McCarthy)	2:59
▶	09	**Michael** (Kapranos • McCarthy)	3:21
	10	**Come On Home** (Kapranos • McCarthy)	4:16
	11	**40 Ft** (Kapranos • McCarthy)	3:24

Kanye West
The College Dropout (2004)

Selo | Roc-A-Fella Records
Produção | Kanye West
Projeto gráfico | Native
Nacionalidade | EUA
Duração | 72:12

The College Dropout foi um dos discos mais esperados e mais bem recebidos de 2004 – mas por pouco não foi gravado. Apesar da sua reputação como produtor/estrela, após se tornar famoso com seus ritmos incomparáveis e samples recortados e acelerados, West se esforçou muito para ser levado a sério como rapper. Desde o final dos anos 90 vinha se dedicando a criar sucessos em série para outros artistas – principalmente para Jay Z –, mas seu próprio álbum havia sido repetidamente adiado. Em outubro de 2002, West sofreu um acidente de carro que quase o matou e o obrigou a fazer uma cirurgia no maxilar, o que adiou novamente o projeto. Felizmente ele se recuperou e utilizou esse infortúnio para criar tanto a sentida "Through The Wire" quanto a épica "Last Call", que narrava a história da sua carreira desde seu início humilde até o contrato com a Roc-A-Fella.

The College Dropout aproveita ao máximo suas conexões. As superestrelas Jay-Z e Ludacris e os mestres na poesia das ruas Talib Kweli e Mos Def contribuem com seu talento para a produção inovadora e rimas engenhosas e perspicazes de West. O músico cobre o vácuo existente entre o hip-hop com consciência e o hip-hop de rádio desde o belo cântico espiritual "Jesus Walks" até o loop de Lauryn Hill em "All Falls Down" e o hino sujo "The New Workout Plan".

"Tenho a sensação de que grande parte da alma dos velhos discos de que tiro samples está dentro de mim", declarou West. "Assim, quando ouço esses discos, adiciono a bateria e os trago para o novo milênio, é como se Deus tivesse feito isso [...]." **LP**

Cee-Lo Green
Cee-Lo Green . . . Is The Soul Machine (2004)

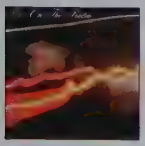
Selo | Arista
Produção | Vários
Projeto gráfico | Jeffrey Schulz
Nacionalidade | EUA
Duração | 65:27

Em 2004, o som radiante produzido no Sul dos Estados Unidos já era uma realidade. O Crunk estava estourando no underground, o movimento Dirty South já tinha chegado ao seu auge e os rappers psicodélicos de Atlanta, a dupla do Outkast, tinham conseguido sucessos de grande público com o definitivo *Speakerboxx/The Love Below*. Como se pressentissem uma mudança na sua sorte, o Goodie Mob, derivado do Outkast, voltou a se reunir para mais um álbum, mesmo que com um membro a menos – o MC Cee-Lo Green havia iniciado a sua carreira solo e tinha lançado um aclamado álbum de estréia, *His Glorious Imperfections*, em 2002, e estava prestes a mostrar o seu trabalho mais marcante.

O ego e o carisma são ótimos companheiros e Cee-Lo tinha os dois em abundância. O álbum começa com uma narrativa breve, um pai transmitindo a seu filho pequeno sua própria autoestima. Em minutos está rodopiando num carnaval de funk, gritando "God can truly work a miracle/Look at me, isn't it obvious that I'm one?" ("Deus realmente pode fazer milagres / Olhe para mim, não é óbvio que eu sou um deles?"), enquanto um coro de extras canta suas hosanas.

E assim continua a festa esquizofrênica e ensolarada de Cee-Lo – Timbaland refina os arranjos em "I'll Be Around", enquanto Pharrell surge na deliciosa "Let's Stay Together" (que cita disfarçadamente "Live Forever" do Oasis). Mas não há dúvida de que a verdadeira estrela aqui é Cee-Lo Green, mesmo que o público ainda tenha de lhe conceder o respeito (ou as vendas) que ele merece. **SC**

TV On The Radio
Desperate Youths, Blood Thirsty Babes (2004)



Selo | Touch And Go
Produção | David Andrew Sitek
Projeto gráfico | David Babbitt
Nacionalidade | EUA
Duração | 47:11

Como muitas estréias, *Desperate Youths, Blood Thirsty Babes* é tão aventureiro e inovador quanto se poderia esperar. Construído em torno de harmonias vocais à capela, loops de bateria e guitarras barulhentas, um espírito independente surge de dentro dele e o distingue da onda de punk cheio de riffs ou da mania new-wave que predominava na época.

TV On the Radio surgiu quando o vocalista Tunde Adebimpe e David Sitek, produtor do Yeah Yeah Yeahs, decidiram unir esforços após terem trocado gravações dos seus respectivos projetos. O EP *Young Liars* foi lançado pela Touch And Go em julho de 2003 e imediatamente causou furor. Um terceiro integrante, Kyp Malone, foi convidado para compartilhar a composição, guitarras e vocais em *Desperate Youths...* Suas participações nos vocais, acrescentando notas agudas ao belo registro médio de Adebimpe, dão uma dimensão gloriosa às harmonias.

"The Wrong Way", a primeira faixa, é agressiva, com um saxofone berrante sobre um baixo pesado de apenas uma nota, mas em seguida se abre nas duas músicas mais emocionantes: "Staring At The Sun", enérgica e suplicante – a única faixa extraída do EP –, e "Dreams", que vai aumentando e diminuindo de intensidade, na qual Malone alcança notas incrivelmente agudas enquanto Adebimpe conclui com belas rimas. "King Eternal" é carregado por uma bateria incerta para proclamar a imortalidade. "Ambulance" contém um doce canto à capela maravilhosamente estruturado e "Poppy" oferece um sincero relato de "amor altruísta". Este é um álbum cheio de esperança e de generosidade. **MBI**

Liars
They Were Wrong, So We Drowned (2004)

Selo | Blast First
Produção | David Andrew Sitek • Liars
Projeto gráfico | Beate Schlingelhoff-Gross
Nacionalidade | Austrália • EUA
Duração | 40:42

Assim que a moda começou a ferver em sua cidade adotiva – Williamsburg, Brooklyn –, Liars se mudou para New Jersey, concebendo uma obra-prima sobre medo e alienação. Um busca semialeatória no Google levou seu líder, Angus Andrew, a descobrir as lendas germânicas da "Walpurgisnacht", quando bruxas voavam ao redor da montanha Brocken com suas vassouras para raptar crianças. O trabalho seguinte da banda mostraria que essas histórias folclóricas ainda eram capazes de impressionar.

Logo após a saída do baixista Pat Noecker e do baterista Ron Albertson, o Liars recrutou o multiinstrumentista Julian Gross para a sua fraternidade melancólica. Juntamente com o gênio da produção David Sitek, os integrantes da banda instalaram-se no sótão de uma casa, fumaram muita erva e dedicaram-se a dar longos passeios à meia-noite pela floresta, assustando uns aos outros com histórias de fantasmas.

O medo domina o álbum. Libertados pela sua nova formação, o Liars adotou um caos denso e ameaçador de loops, feedback, ruído e percussão. Parecia o ar soturno de Bad Moon Rising, do Sonic Youth, lembrando a vertigem da era "Ghost Town" do Specials e buscava material no audição funk zumbi do E.S.G. Por outro lado, as enigmáticas incongruências musicais intensificavam a atmosfera digna do filme *A bruxa de Blair*, enquanto a capa do disco investia no estilo característico de Williamsburg com seu terror muito presente. Embora os críticos nos Estados Unidos não tivessem ficado impressionados com o álbum, o público europeu embarcou nesse pesadelo. **SC**

The Streets | A Grand Don't Come For Free (2004)

Selo | Vice
Produção | Mike Skinner
Projeto gráfico | Alex Jenkins
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 50:36

Metade das músicas de hip-hop é baseada em resmungos: pouco respeito, poucas jóias, armas demais, ódio demais. Contudo, poucos artistas protestaram tão engenhosamente sobre as coisas do dia-a-dia que realmente nos incomodam quanto Mike Skinner. No seu segundo álbum com o The Streets (após *Original Pirate Material*, sua estréia indicada para os prêmios Brit e Mercury), o rapper não tenta provar que é mais macho do que 50 Cent. Ele quer apenas devolver um DVD, retirar dinheiro de um caixa eletrônico e falar ao celular antes que acabe a bateria. Mais cotidiano impossível.

"It was supposed to be so easy" ("Era para ser tão fácil"), queixa-se Skinner na primeira faixa ao narrar aquela que é, provavelmente, a crônica mais hilária e sincera da história do hip-hop sobre a vida nos subúrbios. Pense em Quadrophenia misturada com Ulysses, num cenário contemporâneo da West Midlands da inglaterra e você terá uma idéia aproximada do relato. Trata-se de um disco conceitual – com um elenco peculiar de bêbados, jogadores e figuras estranhas da vizinhança – que descreve um arco narrativo através de conflitos menores, ainda que dramáticos, e consegue chegar a uma conclusão em menos de 51 minutos.

Adaptando uma abordagem diferente da maioria dos seus companheiros de gênero, Skinner mantém a produção simples e segura. É o acompanhamento perfeito para seus versos meio cantados, meio rap. Sua inteligência e seu gosto pelo humor ficam evidentes na faixa "It Was Supposed To Be So Easy", enquanto que em "Not Addicted" o rapper acaba assumindo sua total incapacidade para apostar dinheiro. Skinner é igualmente eficaz nas músicas sentimentais, exibindo uma sensibilidade terna nas baladas "Could Well Be In" e "Dry Your Eyes". **JiH**

"Não é apenas puro prazer sonoro: há conflito, ação e narrativa."

Mike Skinner, 2004

Lista de músicas

01	**It Was Supposed To Be So Easy**	(Skinner)	3:55
02	**Could Well Be In**	(Skinner)	4:23
03	**Not Addicted**	(Skinner)	3:40
04	**Blinded By The Lights**	(Skinner)	4:44
05	**Wouldn't Have It Any Other Way**	(Skinner)	4:36
06	**Get Out Of My House**	(Skinner)	3:52
07	**Fit But You Know It**	(Skinner)	4:14
08	**Such A Tw*t**	(Skinner)	3:47
09	**What Is He Thinking?**	(Skinner)	4:40
10	**Dry Your Eyes**	(Skinner)	4:31
11	**Empty Cans**	(Skinner)	8:14

Rufus Wainwright | Want Two (2004)

Selo | Dreamworks
Produção | Marius De Vries • Rufus Wainwright
Projeto gráfico | Rufus Wainwright • Janet Wolsborn
Nacionalidade | EUA
Duração | 53:49

Gravado durante as mesmas sessões de *Want One* (2003), *Want Two* confirmou que, em termos de composição, qualidade musical e ambições claras, Rufus Wainwright não tem comparação.

Ambição? Que tal abrir o álbum com uma missa em latim pela paz, acompanhada de violinos ciganos e címbalo (saltério), e depois envolver tudo num manancial de cordas românticas? E depois concluir com um reggae árabe no estilo de Kurt Weill, que inclui a voz peculiar de Antony e uma mistura de linhas harmônicas cativantes e cânticos que fazem lembrar Smile? Em meio a isso, temos os arranjos em falso estilo barroco e o humor perverso de "Little Sister", a discreta bomba acústica de "Gay Messiah" – em que Rufus, o Batista, canta uma letra tremendamente controversa – e "The Art Teacher", um relato tocante da paixão sem fim de uma colegial.

Apesar do humor sagaz característico, *Want Two* tem um lado mais sombrio. O disco contém uma elegia docemente amarga a Jeff Buckley ("Memphis Skyline"); "Waiting For A Dream" é uma canção angulosa, mais cosmopolita, com uma percussão inquietante e um piano cujo estilo lembra o *White Album*, dos Beatles, enquanto Wainwright medita sobre dias obscuros e sobre "um ogro no Salão Oval". (O tom sombrio também está presente na capa, com o cantor disfarçado de Lady de Shalott: como o próprio Rufus, ela também foi estuprada; e, como Jeff Buckley, morreu afogada.) Mas é sempre possível encerrar com um conto de fadas – basta conferir "Crumb By Crumb".

Wainwright disse à revista "Uncut" que *Want Two* era "uma espécie de Yin para o Yang do outro disco". Juntos, os dois álbuns representam uma grande afirmação artística de um cantor/compositor que ainda não deu um passo em falso. **RD**

"São dois álbuns separados... mas formam uma espécie de suíte."

Rufus Wainwright, 2005

Lista de músicas

▶	01	**Agnus Dei** (Wainwright)	5:45
	02	**The One You Love** (Wainwright)	3:43
	03	**Peach Trees** (Wainwright)	5:59
	04	**Little Sister** (Wainwright)	3:20
▶	05	**The Art Teacher** (Wainwright)	3:52
	06	**Hometown Waltz** (Wainwright)	2:31
▶	07	**This Love Affair** (Wainwright)	3:13
▶	08	**Gay Messiah** (Wainwright)	3:15
	09	**Memphis Skyline** (Wainwright)	4:52
▶	10	**Waiting For A Dream** (Wainwright)	4:14
	11	**Crumb By Crumb** (Wainwright)	4:11
▶	12	**Old Whore's Diet (Featuring Antony)** (Wainwright)	8:54

The Killers | Hot Fuss (2004)

Selo | Lizard King Records
Produção | The Killers • Jeff Saltzman
Projeto gráfico | Louis Marino
Nacionalidade | EUA
Duração | 46:36

Teclados contagiantes, baterias explosivas, refrãos fáceis de acompanhar, riffs arrogantes, um cantor galã – será que não é o Bon Jovi? Troque as bandanas por gravatas e as letras sobre a má reputação do amor por "corações partidos" e você vai chegar a The Killers.

O declínio do Oasis e o isolamento do Radiohead deixaram um vazio no mundo do rock. Foi nessa brecha que surgiu o Franz Ferdinand, seguido muito de perto pelo The Killers. Mas enquanto o Franz é sarcástico, o The Killers é mais roqueiro. Com todas as influências britânicas – Bowie, The Cure, Psychedelic Furs, Depeche Mode –, sua elegância e ousadia os colocam acima do panorama geral, carinhosamente ironizada em "Glamorous Indie Rock & Roll" (título substituído nos Estados Unidos por "Change Your Mind").

O padrão é estabelecido pelo rock "Jenny Was A Friend Of Mine", que dá início à "trilogia do assassinato", continuando com "Midnight Show" e com a inédita "Leave The Bourbon On The Shelf". "É a história de uma garota que deixa o namorado, que depois a mata e acaba sendo preso", explica o cantor Brandon Flowers. O disco prossegue com "Mr. Brightside" – a primeira música composta por Flowers e pelo guitarrista David Keuning após se conhecerem em Las Vegas e terem adotado o nome da banda fictícia que aparece no vídeo de "Crystal", do New Order. "Mr. Brightside" e a pulsante "Somebody Told Me" conquistaram os fãs de rock independente e depois o mundo, que se rendeu à emoção de "All These Things That I've Done". Durante o ano em que esteve nas paradas, *Hot Fuss* alcançou o primeiro lugar na Inglaterra, conseguiu um disco de platina nos Estados Unidos e resistiu bem à intensa exposição na mídia. As luzes de néon da capa e o logo que lembra Elvis demonstram-se absolutamente adequados para quatro das estrelas mais promissoras do século XXI. **BM**

"Quando era garoto [...], era isolado."

Brandon Flowers, 2004

Lista de músicas

01	Jenny Was A Friend Of Mine (Flowers • Stoermer)	4:08
02	Mr Brightside (Flowers • Keuning)	3:42
03	Smile Like You Mean It (Flowers • Stoermer)	3:54
04	Somebody Told Me (Flowers • Keuning • Stoermer • Vannucci)	3:17
05	All These Things That I've Done (Flowers)	5:01
06	Andy, You're A Star (Flowers)	3:14
07	On Top (Flowers • Keuning • Stoermer • Vannucci)	4:18
08	Glamorous Indie Rock & Roll (Flowers • Keuning • Stoermer • Vannucci)	4:14
09	Believe Me Natalie (Flowers • Vannucci)	5:05
10	Midnight Show (Flowers • Stoermer)	4:02
11	Everything Will Be Alright (Flowers)	5:45

Ozomatli | Street Signs (2004)

Selo | Concord
Produção | Ozomatli • T-Ray
Projeto gráfico | Christian Lantry
Nacionalidade | EUA
Duração | 51:40

O Ozomatli é, sem dúvida, uma das melhores bandas do mundo, um Los Lobos do século XXI, mestre dos estilos e ritmos latinos combinados com uma sensibilidade própria do hip-hop. Ao vivo, o seu virtuosismo bem-humorado é sempre fascinante, mas os seus discos nem sempre foram tão certeiros. Pelo menos não até o seu terceiro disco, *Street Signs*, um álbum vencedor do Grammy, o que pressupõe um triunfo musical: uma obra sobre a procura de esperança em meio à destruição que assola o mundo após o 11 de setembro. Para criar mais luz, a banda incorporou um conjunto incendiário de idiomas musicais do Oriente Médio e dos Bálcãs ao seu ardente hip-hop latino.

O disco começa com a triunfal "Believe": uma mistura de música cigana dos Bálcãs, música árabe e rock independente atraente e dançante, da qual participam os violinistas ciganos franceses Les Yeux Noir, a Orquestra Sinfônica de Praga e o marroquino Hassan Hakmoun no backing vocal. O ritmo e a fluência dos ecléticos prodígios do álbum nunca terminam. Junto com o boogaloo, o merengue e a música texana, neste irresistível tour de force, encontramos também o hip-hop chaabi em "Who's To Blame", com o MC Chali 2na (Jurassic 5) em grande forma, além do rock chicano na canção de amor e ódio "(Who Discovered) America?" e na enternecedora balada com ritmos mexicanos "Santiago", com a participação de David Hidalgo, do Los Lobos, na guitarra. Há ainda um breve relance do paraíso hispânico quando o aclamado pianista de jazz latino Eddie Palmieri inicia o seu solo brilhante em "Doña Isabelle", seguindo para a salsa orgiástica de "Nadie Te Tira". Seu lançamento pelo prestigioso selo de Latin-Jazz Concord Jazz (nos Estados Únicos) merece um carimbo de aprovação. **MR**

"Música é uma linguagem mais universal que a política."

Asdrubal Sierra, 2004

Lista de músicas

01	**Believe**	(Mendoza, Ozomatli, Smith-Freeman)	5:02
02	**Love And Hope**	(Eckl, Ozomatli, Porter)	4:24
03	**Street Signs**	(Ozomatli, Smith-Freeman)	3:46
04	**[Who Discovered] America?**	(Eckl, Porter, Roberts, Sierra)	4:35
05	**Who's to Blame**	(Corleon, Lewis)	3:13
06	**Te Estoy Buscando**	(Ozomatli)	3:50
07	**Saturday Night**	(Ozomatli, Smith-Freeman)	3:59
08	**Déjame En Paz**	(Ozomatli	3:29
09	**Santiago**	(Ozomatli	5:13
10	**Ya Viene El Sol [The Beatle Bob Remix]**	(Ozomatli)	3:39
11	**Doña Isabelle**	(Ozomatli, Palmieri)	1:05
12	**Nadie Te Tira**	(Ozomatli)	4:48
13	**Cuando Canto**	(Ozomatli)	4:40

Green Day | American Idiot (2004)

Selo | Reprise
Produção | Rob Cavallo • Green Day
Projeto gráfico | Chris Bilheimer
Nacionalidade | EUA
Duração | 57:10

Poucos teriam apostado que o Green Day iria criar o grande sucesso do hard-rock no início do século 21. Seu álbum anterior vendeu "meras" 500 mil cópias nos Estados Unidos, tornando o amadurecimento das composições do vocalista/guitarrista Billie Joe Armstrong desconhecido de todos, menos dos maiores fãs. Para o público em geral, a banda ainda se apoiava no sucesso de seu grande sucesso de 1994, "Dookie".

Sem se abalar, Armstrong, o baterista Tré Cool e o baixista Mike Dirnt conceberam o disco seguinte, *Cigarettes And Valentines*, no estilo "mais do mesmo"... mas as fitas se perderam, obrigando-os a começar de novo (supostamente, ao menos: o produtor Rob Cavallo disse que as músicas eram completamente medíocres). A perseverança trouxe recompensas – sob a forma de primeiro lugar nas paradas na Inglaterra e nos Estados Unidos e de vendas multimilionárias, com *American Idiot*.

Para alegria dos fãs, o álbum tinha um conceito, ainda que fosse meio roubado de *Quadrophenia*. Mas, enquanto *Quadrophenia* era cheio de flatulência espiritual, este álbum tem grandes músicas. Dificilmente é possível dizer, a respeito de qualquer disco contendo dois épicos de nove minutos, que nenhum segundo foi desperdiçado – "Homecoming" até encontra um lugar para "Rock And Roll Girlfriend", de Cool, um dos frutos da reconstrução pós-*Cigarettes And Valentines*.

"American Idiot", "Holiday", "Boulevard Of Broken Dreams", "Wake Me Up When September Ends" e "Jesus Of Suburbia" foram os sucessos, mas cada gancho e cada refrão são uma revelação. Não era necessário colocar a granada na capa, por mais simbólica que seja: a música já está destinada a explodir. **BM**

"Basta uma centelha para começar um tumulto."

Billie Joe Armstrong, 2005

Lista de músicas

▶	01	**American Idiot** (Armstrong • Green Day)	2:54
	02	**Jesus Of Suburbia** (Armstrong • Green Day)	9:08
	03	**Holiday** (Armstrong • Green Day)	3:52
▶	04	**Boulevard Of Broken Dreams** (Armstrong • Green Day)	4:20
	05	**Are We The Waiting** (Armstrong • Green Day)	2:42
	06	**St. Jimmy** (Armstrong • Green Day)	2:55
	07	**Give Me Novacaine** (Armstrong • Green Day)	3:25
	08	**She's A Rebel** (Armstrong • Green Day)	2:00
	09	**Extraordinary Girl** (Armstrong • Green Day)	3:33
	10	**Letterbomb** (Armstrong • Green Day)	4:06
▶	11	**Wake Me Up When September Ends** (Armstrong • Green Day)	4:45
	12	**Homecoming** (Armstrong • Green Day)	9:18

Common | Be (2005)

Selo | GOOD/Geffen
Produção | Kanye West • J. Dilla
Projeto gráfico | Gravillis Inc
Nacionalidade | EUA
Duração | 42:43

O psicodelismo não ajudou nem um pouco o rapper Common. O eclético *Electric Circus* deixou seus fãs perplexos e o final do relacionamento com Erykah Badu só piorou sua imagem.

Foi então que surgiu um Midas moderno para salvá-lo – Kanye West. Juntos, elaboraram o sucessor espiritual de *The Miseducation Of Layrin Hill*, de 1998: uma bela confluência entre o hip-hop e o soul clássico. Chegou ao segundo lugar nos Estados Unidos e fez com que Common deixasse de ser um artista de gueto na Inglaterra.

Esvaziado das metáforas habituais de Common, as letras de *Be* são cândidas e imaginativas ao mesmo tempo. No single "The Corner" – que conta com a participação dos pioneiros do rap, The Last Poets –, ele fala sobre as ruas de Chicago sem sentimentalismo barato nem glorificação das armas. E em "Real People" cospe versos que poderiam muito bem ser de Chuck D., do Public Enemy, não fosse pelo acompanhamento alegre. Há poucos e seletos convidados, com aparições discretas do cantor e compositor John Mayer, do artista de neo-soul Bilal e do trovador de R&B John Legend. Contudo, em uma faixa clássica no estilo old-school, Common e Kanye saem detonando em "The Food" o show do humorista Dave Chappelle (fonte da frase "Rick James, bitch", citada em "Chi-City").

O falecido produtor J. Dilla comanda as faixas mais doces: "Love is...", ainda mais bela que a música de Marvin Gaye ("God is Love"), de onde foram retirados os seus samples, e "It's Your World", que, como no disco de Lauryn Hill, fala sobre sonhos de crianças ("Quero ser um astronauta! Quero ser um pato!") sem se tornar enjoativo. *Be* é simplesmente sublime. **BM**

"É o Marvin Gaye do rap contemporâneo."

Kanye West, 2005

Lista de músicas

01	**Be (Intro)**	(Frazier • Lynn • West)	2:24
02	**The Corner**	(Hassan • Lynn • Moore • Oyewole • West)	3:45
03	**Go!**	(Frazier • Lynn • West)	3:44
04	**Faithful**	(Lynn • Rogers • West)	3:33
05	**Testify**	(Bond • Johnson • Lynn • Perry • West)	2:36
06	**Love Is...**	(Dilla • Gaye • Gaye • Lynn • Nyx • Stover)	4:10
07	**Chi-City**	(Common • Lynn • West)	4:29
08	**The Food**	(Cooke • Lynn • McKenney • Record • West)	3:36
09	**Real People**	(Frazier • Lynn • West)	2:48
10	**They Say**	(Bell • Epstein • Legend • Lynn • West)	3:57
11	**It's Your World, Pt. 1 & 2**	(Curington • Dilla • Lestor • Lynn • Lynn Poyser • James • Riggins)	8:33

Richard Hawley | Coles Corner (2005)

Selo | Mute
Produção | R. Hawley • C. Elliot • M. Timm
Projeto gráfico | N. Phillips • G. James
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 46:06

Richard Hawley foi integrante do The Longpigs e do Pulp muito antes de partir em carreira solo. Seu terceiro álbum, *Lowedges*, cujo título vem de uma região de sua cidade natal, Sheffield, é uma obra-prima sóbria, um pop habilmente construído, e gerou as fundações para *Coles Corner*, também nomeado por conta de um local marcante de Sheffield, onde casais enamorados se encontravam nos fins de semana durante os anos 60 e 70. Muito adequadamente, o álbum tem raízes profundas no passado, tendo Hank Marvin como principal influência. A bela voz de barítono de Hawley envolve o ouvinte como um abraço caloroso, pronto para protegê-lo dos sons estressantes cuspidos pelos celulares dos adolescentes.

"The Ocean" flui, reflui e cresce com bons arranjos de cordas ressaltando uma narrativa sutil de uma relação em andamento. "Just Like The Rain", com seu estilo country, é uma ode melancólica ao amor perdido proveniente de um homem que atravessou águas turvas em assuntos amorosos – filosofia de barzinho, no que isso tem de melhor.

O ponto alto do disco, "(Wading Through) The Waters Of My Time", é uma faixa exuberante de country soul – Johnny Cash tocando ao vivo em um bar no Norte da Inglaterra. Como muitas das 11 faixas, a música é um original de Hawley, de 2005, mas possui todo o sentimento de algo bem conhecido que caracteriza um clássico. *Coles Corner* foi indicado para o Mercury de 2006 e muitos fãs apostaram que ele levaria o prêmio. Quando os mestres compositores do Arctic Monkeys ganharam inesperadamente com seu disco de estréia, eles ecoaram o pensamento de muitas pessoas quando aceitaram o prêmio e disseram: "Alguém ligue para a polícia, assaltaram Richard Hawley." **JB**

"Não seja um babaca."

Richard Hawley, 2006

Lista de músicas

▶	01	**Coles Corner** (Hawley)	4:49
	02	**Just Like The Rain** (Hawley)	3:17
	03	**Hotel Room** (Hawley)	1:42
	04	**Darlin' Wait For Me** (Hawley • Sheridan)	3:53
	05	**The Ocean** (Hawley)	5:36
	06	**Born Under A Bad Sign** (Hawley)	3:41
	07	**I Sleep Alone** (Hawley)	3:44
	08	**Tonight** (Hawley)	4:32
▶	09	**(Wading Through) The Waters Of My Time** (Hawley)	3:48
	10	**Who's Gonna Shoe Your Pretty Little Feet?** (Hawley)	4:08
	11	**Last Orders** (Trad., Arr. Hawley)	4:59

Antony and the Johnsons | I Am A Bird Now (2005)

Selo | Secretly Canadian
Produção | Antony Hegarty
Projeto gráfico | Peter Hujar
Nacionalidade | EUA/Grã-Bretanha
Duração | 35:25

"Espero que haja alguém para tomar conta de mim quando eu morrer." Um dos versos de abertura mais impressionantes da música moderna – interpretado com uma voz notável que tem algo de Nina Simone e Bryan Ferry – deixa claro as regras dos próximos 30 minutos: saia agora se você estiver esperando algo que agrade já na primeira audição. O segundo álbum da banda liderada por Antony Hegarty, nascido em Londres e morador de Nova York, é frágil a ponto de quase se desintegrar: uma experiência angustiante, mas, ainda assim, inesquecível. "Majestoso ao confrontar os medos de qualquer mortal", disse o *The Guardian*.

Na capa, com um olhar congelado, vemos Candy Darling, um transexual que teve um breve período de fama por participar de filmes de Andy Warhol. Essa linhagem descendente do Velvet Underground continua com uma pungente participação de Lou Reed (ao lado de Boy George, Devendra Banhart e Rufus Wainwright) em "Fistfull Of Love". Significativamente, a capa enfatiza uma das preocupações recorrentes de Antony: a identidade sexual. "Um dia vou crescer e descobrir um útero dentro de mim", ele canta, imaginando a vida como uma mulher, em "For Today I Am A Bouy".

Não é uma receita-padrão para um grande sucesso de massas, mas foi exatamente isso que o disco se tornou, atingindo o Top 5 na Inglaterra após ganhar o Mercury Music Prize de 2005. Esse triunfo surpreendente ficou entre outros dois ganhadores – Franz Ferdinand (2004) e Arctic Monkeys (2006) –, cujas guitarras de sonoridade indie talvez sejam um reflexo mais nítido da cena musical inglesa nesses anos. Contudo, o feito inesperado de *I Am A Bird Now* era sinal de que, pelo menos durante algum tempo, havia espaço para algo decididamente – e desafiadoramente – diferente. **CB**

"Para mim, cantar sempre foi uma oportunidade de deixar voar a fantasia, de sonhar."

Antony Hegarty, 2005

Lista de músicas

▶	01	**Hope There's Someone** (Hegarty)	4:21
	02	**My Lady Story** (Hegarty)	3:13
▶	03	**For Today I Am A Bouy** (Hegarty)	2:36
	04	**Man Is The Baby** (Hegarty)	4:09
	05	**You Are My Sister** (Hegarty)	3:59
	06	**What Can I Do?** (Hegarty)	1:40
▶	07	**Fistful Of Love** (Hegarty)	5:52
	08	**Spiralling** (Hegarty)	4:25
	09	**Free At Last** (Hegarty)	1:36
	10	**Bird Guhl** (Hegarty)	3:14

Come on Feel the Illinoise | Sufjan Stevens (2005)

Selo | Asthmatic Kitty
Produção | Sufjan Stevens
Projeto gráfico | Divya Srinivasan
Nacionalidade | EUA
Duração | 74:13

Este é o quinto disco de Sufjan Stevens e o segundo em seu estonteante panorama musical dos 50 estados da América do Norte, que começou com seu estado natal, Michigan. É uma obra de escopo tão grandioso que foi preciso lutar para fazer com que tudo coubesse em um único CD. Na verdade, havia tanto material que pouco depois foi lançado *The Avalanche*, um álbum só com os takes suprimidos e versões alternativas.

As 22 faixas aqui incluídas são uma visão geral charmosa das pessoas, lugares e história do estado de Illinois, e as fábulas de Stevens sobre um cotidiano muitas vezes sombrio lembram as canções narradas de Harry Smith. A delicada "Casimir Pulaski Day" fala sobre momentos fugidios com uma garota amada e que está morrendo de leucemia. A elegíaca "John Wayne Gacy, Jr.", uma ode ao assassino em série nascido em Chicago, está centrada na infância do assassino e é assustadora.

A maioria do disco, contudo, é alegremente melódico e possui arranjos suntuosos. Cordas, corais, um órgão Wurlitzer, um flugelhorn e sininhos podem ser ouvidos no mix final, boa parte deles tocada pelo próprio Sufjan. Suas influências vão do folk a Rodgers & Hammerstein, do minimalismo ao rock alternativo e além. Se tudo isso lhe soa como impossível de ouvir, não tema – a pegada sutil de Steven faz com que cada música seja tão cativante e alegre quanto o tema do seriado *Família Walton*.

Quando foi lançado, Illinois recebeu a aclamação da crítica, algo certamente merecido. Compor, produzir e tocar um disco conceitual de 22 faixas não é para qualquer um. **JB**

Lista de músicas

01	**Concerning the UFO Sighting...** (Stevens)	2:09
02	**The Black Hawk War** (Stevens)	2:14
03	**Come On! Feel the Illinoise!** (Stevens)	6:45
▶ 04	**John Wayne Gacy, Jr.** (Stevens)	3:19
05	**Jacksonville!** (Stevens)	5:24
06	**A Short Reprise for Mary Todd...** (Stevens)	0:47
▶ 07	**Decatur...** (Stevens)	3:03
08	**One Last 'Whoo-Hoo!'...** (Stevens)	0:06
▶ 09	**Chicago** (Stevens)	6:04
▶ 10	**Casimir Pulaski Day** (Stevens)	5:54
11	**To the Workers...** (Stevens)	1:40
12	**The Man of Metropolis...** (Stevens)	6:17
13	**Prairie Fire That Wanders About** (Stevens)	2:11
14	**A Conjunction of Drones...** (Stevens)	0:19
15	**The Predatory Wasp...** (Stevens)	5:23
16	**They Are Night Zombies!!** (Stevens)	5:09
17	**Let's Hear That String Part Again...** (Stevens)	0:40
18	**In This Temple as in the Hearts...** (Stevens)	0:35
19	**The Seer's Tower** (Stevens)	3:54
20	**The Tallest Man...** (Stevens)	7:03
21	**Riffs and Variations...** (Stevens)	0:46
22	**Out of Egypt...** (Stevens)	4:21

Ali Farka Touré | Savane (2006)

Selo | World Circuit
Produção | Nick Gold
Projeto gráfico | Julian House
Nacionalidade | Mali
Duração | 58:37

Tendo levado dois anos e meio para ser criada, esta obra-prima vinda de Mali foi terminada poucas semanas antes da morte do artista, após uma longa batalha contra um câncer nos ossos. Atualmente tido como o melhor álbum de um rico catálogo, *Savane* ajudou a obter reconhecimento mundial para o filho pródigo de Mali – em seu país de origem, recebeu postumamente a maior honraria do país, Commandeur de L'Ordre National du Mali, e um funeral oficial. Uma grande despedida para um artista que acreditava que ser fazendeiro era a sua principal função na vida.

Com o ngoni (um alaúde tradicional africano e provável precursor do banjo) colocado à frente de instrumentos tradicionais de percussão, o som é definitivamente baseado no folk de Mali, mas o acréscimo eventual de guitarra, gaita e rabeca também lembra o blues original de Son House e Robert Johnson. Misturar as duas tradições inter-relacionadas é a chave do som único deste disco.

Há também influências sutis de country, reggae e até mesmo flamenco no mix, no centro do qual se encontra a voz profunda e rica de Touré, cantando em francês e em diversos dialetos regionais. "Savane" é uma ode às savanas atingidas pela seca em seu país, cantando a jornada de um homem que trocou a savana pela Europa urbana e que ansiava por seu regresso.

Numa época em que as paradas de sucessos estão preenchidas por artistas cujo principal problema é o estresse de ter que lidar com suas vidas de superestrelas, não é preciso pensar muito para entender por que esta celebração sincera da música e das raízes reluz de forma tão brilhante. **JB**

"Sei que este é o meu melhor disco.""

Ali Farka Touré, 2006

Lista de músicas

01	**Erdi** (Touré)	4:42
02	**Yer Bounda Fara** (Touré)	4:18
03	**Beto** (Touré)	4:49
04	**Savane** (Touré)	7:43
05	**Soya** (Touré)	4:38
06	**Penda Yoro** (Touré)	5:25
07	**Machengoidi** (Touré)	3:35
08	**Ledi Coumbe** (Touré)	4:16
09	**Hanana** (Touré)	2:34
10	**Soko Yhinka** (Touré)	5:05
11	**Gambari Didi** (Touré)	3:49
12	**Banga** (Touré)	3:48
13	**N'Jarou** (Touré)	4:55

Muse | Black Holes & Revelations (2006)

Selo | Helium 3
Produção | Rich Costey
Projeto gráfico | Storm Thorgerson
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 45:28

O Muse se deleita com o ridículo. Eles espalham conceitos e conspirações com uma convicção cheia de estilo sem igual desde os tempos do Arquivo X. Em seu quarto álbum, contudo, o guitarrista e cantor Matt Bellamy, o baterista Dominic Howard e o baixista Chris Wolstenholme temperam sua costumeira histeria com lindas canções.

Anteriormente unidos ao Radiohead por um cordão umbilical sonoro (é inevitável ouvir um pouco de Thom Yorkish nos vocais de Bellamy), o Muse pegou todos os clichês disponíveis do rock pomposo e brincou com as diferentes combinações. Daí saíram as tolices de ficção científica exumadas de 2112 do pioneiro do rock progressivo, Rush ("Knights Of Cydonia"), o robo-funk inspirado por Prince e pelos punks dançantes belgas do Millionaire ("Supermassive Black Hole") e músicas impressionantes, prontas para serem acompanhadas por milhões em grandes shows ("Starlight").

Entre elas há momentos de beleza mais plácida, como "Soldier's Poem" e a lentamente crescente "Invincible". Todas se encaixam de forma vaga em uma temática pós 11/09, vigorosamente questionada em fóruns de fãs na internet, de indivíduo contra governo, com excursões ocasionais ao espaço sideral. "Eu já deixei para trás a falta de autoconfiança que atrapalha os primeiros anos", declarou Bellamy à Kerrang!, "mas acho que estou muito menos feliz com o que está acontecendo ao nosso redor."

De forma muito adequada para um álbum aparentemente feito sob medida de e para adolescentes, *Black Holes...* tornou-se o disco mais baixado pela internet quando lançado. Os que ouviram pela rede deixaram de apreciar um pacote complementado pelo designer do Pink Floyd, Storm Thorgerson, cuja foto da capa evoca as eminências pardas do apocalipse, condenado em músicas como "Assassin". Mas você não precisa se ligar no conceito para saborear os sons. Liberte seu adolescente interior e aproveite o rock. **BM**

"Olá, Leicestoooor!"

Matt Bellamy, 2001

Lista de músicas

01	**Take A Bow**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	4:35
▶ 02	**Starlight**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	3:59
▶ 03	**Supermassive Black Hole**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	3:29
04	**Map Of The Problematique**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	4:18
05	**Soldier's Poem**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	2:03
06	**Invincible**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	5:00
07	**Assassin**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	3:31
08	**Exo-Politics**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	3:53
09	**City Of Delusion**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	4:48
10	**Hoodoo**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	3:43
▶ 11	**Knights Of Cydonia**	(Bellamy • Howard • Wolstenholme)	6:06

Arctic Monkeys | Whatever People Say I Am, That's What I'm Not (2006)

Selo | Domino Recordings
Produção | Jim Abbiss • Alan Smyth
Projeto gráfico | Alexandra Wolkowitz
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 55:41

Subindo em direção ao topo das paradas em uma onda de pura atitude e autoconfiança, o Arctic Monkeys criou o maior impacto na música inglesa desde que o Oasis chegou ao primeiro lugar uma década antes.

Tendo nascido e crescido em Sheffield, a banda fez referências a marcos de sua cidade natal nos mais amplos sotaques locais ouvidos no rádio durante décadas. Usando como base seus fiéis fãs locais, o Monkeys criou uma onda de apoio on-line usando o MySpace, oferecendo conteúdo gratuito para as massas via web e se aproveitando do imenso poder promocional do site pela primeira vez. O resultado foi o sucesso "I Bet You Look Good On The Dancefloor", primeiro lugar nas paradas. A letra bem-humorada e zombeteira soava tão confiante que alguns acreditavam que havia uma mão maior por trás de tudo – o KLF, mestre em brincadeiras, foi mencionado.

Whatever People Say I Am... (o título é uma referência a um diálogo do antológico filme dos anos 60, *O Mundo Maravilhoso de Billy Liar*) entrou direto para o primeiro lugar, transformou-se no álbum de estréia com as vendas mais rápidas na Inglaterra de todos os tempos e ganhou o Mercury Prize. Impulsionado pelos mesmos sólidos refrões adolescentes que haviam transformado os Undertones em uma pequena lenda 30 anos antes, a música deste trabalho está firmemente ancorada no cotidiano. Em "Perhaps Vampires is a Bit Strong But...", o grupo faz uma boa crítica à cena de celebridades do rock impulsionada pelos tablóides ingleses: "Não tenho cifrões em meus olhos; pode ser surpreendente, mas é verdade." Enquanto muitas estrelas do rock podem ser mais facilmente encontradas se divertindo em festas do meio artístico do que tocando uma guitarra, o que poderia ser mais rock 'n' roll que esta letra? **JB**

Lista de músicas

01	The View From The Afternoon (All)	3:56
02	I Bet You Look Good On The Dancefloor (All)	2:53
03	Fake Tales Of San Francisco (All)	2:47
04	Dancing Shoes (All)	2:21
05	You Probably Couldn't See For The Lights But You Were Staring Straight At Me (All)	2:10
06	Still Take You Home (All)	2:53
07	Riot Van (All)	2:14
08	Red Light Indicates Doors Are Secured (All)	2:23
09	Mardy Bum (All)	2:56
10	Perhaps Vampires Is A Bit Strong But ... (All)	4:28
11	When The Sun Goes Down (All)	3:20
12	From The Ritz To The Rubble (All)	3:13
13	A Certain Romance (All)	5:31

Amy Winehouse
Back to Black (2006)

Selo | Island
Produção | Mark Ronson • Salaam Remi
Projeto gráfico | Alex Hutchinson
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 34:55

Um camaleão do jazz, Amy Winehouse desceu ao quinto dos infernos via Motown e grupos vocais femininos dos anos 60 para produzir seu segundo álbum, *Back to Black*, ganhador do Grammy. Graças a esse esforço, criou uma brilhante obra-prima, importante não apenas em seu próprio tempo, mas também como uma matriz do que é o soul para as próximas gerações.

Mesmo sendo uma obra-prima, *Back to Black* não é das coisas mais fáceis de se ouvir, e a produção compartilhada por Mark Ronson e Salaam Remi (responsáveis pelos acertos e mexidas em *Frank*, o disco de estréia) não dilui em nada os defeitos muito humanos de Amy. A faixa de trabalho "Rehab", envolvente, um tributo a Phil Spector, se retorce e bate seus pezinhos metálicos em cada "No, no, no". Desafiadora, recheada de sopros, "I'm No Good" desliza provocantemente pelos ouvidos até dar uma guinada e se transformar em um soul crepuscular. "Me & Mr. Jones" cospe e uiva ante a "sacanagem" que a antagonista enfrenta, e a faixa é dominada pelo som de batidas que simulam a aceleração dos batimentos cardíacos de Amy ao vislumbrar seu amor perdido de caso novo. La Winehouse claramente não é fácil de se derrubar como uma estrelinha pop qualquer.

Quando os metais saem de cena, é aí que o disco se torna verdadeiramente belo. Lamentos tocantes como "Love Is a Losing Game" e "Wake Up Alone", com sua delicada produção e doçura vacilante, são tão inovadores quanto despojados.

A capa de *Back to Black* mostra a nossa rainha, de frente, entronizada em um banquinho. Não há disfarces nem esconderijos. Esta é a Amy de verdade. E a Amy de verdade é, para a música, a salvadora do soul. **KB**

Lupe Fiasco
Food & Liquor (2006)

Selo | Atlantic
Produção | Vários
Projeto gráfico | NoPattern
Nacionalidade | EUA
Duração | 72:16

Álbuns de hip-hop absolutamente enxutos são difíceis de se encontrar. *Food & Liquor*, indicado para um Grammy, não é exceção, com sua introdução e faixa de encerramento dispensáveis. Entre elas, contudo, há 57 minutos de divertimento e fantasia.

Apesar de idolatrar Nas, os veteranos do rap, o estilo de Lupe Fiasco é mais animado e mais próximo ao do bem-sucedido Kanye West. Lupe participou do remix de Kanye para "Jesus Walks" antes de dividir o centro das atenções em "Touch The Sky". Tendo vazado duas vezes durante a produção, *Food & Liquor* poderia ter sido um anticlímax. Em vez disso surgiu triunfante, com suas cores musicais tão efervescentes quanto o brilho na imagem da capa.

Os samples vão desde "Daydream In Blue", do I Monster, a "Behind The Walls", dos roqueiros do UFO. Nuances adicionais são acrescentadas por produtores como Kanye e ainda Mike Shinoda (do Linkin Park), e colaborações que vão de Jill Scott, sensação do nu soul, a Jay-Z. Há uma inevitável participação do onipresente Pharell Williams, do Neptunes, em "I Gotcha".

"O título reflete o fato de eu ser um muçulmano e ter crescido nas ruas", disse Lupe. "A 'comida' (*food*) é a parte boa e o 'álcool' (*liquor*) é a parte ruim."

Os pontos altos incluem a irresistível "Kick, Push", a roqueira "Real", a vertiginosa "Daydreamin" e a estranha porém bela "The Cool". A última passou a ser o título provisório para o segundo disco de Lupe, no qual ele esperava contar com a participação dos membros do Pink Floyd. Tendo a qualidade e o ecletismo ao seu lado, Fiasco não deverá falhar. **BM**

Ghostface Killah
Fishscale (2006)

Selo | Def Jam
Produção | Vários
Projeto gráfico | Ghostface • Alli • West
Nacionalidade | EUA
Duração | 61:48

A estrela do Wu Tang Clan já não brilhava tão forte depois de quatro ou cinco álbuns seminais lançados após a devastadora estréia com Enter The 36 Chambers..., mas o repertório de Ghostface Killah continua sendo um dos mais interessantes em meio ao dilúvio de lançamentos de Shaolin. O contador de histórias e metralhadora de gírias de Staten Island sempre teve mais apelo nas ruas do que o cerebral Master Killa, assim como um lado experimental bem mais forte do que os raps rasteiros de Method Man, mas com Fishscale ele finalmente produziu um álbum suficientemente coeso para se igualar às vendas impressionantes de Method.

É verdade que algumas de suas rimas no estilo "fluxo livre de consciência" são difíceis de compreender, mas Ghost sempre consegue reter o ouvinte com seu olhar agudo para detalhes. Em "Whip You With A Strap", o rapper se lembra de quando tinha cinco anos. Ghost se encontra com "Beauty Jackson" e descreve com primor seus atrativos: "Quando ela falava, sua fumaça flutuava ao sair de sua garganta e soletrava 'querido' quando soprada no ar."

A paixão de Ghost pelo soul clássico dos anos 60 brilha em meio às batidas que ele escolheu para seus raps, com Pete Rock e J. Dilla (R.I.P.) ao lado do herói do subterrâneo M. F. Doom, que comparece com trechos selecionados de sua série instrumental *Special Herbs*. A soma de tudo isso é um disco que mistura as batidas clássicas de outrora com o hip-hop experimental contemporâneo, criando música que ainda será interessante de se ouvir dentro de 10 anos, uma afirmação difícil de ser feita em relação aos álbuns de hip-hop da década passada. **JB**

Christina Aguilera
Back To Basics (2006)

Selo | RCA
Produção | Vários
Projeto gráfico | SMOG Design, Inc.
Nacionalidade | EUA
Duração | 78:57

"Divertido" e "funkeado" são termos pouco usados quando artistas redescobrem suas raízes ou reconhecem suas influências. Com um desdém pelas convenções que faz com que pareça a herdeira natural de Madonna, Christina gravou um álbum ambicioso que é ambas as coisas ao mesmo tempo.

Stripped, de 2002, juntava sexualidade afiada com lamentos emotivos. *Back To Basics* remete aos dois extremos de seu predecessor: em "Still Dirty", declara "continuo indecente por dentro", e a impressionante "Hurt" é uma sucessora natural de "Beautiful". Entretanto, enquanto *Stripped* dinamitava as barreiras do pop descartável, este disco está cheio de prazeres ainda menos previsíveis.

A primeira metade é dominada pelo DJ Premier, do Gang Starr. As batidas de hip-hop se misturam às melodias jazzísticas, tornando perdoável até mesmo "Thank You", uma mixagem de mensagens de voz dos fãs para seu ídolo. A faixa conta com uma participação de Stevie Winwood e a voz notável de Christina paira sobre a música. Continuando a trajetória de sua espeta-cular versão de "Carwash", Christina está em grande forma, sobretudo na irresistível "Ain't No Other Man". Em um plano superior em relação às suas colegas, as letras de Christina falam sobre redenção ("Hurt"), pecado ("Mercy On Me") e traição ("F.U.S.S."). A segunda metade do álbum, primorosamente eclética, faz uso das vozes que Christina gostava de imitar quando criança – de Billie Holiday a Ella Fitzgerald.

Com uma arte que é ao mesmo tempo clássica e explícita, *Back To Basics* é uma experiência a ser saboreada. É fácil entender por que Christina lamentou o fato de que o download de músicas esteja rapidamente tornando obras assim obsoletas. Se existe alguém capaz de evitar que isso aconteça, é ela. **BM**

Joanna Newsom | Ys (2006)

Selo | Drag City Inc
Produção | Joanna Newsom • Van Dyke Parks
Projeto gráfico | Benjamin A. Vierling • Richard Good
Nacionalidade | EUA
Duração | 55:41

Joanna Newsom, harpista, pianista, cantora e compositora da Califórnia, chamou atenção pela primeira vez quando foi incluída na coletânea *Golden Apples Of The Sun*, feita por Devendra Banhart, principal esquisitona da new wave do folk americano, no início de 2004. A cena – dominada por artistas e bandas como Espers, Vetiver, a própria Banhart – foi devidamente badalada pela imprensa musical; os artistas envolvidos continuaram tranqüilamente lançando músicas primorosas.

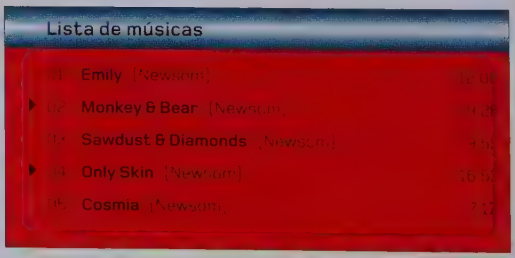
O álbum de estréia de Joanna, *The Milk-Eyed Mender*, foi recebido calorosamente, mas nada poderia tê-la preparado para as arrebatadoras resenhas recebidas por *Ys*. Sua virtuosidade na harpa é contrabalançada por arranjos elaborados e sensíveis de Van Dyke Parks – uma força por trás de alguns dos melhores trabalhos do Beach Boys –, cujas cordas agem como contraponto para os vocais.

Ao longo das cinco faixas deste disco, Newsom soa como uma Kate Bush medieval cantando músicas de Hans Christian Andersen. A coluna "In Praise of..." – lugar onde o rock raramente dá as caras –, do jornal inglês Guardian, chamou atenção, sobretudo, para suas letras: "Ela se diverte com as palavras [...] Quando ela canta suas próprias palavras em sua própria música, coisas extraordinárias acontecem." E que palavras ela canta. Em *Ys* temos a introdução no rock de palavras como "inchoate" (incipiente) e "spelunking" (espeleologia) – com aplausos adicionais pela inclusão de "hidrocefalítico".

O ouvinte mais exigente pode desdenhar este disco, dizendo que está no limite da autoparódia, mas aqueles dentre nós que ficam felizes em deixar os preconceitos de lado e mergulhar no reino mágico de Joanna serão ricamente recompensados com uma experiência verdadeiramente única. **JB**

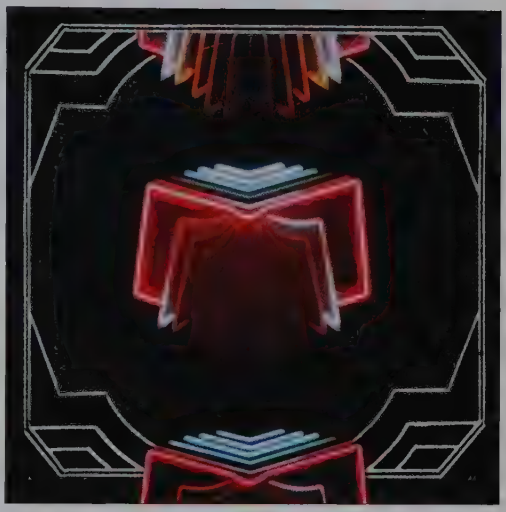
"O objetivo (...) era que a harpa e os vocais soassem como se estivessem se desdobrando sem perceber a presença da orquestra (...), como se ela estivesse flutuando sobre uma cintilação alucinatória (...)."

Joanna Newsom, 2006



Arcade Fire | Neon Bible (2007)

Selo | Sonovox
Produção | Arcade Fire
Projeto gráfico | Tracy Maurice
Nacionalidade | Canadá • EUA
Duração | 46:59



No cenário da música atual – onde marketing, fofocas sobre celebridades e publicidade de grandes marcas sobrecarregam as páginas da imprensa especializada – não é surpresa que os ouvintes ávidos por música com conteúdo estejam procurando algo além do círculo convencional de novas bandas quentes com seus remixes dançantes e vocalistas que também trabalham como modelos. O Canadá pode não ser o primeiro lugar onde procuram, mas a música do Arcade Fire é cheia de significado e de simbolismo.

Felizmente para os seus fãs, contudo, eles não se esqueceram de que a prioridade de uma banda de rock é fazer rock, e a filosofia de botequim de *Neon Bible* está extremamente ligada a músicas tocadas com atitude e acompanhadas com paixão pela platéia. Não sendo nunca previsível, Neon Bible tem cordas, metais, uma harpa e um coral gospel ao longo de 11 músicas que certamente irão lotar estádios nos próximos anos. O riff mais pesado aqui é tocado num órgão de igreja e não numa guitarra Fender ("Intervention").

O álbum de estréia, Funeral, recebeu aplausos do U2 – que ofereceu à banda o show de abertura – e de David Bowie, que se uniu a eles no palco para tocar. Obviamente, Bono e Bowie irão adorar *Neon Bible*, que pode muito bem ser o melhor "segundo disco" da década.

Na faixa-título, o Arcade Fire induz o ouvinte a "tomar o veneno da sua idade", como líderes de uma seita oferecendo um último refúgio contra as massas alienadas. Se a música "marqueteira" sem conteúdo é o veneno, este álbum é o antídoto. **JB**

"Não conseguiríamos fazer um *Funeral 2*, mesmo que quiséssemos (...). Não é assim que a música funciona para nós."

Win Butler, 2006

Lista de músicas

01	**Black Mirror**	(Arcade Fire)	4:13
02	**Keep The Car Running**	(Arcade Fire)	3:29
03	**Neon Bible**	(Arcade Fire)	2:16
04	**Intervention**	(Arcade Fire)	4:19
05	**Black Wave / Bad Vibrations**	(Arcade Fire)	3:57
06	**Ocean Of Noise**	(Arcade Fire)	4:53
07	**The Well And The Lighthouse**	(Arcade Fire)	3:56
08	**(Antichrist Television Blues)**	(Arcade Fire)	5:10
09	**Windowsill**	(Arcade Fire)	4:16
10	**No Cars Go**	(Arcade Fire)	5:43
11	**My Body Is A Cage**	(Arcade Fire)	4:47

The Good, The Bad & The Queen

The Good, The Bad & The Queen (2007)

Selo | Parlophone
Produção | Danger Mouse
Projeto gráfico | Will Bankhead • T. Sotter Boys
Nacionalidade | Inglaterra • Nigéria
Duração | 47:00

Alguém precisa ter uma conversinha com Damon Albarn. A voz do Blur – e o mal-encarado alterego 2D do Gorillaz – criou a mais brilhante trilha sonora da vida londrina em 2007 com sua outra nova banda de integrantes não muito "joviais" (Paul Simonon, baixista do Clash, Simon Tong, do Verve, e o baterista do Afrobeat, Tony Allen) e ainda assim não abriu um sorriso. Ainda assim, mais uma vez Damon tem nossa total simpatia. Os tempos estão mudando novamente. As garotas e rapazes (da música "Girls & Boys") que se divertiam em Parklife, do Blur, são hoje "pessoas confusas" trabalhando duro nesta "pequena ilha hostil" ("Three Changes"). Sinomon e Tong carregam nas guitarras estilo "spaghetti-western" e o sussurro pessimista de Damon expressa o tédio de seus "lares solitários" e de uma existência estéril ("Green Fields").

O gênio de aluguel Danger Mouse ajuda a construir esse mundo de claustrofobia vertiginosa com sua produção sofisticada, criando um carrossel de melancolia no encerramento do álbum, cujo turbilhão de som em tom premente deixa os ouvidos sedentos por mais.

Essa urgência é refletida na capa, onde uma multidão parece estar incerta entre ficar perplexa diante da cidade em chamas ou fugir – acompanhar as mudanças ou fugir delas ("Northern Whale") –, e assegura que este álbum, de sonoridade por vezes estranha, permanece humano acima de tudo. Enfim, mesmo que as ruas de Londres estejam cobertas de jornais grátis e não de ouro, são ainda mais preciosas por terem inspirado uma jóia como esta. **KBo**

"...uma misteriosa obra sobre Londres."

Damon Albarn, 2007

Lista de músicas

01	History Song	(All)	3:05
02	80's Life	(All)	3:28
03	Northern Whale	(All)	3:54
04	Kingdom Of Doom	(All)	2:42
05	Herculean	(All)	3:59
06	Behind The Sun	(All)	2:38
07	The Bunting Song	(All)	3:47
08	Nature Springs	(All)	3:10
09	A Soldier's Tale	(All)	2:30
10	Three Changes	(All)	4:15
11	Green Fields	(All)	2:26
12	The Good, The Bad & The Queen	(All)	7:00

LCD Soundsystem
Sound of Silver (2007)

Selo | DFA Records
Produção | The DFA
Projeto gráfico | Michael Vadino
Nacionalidade | EUA
Duração | 56:00

No resplandecente álbum de estréia do grupo, em 2005, os modestos messias da dance music do LCD Soundsystem afirmaram que tinham "quebrado as barreiras" para "olhar melhor para as pessoas de talento". Mas eles se redimiram no álbum seguinte, *Sound Of Silver*, que se tornou o epicentro da música eletrônica.

Antes disso, o LCD selecionara apenas os melhores entre os elementos marcantes dos anos 80 – a produção do Talking Heads, os sintetizadores, algumas coisas do sensível Brian Eno – e juntou tudo para formar um caldeirão de imprevisíveis sistros, arranjos eletrônicos, pop-chiclete e uma densa consciência política, melhor representado pelo magnífico single "North American Scum".

Mas *Sound OF Silver* não é apenas um single. É uma odisséia retorcida mais variada do que qualquer outro do gênero – equilibrada entre o hardcore e a tendência new-rave. De fato, o implacável estardalhaço de "Watch The Tapes" talvez seja a única faixa do álbum estritamente dance – se é que isso existe.

Por outro lado, "Time To Get Away" exercita os riffs de "Billie Jean" e se aventura pela batida de Bowie. "Get Innocuous!" aquece com o teclado, o chiado eletrônico e o extenso ataque do sintetizador. "Someone Great" pode ser a amelhor faixa do disco, aproximando-se ao new wave, aos teclados ao estido Human League e aos resistentes temas de amor e perda. A capa e o título são simplórios demais para o que eles são. Este é o som da música de ouro – e não da prata. **KB**

"Meus hits de três minutos valem muito mais do que alguns de 40."

James Murphy, 2007

Lista de músicas

▶	01	**Get Innocuous!** (Murphy Pope)	7.11
	02	**Time To Get Away** (Murphy Pope Mahoney)	4.11
▶	03	**North American Scum** (Murphy)	5.25
▶	04	**Someone Great** (Murphy)	6.25
	05	**All My Friends** (Murphy Mahoney Pope)	7.37
	06	**Us v Them** (Murphy Mahoney Pope)	8.29
▶	07	**Watch The Tapes** (Murphy)	9.55
	08	**Sound Of Silver** (Murphy)	7.07
▶	09	**New York, I Love You But You're Bringing Me Down** (Murphy Mahoney Pope)	5.35

Radiohead | In Rainbows (2007)

Selo | Independente
Produção | Nigel Godrich
Projeto gráfico | Stanley Donwood
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 42:34

Com freqüência, o Radiohead é retratado como um grupo de miseráveis mensageiros do mundo indie, fazendo pregações sobre "as questões" e recusando-se a deixar de lado esse rabugento filão. Mas depois de distribuir gratuitamente *In Rainbows*, seu sétimo álbum gravado em estúdio – ou por qualquer preço que o ouvinte julgasse aceitável –, via internet, é bem difícil continuar a vê-los dessa forma. É ainda mais difícil rotulá-los depois de ouvir *In Rainbows*. Mais próximo do álbum *The Eraser*, de Thom York, que foi indicado ao Mercury, do que de qualquer outra coisa que já tivessem feito antes, *In Rainbows* é um farol sônico de esperança mostrando como podem ser excitantes os discos.

Coerentemente, portanto, a faixa de abertura, "15 Steps", ressoa animada nos nossos tímpanos, toda vigor numa levada drum and bass com riffs que lembram "Talk Show Host", a contribuição do grupo para *Romeu e Julieta*, de 1996. "Bodysnatcher" põe em prática o amor pelo rock descontraído, cresce, grita, até se transformar em um caldo pesado. "Faust Arp" é a beleza materializada por uma guitarra à moda de Cat Stevens, violinos e harmonias que matariam de vergonha a mais esforçada banda de garotos bonitinhos. Em outras faixas, o Radiohead descarta sua misteriosa pele lírica do passado e mostra uma nova camada nas contemplações de "House of Cards" ("I Don't Want to Be Your Friend, I Just Want to Be Your Lover" – Não quero ser seu amigo. Quero apenas ser seu amante). Sugere que a banda está à vontade e feliz em mostrar suas cores verdadeiras – o que é apropriado para um álbum cuja capa e o título se referem a arco-íris *(rainbow,* em inglês), que representa, do ponto de vista bíblico, uma oferenda de paz.

Não importa se você baixou as faixas na internet gratuitamente ou se pagou uma nota. Fique certo de que *In Rainbows* é surpreendentemente bom de se ouvir, coisa que aliás não tem preço. **KB**

"É divertido fazer as pessoas pararem por alguns segundos para pensar qual é o valor da música."
Johnny Greenwood, 2007

Lista de músicas

▶	01	**15 Steps** (Radiohead)	3:57
	02	**Bodysnatchers** (Radiohead)	4:02
	03	**Nude** (Radiohead)	4:15
	04	**Weird Fishes/Arpeggi** (Radiohead)	5:18
	05	**All I Need** (Radiohead)	3:48
▶	06	**Faust Arp** (Radiohead)	2:09
	07	**Reckoner** (Radiohead)	4:50
▶	08	**House Of Cards** (Radiohead)	5:28
▶	09	**Jigsaw Falling Into Place** (Radiohead)	4:09
	10	**Videotape** (Radiohead)	4:39

M.I.A. | Kala (2007)

Selo | XL
Produção | Vários, incluindo Switch e Diplo
Projeto gráfico | M.I.A.
Nacionalidade | Sri Lanka
Duração | 47:40

Entre ídolos da música pop e guitarras indie, uma individualista pinta a cidade da música de vermelho. De vermelho, amarelo, púrpura, preto e verde – as cores berrantes da capa evocam perfeitamente o caos cultural das canções de *Kala*.

Com *Arular*, de 2005, Maya Arulpragasam teve a estréia fonográfica mais promissora desde o lançamento do primeiro álbum de Madonna. O hip-hop efervescente enriquecido pela batida electro encantou os fãs e astros como Trent Reznor e Timbaland. Na seqüência – que recebeu o nome de sua mãe –, M.I.A quis deixar seu quartel-general em Londres rumo à América. Mas teve seu visto negado – talvez as referências líricas à OLP tenham atrapalhado – e resolveu atravessar o globo, recrutando crianças de origem aborígine e um refugiado da Libéria. "Ponho no mapa gente que nunca viu um mapa", observou.

Elementos de "Roadrunner", de Jonathan Richman, de "Where Is My Mind", dos Pixies, de "Straight to Hell", do The Clash, se misturam aos filmes de Tamil e Hollywood em um inebriante coquetel.

Fora alguns momentos mais descontraídos, é possível dizer que *Kala* é mais sombrio que *Arular*. Compare por exemplo a atrevidinha "10 Dollar" do primeiro disco com a aterradora "20 Dollar" do segundo. "Todos nós vimos no YouTube Saddam Hussein sendo enforcado", disse ela para *The List*. "O que mais eu poderia acrescentar a isso? Queria falar com as pessoas comuns." Como resultado, há desde a pulsante "Bird Flu" a "Jimmy", que tem um quê de disco, até a sombria "Paper Planes" e a produção de Timbaland, "Come Around".

Como aconteceu com *Arular*, as vendas mal se equipararam ao entusiasmo da crítica (mesmo o velho e conservador Rolling Stone considerou *Kala* o melhor lançamento de 2007). M.I.A voltou a fazer um álbum atordoante, que não se parece com nada no mundo. **BM**

Lista de músicas

01	**Bamboo Banga**	(M.I.A. · Switch)	4:58
02	**Birdflu**	(M.I.A. · Switch)	3:25
03	**Boyz**	(M.I.A. · Switch)	3:27
04	**Jimmy**	(M.I.A. · Switch)	3:20
05	**Hussel**	(M.I.A. · Switch · Diplo)	4:25
06	**Mango Pickle Down River**	(M.I.A. · Dutton · King · Johnson · Ebsworth · Blair · Lewis · Adams · Wright · Jarrett)	3:54
07	**20 Dollar**	(M.I.A. · Switch)	4:34
08	**World Town**	(M.I.A. · Switch)	3:54
09	**The Turn**	(M.I.A. · Blaqstarr)	3:52
10	**XR2**	(M.I.A. · Diplo · Switch)	4:21
11	**Paper Planes**	(M.I.A. · Diplo)	3:25
12	**Come Around**	(Mosley · Cleyton · M.I.A.)	3:54

Justice | Cross (2007)

Selo | Ed Banger Records
Produção | Gaspard Augé e Xavier de Rosnay
Projeto gráfico | Sem crédito
Nacionalidade | França
Duração | 48:15

Enfie aquele capacete de robô até cobrir suas orelhas, Thomas Bangalter. Se Deus é um DJ, então ele não se manifesta mais através do Daft Punk. Hoje são os francesinhos-prodígio do Justice que disseminam sua doutrina disco.

"Rave-volucionário" Justice não chega a ser, mas Gaspard Augé e Xavier de Rosnay – apenas escolares em 1997, época do lançamento de *Homework*, dos Daft Punk, de quem obviamente descendem – são herdeiros dignos do trono do dance.

Equilibrando o gosto pelas levadas do heavy rock, pelas trilhas sonoras de filmes de terror e pelo incrivelmente kitsch, *Cross* é um poderoso soco. Um soco que marca uma estréia surpreendente, mesmo sem incluir a gloriosa "We Are Your Friends", de 2006, um sucesso nas pistas de dança, com participação de Simian na tropa.

Do ponto de vista musical, tem semelhanças com "We Are Your Friends", a faixa "D.A.N.C.E.", lançada como single, que é pura ambrosia para os ouvidos com seus refrões chiados e pulsação funk. "Tthhee Ppaarrttyy", com Uffie, colega do novo selo de Ed Banger – uma espécie de M. I. A. sem paixão –, transforma "Stay Fly" dos rappers do Three 6 Mafia em um tecido de fios electro, aquecendo as orelhas para a corrente furiosa de sintetizadores de "DVNO", que pulsa até atingir as alturas.

Mais distante dessas obras plenas de leveza está "Stress", que força os ouvidos a atravessarem um túnel de vento onde cordas elásticas de Beethoven gemem, batidas se convulsionam e gritos primais apunhalam, deixando a impressão de que uma revolução musical está acontecendo dentro de seus miolos.

É adequado, portanto, que um reluzente crucifixo em néon adorne a capa de *Cross*, sugerindo uma ressurreição do dance e um iminente renascimento musical. *Cross*? Daft Punk deve estar se mordendo. Afinal, eles são apenas humanos. **KB**

Lista de músicas

1	**Genesis** [Augé → Rosnay]	3:54
2	**Let There Be Light** [Augé → Rosnay]	3:55
3	**D.A.N.C.E.** [Augé → Rosnay]	4:02
4	**Newjack** [Augé → Rosnay]	3:36
5	**Phantom** [Augé → Rosnay]	4:22
6	**Phantom Pt. II** [Augé → Rosnay]	3:20
7	**Valentine** [Augé → Rosnay]	2:56
8	**Tthhee Ppaarrttyy** [Augé → Rosnay]	3:46
9	**DVNO** [featuring Mehdi Pinson] [Augé → Rosnay]	3:56
10	**Stress** [Augé → Rosnay]	4:58
11	**Waters of Nazareth** [Augé → Rosnay]	4:25
12	**One Minute To Midnight** [Augé → Rosnay]	3:40

The Klaxons | Myths of the Near Future (2007)

Selo | Polydor
Produção | James Ford
Projeto gráfico | Sem crédito
Nacionalidade | Grã-Bretanha
Duração | 53:35

União é uma coisa linda e, em 2007, quando indie era um sujeito que teimava em olhar apenas para os próprios pés e dance tinha virado um temperamental exibicionista, um trio londrino viu o potencial dos dois como parceiros e os apresentou. Não foram os primeiros a fazê-lo, mas desta vez os planetas musicais se alinharam. A banda era os Klaxons. Irreverentes e entediados com rótulos, geraram seu próprio gênero – new rave –, que se anunciava como um coquetel de guitarras nu-metal, confiabilidade indie e acessórios dance.

Precedidos por essa reputação de autoproclamados pastores do new rave, os Klaxons surpreenderam os ouvintes com seu disco de estréia que viria a vencer o prêmio Mercury de Música, *Myths of the Near Future*, que – afora um sample de Grace mal executado, uma ou outra buzinada de um alarme de rave e um solitário grito de "DJ!" – permaneceu em essência uma pura procissão pop. Felizmente, esse pop obscureceu os truques e a quarta faixa lançada como single, "Golden Skans" – cheia de melodia e sacadas que pegam bem no rádio –, recebeu comparações positivas com Hard-Fi. "Magick" é uma adorável confusão de guitarras distorcidas e rápidas mudanças de registro. "Atlantis to Interzone" é o melhor do pop: irreverente, divertido e contagiante. E "Totem On The Timeline" e "As Above So Below" são explosões de refrões que ascendem até um paraíso de guitarras.

Esqueça o folclore do admirável mundo novo das raves que cerca a banda e não preste atenção na capa – um confuso mosaico musical que sugere a suposta junção de gêneros. *Myths of the Near Future* é apenas pop repaginado, mas, com toda a franqueza, esse tipo de repaginação nunca soou melhor. **KB**

Lista de músicas

01	**Two Receivers** (Klaxons)	4:16
02	**Atlantis To Interzone** (Klaxons)	3:18
03	**Golden Skans** (Klaxons)	2:45
04	**Totem On The Timeline** (Klaxons)	2:41
05	**As Above, So Below** (Klaxons)	3:58
06	**Isle Of Her** (Klaxons)	3:54
07	**Gravity's Rainbow** (Klaxons)	2:37
08	**Forgotten Works** (Klaxons)	3:26
09	**Magick** (Klaxons)	3:30
10	**It's Not Over Yet** (Davies → Oakenfold → Wyzgowski)	3:35
11	**Four Horsemen of 2012** (Klaxons)	19:42

Índice de artistas

A
Abba
Arrival 359
The Visitors 483
ABC 484
AC/DC
Back In Black 452–3
Highway To Hell 424
Ackles, David 271
Adam And The Ants 450
Adamson, Barry
Boss Side Story 624
Oedipus Schmedipus 784
Adams, Ryan
Gold 886
Heartbreaker 862
The Adverts 404
Aerosmith
Pump 625
Rocks 363
Toys In The Attic 340–1
The Afghan Whigs 709
Aguilera, Christina 941
A-ha 531
Air
Moon Safari 836
The Virgin Suicides 861
Alice Cooper
Billion Dollar Babies 308
School's Out 278
Alice In Chains 699
The Allman Brothers Band 230
American Music Club 599
Amos, Tori 696
Anthrax 563
Antony & the Johnsons 938
Aphex Twin 679
Apple, Fiona 781
Arcade Fire
Funeral 923
Neon Bible 947
Arctic Monkeys 944-5
Armatrading, Joan 363
Arrested Development 680
Ash 795
Associates 499
Auteurs 708
The Avalanches 882

B
The B-52's 427
Bad Brains 559
Bad Company 315
Badly Drawn Boy 870
Badu, Erykah 872
Baez, Joan 48–9
Baker, Anita 559
Bambaataa, Afrika, And The Soul Sonic Force 545
The Band
The Band 176
Music From Big Pink 150–1
Banhart, Devendra 924
Barrett, Syd 220
Basement Jaxx 855
Basie, Count 31
Bauhaus 481
The Beach Boys
The Beach Boys Today! 76–7
Pet Sounds 85
Surf's Up 234
Beastie Boys
Ill Communication 730
Licensed To Ill 546–7
Paul's Boutique 613
The Beatles
Abbey Road 164
The Beatles (a.k.a. The White Album) 156
A Hard Day's Night 66–7
Revolver 84
Rubber Soul 79
Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band 100–1
With The Beatles 59
Beau Brummels 107
Beck
Odelay 776–7
Sea Change 910
Beck, Jeff 152
The Bee Gees
Odessa 165
Trafalgar 226
The Bees 902
Belle And Sebastian
If You're Feeling Sinister 796
"Tigermilk" 778
Ben, Jorge
Africa/Brasil 362
Gil & Jorge – Ogum Xangô 344
The Beta Band
Hot Shots II 894
Bethânia, Maria 816
Big Black 535
Big Brother And The Holding Company 142
Big Star
No. 1 Record 256
Third / Sister Lovers 405
The Birthday Party 498
Björk
Debut 718–19
Medúlla 921
Vespertine 884
The Black Crowes 639
Black Flag 478
Black, Frank 724
Black Sabbath
Black Sabbath 198
Black Sabbath Vol 4 257
Paranoid 202–3
Blondie 398–9
Blood, Sweat, And Tears 160
Blue Cheer 140
The Blue Nile 508
Blues Breakers 97
Blur
Blur 797
Modern Life Is Rubbish 716
Parklife 736–7
Boards Of Canada 840
Bon Jovi 552–3
Bonnie "Prince" Billy 854
Booker T. And The M.G.s 56
The Boo Radleys 721
Boston 357
Bowie, David
Aladdin Sane 288
"Heroes" 385
Hunky Dory 254
Low 380
The Rise And Fall Of Ziggy Stardust And The Spiders From Mars 280–1
Station To Station 356
Young Americans 342
Bragg, Billy
Talking With The Taxman About Poetry 550
Bragg, Billy, And Wilco 823
Brel, Jacques 68
Brown, Carlinhos 816
Brown, James 63
Brubeck, Dave, Quartet 45
Buarque, Chico 256
Buckley, Jeff 744–5
Buckley, Tim
Goodbye And Hello 108
Greetings From L.A. 272–3
Happy Sad 180
Buena Vista Social Club 808
Buffalo, Grant Lee 710
Buffalo Springfield 103
Bukem, L.T.J. 790
Burke, Solomon 69
Burman, R.D. 345
Burning Spear 342
Burton, Gary 573
Bush, Kate
The Dreaming 495
Hounds Of Love 538
The Sensual World 620
Butthole Surfers 572
Buzzcocks 411
Byrd, Charlie 57
The Byrds
Fifth Dimension 86
Mr. Tambourine Man 80
The Notorious Byrd Brothers 141
Sweetheart Of The Rodeo 155
Younger Than Yesterday 118

C
Cale, John 292
Can
Future Days 293
Tago Mago 235
Captain Beefheart And His Magic Band
Safe As Milk 104–5
Trout Mask Replica 157
The Cardigans 791
Carey, Mariah 815
The Carpenters 199
The Cars 415
Cash, Johnny
American IV: The Man Comes Around 906
At Folsom Prison 137
Johnny Cash At San Quentin 162
Cave, Nick, And The Bad Seeds
Abattoir Blues / The Lyre Of Orpheus 925
The Boatman's Call 809
Henry's Dream 700
Murder Ballads 788–9
Cee-Lo Green 928
Chao, Manu 822
Chapman, Tracey 593
The Charlatans 785
Charles, Ray
The Genius of Ray Charles 41
Modern Sounds In Country And Western Music 54–5
Chaurasia, Hariprasad 126
Cheap Trick 440
The Chemical Brothers
Dig Your Own Hole 801
Exit Planet Dust 757
Cherry, Neneh 617
Chic
C'est Chic 419
Risqué 434
Chicago 181
The Circle Jerks 461
Clapton, Eric
461 Ocean Boulevard 317
John Mayall's Blues Breakers With Eric Clapton 97
Clark, Gene
No Other 332
White Light 250
The Clash
The Clash 378–9
London Calling 436
Cocteau Twins
Heaven Or Las Vegas 634
Treasure 518
Cohen, Leonard
I'm Your Man 586
Songs From A Room 186–7
Songs Of Love And Hate 243
The Songs of Leonard Cohen 136
Coldcut 623
Coldplay
Parachutes 873
A Rush Of Blood To The Head 904
Cole, Lloyd, And The Commotions 527
Cole, M.J. 863
Colón, Willie, And Blades, Ruben 414
Coltrane, John 78
Common
Be 936
Like Water for Chocolate 874
Congo, Palo 33
Cooder, Ry 739
Cooke, Sam 62
Cope, Julian 659
The Coral 905
Cornershop 811
Costello, Elvis
Brutal Youth 730
My Aim Is True 390–1
This Year's Model 401
Costello, Elvis, And The Attractions
Armed Forces 438
Blood And Chocolate 544
Imperial Bedroom 487

Country Joe And The Fish 102
Cowboy Junkies 593
The Cramps 454
Cream 110-11
Creedence Clearwater Revival
Bayou Country 158
Cosmos's Factory 194
Green River 163
The Crickets 31
Crosby, David 222
Crosby, Stills And Nash
Crosby, Stills And Nash 159
Crosby, Stills, Nash And Young
Déjà Vu 201
Crowded House 658
Crow, Sheryl 716
Crusaders 426
The Cult 567
Culture Club 515
The Cure
Disintegration 621
Pornography 488–9
Seventeen Seconds 456
Cypress Hill 658
Czukay, Holger 427

D

Daft Punk 812–13
The Damned 444
The Dandy Warhols 821
D'Angelo 769
D'Arby, Terence Trent 584
Davis, Miles
Birth Of The Cool 34
Bitches Brew 196
In A Silent Way 165
Kind Of Blue 42–3
Dead Kennedys 454
Death In Vegas 848
Deee-Lite 636–7
Deep Purple
In Rock 205
Made In Japan 262
Def Leppard
Hysteria 566
Pyromania 504
De La Soul 630
Depeche Mode
Music For The Masses 568
Violator 640–1
Derek And The Dominos 195
Destiny's Child 887
Devo 416
Dexys Midnight Runners
Don't Stand Me Down 542
Searching For The Young Soul Rebels 451
Too-Rye-Ay 490
The Dictators 338
Digital Underground 643
Dinosaur Jr.
Bug 597
You're Living All Over Me 564
Dire Straits
Brothers In Arms 532–3
Dire Straits 417
The Disposable Heroes Of Hiphoprisy 686–7
The Divine Comedy
Casanova 780
A Short Album About Love 810
Dizzee Rascal 915
DJ Shadow 779
Domino, Fats 28–9
Donovan 121
The Doors
The Doors 116-17
L. A. Woman 235
Morrison Hotel 198
Doves
The Last Broadcast 908
Lost Souls 860
Drake, Nick
Bryter Layter 208
Five Leaves Left 168
Pink Moon 274
Dr. Dre 689
Drive-By Truckers 898
Drive Like Jehu 735
Dr. John, The Night Tripper 144
Dr. Octagon 774
Duran Duran 502
Dury, Ian 393
Dylan, Bob
Blonde On Blonde 87
Blood On The Tracks 347
Bringing It All Back Home 75
The Freewheelin' Bob Dylan 60–1
Highway 61 Revisited 81
Live 1966 822

E

The Eagles
Eagles 271
Hotel California 358
Earle, Steve 558
Earth, Wind, And Fire 353
Echo And The Bunneymen
Crocodiles 457
Ocean Rain 526
Porcupine 510
Eels 780
808 State 622
Einstürzende Neubauten 472
Elastica 760
Electric Light Orchestra 376
The Electric Prunes 126
Ellington, Duke 30
Elliott, Jack 40
Elliott, Missy 909
Elliott, Missy (Misdemeanour) 800
Ely, Joe 404
Emerson, Lake, & Palmer
Pictures At An Exhibition 243
Tarkus 240
Eminem
The Marshall Mathers LP 875
The Slim Shady LP 851
Eno, Brian
Ambient 1: Music For Airports 421
Another Green World 337
Here Come The Warm Jets 314
Eno, Brian, And Byrne, David
My Life In The Bush Of Ghosts 477
The Eurythmics 512–13
Evans, Bill 53
Everly Brothers 52
Everything But The Girl
Idlewild 588
Walking Wounded 787
Experience, The Jimi Hendrix
Are You Experienced 122-3
Axis: Bold As Love 128
Electric Ladyland 136

F

Faces 249
Fagen, Donald 494
Fairport Convention
Liege And Lief 188
Unhalfbricking 182
Faithfull, Marianne 437
Faith No More 606
The Fall
Live At The Witch Trails 430
The Infotainment Scan 717
This Nation's Saving Grace 530
Fatboy Slim
Better Living Through Chemistry 774
You've Come A Long Way, Baby 824
Faust 297
Fiasco, Lupe 940
Firehose 613
Fishbone 588
Fitzgerald, Ella 41
Flamin' Groovies 250
The Flaming Lips
The Soft Bulletin 850
Yoshimi Battles The Pink Robots 907
Fleetwood Mac
Rumours 384
Tusk 441
Flying Burrito Brothers 161
Foo Fighters 752
Frampton, Peter 372
Frankie Goes To Hollywood 516
Franklin, Aretha
Aretha: Lady Soul 138–9
I Never Loved A Man The Way I Love You 129
Franz Ferdinand 926-7
Fugazi 628
Fugees 794
Funkadelic
Maggot Brain 246
One Nation Under A Groove 408
Fun Lovin' Criminals 784

G

Gabriel, Peter
Peter Gabriel (I) 387
Peter Gabriel (III) 455
So 562
Gainsbourg, Serge 242
Gang Of Four 440
Gang Starr 659
Garbage 753
Gaye, Marvin
Here, My Dear 418
Let's Get It On 295
What's Going On 224–5
Genesis
The Lamb Lies Down On Broadway 316
Selling England By The Pound 294
The Germs 426
Getz, Stan
Getz/Gilberto 64–5
Jazz Samba 57
Ghostface Killah 941
Giant Sand 878
Gil, Gilberto
Gil & Jorge – Ogum Xangô 344
Gilberto, Astrud 99
Gilberto, Bebel 862
Gilberto, João 64–5
Girls Against Boys 724
The Go-Betweens 592
The Go-Gos 473
Goldfrapp 876–7
Goldie 772
The Good, The Bad And The Queen 948-49
Gorillaz 885
Gotan Project 891
Grandmaster Flash And The Furious Five 486
The Grateful Dead
American Beauty 206–7
Live/Dead 183
Gray, David 825
Green, Al 283
Green Day
American Idiot 935
Dookie 751
Griffith, Nanci 550
Guided By Voices 764
The Gun Club 480
Guns N'Roses 574–5

H

Haggard, Merle 121
Haircut 100 494
Hancock, Herbie 297
Hanoi Rocks 508
Happy Mondays
Bummed 592
Pills 'N' Thrills And Bellyaches 644–5
Harris, Emmylou
Pieces Of The Sky 343
Red Dirt Girl 863
Trio 565
Harrison, George 212
Harvey, P.J.
Dry 702–3
Rid Of Me 715
Stories From The City, Stories From The Sea 871
Hawkwind 292
Hawley, Richard 937
Hayes, Isaac
Hot Buttered Soul 183
Shaft 228–9
Heaven 17 473
Hill, Lauryn 830–1
Hole
Celebrity Skin 832
Live Through This 740–1
Holiday, Billie 38-9
Holmes, David 804
Hooker, John Lee 608

The Human League 479
Hüsker Dü 572

I
Ibrahim, Abdullah 530
The Icarus Line 923
Ice Cube
AmeriKKKa's Most Wanted 648
The Predator 697
Ice-T 664
Iggy And The Stooges
Raw Power 310
Iggy Pop
The Idiot 387
Lust For Life 392
The Incredible String Band 132
Incubus 844
Iron Butterfly 145
Iron Maiden
Iron Maiden 463
The Number Of The Beast 500–1
The Isley Brothers
3+3 311

J
Jackson, Brian 327
Jackson, Janet 630
Jackson, Michael
Bad 580
Off The Wall 443
Thriller 496–7
Jamiroquai 712–13
The Jam
All Mod Cons 402–3
Sound Affects 466
Jane's Addiction
Nothing's Shocking 603
Ritual De Lo Habitual 648
Jansch, Bert
Bert Jansch 79
Japan 436
Jarre, Jean Michel 367
Jarrett, Keith 339
Jay-Z 895
Jefferson Airplane 122
Jennings, Waylon 301
Jeru The Damaja 725
The Jesus And Mary Chain
Darklands 576
Psychocandy 540
Jethro Tull 221
Jobim, Tom 117
Joel, Billy 374
John, Elton
Goodbye Yellow Brick Road 300
Madman Across The Water 236–7
Jones, George 332
Jones, Norah 903
The Jon Spencer Blues Explosion 791
Joplin, Janis 247
Joy Division
Closer 462
Unknown Pleasures 432–3
Judas Priest 460
Jungle Brothers 631
Jurassic 5 899

K
Kabra, Brijbushan 128
Khaled 839
Khan, Nusrat Fatah Ali, And Party 701
Kid Rock 840
The Killers 933
Killing Joke 460
King, B. B. 78
King, Carole 227
King Crimson
In The Court Of King Crimson 185
Larks' Tongues In Aspic 289
Kings Of Leon
Youth And Young Manhood 916
The Kinks
Arthur — Or The Decline And Fall Of The British Empire 184
Face To Face 88–9
The Kinks Are The Village Green Preservation Society 133
Something Else By The Kinks 120
Kiss 360-1
The KLF 672
Korn 838
Kraftwerk
Autobahn 318
The Man-Machine 397
Trans-Europe Express 373
Krause, Dagmar 598
Kravitz, Lenny 607
Kuti, Fela, And Afrika '70 370
Kuti, Femi 764

L
Ladd, Mike 874
Ladysmith Black Mambazo 577
Lahiri, Bappi 345
Laibach 578
Lambchop 879
Lang, K. D.
Ingénue 688
Shadowland 598
The La's 638
Lauper, Cyndi 509
Led Zeppelin
Led Zeppelin 174–5
Led Zeppelin II 176
Led Zeppelin III 204
Led Zeppelin IV 241
Physical Graffiti 339
Leftfield 768
Lemonheads 684
Lemper, Ute 880
Lennon, John
Imagine 232–3
John Lennon/Plastic Ono Band 200
Lewis, Jerry Lee 74
Liars 929
Lightning Bolt 917
Limp Bizkit 864–5
Linkin Park 868
Little Richard 36
Living Colour 589
LL Cool J 649
Louvin Brothers 26
Love
Da Capo 106
Forever Changes 109
Love, G., And Special Sauce 738
Lynn, Loretta 125
Lynyrd Skynyrd 286

M
Maal, Baaba
Djam Leelii 618–19
Lam Toro 683
Madredeus 765
McCartney, Paul
McCartney, Paul And Wings
Machito 35
McLaren, Malcolm 504
McLean, Don 239
Madness 492–3
Madonna
Like A Prayer 610–11
Music 881
Ray Of Light 829
Magazine 407
The Magnetic Fields 844
Makeba, Miriam 51
The Mamas And The Papas 90
Manic Street Preachers
Everything Must Go 786
The Holy Bible 742
Mann, Aimee 709
Manson, Marilyn 792–3
Marley, Bob, And The Wailers
Catch A Fire 290–1
Exodus 375
Natty Dread 334
The Mars Volta 917
Martyn, John
One World 381
Solid Air 296
Masekela, Hugh 266
Massive Attack
Blue Lines 673
Protection 742
Maxwell 785
Mayall, John 97
Mayfield, Curtis
Superfly 260
There's No Place Like America Today 354
MC5 177
MC Solaar 660
Meat Loaf 389
Meat Puppets 515
Megadeath
Peace Sells . . . But Who's Buying 551
Rust In Peace 642
Mekons 534
Mercury Rev 833
Metallica
. . . And Justice For All 596
Master Of Puppets 548
Metallica 676–7
S&M 854
Method Man 723
M.I.A. 939
Michael, George
Faith 570–1
Listen Without Prejudice Vol. 1 646
Michael Viner's Incredible Bongo Band 287
Mingus, Charles 63
Ministry 695
Minor Threat 519
Minutemen 526
Mísia 823
Mitchell, Joni
Blue 244–5
Court And Spark 320
Hejira 357
The Hissing Of Summer Lawns 344
Miúcha 373
Moby 849
Moby Grape 106
The Modern Lovers 356
Monkees 107
The Monks 87
Monk, Thelonious 32
Morissette, Alanis 772
Morrison, Van
Astral Weeks 154
It's Too Late To Stop Now 319
Moondance 205
Morrissey
Vauxhall And I 731
"Viva Hate" 599
You Are The Quarry 920
"Your Arsenal" 682
The Mothers of Invention
Freak Out! 92
We're Only In It For The Money 156
Motörhead
Ace Of Spades 458–9
No Sleep 'Til Hammersmith 474
Mott The Hoople 298
Ms. Dynamite 900–1
Mudhoney
Every Good Boy Deserves Fudge 664
Superfuzz Bigmuff 589
Muse 943
My Bloody Valentine
Isn't Anything 594
Loveless 655
Mylo 922

N
Napalm Death 578
Nas 729
Nascimento, Milton, And Lo Borges 266
N'Dour, Youssou 527
Neil, Fred 86
Nelson, Willie
Red Headed Stranger 352
Stardust 419
Neu! 338
Newman, Randy
Good Old Boys 333
Sail Away 255
Newsom, Joanna 946

New Order
Low-Life 541
Technique 609
New York Dolls
New York Dolls 312–13
Nico
Chelsea Girl 99
The Velvet Underground And Nico 116
Nightmares On Wax 754
Nilsson, Harry 251
Nine Inch Nails 748–9
Nirvana
In Utero 711
MTV Unplugged In New York 747
Nevermind 656–7
Nitty Gritty Dirt Band 267
The Notorious B.I.G. 743
Numan, Gary 445
N. W. A. 631
Nyro, Laura 137

O
Oasis
Definitely Maybe 732
(What's The Story) Morning Glory? 770–1
O'Connor, Sinéad 650
The Offspring 734
Oldfield, Mike 299
Olomidé, Koffi 681
The Only Ones 401
Orange Juice 495
Orbital
Orbital II 720
Snivilisation 746
Orbit, William 722
Orchestral Manoeuvres In The Dark 476
Orton, Beth 846
Os Mutantes 135
Otis, Shuggie 316
Outkast
Speakerboxx/The Love Below 916
Stankonia 882
Owens, Buck, And His Buckaroos 73
Ozomatli 934

P
Pantera 698
Parliament 364–5
Parsons, Gram 336
Parton, Dolly
Coat Of Many Colors 238
Trio 565
Pavement
Crooked Rain, Crooked Rain 725
Slanted And Enchanted 678
Pearl Jam 666–7
The Penguin Café Orchestra 366
Pentangle 166
Pere Ubu
Dub Housing 400
The Modern Dance 396
Pet Shop Boys
Actually 581
Behaviour 643
Very 714
Petty, Tom, And The Heartbreakers 355
Phair, Liz 708
The Pharcyde 691
Piazzolla, Astor 573
Pink Floyd
The Dark Side Of The Moon 302–3
The Piper At The Gates Of Dawn 112
The Wall 441
Wish You Were Here 350
Pixies
Bossanova 642
Doolittle 626
Surfer Rosa 595
The Pogues
If I Should Fall From Grace With God 585
Rum, Sodomy, And The Lash 536–7
The Police
Regatta De Blanc 428–9
Synchronicity 514
Portishead 726–7
Prefab Sprout 534
Presley, Elvis
Elvis Is Back! 50
Elvis Presley 24–5
From Elvis In Memphis 170-1
Pretenders 470–1
The Pretty Things 146
Price, Ray 58
Prima, Louis 27
Primal Scream
Screamadelica 674
Vanishing Point 802
Prince
1999 485
Sign O'The Times 567
Prince And The Revolution
Purple Rain 520–1
Prine, John 251
The Prodigy
The Fat Of The Land 806–7
Music For The Jilted Generation 750
The Psychedelic Furs 479
Public Enemy
Apocalypse 91...The Enemy Strikes Black 665
Fear Of A Black Planet 649
It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back 604–5
Public Image Ltd.
Metal Box 442
Public Image 406
Puente, Tito, And His Orchestra 37
Pulp
Different Class 766–7
This Is Hardcore 828

Q
Quaye, Finlay 799
Queen
A Night At The Opera 351
Queen II 321
Sheer Heart Attack 328–9
Queen Latifah 612
Queens Of The Stone Age 835
Quicksilver Messenger Service 173

R
Radiohead
Amnesiac 883
The Bends 762–3
Hail To The Thief 913
Kid A 866
OK Computer 798
Raekwon 756
Rage Against The Machine 685
Raitt, Bonnie 627
Ramones 368–9
Ransome-Kuti, Fela, And The Africa '70 With Ginger Baker 248
Redding, Otis 75
Red Hot Chili Peppers
Blood Sugar Sex Magik 662–3
Californication 856
Red Snapper 875
Reed, Lou
Berlin 293
Transformer 264–5
Regina, Elis 400
R.E.M.
Automatic For The People 690
Document 566
Green 590–1
Murmur 505
The Replacements 522
The Residents 405
Revere, Paul, And The Raiders 91
Ride 654
Robbins, Marty 44
Rocket From The Crypt 757
The Rolling Stones
Aftermath 93
Beggars Banquet 130
Exile On Main St 284–5
Let It Bleed 167
The Rolling Stones 72
Sticky Fingers 231
Ronstadt, Linda 565
The Roots 911
Rowland, Kevin, And Dexy's Midnight Runners 490
Roxy Music
Country Life 322
For Your Pleasure 296
Roxy Music 276–7
Röyksopp 896–7
Rundgrun, Todd
Something/Anything? 267
A Wizard, A True Star 300
Run-DMC
Raising Hell 556–7
Run-DMC 517
Rush
Moving Pictures 483
2112 362
Les Rythmes Digitales 850

S
The Sabres Of Paradise 728
Sabu 33
Sade 518
Saint Etienne 668
The Saints 418
Santana 218–19
Sawhney, Nitin 847
Scissor Sisters 919
Scott-Heron, Gil 327
Screaming Trees 773
Scritti Politti 543
Sebadoh 721
Seck, Mansour 618–19
The Sensational Alex Harvey Band
Next 307
Sepultra
Arise 669
Roots 782–3
Sex Pistols 394–5
Shack 855
The Shamen 635
Shankar, Ananda 208
Shankar, Ravi 134
Sharma, Shivkumar 126
Sigur Rós 857
Silver Jews 883
Simon And Garfunkel
Bookends 147
Bridge Over Troubled Water 212
Parsley, Sage, Rosemary And Thyme 94–5
Simone, Nina 98
Simon, Paul
Graceland 555
Hearts And Bones 509
Paul Simon 275
Simple Minds 491
Simply Red 541
Sinatra, Frank
Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim 115
In The Wee Small Hours 22–3
Songs For Swingin' Lovers! 30
Singh, Talvin 837
Siouxsie And The Banshees
Juju 472
The Scream 422–3
Sister Sledge 425
The Sisters Of Mercy 569
Skunk Anansie 842–3
Slade 261
Slayer 554
Sleater-Kinney 805
Slint 670
Slipknot 845
The Slits 437
Sly And The Family Stone
Stand! 178–9
There's A Riot Goin' On 223
The Small Faces 148–9
The Smashing Pumpkins
Mellon Collie And The Infinite Sadness 756
Siamese Dream 706–7
Smith, Elliott
Either / Or 817
Figure 8 869
Smith, Jimmy 52
Smith, Patti 348

The Smiths
Meat Is Murder 539
The Queen Is Dead 560–1
Strangeways, Here We Come 573
Snoop Doggy Dogg 720
The Soft Boys 455
Soft Cell 475
Soft Machine 209
The Sonics 74
Sonic Youth
Daydream Nation 600
Dirty 694
Evol 554
Goo 652–3
Sister 579
Soul II Soul 629
Soundgarden 733
Spacemen 3 612
Sparks 324
Spears, Britney 852–3
The Specials
More Specials 469
Specials 446–7
Spector, Phil 62
Spence, Alexander 189
Spirit 197
Spiritualized
Ladies And Gentlemen, We Are Floating In Space 820
Lazer Guided Melodies 692
Springfield, Dusty
Dusty In Memphis 169
A Girl Called Dusty 70–1
Springsteen, Bruce
Born In The USA 528–9
Born To Run 343
Darkness On The Edge Of Town 408
Nebraska 499
The Rising 910
The Stranglers 377
Steely Dan
Aja 380
Can't Buy A Thrill 257
Countdown To Ecstasy 301
Pretzel Logic 333
Stereolab 775
Stereo MCs 695
Stevens, Cat 213
Stevens, Sufjan 940
Stewart, Rod
Every Picture Tells A Story 242
Gasoline Alley 210
Stills, Stephen
Manassas 270
Stephen Stills 199
The Stone Roses 616
The Stooges
Fun House 214–15
Raw Power 310
The Stooges 189
The Streets 930
The Strokes 888–9
The Style Council 523
Suba 841
Suede
Dog Man Star 743
Suede 704
Sugar 693
The Sugarcubes 601
Suicide 386
Super Furry Animals
Rings Around The World 898
Fuzzy Logic 773
Supergrass
In It For The Money 817
I Should Coco 761
Supertramp 325
System Of A Down 834

T
Talking Heads
Fear Of Music 431
More Songs About Buildings And Food 410
Remain In Light 461
Talking Heads:77 382
Talk Talk 551
Tangerine Dream 323
Taylor, James 216
The Teardrop Explodes 468
Tears For Fears 531
Teenage Fanclub 675
Television 388
The Temptations
All Directions 279
Cloud Nine 177
10cc 330
The The
Infected 549
Soul Mining 505
Thin Lizzy 409
13th Floor Elevators 96
Thompson, Richard And Linda 326
Throbbing Gristle 409
Throwing Muses 555
Le Tigre 851
Timberlake, Justin 911
TLC 731
Tom Tom Club 482
Toquinho 373
Tortoise 775
Tosh, Peter 371
Touré, Ali Farka
Talking Timbuktu 739
Savane 942
Traffic
John Barleycorn Must Die 213
Traffic 131
Travis 845
T. Rex
Electric Warrior 252–3
The Slider 270
A Tribe Called Quest 651
Tricky 755
The Triffids 579
Turner, Tina 524–5
TV On The Radio 929
Tupac 758–9

U
U2
Achtung Baby 671
All That You Can't Leave Behind 867
The Joshua Tree 582–3
War 514
UB40 468
The Undertones
Hypnotised 464–5
The Undertones 435
Underworld 790
United States of America 143

V
Van Halen
1984 519
Van Halen 412–13
Vaughan, Sarah 40
Vega, Suzanne 535
Veloso, Caetano
Caetano Veloso 152
Circuladô 655
The Velvet Underground
The Velvet Underground 172
The Velvet Underground And Nico 114
White Light/White Heat 127
Venom 498
The Verve
A Northern Soul 765
Urban Hymns 818–19
Violent Femmes 503

W
Wainwright, Rufus
Want One 918
Want Two 931
Waits, Tom
Bone Machine 694
Heartattack And Vine 467
Nighthawks At The Diner 345
Rain Dogs 540
Swordfishtrombones 506–7
Walker, Scott
Scott 2 153
Scott 4 188
War 282
The Waterboys 587
Waters, Muddy
Hard Again 377
Muddy Waters At Newport 53
Weather Report 376
Welch, Gillian 890
Weller, Paul 705
West, Kanye 928
The White Stripes
Elephant 914
White Blood Cells 892–3
The Who
Live At Leeds 209
My Generation 82–3
Tommy 164
Who's Next 227
The Who Sell Out 113
Wilco
Being There 781
Mermaid Avenue 823
Yankee Hotel Foxtrot 899
Williams, Lucinda 826–7
Williams, Robbie 814
Wilson, Brian 922
Wilson, Dennis 386
Winwood, Steve 469
Wire 381
Wobble, Jah, And The Invaders Of The Heart 661
Womack, Bobby 482
Wonder, Stevie
Fulfillingness' First Finale 317
Innervisions 304
Songs In The Key Of Life 372
Talking Book 268–9
Wu-Tang Clan 717
Wyatt, Robert
Rock Bottom 335
Shleep 803

X
X 478
X-Ray Spex 420
XTC
Apple Venus Volume I 841
Skylarking 558

Y
The Yardbirds 98
Yeah Yeah Yeahs 912
Yes
Close To The Edge 263
Fragile 234
The Yes Album 226
Yoakam, Dwight 602
The Youngbloods 182
The Young Gods 614
Young, Neil
After The Gold Rush 204
Harvest 258–9
On The Beach 331
Tonight's The Night 346
Young, Neil, With Crazy Horse
Everybody Knows This Is Nowhere 157
Ragged Glory 647
Rust Never Sleeps 439
The Young Rascals 121

Z
Zappa, Frank 190–1
The Zombies 153
Zorn, John 615
The Zutons 932
ZZ Top
Eliminator 511
Tres Hombres 305

Índice geral

A
acid folk 132
acid house 609, 728, 812
acid jazz 712
Adler, Lou 90
Afrobeat 248
Afro Cuban All Stars 808
Albarn, Damon 736, 797, 885, 948
Ali Shaheed Muhammad 651
Allison, Jerry 31
Allman Brothers 56
Allman, Duane 195, 230
Allman, Gregg 230
Alomar, Carlos 342, 356, 385
Amazing Blondel 469
ambient music 323, 421
Amos, Tori 748
Anderson, Cat 30
Anderson, Ian 221
Anderson, Jon 226, 234, 263
Anderson, Laurie 562
Andrew, Sam 142
Antony 931
Arabian Prince 631
Archer, Kevin 451
Areas, Jose 218
Armstrong, Billie Joe 935
Armstrong, Luois 27
Arnold, Eddy 54
art rock 235, 479, 554, 628, 926
Ashby, Dorothy 372
Asher, Tony 85
Asheton, Ron 310
Asheton, Scotty 310
The Attractions 438, 487, 544, 730
Avakian, Aram 34
Avory, Mick 88
Aznavour, Charles 68
B
Baah, Kwaku 427
The Bad Seeds 624, 700, 784, 788, 809, 927
Bailey, Donald 52
baixo slap 856
Baker, Ginger 108, 112, 248
Badalamenti, Angelo 581, 643
Banana, Milton 64
The Band 822
Banhart, Devendra 938, 946
The Bar-Kays 183, 228
Barrett, Syd 114, 350
Barry, Jeff 62
Barry, John 624
Basie, Count 41, 117
Bauza, Mario 35
Baxter, Jeff "Skunk" 301, 333
The Beach Boys 386, 922
The Beatles 28, 31, 80, 93, 110, 134
Beatnuts 899
Becker, Walter 257, 333, 380
Beckett, Larry 110
Beck, Jeff 98
Bell, William 155
Benge, Alfreda 335, 803
Bennett, Bob 74
Benno, Marc 235
Benson, George 372
Berliner, Jay 63
Berry, Bill 566
Berry, Chuck 72, 75, 88
Beyoncé Knowles 887, 909
Bhosle, Asha 352, 811
big beat 757, 774, 812, 824, 848
Big Daddy Kane 899
Bilk, Acker 56
Bittan, Roy 389
Bjelland, Kat 740
Björk 601, 606
Blackalicious 779
Black Francis 595, 626, 642, 724
black metal 498
Blackmore, Ritchie 205, 256, 262
Blackwell, Bumps 36
Blades, Ruben 414
Blaine, Hal 90
Blake, Peter 100
Blakey, Art 33
Blige, Mary J. 723, 830
blues 53, 78, 96, 377, 608, 791, 817, 892, 914
Bob B Soxx And The Blue Jeans 62
Body Count 664
Bolan, Marc 252, 261, 270, 308
The Bomb Squad 648, 649, 665
Bone Thugs-N-Harmony 815
Bonfa, Luiz 57
Bonham, John 174, 176, 204, 339
Bon Jovi, Jon 552
Bono 514, 582, 671, 867
Boogie Bear 617
Booker T. 199
Boone, Pat 28
Boorer, Boz 682, 731
Booth, Simon 683
Borges, Lo 266
Bôscoli, Ronaldo 373
bossa nova 64, 373, 400, 862
Botnick, Bruce 111
Bowie, David 264, 270, 298, 310, 314, 387, 392
Bow Wow Wow 450
Boyce, Tommy 91, 107
Boy George 515, 938
Brann, Erik 145
Bray, Stephen 610
break 817
Brecht, Bertolt 118, 598
Brel, Jacques 153, 307
Brennan, Kathleen 506
Bridgeford, Geoff 226
Briggs, David 157
Bristol sound 726, 742, 787
Britpop 731, 732, 736, 760, 766, 770, 785, 797, 828
Britten, Benjamin 744
Broadcast 143
Brown, Dave 218
Browne, Jackson 99
Brown, James 138
Bruce, Jack 108, 112
Bruce, Michael 278
Bruford, Bill 226, 234, 263, 289
Bryant, Boudleaux and Felice 52
Buchanan, Bob 155
Buchy, Ron 145
Buckingham, Lindsey 384, 441
Buckley, Jeff 136
Buckley, Tim 86, 744
Buckmaster, Paul 231, 236
Buck, Peter 505, 566, 590
Bunyan, Vashti 946
Burdon, Eric 282
Burgess, Tim 757
Burns, Gary 804
Burnside, R. L. 791
Burrell, Kenny 52
Burroughs, William S. 686, 695
Burton, James 343
Bush, Kate 455, 946
Butera, Sam 27
Butler, Geezer 202
Butler, Win 923, 947
Butterfield, Don 63
Byard, Jaki 63
Byrd, Charlie 57, 64
Byrd, Joseph 143, 159
The Byrds 66, 106, 123
Byrne, David 152, 382, 410, 431, 461, 477
C
Caffey, Charlotte 832
Cage, John 143
Caldwell, Gayle 99
Caledonia Soul Orchestra 319
Cale, John 99, 116, 129, 172, 189, 208, 337, 348, 356
California, Randy 197
Callier, Terry 846
Calloway, Cab 35
Camero, Candido 35
Capaldi, Jim 213
Captain Beefheart 190
Carabello, Mike 218
Carter, Ron 196
Cash, Johnny 123, 937
Caspar, Nova 863
Cassidy, David 121
Catherine, Phil 803
Cavallo, Rob 935
Cave, Nick 498, 784
Cecil, Malcolm 317
Chali 2na 934
Chambers, Paul 32
Chappelle, Dave 936
Charles, Ray 24, 56, 73, 109, 138, 144
Chassagne, Regine 923, 947
The Chemical Brothers 84
Cherry, Neneh 549
Chimes, Terry 378
Chuck D. 648, 665
Cibelle 841
Cipollina 173
Cissoko, Kaow 683
Clapton, Eric 53, 97, 98, 112, 138, 150, 195, 199, 212
Clarke, Michael 141
Clark, Gene 80, 86
Claypool, Les 694
Clayton-Thomas, David 158
Clemens, Jeffrey 738
Clifford, Doug 161, 170
Clinton, George 246, 364, 408
Cobain, Kurt 152, 439, 656, 711, 740, 747, 752
Cochran, Eddie 140
Cocker, Jarvis 766, 784
Cody Chesnutt 911
Coffey 177
Cogbill, Tommy 168
Coleman, Ornette 45, 615
Collins, Bootsie 408
Collins, Bootsy 364, 636
Collins, Judy 136
Collins, Phil 212, 294, 337, 373, 455
Colón, Santitod 40
Coltrane, John 42, 45, 86
Combs, Sean "Puffy" 743, 815
The Commotions 527
Concept Noir 863
Console, Hector 573
Cooder, Ry 104, 565, 808
Cooke, Sam 75, 109
Cook, Stu 161
Cool, Tré 935
Coolidge, Rita 199
Copeland, Stewart 428, 514
Copland, Aaron 271
Coppola, Sofia 861
Corea, Chick 163, 196, 376
Corgan, Billy 832
Costello, Elvis 446, 536, 880
Cotton, James 53
country 26, 54, 73, 123, 127, 137, 160, 238, 332, 352, 404, 550, 565, 598, 602, 710, 862, 886, 890, 906
country rock 155, 159, 267, 271, 336, 781, 898
Covay, Don 138
Cox, Terry 164
Crazy Horse 157, 439, 647
Cream 150
Cropper, Steve 56
Crosby, David 86, 120, 128, 141, 171, 199, 201, 222
Cross, David 289
Crowell, Rodney 343
Crumb, Robert 142
The Crystals 62
Currie, Steve 252
Curtis, King 62, 232
Cutler, Ivor 335
Czukay, Holger 235, 293, 477, 661
D
D12 885
Da Lench Mob 697
Dalle, Brodie 835
Daltrey, Roger 82, 91, 115, 209

Danelli, Dino 121
Danko, Richard 150
Danko, Rick 176, 822
Dan The Automator 606
Davies, Dave 88, 122
Davies, Dennis 356, 385
Davies, Ray 88, 122, 133, 184
Davis, Eddie "Lockjaw" 31
Davis, George 385
Davis, Miles 53, 78, 223, 257, 376
Davis, Reverend Gary 37
Davis, Richard 40
Deacon, John 328, 351
Deal, Kim 595, 642
Dee, Jay 863
De La Soul 612, 794
Delmore Brothers 26
Denny, Sandy 182, 188
Densmore, John 118
Deodato, Eumir 99
De Shannon, Jackie 80
Desmond, Paul 45
Dias, Denny 301
Dillard, Doug 250
Dinger, Klaus 318, 338
Dirnt, Mike 935
Dirty South 928
disco 419, 425, 434, 812, 850
Dixon, Willie 152
DMC 517, 556
DMX 864
DOC 631
The D.O.C. 684
Doggett, Bill 56
Doherty, Denny 90
Dokaka 921
Dolenz, Mickey 107
Dollar Brand 530
Donovan 37, 79, 147, 308
The Doors 106
Dorman, Lee 145
Dorsey, Lee 70
Drake, Nick 296
Dr. Dre 631, 720, 851
The Drive-Ins 917
Dr. Know 559
Dr. Octagon 806
Dr. Robert 846
drum 'n' bass 755, 772, 790, 927
Dr. Yella 631
dub 817
Dunn, Duck 56
Durst, Fred 838
The Dust Brothers 613, 757, 776
Dylan, Bob 37, 48, 68, 80, 99, 128, 132, 136, 150, 155, 176, 355, 914
Dynamite 817
E
The Eagles 103, 155, 159
Earth, Wind, And Fire 84
Eazy E 631
Eazy E. 684
The Edge 514, 582, 661, 671
Edwards, Bernard 419, 425, 434
Eisler, Hanns 598
electro 791, 802, 849, 862
eletrônica 896
Ellington, Duke 22, 41, 63, 78, 144, 190
Elliot, Cass 86, 90, 142, 199
Elliott, Missy 815.939
Elliott, Ron 107
Ellis, Ray 38
Ellis, Robert 702, 871
Emerson, Keith 240, 243
Emmons, Buddy 58
emo 923
Eno, Brian 116, 276, 296, 314, 380, 385, 410, 416, 431, 461, 477, 671, 803, 923
Entwistle, John 82, 115, 209, 227
Eric B 723
Erickson, Roky 96
Ericson, Rolfe 63
E Street Band 910
etno-punk 822
Ethridge, Chris 159
Evans, Gil 34
Ezrin, Bob 278, 293, 308, 360
F
The Faces 148, 210
Faddis, Jon 425
Fagen, Donald 257, 301, 333, 380
Faithfull, Marianne 72, 79, 231, 437
Faryar, Cyrus 86
Fatboy Slim 811
Felder, Don 358
Feldman, Victor 301, 380
Felix, Julie 79
Ferguson, Jay 197
Ferrer, Ibrahim 808, 885
Ferrone, Steve 543
Ferry, Bryan 276, 322, 938
Fifth Dimension 137
Finn, Mickey 252
Fitzgerald, Ella 941
The Flaming Lips 923
Flavor Flav 648
Flea 662, 772
Fleetwood, Mick 384
Fleming, George 469
Flowers, Herbie 236
Flur, Wolfgang 318
Fogerty, John 161, 170, 194
Fogerty, Tom 161, 194
folk 48, 60, 123, 550, 924
folk gótico 938
folk rock 107, 182, 188, 250, 823
Foo Fighters 903
Foster, Alex 425
Frampton, Peter 552
Frantz, Chris 382, 410, 461, 482
Franz Ferdinand 938
Freeman, Robert 59
French, John 104
Frey, Glenn 358
Fripp, Robert 185, 289, 314, 337, 373, 385, 398, 455
Frischmann, Justine 760
Froberg, Rick 735
Froese, Edgar 323
Fuller, Jesse 37
Full Tilt Boogie Band 247
funk 144, 246, 248, 316, 317, 364, 408, 440, 664, 743, 781
Furay, Richie 103
Furtado, Nelly 899, 911
G
Gabriel, Peter 294, 316
Gadd, Steve 380
Gainsbourg, Charlotte 881
Gaias, Diamanda 624
Gallagher, Liam 731, 773
Gallagher, Noel 79, 731, 770
Gamson, David 543
gangsta rap 720, 756
garage/garagem 664, 863, 900
Garcia, Jerry 206, 222
Garfunkel, Art 79, 94, 147, 275, 509
Garson, Mike 288
Gaye, Marvin 72, 297, 936
Gershwin, George 41, 98
Getz, Stan 117, 373
G-funk 684, 720, 743
Ghostface Killah 717, 756
Giant Sand 878
Gibb, Barry 163
Gibb, Maurice 226
Gibbons, Billy 511, 835
Gibb, Robin 163, 226
Gibson, Don 54
Gilberto, Astrud 57, 64, 117
Gilberto, Bebel 841
Gilberto, João 57, 862
Giles, Michael 185
Gil, Gilberto 134
Gillan, Ian 205, 256, 262
Gillespie, Dizzy 33, 34
Gilliam, Michelle 90
Gilmore, David 114, 220, 350, 495, 620
Ginastera, Alberto 240
Giuffre, Jimmy 53
glam rock 261, 270, 324
Glass, Philip 509
Glover, Roger 205
Goffin, Gerry 138, 141, 227, 344
Gomez, Eddie 266
Gonsalves, Paul 30
González, Juan de Marcos 808
González, Rubén 808
Goodie Mob 928
Gordon, Jim 195, 212
Gore, Lesley 70
Gorillaz 902
Graham, Davy 79
Graham, Larry 178
Granz, Norman 41
Grappelli, Stephane 275
Grasso, Francis 181
The Grateful Dead 123
Green Day 146
Green, Freddie 31
Greenwich, Ellie 62
grime 915
Grohl, Dave 656, 747, 752, 835
grunge 589, 656, 666, 694, 699, 711, 740–1, 747, 752, 773, 832
Gueges, Beto 266
Guthrie, Woodie 37, 823
Guthrie, Woody 60
A Guy Called Gerald 622
GZA 717, 756, 765
H
Hakmoun, Hassan 934
Hall, Tommy 96
Hammond, Jeffrey 221
Hancock, Herbie 163, 372
Hanna, Kathleen 851
Hannon, Neil 880
hardcore 519, 559
Hardin, Glen D. 343
Hardin, Tim 99
hard rock 204, 205, 241, 254, 307, 328, 340, 409, 412, 424
Harper's Bizarre 107
Harpo, Slim 98
Harris, Don 190
Harris, Emmylou 336, 565
Harrison, George 59, 84, 100, 128, 134, 162, 232
Harrison, Jerry 382
Harry, Debbie 398
Hart, Bobby 91, 107
Hartman, Johnny 78
Harvey, Mick 624, 871
The Hawks 822
Haynes, Roy 40
Healy, Fran 845
heavy rock 463
Hefti, Neal 31
Hegarty, Antony 938
Helm, Levon 176
Hendrix, Jimi 100, 124, 197, 199, 208
Henley, Don 358
Hernandez, Rafael 33
Heron, Mike 132
Hewlett, Jamie 885
Hey, Jerry 443
Hidalgo, David 694, 934
Hill, Dave 261
Hill, Lauryn 794, 936
Hillman, Chris 120, 141, 155, 159, 332
hip hop 486, 545, 556, 612, 631, 649, 651, 659, 660, 665, 673, 680, 717, 725, 729, 750, 758, 779, 794, 800, 806, 812, 816, 830, 872, 895, 916, 934, 930
Holder, Noddy 261
Holiday, Billie 158, 941
Holland, Dave 196
Holland, Jools 505
Holloway, Brenda 158

Holly, Buddy 31, 66, 72
Hopkins, Nicky 232, 284
Hormel, Smokey 910
Horny Horns 636
Horta, Toninho 266
Hot Snakes 735
house 672
Howad, Rowland S. 624
Howe, Steve 226, 234, 263
Hucknall, Mick 541
Humphrey, Bobbi 372
Hutchings, Ashley 182, 188
Hütter, Ralf 318
Hynde, Chrissie 470
Hypnotone 674
I
Ice Cube 631, 838, 885
Iggy Pop 99, 189, 214, 310, 380, 848
Imbruglia, Natalie 488
indie 495, 613, 654, 678, 775, 776, 926
Ingle, Doug 145
The Invaders Of The Heart 661
Iommi, Tony 198, 202
I-Threes 334
Ives, Charles 271
J
Jackson, Al 56
Jackson Five 317
Jackson, Michael 519, 911
Jackson, Milt 104
Jackson, Paul 297
Jackson, Quentin 63
Jagger, Mick 37, 72, 93, 130, 132, 165, 231, 284
Jam Master Jay 517, 556
James, Elmore 98
James, Richey 742, 786
The Jam 84
Jay Kay 712
Jay-Z 909, 928
jazz 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 45, 53, 57, 63, 78, 163, 196, 266, 297, 339, 530, 615
jazz rock 376, 380
J. Dilla 936, 941
Jean, Wyclef 794
Jefferson Airplane 106
Jeffes, Simon 366
Jennings, Will 469
Jesus And Mary Chain 116
Jimenez, Flaco 602
Jobim, Antonio Carlos 57, 64, 256, 400
Johansen, David 312
Johnson, Jack 738
Johnson, Jesse 630
Johnson, Robert 942
Johnstone, Davey 236
Jones, Brian 93, 99, 130
Jones, Eddie 31
Jones, Jimmy 40
Jones, John Paul 174, 176, 339, 690
Jones, Mick 378, 436
Jones, Quincy 41, 443, 580, 939
Jones, Steve 394
Jones, Thad 31
Joplin, Janis 38, 142
Jordon, Lonnie 282
Joy Division 116
jungle 772, 817
K
Kamen, Michael 854
Karen O 912
Karoli, Michael 235, 293
Katz, Matthew 106
Katz, Steve 158
Kaye, Lenny 348, 535
Kaye, Tony 226, 234
Keen, Speedy 115
Keepnews, Orrin 32
Keith, Ben 346
Kelly, Wynton 42
Keltner, Jim 232
Kendricks, Eddie 177, 279
Kennedy, Nigel 620
Keyes, Bobby 231, 284
Kid Congo Powers 624
Killah Priest 765
King, Carole 138, 141
King, Diana 743
King, Earl 136
King, Freddie 97
Kirby, Robert 166
Kleinow, Peter 159
Kleinow, Sneaky Pete 317
Knechtel, Larry 90
Konitz, Lee 34, 53
Kooner, Jagz 804
Kooper, Al 158
Kortchmar, Danny 332
Kramer, Eddie 124
Krasnow, Bob 104
Krautrock 297, 318, 338, 373, 397
Krieger, Robby 118
Krush 779
Kurupt 684
Kuti, Fela 266
Kuti, Femi 874
Kweli, Talib 911, 928
Kyuss 835
L
Labes, Jeff 205, 319
The Lady Of Rage 684, 720
Ladysmith Black Mambazo 554
LaFaro, Scott 53
Lake, Greg 185, 240, 243
Lal, Chatur 134
Lamble, Martin 182, 188
Lane, Anita 624
Lane, Ronnie 249
Laws, Hubert 99
The Last Poets 936
Leader, Bill 79
Leadon, Bernie 159, 271, 343
Le Bon, Simon 502
Led Zeppelin 152
Lee, Arthur 106, 111
Lee, Brenda 598
Lee, Spike 649
Le Gassick, Damian 881
Legend, Bill 252
Leibwzwit, Jaki 235
Lennon, John 37, 59, 66, 79, 84, 100, 156, 162, 342
Lennox, Annie 512
Lesh, Phil 206
Levene, Keith 406, 442
Lewis, John 34
Lewis, Peter 106
Liebezeit, Jaki 293
Lifers Group 779
Lindley, David 565
Lindsay, Mark 91
Livingston, Alan 22
Livingston, Bunny 290, 334, 371
Lofgren, Nils 204, 346
The Longpigs 937
Lopes, Lisa 731
López, Cachaito 808
Lord, Jon 205, 262
The Louvin Brothers 155
Love, Courtney 740, 832
Love, Darlene 62
Lovering, Dave 595
Lovett, Lyle 550
Ludacris 909, 928
Lynch, David 784
Lyndon, John 406, 442
Lynn, Loretta 598
Lynyrd Skynyrd 56, 330
M
McCartney, Paul 37, 59, 66, 79, 84, 100, 128, 132, 156, 162, 443, 847, 898
McClinton, Delbert 627
MacColl, Kirsty 550, 585
McDonald, Ian 185
McFee, John 390
MacGowan, Shane 536, 585
McGuinn, Jim (Roger) 80, 86, 120, 128, 141, 155, 355
McGuire, Barry 90
McIntosh, Robbie 551
Mackay, Andy 276, 298, 314
Mackay, Steven 214
McKenna, Hugh 307
McKenzie, Scott 90
Mack, Lonnie 198
Mayer, John 936
McLaren, Malcolm 312, 450
McLaughlin, John 163, 196
Maclean, Bryan 106
McShee, Jacqui 164
McVie, Christine 384, 441
McVie, John 384
Madchester 785
Madness 731
Maher, Fred 543
Malkmus, Stephen 883
Malvicino, Horacio 573
mambo 37
Mangual, José 35
Mankowitz, Gered 131
Mann, Barry 91
Manning, Roger 910
Manson, Marilyn 568
Manson, Shirley 835
Mantz, Nancie 126
Manuel, Richard 176
Manzanera, Phil 276, 296, 314, 373, 803
Manzarek, Ray 118, 198, 235, 478
Margolin, Bob 377
Margouleff, Robert 317
Mariano, Charlie 63
Marley, Bob 816
Marrett, Cassie 883
Marriott, Steve 148, 249
Marr, Johnny 79, 539, 550, 560, 573, 599, 643
Martin, Chris 900, 904
Martin, Dewey 103
Martin, George 66
Martyn, Beverley 147
Marvin, Hank B. 103, 937
Mascis, J. 564, 597, 652
Masekela, Hugh 530
Mason, Harvey 297
Mason, Nick 114, 302
Massive Attack 755
Matassa, Cosimo 36
Matmos 884
Mattacks, Dave 188, 208
Maupin, Benny 196, 297
May, Brian 298, 321, 351
Mayfield, Curtis 138
May, Phil 146
MC5 126
MC Ren 631
Meaden, Pete 82
The Meat Puppets 747
Meldal-Johnsen, Justin 910
The Memphis Strings And Horns 228
Mercury, Freddie 321, 328, 351
metal 198, 202, 241, 339, 452, 460, 500, 504, 508, 548, 563, 589, 596, 642, 698, 733, 782, 838, 845, 854
Metallica 108
The Meters 144
Method Man 717, 743, 756, 765, 864
Michel, Prakazrel 794
Miles, Reid 52
Miller, Glenn 28
Miller, Jerry 106
Miller, Jimmy 284, 674
Miller, John 180
Miller, Marcus 543
Mills, Mike 566, 706
Mingus, Charlie 53
Mink, Ben 688
Minnelli, Liza 643
Minogue, Kylie 788
Mirwais 881
Mitchell, Guy 44
Mitchell, Joni 222
Mitchell, Mitch 108

Mlouney, Vince 163
mod 148
Moebius, Mobi 373
Moeketsi, Kippie 530
Monkeys, Arctic 937, 938
Mooney, Ralph 301
Moon, Keith 82, 115, 152, 209, 227, 308
Moore, Thurston 554, 579, 600, 652, 694
Moraes, Vinícius de 212, 256
Morales, David 815
Morello, Joe 45
Morricone, Ennio 581, 624
Morrison, Jim 99, 118, 198, 235
Morrison, Sterling 99, 129, 172
Morrissey 539, 560, 573
Mos Def 928
Moskowitz, Dorothy 143
Mosley, Bob 106
Most, Mickie 152
Motian, Paul 53
Motown 295
Moxham, Stuart 740
Muir, Jamie 289
Mukangi, Déesse 681
Mullen, Larry, Jr. 514
Mullick, N.C. 134
Mulligan, Gerry 34
Muscle Shoals Sound Rhythm Section 138
My Bloody Valentine 923
N
Nas 145, 900, 940
Nascimento, Milton 400
Nash, Graham 171, 199, 201, 222
The Nashville Teens 74
Nate Dogg 720
Nathan, Syd 63
Navarro, Dave 772, 856
N'Dour, Youssou 562
Nelson, Ken 73
Nelson, Shara 673, 742
Nelson, Willie 58
neo-lounge 784
Nesmith, Mike 107
new romanticism 502
new wave 415
Nicks, Stevie 384, 441
Nicol, Simon 182, 188
Nieto, Uba 35
Nieve, Steve 487
Nilsson, Harry 86
Nitzsche, Jack 93, 103, 157
Ntshoko, Nakhaya 266
nu-metal 606, 844, 864
Nyboma 681
Nyman, Michael 620
Nyro, Laura 158
O
O'Connor, Sinéad 661, 847
Ogerman, Claus 117
Oldaker, Jamie 317
Oldham, Andrew Loog 93
Ol' Dirty Bastard 717, 765, 815
Olsson, Nigel 236
Onallee 817
Ondes Martenot 866
Ono, Yoko 156, 200
The Orb 674
Orbison, Roy 31
Ormsby, Buck 74
Orton, Beth 722, 742, 757
Osborn, Joe 90
Osbourne, Ozzy 198, 202, 500
Owens, Buck 58
P
Pablo, Augustus 802
Page, Jimmy 53, 79, 98, 152, 174, 176, 204, 241, 339
Paice, Ian 205, 262
Paich, Marty 54
Palmer, Carl 240, 243
Palmer, David 257
Palmer-James, Richard 289
Pankow, James 181
Paris, Mica 695
Parker, Charlie "Bird" 34
Parker, Evan 803
Parker, Maceo 364
Parks, Van Dyke 107, 946
Parliament 408
Parsons, Gram 26, 123, 141, 155, 159, 231, 343
Pastorius, Jaco 357
Patterson, Big Jimmy 490
Patton, Mike 921
Payne, Bill 343
Payne, Sonny 31
Pedersen, Herb 343
Pegg, Dave 208
Penn, Dan 159, 168
Percy P 899
Perry, Lee 442, 482
Perry, Richard 104
Peshay 790
Peterson, Dickie 140
Peterson, John 107
Pettiford, Oscar 32
Petty, Tom 66, 80
Pfisterer, "Snoopy" 106
PFM 790
P-funk 812
Phife Dawg 651
Philanganes, Phil 443
Phillips, John 90
Pickett, Wilson 69
Pink Floyd 146, 162, 220, 940, 942
Pirroni, Marco 650
Pitney, Gene 72
The Pixies 724
Plant, Robert 132, 174, 204, 241, 339
Platania, John 205, 319
Ponty, Jean-Luc 190
pop 115, 133, 251, 256, 461, 531, 581, 638, 643
P-Orridge, Genesis 409
Porter, Cole 22, 636
Porter, Dave 228
Portuondo, Omara 808
Powell, Baden 64, 213
Pozo, Chano 33
Preston, Billy 212, 231
The Pretenders 80
Price, Jim 231
Prima, Lena 27
Primal Scream 80, 96
Pryor, Snooky 98
psychodelia 96, 102, 112, 114, 122, 140, 146, 376, 773, 781, 801
psychofunkadelia 592
psycho-punk 821
Pukwana, Dudu 266
Public Enemy 936
Pulp 937
punk 189, 310, 312, 338, 377, 378, 381, 388, 392, 393, 394, 401, 404, 407, 411, 426, 435, 436, 437, 454, 461, 470, 472, 628, 730, 734, 735, 751, 757, 805, 811, 823
Q
Q Project 790
Q-Tip 636, 651
Quaife, Pete 88
Quannum 779
Quasar 612
Quine, Robert 543
R
R&B 482, 584, 608, 731, 769
Radle, Carl 195, 212, 317
Raekwon 717
Rahzel 921
Raitt, Bonnie 608
Ranaldo, Lee 564, 600, 652, 694
rap 517, 546, 604, 643, 648, 664, 665, 673, 684, 695, 697, 738, 743, 755, 756, 765, 774, 851, 874, 875, 882, 895, 899, 900, 916, 928, 934
rave 622, 635, 679, 801
Rawlings, David 862, 890
Rebel INS 717
Rebennack, Malcom Robert 144
Redding, Noel 108
Redding, Otis 56, 109
Redman, Don 35
Reebop 469
Reed, Jimmy 72
Reed, Lou 99, 116, 129, 172, 938
reggae 290, 334, 375, 817
Reid, Jim 540, 576, 848
R.E.M. 80
The Revolution 520, 567
Rhodes, David 455
Ribot, Marc 540
Richards, Keith 37, 72, 130, 132, 231, 284, 336, 540, 694
Rich, Don 73
Richmond, Dannie 63
Riddle, Nelson 22, 30, 41
Rizzuto, Phil 389
Rob B. 695
Robertson, Robbie 150, 176, 320, 822
Robertson, William V. 24
rock 'n' roll 28, 36, 50, 168, 194
rock gótico 569
rock progressivo 223, 240, 263, 289, 316, 483
rock terapêutico 772
Rodgers, Nile 419, 425, 434
Rodgers, Richard 41
Rodriguez, Arsenio 33
Rodriguez, Rico 381, 446
Roedelius, Achim 373
Roeder, Klaus 318
Rolie, Greg 218
Rollins, Sonny 32
The Rolling Stones 31, 69
Rondstadt, Linda 110, 258, 271, 565
The Ronettes 62
Ronson, Mick 264, 280, 288, 298, 682, 731
Rose, Axl 574
Rose, Tim 152
Roth, David Lee 519
Rother, Michael 338
Rotten, Johnny 394
Rourke, Andy 560
Rowland, Kelly 887
Rowland, Kevin 451, 542
The Royal Teens 158
Run 517, 556
Rundgren, Tod 312, 389, 558
Rupe, Art 36
Rush, Otis 97
Russell, George 53
RZA 717, 723, 756, 765
S
Sager, Carole Bayer 443
St. Clair, Alex 104
Sales, Hunt 392
Sales, Tony 392
samba 99
sample 623, 630, 806, 812, 824, 882
Santana, Carlos 218, 608
Santiago, Joey 595, 626
Satie, Erik 158
Sawhney, Nitin 837
Scheff, Jerry 235
Schmidt, Irmin 235, 293
Schmidt, Timothy B. 332
Schneider, Florian 318, 397
Schroer, Jack 205, 319
Scott, Jill 911
Sebastian, John 86, 198, 199
Sebesky, Don 99
Segundo, Compay 808
Semenya, Caiphus 266
Setzer, Brian 27
Sex Pistols 91, 312, 406
Shabalala, Joseph 577
Shankar, Ravi 86
Shaver, Billy Joe 301
Sherley, Glen 137
Shock G. 643
shoe-gazing 655
Shorter, Wayne 163, 196, 376, 380
Shrieve, Mike 218
Simone, Nina 38, 938

Simon, John 150
Simonon, Paul 378, 436
Simon, Paul 79, 94, 147
Simpson, Graham 276
Sinatra, Frank 99, 118, 308
Sinfield, Peter 185
Singh, Talvin 847
Siouxsie Sioux 99, 472, 688
The Sisiers Of Mercy 136
ska 446, 469
Slayer 145
Slick, Earl 356
Slick, Grace 122, 222
sludge-metal 257
Smear, Pat 426
Smith, Harry 940
Smith, Jimmy 56
Smith, Keely 27
Smith, Mark E. 623
Smith, Norman 146
Smith, Patti 99
Smith, Robert 488
The Smiths 80
Snoop Dogg 684
soft rock 357
Sonny And Cher 144
So Solid Crew 900
soul 75, 109, 138, 183, 260, 451, 542, 559, 584, 629
Soulchild, Musiq 911
The Soul Sonic Force 545
Southern rock 230, 286, 898
Spacemen 3 96
Spann, Otis 53
Spector, Phil 76, 93, 212, 232
Spedding, Chris 236
speed metal 458, 642
Spencer Davis Group 131
Spence, Skip 106
Spillane, Davy 683
Springfield, Dusty 643
Squire, Chris 226, 234, 263
Stacey, Paul 881
Stansfield, Lisa 623
Stanshall, Viv 299, 469
Starr, Ringo 162, 287
Stein, Chris 398
Steinman, Jim 389
Stevenson, Don 106
Stewart, Dave 512
Stewart, Rod 148, 152, 249
Sticky 900
Stiller, Ben 864
Stills, Stephen 103, 171, 201, 244
Sting 108, 428, 514, 847, 906
Stipe, Michael 505, 566, 590, 690
Stockhausen, Karlheinz 427
Stomu Yamash'ta 469
The Stone Roses 80
The Stooges 126, 278
The Strangers 123
Strong, Barrett 59
Strummer, Joe 378, 436, 444
Suba 862
Suede 760, 923
Summers, Andy 428, 514
surf punk 724
Sutherland, Donald 538
Suzuki, Damo 235, 293
Swarbrick, Dave 182, 188
synth-pop 436, 476, 499
T
Take That 814
Talbot, Joby 880
Talbot, Mick 523
Talking Heads 116
Talmy, Shel 82, 88
tango 573, 891
Tao Ea Matsekha 554
Taupin, Bernie 236, 271, 300
Taylor, Cecil 45
Taylor, Creed 99
Taylor, James 244, 258
Taylor, Mick 231
Taylor, Roger 328, 351
techno 722, 746, 754, 798, 801, 866, 913
Television 116
Temperton, Rod 443
Tennant, Neil 581, 643, 714
Tenniswood, Keith 804
Terry, Clark 32
Terry, Helen 515
Thomas, Carla 56
Thompson, Danny 164, 166, 296, 551
Thompson, Paul 276
Thompson, Richard 166, 182, 188, 208, 326
Thompson, Tony 419, 425
Thornton, Willie Mae 142
Thorn, Tracey 523, 588, 742, 787
3-D 673
Three Dog Night 137
Thunders, Johnny 312, 388
Tillman, Floyd 54
Timbaland 800, 909, 911, 928
Toquinho 256
Torres, Cleo 722
Tosh, Peter 290, 334
Townshend, Pete 82, 115, 146, 162, 209, 227, 344
Travelin' Wilburys 355
Tre Hardson 838
Tricky 673, 799
Trio Bulgarka 620
trip hop 726, 755, 787
tropicalistas 135, 152
Troy, Elisabeth 863
Trucks, Butch 332
Tucker, Annette 126
Tucker, Mo 129, 172
Turrentine, Stanley 52
Tyler, Steve 340, 363
U
U-God 717
Underground, Velvet 938
Underwood, Ian 190
Underwood, Lee 180
Unwin, Stanley 148
V
Valdes, Carlos "Patato" 35
Valdes, Miguelito 33
Valentino, Sal 107
Vandross, Luther 342, 425
Van Gelder, Rudy 33
Van Halen, Eddie 496, 519
Vaughn, Steve 702
Veloso, Caetano 134
The Velvet Underground 99, 292
Vicious, Danny 863
Vicious, Sid 472
Villalonga, Cristina 891
Voorman, Klaus 232
W
The Wailers 371
Wainwright, Rufus 938
Waithe, Keith 837
Wakeman, Rick 234, 236, 263
Walker, Jim 406
Walker, Scott 68, 923
Waller, Mick 242
Walsh, Joe 358
Ward, Bill 202
Warhol, Andy 116, 129, 172, 264, 312, 938
Warnes, Jennifer 586
Waronker, Joey 911
Waronker, Lenny 107
Washim, Dave 722
Washington, Richard 144
Waters, Roger 114, 220, 302, 350, 441
Watkiss, Cleveland 837
Watt, Ben 588, 787, 846
Watts, Charlie 231
Watts, Nathan 372
Weatherall, Andrew 674
Weather Report 357
Webb, Chick 35
Webster, Guy 118
Weeks, Willie 342
Weilland, Scott 864
Weill, Cynthia 91
Weill, Kurt 118, 598, 880
Weinberg, Max 389
Weir, Bob 206
Welch, Gillian 862
Weller, Paul 131, 402, 466, 523, 770, 803
Wells, Kitty 598
Wesley, Fred 364
West, Kanye 936, 940
Wetton, John 289
Wexler, Jerry 138
Weymouth, Tina 382, 410, 431, 461, 482, 885
Wham! 570
White, Alan 232
White, Chris 153
White, Clarence 120
White, Cliff 62
White, Jack 892, 914
Whitlock, Bobby 195, 212
Whitten, Danny 157, 346, 588
The Who 935
Whyte, Alain 682, 731
Wilco 155
Williams, Hank 54, 58
Williams, Michelle 887
Williamson, James 310
Williamson, Robin 132
Williams, Otis 177, 279
Williams, Paul 177, 279
Williams, Richard 63
Willis, Larry 266
Wilson, Brian 76, 85, 234
Wilson, Gerald 54
Wilson, Tom 92
Winter, Johnny 377
Winwood, Steve 131, 132, 213, 381, 551
Wobble, Jah 406, 442, 661
Wonder, Stevie 443
Wood, Chris 213
Wood, Ron 152, 210, 249
world music 128, 134, 208, 370, 527, 577, 618, 681, 683, 701, 739, 764, 809, 811, 942
Worrel, Bernie 364
Wright, Ben 443
Wright, Eugene 45
Wright, Norma Jean 425
Wright, Richard 114
Wright, Syreeta 268
Wright, Yvonne 317
Wu-Tang Clan 723, 756, 765, 941
Wyatt, Robert 209, 921
X
Xzibit 864
Y
The Yardbirds 97, 152
Yazz 623
Yoakam, Dwight 73
Yorke, Thom 762, 798, 866, 883, 913
Young, LaMonte 292
Young, Larry 196
Young, Neil 79, 103, 201, 222
Young, Reggie 168
Yule, Doug 172
Z
Zappa, Frank 92, 156, 157
Zarorozny, Jordan 832
Zawinul, Joe 163, 196
Ziegler, Carlos 573
Zoom, Billy 478
Zorn, John 606

Créditos das fotos

Imagem da capa
cedida por Redferns
Picture Library

Getty Images
p25, p49, p55, p67, p71,
p101, p149, p211, p237,
p277, p285, p309, p361,
p395, p657, p687, p707,
p853, p893, p925

Redferns Picture Library
p23, p29, p39, p43, p61,
p65, p77, p83, p89, p95,
p105, p111, p117, p123,
p139, p151, p171, p175,
p179, p187, p191, p203,
p207, p215, p219, p225,
p229, p233, p245, p253,
p259, p265, p269, p273,
p291, p313, p329, p341,
p349, p365, p369, p379,
p383, p391, p399, p403,
p413, p423, p429, p433,
p447, p453, p459, p465,
p471, p489, p493, p507,
p513, p521, p529, p533,
p553, p557, p561, p571,
p575, p583, p591, p605,
p619, p637, p641, p645,
p753, p663, p667, p677,
p713, p719, p737, p741,
p745, p749, p763, p767,
p771, p777, p783, p793,
p807, p819, p827, p831,
p839, p843, p865, p877,
p897, p901, p919

Rex Features
p281, p303, p497, p501,
p525, p537, p547, p611,
p703, p727, p759, p789,
p812, p889, p937

pp632–633
Cortesia da Denon, a empresa
de hi-fi mais antiga
do Japão, fundada em 1910

pp858–859
Cortesia da Apple

Imagens adicionais cedidas por:

Trevor Clifford
pp46–47

Chris Mattison
pp20–21

David Matson
pp448–449

Phil Wilkins
pp192–193

Agradecimentos

A editora gostaria
de agradecer ao Kraftwerk,
a Scumeck Sabotta,
da Harm's Way Management,
a Stuart Kirkam,
da EMI Music,
e a Dede Millar
e Julian Ridgway, da Redfern
Picture Library

Agradecimentos
pela ajuda prestada por:

Alba plc
Kenneth Burns
Terry Burrows
Tim Ferguson Hill
David Hutcheon
Elliott Jack
Ken Jones
Robert Martin
Jonathan More
Shazia Nizam
Charles Olivier
Edmund Olivier
Charlotte Walker Olivier
Rita Ray
Mick Rock
Charlie Rose
Sennheiser Germany/UK
Alison Taylor
Sandro Tosoni
Amy Townsend
The Vinyl Resting Place,
Croydon

Robert Dimery
gostaria de agradecer a:

Manish Agarwal
John Lewis
Bruno MacDonald
Selectadisc, London
Vinyl Vault, Cheltenham

Robert Dimery é escritor e editor independente. Participou da produção de vários livros, entre eles *24 Hour Party People*, de Tony Wilson, *Pump Up The Volume: A History Of House* e *Breaking Into Heaven: The Rise And Fall Of The Stone Roses*. Colabora para diversas revistas, incluindo a *Time Out* e a *Vogue*. Dimery vive em Londres.

Michael Lydon começou a escrever sobre música pop nos anos 60 e foi editor e um dos fundadores da revista *Rolling Stone*. Escreveu biografias de John Lennon e Paul McCartney e acompanhou turnês dos Rolling Stones, B. B. King, Johnny Cash e muitos outros. É autor de *Rock Folk*, *Boogie Lightning*, *Ray Charles: Man And Music* e *Flashbacks*, entre outros. Michael vive em Nova York e freqüentemente participa como comentarista em programas de rádio e TV nos Estados Unidos e na Europa.

Fotografia da capa:
Sid Vicious, durante uma turnê
pela Suécia, em 1977.
© Dennis Morris, Camera Press, Londres

Em *1001 discos para ouvir antes de morrer*, 90 jornalistas e críticos de música internacionalmente reconhecidos apresentam uma rica seleção dos álbuns mais inesquecíveis de todos os tempos.

Abrangendo desde as origens do rock 'n' roll nos anos 50 aos mais recentes sucessos, este livro vai guiar você por diferentes tendências sonoras e mostrar o poder que a música tem de representar as aspirações e os sentimentos de toda uma geração.

Embora grande parte do livro seja dedicada ao rock e ao pop, há também dezenas de boas indicações de jazz, blues, punk, heavy metal, disco, soul, hip-hop, música experimental, world music, dance e muitos outros estilos.

Cada álbum citado é contextualizado historicamente e os comentários sobre as músicas são acompanhados de curiosidades sobre as gravações, os bastidores ou a vida dos artistas.

Verdadeira bíblia da música pop, *1001 discos para ouvir antes de morrer* é ilustrado com mais de 900 imagens de álbuns, cantores e bandas. Você vai encontrar alguns de seus artistas preferidos e descobrir muitos outros que merecem ser conhecidos.

SEXTANTE

ISBN 978-85-99296-26-4

9 788599 296264